

IRVING WALLACE



O PRÊMIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

IRVING WALLACE

O PRÊMIO

Irving Wallace

O Prêmio

Círculo de Leitores

Título original: The Prize

© Irving Wallace, 1962

Tradução de Maria Isabel Morna Braga e Mário Braga

Revisão de Pedro Baudeira Freire

Círculo de Leitores, Lda.

Edição integral

Licença editorial para Depósito legal

Composto em Garamond 9 por cortesia de Portugália Editora

Impresso e encadernado por Printer, industria gráfica SA Tuset, 19

Barcelona 1973

Printed in Spain

Capítulo um

A noite setentrional caíra cedo sobre Estocolmo e isso queria dizer que o Outono agonizava e o escuro Inverno estava prestes a chegar.

Para o conde Bertíl Jacobsson, que ia caminhando vagarosamente pelo Humlegarden já iluminado, sem quase tocar na relva dura com a sua bengala castanha que tinha uma cabeça de leão esculpida no punho, era esta a época mais feliz do ano. Bem sabia o que anunciava aquela noite prematuramente fria: dentro de breves dias o vento começaria a soprar, o lago Malaren cobrir-se-ia de nevoeiro e, mais tarde, chegariam a neve e o gelo. Passaria então a dispor de uma boa desculpa para, encerrado no seu pequeno e confortável apartamento, hibernar entre as recordações de meio século, enquanto ia trabalhando nas suas notas de carácter enciclopédico.

Depois de sair do parque, o conde Bertil Jacobsson chegou por fim ao passeio de Sturegatan. Terminara a votação da tarde e em breve realizar-se-ia o importante acto dessa noite, corolário de dez meses de trabalho exaustivo. Voltou-se durante um instante, para contemplar solenemente o parque. Aos olhos de qualquer outra pessoa, aquilo que ainda havia pouco se mostrava verde e luxuriante poderia parecer agora árido e nu, com as árvores despojadas de folhas e grotescamente recortadas na luz artificial, como símbolos do fim da vida numa tela surrealista. Porém, a visão pessoal de Jacobsson, graças a uma magia muito particular, transformava a cena numa evocação do renascer da vida, uma natividade em que a Natureza ressuscitava e o ano velho dava à luz o novo. Chegara outra vez a sua estação favorita, dizia ele consigo; e aquela noite seria memorável.

Voltando-se de novo para a rua, o conde Bertil Jacobsson olhou maquinalmente à direita e à esquerda, a certificar-se de que não

havia movimento de carros, e começou a atravessá-la num passo decidido, balouçando a bengala com movimentos largos.

Ao chegar ao passeio oposto, encontrou-se mesmo em frente de um estreito edifício de seis andares, o n.º 14 de Sturegatan.

Abriu uma das enormes portas de ferro, o que de ano para ano representava uma proeza física cada vez maior, e entrou no edifício da Fundação. Como sempre lhe sucedia, experimentou uma sensação de conforto e segurança ao penetrar na penumbra do corredor que conduzia ao seu gabinete o seu lar, o seu museu, o seu mundo. Enquanto caminhava, ia escutando o ruído dos próprios passos sobre o mármore do chão. Depois parou durante uns momentos, como era seu costume, diante do gigan-tesco busto de Alfred Nobel. E de novo se sentiu hesitante ao contemplar aquele rosto expressivo, vincado e barbudo. Seria realmente esta a figura que se recordava de ter visto em rapazinho quando Nobel já era muito velho? Suspirando, voltou por fim para a esquerda, deixou para trás a tabuleta onde se lia NOBELSTIFTELSEN e, com esforço, subiu a escadaria de mármore até ao piso que os americanos erradamente designavam por segundo andar.

Depois de abrir e fechar uma das portas envidraçadas, Jacobsson encontrou-se no átrio da recepção, com a sua conhecida tapete verde e as filas de mesas e cadeiras. Ao atravessar esta sala, observou as prateleiras que lhe cobriam as paredes. Umas cheias de jornais financeiros, cuja presença ele não se cansava de reprovar, apesar de dizerem que uma das principais atribuições do Conselho era a finança, outras, contendo colecções ricamente encadernadas das obras em espanhol, francês, alemão, inglês, escritas pelos premiados das últimas décadas.

Avistou, por detrás do balcão da sala de entrada, Astrid Steen, a sua rechonchuda secretária, de pé em frente de um ficheiro aberto. Estava de costas.

Mrs. Steen.

Ela voltou-se, rápida e diligente, e ele viu-lhe no rosto o mesmo ar de excitação que sentia dentro de si.

Os telegramas estão prontos? inquiriu.

Sim, pu-los sobre a sua secretária.

Onde estão os outros?

Lá em cima. A beber o seu whisky, se me não engano.

Ele riu. Era todos os anos a mesma coisa.

Para eles está terminada a tarefa acrescentou Mrs. Steen.

Ainda não... Ainda não...

Telefonaram do Ministério dos Estrangeiros. Vem um adido a caminho.

Muito bem. Eu estou no meu gabinete.

E o conde Bertil Jacobsson entrou no escritório do director executivo, lamentando a doença do seu superior mas satisfeito no íntimo por ter sido ele a ocupar-se de tudo, na sua qualidade de director assistente. Atravessou rapidamente o pequeno gabinete e entrou no seu, mais reduzido ainda, que lhe ficava contíguo.

Depois de despir o sobretudo, de tirar o chapéu de feltro e de colocar com cuidado a bengala a um canto, Jacobsson piscou alegremente o olho ao seu velho amigo, o rei Gustavo V, cujo retrato pendia da parede em frente. Viu o grande livro de folhas dobradas sobre a secretária, pegou nele vivamente e foi sentar-se com toda a comodidade no sofá azul.

A gozar antecipadamente, abriu o livro. Sentia-se satisfeito porque esse ano, segundo o seu alvitre, e não se recordava de jamais haver sucedido o mesmo, a Real Academia das Ciências, o Instituto Caroline, a Academia Sueca e a Comissão Norueguesa do Prêmio Nobel, todos haviam concordado em dar a conhecer ao mesmo tempo ao mundo o nome dos seus laureados. Isto tornaria a coisa muito mais palpitante, argumentara Jacobsson, sabendo que o futuro lhe daria razão.

Enquanto estudava o conteúdo do livro em que estava a mexer, a sua expressão tornou-se de súbito carregada. Percorreu rapidamente com os olhos as folhas escritas à máquina, onde se encontravam reunidos os telegramas, à procura do que faltava, e depois recordou-se. A Comissão Norueguesa informara a Fundação Nobel de que, tal como acontecera já dezasseis vezes, decidira não atribuir o Prêmio da Paz, esse ano. Ao lembrar-se desta sentença que lhe fora comunicada na véspera, abanou a cabeça num silencioso sinal de aprovação. Na época que se atravessava, podia fazer-se tudo menos dar palmadinhas em público nas costas dos pacifistas.

Amorosamente, sem pressas, ergueu o rascunho do primeiro telegrama a leu para si.

Como reconhecimento de... em defesa dos ideais humanitários... a Fundação Nobel de Estocolmo por intermédio da Academia Sueca tem o prazer de o informar de que foi hoje escolhido para o Prêmio Nobel... Seguem-se pormenores Stop Cordiais felicitações Stop...

Ouviu-se uma leve pancada na porta. Jacobsson ergueu os olhos, e a cabeça da Mrs. Steen assomou na abertura.

Está ali o adido, à espera dos telegramas.

Pois sim... um momento.

A toda a pressa, o conde Bertil leu e releu as folhas, contou-as, para ver se tudo estava na devida ordem; por fim, ergueu-se e foi quase com pesar que entregou os telegramas a Mrs. Steen.

Muito bem. Podem seguir.

Depois de haver fechado a porta, Jacobsson caminhou até à janela com todo o vagar, sentindo-se paradoxalmente mais fatigado agora, que o peso lhe saíra de cima das costas. Observou a Sturegatan, viu a limousine de motorista fardado à espera.

Quinze de Novembro, pensou. Data, na verdade, memorável. O relógio dizia-lhe que eram 9.10 da noite. Demasiado tarde para começar um dia tão importante, mas, no entanto, ele sabia que, ao

mesmo tempo que era tarde em Estocolmo, era muito mais cedo em Paris, em Roma, em Atlanta, em Pasadena e num lugar chamado Miller's Dam, no estado de Wisconsin.

Viu o motorista, lá em baixo, sair do carro, dar a volta a este e abrir uma das portas de trás. Dobrando o pescoço, Jacobsson conseguia distinguir a figura alta do adido que se aproximava transportando uma pasta, se curvava para entrar no carro e desaparecia.

O motor do carro vibrou e os telegramas lá seguiram o seu destino para o Ministério dos Negócios Estrangeiros sueco. Dentro de uma hora seriam entregues nas embaixadas da Suécia de três países diferentes, para dali os fazerem chegar às mãos dos próprios premiados.

«Os premiados», pensou Jacobsson... Conhecia-lhes bem os nomes, pois ouvira-os repetir com frequência ao longo de muitos meses, depois de serem propostos, durante os inquéritos, os debates, as discussões, a votação. Mas quem seriam, na realidade, esses homens e essas mulheres que ele iria conhecer pessoalmente dali a menos de quatro semanas? Que sentiriam eles, quais as consequências do facto para as suas vidas? Que estariam fazendo àquela hora, naqueles momentos cheios de significado que precediam a chegada dos telegramas, que precediam o instante em que a sua grandeza se transformaria publicamente em glória e fortuna?

O pensamento voou-lhe para as suas Notas, para aquilo que outros estavam fazendo quando lhes fora anunciado o prêmio: Eugene O'Neil encontrava-se a dormir e fizeram-no saltar da cama para lhe darem a notícia; Jane Addams preparava-se para ser anestesiada com éter antes de uma operação de alta cirurgia; o Dr. Harold Urey acabava de almoçar com alguns colegas professores, no clube da sua Faculdade; Albert Einstein soubera a boa nova a bordo de um navio quando regressava do Japão. E estes agora? Onde e

como os iria encontrar o Prêmio? Jacobsson desejava poder acompanhar os telegramas, cada um por sua vez, para ver o que acontecia quando eles chegassem ao seu destino.

«Ora, fantasias de velho», pensou por fim. «Nog med delta. Acabou-se.»

Devia ir ter com os colegas lá acima e beber qualquer coisa para festejar a tarefa bem cumprida. Contudo, sempre daria muito dinheiro... sim desejava intensamente poder acompanhar aqueles telegramas...

Eram 8.22 da tarde quando o telegrama de Estocolmo chegou à Embaixada da Suécia em Paris. O secretário do embaixador, rosado e de ombros curvos, ocupado a dactilografar umas notas acerca de uma diligência de mediação nos assuntos africanos, abriu-os distraidamente.

Mas, ao tomar conhecimento do seu conteúdo, arregalou os olhos de espanto.

A primeira parte do telegrama era dirigida ao embaixador: É favor entregar o seguinte por mão própria às partes interessadas Stop Apresentar felicitações pessoalmente da parte do Governo Stop.

Enquanto ia lendo, a mensagem tremia-lhe nas mãos. Tentou desesperadamente lembrar-se do local onde o embaixador lhe dissera que ia. Não fora para casa. Nem para a Ópera. Nem para o Palácio da Justiça. Coktails era isso, na residência de um diplomata qualquer, ele não dissera o nome. E depois, mais tarde, iria jantar ao Lapérouse, no Quai des Grands-Augustins. O secretário recordou-se de que ele próprio marcara a mesa para as dez horas.

Dirigiu os olhos para o relógio de parede. Teria de deixar passar hora e meia antes de poder comunicar ao embaixador a importante notícia. Durante este espaço de tempo, a novidade, o segredo, tão importante, tão desejado, pertencia-lhe exclusivamente a ele. E sentia um certo prazer com isso.

Instalou-se de novo na cadeira, como um rapazinho que acabasse de ver o Pai Natal, e começou a reler a mensagem que o embaixador fora encarregado de transmitir: Em virtude das vossas investigações sobre a estrutura do esperma e da vossa descoberta acerca da revivificação dos espermatozóides para a fecundação artificial na selecção das raças a Fundação Nobel de Estocolmo em nome da Real Academia das Ciências da Suécia tem o prazer de os informar de que foram hoje escolhidos para receberem o Prêmio Nobel da Química Stop O Prêmio constará de uma medalha de ouro e de um cheque de duzentos e cinquenta e um mil e quinhentos novos francos Stop A cerimónia de entrega efectuar-se-á em Estocolmo a dez de Dezembro Stop Seguem-se pormenores Stop Sinceras felicitações Stop.

O telegrama era dirigido aos Dr. Claude Marceau e Dr. Denise Marceau sessenta e dois Quai Dor say Paris France...

Eram apenas 8.30 e, com excepção dos proprietários e dos criados, o restaurante estava por conta deles.

De facto, o Dr. Claude Marceau e Gisèle Jordan haviam acabado de comer a sobremesa, gateau de riz, ou antes, Claude terminara primeiro e agora observava Gisèle a comer delicadamente com a colher o último bocado de arroz com caramelo e molho de baunilha.

Fora uma refeição deliciosa: soupe de poisson, seguida da spécialité do dia, lê Jésus de la marquise, que consistia em saucisson chaud, pistaché, truffé, salade de pommes à l'huile d'olive et romarin, mas poucas pommes para ambos.

Claude sentia-se desolado por ter de comer tão cedo. Era uma barbaridade. Ele e Gisèle nunca haviam discutido o facto, mas ambos compreendiam a necessidade. Nenhum deles queria ser apanhado e àquela hora havia menos probabilidades de os reconhecerem. Até o restaurante, o Petit Navire, descoberto durante um passeio no início das suas relações, se tornara o seu lugar favorito, por ficar situado naquela escura rua transversal, a Rue des Fossés-St.Bernard.

Se bem que fosse uma ou outra vez escolhido pelos mais exigentes gourmets de Paris, a sua principal clientela era constituída por comerciantes e pelos empregados mais bem pagos do Halles aux Vins, que ficava em frente. Nenhum destes fregueses seria capaz de reconhecer um distinto cientista do Instituto Pasteur e um manequim de Balenciaga; Claude e Gisèle estavam certos disso.

Gisèle terminara a sobremesa. Levou o guardanapo à boca.

Café? perguntou Claude.

A rapariga abanou a cabeça.

Não, mas quero um cigarro.

Ele tirou do bolso a cigarreira de prata, extraiu dela dois cigarros ingleses, acendeu um, depois, com esse, acendeu o outro e passou-o à rapariga. Esta levou-o aos lábios e aspirou profundamente o fumo.

Que bom exclamou.

Porque eu o beijei primeiro retorqui Claude.

A rapariga sorriu e, impulsivamente, estendeu a mão comprida e delgada através da mesa, para tocar na dele. Claude voltou a sua de palma para cima e apertou-lha.

Amo-te, Gisèle.

Amo-te retorqui ela devagarinho.

Mas o seu rosto conservou a máscara pública da beleza impassível, deliberadamente desprendida, que por vezes suscitava uma incerteza no homem.

Ansioso por se tranquilizar, por percorrer os passos que o conduziriam ao momento exacto da certeza absoluta, perguntou-lhe: Vamos dar uma volta?

No fim do cigarro.

Muito bem.

Ficaram silenciosos, Gisèle a brincar com a caixa dos fósforos, a fixá-la com os olhos, ele incapaz de desviar os seus da máscara convencional da rapariga. Era um rosto incrivelmente belo, verificou Claude pela milésima vez. E agora pertencia-lhe. Observou-o com

complacência e satisfação: o cabelo louro cendré e tufado; as sobran-
10

celhas em arco acentuadas a lápis; os olhos de azul claro e bastante afastados um do outro; o nariz direito, como o das estátuas gregas do Louvre, e os lábios generosos, cheios, macios, pintados de vermelho-escuro; as maçãs do rosto salientes, formando «covas por baixo. Os enormes brincos de diamantes que sempre usava tornavam-lhe o rosto ainda mais estreito.

De súbito, a rapariga atirou fora o cigarro, afastou a cadeira e levantou-se. Pegando na carteira, disse: Não me demoro. Espera por mim.

Os olhos dele seguiram-na através da sala. Viu que os três criados também estavam a observá-la. Gisèle movia-se como um manequim, com uma espécie de graça fluida. Alta, esbelta, tinha as ancas esguias, as coxas e as pernas compridas, e era muito airosa, coleant, fria. Ao caminhar, esticava as pernas, muito juntas, provocant atirava-as para a frente, com os sapatos bicudos ligeiramente voltados para fora, as pequenas nádegas ondulando à maneira dos manequins profissionais. Finalmente, deu volta à esquina no seu andar estudado e desapareceu. Parecia ter saído das páginas da Elle ou do Officiel pensou Claude, toda ela haute couture, fato, cara, silhueta, tudo glacial, impecável, quase imortal. Talvez fosse isto mesmo que o atraía primeiro que tudo, o desafio daquilo que era ou parecia ser insensível inatingível, demasiado perfeito.

Sim, isto atraía-o primeiro, mas, depois, o que o prendera, com toda a prudência e todo o raciocínio científico, não havia sido o comportamento dela em público, mas sim a sua atitude na intimidade Logo da primeira vez, umas duas semanas atrás, se revelara uma p soa diferente. Depois de o haver excitado a um ponto que nam atingira, despira-se na frente dele, ousadamente, quase numa atitude de desafio. Tirara primeiro os sapatos, devagarinho, depois as meias compridas e finas, o vestido, o saiote, e depois, cada

vez mais depressa, o soutien, a cinta das ligas e as culottes. Tornara-se uma pessoa diferente. Despojada dos símbolos da moda e da afectação, reduzida à carne originária, com os seios de larga circunferência, mas achatados, segundo o estilo actual, postos em destaque pela forma ossuda e alongada do corpo, ela tornara-se puramente animal. Ao mesmo tempo que tirara o fato, despira-se de toda a vaidade, de todo o artifício. Completamente natural, libertava-se de tudo, passando a ser a viva imagem da cortesã francesa; deu largas ao seu desejo e gozou plenamente, sem deixar supor de qualquer modo que estava a com-ceder um favor; pelo contrário, patenteava uma apaixonada gratidão por tudo aquilo que recebia.

Muito embora Claude a tivesse possuído uma meia dúzia de vezes já, durante aquelas duas semanas, a perspectiva de uma nova meta-torfose perturbava-o mais intensamente do que nunca e estava ansioso por que ela voltasse, para se irem embora. Enquanto chamava o criado para pedir a conta, o seu cérebro continuava debruçado sobre o milagre daquela união. Esta despertava em si um certo orgulho.

Não era que estivesse apenas em causa o facto de a rapariga ser bela e desejável; enleava-o sobretudo a circunstância de despertar nela um prazer gémeo do seu.

Claude contava quarenta e seis anos e Gisèle vinte e sete. Fora um intelectual e um homem de ciência. Dedicara demasiado tempo aos tubos, aos frascos e às mesas de estudo a cheirar a ácidos; entregara-se o bastante à introspecção para se não poder considerar um homem bem parecido ou sequer atraente, embora nestas últimas semanas começasse a achar-se, na verdade, atraente. Tinha o cabelo crespo e já grisalho, a cara larga mas não bolachuda, de feições regulares, com excepção dos olhos semicerrados e do nariz aquilino.

O seu corpo, que revelava tendência para engordar e que um jornal qualquer classificara de «pesadão», era ainda vigoroso e firme,

pois continuava a jogar ténis uma vez e boule duas vezes por semana, no Bois. Gisèle poderia ter arranjado outros homens mais jovens, mais alegres, mais ricos e certamente solteiros. No entanto, possuía-o e não desejava mais nada. Ali estava outro mistério da química para ele e Denise investigarem. Imediatamente se deu fé de que tinha pensado subconscientemente no nome da mulher. Achou isso impróprio e apagou-o da memória. Não devia pensar nela nessa noite. Não estava com disposição para meditar na sua culpabilidade.

E de novo, ao tentar ver-se pelos olhos de Gisèle, tentou avaliar-se a si próprio. Qualidades positivas: inteligência, sensibilidade, uma certa fama. Negativas: a idade, ser um pouco maçador e casado.

No meio destas divagações, viu Gisèle aproximar-se, com o cabelo impecavelmente tufado, o arco dos lábios cor de vinho, as pernas compridas cruzando-se em largas passadas sob a saia roxa e travada.

Tentou erguer-se o mais juvenilmente possível, abriu a carteira e contou os francos necessários para pagar a despesa; e, apesar do service compris, acrescentou uma gorjeta generosa para que o pessoal percebesse que lhe pediam discrição.

Pegou no casaco dela, comprido, de vison natural castanho, e segurou-lho com elegância, como se se tratasse de uma capa. Ela enfiou-o com graciosidade, envolvendo-se na pele que lhe valorizava ainda mais a beleza.

Lá fora, cercados pela perfumada noite parisiense, ficaram parados na rua escura e estreita, de mãos dadas, a olhar o portão gradeado do Halles aux Vins.

Gostava de lá entrar uma noite destas e provar tudo disse ele.

Não temos necessidade disso murmurou Gisèle, apertando-lhe a mão.

Ainda te apetece passear um bocado?

Oh, sim. Vamos até ao Sena.

Isto envolvia um certo perigo, ele bem o sabia, mas essa noite de Novembro era exactamente igual àquela em que se haviam conhecido, conhecido realmente, em Setembro. Por isso, sem relutância, acedeu.

A rapariga enfiou o braço no dele, e partiram, caminhando devagar pela Rue dês Chantiers, até ao Boulevard St. Germain, espreitaram para o café da esquina, a ver se lá estaria alguém conhecido, depois atravessaram a rua e percorreram um quarteirão até ao Quai de la Tournelle. Chegados aí, atravessaram novamente, para se dirigirem ao pequeno cais de pedra sobranceiro ao Sena, passaram por alguns quiosques de livros, àquela hora fechados, e pararam a contemplar o rio tranquilo. Lá em baixo, qual lustre flutuante, aproximava-se um bateau-mouche l, com a cúpula de vidro a cintilar. Mais adiante, espriavam-se as luzes da cidade e, à esquerda, divisava-se a silhueta clara e imponente de Nôtre-Dame.

Ele indicou com a cabeça o barco de turismo. (

Nunca andei num bateau-mouche. E tu?

Várias vezes. É muito divertido.

Sempre julguei que era só para os turistas... »

Primeiro deve ser para nós. Tal como o Sena. , Sim... Uma noite destas havemos de ir num barco desses.

Quase me sinto já turista, de resto... tudo isto é tão diferente...

De novo contemplaram o barco e depois, automaticamente, sem trocarem uma palavra ou sequer uma pressão dos dedos, recomeçaram o passeio em direcção a Nôtre-Dame. O ar parecia agora mais fresco e, para Claude, este facto envolvia uma recordação: trazia-lhe à memória a noite em que encontrara Gisèle. Na realidade, já a tinha visto antes uma vez, no Verão anterior.

Fora por essa altura que começara a perder o objectivo na vida, a achar o destino monótono e a sentir-se possuído por uma certa inquietação nervosa. Os seis anos que acabavam de decorrer haviam sido diferentes, pois tinha na sua frente um ponto luminoso a

alcançar e dera o melhor de si próprio para atingir essa meta. Ao recordar esses seis anos, pensou mais uma vez que o ponto de partida de tudo fora uma observação que Denise fizera por acaso uma vez ao almoço.

Ele e Denise talvez obedecendo a uma reacção inconsciente originada pela impossibilidade de terem filhos tinham começado a interessar-se pela genética, pelo processo biológico da perpetuação da raça e a estudar de um modo especial os efeitos da química sobre os cromossomas e os genocitos. Como tantos outros cientistas antes deles, haviam principiado pela mosca drosófila, tentando introduzir modificações artificiais nos genocitos como meio de predeterminar ou de controlar o futuro sexo do embrião. Estas mutações 1. Barco para excursões utilizado no Sena.

13

experimentais não os haviam conduzido muito longe e, nada conseguindo de original, Claude e Denise sentiam-se desanimados naquele célebre dia em que se juntaram para almoçar com vários colegas na cantina anexa ao laboratório. Durante a refeição, alguém se referiu a uma revista russa onde se falava dos progressos obtidos na transplantação de um óvulo feminino, e isto dera lugar a um animado debate acerca da hereditariedade, dos espermatozóides e da fecundação dos óvulos. Num dos seus raros momentos de fantasia (que surgiam sempre que ela se encontrava calmamente desesperada), Denise alvitrrara por brincadeira: Suponhamos que era possível conservar vivos os espermatozóides de um Carlos Magno ou de um Erasmo, ou um óvulo não fecundado de Cleopatra, e implantá-los hoje, por processos modernos, muitos séculos depois de os seus donos terem morrido?

Esta ideia electrizou os presentes. Claude e Denise continuaram a especular acerca dela, primeiro romanticamente, depois numa base científica.

Os primeiros anos, passados a reunir elementos, haviam sido de rude labor. Dessa mão-cheia de factos nascera uma hipótese aliciante, seguida de duras experiências realizadas com animais rudimentares.

No decurso destas, tinham chegado a uma descoberta espantosa, cuja validade não tardou a ser demonstrada por experiências em massa.

Logo que o comunicado comum foi lido, publicado, largamente aplaudido e popularizado pela imprensa, o que tornou Claude e Denise alvos de um breve momento de celebridade, encontraram-se ambos, de repente, num ponto morto.

Aqueles seis anos de absorvente concentração sobre um determinado assunto, durante os quais se haviam mantido afastados de toda a vida social e de quaisquer relações estranhas ao laboratório, reduzidas ao mútuo convívio e ao dos espermatozóides, haviam-nos deixado física e mentalmente debilitados, secos até à medula e sem capacidade para se interessarem por qualquer outra coisa. Após a vitória, esgotados de trabalho, tinham preferido deixar as tarefas de rotina ainda necessárias para outros cérebros curiosos. Quanto a eles, deixavam-se estar em repouso no vácuo do triunfo. Depois de terem discutido e posto de parte alguns novos projectos, resolveram de comum acordo ficar inactivos, desempenhando-se apenas das obrigações diárias relacionadas com a sua descoberta, enquanto esperavam misticamente uma nova inspiração. Pela primeira vez depois de muitos anos, Denise ocupou-se do velho andar onde habitavam, pondo coisas em ordem, concertando, renovando e reatando relações com os parentes e os poucos amigos que lhes restavam. Claude achou a sua lacuna mais difícil de preencher: tinha o ténis e a boule, é certo, os almoços na Margem Direita, alguns discursos, a administração do dinheiro, um esforço para pôr em dia as leituras que durante tanto 14

tempo abandonara. Mas tudo isto o aborrecia e não era ocupação que satisfizesse um homem.

Foi por essa altura que alguns colegas ingleses de Oxford vieram de visita a Paris. E, como se estava nos fins de Julho e as cinquenta casas parisienses de alta costura todos os dias mostravam novas colecções, a mulher de um dos cientistas manifestou desejos de ver uma dessas sessões. Dada a sua recente posição de destaque, Claude Marceau não teve dificuldades em arranjar os convites necessários.

Estes destinavam-se à passagem da casa Balenciaga, que se realizaria no enorme prédio cor-de-rosa dos Campos Elísios. E, como não tinha mais nada que fazer, Claude acompanhou sem grande interesse Denise (que também nunca tinha visto uma passagem de modelos), bem como os casais ingleses.

Claude entregara os cartões de convite à vendeuse do terceiro andar e depois, juntamente com a mulher e os convidados, passou ao salão principal. Em volta deste, encontravam-se dispostas duas filas de cadeiras douradas. Claude e o seu grupo tomaram lugar em frente do grande espelho, na extremidade da sala. O súbito apagar das ofuscantes luzes dos cantos e das dúzias de lâmpadas do centro deu o sinal para os visitantes tirarem os casacos e Claude imitou de boa vontade os outros.

A passagem de modelos começou logo. Claude observava com minguido interesse os manequins em movimento, dez a trabalharem numa sequência ininterrupta, surgindo de detrás da cortina em frente, exibindo-se a caminhar no meio da sala, em direcção a ele, tendo na mão direita um cartão com o nome do vestido.

Davam uma volta, passavam depois diante das três janelas, em direcção à entrada, e desapareciam por uma porta lateral.

A princípio, isto, para Claude, representara uma coisa estúpida e sem sentido. Depois, sem dar por isso, começou a ficar muito direito, sentado na borda da cadeira. Subitamente, sentiu todos os seus sentidos despertados. Deu por si a fitar um manequim cuja beleza

surpreendente, a elegância, os modos altivos dominavam o modernismo funcional da sala. O modelo era Gisèle Jordan, como viria a saber mais tarde.

Ela aparecia e reaparecia tal como as outras nove, e Claude sentia-se deslumbrado. Uma vez, provavelmente na décima segunda apresentação, ao percorrer com passos largos, desdenhosamente, o espaço em frente dos convidados, executando piruetas diante das mulheres, despindo os casacos de peles, a mostrar o ousado traje de cocktail, os olhos azuis de rapariga pousaram nos dele. Não lhe transmitiram nenhum convite, apenas um desafio. Ou ele assim o entendeu. Mais tarde, a caminho de casa, dentro do automóvel, recordou aquele momento, saboreou-o, deixou-se embalar por ele, mas logo a sua mentalidade positiva de cientista levou a melhor.

Aquele 15

momento fora uma ilusão, criada pela sua necessidade, e concluiu por fim que se enganara estupidamente.

Porém passados dois meses, quando se sentia ainda deprimido e fora tomar um bocado de ar fresco aos Campos Elísios, à hora do crepúsculo, ficou a saber que não fora uma ilusão sua. Ao passar em frente do Fouquet, olhou casualmente para as caras dos que estavam nas mesas e reconheceu uma imediatamente. Nunca poderia dizer o que o fez atrever-se a dirigir-se a ela. Mas atreveu-se; parou, depois caminhou para a mesa e apresentou-se. Viu pela expressão dela que o reconhecera no mesmo instante sim, lembrava-se de o ter visto naquela exposição, havia alguns meses, e sabia o nome dele pelos jornais. Convidou-o a sentar-se, e Claude obedeceu. A rapariga falou-lhe com muito à-vontade. Ele ficou a saber que a casa Balenciaga ficava ali perto, na Avenue George V, e que ela vinha ali com frequência, no fim do trabalho, para beber uma taça de champanhe antes do jantar. A maior parte das vezes vinha só, mas por vezes também era acompanhada pelo seu agente junto dos jornais de modas, Monsieur Favre, candidato a homossexual, fraco e

presumido, que a amava de uma maneira muito exclusivista e constituía um trunfo muito importante para a carreira dela.

Conversaram longamente e, passadas duas horas, estavam a jantar no Taillevent na Rue Lamennais, em frente dos Campos Elísios.

Mais tarde, percorreram juntos, parando e extasiando-se muitas vezes, todo o Faubourg St. Honoré até à Madeleine. Era perto da meia-noite quando ele a meteu num táxi. Em seguida, regressou a pé ao seu apartamento, com o cérebro rejuvenescido e as ideias confusas.

Denise encontrava-se a ouvir rádio, nada preocupada com a demora.

Ele murmurou uma desculpa que não estudara, falando muito depressa e com facilidade. Mostrou-se brincalhão e alegre com a mulher e, pela primeira vez nesse ano, não se sentiu nem cansado nem deprimido.

Nos tempos que se seguiram, primeiro uma vez por semana, depois duas, passaram a encontrar-se discretamente, com a espontaneidade de um acto accidental, desconfiados ainda um com o outro, receosos também de Denise e de Monsieur Favre. Mas, ao cabo de seis semanas, ficaram simultânea e instintivamente sabendo que as conversas íntimas, as revelações mútuas, as mãos dadas, os beijos já não bastavam.

E, por fim, foi ela que, sem ser preciso Claude insistir, chegou ao ponto de o convidar para ir ao seu apartamento, aliás mobilado com o maior bom gosto (os móveis da sala de estar eram autênticos, comprados no melhor antiquário do Marche aux Puces), o qual ficava situado na Rue du Bac, perto do Boulevard St. Germain. E então, quase sem preâmbulos, ela, despojando-se da sua carapaça de gelo, revelou-se-lhe e fê-lo sentir-se mais uma vez estimulado, viril, de novo atraente. Nessa noite, pela primeira vez nos últimos seis anos, 16

não pensou nunca nos espermatozóides, pelo menos do ponto de vista científico, nem em Denise, a sua colaboradora.

A recordação de tudo isto, enquanto percorria vagarosamente os cais do Sena, afastou-o por instantes da realidade presente. A voz de Gisèle, penetrando no seu mundo, veio surpreendê-lo.

Claude dizia ela , em que estás a meditar?

A meditar? Não, recordava apenas a maneira como nos conhecemos.

Ela agarrou-lhe o braço de um modo mais possessivo.

Eu nunca olho para trás. Só me interessa o presente.

Ele aprovou.

Também acho melhor.

Um pouco adiante, via-se um táxi a despejar homens e mulheres vestidos de cerimónia, que se dirigiam ao mundo dos elegantes a Tour d'Argent. Ele sabia que começava aí a zona povoada e perigosa e que não podiam ir mais longe sem correrem riscos.

Deteve-se pois.

Gisèle, vamos para casa. Tenho desejos de ti.

Ela susteve a respiração.

Agora?

Já.

A jovem concordou. Esperaram pacientemente na esquina e ele fez sinal ao primeiro táxi vazio que deixou a Tour d'Argent. Uma vez lá dentro, mandou seguir para a Rue du Bac. Gisèle ia sentada longe dele, com o seu ar mundano e gentil, e apertava-lhe a mão sobre o banco, no intervalo entre os dois.

Ele olhava distraidamente pela janela, vendo desfilar de forma imprecisa as velhas ruas estreitas da Margem Esquerda, enquanto ia pensando no que seria o futuro de ambos. Não podia imaginar a vida sem ela, no entanto era-lhe igualmente impossível pensar em se divorciar de Denise ao fim de doze anos. E, contudo, perguntava a si próprio porque não? Ele e Denise não tinham filhos, por isso, desse

ponto de vista, não existia problema. Depois da descoberta comum, também não faltava o dinheiro. Denise bastava-se a si própria, demasiado até, pensava ele muitas vezes. Tinha capacidade para sobreviver e adaptar-se às circunstâncias. Não era perigosamente feminina queria ele dizer com isto que não a considerava histérica nem emotiva, concentrada ou sujeita a obcecações neuróticas.

E, contudo, por que motivo receava tanto que Denise viesse a ter conhecimento daquela aventura? Tentou analisar a questão. O seu excesso de sensibilidade impedi-lo-ia de magoar a sua companheira de tantos anos? Ou esta, para ele, seria mais do que uma companheira e uma esposa? Dever-se-ia isso ao facto de Denise desempenhar o papel de associada no trabalho, tornando-se-lhe por isso indispensável?

Beaumont teria sido Beaumont sem Fletcher? Ou Gilbert teria sido Gilbert sem Sullivan? Ou Chang poderia ter passado à posteridade sem Eng? Talvez que em doze anos se houvessem transformado em irmãos siameses e que o afastamento de um viesse a causar a morte dos dois.

Provavelmente, o divórcio seria uma asneira. E por que motivo não havia de manter o statu quo? Talvez que ele, como Vítor Hugo, conseguisse passar o resto da vida assim, com a mulher de um lado e uma Juliette Drouet do outro. Durante quantos anos, lograra Vítor Hugo viver abertamente aquela dupla vida? Claude fez o cálculo: Vítor Hugo encontrara Juliette aos trinta e um anos, em 1833, tinha ela vinte e sete (a idade de Gisèle!) e conservara-a como sua amante para o resto da vida, que fora longa, pois ela só viera a morrer em 1883. Conservara-a como amante pelo espaço de cinquenta anos e, quando Juliette morreu, ele observara que «os mortos não estão ausentes mas sim invisíveis».

Mas seria Gisèle uma Juliette Drouet? E seria Denise uma Madame Adèle Hugo? Ou sempre acabaria por haver um divórcio, um escândalo?

Os Curie teriam pensado alguma vez em se separar? Perguntas, perguntas. Que o Diabo as levasse! Ele vivia o dia de hoje e Gisèle estava ao seu lado; aquela noite era a única realidade. Olhou através da janela do táxi. Tinham entrado na Rue du Bac...

Logo que penetraram na sala de Gisèle, Claude tomou-a nos braços, apertou-a contra si e beijou-lhe o pescoço, a orelha, os cabelos, a testa, os lábios. Toda a tremer, comungando na exaltação que dele lhe vinha, a rapariga afastou-se e, sem uma palavra, correu para o quarto de dormir.

Claude fechou a porta, depois dirigiu-se à garrafa do conhaque que estava sobre a cómoda antiga. Despejou uns goles no copo e segurou-o entre os dedos, balouçando-o devagarinho, a aquecer o líquido dourado com a palma da mão. Depois, sorveu-o lentamente. Entretanto, ia percorrendo o quarto com os olhos. Todo o ambiente estava impregnado de uma elegância leve. O bom gosto de Gisèle revelava-se na antiga escrivaninha de sicómoro com embutidos de porcelana, nos candeeiros de mesa com pés Luís XV e nos cinzeiros encontrados no Marche aus Puces, nas páginas de manuscritos com iluminuras que pendiam, encaixilhados, das paredes.

Não podia deixar de comparar o encanto de tudo isto com a sua própria sala de estar, desprovida de gosto, grande, incaracterística, desarrumada, com sofás forrados de um veludo que berrava com o papel das paredes em estilo Directório, escolhido por Denise. Para ser justo, tinha de confessar que Denise não dispusera de mais tempo do que ele próprio para se dedicar ao arranjo da casa. Tal como sucedia consigo, ela era acima de tudo uma cientista. Contudo, o seu mau gosto estendia-se ao vestuário. Recordou as toilettes impecáveis de Gisèle e só via Denise envergando a bata de laboratório cheia de 18

nódoas, ou, quando muito, blusas vulgares e saias largas, sapatos de salto raso quase sempre cambados. Ao pensar nos fatos da mulher, recordou-se daquela descrição que Jonathan Swift fazia de

uma mulher que se vestia como se as roupas houvessem sido atiradas para cima dela com uma forquilha.

com o conhaque a estimular-lhe a imaginação, embora considerasse esta actividade comparativa odiosa, continuou a apreciar as duas mulheres, a amante e a esposa, a colocá-las lado a lado. Tentou ser justo, esmiuçando pormenores.

Seria indecente levar a comparação até à cama? Sorveu mais conhaque. Era mal feito, mas o seu cérebro ia desenrolando as cenas.

Perturbou-o a recordação do que em breve iria repetir-se. Acabou de beber o conhaque, depois despiu-se rapidamente.

Quando entrou no quarto e parou em frente da coiffeuse, acabava ela de sair do quarto de banho e estava a fechar todas as luzes, excepto a lâmpada atrás do telefone, na mesa-de-cabeceira. Ele observava as linhas suaves das ancas direitas e das coxas sob o peignoir lilás e transparente. Quando ela se voltou e lhe viu a expressão, sorriu-lhe.

Depois, sentou-se na cama, atirou fora as chinelas e deixou-se cair para trás sobre as almofadas, com os braços estendidos para ele.

Claude encaminhou-se para a cama e estendeu-se ao lado de Gisèle, ao ouvir-lhe bater o coração, tal como ela ouvia o dele. A rapariga estendeu a mão e desatou-lhe o cinto do robe de chambre. E murmurou: Querido, meu querido...

Imediatamente ele se desprende do roupão e apertou-a contra si.

De olhos fechados, a respirar alto, Gisèle abriu o peignoir e revelou-se-lhe.

Ele pousou a cara sobre o peito da rapariga e esta beijou-lhe os cabelos. A seguir, daquela maneira nova mas já familiar, uniram-se um ao outro.

Na mesinha-de-cabeceira, a campainha estridente do telefone começou a tocar.

O mutuo abraço petrificou-se e ficaram ambos tão hirtos, tão imóveis, tão gelados como um sátiro e uma ninfa num fresco mural de Pompeia.

Permaneceram à escuta. O telefone tocou segunda vez, depois terceira, sempre com mais força, semelhante a um trovão.

Deixa-o tocar murmurou Claude.

Não disse ela, de súbito, pode ser Monsieur Favre...

Estendeu a mão para o auscultador, que começava a tocar pela quarta vez, e encostou-o à face afogueada.

Está?

Era uma voz de mulher: Daqui fala a doutora Marceau. Desejava falar com o meu marido.

Gisèle ficou petrificada, a olhar com terror para a cara de Claude,
19

por cima dela. O telefone continuava à espera. Tentou dominar a voz.

Mas... aqui não está ninguém...

Passe-lhe o telefone. Trata-se de um caso importante! disseram do outro lado, num tom imperativo.

Gisèle estava sucumbida, desamparada. Perdera toda a arrogância.

Tapou com a mão o bocal e lançou um olhar suplicante a Claude.

É a tua mulher... Ela sabe...

Não, não pode ser. Não digas nada implorou.

Gisèle não era capaz de voltar a falar ao telefone.

Ela diz que é uma coisa importante...

A demora da resposta traíra-os, Claude apercebera-se disso. com um ar infeliz desprende-se de Gisèle e, pegando no implacável telefone, sentou-se na cama, com as pernas cruzadas.

Denise? Ouve...

Ouve tu, meu grande porco! Veste as calças e vem já para casa.

Os jornalistas estão a chegar... acabamos de receber o Prémio Nobel!

Às 5,07 da tarde o telegrama da Embaixada da Suécia em Washington, D. C., crepitou na máquina eléctrica do telégrafo, situado em West Peachtree, na cidade de Atlanta, na Jórgia.

A rapariga, com cabelo de rato e olhos de quem sofre da tiróide, que nesse momento estava de serviço puxou a tira da mensagem, com uma exclamação: Olhem quem recebeu o Prémio Nobel!

As duas outras colegas saltaram das cadeiras e vieram a correr.

A algazarra atraiu também os três pequenos mensageiros que jogavam os dados na sala das traseiras.

Por fim, as exclamações e o barulho chegaram também aos ouvidos de Mr. Yancey, o director, que saiu do seu gabinete confortável onde estivera a ler o Constitution, de Atlanta, enquanto bebia uma Coca-Cola junto do esquentador. Era esta a sua ocupação predilecta nos dias cinzentos e feios como aquele.

Apareceu a abotoar o cós das calças e a afivelar o cinto sobre a barriga mole, enquanto exclamava: Que foi? Que foi? Que aconteceu?

Uma das raparigas entregou-lhe a tira de papel, ele leu-a e a boca abriu-se-lhe num sorriso.

Ora esta! Ora esta! Hoje é um dia grande para a capital do Sul!

Muito embora o premiado tivesse nascido a três mil milhas de Atlanta, e só ali habitasse havia três anos, o meio milhão de cidadãos de Atlanta, sedentos de heróis, consideravam o homem ilustre como sua propriedade por adopção. O maior acontecimento depois que o velho J. S. Pemberton inventou a Coca-Cola prosseguiu Mr. Yan-20

cey. O facto mais notável desde o livro da Margaret Mitchell!

Deixe ser eu a levar o telegrama! pediu um dos garotos.

Nem penses nisso, rapaz! Nem penses nisso! - retorquiu I Mr. Yancey. É um momento solene. Ô portador da notícia vai ser cá o chefe.

Aposto que o senhor o que quer é ver mais uma vez essa tal Miss Emily arriscou a rapariga dos cabelos de rato.

Cala a boca, pequena! respondeu Mr. Yancey. Este telegrama é muito importante. Escreve-o lá depressa, anda.

Abanava a tira de papel que tinha na mão.

Sim, senhor! Sim, senhor! ia repetindo. E, antes de a entregar à rapariga, leu-o mais uma vez: Como prêmio pela sua descoberta de uma conversão fotoquímica e do processo de acumular energia solar bem como da aplicação prática da mesma energia para produzir carburantes sólidos e sintéticos utilizáveis nos foguetões a Fundação Nobel de Estocolmo por intermédio da Real Academia das Ciências da Suécia tem o prazer de lhe participar que lhe foi concedido o Prêmio Nobel da Física este ano Stop O prêmio constará de uma medalha de ouro e de um cheque de cinquenta mil e trezentos dólares Stop A cerimónia efectuar-se-á em Estocolmo a dez de Dezembro Stop Seguem pormenores Stop as mais vivas felicitações Stop.

A mensagem era dirigida a Dr. Max Stratman Ponce de Leon Avenue mil e quarenta e quatro Atlanta Jórgia.

Para Max Stratman, de sessenta e dois anos de idade, constituía sempre um prazer, que pouca gente compreenderia, o facto de se deitar em cima da mesa dura, na penumbra da sala do hospital, junto do complicado electrocardiógrafo, ao mesmo tempo que uma enfermeira competente e impecável lhe colava o adesivo no peito, nos braços, nas pernas, e depois lhe aplicava os eléctrodos com os seus cinco fios de chumbo, um no peito, dois nos braços e dois nas pernas.

Esta experiência, a que se submetia duas vezes no ano, a expensas do Governo dos Estados Unidos, tinha um efeito calmante, repousante e estimulava-lhe as faculdades do pensamento.

Aquela tarde, porém, enquanto se encontrava estendido sobre a marquesa, com as pernas, os braços e o peito a descoberto, e ia

contemplando distraidamente a simpática enfermeira alta, de óculos, que lhe aplicava os eléctrodos sobre a pele, Max Stratman sentia pela 21

primeira vez o antigo prazer ligeiramente misturado com uma certa apreensão. Pensou que essa apreensão viera misturar-se ao teste do electrocardiograma, porque este, desta vez, assumia uma importância desusada.

Durante os três anos precedentes, desde que aceitara a proposta do Governo para trabalhar com um grupo de alto nível na Sociedade de Pesquisas Básicas, nos arredores de Atlanta, submetera-se a estes exames médicos duas vezes por ano, uma em Janeiro, outra em Julho, como a uma espécie de rotina. Mas agora estava-se em meados de Novembro e a próxima consulta só deveria realizar-se dentro de dois meses. No entanto, ali estava ele deitado na mesa, cheio de eléctrodos e fios, não para cumprir a rotina, mas sim como voluntário.

Max Stratman era tão cumpridor da pragmática como os antepassados do seu pai. Raras vezes procurava racionalizar uma posição, limitava-se a enfrentá-la. Sabia perfeitamente por que motivo telefonara na véspera ao Dr. Fred Ilman, do Lawson General Hospital, distante uma milha do edifício da Sociedade, a pedir uma consulta imediata. Em primeiro lugar, havia a proposta surpreendente e tentadora de Washington. Esta proposta era decisiva para ele, pois, abrangendo os dois próximos anos, vinha resolver-lhe um problema pessoal, aliviá-lo de uma responsabilidade que muito o preocupava.

Contudo, fora levado a convencer-se de que, aceitando, a sua vida modificar-se-ia por completo, teria de exigir muito mais do físico já gasto, velho e muitas vezes recalcitrante. No entanto, essa mudança era de tentar, poderia considerar-se mesmo uma sorte única, pois viria aliviá-lo da sua maior preocupação na vida. A pergunta que fizera a si próprio, depois da comunicação do

Departamento da Defesa, fora esta: teria a coragem de se sujeitar à mudança?

A questão nem sequer se chegaria a pôr se ele se não recordasse do resultado de electrocardiograma do Verão precedente. Nessa altura, o Dr. Ilman informara-o com um ar prazenteiro, enquanto desenrolava a tira de papel, de que se observava no gráfico uma ligeira alteração. Não tinha importância, acentuara o Dr. Ilman, desde que Stratman não alterasse de maneira sensível os seus hábitos.

Se continuasse a viver com calma, sem acidentes nem excitantes, não despendendo uma actividade excessiva e sem se arriscar a grandes períodos de excitação, poderia continuar a fazer a sua vida, afinal pouco saudável: dieta irregular, uma cerveja por dia, o cachimbo, a falta de exercício, e teria probabilidades de viver indefinidamente.

No fim de contas, você já não é uma criança, Max dissera Ilman nessa altura. Se fosse mais novo e eu lhe descobrisse então esta alteração, prescrever-lhe-ia uma dieta especial para o futuro: você bem sabe, poucas gorduras, nada de bebidas, acabar com o fumo, 22 exercício moderado. Mas você está com sessenta e dois anos, e irmos agora impor-lhe mudanças radicais, abanar o barco, seria talvez pior do que deixá-lo seguir o seu caminho, com velocidade moderada, como temos vindo a fazer. Portanto, volte lá para os seus gráficos, para os seus números, para a sua energia solar para uso doméstico, e não me apareça cá antes de Janeiro. Continue a passar bem como até hoje e dê saudades minhas à Emily.

Mas agora surgira uma necessidade urgente de abanar o barco e Max Stratman estava a fazer o seu teste cardiográfico em Novembro, e não em Janeiro, pois tinha de tomar uma decisão no fim da semana.

A enfermeira acabara de lhe aplicar o primeiro eléctrodo no ponto do peito onde se achava o adesivo e voltara-se para o

electrocardiógrafo.

Muito bem, professor Stratman, vamos começar disse ela.

É uma questão de poucos minutos.

A máquina por detrás da cabeça dele começou a vibrar. A tira de papel quadriculado, que registava a biografia superficial do seu coração físico, começou a correr, contando a sua história em cifra.

com a cabeça de lado no travesseiro, Stratman contemplou-a durante um momento, sentindo-se inexplicavelmente satisfeito por a enfermeira o ter tratado por «professor», à velha maneira europeia, em lugar de «doutor», segundo a moda menos cerimoniosa dos americanos.

Havia sido sempre tratado por Herr Professor até 1945, quando Walther o entregara aos americanos, antes de as autoridades russas o levarem. No entanto, ele nunca se importara com a sem-cerimónia dos americanos, pois estes compensavam os deslizes sociais com uma amizade franca, o apreço pelos pequenos génios e, acima de tudo, porque lhe criavam um ambiente de verdadeira liberdade. Nem uma única vez, desde que saíra da Alemanha, se recordava de haver olhado para trás, para verificar se alguém escutava o que ele dizia.

A enfermeira manipulava o eléctrodo sobre o peito dele, movia-o de um lado para o outro como se fosse uma peça de xadrez. E Stratman observava-a tranquilamente. Passado um bocado, fatigou-se e pôs-se a olhar para o tecto, para a suspensão da luz. As suas preocupações haviam sido sempre mentais, dos ombros para cima, e raras vezes se preocupara com o corpo. Agora, tinha consciência dele, pois sabia que o seu cérebro permaneceria sempre jovem, enquanto aquele corpo traidor começava a envelhecer.

Seguindo sempre a mesma ideia, Stratman tentou recordar-se se algum dia considerara que aquele seu corpo era jovem, isto é, jovem como o cérebro, e teve dificuldade em encontrar um só exemplo. Mas de repente ocorreram-lhe vários. Sentira-se jovem naquele dia

de Natal, em Francfort, quando se escapara pela neve fora atrás do pai e descobrira o cavalo recém-nascido atrás do alambique. Era jovem também no tempo em que a família tinha aquela casa de 23 madeira nos arredores de Berlim e quando, certa tarde maravilhosa, haviam todos ido de charrette a um barracão, com cadeiras improvisadas, onde se viam figuras aos saltinhos projectadas sobre uma tela, e toda a gente gabava a nova invenção chamada animatógrafo. Fora jovem também naquele dia, no Ku'damm, em que estivera de mãos dadas com Walther, a espreitar por entre fileiras de pessoas, e conseguira avistar o Kaiser de farda rutilante, montando num cavalo branco seguido pela tropa, a marchar em passo de ganso com capacetes de aço.

Depois disto, especialmente no Ginásio, mais tarde na Universidade de Berlim, fora sempre velho e nunca se recordava de ter sido diferente daquilo que parecia agora, ali estendido naquela mesa.

Baixou os olhos para o peito, correu com eles o resto do corpo, e sorriu interiormente: um golfinho a tirar um electrocardiograma.

As inúmeras fotografias suas que apareciam nas revistas e jornais americanos não lhe causavam desgosto, apesar da maneira como tornavam evidente a sua fealdade. Na verdade, parecia que os americanos o preferiam assim mesmo. Representava para eles a típica figura do Herr Professor alemão ou de um doctor, se preferem, da velha escola.

Max Stratman media cerca de um metro e setenta, mas parecia mais baixo porque se curvava. Possuía uma cabeça maciça, demasiado grande para o corpo, e a testa dava a impressão de se prolongar indefinidamente, calvo como era, com excepção de uma franja de cabelos grisalhos que lhe rodeava a base do crânio. O rosto era redondo, vermelho, engelhado, e o nariz grosso. À secretária, usava uns óculos bifocais, de lentes grossas e com aros de metal, e, sempre que os tirava, piscava os olhos míopes. A sua cara não se

podia chamar notável, mas era inteligente e simpática. Estava sempre pronto a sorrir e possuía um vivo sentido de humor, sobretudo tratando-se da sua própria pessoa. Tinha uma figura atarracada, sempre com os fatos amarrotados «como se pertencessem a um saca-rolhas com o dobro do seu tamanho», dissera havia pouco um jornal ilustrado.

Era já com este aspecto que ele se via na Universidade, e continuava a ver-se da mesma forma ainda nesta altura. Aparentemente, nada nele envelhecera durante todas aquelas décadas, a não ser talvez o coração. Ach, talvez. Agora ia ter a certeza, pensou.

Ouviu atrás de si a voz da enfermeira.

Pronto, professor Stratman dizia ela, puxando a tira do gráfico para fora da máquina e colocando o rolo sobre uma pequena secretária.

Obrigado respondeu Stratman, delicadamente.

De nada, professor, para mim é uma honra replicou ela, enquanto retirava os eléctrodos do peito dele, dos braços e das pernas, e lhe limpava o adesivo da pele.

Observou com curiosidade a rapariga. Dissera que era para ela 24 uma honra, com um tal ar de respeito... Julgava-o mais velho, com certeza. Fixando-a melhor, reparou que nunca a vira no Lawson General Hospital, ou pelo menos na consulta do Dr. Ilman, quando ali fora no último Verão. Era nova ali. Admirou-lhe a estatura, o cabelo cortado curto, o rosto vivo e inteligente, o uniforme branco e impecável.

Não era tão bela como a Emily, claro, mas, no entanto, ele admirava a perfeição das mulheres americanas, especialmente as do Sul.

Enquanto a rapariga se voltava de novo para o aparelho, ele disse, indicando este com um movimento de cabeça: Aqui está um brinquedo interessante e valioso gnädiges Fräulein.

Um dia virá em que teremos máquinas ainda melhores, mais exactas, mais certas. Mas, com todas as suas limitações, estas já não são nada más. Eu conheci pessoalmente o homem que a inventou.

Conheceu-o de verdade? A rapariga parecia tão impressionada como se ele lhe afirmasse ter conhecido o próprio Pasteur.

Conheci, sim. Willem Einthoven, um holandês. Passei algumas semanas na companhia dele, em Roterdão. Ganhou muitos prêmios com este invento e até mesmo algum dinheiro, da Fundação Nobel.

Aposto que o senhor conheceu todos os sábios, professor! O doutor Ilman disse-me que também se dava com Einstein.

É certo. Conheci muito bem o Albert. Encontrei-o pela primeira vez em Berlim... ach, que belos tempos, que belos tempos esses! E depois estava com ele às vezes em Princeton. Foi uma grande perda, não só para a ciência, mas também para a humanidade.

Sabe, Fräulein, não existem muitos homens bons; isto é, a maioria dos homens são bons, mas têm sempre um motivo para o ser, sempre... Porém, no caso do Albert, tratava-se de um homem bom, pura e simplesmente bom, sem ter motivos para isso.

E o senhor compreendia as conversas dele?

Se as compreendia? Stratman sentou-se na marquesa. Uma criança da escola seria capaz de o compreender se o escutasse com atenção. Recordo-me que uma vez, alguém, uma pessoa vulgar, pediu-lhe que lhe explicasse a sua teoria da relatividade, isto, é, do tempo, e a razão por que todos os movimentos do Universo são relativos, e não absolutos. E sabe o que o Albert disse? Respondeu: «Meu amigo, quando você está em frente de uma rapariga bonita durante uma hora, parece-lhe apenas um minuto, mas, se se sentar sobre um fogão quente durante um minuto, parecer-lhe-á uma hora. Aí tem a relatividade!»

Stratman e a enfermeira riram ambos e depois ele pediu-lhe o cachimbo e a bolsa do tabaco. Enquanto ela o foi buscar ao bolso do casaco todo amarrotado, Stratman prosseguiu: Vou contar-lhe uma

anedota de Einstein que poderá repetir aos seus amigos. Havia um certo Mr. Goldberg que queria saber o que 25

era a teoria de Einstein e, depois de lha explicarem, ele abanou a cabeça e disse: «Sim, estou a perceber E é com isso que ele ganha a vida?»

A enfermeira riu às gargalhadas, Stratman riu também e sentiu-se muito satisfeito. Por fim, pôs-se de pé, descalço, e começou a encher o cachimbo.

E por hoje, basta de Albert Einstein. Vamos antes tratar de Max Stratman. Posso vestir-me?

Não, professor, ainda não... Agarrou no gráfico. O doutor Ilman tem de ver primeiro o resultado. Às vezes é preciso repetir. Espere um pouco, por favor. Vou mostrar-lho. Um momento.

Ela saiu e Max Stratman encolheu os ombros, aproximou um fósforo incandescente do tabaco e sentiu frio nos pés. A despeito da recomendação da rapariga, resolveu sentar-se e calçar os sapatos e as meias. Enquanto o fazia, lentamente, sentado na cadeira junto à secretária, ia recapitulando com precisão todos os acontecimentos da véspera.

A chamada que recebera de Washington viera da Secretaria do Departamento da Defesa. Depois de breves preliminares, o secretário perguntara-lhe directamente se ele estaria interessado em aceitar um cargo muito mais importante, com um ordenado duas vezes maior do que recebia da Sociedade. Muito embora Stratman fosse uma figura de fama internacional, o ordenado que lhe pagavam para pensar e criar em benefício da Sociedade de Pesquisas Básicas podia considerar-se modesto. A quantia que lhe vinham oferecer agora era, na sua opinião, formidável, e viu logo que, com ela, poderia pagar completamente a sua dívida a Walther e resolver o problema que para si constituía o futuro de Emily. Punha de parte os próprios interesses.

Sei que está profundamente interessado na descoberta das possibilidades da energia solar dissera o secretário e tudo isso pode ser muito prometedora; conheço os seus comunicados, mas pertence a um futuro ainda bastante longínquo.

Stratman entendera ser seu dever tomar a defesa das pesquisas básicas de uma forma geral.

Toda a investigação é um sonho do futuro, senhor secretário.

Os foguetões, outrora, pertenciam ao futuro e a energia nuclear também.

E até mesmo o meu trabalho de transformar e recolher o calor solar como fonte de energia também outrora pertenceu ao futuro.

No entanto, se eu tivesse tido tempo de pensar nisso aqui há uns anos...

O secretário não quisera estender mais a conversa.

Bem sei, professor Stratman. Nós compreendemos muito bem o vosso esforço e a maneira como vocês trabalham. É um facto que o senhor conseguiu recolher a energia solar. É uma realidade. Trata-se de uma das coisas que mais nos interessam. E queremos que prossiga.

26

Desejamos explorar a sua descoberta antes que os nossos adversários o façam...

Stratman suspirara ao ouvir aquela arenga toda, lembrara-se depois da soma formidável que lhe era oferecida, e não quisera interrompê-lo de novo.

O secretário continuava com todo o entusiasmo. Havia cientistas competentes, trabalhando noite e dia em toda a nação, que estavam empenhados em desenvolver a recente descoberta de Stratman. O Departamento da Defesa estudara o programa e verificara que este se encontrava muito disperso, muito desarrumado e que a falta de coesão e de uma direcção única poderia causar um atraso fatal na tarefa. Os factos haviam sido expostos ao Presidente e fora ele

próprio quem sugerira o nome de Stratman para ser nomeado como coordenador do vasto programa, mediante uma remuneração concedida pelos próprios fundos do Departamento da Defesa.

Stratman, bastante impressionado, inquirira: E de que constará o meu trabalho?

De viagens constantes por todo o país. Terá como quartel-general o Pentágono. Mas a sua presença será necessária em Palo Alto, Boston, Key West, Death Valley, Phoenix, El Paso, bem como na Líbia e na Azizia, em toda a parte onde trabalharem os homens da energia solar, a fim de ver se estes estão a dar o máximo do seu rendimento, se seguem o bom caminho, para os encaminhar sempre que for necessário, lhes mostrar os erros e lhes dar incentivos, também.

Sabe de que espécie de homens se trata e o senhor será talvez a única pessoa no mundo a quem eles darão ouvidos. Isto viria acelerar o nosso programa e seria de um grande auxílio para o Governo.

O senhor ficaria responsável apenas perante o Presidente e só a ele teria de dar contas de tantos em tantos meses.

E por quanto tempo teriam necessidade dos meus serviços?

Dois anos.

A Stratman não agradava nada aquele trabalho. Estava a ver dali o subterfúgio. Era uma espécie de caixeiro-viajante com todas as honras, um cargo que podia ser desempenhado por um político, um militarista ou um educador. O que o Governo queria realmente dele era o seu nome, possivelmente para impressionar os rapazes novos que trabalhavam no plano, talvez também com o fim de extorquir mais dinheiro ao Congresso. Eles queriam o seu nome, e ele, ele queria nein, ele precisava do dinheiro deles. Era um dilema. Um dilema, porque o seu trabalho na Sociedade, que eles não podiam compreender, era de facto uma utilíssima realidade. Ele encontrava-se neste momento à beira de conseguir abrir novos caminhos à

conversão da energia solar, mas não podia dizer-lhes quando. Por isso os seus projectos nenhum valor tinham para eles. Acrescia ainda que, no abrigo do seu gabinete da Sociedade, poderia viver a seu modo, 27

respirando e pensando livremente. O novo emprego exigiria uma energia e uma força que ele estava longe de possuir. Fora este último pensamento que o levava a consultar o Dr. Ilman, fazendo assim depender a sua decisão da sina que lhe forneceria o aparelho de electrocardiografia do Dr. Ilman, e não dos seus desejos.

Preciso que me deixem resolver até ao fim da semana declarara por fim ao secretário da Defesa.

-Necessitamos de uma resposta até sábado respondera este.

Tê-la-á.

Não se esqueça de que foi o próprio Presidente quem indicou o seu nome para este lugar, professor.

Terei isso em conta, senhor secretário.

No fim de pousar o auscultador, já sabia que devia aceitar a proposta.

Foi então que ergueu de novo o aparelho para ligar ao consultório do Dr. Ilman, a marcar uma consulta urgente.

Reparou de súbito que se abria uma porta ao lado e que a enfermeira assomara a ela.

Pode vestir-se, professor. O doutor Ilman vai recebê-lo imediatamente no seu gabinete.

Fitou a cara da rapariga a ver se adivinhava a opinião do médico, mas nada conseguiu perceber. Levantou-se, tirou a camisa do cabide e começou a vestir-se. O médico estava curvado sobre a secretária, a escrever numa folha de papel. Era pouco mais alto do que ele, magro, nervoso, natural do Missouri, de quarenta e tantos anos. Usava o cabelo cortado curto, tinha uns olhos muito vivos e desfrutava fama de ingénuo. Embora já não pertencesse ao Exército, trabalhava como cirurgião ortopédico no Lawson General Hospital,

um dos maiores estabelecimentos do país, especializado em amputações, e duas vezes por semana estava de serviço, como médico de clínica geral, para tratar funcionários do Governo, bem como os sábios da vizinha Sociedade de Pesquisas Básicas.

Logo que o professor Stratman transpôs a porta, o Dr. Ilman largou a caneta, pôs-se de pé e estendeu-lhe a mão.

Max, como está!

Stratman cumprimentou-o cordialmente, retorquindo: Isso você melhor do que ninguém o pode dizer, Fred.

O Dr. Ilman indicou a Stratman a cadeira de espaldar direito, do outro lado da secretária.

Estou cheio de curiosidade, Max! Cheio de curiosidade em saber a razão por que veio hoje procurar-me. Só devia comparecer em Janeiro.

Por que motivo quis tirar hoje um electrocardiograma? Tinha dores no peito? Diga lá!

Acho que já lhe expliquei pelo telefone. Preciso de saber qual é o meu estado de saúde.

Mas porquê? Deve haver uma razão...

28

Quando ali viera, Stratman não tencionava explicar ao Dr. Ilman as suas razões. Não queria que o forçassem a revelar os mistérios da sua família nem os seus segredos. E, contudo, Ilman era um amigo, encontrava-o em sociedade juntamente com a mulher pelo menos uma vez por mês, considerava-o um homem inteligente, compreensivo, e percebeu de repente que desviar a questão seria apenas uma perda de tempo.

Não quero ocultar-lhe nada, Fred disse por fim. Na verdade, tenho um motivo especial para vir aqui.

O Dr. Ilman esperou pacientemente.

Stratman resumiu: O Governo ofereceu-me um emprego melhor e mais importante.

Um lugar de direcção que me obrigará a contínuas deslocações, viagens constantes e certamente um acréscimo de trabalho e de responsabilidade.

Pensei que deveria fazer um exame médico antes de aceitar...

Mas que necessidade tem de aceitar esse lugar, Max? Não lhe faltam homenagens...

Ach! Homenagens! Você já alguma vez comeu homenagens?

Trata-se de dinheiro, Fred. Isso vai dar-me o dobro do dinheiro que presentemente ganho e eu preciso realmente dele.

Julguei que você tinha uma vida desafogada...

Isso não basta. Necessito de pensar no futuro da Emily.

- Na minha opinião, você tem feito tudo pela sua sobrinha. E um dia que lhe falte, não duvido de que ela saberá arranjar-se muito bem sozinha. Acho que ela deve ter os seus problemas, seja de que natureza forem, mas é uma rapariga completa, atraente, muito mais do que isso até, jovem, e será capaz de tomar conta de si quando for preciso. Não percebo por que motivo qualquer decisão que você tome venha a ser ditada por quaisquer preocupações relativas ao futuro dela.

O Dr. Ilman ficou à espera, mas viu que Stratman não estava preparado para responder imediatamente. Em lugar de forçar uma explicação, o Dr. Ilman procurou um cigarro na gaveta debaixo da secretária, mordeu-lhe a ponta e demorou os preparativos para o acender.

Stratman permanecia sentado com um ar meditativo, espreitando lá para fora, através das fendas das persianas, hipnotizado pela chuva que fustigava os vidros e depois escorria em cascata até ao peitoril.

Perguntava a si próprio como poderia explicar a verdade a um médico que era seu amigo, é certo, mas não pertencia à sua raça.

Seria capaz de contar a Ilman os acontecimentos de 1943? Tanto ele como seu irmão Walther sempre se haviam considerado

agnósticos.

Embora a mãe, que ambos adoravam, fosse judia, o pai professava a religião luterana. Stratman crescera entre estas duas crenças ou, para evitar discussões, afastado de qualquer delas, e, portanto, pouco

conhecia acerca de ambas as doutrinas. Depois de adulto não se comprometera com uma ou com outra, nem se interessara por qualquer religião; dedicara-se inteiramente à ciência. Nunca acreditara que o universo fosse obra de um ser transcendente, que tivesse um autor, embora não duvidasse da harmonia da sua construção, quer isso se devesse ao acaso ou a uma força natural. Sentira que atribuir a criação do universo os planetas, a Terra, o homem, *etc.* a alguém era prova evidente de falta de inventiva. A humanidade cega engendrara palavras como criação. Mas porque é que havia de ser imprescindível uma criação, um princípio? Não poderia o universo ter existido sempre? Não ultrapassaria o problema da existência do mundo o fraco entendimento dos homens e a semântica por ela elaborada?

Mas se era preciso procurar uma explicação, essa só a Ciência a poderia fornecer. Entretanto, que os cretinos se satisfizessem à vontade com os seus brinquedos metafísicos, os seus livros sagrados, as suas relíquias, as suas igrejas, os seus templos, os seus deuses: Jeová, Buda, Zeus, Quetzalcoatl, Filho do Homem, Profeta ou qualquer outro tranquilizante do género.

Porém, em 1934, um dos aspectos do pensamento de Max Stratman sofrera uma transformação. De cientista puro, foi convertido em cientista judeu pelos fanáticos do nacional-socialismo de Hitler.

Consideraram-no contaminado, ainda assim útil para a nação, e, em consequência disso, foi impedido de continuar a ensinar na Universidade de Berlim e transferiram-no para o Instituto Kaiser Wilhelm, da mesma cidade. Nesse instituto trabalhavam os

principais cientistas, engenheiros e químicos alemães, na descoberta da desintegração do átomo. Coubera a Stratman ocupar-se da água pesada que a Alemanha importava da Norsk Hydro, uma fábrica de hidrogénio situada na região ocupada de Rjukan, na Noruega, com a finalidade de construir uma chain reacting pile. O seu irmão mais velho, Walther, engenheiro nuclear e dotado de menos imaginação, mas possuidor de um espírito mais metódico que o dele (cujo trabalho menos importante, fruto de um passatempo juvenil, fora um ensaio científico sobre a epidemia da peste bubónica, ou peste negra, através da história) tinha sido também retirado da indústria particular e mandado trabalhar numa máquina rudimentar de urânio na América chamava-se agora a isso um reactor instalado num barracão nas traseiras do instituto.

A mulher de Walther, Rebeca, e a filha, Emily, tinham tido menos sorte, sendo ambas deportadas para o campo de concentração de mulheres em Ravensbruck, que havia sido construído com o objectivo de albergar duas mil inimigas do Reich e agora encerrava vinte e cinco mil prisioneiras. Max Stratman e Walther foram então avisados de que nenhum mal sucederia a Rebeca nem a Emily enquanto ambos cooperassem no progresso do programa atómico da Alemanha, e por este motivo eles iam cooperando, em pequena escala, sendo compen-30

sados todos os meses com uma carta breve de Rebeca Stratman.

Agora, tanto tempo decorrido, enquanto ia observando a chuva a escorrer pela vidraça de um hospital da Jórgia, Stratman continuava a perguntar a si próprio se relataria a Ilman os acontecimentos de 1945. com Berlim em chamas e o corpo de Hitler regado com gasolina e queimado à sombra da Porta de Brandeburgo, as unidades soviéticas que entravam na cidade haviam recebido ordem de dar caça e capturar os cientistas alemães que ainda existissem. O Instituto Kaiser Wilhelm fora assaltado e os seus ocupantes

encerrados numa quinta nos arredores de Berlim, a aguardar a chegada das autoridades soviéticas.

Entretanto, Walther entrara em contacto secreto com uma unidade americana que ainda tinha em código o nome de ALSOS e possuía uma ficha, encontrada em Estrasburgo, de todos os cientistas e da sua direcção. Walther informou os membros da ALSOS de que nem ele nem o seu igualmente ilustre irmão Max desejavam continuar a trabalhar ao serviço de outra ditadura. Logo os agentes americanos da ALSOS, embora com grande risco, concordaram em dar fuga simultânea aos dois Stratman, para os salvarem das mãos dos comunistas.

Informaram Max Stratman de que seria possível partirem ambos na mesma ocasião. Porém nessa noite fatal, no momento culminante, aconteceu que só havia maneira de dar a fuga a um. Max Stratman recusara ser ele o escolhido, mas finalmente deixara-se convencer, depois de lhe garantirem que Walther o seguiria em breve.

Afinal de contas, veio a saber mais tarde que isso seria impossível e que fora o próprio irmão quem insistira em que o escolhessem, pois considerava-o capaz de ser mais útil à ciência e ao mundo livre do que ele próprio.

A partir do instante em que soube do sacrifício de Walther, Max Stratman compreendeu que era um homem livre à custa do irmão e que contraía para com este a mesma dívida de Charles Darnay em relação a Sydney Carton. Portanto, a seu pedido, ficara na zona ocupada da Alemanha, enquanto as autoridades o ajudavam a procurar a mulher de Walther e sua filha Emily. Os russos, que haviam libertado o campo de Ravensbruck, garantiram que nem uma nem outra ali se encontravam, e Stratman temia já que tivesse sucedido alguma desgraça. No entanto, prosseguiu nas suas buscas, até que, passadas algumas semanas, Emily, que acabava de completar dezasseis anos, era localizada inesperadamente em Buchenwald facto ainda mais estranho, pois Himmler, no intuito de

limpar Ravensbruck, ordenara que todos os parentes de judeus fossem levados em vagões de gado para Auschwitz, e ela, em lugar de ter seguido esse destino, fora enviada para Buchenwald. Rebeca Stratman, porém, tivera menos sorte. Alguns meses antes da libertação fora transportada para Auschwitz, sendo incluída nos três milhões de mulheres, homens e crianças que 31

morreram nus na câmara de gás do campo de exterminação.

E foi assim que Emily se identificou com a consciência de Max Stratman, mais ainda depois do que lhe contara um psiquiatra americano, que entrara na posse dos dossiers intactos do campo de concentração.

Ficara então a saber o que fora para as mulheres o inferno do campo de concentração de Ravensbruck. Emily sofrera uma perda emocional irreparável. Stratman nem sequer se atrevia a meditar na profundidade desse traumatismo e necessitava do amparo do tio, hoje mais do que nunca. Por isso este resolvera propiciar-lhe toda a segurança que pudesse, agora e após a sua morte.

Depois de a sobrinha lhe ter sido entregue, Stratman fora colocado, juntamente com outros cientistas alemães a quem fora dada a fuga, num regime de detenção, em Farm Hall, perto de Cambridge, na Inglaterra. Recebera ali a notícia da morte solitária de Walther, alguns meses antes, num campo de trabalho da Sibéria, onde havia sido enterrado depois de divulgada a fuga do irmão. Agora, para Emily Max Stratman não o ignorava só ele existia.

Tudo isso se passara havia muito tempo. Os traumatismos resultantes desses acontecimentos continuavam vivos, no entanto.

Apenas se passara um minuto ou dois; para Stratman, porém, haviam decorrido duas décadas. Voltou as costas à janela e fitou os olhos do Dr. Ilman.

O meu cérebro esteve a divagar disse, a desculpar-se.

É talvez senilidade. Já não sei o que me perguntou, Fred.

O Dr. Ilman pousou o charuto com todo o cuidado no cinzeiro e disse com voz suave: Só perguntei o motivo por que era tão necessário modificar a sua vida, ganhar mais dinheiro, para o futuro da Emily. Mas o senhor lá terá as suas razões.

Pois tenho. Indicou com a cabeça o papel enrolado que estava sobre a secretária do médico. Ainda me não disse o resultado do electrocardiograma, Fred.

Não, não disse. O Dr. Ilman pegou no gráfico, desenrolou-o e percorreu com os olhos a linha em ziguezague. Max, não lhe dou licença para aceitar qualquer lugar que o obrigue a fazer viagens, lhe cause excitação ou preocupações, por maiores interesses que isso lhe traga. Ergueu os olhos. Você pode ter ainda uma longa vida à sua frente e é meu dever velar para que não a desbarate.

Stratman sacudiu a mão em frente do papel do gráfico.

Não me venha com subterfúgios, Fred. Eu não sou uma dessas suas clientes velhas que necessitam de ser animadas. Que é que eu tenho?

O Dr. Ilman endireitou-se na cadeira. O seu tom tornou-se brusco, profissional.

Há modificações nas ondas T deste electrocardiograma. Ondas T
32

invertidas, o que indica um princípio de insuficiência coronária. Percebe?

Parece-me que sim.

Não há razão para sustos. Tenha juízo e restar-lhe-ão muitos anos para fazer mais descobertas acerca do emprego da energia solar.

Mas, se tomar conta desse novo emprego tome conta no que lhe digo, Max! , aposto o que quiser que não viverá mais do que um ou dois anos.

Stratman ficou imóvel.

Não preciso de mais do que dois ou três anos, Fred disse com toda a calma.

Precisa da sua vida inteira, como qualquer ser humano interrompeu severamente Ilman. Acredite, Max, para Emily, é mais importante tê-lo vivo do que herdar o seu dinheiro depois de você morrer.

Stratman abanou a cabeça.

Verzeihung... 1 Fred, você não percebe, você não sabe. Levantou-se da cadeira. Obrigado. É preciso cá voltar?

Pois claro, de tempos a tempos. Na próxima semana, para começar.

Stratman sorriu levemente e dirigiu-se para a porta. Uma vez ali, ouviu ainda a voz do Dr. Ilman: Acerca do lugar, que pensa fazer?

Vou pensar nisso.

Trate de viver como se fosse apenas uma planta de estufa, uma planta feliz. É muito mais divertido do que ir morrendo aos poucos a andar por aqui e por ali.

Lá fora, Stratman encaminhou-se apressadamente, debaixo de chuva, para o parque de estacionamento onde o motorista preto o esperava no carro do Estado. Deu-lhe ordem para se dirigir de novo ao edifício da Sociedade. Ao passarem velozmente diante da fila interminável de construções de madeira que formavam o Lawson General Hospital, Stratman pensou como era estranho o facto de ser este o único local onde Emily tinha contacto com homens. Contava agora trinta e poucos anos e nunca lhe conhecera um namoro, nem no liceu, nem na Universidade, nem durante os anos que vivera com ela em Nova Iorque. E certamente que também os não tivera em Atlanta, onde vivia mais retirada do que nunca, com os seus livros, os discos, o primo, a costura, a televisão Caso tanto mais estranho, pensava ele, visto ela ser fisicamente encantadora e muito inteligente.

Enquanto o carro prosseguia debaixo de chuva, Max tentava ver a Emily de Walther, a sua Emily, com os olhos dos jovens da idade

dela; os cabelos castanhos, penteados para cima, desbastados atrás 1.
Perdão 33

e compridos na frente, de modo a tapar-lhe metade da testa, e encaracolados ao lado das faces. O rosto tinha um ar oriental, delicado, exótico, impressão esta que os olhos verdes, ligeiramente oblíquos, vinham acentuar, olhos que ela baixava muitas vezes quando falava a um estranho; o nariz um pouco arrebitado, a pele transparente e pálida. A sua fragilidade era uma censura aos seus antepassados alemães, e Stratman tinha a certeza de que na árvore genealógica da rapariga devia encontrar-se um imigrante siamês. O corpo dela era delgado mas cheio, mais consistente do que as suas feições deixavam adivinhar, os seios altos e firmes, a cintura de vespa a exagerar as ancas largas. Toda ela parecia envolvida por uma auréola de quem houvesse sido retirada dos torvelinhos do mundo e ficasse assim intacta ainda não marcada pela vida, com a perfeição sempre nova de uma boneca em tamanho natural. Possuía uma mentalidade e um raciocínio vivos e originais, mas raras vezes os deixava apreciar aos outros, e as graças duvidosas pareciam assustá-la. Stratman bem percebia que os homens ficavam loucos por ela e a desejavam. Emily, porém, não os desejava de maneira nenhuma. Servia-se de muitas defesas.

Quando eles se aproximavam de mais, ela fugia-lhes como uma enguia. Se algum lhe falava com demasiada intimidade, ela retirava-se para a sua concha de silêncio ou então respondia ironicamente.

Fora feita para atrair os homens, mas estes não a atraíam.

O seu único contacto com o sexo oposto era no Lawson General Hospital. Pouco depois de terem ido viver para Atlanta, Emily levava o tio de carro à consulta do Dr. Iman. Enquanto este o examinava, ela fora convidada a visitar o pavilhão dos amputados, na companhia de uma enfermeira. Agora também ela chamava aos aqueles doentes, tal como eles se designavam uns aos outros. Aprendera a dizer próteses, referindo-se aos membros artificiais, um

braço era uma «pata de cima», um «a. J.» um soldado a quem haviam cortado uma perna abaixo do joelho, e guilhotinar significava a amputação brutal e imediata de um membro no campo de batalha. Ali, misturava-se com os rapazes de camisas abertas e calções, que usavam complicados aparelhos de metal e couro, trabalhava com eles, escutava-lhes solenemente as conversas, adorava-os, e eles pagavam-lhe na mesma moeda. Se Emily não compreendia a sua dedicação pelo hospital ou se se recusava a admitir os verdadeiros motivos que havia por detrás desse sentimento, o tio, porém, compreendia-os perfeitamente.

Aqueles homens não eram homens e ela ali não era uma mulher.

Considerava-os como amps, fisicamente mutilados, e ela era uma mutilada também, do ponto de vista emocional. Não admirava, pois, que se entendessem.

Chegámos, professor disse o motorista ao parar em frente do edifício da Sociedade.

Stratman emergiu dos seus sonhos, abriu a porta e verificou que
34

deixara de chover. Contemplou por um momento o céu cor de chumbo, depois fechou a porta e subiu os quatro degraus de pedra que davam acesso ao átrio do edifício.

Logo que ali entrou, ouviu o seu nome. A rapariga do P. B. X.

retirou os auscultadores das orelhas e disse: Professor Stratman, a sua sobrinha já para aqui telefonou três vezes. Parece ansiosa por o encontrar.

Stratman sentiu que o coração lhe saltava no peito. Isto parecia-lhe anormal e de mau agouro. Pediu à rapariga que ligasse para casa e dirigiu-se à cabina telefónica, pensando que o Dr. Ilman não gostaria da maneira como sentia o pulso bater, pois as ondas T estavam invertidas e ele podia dali em diante considerar-se um doente a sério. Fechou a porta da cabina, pegou no auscultador e esperou.

Ouviu o sinal de linha interrompida. Abriu a cabina, pôs a cabeça de fora, a interrogar.

A empregada encolheu os ombros.

Está ocupado. , '

Stratman deixou a cabina, dizendo: ; .<*> Tente novamente.

Durante dez minutos, Stratman passeou pelo chão de embutidos, enquanto a telefonista insistia em marcar o número, e sempre encontrava o telefone a falar. Stratman cada vez estava mais preocupado: se ela tivesse desmaiado com o telefone fora do descanso? Talvez alguém estivesse a falar, para pedir uma ambulância, ou talvez fosse a Polícia a mandar sair para a rua todos os carros...

Por fim, não aguentou mais a espera.

Mande chamar o meu carro ordenou à telefonista.

Passados minutos, o automóvel estava à espera. Era de quinze milhas o percurso desde o edifício da Sociedade até ao chalé de cinco compartimentos da Ponce de Leon Avenue que ele e Emily habitavam.

Pareceram-lhe cinquenta, porque o motorista recusou-se a ir depressa sobre o asfalto molhado da Peachtree Avenue.

Decorreram vinte e cinco minutos antes que se avistasse o chalé.

Depois, ao aproximar-se, viu Emily no pórtico, com um lenço atado na cabeça e o casaco de cabedal vestido sobre a saia e a blusa. Sentiu que lhe tiravam um peso de cima. Ela estava bem, nada mais tinha importância.

Chegados em frente da casa, mandou embora o motorista e saiu do carro. Emily correu para ele.

Tio Max! exclamou. Mas verificou que ela parecia entusiasmadíssima e isso também era estranho.

Tio Max! gritava a jovem, correndo para ele. E deu-lhe a grande notícia: Deram-lhe o Prêmio Nobel!

Stratman ficou quieto, com a cabeça inclinada de lado, sem compreender.

35

O quê? O quê? Eu não?... Wtederhole, bitte... '

Ganhou o Prêmio Nobel! O telegrama chegou há uma hora.

Procurou no bolso do casaco e deu-lhe o papel.

Ele pegou-lhe com as duas mãos, aproximou-o do nariz, pois tinha os óculos no bolso.

Oh, tio Max, imagine! O Prêmio Nobel!

Stratman afastou o telegrama dos olhos e fitou a sobrinha, espantado.

Eu... eu nem quero acreditar murmurou.

Mas é verdade. Todos os jornais já o sabem. Estão lá dentro na sala repórteres e fotógrafos, dizem que já deram a notícia na rádio de Estocolmo.

O professor tentou de novo ler o telegrama.

Cinquenta mil e trezentos dólares repetiu. Gott im Himmel'2

Está rico!

Estamos ricos corrigiu ele meticulosamente. E logo se lembrou de que poderia, no dia seguinte, fazer uma chamada para a Secretaria da Defesa a recusar a proposta do novo emprego. Uma vez que já não era necessário esse novo emprego, pois Emily achava-se a salvo dos encontrões da vida, Walther poderia descansar em paz e ele teria licença de prosseguir o seu destino sedentário e pacato que o satisfazia plenamente. E não duvidava de que o Dr'. Iman também ficaria satisfeito.

De súbito, ocorreu-lhe uma ideia.

Onde é que se recebe o prêmio? Em Estocolmo?

Pois claro. O tio tem que lá ir. Os jornalistas já o disseram. É da praxe ir lá buscar o dinheiro dentro de um ano, a não ser que esteja doente, senão fica sem ele. Houve alguns alemães que não puderam

lá ir, aqui há anos, por causa do Hitler, e mais tarde já não lho deram.

Estocolmo era muito longe, pensava Stratman. A viagem, as formalidades, o cerimonial, seria tudo muito fatigante. De qualquer maneira, teria de consultar antes o Dr. Ilman. Mas depois recordou-se do que se passaria em Estocolmo, viu a cara entusiasmada de Emily e decretou que não poderia haver doença ou ataque cardíaco que o impedissem de receber aquele prêmio que lhe vinha resolver todos os problemas.

Pegou no cotovelo de Emily e dirigiu-se para dentro de casa.

Diz-me cá, liebes Kind 3 disse, todo prazenteiro. Já pensaste no vestido que hás-de levar quando te apresentares diante do rei da Suécia?

1 Repete, se fazes favor 2 Valha-me Deus'

3. Querida filha.

36

Era 1.51 de uma tarde quente e soalheira, quando o telegrama chegou à Embaixada da Suécia em Washington, sendo automaticamente registado pelo aparelho receptor eléctrico no gabinete do telégrafo de Colorado Street, em Pasadena, na Califórnia.

A rapariga gorda e afadigada que se encontrava de serviço ao aparelho mal se deu ao trabalho de ler a mensagem ao retirá-la da máquina.

com a tesoura enfiada no dedo, cortou, com a destreza do hábito, as linhas do telegrama e colou-as no impresso. Já pronto o papel para ser entregue estendido diante dela, é que acabou por compreender a importância do seu conteúdo.

Caramba! exclamou em voz alta. Vinte e cinco mil dólares!

Os dois homens que estavam ao balcão ouviram-na. Um deles, um magricela de farda azul-escura, empregado na recepção dos

telegramas, desviou a vista das palavras escritas a lápis que estava a contar e perguntou: Quem é que ficou rico?

O cliente do outro lado do balcão, um homem de meia-idade, com óculos sem aro, que parecia empregado inferior de um banco, também mostrou o seu interesse.

A rapariga gorda levantou-se da cadeira com esforço.

Diz aqui que uma pessoa em Pasadena, não sei quem seja, acaba de ganhar o Prêmio Nobel.

Dirigiu-se ao balcão e mostrou o telegrama ao colega magricela.

Este leu-o e assobiou. Mostrou-o também ao cliente, o qual, empurrando os óculos mais para cima com o dedo, aconselhou: No vosso lugar, não me demorava a mandar uma mensagem dessa importância. Telefonava já para o interessado. E, com ares importantes, começou a ler: Como recompensa da sua participação na descoberta de substâncias anti-reactivas destinadas a transpor a barreira imunológica na transplantação cardíaca e da invenção na sua técnica cirúrgica que permite realizar com êxito um heterógrafo do coração num corpo humano a fundação Nobel de Estocolmo por intermédio do Instituto Médico-Cirúrgico Caroline da Suécia tem o prazer de o informar que lhe é concedido o Prêmio Nobel deste ano da Fisiologia e da Medicina Stop Sua parte do prêmio constará de uma medalha de ouro e de um cheque de vinte e cinco mil cento e cinquenta dólares Stop A cerimónia da entrega realizar-se-á em Estocolmo a dez de Dezembro Stop Seguem pormenores com cordiais felicitações Stop 37

O telegrama era dirigido ao Dr. John Garrett número quatro Hillside Terrace Pasadena Califórnia.

Como de costume, o percurso de Pasadena, pelos passeios a abarrotar de gente, até à zona de Miracle Mile de Los Angeles, levou mais tempo a percorrer ao Dr. Garrett do que ele imaginara. O que tornara o caminho ainda mais demorado, nessa tarde, fora o facto de

ele ir profundamente obcecado pelos seus pensamentos, por causa daquele discurso que tencionava proferir à noite.

Quando chegou à Western Avenue e ao Wilshire Boulevard e arrumou o Jaguar preto (comprado a prestações, a sua primeira extravagância desde que se tornara uma pessoa importante), junto à bomba de gasolina, tomara uma resolução. Orientaria o discurso ao contrário do que lhe aconselhara o Dr. Keller, sem acréscimos nem correcções.

Enquanto percorria o meio quarteirão que o separava do edifício hospitalar de nove andares, Garrett ia observando a sua figura reflectida repetidas vezes nos vidros das montras. O que via não lhe desagradava: a imagem de um homem novo, atraente, resoluto, cheio de força. Quase olvidara já o prazer sentido, dez anos atrás, quando Sarelee lhe mostrara um artigo baseado num inquérito feito pelo Instituto Americano de Opinião Pública sobre o americano normal e por ele ficara sabendo que correspondia exactamente ao tipo. Segundo as estatísticas, o americano vulgar media pouco mais de um metro e setenta, pesava cerca de setenta e tal quilos, tinha os cabelos castanhos, usava óculos, apanhava uma ou duas constipações em cada Inverno, fumava, bebia álcool em sociedade, preferia as morenas às louras, gostava mais que a mulher fosse para ele uma boa companhia do que uma boa cozinheira, apreciava o basebol acima de todos os outros desportos, nenhum prato lhe agradava tanto como bifes com batatas fritas, acordava às seis e meia nos dias de semana e deitava-se às dez, considerava a Califórnia o melhor lugar do mundo para se viver. Por estranho que pareça, John Garrett achara que este retrato estatístico o descrevia de um modo quase exacto, com a diferença que preferia rodelas de cebola com o bife em lugar de batatas fritas.

Nos últimos dois anos, contudo, John Garrett deixara de sentir orgulho em se considerar um homem como os outros, com grande espanto de Sarelee, que não compreendia esta súbita mudança.

Garrett começara a gostar cada vez mais de se ver como um ser especial, não fabricado nos moldes dos espécimes vulgares do homo americanus.

Se esta rebelião pessoal contra a vulgaridade tinha a sua origem na fama recente que adquirira nos círculos profissionais ou era devida às sessões de descontração no consultório do Dr. Keller, Garrett não o poderia dizer. A mulher, sim, essa sabia-o, mas só a si própria o com-38

fessava: John merece ser considerado um ser à parte, pois descobriu qualquer coisa que será útil à «comunidade humana» (esta última expressão lera-a numa revista); mas, aos seus olhos, e a maior parte das vezes até aos do próprio marido, desconfiava ela, John Garrett continuava a medir um metro e setenta, a pesar setenta e tal quilos, os seus cabelos eram da mesma cor castanha, não obstante os seus quarenta e nove anos, e permanecia tão pouco senhor de si, tão vulnerável aos perigos, tão dependente dela como dantes, graças a Deus.

Logo que chegou à entrada do edifício para onde se dirigia, John Garrett apressou o passo e subiu rapidamente o único lanço de escadas, parando em frente da porta envidraçada com um letreiro a preto onde se lia: L. D. KELLER, MÉDICO. Como já lhe sucedera tantas vezes, perguntou a si próprio por que razão os psicanalistas não punham na tabuleta PSQUIATRA, em lugar de simplesmente MÉDICO, a seguir ao nome. E pensou que, enquanto existisse tanto receio e tanta relutância em consultar esses especialistas, a discrição fazia parte da honestidade.

Garrett abriu a porta e entrou no gabinete, parando depois para a fechar devagarinho. Atravessou a sala de espera de tons claros e penetrou o mais silenciosamente possível na vasta sala comum. Viu ao primeiro relance de olhos que estavam todos presentes, constrangidos e neuróticos, sentados nas mesmas cadeiras de sempre, e que a sessão atingira o ponto culminante. Ninguém se

voltou para o saudar, quando ele se dirigiu, em bicos de pés, para o seu lugar, pois já era costume ele chegar tarde (ser retardatário pode muitas vezes constituir «uma fuga ao embaraço de ter de discutir assuntos tabus na frente de outras pessoas», observara uma vez o Dr. Keller), mas agora este, sentado à sua secretária de castanho atrás da qual se entrincheirava como se o móvel fosse uma fortaleza, acolheu-o com um imperceptível bater de pálpebras.

Garrett permaneceu sentado muito direito durante uns momentos, depois consultou o relógio. Aquela sessão de psicoterapia durava sempre precisamente uma hora e vinte minutos. Visto pagar dez dólares por semana para assistir a ela, cada minuto ficava a Garrett em doze centavos e meio. Tendo chegado com um atraso de dezasseis minutos, restava-lhe apenas uma hora e quatro minutos de sessão.

Aquele atraso custara-lhe dois dólares, tinha portanto oito dólares de tempo a aproveitar. Precisava neste dia de uma parte daquele tempo para si, e de uma maneira especial, mas havia outros que também precisavam. Talvez que um cuidadoso estudo da cara deles lhe»

pudesse indicar se a urgência dos restantes doentes seria igual à sua.

Estavam sentados em semicírculo na frente do Dr. Keller, e Garrett começou a observá-los da esquerda para a direita. No divã bege encontravam-se Mr. Lovato e Mrs. Perrin. Mr. Lovato, um artista fran-39

zino e homossexual bastante célebre pelas suas pinturas género tampa de caixa de bombons, à Gainsborough, estava sentado com as pernas cruzadas de maneira esquisita. Garrett recordou-se de que, quando entrara para as sessões, havia quatro meses, costumava sentar-se com as pernas unidas como uma colegial bem comportada. Mas, de há um mês para cá, provavelmente em consequência da análise, começara a cruzar as pernas de um modo mais masculino.

Mrs. Perrin, uma matrona de busto pesado e cabelos ruivos grisalhos, com os seus cinquenta anos, permanecia de lábios cerrados, sempre a dar voltas e mais voltas a uma pequena carteira. Estava a convalescer de um colapso nervoso. Embora casada com um rico cidadão de San Nuys, o problema dela era uma incapacidade doentia de despender a mínima moeda, mesmo tratando-se das necessidades mais mezinhas do dia-a-dia, como seja a lavadeira, o pão, etc., sem se sentir perturbada.

Falava raramente, aí uma vez de três em três semanas, mas sempre que o fazia era para se referir aos seus pequenos triunfos, que se resumiam em haver gasto cinquenta centimes ou um dólar.

Garrett desviou os olhos para o doente seguinte, Adam Ring, o actor em plena ascensão, agora estendido preguiçosamente no maple, abanando sem parar um berloque que era uma pata de coelho. O seu perfil de bronze lembrava o de uma medalha grega. Inscrevera-se naquele curso por causa de um complexo sexual. Falava disso em ar de brincadeira, como quem não liga importância, mas o Dr. Keller não se deixava iludir. A virilidade de Ring era terrível com mulheres de cor ou de raça estrangeira orientais, indianas, mexicanas, negras mas enfraquecia e tornava-se discutível quando se encontrava em face de uma caucasiana.

Logo à esquerda de Garrett, encontrava-se a incrível Mrs. Zane, mãe de família, feia, cheia de sardas, com trinta e tal anos, sempre vestida de calças de ganga e camisa de homem. Garrett, desde que fazia parte do grupo, sempre a ouvira lamentar-se dos excessos amorosos que tinha de suportar. Era católica, mãe de cinco filhos de tenra idade, e confessava que a sua cruz era o marido, sem nenhuma habilidade para ganhar a vida, incapaz de conservar um emprego durante mais de um mês. Por fim, esse marido conseguira, por acaso, um trabalho bem remunerado numa fábrica de malhas. Quando parecera a Mrs. Zane que ele estava arriscado a perder também esse lugar, ela, para tentar desesperadamente impedir a

catástrofe, convidara para jantar o patrão e a mulher. O resultado fora que o patrão, há muito indiferente à mulher e farto de golf e da alta finança, sentira-se extremamente atraído por Mrs. Zane, a ponto de resolver fazer dela o seu passatempo favorito. Em lugar de ser despedido, Mr. Zane foi nomeado primeiro caixeiro-viajante, com um belo ordenado, e mandavam-no para longe quatro vezes por ano, em longas jornadas através do país. Em paga disto, muito embora o caso nunca fosse descrito 40

em tantas palavras, Mrs. Zane ficara na obrigação de satisfazer os desejos do patrão do marido. Como mulher adaptável e generosa, Mrs. Zane não se recusara. Durante o ano anterior, mantivera assíduas relações com o sujeito. E, como este se mostrava insaciável, ela via-o sempre de um ponto de vista estranhamente horizontal. No fim, ia desabafar as suas culpas no confessorário e as suas dúvidas junto do Dr. Keller.

John Garrett achava graça a Mrs. Zane, mas naquele dia não se sentia com disposição para a ouvir. Via-se pela cara dela que tinha muito que dizer e esperava a sua vez com impaciência. Garrett sabia que não iria ser fácil arranjar tempo para falar. Ao voltar-se ligeiramente na cadeira, avistou Mr. Armstrong, um jogador inveterado, gordo e de sobrolho carregado, que se balouçava levemente na cadeira, perdido nas suas cogitações. Garrett considerava o jogador como um Brandwell Bronte falhado, vítima das circunstâncias. Gos- !

tava de pensar nele em termos de folhetim. O seu novo sistema de jogar na roleta iria levar à glória o sindicato de Nevada? Conseguiria manter o emprego no último momento? Estava ainda a tempo de resgatar a casa hipotecada? Reconquistaria o respeito da mulher e dos filhos? Salvar-se-ia ainda das dívidas e da ruína? De todos, Mr. Armstrong era o único que se recordava dos seus fantásticos sonhos nocturnos e os lia em voz alta.

A seguir a Mr. Armstrong, toda inclinada para a frente, estava sentada Miss Dudzinski, que tinha cara de cavalo, um corpo cheio de ossos e falava sempre muito à pressa, com medo de que a interrompessem.

Miss Dudzinski contava vinte e tal anos e possuía um físico de solteirona. Habitava um apartamento de três quartos, com a mãe, uma senhora franzina e hipocondríaca, doente do coração e da vesícula, e que tiranizava a filha com o terrível egoísmo dos velhos e dos fracos. Miss Dudzinski sustentava-se a si e à mãe trabalhando | como dactilógrafa num grande escritório de bens imóveis. Viera sujeitar-se a estas sessões de psicoterapia colectiva porque se encontrava no centro de um triângulo, do qual as dramatis personae eram representadas por um rapaz tímido, empregado num drugstore e que vivia suficientemente solitário para considerar Miss Dudzinski uma beleza; por ela própria, Miss Dudzinski, que passara a vida inteira a sonhar com um rapaz tímido, caixeiro de um drugstore, e por Mrs. Dudzinski, que estava gozando o seu quadragésimo ano de luta com a morte.

Ao observar agora Miss Dudzinski, tentando imaginar a figura grotesca de alguém que desejasse dormir com ela, ter relações com ela, John Garrett reparou de súbito que Miss Dudzinski se inclinava para a frente, por estar provavelmente a falar havia muito tempo. Tentou escutar, com certo esforço, pois também ele tinha o seu problema.

... Digo-lhe, doutor Keller, que já não posso mais. Não sei para 41 onde me hei-de voltar ia dizendo Miss Dudzinski, pronunciando as palavras agarradas umas às outras. Estou no ápice do dilema. Clarence disse-me com toda a franqueza, na noite passada, que não está disposto a esperar mais seis meses para eu me resolver se caso ou não com ele. Falou muito, por sinal, para uma pessoa tão metida consigo como ele é. Disse que se eu não tomasse imediatamente uma resolução...

bem, que deixava o emprego e voltava para Cleveland. Declarou que eu tinha de escolher entre ele e a minha mãe, isto é, não foi por estas palavras, mas quase a mesma coisa. Respondi que isso era muito bom de dizer, mas eu tinha obrigações para com a minha mãe, que ela era um ser humano, e não podia abandoná-la assim para me ir casar sem pensar em mais nada. Que viria a ser dela? Se morresse, nunca perdoaria a mim mesma, ficaria com aquele desgosto até à cova! Mas, por outro lado, Clarence...

Olhou em volta para os companheiros, com um ar quase suplicante, e, como ninguém lhe desse resposta, terminou, dirigindo-se ao grupo, bem como ao Dr. Keller: Vocês todos conhecem-me bem. Não vale a pena mentirem-me.

Sei bem que não sou bonita e, além do mais, não dou muito valor a isso, pois sei que a parte espiritual é a mais importante. Mas nenhum de nós ignora que os homens se deixam prender mais pela aparência do que por qualquer outra coisa. E Clarence... não me envergonho de o confessar... creio até já vos ter dito... foi o primeiro homem que me propôs casamento. Além disso, é um rapaz simpático, e eu desejo ter um marido respeitável como as outras pessoas. Engoliu em seco. Mas que hei-de fazer à minha mãe?

Recostou-se, olhando esperançadamente para os outros, em redor.

O Dr. Keller endireitou as costas, pousou o lápis e beliscou o nariz grosso.

Ora vamos, Miss Dudzinski, essa amizade...

Antes que o psiquiatra tivesse tempo de prosseguir, Adam Ring falou lá das profundezas do seu maple, sempre a abanar a pata de coelho: Vou dizer-lhe o que há-de fazer à sua mãe: afoguea!

Miss Dudzinski teve um sobressalto e Ring ficou todo satisfeito, pois tinha prazer em chocar as pessoas. Utilizava a irreverência para despertar as atenções e como barreira defensiva, conforme lhe dissera já muitas vezes o Dr. Keller. E, antes que Miss Dudzinski

pudesse protestar, Adam Ring continuou: A sua velhota não é diferente das outras, Miss D. Traz-lhe a rédea tesa e não a deixa soltar-se. Porque havia de o fazer? Você é a sua renda vitalícia, a sua enfermeira e a sua companhia de todas as horas. Escute o que eu lhe digo. Livre-se dela. Meta-a num asilo e depois o seu marido que pague as contas para poder tê-la longe da vista. No fim de contas, ela sentir-se-á ali mais feliz, e você não deixa 42

fugir o rapaz. Olhe, minha filha, foi você quem o disse: sabe muito bem que não é nenhuma Vénus de Milo. Mas, nesta terra, há um homem para cada mulher. Você encontrou o seu, mas a ocasião não se repete. Aquele é o seu tipo. Agarre-o. Conserve-o como um bilhete premiado na lotaria. Se o deixa fugir, que lhe resta? Festejar o Dia da Mãe até ao fim dos seus dias...

Mr. Lovato agitou a-mão num floreado e pronunciou numa voz aflautada: Embora eu pense que Mr. Ring se exprimiu com uma certa crueza, em termos até ameaçadores, concordo inteiramente com a sua opinião. Tal como o doutor Keller nos tem afirmado muitas vezes, não se pode ao mesmo tempo comer o bolo e ficar com ele na mão.

Acho que você tem de enfrentar a sua decisão friamente, logicamente, Miss Dudzinski. Se deixar a sua mãe para seguir o seu noivo, ela tem outra alternativa: pode encontrar uma senhora de idade na companhia de quem vá viver, instalar-se num asilo, ocupar-se de diversas maneiras.

Além disso, tem a sua vida própria e não há necessidade de vir invadir a sua, como de resto a minha mãe também tentou fazer. Por outro lado, se você renuncia ao seu namorado, talvez não se lhe ofereça outra alternativa: ficará toda a vida solteira. Na minha opinião, acho que não tem outra coisa a fazer senão aceitar a proposta do rapaz.

Ao escutá-los, John Garrett resolveu dar também o seu parecer, que não diferia muito do dos outros, só com a diferença de que dali

poderia passar para o seu próprio caso e dessa forma assegurar-se de que lhe concederiam o tempo de que necessitava. Porém, antes que pudesse abrir a boca, Mrs. Zane, à sua esquerda, fez-se ouvir: Não me parece que o caso seja tão simples como vocês o apresentam. Para pessoas solteiras como Mr. Ring e Mr. Lovato, é muito simples dizerem que ela deve preferir o Clarence e esquecer a mãe. Mas a mãe de Miss Dudzinski é uma responsabilidade, uma responsabilidade humana, e como tal deve ser considerada. Todos vós compreendeis que eu posso falar disto com conhecimento de causa porque vejo o assunto de vários pontos de vista. O problema de Miss Dudzinski assemelha-se ao meu. Vejo-me também entalada entre duas pessoas, e talvez julguem que é uma situação fácil, talvez julguem que é por gosto que mantenho todas as noites uma ligação com o patrão do meu marido, enquanto este anda por fora.

Então porque não reduz para duas vezes na semana?

Oh, pelo amor de Deus, Mr. Ring. Isto não é brincadeira.

O senhor julgame uma mulher pouco séria...

A única observação que tenho a fazer é você dar tudo a uns e nada aos outros, seu fenómeno! retorquiu Ring, a sorrir. Gostaria que me proporcionasse uma demonstração quando tiver um bocado disponível...

43

Consigo, nunca, seu egoísta impotente! berrou Mrs. Zane.

E, voltando-se para a secretária: Doutor Keller, por que motivo está ele sempre contra mim?

O Dr. Keller, de olhos semicerrados, permaneceu imperturbável, e Adam Ring conservou o sorriso.

Mrs. Zane abanou a cabeça.

Parece-me que o senhor é da mesma opinião que ele, doutor Keller. O senhor já tem insinuado que eu devia moderar o meu comportamento exterior durante estas sessões e acha que tenho intensificado a minha vida amorosa só para o desafiar.

Deixe-se de me atacar, Mrs. Zane respondeu o psiquiatra com calma. Não tente falar pela minha boca. Quando eu entender que é necessário, para seu bem, despertar em si certas emoções que a senhora não compreende, serei então menos impessoal e darei a minha opinião. Agora, que estava dizendo, Mrs. Zane?...

Estava dizendo que me sinto constantemente atormentada com a minha situação. E dirigia-se aos companheiros, numa súplica, já menos irritada: Todos vocês sabem o que eu tenho sofrido.

Sinto as mesmas ansiedades que Miss Dudzinski. Que hei-de fazer?

Se acabo com esta vida, o meu marido perde o lugar. Se continuo...

bem, sinto-me culpada. Não consigo dormir, noite após noite, a fazer a mim própria toda a espécie de perguntas. Estarei a ser desleal para com meu marido? Ou estou na verdade a ajudá-lo à custa de um grande sacrifício? Peço e torno a pedir ao Senhor que me dê uma resposta. Só Deus sabe que não sinto com este acto um prazer por aí além. Vejo perfeitamente o sorrizinho de Mr. Ring. Mas é a pura verdade, acreditem. Sinto-me exausta. Tenho cinco filhos e um marido...

e ainda por cima o patrão, todas as noites. Vou dar-lhes um exemplo. Deixem-me dizer-lhes o que aconteceu a noite passada...

John Garrett percebia que Mrs. Zane fizera o que ele tencionara fazer, isto é, interromper a conversa para tomar a palavra. Sentia-se irritado com as acrobacias prolíficas e extenuantes da criatura, com os seus prazeres secretos e as suas culpas secretas também, e desejava exprimir com urgência o seu próprio e inadiável problema.

Consultou mais uma vez o relógio. Restavam trinta e quatro minutos para terminar a sessão. Esperava que o pecado de Mrs. Zane na noite anterior tivesse sido breve, silencioso, hedonista, mas parecia-lhe bem que não sucedera assim.

Enquanto esperava a sua vez, recordou, como era costume, o motivo por que viera parar àquele estúpido grupo de psicanálise colectiva. Tinha começado a sofrer períodos cada vez mais frequentes de depressão, a sentir umas dores de cabeça permanentes, uma sensação de peso na testa e na parte posterior da cabeça que todos os dias se repetia, interferindo com as suas actividades e a sua vida de família.

Consultara o médico, depois um especialista de ouvidos, em se-
44

guida um neurologista, sujeitara-se a todos os exames, sem que se descobrisse nada de patológico. Por fim, a conselho do seu médico assistente, consultara, de má vontade, um psicanalista de Pasadena.

Estivera de cama três meses, uma ridícula perda de tempo. Depois, um dia, o psicanalista aconselhara-o a fazer um tratamento de psicoterapia em grupo. As razões invocadas para justificar esta mudança de tratamento, que Garrett achava disparatada, eram, primeiro, o facto de as pessoas como ele, que detestavam os contactos sociais e os evitavam até, que não evoluíam à vontade no meio dos seus semelhantes, colherem grandes benefícios com este género de terapêutica.

Além disto, Garrett também foi informado de que a sua hostilidade perante o psicanalista (a quem estendia a antiga má vontade que tinha ao pai, que a mãe adorava e a quem dedicava todo o seu tempo), tornava as relações individuais de médico para doente muito difíceis.

Garrett veio a saber que, integrado num grupo que padecia das mesmas ansiedades e perturbações, a sua hostilidade viria a modificar-se, e poder-se-iam obter alguns resultados. O psicanalista de Pasadena aconselhara então o Dr. Keller, de Los Angeles, como sendo o homem mais competente no assunto. E assim, depois de uma semana de hesitações, Garrett entrara para aquele grupo.

Após alguns meses de psicoterapia em conjunto, apesar da vergonha de se confessar em público e da frustração ocasionada por ter de disputar aos outros o tempo, a atenção e o aplauso do Dr.

Keller, a compressão da cabeça tornara-se-lhe menos frequente, desaparecendo até, por vezes, durante vários dias. Porém, a origem das dores de cabeça continuava a ser para ele um mistério. A despeito das ocasionais afirmações em contrário do Dr. Keller, Garrett continuava convencido de que esse mal-estar começara a perturbar-lhe a vida ao mesmo tempo que nela entrara o Dr. Carlo Farelli.

A verdade é que, antes do aparecimento de Farelli, John Garrett atingira o zénite do orgulho, a plenitude de uma felicidade que jamais sonhara alcançar. Enquanto divagava agora no consultório do Dr. Keller, não sentia dificuldade em recapitular o passado recente, evocando os acontecimentos que o haviam conduzido ao triunfo e aquele último facto que marcara o seu declínio e a sua queda. Bastava premir um botão da memória, e tudo se fazia presente...

Não ignorava que fora durante muito tempo (agora bem podia ser franco consigo próprio) uma espécie de burro de carga, um trabalhador anónimo, incharacterístico e igual a tantos outros, no Centro Médico Rosenthal de Pasadena. Possuía os diplomas e os conhecimentos técnicos que lhe haviam permitido conquistar esses diplomas, mas não tinha uma mentalidade imaginativa nem criadora.

Não era nenhuma águia. Todos os seus colegas concordariam que o melhor epitáfio para ele seria o seguinte: COMPETENTE.

No entanto, por qualquer razão emocional, começou a interessar-se 45

por uma fase dramática da Medicina aquela que se relacionava com a transplantação dos tecidos, a técnica de substituir, no corpo humano, as partes que faltavam ou se encontravam degeneradas por outras indemnes. Depois de se ter debruçado sobre montes de velhas

revistas de medicina, Garrett ficou sabendo que o assunto não era novo. Há quase dois mil anos, um cirurgião hindu, Susruta, empregara a pele da face para fazer narizes novos aos seus pacientes. Mais recentemente, em 1870, para ser exacto, o Dr. J. L. Reverdin, de Paris, dera início aos modernos enxertos de pele. Nos princípios do século XX, o Dr. Charles Guthrie, de St. Louis, enxertara com êxito uma cabeça de cão num outro animal da mesma espécie, fabricando assim um bicho de duas cabeças.

No calor dos primeiros entusiasmos, pareceu a Garrett que tudo seria possível neste campo. Mas só depois de passar das simples leituras para as experiências compreendeu bem a natureza dos obstáculos que impediam os progressos em tal matéria. Esses obstáculos não diziam respeito à cirurgia, cujo adiantamento técnico permitia já a substituição de um órgão velho e moribundo por um outro novo e vivo. O óbice era de natureza bioquímica. Como defesa contra os germes, o corpo humano criava uma barreira imunológica que não'

só impedia a invasão da doença como também destruía os novos tecidos que podiam ser úteis.

Uma vez senhor do problema, Garrett dedicou cada vez mais energias e tempo a estudá-lo. Em sentido figurado, foi como se Saralee ficasse viúva e os filhos órfãos, de tal modo se entregava ao trabalho. Ao passo que os colegas se davam por satisfeitos com oito horas de investigação, Garrett não se contentava com menos de doze, catorze, ou até dezasseis. O laboratório médico tornou-se para ele o Santa Maria, o Pinta e o Nina', reunidos num só, e ele estava tão obcecado pela sua aventura como o almirante daqueles três navios.

Não tardou que a reacção do corpo humano ou o mecanismo da imunidade deixassem de ter segredos para ele. Tratava-se do sistema retículo-endotetial, formado pelos anticorpos e por poderosas células brancas conhecidas por linfócitos que faziam parte do sangue e

protegiam o homem, matando as bactérias, os vírus e, bem assim, todas as células estranhas que entrassem no corpo humano. Este processo de rejeição protegia o organismo, mas Garrett passou a considerá-lo como um inimigo pessoal, pois sucedia que, se, por um lado, essa recusa do organismo inutilizava as células das doenças, por outro também assassinava as novas células saudáveis, visto não distinguir a diferença que havia entre ambas. A dificuldade era esta. Se um homem morria por falta de novos rins, ou de coração, de pulmões ou de um pedaço de intestino, não se lhe poderia enxertar um novo órgão 1 Nomes dos três barcos que compunham a frota em que Fernão de Magalhães deu a volta ao mundo.

46

vital para substituir o velho por causa do processo de rejeição, que, combatendo o tecido estranho, o acabaria por matar, e, com ele, o paciente.

Este processo tornou-se o objectivo número um de Garrett. E o que lhe alimentava as esperanças eram as excepções à regra. Durante o trabalho de rotina feito em conjunto com os colegas, no Centro Médico, verificou que a transplantação de bocados de artéria, de secções de ossos, da córnea dos olhos, tudo se tornava realizável e nada tinha a ver com o processo de rejeição. Uma nova córnea podia sobreviver, visto que os anticorpos e as combativas células brancas não a atingiam. Quanto ao enxerto de vasos sanguíneos e de ossos, esses não tinham necessidade de resistir por muito tempo, visto só servirem como uma espécie de forma, até que se formasse o novo tecido.

O que interessava sobretudo Garrett era outra excepção a este processo de rejeição. Havia casos felizes de enxertos realizados entre gémeos. Univitelinos, quimicamente dois gémeos nestas condições são uma só pessoa. Saíram de um único óvulo fecundado pelo mesmo espermatozóide. Os tecidos de ambos não são estranhos um ao outro.

O rim de um gêmeo pode ser enxertado no seu irmão doente e o organismo deste tolerá-lo-á porque o processo de rejeição não notará a diferença e não o repelirá. Mas, desde que essa mesma transplantação seja tentada em seres humanos não idênticos, o rim ou qualquer outro órgão virá a morrer.

No ano de 1958, em Boston, tentou-se, num caso desesperado, efectuar uma dessas arriscadas transplantações. Uma rapariga do Ohio perdera o seu único rim e estava à morte. Corajosa equipa de médicos extraiu o rim são de uma criança de quatro anos e enxertou-o na rapariga. A fim de combater o processo de rejeição, os médicos sujeitaram a paciente a fortíssimos tratamentos de raios X. A jovem viveu vinte e oito dias. O processo de rejeição fora realmente neutralizado, porém a dose de raios X tinha sido fatal.

Durante um breve período, Garrett sentiu-se desanimado. Mas surgiu entretanto uma nova esperança. Sir Mac Farlane Burnet, da Austrália, e o Dr. Peter B. Medawar, da Inglaterra, provaram que o processo de rejeição poderia ser treinado e admitir o enxerto de tecidos de outro ser, em determinadas circunstâncias. Experiências com roedores provaram que, se um embrião de rato fosse inoculado com células de um rato diferente, mais tarde, quando o embrião se tornasse adulto, poderia aceitar enxertos de pele do mesmo doador sem os rejeitar. Burnet e Medawar ganharam com esta descoberta o Prêmio Nobel de 1960. E logo John Garrett, juntamente com outros colegas do mesmo ramo de investigações, se sentiram animados a acreditar que em breve seria possível fazer-se um enxerto de pernas, rins, pulmões e coração.

47

Durante este período optimista, o Dr. Robert A. Good, da Universidade de Minesota, dizia: «Embora sejam necessárias muitas mais investigações básicas, o primeiro enxerto de um órgão entre seres humanos não identificados poderá possivelmente realizar-se amanhã já, por qualquer de nós que tenha sorte.» E Garrett, certa

noite, deitado na cama ao lado de Saralee, dizia-lhe: « Eu acredito nisso. Acredito absolutamente nisso. E serei o primeiro a fazê-lo... com um coração vivo.»

Os dias passavam, e ele nem dava pelas datas do mês ou da semana.

Vivia numa perfeita dobadura. Isolava-se do mundo e dos colegas, pois não tinha tempo para conversas ou para repousar. combatia sozinho o inimigo, tentando encontrar uma arma capaz de vencer a barreira imunológica, o processo de rejeição. Tentou doses maciças de raios X, tentou esteróides com nitrogénio. Nada resultou. Quer fossem ligeiras ou drásticas as modificações que obtinha, embora estas armas neutralizassem a rejeição do organismo, destruíam ao mesmo tempo a produção das células brancas, despojavam o corpo da imunidade à doença, matavam por outros processos aquilo que ele se empenhava em salvar a todo o transe. Os limites do problema permaneciam tão latos como no início; descobrir um tratamento ou soro com efeitos selectivos que não destruísse todos os mecanismos de reacção e imunidade, que neutralizasse aquele elemento desconhecido que rejeitava um enxerto exterior e deixasse intacta a protecção do organismo contra a doença.

A certa altura, preso naquele labirinto inextricável, Garrett tentou rodear a dificuldade. Julgou então que poderia cortar as voltas ao processo de rejeição, se acaso conseguisse inventar um coração artificial de matéria plástica susceptível de ser instalado dentro da cavidade torácica sem que o organismo o repudiasse, uma vez que, mediante tal processo, a reacção não se produziria. Esta ideia entusiasmou-o durante alguns meses. Um coração de plástico que substituísse, no corpo humano, o órgão natural gasto ou deteriorado, propiciaria ao seu dono um prolongamento da vida.

Estudou metodicamente os corações mecânicos já inventados, que iam desde a bomba cardíaca e do oxigenador criado pelo Dr. Clarence Dennis, em 1951, a uma bomba de duas câmaras movida

por baterias (esta mantivera um cão vivo durante nove horas), inventada por uma equipa da Universidade do Ilinóis. Garrett apercebia-se de que todos estes corações mecânicos possuíam um factor comum: funcionavam fora do corpo do paciente e tinham apenas como finalidade conservá-lo vivo durante uma intervenção de cirurgia cardíaca. Aquilo que Garrett projectava era o mesmo aparelho, mas dentro do corpo, depois de tirado o coração natural, substituído pelo artificial, implantado exactamente no mesmo sítio: transplantação orthotropous, com poder exterior. Persistiam, no entanto, certos pontos de interrogação, 48

e um dos mais importantes era este: como conseguir que a bolsa de plástico continuasse a contrair-se e a descontrair-se sem descanso entre os dois pulmões, sempre sem descanso? Talvez esta incógnita viesse a resolver-se no futuro, decidiu Garrett, mas ele preferia contar com o presente, preferia mover-se na zona do provável.

Desconsolado, voltou ao labirinto. Tinha de encontrar a solução no campo de batalha onde o inimigo familiar, já tão seu conhecido, era representado pelo mecanismo de rejeição que impedia a transplantação de um coração vivo, tanto num animal como num ser humano. Abandonou os tratamentos de radiações, as mostardas nitrogénias e meteu-se por desvios desconhecidos. E foi então que a coisa surgiu e veio ao seu encontro, tão simples e naturalmente como quem acorda, caminha ou sorri.

Era de manhã. Estivera a trabalhar com os seus espécimes de laboratório: ratos, cães, vitelas, comparando, tomando repetidas notas, modificando, e então descobriu a nova substância que, segundo lhe parecia... sim, era claro, mais do que evidente... neutralizaria o processo de rejeição, mas que, ao mesmo tempo, não destruía a imunidade.

Durante uma semana inteira, Saralee e as crianças nada souberam dele, a não ser pelo telefone. E no fim dessa semana tinha quase a certeza de haver triunfado. Possuía um soro o soro e, com

uma simplicidade e uma espontaneidade lincolnianas, baptizou-o com o nome de Substância Anti-Reactiva S.

Uma vez conseguido o soro e tendo-o experimentado em mamíferos primários, não ainda em seres humanos, começou a dedicar-se com igual aplicação ao estudo técnico dos enxertos de órgãos. Considerou todos os aspectos do enxerto humano um órgão transplantado de um homem para outro homem e rejeitou esse caminho por demasiado perfeito para começar. Era mais lógico, mais provável e os seus ratos irrequietos, os seus cães pacíficos e os seus macacos bem o provavam o hetero-enxerto, ou seja a transplantação do coração de um animal para um homem. Seguiram-se meses febris, e escolhera por fim o coração de uma vitela, um animal com o peso que poderia ter um doente normal, por se lhe afigurar a esperiência que mais probabilidades teria de êxito.

Já por duas vezes havia enxertado corações de vitelas em cães.

Um deles morrera e o outro vivera ainda algum tempo. Fez mais modificações no soro e na técnica cirúrgica e, durante uma escura e feia noite de Inverno, em Pasadena (já telefonara a Saralee para lhe dizer que não ia jantar nem esperasse por ele), preparava-se para realizar a terceira transplantação de um coração de vitela para a cavidade torácica de um cão enorme. Agora já tinha ajudantes e às oito da noite tudo se achava pronto. O coração da vitela estava a congelar.

O cão fora injectado com a Substância Anti-Reactiva S e encontrava-se já ligado ao aparelho de circulação extracorporal. Só restava exe-49

cutar a melindrosa operação cirúrgica. Mas essa, Garrett não chegou a realizá-la, pelo menos no cão.

À mesma hora, noutra sala do Centro Médico, entrava de urgência um velho condutor de camião (que mais tarde foi popularizado pelas revistas científicas com o nome de Henry M.), vítima de uma grave oclusão das coronárias. No meio da operação

de emergência, o coração começou a falhar e não havia esperança de que o doente resistisse. Durante esses minutos terríveis e em consequência da influência do cirurgião principal (grande admirador de Garrett) junto da desolada família do doente, John Garrett resolveu tentar transplantar o coração da vitela para este peito humano inesperadamente vago, em lugar de fazer a experiência no cão. A responsabilidade era enorme. Garrett nunca aplicara até então a Substância Anti-Reactiva S num ser humano, e muito menos ainda tentara fazer um hetero-enxerto.

Mas nesta altura sentia-se possuído por uma confiança fanática na sua descoberta, só parcialmente ainda comprovada. O

ímpeto nervoso que o levava a tentar a experiência num cão transferira-se agora automaticamente para o motorista inconsciente. Para Garrett, tanto fazia que o monte de tecidos estendido agora na mesa à sua frente fosse um homem ou um bicho. A sua consciência residia apenas nos dedos. Henry M., já com um pé na sepultura, foi injectado com a Substância Anti-Reactiva S. Ligaram-no ao aparelho de circulação extracorporal. Deu-se início à intervenção. O hetero-enxerto, com toda a sua complexidade, foi executado de maneira rápida e eficiente.

Mas a questão de se saber se o doente resistira ou não continuava em aberto.

Depois de retirados os tubos e os cateteres, o pensamento de Garrett recuou para a lembrança de um caso que lera em tempos nos jornais. Em 1934, o médico russo Dr. S. S. Briukhonenko aplicara um coração e um pulmão artificiais a um suicida que se enforcara e o aparelho fizera voltar o paciente à vida. Abrira os olhos, fitara o médico e o grupo que o rodeava e depois voltara a fechá-los para todo o sempre. Embora este caso fosse diverso, pois dispunha agora do soro e o coração transplantado pertencia a um mamífero, Garrett temia um resultado idêntico quando Henry M., pela madrugada,

abriu os olhos e exprimiu, primeiro, o seu espanto depois, a sua gratidão.

Mas os olhos do homem permaneceram abertos e, a partir daí, passou a viver com o seu valente coração de vitela, sem ter sofrido os efeitos do processo de rejeição. Foi assim que, nos círculos médicos e depois na imprensa, Garrett passou a representar Jesus que ressuscitara Lázaro de entre os mortos.

Decorridos poucos meses, Garrett viria a saber que, em vinte, apenas um doente cardíaco possuía sangue e tecidos de uma natureza capaz de suportar os efeitos do célebre soro que neutralizava o pró-

50

cesso de rejeição e permitia ao corpo aceitar uma transplantação total. No entanto, animado e apoiado pelo caso de Henry M., Garrett, conseguiu com êxito enxertar corações em mais dezassete seres humanos, cujo sangue e tecidos haviam sido previamente analisados com o máximo cuidado. Todos eles escaparam. O significado disto era fantástico.

Quando Garrett leu o seu comunicado definitivo diante da Associação Cirúrgica Ocidental de Denver, foi aclamado por todos os cientistas do mundo. A despeito das limitações da sua descoberta, todos pareciam convencidos de que fora dado um passo gigante em prol da longevidade, ou talvez mesmo da imortalidade. Era como se, nesse mesmo dia, Ponce de Leon tivesse de facto descoberto a Fonte da Juventude e engarrafado as suas águas. De um anónimo qualquer habitado por um sonho louco, John Garrett passara à categoria de salvador da humanidade. Conservou esta insólita posição durante exactamente dez dias. No décimo, pediram-lhe que se afastasse. Havia outro indivíduo com direito a ocupar ao seu lado o lugar de honra.

Os serviços telegráficos da América trouxeram de Roma a notícia de uma história longa e dramática, que os jornais americanos

estamparam na primeira página. Ao que parecia, o Dr. Carlo Farelli, eminente médico italiano, acabava de publicar um brilhante comunicado que demonstrava e provava a mesma descoberta feita por Garrett. Farelli lograra obter também um soro de características semelhantes à Substância Anti-Reactiva S, que tornava possível a realização de um hetero-enxerto.

Graças a ele, conseguira salvar vinte e duas pessoas de várias nacionalidades italianas, suíças, austríacas enxertando-lhes corações de animais mamíferos.

De um dia para o outro, os Lázaros haviam-se multiplicado e passara a haver dois Jesus.

O mundo rejubilava e John Garrett sentia-se confundido. A sua celebridade, conquanto não fosse menos sólida do que até ali, parecia-lhe ofuscada pelo facto de ter de partilhar com outro a sua glória.

Os colegas estrangeiros, que desejavam trabalhar no mesmo campo de investigações, pediam elementos não só a Garrett, mas também a Farelli. A imprensa referia-se no mesmo plano aos dois, e o italiano era citado mais frequentemente, pois revelara-se tão bom actor como cientista e achava-se por isso em melhores condições do que Garrett, que era muito retraído, para comunicar as suas ideias aos leigos.

Alguns meses depois do aparecimento de Farelli, principiaram as dores de cabeça de John Garrett.

E, pensava ele agora, ali estava mais uma vez, consciente do que o rodeava, a dar-se conta de que a libidinosa e interminável história de Mrs. Zane estava a terminar.

Até que, por fim, adormeceu dizia ela com a voz já rouca.

Mas estão vocês a ver, duas vezes numa só noite? Na verdade, 51 eu não me importo; ainda não estou assim tão velha como isso, mas, quando se tem de tratar de cinco crianças durante o dia inteiro...

tudo tem os seus limites. Por fim, vesti-me e apanhei um táxi, mas era mais de meia-noite quando acabei finalmente de lavar a louça e fazer a cama de lavado à Joanie, porque ela ainda molha os lençóis.

Só então adormeci. O que eu queria dizer é que já não posso mais.

E penso que sou a mulher mais depravada do mundo.

Proferiu as últimas palavras com uma voz arrastada e recostou-se na cadeira, já liberta da sórdida história das suas infidelidades e com as feições em repouso, como se se sentisse tranquila.

Há-de encontrar o seu caminho. Mrs. Zane murmurou o Dr. Keller, enquanto lançava cuidadosamente algumas notas na agenda aberta à sua frente. A senhora está muito mais adiantada do que supõe.

Ergueu os olhos por baixo das sobrancelhas espessas, enquanto o peito forte se erguia e baixava com a respiração, e fixou o grupo.

Parecia que havia terminado a atracção principal e ninguém queria prosseguir com um acto menos interessante.

John Garrett verificou que seria agora ou nunca. Ergueu a mão direita, em parte como um aluno envergonhado. O Dr. Keller reparou no gesto e acenou com a cabeça.

Bem, parece-me que tenho um assunto bastante urgente declarou Garrett. Fez uma vénia cerimoniosa a Mrs. Zane, que lhe ficava ao lado. Talvez ele não seja tão... tão palpitante, tão absorvente como aquele que acabámos de escutar, mas para mim é importante.

Os seus olhos encontraram de novo os do psicanalista. Como sabem, tenho de fazer um discurso esta noite, no United Fórum.

Dizem-me que vai estar a sala à cunha e que os jornalistas estarão presentes. É para mim uma oportunidade única de ser ouvido e de expor o que penso acerca do meu problema. Escrevi um novo discurso, como já lhes disse que faria. Mas a dúvida persiste: deverei

lê-lo e dizer o que tenho para dizer? Ou continuarei com o meu antigo tema: «Hipocrates e o coração humano»? Que dizem vocês?

Acho que a decisão não me compete a mim declarou imediatamente o Dr. Keller. Você já está familiarizado com o processo analítico. Se sou eu a decidir, você nada ganhará com isso. Tem de aprender a tomar as resoluções por si, a chegar a uma conclusão sem o auxílio de ninguém.

Garrett cerrou o sobrolho, pois considerava aquilo uma repreensão, embora soubesse que o não era. O psiquiatra afirmava constantemente que as pessoas deviam aprender a conhecer-se sozinhas. Ele era apenas o guia, o agente catalítico, por vezes o intérprete. Dissera uma vez que lhe acontecia com frequência ficar inteirado do problema de um doente após duas ou três visitas. Mas este conhecimento não tinha valor nenhum para o doente, a não ser que chegasse sozinho 52

à mesma conclusão. Ele dificultava o caminho, mas no fim tornava a cura mais profunda e duradoura.

Parece-me que já decidi declarou Garrett. Julgo mesmo que já tinha resolvido antes de para aqui vir. Mas queria ouvir primeiro a vossa opinião. Fez uma pausa. Resolvi fazer o novo discurso. Vou dar cabo do Farelli.

Olhou para a direita e para a esquerda, depois para o Dr. Keller, em busca de um sinal de aprovação. Via-os todos interessados na sua decisão, mas ninguém o apoiava.

Sim prosseguiu, tomando aquele silêncio como um encorajamento, acho que tenho de proceder assim. Fiz uma descoberta.

Realizei uma coisa importante, sozinho, completamente só. E não acho que deva perder metade das honras em proveito de um Cagliostro qualquer, estrangeiro, que resolveu cometer um acto de pirataria e plagiar-me.

Tem a certeza de que o doutor Farelli resolveu... como você diz, cometer um acto de pirataria e plagiá-lo? interrogou suavemente o Dr. Keller.

Tenho provas. Circunstanciais, é certo. Mas os tribunais muitas vezes condenam um homem por menos. Como já aqui disse por várias vezes, eu tinha ouvido falar vagamente neste doutor Farelli, mas nada sabia de concreto a seu respeito. Ele nunca publicou nada, até fazer sair esta cópia tirada a papel químico sim, mais ou menos isso do meu trabalho. Estou informado de que ele é mais um divulgador da ciência do que um verdadeiro cientista. A sua grande descoberta foi arranjar novas maneiras de se vender a si próprio. Oh, sim!

Descobriu um soro anti-reactivo semelhante ao meu e efectuou todos esses hetero-enxertos de que se orgulha. Tudo isso se provou. Mas agora o que se pergunta é o seguinte: como chegou ele à sua descoberta?

Já vos digo. Estou ciente de que leu todos os meus estudos publicados, isto é, os relatórios das minhas investigações, desde o princípio. Além disso, os cientistas europeus que visitaram diversas vezes os meus laboratórios, em Pasadena, regressaram depois aos seus países e, inadvertidamente ou de propósito, revelaram-lhe com precisão a natureza dos meus objectivos e os processos que estava utilizando.

Vou dar-vos um exemplo. Nós inventámos a bomba atómica.

A seu tempo, a Rússia também poderia vir a inventar uma. Mas isso seria muito mais tarde. O que acelerou o trabalho deles foi o que transpareceu acerca dos nossos inventos por intermédio dos Rosenbergs, dos Fuchs e de tantos outros. Farelli deve ter feito o mesmo, ainda mais descaradamente, em relação ao meu trabalho: reunindo estes e aqueles elementos, apoderou-se da minha descoberta e, quando eu estava prestes a comunicá-la ao mundo, ele

apresenta a dele. Eu afirmo que isto não é justo, é imoral até, e que deve ser feita uma denúncia pública.

53

Dirigira-se ao Dr. Keller num tom violento, apaixonado, e ficara exausto. O psiquiatra, batendo devagarinho com o lápis sobre o mata-borrão, aproveitou a oportunidade para fazer o seu comentário.

Pode estar cheio de razão, doutor Garrett. Isso não sei. Mas não vejo onde estejam as provas contra o doutor Farelli. O senhor sabe, como todos nós, que as grandes descobertas científicas não se fazem de repente, de forma dramática, género Eureka! Acabo de fazer esta ou aquela descoberta! Isso pode acontecer, mas a maior parte das vezes só na televisão ou no cinema. As grandes invenções atingem-se, quase sempre, devagar, gradualmente. Durante anos e anos, dúzias de pessoas vão dando cada qual o seu contributo para elas, vão realizando descobertas de valor incalculável, até que, um dia, um homem ou um grupo de homens, aproveitando-se do passado, integram todas as peças num todo e o mundo inteiro contempla a invenção. Muitas vezes, você mesmo, aqui nesta sala, reconheceu o valor da ajuda que recebeu dos seus predecesores: Briukhonenko, Dennis e Clark, entre outros, pelo que respeita a assuntos cardíacos; Medawar, Burnet, Billingham, Brent, Owen, Merrill, Woodruff, o pioneiro Guthrie, Shumway, Kapzlan, Nossal e diversos ainda, que trabalharam em enxertos de tecidos e no estudo dos mecanismos reactivos. Você pôde consultar os relatórios desses cientistas. De certo modo, eles foram os seus colaboradores mudos, muito embora tenha sido você quem executou a grande e última tarefa. Não é admissível que o doutor Farelli, na Itália, tenha tido também a possibilidade de consultar os trabalhos desses homens, guiando-se por eles, como, aliás, você próprio o fez? Não acha?

Não, não, as coisas não se passaram assim respondeu vivamente o Dr. Garrett. Estava muito abalado, mas calmo, e agora pusera-se na

defensiva. Nunca me gabei de ter conseguido tudo sozinho, de não dever nada a ninguém. Sei muito bem o que devo aos outros. Acontece isso a todos. Mas o caso de Farelli é diferente.

A coincidência é flagrante e há muito quem concorde comigo. Se fosse um artista, seria apontado como um copiadador ou um plagiador e pô-lo-iam à margem. Não me parece justo que ele se tenha aproveitado do meu pensamento e, ainda por cima, o louvem por isso.

O Dr. Keller permaneceu calmo, mas estranhamente firme.

Desde que você começou a falar-nos da sua obcecação por causa do Farelli eu resolvi ler alguma coisa acerca da história da ciência.

Apenas para me informar. Sorriu para Mrs. Zane e para Mr. Lovato e acrescentou: Na verdade, sempre que sinto ser esse o meu dever e que tenho possibilidade, procedo de forma semelhante em relação aos casos que vos dizem respeito. Voltou-se de novo para Garrett: Repare na utilização da insulina na cura da diabetes. Foi uma grande descoberta. Em 1923, Fred Grandt Banting e John Mac Leod foram considerados os descobridores do processo e receberam

54
juntos o Prêmio Nobel. Quais os factos que estavam por detrás disto?

Desde 1901 que Sobolev trabalhava no mesmo sentido. Baseados nos seus trabalhos, Banting e Mac Leod, bem como C. H. Best e J. B. Collip, levaram mais longe as investigações. Já aqui temos cinco pessoas.

Em 1923, apenas dois destes receberam as honras e o dinheiro. Seria isto justo? Banting não foi dessa opinião. Ficou aborrecido por Mac Leod ter recebido metade dos aplausos e do prêmio, tanto mais que este não estava presente quando se realizou a experiência definitiva.

Para exprimir a sua desaprovação, Banting ofereceu metade do dinheiro a Best, que não fora distinguido. Como represália, Mac

Leod ofereceu também metade do seu dinheiro a Collip, a quem ninguém festejara. E de Sobolev ninguém falou. Bem, isto não é bem o seu caso, doutor Garrett, mas estou certo de que percebe onde eu pretendo chegar... quero dizer que a glória científica é um nó górdio...

Está a querer convencer-me a não fazer o meu discurso?

O Dr. Keller sacudiu a cabeça e torneou o obstáculo.

Não. Repito que a decisão é inteiramente sua. Eu estou apenas a tentar fazer-lhe ver as coisas. Você pode causar um escândalo internacional sem ter para isso provas suficientes. O meu desejo é que você seja o mais objectivo possível quanto ao caso Farelli e que não o utilize como um bode expiatório por motivos que podem conduzir-nos mais longe do que uma simples suspeita de plágio. Não confunda o Farelli com o seu pai, doutor Garrett.

O senhor, com isso, só consegue arranjar-me mais problemas...

Ainda bem respondeu calmamente o Dr. Keller O que eu quero é obrigá-lo a reflectir... a reflectir antes de tomar qualquer atitude.

Estou disposto a fazer esse discurso.

Então, óptimo!

Garrett, muito sentido, ficou silencioso e amuado. O Dr. Keller olhou em torno da sala. Adam Ring endireitou-se na cadeira de braços e começou a falar.

Quem me dera que o meu problema se limitasse a ter de meter um tipo na ordem. Cá por mim, adoro meter as pessoas na ordem.

As mulheres são feitas como você sabe e eu capaz de ir ao fim do mundo atrás delas. Mas estas americanas grandalhonas... Abanou a cabeça, apertou as mãos uma na outra e prosseguiu: Depois da nossa última sessão, doutor, fui ter com aquela pequena de Nova Iorque, de quem já lhe falei. Ela andava maluca comigo e escusado será dizer que eu também não dizia que não. Ao fim e ao cabo, ficámos os dois ali à pai Adão e o senhor adivinhou! resultados... nicles!

Se não fosse uma coisa tão estúpida, até dava vontade de rir!
Passadas duas horas com o rabo entre as pernas, fui outra vez bater a porta da tal cantora japonesa. com ela, estive formidável! Se quiser, pergunte-lho. Isto é um mistério, garanto-lhe, e acho que estas
nossas 55

sessões não estão a dar resultado nenhum. Mas lembrei-me agora de uma coisa que o senhor disse na semana passada. Falou-me daquela vez em que eu tinha aí os meus sete ou oito anos e que uma senhora velha., John Garrett mal ouvia a voz do actor. Sofria em silêncio com as palavras que o psiquiatra lhe dirigira e que ele tomava como uma censura. Continuava resolvido a fazer o discurso, mas, de momento, já não estava tão seguro de si. Tentou enumerar as suas razões de queixa contra Farelli. Por que motivo o perturbava tanto aquele cidadão romano, longínquo e desconhecido? Recordou-se imediatamente de uma coisa que Keller afirmara uma vez, e foi como se o iluminasse um raio de luz. A sua fúria não se dirigia só contra Farelli, mas também contra tudo o que ele representava. Garrett nunca possuía nada na vida que fosse exclusivamente seu. Tivera de partilhar a afeição dos pais com nove irmãos. Na Universidade, empatara com outro tipo nas eleições para tesoureiro da sua Faculdade e tinham acabado por desempenhar o cargo a meias. A sua própria mulher, Saralee, fora casada com outro antes dele. E quando tivera uma inspiração de génio poderia esperar outros momentos iguais na vida?

quando isto lhe acontecera, logo havia de vir um ladrão qualquer lá da Itália estragar a sua grande proeza. E como golpe de misericórdia, no momento em que precisava de alguém que o ajudasse, obrigavam-no a tomar parte num grupo de psicoterapia colectiva. Mais uma vez, e como sempre, não era ali considerado como um todo: fazia parte do grupo. O que menos lhe importava ainda assim era ter de se auto-analisar diante dos outros. Enfurecia-se sobretudo contra Farelli, símbolo da falta de identidade de

Garrett. Consideravam-no um meio homem, e isto era uma injustiça. Mas desta vez, reflectia, não se submeteria nem se deixaria vencer. Lutaria para conquistar a sua identidade e as honras que lhe eram devidas.

Veio interromper-lhe as cogitações a voz clara e grave do Dr. Keller: Estamos na hora. Foi uma sessão proveitosa, esta. Espero vê-los aqui de novo na próxima semana.

Os outros estavam já de pé, a despedir-se. Garrett foi o último a levantar-se e seguiu-os para fora da porta. No momento de partir, ouviu tocar o telefone do Dr. Keller. Acontecia isso sempre no fim da sessão. Ao que parece, era a essa hora que o seu serviço de consultas orais lhe dava os recados deixados para ele, assuntos esses que o Dr. Keller resolvia nos dez minutos livres que tinha diante de si.

Lá fora, no passeio, os componentes do grupo despediam-se uns dos outros. Mr. Lovato, Zane e Miss Dudzinski permaneciam juntos, a dizer adeus aos outros. Depois, como era seu costume e contrariamente aos conselhos do Dr. Keller, percorriam juntos todo o quarteirão e iam sentar-se em grupo na cafeteria a tomar café e a 56 comer bolos, enquanto prosseguiam, em conjunto, as respectivas autópsias. Mrs. Perrin corria a apanhar o autocarro, pois ainda não estava suficientemente curada para tomar o táxi que as suas finanças lhe permitiam. Mr. Armstrong dirigia-se a pé para o seu desarrumado chalé de renda, a duas milhas de distância. Adam Ring tinha o seu magnífico Aston-Martm arrumado junto à borda do passeio.

Felicidades para logo à noite! gritou ele a Garrett. E mande o tipo àquela parte!

Embora a expressão o chocasse, o apoio do actor restituiu a Garrett o bom humor.

Igualmente! replicou, pois sabia que ele tinha uma mulata instalada num apartamento do Sunset Boulevard.

O actor enfiou-se no seu carro estrangeiro e partiu. Garrett caminhou vagarosamente até ao posto de gasolina.

Chegara à passagem e estava à espera que mudasse o sinal luminoso quando ouviu chamar pelo seu nome.

Eh! Doutor Garrett!

Voltou-se e avistou o Dr. Keller, a correr na sua direcção. Era um homem pesadão, sempre com ar sonolento, e vê-lo a mover-se constituía um caso estranho.

Quando o psiquiatra o alcançou, Garrett viu que o seu rosto parecia tão emocionado como um ponto de exclamação.

A sua mulher está ao telefone exclamou, ofegante. Tem uma notícia estupenda para lhe dar. Parece que você ganhou o Prémio Nobel da Medicina!

Garrett deixou que as palavras lhe penetrassem bem no cérebro e recebeu o choque com toda a naturalidade, quase sem surpresa, pois havia muito tempo que imaginava um momento como este. Mas de súbito a excitação tomou posse dele e começou a sentir as faces afogueadas, a pele dos braços arrepiada.

Tem a certeza? perguntou, incrédulo.

Absoluta. A sua mulher tem lá o telegrama da Embaixada da Suécia. Estendeu-lhe a mão papuda. Dá-me licença que o felicite em primeiro lugar?

Garrett pegou molemente na mão do psiquiatra e largou-a logo.

Não sei o que hei-de pensar. Que quer isto dizer?

Que a sua descoberta foi oficialmente reconhecida. Tem a celebridade assegurada.

O Prémio Nobel disse como quem fala sozinho, a saborear as palavras.

A sua mulher está ao telefone, não desligou, quer falar-lhe.

Voltaram para trás, a abrir caminho por entre as pessoas que andavam às compras. Enquanto subia mais uma vez as escadas do

edifício, Garrett começou a raciocinar acerca do significado daquele prêmio.

Consistia em dinheiro, sim, e numa viagem, também, mas, acima de 57

tudo, havia o facto de o valor da sua descoberta ser reconhecido internacionalmente.

Farelli ia, pela primeira vez, ficar batido. Ao fim e ao cabo, era ele quem ia receber, inteira e exclusivamente, a honra que merecia. Sentia um amor sem limites por aqueles suecos anónimos, suficientemente inteligentes para descortinarem a verdade e revelá-la ao mundo.

Uma vez lá em cima, o Dr. Keller empurrou Garrett para dentro do seu gabinete, enquanto ele próprio ficava discretamente no consultório, a fumar.

Garrett correu para a secretária e aproximou o auscultador do ouvido.

Saralee?

Querido! Não é estupendo?

A voz dela, habitualmente bem modulada e suave, tinha agora um tom agudo, que não era normal.

Não poderá haver engano?

Não! Está aqui escrito! Telefonaram dos Correios e eu pensei que podia ser partida, por isso pedi que mandassem o telegrama escrito. Eles mandaram-no logo e tenho-o aqui. Tentei telefonar-te, mas do consultório do doutor Keller não quiseram chamar-te senão há bocado. Não pode haver dúvidas! Já telefonaram dois jornalistas de Los Angeles...

Lê-me o telegrama.

Ela, pelos vistos, tinha-o na mão, porque o leu imediatamente.

Garrett escutava, mudo, e, no fim, pediu-lhe que o lesse outra vez, mais devagar.

Quando ela acabou, disse: Temos de ir a Estocolmo. Mas por causa das crianças... não sei como há-de ser...

Deixamo-las com a tia Mae. John, não achas estupendo? Tenho sonhado com isto tantas vezes, mas nunca me atrevi a dizer-to. Tu bem o mereces. Fizeram-te finalmente justiça, de uma maneira definitiva.

Deram-te o Prêmio Nobel...

Pois...

O Dean Filbric telefonou. A Faculdade e toda a gente lá dos serviços já foram informados. Querem fazer-te uma homenagem logo à noite, uma coisa espontânea, depois de acabares o discurso...

Garrett já nem se lembrava do discurso. Esforçou-se por concentrar nele o pensamento. E de novo ouviu a voz de Saralee: Espera um momento. Estão a tocar à porta.

Deixa lá...

Mas ela já se tinha afastado. Garrett conservou o telefone na mão e ficou a saborear interiormente o triunfo. Nunca na sua vida tornaria a viver um dia igual àquele, que lhe pertencesse tão exclusivamente, tão completamente.

58

Saralee voltou ao telefone.

Era outro telegrama... Ele ouvia-a rasgar o papel enquanto o abria, depois uma pausa, em seguida a voz dela, num tom de curiosidade'

Vem da Itália... de Roma. E calou-se.

De quem é? perguntou ele em voz alta, a chamá-la.

Vou ler. «Acabo de ser informado pela Embaixada da Suécia de que nos foi concedido a ambos o Prêmio Nobel da Medicina. Sinto-me orgulhoso por o nosso trabalho ter sido apreciado e estou duplamente honrado por receber o prêmio juntamente com um colega americano que admiro. Peço que aceite as minhas sinceras felicitações.

Estou ansioso por me encontrar com o colega em Estocolmo. Felicidade.

Assinado: Carlo Farelli.»

Garrett permaneceu imóvel. Já não sentia cólera nem fúria, apenas um invencível sentimento de derrota naquele momento que devia ser de vitória. A sua frustração não se podia traduzir por palavras. Sabia finalmente que teria de ficar ligado àquele maldito italiano para toda a vida e para além dela. Veio-lhe à memória o exemplo do basebol da sua mocidade: a imortal combinação de jogo de Tinker para Evers e para Chance. Tinker e Evers odiavam-se e não falavam um com o outro, mas eram obrigados a prosseguir a cooperar publicamente em boa harmonia, perante o mundo inteiro, na sua vida profissional.

A voz de Saralee chegou-lhe muito ténue, através do auscultador: John, isto não pode estragar nada...

Não, dizia ele consigo. Isto não vinha estragar nada. Iria a Estocolmo, gozaria o seu momento de triunfo partido ao meio, enfrentaria Farelli e tornaria esse momento só seu. De certo modo, o Comité do Prémio Nobel e o mundo inteiro ficariam a saber quem era o génio e quem era o usurpador. Mas agora, não, decidiu por fim. Não iria estragar uma noite como aquela.

Suspirou, já não se punha a hipótese de proferir o novo discurso.

Aquela noite, iria mais uma vez tratar o tema «Hipócrates e o coração humano». Mas no mês seguinte, em Estocolmo, o caso seria diferente, estava certo disso...

Eram precisamente 16.30 de uma tarde fria, quando o telegrama da Embaixada da Suécia em Washington foi recebido naquilo que fora outrora um armazém de quinquilharias, contíguo ao jornal Weekly Independent, e que funcionava agora como posto de telégrafo, na aldeia de Miller's Dam, no Wisconsin.

Mas isto passara-se havia quarenta e cinco minutos e a mensagem, juntamente com outras mais, continuava na máquina

automática, sem ter sido ainda vista por nenhuns olhos humanos nem tocada pela mão de ninguém.

A única funcionária da estação, durante as oito horas de serviço,
59

era Eldora Fleischer, uma pequena de dezoito anos, filha de um lavrador da terra, que habitualmente gastava essas horas a ler os folhetins dos jornais ou revistas de cinema, ou então a sonhar que fazia um sucesso em Milwaukee ou em Chicago, onde um rico e principesco conquistador a descobria, persuadindo-a a fugir com ele. Outras vezes, os seus sonhos revestiam-se de uma forma mais prática, e era ele que entrava ali, no posto do telégrafo, muito aborrecido. O seu carro tivera uma avaria e ele, retido naquela terreola, precisava de mandar um telegrama talvez ao governador ou a qualquer outra pessoa importante.

Era um sujeito rico, elegante, jovem, belo, e logo que viu Eldora já não pensou mais em mandar o telegrama. Inflamara-o um amor à primeira vista e pedira-lhe imediatamente a mão. A princípio reservada e altiva, Eldora acabava por se deixar convencer. Por fim, seguiam ambos no «espada» (já consertado àquelas horas), e este rapto causava o espanto até das realezas do Velho Mundo. A fim de estar sempre preparada para o caso de este sonho se tornar realidade, Eldora enfeitava-se semp're para representar o seu papel. Os cabelos compridos acabados de oxigenar, o creme habilmente espalhado no rosto, o pó de arroz compacto, tudo se achava a postos para enfrentar as câmaras dos fotógrafos. Levava para o trabalho os seus vestidos melhores, mais justos e mais transparentes, mesmo nos dias frios, e os seus decotes eram sempre bastante ousados. Baixinha, de pele leitosa, viva, do tipo afrodisíaco, Eldora ia trabalhando e esperando com toda a paciência.

Porém, naquela tarde, às 16.15, estava já farta de esperar. Na semana anterior travara conhecimento com um rapaz que estava de novo na terra. Possuía uns cabelos ondulados, a sua cara não

deixava de ser simpática, apesar das borbulhas, e era bastante alto. Vivera antes em Beloit, uma grande cidade, comparada com esta, e contava vinte e dois anos; uma boa idade, era já um homem maduro. Trabalhava como caixeiro numa mercearia, mas as suas aspirações subiam mais alto. O nome próprio dele era Roger e tinha um apelido impossível de pronunciar. Para Eldora, a importância do rapaz residia nisto: a primeira vez que o vira sentira-se percorrida por um formigueiro e gostava da sensação.

Às 16.15, acabava ele de entrar no telégrafo, visto ser aquele o seu dia de folga. Começara por dizer uma série de brincadeiras, realmente com espírito, e acabara por oferecer um cigarro a Eldora. Esta, que nunca fumara em público, com receio de ser vista por algum dos amigos do pai, baptistas convictos, alvitrou que fossem para o quartinho de arrumação que ficava nas traseiras. O telégrafo acabava de ter pouco movimento àquela hora e, se viesse alguém, tocaria a campainha e Eldora ouviria.

Eram agora 17.15, e Eldora continuava ainda no quartinho de arrumação na companhia de Roger. Ela fumara dois cigarros e ele três, 60

sem que a campainha os tivesse perturbado ainda. Conversaram e o rapaz agora sentara-a nos joelhos, balouçando-se perigosamente na cadeira giratória. Beijara-a no pescoço e na covinha entre os seios, a ponto de ela julgar que ia morrer de prazer.

A rapariga saltou-lhe do colo e correu para a porta, que fechou por dentro à chave. Assim não poderia ouvir a campainha, mas arranjará uma desculpa se alguém fizesse queixa, e, fosse como fosse, queria lá saber! Voltou logo a instalar-se no colo de Roger e fechou os olhos. Ele tornou-se mais atrevido.

Eldora continuava de olhos fechados.

Roger murmurou. Podes fazer isso, mas nada mais!

Oh, querida...

Ela abriu os olhos.

Estou a falar a sério, Roger. Eu sou uma rapariga séria...

Está bem, amor...

Beijou-a na nuca e a rapariga fechou de novo os olhos e apertou-se de encontro a ele.

Nenhum deles ouviu a campainha.

Quem abriera a porta e tocara fora Jake Binninger, um repórter míope, estouvado, vivo, que era também o revisor e o encarregado de angariar anúncios e de ir buscar os telegramas das notícias para o Weekly Independent, que tinha a sua redacção na porta ao lado do telégrafo.

O homenzinho apresentava sempre um ar frenético, mas, desta vez, parecia haver-se criado uma nova dimensão ao seu entusiasmo. Transportava na mão uma tira de papel de teletipo, com notícias acabadas de transmitir por uma agência nacional. Procurou com os olhos Eldora e não a viu.

Eldora?

Não obteve resposta. Calculou que tivesse ido tomar uma chávena de café. No entanto, estava resolvido a não sair dali sem a confirmação da incrível notícia que trazia consigo. Segundo esta, a mensagem fora enviada para Miller's Dam por telegrama. Devia encontrar-se ali uma cópia dele. Jake Binninger queria a confirmação. Nunca sucedera nada de tão importante a alguém de Miller's Dam depois do crime de Pike Creeke, já lá iam dez anos. E, se a notícia fosse exacta, ele queria saber concretamente o teor do telegrama.

Deu volta à secretária e encontrou a lista das mensagens recebidas naquele dia (eram apenas seis), mas não viu o que lhe interessava.

Depois, quando já se ia embora, lembrou-se de ir ler as mensagens que ainda estavam na máquina.

Descobriu-a imediatamente, soltou uma exclamação de prazer, puxou rapidamente de papel e lápis e copiou as palavras no fundo

da notícia do teletipo que levava na mão: 61

Como prêmio da sua valiosa e significativa obra em prol dos ideais humanitários e como recompensa especial pelos seus romances épicos o Estado Perfeito e Armageddon a fundação Nobel de Estocolmo por intermédio da Real Academia da Suécia tem o prazer de o informar de que lhe foi atribuído o Prêmio Nobel da Literatura Stop O prêmio constará de uma medalha de ouro e de um cheque de cinquenta mil e trezentos dólares Stop A cerimónia da entrega realizar-se-á em Estocolmo a dez de Dezembro Stop Seguem-se pormenores Stop Sinceras felicitações Stop A mensagem vinha dirigida a Mr. Andrew Craig Wheaton Road setenta e sete Miller's Dam Winsconsin...

Eram 17.20 e havia duas horas que os dois jogavam as cartas e bebiam quando Lucius Mack reparou que o companheiro estava mesmo a cair. Os longos dedos de Andrew Craig apertavam as cartas que segurava na mão, abertas em leque. com um cuidado excessivo, pousou-as sobre a mesa, voltadas para baixo, agarrou na garrafa para se servir do quinto whisky e despejou as últimas gotas que restavam, mas, ao fazê-lo, tombou ligeiramente o copo, de forma que caíram alguns pingos no tampo da mesa. Pousou a garrafa, ergueu o copo e contemplou pensativamente os dois dedos de álcool.

Lucius Mack percebeu que Craig estava bêbedo de mais para poder levar o copo aos lábios.

Parece-me que já chega por hoje, Andrew arriscou. Vamos continuar este jogo amanhã. Tenho de voltar ao meu trabalho.

Craig ergueu a cabeça com esforço e tentou fixar os olhos no amigo.

Tem de haver alguém que mantenha... que mantenha a máquina da indústria a funcionar proferiu com voz pastosa, acabando por conseguir emborcar os últimos goles da garrafa.

Mack afastou a cadeira e ergueu-se.

Queres deitar-te um bocado?

Boa ideia, meu Florence Nightingale retorquiu Craig.

Basta de jogo. Estou que nem um cacho, bem sei, e gosto de estar assim.

Mack rodeou a mesa para se aproximar de Craig, preparando-se para o ajudar a levantar-se; porém, este, com uns restos de dignidade, apoiou as mãos na beira da mesa e ergueu-se. Uma vez de pé, ficou a abanar para um lado e para o outro e segurou-se à parede para não cair.

Piscou os olhos para contemplar Mack e depois sorriu.

62

És um bom tipo, Mack. Um bom tipo! Em seguida recordou-se dos seus deveres de anfitrião: Achas que queres ainda beber mais alguma coisa?

Já bebi de mais! E ainda tenho de trabalhar ao serão.

Ainda um dia gostava de poder dizer a mesma coisa: «Tenho de trabalhar ao serão.»

E hás-de dizer, Andrew, acredita!

Craig retirou da parede a mão com que se segurava e tentou dar um passo para a cama, mas tropeçou. Mack deitou-lhe a mão e Craig confessou-se vencido.

Estou tonto. Subiu-me o whisky todo à cabeça.

Mack levou o escritor para a cama com todo o cuidado e ajudou-o a sentar-se. Logo que tomou contacto com o colchão, Craig deixou-se cair para trás sobre o travesseiro. com gestos hábeis e precisos, Mack ergueu as compridas pernas do amigo, como já fizera tantas vezes, e colocou-as sobre a cama. Depois descalçou-lhe os sapatos e meteu-os debaixo da mesinha-de-cabeceira.

A seguir, curvou-se por uns momentos sobre o amigo, a observá-lo.

Aquela figura prostrada, esbelta e estranhamente musculosa para quem tudo fazia para se destruir a si próprio, vestia uma camisa de

malha e calças de veludo, ambas as coisas já muito usadas. Mack achou que o amigo ficaria melhor assim do que se lhe vestisse o pijama.

A despeito do calor que vinha dos tubos do aquecimento, no chão, o vento gelado do Outono infiltrava-se pelas fendas das janelas e Craig precisava mas era de calor.

Lucius Mack voltou para junto da mesa e começou a arrumar as coisas. Leah, a cunhada de Craig, que se encontrava lá em baixo, ficaria furiosa se encontrasse tudo desarrumado. Mack enfiou as cartas no invólucro e meteu-as dentro da caixa. Atirou com a garrafa vazia do whisky para dentro do cesto dos papéis, ao pé das outras. Levou os dois copos para a casa de banho, onde os lavou e enxugou, colocando-os depois sobre o ficheiro verde de Craig.

Feito isto, Lucius Mack parou no meio do quarto e olhou em torno.

Gostava daquele compartimento estreito, confortável, sobre o escuro, nas águas-furtadas, e sentia-se tanto em sua casa ali como nos aposentos alugados que habitava na pensão de Perkins. Observou a secretária de tampo corrediço, a máquina de escrever há tanto tempo fechada, as cinco prateleiras de livros, na sua maioria obras de carácter informativo e histórico, a de cima reservada aos quatro romances de Craig nas suas edições americana, inglesa e algumas estrangeiras.

Lucius Mack conhecia os Craig, ou, melhor, Andrew Craig, havia oito anos, tendo-se esse conhecimento estreitado mais nos últimos dois. Ninguém diria que já haviam decorrido oito anos desde que Andrew e Harriet tinham chegado ali (ele ainda tão jovem, com dois romances publicados e o esquema do terceiro já feito), para fixarem

63

residência em Miller's Dam. Tinham comprado a casa do Hartog, aquela mesma, em Wheaton Road, que remodelaram, mantendo-se muito retirados, como se ainda estivessem em lua-de-mel. Lucius

Mack travara conhecimento com Harriet uma certa manhã, ainda ela não vivia na cidade havia um mês, quando fora ao jornal a fim de publicar um anúncio a pedir uma mulher a dias. Geralmente, as recordações esbatem-se com o decorrer dos anos. No entanto, Mack lembrava-se ainda muito bem do que mais o impressionara nela: era uma mulher de cabelos louro-escuros, calma e senhora de si, com um jovial e agradável rosto de feições eslavas, largas e regulares. Devia ter antepassados lituanos. A sua altura era mediana, mas parecia mais baixa ao lado de Craig, cujo corpo anguloso não media menos de um metro e oitenta. As formas dela eram opulentas, uma verdadeira mulher, com uma certa solidez que se ajustava muito bem com a paisagem do Wisconsin.

Uma semana depois, Mack escrevia a Craig, a solicitar-lhe uma entrevista, e não tardara que este aparecesse em pessoa. Nesse tempo, Mack era o orgulhoso proprietário do Weekly Independent e seguia a rígida norma dos jornais das pequenas cidades de província: mencionar o nome de toda a gente em letra de forma, ao menos uma vez por ano, ou mais, sendo possível. Isto oferecia certas dificuldades, uma vez que a maior parte dos membros da comunidade não oferecia o mínimo interesse. A chegada de pessoas vindas do Leste, especialmente tratando-se de um autor publicado e de fama crescente, oferecia a Mack a oportunidade de variar de assunto.

O que o editor do jornal recordava com mais clareza da primeira visita de Craig era o seu cabelo negro e revoltado, os olhos vivos, de expressão divertida e indomável, o cinismo do seu meio sorriso, a impressão geral de um rosto de feições alongadas, descaídas, melancólicas.

Craig revelara-se um sujeito de boa índole e um conversador incansável. Estava casado com Harriet havia cinco anos, tinham passado a lua-de-mel a viajar pelo estrangeiro, desde a Escandinávia até à Itália, Harriet tivera um aborto no Leste e haviam habitado

Long Island durante cerca de cinco anos. Fora ali que Craig escrevera os seus dois primeiros romances. Um dia, por ocasião de uma viagem a Madison, onde Leah, a irmã mais nova de Harriet, cursava a Universidade, tinham passado por Miller's Dam. Resolveram ambos, de comum acordo, que um dia mais tarde, muito mais tarde, quando tivessem uma vida desafogada, haviam de comprar uma casinha naquela cidade tão tranquila. E continuaram a habitar em Nova Iorque, partilhando aquela existência comprimida e tumultuosa de «milhões de pessoas que se sentem sozinhas em conjunto», dissera Craig, citando Thoreau. Tanto ele como a mulher eram naturais de Middle West.

Por essa altura, saiu o terceiro livro de Craig, que agradou o suficiente ao editor para que este tivesse tornado possível o velho projecto 64

da mudança. E foi assim que, sem um momento de hesitação, Andrew e Harriet Craig vieram habitar Miller's Dam.

Ao recordar agora aquela primeira entrevista, Lucius Mack lembrou-se mais uma vez de que Craig fora um conversador brilhante.

A maior parte dos homens possui uma ou duas especialidades, ou então uma escassa meia dúzia de interesses, manifestando uma ignorância e um total desprezo por tudo o resto. Andrew Craig não pertencia a esse número. Tudo lhe despertava a curiosidade e possuía conhecimentos acerca dos mais diversos assuntos. Nessa primeira entrevista, comentara de maneira brilhante o caso dos jesuítas franceses que haviam tomado o partido do padre Marquette; a trajectória da bola de Threenfingered Brown; a sexualidade da amante de Alexandre Hamilton, Mrs. Maria Reynolds; o génio especial de Charles Fort; os encantos da piramidologia e a possível veracidade das especulações de Kazentsev ao afirmar que a meteórica explosão no rio Tunguskaia, na Sibéria, em 1908, fora, na realidade, uma explosão nuclear fora do espaço.

Isto passara-se havia oito anos. E agora?

Parado no meio do quarto, Lucius Mark contemplava com mágoa a figura do amigo estendido na cama, sentia-lhe a respiração forte do sono pesado. com excepção das profundas marcas de cansaço por baixo dos olhos e das faces, Craig apresentava o mesmo aspecto de então, embora contasse já trinta e nove anos. Embora fosse mais velho dezasseis anos do que o escritor, Mack sentia-se identificado com ele, como se aquela diferença de idade os não separasse. Talvez se tivessem considerado logo dois bons companheiros pelo facto de possuírem mentalidades semelhantes, que galopavam pela terra inteira e pelo espaço, ao contrário das pessoas vulgares, sempre limitadas pelo tempo e acorrentadas ao preço da madeira e do trigo, ao isolacionismo provinciano e aos assuntos tratados no Better Farming.

Nos primeiros tempos, Craig aparecia na redacção do jornal quase todas as semanas, para beber um ou dois copos na companhia de Mack, enquanto conversavam. Porém, após a catástrofe da vida de Craig, a seguir ao acidente, quando se deu o colapso e a derrota, fora Mack quem adquirira o hábito de ir visitar o amigo quatro ou cinco vezes por semana. Aparecia sempre de tarde, antes de Craig ficar completamente bêbado. Permaneciam no quarto lá de cima, em frente da garrafa, e Mack bebia um copo enquanto Craig emborcava seis.

E então conversava como nos tempos antigos, talvez de uma forma mais inquieta, mais fantasista, à medida que ia bebendo. Por vezes, jogavam também as cartas de uma maneira pouco interessada. As coisas vinham-se passando assim havia três anos e os dias terminavam todos como aquele durante os períodos em que Craig estava pior.

Lucius Mack suspirou e pegou no maço dos cigarros. Ouviu Craig mexer-se na cama e olhou-o. Deitara-se de lado, com um dos braços 65

estendido e inerte, de pernas encolhidas, a dormir a sono solto. Mack perguntava a si próprio se ele estaria a sonhar e desejava ardentemente que não, que tal não houvesse sucedido durante estes anos todos.

Saiu então do quarto, devagarinho, e desceu as três voltas da escada em caracol. A sala de estar achava-se bem iluminada naquela tarde cinzenta e Leah Decker, com o rosto fechado naquela expressão de censura que geralmente arvorava àquela hora, estava sentada à ponta do sofá escocês, a fazer tricot com toda a diligência.

Ergueu os olhos à entrada de Mack.

Como está ele?

A dormir.

Que é que ele bebeu?

Apenas uns goles.

Calculo!

Pacientemente, Mack riscou um fósforo e aproximou-o do cigarro que tinha entre os lábios. Depois aspirou o fumo, expeliu-o e colocou o fósforo no cinzeiro de louça.

Escuta, Leah começou calmamente. Já te tenho dito muitas vezes que Andrew sofreu um grande choque, sofreu muitíssimo, e é deste modo que tenta fugir ao sofrimento. Não reage como os outros homens. É um espírito criador, sensível ao máximo...

Isso não é desculpa para proceder como Edgar Poe. É horrível passar o dia a beber, sair todas as noites...

Então, Leah! Bem sabes que ele tem períodos bons, outros maus...

Cada vez está pior afirmou ela, categoricamente. Dantes eram duas semanas boas e duas más. Agora está mal três semanas e só está melhor uma.

- Por enquanto não temos outro remédio senão aturá-lo. Quando um homem perde a mulher, o choque...

Leah pousou o tricot.

Foi ele quem matou Harriet com a bebedeira e agora está a tentar matar-se. Não aguento ser testemunha de duas mortes.

Pôs-se de pé, a apertar as mãos uma na outra, de costas para Mack.

Depois, voltou-se bruscamente.

Meu Deus, Lucius! Julgas que não avalio o que ele sente?

Ela era tanto minha irmã como mulher dele. Mas nem tu nem ninguém me vê proceder assim, a beber dia e noite, encharcado em sedativos, a ponto de ficar quase inconsciente. A perda de Harriet foi uma coisa horrível para mim. Mas, passado o luto e depois de muito pensar, voltei a encontrar o equilíbrio. Santo Deus, já lá vão três anos!

A vida continua. Temos que a viver. E é bem curta. A nossa vez chega num instante, garanto-te. Calou-se um momento. Queres uma chávena de café?

66

Depois das visitas a Craig, Mack tomava sempre café na companhia dela. Por isso, abanou a cabeça.

Pois com certeza, se te não dá muita maçada.

Leah Decker entrou na cozinha antiquada e Mack foi atrás dela.

Puxou uma cadeira para junto da mesinha do centro e pôs-se a seguir o desenho pintado na madeira de plátano, enquanto observava a rapariga a preparar o café. Era uma mulher interessante em qualquer parte, concordou. Talvez viesse a estragar-se com a idade, mas, por enquanto, parecia bem. Possuía as mesmas feições eslavas de Harriet, um pouco mais severas, mais afiladas, e os seus cabelos, castanhos, e não louros como os da irmã, estavam repuxados para trás e presos na nuca. Era também mais alta e mais direita do que Harriet e, embora fosse simpática, mostrava-se mais rígida e menos compreensiva. Não tinha nada da alegria da irmã nem o seu bom humor. Prática, sensata, ultimamente tornara-se muitas vezes implicante.

Mack desculpava-lhe este último defeito, pois a vida que levava não era nada fácil. Após o acidente, viera para ajudar, assistir ao funeral de Harriet, tratar de Craig e acabara por ficar de todo. Apesar dos seus defeitos, era de uma dedicação total a Craig e mostrava-se sempre mais suave e feminina na presença deste. O seu aspecto mais duro, os remoques, reservava-os para os outros.

Mack reconhecia que a rapariga levava uma vida muito solitária.

Craig raramente estava em seu juízo, não saíam nem se davam com ninguém. E Mack desconfiava que mesmo financeiramente as coisas não deviam estar a correr bem. As magras economias de Craig estavam provavelmente esgotadas, as dívidas cresciam, não havia esperança de salvação. Craig tinha escrito cem páginas de um novo romance, Regresso a Ítaca, mas, no espaço de seis meses, só lhe acrescentara meia dúzia de páginas. Surgira ainda a possibilidade de ensinar na Universidade de Joliet, quatro milhas ao norte de Miller's Dam. Fora Alex Inglis, professor de Literatura Clássica, escritor frustrado, com cinquenta anos e grande admirador da obra de Craig, quem puxara os cordelinhos para o levar a fazer parte do corpo docente da Universidade. Mas a sua esperança desfez-se no dia em que convidara Craig para fazer uma conferência sobre literatura, em Joliet, com o fim de impressionar bem os directores, pois o escritor aparecera tão bêbado que não fora capaz de falar.

Mack tinha a certeza de que ambos se aguentavam graças ao espírito económico de Leah, que conseguia tirar o máximo partido do que restava da passada glória do cunhado. Os grandes magnates do jornalismo e das editoriais, as reedições estrangeiras, as adaptações à televisão, iam sempre pingando alguns magros direitos, que Leah aproveitava o melhor que podia. Também não deixava perder o ensejo de alimentar o limitado prestígio que ele ainda desfrutava na região, assim como o interesse dos seus antigos trabalhos, mantendo 67

em dia a correspondência com todos os admiradores e críticos, encorajando-os a escrever a Craig, ao mesmo tempo que não largava o editor com contínuos pedidos de novas edições e reimpressões dos livros do cunhado. Deste modo conseguia conservar Craig e a ela própria ao de cima. Mas por quanto tempo?

E por que motivo o fazia? Esta última pergunta interessava sobremaneira Mack. Por que razão uma mulher atraente de trinta e quatro anos apenas, se entregara a esta vida? Seria por sentir pena do cunhado? Seria que a proximidade de uma figura literária outrora promotora vinha preencher o vácuo de uma vida insípida? Seria um caso de mazoquismo? Ou então e Mack especulava muitas vezes com este ponto desejaria ela o marido da irmã, o futuro prestígio e a segurança que ele lhe poderia trazer, até mesmo o seu amor? Mack perdia-se em conjecturas.

Não demora quase nada disse Leah, de costas, enquanto tirava do forno os pãezinhos.

Não tenho pressa.

Enquanto observava a rapariga, Mack lembrou-se ainda de outra coisa. Sempre que ele ou outros amigos estavam presentes, achando-se Craig ausente, Leah clamava constantemente contra o vício do cunhado.

Armava-se em Carrie Nation e despertava as simpatias e a admiração de toda a gente. No entanto, havia sempre novas garrafas de whisky no quarto de Andrew e não era ele quem as comprava. Fosse como fosse, Craig bebia antes da chegada de Mack e continuava a beber depois de este se ir embora. Mack perguntava a si próprio se, na realidade, Leah não instigaria a bebedeira de Craig ou, pelo menos, nada faria para a contrariar, com o fim de lhe diminuir a energia masculina. Desta forma, conservá-lo-ia sempre na sua dependência, enquanto ela se mantinha no seu complexo papel de enfermeira, mãe e esposa. Se deixasse de beber, Craig podia muito bem ir-se embora de Miller's Dam, voltar a ser o que era

dantes, abandonar aquela terra e a cunhada, a qual, sem ele, ficaria reduzida à sua árida vida de solteirona. Havia contudo coisas que se opunham à hipótese de ser este o procedimento de Leah, tal como seja o facto de a bebedeira o reduzir à miséria, não só a ele, como à própria rapariga. Onde estaria a verdade? Mack perdia-se neste mar de conjecturas.

Leah pousou duas chávenas de café fumegante sobre a mesinha de jantar, depois foi buscar os pãezinhos quentes e a manteiga. Sentou-se em frente de Lucius Mack.

Enquanto mexia o café com a colher, disse: Sabes que eu tentei falar com ele por várias vezes nestas últimas semanas? Quero dizer, tentei convencê-lo a escrever um bocadinho todos os dias... a fazer alguma coisa. Os olhos dela permaneciam fixos na colher. Gostava que lhe disseses também alguma coisa.

Talvez ele te atendesse.

68

Mack misturou leite no café. E depois começou a sorvê-lo.

Já temos falado ambos a esse respeito muitas vezes, Leah.

Que é que julgas que discutimos lá em cima? Hão-de vir melhores tempos, Leah, tenho a certeza. De momento, ele ainda está todo entregue ao seu plano de autodestruição. Mas, no íntimo, é demasiado forte para se matar. Ele é um escritor. Possui uma sólida inteligência.

Virá o dia em que será dominado por estes factores: o dia em que despertar de todo este pesadelo e em que a bebida deixe completamente de o interessar. Então dirá consigo: «Santo Deus, onde estive eu durante todo este tempo?» E pensará: «Já é tempo de eu voltar a viver.» E então tudo voltará a ser o que era dantes.

Talvez isso nunca chegue a acontecer... Edgar Poe...

Ora, ora! Não me venhas para cá com o Poe!

Bem, eu continuo à espera desse dia. Três anos é muito tempo.

Empurrou o prato dos pãezinhos para a frente de Mack.

Serve-te. Deves precisar de comer.

Como para sublinhar a afirmação de Leah, o telefone começou a tocar sobre a prateleira da cozinha.

Ultimamente, os telefonemas tornavam-se raros, por isso Leah se apressou a segurar no auscultador. Escutou durante um momento, depois, com ar desapontado, disse ao interlocutor que esperasse e estendeu o telefone a Mack.

É para ti. Jake Binninger.

Mack pôs-se de pé e dirigiu-se ao aparelho. Entalou o auscultador entre o queixo e o ombro, como era seu costume, e atendeu.

De novo sentada à mesa e toda entregue aos seus pensamentos, Leah não prestava atenção. Ia engolindo o café e por um pouco o não entornava quando ouviu a súbita exclamação de Mack. Olhou surpreendida, ao ver-lhe o rosto engelhado todo aberto num sorriso de prazer e vermelho de excitação.

Tens a certeza, Jake? insistia ele. Não será uma brincadeira?

Lê isso outra vez... tudo... mais devagar... isso, continua...

Só se ouvia o ronronar do motor do frigorífico. Lucius Mack continuava agarrado ao telefone e Leah olhava-o cheia de curiosidade.

<Mack quebrou o silêncio: Pronto, não pode haver dúvidas... que coisa fantástica! Agora escuta, Jake. Larga tudo e vem aqui ter. Não deixes de trazer isso.

E desligou com energia. Depois, voltou-se.

Leah! É formidável! Acaba de chegar uma notícia estupenda!

O Andrew ganhou o Prêmio Nobel da Literatura!

A face da rapariga mostrou um ar espantado.

Que quer isso dizer? Não percebo...

Mack agarrou-a pelos ombros e quase a levantou ao ar, sacudindo-a cheio de entusiasmo.

Foi o Prêmio Nobel!

Da Suécia? perguntou ela estupidamente.

O maior do mundo! Mais de cinquenta mil dólares para o Andrew Craig!

Explica lá isso, Lucius! Eu não percebo nada. Nem sei como estou... Percebes... pois claro que percebes... o prêmio anual concedido ao melhor escritor de todo o mundo... anunciaram a coisa de Estocolmo.

.. que o tinham dado ao Andrew.

Oh, meu Deus... Ela quase nem podia falar. E será certo?

O Jake soube-o por um telegrama da Associated Press e quis certificar-se. O telegrama de Estocolmo acaba de chegar ao posto de telégrafo de Main Street.

Que vamos fazer agora? perguntou ela, interdita.

Primeiro que tudo, obrigar o Andrew a levantar-se, e depressa.

A Associated Press e a United Press mandaram os seus representantes, bem como a Time, a Life e a Newsweek. Devem chegar aqui esta noite. Os jornais de Milwaukee e de Madison também devem enviar os seus correspondentes especiais. Entraram todos em comunicação com a nossa redacção. Isto é que é uma surpresa, Leah! E das grandes!

Mas o Andrew... ele não será capaz...

Qual não é capaz! Tem de ser exclamou Lucius. E, agarrando Leah pelo cotovelo, começou a impeli-la para fora da cozinha, quando, de repente, parou.

Espera. Tens de fazer uma porção de café fortíssimo enquanto eu o acordo. É indispensável pô-lo lúcido, ao menos em parte!

Leah acenou maquinalmente com a cabeça e voltou para trás. Mack atravessou a sala de estar a correr, trepou a escada e irrompeu no quarto de Andrew.

Este encontrava-se agora estendido de costas, com os braços abertos, ocupando a cama toda, como se estivesse crucificado.

Respirava dificilmente pelo nariz.

Suspendendo a respiração, Mack aproximou-se e sentou-se na beira da cama.

Andrew!... Andrew!...

Não obteve resposta. Segurou-o pelos ombros e abanou-o.

Acorda!...

Craig fez uma careta, depois abriu os olhos injectados de sangue.

Procurou fixar a cara de Mack, a tentar orientar-se, querendo perceber onde estava, quem era esse homem debruçado sobre si e o que pretendia. Passou a língua pelos lábios secos.

Que aconteceu? Pelo amor de Deus, deixa-me em paz!...

Voltou a cabeça sobre a almofada, mas Mack pegou-lhe na cara com as duas mãos, obrigando-o a ficar de frente.

Andrew, é uma coisa muito importante...

Quero dormir...

70

Não, escuta... escuta lá, homem! Estás cheio de sorte! Ganhaste o Prêmio Nobel! O verdadeiro... não estou a brincar! Eles referiram-se a O Estado Perfeito, ao Armageddon e à tua obra em prol dos «ideais humanitários». É verdade, Andrew. E com isso ganhas cinquenta mil dólares!

Andrew Craig permanecia imóvel como um cadáver, de olhos abertos, fitando um ponto por trás de Mack, enquanto a notícia ia abrindo caminho até ao seu cérebro obscurecido.

Mack segurou de novo o amigo pelos ombros.

Ouviste o que eu disse, Andrew?

Ouvi. Mas não se moveu. É uma aldrabice, não é?

É a pura verdade! Jake Binninger vem já a caminho com o telegrama e a comunicação para o jornal da Associated Press. Daqui a duas horas temos aqui toda a imprensa da região!

Mas porque me deram o prêmio? perguntou Craig de súbito.

Há quatro anos que não escrevo nada...

Não sei porquê, nem como, só sei que é verdade. O velho Zeus veio lá do Olimpo coroar o seu eleito. Andrew... sabes o que isto significa... o que representa este dia? O dia em que foste distinguido com o Prêmio Nobel... ao lado de tantos homens ilustres!

Nem sei o que hei-de dizer...

Pois é melhor ires pensando... e depressa. Vais ter de falar muito esta noite, e para todo o mundo.

Lucius, estou bêbedo.

Nós vamos curar-te a bebedeira. A Leah já está na cozinha.

Que disse ela?

Perdeu o uso da fala.

Estou satisfeito por causa dela. Tentou erguer-se, apoiado ao cotovelo, gemeu, levou a mão à cabeça e tombou de novo sobre a almofada. Oh! Esta é das grandes! Lucius, não consigo levantar-me.

Deixa-me dormir mais um bocado!

Não. Nem penses nisso! Tu agora já não pertences a Miller's Dam. Pertences à posteridade. Vamos, para cima!

Mack pegava no braço de Andrew e puxava-o, até que este se levantou de repente, mas continuando a sentir-se mal. Deitou as pernas para fora da cama e Mack calçou-lhe os sapatos.

Pronto!

Achas que mude de fato?

Talvez não. Agora és um autor célebre. Ninguém estranha a maneira como te vestes. Só quero que não pareças bêbedo. É melhor lavares a cara em água fria e dares um jeito ao cabelo.

Sempre a resmungar, Craig lá conseguiu pôr-se de pé, a segurar a cabeça com ambas as mãos, como se tivesse medo de que ela se soltasse do pescoço. Colocando um pé adiante do outro, com toda a cautela, entrou na casa de banho. Depois de se ouvir por uns mo-

mentos o som de água a correr, reapareceu já mais composto, mas ainda a sentir-se muito mal.

Não sei o que isto é, Lucius. Vejo três pessoas na minha frente, todas parecidas com Simon Legree. A minha cama são duas camas gêmeas e apetece-me dormir nas duas ao mesmo tempo. Pegou com a mão trémula no cachimbo que estava sobre a mesinha e depois na bolsa do tabaco, mal cheia e já usada. Contemplou Mack durante um momento. O Prêmio Nobel, disseste tu. E que é que isso me traz?

Já te disse. Mais de cinquenta mil dólares.

Não... é muito bom, bem sei, mas referia-me ao que eu tenho a fazer.

Bem, esta noite vêm os jornalistas. E daqui a três semanas vais a Estocolmo.

A Estocolmo? Não posso lá ir!

Não podes porquê? Podes, sim, senhor!

Não. Fui lá uma vez, mas com a Harriet. E acrescentou com voz quase inaudível: Agora estou sozinho. Fez um movimento para sair, mas falharam-lhe as pernas e agarrou-se ao braço de Mack.

Sorriu dolorosamente. Acho que preciso de um colaborador, Lucius.

Tens de me ajudar a descer as escadas.

Vieram ambos para baixo, atravessaram devagar a sala e chegaram por fim à cozinha. Jake Berminger acabava de chegar, com o casaco de cabedal abotoado ao contrário. Estava naquele momento a limpar as grossas lentes, enquanto olhava para Leah, que lia o telegrama e a mensagem do teletipo que ele lhe entregara.

Ao ver entrar Andrew Craig, correu para ele em duas passadas e sacudiu-lhe vigorosamente a mão inerte.

Mr. Craig, que coisa fantástica! Sinto orgulho em o conhecer!

Mil felicitações!

Obrigado, Jake.

Leah conservava-se afastada. Quando o repórter se afastou, a rapariga aproximou-se, pôs-se em bicos de pés e beijou de leve Craig na face.

Estou muito contente por tua causa disse ela.

Obrigado, Leah.

Aqui está a confirmação disse, entregando-lhe o telegrama e o teletipo.

A mão de Craig tremia ao pegar nas folhas e tateou à procura de uma cadeira, onde se sentou cautelosamente.

Cheiras que pareces um botequim disse ela ao cunhado.

Não há o direito... uma pessoa na tua posição. Tens de beber café muito forte, umas poucas de chávenas...

Ele ia lendo o telegrama e respondeu distraidamente: Agora não.

72

E essa indumentária prosseguiu Leah. Um homem que acaba de receber o Prêmio Nobel e se apresenta com uma camisa aberta, calças de bombazina e sapatos todos sujos... Vão tirar-te fotografias...

Lucius Mack, que ainda não passara da entrada da cozinha, interrompeu: Eu é que lhe disse que se deixasse estar como estava, Leah.

É costume os escritores andarem mal vestidos.

Mas devem apresentar-se mais decentemente. Voltou-se lentamente para Craig e disse num tom mais suave: Peço-te, Andrew...

Lee, não sou capaz de subir outra vez aquelas escadas. Se o fizesse, nunca mais as descia. Deixou cair o telegrama e a mensagem do jornal sobre a mesa da cozinha. Pelo que vejo isto são comunicações oficiais. Mas, quanto a ir a Estocolmo, ainda nada sei.

Olhou para a cunhada com ar suplicante. Lee, não consigo resistir ao esforço desta noite sem um amparo qualquer. Está aí uma garrafafno armário.

Leah não se moveu, dizendo apenas: Café forte.

Está bem, pronto! Diabos levem tudo isto! Dá cá então o café, seja o que for!

Enquanto Leah se dirigia para ofogão, o telefone tocou de novo.

A rapariga levava na mão a máquina de fazer café e fez sinal a Jake Binninger, que correu para o telefone.

Era uma chamada interurbana do editor de Craig, em Nova Iorque: comunicava com ele pela primeira vez de há um ano para cá. Apresentava calorosas felicitações e vinha dar a Craig uma boa notícia: no dia seguinte começariam a trabalhar na edição de luxo de um volume contendo três dos seus quatro romances «servir-nos-emos das antigas formas, mas desta vez com ilustrações e em papel mais fino».

Chamar-se-ia «a edição do Prêmio Nobel» e far-se-ia o possível para entrar ainda no catálogo da Primavera.

O editor que se recusara a fazer um adiantamento por conta do próximo romance de Craig, acabando mesmo por se negar a publicar o próprio livro, mostrava-se agora interessadíssimo em saber se ele recomeçara a escrever.

Se quer que lhe diga se deixei de beber, a resposta é não respondeu secamente Craig.

O editor considerou esta resposta como uma brincadeira e reafirmou a sua fé no autor. Como prova tangível, iria enviar um cheque pelo correio, dentro de uma semana, à conta do volume gigante, e também como adiantamento pelo seu próximo romance. Sentia-se orgulhoso por a sua casa estar associada a um escritor laureado com o Prêmio Nobel. Esperava encontrar-se com Craig antes da sua partida 73

para Estocolmo. Craig não se comprometeu com coisa nenhuma e desligou logo que lhe foi possível.

Grande patife! resmungou.

Leah repreendeu Craig. O editor tinha toda a razão em proceder assim, quer antes, quer agora. Que pensaria Craig, se estivesse no lugar dele, de um autor que quisesse receber dinheiro sem escrever?

O bom humor de Craig voltou por um momento.

Rectifico o meu comentário: «Pobre patife!»

Antes de ele se afastar do telefone, este tocou de novo. Outra chamada interurbana, de Connecticut, feita pelo seu agente literário, com quem não mantinha contacto pessoal havia meses, mas a quem Leah escrevia constantemente. com ar aborrecido, Craig ouvia lhe as longínquas efusões e parabéns. Também este tinha novidades para lhe dar: havia três pedidos de agências cinematográficas em Nova Iorque, que faziam sondagens para que Craig trabalhasse para elas no regresso da Suécia. Pelos vistos, todos queriam Craig, mas antes informavam-se da sua saúde. Craig sentia-se mais divertido do que irritado. E respondeu: Diga-lhes que trabalharei para eles se me derem um ordenado de cinco mil dólares e cinco caixotes de Ballantine's por semana.

Do outro lado do fio, ouviu-se um riso desconfiado.

Passados dez minutos, acabava Craig de tomar uma chávena de café e Leah preparava-se para lhe servir outra, quando chegou novo telefonema, este agora de Boston. Craig tomou o auscultador das mãos de Jake Binninger e achou-se em comunicação com o director da mais importante agência de conferências americana. Ao contrário dos outros, era um homem brusco e objectivo, que começou por declarar: Este Prémio Nobel vem fazer de si um artigo muito vendável.

Estamos em condições de o contratar pelo espaço de um ano, para clubes femininos, pelo total de cem mil dólares. A nossa comissão é de metade. O resto ficaria para si, claro. Pagamos todas as despesas, transportes, hotéis, alimentação, publicidade. Se quiser aceitar, só pomos uma condição: os clubes femininos são extremamente susceptíveis.

Temos de lhes apresentar os conferencistas em seu perfeito juízo. Dizem que você bebe. Isso é verdade?

Craig achou que simpatizava com aquele tipo.

É verdade respondeu francamente.

A resposta veio, categórica: Pois então, se resolver regenerar-se, previna-me. Seja como for, os meus parabéns. Você agora está na mó de cima.

Quando voltou a sentar-se à mesa, Craig sentiu que os restos da sua antiga energia o abandonavam. Não conseguia reunir as ideias.

Bebeu mais duas chávenas de café quente, com os outros dois sempre a observá-lo.

74

Como te sentes? inquiriu Lucius Mack.

O pior possível. Meio bêbedo, meio morto. Achas que foi assim que Ulysses S. Grant se teria sentido em Appomattox?

A campainha da porta tocou. Estava alguém lá fora.

Leah apertou as mãos uma na outra, nervosamente, e foi abrir, mas Mack barrou-lhe o caminho.

Espera lá. Pôs a mão no ombro de Craig. Diz lá, Andrew, se forem os tipos dos jornais das cidades, achas que os podes receber?

Não respondeu Craig.

Okay Dirigiui-se a Leah: Se forem os repórteres, despacha-os.

Diz que ele está com gripe, constipado, e que talvez os possa receber amanhã. Entretanto, informa-os de que lhes farei as honras da terra com todo o gosto, cor local, coisas típicas, *etc.* Achas que és capaz?

Quem atura o Andrew Craig há três anos é capaz de tudo disse ela bruscamente. E saiu.

Mack observou Craig por uns momentos. O escritor, com uma das mãos pousada sobre a chávena de café, balouçava-se lentamente na cadeira, de olhos fechados. Mack voltou-se para Jake Binninger.

Jake disse. Isto é um caso importantíssimo para nós e todos os jornais hão-de querer falar de nós amanhã. Vais imediatamente à biblioteca e desencantas-me todos os elementos sobre o Prémio Nobel que encontrares. Leva-os para o escritório e mete as mãos à obra. Logo que o Andrew esteja em condições de falar, vou tentar

tirar dele o que puder. Tem graça! Conhecemos um tipo durante muitos anos e de repente verificamos que nada sabemos dos seus antecedentes.

Ignoro até o lugar onde ele nasceu.

Cedar Rapids respondeu Craig, lá da mesa.

Ora vês? Eu não sabia retorqui Mack. Voltou-se de novo para o repórter. Vai lá então e despacha-te. Eu irei ter contigo mais tarde.

Enquanto Binniger saía pela porta de serviço, Mack tentava perceber o que se dizia na entrada. Esperou com apreensão, até que ouviu o ruído de passos sobre a passadeira. Leah apareceu, seguida de Alex Inglis, o professor da Universidade de Joliet. Este, com a cara anglo-saxónia vermelha de frio e a sua eterna expressão admirada, penetrou na cozinha com a mesma reverência com que teria entrado no escritório do conde Leão Tolstoi, em Iasnaia Poliana.

Não eram nada os repórteres ia dizendo Leah para Craig.

É Alex Inglis, da Universidade...

Craig abriu os olhos e acolheu o seu admirador com uma piscadela de olho. Muito à pressa, desajeitado, envolto no sobretudo preto e no cachecol, Inglis veio sentar-se na cadeira em frente do seu ídolo.

Não sei descrever-lhe como ficámos todos entusiasmados declarou Inglis respeitosamente. A Universidade inteira delirou.

75

Calculem, um laureado com o Prêmio Nobel mesmo aqui debaixo dos nossos olhos...

Obrigado murmurou Craig.

Bem poucos autores americanos o receberam até hoje prosseguiu Inglis. Sinclair Lewis, Pearl Buck, Eugene O'Neill, William Faulkner, Ernest Hemingway, Thomas Stearns Eliot (se é que podemos considerar este americano), e, agora, Andrew Craig.

Craig não reagiu, e Inglis procurou com os olhos Leah e Mack, para o acompanharem no seu entusiasmo. Depois, prosseguiu num

tom empolado: Imaginem só. Mr. Craig está agora na companhia ilustre de Kipling, Holland, Anatole France, Thomas Mann, Galsworthy, Churchill...

E Gjellerupt e Pontoppidan resmungou Craig. Não sabia? Estes tipos ganharam o prêmio em mil novecentos... uhp!... e dezassete. Diga lá Gjellerupt e agite bem antes de pronunciar. Então!... disse Leah.

Inglis estava atrapalhado.

Mr. Craig, não se sente bem?

Estou bêbado, professor Inglis!

Bem... hum... tem toda a desculpa, isso é que tem! Uma honra destas merece ser festejada! Engoliu em seco. Vim aqui, em primeiro lugar, para lhe dar os meus parabéns...

Peço desculpa interrompeu Craig. Você é um bom amigo, Inglis. ...e também para lhe dar uma boa notícia. Conversei com o presidente da direcção da Universidade já depois de se saber esta notícia. E estou autorizado por ele a dizer-lhe o seguinte: recebemos um subsídio considerável com o fim de aumentar, mas aumentar de uma maneira considerável, a expansão da Sociedade Histórica do Middle West. É um organismo absolutamente independente da Universidade.

A coisa vai concretizar-se este Verão. Será criado o lugar de administrador, um lugar semelhante ao que o Archibald MacLeish desempenhava na Biblioteca do Congresso, e isto, para si, afigura-se-me o ideal, pois, ao mesmo tempo que passaria a ocupar uma posição na verdade honrosa, granjearia também à Sociedade um prestígio de que resultariam numerosas ofertas de colecções de livros. As tarefas de rotina serão desempenhadas pelo pessoal da biblioteca. À parte a obrigação de assistir a uma assembleia por mês oh! e provavelmente uma ou outra conferência, o senhor ficaria livre para poder dedicar-se aos seus escritos. Os honorários são de quinze

mil dólares por ano. É certo que, depois de receber o dinheiro do Prêmio...

Esse dinheiro já não existirá nessa altura disse Craig, que entortava os olhos para poder melhor fitar Inglis. A oferta é bastante boa.

Ainda bem que assim pensa. A direcção em peso aprova a sua 76 candidatura. Ficaram muito impressionados com o Prêmio. Claro...

Hesitou, e Craig, num momento de lucidez, distinguiu claramente o rosto do seu visitante.

Claro... que ia a dizer?

A direcção só quer dirigir-lhe um convite oficial depois da cerimónia da entrega do Prêmio Nobel, isto é, depois de o senhor ter recebido a distinção e feito o seu discurso.

Mas porque não fazem o convite já, Inglis? Têm medo de que eu os envergonhe? Como daquela vez em que estive para fazer uma conferência lá na Universidade? Aposto que esses botas-de-elástico julgam que não sou capaz de me apresentar na cerimónia da entrega do prêmio ou nem sequer de chegar a Estocolmo sem me embebedar!

Têm medo, não é isso?

Não é isso, Mr. Craig...

Então, porque é? Querem pôr-me à prova. Vai a Estocolmo, Craig. Apresenta-te diante do mundo inteiro, dá provas de uma dignidade académica, mostra que estás purificado, limpo, que te regeneraste, e então volta para nós empavesado não só com os teus louros, mas também com a garantia de que te transformaste noutro homem.

Estou a observar bem, não é assim, Inglis?

Não estejas a mortificá-lo, Andrew. Ele fez o que podia. É teu amigo, como todos nós. Neste momento esperam mais de ti, é apenas isso.

Pois muito bem. Eu sou assim declarou Craig, em ar de desafio. Os seus olhos fixaram de novo Inglis e a sua atitude modificou-se de repente. É uma boa proposta e eu estou-lhe muito agradecido. Agradeça-lhes também por mim. Talvez eu fique com o lugar, mas não aposte em mim. É mais seguro.

Mr. Craig. Eu sei que vai pensar no caso. O senhor é um grande homem. Li oito vezes O Estado Perfeito. Sei que não desiludirá ninguém em Estocolmo.

Craig fechara os olhos e passava lentamente a mão pela testa. Já não o ouvia.

Leah fez um sinal a Inglis, e este pôs-se de pé, em silêncio. Depois seguiu-o para fora da cozinha.

Andrew Craig ficou só.

Sentia-se cansado como se tivesse um milhão de anos e o peso da cabeça, que parecia oca, incomodava-o. Todos os seus nervos dormentes exigiam descanso. Esticou os braços por cima da mesa, pousou neles a testa e tentou alhear-se dos acontecimentos que estavam a desenrolar-se. Mas o seu cérebro fatigado recusava-se a adormecer.

E ia pensando: «O que eu desejava era morrer devagar, em paz, sem dar nas vistas, como uma velha planta no escuro. Por que demónio se teriam aqueles malditos suecos lembrado de me pôr em evidência e de me humilhar, forçando-me a morrer em público?

Agora sou 77

imortal, nos livros oficiais, mas continuo a ser tão dolorosamente mortal como quando acordei hoje de manhã.» E recordou-se da observação sardónica de Bernard Shaw quando recebera o Prémio Nobel, aos sessenta e nove anos: «Este dinheiro é como um cinto de salvação que se atira a um nadador depois de ele já ter chegado à praia.»

E cogitava: «No meu caso, eu diria... um cinto de salvação que se atira a um afogado.» Depois não pensou em mais nada.

Andrew Craig adormecera.

Capítulo dois Foi numa tarde fria, cinzenta, enevoadada, com uma temperatura de quinze graus, que, no primeiro dia de Dezembro, o conde Bertil Jacobsson, muito bem vestido, de cartola e sobretudo, bengala debaixo do braço e polainitas cor de pérola por cima dos sapatos, saiu da Fundação Nobel, n.º 14 de Sturegatan, e se encaminhou para a limousine que o esperava junto do passeio.

O carro pertencia ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, que o cedera. Fazia agora um vistão, com a porta de trás aberta, e, a segurar nela, um motorista louro fardado. Quando Jacobsson se aproximou, o rapaz inclinou respeitosamente a cabeça e fez a continência. Jacobsson inclinou a cabeça também e entrou no carro. Sentou-se no canto do banco acolchoado, já ocupado por Ingrid Pahl e Carl Adolf Krantz.

No regresso, os dois homens sentar-se-iam nos banquinhos desmontáveis a fim de darem lugar, no cómodo assento da parte de trás aos visitantes.

Boa tarde! Boa tarde! exclamou o conde Bertil Jacobsson.

Para começar, temos um lindo dia.

Viva! Sim, está bonito respondeu nervosamente Ingrid Pahl.

Krantz, que andava sempre preocupado, limitou-se a murmurar, à guisa de cumprimento: Conde... E nada mais.

O motorista batera com a porta e sentara-se ao volante. Jacobsson inclinou-se para a frente, fez deslizar o vidro do seu lado e disse: Para o Aeroporto de Arlanda, se faz favor. E consultou o relógio. Temos muito tempo. Pode ir devagar.

Fechou o vidro enquanto o carro se punha em marcha e reclinou-se no seu canto, voltado para os companheiros.

Porque vão com um ar tão solene, meus amigos? Eu acho sempre estes primeiros contactos muito interessantes.

Nunca sei o que hei-de dizer lamentou-se Ingrid.

Nós temos imensa sorte prosseguiu Jacobsson. É-nos proporcionado o ensejo de recebermos e travarmos conhecimento íntimo com os maiores génios de todo o mundo...

Ou a quem nós demos a celebridade interrompeu Krantz, com azedume.

Não é bem assim, Cari. Não é nada disso. Eles têm a sua glória, que não devem a mais ninguém. Nós apenas lha reconhecemos e os premiamos. Pensou durante um momento e depois rectificou a sua

afirmação: Bem, nem sempre é assim, mas... na maioria dos casos. Olhou por um momento os companheiros. Espero que nenhum de vocês se arrependa de fazer, juntamente comigo, 79

parte da comissão de recepção. A responsabilidade da escolha não foi só minha, mas também das várias academias...

Sentimo-nos muito honrados declarou secamente Krantz.

Olhou para fora da janela durante alguns instantes e depois acrescentou: Não consigo conformar-me com a votação.

Exceptuando o professor Stratman...

com certeza que não tem nada a objectar ao doutor Garrett e ao doutor Farelli! A descoberta deles electrizou o mundo inteiro.

A imprensa... a imprensa! interrompeu Krantz. Fomos levados. Acho que devíamos ser mais rigorosos. Talvez que essa tal transplantação do coração seja a grande descoberta do século.

Mas também pode ser um malabarismo de circo. Por mim, penso que o Comité Caroline devia ter esperado ainda um ano ou dois, até se realizarem mais experiências, até se obterem mais resultados.

Quanto ao casal Marceau, também não me convence.

Espermatozóides de conserva! Quem se importa com isso? Há dezenas de outras descobertas que também mereciam ser premiadas. Já nem quero referir-me ao prêmio literário concedido ao americano...

V ar snäll och1, Cari! Não faça confusões. Você é cientista, e não crítico literário. Tenho a certeza de que nunca leu, sequer, os livros de Craig...

Li um. E bastou.

Bem, isso quer dizer que você não tem opinião válida nesse assunto.

Eu também não comento as suas decisões quando se trata de química ou de física, e acho que você não tem nada que intervir nas da Academia da Suécia. É sempre isto, todos os anos. Você já fez os mesmos comentários quando elegemos Sinclair Lewis, Pearl Buck,

Ernest Hemingway. Porque será que só os americanos lhe merecem censuras? Porque ficou você tão contente quando foram galardoados Eucken, Heyne e Hauptmann, os seus queridos alemães?

Krantz tinha os lábios apertados.

Nessa base, não quero discutir o assunto consigo.

E voltou-se para a janela. Ingrid Pahl abriu a bolsinha bordada a contas, procurou a boquilha e um cigarro para se distrair. Jacobsson, que estivera atento à conversa, resolveu manter-se neutral.

Quando chegaram aos subúrbios ao norte de Estocolmo, mais ou menos a meio caminho do Aeroporto de Arlanda, Jacobsson percebeu que não podia conservar a neutralidade, pelo menos interiormente.

Competia-lhe a ele, como membro mais velho do Comité de Recepção, fazer o possível para que todos se mostrassem unidos e bem dispostos.

Durante dez dias, a partir desta tarde até 10 de Dezembro, data em que se realizaria a cerimónia, iriam andar os três juntos e em companhia dos ilustres visitantes que tinham vindo de tão longe para receber 80

o Prêmio. Seria de mau gosto qualquer sinal de discordância ou de dissensão entre os três na presença dos premiados. Jacobsson decidiu pois que, no caso de surgir nova discussão, trataria de lhe pôr imediatamente cobro.

Censurava-se por ter influenciado as academias no sentido de consentirem que Ingrid Pahl e Krantz fizessem parte, juntamente com ele, do Comité de Recepção. Absorvido com os preparativos que tivera entre mãos durante os dezasseis dias que precederam o envio de telegramas, esquecera-se por completo do antagonismo que existia entre aqueles dois. Como sempre, os últimos preparativos tinham sido extenuantes e febris. Fora necessário enviar cartas com explicações pormenorizadas a todos os contemplados. Tivera

também de elaborar os programas e os horários; de reservar apartamentos no Grande Hotel e de atender os repórteres.

No meio de toda esta actividade, coubera-lhe ainda o encargo de recomendar às academias dois dos seus membros para fazerem parte, juntamente com ele, do Comité de Recepção. E como não havia muito tempo para longas considerações acerca do assunto, Jacobsson sugerira apressadamente os nomes de Krantz e de Ingrid Pahl. A sua escolha obtivera imediata aprovação. Nessa altura, algumas semanas antes, pensara que tudo estava muito bem, pois considerara-os a ambos individualmente, em separado, e não como colaboradores um do outro e dele próprio. Ambos, no seu ramo, pareciam ser muitíssimo competentes.

Agora, enquanto observava à socapa os companheiros, como para confirmar a sua opinião anterior, tentava vê-los através dos olhos dos visitantes estrangeiros. A seu lado, Ingrid Pahl puxava fumaças compassadas do cigarro enfiado numa boquilha de ébano. Cobria-lhe parcialmente os cabelos um chapéu cheio de flores. A cara enorme, de feições gordas e pouco salientes, lembrava um monte de massa cor-de-rosa. Sob o duplo-queixo usava um colar de pedras coloridas com várias voltas. Era uma «mulher-pudim», com o corpo informe metido num vestido azul que mais parecia uma tenda. Jacobsson pensara muitas vezes que ela se parecia com Mrs. Helena P. Blavatski, aquela teosofista russa junto da qual seu pai tirara uma fotografia em Londres, nos fins do século passado. Muito embora o seu rosto se apresentasse agora carrancudo, ainda por causa da discussão de há pouco com Krantz, habitualmente mostrava-se bem humorado, quase bonacheirão, revelando uma doçura ingénua e uma simplicidade próprias dos suecos.

Jacobsson escolhera sem hesitar Ingrid Pahl porque desejara ter um membro do Comité de Recepção familiarizado com a literatura, em sinal de consideração para com Andrew Craig. Não só era uma

mulher que lera muito, mas, além de tudo, acontecia ser a única escritora sueca viva contemplada com o Prêmio Nobel da Literatura.

81

Este trofeu fazia dela um constante objecto de exibição. Por outro lado, Jacobsson percebia claramente que o mesmo facto a tornava muitas vezes tímida, e até comprometida, em presença de visitantes de categoria a quem o mesmo Prêmio fora concedido mais recentemente.

É que Ingrid Pahl, a quem o Prêmio fora concedido por unanimidade, sempre se considerara indigna dele. Os seus romances, delicados poemas em prosa dirigidos aos seus bem-amados compatriotas, haviam sido preferidos a muitas obras notáveis e de grande vulto, da autoria de escritores internacionalmente célebres. Jacobsson não ignorava que o Prêmio a deixara mal colocada e que nunca conseguiria libertar-se da ideia de que estava a ser exibida diante do mundo sob um aspecto falso.

«Consequências de chauvinismo», pensava Jacobsson. «Por vezes, somos criticados injustamente, mas noutras com toda a razão, e, nesses casos, tanto o premiado como quem o escolhe vêm a sofrer com isso.»

Na Literatura, haviam recebido o prêmio, além de Ingrid Pahl, cerca de uma dúzia de outros autores escandinavos, ao passo que Marcel Proust, George Meredith, Thomas Hardy e Joseph Conrad nunca haviam sido galardoados. «Pobre Ingrid», pensava Jacobsson. «Está a rezear encontrar-se com Andrew Craig, cujo poder criador tanto admira e cuja causa defendeu com tanto calor.»

Jacobsson desviou a vista para o terceiro componente do Comité.

Carl Adolf Krantz era, a todos os títulos, o vivo contraste de Ingrid Pahl. Fisicamente, não passava de um gnomo. Mas, quanto a intelecto, era um gigante. Como pessoa, mostrava-se irritável, rabugento, incómodo, desagradável, sistematicamente negativo, azedo; ao mesmo tempo, porém, era vivo, brilhante, cheio de

interesse. Quando estava sentado, como agora, parecia mais anão do que nunca. As madeixas ralas do cabelo pintado de preto e gordurento colavam-se-lhe ao crânio quadrado. Os olhos lembravam dois buracos de alfinete, o nariz um focinho em miniatura, e tinha a boca torcida como se houvesse tirado dela uma rolha. Ó bigode, aparado curto, era preto, bem como a pequena barba, talhada em bico. Usava sempre os fatos demasiado justos, com todos os botões abotoados. Preferia os lacinhos às gravatas e as suas botas tinham tacões altos.

A figura de Krantz revestia-se toda ela de um ar austero e solene, absolutamente germânico, que ele procurava acentuar, muito embora houvesse nascido em Sigtuna, na Suécia. Constituía para ele motivo de orgulho o facto de o pai, funcionário de segunda categoria do corpo diplomático, o ter educado na Alemanha, nação que ele admirava mais que qualquer outra, através de todos os regimes.

As suas melhores recordações datavam dos tempos que passara a estudar nas Universidades de Gottigen e Wurzburg. De regresso à Suécia, na companhia dos pais, sentira-se deslocado, sensação esta que nunca mais o abandonara. Depois de passar dez anos

82
como engenheiro na indústria particular algumas das suas comunicações haviam-lhe granjeado uma certa fama no estrangeiro, foi-lhe oferecido um lugar no Instituto de Física Teórica, da Universidade de Upsala. Mais tarde, passara para o ensino e aspirara a ocupar a cadeira de Física na mesma Universidade. com a subida de Hitler ao poder, a sua mentalidade encaminhara-o para a política. A abjecta neutralidade do seu país envergonhava-o e solidarizara-se com a causa do Reich redivivo. Qualquer pretexto lhe servia para ir a Berlim.

Hospedava-se no Kaiserhok Hotel e mantinha contactos sociais com Keitel, Von Ribbentrop e Rosenberg. Durante a segunda guerra mundial, em Estocolmo, escrevera e discursara em prol da causa alemã perante compatriotas seus que não conheciam o que era

guerra havia mais de século e meio e cuja sobrevivência dependia unicamente de uma rigorosa neutralidade. Durante esses anos de tensão, Carl Adolf Krantz passara a ser uma figura discutível e embaraçosa para os seus irmãos suecos. De certo modo, a derrota do Reich foi também a sua derrota.

Nos frios átrios da ciência, a palavra de Krantz continuava a ter o mesmo valor. Porém, nos círculos mais elevados, caíra em desgraça.

Durante os dez anos que precederam a guerra fizera parte da Real Academia da Suécia e era um dos dois membros com direito a voto, tanto no Prêmio Nobel da Física como no da Química. Depois da guerra, o seu papel em relação ao prêmio Nobel não foi alterado.

Contudo, a sua situação na Universidade modificou-se. Quando, por fim, a ilustre cátedra da Física ficou vaga, Carl Adolf Krantz, a despeito da sua antiguidade, foi preterido por um rapaz mais novo.

Esta bofetada, este castigo público, nunca ele pôde perdoar. Demitiu-se imediatamente. E desde então passou a dedicar parte do seu tempo ao Instituto Radiofísico de Estocolmo, entregando-se cada vez mais às actividades do Prêmio Nobel.

A despeito do equívoco passado de Krantz e da sua personalidade ambígua, Jacobsson escolhera-o como terceiro membro do Comité, em virtude dos seus vastos conhecimentos. Quase sem apoio, pelo menos a princípio, Krantz pusera de lado as divergências políticas para conceder o Prêmio Nobel da Física ao Prof. Max Stratman. E, muito embora Krantz se tivesse oposto à concessão do Prêmio aos Marceau, a sua posição como relator da Química habilitava-o a conversar com eles com tanta competência como com o Prof. Stratman.

Jacobsson pensara primeiro em pedir ao Instituto Caroline que propusesse um dos seus membros para também fazer parte do Comité de Recepção, mas um quarto elemento tornaria o grupo menos homogéneo, e sem nenhuma vantagem, uma vez que os conhecimentos de Krantz se estendiam também à Medicina. Por isso,

escolhera finalmente Krantz para colaborar com ele e com Ingrid Pahl. No entanto, ao observar agora o macambúzio e rabugento cientista, Jacobsson 83

experimentava ligeiras dúvidas acerca do acerto da sua decisão.

Endireitou-se com um suspiro inaudível e viu a sua imagem reflectida na divisória envidraçada. Ao contemplar aquela figura esbatida e imprecisa, deu-se subitamente conta de que talvez não fosse mais competente do que qualquer dos outros dois para representar a vontade de Alfred Nobel, ou, pelo menos, que não eram menos dignos de semelhante prerrogativa do que ele próprio. Como que hipnotizado, continuou com os olhos fixos na própria imagem, tentando desvendar o que os premiados que ia receber veriam em si. Que observariam eles? Um homem muito velho. Uma aristocrática cabeça de outros tempos. Umas feições sensíveis e clássicas. Uma cara semelhante a um velho pergaminho, de um branco azulado, quase transparente.

Um esqueleto já um pouco encolhido, uns membros frágeis, envoltos em roupas espessas, a fim de parecerem mais cheios, mais fortes, mais imponentes. «Sou um misantropo, mas extremamente benévolo», escrevera Nobel a seu próprio respeito. Talvez esta descrição também lhe conviesse, pensava Jacobsson.

Fechou os olhos e a imagem desvaneceu-se. Recordou-se com surpresa de que só fora jovem no século anterior. O mundo desta tarde pertencia ao futuro. E ele pretence ao presente? Sim, pois, decerto, quem pertenceria mais do que ele ao presente? Disse consigo que representava a continuidade. Quem, melhor do que ele, poderia estabelecer a ligação entre todos aqueles anos, desde os primeiros contemplados com o Prêmio, em 1901 Roentgen, Van't Hoff, Behring, Prudhomme, Dunant, Passy, até aos laureados daquele ano Stratman, Marceau, Garrett, Farelli, Craig? E quem, a não ser ele, poderia citar as palavras, ouvidas de viva voz, proferidas por Alfred Nobel e que mantinha gravadas na sua memória?

Quando era ainda um adolescente impressionável, acompanhara o pai numa missão oficial e tivera a ventura de se encontrar na presença de Nobel, pelo menos uma dúzia de vezes, primeiro em Paris e depois na aldeia solitária de San Remo, durante o ano de 1896, o último da vida de Alfred Nobel. Graças aos seus dotes de inteligência, Jacobsson pudera ficar ligado à Fundação Nobel desde o ano que precedera a primeira distribuição dos prêmios.

Nos últimos tempos, em virtude de haver começado a atribuir um grande valor à sua posição única e também porque sentia ter certos deveres para com a posteridade, Jacobsson começara a escrever as suas Notas. Estas eram constituídas pelas recordações do passado e apontamentos do presente, em que descrevia a sua experiência das sessões secretas de voto das Academias Nobel, por impressões, anedotas e relatos da actividade desenvolvida pelos diversos contemplados com o Prêmio, por descrições de factos e de cerimónias, constituindo tudo isto um valioso contributo para a história. Não havia ainda muitos anos que começara a redigir as Notas, e tinha já dezassete-84

sete pastas cheias. As primeiras linhas escrevera-as na madrugada daquela noite de Novembro em que a Academia da Suécia resolvera, em sessão secreta, atribuir o prêmio a uma escritora obscura da Sardenha, Grazzia Deledda, em lugar de o conceder a Gabriel d'Annunzio, visto a maioria dos membros ter censurado particularmente a conduta amorosa de D'Annunzio, condenando ao mesmo tempo o facto de este se haver apoderado da casa de uma viúva dinamarquesa, em Villa Carnacco, na Itália. Isto passava-se em 1926. Desde então, salvo quando se encontrava doente, Jacobsson nunca mais deixara de acrescentar cada dia, à sua obra, um novo facto, uma nova anedota.

Sempre alimentara a esperança de que isto viria mais tarde a constituir um livro, um grande e belo livro, que, uma vez publicado, pudesse, de certo modo, justificar a sua vida. Porém, nos últimos

anos, convencera-se de que nunca escreveria tal livro. O espólio constituído pelas notas, mesmo em bruto, parecia-lhe suficiente. Mais tarde, outro escritor qualquer viria a fazer delas um livro.

De repente, Jacobsson sacudiu de si aquele devaneio e regressou ao presente, à companhia de Ingrid Pahl e de Carl Adolf Krantz, dentro do automóvel. A seu lado, a escritora dormitava. Krantz concentrava-se na tarefa de desfazer um puzzle de metal; levava sempre consigo algum desses modernos jogos.

Descontraído, Jacobsson pôs-se a observar os arredores de Estocolmo que desfilavam diante dos seus olhos. Para além da estrada, perfilavam-se as colinas de um verde brônzeo, apesar do frio. Aqui e ali, apareciam e desapareciam as casas de madeira, tipo celeiro, quase todas pintadas de cor creme e com telhados vermelhos. Como ela amava esta terra, os seus lagos cintilantes, as suas faias, os maciços das florestas antigas, os grandes espaços abertos preenchidos apenas pelo céu azul da Escandinávia, eternamente unido à terra verdejante!

Realmente, eram estes os domínios de Ingrid Pahl, cogitou. Ela testemunhara bem tal posse nos seus magros volumes. Quanto a ele, Jacobsson, era um homem da cidade. Só abandonava o seu casulo em Dezembro, por ocasiões como esta, e ficava sempre surpreendido ao contemplar as maravilhas da região que o cercava e ao dar-se conta do prazer que esse espectáculo lhe prodigalizava. Todos os anos em Dezembro, prometia a si próprio vir passar ali umas férias. Porém, em Janeiro, esses projectos tinham-se evaporado e Jacobsson voltava a sentir-se absorvido pela sua metrópole.

Bertil! A voz de Ingrid Pahl veio arrancá-lo daquele devaneio.

Voltou-se, todo atencioso. Ela agora estava bem acordada e metia novo cigarro na boquilha, depois acendia-o. Jacobsson ficou à espera.

Bertil repetiu ela, tossindo por causa do fumo, vamos a caminho e ainda não sei qual é o programa. Será fatigante?

Refere-se à recepção dos premiados? Absolutamente nada fati-85 gante. Procurou nos bolsos interiores e tirou uma folha de papel transparente. Enquanto a abria, verificou que Krantz se mostrava também interessado. Cá está. Quer que leia em voz alta?

Agradeço respondeu Ingrid Pahl. Não sou capaz de ler nada dentro de um carro em andamento.

Jacobsson aproximou muito o papel do rosto.

Dia um de Dezembro. É hoje. Duas horas e vinte e cinco da tarde, doutora Denise Marceau e doutor Claude Marceau. Avião da Air France, no Aeroporto de Arlanda. Esta noite, às sete horas, doutor Carlo Farelli e a esposa. Avião da Scandinavian Airlines. Também em Arlanda. Dois de Dezembro, isto é, amanhã, às oito da manhã, professor Max Stratman e...

Oito da manhã! gemeu Ingrid Pahl.

Merece que o vamos esperar, seja a que horas for atirou-lhe Krantz.

.. e a sobrinha prosseguiu apressadamente Jacobsson. Vêm no comboio de Goteborg. Estação Central. Às duas e trinta e cinco da tarde, amanhã, o doutor John Garrett e Mrs. Garrett. Avião da Scandinavian Airlines, também no Aeroporto de Arlanda. Nessa mesma carreira, vindos de Copenhaga, Mr. Craig e a cunhada.

Krantz resmungou: A cunhada! Então agora também pagamos viagens às cunhadas?

É viúvo respondeu com azedume Ingrid Pahl. Queria que ele viesse sozinho?

Pelo amor de Deus! interveio Jacobsson. Estudou mais uma vez a folha de papel e depois dobrou-a. Como já disse, Mr. Craig vem no mesmo aparelho dos Garrett. E não há mais ninguém. Já vê, Ingrid, que as nossas obrigações, pelo que respeita ao acto de recepção, terminam amanhã ao princípio da tarde. Tornou a meter o papel no bolso. Está claro que teremos outros deveres a cumprir.

Mas esses estou certo de que serão agradáveis. E, como de costume, o Ministério dos Negócios Estrangeiros porá à nossa disposição vários adidos dinâmicos que nos ajudarão sempre que você ou o Carl sintam vontade de ficar a dormir a sesta.

Não sei absolutamente nada acerca do casal francês que vamos receber agora mesmo observou Ingrid Pahl. Pode dar-me algumas informações, Bertil?

Jacobsson encolheu os ombros.

Que hei-de eu dizer-lhe? São dois químicos distintos e muito conhecidos. A despeito do que afirma o Carl, a descoberta deles foi festejada universalmente. A não ser através dos recortes de jornais de Paris, na sua maioria artigos e entrevistas relativos ao trabalho de ambos, desconheço tudo a respeito deles. Fez um sinal com a cabeça na direcção da extremidade do banco. Acho que ali o Carl está mais dentro do assunto.

86

Os dedos grossos de Krantz deixaram durante um momento quietas as peças do puzzle.

Foram propostos no ano passado e este ano, entre mais quinhentos concorrentes. Fez-se a selecção do costume e depois a nossa Comissão dos Cinco elegeu os Marceau, juntamente com mais meia dúzia.

Ouvi o relato integral das investigações levadas a efeito pelos nossos peritos em Química e estas eram-lhes altamente favoráveis, como vocês sabem. Mas quase nada diziam, essas investigações, acerca da personalidade dos laureados. Pelo que pude averiguar, estão ambos na casa dos quarenta. Ele é mais velho que ela alguns anos. Estão casados há doze anos, ou mais. Trabalham naquele estúpido projecto dos espermatozóides deve haver uns seis ou sete anos, creio eu.

Fazem as suas investigações no Instituto Pasteur, embora não estejam dependentes dele. Parece que não têm outros interesses fora

o seu trabalho, como sucede à maior parte de nós, os cientistas. Calculo que, sendo casados e trabalhando na mesma coisa, devem ser inseparáveis e muito parecidos intelectualmente. Aposto que são um bocado maçadores.

Oh, isso é que ninguém pode saber observou Ingrid Pahl.

Interesso-me imenso por casais que colaborem um com o outro.

Nas ciências, isso vê-se muitas vezes. É estranho que não aconteça nas artes. Vocês imaginam uma peça escrita por Anne e William Shakespeare? Ou um romance por Catherine e Charles Dickens?

Ou um quadro por Mette e Paul Gauguin? Acho que semelhantes factos não se verificam porque o fenómeno da criação artística é essencialmente individual.

Que estupidez! declarou Krantz.

De novo Jacobsson tentou evitar o conflito.

Seja lá por que motivo for, a verdade é que a ciência nos tem dado sempre associações de pessoas casadas. Começou a reportar-se às suas Notas. Vêm-me de momento à ideia Marie Curie e Pierre Curie. Ganharam juntos o Prêmio da Física... quando foi isso? ... sim, em 1903, partilhando-o com o professor Becquerel, em virtude das suas investigações em conjunto sobre os fenómenos das radiações. Se bem me recordo, os Curie receberam cada um uma quarta parte do prêmio e Becquerel a outra metade. Ainda me lembro do meu desapontamento quando vim a saber que os Curie se encontravam tão esgotados de trabalho que não podiam assistir à nossa cerimónia da entrega. Foi o embaixador da França que recebeu o prêmio em lugar deles.

Mas isso não é contra os estatutos? inquiriu Ingrid Pahl.

Julguei que era preciso estarmos presentes, caso contrário perdia-se o direito...

Sim, mas no espaço de dez meses. «No caso de o premiado não comparecer até ao dia primeiro de Outubro do ano seguinte para

rece-87

ber o cheque correspondente ao dinheiro do prêmio, conforme está fixado no regulamento, então o dinheiro reverterá a favor do capital da Fundação.» A norma é esta disse Jacobsson. No entanto, os Curie apareceram no Verão seguinte, para levantar o dinheiro, portanto ainda dentro do prazo. Passados oito anos, como sabem, Marie Curie, já viúva, ganhou pela segunda vez a mesma recompensa, mas em Química. E creio ter sido ela a única pessoa galardoada duas vezes com o Prêmio.

Da segunda informou Krantz ganhou-o com a maior descoberta que se tem feito em Química, desde o oxigênio. Podemos dizer que foi ela quem nos revelou o átomo, como por certo não ignoram.

Seja como for, embora doente, Marie Curie, da segunda vez, compareceu à cerimónia disse Jacobsson. Lembra-se da estada dela aqui, Carl? Não, você não é desse tempo! Ela devia andar pelos seus quarenta anos, tinha o aspecto de uma mulher solitária, mas muito bela e toda dedicada à sua carreira. Vinha acompanhada da irmã e da filha e afirmou-me que se sentira muito impressionada com a cerimónia.

Também demos um prêmio à filha, não demos? perguntou Ingrid Pahl.

Sim, à filha e ao genro. Irene Curie casou-se com um dos mais jovens assistentes da mãe, no Instituto do Rádio, um rapaz pobre que se chamava Frederic Joliot e se formara na Universidade de Paris. Aí tem você mais um casal de cientistas, Irene e Frederic Joliot-Curie. Ganharam o Prêmio da Química em 1935. Fez uma pausa. Estou a ver se me lembro de outros casais que tenham recebido o prêmio...

Os Cori, em 1947 disse Krantz prontamente.

Ah, sim concordou Jacobsson. Gertk e Cari Cori. Em Medicina. Eram de St. Louis, no Missouri. Receberam metade da recompensa, a

outra metade demo-la a um argentino, Houssay. Tratava-se de qualquer coisa relacionada com hormonas...

Descobriram como é que o glicógeno se deixa converter cataliticamente disse Krantz, em tom valorativo.

Seja como for, de tempos a tempos aconteceu-nos abençoar os frutos do matrimónio declarou Jacobsson. Estou ansioso por conhecer os Marceau.

Acho que deve ser um bocado esquisito disse Ingrid Pahl. Jacobsson mostrou-se surpreendido.

Esquisito? Esquisito porquê?

Um casal que recebe o Prémio Nobel deve sentir uma sensação esquisita exclamou Ingrid Pahl. Ou que ganha seja o que for por algo que fez em colaboração. Isso reduz o casamento a uma única dimensão. O laboratório passa a ser o lar e o lar o laboratório. Não há variantes nem mudanças de ambiente. É uma harmonia excessiva.

E qual é o papel do macho no meio de tudo isso? Saiu, armado da sua maça, com o fim de matar o urso para a ceia e trazê-lo à companheira, que ficará decerto encantada. Mas, em vez disso, a companheira acompanha-o à caça e é tão responsável como ele pela proeza de matar o urso. Até onde é que esta situação pode levar o homem?

E a mulher?

Estou certo de que os Marceau nunca pensaram nessas coisas nem durante um só momento interveio Jacobsson com afectação.

Consultou o relógio e depois olhou através da janela do automóvel.

Devemos chegar com bastante tempo. Faltam vinte minutos.

Continuaram os três em silêncio. Krantz fora casado e divorciara-se havia muito tempo. Ingrid e Jacobsson nunca se tinham casado. Cada um se entregava aos seus pensamentos acerca do casamento e do Prémio...

Mal haviam trocado uma frase ou uma palavra de cortesia desde a partida de Paris.

Reclinada no sofá de cabedal, junto da janela opaca, sentindo-se muito pouco à vontade no seu fato saia-e-casaco de lã preta e branca, que mandara fazer à última hora para assentar no seu corpo que ultimamente adelgagara, e sempre tensa por causa da proximidade do marido, Denise Marceau deixava errar sem interesse os olhos pelo interior luxuoso do avião. Durante alguns momentos fixou-os nas duas hospedeiras francesas, de cabelos louros penteados para o ar de uma maneira exagerada, muito senhoras de si, com as suas blusas brancas e saias azuis travadas, que andavam para cá e para lá, na coxia, entre os passageiros, seguidas às vezes por um empregado também fardado. Depois reparou em Claude, enterrado no seu lugar ao lado dela, de pernas cruzadas, a fumar um cigarro, enquanto ia voltando as páginas de um romance de *émile Gaboriau*. Não o olhou de frente. Não tinha coragem. Não se dera ao trabalho de trazer nada para ler, tão ocupada andava com a efervescência que lhe povoava o cérebro. Isso bastava-lhe.

Tirou da bolsa um cigarro americano com filtro, mas discretamente, pois não queria que Claude lho acendesse nem lhe dispensasse a menor atenção. Fez funcionar rapidamente o isqueiro e aproximou-o do cigarro, alcançando assim mais uma pequena vitória em favor da sua independência.

Não havia ainda muitas horas três, quatro, cinco, no máximo tinham sido acompanhados por um grupo de colegas do Instituto e de cerimoniosos funcionários do Governo até ao Aeroporto de Orly, entrando no avião a jacto da Air France às 10.40 da manhã, entre forte algazarra e muitas demonstrações de apreço por parte dos 89 amigos e do grupo de jornalistas. Ao subirem para o aparelho, pediram-lhes em altos gritos que se deixassem fotografar mais uma vez.

Ela consentira que Claude lhe segurasse no braço mais uma farsa , enquanto enfrentavam as objectivas. Uma vez dentro do aparelho, libertara o braço.

Durante aquele período de silêncio e isolamento a bordo, apenas haviam trocado monossílabos. «Estás bem, Denise?» «Estou.» «Queres champanhe?» «Não.» «Queres ler um dos meus livros?» «Não.»

«Este aparelho é muito bonito, não achas?» «Sim.» A barreira translúcida que os separava, como a dois peixes siameses de combate, tornava-se mais suportável pelo facto de se encontrarem, na verdade, dentro de um aquário, estando a ser olhados, observados, servidos e, felizmente, nunca sozinhos. Os outros passageiros, informados da identidade deles e do seu destino, tentaram meter conversa com Claude.

Quer o steward, quer uma ou outra das hospedeiras, pareciam estar continuamente de atalaia, à espera de ordens. Por várias vezes um dos pilotos veio até junto deles informar-se se iam satisfeitos com a viagem.

Neste momento, Denise Marceau percebeu que uma das hospedeiras se dirigia aos passageiros. Falou primeiro em francês e depois em inglês.

São exactamente duas horas - anunciou. Vamos aterrar em Estocolmo à hora prevista no horário, isto é, dentro de vinte e cinco minutos. Obrigado pela vossa atenção.

Ao contemplar esta hospedeira, cujo minúsculo soutien se percebia claramente sob a blusa branca, Denise sentiu uma raiva inexplicável.

Ou, por outra, bem explicável, pois associava aquela rapariga desconhecida a Gisèle Jordan, e o ódio pelo marido sufocou-a. Mal pronunciara uma palavra durante a breve paragem em Copenhaga, onde não saíram do avião, mas permanecera sentada, sem que a sua

atitude se modificasse. Agora, porém, a cólera e o ressentimento haviam crescido. Cega de raiva, voltou-se para Claude.

Por que diabo não pousas esse maldito livro e dizes alguma coisa?

inquiriu, esforçando-se por falar em voz baixa.

Claude recuou instintivamente perante a dureza daquela invectiva e depois, a pouco e pouco, dominou-se, colocou a marca entre as folhas, fechou o livro e endireitou-se no lugar.

Que queres tu que eu diga? inquiriu. Tentei entabular conversa por mais de uma dúzia de vezes, mas tu respondias sempre com o silêncio.

Eu nunca devia ter-me metido nesta maldita viagem. Detesto que me vejam em público contigo. Ainda a noite passada estiveste com aquela cabra, não tentes negar!

A compostura dele desmanchou-se por momentos.

Que queres tu dizer com isso, Denise?

90

Quero dizer que te encontraste deliberadamente com ela, jantaram juntos, estiveram num apartamento qualquer metidos na cama...

Tu estás transtornada... Se julgas...

Cala-te! Cala-te! Eu sei!

Não queria revelar-lhe exactamente por que processo o soubera, embora ele talvez o pudesse adivinhar. No entanto, não desejava confessar-lho claramente. Não discutiria com ele esse ponto, nem nenhum outro aspecto das humilhações que sofrera nas últimas três semanas.

Toda essa aventura já era de si um horror prosseguia ela.

Mas voltares a mentir-me, a mentir-me descaradamente, a prometer, a fazer-me festinhas na cabeça, a afirmar que fora uma escorregadela, um erro, nada mais, e depois continuares com todo o descaramento...

Denise disse ele, falando com dificuldade e olhando em volta para ver se alguém estava a ouvir. Nada mais se passou entre nós.

Tive apenas que me encontrar ainda uma vez com ela... para lhe dizer...

Estiveram juntos mais de uma vez e deitaste-te com ela. Não fazes o menor caso de mim, da minha ou da nossa reputação, atiraste de cabeça como um garoto na Place Pigalle que se tivesse apaixonado por uma prostituta.

Ele via que Denise estava a ficar descontrolada, estranhamente furiosa, capaz de tudo. Não queria que ela fizesse uma cena, nem ali nem em parte nenhuma, mas sobretudo naquele momento.

Denise, peço-te, Denise suplicou. Espera até chegarmos a Estocolmo e ficarmos a sós. Então explicar-te-ei tudo. É um problema que temos de resolver. Mas sem testemunhas.

Não, tem de ser agora...

Tentei falar-te por uma dúzia de vezes, nestes últimos tempos continuou ele, desesperado, mas tu fechavas-te sempre numa atitude de ofendida, de vítima. Nunca consegui arrancar-te uma palavra.

Agora queres dar-te em espectáculo aqui num avião cheio de gente.

Estão todos a olhar para nós. Que fizeste tu do teu conceito de responsabilidade e de correcção? Ainda continuamos a ser casados...

Ah, sim? Essa é boa! Olha quem vem falar em respeitabilidade e correcção! com uma puta por tua conta!

Denise, pelo amor de Deus! Alguém pode ouvir.

Desta vez, ela atendeu o apelo. Mordeu os lábios e observou à socapa os passageiros em redor, recostando-se depois em silêncio.

Havemos de encontrar uma solução prosseguiu ele desajeitadamente, tentando um esforço desesperado para a acalmar. Logo que se termine com este assunto do Prêmio...

Diabos levem o Prêmio interrompeu ela. E a ti também!

E, com um violento assomo, voltou-lhe as costas, enroscando-se no sofá, de braços cruzados, como se quisesse dormir.

91

Mas Denise Marceau não adormeceu. Na sua mente desenrolava-se uma tragédia a que o Chevalier Von Sacher-Masoch dera o seu nome: primeiro acto, descoberta; segundo acto, confirmação e ajuste de contas; terceiro acto, uma vida eternamente infeliz. No primeiro acto, ela, deixava agir as personagens. Não lhe cabia o papel principal.

Para não se deixar levar por ilusões, para melhor focar a realidade, recuou em pensamento até ao passado.

Depois de a descoberta comum lhes ter granjeado o triunfo, Claude começara a dar mostras de inquietação e Denise compreendera-o, pois sentia o mesmo que ele. O seu apartamento em desordem parecia-lhe estranhamente vazio depois de todos aqueles anos tão ocupados e tão ricos de camaradagem no laboratório. No entanto ela adaptara-se rapidamente, ocupando-se com trabalhos femininos, e não tardou a sentir-se mais satisfeita.

Claude permanecia insociável e macambúzio e, quando as suas ausências começaram a tornar-se mais longas, ela não desconfiou de nada. As pessoas podiam sentir necessidade de mudar de ambiente para encontrarem o equilíbrio. E julgou ter procedido bem com a sua tolerância, uma vez que Claude recuperara a vitalidade e o entusiasmo natural. A vida tornava-se suportável, mesmo divertida, como dantes. Embora ele manifestasse por ela um desejo físico menos intenso, até isso ela desculpava. Seis anos de trabalho exaustivo não podiam deixar de causar os seus estragos. Ele mostrava-se meigo e atencioso, e isso era agradável. Um dia, pensava ela, acabaria por se sentir completamente repousada e então dar-lhe-ia tudo o que ela desejava. Por vezes, ao pensar no bom humor de que Claude lhe dava mostras depois de jantar fora, em restaurantes ou no clube, com outros homens, Denise suspeitava que

ele andasse a amadurecer um novo projecto, um outro empreendimento, e era isto mesmo o que ela desejava acima de tudo no mundo. Embora o não traduzisse por palavras, mesmo no íntimo, o seu instinto dizia-lhe que a colaboração científica que os unia era um laço mais íntimo, mais perfeito e apaixonado, mais fecundo até do que a simples união carnal dos outros mortais.

Ela tentara atar de novo os fios das amizades antigas, convidara para tomarem chá no seu apartamento algumas pessoas cuja relação haviam desprezado, começara também a ir às compras e a almoçar com as amigas. Não se sentiu, portanto, surpreendida quando uma das suas antigas colegas da Sorbonne, com quem ultimamente estivera a recordar os velhos tempos, lhe telefonou a pedir que fosse tomar chá com ela, na tarde seguinte, ao Rumpelmeyer, na Rue de Rivoli.

Tentara ainda adiar o convite, pois andava nesse momento muito ocupada a substituir a mobília da casa de jantar, mas a insistência da amiga forçou-a a ceder.

No dia seguinte, às quatro horas em ponto, encontrara-se pois com 92

Cécile Moret em frente da pastelaria do foyer do Rumpelmeyer. Cécile Moret era uma mulherzinha magra e enérgica, usava óculos escuros, enchia as covas da cara com pó de arroz e trazia sempre ao colo um minúsculo cachorro branco e mal-humorado. Abriram caminho por meio das mesas ocupadas por muitas francesas impecavelmente vestidas e por algumas matronas inglesas, até um canto quase isolado, lá ao fundo, onde descobriram uma mesa livre. Cécile atou a trela do cãozinho a uma cadeira e começou a dar-lhe torrões de açúcar, a falar-lhe como se tratasse de um bebé. Despiram os casacos, acenderam os cigarros, mandaram vir chá e torradas para Cécile e café com eclairs para Denise.

Era Cécile quem conduzia a conversa, encantada com um óleo de Bombois que descobrira na Rue du Seine e umas carteiras para o

Verão que havia na Rue de la Boétie. Denise escutava atentamente, lamentando haver trocado a sua nova mobília por aquilo. Logo que ambas foram servidas e a criada se afastou, Cécile passou subitamente do tom frívolo para o da conspiração.

Que tem feito ultimamente o Claude? inquiriu, enquanto espreguia limão dentro do chá fraco.

Nada, que eu saiba. Desconfio que anda às voltas com um novo projecto.

Não trabalham juntos, neste momento?

Por enquanto, não. Ao fim de seis anos de colaboração, resolvemos ambos gozar férias. Quanto a mim, voltei a ser doméstica. Ele sai muito. Anda a ver se ainda encontra alguns amigos.

Hum... fez Cécile Moret num tom ligeiramente céptico que não escapou à sensibilidade de Denise e a levou a observar a amiga com súbito interesse.

Cécile limpou os lábios com o guardanapo de papel, deixou-o cair com uma expressão pensativa e depois tirou os óculos escuros, como se quisesse revelar à outra toda a sinceridade que dimanava da sua expressão.

Denise, tenho uma coisa para te dizer. Ninguém seria capaz disto, tenho a certeza. Mas eu sinto, na minha consciência, que devo fazê-lo. É apenas para teu bem, só o faço pensando em ti. Se eu não for sincera contigo, então quem há-de sê-lo? E para que serve a amizade?

Denise piscava os olhos, intrigada.

Cécile prosseguiu: Tens alguma razão para desconfiar de Claude... de... de qualquer desvio... da sua parte... ?

Não faço a mais pequena ideia de aonde queres chegar...

Olha, vou ser franca contigo, visto que também não me envergonho de te expor os meus próprios problemas. Aqui há uns

oito anos, o meu fiel Gaston, quando chegou à idade do teu marido, arran-93

jou uma ligação vergonhosa com uma rapariga do Lido. Eu soube disso, aqui neste mesmo salão, da boca de uma amiga, uma senhora já de idade, e hoje dou graças a Deus por ela mo ter dito. Como podes calcular, pus logo termo ao assunto. Não foi fácil, afianço-te, mas hoje eu e o Gaston estamos mais amigos do que nunca; é como se não se tivesse passado nada entre nós. E devemos esta nossa felicidade ao facto de eu ter tido ocasião de acabar a tempo com aquela loucura, antes de a coisa ter ido demasiado longe. Respirou fundo e prosseguiu: Agora, quanto ao teu caso...

Denise sentiu o calor subir-lhe à cara.

Cécile, que estás para aí a dizer?

Acho que o teu Claude anda muito à rédea solta. Tenho razões para crer...

Mas é horrível imaginar uma coisa dessas...

Escuta, Denise. Na sexta-feira passada andava eu, estafada, a mostrar a Margem Esquerda a uns americanos, amigos de uns amigos nossos, e resolvemos ir a pé, para eles poderem fazer uma ideia mais exacta do ambiente, íamos a caminho de Saint-Germain-des-Prés, pela Rue du Bac, muito devagarinho, a conversar, quando nisto, parou um táxi mesmo à frente de um candeeiro. Eu não prestei atenção até ver sair de lá de dentro o Claude. Ficou mesmo de frente para mim, mas não me reconheceu. Eu é que o conheci logo. Estava mesmo debaixo da luz, não podia haver engano. Estive mesmo para o chamar, mas nisto saiu outra pessoa do táxi, uma rapariga nova. Não lhe distingui bem a cara, só reparei que era alta e estava elegantemente vestida.

Claude pagou o táxi e este foi-se embora. Ele então pôs a mão em volta da cintura da rapariga, beijou-a na cara e entraram para um prédio de apartamentos. Até tomei nota do número 53, Rue du Bac. Não podes calcular como eu fiquei para todo o resto na noite!

Custava-me tanto a acreditar... o Claude, um homem tão conservador, agora tão célebre, a prestar-se a semelhante risco. Depois lembrei-me de ti e de tudo o que eu própria sofrera. Juro-te que passei um fim-de-semana levado dos diabos, antes de tomar uma resolução. «Digo à Denise? Não digo?» Agora já sabes qual foi a minha decisão e podes agir como melhor te parecer.

Denise ficara paralisada com o choque, sem querer acreditar no que ouvia. Ainda não conseguira encontrar a voz.

Era perto das nove horas da noite de sexta-feira acrescentou Cécile. Ele estava em casa a essa hora?

com esforço, Denise recuou até esse dia. Nove horas, sexta-feira à noite. O aniversário de casamento dos Caux? Não, isso fora na quinta-feira. Pois, pois, no pavilhão de Armenonville, no Bois de Boulogne. Jantara com um colega de Lyon, que andava a trabalhar na estrutura das proteínas.

Sim, ele saiu nessa noite respondeu Denise, quase sem ouvir 94 I a sua própria voz. Tinha... tinha uma reunião. com um investigador de química.

Bem, então nada podemos afirmar. Talvez a tal rapariga fosse investigadora.

Não, o amigo é um homem velho, com barbas.

Pois a rapariga não tinha barbas, isso posso eu garantir-te.

Não acredito, Cécile murmurou Denise, desalentada.

O Claude nunca foi para essas coisas. Nós somos felizes. Ele... então, agora que passou a ser tão conhecido... bem sabes que se inventam sempre mentiras acerca dos homens em evidência: que são adúlteros, homossexuais ou morfinómanos... O mundo é mesmo assim.

Não pode suportar que os seus ídolos se mantenham de pé por muito tempo. Quer rebaixá-los até ao seu nível.

Cécile percebeu que a amiga estava desesperada e não lho levou A mal.

Denise proferiu suavemente , isto não são mexericos ouvidos em segunda mão. Eu fui testemunha, vi com os meus próprios olhos.

Denise empurrou subitamente a cadeira para trás.

Vamos daqui para fora. Preciso de respirar.

Saíram, com o cão a andar na frente, passaram sob as arcadas da Rue Rivoli, até atingirem a Rue Castiglione, e depois voltaram à direita, percorrendo dois quarteirões até à Place Vandôme. Denise continuava sem ver nem ouvir nada, completamente indiferente às lojas magníficas, às pessoas com que se cruzavam na rua, ao monólogo da amiga acerca de Gaston, da perversidade dos homens, dos escolhos da vida conjugal.

Na Place Vandôme, ao encaminharem-se para o lado do Hotel Ritz, Denise sentiu que as pernas lhe fraquejavam e que não podia ir mais além. Precisava de estar sozinha, no seu quarto, para poder pensar.

Tenho de ir para casa declarou. É o dia de a criada sair.

Preciso de fazer o jantar para o Claude.

Bem, não te esqueças então do nome do homem. É extraordinário.

Denise olhou para ela sem compreender.

Qual homem?

Cécile abanou a cabeça.

Não estiveste a ouvir nada do que eu disse! Pobre pequena!

Não to levo a mal. Ainda me lembro do que sofri no dia em que soube. Estive a dizer-te que, antes de ter uma explicação com o Gaston, reuni factos e informações, de maneira que ele não pudesse negar.

E para isso contratei um detective particular, Monsieur Jean Sarreaut.

Vive na Étoile, Boulevard Haussmann. É muito discreto e competente. Trabalhou para a Sûreté National. Leva caro, é certo.

Coisa de cento e cinquenta novos francos por dia, se me não engano.

95

Contratei-o por duas semanas. Os resultados foram para mim uma revelação. Quando apresentei ao Gaston o relatório de Monsieur Sarreaut, ele nem teve uma palavra que dissesse. Aconselho-te a contratares o homenzinho para ficares ao par de tudo e depois tens uma explicação com o Claude. Vais ganhar, afianço-te. Daqui a algum tempo ainda hás-de agradecer-me.

Tinham chegado à praça de táxis.

Cécile, eu não sou capaz de contratar um detective. No cinema isso pode parecer a coisa mais natural do mundo, mas, tratando-se do Claude... o meu marido...

Faz o que te digo, de contrário não terás marido por muito tempo!

Quando Denise voltou ao seu apartamento sentiu frio e ligou o irradiador. Sentia-se abalada de mais para poder cozinhar. Vagueou durante uma hora pela casa, inquieta, recordando o passado recente, à procura de elementos que comprovassem a fantasiosa história de Cécile ou para encontrar matéria que mostrasse a sua falsidade. Às sete horas, depois de mudar de fato, resolveu começar o jantar. Antes disso, porém, o telefone tocou. Era Claude. com voz suave, explicava que encontrara um velho conhecido da Universidade de Toulouse, um homem que se entregava a um interessante trabalho no campo da genética, e que, portanto, seria proveitoso passar o serão com ele. Fingindo um interesse profissional, Denise perguntou quem era o sujeito e Claude respondeu que ela não o conhecia; chamava-se Dr. Lataste.

Displícitamente, Denise inquiriu também onde iriam jantar. No Méditerranée. Tinham ali mesa reservada e em seguida dirigir-se-iam ao hotel onde estava hospedado o Dr. Lataste, para conversarem. Denise perguntou ainda, com esforço, o nome do

hotel, e Claude respondeu prontamente que era o Californie, na Rue du Berri.

Denise esperou uma hora, sempre a fumar, depois mais trinta minutos, e só então telefonou para o Méditerranée, sem saber ainda bem o que faria se chamassem logo Claude ao telefone. Mas do restaurante responderam-lhe que nem o Dr. Marceau nem o Dr. Lataste tinham mesa reservada para aquela noite. Pensando ainda que pudesse haver engano, pediu que chamassem o Dr. Marceau, e ficou à espera. Informaram-na por fim de que não se encontrava no restaurante nenhum Dr. Marceau.

Apesar disto, Denise continuava a dizer a si própria que as provas não eram suficientes. Muitas vezes, ela e Claude mudavam de ideias à última hora quanto ao sítio onde iam jantar. Aguardou mais uma hora, sempre sem parar de fumar. Então, ergueu o auscultador com a mão a tremer e marcou o número do Hotel Californie, pedindo que ligassem para o quarto do Dr. Lataste. Seguiu-se uma espera interminável.

Aguardou tentando acalmar os receios, mas nada ouviu.

Chegou-lhe apenas aos ouvidos a voz áspera da telefonista informan-96

do-a de que não se encontrava ninguém com o nome de Lataste registado no Hotel Californie. Denise agradeceu e desligou.

O gesto que fez a seguir era inevitável. Pegou na lista da Oitava Circunscrição, folheou-a, voltou a colocá-la na prateleira e depois marcou o número de Monsieur Sarreaut, detective particular, não se sentindo surpreendida quando este lhe respondeu em pessoa, mesmo àquela hora. Pediu-lhe que a recebesse no escritório dele, na manhã seguinte.

Tudo isto se passava no dia 8 de Novembro. Decorrida uma semana, precisamente à mesma hora, no dia 15 de Novembro, Monsieur Sarreaut estava a telefonar. Informou, com a sua indiferente voz de baixo, que tinha em seu poder os artigos que ela

encomendara e desejava saber se poderia ir entregar-lhos dentro de meia hora. com o coração aos pulos, Denise declarou encontrar-se sozinha em casa e ansiosa por receber a encomenda.

Passados vinte minutos, eram-lhe entregues por um jovem de cara macilenta, a quem Denise deu uma gorjeta de duzentos velhos francos, um sobrescrito de papel fino, cuidadosamente colado e lacrado.

Mal o portador se retirou, ela deu volta à chave da porta da frente e dirigiu-se, cambaleante, para junto da mesinha do café, onde deixara o whisky por acabar. E, sentada na beira do sofá, rasgou o sobrescrito do detective. Eram três páginas escritas à máquina, a um espaço, de uma prosa seca e lacónica, que, no entanto, daria material para mil romances.

Denise leu, releu, tornou a ler aquele implacável relatório, balouçando-se silenciosamente sobre o sofá, como uma velha que de súbito se sentisse só e desamparada, até que as frases lhe pareceram punhais: Seguido por quatro funcionários que se revezavam... Por duas vezes em seis dias encontrou-se e foi jantar com a mesma senhora no Restaurante Lê Petit Navire, na Rue dès Fossés-Saint-Bernard, e das duas vezes entrou, mais tarde, para a residência da dita senhora, no terceiro andar do n.º 53 da Rue du Bac... A primeira vez foi a 11 de Novembro. Encontraram-se dentro do restaurante às 19.22.

Saíram às 20.47. Passearam no Boulevard Saint-Germain durante dezassete minutos, de mãos dadas. O homem a que nos referimos chamou um táxi. Chegaram à Rue du Bac às 21.12. Entraram juntos no edifício. O senhor saiu às 23.45 da noite. Dirigiu-se a um quiosque, que encontrou fechado, e regressou a casa de táxi...

A segunda vez foi a 12 de Novembro. O senhor chegou ao Petit Navire às 19.50. A senhora veio oito minutos depois. Saíram ambos às 20.59. Passearam na rua. Ele beijou-a, continuaram a passear, ele com o braço em volta da cintura dela, até à esquina do Quai de la 97

Tournelle, onde esperaram quatro minutos que aparecesse um táxi.

Chegaram ao n.º 53 da Rue du Bac às 21.10. A porta estava fechada.

Ela tocou para chamar a porteira. Beijaram-se enquanto esperavam.

Entraram no edifício às 21.19. O referido senhor saiu sozinho a meia-noite e quatro minutos. Parece ter chamado antecipadamente um táxi pelo telefone. Esperou e, quando o veículo chegou, dirigiu-se logo para sua casa...

Para facilitar futuras investigações, os nossos funcionários procederam a um inquérito superficial acerca da senhora em questão... Nome: Gisèle Jordan. Naturalidade: Rouen. Idade: 27 anos. Ocupação: manequim.

Casa onde trabalha: Balenciaga, Avenue George V, perto da Alma. Cabelos: louros. Altura: 1,70. Peso: 51,5. Outras dimensões: busto: 96 cm. Ancas: 85 cm. Cintura: 69 cm. Estado civil: solteira.

Diversas: deixa o emprego às 17.05. Toma o autocarro n.º 63 da Ponte da Alma, sai na paragem da esquina entre o Boulevard Saint-Germain e a Rue du Bac, chega geralmente a casa às 17.25. Tem o apartamento alugado a longo prazo. Paga 580 francos por mês. O apartamento consiste numa sala de estar, casa de banho, quarto de cama, sem cozinha.

Sala de jantar no rés-do-chão. Mobiliário Luís XV. Se a cliente desejar mais informações sobre a referida senhora, podemos fornecer-lhas sem dificuldade.

A ameaça latente nesta crua enumeração de factos deixou Denise gelada. Foi como se lhe tivessem batido na cabeça. Até àquele momento sentira-se protegida por uma sensação de irrealidade, como se tivesse a certeza de que tudo aquilo não passava de um simples jogo de disparates cujo desfecho seria feliz. Contudo, tinha agora na frente, tão bem enfrascados como o esperma de que ela e

Claude tanto se tinham ocupado, uma série de factos concretos. O outro elemento em causa consistia numa pessoa real, jovem, fascinante, com medidas clássicas. Os encontros dos dois eram concretos, tinham horário, local, intervalos cheios de significado. Existia para ela uma terrível inimiga chamada Gisèle. O seu Claude!

As emoções de Denise seguiam o curso normal daquele único desgosto: tão depressa se sentia revoltada, como sucumbida, horrorizada, irrequieta, intimidada. Continuava caída sobre o sofá, enquanto o ciclo não atingira o ponto de ter pena de si própria, por isso ainda não começara a beber. Continuava para ali, em estado comatoso, incapaz de se mover ou de raciocinar, como se fosse de pedra.

Não saberia dizer quanto tempo durou aquele estado. Muito depois, ao ouvir soar a campainha da porta, tentou reanimar-se, julgando que fosse Claude, e preparou-se para a defesa. Mas ao ir abrir deparou com um homem já de idade, muito bem vestido: mais tarde recordou-se de que usava lunetas, que trazia na mão um ramo de rosas verme-98

lhas e um telegrama. Disse que era o embaixador da Suécia em Paris e era portador de uma boa nova.

Denise reencontrou o instinto da hospitalidade suficiente para o mandar entrar para a sala. Pegou no telegrama e leu-o, quase alheia às amáveis felicitações do homem. De pouco mais se recordava.

O resto ficava em branco. Teria respondido alguma coisa? Mostrara alguma satisfação? O estado de amnésia absorvera tudo. Talvez ele se tivesse demorado apenas cinco minutos. Por certo tomaria o mutismo dela como um sintoma de êxtase muito vulgar nos seres predestinados.

Sendo um homem delicado, teve o bom senso de se retirar.

O telefone começara imediatamente a tocar: Figaro. France Soir Match New Iork Herald Tribune. Todos telefonavam, não a pedir

informações, mas a perguntar se o marido estava em casa. Vinham já a caminho meia dúzia de repórteres e fotógrafos. E ela estava só.

A Dr.a Denise Marceau, apesar de tão independente no laboratório, nunca teria sido capaz de tomar a decisão que tomou. Mas achava-se desorientada, numa casa sem defesa. Pegou numa lista telefónica e procurou nela o nome execrando. Ao ouvir a voz da outra, depois de se haver identificado, a sua sensibilidade atravessou o espaço juntamente com as ondas de som. Teve a certeza de que ele estava ali.

Depois ouviu-lhe a voz de menino assustado, a confirmar a infidelidade...

Levara meia hora a chegar a casa. Quando entrou, encontrava-se ela no centro do sofá, suficientemente embriagada para se sentir importante e senhora de si, rodeada por um círculo de repórteres e fotógrafos. Estivera a recitar a ladainha dos termos técnicos que não exigiam reflexão, mas as perguntas tornavam-se agora mais pessoais, mais alarmantes, e a sua segurança começou a ficar abalada. Claude chegava no momento crítico, como o cavaleiro valente naqueles horríveis filmes do Oeste americano, e a presença dele salvou-a de cometer qualquer indiscrição.

Recusara-se a fitar o marido, sabendo que ele a observava, ansioso por avaliar a sua disposição, por calcular as suas possíveis reacções.

Permaneceu imóvel durante o instante de náusea em que os lábios dele lhe tocaram a face, na presença dos fotógrafos, festejando a vitória comum. Como um imã, ele atraiu todas as atenções para a sua pessoa, começando a responder a nova avalanche de perguntas com vigor e precisão. Durante esta mudança, ela levou a mão à testa, queixou-se de dores de cabeça, de grande excitação e fugiu para o quarto, fechando a porta por dentro. Quando, mais tarde, Claude experimentou abri-la, não conseguiu.

Ela dormiu profundamente, mas com um sono cheio de pesadelos, e quando saiu do quarto, já toda vestida, com saia e camisola de lã, verificou que ele passara a noite no sofá. Encontrou-o na casa de jantar, a tomar café com brioques e com o discurso já ensaiado. Enquanto !

99

se vestira, ela pensara que conseguiria conservar-se calma na presença dele. Porém, agora, durante a cena curta e violenta que se seguiu à sua entrada na sala, dificilmente conseguiu evitar o histerismo. As acusações que fazia ao marido reflectiam quanto se sentia ferida, traduziam uma infinita vergonha, uma certa quebra de orgulho. Ele procurava reduzir tudo o que acontecera às dimensões de uma simples escorregadela, afirmava que tudo bem espremido não passava de um insignificante pecadilho masculino, uma queda accidental. Pouco havia a dizer em tais circunstâncias. No entanto, ele falou bastante, desculpando-se, analisando a sua falta, a sua fraqueza, e eram precisamente essas palavras que ela esperava ouvir. Porém, sentia-se profundamente ferida. Ele compreendeu-a e, sofrendo com a dor dela, prometeu-lhe de modo cabal que toda aquela aventura terminaria ali, não passaria daquele dia e que, se ela lhe desse crédito, não se arrependeria. Denise regressou ao quarto com os olhos vermelhos, ele saiu e a cena terminou.

Nas semanas que se seguiram só o Prêmio Nobel tornou possível a vida em comum. Durante a tarde nunca se encontravam sós. A sala de estar regurgitava de visitas providenciais. Um dia, os colegas; no outro, os funcionários do Governo; no dia seguinte, elementos da Faculdade; no outro ainda, a imprensa. À noite, valia-lhes o horário bem combinado Quando Claude chegava a casa, encontrava-se a dormir, atordoada por soporíferos. Quando ele acordava pela manhã, já Denise andava na rua, dedicando as primeiras horas do dia aos preparativos para a viagem a Estocolmo.

Para Denise, o único interesse na vida era constituído pelo relatório de Monsieur Sarreaut, de três em três dias. Recebera quatro, antes da partida para Estocolmo. O primeiro e o segundo mostravam que Claude cumprira a promessa. Não voltara a ver Gisèle. com o terceiro, as esperanças de Denise aumentaram. Continuava a não a procurar.

Estava convencida de que tudo aquilo fora apenas um devaneio masculino, uma aberração, para empregar as expressões de Cécile. Estava terminado. O quarto e último relatório foi entregue a Denise dois dias antes da partida para a Suécia e caiu-lhe em cima como uma bomba.

Como sempre, o tema da infidelidade era tratado cruamente por Monsieur Sarreaut. Deixava perceber tanta coisa nas entrelinhas dava tanto pasto à imaginação, que Denise sentia vontade de gritar. Nos três últimos dias, duas vezes Claude quebrara o seu ascetismo. Já não ia ao Petit Navire, mas sim a dois bistros de Montmartre. Não voltaram ao apartamento da senhora. Foram ao de uma amiga. De cada uma das vezes, o referido senhor e a senhora haviam permanecido no apartamento durante mais de três horas.

Se a ferida de Denise começara a sarar, reabria-se agora de maneira brutal, ficando a latejar dolorosamente. Desta vez, as lágrimas cegavam-na; ele era como um alcoólico que não consegue largar a garrafa, 100

t desprezando todas as consequências. Já mais familiarizada com o desgosto, começou a raciocinar e a fazer perguntas a si própria. Seria apenas uma questão de sexo, ou também de amor? Em qualquer dos casos, a resposta não lhe trazia consolação. Se fosse apenas o sexo que o atraía para Gisèle e os quadros vivos que tal ideia lhe sugeria punham-na doente, então o seu sentimento de inferioridade não fazia senão aumentar e nunca conseguiria vencê-lo. Sentia-se esmagada com aquela derrota animal. Sim, sempre ouvira dizer que este aspecto era o que menos interessava. com o

tempo, o macho pode saturar-se do acto, logo que este perca para ele a novidade, cansando-se da companheira, e então volta para casa arrependido.

Mas nem por isso a derrota era menos primitiva e profunda. E se o amor viesse juntar-se à sua atracção por Gisèle, então Denise reconhecia que não dispunha de nenhuma arma para resistir. Se se tratasse de um caso emocional, em que o sexo desempenhasse apenas parte do papel e o resto incluísse todos os outros sentimentos, então ela estava perdida. Saberia Claude fazer essa destrinça? Talvez ainda não. E Denise receava que ele atingisse esse ponto. Entretanto, que havia ela de fazer? Ameaçá-lo com o divórcio imediato? E se Claude deixasse correr as coisas, sem se importar com o escândalo? E se ela perdesse a partida? Iria abandonar assim a luta logo às primeiras? A ideia de o deixar partir, no fim de tantos anos, para a companhia daquela cabra, lançava-a numa fúria louca. Ficar sozinha, sozinha e estéril, a trabalhar naquele maldito laboratório, como um acessório isolado, isso não poderia ela suportar. No entanto, continuar assim, casada apenas aparentemente, sabendo-se lamentada por aquela cabra, por ele, e até por si própria, também era impossível. Que fazer então? De momento, só sentia um ódio profundo por ambos. Isso e também um desejo que encerrava em si um relativo prazer: a vingança.

Mais tarde, enquanto se despia vagarosamente antes de se meter na cama, com os comprimidos que tomava para dormir já a começarem a produzir efeito, dava-se conta de que não seria capaz de tomar a iniciativa de uma vingança imediata. Não sabia como, nem quando, nem de quê, mas de alguma coisa se havia de lembrar. Como fora possível acontecer uma coisa daquelas? Sempre tão unidos, trabalhando juntos com tão bons resultados, dia e noite, durante tantos anos, gozando tanto na intimidade, realizando coisas tão maravilhosas.

Até haviam ganho o Prêmio Nobel! E tudo se desfizera porque tinham interrompido o trabalho, finalizado a tarefa que andavam realizando em comum. Onde se poderá subir mais depois de atingir o Evereste?

A armadilha oculta fora a vitória, uma vitória à Pirro que significava a alienação do objectivo, um mergulho na inactividade.

Uma vez na cama, já meio inconsciente, a acolher de braços abertos aquela falsa morte de cada noite, tentava imaginar a sua inimiga. Que dizia o primeiro relatório do Monsieur Sarreaut?

Modelo de Balen-101

ciaga; 1,70 m de altura; busto, 96. Uma tábua de passar a ferro!
Como poderia o Claude trocá-la por aquilo?

E foi então, antes de pegar no sono, que decidiu observar por si.

Claude dormia ainda, na manhã seguinte, quando ela combinou com uma amiga não Cécile, a quem desejaria nunca mais ver, mas sim uma senhora das suas relações, pessoa excêntrica, que percebia imenso de modas e lhe arranjava um convite para a casa Balenciaga.

Essa amiga concordou em ajudá-la a escolher um vestido de cerimónia para a entrega do prêmio. Denise bem sabia que aquela compra era inútil, pois comprara já um vestido para o efeito, mas sentia uma necessidade imperiosa de observar e enfrentar o inimigo.

Impaciente, Denise chegou com dez minutos de antecedência. Sem conseguir estar quieta, foi passando revista às figuras indochinesas, ornamentadas com pedras semipreciosas, que se encontravam nas montras de Balenciaga. com grande espanto seu, verificou que estas emprestavam um certo ar de mistério à função que ia seguir-se. Por fim, Denise acabou por entrar e começou a deambular por entre as mesas estilo Império cobertas de charpas, luvas, meias, explicando à empregada vestida de preto que nada desejava da boutique; estava apenas à espera de uma amiga.

Logo que esta chegou, Denise tomou lugar juntamente com ela no elegante elevador acolchoado de seda cor-de-rosa. No terceiro

andar, uma empregada de certa idade, com ar respeitável a encarregada de vendas, que a gerência da casa Balenciaga, conhecedora da importância da visitante, mandara para receber Denise, cumprimentou amavelmente as duas senhoras e conduziu-as ao salão de apresentações, informando-se de quais eram precisamente os gostos de Madame.

Madame desejava um vestido de noite.

Sentada numa cadeira dourada, em frente do enorme espelho, exactamente no mesmo lugar onde estivera no Verão anterior, Denise esperava que aparecessem os manequins. Aquela expectativa tornava-se insuportável. Já perdera cinco quilos desde que haviam começado os desgostos, sentia-se portanto agora com uma figura mais apresentável, mas nem por isso deixava de experimentar uma certa inquietude, um grande mal-estar e uma crescente tensão nervosa.

Tentou revestir-se da calma que devia mostrar uma dona de casa que chamasse à sua presença a criada de dentro surpreendida a ser beliscada pelo seu patrão. Mas no momento em que as cortinas distantes se abriram e os encantadores manequins começaram a desfilarem pelo salão, caminhando na sua direcção, a confiança que nela habitara fraquejou. Em face de cada nova cara, inquiria, em voz baixa, da empregada o nome e o preço do modelo, e também, no tom mais desinteressado que podia arranjar, o nome do célebre manequim que o apresentava.

Acabava de entrar na sala a quarta rapariga quando a encarregada

de vendas lhe segredou o nome de Mademoiselle Gisèle Jordan, tão conhecida através das revistas de modas. Denise imobilizara-se na cadeira enquanto a figura alta, com uma espécie de tiara na cabeça, um vestido de cetim branco colado à pele, muito decotado, luvas de tom pastel até ao cotovelo, se aproximava cada vez mais. Por qualquer motivo inexplicável, Denise só via os seios de rapariga,

sem soutien, por baixo do vestido. Talvez tivesse escolhido aquele objectivo para os olhos porque, nesse capítulo, se sentia nitidamente superior.

Claude manifestara, desde o primeiro dia de casados, acentuada preferência pelos seios dela usava a medida 38 e, portanto, ele não podia apreciar uma rapariga que só usava por certo medida 32.

Era impossível! Surpreendeu-a verificar que, vistos de perto, aqueles seios ligeiramente oscilantes possuíam um diâmetro maior do que seria de esperar. A medida que Monsieur Sarreaut indicara referia-se apenas ao volume. Os seios eram chatos, é certo, pouco salientes, mas jovens e redondos.

Desconcertada por esta derrota num campo em que se julgava superior, Denise concentrou-se na observação da figura elegante que evolucionava na sua frente. O cabelo platinado, os olhos azul-claros, as maçãs do rosto salientes, aqueles malditos seios arredondados, as pernas compridas, tudo revelava uma perfeição absoluta. Antes de a rapariga se retirar, Denise manifestou o seu interesse pelo vestido de cetim. Gisèle recebeu ordem para dar mais uma volta ao salão e deter-se diante de Madame.

Gisèle, com o seu ar intangível, fitava friamente o espelho por cima da cabeça das clientes, indiferente e distraída. Denise observava-a, sentindo o sangue subir-lhe às faces. Tentava ser objectiva como se estivesse a trabalhar no seu laboratório. Tinha na sua frente um microscópio e células vivas. Que veria Claude neste microscópio? Em primeiro lugar, um ser jovem. A carne era rija e não sofrera ainda os desgastes do tempo. Mas Denise dizia consigo que era ainda jovem também. Por várias vezes os outros assistentes mais novos lhe haviam feito namoro. Recordou-se então de que tudo isso se passara havia quinze anos; já mais de uma década a separava da juventude. Espreitou de novo pelo microscópio. As células flutuavam e desapareciam.

Ficava apenas a carne. Aquele espécime mostrava-se magnífico, de todos os pontos de vista. Ela não. A outra era exótica. E ela não. E, no entanto, que possuía ela a mais? Observou-a atentamente: dois braços, dois seios, duas pernas, um sexo. Como cientista, demais a mais especializada em espermatozóides, sabia, que aquela parte do corpo não varia muito de fêmea para fêmea; existem apenas diferenças anatómicas mínimas, íntimas. Cientificamente falando, que poderia esta espécime fazer na cama que ela própria não tivesse já feito a Claude?

Por mais diversas que fossem as palavras e variada a gama dos suspiros que o prazer gerava, por mais requintados que fossem os

mentos e as posições, tudo vinha afinal a terminar em semente humana.

E essa analisara-a ela muitas vezes: uma era sempre diferente da outra, mas todas se revelavam iguais nas sensações que a sua secreção provocava.

Os olhos de Denise deixaram o microscópio para se fixarem apenas naquilo a que Monsieur Sarreaut chamava eufemisticamente a senhora em questão. O mistério do sexo, o eterno enigma. E Denise pensava: «Que terá ela para dar que eu não tenha? É nova? Mais nova do que eu? Diferente ao tacto? Ou o poder de atracção que exerce reside em toda a sua pessoa, e não apenas num órgão? Será ela mais interessante, mais divertida, mais viva, mais enérgica, mais lisonjeira, mais apaixonada?»

Fitava os contornos daqueles membros longos e belos, cingidos pelo invólucro de cetim, a que vinha sobrepor-se a imagem odiada: Claude deleitando-se com aquele corpo magnífico de mulher, Claude perdido, perdido para sempre. Denise sentia-se esmagada, derrotada, incapaz de aguentar por mais um segundo aquela cena.

Deu a entender que já vira bem o vestido e nem se apercebeu da saída do manequim.

Ouviu uma voz. Era a encarregada das vendas.

Que diz, Madame? Não é um encanto?

Oui disse ela , mas não para mim, merci. Sentia-se pesadona, sem graça, envelhecida. Tinha a impressão de ser uma órfã abandonada. Voltou-se para a amiga: Je ne veux rien ache ter maintenant.

Vamos embora.

Estas dolorosas recordações foram de súbito interrompidas e Denise verificou que já não se encontrava no salão de Balenciaga, mas sim na cabina de um avião a jacto, a caminho da Suécia.

O alto-falante deu uns estalidos. A hospedeira começou a falar, primeiro em francês, depois em inglês: Vamos aterrar dentro de cinco minutos. É favor absterem-se de fumar. É favor apertarem os cintos. Obrigada.

Denise sentou-se direita na cadeira, alisou o fato nos sítios onde se engelhara. Não via nada lá fora. Apenas uma infinita extensão cor de cinza, tal como os seus pensamentos. Depois de tactear um bocado, encontrou as pontas do cinto e apertou-as à volta do corpo.

Viu que Claude fechara o livro diabos o levem, ser capaz de ler num momento destes! e trincava agora a ponta do cigarro. Também ele afivelara o cinto de segurança.

Olhou para a mulher.

Dormiste alguma coisa?

1. Não quero comprar nada agora.

104

Dormi como uma criança descuidada respondeu ela, maldosa.

Ele não disse mais nada, enfiou o livro no saco de Air France, puxou o éclair e meteu-o entre os pés.

Sentada muito direita, tentava afastar de si a lembrança desta viagem, com a forçada aproximação que ela lhe impunha. Um ano atrás, esta honra que iam receber juntos teria sido o momento culminante das suas vidas. Agora, era uma coisa vazia; vazia não, irrisória. Nada mais significava que um fim-de-semana em

Estocolmo. E só seria tolerável ou até possível se se encontrassem permanentemente ocupados.

Isso evitaria que ela se visse a sós com Claude e dar-lhe-ia tempo para reconquistar a calma e pensar no futuro imediato. Dentro de duas semanas regressariam a França. Uma vez ali, passariam de novo a ser três, e ela teria de se decidir, de escolher.

Sentiu a ligeira oscilação do avião na descida e invadiu-a um pânico momentâneo acerca do que a esperava em terra. Tentou imaginar a espécie de obrigações que a aguardavam. Ela e Claude teriam de comparecer juntos em todas as cerimónias? Desgostou-a a necessidade de mostrar o seu rosto, já célebre, em público, de ter de exibir a felicidade e a colaboração conjugal que todo o mundo estava à espera de contemplar. Marie e Pierre Curie eram aquilo que desejavam ver neles. A ironia da situação não lhe dava vontade de rir. Marie, Pierre e Gisèle Jordan.

Quando o aparelho tocou o solo, ouviu-se um ruído de qualquer coisa a raspar e depois começou a operação de travagem, que a obrigaria a deter-se numa pista com mais de três quilómetros de faixa de cimento. Pela janela, Denise avistou um trecho de florestas, outros aparelhos e tractores de mercadorias, alguns edifícios modernos, um hangar com telhados futuristas em ângulos esquisitos, pessoas vestidas de escuro. Eram estas que mais a assustavam. Haviam idealizado uma cientista célebre chamada Dr.^a Denise Marceau, fria, desprendida, profunda, toda dedicada ao seu trabalho, quando, na verdade, se iam encontrar apenas em face de uma desiludida mulher casada, já de certa idade, Madame Claude Marceau, uma mulher indecisa, meio embriagada, desesperada, vencida. Quem, entre aquela gente, pensaria que Nobel poderia ser vencido por Balenciaga? Tudo dependia da sua reserva de força interior. Seria ela capaz de resistir àquela semana de publicidade sem desencadear um escândalo?

Vem dizia Claude. Já chegámos.

Enquanto desciam as escadas, de acesso, viram-se imediatamente envolvidos por uma multidão ruidosa. Claude segurou-lhe o braço para a ajudar a aguentar-se de pé e, sem saber como, Denise encontrou-se com um ramo de flores na mão. Ouviu indistintamente os nomes dos componentes do Comité de Recepção: o conde QualquerCoisa Jacobsson, Ingrid QualquerCoisa, QualquerCoisa Krantz.

O conde, que se encontrava entre ela e Claude, ia dizendo: 105
Marcámos a conferência de imprensa para amanhã. Queríamos que tudo se passasse com a maior ordem. Mas eles souberam da vossa chegada e agora ninguém os segura. Não têm obrigação de responder a perguntas logo à chegada. E empurrava os jornalistas para o meio da multidão, enquanto as máquinas fotográficas, erguidas ao alto, disparavam na frente deles e os repórteres os interrogavam em quatro línguas.

Impelida, arrastada, guiada pelo conde, sempre com o rebanho dos repórteres atrás. Denise encontrou-se a subir atabalhoadamente para uma limousine. Quando curvava a cabeça para entrar, ouviu a voz de um repórter, mais rouca que as outras, que lhe gritava: Doutora Marceau! Acha que é de aconselhar aos casais que trabalhem juntos, que trabalhem em comum, mais em comum .. mais. .

A voz perdeu-se enquanto ela se refugiava no interior do carro, a fazer um esforço para não desatar a chorar alto. Claude estava ao seu lado, a seguir sentava-se uma Pessoa-Qualquer e nos assentos desmontáveis iam também duas Pessoas-Quaisquer. O carro pôs-se em movimento. Mas Denise Marceau tinha a impressão de que aquilo não era um automóvel, mas sim um ferry-boat conduzido por Caronte através do odiado Estígio...

Logo que o Comité de Recepção do Prémio Nobel deixou Denise e Claude Marceau nos seus aposentos do Grande Hotel, Ingrid Pahl disse:

Tenho a certeza de que eles ficaram encantados por nos verem pelas costas. Pareciam tão exaustos e nervosos. . E encarregou um adido do Ministério dos Negócios Estrangeiros de verificar se lhes faltava alguma coisa, pois mal havia tempo para jantarem e voltarem ao Aeroporto de Arlanda, a fim de aguardarem a chegada do Caravelle das sete horas, que trazia o Dr. Carlo Farelli e sua mulher, Margherita, vindos de Roma.

Os três membros do Comité acabavam de jantar no Restaurante Cattelin, por detrás do Palácio Real, na Cidade Velha. Mas não era acerca de Farelli que conversavam.

A que horas chega o navio do professor Stratman esta noite a Gbteborg? inquiriu Carl Adolf Krantz.

Não tenho a certeza replicou Jacobsson. Sei que chega tarde. Seja como for, iremos esperá-lo à Estação Central amanhã às oito horas.

Oxalá tenha feito boa viagem tornou Krantz, com o nariz metido na caneca de cerveja.

Mas porquê tanta preocupação com Stratman? exclamou Ingrid Pahl dirigindo-se a Krantz. Nunca o vi tão excitado desde aquele ano em que recebemos o Heisenberg, de Leipzig. E sorriu 106

com maliciosa inocência. Afinal este não passa de um americano. Krantz deu o flanco Este é alemão.

Perdão, judeu retorqui Ingrid, que se divertia à grande.

É alemão repetiu Krantz, teimoso.

> Será, mas tratou de fugir para a América na primeira ocasião que se lhe deparou respondeu Ingrid, prazenteira.

Krantz franziu o sobrolho.

Está bem. Já percebi que você está a querer gozar à minha custa.

Não quero saber donde veio, só me interessa o que ele é: o mais eminente físico do mundo. Você faz sequer uma pequena ideia do que ele descobriu?

Às vezes também leio os jornais retorqui Ingrid Pahl.

Descobriu que o calor do sol pode servir para outras coisas mais além de bronzear a pele.

Você é impossível! Krantz acabou de engolir a cerveja e voltou-se para Jacobsson. Aborrece-me que o professor Stratman chegue a Goteborg sem encontrar lá ninguém à espera. Depois de termos despachado os Farelli, parece-me que vou telefonar ao professor Stratman para Goteborg. Vê nisso algum inconveniente?

Faça como lhe parecer melhor respondeu Jacobsson.

É isso prosseguiu Krantz. Vou dar-lhe as boas-vindas pelo telefone. Acariciou a pêra. Espero que tenha feito boa viagem.

Mais tarde, e durante muitos anos, Emily Stratman devia recordar a tarde do dia 2 de Dezembro como um momento culminante de auto-revelação da sua idade adulta. Caso estranho, sempre que pensava nesse dia lembrava-se de haver lido algures que os ponteiros da maior parte dos relógios falsos utilizados pelos relojoeiros americanos, como reclamo eram postos nas 8.18, em obediência à crença de resto inexacta de que Abraão Lincoln morrera àquela hora. A teimosa associação destes dois momentos levou-a a concluir que o fenómeno tinha a sua razão de ser no facto de ambos marcarem o fim de uma vida.

Mas esse instante de auto-revelação, embora próximo, não fora ainda alcançado. Pouco passava ainda das quatro horas do dia 2 de Dezembro e o magnífico navio branco da Swedish-American Line deixara para trás havia uma hora as costas longínquas da Noruega e atravessava o mar bastante encapelado em direcção ao porto sueco de Goteborg. Emil Stratman, com um casaco de camurça por cima da blusa de lã amarela, repousava, comodamente estendida numa cadeira de verga, na cobertura A superior. Através da divisória de vidro, observava, recortando-se em silhueta no horizonte, as três velas de um solitário barco de pesca. Por cima, o céu mostrava-se negro e amea-

çador. Apesar do mau tempo, ela não se sentia ainda desejosa de desembarcar.

Aqueles nove dias a bordo haviam sido a mais agradável experiência que lhe fora dado desfrutar em toda a vida e gostaria de dispor de mais tempo para a prosseguir.

Como não podia deixar de ser, o pensamento fugiu-lhe para Mark Claborn. Estava ali à espera dele. Não haviam marcado o encontro, mas estava certa de que ele não faltaria. No entanto, gostaria de lhe ter dito que viesse. Não mandara ainda servir uma bebida para lhe dar tempo a aparecer.

Quando ouviu passos mesmo atrás de si, voltou-se rapidamente, com um sorriso, para o acolher. Mas o recém-chegado era apenas o tio Max. E a rapariga não conseguiu disfarçar o seu desapontamento.

Esperavas outra pessoa mais jovem, não é verdade, Liebchen? ' perguntou, sorrindo, o professor Stratman.

Mais novo sim, mas não mais bonito.

Ach, já sabes dizer galanteios! E sentou-se na cadeira de verga que ficava em frente. Tenho estado a conversar com o dispenseiro.

Diz ele que estamos quase a chegar.

A que horas entraremos no porto?

Às dez da noite. O comboio para Estocolmo parte às onze. Temos muito tempo! Olhou para fora. Que dia horrível! Disseram-me que está a chover em Goteborg. Por que diabo escolherão Dezembro para distribuir o Prêmio Nobel?

É o aniversário de Alfred Nobel respondeu Emily.

Ainda bem que ao menos uma pessoa da família lê qualquer coisa de História! Estremeceu. Brrr! Que frio! Queres beber alguma coisa?

Pode ser... Reflectiu e depois considerou que podia tomar uma nova bebida na companhia de Mark quando este viesse. Pode ser um snaps.

Um snaps? Já vejo que estás a adquirir os hábitos suecos. Sabes de que é feito? Álcool e mais álcool, perfumado com cominhos.

Se o tio tomar dois snaps, atiram-no ao mar...

Se isso não fizer mal à minha sobrinha, também não me fará mal a mim. Foi fazendo sinais até chamar a atenção do criado de bordo e depois encomendou-lhe as bebidas.

Quando estas chegaram, Emily sorveu a sua, não toda de uma vez, mas lentamente, a saboreá-la. Stratman contemplava o seu copo com um certo remorso. Consultara várias vezes o Dr. Fred Ilman antes de empreender esta viagem e ele fora categórico. Não o aconselhava de maneira alguma a fazê-la. Acarretar-lhe-ia um excesso de emoções, de cansaço, de comida e bebida. Stratman explicara que a condição indispensável para receber o Prémio era comparecer pessoalmente.

1 Meu amor.

108

O Dr. Ilman objectara que várias pessoas, entre elas John Galsworthy e André Gide, tinham recebido o dinheiro sem se haverem deslocado a Estocolmo por se encontrarem doentes. No entanto, Stratman insistira.

Por várias razões, não quisera tornar público o estado do seu coração. Essa notícia causaria uma grave perturbação a Emily. Ela já se sentia suficientemente insegura na vida sem isso. Além de que a Sociedade de Investigações Básicas poderia ficar alarmada, reduzindo-lhe os vencimentos ou os trabalhos de que o encarregava. Não queria que lhe cortassem as asas, agora que havia tanto a fazer. E por isso dera a palavra de honra ao Dr. Ilman de que se portaria bem, nada de agitação, nem de fadigas, nem de bebidas.

Ergueu o copo, exclamando: Meio skal respondeu Emily, mostrando que o seu copo já ia em metade.

Beberam e ficaram ambos calados, como tantas vezes faziam, embalados pelo balanço do navio. Ao observar Emily, Stratman

sentia-se satisfeito com a mudança que o mar operara nela. Ele sabia que a rapariga, vivendo sempre metida em casa, desejara, e ao mesmo tempo temera, aquela viagem. Mas fosse por que motivo fosse, num dado momento, entre a chegada de ambos ao cais 97 de North River, em Nova Iorque, e a sua entrada nos beliches contíguos da cobertura B, Emily parecia haver tomado uma resolução acerca da sua conduta.

Enquanto segurava com as duas mãos em concha o copo, ele perguntava a si próprio a que se devera tal facto. Nunca procurara devassar a vida íntima da sobrinha, mas durante aqueles nove dias a bordo vira-a construir aquela determinação. Desde que fora tirá-la de Buchenwald, no fim da guerra, a filha única do seu irmão fugira sempre dos homens normais e saudáveis. Não se recordava de uma única excepção. Junto dele, tentava ser correcta com um homem, ou antes, com homens em grupo; mas nunca tivera conhecimento de que se encontrasse sozinha com um representante do sexo oposto.

Conhecendo a origem desta anormalidade, Stratman nunca tentara corrigi-la. Se tal defeito devia ser corrigido, só ela o poderia conseguir.

E fora isso mesmo que ela tentara fazer a bordo do navio.

Esforçara-se, desde a primeira noite, por não passar o serão no camarote. Resolvera ser sociável exactamente como qualquer dos novecentos passageiros. Todas as manhãs participava no jogo das corridas.

Todas as tardes respondia à chamada da buzina para o jogo da tarde e por seis vezes lhe couberam números premiados. Ao jantar, ficava sempre à direita do capitão, com grande contentamento deste, bebia vinho tinto e branco e saboreava as delícias do smorgasbord. '

Celebrara também, com manifesta alegria, juntamente com os outros companheiros de bordo, a passagem do cabo da ilha Sable, no ter-1 Espécie de acepipes que se servem na Suécia antes das refeições. (N. do T.) 109

ceiro dia de viagem, o aparecimento do cabo Race, na Terra Nova, no quarto dia, e, no oitavo, as ilhas Orkney e a Escócia. Aquela manhã saudara, com os amigos, a gradual aproximação das costas da Noruega.

Stratman observara, com um certo orgulho e alívio, a que vinha misturar-se uma ponta de receio, que a sobrinha se relacionara com homens de uma idade aproximada à dela, trinta e poucos anos, e até mais velhos, a passar dos quarenta. com eles, mostrava-se nervosa e reservada. No entanto, embora não estivesse habituada a esta espécie de convívio, fazia-lhes frente. Como era de esperar, os homens a bordo tentavam insinuar-se na sua intimidade. O seu belo rosto oriental, os seios fartos a sobressaírem debaixo das camisolas justas, os lábios curvos, despertavam o desejo do sexo masculino. A sua virgindade fora largamente discutida, embora ela o ignorasse. As suas maneiras retraídas e envergonhadas, a maneira que tinha de estar no meio da multidão, conservando-se à parte, influenciaram a opinião dos homens a tal respeito. Tal facto constituía mais um atractivo.

Stratman orgulhava-se do procedimento da sobrinha. Isto bem poderia chamar-se a sua estreia na sociedade. Tornara-se a figura central do navio. Talvez, pensava, ela se modificasse dali em diante.

Sentado agora em frente da rapariga, enquanto saboreava a bebida, contemplava-lhe o perfil e pensava consigo que Walther e Rebeca deveriam sentir-se satisfeitos se a vissem naquele momento. A rapariga olhava as ondas coroadas de espuma branca e nevoeiro, enquanto o tio perguntava a si próprio em que iria ela a pensar.

As preocupações de Emily, naquele instante, não diferiam muito das do tio. Também ela passava revista aos nove dias passados a bordo do navio. Sentia-se satisfeita com o resultado dos seus esforços para alcançar a normalidade. Mas, no entanto, essa satisfação não se completara.

Resolvera provar a si própria e aos outros que era uma mulher como qualquer outra, um membro válido do seu sexo, tão normal e feminina como as suas contemporâneas. Triunfara já em parte, não totalmente ainda, e por isso não se considerava satisfeita por enquanto.

Fora por este motivo que viera para a coberta àquela hora, quando a maior parte das pessoas estava a vestir-se ou a descansar.

Queria estar sozinha com um homem que também desejava encontrar-se a sós com ela. Para quê, exactamente, ignorava-o. Mas, por certo, com qualquer finalidade importante. E de novo voltou a pensar em Mark Claborn.

Conhecera-o, ou, melhor, dera pela sua presença na primeira tarde em que tiveram exercício de salvamento. Ela chegara um pouco atrasada à instrução. Enquanto se metia na fila, tentava afivelar o cinto de cortiça, sem o conseguir. O rapaz moreno que estava ao seu lado ajudou-a, rindo, e ela ficou em breve preparada para o perigo. Só 110

depois de terminado o exercício e de todos se terem ido embora descobriu que ele era bonito.

Começou dali em diante a reparar nele com frequência. Via-o a jogar o pinguepongue ou o burro, a passear com raparigas suecas ou dinamarquesas. Ele cumprimentou-a duas vezes com delicada indiferença.

De todos os rapazes de bordo, era aquele o mais atraente.

De altura média, tinha os cabelos ondulados e negros como os dela, possuía feições regulares, e o rosto quadrado, com o queixo saliente, assentava sobre um pescoço musculoso. Tinha ombros e peito de atleta e as suas ancas eram estreitas. Vestia habitualmente camisas ou camisolas de sport, simples mas caras, e calças de flanela.

Ela perguntava a si própria se viria a travar relações com o rapaz.

No quinto dia, o seu desejo realizou-se. Ela estava sentada na coberta junto do estrado verde das corridas de cavalos, com os

bilhetes na mão, enquanto duas passageiras sacudiam os dados, uma os correspondentes ao número do cavalo de madeira, outra ao número das jogadas. Alguém agarrou na cadeira vazia junto à dela e, depois de a colocar na fila, sentou-se.

Dá-me licença? perguntou ele.

Emily contraiu-se interiormente, como sempre lhe acontecia, e respondeu com menos amabilidade do que seria seu desejo, apontando para os outros passageiros: Estes lugares são públicos.

- Chamo-me Mark Claborn apresentou-se ele. Formado em Direito, de Chicago.

Muito prazer.

Ela pensou em se apresentar também, mas, sem lhe dar tempo a que o fizesse, o jovem resolveu o problema.

Você é Miss Emily Stratman, de Atlanta, em viagem para Estocolmo, para ajudar o seu tio a trazer para casa o bolo.

Bem, eu não empregaria esses termos...

Pois não. Estou a brincar. Tenho imenso respeito pelo seu tio.

É o único génio que tive ocasião de conhecer de perto. Só vi uma vez, em pequeno, Clarence Barrow passar de carro. Mas, quanto ao seu tio, faça sempre o possível por me aproximar dele quando o vejo a conversar, no intuito de ouvir algumas das suas preciosas palavras.

Como soube o meu nome?

Perguntei ao despenseiro. Esta viagem é comprida. Para lhe ser franco, trata-se da primeira que faço por mar, não contando o cruzeiro em que tomei parte há dois anos aos Grandes Lagos. É também o seu baptismo marítimo?

Ela pensou um pouco antes de responder.

De certo modo, é. Na verdade, nasci na Alemanha...

Ah, sim? Ninguém diria.

Mas fui educada nos Estados Unidos desde pequena. Sor-111 riu. Oh, agora sou cem por cento americana. Pertença à era de Truman, de Tennessee Williams, de Stan Musial-Rodgers e

Hammerstein, do doutor Jonas Salk, de Rocky Marciano e de Joseph Mac Carthy, está a perceber?

Estou a ver... Calou-se um momento. Para aonde vai depois de Estocolmo?

Voltamos para a América.

A cara dele traduziu o seu desapontamento.

Que pena. Eu não vou para Estocolmo, fico em Copenhaga e depois sigo para Paris e Roma. São as minhas férias. Pensei que voltássemos a encontrar-nos.

Parece-me bem que não.

Ele fez um sinal com a cabeça na direcção do jogo.

Você perdeu esta corrida. Quer que lhe compre outro bilhete para a próxima? Que número há-de ser?

Depois disto, começaram a encontrar-se com frequência, mas sempre na presença de terceiros. Tomavam bebidas no bar. Iam ao cinema.

Passeavam pelo navio. Jogavam bingo Partilhavam o smorgasbord da noite. Ela achava-o amável e divertido. Tinha defeitos, é certo.

Pouco lera além de Blackstone. Raramente falava a sério. Era pouco profundo e nada sensível. Mas ela julgava-o atraente e distraía-se na sua companhia. Neste último dia, desejava estar sozinha com ele.

O tio, na sua frente, sorveu o resto da bebida e pôs-se de pé.

Tenho de preencher uns papéis declarou vagamente.

Emily percebeu por intuição o motivo por que ele se afastava e, ao voltar-se, avistou Mark Claborn.

Não precisa de se ir embora, tio Max.

Só estive a aquecer o lugar para o teu amigo. Encontramo-nos ao jantar. Saudou Mark com a mão e afastou-se.

Mark Claborn deu a volta à mesa e veio sentar-se na cadeira de Stratman.

Olá, Emily! Tenho andado à sua procura. Que esteve a fazer?
A olhar para o mar, desolada por ter de deixar em breve o navio.
Gosto desta vida, assim como gosto dos dias de chuva e do anoitecer.

Não se pode dizer que sejam uns gostos muito alegres.

Para mim, são. E também gosto do Inverno. Você já leu alguma coisa de Cowper?

Lamento dizer que não.

Ele também apreciava o Inverno. Hesitou e depois começou a recitar: «Eu te coroo, rei das íntimas delícias, alegrias da lareira, caseira felicidade...», *etc.*

Não concordo. Para mim, o Inverno significa o nariz a pingar.

Desviou a vista. Tomei a liberdade de mandar vir bebidas. Que prefere?

112

Snaps Foi isso mesmo que encomendei.

Telepatia.

Não. Comunhão de gostos, exceptuando o Inverno. Depois acrescentou: Uma vez que chegamos tarde, vão dar hoje jantar à americana. Há mesas suplementares. Acha que pode ficar numa delas comigo?

Bem, não sei. Será pouco correcto da minha parte?

O capitão nunca aparece na última noite. Você jantou oito vezes com ele; porque não há-de jantar uma comigo?

Pode ser. Tenho muito gosto. , O criado trouxe os snaps.

Mark Claborn pegou o copo.

Vamos fazer como os suecos. Lembra-se?

Ela lembrava-se. O barman ensinara-lhes. com solene rigidez, pegaram nos copos à altura do peito. Mark brindou ao próximo encontro de ambos. Fitaram-se nos olhos e beberam tudo de uma vez. Aproximaram de novo os copos do peito, sem desviarem os olhos um do outro e depois pousaram-nos sobre a mesa.

É um costume extraordinário comentou ele. Um brinde deste vale quantas palavras há no mundo.

E deixa-nos sem fala observou Emily. Deve ter sido inventado pelos fabricantes de snaps. Sentia o calor da bebida subir-lhe à cabeça e depois espalhar-se pelo peito e pelos seios.

Durante a hora que se seguiu, beberam mais dois snaps e depois Emily pediu tréguas.

Eu não estou bêbeda, mas não sabia que você tinha trazido um amigo. Acho que estamos quites. E não quero que me leve ao colo para a sala de jantar.

Nada me daria mais prazer.

Prefiro ir pelo meu pé.

Bem sei. Mas será capaz? retorquiu ele em ar de brincadeira.

Isso é que sou, ora veja replicou ela, piscando os olhos para o ver melhor e pondo-se de pé com toda a cautela.

Curvo-me perante a sua sobriedade. Mas não perante a sua independência. Riu-se. Diabos levem o décimo nono aditamento.

Deixou sobre a mesa algumas notas e pegou-lhe no braço, dirigindo-se os dois até à porta da cabina dela, na cobertura B. Ambos se mantiveram calados até ali chegarem. Depois ele disse: Virei buscá-la aqui às sete.

Ela encostou-se à porta, sentindo a cabeça a andar à roda.

Gostaria de lhe oferecer qualquer bebida antes do jantar. A gente do Sul é muito hospitaleira, sabe?

113

Acho muito bem.

Tenho uma garrafa de whisky no quarto. Ofereceram-ma. Acha que se poderá misturar com snaps'?

Porque não? Isto é a Swedish-American Line.

Então venha às seis. Tenho muito tempo para me vestir.

Tempo de sobra!

Depois de entrar para o camarote, Emily ficou indecisa, no meio do quarto, a sentir o balouçar rítmico do navio e os estalidos da madeira. Não estava bêbeda, reflectiu. Mas também não se encontrava em seu perfeito juízo. Tentou analisar as sensações que estava experimentando. Acima de tudo, pairava num sentimento de bem-estar e de irresponsabilidade, que a fazia parecer leve, de corpo e de espírito. Atirou fora as sandálias e estendeu-se sobre a cama, tentando fixar o pensamento em qualquer coisa. Não conseguiu, e deixou que o sono a invadisse.

Acordou espantada por ter dormido e procurou com os olhos o relógio na parede. Seis horas menos sete! Dentro de sete minutos chegaria ele. O procedimento mais lógico seria enfiar imediatamente o vestido de noite e compor a cara. Mas apetecia-lhe proceder contra a lógica e arriscar-se. Tinha vontade de tomar um banho de chuveiro.

Tomá-lo-ia.

Saltou da cama e começou a despir a blusa, abriu o eclair da saia de pregas, despreendeu as meias de nylon, enrolando-as para baixo.

Depois tirou a cinta e atirou com ela para cima de uma cadeira. Dirigiu-se para a casa de banho e contemplou o simples trinco de metal da porta, pensando em o fechar. Achou que seria tolice. Saltou para a banheira e abriu as torneiras até o chuveiro começar a correr com toda a força. A seguir, desapertou o soutien, despiu as calças, e atirou ambas as coisas para cima do banquinho de madeira. Saltou de novo para o chão e viu-se no espelho alto, através da porta entreaberta.

Não por narcisismo, conforme era uso dizer-se nos romances, disse consigo, mas sim como um processo, que só ela conhecia, de se tranquilizar a si própria. A sua nudez era bastante apetecível. Qualquer homem, Mark ou outro, se a visse assim, teria de a considerar absolutamente perfeita.

Entrou para a banheira, protegendo-se com as cortinas, e meteu a cabeça debaixo do poderoso jacto. Sabia-lhe bem aquele açoite da água, que a chamava à razão.

E passou-lhe despercebido o barulho da porta do camarote a abrir-se, não ouviu ninguém pronunciar-lhe o nome.

Mark Claborn tinha batido à porta e, como não recebesse resposta, empurrou-a e viu que estava aberta. Emily não se encontrava visível.

Só os fatos esparsos testemunhavam a sua presença. O rapaz-chamou-a, mas não obteve resposta. Ouviu então correr o chuveiro e dirigiu-se para a porta da casa de banho. Espreitou lá para dentro e viu-a através

da nuvem de vapor e da cortina, viu-a, e isso constituiu para ele um convite.

Sorriu e voltou para o quarto. O relógio marcava seis e cinco. E ela tinha-lhe marcado as seis, prometendo que lhe oferecia qualquer coisa. A insinuação fora bem clara. Tratava-se daquilo. A rapariga cumpria a promessa. Mark tirou o casaco, desapertou a gravata, começou a desabotoar a camisa. Era jovem e possuía uma larga experiência de situações invulgares. Esta seria mais uma.

Uma vez despido, a excitação de Mark aumentou. A rapariga esperava-o e ele tentou imaginá-la. Correu então para a casa de banho, fechou a porta, deu volta ao trinco e avançou para a banheira. Procurou a abertura entre as cortinas e separou-as.

Emily estava nua, de costas para ele, e a água escorria-lhe pelo corpo e pelos membros ensaboados. Quando ouviu barulho, voltou-se, e quase perdeu o equilíbrio. Aquilo que viu através do vapor deixou-a petrificada: Mark, com um sorriso lúbrico, o peito cabeludo, o tronco imponente...

Caramba! exclamou ele. Eu sabia que era bonita, mas...

Primeiro, ela tentou tapar os seios; depois, num movimento rápido, fez descer a mão. Ficara muda, de olhos arregalados, mal

acreditando no que via, enquanto ele se preparava para entrar na banheira.

Por fim, conseguiu gritar numa voz aguda.

Você está doido? Saia já daqui!

Assim, sem ter brincado nada?

Avançou um passo e meteu-se debaixo do chuveiro, tentando abraçá-la.

Ela esquivou-se, toda a tremer, e saltou para fora da banheira; porém, os seus pés molhados escorregaram e foi estatelar-se no chão, rebolando sobre os ladrilhos; na queda, deitou mão ao tapete para se cobrir. Enquanto tentava enrolá-lo desajeitadamente em volta da cintura, sentiu a mão de Mark no seu ombro, a puxá-la com força para o chão.

Largue-me! gritou ela. Que é que lhe deu?

Acabe com isso! Deixe-se de fitas!

Agarrou-a com as mãos. Horrorizada, ela largou o tapete e tentou desviar-lhe os pulsos; mas ele libertou uma das mãos, quase sem esforço, dos dedos molhados da rapariga e atirou o tapete contra a parede.

Então., então!

Ofegante, ela defendia-se.

Querida. . murmurava ele. Não seja má! Querida! Vamos, descontraia-se...

Não! Diabos o levem! Não quero isso!

com uma das mãos na rapariga, ia-se defendendo com a outra dos murros dela.

Quer, sim! Tenho a certeza de que quer! Não tem desejado 115 outra coisa durante toda a viagem! Está farta de mo dizer sem palavras...

Ela agarrou-lhe no braço e começou a suplicar: Não, Mark... não! Não posso!

Escute... repare como está ofegante...

É do susto!

Acabe com isso!

E, de repente, libertou um braço, que lhe passou por detrás das costas, de modo a cobrir-lhe um seio com a mão. Ela quis arrancá-la dali, tentou sentar-se. Sentia-se exausta. O coração batia-lhe desordenadamente contra as costelas e sabia que não tinha outra alternativa: se afrouxasse a resistência, estava vencida. Era um momento decisivo.

Iria deixar-se cair para trás, consentindo que ele a destruísse, ou conseguiria derrotá-lo, repelindo a hedionda ameaça que ele representava?

Bateu com toda a força dos punhos no peito do homem. Durante um momento, ele ficou vacilante; depois recuou, estarrecido.

A rapariga sentou-se.

Saia já daqui para fora, senão grito! berrou.

Ele fitou-a com os olhos piscos, meio aparvalhado.

Então era a sério?! disse como quem se convence da verdade de um facto. Pôs-se de pé. Não precisa de gritar. E acabe lá de tremer como um coelho assustado. Violentar donzelas nunca foi o meu forte. Mas pode gabar-se de que me enganou. Até hoje, isso nunca me tinha acontecido...

Pois enganou-se desta vez! Tinha conseguido deitar de novo a mão ao tapete e cobria com ele o baixo-ventre. Vá-se embora, por favor!

com um resto de dignidade, ele voltou-se, abriu o trinco da porta e entrou para o quarto.

Emily pôs-se de pé, toda a tremer, e ficou agarrada ao fecho da porta. Ouviu o rapaz a vestir-se; quando começava a dar a volta ao trinco, ele falou: Continuo convencido de que não estava enganado. Só queria saber o que se teria passado entre o momento em que você disse que sim a si própria e aquele em que me disse a mim que não. Deve ter sucedido qualquer coisa...

Não sucedeu nada replicou ela, através da porta. Eu estava apenas um bocado embriagada, e você... você interpretou mal as minhas palavras.

Talvez. Mas ouça, querida, aqui entre nós, diga-me uma coisa. Ela ficou à espera. Você ainda é virgem?

Sou.

Bem, isso justifica-a, até certo ponto. Fez uma pausa. Foi uma maçada para ambos. Mas nada de ressentimentos. Encontramo-nos aos aperitivos.

116

Ela ouviu bater a porta, esperou um momento, em seguida espreitou e viu que o camarote estava vazio.

Esgotada por tantas emoções, fechou o chuveiro e limpou-se com a toalha. Depois de ter posto em ordem a casa de banho, tornou a vestir maquinalmente as roupas que despira havia pouco. Ao correr o eclair da saia, sentiu-se tonta. Sentou-se na cama e depois deixou-se cair para trás, com as mãos a proteger os olhos da luz que vinha do alto.

Decorridos vinte minutos, ao passar para o seu camarote, Max Stratman julgou ouvi-la soluçar. Colou o ouvido à porta e, vendo que não se enganara, abriu-a rapidamente e entrou. »

Emily, Himmels willen! Que te aconteceu?

Nada, tio Max. Nada, juro-lhe.

Então porque choras dessa maneira?

Ela tentou dominar os soluços e por fim reduziu-os a um choro silencioso.

Já não estou a chorar, vê?

Stratman puxou uma cadeira para junto da cama e sentou-se nela, inclinado para a frente, como um médico de aldeia atencioso.

Diz lá o que foi. Entre nós não há segredos.

A rapariga voltou-se de lado, a observar a franja de cabelo na cabeça calva do tio, os seus olhos preocupados por detrás das lentes

bifocais com aros de aço, a preocupação que se lhe estampava na face vermelha e envelhecida. Ele era um dos homens mais inteligentes do universo, um génio apreciado e querido por toda a gente. E ela, uma rapariga histérica e sem importância, estava a perturbá-lo com os seus mesquinhos problemas.

Isto não é nada repetiu sem convicção.

Deves dizer-me. Não saio daqui sem saber do que se trata.

Ela tentou evocar a figura do pai, mas em vão, e, vendo na sua frente apenas o tio Max, sentiu necessidade de lhe contar tudo. Interrompendo-se de vez em quando, sem o fitar, relatou-lhe todos os acontecimentos que acabavam de se desenrolar, desde o momento em que Mark a acompanhara à porta do beliche até a deixar nua no chão da casa de banho.

É tudo? perguntou Stratman, quando a sobrinha acabou de falar. Não me ocultaste nada?

Ele não me tocou, juro-lhe.

Não... não te violentou?

Tio Max, eu teria dado por isso.

Stratman ergueu-se, muito agitado.

Mesmo assim é terrível. Ninguém pode dizer que está descansado.

Vou já queixar-me ao capitão...

1. Valha-me Deus!

117

Oh, não! A rapariga sentou-se, com as pernas para fora da cama. Não quero arranjar-lhe sarilhos...

Então interessas-te muito por ele? Ama-lo?

Não! respondeu ela convictamente. Ele nada significa para mim. Mas não estou certa de que a culpa lhe caiba inteiramente...

Que queres dizer com isso?

É que eu... tinha bebido de mais. . e convidei-o... ele percebeu mal. São coisas que acontecem todos os dias. Baixou o tom...

Não façamos disto um escândalo. Não quero ver-me envolvida em trapalhadas. Sentir-me-ia numa posição incómoda. É melhor esquecer tudo. Estamos quase a chegar. Deixamos o navio e não se pensa mais nisso.

Achas que é assim tão simples?

Pois é. Incomodei-me, é claro. Mas agora vê que já estou bem.

Não quero dar vulto a isto, acabou-se.

Stratman olhou para a sobrinha.

Talvez fosse melhor eu ir chamar o médico de bordo, para te dar uma injeção, um calmante...

Não, nada disso. Deixe-me apenas descansar um bocado. Venha buscar-me uma hora antes de atracarmos. Estarei pronta. Depois tentou mudar de assunto. Acha que terá alguém à sua espera em Goteborg?

Creio que não. As cerimónias são todas em Estocolmo.

Ela fingiu entusiasmo.

Estou morta por lá chegar. Tem sido realmente uma viagem maravilhosa!

Recostou-se outra vez. Ele esperou até vê-la bem instalada.

Se precisares de mim, estou aqui no meu quarto.

Não vai jantar?

Não tenho fome. Vou mandar vir uma sanduíche. Volto já.

Agora, descansa.

Stratman foi para o quarto, preocupado. Sem saber bem porquê, sentia-se responsável perante a memória de Walther. O que acontecera a Emily não podia repetir-se. Confiara de mais nas forças da rapariga.

Em Estocolmo, nunca a deixaria ficar sozinha.

Ao passar em frente da cama, sentiu o coração a bater. Nunca dera pela existência dele, durante toda sua vida, tal como não se apercebera de que respirava. Mas, agora, ele dava sinal de si

repetidas vezes. Sentia um peso do lado direito. Não era dor, antes uma pressão.

Abriu o saco de viagem, tirou duas das pílulas que o Dr. Ilman lhe receitara e engoliu-as com um pouco de água.

Tocou para chamar o criado e pediu uma sanduíche de presunto e queijo. Quando o rapaz voltou, entregou-lhes dois sobrescritos, cada um com uma gorjeta de quinze dólares, recomendando-lhe que entregasse o outro à empregada dos beliches. Stratman reconhecia que fora 118

demasiado generoso para as suas posses, mas sabia também que os proventos de quem trabalha dependem em grande parte das gorjetas, especialmente na carreira entre Nova Iorque e Gòteborg. Além disso, uma vez que o Prêmio consistia também numa grande soma de dinheiro, todos estavam à espera de que ele fosse generoso. Deixou o criado levar as malas e, logo que ele se retirou, sentou-se a comer a sanduíche. ' < Preocupado com Emily voltou ao camarote dela. Encontrou-a na cama, tal como a deixara, de olhos fechados, a dormir. Sentou-se a seu lado numa cadeira, e, abrindo uma edição de bolso da biografia de Emmanuel Kant, entregou-se à leitura. Ao chegar ao ponto em que Heine descreve Kant, releu: «A vida de Emmanuel Kant torna-se difícil de descrever: não tem vida, nem história, no verdadeiro sentido da palavra. Viveu uma existência abstracta, mecânica, de solteirão, numa rua calma e remota de Konisberg...»

Stratman ficou a pensar. Ia ali unicamente por causa de Emily.

O facto de ela partilhar da sua vida viera conferir à «existência de solteirão»

do seu tutor um factor de normalidade. No entanto, em virtude de uma espécie de ironia do destino, ela nunca conseguira alcançar essa normalidade. O terrível incidente dessa noite acabava de lho revelar de uma forma que seria impossível fazer compreender ao Dr.

J

Ilman até que ponto Emily dependia dele. Sem o amparo do tio, e
|
depois do desaparecimento deste, a rapariga seria forçada a entrar no torvelinho que é a vida dos que são obrigados a trabalhar para viver.

Se ele esperava que essa necessidade viria dar forças à Emily, os acontecimentos dessa noite tinham-lhe tirado todas as ilusões. Tal como receara, ela não se aguentaria. Ninguém pode esperar que uma pessoa sem braços consiga comer sozinha. O Prêmio Nobel viera mesmo a propósito. Logo que entrasse na posse do cheque, Emily teria o futuro garantido.

Continuou a ler mais coisas acerca do seu bem-amado Kant, deixando-se arrastar por inúmeras divagações, acenou várias vezes com a cabeça, sem dar pela passagem do tempo, nem reparar que o navio [

deixara de balouçar violentamente como até ali.

Uma leve pancada na porta fê-lo erguer-se subitamente a acordou Emily.

O criado meteu a cabeça na fresta e disse: Posso levar o resto da bagagem? Estamos à vista de Gøteborg.

Falta menos de uma hora para desembarcarmos.

Mal o criado saiu com as malas, entrou um rapaz fardado de branco, com a braçadeira dos empregados do telégrafo. Vinha anunciar quatro chamadas telefónicas de Estocolmo. Stratman perguntou se podia falar dali, do quarto de Emily. O rapaz dirigiu-se ao aparelho e ligou, para o oficial de serviço. Passados momentos, entregava o auscultador a Stratman, agradecia a gorjeta que este lhe dava e retirava-se.

119

A primeira comunicação, bem como as duas que se seguiram, eram de jornais suecos. Stratman tinha dificuldade em ouvir o pouco que diziam. Respondeu com brevidade e precisão às poucas

perguntas que entendeu, prometendo aos interlocutores que daria entrevistas mais demoradas em Estocolmo.

A quarta chamada era do Dr. Carl Adolf Krantz. Stratman reconheceu o nome e mostrou-se amável. Agradeceu a Krantz as felicitações e boas-vindas que este lhe desejava. Sim, a viagem fora boa e nada fatigante. Sim, ele e a sobrinha deveriam chegar às oito da manhã. Sim, estavam ansiosos por se encontrarem com o Comité de Recepção e por assistirem às cerimónias.

Enquanto o tio falava, Emily lavara-se e retocara a pintura do rosto. Dirigira-se depois ao portaló, onde ficara a observar a noite riscada pela chuva. Os focos dirigidos sobre a água iluminavam o barco dos pilotos e a lancha que vinha logo atrás dele. O navio singrava lentamente no meio do que parecia ser uma multidão de ilhas e os contornos luminosos do cais e da cidade de Goteborg cresciam a olhos vistos.

Às dez horas, o barulho de uma porta a abrir-se fez voltar Emily para junto do tio. Imediatamente se viram rodeados de visitantes. Ó imediato apresentou-lhes o primeiro-secretário do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Suécia, que lhes facilitaria a passagem da alfândega. Apresentaram-lhes também quatro ou cinco funcionários que representavam a cidade de Goteborg, os quais, depois de murmurarem as saudações da praxe, ficaram embasbacados a fixar Stratman com a mesma admiração que tinham outrora manifestado em frente de Roentgen.

Emily, que nunca mais deixou de estar junto do tio, viu-se a seguir envolta num turbilhão contínuo de movimento. Conduzidos à sala de música, onde duas mulheres e dois homens suecos carimbavam os passaportes e recebiam as declarações de dinheiro, Emily e o tio foram recebidos no meio de um silêncio respeitoso e rapidamente despachados.

Encostada à amurada da cobertura superior o aguaceiro amainara e agora só caíam uns escassos pingos, a rapariga via o navio encostar-

se ao cais enorme, onde uma multidão de suecos esperava, alguns com ramos de flores, ouvindo-se algures os primeiros acordes do hino americano.

Enquanto seguia o primeiro-secretário e o tio pelas escadas abaixo, acompanhados pelos funcionários de Goteborg, ela ia pensando se tornaria a ver Mark Claborn. Desejaria que tal não acontecesse e ficou aliviada ao chegar à prancha de desembarque sem o ter avistado.

Desceu, atravessou o recinto da alfândega pejado de visitantes, carregadores e oficiais, e chegou ao balcão marcado com a letra S, onde se encontravam as cinco malas dela e do tio. O empregado da alfândega, todo sorridente, já selara as malas sem as abrir. Um homem 120

I contemplado com o Prêmio Nobel, parecia dizer o sorriso do funcionário, não pode ser suspeito de fazer contrabando. As malas foram levadas por dois carregadores, que seguiram atrás deles até à rua.

Chovia de novo a potes. O Mercedes do primeiro-secretário encontrava-se a pequena distância, guardado por dois polícias. Emily e Max Stratman agradeceram aos representantes de Gõteborg, atravessaram, correndo debaixo de chuva, em direcção ao carro, e deixaram-se cair no assento de trás.

O primeiro-secretário sentou-se ao volante e puseram-se a caminho.

A chuva não deixava Emily fazer uma ideia do aspecto de Gõteborg.

A cidade, situada na embocadura do rio Gota, tinha uma população de quatrocentas mil almas. Parecia incrível. As ruas, frias e molhadas, apresentavam-se desertas. Aquela por onde seguiam era conhecida pelo nome de Sodra Hamngatan e nela ficava situada a fonte de Milles Poseidon, na Gotaplatsen, e, mais adiante, o Museu Rohsska de Arte Aplicada. Enquanto o tio ia exprimindo a sua

opinião, Emily nada conseguia ver além de dois parques que lhe pareceram atraentes, mas que naquele momento se encontravam abandonados sob a chuva, e as filas de luzes na parte comercial.

Foram eles os primeiros a chegar junto dos dois comboios que levavam os passageiros do navio, quando faltavam ainda sete minutos para a partida.

O primeiro-secretário dava mostras da maior eficiência. Contava as malas, falava em voz baixa sem dúvida acerca da importância de Max Stratman ao condutor, que ostentava uma braçadeira preta e amarela, tendo estampada a palavra Sovvagn. Apertou primeiro a mão de Max Stratman, depois a de Emily, dizendo que se encontrariam no dia seguinte no Grande Hotel. Depois afastou-se e o comboio pôs-se imediatamente em marcha.

Antes de Emily ter deixado o corredor, apareceu de novo o condutor de farda negra.

Os beliches estão prontos disse num inglês correcto. Não há gabinetes de toilette privativos, como na América. Desculpem.

Também não temos um empregado para cada carruagem, mas, se precisarem de alguma, coisa, basta tocar, que eu venho logo. Têm um lavatório desmontável para lavar as mãos. Espero que não falte nada.

Quando Emily entrou no seu compartimento, já o comboio atingira uma velocidade espantosa. As instalações eram acanhadas, mas Emily sentia que deviam ser consideradas luxuosas para o nível de vida dos Suecos. Tudo parecia feito de madeira, excepto a brilhante alavanca de aço que trancava a porta.

A rapariga sentia-se mais fatigada do que imaginara. Abriu sobre a cama o saco de viagem, tirou os acessórios de toilette e depois abriu o lavatório. Ambas as torneiras só deitavam água fria, mas Emily 121

não se importou. Limpou a pintura do rosto com um lenço de papel.

Em seguida lavou-se, enxugou-se com uma toalha que encontrara sobre o beliche a secar e lavou os dentes. Depois recolheu o lavatório, procurou um pente dentro do saco e passou-o várias vezes pelos cabelos curtos e encaracolados.

Despiu-se à pressa, enfiou a camisa branca de noite, pregueada, colocou o saco de viagem no chão e meteu-se entre os lençóis do beliche.

Ao deitar a cabeça no travesseiro, achou este pouco cómodo, duro e demasiado alto. Procurando debaixo do colchão, encontrou outro travesseiro, um rolo também duro. «Os Suecos são espartanos», pensou consigo. E resolveu não tirar o rolo do seu lugar. Seria espartana também.

Quando ia para fechar as luzes, ouviu a voz do tio do outro lado do tabique: Emily, wie gent es dir? '

Pode entrar!

Ele entrou a medo, olhando em redor.

Estás bem instalada, Emily?

Optimamente mentiu ela.

Stratman encostou-se à parede, a cambalear.

Isto anda muito depressa! Olhou atentamente para a sobrinha.

Não estás arrependida de ter vindo?

Claro que não, tio Max! Que ideia! Estou morta por chegar a Estocolmo. E o tio?

Ele tentou imitar o entusiasmo dela.

Acho que vai ser uma semana inesquecível! Não tanto pelas cerimónias da entrega do Prêmio, como pelas caras novas que se vêem, a excitação... O que eu mais desejava era que te divertisses...

Divirto, verá. Não se preocupe. Agora vá descansar.

Vou, sim. Tinha relutância em se ir embora. Olhou para a sobrinha, tão pequena e infantil, deitada no vasto beliche. Emily, lamento muito o que aconteceu esta noite. Encolheu os ombros.

São coisas que sucedem, é a vida. Mas eu não queria que te sucedessem a ti. Hesitou: Só queria saber se... se... se há mais alguma coisa que me queiras dizer.

Não me lembro de nada, tio Max.

Então, bem, Liebchen 2, muito bem. Achas que vais dormir?

Tomei um Butisol.

Boa noite. O condutor acorda-nos pela manhã. Junto da porta, parou de novo. Fecha o trinco quando eu sair.

Sim, tio Max. Boa noite.

Depois de ele se ir embora, Emily não fez caso de fechar a porta.

Baixou as luzes e ficou deitada de costas, com um braço por trás da 1. Como estás tu?

2. Meu amor.

122

cabeça. Sentia debaixo do corpo os balanços do comboio, mas isso não lhe afastava o sono. Pela primeira vez após muitos anos, recordou o passado, aquele tempo que vivera antes de ir para a América, a sua juventude. Depois lembrou-se daquele período curiosamente plácido e árido durante o qual crescera na sua nova pátria. O pensamento voou-lhe para a resolução que tomara ao entrar no navio, quando prometera a si própria tornar-se uma mulher completa, e o falhanço absoluto que se lhe seguira. Fora essa a resolução que determinara os acontecimentos daquela noite.

Pensou no pobre rapaz do navio. «Foi apenas a minha cobaia», pensou, «e não deu por isso». Quase se esquecera do seu nome.

Mas ele merecia outro procedimento. Ignorava com que fim o utilizara e até que ponto a sua experiência falhara. Conhecera alguns psiquiatras, lera Freud, Adler e, por vezes, era suficientemente objectiva para conseguir captar as suas percepções mais íntimas. Via agora com toda a clareza que, embora sem consciência disso, provocara o incidente.

Bebera de mais de propósito; o convite para as seis horas; o facto de estar nua debaixo do chuveiro com ambas as portas abertas; fora ela quem provocara o último acto, a contar com a inadvertida chegada dele. Ao mesmo tempo tudo fora tão confuso! a parte mais sã do seu ego consciente repudiara aquele procedimento, temera as consequências do acto e levava-a a desprezar-se a si própria. O resultado fora inevitável e dali em diante seria sempre o mesmo, ela bem o sabia. Aquele corpo tão falsamente provocante, aquela figura agora ali estendida, desligada do pensamento que a habitava, era o seu, e ela não podia aliená-lo. Detestara-o naquela noite e em todas as outras noites da vida. Desejava que aquele corpo não lhe pertencesse, da mesma forma que, em Atlanta, imaginara os pretos a desejarem ser brancos, sem poderem compreender um Deus que os marcara daquela forma. Tal como eles, Emily também sentia a maldição que pesava sobre si e desejava ser uma pessoa normal... sim, normal em todo o sentido, isto é, que se entrega, que aceita, que nada receia.

Eram precisamente seis e dezoito quando o rapaz saiu do quarto dela. Ninguém o soube, mas foi nesse instante que Emily Stratman acabou de morrer. Saberiam as pessoas ligadas ao Prémio Nobel que o sábio laureado com o Prémio da Física arrastava atrás de si um cadáver?

O célebre professor Max Stratman e um cadáver! Estocolmo.

Começou a associar ideias às palavras. «Que significa para si o termo Estocolmo, Miss Stratman? Diga depressa.» E ela replicava: «Trepidação, sonho, ansiedade, receio, homens.» Tudo, afinal se resumia ao mesmo: homens. «Estou meio louca», pensou, «estou a divagar. Anda, Butisol, maravilhoso Butisol, exerce a tua acção benéfica, vamos...

Quando acabarei finalmente por adormecer...»

Naquela manhã de sol do dia 2 de Dezembro, Carl Adolf Krantz, o conde Betil Jacobsson e Ingrid Pahl encontravam-se, pela segunda vez naquele dia e pela quarta no espaço de dois, sentados no banco de trás de uma limousine do Ministério dos Estrangeiros, a caminho do aeroporto de Arlanda. O Dr. John Garrett e sua mulher, Saralee Garrett, bem como Mr. Andrew Craig e a cunhada, Leah Decker, chegavam às 12.35 no mesmo avião da Scandinavian Airlines, vindo de Copenhaga. Uma outra limousine do Ministério fora mandada vir à mesma hora para o aeroporto.

com o fim de tornar esta viagem de vinte minutos um pouco menos desagradável, Jacobsson instalara-se propositadamente entre Krantz e Ingrid. Não queria mais questões naquela manhã. Desejava que se mantivessem de acordo enquanto durassem os trabalhos da recepção.

No entanto, Carl Adolf Krantz sentia-se bem disposto. com os olhinhos a brilhar, os pêlos da barba em riste, prosseguia no monólogo que encetara logo após ter acabado o almoço com Stratman e a sobrinha, que deixara depois no Grande Hotel.

Tinha vindo a enaltecer as descobertas de Stratman no campo da energia solar e agora fazia o elogio do carácter e dos antecedentes do laureado.

Vocês já encontraram alguma vez um homem mais notável?

perguntava ele. E não esperava pela resposta. Tem a inteligência estampada no rosto. E é extremamente modesto, coisa rara num homem célebre. Esta é uma das características do verdadeiro génio, quero dizer, aquela humildade que parece confessar: «Sim, consegui ir longe, mas ainda existem muitos véus por erguer, tratemos de prosseguir, de ir mais longe.» Confesso-vos que nunca recebi nenhum contemplado com o Prêmio que tanto me impressionasse.

Está-se mesmo a ver observou Ingrid Pahl.

Sim, gosto dele concordou Jacobsson. Espero que ele não se tenha aborrecido por almoçarmos na sua companhia.

com certeza que não afirmou Krantz.

Não sei. Parecia-me fatigado .

Já não é novo tornou Krantz. E vem de muito longe.

O que julguei perceber na sua atitude não foi cansaço, mas sim a abstracção do génio cujo espírito está sempre a trabalhar. Pois, segundo ele nos afirmou, prossegue nas suas investigações solares. Diz que vai apenas no começo. Nós viemos interrompê-las e...

A mim pareceu-me absolutamente normal. A sobrinha é que achei estranha.

Estranha, como? quis saber Jacobsson.

Distante... ou talvez assustada. Ingrid Pahl recapitulou o que observara. Logo que chegaram, viu-se separada do tio durante uns momentos quando os fotógrafos a rodearam, e ficou aterrorizada.

124

Percebi-o perfeitamente na sua cara. Foi coisa de um momento. De resto, pareceu-me sempre reservada... não sei bem, como se não fizesse parte do grupo, como se fosse uma estranha...

E era... respondeu Krantz.

De qualquer forma, é uma mulher interessante. Observei-a bem. Tem uma cara linda. E vai fazer sensação no nosso pequeno mundo. Ingrid Pahl curvou-se por cima de Jacobsson. E não se parece nada com o tio acrescentou, dirigindo-se a Krantz.

Porque havia de parecer-se? respondeu este. É apenas filha de um irmão dele.

Que é feito desse irmão? perguntou Ingrid Pahl.

Sei lá! respondeu secamente Krantz.

Ingrid Pahl abriu o seu volumoso saco e retirou de lá os cigarros e a boquilha.

Bem, esses estão arrumados, graças a Deus. E agora, Bertil, que tem a dizer-me acerca dos visitantes desta manhã? Sei tudo a respeito de Craig. Mas o tal doutor Garrett...

Leu as notas que eu lhe dei, não leu? perguntou Jacobsson.

Ingrid Pahl acendera o cigarro, sacudira o fósforo para o apagar e atirara-o para o chão.

Li-as duas vezes. Só se referem aos seus trabalhos. Mas que é ele como homem? Gostava de fazer uma ideia...

Pouco lhe posso dizer respondeu Jacobsson. Vive numa cidade perto de Los Angeles, na Califórnia, e tem três filhos. Os meios acadêmicos nunca tiveram consideração por ele, até que começou a fazer transplantações do coração ao mesmo tempo que o doutor Farelli. Não creio que seja rico, mas parece-me que vive bem. Li trechos dos seus discursos nos jornais. Pareceram-me vulgares. A minha ideia acerca dele é que se trata de um homem com ideias não muito largas, absorvido pelo seu trabalho e com poucos interesses fora deste...

Maçador, quer você dizer cortou Ingrid Pahl.

Jacobsson mostrou uma expressão desgostosa. Para ele, nenhum homem contemplado com o Prêmio Nobel podia ser maçador.

Preferia não o classificar dessa maneira. Diria antes que se trata de um homem para quem o seu trabalho é tudo. Talvez não seja uma personalidade tão interessante como o doutor Farelli. Parece-me que se enquadra mais no tipo de cientista americano, cujo trabalho em equipa produz tantas maravilhas úteis à humanidade.

As sobrelhas de Ingrid Pahl ergueram-se.

Em que equipa? Ignorava que ele e o Farelli trabalhassem juntos...

Não, não! apressou-se Jacobsson a corrigir. Empreguei apenas a palavra no seu significado mais alto. Eles investigaram separadamente e fizeram uma descoberta de natureza idêntica e si-

125
multânea, mas trabalhando absolutamente separados. Não é caso inédito na ciência, como Carl poderá confirmar. Deve estar lembrada de que o doutor Farelli confessou nunca se ter correspondido nem nunca se haver encontrado com o doutor Garrett.

Então este encontro de ambos em Estocolmo será o primeiro? Ingrid Pahl já saboreava o drama. Estou morta por ver o que dirão um ao outro.

Vão passar horas e horas a discutir o processo da imunidade declarou Krantz , ou, então, a falar de bancos onde se armazenem órgãos de reserva, tais como corações, pâncreas e fígados Uma conversa apetitosa!

Seja como for, vocês terão ocasião de a ouvir disse Jacobsson.

Curvou-se sobre Krantz, para olhar pela janela. Já estamos quase a chegar. Calculo que o doutor Garrett e Mr. Craig já devem ter travado conhecimento um com o outro na viagem de Copenhaga até aqui. Oxalá que sim. Isso poupar-nos-ia as apresentações oficiais...

O avião a jacto Caravelle que levantara voo do Aeroporto de Kastrup, em Copenhaga, às 11.20 da manhã, voara durante cinquenta e quatro minutos e faltavam vinte e um para chegar a Estocolmo.

Eram agora precisamente 12.14 no relógio de pulso de platina, presente de John no dia em que haviam feito quinze anos de casados.

Saralee desejava desesperadamente que fossem já 12.35 e que acabassem de aterrar. Estava ansiosa por que chegasse o instante de serem envolvidos pelas funções sociais, de modo que o marido deixasse de se entregar à sua dolorosa obcecação. Pequenina e frágil como um colibri, a aparência exterior de Saralee ocultava, no entanto, uma forte resistência interior. Porém, a hora que acabava de passar na companhia de John esgotara-a por completo. Pelos cantos dos olhos observava mais uma vez o marido a ler os jornais de Copenhaga e sabia que ele estava furioso.

O Dr. John Garrett encontrava-se, na verdade, desvairado. Nem sequer concedia a si próprio o consolo de se sentar confortavelmente no estofado de cabedal do avião. Inclina-se para a frente, na atitude de um pugilista em guarda perante um perigosíssimo adversário, à

espera de uma oportunidade para atacar. Invektivava os três jornais que tinha no regaço como se estes personificassem o seu rival, e assim era, na verdade, pois todos eles publicavam na primeira página o retrato do Dr. Farelli sorrindo com o seu atrevido ar latino. Desde aquela tarde, já lá iam dezassete dias, em que atingira o zénite, ao ser-lhe comunicado que a sua descoberta fora premiada pelo Instituto Caroline de Estocolmo, para logo em seguida se despenhar na mais profunda desilusão pelo facto de o seu triunfo ter de ser partilhado 126

com um inimigo figadal que desconhecia, o estado mental do Dr. Garrett atingira um desequilíbrio patológico que piorava a olhos vistos.

O alto apreço manifestado pelos colegas de Pasadena, Los Angeles e pela nação inteira e as homenagens que se lhe seguiram não lograram acalmá-lo completamente. Os louvores que recebia de toda a parte via-os sempre diminuídos pela ideia de que a sua vitória não era individual. É certo que a revista Life publicara duas fotografias de meia página, uma dele, outra de Farelli, mas o Times e o Newsweek, conquanto lhe dedicassem cinquenta por cento do texto, traziam apenas retratos de Farelli. Pior, muito pior, era a extensa prosa do Science News Letter, do Scientific American e do Science. Todos eles tinham mandado correspondentes especiais para o entrevistarem no Centro Médico Rosenthal, em Pasadena. Esses correspondentes haviam-se mostrado pacientes e atenciosos. Garrett fora loquaz e brilhante. Sentira que todos os seus interlocutores estavam positivamente ofuscados. No entanto, quando apareceram os artigos que para ele se revestiam da maior importância, em virtude de virem a lume em jornais da especialidade em sessenta a oitenta por cento do texto falava-se apenas dos feitos do Dr. Carlo Farelli.

Em todos eles talvez isto não passasse de uma ideia sua tinha a impressão de estar a desempenhar o papel de parente pobre.

E não se cansava de perguntar a si próprio: «Porque é isto?»

No seu caso, tornava-se impossível ser objectivo. No entanto, tentara analisar os resultados com um critério de investigador imparcial. Em primeiro lugar aqui havia uma ingenuidade, incutida talvez pelo seu psicanalista, Dr. L. D. Keller sentia-se fisicamente menos interessante do que o seu rival. A sua aparência era demasiado convencional, demasiado vulgar, muito semelhante a toda a gente. O

seu cabelo castanho, juntamente com os óculos sem aro, davam-lhe um aspecto de homem simples. Por outro lado, via-se claramente nas fotografias, Carlo Farelli apresentava-se como a encarnação do génio excêntrico. O cabelo negro de azeviche, despenteado, todo aos caracóis, caía-lhe para cima da fronte larga e inteligente. Os olhos penetrantes de fanático, o nariz clássico de romano, o sorriso despreocupado que descobria uns dentes impecáveis, a maxila poderosa, tudo isto era realçado pelas faces ligeiramente cavadas e pelo tom moreno da pele.

Em segundo lugar, os antecedentes de Garrett revelaram-se também demasiado normais, digamos mesmo comezinhos. Nascera no Ilinóis, fora educado em Massachusetts, realizara as suas experiências na Califórnia. Por outro lado, Farelli era natural de Milão, estudara em Génova, Londres e Heidelberg, e levara a efeito a maior parte das suas experiências em Roma. Garrett achava impossível competir com um curriculum tão cosmopolita.

Finalmente, todos os brilhantes 127

enxertos de Garrett haviam sido executados em doentes desconhecidos, pertencentes à classe média. Ao passo que Farelli havia realizado, e com êxito, quase metade dos seus vinte enxertos de corações em pessoas «bem», segundo o calão actual em moda na alta sociedade: um cardeal da igreja Católica, um homem de Estado austríaco, uma actriz francesa muito conhecida, um célebre dramaturgo britânico.

E, enquanto Garrett se considerava a si próprio como um William Harvey, um Joseph Lister, ou, pelo menos, um Ambroise Pare, classificava Farelli como um reles imitador dos seus métodos, que apenas lograra tornar-se conhecido mediante processos semelhantes aos de Phineas T. Barnum I. O facto de o mundo, ou pelo menos a imprensa, não ver isto tão claramente como ele, transformava Garrett num obcecado, quase num paranóico.

Antes de partir para a Suécia, assistira uma vez à sessão colectiva de psicoterapia no consultório de Dr. Keller, no Wiltshire Boulevard.

Nesse dia não comparecera ali para se esclarecer: fora lá, sim, em busca de aprovação para as suas convicções. A sessão, nesse sentido, não deixara de corresponder ao que ele desejava. Era também a primeira vez que ele ali ia depois de ter sido anunciado o Prêmio. Miss Dudzinski deixou pela primeira vez a mãe em paz; Mrs. Zane limitou-se a descrever apenas dez minutos da esgotante ginástica que praticava com o patrão do marido, e Adam Ring mostrara-se extraordinariamente respeitoso e silencioso, pois reconhecera, sem dúvida, que o seu Oscar da Academia fora finalmente igualado, e até ultrapassado, por um componente do grupo.

Mais agitado do que nunca, Garrett acusara o Instituto Caroline de Estocolmo de favoritismo ao subtrair-lhe metade das honras para as ir dar a um charlatão italiano. Verberou os processos de autopublicidade de Farelli, a sua falta de escrúpulos profissionais o egoísmo descarado em aceitar uma distinção a que não tinha direito.

O Dr. Keller, que raras vezes intervinha, fizera esforços sobre-humanos para acalmar Garrett, para o chamar à razão. O psicanalista fizera-lhe ver que, se Farelli se baseara na descoberta dele para realizar as suas experiências, isso mais tarde ou mais cedo viria a descobrir-se e então seria feita justiça a Garrett. Por agora, prosseguia o médico, os melhores especialistas pertencentes ao Comité do Prêmio Nobel tinham estudado o assunto e considerado Farelli digno da distinção.

Como homem sensato, Garrett tinha o dever de aceitar a decisão com dignidade. Fora colocado aquele ano acima de todos os seus colegas médicos. Por certo que, lá no alto, havia lugar para mais um.

Nem por isso a descoberta deixava de lhe pertencer e devia sentir-se orgulhoso por haver contribuído para melhorar e tornar mais longa a vida humana.

1. Charlatão americano, conhecido em todo o mundo como sinónimo de especulador audacioso e exibicionista excêntrico. (N. do T,) 128

E Adam Ring, das profundas da sua cadeira de braços, resumira por palavras suas: Quando recebemos o Oscar, não fazemos perguntas, doutor Garrett. A medalha de ouro fica a pertencer-nos para sempre. Até ao fim da sua vida o senhor será sempre um homem que foi contemplado com o Prémio Nobel. É como se tivesse sido armado cavaleiro.

Ninguém quer saber para nada se foram dois os premiados ou meia dúzia. Todos sabem que foi o senhor que acertou no alvo. Isso é melhor do que ter uma renda vitalícia. A partir de hoje, saiu da fila, não precisa de provar coisa nenhuma a ninguém, não necessita de credenciais". De aqui em diante, é só subir. Desejo-lhe felicidades.

Trocaria de bom grado o meu lugar pelo seu, sem condições.

Garrett saíra da sessão meio convencido.

Ao entrar, juntamente com Saralee, no avião a jacto DC-8 da Scandinavian Airlines, no aeroporto internacional de Los Angeles, às 11.30

do dia anterior a despeito dos votos de boa viagem dos amigos de Pasadena que tinham vindo despedir-se, Garrett voltara a ficar ressentido.

A monotonia embaladora da viagem transpolar exercera sobre ele um efeito calmante, tal como Saralee esperava. Aquele voo de treze horas por cima do Canadá, Labrador, Islândia e Noruega, apenas interrompido por uma breve paragem para reabastecimento,

fora ocupada em leituras, conversa, almoço, jantar (peito de carneiro assado), ceia, whiskies e martinis.

Após uma noite de sono inquieto, haviam almoçado cedo e aterrado ruidosamente sobre a pista de cimento do aeroporto de Kastrup, às 8.59, hora de Copenhaga. Esperava-os um subsecretário da Embaixada dos Estados Unidos, universitário sorridente, ainda novo.

Visto terem de esperar ali um pouco mais de duas horas que o Caravelle os levasse até Estocolmo, a Embaixada organizara uma breve visita à cidade e arredores. Tinham ido ao Raadhuspladsen e depois, partindo do centro da cidade, percorreram a artéria cheia de movimento conhecida pelo nome de Stoget. Viram a estátua de Cristiano V, em Kongens Nytorv, e, mais tarde, o canal de Nyhavn, o Ribsdag, o Castelo de Rosenborg e, finalmente, no término do passeio, sobranceira à água, contemplaram a escultura em tamanho natural da Pequena Sereia, de Hans Christian Andersen. Por último, antes do regresso ao aeroporto, haviam-lhes oferecido sanduíches de smorrebrod na esplanada do Hotel de Inglaterra.

Garrett, muito sensível à paisagem, sentira-se acalmar neste primeiro contacto com a cidade de Copenhaga. Apercebeu-se então, pela primeira vez, de que ia de viagem para um país estrangeiro. Ao regressarem ao Aeroporto de Kastrup, dez minutos antes da partida, quase se esquecera da existência de Carlo Farelli. Porém, no momento em que iam a entrar para o recinto, ao passarem junto de um quiosque de jornais, Garrett deu com os olhos na primeira página de um periódico

129
dinamarquês, o Politiken. Uma fotografia a três colunas mostrava Farelli a descer de um avião, com o rosto moreno aberto num sorriso, o braço direito erguido numa saudação.

O subsecretário de Embaixada comprara o jornal, bem como mais outros dois, que entregara a Garrett, apesar dos frouxos protestos de Saralee, pois todos eles apresentavam o retrato de Farelli na página

da frente. Enquanto se dirigiam para o Caravelle parado na pista, Garrett pediu ao funcionário da Embaixada que lhe traduzisse os cabeçalhos e os artigos. Inocentemente, o homem satisfizera-lhe os desejos.

Ao tomar conhecimento das apreciações dos correspondentes dinamarqueses em Estocolmo «Um italiano salvador dos corações humanos»; «Um génio com coração»; «O laureado da Medicina é recebido triunfalmente em Estocolmo» , Garrett empalideceu e Saralee sentiu-se confrangida ao ver-lhe as feições deformadas pela cólera.

No momento de subir para o avião, Garrett arrancou os jornais das mãos do seu compatriota, quase sem se lembrar de lhe agradecer, e foi enterrar-se no seu lugar. Durante aquela hora de viagem desde Copenhaga, Sara observou que ele nunca tirara os jornais do colo, cravando constantemente a vista neles e no odiado retrato de Farelli.

Então Saralee resolveu intervir.

John, ainda nem sequer reparaste no interior do avião. Não é maravilhoso? Eu adoro o tom pastel.

De propósito, Garrett nem sequer ergueu a cabeça. O tom pastel não o interessava absolutamente nada naquele momento.

Saralee não se deu por vencida.

Ainda temos vinte minutos de voo. Não queres beber nada?

A mim apetecia-me, se tu quisesses. Vamos beber champanhe francês verdadeiro?

Se quiseres...

Eu acho que te faria bem. Além disso, vivemos um momento digno de ser comemorado. Estamos quase a chegar. E tu vais receber o Prêmio Nobel.

Muito bem, Saralee. Manda vir. De facto, é uma boa ideia.

Ela ergueu-se do assento.

Então chama a hospedeira. E não te ponhas a fazer namoro na minha ausência. Eu já vi a categoria dela. Vou à casa de banho. Quero arranjar-me. Passou pela frente do marido para alcançar a coxia, e tropeçou nos joelhos dele, atirando ao chão os jornais. Não me demoro.

Garrett apanhou os jornais e pô-los de novo no colo. Tirou um charuto do bolso do casaco habituara-se a fumá-los nos últimos tempos, de acordo com a sua nova dignidade, humedeceu-lhe a ponta, trincou-a e chegou-lhe o isqueiro. Enquanto puxava fumaças desconsoladamente, esticou o pescoço para ver lá para fora. Só conseguiu distinguir o céu azul. Recordou-se de que voavam a 28 000 pés 130

de altitude. Isto só vinha provar que tanto nos podemos sentir infelizes junto do céu como da Terra.

Julgou ouvir pronunciar o seu nome e, voltando-se para o lado da coxia, distinguiu, por entre a nuvem de fumo que acabava de expelir, uma mulher jovem, de pé, junto dele, a fitá-lo. com excepção do penteado excêntrico, demasiado juvenil, em bandós, com o resto dos cabelos repuxados de uma maneira incrível para o alto, ela não tinha um aspecto muito desagradável. O rosto era jovem, vinte cinco a vinte e oito anos, calculava Garrett, e à primeira vista fazia lembrar um machado. Possuía uns olhos castanhos e vivos, em fenda, e o nariz lembrava um bico de pássaro, por cima da boca fina e pequena. O pescoço dava a impressão de ser demasiado longo e parecia, talvez por causa da gola em forma de capuz, que era uma cabeça de mulher a espreitar para fora de uma boca de esgoto. O vestido grosso ocultava-lhe inteiramente as formas.

O doutor John Garrett? perguntou ela.

Sim retorquiu ele, desconfiado, sem saber se havia ou não de se levantar.

Sou Sue Wiley, da Consolidated Newspapers, de Nova Iorque.

Muito prazer retorquiu ele delicadamente.

Cheguei a Copenhaga esta manhã. Venho de Berlim, por causa daquele caso da prisão de Spendau. Deram-me ordem para vir ter consigo. Indicou o lugar vago de Saralee. Dá licença que me sente um momento?

Faz favor. Espere... Levantou-se e mudou-se para a cadeira de Saralee, dando à jornalista o seu lugar.

Estou a fazer uma série de artigos extensos sobre os prêmios.

Já pode calcular o partido que vamos tirar disto.

Ele não fazia a menor ideia do que ela estava a dizer, mas acenou afirmativamente a cabeça.

Catorze artigos de mil palavras cada um prosseguiu ela. E

a coisa prolonga-se por duas semanas em cinquenta e três jornais.

Vai ser formidável. Deve começar logo a seguir à cerimónia. O senhor é de Los Angeles, não é verdade?

De Pasadena corrigiu ele.

É o mesmo. Vamos ter um êxito formidável em Los Angeles, S. Francisco, Chicago, Nova Iorque, em toda a parte. A verdade é que, quando entrei neste avião, pensei que não vinha aqui ninguém importante e passei todo o tempo a polir as unhas. Foi a hospedeira, ao trazer-me uma bebida, que me informou em segredo que viajava con|

nosco um laureado com o Prêmio Nobel. Eu ia caindo de surpresa.

Pensei que já estivessem todos em Estocolmo.

Não estamos, como vê disse ele cautelosamente. Na realidade acho que viemos cedo de mais. Nos outros anos, os premiados (chegavam apenas uns dias antes da cerimónia. Porém, segundo me
131

disseram, este ano querem-nos lá mais cedo. Parece que têm um programa muito sobrecarregado.

A rapariga piscou os olhos, num jeito inconsciente e desconcertante que lhe era muito peculiar, e prosseguiu

alegremente: Foi portanto uma sorte para mim tê-lo apanhado aqui. Não fazia tenção de tocar no lápis nem no bloco até amanhã, mas o senhor vai fazer-me ganhar muito tempo.

Dispomos apenas de quinze minutos, Miss Wiley. Não seria mais acertado esperar?

Mr. Garrett..., desculpe, doutor Garrett... não é para me gabar, mas eu de quinze minutos posso fazer quinze horas. E é absolutamente indolor, asseguro-lhe.

Que deseja saber?

Tudo, desde o princípio. Nada das chatices habituais. A minha reportagem vai ser uma coisa em grande. E, a si, vou virá-lo do avesso.

No fim de contas, o senhor nada tem a ocultar. Percebe o meu ponto de vista: apresentar os deuses como simples mortais. Vou realizar isso com a gente do Prêmio Nobel. Que é que se passa nos antros cheios de fumo? Vou revelá-lo. Abriu a carteira, à procura do bloco e do lápis. Principiemos!

Mas, no íntimo, Garrett tomara já uma decisão. Fora do laboratório, era um homem desprovido de imaginação e não estava no seu feitio desobedecer. A extensa carta que recebera da Fundação Nobel, assinada por um tal Conde Bertil Jacobsson, trazia instruções concretas quanto à maneira de tratar com os jornalistas. Enquanto se encontrasse na América podia fazer à imprensa todas as declarações que quisesse. Porém, uma vez a caminho da Suécia e depois de chegar àquele país, devia evitar o mais possível o contacto com os jornais. Se se visse forçado a responder a algumas perguntas enquanto andasse sozinho em Copenhaga ou em Estocolmo, teria o cuidado de fazer com que os seus comentários fossem breves e nada comprometedores.

Estes conselhos explicavam-se pelo facto de, no passado, ter havido quem fizesse afirmações imprudentes, as quais, uma vez

publicadas na imprensa sem haverem sido revistas, tinham dado lugar a escândalos.

Recordando-se disto, a Fundação Nobel marcara uma série de conferências de imprensa de carácter oficial com os premiados daquele ano, em Estocolmo, no dia 3 de Dezembro, à tarde, as quais seriam depois revistas, de forma a obter-se a garantia de que nada se diria de desfavorável.

Tenho imensa pena, Miss Wiley, mas acho que não me será possível falar agora consigo disse ele.

A jovem voltou a cabeça com rapidez, fitando-o, a piscar os olhos furiosamente.

Está a brincar comigo? Desde quando é que os cientistas procedem como as cantoras de ópera?

132

Não interprete mal as minhas palavras, Miss Wiley respondeu Garrett muito à pressa. Mas eu estou disposto a respeitar as regras.

As regras? As regras?

Ele tentou explicar-lhe as restrições que lhe eram impostas, a si e aos colegas, pela Fundação Nobel.

Métodos da Gestapo explodiu ela, interrompendo-o. Pretendem amordaçar toda a gente para que os jornais da Suécia sejam os únicos a publicar artigos de sensação. Nós somos americanos, eu e o senhor, e regulamo-nos por princípios diferentes. É ou não é verdade? Posso entrevistá-lo dúzias de vezes. Porque não hei-de começar já? O senhor, sem dúvida...

A teimosia dela aborrecia-o.

Não disse com firmeza. Desculpe. Amanhã, na conferência oficial...

Isso é tudo uma macacada! Fitou-o de frente. Não está então resolvido a cooperar comigo?

E Você dá a isto um aspecto horrível!

E é horrível. Que é feito da liberdade de palavra? Vamos a isto, doutor Garrett, trata-se apenas de uma conversa.

Não.

” A rapariga fechou a carteira com estrondo e recostou-se, a olhá-lo por entre as fendas dos olhos.

O senhor sabe o que está a fazer? Eu já lhe expliquei que isto não é a historieta do costume. Trata-se de uma biografia em grande, pessoal, importante, com tudo o que se passa nos bastidores. Fez uma pausa ameaçadora. Não me agradava nada continuar a servir-me de outras fontes. Preferia que fosse o senhor a dizer-me aquilo que quero saber a seu respeito. Já colhi algumas informações, sabe?

Recebias das agências que temos espalhadas por todo o país. E têm que se lhes diga! Mas eu não queria coisas em segunda mão. Gosto de ir eu própria buscar a água à fonte. Isso é que é reportagem. Era assim que trabalhava Nellie Bly. Calou-se. Prefere que eu continue a colher material noutras origens?

Ele encolheu os ombros.

Não sei que mais lhe diga. Estou pronto a ser-lhe agradável logo que me seja possível, mas não agora.

Okay, doutor Garrett retorquiu ela, erguendo-se. Mas aposto que o doutor Keller e os seus companheiros de psicoterapia em grupo não aprovariam o seu procedimento.

Sorriu ligeiramente e afastou-se pela coxia fora.

Garrett ficou-se com o ar espantado de um homem a quem entregam uma granada dois segundos depois de lhe terem tirado a cavilha e que não sabe para aonde arremessá-la. Falharam-lhe de todo as reacções.

O cérebro tentava compreender o alcance da mensagem que acabava de receber. O Dr. Keller constituía um segredo. Garrett nunca se sentira suficientemente liberto de complexos para poder discutir o assunto fosse com quem fosse, além da mulher. Quem estava no conhecimento das suas sessões de psicoterapia colectiva?

Fora o seu médico quem lhe aconselhara a ir consultar um psiquiatra, o qual, por sua vez, o dirigira para o Dr. Keller. E havia a Saralee, claro. Mas quem mais? Depois, lembrou-se de repente de que o segredo era comum a muitos: Mr. Lovato, Mrs. Perrin, Mr. Ring, Mrs. Zane, Mr. Armstrong, Miss Dudzinski. Qual deles falara? Em que misteriosa fonte teria Sue Wiley ou a sua rede jornalística ido colher esta informação particular?

Tentou analisar racionalmente a situação. Que importância haveria em que fosse tornado público o facto de ele tomar parte em sessões de psicoterapia colectiva? Pelos vistos, tinha importância para ele e para Sue Wiley. A rapariga atirara-lhe com isso à cara como uma ameaça ou uma espécie de chantagem. E ele encaixara-a, como se se tratasse de uma coisa explosiva ou mortífera. Mas seria assim?

Como passaria ele a ser considerado pelos seus assistentes de Pasadena quando soubessem que se submetia a tais tratamentos? Que diria o Comité do Prémio Nobel? E o público? Pior do que tudo, que pensaria a esse respeito o seu terrível inimigo, o Dr. Farelli?

De certo modo, esse facto vinha conferir superioridade a Farelli, colocando Garrett na posição de um doente mental, diminuindo-lhe o valor, retirando-lhe a categoria de génio. Poderiam alguma vez Pare, Harvey ou Lister ter pensado em participar de sessões de psicoterapia na companhia de uma esposa leviana, de um actor semi-impotente e de um homossexual? Impossível!

Olhou o relógio. Faltavam dez minutos para chegarem a Estocolmo.

Fora derrotado, bem o sabia, e não se importava. O que desejava era render-se, uma vez que com isso pagasse a discricção da jornalista.

Pôs-se subitamente de pé, no momento em que Saralee vinha a sair da casa de banho.

Aonde vais, John? perguntou esta.

Ele não estava naquele momento para a aturar.

Vai ali uma jornalista... prometi-lhe... preciso de falar com ela. Senta-te e espera aqui.

Passou pela frente da mulher, seguiu coxia fora, sem fazer caso dos outros passageiros, e encontrou Sue Wiley a olhar distraidamente para fora da janela. O lugar dela era o último de todos e, como se estivesse reservado para Garrett, o assento ao lado encontrava-se vago. Sentou-se e a rapariga acolheu-o com um sorriso desprezível.

Foi muito simpático em ter vindo declarou.

Onde ouviu contar isso a meu respeito? quis saber Garrett Acerca da psicoterapia? Temos as nossas fontes de informação.

134

Onde?

Então! Isso não vale! O senhor conhece o velho adágio. Os jornalistas nunca revelam a origem das suas informações. Se os informadores não pudessem ter confiança neles, então nunca lhes diriam nem sequer metade do que sabiam. A verdade, Mr. Garrett, doutor Garrett, é que fiquei uma vez célebre por causa de uma questão semelhante. Na sua linda cidade, por sinal. Fui a um clube de marijuana que estava cheio de estrelas de cinema, e depois contei tudo, omitindo os nomes. A brigada dos narcóticos caiu-me em cima, a querer saber de quem se tratava. Eu respondi que fora convidada com a condição de não falar em nomes e que não faltaria à minha palavra. O juiz condenou-me a um mês de prisão, mas a Consolidated Newspapers e todos os outros jornais da região fizeram uma tal gritaria que no fim de cinco dias puseram-me na rua. Aí tem a resposta.

Garrett substituiu a autodefesa pelo orgulho.

Você não vai publicar essa informação da psicoterapia, não é verdade?

Sue Wiley manifestou uma surpresa ingénuas.

Julguei que a psiquiatria estimulasse as pessoas a falarem de si próprias. É sinal de que se está melhorando, não é verdade? Porque se envergonha disso, doutor Garrett?

Não tenho nada de que me envergonhar retorquiu ele com vivacidade. Mas, em primeiro lugar, isso só a mim diz respeito e ninguém tem nada com a minha vida. Em segundo, pode ser mal interpretado. O público não está ao par de certas coisas. Pensam logo que, desde que se está doente da cabeça e eu não estou doente da cabeça, entenda-se, se é mais ou menos desequilibrado, anormal.

E o senhor não o é? perguntou a rapariga, de olhos muito abertos.

Claro que não! O que eu precisava era de um conselho, nada mais. Mas se começam a dar vulto a isso... Faltavam-lhe as palavras.

Porém, Sue concluiu por ele: Os leitores podem convencer-se de que o senhor é pírulas?

Começam a duvidar dos seus enxertos do coração? Que não merecia receber o Prêmio juntamente com o doutor Farelli?

Precisamente, isto é, mais ou menos isso, você sabe-o muito bem. Quanto ao doutor Farelli, ninguém me considera menos digno do que ele de receber o Prêmio. De facto, no meio onde trabalho, todos estão convencidos de que deveria ter sido eu a ganhá-lo sozinho.

Os olhos de Sue Wiley brilhavam cada vez mais à medida que ia escutando. Farejava qualquer coisa de muito interesse e estava disposta a obtê-la por qualquer processo. Instantaneamente, assumiu

135
outra personalidade diferente, mais suave, mais compreensiva, disposta a ajudá-lo.

Escute, Mr... doutor Garrett. Quem julga o senhor que eu sou? Madame Defarge ou outra que tal? Não pretendo prejudicar um grande homem como o senhor. Certamente que não falarei do seu caso médico, se o senhor assim o deseja. Apenas lhe mostrei que sabia... para lhe provar como estamos interessados em todas as suas

actividades. Se não deseja que eu torne públicas as suas sessões de psicoterapia, nada direi.

Garrett teve vontade de beijar ali mesmo aquela simpática rapariga.

Ficar-lhe-ia muito agradecido se esquecesse esse pormenor.

Pronto, está esquecido. Okay?

Obrigado.

Queria apenas pedir-lhe que me concedesse alguns minutos para tornar as minhas notas mais verídicas.

Gostaria muito de a ajudar de qualquer forma, isto é, no caso de você não dar com a língua nos dentes junto dos tipos da Fundação Nobel.

Já lhe disse que respeitamos sempre as nossas fontes de informação.

Muito bem declarou Garrett, aliviado. Que espécie de histórias vai então contar?

Durante uma fracção de segundo a rapariga esteve tentada a dizer-lhe.

Morria por se confiar a alguém. Sentia-se orgulhosa com a ideia que era exclusivamente sua, mas qualquer íntimo sinal, de que por norma não fazia caso, avisou-a de que não se precipitasse, de que tivesse cuidado, e ela desta vez obedeceu. O êxito da sua série de artigos dependia daquela mão-cheia de laureados. Se cometesse o mínimo erro junto de algum, do Dr. Garrett, por exemplo, todos se voltariam contra ela, e lá se ia o plano por água abaixo. Se, pelo contrário, conseguisse sair-se bem com o primeiro, este servir-lhe-ia de carta de apresentação para os outros.

O seu palpite, quase sempre infalível, dizia-lhe ser aquele o momento culminante da sua carreira. Mas, antes de ter tempo de responder à pergunta de Garrett, verificou que este estava de pé enquanto a hospedeira de bordo o apresentava a dois cavalheiros suecos, colegas na medicina, os quais se mostraram desejosos de

apresentar o laureado às suas esposas. com um gesto de desculpa para Sue Wiley, Garrett afastou-se pela coxia fora, atrás dos suecos.

Embora considerasse precioso o tempo de viagem que lhe restava, Sue Wiley não se aborreceu com a interrupção. A importância deste seu novo projecto fizera-a reflectir e agora sabia-lhe bem aquele intervalo para passar em revista a situação, a sua triunfal subida nos últimos anos que a havia conduzido a este momento decisivo.

136

Sue Wiley nascera e fora criada num lugar obscuro chamado Cheyenne, no Wyoming, filha de pais desavindos. Chegara à adolescência sempre a viver numa atmosfera de penúria. Em casa ninguém a estimava e na escola passava despercebida. Apenas no último ano do curso secundário, ao revelar certa tendência para a composição literária e para o jornalismo, os professores lhe concederam atenção e alguns elogios. Talvez não fosse por acaso que, durante esse período, leu a vida de Nellie Ely. Tal como ela própria, Nellie Ely nascera também numa pequena cidade de província e tivera de lançar mão de um modo de vida. Denunciara o trabalho esgotante que se exigia dos empregados nas horríveis lojas de Pittsburgh, fingira-se louca para poder entrar num asilo de alienados em Blackwell Island e depois escrever o que lá vira, e conquistara a celebridade, juntamente com um ordenado de 25 000 dólares por ano, ao dar a volta ao mundo em setenta e dois dias, durante os quais percorreu 24 899 milhas (nas pegadas de Phileas Fogg), por conta do jornal *The New York World*, sempre de boina e casaco escocês. Para Sue Wiley, animada pelo êxito alcançado com as composições que escrevera nos últimos anos de estudos, Nellie Ely passou a ser uma espécie de mãe, de pai, de divindade. A sua sorte estava lançada.

Seguiram-se alguns anos difíceis, de que mal se recordava agora, | durante os quais fora agente de ligação, repórter, copiadora,

encarregada de rubricas sem importância, até que surgira aquela oportunidade na Consolidated Newspapers. A partir daí, Sue Wiley vencera quase de um dia para o outro. Contava apenas vinte e oito anos de idade. O processo de que se servira não era original, mas estava de acordo com a sua maneira de ser de adulta e com a imprensa da época.

Não havia nada de mais simples: chocava o público, dizendo não quando todos os outros diziam sim. Se alguém a acusasse de mostrar mais interesse pelo escândalo do que pela verdade, talvez se indignasse, mas, no entanto, era assim.

Para Sue Wiley, oportunista e insensível a tudo o que se passava à sua volta, a verdade era uma coisa à parte. Quem a procurasse devia perder a esperança de encontrar um tesouro; o seu destino seria desenterrar factos sem interesse, que nada provavam, nada acrescentariam de novo. Tornara-se indiferente ao valor da verdade, pois esta não compensava. Os leitores não a apreciavam, porque ela por vezes perturbava-os. Saber esclarecer os outros não era propriamente uma virtude. Só servia para aborrecer e ofender. E, afinal, a quem é que a verdade interessava? Poderia interessar a ela própria, talvez, mas a bitola do seu êxito era a massa anónima dos leitores. E esses queriam variedade, escândalos, sensações, embora se tratasse apenas de futilidades. «Obriguem-no a dizer: Ena, pá!», lera ela uma vez no boletim de certa casa editora. A realidade era esta e, quanto ao resto, cantigas. Um bom escândalo, uma anedota apócrifa, uma citação 137

deturpada, um segredo que se murmura embora não seja totalmente exacto, tudo é preferível à verdade absoluta que não passa de uma espécie de anestésico. Interessava a excitação, o barulho, o vender jornais.

Sue Wiley não era imoral, mas sim amoral. Vivia demasiado absorta nos seus próprios interesses para pensar antecipadamente se iria ferir alguém, ou para reflectir nisso depois de o ter feito. No

fundo, não podia ser considerada mal-intencionada, embora a sua técnica se revelasse muitas vezes prejudicial. Ela representava o símbolo da cultura do seu tempo, do seu público, que a encorajava e recompensava e a influenciava com a sua inversão de valores.

Sue Wiley aperfeiçoara a técnica a ler biografias. Antigamente não fora muito dada à leitura, a não ser de jornais. Porém, as biografias revelaram-se muito úteis, e passou a copiar e a sublinhar tudo aquilo que lhe despertava a atenção. Não se comprazia com ler. As campanhas de Júlio César não a interessavam, gostava, sim, de saber que ele usava uma coroa de louros para esconder um princípio de calvície.

As vitórias de Napoleão deixavam-na insensível, mas fascinava-a a informação de que ele possuía uns órgãos reprodutores extremamente pequenos. O facto de Francis Scott Key haver escrito o hino americano nada lhe dizia, mas interessava-a saber que ele não possuía boa memória auditiva para a música. E um dia ficou encantada por saber que Daniel Webster fora citado judicialmente por não ter pago a conta do talho. Nesse período lera também a frase em que o Dr. William Lyon Phelps se lamentava, dizendo: «Em lugar de escolherem um assunto, os modernos biógrafos agarram uma vítima. A coisa vai a tal ponto que os homens bons têm medo de morrer.» Mas esta queixa não a comoveu. A sua opinião fora que um homem destes devia ter dado um péssimo jornalista.

Tal como o seu ídolo, Nellie Bly, ela descobrira um método: criar notícias, não esperar por elas. com isto, electrizava o público, prendia-lhe a atenção. Em mil salas de redacção, dez mil repórteres, amarrados à mediocridade, apodrecendo a ganhar um salário baixo, alimentando-se de cerveja inferior e de sanduíches bafientas, abafavam os seus sonhos de grandeza, os projectos de romances, de peças de teatro que nunca conseguiriam escrever. Sue Wiley não faria parte dessa fauna e, uma vez ao serviço da Consolidated, entregou-se toda à tarefa de provar o seu valor.

A Cruz Vermelha Internacional era um monstro sagrado. Sue Wiley, exagerando os seus raros defeitos, condenou toda a organização.

Os Escuteiros Americanos eram invioláveis. Sue Wiley deu-lhes uma tremenda tarefa. O Dia da Mãe era considerado uma instituição muito respeitável. Sue Wiley desmantelou-a. A pouco e pouco, convenceu Harold Finnegan, gerente e editor da Consolidated, a deixá-la alargar o seu raio de acção. Numa viagem à roda do mundo,

denunciou a pouca vergonha a bordo dos navios luxuosos, a ineficiência das Embaixadas americanas, a falta de honestidade dos empregados alfandegários. Também teve mal para dizer de Taiti, Israel, Ghana e Lourdes. Nessa mesma viagem excedeu tudo o, que até então fizera.

Abusando das cartas de apresentação que levava para o Dr. Albert Schweitzer, de Lambaréné, na África Equatorial Francesa, passou duas horas na companhia do grand Docteur, sem ligar a mínima importância à sua inteligência e ao seu altruísmo. Quando mais tarde o descreveu aos leitores de todos os jornais da Consolidated, apresentava-o apenas como um tirano egoísta que dirigia de forma incompetente um hospital da selva mal equipado.

Ganhava melhor agora e a sua fama aumentara na mesma proporção do ordenado. O que mais desejava nesta fase era uma monstruosa matança internacional que lhe valesse um contrato de uma coluna dos jornais sindicalizados. Chamar-lhe-ia «Nas Profundas das Alturas». Certo dia, depois da viagem a África, ao arquivar as suas notas sobre o Dr. Schweitzer, descobriu que este havia ganhado o Prêmio Nobel em 1953. Reflectiu então nos pontos fracos que podiam existir nos outros laureados e na misteriosa aura de santidade que cerca todos os prêmios em geral. O Prêmio Nobel era a mais elevada recompensa que se pode conceder a um homem. O público aceitava incondicionalmente o epíteto de imortal

concedido por um punhado de suecos e noruegueses e passava a ver os próprios laureados como uma espécie de deuses. Mas alguma vez fora aplicado a estes o escalpelo implacável e realista do jornalismo? Tanto os juizes como os eleitos haviam sido porventura alguma vez dissecados? Fora já posta em dúvida por alguém esta hagiolatria? Por trás do Prêmio Nobel, onde se encontraria a verdade (segundo Sue Wiley)?

Numa excitação incrível, convidou Harold Finnegan, sempre ocupadíssimo, para almoçar com ela num restaurante chique da Rua Quarenta e Sete. Sempre a piscar os olhos e atropelando as palavras, Sue expôs a sua ideia a Finnegan e este apercebeu-se logo do seu alcance. Colocou ao dispor de Sue todas as principais agências da Consolidated no país, e, decorridas duas semanas, as informações fornecidas por estas acerca dos laureados cobriam a secretária da rapariga. Adiantou-lhe também uma forte soma em dinheiro e mandou-a para a Suécia.

Agora, depois de uma pequena demora em Berlim, estava a chegar a Estocolmo num avião silencioso, sentada ao lado de um dos laureados, que tremia diante dela. Naquele momento, Cheyenne pertencia a um passado longínquo e ela tinha o futuro, por assim dizer, garantido.

Seria a sua última etapa antes da fama.

Sobressaltou-se ao sentir Garrett de novo ao seu lado, pedindo-lhe mais uma vez desculpa, mas corado e satisfeito com aquele momento de homenagem. A jornalista tentou recordar-se de qual fora a última

pergunta dele antes de serem interrompidos. Que teria dado motivo à sua exploração interior? Sim, já se recordava, ele quisera saber qual era o género de histórias que ela se propunha escrever acerca do Prêmio Nobel.

Garrett mais parecia chupar o charuto em lugar de fumá-lo e ela sentiu-se resolvida a tratá-lo com gentileza.

Como já lhe disse, doutor Garrett, trata-se de uma grande série. Afinal não pode haver assunto mais importante do que este. Todos pretendem conhecer o mecanismo da eleição dos premiados, a personalidade destes, e o meu desejo é informar o público, ajudá-lo a ter uma opinião. Esta será muitíssimo favorável, asseguro-lhe. Porque não? Reunimos o maior número possível de elementos acerca dos laureados, pois o nosso objectivo é retratá-los ao vivo, como perfeitos deuses humanos, e não fornecer ao público parágrafos vazios de sentido acerca dos ídolos de pedra. Prometo não escrever nada a seu respeito que o senhor não gostasse de dar a ler aos seus filhos.

Garrett não podia esconder a sua satisfação.

Ainda bem que são esses os seus projectos. Pode ser um trabalho muito útil, que virá a influenciar outros cientistas em potência. Que hei-de dizer-lhe? Quer saber como consegui realizar a minha descoberta?

Noutra ocasião, talvez. Podemos ver isso mais tarde com todos os pormenores. Diga-me: não havia qualquer coisa a respeito de um motorista de camião chamado... chamado Henry M.?

Garrett pegou logo na deixa e, encontrando-se em terreno firme, familiar, começou a descrever em frases já buriladas, à forma de tanto haverem sido repetidas, o drama daquela noite histórica. Sue Wiley mal o escutava e, enquanto fazia sinais com o lápis sobre o bloco, ia seguindo o ponteiro dos minutos no seu relógio. Faltavam seis minutos e vinte segundos.

O coração do mamífero acabara de ser enxertado, o doutor mostrava-se entusiasmadíssimo, e ela então mudou rapidamente de assunto.

Muito interessante. Havemos de rever mais tarde tudo isto.

Depois, como quem não quer a coisa, atirou-lhe a bisca que ele inadvertidamente lhe deixara entrever a princípio: A propósito, o senhor e esse médico italiano vão partilhar o Prêmio, não é verdade?

Como foi isso? Ele é seu colaborador?

Garrett sentiu-se bastante tentado a responder, mas, como não estava no consultório do Dr. Keller, abanou a cabeça.

Não, nem sequer o conheço.

Oh, e eu a julgar que vocês trabalhavam em conjunto.

De maneira nenhuma. Eu fiz a minha descoberta sozinho! Por acaso até algum tempo antes dele, se quer que lhe diga.

com ar distraído, a mão de Sue continuava a alinhar os sinais este-140

nográficos uns atrás dos outros no bloco, enquanto os seus olhos piscos e expressivos se mantinham fixos nos dele.

Há pouco, o senhor disse haver quem fosse de opinião que o Prêmio devia ser apenas para si. Também pensa dessa maneira?

Não me ficaria bem dizê-lo. Mas a expressão de Garrett revelava claramente o que lhe ia no pensamento.

Claro que vai encontrar-se com o doutor Farelli em Estocolmo...

- Creio bem que sim. Pelo menos nas cerimónias oficiais.

Tenciona fazer... tenciona trabalhar em quaisquer investigações futuras de colaboração com ele? Isto é, uma vez que ambos...

Não me parece! interrompeu Garrett. Cada um de nós tem os seus métodos. No entanto, faço tenção de travar conhecimento com outros colegas durante esta viagem. Especialmente com o médico do Instituto Caroline, de Estocolmo, o doutor Erik Ohman. Trata-se de um jovem extraordinário, que trabalha também no enxerto de corações humanos e que de certo modo pode considerar-se meu discípulo, pois as suas ideias aproximam-se muito das minhas. Os comunicados que apresentei interessam-no e tem-se correspondido comigo assiduamente. De então para cá, já realizou com inteiro êxito sete transplantações cardíacas pelo «método Garrett», segundo ele próprio diz, e anunciou-me que tem mais três casos em observação. Estou ansioso por tomar pessoalmente contacto com os trabalhos dele e fazer as sugestões que me parecerem necessárias. Na

realidade, se precisar de mais informações a meu respeito, acho bem que se dirija ao doutor Erik Ohman. Parece-me que ele pode falar acerca do meu trabalho evidentemente com menos inibições do que eu próprio.

Compreende?

Sue Wiley não estava nada disposta a deixar-se levar pelo Dr. Erik Ohman. Talvez que aquela sugestão fosse uma manobra do Dr. Garrett para se furtar a mais perguntas. Mas duvidava que ele tivesse esperteza para isso. Precisava de contactar com Farelli. Precisava de saber mais coisas a seu respeito, e também acerca de Garrett, queria obter as opiniões que cada um deles tinha do outro.

Muito interessante, muito interessante repetiu ela. Mas voltemos ainda ao doutor Farelli por um momento. Ele interessa-me de maneira especial, bem como a toda a imprensa, segundo creio.

Como surge ele na ribalta a seu lado? Conforme muito bem disse, e de resto é do conhecimento geral, foi o senhor o primeiro a realizar, com êxito, um enxerto de coração. Dar-se-á o caso, na ciência, ao contrário do que sucede em tudo o mais, de não ser servido quem chega primeiro ou, nesta circunstâncias, quem é premiado?

Assim deveria ser. Mas estou convencido de que, uma vez que você investiga tudo, não terá deixado de ler as declarações do doutor Farelli. Ele não tem por costume... esconder os seus méritos.

Quer o senhor insinuar que ele... pode ter influenciado o júri?

141

Garret fingiu-se horrorizado com tal ideia.

Nem por sombras quis dizer semelhante coisa! Refiro-me apenas ao facto de ele ser... aquela espécie de pessoa que gosta de se tornar notada. É uma personalidade muito viva.

A rapariga resolveu espicaçá-lo.

O senhor é demasiado modesto para saber defender-se. Está-se mesmo a ver. Sei também que, nos tempos que vão correndo, não basta que desempenhem o seu papel, embora de maneira brilhante.

O mundo, hoje, não repara nos homens desse género; deixa-se levar por outros mais interesseiros, mais loquazes, mais teatrais. Desta vez não lhe perguntou se estava de acordo. Descaradamente, fez de conta que sim. É uma estupidez não é verdade? a maneira como o público se deixa levar.

Garrett sorriu modestamente, animado com a compreensão que aquela rapariga revelava.

Sim, tem razão.

O pequeno microfone interrompeu-os. Ambos ergueram os olhos.

Uma das hospedeiras dizia: Chegaremos a Estocolmo dentro de cinco minutos. Por favor, apaguem os cigarros e apertem os cintos de segurança. Estabeleceu-se um certo burburinho entre os passageiros. Garrett ergueu as palmas das mãos para Sue Willey.

Não temos tempo para mais.

Mas ela conseguira o que pretendia. Em Estocolmo procuraria saber mais ainda, enterraria mais a cunha.

Não sei como agradecer-lhe replicou. Para mim, todas as informações são preciosas. Já tenho um magnífico ponto de partida.

O seu caso, esse tal motorista, vai dar-me uma bela história.

É muito amável afirmou ele.

E discreta acrescentou ela, em tom de conspiração.

Garrett ergueu-se.

Tornaremos a encontrar-nos em Estocolmo, com certeza.

Espero que sim.

O cientista voltou para o seu lugar e apertou o cinto. A mulher ficou espantada ao vê-lo de tão bom humor.

Quando o Caravelle tocou a longa pista do Aeroporto de Arlanda, a travar ruidosamente, ouviu-se uma voz masculina soar por cima da coxia:

Fala o comandante. Acabamos de aterrar em Estocolmo. São precisamente doze horas e trinta e seis minutos.

Os Garrett foram, por assim dizer, os últimos a deixar o avião.

Desceram os degraus atrás dos outros passageiros e viram-se envolvidos por uma multidão de admiradores. Apertaram a mão ao conde Bertil Jacobsson, a Ingrid Pahl, a Cari Krantz, e Saralee agradeceu efusivamente as flores que Ingrid lhe entregou.

Enfrentaram as objec-142

tivas dos repórteres, enquanto Jacobsson mantinha firmemente os jornalistas a distância.

Estavam já para se meter nas limousines quando Jacobsson se lembrou de repente que faltava alguém.

E Mr. Craig? Onde está ele? perguntava o conde, agarrando no braço de Garrett. O laureado da Literatura vinha no mesmo avião. Mr. Craig, conheceram-no?

Garrett sacudiu a cabeça. Não conhecera ninguém com esse nome.

E não se referiu a Sue Wiley.

Enquanto Ingrid Pahl e Krantz conduziam os Garrett para a porta aberta do carro, Jacobsson correu para junto dos outros passageiros, em vão procurando Craig. Descobriu por fim o comandante do avião e uma hospedeira. Quis ver a lista dos passageiros, que eles ajudaram a percorrer minuciosamente. Dela não constava nenhum Andrew Craig nem nenhuma Leah Decker.

Muito intrigado, Jacobsson regressou para junto dos automóveis.

O conde fazia tudo de acordo com os planos preestabelecidos. Todos costumavam afirmar que o seu poder de organização era único e ele orgulhava-se muito desta qualidade. As últimas notícias, recebidas havia poucas horas, diziam que Craig chegaria a Copenhaga na carreira da Escandinavian Airlines, às nove da manhã. Avião n.º 912, recordava-se perfeitamente. A ligação para Estocolmo era este aparelho, que partia de Copenhaga às 11.20. Teria o outro chegado com atraso?

Se assim fosse, avisá-lo-iam. Havia ali um mistério, na verdade. Era a primeira vez que via um laureado faltar à hora prevista da chegada.

Mandou embora o segundo automóvel e meteu-se no primeiro, tomando lugar no banco desmontável, ao lado de Krantz, resolvido a não dar nada a perceber ao célebre Dr. Garrett e à esposa acerca do problema que o preocupava.

Mas durante todo o caminho até à cidade não fez outra coisa senão cogitar no que teria acontecido a Andrew Craig.

Perto das 16.30 da tarde, o conde Bertil Jacobsson teve conhecimento da solução do enigma.

De todos os componentes do Comité de Recepção, a que viera juntar-se um adido do Ministério dos Estrangeiros, só ele se sentira inquieto durante o demorado almoço oferecido aos Garrett, no Grande Hotel. Parecia-lhe que nunca mais chegaria a hora de regressar ao seu gabinete de Sturegatan, para poder pegar no telefone e saber o que fora feito do misterioso laureado.

Naquele momento, arrastando a bengala nervosamente por cima da passadeira verde do corredor, dirigia-se finalmente ao telefone.

O ruído abafado da bengala anunciara a sua chegada, e a secretária, Astrid Steen, surgiu à porta do gabinete de recepção. Acenou-lhe com um sobrescrito.

Um telegrama para si!

143

Jacobsson pegou-lhe, abriu-o e leu primeiro do que tudo o nome do local donde fora remetido: Copenhaga.

Leu então o texto: Devido a circunstâncias imprevistas cancelámos a passagem para Estocolmo Stop Ficaremos nesta cidade o dia inteiro Stop Tomaremos à noite o expresso do Norte e chegaremos às oito e quarenta da manhã Stop Desculpe se causámos transtorno Stop Melhores saudações Andrew Craig Ouviu Mrs. Steen, que perguntava: Alguma novidade?

Não, não é nada. Mr. Craig atrasou-se. Só vem amanhã.

Penetrou no gabinete, despiu o sobretudo e esqueceu-se de saudar o retrato do rei Gustavo que estava na parede.

Sentou-se na cadeira giratória, em frente da secretária, alisou o telegrama sobre o mata-borrão e leu-o de novo. O mistério estava desvendado, mas, por outro lado, continuava a ser obscuro.

«Circunstâncias imprevistas» haviam obrigado Craig a retardar a sua chegada.

Que espécie de circunstâncias? E porquê imprevistas?

Que diabo acontecera a Andrew Craig?

O conde Bertil Jacobsson tinha a sensação inexplicável de que as coisas não estavam a correr tão bem como no último ano. O programa das cerimónias ainda não começara, e já estava a ficar alterado.

Isto não agradava a Jacobsson, Não agradava mesmo nada.

Capítulo três O telegrama que o conde Bertil Jacobsson lera em Estocolmo, às 16.30, fora expedido cerca de cinco horas antes, às 11.43 da manhã, de um quarto moderno, situado no Craig, não se devia à sua criação literária.

Quem o escrevera e enviara fora Leah Decker, a cunhada.

A voz desta, uma voz aguda, a ler o telegrama no quarto ao lado, é que o despertou do torpor. Ela repetia-o em voz alta, e quem o ouvia parece que aprovava. Por fim, Craig deduziu que a outra pessoa só podia ser Mr. Gates, primeiro-secretário da Embaixada dos Estados Unidos em Copenhaga.

Já completamente acordado, Craig tentou familiarizar-se com o que o rodeava. Deixou-se ficar estendido sobre a cobertura negra do sofá, com os pés pendurados para fora, dentro de um quarto pintado de amarelo-limão, no meio de uma mobília de teca, toda em ângulos agudos, provenientes, sem dúvida, de alguma fábrica adepta da escola cubista. O quarto era funcional, impecavelmente limpo, sem personalidade.

Alguém lhe tirara o casaco e os sapatos, segundo imaginou.

A cabeça latejava-lhe e a língua parecia uma sola grossa. Calculava que se tivesse embebedado e agora não estava ainda em seu perfeito juízo, mas começava a recuperá-lo e sentia sede.

Prestou atenção às duas vozes que lhe chegavam aos ouvidos através do minúsculo átrio entre os dois quartos.

Chegou um groom, a quem entregaram o telegrama, com instruções para o expedir com urgência. Leah mostrava-se preocupada pelo facto de terem cancelado a passagem no avião, pois talvez não conseguissem reservar lugar no comboio. Mr. Gates afirmava-lhe que reservaria imediatamente lugares no comboio, e que, se não o conseguisse, havia outro avião mais tarde. Leah não queria arriscar-se a outra viagem aérea. Era demasiado rápida. Não dava tempo ao cunhado para descansar.

Ele precisava, acima de tudo, de repouso. Suplicou a Mr. Gates que telefonasse outra vez para a Estação Central, e Mr. Gates fez-lhe a vontade. Informou os serviços de marcação de bilhetes que fazia parte da Embaixada Americana e que esta precisava infalivelmente de dois lugares no Expresso do Norte. Seguiram-se várias pausas, algumas frases entrecortadas e parece que, por fim, se conseguiram obter os dois lugares.

A conversa no quarto ao lado tornava-se indistinta e Craig não se esforçou por ouvir mais. De súbito, percebeu uns passos leves, de Leah, pela certa, e tomou uma decisão rápida. Voltou a cara para a parede, fechou os olhos e fingiu dormir. Como supremo requinte de realismo, imitou mesmo uma respiração ruidosa. Durante um mo-

145

mento, teve a consciência da presença de Leah curvada sobre ele. Ouviu-a fungar duas vezes, pigarrear e depois ir-se embora.

Logo que recomeçou a conversa no quarto contíguo, desta vez, mais distintamente, ele abriu os olhos e apurou de novo o ouvido.

Ele está completamente adormecido dizia Leah. Ficaré assim durante muitas horas.

Então podemos ir?

Acho que não há perigo.

Então está bem. De caminho, levanto os bilhetes na Estação Central e depois vamos almoçar ao Oskar Davidson. Se tivermos tempo, ainda podemos dar uma saltada até ao Castelo de Elsinore. É um passeio que não leva mais de duas horas. Tem a certeza de que Mr. Craig não gostaria também de vir?

O que ele precisa é de dormir. com isso não tenho eu nada.

Bem me basta a viagem de comboio logo à noite. Espero ao menos que a Fundação Nobel não fique aborrecida com a demora.

Esses recebem-nos de braços abertos a qualquer hora.

Oxalá que sim.

Ouviram-se mais algumas frases incompreensíveis e por fim acabaram ambos por se retirar, fechando a porta.

Andrew Craig continuou imóvel. Queria dar-lhes tempo suficiente para se afastarem. Além disso, sentia-se demasiadamente enervado para se levantar. Desejava que acabasse aquele latejar das fontes. Mas para isso era preciso tempo. E a sede tornara-se um suplício. Mas ele provaria a sua força de vontade. Esperaria dez minutos. Tentou molhar a língua no céu da boca, mas não o conseguiu, e por fim começou a percorrer com ela o interior das faces. Dez minutos. E continuou à espera.

Recordava-se com dificuldade das duas semanas passadas em Miller's Dam antes da partida. A mensagem da Fundação Nobel viera encontrá-lo no início do ciclo. Após a morte de Harriet, quando começava a recuperar, não bebia ainda muito, pelo menos não bebia mais do que em vida dela. Fora depois «achava-se vestido de ponto em branco, mas não tinha para onde ir», era esta a imagem que a sua situação lhe sugeria que o whisky começara a constituir a única coisa que lhe tornava a vida suportável. Ficara prisioneiro do ciclo no momento em que um vácuo inconsciente começara a substituir a dor. Lucius Mack declarara que aquilo era um ciclo. Ou fora Leah?

Duas semanas bêbado, duas semanas em seu juízo. Isto é, quase em seu juízo. No último ano fora três semanas bêbado e uma sóbrio e não conseguira acrescentar mais do que vinte páginas ao magro manuscrito que intitulara Regresso a Itaca. Encontrava-se dentro das três semanas de bebedeira quando recebera a notícia e ainda estava dentro delas, segundo lhe parecia.

Tornava-se-lhe impossível recordar outros fragmentos do passado, 146

por mais recente que este fosse, a seguir a ter bebido. Na garrafa de whisky cabia tudo: podia-se-lhe meter dentro a criação literária, o sexo, a esperança, as recordações, agitava, e tudo ficava dissolvido, a ponto de se não reconhecer. Desde a noite do telegrama até ao dia

em que viera pela manhã para Chicago, quase nada conseguia recordar.

Mesmo assim, reconhecia algumas caras, a de Lucius Mack e a de Jake Binninger, a fazerem de amortecedores entre ele e a imprensa; a de Leah, toda afadigada, a tratar dele e a lamentar-se; a do professor Alex Inglis, da Universidade de Joliet, na sua muda e suplicante adoração.

Na manhã anterior sim, fora na véspera, Lucius Mack levava-o de carro até à estação, em Chicago. Leah vinha entusiasmadíssima.

Trazia um fato de malha verde-escuro, novo, e um casaco comprido, preto, que Craig lhe oferecera como prenda de viagem, que ela bem merecia. (Não fora propriamente ele quem o comprara, mas ficara sentado numa taberna de Milwaukee enquanto Lucius o ia escolher, adiantando até o dinheiro, à conta do futuro cheque do Prêmio Nobel.) Para o bom humor da rapariga contribuía em grande parte a promessa que ela extorquiria a Andrew, na noite anterior, de que passaria, até ao fim das cerimónias, apenas a beber como um simples dever social. Os presentes e o entusiasmo haviam suavizado o rosto eslavo e habitualmente preocupado da rapariga, tinham descontraído o seu corpo rígido. O aspecto dela tornara-se mais feminino, e o orgulho que o cunhado lhe despertava e que, no passado, causava a Andrew uma ligeira opressão, fazia que também ele sentisse um certo orgulho de si próprio, um orgulho passageiro, muito passageiro, como aquele que outrora Harriet acordava também nele.

O almoço no Pump Room constituía uma festa de despedida digna de Lúculo, animado em grande parte pelas brincadeiras de Lucius acerca dos anúncios que teria de angariar em Miller's Dam para pagar as viagens que fizera com Craig até Chicago. Depois, levava-os ao aeroporto, onde haviam tomado um Boeing 720 para Nova Iorque.

O que tornara suportáveis para Craig aquelas duas horas e meia de voo haviam sido as duas bebidas que lhe fora permitido tomar no Pump Room e as outras duas durante a viagem no avião. Ao aterrarem, esperava-os o editor de Craig, o seu agente literário e o editor do seu catálogo literário preferido, indo dali todos para um restaurante iluminado com velas, um retiro ultrachique onde Craig se sentira profundamente infeliz. Não conseguira interessar-se pela conversa literária nem pela discussão acerca do seu futuro; preocupava-o apenas a imperiosa necessidade de beber que sentia. Permitiram-lhe servir-se apenas de um whisky, mas os companheiros arranjaram as coisas de molde a tornar possível repetir a dose. A conspiração contra ele agravava-se com a presença do editor, que tomara a seu cargo encomendar a refeição e se mostrava desejoso de o ver encetar vida nova, de um 147

agente que sofria de uma úlcera no estômago e da cunhada, que o vigiava como um membro da Liga Antialcoólica recentemente convertido.

O avião da noite, que partia às 19.30, um DC-8C a jacto de Scandinavian Airlines, proporcionou-lhe maior satisfação. Sentindo-se mais satisfeita e tolerante, Leah bebeu com ele uma taça de champanhe sobre o Canadá e outra quando atravessavam a Terra Nova, e Craig conseguiu desarmá-la por completo ao oferecer-lhe galantemente uma terceira taça, algures sobre o Oceano Atlântico, ao passo que ele próprio recusava. Em lugar de champanhe, que declarou ser um engodo para turistas, pediu uma garrafa de scotch. E, pela noite adiante, foi bebendo. De madrugada bebia ainda. Quando sobrevoaram a Escócia e a Inglaterra não parara de beber.

A luz de um novo dia, acinzentado e pungente, visto através da janela enevoadada do avião, encontrou-o no seu lugar, tendo conseguido finalmente isolar-se da recordação de Harriet e da sua arte, pronto a acolher o bendito esquecimento do sono. O microfone acordou todos os passageiros, entre eles Leah. Esta apressou-se a ir

ao toilette e voltou de lá com os cabelos penteados, a pintura retocada e o fato de malha sem uma ruga.

Sentando-se ao pé dele, de novo impecável, inquiriu: Dormiste um bom sono?

Maraaaa-avilhoso gaguejou ele.

A rapariga estendeu o pescoço para a janela.

Aquilo lá em baixo deve ser a Dinamarca, no meio das nuvens.

- E, sem despegar os olhos da paisagem, perguntou: Não é lindo? Mara aaa-avilhoso...

Quando a hospedeira anunciou que era proibido agora fumar e recomendou que apertassem os cintos de segurança, Craig acendeu o cachimbo e esqueceu-se de afivelar o cinto. Ninguém deu por isso.

Aterraram. Leah sentia-se satisfeita por se encontrar de novo em terra firme e ele seguia atrás dela aos tropeções, em direcção à saída.

Ao passar para a escada rolante, enquanto procurava o primeiro degrau sentiu falhar os joelhos moles. Agarrou-se ao corrimão, enquanto Leah e os braços fortes de dois passageiros o salvavam de uma queda iminente, interrompendo dessa forma o trânsito.

No momento em que alguém o ajudava a descer as escadas, Leah respirou-lhe o bafo. A sua expressão endureceu; terminara o armistício.

O resto era tudo vago na memória de Craig. Lembrava-se de um homem, vestido como um carnicheiro ao domingo, que viera esperá-los.

Tomara café forte no bar do aeroporto. Escutara vagamente um trecho do diálogo de Leah com o homenzinho: «Ele nunca bebe. Não está acostumado. Todos andam à sua volta, a fazer-lhe saúdes, e ele não sabe recusar. Foi de mais.» E, de novo, junto ao guichet dos pás-
148

saportes: «Não podemos partir daqui a duas horas. Não quero que o vejam em Estocolmo neste estado! Ele não bebe. Seria uma vergonha!»

As cabinas telefónicas e o homem que os viera esperar, a sair de uma delas... depois uma viagem sem fim dentro de um automóvel, não sabia de quem... um hotel brilhante de luzes com uma entrada que parecia uma garagem... um átrio cheio de movimento, um balcão à esquerda, os elevadores à direita... sexto andar... por aqui, se fazem favor...

Todos os pormenores estavam diluídos no álcool. Boa disposição igual a recaída. Simples equação.

Sentou-se no sofá. Haviam passado mais de vinte minutos desde que Leah o deixara. Calçou os sapatos e atou os atacadores. Foi à casa de banho e aspergiu a cara com água fria, molhou o cabelo e penteou-o. Refez o nó da gravata. Vestiu o casaco cinzento-escuro e dirigiu-se ao quarto de Leah. Uma das malas estava aberta, as outras encontravam-se no chão, ainda fechadas. Voltou para o seu quarto à procura da «canadiana» e foi então que descobriu um papel com um recado, espetado numa cadeira junto do sofá. Despregou-o e leu: Andrew: no caso de acordares antes de eu vir, fica sabendo que fui almoçar com um senhor da Embaixada Americana. Tivemos de anular a passagem de avião para Estocolmo porque estavas bêbado. Marcámos quartos neste hotel para tu poderes descansar e, pela mesma razão, seguimos esta noite de comboio para a Suécia. Devo estar de volta às cinco horas. Vê se tens juízo. Leah.

l Observou o cabeçalho do papel. Estavam hospedados no Tre Falke Hotel, 9, Falkoner Alie.

l Reduziu o bilhete a uma bola, que deixou cair no cesto dos papéis, e dirigiu-se para o elevador. Esperou um tempo infinito depois de premir o botão. A seguir, tirou o cachimbo. Quando já o tinha acendido, abriu-se a porta do elevador. Este era automático e levou-o directamente ao rés-do-chão, sem nenhuma paragem.

l Perguntou ao groom onde ficava o bar. O jovem imberbe fê-lo atravessar o átrio, cortou à esquerda e apontou. Em frente da sala de jantar, o balcão em forma de ferradura encontrava-se deserto, com

exceção do jovem louro, de avental branco, que se via por detrás dele.

Quando Craig se aproximou, viu que o rapaz o observava com atenção. Subiu para um banco alto.

Whisky duplo, se faz favor.

O empregado hesitou.

149

Dá-me licença? É Mr. Craig, dos quartos seiscentos e sete e seiscentos e oito?

Sou, sim.

Então peço muita desculpa, mas tenho ordens severas para o não servir.

Craig sentiu-se mais surpreendido do que zangado.

Como soube quem eu era?

A sua esposa fez-me a descrição.

Ela não é minha esposa.

A senhora que vinha consigo. Disse-me que o senhor estava muito doente perdão e que o médico não dava ordem para que bebesse.

O senhor está louco? Isto aqui é um bar público. Eu sou um freguês como outro qualquer. Peço uma bebida. A sua obrigação é servir-me.

O barman vacilou mas aguentou-se.

Posso ser castigado se o senhor adoecer. As leis do hotel permitem-nos servir os hóspedes conforme entendermos. Está afixado no seu quarto.

A fúria de Craig não se manifestava contra aquele palerma, mas sim contra Leah. Não estava para discussões. O que queria era beber.

Está bem, rapaz. Eu não estou doente, ela é que te aldrabou, mas deixemos isso. Pôs-se de pé. Vamos lá então, dá-me um simples, que é para o caminho. Ninguém vê.

O rapaz hesitou. O seu único desejo, que se traduzia claramente na expressão do rosto, era que o freguês se fosse embora sem

barulho.

Acenou com a cabeça, tirou uma garrafa e um copo de baixo do balcão e encheu-o.

-Eu não devia fazer isto disse, enquanto empurrava o copo para junto de Craig.

Este emborcou-o de uma vez. O líquido humedeceu-lhe a boca, queimou-lhe a garganta, aqueceu-lhe o peito e reanimou-o.

Quanto devo?

Nada. Fez um gesto solene e trocista. Lembre-se de que não bebeu nada.

Craig sorriu amargamente.

Foi o melhor whisky que bebi até hoje. Saltou do banco.

Onde fica o centro da cidade?

A vinte minutos de caminho. Chama-se Raadhusplads. É o centro de tudo. Não pode haver engano. Aqui em frente encontra uma estação de táxis, ou então pode tomar o autocarro. Não se esqueça de trocar os dólares por coroas.

Obrigado.

No átrio, junto à estação, encontrou, junto à máquina de somar, a rapariga que cambiava o dinheiro. Entregou-lhe uma nota de vinte
150

dólares e recebeu uma mão-cheia de coroas. Meteu o dinheiro dentro da carteira e passou os olhos pelos jornais americanos, franceses, ingleses, alemães e pelas revistas que se achavam no escaparate. Depois saiu.

O tempo clareava, mas o ar continuava frio. No parque em frente estacionavam alguns carros, mas nenhum era táxi. Esperou e a seguir aproximou-se do porteiro, que conversava com um carregador todo sujo de lama.

Onde é a paragem do autocarro? inquiriu Craig.

Autocarro? repetiu o homem. Ah, sim, a camioneta.

Apontou com o dedo. É ali. Vai partir dentro em pouco.

Craig agradeceu-lhe e dirigiu-se apressadamente para o veículo azul e branco que se encontrava na rua, em frente de um cinema subterrâneo.

O motorista, atarracado e de óculos, que estava a polir o volante com um trapo, acenou-lhe com a cabeça.

O seu bilhete, se faz favor.

Não sabia que era preciso tirar...

- Pode pagar aqui.

Craig tirou da carteira um maço de notas dinamarquesas e estendeu-lhas.

O motorista escolheu algumas e entregou-lhe o resto.

Passando para o interior do autocarro, Craig verificou que este se encontrava cheio de raparigas escandinavas. Dirigiu-se para a retaguarda e acomodou-se num exíguo lugar que mal lhe deixava espaço para as pernas.

Decorridos alguns minutos, o motor começou a trabalhar, rangeu nas mudanças, o autocarro deixou o passeio, voltou à direita passados dois blocos, cortou à esquerda, entrando depois numa rua cheia de movimento. E seguiu em frente.

Craig nunca havia estado em Copenhaga. Ele e Harriet, aquando da sua viagem de lua-de-mel, que durara seis meses, tinham ido de barco até Goteborg, passado uma semana em Estocolmo, seguindo dali por via aérea para Amsterdão, e depois, de comboio, para Paris.

No fim de seis semanas ainda não estavam fartos desta grande cidade.

Acabaram finalmente por alugar um Citroen e seguiram nele para San Sebastian, depois para Madrid e Barcelona, em seguida para Nice.

Pararam em Spezzia, meteram-se pelas estradas da montanha e desceram até Roma. Mais tarde, haviam tomado o rumo do Norte, visitando Milão e Berna, e entregaram de novo o Citroen em Paris. Durante a viagem de regresso, por mar, sentiam-se ainda

impressionados pelas maravilhas daquela extraordinária excursão e, à noite, falavam em voltar no ano seguinte. Mas a vida enredara-os nas suas malhas, nunca mais tinham podido voltar, e, agora, ali estava ele sozinho, em Copenhaga, sem sequer olhar para fora da janela porque lhe não interessava.

151

Ouviu um estalido por cima da sua cabeça e depois a voz do motorista saindo do alto-falante: Sejam todos bem-vindos na nossa viagem diária através de Copenhaga declamava ele num tom profissional. Esta volta tem a duração de três horas. Termina às quatro e meia da tarde, na praça da Câmara Municipal, que nós, dinamarqueses, conhecemos pelo nome de Raadhuspladsen. Haverá cinco paragens durante o passeio, em atenção aos amadores de fotografia. A primeira será na igreja de Gruntvig, depois na fonte de Gefion, na Pequena Sereia, no porto de Copenhaga, em Langelinie e no Castelo de Amalienborg. Entre os pontos mais dignos de interesse histórico...

Craig compreendeu por fim e ficou estupefacto. Descobriu que não seguia num vulgar autocarro de carreira. Metera-se estupidamente numa camioneta de circuito turístico. O seu primeiro impulso foi puxar o sinal de alarme ou dirigir-se ao motorista, explicando-lhe o engano e pedindo-lhe que o deixasse na primeira luz vermelha que encontrasse. Mas depois reflectiu que não havia motivo para criar embaraços a ninguém. O seu destino era apenas o primeiro bar que encontrasse pela frente e este ridículo meio de transporte conduzi-lo-ia lá tão rapidamente como outro qualquer.

A despeito da posição incómoda e da sede, conservava ainda o necessário raciocínio para se sentir divertido. Em breve bateria o record mais recentemente inventado: o do turista que esteve sentado menos tempo dentro de uma camioneta de visita dirigida!

A primeira tirada parecia interminável, mas por fim o carro deteve-se e o motorista anunciou: Castelo de Amalienborg, datando

do século dezoito, residência do rei e da rainha. Os passageiros podem descer.

Todos se dirigiram para as portas da frente e deixaram o veículo.

Os palácios reais constituem os melhores exemplares do estilo rococó da Europa...

Craig afastou-se e olhou em torno. Achava-se à beira de uma vasta praça rodeada por quatro palácios monumentais, todos exactamente semelhantes entre si. Às portas viam-se guardas de sentinela, com os seus gorros de pele. Não se avistava dali nenhuma casa que se parecesse com um bar, um café, uma taberna.

O bom humor de Craig evaporou-se. Sentia-se mais frustrado do que todas as personagens de Kafka que conhecia. Ao explorar de novo os arredores, reparou numa passageira que, afastada dos outros turistas, apontava, agachada, a máquina fotográfica para uma sentinela.

A máquina pareceu-lhe igual à Rolleiflex de Leah. Uma vez tirada a fotografia, a rapariga pôs-se de pé, a enrolar a película.

Craig dirigiu-se apressadamente para ela. Viu que se tratava de uma jovem, talvez de uns vinte e um anos. Trazia um chapéu branco do feitio de uma cartola empoleirado na cabeça e o sedoso cabelo

caía-lhe sobre os ombros. Um casaco de malha cor de coral, excessivamente grande, cobria-lhe a blusa branca e a parte da saia pregueada azul-escura. Quando Craig se aproximou, viu que ela apenas lhe chegava ao peito.

A rapariga ergueu os olhos para ele, surpreendida. Tinha um rosto largo e agradável, uns olhos azul-claros, com rugas aos cantos, quando ria. O nariz era direito e curto, as maçãs do rosto salientes como as de Harriet os lábios carnudos e vermelhos. Um sinal preto ao canto direito do lábio superior chamava a atenção para a boca entreaberta e para os dentes brancos e regulares.

Craig teve consciência da atracção que emanava da rapariga e sentiu-se aborrecido com isso, pois o seu pensamento estava naquela altura ocupado com assuntos mais importantes.

Dá-me licença? começou ele. Sou um dos passageiros da camioneta...

Ela acenou com a cabeça.

É capaz de me dizer... gostava que me informasse se existe um bar aqui por estes lados.

Um bar? Quer dizer um restaurante com self-service?

Não, não. Um lugar onde se beba qualquer coisa, onde se possam comprar bebidas, whisky...

Oh! Ela fez um gesto com a mão a indicar os palácios. Estamos em Amalienborg.

Bem sei.

Não é lugar onde se vendam bebidas.

Mas algures, aqui perto...

Ela encolheu os ombros.

Conheço isto mal. Talvez encontre mais adiante. E, de súbito, dirigiu-lhe um sorriso cúmplice. Quando eu vir algum bar, digo-lhe.

Ficar-lhe-ei muito grato.

Enfiou as mãos geladas nos bolsos da «canadiana», encolheu os ombros como um corcunda e regressou ao autocarro. Entretanto, reparou que a rapariga a observava. Oxalá ela estivesse disposta a cumprir a sua promessa.

Para Craig, a visita turística podia resumir-se numa sensação de tédio, de monotonia e aborrecimento. As frases soporíferas do condutor chocavam com os seus ouvidos mas não lhe penetravam no cérebro.

Ficava sentado na cadeira, todo contraído, enquanto paravam diante das fachadas do Ny-Carlsberg Glyptotek (pintura dinamarquesa e francesa), do Jardim Zoológico, do Palácio de

Nydober (construído há trezentos anos, pelo rei Cristiano IV). Para tudo olhava sem interesse e seguia adiante.

Noutra paragem, os passageiros saíram do carro e fizeram semicírculo em redor do motorista, à beira do cais, em frente à estátua da sereia sobre a rocha. Craig, atrás de todos, balouçando o corpo ora 153

sobre um pé ora sobre o outro, embrulhava-se na «canadiana», a desejar desesperadamente uma bebida que o aquecesse.

Sentiu que alguém lhe puxava pela manga. Voltou a cabeça e descobriu o chapéu branco sobre os caracóis dourados. A rapariga, sempre com o casaco de malha desabotoado, a despeito da baixa temperatura, sorria-lhe com simpatia. Parecia uma sereiazinha intrépida, pensou ele. Mas ao mesmo tempo deu-se conta de que a rapariga não devia ser insensível ao frio, pois os seus mamilos endurecidos sobressaíam por baixo da blusa. Reparou pela primeira vez nos seios dela a esticarem tanto a blusa que quase rebentavam os botões de madrepérola.

A rapariga apontava com o dedo.

Ali!

Craig olhou e viu um grupo de lojas.

Na primeira deve encontrar o que deseja acrescentou ela.

Craig ia a tirar o chapéu em sinal de agradecimento, mas parou quando ela lhe piscou o olho a pedir segredo, e ficou-se a vê-la afastar-se, para se ir reunir às outras raparigas.

Ele então atravessou a rua a passos lentos e entrou na primeira loja. Tratava-se de um pequeno bar, apenas com meia dúzia de mesas e cadeiras. Uma mulher forte saiu da cozinha a limpar as mãos a uma toalha. Pediu-lhe um whisky duplo, com pressa, mas ela não percebia inglês. Craig percorreu com a vista as garrafas atrás do balcão e apontou para uma de Ballantme's. A mulher sorriu, trouxe a garrafa e ia começar a servi-lo quando ele lhe fez sinal com a mão para a deixar sobre o balcão, pois queria servir-se ele próprio. Bebeu

três doses umas atrás das outras, enquanto a mulher o observava e ia tomando nota lá do seu canto. Mas então lembrou-se de que não tinha pressa nenhuma. Dispunha do dia inteiro. Encheu o copo pela quarta vez, sentindo já os músculos relaxados pelo álcool, e começou a beber devagarinho, a saboreá-lo com prazer.

Ouviu abrir-se a porta e tocar o carrilhão pendurado por cima desta.

Voltou-se, julgando ser algum colega na bebida, mas viu logo tratar-se da rapariga, ao divisar o chapéu branco e a cabeleira loura.

A camioneta está para partir avisou ela. Esperam por si.

Já está atrasada.

Craig convenceu-se imediatamente de que lhe seria impossível abandonar os companheiros. Seria até uma atitude antiamericana, uma péssima propaganda. Estavam todos à espera dele. Se recusasse segui-los na visita turística para ficar numa taberna, cometeria uma acção deliberadamente hostil à Dinamarca, e isso iria atrasar dez anos os esforços da Casa Branca. Era uma pena ter de ceder, mas as obrigações de um americano no estrangeiro afiguravam-se-lhe importantes.

Além disso, já se sentia um pouco embriagado.

Já vou respondeu.

154

Terminou a quarta dose, deitou mais outra no copo e engoliu-a de um trago. Despejou em seguida a carteira na mesa. A mulher gorda tirou o que lhe pertencia. Craig empurrou mais uma nota em direcção dela, em atenção à hospitalidade, agarrou no que restava e meteu-o no bolso do casaco. Depois seguiu a loura até ao autocarro.

Desta vez sentaram-se um ao lado do outro, ela junto à janela, ele com as pernas moles estendidas para a coxia. Iam no último banco.

Satisfeita agora a necessidade mais imperiosa do seu organismo, Andrew podia analisar a companheira com toda a objectividade. As feições correctas não se atropelavam; faziam-lhe lembrar obras de

arte expostas numa vasta galeria. No entanto, o aspecto do conjunto sugeria uma perfeição de tipo nórdico, se bem que uma certa suavidade e a ausência de reserva, aliadas a um sorriso franco, nada tivessem de nórdicos. Naquele rosto nada havia de artificial, a não ser o baton e, talvez, o sinal ao canto da boca.

Esse sinal é pintado? inquiriu ele.

Não, é natural. Porque pergunta isso?

Porque as mulheres, às vezes, pintam-nos para tirar certos efeitos.

Eu não preciso de tirar efeitos.

Naquela resposta não se adivinhava nenhuma espécie de arrogância; era como se enunciasse um facto natural.

Também acho apressou-se ele a concordar. Você é muito bonita. E acrescentou: E muito amável.

Ela não respondeu a isto, mas fitou-o nos olhos até lhe fazer desviar os dele. Depois perguntou: Porque sentia você tanta necessidade de beber?

O imprevisto da pergunta sobressaltou-o. Nunca ninguém o interrogara nesse sentido.

Tenho estado doente respondeu.

Havia mil respostas e explicações, mas todas vinham a dar na mesma.

A rapariga deu-se por satisfeita.

Era o que eu pensava. E, agora, sente-se melhor?

Muito melhor.

Ainda bem.

Craig estava encantado. Pela primeira vez, desde havia cinco meses, começava a ocupar-se de alguém que não fosse ele próprio.

Ia pedir-lhe desculpa agora mesmo disse, mas talvez você tenha compreendido. Bem vê, não é que não me interessasse ver esta cidade, nada tenho contra o seu país...

Este não é o meu país declarou a rapariga. Eu sou sueca.

Não sabia...

Ela sorriu.

Todas as raparigas escandinavas se parecem à média luz. Ouvi

155

uma vez este aborrecido comentário a um rapaz inglês. Você não é inglês, pois não? Americano?

Exactamente. '

De que estado?

Wisconsin.

Fica perto da Califórnia?

Muito longe. A meio caminho entre a Califórnia e Nova Iorque.

É um estado... uma província, como vocês dizem, que pertence à região dos Grandes Lagos.

Ah, Chicago fica para aí, não é verdade?

Fica perto, sim.

E há lá gangsters?

Não tantos como se poderia depreender dos filmes, mas existem alguns. As pessoas de lá são mais ou menos como as da Suécia. E você de que região é da Suécia?

De Estocolmo. É uma linda cidade.

Isso é!

Já lá esteve?

Craig abanou a cabeça.

Estive, há muitos anos. E mudou de assunto. Que faz aqui?

Estou a passar a minha semana de férias de Inverno respondeu ela. No ano passado fui a Dalarna fazer desporto na neve.

Que espécie de desporto?

Patinagem, esqui, bob-sleigh '. Este ano elas quiseram vir à Dinamarca. É muito bonita, mas eu prefiro a Suécia. Aprecio mais o deserto do que as catedrais, os palácios e as estátuas. Gosto mais de fazer coisas do que vê-las.

Ele mal a ouvia, a observar-lhe atentamente o rosto.

Já sei quem você me lembra declarou subitamente. Bem me parecia que já a tinha visto algures!

Quem...?

É um retrato a óleo de Anders Zorn. Vi-o da última vez que estive em Estocolmo. Representa uma rapariga junto de uns rochedos.

Está nua, numa atitude de absoluto repouso, a olhar para um rio muito azul... Tem os cabelos dourados, ou, melhor, ruivos, deitados para a frente, de modo a caírem-lhe para a cara.

Talvez seja o meu retrato... disse ela a brincar.

Só se fosse a sua avó! Zorn pintou aquele quadro em 1904.

Gosta de Zorn?

Nunca ouvi falar dele respondeu com simplicidade.

«Uma ninfa terrestre», pensou ele. «Uma visão do presente, sem passado, livre do fardo da história e do peso de sabedoria, um espírito 1. Espécie de trenó articulado para deslizar no gelo, podendo levar várias pessoas.

156

eternamente jovem.» Os laços que o prendiam ao passado tornaram-se-lhe subitamente dolorosos. E sentiu inveja da rapariga.

Reparou que o autocarro parara e que os passageiros da frente seguiam em fila na direcção da porta.

Stoget anunciou ela. Não é uma paragem obrigatória, mas demoramo-nos quinze minutos para, quem quiser, comprar recordações.

Ergueu-se, a sacudir a saia de pregas, e ele imitou-a.

Deseja comprar alguma recordação? .'

Nada em especial.

Então venha comigo beber qualquer coisa.

Ela olhou-o, muito séria.

Vai embebedar-se.

É isso mesmo que pretendo.

É assim uma coisa tão importante para si?

É.

Então porque quer que o acompanhe?

A isto podia ele responder várias coisas, algumas delas pouco verdadeiras, outras exactas e lisonjeiras para a rapariga. Mas disse apenas: Quando estou acompanhado, bebo mais devagar.

Ela riu.

Não podia ter-me dado melhor explicação. Desceu da camioneta e sorriu para ele. Vamos lá então. E dirigiu-se para a porta.

Caminharam lado a lado pela rua cheia de gente, recebendo encontrões e abrindo caminho pelo meio dos transeuntes, até que chegaram a uma praça coalhada de automóveis, a Raadhuspladsen. A rapariga apontou para um dos lados.

Ali, fica o Palace Hotel. Eu e os meus amigos estivemos lá ontem à noite a beber umas coisas. É um sítio agradável...

Vamos então ao Palace Hotel.

Percorreram mais um bloco, andando devagar, e depois penetraram no átrio do Palace. Craig teve a impressão de se tratar de um lugar antigo, aristocrático, calmo e acolhedor. Achou que a rapariga tivera bom gosto.

Podemos ir para o jardim de Inverno ou para uma sala confortável, ali à esquerda.

Qual dos sítios prefere?

A sala respondeu ela.

Passaram a outro compartimento e dali para o bar, uma sala toda de madeira antiga, que evocava grandes lareiras com um lume crepitante, e instalaram-se atrás de uma coluna, sentados um em frente do outro. A rapariga quis beber o mesmo que ele, com a diferença de que o seu whisky foi simples e o de Craig duplo. Afinal, não interrompera ainda o ciclo.

Decorreu meia hora quando ele olhou para o relógio.

157

Sabe que perdemos o autocarro?

Sim, bem sei.

E os seus amigos não vão ficar em cuidado?

Porquê? Não sou nenhuma criança.

Que idade tem?

Vinte e três anos.

Não é casada, pois não?

Não. E o senhor?

Ele reparou que o copo da rapariga estava vazio. Chamou o criado e mandou vir um whisky simples para ela e, como era hábito, um duplo para ele.

Já fui casado disse finalmente. Agora, que começava a ficar bêbedo, tornava-se-lhe menos difícil falar. Ela morreu... mataram-na...

há três anos. Um acidente de automóvel. Era eu que ia ao volante. Tinha bebido. Pode-se dizer que a matei.

Nessas condições ninguém pode dizer que uma pessoa matou outra. Foi um desastre.

Estava a chover. Não consegui dominar o carro.

Foi um desastre repetiu ela.

Craig abanou a cabeça a dizer que sim, meio tonto com a bebida.

Tem a certeza de que não se importa de ter perdido o resto da visita turística?

Já lhe disse que não gosto de catedrais. Prefiro fazer outra espécie de exercício.

Sim, isto não é bem a mesma coisa que os desportos na neve.

Mas diverte à mesma disse ela, sorrindo.

O criado serviu as bebidas, e Craig, logo que bebeu a sua, pediu outra.

Tenho quase quarenta anos declarou.

Quer dizer que tem quase quarenta e nove. Porque não diz antes que tem quarenta e nove?

Porque me sinto com quarenta, cinquenta, sessenta...

Você é engraçado.

Porque quis ficar comigo? Para se dar ares protectores, para me lamentar?

Porque havia de lamentá-lo?

Não sei. Diga lá porque ficou comigo?

Achei divertido e, como gosto de me divertir, fiquei.

Esta apreciação a seu respeito divertido deixava Craig boquiaberto.

Você está a brincar comigo?

A brincar? Quer dizer que estou a intrujá-lo? Faz então de si uma ideia assim tão má?

Se faço má ideia de mim? Ah, sim, isso faço. A sua presença reconforta-me. Eu devia servir-me de si como de um amuleto. Pegou no copo com o resto de whisky e estendeu-o na direcção da rapariga: Como é que se diz na sua terra... ?

Skal!

Skal!

Bebeu o resto daquele copo e encetou imediatamente o outro.

Que horas são? perguntou ela.

Quatro, mais ou menos.

Tenho de voltar ao hotel. Ainda não fiz as malas e volto esta noite para Estocolmo.

Eu acompanho-a. Emborcou o whisky, pagou ao criado e apoiou-se ao braço dela para sair.

No táxi, a rapariga perguntou-lhe: Que tal se sente?

Bem. E bêbado. Bêbado, e muito. Tenho sono.

Folgo muito com isso. Eu deixo-o primeiro no seu hotel. Qual é?

Não, isso não está ceerto. Mas pode seer. É o Tre-
QualquerCoisa-Falke.

O homem do táxi era desembaraçado e em menos de vinte minutos paravam em frente do Tre Falke Hotel.

Não quer entrar? perguntou ele com a voz pastosa. ; Não, você precisa de descansar.

É verdade.

Saiu do táxi ajudado pelo porteiro, depois libertou-se do braço deste e voltou à porta do carro.

Como se chama? informou-se, tendo o maior cuidado em pronunciar bem as palavras.

Lilly Hedquist.

Como?

. Lilly.

Eu chamo-me Andrewsss-Andrewss-Andrew Craig. GR-A-I-G, Craig. ' (

Tive muito prazer em conhecê-lo, Mr. Craig.

Igualmente. " |

Só depois de a rapariga ter partido se lembrou de que não havia ' pago o táxi, nem a sua viagem nem a dela. Também não sabia onde estava hospedada e só se recordava do nome próprio: Lilly. ('

Encaminhou-se muito teso para o elevador e, lá dentro, carregou no botão do sexto andar. Quando a porta deste se abriu, dirigiu-se para > o quarto, tirou a chave do bolso, abriu a porta e tornou a fechá-la.

Despiu a «canadiana» e o casaco, atirou fora os sapatos e deixou-se cair no sofá, a sentir-se agradavelmente tonto.

Não soube quanto tempo dormiu, disseram-lhe depois que foram três horas e meia, mas a primeira coisa de que teve consciência foi de alguém a abaná-lo. Abriu os olhos e viu por cima de si o rosto de Leah. '

159

Sentes-te bem? perguntou ela ansiosamente.

Craig tinha de novo a boca seca e os olhos a piscar. Mas sentia-se bem.

Estou óptimo respondeu. E levantou-se.

Dormiste nove horas. Sabes onde estamos?

Claro que sei. Levantei-me para ir ao quarto de banho e vi o teu recado.

São quase oito. O comboio parte às nove e sete. Mr. Gates levamos à estação. Queres uma sanduíche?

Não.

Ela olhou-o com um ar cansado.

Dás cabo de ti. Tive de anular a passagem, sabes?

Obrigado, Leah. Agora vou lavar-me.

Chegaram à Estação Central com um quarto de hora de avanço.

Quando se encaminhava com o carregador atrás, para o Expresso do Norte, Craig deteve-se junto ao carrinho branco de um vendedor.

Comprou amendoins e uma revista americana. Na carruagem-cama, um empregado baixo e afável, que trazia na mão a lista dos passageiros, verificou as marcações e pediu-lhes os passaportes.

Craig foi encontrar bagagens divididas entre as duas cabinas contíguas e viu que as camas já estavam feitas, não havendo nenhum lugar para se sentarem.

Saindo de novo para o corredor, abriu uma janela para Leah e outra para si. Mr. Gates estava em baixo, na gare, e um sorriso diplomático flutuava-lhe, como uma bandeira de Embaixada, na cara gorda. Leah agradeceu-lhe o almoço e o jantar, bem como a visita ao Castelo de Elsenor, e Gates voltou a afirmar que o prazer fora todo seu.

Parecia mais interessado em conversar com Craig.

Todos nós sentimos muito orgulho em si, Mr. Craig. Estamos ansiosos por saber notícias acerca das cerimónias da entrega do Prêmio.

E eu fico-lhe muito grato por tudo o que fez por nós respondeu Craig. Quando tiver ocasião, hei-de escrever ao embaixador a pedir-lhe que o promova depressa.

Gates abanou a cabeça, depreciando os seus serviços, e disse: Nem pense nisso. Mas há uma coisa que muito prazer nos daria, a mim e à minha mulher. Ela é também uma grande admiradora sua, tal como eu. Gostaríamos ambos de possuir um exemplar autografado do seu próximo livro.

Craig teve vontade de lhe declarar: «Vai esperando, meu velho.

Talvez venha a tempo para os teus netos!» Mas neste momento já se encontrava quase em seu perfeito juízo e resolvera mostrar-se amável.

Por isso, retorquiu: 160

Prometo não me esquecer.

Eu lembrar-lho-ei, Mr. Gates acrescentou Leah com vivacidade.

Craig já estava cansado de se debruçar da janela.

Sabe-me dizer se há salão de fumo ou restaurante neste comboio?

É uma maçada respondeu Gates lá de baixo, mas estes comboios europeus não têm carruagens-salão. Pouco civilizados. Se os vossos compartimentos estiverem prontos, podem puxar o banco articulado e sentarem-se a ler no corredor.

Craig não se lembrara disso. O banco articulado estava mesmo junto dos seus joelhos.

E quanto a jantar continuou Gates, neste comboio também não servem. Partem do princípio de que todos já estão jantados a esta hora e, como chega a Estocolmo às nove menos vinte, vai mesmo a tempo do pequeno almoço. Mas se o senhor tem fome, Mr. Craig, há uma possibilidade. Daqui a quinze minutos, isto é, um quarto de hora depois da partida daqui, estas carruagens entram no ferry-boat de Malmoe. A travessia de dezassete milhas até à costa da Suécia leva, habitualmente, cerca de duas horas. Enquanto vai no ferry, pode sair da carruagem e, se procurar, encontra certamente dois ou três sítios onde poderá comer. Está o assunto resolvido.

Imaginem só! exclamou Leah. Um comboio dentro de um barco. Estou ansiosa por ver!

É mais uma novidade retorquiou Gates. Olhou para a frente.
Começaram a fechar as portas. Acho que estamos na hora.

Obrigado por tudo repetiu Craig. Fechou a janela e retirou-se para dentro, deixando Leah encarregar-se das últimas despedidas.

Sentou-se sobre a cama, admirando as paredes de bela madeira dourada da pequena carruagem. Encheu o cachimbo e acendeu-o. Daí a poucos instantes, o comboio punha-se em marcha.

Leah apareceu junto à porta.

Já vamos a caminho declarou.

Não era sem tempo.

Não te sentes um bocado excitado?

Só com a ideia de receber os cinquenta mil.

Como podes tu ver estas coisas de uma maneira tão... tão comercial?

Que queres que te diga, Leah? Já não sou nenhum menino pequeno.

Trata-se do maior prêmio do mundo.

Bem sei, e sinto-me muito honrado. Mas também sei que não escrevo nada há anos. Tenho a impressão de que vou receber esta recompensa indevidamente.

Não digas uma coisa dessas. Estive a ler a biografia de Alfred Nobel. Confessa ele que se lembrou do Prêmio da Literatura com o

161

fim de auxiliar os escritores, jovens ou não, a criar uma obra idealista...

Pois então acho que, desta vez, o capital dele foi muito mal empregado.

Leah reagiu, irritada.

Por que motivo te julgas sempre tão mal, Andrew?

Ele ergueu rapidamente os olhos para a cunhada. Recordou-se de que a rapariga sueca de cabelos louros lhe dissera quase a mesma coisa havia poucas horas.

Não estou a julgar-me mal retorquiu ele, na defensiva.

Aprecio simplesmente o meu valor e o meu futuro de uma forma objectiva.

Espero que te comportes de outra maneira em Estocolmo. Eles, lá, consideram-te muito e surpreendê-los-ia desagradavelmente a revelação dessa tua maneira de pensar.

Craig sentia-se aborrecido e não estava na disposição de ouvir os conselhos da cunhada.

Prometo-te, Leah, que em Estocolmo representarei a sério o papel de grande escritor!

Deixa-te de brincadeiras!

Não estou a brincar. Verás.

A rapariga ia a sair.

Daqui a pouco estaremos no ferry-boat. Sempre queres comer alguma coisa?

Ainda não sei.

Se saíres, leva-me contigo, não quero que vás sozinho.

«Pois decerto, irmãzinha. Não querias mais nada! Vais comigo uma figa!», disse ele com os seus botões. E para ela retorquiu: Pois sim, Leah! Se eu sair, bato na porta.

Logo que ouviu fechar a porta do compartimento dela e o ruído de fatos a serem pendurados no cabide da parede, Craig saiu para o corredor. Olhou pela janela o cordão de luzes lá ao longe e sentiu a garganta e o estômago contraírem-se com a necessidade de beber.

Por fim, deitou abaixo o banquinho e sentou-se de lado, com as pernas estendidas, a fumar. Perguntava a si próprio por que motivo, em primeiro lugar, não mandara Leah para o Diabo e não trouxera consigo uma mala cheia de garrafas de whisky, pois assim evitaria todos estes problemas. Talvez fosse com medo de a perder e que a solidão lhe parecesse mais terrível do que a falta do álcool. Ou talvez fosse por outro motivo qualquer. As pessoas dividem a vida com marcos em miniatura: nestas férias you começar a fazer economias,

no Dia de Ano Novo encetarei um novo programa de trabalho. São pequenas formas de rejuvenescer, jogos simbólicos, esperanças artificiais, com que os homens se iludem a si próprios. Num esforço para se libertar da escravidão da garrafa, para vencer a inércia e o desânimo, agarrara-162

-se ao Prêmio Nobel como ponto de partida. Uma noite passada num estado de semiembriaguez convencera-o de que seria capaz de ir até Estocolmo sem beber, de assistir às cerimônias da entrega e depois retomar a's suas responsabilidades como membro da comunidade humana acabado de chegar de alguma região exótica.

Mas só agora via, lucidamente, a falência daquele sonho. Não existia nenhuma razão no mundo que o pudesse impedir de beber. A quem interessaria que ele chegasse a Estocolmo em seu juízo e recebesse o Prêmio sem ter bebido? A quem poderia interessar que ele reassumisse as suas obrigações para com a raça humana, votasse, desse festas, assistisse a elas, trabalhasse, pescasse, amasse? Para quê? Para quem?

A desculpa da euforia permanente produzida pelo álcool era mais razoável.

Constituía o melhor de todos os remédios para afastar a recordação da falta de Harriet, do remorso da sua morte, dos livros que ficavam por escrever, da vida que não aproveitava.

O comboio parara. Através da janela via-se um pequeno armazém na berma da linha férrea, luzes amarelas, dinamarqueses encasacados.

O comboio deu um solavanco para a frente, e mais outro, e outro.

Craig ergueu-se, deixando o banquinho bater contra a parede, e abriu a janela. A vergastada do ar gelado fê-lo estremecer, mas não se retirou para dentro. Só quando avistou a amurada e o brilho da água percebeu que estavam dentro do ferry-boat de Malmoe.

De novo o comboio teve um estremeção metálico e depois parou.

Sem fazer barulho, Craig passou em frente do compartimento de Leah e percorreu o corredor até ao extremo da carruagem. O condutor ajudou-o a descer para a cobertura exígua. Entaipado entre o comboio que se erguia acima dele e a fila das cabinas à direita, Andrew sentiu-se tomado de claustrofobia e com o peito oprimido. Esquecera-se da «canadiana»

e o frio da noite penetrava-lhe o fato como um lençol de gelo.

Onde poderei beber qualquer coisa que me aqueça? inquiriu ao condutor.

Há uma escada para a cobertura superior respondeu o homem.

Os restaurantes e a sala de jantar ficam lá em cima. À proa.

Temos duas horas de travessia?

Uma hora e cinquenta. Tem de estar de regresso dentro de uma hora e cinquenta minutos.

Acompanhado pelo condutor, voltou as costas ao comboio no momento em que avançava um rio de gente, todos envergando casacos pesados ou camisolas, que se dirigia para as escadas. Viu uma mulher alta de charuto na boca. Adolescentes roufenhos, todos a fumar cigarros.

Muitos homens bem vestidos.

Quem são aqueles? perguntou Craig. Vêm neste comboio?

Oh, não. O nosso é o Expresso de Paris. Aquelas pessoas têm 163 estado na sala de espera lá de cima. Os rapazes são estudantes em férias Os suecos regressam ao seu país e os dinamarqueses vão para lá passar as deles. As mais velhas são pessoas que andam em viagem de negócios para cá e para lá.

Craig foi atrás da multidão, subiu os degraus de metal até lá acima, transpôs uma porta de vaivém e achou-se na cobertura varrida pelo vento, um espaço coalhado de viajantes, dinamarqueses e suecos, uns sentados em bancos, outros de pé, a conversar em grupos, e ainda outros passeando, tudo no meio de risos e confusão.

O barco começara a ranger e a fervilhar. Craig abriu caminho com o cotovelo pelo meio da multidão. Um sinal luminoso indicava o restaurante da primeira classe e ele dirigiu-se para lá. Entrava-se no vestíbulo por meio de uma porta envidraçada. A atmosfera ali tornava-se repousante, como numa câmara de descompressão, após a mordedura do frio lá de fora e da luta para conseguir passagem no meio de tanta gente. Uma segunda porta de vidro dava acesso à sala de jantar, decorada num estilo ultramoderno. Havia mesas e cadeiras por toda a parte, quase todas vazias. Logo à esquerda, Craig avistou um balcão circular, com uma quantidade enorme de sanduíches de smorgasbord e bolos. Um dinamarquês de cabelos grisalhos e uma rapariga, ambos fardados, asseguravam o serviço.

Craig dirigiu-se para o balcão.

Disseram-me que podia beber aqui qualquer coisa.

Café ou chá? inquiriu o homem grisalho.

Scotch Whisky Sim. Dê-me duas doses, com gelo. Sem soda. É melhor servir [

dois copos, ambos duplos. Estou à espera de uma pessoa acrescentou para explicar.

O ferry-boat balouçava ligeiramente, por isso ele encaminhou-se > com as pernas afastadas, para se equilibrar, até uma mesa perto da , janela. Através dos vidros não conseguia ver as costas da Suécia, dis-tinguindo apenas a proa lá em baixo e o reflexo das luzes do barco > na água. , Tinha agora os dois copos sobre a mesa, um diante de si, outro ; ao lado. Sentia uma sede terrível e esvaziou o primeiro copo como < quem bebe água. Trocou-o então pelo que estava ao lado, que bebeu mais devagar. Depois disso sentiu-se mais integrado no ambiente e mais descontraído. O ardor do whisky subira-lhe à cabeça e, pela primeira vez, parecia-lhe suportável a ideia do que o esperava em Estocolmo. No entanto, não se sentia ainda suficientemente forte para esquecer o perigo que o espreitava. Tinha na sua frente ainda uma noite e desejava não pensar em nada.

O criado de cabelos grisalhos andava ali perto a pôr uma mesa e Craig fez-lhe sinal.

164

Vendem garrafas cá no barco?

Não é costume...

Eu viajo no Expresso do Norte. Estamos reunidos num grupo e queríamos festejar um acontecimento. Não poderia fazer-me um jeito?

Tenho de tirar do nosso fornecimento. Que prefere o senhor?

Craig bateu no copo.

Disto. Qualquer marca serve.

Vou ver o que se pode arranjar.

Enquanto esperava, Craig encheu o cachimbo e ficou-se distraído a olhar a sala. Viu-a antes que ela o reconhecesse. Trazia ainda vestido o mesmo casaco de malha cor de coral sobre a blusa branca retesada no peito, o mesmo chapéu no alto da cabeça. A saia era diferente.

Substituíra a azul-escura por outra cinzenta, de lã mais grossa. Conservava-se atrás da porta de vidro, indecisa, hesitante, como quem procura alguém.

Craig pôs-se de pé e atravessou a sala de jantar, dirigindo-se a ela. Só quando o viu a poucos passos a rapariga o reconheceu.

Viva! exclamou ele com um prazer real. Naquele momento, não seria capaz, nem que o matassem, de se recordar do nome dela.

Estou espantada, Mr. Craig. Estendeu-lhe cerimoniosamente a mão e ele apertou-lha. Acho que já não deve lembrar-se do meu nome. Chamo-me Lilly Hedquist.

Ele sorriu.

Creio bem que não estava em condições de fixar o seu nome.

Agora nunca mais me esquecerei.

Ando à procura das minhas amigas. Devem estar lá em baixo, na sala de café de segunda classe.

Não quer beber primeiro qualquer coisa na minha companhia?

Enquanto falava, lançou os olhos para além da rapariga e, através da porta envidraçada, viu Leah Decker. Esta mantinha aberta a porta e conservava-se imóvel entre os umbrais, metade na coberta, metade no vestíbulo, a olhar para trás, à procura da presa.

À vista da cunhada, Craig sentiu um choque. Agarrou no braço de Lilly com tanta força que a rapariga estremeceu.

Não podemos ficar aqui. Venha comigo. Estou a tentar fugir de uma pessoa.

Empurrou-a rapidamente à volta do balcão circular e quase a arrastou através da outra porta em frente.

Onde poderemos esconder-nos? implorou.

Não sei.

Siga atrás de mim.

Saiu para a coberta, sempre com Lilly no seu encalço.

Momentaneamente, o álcool que bebera imunizava-o contra o ar gelado; olhou em redor, dando a impressão de haver descoberto qualquer coisa, pe-165

gou no braço de Lilly e conduziu-a até à placa indicativa do salão de segunda classe. Entraram, mas todos os assentos estavam ocupados e eles ficaram encostados à parede escura.

O olhar de Lilly traía a sua preocupação.

Que se passa? Será o senhor, por acaso, algum criminoso?

Nada de tão romântico. Ando apenas a fugir à vigilância de uma certa pessoa.

E quem é essa pessoa?

A minha cunhada. Acompanhou-me nesta viagem para tomar conta de mim. Ela detesta bêbados. Tem a mania de regenerar os indivíduos. Quando estávamos lá dentro, vi-a à minha procura. E não quero que ela me encontre.

Por que motivo tem assim tanto medo de uma pessoa da família?

Ele tentou encontrar uma resposta, mas não conseguiu.

Porque tenho eu medo? Santo Deus! Não sei. Olhou em volta.
Isto aqui é a segunda classe, não é?

É, sim.

Ela não teve a esperteza de vir aqui procurar-me da primeira vez, mas, da segunda, vem com certeza. Ouça, minha linda, quer fazer-me um favor?

Que é?

Espera-nos uma noite muito comprida dentro do comboio. Eu venho no Expresso do Norte...

Também eu.

Qual é o número do seu compartimento?

Eu venho numa carruagem de segunda classe, com seis lugares.
Vamos todos sentados.

Pode servir-se da minha cama. Eu vou procurar outro sítio...

-Não, eu estou com as minhas amigas. Durmo de qualquer maneira.

Qual é o favor que pretende?

Antes de você chegar eu tinha encomendado uma garrafa de whisky, no restaurante. Tenho absoluta necessidade dessa garrafa.

Pensei que...

Que eu podia ir lá buscá-lo.

Ele entregou-lhe as suas últimas coroas.

Deus a acompanhe.

Logo que a rapariga partiu, Craig encostou-se à parede, a fumar, muito nervoso, receando sempre ver surgir Leah. Volvidos cinco minutos, Lilly reapareceu. Trazia um embrulho que bem se via ser uma garrafa.

Recebeu-a das mãos dela juntamente com o troco e declarou: Estava capaz de lhe dar um beijo. Sempre quer ir para junto das suas amigas?

- Você ofereceu-me uma bebida retorquiou ela.

O oferecimento continua de pé. Mas onde há-de ser?

A testa lisa da rapariga franziu-se por momentos, mas logo se desanuviou.

Sei de um esconderijo.

Já viajou alguma vez neste barco?

Eu, não. Mas as minhas amigas, sim. Venha comigo. É um lugar estranho.

Craig foi atrás dela pela cobertura fora; o vento soprava. A rapariga esperou que ele olhasse em torno para se certificar se Leah estaria perto. Acenou com a cabeça, enquanto ela lhe pegava na mão e o guiava cautelosamente por entre os grupos de passageiros, depois pelas escadas abaixo, até à cobertura inferior. As carruagens-camas do comboio erguiam-se, altas e imóveis. Fazia ali escuro e o ambiente era inóspito e desolado. Lilly largou-lhe a mão e adiantou-se um pouco.

Ele seguia-a sempre, até que alcançaram a proa deserta do barco.

Arrumados à frente do comboio, viam-se duas filas de quatro automóveis cada uma.

Quedaram-se, a tremer, diante dos veículos, e ela acenou alegremente com a mão.

Qual prefere?

Não estou a perceber...

Os tipos de negócios vêm de carro e transportam-nos no barco.

Mas faz muito frio para estarem lá dentro durante duas horas, por isso vão lá para cima e os carros ficam vazios. Escolha um, não encontra melhor sítio para se esconder.

Tem muita razão, cos diabos! respondeu ele, entrando no jogo. Qual prefere, minha senhora?

O Volvo Tratava-se de uma pequena limousine, arrumada a meio da primeira fila, que ficava escondida no escuro pelos outros veículos, mas, como eles, também exposta ao vento. Craig foi à frente abrir a porta e ajudou a rapariga a entrar. Os dentes batiam-lhe

enquanto dava a volta ao carro, com o embrulho apertado ao peito. Sentou-se ao volante. Só a janela desse lado estava aberta e ele fê-la subir.

Fechado como um ovo disse ele. Isto terá aquecimento?

Não conseguiu descobri-lo. Então desembalhou a garrafa, raspou o selo com a unha e tirou a rolha.

Primeiro você declarou.

Ela pegou na garrafa. Os olhos deles, acostumados agora à escuridão, viam-na perfeitamente. Encolhera-se primeiro por causa do frio, mas agora endireitava-se, enquanto levava a garrafa à boca e deitava a cabeça para trás. O casaco vermelho abriu-se descobrindo-lhe os seios, e ele não pôde deixar de notar aquilo que lhe atraía a atenção durante toda a tarde: os mamilos salientes, endurecidos pelo ar gelado, que se espetavam por baixo da blusa branca.

A rapariga acabou de beber e viu para onde ele estava a olhar.

167

Não uso soutien declarou. Vê nisso algum mal?

Craig ficou atrapalhado com a franqueza desconcertante daquela declaração.

Mal? Acho até muito bem. Sem saber o que dizer, procurou refúgio na erudição. Noutros tempos as grandes damas também assim pensavam. Por vezes, mandavam fazer aberturas nos corpos dos vestidos para deixar ver os... para mostrar os seios. E em França, no tempo de Napoleão, expunha-se o peito à admiração de todos, sempre que era possível. Maria Antonieta mandou fazer uma taça segundo um molde de gesso tirado a um dos seus seios. Pode ver-se em Sèvres.

A rapariga escutava, perplexa, e depois passou-lhe a garrafa.

Mas não é para dar nas vistas que eu não uso soutien, nem com o fim de provocar os homens declarou ela muito séria. Trata-se apenas de uma razão de saúde. Bateu na anca. Também não uso cinta pelo mesmo motivo!

Que tem a saúde a ver com isso?

Eu faço parte de uma associação de nudistas, assim como as minhas amigas. A saúde alcança-se expondo o corpo ao sol, ao ar, e não comprimindo-o com apertos artificiais.

Você quer dizer que anda, na verdade, sem nada em cima?

Duas vezes por mês, durante um domingo inteiro, quando faz sol. A colônia fica numa pequena ilha do lago Mälaren.

Bem, acho que você tem um físico bom para isso. Hesitou antes de perguntar: E não sente vergonha?

Vergonha de quê? De ter corpo? Os outros também o têm. Só nos interessa a saúde. O nudismo está muito espalhado na Suécia.

É essa uma das razões por que nós temos velhos muito saudáveis.

Bem, não posso dizer que reprovoo.

Não acha mal?

De maneira nenhuma. Acho até um excelente costume.

Tenho ouvido dizer que os Americanos são muito envergonhados, mesmo os homens.

Alguns, nem todos.

Na sua terra vivem todos obcecados pelo sexo, assim como na Inglaterra. Sentem vergonha dele e receiam-no. Um professor americano de psicologia que visitou uma vez os campos de nudismo da Alemanha e da Suécia disse que, quando se oculta nem que seja só uma pequena parte do corpo, com o intuito de o esconder, não como protecção, isso é o bastante para sugerir maus pensamentos a qualquer pessoa.

Você é uma rapariga muito inteligente.

Só estou a repetir o que ouço nas conferências da nossa associação.

De repente, com um gesto desconcertante, segurou nos dois seios como as mãos em concha e espreitou-os por dentro da blusa.

Desapareceram os bicos. Quer dizer que aqueci. Este whisky é bom.

Largou os seios e bateu na garrafa. Não bebe mais, Mr. Craig. Eu... esquecime.

Era a primeira vez que uma conversa o distraía da bebida. Levou a garrafa à boca e despejou o líquido pela garganta abaixo, sentindo logo o fluido benéfico a queimar-lhe os pulmões.

Uf! exclamou. É bom!

O calor penetrava-lhe nas veias. Deitou a cabeça para trás, depois voltou-se de lado e reparou que ela o observava.

Posso fazer-lhe uma pergunta indiscreta, Mr. Craig?

Pergunte tudo o que quiser.

A sua mulher morreu há três anos, não é verdade?

Ele confirmou.

Como se arranja um homem nas suas condições, no que diz respeito a amor?

Craig endireitou-se subitamente no assento. Sentia-se um pouco chocado e ia responder com uma chalaça, mas viu a expressão solene da rapariga na semiobscuridade. Que poderia ele responder honestamente àquela criança sincera? Que nunca, durante aqueles três anos, havia dormido com uma mulher que amasse e desejasse? Que uma vez por mês, na semana em que estava sóbrio, ia a uma casa de mulheres situada a trinta milhas da cidade, onde uma senhora de nome Risten mantinha três pensionistas, e então, burocraticamente, a contar pelo relógio, libertava-se da sua tensão com uma das raparigas? Que mal se recordava da cara de qualquer delas porque apenas as utilizava como um receptáculo pelo qual pagava vinte dólares? Que nunca mais acariciara com paixão nenhuma mulher depois de Harriet?

Um homem da minha espécie passa muito bem sem amor respondeu simplesmente.

Como é isso possível a um ser humano? '

Ele estendeu a garrafa que tinha na mão.

O álcool torna tudo possível.

Mas você dorme com mulheres?

Sim, mas sem amor. O amor não se paga.

Isso é horrível. Mostrou um ar penalizado. Lamento-o acrescentou.

Eu também disse ele num tom despreocupado. Mas, afinal, que sabe você destas coisas, Lilly? Não me disse que tinha vinte e três anos? Ainda está na infância!

Já tenho idade para poder ser mãe de oito filhos.

E para ter juízo.

Ela riu com vontade.

Sim, e tenho juízo. Agora vá bebendo mas depois deixe-me beber a mim.

Ele bebeu durante um longo momento. A seguir entregou-lhe a
169

garrafa e deixou-se escorregar pelo banco. Sentia-se a ser lentamente invadido pelo doce véu da embriaguez.

A sua cunhada é bonita? perguntou a rapariga.

Não tanto como você, mas é interessante.

Tanto como a sua mulher?

Tanto não. Possui as suas qualidades e os seus defeitos.

Você dorme com ela?

A interrogação ficou a pairar por cima do cérebro enevoado de Andrew, antes de conseguir penetrar lá dentro.

Que estranha pergunta!

É uma pergunta normal.

Não, Lilly declarou ele, com certa ironia. Eu não durmo com a Leah.

Que espécie de vida é a sua? Vocês são ricos?

Eu sou pobre, mas vivo acima das minhas posses.

Em que se ocupa? É advogado?

Sou escritor, Lilly. Escrevo livros... escrevia...

- Bem me parecia a mim! O rosto dela estava resplandecente.

Como é que adivinhou? perguntou ele num tom fatigado.

Por muitas razões: você é novo e parece velho. Tem um ar esquisito.

O cachimbo, e, sobretudo, a maneira como bebe. Mr. Strindberg também bebia.

Você fala como se conhecesse alguns escritores.

E conheço.

Craig ficou a observar a ligeira oscilação do tejadilho do automóvel e a escutar o barulho da água a bater contra a proa do barco.

Mantiveram-se calados durante uns momentos.

Lilly!

Diga.

Que faz você? Vive com os seus pais?

O meu pai já morreu. Tinha uma loja de rendas em Vadstena.

A minha mãe tornou a casar e vive em Lund. Eu não gosto do marido dela, é muito atrevido, por isso há quatro anos mudei-me para Estocolmo.

Tenho lá um belo apartamento com cozinha e casa de banho.

Pago cem coroas por mês de aluguer.

Quanto é isso em dólares?

Trinta.

E onde vai buscar o dinheiro?

Estou empregada na Nordiska Kompaniet.

Ele não se recordava de ter ouvido aquele nome.

Que é isso?

Um dos nossos maiores estabelecimentos. Vende toda a espécie de artigos de vestuário.

E sente-se feliz?

Sinto, sim senhor.

170

Porque não se casa?

Hei-de casar-me, quando achar que isso me fará sentir mais feliz.

Só por essa razão?

Não é a única válida para uma pessoa casar?

Ele voltou-se e encarou-a.

Lilly, se você é sueca, parece-me que vou gostar da Suécia.

Tenho a certeza de que vai gostar.

Gostei imenso da outra vez que lá estive, mas então eu era novo, andava em viagem de núpcias. Dessa vez não prestei grande atenção às coisas.

Verá que vai gostar.

Calaram-se por um momento e depois ela tocou-lhe no braço.

Mr. Çraig, temos de sair do automóvel. Estamos quase a chegar.

Ele endireitou-se no assento, esfregou os olhos e tentou ver para além do pára-brisas. Piscando na sua frente, viam-se as luzes de Malmoe.

Muito bem disse Craig. Ia já abrir a porta quando se recordou de qualquer coisa. Lilly, faça-me mais um favor.

Não me diga que se trata da sua cunhada!

Adivinhou respondeu ele. Nunca conseguiria esconder dela esta garrafa. Você é capaz de a levar?

A rapariga pegou na garrafa.

Vou mostrar-lhe a minha carruagem quando passarmos. O meu compartimento é o número dezassete. Não se esquece?

Dezassete.

Logo que deixarmos Malmoe e o comboio se puser de novo em marcha, vá levar-ma. É capaz disso?

Pois decerto.

Acha que pareço muito bêbado?

Não muito.

bom. Obrigado pela companhia.

Saíram do Volvo e enfrentaram o vento cortante que se desvaneceu quando atingiram o abrigo do comboio e das cabinas. Os passageiros atravancavam o caminho e levou tempo a chegarem à carruagem de Craig.

Ele apontou-a com o dedo à rapariga.

É esta. Número dezassete.

Ela abanou a cabeça.

Tack for i Kväll disse. De t var mycket trevligt.

Que quer isso dizer?

Obrigada. Divertime muito.

Craig sorriu: Como é que se diz «espero tornar a vê-la em breve?»

Jag hoppas vi sés igen snart.

171

Bem, então, já poppas...

Mas ela já desaparecera na multidão.

Craig saudou o condutor, subiu os degraus com as pernas vacilantes e entrou na carruagem-cama. Leah esperava-o dentro do compartimento, muito agitada, como era de esperar.

Pelo amor de Deus, diz-me onde tens estado? exclamou ela. Pensei que tinhas caído pela borda fora. Procurei-te por toda a parte, em baixo e em cima...

Tive fome disse ele plàcidamente e fui comer ao salão da segunda classe.

Aí procurei eu, e não estavas lá.

Isso é que estava. Disfarcei-me de dinamarquês. Estou bem, Leah. Nunca me senti tão bem. Acho-me pronto a enfrentar o Nobel.

Leah observava-o, desconfiada, sem coragem para se aproximar e cheirar-lhe o hálito.

Bebeste alguma coisa?

Palavra que não!

Só digo isto lembrando-me da Harriet. Nunca deixo de pensar nela. Desejo apenas cuidar de ti como ela faria. A voz de Leah

parecia suplicar-lhe que compreendesse bem as suas intenções. Só quero o teu bem, Andrew, só quero ver-te respeitado, respeitado e orgulhoso de ti.

És muito boa, Leah.

Naquele momento, sentiu-se um abanão, que se repercutiu por todo o barco, e ambos se equilibraram como puderam. Leah perguntou, assustada: Que é isto?

Malmoe. Dentro de minutos estaremos em terra, com o comboio engatado e a seguir o nosso caminho. Vou ver se me dispo e durmo alguma coisa.

Ela ficou parada, junto à porta.

Não penses que quero aborrecer-te, Andrew. Quando precisaste de beber, fui a primeira a ajudar-te, que Deus me perdoe. Sabes isso muito bem.

Ele confirmou com a cabeça, sério.

Mas também sei que agora já não precisas de beber, e, se o fazes, é só para te arruinares. Deu tempo a que as suas palavras penetrassem bem nele e prosseguiu: Sei perfeitamente qual é o teu valor e daquilo que és capaz. Sei-o melhor que qualquer outra pessoa deste mundo e isso nunca me sai do pensamento.

Agradeço-te imenso, Leah.

Ele só perguntava a si próprio o que aconteceria se Lilly aparecesse naquele momento com a garrafa, e pedia a todos os santos que tal não sucedesse.

Quando estiveres no palco, em Estocolmo, muito direito e cheio

172

de dignidade prosseguia Leah, isso resgatará tudo o que se tem passado até hoje.

Ela enterrava o punhal até ao cabo e Craig evitava os olhos do seu carrasco. Resgatará o assassínio, era o que ela queria dizer por meias palavras. Eu, Leah Decker, sou a guarda do marido da minha irmã, a responsável por ele até que cumpra a sua penitência e se

torne de novo responsável. Só o libertarei quando acabar o tempo da prova, se é que este algum dia acaba. Era isto o que Leah queria dizer.

Esse dia será um dia grande para nós concluiu a rapariga.

Boa noite, Leah.

Boa noite, Andrew.

Ele fechou a porta, carrancudo, despiu o casaco e tirou a gravata, aguardando que o comboio terminasse a travessia, pois só então esperava que Lilly Hedquist aparecesse. Ouviu o ruído da locomotiva a ser engatada e não tardou que reencetassem a marcha. Nisto ouviu-se uma pancada na porta. Não era Lilly, mas sim o condutor. O rosto abria-se-lhe num sorriso franco.

Disse aos empregados da alfândega quem o senhor era e eles ficaram muito impressionados. Não quiseram incomodá-lo.

Obrigado, meu amigo.

Eu já li todos os livros de Jack London e de Upton Sinclair, mas lamento dizer que não conheço nenhum dos seus. Foram traduzidos para sueco?

Foram, sim.

Logo que eu disser à minha mulher, ela corre a comprá-los.

Gostaria de ter trazido alguns exemplares, mas faltava-me o espaço.

Não, não, minha mulher compra-os.

O homem, que não tinha vontade nenhuma de se ir embora, percebeu a impaciência de Craig.

Se precisar de mim durante a noite, toque a campainha. Estou ao fundo do corredor, sentado à minha mesa. Quer alguma coisa para amanhã?

Acorde-me uma hora antes de chegarmos.

Fique descansado, Mr. Craig.

Depois de o condutor sair, Craig ficou junto da porta aberta. À distância, para além do poço da escuridão, uma cidade sueca,

iluminada pelas luzes fluorescentes das ruas, desfilou rapidamente diante da janela, para logo desaparecer. Em breve se avistou outra, também cintilante de luzes fluorescentes; brilhou e sumiu-se. Depois de ter visto desaparecer no escuro a terceira cidade, Craig fechou a porta.

De joelhos, abriu o saco de viagem, tirou o pijama, a escova e a pasta para os dentes e colocou tudo muito direito ao fundo da cama.

Sentou-se nesta, descalçou os sapatos, abandonando-se ao balanço do comboio. Por fim, deitou-se de costas. Não sentia sono, mas tam-173

bem não estava completamente desperto. Sentia-se, sim, desorientado, deslocado, e ao mesmo tempo agradavelmente indiferente. Bebera mais do que tencionava. Perguntava a si mesmo se Lilly sempre viria trazer-lhe o resto e de que forma o traria. Seria ou não inconveniente convidá-la a entrar e oferecer-lhe de beber?... Níycket revligt... sim, ele apreciaria também a sua companhia e tornar-se-ia repousante voltar a beber com ela ao lado, como no automóvel, à proa do ferry-boat.

Contudo, não lhe apetecia conversar. Só desejava a sua presença feminina e, mais do que tudo, apetecia-lhe desabotoar a blusa branca da rapariga...

O erotismo deste pensamento surpreendeu-o. Sentiu-se como um adolescente envergonhado e pareceu-lhe que estava a ser desleal para com Harriet. Tentou explicar-lhe, ir atrás dela, como tantas vezes fizera, e logo lhe pareceu encontrar-se confortavelmente instalado no passado, onde para si tudo se achava resolvido, com princípio, meio e fim, muito mais do que no presente, que apenas lhe oferecia enigmas.

Era bom sentir-se de novo na sua terra, onde tudo acontecera e tivera o seu fim, onde não existiam provações, nem exigências, nem mistérios, porque tudo acabara...

Estava-se no Inverno do fim da segunda guerra mundial e Nova Iorque encontrava-se sob um lençol de neve. Dois dias antes, ele fora licenciado, com louvores, do Batalhão de Comunicações de Fort Dix, em New Jersey, e achava-se então hospedado num hotel antigo da Rua Quarenta e Quatro, perto da Sexta Avenida, à espera que terminassem as férias do Natal estava-se precisamente na semana entre o Natal e o Ano Novo, para depois entrar em contacto com alguns editores. Fazia tenção de deixar logo a seguir a isso a cidade, que sempre lhe causava uma sensação de mal-estar e de insegurança.

Nesse dia, estava ele a olhar para a rua, lá em baixo, enquanto tirava do bolso o Dunhill acabado de comprar. Desfrutava o seu novo estado civil e entretinha-se a pensar que não percebia os líricos nem os poetas que cantavam os encantos da cidade. Aos seus olhos, até a neve lhe parecia suja. Que poderiam eles encontrar-lhe de belo? Não havia um céu azul, nem flores, nem verdura, nem ar puro para respirar, nem beleza. As pessoas não se conheciam umas às outras, não se podia sonhar nem meditar à vontade. Os profissionais da propaganda, porém, com o seu snobismo invertido, apresentavam estes mesmos defeitos como virtudes. Era um lugar onde se vivia intensamente, um lugar estimulante, o centro da civilização. «Mas o centro de quê?», perguntava ele a si próprio. Os filmes não passavam de obras medíocres levadas à cena por actores tornados célebres à custa de uma publicidade imerecida, em lugar de serem representados por verdadeiros talentos e, ainda por cima, eram projectados em barracões imundos. Os concertos também não eram melhores: as vozes sem categoria, os sons das orquestras destinavam-se apenas aos ouvidos da 174

crítica favorável de meia dúzia de pseudo-especialistas e de estetas de trazer por casa, que dariam volta ao botão se por acaso ouvissem aquilo na rádio, nos seus lares. No campo dos negócios, o panorama tornava-se pior ainda, pois os competidores esmagavam-

se uns aos outros em gigantescas sanduíches e, no entanto, tratavam-se com a maior deferência nos almoços e jantares mundanos. E aquele esforço antinatural era o bastante para explicar o enorme consumo de vermutes que as estatísticas registavam, bem como grande quantidade de úlceras de estômago e a prosperidade dos laboratórios de análises clínicas.

Craig não sentia o menor desejo de fazer parte desta sociedade.

Antes da guerra, enquanto desempenhara funções administrativas num jornal de St. Louis, tentara escrever contos nas horas vagas. Logo que se habituou ao género e adquiriu uma visão pessoal do mundo e da vida, os outros começaram a gozar de uma certa popularidade.

Acabava de resolver dedicar-se inteiramente à literatura quando o ataque a Pearl Harbor veio impor-lhe uma nova forma de ocupar o tempo. Durante os três anos de serviço militar que cumpriu, sobretudo nos meses que passou na França e na Inglaterra, dedicou o mínimo das horas vagas às mulheres e o máximo à literatura. Os contos que escreveu então eram melhores e renderam-lhe bom dinheiro. Dispunha de tempo e já sabia o que havia de fazer.

Combinara com o seu agente de publicidade passar a semana a seguir ao Ano Novo a percorrer Manhattan, visitando os editores mais conhecidos e expondo-lhes algumas das suas ideias. Cheio de projectos, regressaria depois a Cedar Rapids, à companhia do pai doente, de um tio, e de uma tia, estes ainda robustos e ao convívio de alguns amigos. Encetaria então uma carreira de escritor. com o dinheiro que conseguisse ganhar, dirigir-se-ia mais para Oeste, a Taos ou a Monterey, onde, com parca despesa, se vive principescamente. Uma vez aí instalado, escreveria finalmente os grandes romances que trazia dentro da cabeça já desde os anos passados na guerra.

Ainda havia outra possibilidade. Talvez fosse fazer uma visita de um ano ao Peru. Ouvira dizer que a vida lá não era cara. O fim da

sua viagem consistia em realizar certas investigações. Entre outros projectos, alimentava um que se relacionava com a personalidade de Francisco Pizarro. Tratava-se de um romance histórico acerca de Pizarro e daquele estranho grupo de homens que ele recrutara no Panamá.

Ocupar-se-ia das aventuras desse chefe e dos seus homens, dos seus conflitos, da sua corrupção, bem como da sua força, desde o dia em que haviam embarcado em Tumbez até ao regresso à pátria. Iria narrar em termos humanos a história de um pequeno grupo de fanáticos que, armados apenas com três mosquetes e vinte arcos para disparar flechas, conseguiram conquistar um vasto império e dominar dez milhões de incas. Esta ideia fora-lhe sugerida pela ascensão e 175

queda de Hitler, acompanhado pelo diminuto grupo da primeira hora; o caso dos nazis, porém, era demasiado recente para poder ser analisado com serenidade e o paralelismo que se verificava entre ele e Pizarro conferiria a essa tragédia moderna a indispensável perspectiva.

Nesse momento das suas reflexões o telefone começou a tocar e Craig afastou-se da janela para atender. Quando acabou de falar, o projecto de Monterey, de Taos e do Peru estava definitivamente anulado.

Ele, porém, não o sabia ainda. Assim como ignorava também que passara a fazer parte do clube de Nova Iorque por um espaço de quatro anos, pelo menos.

O telefonema era de um camarada da tropa a convidá-lo para uma reunião de passagem do ano. O rapaz chamava-se Wilson e fora licenciado ao mesmo tempo que ele, em Fort Dix. Tratava-se de um rapaz um tanto ingénuo, com quem nunca tivera grande intimidade, fútil e rico pelo menos a mãe era rica, e Craig aceitou, pensando que, ao menos, o serviço de mesa devia ser bom e que fora aquela a primeira vez que recebia um convite para uma festa de fim de ano.

Chegara sozinho; porém, quando de lá saiu, às três da madrugada, vinha acompanhado por Harriet. Às cinco da manhã do novo ano que despontava encontrava-se sentado no Automat, sempre com Harriet, e já sabia que os pais dela e uma irmã viviam em Springfield, no Ilinóis, que a rapariga fora operada a uma mastoidite na idade de catorze anos que lera a Servidão Humana três vezes e a Minha vida e Amores, de Frank Harris, que deixara a Universidade de Barnard no fim do terceiro ano para se empregar numa agência de publicidade e que se achava naquele momento tão apaixonada por ele como ele o estava por ela.

Craig começou então a considerar a cidade de Nova Iorque menos deprimente do que até ali, passou a escrever durante o dia e a encontrar-se com Harriet todas as noites, e quatro meses depois de se haverem conhecido estavam casados. Alugaram um andar espaçoso em Long Island e mobilaram-no confortavelmente, sem ostentação. No fim de um ano de casados, Harriet teve um desmancho e depois disso já ele conseguira pôr de parte dinheiro suficiente para irem passar a tão desejada lua-de-mel na Europa.

A viagem fora maravilhosa. Ambos jovens, não compreendiam que alguém pudesse chamar Velho Mundo àquilo que para eles constituía um mundo novo. Sentiam-se ricos com o dinheiro que trocavam no mercado cambial. Compraram uma cadeira de couro e madeira de teca em Estocolmo, uns tamancos de madeira em Amesterdão, um esboço a lápis de Picasso e um móvel antigo em Paris, um jogo de secretária em Toledo, umas botas de pele em Madrid e um candelabro de cristal em Veneza.

Na primeira tarde que passaram em Roma, fizeram uma romagem: saindo do ultramoderno Hotel Méditerranée, tomaram um táxi décré-

176

pito que os levou até ao cemitério protestante e, uma vez ali, mandaram embora o carro. Esperaram à porta que um rapazito de

olhos negros a viesse abrir. Seguiram então pela alameda ensaibrada, voltaram à esquerda e continuaram a subir até ao monte mais alto, junto à muralha romana, onde se encontrava uma sepultura rasa coberta ; por uma lousa branca que encerrava os restos de Percy Bysshe Shelley, o que o fogo não chegara a consumir na praia de Viareggio, e junto dele, como sempre fora o seu desejo, achava-se enterrado aquele que ali o sepultara, o velho pirata Edward John Trelawny.

Enquanto Craig e Harriet se concentravam junto à campa, o sol, espreitando por entre as árvores, veio beijar as sepulturas, uma a uma.

E o suave silêncio da tarde conferiu à morte um aspecto suportável, e até aprazível, tal como o descanso bem merecido após um longo dia de trabalho. Em seguida, percorreram o mesmo caminho de mãos da'

das, passaram diante da Pirâmide de Cestius, e desceram até ao canto do cemitério onde se ergue uma majestosa lápida sem nada escrito.

E, junto dela, vigilante e fiel, a sepultura de Joseph Svern.

Shelley e Keats. Nesse dia, Craig sentiu que existia uma certa afinidade entre ele e aqueles homens. Sentiu que não era um ser anónimo, uma criatura incaracterística que vem, se demora um instante > nesta vida e regressa ao nada, ficando esquecido e desprezado como a areia de uma praia varrida pelo vento. Ele também havia de deixar uma lápida quando partisse deste mundo, uma lápida que permane

ceria enquanto houvesse homens na Terra e perante a qual eles se inclinariam. Nessa tarde de Roma sentiu-se forte e cheio de projectos, possuído da grandeza da sua missão.

O sentimento que experimentara no cemitério protestante adquiriu corpo e raízes nos dias que se seguiram, enquanto deambulava ao lado de Harriet pela cidade. Uma tarde, deixando

para trás o Coliseu, o Templo de Vénus e o Arco de Constantino, penetraram nas ruínas do Fórum Romano, calcinadas por um sol implacável. Na sua frente, para lá dos fragmentos esparsos de uma civilização poderosa e cruel, Craig avistava as colunas truncadas e as pedras caídas do que fora outrora o soberbo Palácio Imperial. Acima destas, erguia-se ainda um grupo de pilares atrás dos quais Júlio César, estorcendo-se como um animal encurralado, recebera, junto à estátua de Pompeu, as vinte e três punhaladas que lhe puseram termo à vida.

O pensamento da grandeza e da mesquinhez do homem, mais ainda, a continuidade e a eternidade deste, mantinham Craig silencioso.

Minutos volvidos, ainda de olhar ausente, pegou no braço de Harriet e disse: Acho que acabei de compreender o que Edward Gibbon sen tiu... o que o inspirou a escrever a obra da sua vida.

Harriet acenou com a cabeça e, baixinho, começou a recitar as pala(

avras de Gibbon: 177

«Foi em Roma, a 15 de Outubro de 1764, quando me encontrava sentado no meio das ruínas do Capitólio, enquanto os monges descalços cantavam vésperas no Templo de Júpiter, que me veio pela primeira vez a ideia de escrever sobre o declínio e a queda da cidade.»

Dali a quatro semanas, Craig chegava a Nova Iorque. Passado pouco mais de um mês, escrevia a primeira página do seu primeiro e mais belo romance, O Estado Perfeito.

Este romance assentava numa base histórica. Craig havia lido algures que Platão, depois de haver exposto aos discípulos as bases da sua Utopia, no bosque suburbano conhecido pelo nome de Academia, teve uma vez ensejo de pôr em prática aquilo que durante tanto tempo pregara nos seus trinta e seis Diálogos. Em Siracusa, capital da Sicília, o jovem ditador Dionísio II, de vinte e

cinco anos de idade, deixara-se persuadir a convidar Platão para reformar as bases do seu governo. No ano 367 a. C., Platão empreendia a viagem à Sicília, a fim de pôr em prática a sua Utopia. Uma vez ali, não só tentou estabelecer uma monarquia constitucional, como quis instaurar também o perfeito estado socialista a República, no qual todos os homens seriam obrigados a exercer determinadas funções segundo os testes a que eram submetidos. Os mais inteligentes continuariam a estudar até à idade de cinquenta anos, idade esta em que passariam à categoria de dirigentes, sem que por isso usufruíssem qualquer regalia pessoal ou alguma recompensa extraordinária, e viveriam em alojamentos comuns. As crianças seriam tiradas aos pais logo à nascença para que o Estado as educasse. As mulheres eram emancipadas, tinham permissão de exercer cargos públicos e só podiam casar mediante uma fiscalização eugénica. Abolia-se o comércio externo. Os lucros teriam de ser fiscalizados de modo que qualquer indivíduo só poderia ser senhor de uma fortuna quatro vezes superior ao que qualquer homem possuía normalmente.

Era este o estado ideal que Platão pretendia instaurar em Siracusa.

Porém, Dionísio ficou horrorizado ao tomar conhecimento dos propósitos do filósofo. Enfureceu-se, vendeu Platão como escravo e regressou à sua antiga autocracia, à bebedeira e à luxúria. Entretanto, Platão, resgatado por um dos seus discípulos, Aniceris, regressava à sua Academia de Atenas, bastante desiludido e com a intenção formada de, no futuro, defender a sua Utopia apenas teoricamente.

Foi a partir destes factos que Craig concebeu o plano do seu primeiro romance. Este decorria como se a acção fosse vista através dos olhos do jovem estudante Aniceris, que acompanhou o seu ídolo e mestre a Siracusa, a fim de inaugurar ali a primitiva Utopia. Afastando-se da história, Craig imaginava Platão a pôr em prática a

sua reforma. E provava com talento que não fora Dionísio quem derrubara a Utopia, mas sim o próprio povo. O comunismo filosófico de Platão chocava a maneira de ser da natureza humana. Os homens não desejavam ser 178

obrigados a um trabalho forçado e sujeitos a normas inflexíveis, não admitiam que lhes pusessem limites, nem ao seu espírito criador nem aos seus proventos. As mulheres não queriam um amor controlado cientificamente nem toleravam que lhes tirassem os filhos para serem educados pelo Estado. Naquele romance, à medida que a Utopia se ia desmoronando à sua volta, o próprio Aniceris perdia a confiança no mestre e o Estado ideal caía pela base. Finalmente, depois de salvar Platão das massas em fúria, Aniceris regressava a Siracusa, simbolizando assim a preferência do homem pela liberdade individual, a despeito de todos os defeitos de que está enferma.

Embora o romance se situasse no ano 367 a. C., Craig tivera em vista atingir o comunismo do século XX. Não obstante tratar-se de um drama da Antiguidade, traduzia perfeitamente os sentimentos íntimos de Craig perante as ideias cada vez mais em voga de Karl Marx e Engels. O romance foi publicado logo a seguir ao segundo aniversário de casamento de Craig. Os críticos acolheram-no como um clássico de segunda ordem, escrito com lucidez e imparcialidade, dando provas de uma magnífica ironia com certos lampejos de paixão. No entanto, o facto de se situar numa época tão remota e a subtileza da alegoria não agradaram sobremaneira à grande massa dos leitores. Teve duas edições, totalizando sete mil e quinhentos exemplares, e nada mais.

Craig ingressara definitivamente na carreira literária, tinha o seu público e possuía uma reduzida conta no banco.

Passaram dois anos antes que publicasse o seu segundo romance, pois estava constantemente a interrompê-lo a fim de escrever contos com que se ia mantendo e à mulher. Esta segunda obra intitulava-se O selvagem. Craig mais uma vez romantizara uma personagem e

um facto históricos. Passava-se em 1782, e o herói era Simon Girty, um fronteiro americano, violento e cruel, que abandonara a sua gente para se transformar em índio branco e depois chefe de índios. Comandara os peles-vermelhas Shawnees em razias através dos estados de Ohio, Kentucky, Pensilvânia e Virgínia. A história apresentava Girty como um feroz renegado. Porém, Craig via nele qualquer coisa mais: um inconformista e um defensor das causas perdidas. Ao descrever Girty, Craig referia-se a todos os homens em geral, aos homens de todos os tempos, mas especialmente do seu, que se excitam na crueldade ao mesmo tempo que se armam em cruzados contra a injustiça.

com este livro, Craig não conseguiu atingir de forma alguma os fins em vista. Nem o seu agente, nem o editor, nem os críticos, ninguém conseguiu perceber onde ele queria chegar. Apreenderam apenas o lado superficial da história: um herói irrequieto e feroso, um episódio da história da América, uma intriga, um western de categoria, e tanto bastava para eles. Venderam-se vinte e dois mil exemplares encadernados e fez-se nova edição em brochura. Também obteve, de uma empresa de filmes, cinquenta mil dólares de direitos de autor.

179

O rendimento total de O Selvagem não foi propriamente uma fortuna, mas, mesmo depois de descontados os impostos, bastava para libertar Craig da obrigação de escrever contos. Tinha a cabeça a abarrotar de projectos de ficção. Um, sobretudo, era-lhe particularmente caro. Se conseguisse realizá-lo, seria uma obra de grande vulto.

Chamou-lhe O Buraco Negro. Num almoço com o editor, na Rua Vinte e Um, falou-lhe dessa obra. O plano, explicara ele, fora meticulosamente estudado a partir da história. Em 1756, a Índia revoltara-se contra a Inglaterra. O novo chefe indiano, de dezanove anos. Sira-Ud-Daula, demasiado jovem para saber o que fosse a

piedade, capturou 147 fugitivos britânicos da guarnição e encerrou-os numa masmorra militar de Calcutá, que media apenas seis metros e meio por quatro. Neste romance, Craig pretendia dar de forma dramática o inferno dessa noite de Junho naquele «Buraco Negro» de Calcutá, o que fez a cavalaria aos corpos e às almas daqueles homens, a razão por que sobreviveram 23 àquela noite terrível e porque morreram os outros 124. Foi isto que Craig descreveu ao seu editor, e nada mais.

Ocultou, porém, o tema que transparecia através da máscara da história: a sua posição ante o colonialismo e o racismo. O entusiasmo do editor não conhecera limites e ofereceu um adiantamento bastante avultado.

A soma ganha com a história de Girty libertou Craig da obrigação de escrever para revistas; a quantia recebida por conta do seu futuro livro libertou-o de Nova Iorque. Tanto ele como Harriet sentiam-se fartos daquela cidade e a ambos sorria uma vida nova: ela trazia dentro de si o embrião de um filho que não desejava ver criado em Nova Iorque; ele, o projecto do livro que lhe enchia a cabeça. Sentia-se também farto das relações literárias que ali mantinha. Acabara finalmente por dar razão a George Bernard Shaw quando este observara a Galsworthy que «os literatos nunca deveriam associar-se uns com os outros, não só por causa das capelinhas que se formavam e dos ódios que se geram, mas também porque as suas mentalidades juntas criam abortos».

Durante muitos meses, Craig e Harriet haviam falado acerca de uma cidadezinha no Wisconsin que certo dia tinham percebido quando iam a caminho de Madison, para visitar Leah, a irmã de Harriet, que ali estudava na Universidade. Após quase cinco anos passados em Long Island, aquela terra afigurava-se-lhes o paraíso. Quando receberam o dinheiro de O Buraco Negro, Craig desfez a casa precipitadamente e mudou-se para o Middle West.

Miller's Dam ficava situada a sessenta milhas ao norte de Milwaukee.

A partir do lago Michigan, o terreno passava a ondular, aos altos e baixos, como as ondas de um preguiçoso. O solo era rico, produtivo, e cada outeiro parecia fervilhar de uma vida oculta. Nesse ano, a paisagem apresentava-se luminosa, uniforme, interrompida apenas 180

por cartazes de reclamos, sinais de trânsito, indicativos de uma estação de gasolina ou de um restaurante de estrada, que surgiam no meio dos incontáveis moinhos de vento ou barracões vermelhos, medas de feno amarelo, campos de trigo maduro e manadas de vacas malhadas que pastavam indolentemente nas encostas verdejantes.

De súbito, surgiram as habitações a cobrir a paisagem e chegava-se a Miller's Dam (1475 habitantes). Um grupo de lojas, um drugstore, um hotel, o banco, uma piscina, um teatro, cortada ao meio pela auto-estrada de cimento, onde o trânsito era escasso. Pouca gente vivia na cidade, apenas lá iam para trabalhar, com exceção dos caixeiros-viajantes já conhecidos do hotel e de alguns casais de idade que habitavam nas traseiras dos estabelecimentos. Quase toda a gente vivia nos arredores, onde os terrenos não escasseavam, em casas de dois pisos ou chalés de madeira com um varandim na frente, ou então mais longe, em quintas. Andrew Craig e Harriet adoptaram aquele sistema de vida, pois também apreciavam o espaço. Compraram a casa de Hartog, grande construção de estuque e madeira, com uma área de dois hectares de terreno, situada a três milhas ao norte da rua principal.

Sentiram-se logo desde o primeiro dia como fazendo parte daquele lugar idílico, isolado, e a sensação que ambos experimentavam de haverem finalmente regressado à sua terra sobreviveu ao segundo desmancho de Harriet, que se deu já no quinto mês. Passado pouco tempo após este desgosto, a vida voltou

a normalizar-se, a ser de novo agradável e fecunda. Craig escrevia furiosamente à máquina durante toda a manhã e também no fim do almoço, até às duas da tarde. Depois ia ler para o jardim, bater bolas no golf, talhar a sebe do quintal, plantar flores. Dirigia-se também muitas vezes à cidade para estar com Lucius Mack ou entrava no clube para saber os resultados do basebol em Chicago. Outras vezes, jogava uma partida de bilhar ou ia buscar o Dr. Marks, a fim de irem os dois nadar no lago Lawson.

Harriet fazia parte do Grupo de Auxílio Social Feminino e visitava as mulheres dos professores da Universidade de Joliet. Por vezes, também trabalhava na Sociedade do Lago Lawson, em Marquette Country.

Faziam ambos parte do Lawson Country Club e assistiam aos bailes de sexta-feira que ali se realizavam. Quando desejavam um divertimento maior, iam passar o fim-de-semana a Milwaukee ou a Chicago.

Enquanto os pais de Harriet se não mudaram para a Califórnia, vinham frequentes vezes a Springfield visitá-los. Ou então quem aparecia era Leah, a irmã de Harriet, que terminara o seu curso universitário e ensinava agora numa escola secundária em Chicago. Durante os quatro anos em que Leah os visitou, Craig mal deu pela sua presença. Sabia que a rapariga nutria por ele uma admiração sem limites na sua qualidade de escritor profissional. Sabia também que ela adorava a irmã. Ignorava, porém até que Harriet lho disse ,
181

que Leah se considerava infeliz. Detestava ensinar. Detestava a vida que levava em Chicago. Detestava ficar solteira e, contudo, não podia resolver-se a casar com Harry Beazley, um jovem tímido e desconfiado, professor como ela, de quem estava noiva havia dois anos.

Craig escrevia com regularidade em Miller's Dam. O Buraco Negro ficou terminado no espaço de um ano e Craig sentia-se

satisfeito consigo próprio. O editor punha nele grandes esperanças e propôs-lhe uma edição de dez mil exemplares. O público, porém, não se mostrou muito interessado no livro, e por isso ficaram cerca de três mil exemplares armazenados nas casas distribuidoras. Surgiram duas hipóteses de venda de direitos para o cinema, mas nenhuma delas foi avante. Craig não se importou grandemente, pois terminara os trabalhos de investigação para o seu novo livro *Armageddon* e começara já a escrevê-lo.

Este quarto romance inspirava-se na explosão vulcânica da ilha tropical de Krakatoa, nas índias Neerlandesas, ocorrida em Agosto de 1883. Esta explosão, que riscou do mapa a ilha de Krakatoa, fez erguer uma vaga monstruosa de vinte e cinco metros de altura, que deu a volta ao mundo. Deslocou blocos de pedra-pomes na Austrália.

Fez naufragar os barcos de pesca que navegavam no canal da Mancha.

Produziu ruídos de trovão sobre o Texas. Avariou os sismógrafos de Moscovo. Submergiu 163 aldeias e destruiu 36 380 vidas humanas.

O romance de Craig contava a história de uma cadeia de pessoas aparentemente estranhas umas às outras, espalhadas desde o estreito de Sonda a Singapura, até Washington, sob o efeito de um cataclismo natural mais terrível ainda que aquele que soterrou Pompeia ou arrasou S. Francisco.

O livro foi publicado quatro anos depois de Craig ter vindo viver para Miller's Dam. A sua alegoria não escapou a ninguém: Krakatoa era uma imagem da bomba de hidrogénio e da guerra nuclear. O que tornava aceitável aquele terrível aviso era o facto de o autor descrever um acontecimento ocorrido no passado, podendo deste modo ser digerido e compreendido enquanto havia ainda esperança. Venderam-se quarenta mil exemplares desta obra e o autor recebeu um grande adiantamento em dinheiro da parte de um editor;

fizeram-se dezanove edições em línguas estrangeiras e foi adaptado a um espectáculo dramático com a duração de duas horas.

O dinheiro chegou mesmo a propósito. Craig investiu parte dele em acções e obrigações, prevenindo-se assim para o futuro. Mandou pintar e reparar a casa e consentiu que Harriet comprasse novas mobílias. Ele próprio concedeu a si próprio o prazer de adquirir o último modelo de uma station de preço reduzido.

Aquele foi o ano mais feliz da sua vida em Miller's Dam e o melhor dos seus nove anos de casado. Um mês antes do seu aniversário, encorajado por Harriet, Craig resolveu entregar-se ao projecto que trazia 182

dentro de si havia tanto tempo. Mantivera-o afastado dele o regresso ao passado exigido pela época em que se situavam os seus outros livros. Isto era como que uma fuga inconsciente das realidades presentes, um afastamento das pessoas do seu tempo e dos seus problemas e de si próprio até, escondendo-se atrás de costumes de outras eras. O seu futuro romance chamar-se-ia Regresso a Ítaca.

Na manhã do dia dos seus anos, deu a ler o primeiro capítulo a Harriet. Nessa tarde, deambularam pelos campos, conversaram longamente e decidiram adoptar uma criança. Na noite do seu aniversário chovia a potes; mas, sem fazer caso dos protestos dele, Harriet arrastou-o para o Lawson Country Club, onde o esperava um surprise-party que ela lhe preparara. Ela cortou o bolo de aniversário, desembrulhou os presentes, comeram e dançaram. Craig bebeu quatro whiskies e Harriet dois. Ele não costumava beber, só em sociedade, e desta vez a dose fora o dobro do que habitualmente tomava. Sentia-se muito bem disposto e disse a Harriet que a desejava e queria ir depressa para casa com ela. À meia-noite, deixaram a festa, e ele sentou-se ao volante, conduzindo a station pela estrada molhada e escorregadia, ansioso por se encontrar em sua casa e na sua cama. Dali a dez minutos, Harriet Craig estava

morta e Andrew jazia inconsciente, caído sobre o volante partido do seu carro novo.

Leah Decker veio assistir ao funeral da irmã, acompanhou Craig todo o tempo que este esteve internado no hospital de Joliet, e foi ela também quem o trouxe depois para a sua casa vazia. Durante os meses que permaneceu na cama ou andou de muletas, nunca se sentiu deprimido ou desesperado. Tinha a cabeça vazia, não pensava em nada, comportava-se como uma pessoa a quem tivessem acabado de fazer uma lavagem cerebral. Leah não o deixava nem um momento, sempre ocupada em limpezas, a cozinhar, a coser ou a escutá-lo, quando ele estava na disposição de conversar. Certo dia, já no fim da convalescença, a rapariga dissera que precisava de sair e só voltaria no dia seguinte. Pediu a Lucius Mack que viesse ficar com o cunhado.

Quando Leah voltou, Craig lembrou-se de lhe perguntar onde fora.

A Chicago respondeu ela.

E que foste lá fazer?

Fui deixar vago o meu apartamento. Embalei as minhas coisas e despachei-as para aqui.

E o teu emprego?

Oh, despedi-me duas semanas logo após o acidente. Já sabes que eu detestava ensinar.

E esse tal rapaz, Beazley... O Harry Beazley?

Ele que se arranje.

Mas vocês não estavam noivos?

Noivos, não. A Harriet é que estava convencida disso. O Harry é bom rapaz. Mas eu não tenho a certeza de gostar dele. Seja como for, ele pode vir aí estar uma semana, no Verão, quando terminarem as aulas.

Isso não está certo, Leah. Eu não quero prender-te.

Isto não é estar presa. Eu é que quero assim. Agora sou cá precisa.

É certo que me tens sido útil, mas não quero estragar-te a vida.

O que faço é por minha livre vontade.

Mas eu não gosto disto. Não é justo. Nunca poderei recompensar-te.

Põe-te bom depressa e recomeça a escrever. Não desejo outra recompensa.

Nos três anos que se seguiram, nunca mais se falou da partida de Leah. Craig, durante todo esse tempo, não conseguiu descobrir se tinha realmente necessidade de Leah ou se esta se lhe tornara indispensável por ter também necessidade de se aproximar de alguém.

E, quando largou as muletas, não foi para andar sozinho. Continuou a apoiar-se noutras duas, de uma espécie diferente: uma era Leah; a outra, o whisky.

O período mais difícil começou quando o Dr. Mark retirou a Craig os medicamentos para dormir, já este andava a pé. Foi então que ele sentiu realmente o choque brutal daquilo que lhe acontecera. A saída de Harriet da suavida parecia-lhe tão irreal que nunca, até então, a havia admitido completamente e, enquanto estava doente e atordoado por comprimidos sedativos, não sentia a necessidade de se convencer de coisa alguma. Mas agora parecia-lhe estar pronto para a receber, recuperara a saúde, a lucidez do espírito, mas ela não voltaria mais para junto dele. Por mais que procurasse, não a encontrava em parte alguma. Estava metida numa cova, debaixo da terra, tão inanimada e fria como o caixão em que a haviam encerrado. E ele não conseguia conciliar o sono, ou, quando o conseguia, desejaria nunca mais acordar. Respirava unicamente porque não podia impedir-se de o fazer, vivia apenas a contar as horas e os dias. Não tinha paciência para trabalhar ou para ouvir Leah ou os amigos.

Foi Leah quem trouxe para casa a primeira garrafa de whisky e quem, pelo menos durante os primeiros meses, bebeu com ele. Depois, uma vez que não apreciava grandemente o álcool, cedeu o seu lugar a Lucius Mack.

A princípio, o whisky de pouco lhe valia, pois Craig tomava-o como quando se encontrava outrora em sociedade e os fumos da embriaguez não tardavam a dissipar-se. Porém, pouco a pouco, começou a habituar-se a ingerir maiores quantidades, o efeito tornou-se mais sensível, e passou a ter um objectivo quando acordava pela manhã. A embriaguez tornou a falta de Harriet de novo irreal, o que de certo modo a fazia mais suportável, mas, por outro lado, mais cruel também.

184

No primeiro ano, após a primeira dose de whisky, logo pela manhã, tentou recomeçar com os antigos passeios. Depois voltava, num estado de semiembriaguez, subia aos tropeções até ao quarto e sentava-se à secretária, em frente do retrato dela, a contemplar-lhe o rosto cercado pela moldura de cabedal. Fitava-a longamente, tentando partilhar com ela um ou outro minuto de prazer que experimentara naquele dia, qualquer coisa que lera, contemplara, ouvira ou sentira. Mas a seguir caía em si, com um aperto no coração, e lembrava-se de que ela não podia ouvir nada nem compreender, que o que ali estava era apenas uma imagem a preto e branco num rectângulo de papel lustroso.

Nesses momentos, apoderava-se dele um desespero sem nome contra a futilidade da vida. Recomeçava a beber, sempre sentado à secretária, a pensar que desde aquele dia nada mais haviam partilhado os dois: nem conversas, nem notícias, nem tinham discutido as notas officiosas provenientes de Washington, as notícias de que se haviam realizado descobertas, produzido novos filmes, editado novos livros.

Tomava consciência de que os acontecimentos mundiais surgiam e passavam, de que todas aquelas coisas de que tomava conhecimento nada representavam já para Harriet, que nunca as viria a saber. Também com ele se dava, por vezes, um fenómeno semelhante às miragens: de manhã, quando percorria o jornal, erguia os olhos, tencionando ler a seguir qualquer rubrica interessante que poderia diverti-la; porém, Harriet não se achava na sua frente para o escutar, porque já não existia e nunca mais voltaria para junto dele. Desde que morrera, ele vivera uma existência estranha, que se lhe tornara odiosa, recheada de conhecimentos e sensações que não tinha com quem partilhar.

Em certas ocasiões, depois de haver bebido mais ainda do que o costume, surgia um intervalo, um dia sóbrio, um deserto de secura, em que sentia sede de viver. Era uma estranha aberração. Nesses dias, vivia apavorado com a ideia da morte: lavava os dentes com doze escovas, nem mais nem menos, por causa do azar; colocava o tubo da pasta dentífrica numa determinada posição, pelo mesmo motivo; assim como também tocava duas vezes no mesmo ponto da maçaneta da porta, para que isso lhe desse sorte. Acontecia-lhe perguntar a si próprio por que motivo prezava tanto a vida. Em momentos de lucidez, abstinha-se desses pequenos actos e espantava-se de encontrar ainda em si qualquer vestígio de esperança de poder vir a ser útil a si mesmo ou aos outros. E quando procurava consciencializar essa esperança, a fim de a estudar, e talvez até de a utilizar, assustava-se e voltava a beber. Não desejava morrer, mas o medo que sentia da vida afigurava-se-lhe maior ainda que o da morte.

Juntamente com o medo e o ódio a si próprio que aquele lhe causava, brotou em si a faculdade de apreciar o local onde vivia. Na
185

companhia de Harriet, aquilo parecera-lhe um paraíso. Sozinho, tornara-se num inferno. Durante a semana de sobriedade que

passava em cada mês, observava com espírito crítico a cidade de Miller's Dam e perguntava a si mesmo se, afinal de contas, não seria um estranho nesse meio. Havia qualquer coisa de arcaico naquelas explorações agrícolas, dispersas e atrasadas, do Middle West. É certo que serviam para abastecer os mercados citadinos, e os votos dos lavradores davam sempre muito que falar no tempo das eleições; apareciam também artigos importantes acerca da economia agrária; porém, por detrás de tudo aquilo, persistia uma atmosfera de museu, disso não havia dúvida. Craig tentava imaginar o que sucederia no dia em que os produtos da terra viessem a ser suplantados por outros fabricados nos laboratórios. Miller's Dam deixaria de existir então? Como poderia toda aquela população viver esconder-se, seria o termo mais apropriado, como poderia justificar a sua existência à margem da corrente de civilização do resto do país?

Craig não queria iludir-se. Queria ser brutal para consigo próprio.

Os milhares ou milhões de criaturas que povoavam todos os Miller's Dam da América o que tinham era simplesmente medo da vida. Era isto, e nada mais. Aquilo dir-se-ia uma espécie de antívida. É possível que Thoreau não concordasse com ele. Talvez Thoreau, a quem ele admirava, considerasse isto mesmo a essência da vida, com o céu e a terra ali bem perto, e os campos perfumados, e os rios, e a liberdade de apreciar tudo isto. Mas, em boa verdade, que diabo tinha aquela gente que valesse a pena ser apreciado? A razão estava do seu lado, não havia dúvida, e o seu pobre e iludido amigo de Walden's Pond laborava em erro. Em pleno século XX, a cidade de Miller's Dam era a negação da vida e um refúgio de cobardes. Encontrava-se fora da competição, da livre apreciação de todos os estímulos da vida urbana.

As pessoas continuavam a viver ali porque tinham medo de se ir embora, receavam vir a conhecer-se a si próprias e não queriam sair

daquele útero rural, pois ele constituía a melhor preparação para se morrer sem se terem sofrido desilusões. Craig perguntava a si mesmo repetidas vezes: «Porque continuo eu aqui?» E a resposta era sempre a mesma: «Porque aqui não se põem questões nem ninguém exige nada de nós. Porque isto aqui é a sepultura sã, de que falava Sydney Smith, o cemitério do elefante, onde o animal pode morrer sozinho, longe das vistas e da compaixão dos outros...»

Subitamente, uma série de pancadas na porta do compartimento transportou-o, num relâmpago, de Miller's Dam para o comboio de Malmoe, com destino a Estocolmo.

Era Lilly.

Craig saltou do beliche e sacudiu-se todo. A pequena vinha mesmo a propósito. Estava a afogar-se de mais nas recordações, na observação introspectiva, e a coisa seguiria pela noite fora se não surgisse nada 186

a distraí-lo. Lilly e a sua garrafa constituíam um smorgasbord salvador.

Dirigiu-se à porta e abriu-a. No corredor não estava ninguém. Olhou para um e outro lado. Vazio. Lá ao fundo, o condutor, agora em cabelo, dormitava com a cabeça sobre a mesa. Foi então que viu a garrafa a seus pés.

Pegou nela e retirou-se, fechando a porta atrás de si. Mas antes, ao erguê-la, reparou num papel preso por um elástico. Abriu-o e leu: Seja bem-vindo à Suécia. Lilly Hedquist. Pdkemsgatan, 172 C, Estocolmo.

Estivera ansioso pela chegada da rapariga, mas agora isso já não lhe interessava. Sentia-se cansado e a garrafa bastava-lhe. Estava ainda meia. Pousou-a sobre o beliche e meteu o bilhete no bolso. Depois despiu-se, enfiou o pijama e lavou os dentes.

Só dispunha de copos de papel e, quando despejou o whisky, ficou-se a observar, fascinado, o papel a embeber o líquido. Atirou fora aquela porcaria e sentou-se sobre o beliche, de pernas cruzadas,

a beber pelo gargalo da garrafa. O álcool parecia apaziguar um a um todos os nervos retesados do seu corpo. E, para continuar o efeito, não parou de beber.

Dali a uma hora, a garrafa estava vazia e Craig sentia-se satisfeito.

«Obrigado», disse ele, dirigindo-se à garrafa, sem mover os lábios.

«O meu corpo está-te imensamente agradecido.» Empurrou-a para debaixo da cama, apagou as luzes e meteu-se dentro da roupa.

Uma vez estendido e imóvel, experimentou uma ligeira náusea.

Sob as pálpebras descidas, a cena surgiu-lhe toda, em primeiro plano: seguia em velocidade moderada, pois o pavimento estava encharcado e escorregadio. Passara naquela curva apertada centenas de vezes.

Involuntariamente, fez oscilar o volante e foi como se o carro fugisse debaixo de si, exactamente como as pernas de uma criança no primeiro dia que calça os patins. Harriet, deitada para trás do banco, perguntava-lhe naquele momento, com uma voz preguiçosa: Divertime hoje imenso. E tu?

Mas ele já não conseguiu responder-lhe, por causa daquela coisa horrível que ia acontecer. O carro descreveu uma volta completa, foi embater contra a balaustrada de protecção da curva, voltou-se para dentro da ravina e ficou tudo amassado, numa amálgama de madeira e metal, esmagado contra um carvalho. E pronto. Mais tarde, depois de tudo passado, ele recordou-se de que havia bebido quatro whiskies e que ia para responder a Harriet: Sim, minha querida. Foi este o mais belo dia da minha vida contigo.

A náusea desapareceu, a cena esvaiu-se e Craig voltou-se de lado na cama, para dormir. O sono, porém, não veio logo. Em lugar dele,

187
surgiu-lhe uma recordação que lhe escapara até ali; a da última vez que dormira com Harriet, um dia antes da festa do seu

aniversário.

De manhã, ele acordara-a com um beijo e ela puxara-o para si.

O seu cérebro procurava às apalpadelas os pormenores daquele último acto de amor. Ele atirara fora o lençol e a mulher erguera a camisa acima dos seios. O quarto estava fresco e eles procuraram aquecer-se um no outro. Quando se ergueu por cima de Harriet, Andrew reparou que os mamilos dela se tinham tornado aguçados e duros por causa do frio, aquele mesmo frio que se fazia sentir à proa do ferry-boat e penetrava dentro do automóvel... Procurou ver a cara da mulher e não ficou surpreendido ao deparar-se-lhe a de Lilly.

Encostou a cabeça aos cabelos louros e não se recordou de mais nada além de ser que...

Seja bem-vindo à Suécia.

4

O Grande Hotel de Estocolmo, com os seus sete andares, ficava situado no Cais de Blasieholmsk, n.º 8, em frente do majestoso Palácio Real, que se erguia do outro lado do canal Strommen.

Poucos hotéis da Europa e nenhum da Escandinávia se poderiam comparar ao Grande Hotel de Estocolmo. Fora construído em 1874, no tempo em que Ulysses S. Grant era presidente dos Estados Unidos e Benjamin Disraeli primeiro-ministro britânico. E, à parte certos modernismos introduzidos nos quartos e nos apartamentos durante os últimos dez anos, continuava na mesma, orgulhoso da sua idade e da consideração que merecia.

Ao contrário da maioria dos hotéis, este, em pleno mês de Dezembro, achava-se mais cheio de hóspedes e mais repleto de vida do que nos meses de Verão. Os dois átrios envidraçados não estavam abertos por causa do tempo frio, mas a sala de almoços interior, a seguir ao vestíbulo, e o enorme jardim de Inverno, em três andares, com a sua cúpula de vidro, as varandas, os arcos sustentados por colunas, regurgitavam de gente.

Havia precisamente 297 quartos no Grande Hotel, impecavelmente servidos por uma equipa de 550 homens e mulheres, todos muito competentes. Naquela manhã de Dezembro não havia nenhum quarto vago, pois os que não tinham ocupantes estavam reservados para os contemplados com o Prémio Nobel que vinham reunir-se em Estocolmo.

Toda a despesa da hospedagem nesses quartos, durante sete dias, seria paga pela Fundação Nobel.

Naquele ano, haviam sido reservados cinco apartamentos dos mais luxuosos. Na manhã do dia 3 de Dezembro, quatro deles estavam já ocupados por personalidades vindas de Paris, Roma, Jórgia, Califórnia.

O quinto mantinha-se arrumado, aguardando a vinda do contemplado com o Prêmio da Literatura, que se atrasara...

A elegante limousine do Ministério dos Negócios Estrangeiros descreveu uma graciosa curva em U à volta da fileira de táxis estacionados no cais e veio deter-se em frente da imponente entrada do Grande Hotel.

Andrew Craig, entalado num canto do banco de trás pelo corpanzil de Ingrid Pahl, fumava o cachimbo com mais rapidez do que habitualmente, na expectativa dos acontecimentos. Durante todo o percurso desde a estação, mantivera-se quase sempre calado. Respondera com laconismo às perguntas directas que lhe faziam, o mais amavelmente que era capaz, e depois recaía no silêncio, ao passo que 189

Leah alimentava a conversa com um certo nervosismo, inventava desculpas para explicar as alterações da viagem e extasiava-se com o que via através das janelas do automóvel. Craig mal olhava lá para fora. O silêncio e o desinteresse que manifestava não eram motivados pelos whiskies que bebera durante toda a noite ou por qualquer mal-estar relacionado com a bebida; deviam-se antes à crescente apreensão que sentia e à sua relutância em voltar ao hotel onde ele e Harriet haviam passado a sua primeira noite de lua-de-mel no estrangeiro, treze anos atrás.

Estavam a chegar e o emocionante encontro aproximava-se. O porteiro, envergando uma comprida libré que o tornava parecido com um oficial russo do tempo dos czares, abria a porta do carro e mantinha-se perfilado, com dois dedos a tocar na pala do boné. Krantz foi o primeiro a descer, seguido pelo conde Bertil Jacobsson, que fechou os dois assentos desmontáveis antes de sair do carro.

Depois apeou-se Leah, antes de Ingrid Pahl, e finalmente chegou a vez de Craig.

Enquanto os carregadores tomavam conta das malas, Craig imobilizou-se no passeio de madeira, a contemplar o magnífico panorama de que tão bem se recordava. Banhado por um sol pálido, o canal Strommen apresentava-se sereno e ainda líquido. A um dos lados, dois navios brancos, de excursionistas, achavam-se ancorados defronte da Galeria Nacional. Em frente, lembrando um leão, de patas estendidas a descansar, erguia-se o conhecido Palácio Real, do século XVIII, e, atrás deste, via-se o campanário da igreja de Riddarholm.

Por cima do canal, ligando a cidade nova com a velha, estendia-se a Ponte de Strombron, pela qual circulavam os pontos negros dos peões e de automóveis em miniatura, bem como um comboio todo azul. A certa distância, avistava-se o Real Teatro da Ópera, atrás do qual se escondia Craig recordava-se muito bem um largo cheio de movimento, chamado Gustav Adolf Torg.

Ao lado do escritor, Jacobsson, soprando ar quente para dentro das suas luvas de pele de rena, dizia: Sinto-me, na verdade, desolado por não termos podido encomendar tempo quente para os nossos hóspedes, Mr. Craig. O sol fez-nos partida. Neste momento, a temperatura é de cinquenta graus Fahrenheit.

Ao menos, não tem caído neve. E estou informado de que tal não sucederá durante o próximo mês.

Já estou habituado a esta temperatura, ou até pior, lá na minha terra.

O senhor não me disse que já cá tinha estado?

Sim, poucos anos depois da guerra. Voltou-se para as enormes portas giratórias e acrescentou: Está tudo na mesma.

Bem, acho melhor entrarmos, para nos aquecermos.

Craig, vendo Leah já lá dentro, ladeada pelos outros dois membros 190

do Comité de Recepção, transpôs, seguido pelo velho conde, as portas giratórias. Subiu lentamente os oito degraus de pedra, pisando a passadeira de borracha que lhe amortecia o ruído das solas dos sapatos, e penetrou no átrio.

Enquanto Jacobsson caminhava atrás dos outros, até ao balcão da recepção, Craig deixou-se ficar parado ao cimo das escadas. Nada ali mudara, absolutamente nada. O mesmo átrio, vasto, a entrada para a sala, entre dois pilares, e, de ambos os lados destes, os elevadores que tinham escrito por cima: HISS. Craig encaminhou-se vagarosamente para a direita e deu a volta ao átrio principal. Lá estava a pequena sala de leitura, com as suas cadeiras bojudas, as montras cintilantes onde se encontravam expostos perfumes de Guerlain, gravatas de Silvander, cálices Kosta, jóias de Sjögren. A seguir, era a porta altíssima, com a tabuleta GRANDE VARANDA, e depois a sala dos pequenos almoços. Havia, por todos os lados, mais vitrinas com jarras de Orrefors e pratos de Jensen. Depois, via-se um balcão onde se vendiam rebuçados. E, de repente, Craig encontrou-se diante de estreito quiosque repleto de jornais e revistas estrangeiros. Era ali que Harriet costumava ir todos os dias à tarde, antes do aperitivo, comprar um exemplar do New York Herald Tribune, edição de Paris, já com o atraso de um dia.

Craig não se sentia comovido. Nada daquilo lhe despertava um sentimento de nostalgia nem a saudade o atormentava. E, no entanto, nada mudara senão ele próprio.

Ao reunir-se aos outros, em frente da secretária do porteiro, viu Leah, que lhe dizia: Não há nenhum correio para ti, a não ser um telegrama do Lucius, com muita piada, e mais qualquer coisa acerca de uma edição das tuas obras completas, da parte do teu editor. Queres ler?

Depois.

Tens andado por aí às voltas. Achas isto mudado?

Sim, já quase me não recordava de nada. Afinal de contas, só aqui passámos uma semana.

Sinto-me entusiasmadíssima, Andrew. Nunca estive num lugar como este.

Jacobsson aproximou-se.

Peço desculpa da demora explicou delicadamente. Houve um pequeno engano na marcação dos vossos quartos. Reservaram o apartamento 225, que é um dos melhores, com vista para o canal, mas que tem apenas um quarto de dormir com duas camas. Julgavam que eram casados.

Leah fez-se muito vermelha.

Então, e agora?

Eu já lhes expliquei. Ficam com o mesmo apartamento e eles arranjam maneira de esvaziar um quarto ao lado, que estará pronto
191

dentro de uma hora, também com comunicação para a sala de estar.

Entretanto, o apartamento que estava reservado encontra-se às vossas ordens.

Eu posso desfazer as malas mais tarde respondeu Leah. E, acompanhada por Jacobsson e Krantz, dirigiu-se para o elevador.

Depois voltou-se, para perguntar: Não vens, Andrew?

Vou já. Quero comprar qualquer coisa para ler.

Receio que não lhe dêem muito tempo para isso retorquiou Jacobsson, sorrindo.

Continuavam a dirigir-se ao elevador. Ingrid Pahl endireitou o chapéu coberto de flores, e preparava-se para deixar o balcão da recepção quando foi abordada por Craig.

Oh! exclamou ela. Julguei que já tinha subido.

Miss Pahl, onde posso ir beber qualquer coisa?

É um café que deseja?

O que eu queria era whisky.

Ela não ocultou a sua estranheza e Craig compreendeu-a, pois eram apenas nove horas da manhã.

Está bem, Mr. Craig...

Foi uma viagem extenuante e eu estou ainda a regular-me pela hora da América. Bem sei que não há nada mais detestável do que beber whisky logo pela manhã, mas sinto, na verdade, que preciso de qualquer coisa que me estimule.

A explicação era plausível.

Deixe-me mostrar-lhe onde fica disse Ingrid Pahl, pegando-lhe no braço Importa-se que o acompanhe? Apetecia-me um cacau bem quente.

Sentaram-se a uma mesa, junto à pista de baile, a um dos lados do jardim de Inverno. Salvo alguns pares, o monstruoso salão encontrava-se vazio, sem vida. Craig sempre achara esse local parecido com o pátio de recreio de um colégio, decorado para uma festa.

Àquela hora, a maioria dos hóspedes estava a tomar o pequeno almoço nos seus quartos ou lá fora.

Ingrid Pahl entreteve-se a procurar qualquer coisa dentro da sua bolsa bordada, enquanto o criado não chegava. Craig mandou vir, para ela, um cacau com torradas; para si, um whisky duplo, com água.

Quando aqui estive há anos era mais difícil conseguir uma bebida começou ele, para alimentar a conversa.

Quando foi isso?

Há cerca de doze anos.

Ah, pois. Nessa altura era mais difícil conseguir-se uma bebida alcoólica por causa daquele estúpido Sistema Bratt. Bem, não vale a pena escondê-lo, somos um país de bêbados, isto é, pelo menos bebe-se muito. Acho que a culpa deve ser das nossas compridas 192 noites de Inverno, da humidade e da tristeza desta época do ano.

Isso faz que os homens se voltem para a brànnvin. Contudo, o doutor Ivan Bratt você sabe quem é, deve conhecer a sua lei de fiscalização da venda de bebidas alcoólicas, promulgada em 1919 não resolveu a situação; pelo contrário, ficou tudo pior que dantes. Para se conseguir um livrete de racionamento, indispensável para se poderem adquirir bebidas alcoólicas, era preciso fazer o relato completo da nossa vida. Uma coisa insuportável! Insuportável! E, depois, tínhamos de estar na bicha, como carneiros, para obtermos três litros por mês. Está a ver uma coisa destas? Começou logo a haver transgressões.

As mulheres casadas não tinham direito a livrete de racionamento.

Isto causava grandes complicações. Fazia-se mercado negro de livretes. Fazia-se contrabando com a Finlândia. Destilava-se álcool clandestinamente. Tudo isto eram infracções que os Suecos, até aí, não praticavam. Para se conseguir tomar uma bebida num restaurante a dificuldade tornava-se maior ainda. Deve estar lembrado, com certeza, Mr. Craig.

Tenho uma ideia. Não se podia mandar vir um cocktail sem se comer ao mesmo tempo qualquer coisa, não era isto?

O vinho, nos restaurantes, não estava racionado. Mas o senhor provou alguma vez a cerveja daquele tempo? Autêntica água destilada, posso garantir-lhe. Não se serviam bebidas antes do meio-dia.

As mulheres não conseguiam beber nada que prestasse senão depois das três horas. E, mesmo então, como o senhor acaba de dizer, era preciso comer também qualquer coisa, quer se tivesse fome, quer não.

Quem não comesse não bebia. A maior parte dos restaurantes inventou um truque: faziam acompanhar as bebidas de um ovo, já retardado, sempre o mesmo, que servia para todos. E ninguém queria saber o que cada um tinha na vontade. Não havia remédio

senão contentarmo-nos com aquilo que vocês chamam quatro doses por dia.

O resultado, porém, foi contraproducente. Durante os dez anos que precederam a guerra, um quarto de milhão de indivíduos foi condenado por delitos provocados pelo abuso do álcool. Os próprios abstêmios estavam contra Bratt, embora por motivos diferentes. Existia então uma sociedade de temperança, a Tarja Azul, que acusava a lei de fazer que muita gente estragasse boa comida só com o fim de obter uma bebida alcoólica, e isto enquanto a Europa morria de fome. Ora bem, nós somos um país racionalista e o povo não estava para aturar este estado de coisas. A lei constituía a nossa única deformidade nacional.

Bratt foi tão mal tratado pessoalmente que teve de se refugiar em França. Então, em 1955, o Riksdag aboliu por completo a fiscalização do álcool. E eu acho que só temos a orgulhar-nos disso. Não se pode contrariar assim a sede de uma nação inteira. Eu não sou dada às bebidas. Um gole ou dois apenas, à noite, antes de deitar, como remédio para me manter em forma, e não me envergonho de o dizer.

193

Se quiser comprar uma garrafa, basta-lhe percorrer dois ou três quarteirões e entrar na primeira loja de venda a retalho que encontrar; eles vendem-lhe tudo o que quiser. Sem cadernetas de racionamento, sem perguntas. No entanto, não vendem nada a um freguês que esteja visivelmente bêbado. Claro que surgiu logo outro contra: o preço de uma garrafa de álcool subiu muito com a sobretaxa. Também não acho que isto seja justo. O facto de elevar muito os preços das bebidas alcoólicas dá lugar a uma falsa temperança e leva os ricos a beberem quanto quiserem, ao passo que os pobres ficam privados desse prazer. Todos aqueles que lêem os meus livros julgam-me uma velhota excêntrica que vive no campo e só pensa nos encantos da Natureza e em observar os passarinhos,

mas eu sou mais alguma coisa do que isso, Mr. Craig. Eu preocupo-me muito com a injustiça e detesto-a em todas as suas formas.

Estou inteiramente ao seu lado retorquiu Craig. Lera algumas coisas acerca de Ingrid Pahl, mas não conhecia os livros dela e não sabia que género de pessoa era. Dava-se agora conta de que simpatizava muito com ela.

Aqui tem o seu whisky e estou convencida de que lhe fiz uma sede tremenda com a minha tagarelice.

O criado veio servi-los e, após uma breve discussão, Craig conseguiu pagar a conta.

Ingrid Pahl ergueu a chávena de cacau e exclamou: Abaixo Bratt e façamos uma saúde.

Skal, e abaixo Bratt! respondeu Craig, bebendo o seu whisky.

Tenho aqui o seu programa disse Ingrid, pegando no papel dobrado que acabara por encontrar no fundo da bolsa e havia colocado sobre a mesa, perto dos pires. Quer lê-lo?

Hei-de lê-lo depois; agora só quero saber quais são as principais etapas.

A primeira é já hoje; às duas horas, no Clube da Imprensa.

O senhor e os outros premiados darão entrevistas oficiais aos jornalistas.

Às sete da noite, há um cocktail, seguido de jantar, no Palácio Real, a que assiste o rei. Trajo de cerimónia obrigatório unicamente para a nobreza. Amanhã, grande visita a cidade. Os vossos guias serão o conde Bertil Jacobsson e um adido da Embaixada. No dia a seguir, jantar de gala, na província, presidido por Ragnar Hammarlund, um compatriota nosso, industrial e multimilionário. A comparência é facultativa, mas eu, no seu lugar, sendo escritor, não faltaria. Depois, há ainda muitas funções de menor importância, até que, finalmente, se realizará a cerimónia da entrega dos prémios, no Konserthuset a Sala dos Concertos, às cinco da tarde. Não sente já a cabeça à roda?

Craig sorriu.

Um bocado! Consultou o relógio. Quer dizer então que daqui a quatro horas tenho que enfrentar os repórteres?

194

Não terá outro remédio.

Craig sacudiu o gelo dentro do copo.

Acho melhor ficar por aqui e não beber -mais nada. Olhou para a companheira. Que tal são essas conferências de imprensa?

Dífíceis?

Bastante.

Ele levou o copo aos lábios.

- Dou o dito por não dito. Acho melhor beber mais outro.

Eram duas da tarde, e as quatro conferências de imprensa dos laureados com o Prêmio Nobel haviam começado já.

com um suspiro de alívio, o conde Bertil Jacobsson sentou-se na cadeira de espaldar direito, por detrás da mesa de recepção do vestiário, situado no segundo andar do Clube da Imprensa. Sob a sua direcção e da sua secretária, Astrid Steen, o clube fora previamente preparado para as entrevistas. O imenso átrio, que ficava contíguo ao vestiário, havia sido dividido, por meia dúzia de biombos, em duas salas separadas. Instalaram o Dr. Marceau numa delas e o Prof. Stratman na outra. A sala de leitura, do outro lado do átrio, fora destinada ao Dr. Farelli e ao Dr. Garrett. A sala de estar maior havia sido posta à disposição de Mr. Craig.

Ficara assente que a apresentação oficial dos premiados uns aos outros se efectuaria nessa noite, no decorrer do cocktail no Palácio Real. Porém, uma vez que se encontravam ali reunidos, à tarde, Jacobsson achava que a presença simultânea de todos sem apresentação se tornava esquisita. À última hora pediu que todos comparecessem às duas menos um quarto em lugar de às duas, a fim de poderem ficar a conhecer-se, sem cerimonial.

Os quinze minutos que precederam a conferência de imprensa, durante os quais os laureados, reunidos no átrio, foram apresentados uns aos outros enquanto lhes era servido sherry e whisky com gelo, constituíram para todos um momento bastante penoso, incluindo Jacobsson. Pelo menos, dava essa impressão. Individualmente, cada um deles parecia ser uma pessoa sociável, até mesmo simpática; porém, em grupo, não jogavam certo. Era esquisito, pensava Jacobsson.

Talvez tivesse sido melhor haver convidado também as mulheres e as pessoas de família que os acompanhavam, as quais, neste momento, estavam almoçando com as esposas dos vários membros das Academias Nobel.

com exceção do Dr. Farelli, uma personalidade dinâmica e comunicativa, nenhum dos outros se aproximava ou conversava com facilidade.

Haviam-se encontrado ali como estranhos, e estranhos permaneciam em face uns dos outros, a despeito da sua vitória comum.

O Prof. Stratman engolira vários medicamentos juntamente com o sherry e parecia preocupado. Denise e Claude Marceau não haviam trocado uma única palavra; tornava-se evidente que existia qualquer 195

desentendimento entre ambos. O Dr. Garrett, que Jacobsson apresentara em primeiro lugar ao seu colega Dr. Farelli, dava a impressão de ter emudecido subitamente. Gaguejara algumas palavras ininteligíveis e depois deixara o italiano, como se se tratasse de um leproso, passando dali em diante a estar mudo e agitado. Mr. Craig, o último a chegar, parecia completamente desinteressado dos outros e concentrava todas as suas atenções no criado, que já lhe servira três whiskies em quinze minutos. Foi com sincero alívio que Jacobsson acolheu a chegada dos primeiros jornalistas e ordenou à

sua secretária que conduzisse os laureados para as instalações já preparadas.

Enquanto tamborilava nervosamente com os dedos na mesa do vestiário, Jacobsson perguntava a si próprio se teria cometido algum erro. Talvez devesse ter evitado aquele encontro entre os premiados, reservando a apresentação para essa noite quando, libertos já da tensão nervosa provocada pela expectativa de uma conferência de imprensa, se sentissem mais bem dispostos, não só com a boa mesa e com as excelentes bebidas do Palácio Real, mas também agradavelmente influenciados pela presença de Sua Majestade. Tudo isso os teria tornado talvez mais comunicativos. A ideia de uma conferência de imprensa simultânea, que se realizara este ano pela primeira vez, partira dele, fora ó seu lance teatral. Alguns directores de periódicos locais tinham protestado, pois isso significava o envio de quatro repórteres, em lugar de um, para se poderem registrar todas as entrevistas.

Jacobsson, porém, não se deixara comover. Era de opinião que, quanto maior número de repórteres se reunisse, mais importância ligariam os jornais à Semana do Prêmio Nobel. Pressentia ainda que a liberdade de competição nas entrevistas com os seis laureados das quatro categorias iria impressionar muito favoravelmente os leitores internacionais. Estava a desejar, agora, com muita sinceridade, que se não tivesse enganado.

A afluência dos repórteres excedera a sua expectativa. Os cabides do vestiário encontravam-se carregados de sobretudos e casacos de senhora, de todas as formas e feitios. O livro dos visitantes que tinha aberto na sua frente era uma prova evidente do êxito da sua ideia.

Percorreu-lhe as páginas e chegou à conclusão de que se encontravam ali mais de cem repórteres. Haviam assinado os representantes de todos os jornais e periódicos suecos, bem como os enviados estrangeiros dos semanários mais conhecidos de todo o mundo: Der Spiegel, de Hamburgo, Swiat, de Varsóvia, L'Express,

de Paris, U Mondo, de Roma, The Spectator, de Londres, Life, de Nova Iorque, O Cruzeiro, do Rio de Janeiro. Além de tudo, estavam presentes os repórteres das agências telegráficas mais importantes: Associated Press, United Press International, Consolidated Newspapers of America, Tass, da Rússia, Reuter, da Grã-Bretanha, a France Press, etc., etc.

Que tal estão correndo as coisas? inquiriu ele, ansiosamente.

196

Muito bem, segundo me parece.

Os tipos da imprensa não têm feito das suas? perguntou Jacobsson. Ele não punha objecções a uma certa ironia bem intencionada.

Gozara, a par com os repórteres, aquando da entrevista concedida pelo laureado da Física de 1960, o jovem Dr. Glaser, americano, que aproveitara a ida a Estocolmo como viagem de núpcias.

E os repórteres perguntaram por brincadeira a Mrs. Glaser «se ela já sabia, em solteira, que ele ia ser contemplado com o Prêmio Nobel e se fora por isso que casara com ele». O que Jacobsson detestava era a caça ao sensacional. Todos os anos apareciam repórteres que se tornavam irritantes com a sua mania de fazer perguntas inconvenientes ou pessoais, só pelo gosto de arranjar assunto para a primeira página.

A imprensa parece estar a portar-se bem declarou Mrs.

Steen. Mais ainda agora a procissão vai a sair. Deixá-los beber mais uns copos, e então... Encolheu os ombros.

E os nossos hóspedes, mantêm-se na linha? com isto, Jacobsson queria realmente saber se nenhum deles fizera qualquer observação intempestiva. Ainda nessa manhã, durante a sua hora de precioso isolamento no gabinete, acrescentara às Notas que andava escrevendo este desagradável pormenor: «Em Setembro de 1930, em Paris, Eugene O'Neill, que dali a seis anos viria também a ganhar o

Prêmio Nobel, declarava a Nathan, o crítico americano: Penso que o Prêmio Nobel, a não ser que se seja velho e caquético, causa mais maçada que proveito. É como uma âncora que se traz pendurada ao pescoço e da qual nunca nos conseguimos livrar. Que mau gosto!»

Têm-se mostrado todos muito comedidos respondeu Mrs.

Steen. Mas também as perguntas, até agora, têm sido comedidas: quais os sentimentos de cada um ao ser informado de que havia ganho o Prêmio, as impressões acerca da Suécia e da viagem até cá, as reacções experimentadas à chegada a Estocolmo. E mais coisas no género. Não sei o que irão responder quando os jornalistas se tornarem mais atrevidos.

Jacobsson endireitou-se.

Penso que será melhor eu aparecer por lá, nessa altura. Os nossos hóspedes talvez se sintam mais tranquilos se virem uma cara conhecida e amiga.

O mais silenciosamente possível, o conde Bertil Jacobsson tomou lugar numa cadeira desmontável, atrás de todos, e esticou o pescoço a fim de ver, para além dos quinze ou vinte representantes da imprensa, a maneira como Denise e Claude Marceau se estavam aguentando.

Claude conversava com um repórter da primeira fila, usando frases medidas e pesadas, a segurar entre os dedos um cigarro aceso. O seu espesso cabelo grisalho e o seu aspecto sério de gaulês tornavam-no 197

de certo modo atraente e davam-lhe um ar de firmeza e autoridade.

Na outra extremidade do divã, afastada do marido pelo menos um metro, estava Denise Marceau. Não olhava para Claude enquanto este falava e quase parecia não prestar qualquer atenção ao que ele dizia.

Conservava-se rígida, de costas direitas e joelhos unidos, brincando com um lenço que tinha no regaço. De tempos a tempos,

agitava os ombros, como se o casaco de tweed que envergava lhe estivesse demasiado justo.

Jacobsson perguntava a si próprio se mais algum teria notado que ela se sentia infeliz. Talvez estivesse enganado, e antes assim; quem sabe se Denise Marceau se encontrava apenas nervosa e envergonhada por aparecer em público. Os sábios, por vezes, são criaturas muito especiais, em consequência, provavelmente, de tantas horas passadas no meio de provetas, lâmpadas de álcool e campânulas. Talvez que todas as drogas com que lidavam os deprimissem, sem que eles próprios o notassem. Jacobsson desejava ardentemente que Madame le docteur dissesse finalmente qualquer coisa de interessante.

Sentada no divã, arvorando um ar desprendido e indiferente, Denise Marceau, porém, interessava-se pelo monólogo do marido mais do que parecia. «Ele está a hipnotizá-los», pensava. «Está a causar-lhes uma impressão favorável, a dar-se ares de grande génio que lá do Olimpo se digna emitir as suas preciosas opiniões e as suas frases bem torneadas. Só queria ver o que diriam estes repórteres se eu lhes revelasse a situação em que o velho debochado se encontrava quando recebeu a notícia deste maldito prêmio. E qual seria a reacção deles se eu gritasse a Claude: oh, merde! e lhe voltasse as costas.»

Esta ideia impulsiva agradou a Denise e trouxe-lhe aos lábios um sorriso, que ela reparou ter sido notado pelo velho conde que se achava sentado lá ao fundo da sala. Então, sorriu-lhe também. Durante um momento, aquela prova afigurou-se-lhe mais suportável.

Disse consigo que, afinal, se se divorciasse de Claude (e, por mais que detestasse tal solução, naquele momento não conseguia encontrar outra), ficaria viúva; isto é, viúva, não, mas sim divorce, uma entidade solitária, e então teria de se manter pelos seus próprios meios. O

seu futuro seria o de uma Curie, não o de um casal. Não consentiria que Claude a ofuscasse, a deixasse para trás, desamparada, dependente dele. Teria que elevar-se sozinha, mostrar ao mundo que não precisava para nada daquele idiota conquistador. Numa palavra, havia necessidade de ser prática. E quanto mais cedo tomasse essa atitude, melhor. O Prêmio Nobel seria o primeiro degrau para a celebridade.

Se permitisse que ele a dominasse, o mundo pensaria que todas as honras cabiam a ele. Tinha o dever de mostrar que o Prêmio também lhe era devido e fazer disso uma garantia para o futuro.

Tentou expulsar da memória a visão de Claude e Gisèle na sua futura noite de casamento como poderia ele sentir-se atraído por 198 aquele feixe de ossos? Mas a verdade é que gostava mesmo diabos o levassem! , e procurou prestar atenção à oportunidade que tinha na sua frente.

Assim, acabámos com as investigações sobre as enzimas dizia Claude e concentrámos todas as nossas atenções naquela nova possibilidade que havíamos imaginado de pôr de conserva o sémen.

Já disseste, querido, a maneira como nos veio à ideia essa hipótese?

perguntou Denise, com um sorrisinho contrafeito.

Bem, como já vos disse, começámos a interessar-nos por...

Sim. Mas eu referia-me à história desde o princípio.

O representante do Expressen de Estocolmo, que estava logo na primeira fila, mostrou-se imediatamente interessado.

E qual é essa história, Doutora Marceau?

Denise deixou Claude entregue à sua atrapalhão e tomou o comando das operações.

É uma história divertida, com o seu lado irónico, essa que nos levou à descoberta pela qual vamos ser galardoados, e que está relacionada, como sabem, com os espermatozóides. A ideia inicial partiu de uma mulher. Como o meu marido decerto não deixará de

confirmar, fui eu, absolutamente por acaso ou quem sabe lá se seria por acaso! , que sugeri pela primeira vez tal possibilidade.

O jornalista do Expressen pretendeu agarrar a deixa.

Perdão, Doutora Marceau, mas ia a dizer que a descoberta se devia unicamente a si?

Denise sentiu o divã ranger com o estremeção que agitou o marido e sentiu-se encantada. No entanto, se não rectificasse aquela sugestão, não ficaria bem colocada.

Oh, não era precisamente isso que eu queria dizer. Eu e o meu marido, trabalhámos em estreita colaboração, depois de eu haver sugerido aquela possibilidade. É preciso não confundir, nós formamos uma equipa. Somos um ensemble. A nossa descoberta, seja qual for a sua utilidade, não pode ser dividida, nem agora nem nunca. O que eu queria dizer era unicamente que... e os senhores com certeza acham curioso, era que a ideia tinha de partir de algum de nós e, a verdade, é que partiu de mim.

Sim, isso é verdade apressou-se a confirmar Claude, pouco à vontade, presentindo o perigo e procurando evitá-lo tentando manter a paz. Há cerca de uns seis anos, estávamos a almoçar com uns colegas, depois de havermos passado de mão em mão uma revista com um artigo sobre o óvulo. Começou-se a falar de hereditariedade, do controle da hereditariedade e...

E então eu olhei para o Claude e disse... interrompeu Denise, resolvida a açambarcar a atenção da imprensa e dirigindo-se ao representante do Lê Monde lembro-me precisamente das palavras que então proferi: «Suponhamos que era possível conservar vivos

199
os espermatozóides de um Carlos Magno, de um Erasmo, ou o óvulo de uma Cleopatra, e inoculá-los hoje, por métodos modernos, séculos depois de os seus donos haverem morrido?» Foram estas as minhas palavras, e daí partiu tudo. Voltou-se então, muito sorridente, para o marido: Lembras-te, querido?

Sim respondeu ele carrancudo , foi uma observação fortuita.
E eu então sugeri...

«Ah», pensou Denise, «está a ficar irritado. Ainda bem, ainda bem!»

Foi então que eu sugeri que estudássemos a coisa a sério. Voltou-se para os repórteres. E assim fizemos, durante seis anos consecutivos.

Denise sorria, voltada para os jornalistas.

Eu nunca poderia ter realizado sozinha a minha ideia. O meu marido foi maravilhoso. O nosso trabalho representa uma colaboração de todas as horas. Entre nós existe uma espécie de telepatia, podemos mesmo chamar-lhe um laço místico. Eu sei o que ele pensa, ele sabe o que eu penso, e com estas mútuas percepções economizamos um tempo precioso.

Claude agitou-se, inquieto, no sofá, e estendeu a mão para o copo do sherry que tinha sobre a mesa. Entretanto, os repórteres, de cabeça baixa, escreviam rapidamente nos blocos.

O enviado da agência France Press ergueu a mão e fez a seguinte pergunta: Doutora Marceau disse, dirigindo-se a Denise , gostava que nos explicasse a todos, omitindo os pormenores científicos, claro, visto sermos todos leigos no assunto, mas gostava que nos explicasse em que consiste exactamente a vossa descoberta. Foram vocês os primeiros a trabalhar neste campo ou já outros haviam tratado o mesmo problema?

Bem, o senhor está a fazer-me duas perguntas em lugar de uma retorquiou Denise, com um sorriso insinuante. Vou responder primeiro à última. O que tornou possível a nossa descoberta foi a aplicação com êxito da inseminação em seres humanos. A primeira tentativa fez-se em Londres, há uns cento e cinquenta anos. O maior passo em frente no sentido da fecundação artificial foi dado, em 1939, pelo Doutor Gregory Pincus, um cientista americano, da Clark University, se não estou em erro. Conseguiu transplantar o germe de

um óvulo de coelha para outra fêmea da mesma espécie, da qual nasceu uma cria normal. Hoje, apesar da oposição da Igreja e, por vezes mesmo, de obstáculos legais, já se pratica largamente a inseminação.

Estou informada de que, só na América, até agora nasceram cinquenta mil crianças, filhas de tubos de ensaio, como vulgarmente se diz; quer dizer, crianças concebidas sem que tenha havido relações sexuais.

Uma vez tornado possível este processo de procriação, o pró-

blema seguinte, isto é, aquele que eu e o meu marido conseguimos realizar, seria o controle da hereditariedade. Voltou-se para o marido. Claude, antes de eu te induzir a trabalhar neste sentido, quem mais te parece que tenha feito investigações no mesmo campo?

Claude não se dignou olhar para ela, nem sequer lhe respondeu directamente. Dirigiu-se ao representante da France Press: Em França, temos o nosso Doutor Jean Rostand, que já em 1946 conseguiu manter vivas as células seminais de uma rã. Em Londres, conseguiu-se o mesmo do sémen de um touro, por meio de glicerina e neve carbónica. É preciso notar que o problema consistia em impedir que o esperma perdesse a vitalidade, em conseguir-se que pudesse ser transferido. Na fecundação artificial, raramente se empregava mais de duas horas após ter sido segregado. Tratava-se agora de conservar o esperma humano activo, não apenas pelo espaço de duas horas, mas sim durante dois meses, dois anos, ou dois séculos, mantendo viva a sua capacidade de fertilizar o óvulo feminino.

O doutor Pincus, a quem minha mulher acaba de aludir, bem como o doutor Hudson Hoagland, ambos americanos, realizaram experiências notáveis nesse capítulo. Consideraram possível que um génio pudesse dar origem a uma família de várias centenas de

peças, isto mesmo depois de estar enterrado há um século, uma vez que, enquanto vivo, tivesse deixado de conservar o seu esperma. As perspectivas que esta ideia abria à humanidade eram alucinantes. O nosso compatriota Doutor Rostand declarou: «Submetida a um sistema de selecção artificial, a proporção dos seres humanos da mais alta espécie aumentaria infalivelmente numa proporção bastante grande.» O nosso objectivo foi tornar esse sonho uma realidade e sinto-me orgulhoso de o havermos conseguido.

E qual é esse processo de conservação do esperma?

A isso já eu tinha prometido responder interpôs Denise, resolvida a tomar de novo nas mãos as rédeas da conversa. Depois de haver conseguido convencer Claude de que aquela ideia não era apenas uma fantasia no fundo é um céptico, como todos os bons investigadores, ele começou a colaborar comigo no problema de podermos conservar o esperma. Começámos por seguir as pegadas de todos os outros especialistas de genética, isto é, empregámos a glicerina a fim de preservar o esperma antes de ser congelado e, mais tarde, de se descongelar, mas achámos que aquela substância não obtinha êxito em mais de sessenta por cento dos casos. Em dez células de esperma humano, apenas seis conseguiam sobreviver a uma temperatura de cem graus Fahrenheit negativos. O problema que nos preocupava resumia-se, por um lado, em conseguir uma percentagem mais elevada de resistência dos espermatozoides ao congelamento; por outro, em mantê-los vivos e congelados, não apenas durante alguns meses, mas sim por muitos anos. Depois de inúmeras 201

experiências e fracassos desconfio que o Claude esteve tentado a desistir muitas vezes, mas eu aliava a teimosia feminina à intuição de que havíamos de triunfar, descobrimos finalmente o composto a que demos o nome de P-437. Por brincadeira, pusemos o P, que é a primeira letra de «paciência», a as nossas experiências vieram provar que é possível conservar um espermatozoide vivo e de conserva,

apenas temporariamente inanimado, durante mais de cinco anos, talvez até dez.

Magnífico! exclamou o enviado da France Press, sempre sem parar de escrever furiosamente.

Doutora Marceau ouviu-se, lá da terceira fila, o repórter do Svenska Dagbladet. Disse há pouco que o esperma de um Carlos Magno ou de um Erasmo poderia ser inoculado numa mulher actual.

O seu marido acaba de afirmar que génios falecidos há muito poderiam vir a dar origem a centenas de novos seres, utilizando-se o seu esperma congelado. Acredita honestamente que isso possa tornar-se uma realidade?

Acredito afirmou peremptoriamente Denise. Existe, pelo menos, uma possibilidade. Não nego que se encontrem obstáculos, é claro. Para uma única inseminação são necessários cinquenta milhões de espermatozóides humanos. A maior parte dos génios infelizmente, só se revelam depois de velhos, numa altura em que se tornaram menos férteis, por vezes até estéreis ou impotentes.

Mozart foi considerado um génio aos seis anos interveio o repórter do Svenska Dagbladet.

Voilà' concordou Denise. E viveu até aos trinta e cinco anos. Aí tem um exemplo ideal. Se a nossa descoberta tivesse sido realizada no século dezoito, que bela herança Mozart poderia ter deixado ao mundo!

Durante os seis anos que gastaram nas vossas pesquisas, acontecia-lhe pensar nessas possibilidades? inquiriu o representante da Reuter, que se achava sentado na frente de Jacobsson.

Muitas vezes confessou Denise. Primeiro que tudo, sou uma cientista, mas nem por isso deixo de ser mulher, e uma mulher romântica e olhou com ar brincalhão para a cara carrancuda do marido. O Claude, felizmente para ambos, talvez não se deixe arrastar tanto por estes contos de fadas. A vida dele são os tubos de

ensaio. Voltou-se de novo para o repórter da Reuter. Quando estávamos prestes a atingir o nosso objectivo, eu sentia-me absolutamente empolgada pela imaginação. E agora, que tudo se tornou realidade, sinto-me tão entusiasmada como nesse momento perante as possibilidades que esta descoberta põe à disposição da raça humana.

Imagine só: se o nosso P-437 já existisse no século dezasseis, podia-se hoje ir buscar o esperma de Shakespeare a fim de ser inoculado numa dúzia de damas inglesas, as quais, ao fim de nove meses, dariam à luz 202

filhos do grande génio. Levemos as nossas considerações mais longe ainda: se o P-437 tivesse sido inventado antes dos últimos quinhentos anos, teríamos presentemente armazenados os germes reprodutivos de um Galileu, um Pasteur, um Newton, um Darwin, um Voltaire, um Milton, um Goethe, um Balzac, um Guy de Maupassant, um Garrick, um Casanova, um Napoleão Bonaparte, um Nietzsche, um Benjamin Franklin... Assim, amanhã, eu poderia ir a esse banco de espermatozóides e, fazendo descongelar a semente de qualquer destes génios, fecundar mulheres seleccionadas da Suécia, da Inglaterra, da América ou da minha pátria, e assim, no próximo Outono, veriam a luz dezenas de meninos e meninas procriados há séculos por Galileu, Goethe ou Benjamin Franklin. Se nós próprios houvéssemos começado a trabalhar mais cedo, teríamos hoje de conserva os espermatozóides vivos de Luther Burbank, do Professor Einstein, de Paderewski, ou até, digamos, de Rudolfo Valentino.

Ou de Judas IsCariote comentou o repórter do Die Weltwoche, de Zurique.

Oh, desse seria escusado ir buscar os germes ao banco. Podíamos atirá-los fora.

E quando tencionam começar a colher a esperma dos actuais génios? quis saber o representante da Associated Press.

Ainda não se tratou disso, mas talvez não falte muito afirmou Denise. Há muito trabalho a fazer e muitas experiências que outros terão de levar a cabo. Tanto eu como Claude já demos o nosso contributo.

Outros que continuem e vejam até onde podem ir. Depois nós cá estaremos para ver os resultados.

A que ramo de investigações pretendem agora dedicar-se? inquiriu o repórter da Associated Press.

Denise fez um gesto de afectada modéstia na direcção de Claude. Prefiro que seja o meu marido a responder.

Este foi apanhado desprevenido.

Agora... agora ainda não sei o que iremos tentar. Já temos algumas ideias, mas ainda é demasiado cedo... veremos.

Madame, isto é, Doutora Marceau disse o representante da Reuter, importa-se que voltemos por um momento às suas esperanças optimistas quanto ao grande valor de manter o esperma de conserva?

Diga, diga...

Não posso deixar de recordar a conhecida anedota de Bernard Shaw. Certo dia, diz-se que Isadora Duncan, que, como se sabe, não tinha complexos nem preconceitos, lhe sugeriu a possibilidade de se juntarem a fim de dar origem a um filho ideal. «Calculo», dizia ela, «que o nosso filho poderá vir a ter a minha beleza e a sua inteligência.»

E Shaw replicou: «Mas suponhamos o contrário: que ele venha a herdar a minha beleza e a sua inteligência!»

203

Desataram todos a rir, incluindo Denise, e então o repórter da Reuter acrescentou: Pois bem, doutora Marceau, imagine que, no caso da vossa descoberta, os resultados saíam ao contrário?

Quando os risos se calaram, Denise assumiu uma atitude solene.

Compreendo afirmou. Trata-se, na verdade, de um caso a ponderar. É certo que os filhos dos génios poucas ou quase nenhuma vez saem aos pais. O filho de Lincoln, Robert Todd, não herdou automaticamente as aptidões do seu ilustre pai. A única filha de Lord Byron que escapou, Ada, que fez ela depois de adulta?

Inventou um sistema de apostas nas corridas de cavalos que não deu resultado e veio a morrer aos trinta e seis anos, desarranjada da cabeça e estropiada. Por outro lado, John Adams, o segundo presidente da América, legou à nação o seu sexto presidente. Consideremos também Dumas Pai e Filho. Nestes casos, o génio transmitiu-se.

Não há dúvida de que é uma espécie de lotaria. No entanto, a selecção das raças aplicada aos bois e às vacas tem dado excelentes resultados na Inglaterra. Partindo do moderno ponto de vista do eugenismo, será possível melhorar os seres humanos, tanto física como intelectualmente.

Pode ser que nem sempre se consigam produzir génios. Se fôssemos buscar a hereditariedade de Erasmo, não se segue que conseguíssemos fatalmente produzir um novo Erasmo, séculos volvidos.

Mas sempre existirá uma possibilidade. Decerto que, fecundando mulheres jovens com o esperma de homens inteligentes e fisicamente perfeitos, aumentaríamos as probabilidades de povoar um dia o mundo com uma raça superior. Não temos garantias, mas apenas esperanças, e, quanto a mim, bastante prometedoras.

Um criado já idoso, de casaco branco, entrou com uma bandeja coberta de copos, uns cheios de sherry, outros de whisky. Olhou para Denise, e esta acenou com a cabeça, satisfeita com a interrupção.

Aceitou um copo de whisky das mãos do criado e recostou-se para trás, contente consigo mesma. Ficou-se a observar o criado a

circular entre os membros da imprensa, que pegavam nas bebidas e trocavam palavras em voz baixa entre si.

De súbito, deu-se conta de que Claude se aproximara dela e de que a sua expressão denotava uma cólera fria.

Vejo que tentaste importar de forma escandalosa. Que diabo tens tu em vista? perguntou com a voz a tremer.

Ela aguardara este momento durante semanas a fio, e agora gozava-o plenamente. Sorriu-lhe apenas com os lábios. Veio-lhe à ideia uma grosseira expressão americana que lhe apeteceu proferir. Ouvira-a pela primeira vez no fim de uma anedota sem graça nenhuma, contada, numa recepção, pela mulher de um químico da Pensilvânia, naquela altura já rouca e embriagada. Se fizesse parte do seu programa abandonar a compostura, como viria a propósito aquela expres-204

são! Mas logo se recordou das torturas tremendas que o marido lhe infligira e resolveu acabar com a compostura. «Au diable!»

Sorriu-lhe de novo.

Que tenho eu em vista, querido? O mesmo que o teu querido modelo do Balenciaga já te fez: espremer-te ao máximo.

Encantado com a inversão de papéis operada pela Dr.^a Denise Marceau e pela sua girândola de palavras, o conde Bertil Jacobsson aproveitou o intervalo em que serviam as bebidas para se dirigir à conferência de imprensa concedida pelo professor Stratman na parte posterior do átrio, atrás dos biombos.

Ao deparar-se-lhe uma cadeira vazia na extremidade da fila, Jacobsson não se admirou de que ali a assistência fosse mais numerosa que na secção que acabava de deixar. Havia notado nos últimos anos que a Física e a Literatura despertavam muito mais interesse do que a Química e a Medicina. Atribuía isto ao facto de a Física e a Literatura estarem mais divulgadas e serem mais discutíveis e, por isso mesmo, acessíveis aos leigos, através dos jornais.

O que o surpreendeu ao voltar-se na cadeira, para melhor observar o círculo dos jornalistas, foi descobrir que estava sentado ao lado de Carl Adolf Krantz.

Oh, que surpresa! murmurou em voz baixa. Não esperava vê-lo aqui. Estará, porventura, a representar algum jornal? Pensei que você e a Ingrid se sentiam muito satisfeitos com esta tarde de folga.

Krantz brincava distraído com o puzzle de metal que tinha na mão, absorvido nas perguntas e respostas que se cruzavam, quando deu pela presença do seu velho colega. Levou um dedo aos lábios, a pedir silêncio, e depois retorquiu: Não podia perder a oportunidade de ouvir falar o grande Stratman.

Que tal se tem ele aguentado? quis saber Jacobsson.

com a segurança que era de esperar respondeu Krantz. Se bem que tenha sido assediado com as perguntas mais disparatadas.

Os nossos repórteres suecos estão a tornar-se tão parvos como os americanos. Voltou de novo os olhos para o cimo da sala. Estamos quase a chegar ao mais importante.

Ao desviar a vista de Krantz, a seu lado, para observar o professor Stratman, quase invisível nas profundezas de um maple de cabedal, Jacobsson sentiu-se impressionado pela semelhança que existia entre o seu colega e o distinto laureado. Ambos atarracados, quase anões, como Charles Steinmetz, o engenheiro electrotécnico que conhecera outrora. Assim sentados em posição idêntica, lembravam um feto humano enroscado no útero materno. Esta foi a primeira impressão que experimentou talvez a mesma que atraiu inconscientemente Krantz para o seu célebre colega mas Jacobsson não tardou a descobrir que ela se desvanecia quando se consideravam 205

mais atentamente as diferenças específicas. Krantz, com o fato demasiado justo, lembrava um mestre-escola rabugento! Stratman, envergando umas calças e um casaco largos de mais, pairava acima de todas as críticas. Krantz, de cabeleira pintada de preto, feições

porcinas, a boca amarga semioculta entre a pêra e o bigode, dava a impressão de uma criatura que discute e critica, que analisa e observa, mas que é incapaz de criar seja o que for. Ao passo que o crânio demasiado grande de Stratman, rosado e lúcido, quase calvo, os seus olhos bem humorados e que pareciam ver tudo por detrás das lentes bifocais, o seu nariz proeminente que até parecia postiço, o sorriso espontâneo, tudo sugeria um génio simples, calmo e senhor de si, que estava muito acima de todas as censuras, críticas e reparos. Ele era a origem, o criador. Não admira pois que despertasse àquele ponto a veneração de Krantz.

Jacobsson tentou observar o laureado como um simples homem, não como um criador, e logo lamentou o facto de o haver sujeitado à mesquinha curiosidade da imprensa.

Como poderia um homem como Stratman cogitar ele, cujo cérebro pairava sempre nas alturas da ciência, pôr-se ao nível comezinho de assuntos como seja: «Diga-me o que sentiu ao receber o telegrama de Estocolmo? Que tal foi a viagem no navio sueco? Que pensa da comunidade do Báltico?» Se Jacobsson conhecesse realmente o cérebro do laureado, ficaria admirado com a resposta.

É que o professor Stratman, encolhido na sua cadeira, a acariciar com uma das mãos o cachimbo, de pernas confortavelmente cruzadas, entregava-se a pensamentos que nada tinham a ver com os assuntos cósmicos. Momentos antes, enquanto respondia a perguntas acerca da viagem de Atlanta para Nova Iorque e dali até Goteborg, recordara-se de que, pela primeira vez depois do fim da guerra, se encontrava num país estrangeiro, a menos de duas ou três horas de caminho da sua pátria, a terra onde nascera, fora educado, sofrera.

Aquela proximidade fazia-o evocar antigas lembranças: ele e o irmão, à vez, a espreitarem pelo buraco da fechadura do escritório onde o pai dava consultas, para verem os camponeses que vinham tratar-se; ele e Walther correndo e escorregando por cima da erva

macia, dirigindo-se com o pai para os estábulos; Walther e Rebeca e a pequena Emily ainda bebê não, já não era bebê nessa altura, a bater com um guizo na cadeirinha alta, todos sentados em volta da mesa, a comerem frango tostado, no Dia de Natal, em que a refeição do meio-dia se chamava jantar; recordava-se da alegria que sentira em estar junto da família e do prazer que lhe dera o cachecol de lã feito por Rebeca.

O pensamento voou-lhe para Emily. Poderia ele imaginar então que aquela criança viria a ser a sua Emily? E agora a sobrinha não lhe saía da ideia desde que haviam chegado a Estocolmo. Fora por ela que empreendera aquela longa e arriscada viagem, ou melhor, em memo-206

ria de Walther e Rebeca, e daquela última refeição de Natal. Só depois de estar em Estocolmo, Stratman veio a saber que o seu sacrifício era escusado. A Fundação Nobel fazia excepções à regra de considerar obrigatório que os premiados comparecessem pessoalmente.

Disseram-lhe que Hemingway, na altura em que lhe foi concedido o Prêmio, se encontrava convalescente de uma fractura de crânio e de outra da espinha em consequência de um desastre de aviação ocorrido em África e por isso recebera em Cuba o seu cheque de trinta mil dólares. Se os membros da Fundação tivessem sido informados da sua doença, por certo lhe concederiam a mesma facilidade.

E, pela décima vez, a despeito da opinião do Dr. Ilman, decretou que valera bem a pena arriscar-se, em lugar de tornar público o seu deficiente estado de saúde.

O episódio ocorrido no navio provava-lhe que estava na razão.

Aquela última noite passada no barco veio demonstrar que a aparente segurança que Emily parecia ter adquirido ultimamente pouca valia.

Que diabo de coisa passara pela cabeça da rapariga e a levava a animar aquele rapaz a intrometer-se na sua intimidade, quando sabia perfeitamente ser incapaz de lhe aceitar as atenções? Ach, como era complicado o cérebro humano, sempre a querer tomar os desejos pela realidade!

Não havia dúvida de que fora uma atitude irracional da parte de Emily, essa de pretender aguentar-se sozinha, de cortar o cordão umbilical e querer comportar-se como uma criatura adulta e independente.

O fracasso inevitável fora mais um atraso na cura. Agora, em Estocolmo, ela ficaria mais retraída ainda do que na América. Na noite anterior recusara o convite de um simpático adido que queria acompanhá-la à Ópera. Sim, o acidente do navio atrasara tudo. Viera recordar a Emily que era uma rapariga indefesa e, de certo modo, pensava Stratman, recordara-lhe também a ele a necessidade que a sobrinha tinha do seu amparo e a responsabilidade de que estava investido.

Ouviu vagamente pronunciar o seu nome e recordou-se de outras responsabilidades que também lhe cabiam, como seja a de se comportar amavelmente para com os seus generosos anfitriões.

Professor Stratman repetia o jornalista do Aftonbladet de Estocolmo, não lhe parece que o Prêmio Nobel lhe foi concedido mais por uma invenção do que por uma descoberta?

Eu direi com mais propriedade que fiz uma descoberta e a seguir uma invenção.

Mas, no entanto, o que lhe valeu o Prêmio foi a invenção.

É possível.

Parece-lhe que os desejos de Alfred Nobel têm sido cumpridos?

Embora seja um facto que o seu testamento de 1895 oferece parte do dinheiro «à pessoa que realizar a mais importante descoberta de invenção no campo da Física», a Academia das Ciências da Suécia

tem seguido o critério de não fazer caso de inventos. Assim, o seu compatriota americano Thomas Edison, que morreu em 1931, não ganhou o Prêmio Nobel precisamente por essa razão. Que tem a dizer a isto?

Stratman contemplou o cachimbo durante alguns instantes e depois ergueu os olhos.

Seria atrevimento da minha parte, tanto como hóspede como na qualidade de beneficiário do testamento de Alfred Nobel, fazer comentários acerca da maneira como a Academia das Ciências interpreta esse testamento. Parou e depois prosseguiu: Mas parece-me justo declarar o seguinte: estou no conhecimento de que o Prêmio da Física tem sido frequentemente concedido a invenções relacionadas com a Física. A Academia das Ciências não ignora certamente os desejos manifestados por Alfred Nobel. Recordo-me de alguns exemplos: estou a pensar em Guglielmo Marconi, que, em 1895, inventou o telégrafo sem fios. Na Inglaterra, utilizando um papagaio a servir de antena, demonstrou que a sua invenção dava resultado. Não tardou a construir uma estação de rádio para o Papa e a ganhar uma enorme fortuna de vinte e cinco milhões de dólares. Em 1909, creio eu, foi-lhe concedido metade do Prêmio Nobel por «serviços prestados ao desenvolvimento da telegrafia sem fios». Isto é um caso. Posso apresentar-lhe outro, num campo diverso. No ano de 1903, o meu amigo Willem Einthoven começou a construir um aparelho capaz de descobrir certas doenças cardíacas. Em 1924, ganhou o Prêmio Nobel pela «descoberta do mecanismo do electrocardiograma». Isto era uma invenção pura e simples. Recordo-me ainda de outro caso mais recente.

Em 1956, três americanos, William Shockley, John Bardeen e Walter Brattain, todos pertencentes ao Laboratório dos Telefones Bell, receberam os três o Prêmio em virtude «das suas descobertas dos efeitos do transistor. Isto também foi uma invenção, a invenção do transistor para substituir os tubos de Branly, que veio

revolucionar o mundo electrónico. Poderá chamar-se invenção ao sistema fotoquímico que eu descobri para converter e armazenar a energia solar? A resposta é afirmativa. Trata-se, na realidade, de uma invenção. Estará esta espécie de invento incluída no género daquelas que vulgarmente a Fundação Nobel costuma premiar? Mais uma vez, e segundo os precedentes históricos, a resposta volta a ser afirmativa.

Alguém, na fila do meio, ergueu a mão e ia para formular nova pergunta. Porém, Stratman levantou o cachimbo, a pedir atenção.

Não se considerava satisfeito e dirigiu-se mais uma vez ao jornalista do Aftonbladet.

Para falar sinceramente, posso acrescentar ainda outra coisa disse Stratman. O senhor mencionou o facto de Thomas Alva Edison ter sido posto de parte pelo júri do Prêmio Nobel. Para falar com exactidão, Edison não foi um físico, nem um químico, nem nada

disso. Era unicamente um inventor. Não sei, mas talvez este facto tornasse impossível a sua escolha para o Prêmio Nobel. No entanto, eu considero-o um dos maiores e mais notáveis cientistas de todos os tempos. Registou mais de mil patentes: inventou o fonógrafo, a lâmpada eléctrica, o mimeograph, the alkaline storage butery, the Kinetograph, mas efectuou apenas uma única descoberta de natureza científica, o Efeito Edison, tão importante para a rádio e para a televisão.

Talvez eu esteja a falar de mais, como os meus colegas costumam dizer, mas na minha idade isso não tem importância. Sou de opinião de que, entre 1901 e 1931, Herr Edison deveria ter recebido um Prêmio Nobel da Física. Isto não constitui uma crítica aos júris dessa época. A tarefa deles não era fácil. Na verdade, tinham de impor limites a si próprios. Admito as omissões. Apenas exponho a minha opinião com o à-vontade que dá o afastamento no tempo. Herr Edison merecia o Prêmio. E, já que falámos nestes assuntos, penso que Herr Wilbur Wright, que morreu em 1912, e Herr OrviUe

Wright, que viveu, se me não engano, até ao ano de 1948, tendo ambos existido já na era do Prêmio Nobel, deveriam ter sido distinguidos com o Prêmio da Física pelo desenvolvimento que vieram trazer à aviação. Agora, estou a falar de mais, mas assim demonstrei-vos com clareza que, em Física, considero tão importantes as descobertas como os inventos.

Acho que a Academia das Ciências da Suécia pensa como eu. Se assim não fosse; como se explicaria a minha presença hoje aqui? O que me parece precisamente mais criticável será a escassez de prêmios concedidos aos puros teóricos, no género de um Herr Einstein, um Herr Bohr, um Herr Schroedinger. Os investigadores e os inventores são premiados com demasiada frequência. São importantes, muito importantes, mas a maior parte das descobertas utiliza e confirma a teoria da relatividade de Einstein ou a velha conversão das momenturn theories. Ao mesmo tempo, as teorias abstractas, a elite da Física, são frequentemente mal apreciadas. Quanto a mim, o principal defeito da ciência soviética dos nossos dias é exactamente este. Os Russos dedicam tanto esforço e tanto dinheiro aos satélites, às armas nucleares, aos foguetões, que descaram a investigação científica básica, a teoria abstracta, e um dia hão-de arrepender-se.

Stratman ergueu a cabeça, procurando com os olhos o repórter do Aftonbladet, e disse: Espero ter respondido a todas as vossas perguntas. Percorreu com a vista os circunstantes. Estão a ver o que acontece quando me puxam pela língua? Éramos capazes de ficar aqui a conversar todo o dia e toda a noite. Mas, se quiserem mais, estou ao vosso dispor.

O repórter do Dagens Nybeter, de Estocolmo, pusera-se de pé e Stratman indicou que estava pronto a responder-lhe acenando com a cabeça e compondo os óculos.

Herr Professor começou o repórter. Até agora temos estado a discutir descobertas e inventos de uma forma geral e referindo-nos ao passado, mas desejaria trazer a nossa entrevista para o presente e para um ponto mais concreto...

Jawohll.

O senhor ganhou o Prêmio Nobel da Física pela sua «descoberta e invenção de uma conversão fotoquímica e de um sistema de armazenagem da energia solar» e ainda pela «aplicação prática da mesma energia na produção de propulsores sólidos sintéticos de foguetões».

com excepção daquilo que se lê nos jornais, isto é, a notícia de que o senhor conseguiu pôr a energia solar ao serviço do homem, de que descobriu um processo de a armazenar e transportar e de que provou que esta espécie de energia é capaz de ser utilizada como combustível para accionar foguetões, tornando obsoleta a energia extraída do carvão e de outras origens fósseis, nunca consegui inteirar-me ao certo daquilo em que consiste a sua descoberta.

Notaram-se sorrisos de concordância em toda a sala, e até Stratman riu também.

O repórter do Dagens Nyheter prosseguiu com animação: Não sou só eu a querer saber qual é o seu processo de armazenagem, que espécie de instrumento ou de reservatório da energia solar lhe valeu este galardão. Já inquiri junto da Real Academia das Ciências da Suécia, e eles não sabem... ou não querem informar-me.

Estará o senhor disposto a fazê-lo?

Stratman espreitou ironicamente por cima das suas lentes bifocais.

Não o informaram porque ignoram, exactamente, do que se trata.

Herr Professor, não é minha intenção mostrar-me menos respeitoso, mas então como se compreende que o tenham premiado por uma coisa de que quase nada sabem?

Porque, segundo me disseram, os seus compatriotas foram aos Estados Unidos e inteiraram-se junto do meu Governo e dos meus colegas acerca do meu trabalho. Viram provas daquilo que realizei. Mostraram-lhes os resultados do sistema de combustível no deserto de Mojave. No entanto, por motivos de segurança nacional, não é possível tornar públicos os processos, os meios de armazenar a energia do Sol.

Uma jornalista da United Press exclamou: Professor Stratman, é capaz de nos dar alguns pormenores da sua descoberta ?

Ele abanou a cabeça.

Desculpem, mas não é possível.

1 Pois sim.

210

Ao menos uma sugestão... Qualquer coisa que dê assunto para escrevermos umas linhas.

Nem isso. Sinto imenso. Tudo o que se relaciona com a minha descoberta está classificado de «altamente secreto devido a razões militares».

O representante do Neues Deutschland, de Berlim Oeste, declarou então:

Admira-me que o tenham deixado sair do país.

Stratman sorriu.

Eles bem vêem que eu sou um velho que precisa de férias. Além disso, reconhecem que um professor tão distraído como eu nunca poderia recordar-se da fórmula. De repente, pôs-se muito sério.

Triste situação esta que o mundo atravessa, em que se tornam necessárias tais medidas de segurança. Esse sintoma não se verifica apenas no meu país adoptivo. O segredo, em certos campos, torna-se uma questão de vida ou de morte, aqui na Suécia, na Inglaterra e na Rússia também. O cientista já não pode considerar-se um cidadão do mundo. As fronteiras do seu pensamento, que outrora não

conheciam limites, estão hoje em dia sujeitas a barreiras nacionalistas.

A fraternidade de outros tempos, em que se trocavam ideias e descobertas, em que havia cooperação, tornou-se impossível, com prejuízo para a humanidade. Mas tudo isto são consequências da situação que atravessamos. Quando se verificar um esforço comum para pôr cobro à competição e para fazer desaparecer o medo dos espíritos, reencontrar-se-á então a fraternidade da ciência e tudo regressará à normalidade.

Nessa altura, todos os homens, de todas as nacionalidades, serão beneficiados. É esse dia que eu espero ver ainda antes de morrer.

Crepitaram os aplausos entre os jornalistas e alguém gritou: «Bravo!

Bravo!» Stratman pareceu surpreendido e satisfeito.

Herr Professor disse o representante do Svenska Dagbladet.

Se acha não ser possível revelar-nos os segredos da sua invenção, talvez nos possa dizer qualquer coisa útil de ordem geral. Que foi que o levou, por exemplo, a ocupar-se da energia solar? Qual o interesse de armazenar os raios do sol?

A imprensa inteira aguardava a resposta e Stratman demorou-se um pouco a reflectir. Por fim, a sua cabeça calva acenou afirmativamente: Ia!, a pergunta é justa. Seria mal feito deixar-vos ir embora para junto dos vossos editores com as mãos vazias. Portanto, vamos às perguntas. Tentarei evitar o tom professoral e esforçar-me-ei por falar de modo que todos compreendam, pelo menos, os motivos que se encontram por trás do meu trabalho e até que ponto consegui 1. Sim.

211

realizar a minha ideia. Apontou com o cachimbo para a janela.

Vedes lá fora o Sol. Encontra-se a noventa e três milhões de milhas de nós e, no entanto, a Terra acha-se dentro da sua atmosfera e os seus raios de energia atómica átomos de hidrogénio convertidos

em átomos de hélio dominam constantemente a nossa vida. Que espécie de energia potencial, utilizável na Terra, poderia o Sol oferecer ao nosso pequeno planeta? Se a Terra, inteira se achasse coberta por uma camada de gelo de cento e vinte e cinco metros de espessura e se esta camada pudesse ser derretida, o que aliás é irrealizável, os raios do Sol derretê-la-iam completamente em doze meses. Seriam necessários vinte e um bilhões de toneladas de carvão para igualar a energia solar que envolve a Terra em cada sessenta minutos. Só no deserto do Sara, a energia solar espalhada num só dia num só dia, notem bem corresponde a três vezes a energia produzida por todo o carvão utilizado no mundo durante um ano inteiro. Em cada dois dias, o Sol fornece-nos mais energia do que aquela que se poderia ir buscar a todo o carvão e outros combustíveis fósseis ainda por explorar sob a crosta terrestre. Um potencial fantástico», sim, mas como dominá-lo?

Stratman calou-se, dando tempo aos repórteres para assimilarem e registarem as suas palavras. Quando as cabeças começaram de novo a erguer-se, prosseguiu: Muitos homens haviam tentado já captar a energia do Sol; e, em pequena escala, alguns o conseguiram. Em 1864, um físico francês, o professor Augustin Mouchot, construiu uma caldeira de pressão que se destinava a ser aquecida pelos raios do Sol, em lugar de carvão.

Os raios do Sol eram conduzidos por uma chaminé truncada até à caldeira que produzia vapor empregado na irrigação. Em 1870, um sueco-americano, John Ericsson, que construía o Monitor, com o fim de destronar o Merrimac, inventou um jogo de espelhos solares; porém, a despesa não compensava a energia em cavalos-vapor, assim obtida, e Ericsson desistiu. Alguns homens persistentes, uns, simples sonhadores, outros, com mais senso prático, prosseguiram neste trabalho.

A lista é demasiado longa para ser enumerada: Eneas, em 1901, Shuman, em 1907, e, depois da primeira guerra mundial, o doutor C.

G. Abbot e mais uma centena de cientistas, com os seus espelhos parabólicos e os seus flat-plate collectors O problema capital continuava a ser o mesmo a intermitência do abastecimento. Quero dizer com isto que o sol apenas brilha durante o dia, e, mesmo assim, nem sempre. Como poderia então aproveitar-se uma fonte de energia tão incerta? É evidente que a solução estava em não se ficar directamente sujeito ao Sol de cada dia, mas sim em captar-lhe a luz e em convertê-la em energia, conservando-lhe trinta por cento da sua força, e armazená-la depois, para quando fosse preciso pô-la em acção.

Mas como armazenar a energia do Sol? Levaria muitas horas a

dês-212
crever todos os processos que têm sido tentados. Há quem haja empregado thermocouples, células fotoeléctricas, células químicas. Tudo dava resultado, mas em escala reduzidíssima. Aproveitavam-se apenas dez por cento de energia. Esta tarefa de pioneiro era dramática, tentadora, e eu não pude resistir-lhe. Entrei na liça. Tomei como ponto de partida o facto de as folhas verdes, as plantas, a flora, armazenarem os hidratos de carbono. Tentei averiguar se o mesmo processo da Natu- |

reza poderia ser copiado mecanicamente, em recipientes fechados.

Tive a sorte de o conseguir. Fui capaz de melhorar os processos já descobertos de captar e converter a energia solar, tanto pelos meios naturais como pelos processos inventados pelo homem. E, coisa mais difícil e mais importante consegui descobrir o processo de armazenar com êxito e com uma despesa mínima essa energia, para ser utilizada quando se tornasse necessária. Os meus colegas auxiliaram-me na aplicação da minha descoberta ao fabrico de combustível sólido destinado à propulsão dos foguetões.

Alguém ergueu a mão. Era o representante do Berhner Morgenpost.

Professor Stratman: tenciona continuar a trabalhar neste campo?
Sem dúvida. Até agora, tenho-me limitado a esgaravatar à superfície.

Que mais será possível ainda conseguir-se? inquiriu o jornalista do Jerusalem Post.

As possibilidades são infinitas. Pretendemos conseguir fazer trabalhar fábricas com energia solar, fornecer um aquecimento económico às casas por meios de adaptadores de energia solar colocados nos telhados. com a mesma energia, será possível irrigar os desertos e iluminar cidades inteiras. Porém, encontramos-nos apenas no princípio de tudo isso.

Neste momento, fez-se ouvir o repórter do Aftenpost, de Oslo.

E a Rússia Soviética também possui invento idêntico?

Stratman abanou a cabeça.

Recuso-me a responder. Mas acrescentou logo muito depressa: Claro que eles trabalham no campo da energia solar desde o ano de 1933. Sabe-se que construíram uma central de energia solar na república soviética de Uzbek. Presentemente, possuem o Instituto Soviético de Energia Solar. Estão bastante adiantados no assunto.

Quanto a possuírem os mesmos inventos que nós, isso não o posso dizer. Percorreu com os olhos toda a sala. Preferia não falar de política internacional. Acerca de ciência ou da minha pessoa, estou pronto a satisfazer toda a vossa curiosidade.

Herr Professor agora falava o jornalista do Expressen, de Estocolmo, o senhor fazia parte do Instituto Kaiser Wilhelm, durante a segunda guerra mundial, não é verdade?

Exactamente.

Porque não abandonou a Alemanha nessa altura?

213

Não me era possível. Sou judeu.

Todos os que aqui estamos conhecemos o doutor Fritz Lipmann, o bioquímico, que recebeu o Prêmio Nobel da Medicina, em 1953, e

que também era judeu. Fugiu para Copenhaga e, mais tarde, para Boston. Não quis trabalhar para Hitler. Todos aqui temos curiosidade de saber a razão por que tantos judeus, cientistas como o senhor, se deixaram ficar no seu país.

Stratman permaneceu imóvel. Sentia-se tentado a perguntar: «Muitos colegas seus, americanos, combateram Hitler. Porque não fizeram vocês o mesmo?» Mas isso seria uma loucura. O homem era jornalista e como tal queria matéria para encher papel. Por isso se tornava provocante.

Não conheço as circunstâncias da vida do doutor Lipmann nesse tempo. Mas sei quais eram as minhas respondeu devagar Stratman.

Aqueles que me eram queridos encontravam-se nos campos de concentração. Enquanto eu cooperasse, conservavam-lhes a vida.

Nada mais tenho a dizer sobre o assunto.

Uma voz fez-se ouvir num tom bastante forte, lá ao fundo. Era o representante da agência Tass.

Não é verdade, professor Stratman, que o senhor foi raptado pelos americanos e levado à força para os Estados Unidos?

Isso não é verdade retorquiou Stratman, com energia. O que é verdade é eu ter sido coagido a trabalhar para um estado totalitário e não desejar vir a ser de novo coagido a trabalhar para outro.

Foi voluntariamente que acompanhei os americanos, e não estou arrependido.

Perguntava a si próprio se o Pravda ou o Izvestia publicariam estas duas afirmações. Sentia o coração aos pulos. «Calma! Calma!», dizia consigo. Era preciso não esquecer as recomendações do Dr. Ilman.

Tinha de pensar em Emily. Fixou nela o pensamento e aguardou a próxima pergunta.

com um ar entre curioso e perturbado, o conde Bertil Jacobsson transpôs a porta da exígua sala de leitura e prestou atenção à terceira

conferência de imprensa que ali se realizava, a qual já ia a mais de meio.

Após ter permanecido dentro da sala durante oito minutos, o que preocupava Jacobsson era o seguinte: se um leigo ali estivesse no seu lugar e houvesse visto o que ele vira, por certo ficaria convencido de que apenas uma pessoa havia ganhado o Prêmio Nobel da Medicina e da Fisiologia, e não duas. E teria a impressão de que apenas um homem estava a ser entrevistado.

O grupo de jornalistas que se encontrava na sala, menos numeroso do que os das outras secções, visto que ambos os contemplados ha-

viam sido já sobejamente tornados célebres pela imprensa, aquando das suas extraordinárias descobertas, dirigia quase todas as perguntas ao Dr. Carlo Farelli, de Roma, enquanto o Dr. John Garrett, da Califórnia, permanecia sentado junto dele como uma estátua esquecida num museu.

Jacobsson perguntava a si próprio a razão disto, mas esta pergunta era puramente retórica. A presença do Dr. Farelli, inclinado para a frente no sofá, a dirigir-se à assistência num tom familiar, constituía uma resposta mais do que evidente. Tratava-se de um homem simpático”

e dinâmico. Forte, de altura mediana, com o rosto largo, o pescoço, os ombros e o peito largos também, os seus gestos eram exuberantes.

A sua força inspirava confiança. Lá muito no fundo das suas recordações académicas Jacobsson via ressurgir a imagem do vigésimo sétimo imperador de Roma, Maximino I (235-238 a. C.), um gigante de dois metros e meio de altura, meio gótico, meio alano, que usava a pulseira da mulher a servir de anel no dedo polegar e ingeria diariamente dezoito quilos de carne e quarenta e cinco litros de vinho.

A comparação era disparatada, absurda, mas, no entanto, foi isto que lhe veio à ideia.

Falando numa agradável voz de baixo, as frases do Dr. Farelli pareciam arremessadas sobre os ouvintes por uma catapulta. Os cabelos húmidos e anelados caíam-lhe para a testa e agitavam-se à medida que falava. Os olhos brilhavam, o nariz estremecia, os dentes brancos cintilavam, a maxila desafiava toda a dúvida que pudesse surgir acerca das palavras que proferia. Junto dele, tão despercebido como uma sombra, cada vez mais enterrado no sofá como se estivesse a ser engolido pelas areias movediças da incapacidade, encontrava-se o Dr.

John Garrett, com os cabelos castanhos, os óculos sem aros, numa atitude apagada, confundia-se com o tom neutro do sofá, de modo que o Dr. Farelli parecia estar sozinho.

Jacobsson tentava apreciar o fenómeno com justiça. Aquele domínio não era obra de Farelli. Os numerosos jornalistas é que se lhe dirigiam, ou melhor, o assediavam. Pressentiam sem dúvida que o italiano lhes proporcionaria matéria mais sensacional, e por isso concentravam nele todo o seu interesse.

Jacobsson tentava prever as possíveis consequências desta série de entrevistas. Dar-se-ia o Dr. Garrett conta de que estava a ser tão completamente ofuscado que era como se não estivesse presente?

Perceberia o que lhe estava a acontecer?

No sofá, confundido com o estofado, quase invisível, o Dr. John Garrett não fora apresentado a Farelli, a sua cólera superficial e o seu antagonismo haviam sido apagados e absorvidos pelo incontestável encanto do italiano. Despojado assim da sua justa indignação, pouco mais era do que um autómato.

No princípio da entrevista, Garrett fora interrogado com a mesma

insistência de que o seu colega era objecto, e respondera com simplicidade.

Mas, depois, as perguntas começaram a rarear e por fim cessaram mesmo por completo, como se os interlocutores, havendo feito a sua escolha, quisessem indicar claramente dessa forma qual era o preferido. Agora dirigiam-se a Farelli, e este dava a resposta a todas as perguntas. Caso estranho, Garrett apenas experimentava uma sensação de apatia, e não de revolta. Juntar-se a Farelli, participar na conversa, seria o mesmo que intrometer-se numa encantadora peça teatral de Pirandello. A pouco e pouco, Garrett sentiu-se tão hipnotizado pelas palavras e pela mímica do italiano que já nem sequer tinha a impressão de compartilhar com ele o lugar de premiado, naquele sofá; passara a ser, naquela conferência de imprensa, um estranho que se limitava a escutar juntamente com os jornalistas.

Continuava a prestar atenção, sempre irremediavelmente preso à ideia do seu complexo de inferioridade, como se a enorme contribuição que dera à obra realizada fosse apenas um acidente secundário e agora quisesse regressar à sua insignificância por meio de um silêncio humilde.

Pergunta-se então que espécie de órgão é esse, afinal, o coração, para que se torne tão difícil substituí-lo? dizia Farelli Trata-se de uma simples bomba, um músculo côncavo e oco, pouco maior que uma bola de ténis, com cerca de trezentos gramas de peso.

Bate setenta vezes por minuto, continuamente. Ao ver o seu desenho, achamos que o coração é fácilimo de copiar, não é verdade? No entanto, que ninguém se iluda com essa simplicidade. Durante sessenta, setenta ou oitenta anos aquela bomba não pára. Onde poderemos nós encontrar uma máquina que trabalhe sem interrupção durante todo este tempo? Tanto eu como o doutor Garrett caímos no erro de tentar construir uma máquina fabricada pelo homem, capaz de substituir, mesmo com vantagem, o coração humano. Existiam vários modelos, é claro há muitas décadas, os cientistas têm vindo a construir corações artificiais que trabalhavam

fora do corpo. Todos estamos lembrados de que, no ano de 1935, o doutor Alexis Carrel e o coronel Charles Lindberg mantiveram vivo um órgão animal com o auxílio de um coração artificial fabricado com uma bomba e um tubo enrolado. Sabemos também que o doutor John H. Gibbon, do Jefferson Medical College, em Filadélfia, foi dos primeiros, ou talvez o primeiro, a empregar o aparelho coração-pulmão artificial, conservando o doente vivo durante os quarenta e cinco minutos que durou uma operação cirúrgica. Estamos também lembrados de que o doutor Leland Clark, de Yellow Springs, no Ohio, conseguiu manter vivo um bombeiro pelo espaço de setenta e cinco minutos, enquanto lhe faziam uma intervenção ao tórax, usando o mesmo aparelho. Em todo o mundo já apareceram uns trinta ou quarenta corações artificiais deste género. Existem ainda outros aparelhos car-216

díacos, tais como o moderno pacemaker electrónico. Víamos o valor destes esforços, os progressos realizados, mas, contudo, quando se pretendia atingir a perfeição sentíamo-nos desesperados, pois todos estes aparelhos não passavam de remedeios extracorporais, nos quais se não podia ter confiança enquanto se não descobrisse o movimento contínuo. Eu e o doutor Garrett acabámos por concluir que o único coração prático, capaz de assegurar a longevidade, ou até duplicá-la, só poderia ser um coração vivo de mamífero, à imagem e semelhança do do homem. Isto seria uma tarefa para o doutor Frankenstein, mas onde, meus amigos, se encontraria na profissão médica uma Mary Shelley?

Farelli abriu as mãos, de palmas para cima, num gesto de impotência, e os assistentes, quase em unísono, suspiraram, partilhando o interesse do problema, tal como os espectadores de um teatro suspiram perante o dilema que aflige o herói. Farelli dirigiu um olhar amigável a Garrett, que permanecia sentado e imóvel, qual menino ajuizado aguardando que o pai volte a página.

Farelli açambarcou de novo a atenção dos ouvintes: O objectivo era claro, mas os obstáculos difíceis de transpor.

Que nos impediria de transplantar corações de mamíferos inferiores para os corpos humanos? As primeiras tentativas realizaram-se em cães, na Inglaterra e na América, e esses animais viveram três semanas.

Porque não fazer o mesmo em homens e mulheres? Os obstáculos eram os seguintes: encontrar um coração de animal com a mesma conformação do humano, descobrir a maneira de conservar vivo esse órgão, criar uma técnica operatória adequada, evitar os prejuízos causados ao coração enxertado, *etc.* Tudo isto eram obstáculos, mas não os maiores. Esses, deixei-os eu para o fim. Estava em causa conseguir-se evitar que o processo de rejeição das

células do organismo atacasse e destruísse o órgão que vinha enxertar-se no paciente.

Aqueles dentre nós que sonhávamos com a eternidade do corpo humano passávamos longas horas, de noite, imaginando processos de vencer esses obstáculos. No Instituto Superior de Sanita, de Roma, realizei as minhas pesquisas e experiências. O meu ilustre colega, o doutor Garrett, trabalhou no Centro Médico Rosenthal, de Pasadena. Ambos encontrámos dificuldades e, através de todos estes anos, fomos conseguindo vencê-las, uma a uma. Como irrigar o cérebro durante a intervenção? Empregámos um coração de plástico, uma bomba de oxigénio, um aparelho de circulação extracorporeal.

Quanto à coagulação, servimo-nos de anticoagulantes. E pelo que respeita ao órgão a substituir? Escolhemos o de um mamífero que tivesse mais ou menos o peso do paciente. Conservação e substituição que processo se devia empregar? Primeiro, o esvaziamento do sangue do coração e a congelação, agora já a ser utilizado durante muitas horas. No entanto, já se está também a trabalhar na desco-

217

berta de um medicamento que faz parar o metabolismo. Para suturar os vasos sanguíneos empregavam-se materiais como o teflon ou o dacron, ou até, por vezes, vasos humanos tirados de cadáveres. Que técnica utilizámos nas suturas? Empregámos um instrumento que se assemelha a uma máquina de coser, o qual foi primeiramente usado pelos russos, no Instituto Sklifosovskii. Quanto ao processo de rejeição, aí a batalha tornou-se mais difícil de vencer. Empregámos radiações em doses maciças, vários preparados radioactivos, esteróides, e todos acabámos por pôr tudo isso de parte. Prossequimos nas investigações e, por fim, encontrámos um soro o doutor Garrett, em Pasadena, e eu, em Roma, o qual conseguiu neutralizar os inimigos dos enxertos cardíacos. Encontrámos aquilo a que o meu colega chamou com tanta propriedade a Substância S

Anti-Reactiva. Calou-se durante um momento. Quanto ao vosso ponto de vista, tenho estado a ser demasiado palavroso, mas, pelo que respeita ao meu, falta ainda muito que dizer. Contudo, o que vos disse foi a resposta àquilo que me perguntaram, isto é, a razão da nossa vinda aqui, a Estocolmo.

Farelli recostou-se no sofá e ficou-se a observar complacentemente os jornalistas que reliam o que ele lhes havia dito.

Garrett, mudo e confundido com a verbosidade do seu colega, viu-o tirar um rebuçado do bolso e metê-lo na boca. Os repórteres escreviam.

Que estariam eles a escrever? «Farelli disse... Farelli disse...

Farelli disse... o célebre Farelli, o incrível Farelli, o genial Farelli...»

Na fila do centro ergueu-se uma mão feminina, com a pulseira a tilintar.

Garrett endireitou-se, como quem acorda de um sono profundo, e respondeu frouxamente: Diga?

Doutor Farelli replicou a voz masculina da senhora. E a pergunta que se seguiu enterrou Garrett mais profundamente ainda no canto do sofá.

Doutor Farelli, sou repórter do Stockholms-Tidningen disse ela. Gostaria de lhe ouvir descrever o seu primeiro êxito.

Já deve ter lido essa história respondeu Farelli com um gesto de modéstia. Deram ao caso um aspecto demasiado romântico.

Sim, mas gostava de ouvi-lo contado por si, ainda que resumidamente.

Muito bem. Estava eu no Instituto, certa tarde, preparando-me para enxertar o coração de uma vitela num cão são-bernardo, para fazer uma demonstração a que assistiriam alguns cientistas que iam de viagem para Milão, onde se realizava um congresso médico. A meio dos preparativos, fui informado de um caso bastante grave e urgente.

Tratava-se de um doente de setenta anos, uma grande figura internacional, um inglês expatriado, autor teatral, que estivera relacionado 218

com James Mac Neil Whistler, Oscar Wilde e Lily Langtry, que vivia em Ravena havia alguns anos. Viera a Roma em viagem de negócios e tivera um ataque de trombose coronária, ali, perto do Instituto.

Fui vê-lo imediatamente, mas o caso oferecia poucas esperanças.

A mulher dele, uma dama italiana pertencente a uma família de titulares, que eu conhecera em sociedade e que sabia das minhas experiências, pediu-me que tentasse substituir o coração do moribundo pelo do animal que eu tinha preparado para a demonstração.

No momento exacto em que ela assinava uma declaração no sentido de que consentia na intervenção e que se terminavam os preparativos na sala de operações, o sujeito expirou. Eu não dispunha de mais do que cinco minutos para lhe abrir o tórax e começar a fazer a massagem cardíaca, enquanto o anestesista se encarregava da respiração artificial. Quando vira chegar o doente, já moribundo, sentira-me receoso. Porém, agora, que ele já estava morto, todas as minhas hesitações se desvaneciam. Trabalhei como um louco. A massagem feita imediatamente pôs o coração a funcionar, bem como o mecanismo da respiração, de modo que o cérebro nada sofreu. A seguir, utilizei o aparelho de circulação extracorporal. Ao cabo de noventa minutos, conseguira enxertar-lhe o coração da vitela dentro do peito. Liguei então o sistema circulatório ao novo coração e principiei a aplicar-lhe o soro anti-reactivo. Passados três meses, o homem andava a pé e, pouco antes de me pôr a caminho para a vossa bela cidade, recebi, por avião, um exemplar manuscrito da sua última peça de teatro, de resto a melhor de todas as que tem escrito até hoje.

A senhora do Stockholms-Tidnngen bateu palmas, no que foi imitada por alguns repórteres.

Farelli baixou modestamente os olhos e depois ergueu-os de novo.

Foi este o meu primeiro caso. De então para cá, realizei mais vinte enxertos de corações, em doentes de categoria, e orgulho-me de poder dizer que nem um só foi mal sucedido. E aqui têm em que consistiu o meu trabalho. Agora por certo que hão-de querer ouvir o meu colega falar acerca dos seus casos. - Estendia a mão para o companheiro, sentado a seu lado, no sofá. Faz favor, doutor Garrett...

Aquele súbito convite para partilhar as honras e a curiosidade dos jornalistas apanhou Garrett completamente desprevenido. Sentira-se estonteado com as histórias de Farelli e parecia-lhe estar diminuído e ofuscado depois dos aplausos que ouvira. Naquele momento, seguir as pegadas de Farelli tornava-se tão impossível como terminar uma história começada por Scheherazade.

Eu não sei... não sei se... reparou que estava a dirigir-se a Farelli, o que era uma asneira. Olhou para os repórteres e pareceu-lhe vislumbrar impaciência, e até hostilidade, nas suas expressões. Desesperadamente, procurou achar o fio de uma narrativa coerente.

219

Estava eu um dia no hospital de Pasadena, na Califórnia, e preparava-me para enxertar o coração de uma vitela num cão. Isto passava-se à noite, no fim do jantar, quando o tal motorista de camião...

tinha setenta e sete anos... Henry M., segundo lhe chamei depois do meu comunicado... fiz-lhe um enxerto do coração e ele continua vivo.

Existiam... existem ainda certos obstáculos...

Garrett deu-se conta de que um dos repórteres não o escutava e, quase de costas voltadas, conversava com outro colega. Ouviu ruídos de papel amarfanhado. Tosses repetidas. Uma cadeira

arrastou no chão. Garrett percebia que o que eles queriam era uma história da Scheherazade. A falta de atenção desnorteava-o. Sentia-se totalmente vencido.

De qualquer forma, foi uma experiência agradável, sinto-me muito satisfeito com o Prêmio... muito satisfeito.

A agulha do disco partira-se e Garrett sentia-se morto por o parar.

E parou mesmo.

Foi este o meu primeiro caso concluiu desastrosamente.

O criado entrou com a bandeja das bebidas e também com os cigarros.

Farelli aceitou um copo de sherry e Garrett, absorto, serviu-se da mesma coisa, embora detestasse tal bebida. O criado circulava entre os jornalistas. Farelli sorvia o sherry e Garrett imitava-o. E ia pensando: teria Farelli retardado voluntariamente a sua intervenção, ter-lhe-ia depois oferecido a oportunidade de apresentar o seu caso por uma questão de verdadeiro respeito por ele? Ou ter-se-ia apercebido de que estivera a representar sozinho e sentira remorsos da sua atitude?

Ou o facto de lhe conceder por fim a palavra, como se faz a um inferior, fora mais uma vez nova maneira de afirmar a sua superioridade?

A análise dos motivos que poderiam ter levado Farelli a agir assim levou Garrett a sair do seu transe hipnótico. E então deu-se conta de que o usurpador estava sentado a seu lado; o usurpador, o rival, o inimigo, um Maquiavel da Medicina que teria de ser combatido, palavra por palavra, até à morte. Momentos antes fora-lhe dada uma oportunidade, e ele utilizara-a mal, em parte devido à surpresa, em parte pela posição de inferioridade que impusera a si próprio. Mas tal não voltaria a suceder. Farelli era um fala-barato, um gatuno, um charlatão. Ele, Garrett, fora o primeiro a descobrir o processo em questão, o primeiro a ser aceito e reconhecido, e agora,

por culpa da sua modéstia e da sua boa educação, permitira que o italiano tomasse a dianteira, servindo-se de artimanhas desleais. Tinha de fazer melhor uso da sua inteligência, de se impor como elemento legitimamente presente daquela conferência de imprensa, tinha de saber ocupar o seu lugar. Engoliu o detestável sherry, mudou-se para a ponta do sofá, como um corredor de estafetas à espera de entrar em acção, e assumiu uma atitude de quem aguarda novas perguntas.

220

Ao fundo, ergueu-se a mão do representante do *Il Messaggero*, de Roma.

Doutor Farelli: o senhor trabalhou alguma vez em conjunto com o doutor Garrett e, nesse caso, em que condições?

A isso desejo eu responder gritou Garrett. Mas logo, horrorizado com o tom agudo da voz e com a rapidez com que as atenções se haviam voltado para ele em toda a sala, baixou a voz para um simples murmúrio e disse: Nunca trabalhámos juntos.

Farelli esperou até ver que Garrett nada mais desejava acrescentar e só então fez o seu comentário, dirigindo-se aos repórteres: Eu e o doutor Garrett não nos conhecíamos pessoalmente. Até há poucos momentos. Nunca trocámos correspondência. Nada sabíamos dos pormenores ou do progresso dos nossos respectivos trabalhos, com excepção, é claro, daquilo que íamos lendo nas revistas científicas.

Isso não é estranho? inquiriu o homem do *Il Messaggero*.

De maneira nenhuma, de maneira nenhuma! exclamou o Dr. Farelli. Na ciência têm-se verificado muitos casos como este, de investigações paralelas. Dar-vos-ei dois exemplos: há alguns anos, em Rochester, no Minesota, um bioquímico, o doutor Edward Kendall, estudava as secreções das glândulas supra-renais. Ao mesmo tempo, em Basileia, na Suíça, outro bioquímico, o doutor Tadeu Reichstein, investigava em sentido idêntico. No ano de 1936,

ambos eles, sem saberem um do outro, descobriram uma nova hormona, precisamente a mesma, que mais tarde levou à descoberta das injeções de cortisona para a artrite. Em 1950, estes dois sábios, juntamente com um terceiro, o doutor Philip Hench, partilhavam o Prêmio Nobel da Medicina em três quinhões, «por descobertas relacionadas com o córtex ad-renal». Também em 1956, o doutor Nikolai Semenov, da Rússia Soviética, e Sir Cyril Hinshelwood, da Grã-Bretanha, ganharam em conjunto o Prêmio da Química pelos seus trabalhos acerca do mecanismo das reacções químicas, embora ambos tivessem levado a cabo as suas experiências separadamente e muito longe um do outro, seguindo, no entanto, caminhos idênticos. Parou um momento.

Já vêem que estas coisas acontecem às vezes. O doutor Garrett e eu não somos excepções.

Meus senhores, todos nos interessamos pelo futuro disse o representante da Associated Press. Que virá a significar para nós e para os nossos filhos a vossa transplantação do coração humano?

Garrett não estava bem certo se Farelli declinara nele mais uma vez a resposta e se se mantinha delicadamente à parte, ou se teria sido ele quem se apressara a responder primeiro. Em qualquer dos casos, não concedeu a si próprio tempo para considerar a questão antes de dar a resposta. O seu único objectivo agora era açambarcar as atenções.

221

É difícil responder a essa pergunta começou Garrett, porque implica uma previsão do futuro. Diria agora uma graça.

Talvez isso o colocasse ao mesmo nível do italiano. No fim de contas, Nostradamus nunca recebeu o Prêmio Nobel.

Esperava uma risada geral a saudar a sua frase, mas enganou-se.

Sentiu-se humilhado e inferiorizado e tentou recompor-se. É muito cedo para prever o que nos trará o futuro. Presentemente, a transplantação só pode realizar-se em determinados tipos

sanguíneos. Nós ambos tentámos o hetero-enxerto trinta e oito vezes, e sempre com êxito. No entanto, em questões de ciência, trinta e oito é um número reduzido. Neste momento, encontramos-nos demasiado preocupados com o presente para podermos pensar no futuro.

Gostou da forma desta última frase e observou à socapa a assistência para ver se teria sido registada. Não fora. Os lápis dos jornalistas permaneciam imóveis. Desanimado, calou-se e não ficou surpreendido ao ouvir o italiano falar de novo.

Gostaria de alongar um pouco mais as observações do meu colega americano, se ele mo permitir dizia o Dr. Farelli. O Doutor Garrett é um cientista, assim como eu, e, como tal, reticente. Tudo quanto ele disse está certo, claro. Por ora, não passamos de simples pioneiros. Mas parece-me que posso acrescentar o seguinte: ambos temos a mesma maneira de encarar o futuro. Trabalhamos com a mesma finalidade, e esse fim, se Deus nos ajudar, será o primeiro passo para a imortalidade do homem. Um sonho? Si, si, mas, agora, mais do que isso, uma possibilidade científica. À medida que a nossa tarefa se vai aperfeiçoando e alargando, a longevidade humana duplica-se, triplica-se, e quem sabe até se um dia, o homem recheado de órgãos artificiais, não conseguirá viver eternamente?

Farelli calou-se, enquanto os lápis se moviam sem descanso e Garrett se sentia derrotado. Não apenas derrotado pessoalmente, quanto à segura e insípidez da sua resposta, visto que a do italiano fora uma espécie de história maravilhosa que daria excelentes artigos para os jornais, mas derrotado também ao reconhecer a intuição do seu colega ao dizer aos leigos precisamente aquilo que convinha. A tática de Farelli, dizia Garrett consigo, não era digna de um médico. Não seria indecente estar assim a fornecer-lhes um falso alimento à curiosidade, sob a forma de afirmações que não tinham fundamento? Que pensaria de tudo isto o Dr. Keller e todo o grupo dos seus companheiros de psicoterapia? Talvez o psicanalista não

fosse da mesma opinião que ele e afirmasse que os grandes cientistas devem alimentar grandes sonhos, e, para os compensar dos momentos de letargia passados no laboratório, devem orientar-se para objectivos ousados que os conduzam muito além do escalpelo da sala de operações. Preparava-se para discutir mentalmente com o psiquiatra, quando foi interrompido de novo pelo baixo profundo de Farelli.

222

Se não conseguirmos estar de acordo com o nosso modo de viver nem com a sociedade que nos rodeia prosseguia Farelli não podemos também ter a pretensão de estar de acordo com nós próprios, nem sequer com o homem. Não se trata de cinismo nem de irreverência Deus me perdoe se assim for quando consideramos o homem como um mamífero imperfeito. Na era da máquina e comparado com a máquina, o homem aparece-nos planeado e construído de uma maneira pouco eficiente. Imaginem uma pesada máquina que assentasse unicamente em dois pés com pouca estabilidade. Tentem conceber essa máquina dotada de visão, mas dispondo apenas de dois olhos, colocados do mesmo lado da cabeça, em lugar de três, quatro ou cinco, dispostos em toda a volta, e equipada também de peças inúteis, como sejam certas partes do cérebro, um apêndice, dedos desnecessários nos pés. Pior do que tudo isso, uma máquina que o fabricante não garante pelo que respeita às partes móveis e que vende caríssima, sem compromisso de substituir as peças avariadas. Nós queremos aperfeiçoar essa máquina. O homem é um ser maravilhoso.

No entanto, torna-se necessário fazê-lo durar mais. Consomem-se muitos anos, muito amor, muito dinheiro com cada homem, para no fim ele sair muitas vezes degenerado, num ou noutro sentido, e vir a estragar-se tão facilmente. Schopenhauer disse um dia: «É evidente que o nosso andar nada mais é do que uma maneira de evitar a queda, tal como a vida do nosso corpo consiste apenas numa fuga,

ou melhor, num adiamento da morte.» Isto está simultaneamente certo e errado.

E nós, os que trabalhamos na Física e na Medicina, tentamos provar o contrário. O nosso objectivo, e nunca poderemos ter outro, é tornar o homem imortal!

Mais uma vez os aplausos encheram a sala, e até o próprio Garrett se sentiu impressionado, não obstante o ressentimento que o dominava.

Quando cessaram as palmas e os lápis começaram de novo a escrever, Garrett desesperou-se consigo mesmo pela falta de imaginação de que dera provas. Por que diabo não falara ele também naquele tom? Porque se limitaria sempre a uma visão tão mesquinha das coisas? Porque não era também poeta, além de cientista? No entanto, a resposta a esta última pergunta reconciliou-o um pouco consigo próprio, pois recordou-se de que o interesse de um cientista devia ser apenas a ciência, e era nisso precisamente que residia a sua força e se revelava a fraqueza do seu rival.

Agora quem fazia perguntas era um jornalista do Svenska Dagbladet.

Pode dizer-me se os outros investigadores da Medicina professam os mesmos ideais que o senhor? Há mais alguém a trabalhar nas transplantações do coração?

Aproveitando imediatamente a oportunidade, Garrett respondeu logo:

223

Há muito quem tenha aprendido a nossa técnica. Prosseguem os trabalhos em seis países, além dos Estados Unidos e da Itália.

Na realidade acrescentou Farelli, um dos lugares onde as investigações continuam com mais intensidade é exactamente aqui, nesta vossa cidade de Estocolmo.

Espalhou-se pela sala um murmúrio de interesse, sobretudo da parte dos membros da imprensa sueca, até que alguém inquiriu:

Pode ser mais explícito?

Tenho muito prazer em prestar homenagem a quem a merece retorquiou Farelli. Entre os primeiros investigadores que se dedicaram aos enxertos cardíacos a seguir às nossas descobertas conta-se o doutor Erik Ohman, membro do vosso magnífico Instituto Médico-Cirúrgico Caroline. Já executou três transplantações e tenciona continuar.

Garrett deu um salto no sofá, bufando de raiva. Sentia-se amesquinhado, como alguém que tivesse sido prejudicado por um sócio pouco escrupuloso nos negócios. O Dr. Ohman pertencia-lhe, podia mesmo considerá-lo seu discípulo, e lá vinha Farelli apoderar-se dele como coisa sua. Tratava-se de uma injustiça, de um roubo descarado, de uma maneira mais do que evidente de bajular os Suecos, de conquistar as boas graças do público, fazendo-os sentir orgulho por terem um compatriota célebre na cirurgia. Garrett não discutia o facto em si, só estava furioso por não ter sido ele a falar de molde a lisonjear os Suecos, por não haver ligado o seu nome ao do Dr. Ohman, como até este teria preferido. Porque não o fizera? Porque não lhe surgira essa ideia?

Tem relações com o doutor Ohman, doutor Farelli? inquiriu a representante do Svenska Dagbladet.

Não tenho relações pessoais, lamento dizê-lo. Mas já li muita coisa acerca dele em jornais de medicina e sinto prazer em verificar que um médico sueco dá continuidade aos nossos trabalhos.

Garrett não conseguiu dominar-se por mais tempo e exclamou: Eu conheço-o.

E já trabalharam em colaboração? quis saber a representante do Svenska Dagbladet.

Trabalhar, propriamente, não... mas...

Já se encontraram alguma vez?

Ainda não, mas...

Então quais são as suas relações com ele? inquiriu ela com segura.

Correspondemo-nos respondeu Garrett frouxamente. Eu. . eu tenho-o ajudado nalgumas coisas. Pareceu-lhe que isto poderia ser tomado como uma certa jactância da sua parte e por isso apressou-se a acrescentar: Tenho-o posto ao par de todas as minhas descobertas, para ele acrescentar às suas, que eram de grande interesse.

224

Refiro-me às dele. Admiro-o muito. Tenciono encontrar-me com ele ainda esta semana.

Hum... Doutor Garrett... Era o repórter do Expressen que falava agora.

Diga, faz favor! Garrett sentia-se satisfeito por ser interrogado diante de Farelli.

Estou certo de que deve estar ao par de todas as investigações realizadas no campo da medicina, nestes últimos tempos, e até no passado.

Pode indicar-me alguns nomes que lhe pareça haverem sido esquecidos pelo nosso Comité do Prêmio Nobel, alguns médicos que julgue terem merecido o Prêmio e ficassem no esquecimento?

Garrett recordava-se de muitos nomes, porém a sua timidez natural não lhe consentia mencioná-los. A Fundação Nobel fora generosa com ele. Não queria indispor os membros do júri.

Não afirmou passado um bocado. Não me recordo de um só nome que o Comité do Prêmio Nobel possa ter esquecido. Sempre concordei plenamente com as suas decisões. Desde 1901, acho que sempre têm premiado quem o merece.

Descontraiu-se, satisfeito consigo. Alcançara aquilo que Farelli havia tentado, isto é, fazer que os Suecos sentissem orgulho no critério que presidia à escolha dos prêmios. E conseguira-o melhor do que o rival.

Doutor Farelli interrogava agora de novo o repórter do Expressen , concorda com o seu colega?

O italiano sorriu para Garrett e, com o mesmo sorriso, virou-se depois para os jornalistas.

Eu e o doutor Garrett estamos de acordo em muitos capítulos, mas receio que desta vez os nossos pontos de vista não coincidam.

Deseja saber se o vosso Comité do Prêmio Nobel não terá deixado no esquecimento algum grande médico que tenha merecido ser galardoado nos anos anteriores? Eu acho que assim aconteceu e que foram cometidas duas graves omissões. Num dos casos, trata-se de um americano. Parece-me que o doutor Harvey Gushing, de Boston, merecia o Prêmio Nobel pela técnica que introduziu na cirurgia do cérebro.

O Instituto Caroline teve trinta e oito ocasiões de o premiar, e nunca o fez. A outra omissão considero-a ainda mais grave. Refiro-me ao doutor Sigmund Freud, autor da psicanálise. Não compreendo a sua exclusão do Prêmio Nobel entre os anos 1901 e 1939. Não percebo porque o não distinguiram. Por ter praticado em certa época o hipnotismo? Porque a sociedade médica da Áustria o perseguia? Pelo facto de a psicanálise não se poder considerar uma ciência exacta?

Tudo isto são ninharias. Nem por isso ele deixa de continuar a ser o colosso deste século. As suas descobertas no campo da psicologia e das perturbações mentais enriqueceram altamente a Medicina. São apenas estes os reparos que tenho a fazer ao Instituto Caroline, cujas

225

brilhantes decisões muito aprecio em todos os outros casos, e sinto-me muito honrado em pertencer à sua lista de premiados.

Garrett escutara tudo isto com uma tremenda sensação de vergonha pela sua falta de honestidade e coragem de dizer o que pensava.

Observava com inveja os lápis a correrem sobre o papel. Lançou os olhos para o perfil de Farelli e odiou mais do que nunca aquela correcção latina. Odiou-o pela sua própria fraqueza e pelo à-vontade

incontestável de que o outro dava provas. Odiou-o pelo facto de, sendo italiano, ter ido exaltar as qualidades de um americano, o Dr. Gushing, pondo assim em foco a falta de patriotismo de Garrett.

Odiava também Farelli, um ser expansivo, por lhe haver roubado Freud, que devia ser propriedade de um introvertido como ele, uma propriedade que ele adquiria, por assim dizer, todas as vezes que pagava os dez dólares que lhe levava o Dr. Keller por cada sessão de psicoterapia em grupo.

Odiava Farelli, é certo, mas isso parecia-lhe tão inútil como odiar uma força de Natureza.

Garrett cerrou os olhos e recostou-se no sofá. O seu pensamento não trabalhava para alcançar justiça, lutava antes pela sobrevivência.

De duas, uma: ou seria capaz de esmagar o italiano, ou ele próprio teria de ser excluído da existência, tal como o sentira já naquela tarde.

A necessidade de agir tornava-se cada vez mais imperiosa. Apenas a atitude a seguir não se apresentava ainda bastante clara. Entretanto, ali estava ele, o inventor do enxerto de um coração animal, o laureado com o Prêmio Nobel, um génio aclamado, posto em paralelo com uma espécie de Cagliostro enfatuado. Mas o valor havia de levar a melhor. As vantagens acabariam por ser suas.

Abriu finalmente os olhos, agora brilhantes de confiança. Viu o perfil de Farelli, imaginou a sua inevitável derrota e sentiu pena dele...

Em todas as conferências de imprensa a que o conde Bertil Jacobsson assistira até então e haviam sido numerosas apreciara sempre de um modo especial as dos premiados na Literatura. Os outros, astros da Física, da Química, médicos, embora possuíssem mérito, embora demonstrassem entusiasmo e elevação nos fins, a sua linguagem pouco tinha de comum com a dos homens vulgares. Podíamos admirá-los, mas não nos sentíamos identificados com eles. Quem poderia identificar-se com um neutrão, ou com o princípio da

exclusão, ou com a solução dos colóides ou enzimas, ou com o mecanismo da aorta, ou o ciclo do ácido cítrico? A Literatura, porém, era outra coisa.

Quase toda a gente sabe ler e, mesmo quem o não sabe, pode apreciar o conteúdo de um livro, de uma peça de teatro, de um filme, a mensagem da rádio ou da televisão. Além disso, identificamo-nos com os autores, mesmo sem sermos capazes de escrever livros, pois podemos 226

escrever o nosso diálogo, cartas, telegramas ou bilhetes, ou, mesmo que não escrevamos nada, é-nos fácil contar mentiras à mulher, ou histórias aos filhos, para estes adormecerem. Ou, quando se é o conde Bertil Jacobsson, então até se podem escrever umas Notas com um valor inapreciável.

Eram estes os pensamentos que ocupavam Jacobsson, que lhe estimulavam a curiosidade, enquanto se dirigia da sala de conferência dos médicos para o salão particular, mais vasto, no qual se estava a desenrolar a conferência de imprensa sobre Literatura. E ia dizendo consigo próprio ainda outra coisa: as conferências, neste ramo, ofereciam também um atractivo suplementar, visto os escritores estarem já habituados a encontrarem-se em foco, ao passo que os cientistas poucas vezes haviam sido alvo de atenções, a não ser nos seus círculos académicos. Por isso, os escritores saíam-se geralmente melhor destas funções públicas. Além disso, com excepção daquela minoria literária dos eruditos, dos diletantes, que, de resto, poucas vezes vinham a Estocolmo, a maioria dos escritores eram pessoas compreensivas, sem complexos, gostando de conversar, sem receio da controvérsia. Os cientistas, na sua maioria, eram precisamente ao contrário. Procediam como se fossem profetas e gelavam os representantes da imprensa com as suas reticências. Nem sempre assim acontecia, claro. Por vezes, o escritor procedia como se a sua obra fosse o Sermão da Montanha, e o cientista é que

se mostrava pronto a discutir. Porém, quase sempre se podia apostar que era o escritor quem fornecia mais assunto à imprensa.

Quando abriu a porta do salão, Jacobsson ia pensando a qual destas duas espécies pertencia o novo laureado da Literatura, Andrew Craig.

Na manhã da chegada, mal o vira. A cunhada, essa, parecera-lhe interessante, embora lhe lembrasse de certo modo a figura rabugenta de Catarina de Pádua, de Shakespeare. Quanto a Craig, Jacobsson não estivera em companhia dele o tempo suficiente para formar uma opinião. Mais tarde, depois de haverem deixado o Grande Hotel, Krantz não tardara a mostrar uma ligeira antipatia em relação a ele.

Interpretara os silêncios de Craig como um sintoma de snobismo. Mas a verdade é que, de um modo geral, Krantz antipatizava com os americanos.

Por outro lado, Ingrid Pahl, que almoçara com o romancista, manifestara um entusiasmo sem reservas. Os entusiasmos de Ingrid pelos seus colegas nem sempre se justificavam e deviam-se à lealdade de uma vocação comum. Mas, desta vez, Jacobsson queria crer que a apreciação dela fora mais justificada.

Jacobsson entrou no salão num momento de intervalo. A conferência de imprensa de Craig durava já havia uma hora e dez minutos, e, naquele momento, os jornalistas serviam-se de bebidas antes da fase final. Ao contrário das outras salas, verificava-se ali uma confusão de cadeiras e os seus ocupantes estavam dispostos de maneira irregu-227

lar. O grupo, maior ainda do que aquele que entrevistava o professor Stratman, era o menos cerimonioso de todos os que se encontravam agora reunidos no Clube da Imprensa Sueca.

Na extremidade do salão, perto da larga janela, achava-se Craig, sentado num sofá forrado de tecido bege. com o copo de whisky gelado numa das mãos e o cachimbo na outra, as longas e magras pernas cruzadas, lembrava uma garça azul de raça americana. O seu

rosto alongado, sob o cabelo negro e revolto, fez que Jacobsson o achasse mais cadavérico do que nessa manhã; as rugas faciais, entre os malaras e a maxila, pareciam mais visíveis do que então. «Está cansado», pensou Jacobsson, «mas parece bastante à vontade; não irá sair-se mal do resto da prova.»

À volta de Craig, em semicírculos assimétricos, encontravam-se os representantes da imprensa, sentados em cadeiras articuladas, a fumar e a beber, conversando uns com os outros. Jacobsson calculava que a meticulosa Mrs. Steen deveria ter arrumado as cadeiras em filas regulares, e que, durante o entusiasmo da entrevista, os seus ocupantes haviam alterado o alinhamento, para melhor escutarem e observarem.

Poucas cadeiras se encontravam vazias, e Jacobsson escolheu uma, perto da saída, onde a sua presença se tornasse menos notada. Sentou-se silenciosamente junto de uma rapariga que fumava sem interrupção, trazia um chapéu à Robin Hood e estava sempre a piscar os olhos. Esperou que a conferência prosseguisse.

Desculpe, mas o senhor não é o conde Bertil Jacobsson?

Quem perguntava isto era a rapariga, e Jacobsson rodou na cadeira para lhe ver a cara. Tinha na sua frente um rosto sem a mínima expressão de humor, com um ar de severidade acentuado pelos dois bandós castanhos que encobriam em parte a testa e pelos dois riscos finos de baton que substituíam uns lábios inexistentes.

Sim, sou o conde Bertil Jacobsson respondeu.

A rapariga mudou o bloco de folhas soltas para a mão esquerda e estendeu-lhe a direita.

Chamo-me Sue Wiley e estou aqui em representação da Consolidated Newspapers, de Nova Iorque. Houve alguém que me disse quem o senhor era, quando descí do avião, juntamente com os Garrett.

Jacobsson inclinou cerimoniosamente a cabeça.

Muito prazer em conhecê-la. Temos as suas credenciais na Fundação.

Eu não vim aqui apenas por causa da notícia do Prêmio, conde Jacobsson. Trago um plano formidável. E o seu rosto animava-se de entusiasmo. Vou escrever catorze catorze! artigos sobre o Prêmio Nobel, no passado e no presente. Sairão em cinquenta e três jornais. Não é colossal?

Agrada-me imenso essa notícia declarou Jacobsson. Tentou 228 recordar-se do que tratava a Consolidated Newspapers, fazê-lo sair do ficheiro da sua memória. De repente, lembrou-se. A Consolidated Newspapers era um sindicato de notícias que actuava na América e na Grã-Bretanha, que usava e abusava dos pontos de exclamação, desencantava histórias íntimas e provocava sensações fortes. Publicara certa vez uma narrativa que, infelizmente, fora transcrita também na imprensa sueca, insinuando que o Dr. Albert Schweitzer, do Lambaréné, era um sujeito vaidoso e arrogante, que no fundo não se interessava nada pelos homens individualmente, como seres humanos, e que o seu hospital em África era uma porcaria. Jacobsson sentira-se revoltado com aquela estranha afirmação. Guardava uma lembrança muito favorável de Schweitzer, com quem jantara em Estocolmo, no ano de 1924, quando aquele homem universal ali viera dar concertos de órgão e fazer conferências, a fim de angariar fundos para o seu hospital. Causara-lhe uma impressão semelhante à que sentia geralmente diante dos padres: um certo acanhamento perante alguém que está relacionado com os segredos metafísicos inacessíveis ao seu entendimento, alguém que se oculta sob uma figura igual à nossa, mas que está em contacto com Deus. Jacobsson tentava agora recordar-se de quem caluniara aquele génio, aquele São Francisco que tanto fazia pela vida do próximo, mas lembrava-se apenas de que o artigo saíra patrocinado pela Consolidated Newspapers, da América. Se aquela

Miss Wiley pertencia à mesma organização, era necessário ter cautela.

E isto não seria possível sem a sua colaboração ia ela dizendo.

Pretendo escrever uma coisa tão exacta, tão correcta, que os estudantes, ao lerem aquilo, sintam ter ficado a par de tudo quanto diz respeito a Alfred Nobel, à sua Fundação, à história da entrega dos prêmios, à biografia de muitos dos contemplados, das cerimónias, etc., etc. Quero contar a história de todos os laureados deste ano.

Pretendo desenvolver um tema em cada artigo, percebe? Desejo entrevistar todos em particular. Acha que pode ajudar-me?

Receio, Miss Wiley, que isso não esteja dentro das minhas possibilidades.

Recomendo-lhe que se dirija directamente a cada um dos laureados.

Também quero trocar impressões consigo e com todos os membros do júri, assim como os funcionários da Fundação que for possível.

Por certo que poderá dar-me esta espécie de colaboração, não é verdade?

Sim, talvez. A única dificuldade será arranjar tempo. Decerto que compreende. Estamos na semana do Prêmio. Durante todo o ano trabalha-se em função desta semana. Recebemos os nossos hóspedes, temos deveres para com eles e funções a desempenhar. O nosso tempo está ocupadíssimo.

Não vejo nada mais importante para vós do que aquilo que pretendo fazer.

229

Jacobsson sorriu friamente.

Ficamos-lhe muito gratos, Miss Wiley. Não interprete mal as minhas palavras. Estamos aqui para a servir. Aconselho-a a que me telefone amanhã de manhã para a Fundação. Depois das dez.

Esforçar-me-ei por fazer por si tudo o que estiver na minha mão. Jacobsson deu-se conta de que ouvira a sua própria voz, sinal, portanto, de que se fizera silêncio na sala. Ergueu os olhos. Acho que a entrevista recomeçou.

Ao endireitar-se na cadeira, Jacobsson recordou-se de uma coisa e sentiu despertar em si a curiosidade. Por isso, inclinou-se para Sue Wiley e perguntou: Que tal tem corrido a conferência? Qual a sua impressão acerca de Mr. Craig?

Sue Wiley piscou os olhos, fungou e desviou a vista.

Não gosto dele. É muito desdenhoso.

Na frente deles, enquanto pousava o copo vazio na mesinha junto ao sofá e se preparava para responder à última parte da entrevista, Craig não sentia em si nada que se pudesse assemelhar ao desdém.

Se havia ali alguém, como Sue Wiley, que houvesse interpretado levianamente as suas réplicas demasiado rápidas e curtas ou o seu ar de à-vontade como uma atitude de desprezo para com essa corja dos jornalistas e as suas estúpidas perguntas, isso não passava de uma interpretação infeliz. A verdade é que Andrew Craig, todas as vezes que conseguia fixar a atenção no que se passava à sua roda, sentia-se favoravelmente impressionado com a inteligência dos seus entrevistadores e com a qualidade das perguntas que estes lhe dirigiam.

O que assaltara Craig logo à sua chegada ao Clube da Imprensa não fora um sentimento de desprezo, mas antes de desespero. Se alimentava a esperança, tal como Leah e Lucius, de que a mudança de ambiente e a honra insigne que lhe era concedida lhe restituíam o gosto pela vida, enganara-se, tanto ele como os outros dois. Craig, o laureado, não passava de uma caricatura do homem que fora outrora.

Também aquela recepção e aqueles aplausos lhe pareciam dirigidos a outra pessoa, a alguém que escrevera o Estado Perfeito e o Armageddon, e não a ele próprio; ao que era hoje, um impostor,

que viera ocupar a personalidade do verdadeiro Andrew Craig. Aquela conferência de imprensa que estava a conceder afigurava-se-lhe mais fútil ainda. As perguntas eram dirigidas a um outro homem e era ele quem respondia por procuração. Esse outro talvez lhe atribuísse importância, mas ele não. Tudo aquilo lhe parecia inútil, como se estivesse a dar pormenores para uma história que nunca poderia vir a ser publicada.

A bebida fresca fez-lhe bem; descruzou as pernas, entalou nos dentes o cachimbo vazio e inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, tentando parecer interessado, resolvido a fazer

230

o mais que pudesse por aquele outro homem que escrevera os seus livros.

A atenção da sala estava de novo suspensa e as perguntas recomeçaram.

Mr. Craig dizia o representante do Dagens Nyheter, de Estocolmo, é certo que o senhor tem apenas trinta e nove anos?

Apenas!? exclamou Craig, surpreendido. Desde quando se diz apenas trinta e nove anos?

Quando se trata do Prêmio Nobel, essa idade pode considerar-se a juventude. Creio bem que o senhor é o mais jovem de todos os que foram até hoje premiados. Dantes era Rudyard Kipling. Contava quarenta e dois anos quando aqui veio, em 1907, e a seguir vinha Albert Camus, com quarenta e quatro, em 1957.

Pois bem, meus senhores, fiquem sabendo que não bati nenhum record afirmou Craig. Consentirei que Mr. Kipling continue a ser o mais jovem de todos os laureados. Ele foi sempre mais jovem que os seus quarenta e dois anos e eu sempre mais velho que os meus trinta e nove.

Obrigado, em nome do Império Britânico! exclamou o repórter da Reuter.

Todos riram e Craig sorriu com o seu sorriso juvenil, o que restituiu à sala o seu ambiente otimista.

Eu gostaria de saber por que razão começou o representante do Dagens Nyheter , por que razão o nosso Comité distingue tantos jovens cientistas e tantos escritores velhos! Tem algum comentário a fazer a isto, Mr. Craig?

Ignorava que vocês aqui preferiam os cientistas jovens retorquiu Craig. Não consigo imaginar um jovem cientista. Quando vejo os retratos deles nos jornais, parecem-me sempre cobertos de rugas e curvados, como se fizessem alarde da sua velhice para inspirar confiança nas coisas mágicas que descobriram.

Antes pelo contrário insistiu o repórter do Dagens Nyheter , o laureado com o Prêmio Nobel da Física em 1960, Donal Glaser, contava trinta e quatro anos. Chen Ning-Iang e Tsung Dao-Lee, seus compatriotas, que dividiram o Prêmio da Física em 1957, tinham, respectivamente, trinta e cinco e trinta e um anos. O doutor Fred Grandt Banting, do Canadá, que ganhou o Prêmio da Medicina em 1923, tinham precisamente trinta e dois anos. William L. Bragg, inglês, premiado em Física no ano de 1915, contava apenas vinte e cinco. Acho que é dele o record. Mas o senhor é o primeiro laureado do Prêmio de Literatura com menos de quarenta anos. Saberá explicar-me porque assim é?

Imagino que a razão disso está unicamente na natureza do Prêmio em si respondeu Craig. Vocês atribuem os prêmios das ciências a uma única descoberta. Um homem pode realizar essa des-

231

coberta ao vinte, aos trinta anos, como aos sessenta ou cinquenta.

Porém, o Prêmio da Literatura é, em geral, atribuído ao conjunto da obra. Ora leva muito tempo a escrever uma série de livros. A mim, foram precisos trinta e nove anos para escrever quatro romances, e você diz que eu sou o mais novo dos premiados em Literatura. A maioria dos escritores são já pessoas idosas quando

conseguem escrever um número suficiente de livros que mereçam o Prêmio Nobel. Acredito também que os escritores envelhecem mais cedo do que os cientistas.

Um sábio de grande renome na Física é capaz de realizar o seu trabalho todo de uma vez na juventude. Para ele, a experiência tem menos importância do que uma inspiração, um relâmpago de gênio. Os escritores, por mais brilhante que seja o seu talento, não têm maturidade nem experiência enquanto jovens. As palavras não bastam. É a vida que lhes fornece o material e, de ordinário, não são suficientemente bons enquanto não viverem o bastante. Teve um meio sorriso. Para se viver muito é preciso tempo.

Além dessa necessidade de se ter vivido a que alude, não lhe parece que se tem atribuído o Prêmio demasiadas vezes a escritores muito idosos? perguntou o repórter do Dagens Nyheter. Muitos de entre nós somos de opinião que Alfred Nobel destinava o seu prêmio em dinheiro a ajudar a juventude a vencer certas dificuldades e que não desejaria vê-lo entregue a velhos que geralmente têm já uma vida estabilizada e por vezes, até, já nada produzem. Nobel disse um dia: «De um modo geral, preferia ajudar os estômagos dos vivos a prestar homenagem aos mortos.» Noutra ocasião, declarou que queria «auxiliar os sonhadores, pois estes têm dificuldades em vencer na vida». Não lhe parece que estas afirmações encerram um grande interesse em ajudar a juventude dos artistas carecidos de meio?

Acho que sim respondeu Craig, rindo. Espero que assim seja, pois, segundo o vosso ponto de vista, sou ainda um jovem e, segundo o meu, careço de meios.

O repórter do Dagens Nyheter não se deu por vencido.

Então por que motivo será que o nosso Comité depõe todos os seus fundos no regaço de homens velhos que não têm a mínima necessidade de ser ajudados? Os sete primeiros premiados na Literatura contavam em média setenta anos! Anatole France tinha

setenta e sete quando aqui esteve, todo trémulo, a receber o Prêmio e o cheque, enquanto o seu compatriota André Gide contava setenta e oito.

Sir Winston Churchill, setenta e nove. Porque fará isso a nossa Academia?

Não me parece justo. Gostaríamos de ouvir a sua opinião, Mr. Craig.

Isso depende da finalidade da recompensa respondeu Craig, cautelosamente, e essa não a deixou Alfred Nobel bem definida e nunca de então para cá se conseguiu esclarecer. Não posso dizer-lhe abertamente que concordo consigo quando diz que a concessão do

Prêmio aos escritores idosos é tão injusta como sugere. Não creio que seja a idade que influi, mas sim o mérito, e os escritores velhos, já consagrados, possuem geralmente mais mérito e merecem mais honras.

Pode chamar-se a isto jogar pela certa. No entanto, premiar os jovens, só porque são jovens e prometem, pode revelar-se, do mesmo modo, injusto. Ninguém sabe se eles se valorizam, se o seu talento não dá nada, se diminui, até. Ouvi dizer que a vossa Academia considera Sinclair Lewis um desses casos. Eu não sou Poliano, não gosto de bajular ninguém, mas, entanto, afigura-se-me que a Academia Sueca procede acertadamente. Desculpe não concordar consigo, mas esta é a minha opinião sincera. Pode chamar, se quiser, ao Prêmio Nobel uma pensão de invalidez, mas sempre acho melhor do que transformá-lo em bolsa de estudo para jovens.

Pensou que talvez o repórter do Dagens Nyheter não fosse escrever um artigo muito lisonjeiro a seu respeito, mas isso não tinha importância. Outra mão erguida reclamava-lhe a atenção.

Diga?

Era um jovem correspondente, de barba curta e anelada, que se apresentou como fazendo parte da redacção do Bookseller

Magazine, da Suécia.

Mr. Craig: alguns laureados do Prêmio Nobel da Literatura afirmaram por vezes, aqui mesmo, não sei se por convicção ou falsa modéstia, que se consideravam menos merecedores daquela honra do que alguns dos seus contemporâneos. Sinclair Lewis, no discurso que proferiu no ano de 1930, afirmou que James Branch Campbell, Willa Gather, Theodore Dreiser, Upton Sinclair, todos eles americanos, mereciam mais o prêmio do que ele. Oito anos mais tarde, Pearl Buck, ao ser-lhe dada a notícia de que fora contemplada com o Prêmio Nobel, considerou isso inacreditável e injustificado, afirmando que tal honra devia antes ser conferida a Dreiser. Em 1954, Hemingway declarou que Carl Sandburg, Bernard Berenson ou Isak Dinesen deveriam ter sido premiados antes dele. Três anos depois, Albert Camus afirmava: «Se eu fizesse parte do júri, teria votado em Malraux.» Passemos agora a Andrew Craig. Que outro escritor vivo consideraria mais digno do Prêmio do que o senhor?

Craig lutou com a sua consciência durante uns momentos. Leah suplicara-lhe que não se 'diminuísse em público. Porém, a honestidade impedia-o de se esquivar à resposta, quer por meio de evasivas, quer pelo silêncio. No entanto, também lhe custava mencionar nomes.

Pois muito bem. Porque não havia de usar de uma completa franqueza sem se inferiorizar?

Não posso mencionar um autor mais indicado do que eu para estar aqui no meu lugar porque existem mais de cinquenta que mereciam ter sido contemplados antes de mim. Pelo menos, dez nos Estados Unidos, talvez quinze na Inglaterra, vários no Japão e muitos 233

outros espalhados por toda a parte. Sei de alguns que habitam a Escandinávia e um mesmo aqui na Suécia.

Pode nomear esse candidato sueco? inquiriu o repórter do Bookseller Magazine.

Não gosto de indicar nomes, de sugerir futuros candidatos à vossa Academia, mas sempre direi que li dois romances do vosso compatriota Gunnar Gottling e, apesar de todas as suas irreverências, da sua exagerada sensualidade e crueza, considero-o um grande talento.

Não é bem visto em certos sectores.

Bem, eu não conheço os factos respondeu Craig e não desejo bater-me em favor de autores que deveriam encontrar-se aqui no meu lugar. Você perguntou-me se eu tinha conhecimento de outros que merecessem esta honra e eu respondi afirmativamente. Estou certo de que nenhum escritor se julga o único digno de receber a mais alta recompensa literária de todo o mundo. Assim como também não creio que a decisão do júri satisfaça toda a gente.

O representante do Sevens Dagbladet pusera-se de pé.

Mr. Craig, estará o senhor porventura informado da mecânica que precede a escolha dos contemplados com o Prêmio Nobel? Em primeiro lugar, aos antigos laureados é-lhes permitido indigitar nomes.

As Academias da França, da Espanha e outras igualmente consideradas têm capacidade para fazer o mesmo. Os professores de Literatura das Universidades podem também propor os seus candidatos. E a nossa Academia da Suécia, claro, reserva-se o direito de apresentar quem quiser. Essas candidaturas são apresentadas pessoalmente, por carta ou por telegrama. Estou certo de que tudo isto era já do seu conhecimento...

Não respondeu Craig com sinceridade. Não fazia a menor ideia de todos esses preliminares.

Bem, eu pretendo fazer-lhe uma pergunta prosseguiu o repórter.

Escute-me, por favor, durante mais uns momentos. Estou informado de que em 1950 apareceram mais de cem candidaturas de estrangeiros. Muitos candidatos eram americanos, e entre eles não figurava o nome de William Faulkner, de Oxford, no Mississippi.

Por conseguinte, foi a nossa Academia quem apresentou a candidatura de Mr. Faulkner e depois lhe atribuiu o Prêmio de 1949, que ficara por conceder. Também estou informado, de fonte segura, de que o senhor obteve o Prêmio pelo mesmo processo. Sabia disto?

Não, não sabia.

O senhor não foi proposto pelos seus compatriotas, nem por nenhuma outra nação. O seu nome foi apresentado aqui, em Estocolmo, pela nossa Academia, que depois lhe atribuiu o Prêmio.

Tenho mais uma vez de dizer que lhe estou muitíssimo grato, e agora por uma dupla razão.

234

Onde quero chegar é a isto: por que motivo foi necessário que um júri sueco, de uma terra tão distante da sua, se lembrasse do seu nome? Numa palavra, qual o motivo por que o senhor é tão esquecido, direi mesmo tão pouco apreciado, na sua própria pátria?

Craig abanou a cabeça.

Aí está uma pergunta difícil de satisfazer. Bem, vou tentar o possível para lhe dar a resposta. Durante muitos anos, Faulkner manteve-se numa relativa obscuridade porque o seu admirável condado de Yoknapatawpha era obscuro, tanto aos olhos dos críticos como do público.

Felizmente que o vosso júri, com a justa perspectiva que a distância confere, não o entendeu assim. A minha obra tem sido relativamente posta de lado no meu país por motivos semelhantes, Falta de renome?

Acho que sim. Eu escrevo acerca do presente, mas em termos do passado. Os americanos, na sua maior parte, foram educados na convicção de que o romance histórico deve ter um carácter romântico e de evasão. Para eles, eu sou um velho bota-de-elástico, desadaptado à sua época. A minha ficção histórica não se amolda à bitola do público.

Não contém romantismos nem convida à evasão; ocupa-se apenas da realidade imediata, relacionada com a nossa vida contemporânea.

Isso aborrece-os e confunde-os. Consideram os meus processos obscuros e voltam-lhes as costas. Por qualquer razão, que para mim constitui um mistério, os componentes do júri da Suécia compreenderam quais eram as minhas intenções e apreciaram-nas. Tive a sorte de encontrar compreensão entre pessoas que habitam a um oceano de distância da terra onde vivo.

O representante do Spectator, de Londres, levantara-se.

Mr. Craig: o senhor foi especialmente premiado em virtude dos seus dois livros. O Estado Perfeito e Armageddon. A Academia classificou-os de «escritos em prol dos ideais humanitários». Pode elucidar-nos de maneira concreta acerca dos ideais humanitários que esses romances representam?

com todo o gosto. Em O Estado Perfeito afirmava eu que o Governo comunitário só pode resultar se a natureza do homem for transformada. E eu duvido de que a natureza do homem possa, ou mesmo deva, ser transformada. Dizia eu que o estado socialista, hoje representado pelo comunismo, era positivamente anti-humano, não podia dominar o homem e que o homem o havia de combater e sobreviver-lhe.

Afirmei que isto se verificou no tempo de Platão e que continua a verificar-se ainda hoje. Quanto ao Armageddon, limitei-me a juntar a minha voz à de tantos outros para fazer recordar aos leitores a enormidade da catástrofe que se poderá verificar neste planeta, para pôr em destaque a nossa insignificância microbiana, bem como a nossa incapacidade de defesa perante tal cataclismo. Seria como se as formigas tivessem inventado o seu próprio insecticida. Afirmava

235

eu, em resumo, que o homem é um ser frágil e presunçoso, com os pés mal assentes no solo, e que devia pensar duas vezes antes de

desafiar o Criador em matéria de destruição. Talvez o Criador tivesse querido ameaçar o homem com os terremotos de Pompeia e Herculano, de Lisboa e Krakatoa, mas não o destruiu. Ao tentar imitar Deus, mas sem possuir a sabedoria nem a misericórdia d'Ele, o homem poderá aniquilar para sempre a sua espécie por meio das armas nucleares, as suas Krakatoas fabricadas por ele mesmo.

O repórter de La Prensa, de Buenos Aires, parou de escrever no bloco e ergueu os olhos para perguntar: Tem mais algum trabalho entre mãos?

Há demasiado tempo entre mãos, lamento dizê-lo.

Trata-se do seu novo romance intitulado Regresso a Ítaca, de que se falou recentemente?

Isso mesmo.

É também uma obra baseada na história?

Não, é moderna, contemporânea.

Vai então escrever pela primera vez um romance moderno?

Que foi que o levou a isso?

Craig hesitou. Desejara sempre fazer parte da sua época, mas tivera medo. E fora Harriet quem o animara a realizar esse projecto. Mas Harriet pertencia ao passado, e àquela gente só o futuro interessava. Não sei replicou. Só posso dizer que foi em termos do presente que esta nova ideia me surgiu. Talvez também, como sucede a muitos escritores, eu me sentisse preso a um cenário e desejasse mudar. Achei-me farto de todos aqueles disfarces, resolvi que estava acabado o Carnaval, que me apetecia tirar a máscara e mostrar o meu próprio rosto. Não tenho bem a certeza de que seja assim. Estou apenas a dizer o que neste momento me vem à ideia.

Pode dizer-nos qual o tema do romance? Quem falava agora era um japonês, do Yomiuri Shimbun. Mais ou menos isto... uma Odisseia do século vinte, uma viagem através dos labirintos da vida, o combate com os perigos de dentro e de fora, a liberdade de palavra e de pensamento, o direito de adorar deuses estranhos ou de não

adorar nenhum, de não respeitar a ética e a moralidade quando está em jogo a fuga à pobreza. Trata-se de uma velha história, contada e recontada, mas que cada época tem obrigação de pôr nos seus próprios termos. Espero viver o bastante para terminar essa obra.

Uma senhora, correspondente do Aftonbladet, adiantou-se.

Quais os autores, hoje considerados clássicos, que julga haverem exercido influência sobre as suas obras?

Não garanto que tenha sido influenciado directamente por alguém, mas posso dizer-lhe quais os que mais apreciei e me comoveram.

Serve-lhe assim? Muito bem: as obras de Tolstoi, Stendhal, Flaubert e Sir Richard Burton tiveram para mim grande importância.

A vida de Shelley, mais do que a sua obra poética, influenciou-me também.

Sabe por acaso, Mr. Craig, que Shelley foi um dos autores favoritos de Alfred Nobel?

Não, não sabia.

Pois foi. Ele adorava a filosofia e o espírito de revolta de Shelley.

Nobel publicou apenas um livro, uma tragédia intitulada Nemesi, baseada no mesmo tema que Shelley utilizou em The Cenci.

Fico com muito interesse em ler essa obra de Nobel respondeu Craig.

Não lhe deve ser fácil informou a representante do Aftonbladet. Depois da sua morte, os parentes de Nobel queimaram todos os exemplares que conseguiram encontrar. Visto tratar-se de uma história de horror, acharam que não seria digna do fundador de um Prêmio. Julgo que escaparam apenas três exemplares.

Craig agradeceu a informação com um sinal de cabeça e depois voltou-se para o representante do Expressen, que se lhe dirigia.

Mr. Craig: ouvi dizer que já tinha estado na Suécia.

Sim, depois da guerra.

Nós temos sempre grande interesse em ouvir opiniões acerca do nosso país, quer sejam favoráveis ou desfavoráveis. Pode dizer-me as suas impressões?

Bem, não me parece que esteja indicado...

Diga-me o que mais apreciou na Suécia.

Craig achou graça à insistência do jornalista.

Muito bem. Deixe-me ver... gostei da ilha da Cidade Velha, da fonte de Cari Milles, na Praça de Haymarket, da vossa lagosta com molho de natas, do armazém chamado Svenskt Tenn, da vossa actriz Greta Garbo, de Ingrid Bergman, de Marta Norberg, especialmente desta última. Porque não aparece ela mais vezes?... De que mais gostei eu? Sim, do passeio a Upsala, de barco, dos vidros do Orrefors, do vosso movimento cooperativo, do facto de terem conseguido acabar com a pobreza, e apreciei também muito Ivar Kreuger... não quero irritar-vos, mas impressiona-me a grandeza desse homem. Mas isto é apenas uma pequena lista.

E o reverso da medalha, Mr. Craig? De que é que não gostou na Suécia?

Essa pergunta não vale!

O senhor não é daqueles a quem tudo agrada...

Claro, isso acontece a toda a gente. Pois bem, serei breve e conciso. Acho que vocês são demasiado formalistas, ligam exagerada importância às boas maneiras, para vós o sexo exerce maior influência que os sentimentos românticos, usufruem dos benefícios, mas também sofrem as consequências do meio termo: não existem aqui altos nem 237

baixos na sociedade, nota-se uma supercortesia, um excesso de neutralidade.

Gosto muito da Suécia, mas são estas as coisas que menos aprecio neste país. Nunca falaria voluntariamente nestes factos, mas vocês pediram-me uma resposta, e ela aqui está.

Craig gozou meio minuto de descanso enquanto os repórteres escreviam.

Fez um gesto para pegar de novo no copo, mas viu que estava vazio. Carregou então o cachimbo e acendeu-o.

No extremo da sala, uma mulher nova, com um chapéu a Robin Hood, pôs-se de pé. Mesmo a distância, Craig via que ela piscava constantemente os olhos com nervosismo.

Chamo-me Sue Wiley, da Consolidated Newspapers, de Nova Iorque declarou em voz alta. Põe alguma objecção a que lhe dirija umas perguntas de carácter pessoal, Mr. Craig?

Imensas objecções, garanto-lhe!

Alguns repórteres riram à socapa.

No entanto, reconheço-lhe o direito de mas dirigir terminou Craig. Acho que o facto de estar aqui é um acto de franqueza da minha parte. E, quanto a mim, confesso que me interessam mais as relações de Charles Dickens com Ellen Ternan do que as suas heroínas do papel. Calculo que o mesmo aconteça com os vossos leitores. Por conseguinte, embora eu seja, por natureza, um pouco retraído, vamos lá a isso, Miss Wiley!

Sue Wiley deixou-se ficar de pé.

Já que falamos de relações, pode dizer-me quem é a senhora que o acompanha nesta viagem à Suécia?

Craig não gostou nada do tom da pergunta, ou do que esta implicava, e endireitou-se no sofá.

Essa senhora é Miss Decker, minha cunhada, uma pessoa perfeitamente inofensiva e que se tem divertido imenso nesta viagem.

A sua mulher morreu num acidente de automóvel, há cerca de três anos.

Uma vez que ela fazia uma afirmação em lugar de uma pergunta, Craig não se achou obrigado a responder. No entanto, os ares inquisidores de Miss Wiley irritaram-no.

Pensa em casar brevemente? inquiriu ela.

Tratava-se agora de uma pergunta deveras impertinente, e Craig fez um esforço para se dominar.

Não! respondeu. E, se pensasse, ninguém tinha nada com isso.

Sue Wiley não se mostrou ofendida e continuou a fitá-lo com os olhos sempre a piscarem.

Desejava agora saber alguma coisa acerca dos seus hábitos de trabalho.

Este assunto já não lhe desagradava e, portanto, os músculos de Craig descontraíram-se um pouco.

238

Pergunte, pergunte replicou.

Considera que as bebidas alcoólicas estimulam a imaginação?

Craig ergueu o busto e ficou com o corpo todo retesado no sofá.

Ela estava a provocá-lo, percebia-o muitíssimo bem.

Você disse que queria informar-se acerca dos meus hábitos de trabalho respondeu friamente.

Pois claro, Mr. Craig. É disso mesmo que estou a falar. Fiz as minhas investigações. Não é segredo nenhum, ou será? Tenho conhecido escritores que tomam drogas excitantes quando trabalham por considerarem que isso lhes estimula o génio. Veja De Quincey. Quanto a si, estou informada de que bebe quando trabalha.

Craig não desejava de forma alguma fazer uma exibição de mau génio em público. Tinha postos em si os olhos de toda aquela gente.

Obrigou por isso os lábios a sorrirem.

Miss Wiley: se eu bebesse quando escrevo, nunca escreveria nada.

Mas é isso mesmo. O senhor há três anos que não escreve! atirou-lhe Sue Wiley com ar triunfante.

Esta acusação descarada, da parte daquela rapariga que só procurava causar sensação, fez subir o sangue ao rosto de Craig.

Teve grande dificuldade em conter a fúria que o dominava. E começou: Oiça lá, minha senhora...

Antes de prosseguir na frase que talvez depois viesse a lamentar, foi interrompido por uma voz Mr. Craig, concede-me a palavra por um momento?

Aquela pergunta, clara e precisa, partia do conde Bertil Jacobsson, que se pusera de pé, ao lado de Sue Wiley.

Craig mordeu os lábios e calou-se.

Jacobsson afastou-se um pouco de Sue Wiley, de forma a poder falar voltado não só para ela, como para todos os outros representantes da imprensa.

Quando uma acusação injustificada, como a que acaba de fazer esta senhora, é dirigida aqui, contra um dos nossos ilustres hóspedes estrangeiros, sinto que é meu dever e não daquele que foi alvo da acusação, sinto que é meu dever, como representante da Fundação Nobel e de Sua Majestade, intervir na resposta. Jacobsson, com uma gravidade imponente e patriarcal, ficou-se a observar a assistência, subitamente silenciosa. Permitam-me que esclareça a nossa posição. Nós, na Fundação, não julgamos os candidatos ou premiados pela sua personalidade, pelo seu carácter ou pelas suas excentricidades.

Não nos interessa saber se eles são bêbados, morfinómanos ou polígamos. A escolha não se baseia no procedimento deles como homens.

Isso é assunto para os pregadores das igrejas. A nossa decisão, no capítulo da Literatura, assenta unicamente na convicção de que eles preenchem as condições expressas por Alfred Nobel no sem-239

tido de recompensar «a obra de maior valor de tendência idealista».

E que faz o senhor da liberdade de imprensa e da curiosidade legítima dos nossos leitores? inquiriu Sue Wiley. Nós somos escravos do público. Se é como diz, então porque nos convidou para esta conferência de imprensa?

Convidámo-la a si e a todos os outros replicou Jacobsson calmamente para que travassem conhecimento com um laureado, e não para que o viessem importunar com insinuações, mexericos, perguntas malévolas. Desconheço os hábitos pessoais de Mr. Craig, e, de resto, não me interessam absolutamente nada. Interessa-me, sim, o seu talento. Desejo que o mesmo se dê convosco, e foi por isso que os convidei a virem aqui esta tarde. Contemplou os membros da imprensa sueca, e, de súbito, o seu rosto cheio de rugas abriu-se num sorriso. Mas suponhamos, Miss Wiley, que a senhora conseguia provar ser Mr. Craig um bêbado incorrigível o que, aliás, não lhe seria possível, mas suponhamos que o conseguia? Que importância tinha isso? A maioria dos que se encontram nesta sala são suecos. Aposto que nenhum de nós é abstêmio. Qual é o verdadeiro sueco capaz de afirmar que uma ou outra vez não lhe aconteceu abusar um pouco da cerveja ou da aguardente? Somos algumas crianças?

Ou somos homens maduros, capazes de compreender a tolerância de Abraham Lincoln? Lembram-se da conhecida anedota do ilustre presidente?

Alguém lhe fora fazer queixa de que o seu general mais vitorioso, Ulysses S. Grant, não passava de um alcoólico. Lincoln respondeu: «Se eu soubesse qual a marca de whisky que ele usa, mandava um barril a alguns dos meus outros generais.»

As risadas fuzilaram por toda a sala e Sue Wiley ficou a piscar os olhos com fúria.

com o seu aristocrático à-vontade, Jacobsson prosseguiu: Posso falar-vos com alguma autoridade acerca de outros precedentes laureados em Literatura que conheci, com quem me dei pessoalmente e que me mereciam o máximo respeito. Escusado será dizer que não posso afirmar serem abstêmios, ou sequer sóbrios.

Recordo-me de que, depois de avisarmos um dos nossos escritores escandinavos de que havia sido agraciado com o Prêmio Nobel, ele apanhou uma bebedeira tal que durou duas semanas a

fiu. Isto é verídico. Assim como é verídico o facto de Knut Hamsun, ao vir da Noruega para receber o Prêmio da Literatura em 1920, se achar completamente embriagado no dia da cerimónia oficial. Puxou a barba de um dos mais ilustres membros da Academia da Suécia e arrancou a faixa do vestido da velha Selma Lagerlof!

Mais de uma vez soaram as gargalhadas. Todos escreviam afanosamente nos blocos e, antes que Sue Wiley conseguisse retomar a palavra, Jacobsson acrescentou com rapidez Já abusámos muito da paciência de Mr. Craig e por certo 240

lhe fizemos muita sede. Enquanto eu vou com ele para bebermos ambos qualquer coisa à saúde de Knut Hamsun, aconselho-vos a irem escrever os vossos artigos. De t ar allt. A conferência de imprensa terminou!

Depois de o Clube da Imprensa se haver esvaziado de todos os repórteres e de os Marceau, Stratman, Farelli e Garrett terem saído, acompanhados por Krantz e pelos adidos das embaixadas, Andrew Craig deixara-se ficar para trás. Já se não viam bebidas em parte alguma, por isso ele se conservava de pé, a fumar, encostado à parede do vestiário, enquanto via Mrs. Steen e o conde Jacobsson a juntarem os papéis.

Depois de Mrs. Steen se despedir, Craig aproximou-se do velho conde.

Venho agradecer-lhe disse.

O quê? Tudo aquilo que lhes disse a eles era capaz de lho dizer a si. É a verdade.

O senhor arriscou-se. E se eu for, de facto, um bêbado? Ficaria mal colocado.

Estou certo de que não o é. E, se o for, não me importo nada com isso. De vez em quando aparecem-nos aqui algumas bruxas do tipo desta Miss Wiley, que têm de ser metidas na ordem. Torna-se perigosa aquela mania de causar sensação. Suja os assuntos mais elevados.

De qualquer modo, uma coisa é certa: fiquei cheio de sede.

Pode indicar-me onde posso comprar algumas garrafas para levar para o hotel?

Vou ensinar-lhe. Podemos sair juntos.

Desceram as escadas e saíram para a rua. A tarde morria e a escuridão do Inverno descia sobre a cidade. Soprava do canal um ventinho frio e os dois homens abotoaram os sobretudos.

Atravessaram o lago, Craig a chupar no cachimbo vazio, Jacobsson a descrever grandes arcos de círculo com a bengala, com a qual batia depois no pavimento de tijolos. Entraram na Fredsgatan, passando em frente da Casa Fritz, que exibia na tabuleta a sua qualidade de livreiros da Corte, e voltaram a esquina, para Malmskillnadsgatan, onde encontraram uma loja de bebidas.

Craig meteu-se na bicha, atrás de outros fregueses, ao longo do balcão, e esperou pacientemente, enquanto ia observando as prateleiras meio vazias que se encontravam atrás deste. Quando chegou a sua vez, pediu três garrafas de Ballantine's.

Depois, durante o regresso ao Grande Hotel, pela margem do canal, Craig indagou se a história acerca de Knut Hamsun seria verdade; e Jacobsson afirmou-lhe que a presenciara. Durante um momento, Jacobsson hesitou em revelar a Craig um caso mais recente ainda: o de um literato já velho que chegara a Estocolmo acompa-241

nhado de duas belas raparigas que ele apresentava como suas secretárias e intérpretes, mas que, na realidade, eram suas amantes. A situação tornava-se melindrosa, susceptível de provocar um grande escândalo, porém Jacobsson, graças à sua diplomacia, conseguira ocultar o facto à imprensa.

Por fim, Jacobsson resolveu não aludir a assuntos escabrosos.

Em vez disso, esclareceu Craig de que os pormenores acerca da anedota de Hamsun estavam meticulosamente registados nas suas Notas, e não ocultou quanto invejava os escritores. Falou com

desvanecimento das suas instalações por cima dos andares ocupados pela Fundação Nobel, descreveu o museu particular que ali possuía, mais propriamente o seu escritório, cheio de fotografias autografadas e de recordações de antigos laureados. Esperava que Craig arranjasse tempo para visitar o museu, e este prometeu que o faria, sentindo cada vez mais afeição pelo conde.

Acha que correram bem todas as conferências de imprensa?
perguntou Craig.

Considero-as das melhores a que assisti nos últimos dez anos
respondeu Jacobsson. Dei uma espreitadela em todas, sabe? Já conhece o doutor Farelli?

O da Medicina?

Sim. Fez uma observação interessante na sua entrevista. Quando alguém lhe pediu que dissesse quem era a pessoa que ele considerava ter sido mais injustamente esquecido pela Fundação Nobel quanto ao Prêmio da Medicina, ele declarou ser Sigmund Freud. Mas a verdade não a sabia ele, e penso que o senhor vai achar graça quando eu lha revelar.

E qual é ela?

Sigmund Freud nunca foi proposto como médico, é certo, mas uma vez candidataram-no para o Prêmio Nobel da Literatura.

Sabia disso?

Está a falar a sério?

Absolutamente. É a verdade. E porque nos havemos de admirar?

Parece-me que não seria menos digno de o receber do que Winston Churchill. Nos nossos prêmios da Literatura apreciamos sempre os amadores com talento.

E em que ano propuseram Freud para o prêmio da Literatura?

Em 1936, contava ele oitenta anos. Houve quem tivesse feito a previsão desse facto, sabe? Mas por ironia. Em 1927, o médico psiquiatra Julius Wagner von Jauregg ganhou o Prêmio da Medicina

pela sua descoberta da inoculação da malária no tratamento da paralisia.

Pois bem, os freudianos, cujas ideias ele reprovava, rodearam-no para o cumprimentar e então Von Jauregg disselhes: «Meus senhores, vocês ainda um dia hão-de ganhar o Prêmio Nobel da Literatura!»

E quase saiu certo. Em 1936, Romain Rolland e Thomas

Mann propuseram Freud para o Prêmio da Literatura. Freud foi um concorrente sério nesse ano, mas, por fim, a Academia Sueca recusou-o.

Quem ganhou foi Eugene O'Neill. Tudo isto são factos que a história omite.

Haviam chegado à entrada do Grande Hotel, e Jacobsson despediu-se.

Apontando o volumoso pacote das três garrafas que Andrew Craig transportava debaixo do braço, disse com um sorriso: Tome cuidado que Sue Wiley não o veja. E depois acrescentou, quase com uma delicadeza exagerada: E não se esqueça de que, esta noite, vai ser hóspede de Sua Majestade o Rei.

Enquanto via Jacobsson afastar-se, Craig ficou a pensar na última observação do conde. Teria ele suspeitado do que Sue Wiley já sabia? E que tivesse em vista, com os seus modos corteses e delicados, pô-lo de sobreaviso contra as consequências de um escândalo?

«Que vão todos para o Diabo!», pensou Craig. Ninguém castigara Knut Hamsun, não é verdade? Apertou com mais força o embrulho de encontro ao peito. Naquele momento, sentia-se senhor de si, senhor de três garrafas. Mas dali em diante usaria de todas as cautelas. Lamentava agora não haver tranquilizado Jacobsson. Poderia ter-lhe garantido que, nessa noite, não faria má figura diante do rei.

Capítulo cinco Num recanto calmo e confortável da sua biblioteca, iluminada pelo candeeiro, o conde Bertil Jacobsson, envergando camisa engomada, suspensórios brancos, banda de seda e calças de cerimónia, achava-se sentado diante da antiga secretária de noqueira. Era uma censura viva ao excesso de modernismo da geração actual e entretinha-se a bater pensativamente com a caneta de tinta permanente sobre um livro de capa verde aberto na sua frente.

Contemplava as sombras projectadas no tecto alto, nas paredes forradas de livros, no armário com portas de vidro, mesmo ali ao seu lado, onde guardava as recordações dos laureados, e, por fim, ao dar-se conta das horas e de que em breve chegaria a limousine para o levar, terminou de escrever as suas Notas. Numa caligrafia miudinha, resumiu: ...Foi uma das raras ocasiões em que tive de me interpor entre um laureado e a imprensa. "Pode ser verdade o facto de Craig beber de mais ainda não sei, mas, se for, as consequências disso podem ser desastrosas para nós e prejudiciais para ele próprio. Ainda hoje não sei o que sinto ao recordar-me do incidente ocorrido com Knut Hamsun. Veremos como correm as coisas esta noite.

Releu o que escrevera e ia já a pousar a caneta quando resolveu acrescentar uma frase mais concreta a menos eufemística: O banquete real foi transferido para esta noite, 3 de Dezembro, e inaugurará oficialmente a Semana do Prêmio Nobel. com excepção da tarde da cerimónia, da entrega dos prêmios e do jantar na Câmara que se lhe segue, o banquete real, muito selecto e distinguido com a presença do rei, constitui muitas vezes o acontecimento social mais memorável da nossa época de Inverno. Recordo-me de que, após haver recebido o Prêmio da Literatura em 1923, William Butler Yeats, o poeta irlandês, escreveu, falando do banquete: «Eu que nunca estive numa corte, sentime, naquela noite, tão comovido como se assistisse a uma cerimónia religiosa.» Estou certo de que os laureados deste ano se sentirão igualmente impressionados.

245

Jacobsson pousou cuidadosamente o mata-borrão em cima da página, fechou o livro verde e meteu-o na gaveta do meio da secretária.

Pôs-se de pé com um leve gemido, enfiou o smoking e depois entrou no quarto de dormir, para ir buscar as condecorações que devia ostentar nessa noite e cuja vista o iria acalmar, disso estava certo. Recordar-lhe-iam a sua longa experiência e os exemplares

serviços prestados ao Trono no trato com homens de todas as nacionalidades e costumes. Esperava não precisar do estímulo das condecorações para levar a cabo as suas funções daquela noite.

Eram quase sete horas quando Andrew Craig acabou de trocar o fato que vestira, smoking e calça de cerimónia, por outro assertoado, de fazenda azul-escura, acabado de passar a ferro. Era a segunda vez que se vestia naquela noite.

A meia garrafa de whisky que ingerira durante a tarde, em pequenos goles, na casa de banho, às escondidas de Leah, fizera-o esquecer as instruções que recebera por escrito acerca da indumentária própria para o banquete real. Só quando fora abrir a porta a Mr. Manker, o jovem e formalista adido, de cabelo penteado em popa, que o Ministério dos Negócios Estrangeiros encarregara de o acompanhar, é que este funcionário discretamente lhe recordara o protocolo.

Mr. Manker despira o sobretudo e tirara o chapéu de feltro, colocara-os meticulosamente sobre a cadeira castanha e sentara-se muito direito no sofá, enquanto Craig, com a boca pastosa por causa da bebida, tentava encontrar um assunto de conversa. O incómodo silêncio foi interrompido pela entrada exuberante de Leah.

Viva, Mr. Manker! Veio inspeccionar-nos? Que tal me acha?

E fez uma pirueta alegre, um pouco desajeitada, segundo pensou Craig.

Deitara para trás o cabelo castanho e apertara-o num rolo vertical mais cingido do que habitualmente. O rosto liso e de pele impecável parecia mais duro com a maquillage excessiva. O fato comprido de cerimónia, de cetim vermelho, caindo a direito, até aos pés, emprestava-lhe uma certa rigidez à figura.

Manker pusera-se logo de pé, cacarejara um elogio, depois batera cerimoniosamente os calcanhares e estendera-lhe a mão.

Encantadora! murmurara. E Craig, que o observava distraidamente, adivinhou nas suas palavras um falso

profissionalismo que lhe desagradou.

O protocolo é uma maçada prosseguia Manker , mas não o dispensam nas monarquias, até nas mais democráticas. Quanto a mim, não deixo de lhes dar uma certa razão. Conseguir fazer manter a dignidade.

Eu também não sou contra afirmou Leah, com prazer.

246

Mr. Manker olhou rapidamente para Craig e o seu lábio inferior começou a esticar-se e a retrair-se.

Neste banquete real começou ele , Sua Majestade, o Rei, veste trajo de cerimónia...

E coroa? inquiriu Leah.

Isso sim! Deus nos livre! A coroa é apenas como um símbolo retorquiu Manker. Vai ver como é daqui a pouco. A família real e os membros mais importantes da realeza que tenham sido convidados vestem igualmente de cerimónia. Alguns mesmo estão fardados, segundo a sua patente no Exército. Os embaixadores cujas nações ali têm laureados e os membros do nosso Ministério levam fatos pretos; apenas as damas da corte e outras senhoras convidadas devem ir vestidas de igual tanto quanto possível tafetá preto ou veludo, com mangas de balão. Isto é para evitar que pretendam ofuscar-se umas às outras. As esposas ou parentes dos laureados podem exhibir vestidos de cerimónia de qualquer cor ou feitio. Miss Decker vai lindamente assim. Os laureados devem levar fatos escuros vulgares.

Só na cerimónia oficial do dia dez é que se exige trajo de gala.

Craig percebeu então que Mr. Manker falava para ele, e, de súbito, percebeu que não vestira o fato apropriado.

Isso quer dizer que não devo levar esta indumentária para a função de hoje, não é assim?

Ninguém o punha na rua, claro retorquiu Manker, com o seu sorriso estudado , mas poderia ser tomado por um membro da

família real. Sim, como disse, seria preferível mudar para um simples fato escuro.

Então vou-me despir tornou Craig.

Como queira respondeu o adido, aliviado. Mas, antes disso, e enquanto temos tempo foi precisamente esta a razão que me fez vir mais cedo para aqui, queria dizer-lhes algumas palavras acerca do protocolo nas cerimónias que se seguem. Espero que não me considerem muito maçador, mas estou a cumprir um dever. Faço todos os anos este discurso aos premiados.

Então diga lá respondeu Craig.

Vão servir cocktails nos salões anexos à sala do banquete, talvez meia hora ou uma hora antes de este principiar. O fim disto é fazer com que os laureados travem conhecimento com membros ilustres do nosso Governo e também uns com os outros.

Já hoje me encontrei com os outros premiados na conferência de imprensa da tarde informou Craig.

Ah, sim. Mas este encontro deve ter um carácter mais social e mundano. Depois dos cocktails e imediatamente antes do jantar, o rei e as princesas farão a sua entrada. Mr. Craig deverá apenas apertar a mão do rei quando este lhe estender, falar só quando ele lhe dirigir a palavra e tratá-lo por Vossa Majestade ou Vossa Alteza Real; qual-247

quer das formas está bem. O nosso rei não é nada reservado e a sua cordialidade tão simples vai por certo agradar-lhe. Na mesa haverá cartões com os nomes de cada um. O senhor manter-se-á de pé enquanto o rei assim estiver e só depois tomará o seu lugar. Quanto a si, Miss Decker, deverá fazer uma profunda reverência quando a apresentarem ao monarca...

Eu nunca fiz isso, não sei como é! exclamou Leah, com verdadeira apreensão.

Foi por isso mesmo que eu aqui vim! respondeu calmamente Mr. Manker. Vou ensinar-lhe- como se faz a reverência e depois faremos

ambos um ensaio enquanto Mr. Craig muda de fato.

Craig considerou a sugestão como uma espécie de insolência, mas o seu estado alcoólico permitiu-lhe aceitar a coisa com calma. Deixou a sala de estar, correu os cortinados que a separavam do seu quarto e começou a despir-se.

Estava agora diante do espelho alto, de fato azul-escuro, e sentia que só uma coisa lhe faltava. Tinha a impressão de que uma das suas pernas era oca. Entrou na casa de banho, foi buscar a garrafa meia de whisky atrás do bidé, tirou-lhe a cápsula e bebeu um, dois, três goles. Isto equivalia a cerca de um decilitro, o que o deixou fortalecido e muito à vontade.

Escondeu de novo a garrafa e regressou ao quarto. Descansou uns momentos na cadeira de braços, ao lado da cama. Queria deixar que aquela sensação deliciosa lhe invadissem todos os membros. Parecia-lhe ouvir na sala ao lado os ruídos e o roçar da seda causados pelas reverências. Reparou pela primeira vez no quadro emoldurado em madeira suspenso por cima da cama, que representava Napoleão Bonaparte brincando com o seu desventurado filho, o Aiglon. O quadro era da autoria de Jules Girardet e impressionou Craig, não como obra de arte, mas como uma recordação de glórias passadas e, de certa forma, como um anacronismo na noite que se ia seguir.

Craig estendeu a mão para a folha de papel que estava sobre a mesinha-de-cabeceira e leu, mais uma vez: Sua Majestade o Rei tem o prazer de convidar os contemplados com o Prêmio Nobel, bem como seus maridos, esposas ou parentes, a assistir ao banquete do dia 3 de Dezembro, pelas 19.30, que se realizará no Palácio Real de Estocolmo.

Às 19.10 estará um automóvel à porta do vosso hotel e os convidados serão acompanhados pelos adidos da embaixada postos à sua disposição.

O traje é de...

As palavras começaram a baralhar-se diante dos olhos de Craig. Fez uma bola com a folha de papel e, tentando por brincadeira imitar um ídolo de basquetebol da sua mocidade seria Hyatt, de Pittsburgh?

Murphy, de Purdue? MacCracken, de Indiana? , atirou a bola na direcção do cesto dos papéis. Mas não acertou.

Abriu então os cortinados e voltou à saleta.

Pronto, Mr. Maker... Manker, digo proferiu com a voz pastosa. Leve-me lá ao seu patrão.

A limousine silenciosa atravessou a Ponte de Strömbron no meio da escuridão gelada da noite e aproximou-se rapidamente do bloco imponente e cintilante de luzes do Palácio Real de Skeppsbron, que guardava a ilha medieval da Cidade Velha.

Kungliga Slottet informou Manker, empregando inutilmente a designação sueca.

Entraram no pátio de honra, enorme, banhado pela claridade branca das luzes. Os guardas, altíssimos, ostentavam capacetes pontiagudos de aço, botas de cabedal preto e as tradicionais fardas negras com dragonas brancas. Pareciam autênticos prussianos a quem não reparasse no rosto brando de suecos, semelhante ao de um milhão de crianças que não necessitam de uso e porte de armas para os seus brinquedos bélicos. Os guardas puseram-se em sentido quando Craig se apeou da limousine, seguido por Leah e por Mr. Manker. E, durante um momento, Craig sentiu-se divertido com este aparato, gozou com a ideia da sua próxima coroação, lamentou ter-se dado a Revolução Francesa e desejou o fim das democracias.

Logo um oficial de farda resplandecente ajudou Mr. Manker a conduzi-los. Atravessaram o pavimento desigual do pátio, subiram três degraus e deixaram o frio implacável lá de fora para entrarem na pequena sala de recepção do Palácio Real. Veio um criado tomar conta do sobretudo e do chapéu de Craig e do casaco de Leah,

desaparecendo em seguida. Mr. Manker, de sobretudo no braço, acompanhou-os a um escritório, onde um intendente, todo garboso, os cumprimentou com efusão.

Manker e o intendente começaram a algaraviar em sueco e, por fim, o adido voltou-se para Craig.

O senhor foi o primeiro dos laureados a chegar. Deseja ir imediatamente para o salão ou talvez prefira passar dez ou quinze minutos a visitar uma parte do palácio?

Ainda gelado pela viagem de automóvel, Craig preferia o conforto do salão e das bebidas, mas receava ao mesmo tempo ficar ali em foco por ter sido o primeiro a chegar. Antes, porém, de ter tomado uma resolução, Leah pegou-lhe no braço.

Oh, vamos visitar o palácio enquanto dispomos de tempo!

249

Se não houver correntes de ar... acrescentou Craig, carrancudo.

Manker levou-os por uma escada de mármore curva, que a presença de dois guardas de sentinela, ao fundo, com os seus peitorais de prata a brilharem por cima das fardas da época de Carlos XII, tornava mais imponente ainda.

Subiram, observando as paredes forradas de tapeçarias antigas e amareladas; quando chegaram ao cimo e começaram a percorrer os infindáveis corredores, os quartos tão cheios que pareciam de um museu, Craig sentiu uma impressão de vazio, de mediocridade, de nudez sumptuosa. À medida que caminhavam, parecia que a visita não tinha fim aqui era a cama do rei Oscar II, ali a baixela de Carlos IV, mais além, objects d'art pertencentes a Gustavo II, e Craig sentia-se afogado em prosaísmo e insignificância. A Suécia era um país pequeno e remoto, é certo, mas produzira nomes mais ilustres do que os destes títeres de palácio, produzira um Tycho Brahé, um Swedenborg, uma Jenny Lind, um Carlos Lineu, e até mesmo o seu patrono Alfred Nobel.

À medida que passavam de sala em sala, todas recheadas de mobílias rococós, de mais tapeçarias e porcelanas, que Gustavo II não se cansara de importar de Itália, Manker ia procurando animar a conversa com um ou outro comentário. Proferia-os sem hesitar, quase sem expressão, e Craig percebia que ele devia ter acompanhado, nas suas funções oficiais, muitos laureados com o Prêmio Nobel através daquelas mesmas salas.

Este Palácio Real é o maior do mundo a ser habitado ia dizendo Mr. Manker. Conta seiscentos e oitenta quartos. O nosso actual rei utiliza trinta como aposentos particulares. Isto foi um castelo, no século treze. A família real mudou-se para cá no ano de 1754 e desde então sempre cá tem vivido.

Qual o motivo por que se vêem aqui tantos quadros representando Napoleão e Josefina? inquiriu Craig. Por causa da família Bernadotte?

Precisamente respondeu o adido.

Leah, cujas leituras históricas haviam cessado no dia em que obtivera o seu diploma secundário, interveio: Não percebo nada do que vocês estão para aí a dizer.

Trata-se da nossa presente dinastia informou Manker. Tem a sua origem em França, donde veio em 1818. É uma história curiosa. Em 1809, sofremos muitos reveses infligidos por Napoleão e pela Rússia, tínhamos perdido o nosso império, e Gustavo IV, depois de deposto, fora exilado para a Suíça, onde morreu pobre.

Alguns nobres dissidentes não se sentiam satisfeitos com o herdeiro da família reinante e desejavam importar outro. Um desses nobres, o conde Carl Otto Morner, um parente afastado da família do meu pai, 250

orgulho-me de o dizer, foi a França encarregado de determinada missão. Conheceu ali um dos ajudantes-de-campo preferidos de Napoleão, Jean Baptiste Jules Bernadotte, que fora sargento e ascendera à patente de marechal-de-campo. O conde Morner ficou

bem impressionado com ele e resolveu sondá-lo quanto à possibilidade de ele vir a ocupar o trono da Suécia. Não quero crer que Bernadotte o tomasse a sério, mas quem não estava a brincar era o conde Morner.

Regressou o Estocolmo e começou a fazer propaganda de Bernadotte.

A princípio, a ideia foi mal recebida. A classe dominante tinha em vista outro estrangeiro para ocupar o trono, um dinamarquês, o príncipe Cristiano Augusto. Porém, antes que este fosse eleito, caiu certo dia do cavalo, fulminado por um ataque, embora houvesse então quem dissesse que fora envenenado. A sua morte deixava o campo livre a Bernadotte e, a pouco e pouco, o seu nome foi adquirindo popularidade. Por fim, ofereceram-lhe o trono, nomearam-no príncipe da coroa e foi adoptado pelo velho rei Carlos XIII. Bernadotte mudou de nome para Carlos João, e, no ano de 1818, veio a ser o rei Carlos XIV da Suécia. Revoltou-se contra o seu antigo chefe, Napoleão, colocou-se ao lado da Inglaterra, isto é, tomou uma atitude neutral, e reconquistou para nós a Noruega. A mulher de Bernadotte, Désiré Clary, filha de um comerciante de Marselha, fora o primeiro amor de Napoleão. Quando Bernadotte se tornou herdeiro do nosso trono, ela recusou-se a acompanhá-lo a Estocolmo. Adorava Paris e estava convencida de que a nossa capital não passava de um primitivo posto avançado da civilização. Após dez anos de afastamento, pensou em vir ver como era, reunir-se ao marido, e passou a preferir Estocolmo a Paris, pelo menos durante um certo tempo. Pediu que a coroassem separadamente rainha da Suécia, e conseguiu-o. O seu procedimento era bastante excêntrico. Costumava andar pelas ruas incógnita, viveu muito mais anos do que o marido e do que a maior parte dos seus contemporâneos e, já de idade muito avançada, encontraram-na morta, vítima de causas naturais, na soleira de uma porta. Estes foram os primeiros Bernadottes, Mr. Craig, e ainda hoje os conser-

vamos no trono. O nosso actual rei é, como acabei de lhes demonstrar, de origem francesa.

Uma história muito engraçada observou Leah. Daria um belo livro acrescentou, voltando-se para Craig, Este abanou a cabeça.

Não, muito obrigada. com ar de bêbado, pediu desculpa a Manker. Isto sem ofensa. Aprecio muito os seus governantes, mas as virtudes que possuem tornam-nos inúteis para o novelista. São demasiado bons, demasiado amáveis, demasiado pacifistas. Não se encontra em toda a família um arruaceiro nem um filho de mãe capaz de armar um sarilho qualquer.

Pelo amor de Deus, Andrew, que linguagem é essa? proi 251
testou Leah, horrorizada, perguntando a si mesma onde teria ele conseguido beber.

Manker, sem fazer caso das palavras de Leah, dirigiu-se directamente ao escritor.

Desculpe, mas está enganado, Mr. Craig. Vejo que não conhece a nossa história. Nem sempre as coisas se passaram como hoje. Tivemos muitos, muitíssimos governantes... como direi... cheios de interesse.

Para já, recordo-me de três.

Diga o nome de um deles desafiou-o Craig com trocista arrogância.

Manker apontou para a parede que lhes ficava em frente.

Ali está um retrato de Gustavo Adolfo. O nosso país contava apenas dois milhões de habitantes quando este rei fez dele a maior potência de toda a Europa. Depois dele, tivemos a filha, Cristina...

Craig deu um estalo com os dedos.

Ah, esquecia-me dessa!

Não pode dizer que ela não tenha interesse. Aos dezoito anos, recusou-se a prestar juramento como rainha da Suécia, mas fê-lo como rei. Não se quis casar. «Preferia morrer, a casar-me», costumava ela dizer. «Nunca permitiria que alguém fizesse de mim o

mesmo uso que um camponês faz da terra.» Adorava a erudição. Foi ela que fez que Descartes viesse para Estocolmo, onde morreu. Por ser doente, viajava muito pelos países temperados da Europa. Apaixonou-se pela Itália, converteu-se ao catolicismo e abdicou do trono da Suécia. Foi recebida com grande pompa pelo papa, em Roma, e pelo rei de França, Luís XIV. Para o fim, a sua excentricidade acentuou-se.

Passou a vestir-se de homem, planeava ser rainha de Nápoles e concedeu os seus favores a dois membros da corte, Santinelli, seu camareiro-mor, e Monaldeschi, seu intendente. Quando este último caiu em desgraça, induziu Santinelli a assassiná-lo. É o único dos nossos soberanos que não se encontra sepultado na igreja de Riddarholm, que o senhor já visitou, situada a cerca de um quilómetro do Palácio. O pai dela, Gustavo Adolfo, jaz ali, bem como Carlos XII, outra figura pitoresca, que, na idade de dezoito anos, comandando um batalhão de cavalaria de quatrocentos homens, derrotou oito mil russos chefiados por Pedro, o Grande. Todos estes monarcas se encontram ali, excepto Cristina. Morreu em Roma, arruinada, e foi lá que a enterraram.

O álcool começava a amolecer Craig. Estava com pena do adido, que tanto se esforçava por os entreter, e não discutiu mais.

Talvez o meu juízo fosse um pouco apressado. A maior parte das pessoas quase nada sabe acerca da Suécia. No entanto, a rainha Cristina foi uma figura notável. Do ponto de vista do escritor, considero-a principal. Claro que, na realidade, não era propriamente

252
Era tão sueca como eu. Simplesmente, deixou-se seduzir pela paixão da latinidade.

Mas isso tem muito interesse. Quer dizer que vocês não são uns simples igloos declarou Craig. Dentro de cada igloo há sempre lume aceso. Se alimentarem esse lume, transformar-se-á numa fogueira.

Leah franziu o sobrolho.

Andrew, não acho bonito que digas essas coisas a Mr. Manker. Não, assim é que é, Miss Decker retorquiu o adido.

Aprecio muito a franqueza de Mr. Craig. Acho-a muito estimulante, tal como a sua prosa. Depois dirigiu-se novamente a Craig. Não, nós não somos simples igloos, como o senhor nos definiu de maneira tão pitoresca. Somos tão ardentes como os habitantes de qualquer outro país, talvez até mais. E procuramos também conhecer as nossas próprias paixões. Entre nós, ministra-se educação sexual às crianças desde o primeiro ano da escola elementar.

Os alunos dos cursos secundários, adolescentes, a que vocês chamam na América teen-agers, são ensinados a usar produtos anticonceptivos.

Nós somos saudáveis, francos e normais no que respeita a questões de sexo. Pelo que tenho lido, vocês, na América, procedem precisamente ao contrário: para vós, o sexo é um assunto secreto.

Secreto como tudo concordou Craig, com calor. Não há país no mundo onde se fale e se pense tanto no sexo como na América e, no entanto, nada se faz nesse sentido, isto é, individualmente.

Mas que conversa é essa? interrompeu Leah, toda corada.

A minha cunhada tem razão disse Craig para Manker. E estendeu a mão para outro grupo de quadros, de tapeçarias e de mobílias históricas. Acho realmente impróprio estarmos a falar de assuntos carnis no meio da grandeza dos reis. Fez uma pausa.

Mr. Manker, já saciei a minha sede de conhecimentos. Estou-lhe muito grato. Agora tratemos de satisfazer outra sede menos importante.

Onde diabo se realiza o banquete?

Peço desculpa de os haver demorado tanto, Mr. Craig. Venham comigo.

Levou-os até uma escada de mármore, que começaram a descer.

Craig seguia o adido, quando sentiu a mão de Leah a segurá-lo pelo braço.

Andrew, tem cuidado. Estás a ser provocante para com uma pessoa muito delicada. Estiveste a beber? Diz lá, estiveste ou não?

Minha querida Leah, eu sou uma terra seca, preciso de ser mais irrigado.

Tu estás bêbado. Vejo logo, quando comesas a falar assim à toa, a dizer disparates. A cara dela revelava uma expressão de sofrimento todo maternal. Pelo amor de Deus, Andrew, não te dês em espectáculo diante do rei!

253

A palavra «espectáculo» trouxe-lhe à memória a cena extraordinária do seu predecessor, Knut Hamsun, arrancando, no seu entusiasmo, a faixa de Selma Lagerlóf. E sorriu interiormente com a figura dos dois velhos laureados.

Vou ter muito juízo, Leah prometeu ele. Miller's Dam sentirá orgulho do seu herói. Começou a descer as escadas. Vou ter cautela com a bebida e tu vê se tens cautela ao fazer a reverência.

Não faças troça. Não é por mim que falo, mais sim pela memória de Harriet. Todo o teu futuro depende da maneira como te comportares durante a semana que começa precisamente esta noite, agora mesmo.

Trata lá de fazer a tua reverência como deve ser, que eu terei cautela com aquilo que bebo retorquiu Craig por cima dos ombros.

Assim nenhum de nós terá razão para se envergonhar.

Manker conduzira-os até à porta do enorme salão contíguo à sala de jantar. Uma vez ali, chamara o conde Jacobsson e despedira-se.

A categoria de Manker, como terceiro-secretário, não lhe permitia fazer parte dos convidados para o banquete.

O conde Jacobsson introduziu Craig e Leah no espaçoso salão.

Aqui é Vita Havet, a Sala do Mar Branco explicou Jacobsson.

Davam-se aqui noutros tempos os bailes da corte e o rei Oscar II costumava distribuir neste lugar os seus presentes de Natal.

A seguir, fica a Galeria de Carlos XI, ou seja a sala de jantar.

E mais adiante, depois de se atravessar uma pequena sala ou gabinete e um corredor estreito, chega-se ao sumptuoso quarto de cama de Sofia Madalena. Não devem deixar de o ir ver depois.

Neste momento, Craig preferia ficar no grande salão chamado do Mar Branco. Este compartimento, de estilo Império, azul e branco, com colunas azuis e douradas, que o faziam parecer mais alto, encontrava-se suavemente iluminado por velas acesas nos candelabros cintilantes e aquecido pelas fogueiras que crepitavam nas duas vastas lareiras. A despeito da multidão dos convidados, Craig reparou nas monstruosas telas a óleo que desconhecia, nas cómodas com tampo de mármore, nos sofás de cores esbatidas, nas mesas e cadeiras. Jacobsson chamou-lhe a atenção para as três alcatifas que cobriam o soalho, informando: Foram oferecidas a Gustavo III pela França, há quase dois séculos.

Craig reparou ainda numa pequena varanda, cheia de espectadores, mesmo por cima da porta de entrada. Perguntou quem eram, e Jacobsson explicou que se tratava de membros da imprensa mais categorizada.

Craig tentou descobrir Sue Wiley, mas não o conseguiu e sentiu-se aliviado.

Então, com uma cortesia de outros tempos, Jacobsson conduziu Craig e Leah através da sala, apresentando-os com à-vontade a grupos de gente distinta. Ao passar de uma personagem vestida a rigor para outra de severo fato preto, ou outra ainda de calções amarelos da corte, apertando a mão a todos, Craig não conseguia aprender os nomes, mas os títulos ficavam-lhe no ouvido: um príncipe, um bispo, um barão, um professor do Comité Nobel do Real Instituto Caroline, o embaixador da França, a mulher do primeiro-ministro, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Suécia, o secretário-permanente da Academia Sueca, e muitas outras personagens ilustres.

A certa altura, Leah aceitou o convite de uma das damas de honor da corte, que tinha parentes em Minesota, para tomar parte numa discussão acerca dos cuidados de que eram alvo as crianças na Suécia. Craig e Jacobsson haviam finalmente chegado junto ao lacaio de libré que transportava um tabuleiro com taças de verdadeiro champanhe francês, e agora, no meio daquele oásis, ambos erguiam as suas taças, enquanto percorriam com os olhos a sala onde estavam.

Encontravam-se ali reunidas, a conversar, umas quarenta a cinquenta pessoas, separadas em pequenos grupos. Craig avistava o professor Stratman, quase escondido pelos admiradores, e, no entanto, ninguém podia dizer que o ruído das conversas se elevasse ao ponto de provocar a confusão. Percebia-se apenas um sussurro, frases soltas que flutuavam no ar e se evaporavam, uma risada contida, uma exclamação abafada, mas, no conjunto, ouvia-se um ressoar grave de murmúrios, como se se estivesse na sala de leitura de qualquer biblioteca.

Ali estão duas pessoas que quero apresentar disse Jacobsson, fazendo um sinal com a cabeça.

Craig tentou olhar nessa direcção, mas não distinguiu ninguém em particular.

Quem são? inquiriu.

Aquele, género palito, de cabelos ruivos e oleosos, vestido a rigor, é Konrad Evang, norueguês e milionário, dono de uma cadeia de grandes armazéns espalhados por toda a Escandinávia. Já fez parte da Assembleia das Nações Unidas. É um importante membro do Storting Nobelkomite, de Oslo, o Comité do Prêmio Nobel da Paz. Uma vez que este ano esse Prêmio não foi atribuído, ele veio aqui representar o seu país. O outro que está agora a falar com ele, o calvo, de fato às riscas, pode considerar-se hoje o homem mais rico da Suécia. Talvez já tenha ouvido falar no seu nome: Ragnar Hammerlund. Está a vê-los?

Depois de lhe serem indicados, Craig admirava-se agora de não os ter identificado antes. Formavam um par algo bizarro, naquele salão cheio de figuras todas tão semelhantes e monótonas. De repente, 255

recordou-se de ter visto o nome de Hammerlund em artigos de revistas e jornais, embora não lhe reconhecesse a cara.

Sim, conheço Hammerlund de nome respondeu , mas não julgava possível que alguém pudesse ter um aspecto daqueles.

Ele não consente que o fotografem informou Jacobsson. É uma figura estranha, quase misteriosa. Suponho que quem consegue juntar um bilião passa logo a ser considerado um ser misterioso. Parece não ter uma idade definida, mas julgo que deve andar aí pelos sessenta.

Esteve no Hotel de Paris, em Monte Carlo, a tratar pela primeira vez de negócios internacionais, com Sir Basil Zaharoff, quando o Rei das Munições morreu, ali mesmo, em 1936. Hammerlund começou a interessar-se pela alta finança ainda quando jovem, enquanto esteve temporariamente ao serviço de Ivar Kreuger, de quem você é admirador.

No ano de 1928, julgo eu, portanto oito anos antes de Kreuger se haver suicidado em Paris, com uma bala no coração, este contratara

Hammerlund para organizar uma sociedade imobiliária, a União Industrial A. G., no pequeno principado de Liechtenstein, perto da Suíça. Isto era no tempo em que Kreuger, tendo emprestado à França setenta e cinco milhões de dólares, possuía grandes fábricas em trinta e quatro países diferentes e ganhava sessenta e cinco por cento nos fósforos que se consumiam em todo o mundo. Mas parece que Hammerlund pressentiu qualquer coisa. Considerava Kreuger o primeiro mágico de alta finança, mas achou que podia muito bem ser igualmente um supertratante. Libertou-se por isso a tempo e começou a trabalhar por sua conta. Hoje gosta de aludir aos velhos tempos e de falar de Kreuger, mas já lhe tenho ouvido afirmar muitas vezes com orgulho que não é preciso imitar aquela personagem para um homem se tornar rico. Ser-se esperto, diz ele, vale mais do que ser-se ladrão, e correm-se menos riscos. Eu acredito que ele seja honesto.

Implacável, é certo, mas honesto, isto é, na medida em que pode ser honesto quem ganha tantos milhões.

O principal alicerce da sua fortuna são os fósforos, não é verdade?

Não é só em matéria tão frágil que a fortuna dele assenta. Esta estende-se a tudo, segundo ouço dizer, na Escandinávia, na América, em todo o mundo. Teve em tempos sociedade com Axel Wenner Gren e com Krupp. Possui centrais hidroeléctricas, uma frota de navios mercantes, florestas, minas de ferro, bancos, bancos que nunca mais acabam. Não seria possível enumerar os terrenos que lhe pertencem.

Ficará mais bem informado acerca dele quando visitar a sua vila em Djurgarden o seu Animal Park, que fica perto de Estocolmo no dia seis. Nesse dia, Hammerlund oferece um jantar aos laureados do Prêmio Nobel. O senhor vai lá com certeza!

Não faltaria por nada deste mundo.

Acho melhor apresentá-lo. No entanto, desde já o previno de 256

que o sujeito não tem uma conversa fácil fora da sua casa. Quando recebe, mostra-se muito simpático e revela ser um conversador emérito.

Fora disso, é reservado e parece estar sempre de pé atrás. Não, Hammerlund não lhe oferecerá grande interesse esta noite. Quanto a Konrad, vai achá-lo encantador. É uma simpatia e um homem sério.

Eu considero-o uma verdadeira enciclopédia de conhecimentos acerca do Prêmio da Paz, de Oslo. Talvez eu atribua demasiado valor a esta sua característica, uma vez que faz parte das minhas atribuições estar a par dos pormenores relacionados com os prêmios. Quer então que o apresente?

— Sim, pode ser. Mas antes desejaria beber mais alguma coisa.

Pelo rosto de Jacobsson passou uma sombra de apreensão. No entanto, fez sinal ao criado de libré, que se aproximou com o tabuleiro.

Craig pousou a taça vazia, pegou noutra cheia de champanhe e começou logo a beber.

Muito bem disse por fim. Vamos lá então aprender alguma coisa acerca da paz e do dinheiro.

Os quatro, ou, melhor, os três, pois Hammerlund limitava-se a escutar a maior parte do tempo, conversavam havia já cinco minutos.

Evang escolhera amavelmente o assunto, discutindo e apreciando os romances de Craig, interrompido de quando em quando por interjeições de assentimento da parte de Jacobsson ou de Hammerlund.

Craig, com as reacções embotadas pelo whisky absorvido de manhã e o champanhe da noite, fingia-se interessado, mas, na realidade, mantinha-se indiferente.

com disfarçada impaciência, procurava o criado com o tabuleiro, mas não o avistava em parte alguma. Fez um esforço para perceber o que Evang dizia: este enaltecia a cidade de Oslo. Craig ia reparando

que o cabelo ruivo de Evang estava manchado, que as suas lunetas, encavalitadas no nariz afilado, pendiam de uma corrente de ouro, que as faces do milionário se achavam cobertas por uma rede de veias finíssimas e que os tendões do seu pescoço se tornavam salientes enquanto falava.

Disfarçadamente, passou a observar Hammerlund, e viu que não conseguia despregar dele os olhos. O crânio e o rosto, de uma brancura de jaspe, eram de todo desprovidos de pêlos. Tinha o rosto glabro e a cabeça completamente calva. Olhando com mais atenção, Craig julgou descortinar umas sobrancelhas brancas, quase invisíveis, por cima dos olhos, mas não tinha a certeza disso. Nenhuma ruga, nenhuma cicatriz, nenhum sinal, e, por assim dizer, nenhum traço humano emprestava carácter àquele rosto. Os olhos apareciam à flor da pele, nem demasiado côncavos nem demasiado convexos, lembrando espelhos em miniatura de um cinzento aguado. O nariz largo e 257

informe, chapado no centro do rosto, só tinha de saliente as narinas.

A boca apresentava um tom rosa-pálido. Cerca de dois centímetros abaixo desta, havia um declive que não chegava a ser queixo. Em suma, aquele todo lembrava uma larva, parecia ter a consistência de uma lesma branca. O corpo que sustentava aquela cabeça estranha era de altura e volume medianos, impecavelmente vestido com um fato de fazenda cara, cortado à moda antiga.

Craig tentava encontrar qualquer coisa de humano naquela lendária figura. As mãos femininas seguravam um lenço de seda e por várias vezes, disfarçadamente, com um movimento rápido, ele levava o lenço ao sítio onde devia começar a testa. Craig observou com prazer que a pele, naquele ponto, estava a transpirar, e depois recordou-se de que, ao ser-lhe apresentado, apertara uma mão inerte, húmida e repelente.

Habitado a admirar heróis como o comodoro Vanderbilt, assim como Gould e Fisk, ladrões de uma altivez descarada e selvagem, Craig não conseguia imaginar como aquela espécie de molusco havia conseguido juntar os seus milhões. E, a propósito, perguntava a si mesmo que espécie de papel desempenharia Hammerlund naquele lugar. Que relação haveria entre tal personagem e o Prêmio Nobel?

Ou entre ele e o rei? E que interesse teria ele nos laureados?

Verificou que a cabeça de Hammerlund se voltava para o seu lado e rapidamente dirigiu de novo a atenção para Conrad Evang, apóstolo da paz.

Sim, meu amigo ia dizendo este para Jacobsson. Vocês, aqui em Estocolmo, absorvem todas as atenções. Desconfio que a maior parte das pessoas no mundo ignoram que somos nós, em Oslo, os responsáveis, possivelmente, pelo mais importante de todos os prêmios.

Se vocês queriam que vos prestassem atenção, porque não distribuíram o Prêmio este ano? gracejou Jacobsson.

Não era tão fácil como julga, meu amigo, não era tão fácil como julga respondeu Evang. A nossa tarefa é muito perigosa e presta-se infinitamente mais a controvérsias políticas do que qualquer dos outros quatro que estão à vossa guarda.

Mas porque não atribuíram o vosso este ano? inquiriu Craig.

Estávamos metidos num beco sem saída a respeito de três candidatos explicou Evang. Nenhum conseguiu obter a maioria dos votos. E parece-me que foi melhor assim. Como é que se pode atribuir honestamente um Prêmio da Paz nos tempos que vão correndo?

Por mim, acho que nunca esse Prêmio teve maior actualidade respondeu Craig. Há imensas organizações, centenas de pessoas a trabalhar no sentido de evitar que o mundo seja pulverizado. Porque não hão-de essas pessoas ser encorajadas?

258

Porque respondeu Hammerlund, num tom de tal modo suave e aveludado que, automaticamente, todos se sentiram na necessidade de se aproximarem dele a nossa vizinha Noruega prefere manter a paz a premiá-la. Um prêmio concedido a qualquer partido, por mais neutral que o consideremos, seria logo interpretado como uma afronta, quer pelos Estados Unidos, quer pela Rússia.

Ora essa, Ragnar, também não é tanto assim! retorquiu Evang, sem animosidade. Nós somos homens conscientes, não temos medo de ninguém, tu bem o sabes.

Não estou bem certo disso. E Hammerlund levou outra vez o lenço à testa. Conheço bem a história dos vossos prêmios.

Concederam o primeiro a um velho suíço, de setenta e três anos, Henri Dunant, por haver fundado a Cruz Vermelha Internacional.

Ouvi dizer que ele não merecia o Prêmio Nobel da Paz, mas sim o da Medicina. Vocês podiam ter escolhido melhor, mas jogaram pelo

seguro.

Em 1946, depois da segunda guerra mundial, distinguiram uma senhora qualquer americana, Emily Green Balch, que prestara os seus grandes serviços na guerra anterior, e também um protestante, já reformado, John Raleigh Mott. Não são capazes de dar o Prêmio a um trabalhador no activo, porque receiam a controvérsia. Vão sempre buscar os heróis ao passado. Quanto ao facto de você e os seus colegas poderem ser considerados bons juizes...

Então, então, Ragnar, não comece às voltas connosco outra vez! Estou a falar com o fim de esclarecer o nosso hóspede, Mr.

Craig declarou Hammerlund, suavemente. Incluiu Craig no mesmo olhar, mas continuou a dirigir-se ao norueguês. Em 1906 vocês entregaram trinta e seis mil dólares como Prêmio da Paz a Theodore Roosevelt, um belicista, um autêntico fador de guerras, como tantos outros. Não foi ele que disse um dia: «Nenhuma vitória da paz tem a grandeza da suprema vitória da guerra»?

Foi o medianeiro na guerra entre Rússia e o Japão disse Craig.

Os medianeiros não me convencem. Então, porque não dão vocês o Prêmio a todos os árbitros do mundo? Também eles são medianeiros. Eu conheço de cor a vossa lista de arruaceiros: concederam prêmios a Lihu Root, a Aristide Briand, a Gustav Etresemann, ao general George Marshall. Acham que é possível considerar todos estes homens como verdadeiros pacifistas?

Tem de ser justo, Ragnar interrompeu Jacobsson. Os nossos amigos noruegueses distinguiram também Woodrow Wilson, Fridjof Nansen, Albert Schweitzer, Ralph Bunche, Cordell Hull...

Vocês bem sabem o que se passou com Cordell Hull ripostou Hammerlund, plàcidamente. Franklin D. Roosevelt escreveu para Oslo todos os anos, desde 1938 até 1945, a propor Hull, até que por fim, o comité de Mr. Evang achou por bem premiá-lo. Voltou-se 259

para Craig. Isto talvez lhe interesse, Mr. Craig. Em 1937, Cuba candidatou Franklin D. Roosevelt para o Prêmio da Paz e Cordell

Hull confirmou a candidatura. Essa foi a única eleição que Roosevelt perdeu. O Prêmio da Paz foi para o visconde Cecil de Chelwood, que era membro da Liga das Nações.

Evang dirigiu-se a Craig, como quem pede desculpa.

O meu amigo Hammerlund está a brincar. Ele conhece a nossa coragem. Lembrem-se do ano de 1961. Não tivemos nós a coragem de dar o Prêmio da Paz a Albert Luthuli, um antigo chefe zulo, de cor, que combatera o apartheid, arriscando-nos com isso a incorrer no desagrado dos brancos da África do Sul?

Isso não significa nada. Vocês não receavam a África do Sul.

Limitaram-se a ir buscar um homem que vos convinha.

Muito bem teimou Evang. Falemos então de outro mais importante. Em 1946, os Finlandeses propuseram Aleksandra Kollontai, a primeira mulher com funções de embaixador, uma advogada do amor livre, por haver ajudado a pôr fim à guerra entre a Finlândia e a Rússia. Tratava-se de um caso flagrante de propaganda russa. Nós recusámo-nos, a despeito das ameaças do Pravda. E, muito antes disso, já tínhamos sofrido dissabores quando o czar da Rússia e o Kaiser Guilherme haviam sido propostos e nós recusámos também.

Como vos veio ter às mãos esse encargo do Prêmio da Paz?

Por que motivo é o único que não pertence à Suécia?

A intenção de Nobel, a princípio, foi dar o Prêmio da Paz à Suécia, juntamente com os outros. Porém, à última hora, mudou de ideias informou Evang. Nesse tempo, a Suécia e a Noruega estavam reunidas sob o mesmo governo do rei Oscar II, e Nobel desejava com isso ligar mais ainda os dois países. Além disso, considerava que a Noruega tinha mais possibilidades de ser imparcial no assunto explosivo da política do que os seus vizinhos suecos. Havia também outras razões, mas estas foram as principais. Evang voltou-se abruptamente para Hammerlund, deixando de se dirigir a Craig. E

quero afirmar-lhe uma coisa, Ragnar. Nós cometemos alguns erros, é certo, mas também temos dado as nossas provas de coragem e honestidade.

Mencionarei um nome e depois você emitirá o juízo que entender.

Calou-se um instante e depois disse lentamente: Carl von Ossietzky.

Fez-se silêncio. Hammerlund permanecia imperturbável. Agitou o lenço. Depois, a sua cabeça calva começou a mover-se lentamente para baixo e para cima.

Sim, Konrad disse por fim. Ossietzky é a vossa coroa de glória. Perdoo-vos tudo por lhe terem dado o Prêmio.

Craig tentou recordar-se de quem era Ossietzky, e não o conse-1
Discriminação racial 260

guiu. Ia já a pedir que o informassem, quando apareceu de novo o criado com o tabuleiro cheio de taças de champanhe. Craig trocou a sua vazia por outra cheia. Quando o criado se afastou, perdera-se o fio à conversa.

Craig preparava-se para se dirigir a Hammerlund, quando reparou que este fitava atentamente o canto oposto do salão.

Bertil murmurou Hammerlund. Jacobsson prestou-lhe no mesmo instante toda a atenção. Bertil, aquele casal, ali ao pé da lareira, o homem com boa figura e a senhora francesa de vestido azul decotado, não serão por acaso os doutores Claude e Denise Marceau, os laureados da Química?

Jacobsson procurou distinguir a distância.

Exactamente, são os Marceau.

Apresente-me disse Hammerlund. Não era um pedido, mas sim uma ordem. Apresente-me repetiu. Interesse-me imenso por eles. Preciso de os conhecer esta noite. Inclinou a cabeça diante de Craig. Desculpe-me, Mr. Craig. Tive muito prazer em estar consigo. Olhou

de novo para os Marceau e acrescentou enigmaticamente: Tem de ser sempre assim. Primeiro as obrigações e depois as devoções.

No momento em que o embaixador se afastou e ficaram ambos sós pela primeira vez desde que haviam deixado o Grande Hotel, Denise Marceau começou a invectivar o marido. Mas ainda ele mal começara a gaguejar uma justificação, já dois homens se encaminhavam para eles. Num reconheceu ela o conde sueco que fazia parte do Comité de Recepção e que os recebera na conferência de imprensa.

O outro era uma criatura estranha, calva, tão branca, tão esquisita como ela nunca vira até então. Subitamente, quando vinham a chegar junto deles, o conde murmurou qualquer coisa ao ouvido do companheiro e mudaram de direcção, aproximando-se de outro grupo.

Denise percebeu logo o que levava os dois homens a não se aproximarem dela e de Claude. Tinham visto a sua expressão contraída pela raiva, no momento em que lançava à cara do marido a nova acusação.

Eles tinham percebido a cena que se desenrolava entre ambos e, delicadamente, deixavam-lhes o campo livre. Ainda bem, pensava Denise.

Queria a todo o custo esclarecer o caso, sozinha com o marido, sem que ninguém a interrompesse, e quanto mais cedo melhor pôr fim à situação.

Ainda não me respondeste desafiava ela. Foi ou não verdade teres combinado um encontro com essa mulher em Copenhaga?

E, sem esperar resposta, prosseguiu, furiosa: Já não te basta desconsiderares-me em Paris. Agora, nem sequer usas de cautelas.

Tens de trazer a favorita atrás de ti por essa Europa fora, sempre

261
perto, para acorrer à chamada. Não sei o que te passou pela cabeça.

Deves estar doido, com toda a certeza!

Claude escutou aquela tirada num silêncio desolado. Acontecera o que ele mais temia. Denise atingira um tal ponto de desespero que não se coibia de revelar todas as fantasias no mesmo instante em que estas a atormentavam. Agora, fazia-lhe acusações não só fúteis, mas inteiramente desprovidas de sentido.

Denise suplicou ele, receoso da cena que poderia seguir-se.

Que estás tu para aí a dizer?

Não mintas mais. Farta de mentiras estou eu.

Juro-te, Denise, que não sei a que te referes. Qu'est-ce que c'est? '.

Oh! Pois claro. Não sabes de que se trata! Abriu a carteira de cerimónia, bordada a lantejoulas, e tirou de lá um sobrescrito amarfanhado que lhe entregou desabridamente. Voilà! Diz-me agora que não sabias!

Ele alisou o sobrescrito na palma da mão. Vinha-lhe dirigido, com o endereço escrito à máquina. Trazia um selo francês, o carimbo de Paris e a inscrição. Par avion. Voltou-o e viu que já fora aberto.

Procurou a folha de papel de carta e encontrou apenas um recorte de jornal. No cimo, escrito a lápis, lia-se Figaro.

Ansiosamente, a temer qualquer catástrofe, começou a ler, sob o olhar acusador de Denise, o recorte, que dizia ter o Governo francês, num gesto de cortesia para com a Dinamarca, enviado dez dos seus melhores manequins parisienses apresentar a última moda de Paris na Feira de Inverno de Copenhaga. Os manequins seriam hospedados pelo Governo da Dinamarca no Hotel de Inglaterra, durante três dias, a partir do dia 6 de Dezembro. Seguia-se a lista dos manequins de Balmain, Dior, Balenciaga, Ricci e La Roche. O quarto nome da lista era o de Mademoiselle Gisèle Jordan, da Casa Balenciaga.

A notícia da proximidade de Gisèle deixou Claude atordoado.

Mantinha os olhos fixos no recorte, a dar tempo para se recompor, antes que a acusação prosseguisse.

Então! exclamava Denise. Há quanto tempo está combinado este pequeno rendez-vous?

Eu não combinei nada. Não sabes ler o que está aí? Foi tudo arranjado pelo Governo francês.

Est-ce que tu veux me faire prendre dès vessies pour dès lanternes?

2

Não, não estou a tentar convencer-te daquilo que não é. Apenas te disse que não sabia de nada. E segurava no recorte como se fosse uma coisa contagiosa. É a primeira vez que ouço falar nisto.

1. Que é?

2. Queres fazer-me tomar a nuvem por Juno?

262

Parbleu!

Desculpa, mas é verdade!

Essa putain esgalgada é que te mandou o recorte, isso não o podes tu negar. E depois, Denise acrescentou: A não ser que tenhas alguma concierge 2 a fazer de alcoviteira.

Claude examinou o sobrescrito. Não havia dúvida de que fora expedido por Gisèle. Um atrevimento daqueles nem parecia dela. Mas, certamente, como todas as pessoas independentes, imaginara que, entre casados, essa independência também era respeitada. Decerto julgara que Claude abria a sua correspondência e que Denise só abriria a dela. Ignorava que, ao longo de todos aqueles anos de trabalho em comum, com toda a correspondência técnica e científica que ambos recebiam e a ambos interessava, se haviam habituado a abrir o correio um do outro. Fora pouca sorte, pensava ele. E agora tinha de se desculpar o melhor possível.

Não nego que isto venha da parte de Mademoiselle Jordan concordou por fim. Não podia ter sido mais ninguém a mandá-lo.

Mas juro-te, Denise, que não fazia a menor ideia de que ela viesse a Copenhaga. Deve ter sido uma simples coincidência...

E agora ela vem participar-te que está à tua espera, na cama, pronta a receber-te, a tua divine sous-maitresse 3

Consinto que me digas tudo, Denise, excepto grosserias.

E eu suporto tudo, excepto humilhações. Os lábios de Denise tremiam. Onde combinaste encontrar-te com ela?

Pelo amor de Deus! Nós não combinámos nada! Ela irá a Copenhaga com as colegas. Eu estou em Estocolmo contigo.

Copenhaga fica a uma hora ou duas de viagem daqui. É o mesmo que tomar o metropolitano. Fez uma pausa. Tens tenção de ir encontrar-te com ela, não é verdade?

Não faço tenção de me encontrar com ela declarou Claude com firmeza.

Se tu me humilhas mais uma vez enquanto estivermos em Estocolmo, podes crer que irás sozinho ao palco receber esse maldito Prêmio.

Ficaste de repente muito generosa exclamou Claude, subitamente cansado da sua posição defensiva. Não falavas assim esta tarde.

Que queres dizer com isso?

Refiro-me à conferência de imprensa retorquiou Claude, com azedume. Foi como se me tivesses castrado diante deles.

Não era por palavras que me apetecia fazê-lo, mas sim com um bisturi se o tivesse à mão interrompeu Denise.

1 Por Deus!

2. Porteira.

3. Divina amante.

263

Envergonhaste-me em público prosseguiu Claude. Estou morto por ver essa entrevista publicada. Quem a ler dirá que só tu merecias o Prêmio Nobel e que eu vim acompanhar-te só para te ajudar a levar a medalha.

Só lhes disse a verdade declarou Denise.

Nós trabalhámos juntos, sabes isso muito bem. Desde quando é que se pode dizer: «Eu fiz isto e tu fizeste aquilo»? Ao que nós chegamos, Denise, a discutir uma coisa destas! Somos uma equipa que trabalha em conjunto, ou somos apenas dois indivíduos?

A mim, parece-me que agora somos três. Pelo menos, é o que me diz a minha lista.

Mon Dteu, cala-te com isso!

Casei-me contigo para colaborarmos, não só no trabalho, mas também no prazer. Se procuras o prazer noutro lado e deixas para mim apenas o trabalho, eu considero que isso não basta. Deixaste-me sozinha. Não só agora, como daqui para o futuro. Por isso falei em meu nome.

Denise, já te disse que este caso vai ser solucionado.

Como?

Ainda não sei retorquiu ele, num tom amargo. Mas garanto-te que isso se vai arrumar. Fez um gesto com a mão indicando a sala. Não é este o lugar indicado para tomar resoluções.

O que eu quero dizer-te é o seguinte: não'estou à espera das tuas resoluções. Daqui para o futuro, eu tomarei as que entender.

Então faz o que quiseres respondeu ele.

Ela fuzilou-o com os olhos e a sua vontade seria dizer-lhe mais coisas ofensivas, mas reservou-se para outra ocasião mais propícia, e pediu:

Arranja-me qualquer coisa de beber.

Claude vagueou pela sala, até encontrar um criado, a quem fez sinal. Quando este se acercou com a bandeja e ambos pegaram nas taças de champanhe gelado, Denise viu aproximarem-se os dois homens que pouco antes, ao encaminharem-se para o lado deles, haviam mudado de ideias. Tinham, provavelmente, verificado que a discussão conjugal terminara.

O conde Bertil Jacobsson saudou o casal Marceau com uma inclinação de cabeça.

Como passaram? Um dos nossos mais notáveis compatriotas está interessado em ser-lhes apresentado. Fez avançar Hammerlund, como se este viesse a voar. A doutora Denise Marceau, o doutor Claude Marceau, o nosso grande industrial Ragnar Hammerlund.

Este pegou na mão de Denise e preparava-se para lha beijar, mas, uma vez que esta forma de cumprimento sempre se lhe afigurara arcaica e pouco sincera, ela impediu-o de terminar o gesto e trans-

264
formou-o num másculo aperto de mão. Ao fazer isto, pareceu-lhe que a mão do homem se esborrachava como se fosse uma cobra e retirou a sua apressadamente. A seguir, Hammerlund apertou a mão a Claude, que lhe correspondeu com ar distraído.

Hammerlund dirigiu-se a Denise.

O conde Jacobsson disseme que a senhora deu uma brilhante entrevista na conferência de imprensa desta tarde.

Foi demasiado lisonjeiro retorquiou Denise com um sorriso para Jacobsson e um triunfante olhar de esguelha para o marido.

É a verdade confirmou com entusiasmo Jacobsson. Já ouvi muitos químicos laureados, mas poucos com a fluência de Madame Marceau. Voltou-se para Claude. Espero que se tenha sentido bem aqui esta noite.

Sentir-me-ia melhor se me dessem uma bebida sueca em lugar de champanhe. Isto, para um francês, é como o leite para os Americanos.

Mas, com certeza, vai beber aquilo que quiser retorquiou Jacobsson, um pouco atrapalhado.

E onde é o cabinet de toilette? perguntou Claude. Em seguida inclinou-se diante da mulher. Querida. E, voltando-se para Hammerlund: Mr. Hammerlund, desculpe-me por um momento.

Volto já.

Afastou-se apressadamente, na companhia de Jacobsson.

Denise viu-o retirar-se depois de a ter deixado amarrada a um desconhecido, e perguntou a si mesma se ele estaria a tal ponto farto da sua companhia que precisasse absolutamente de uns instantes de tréguas.

Há muitos anos que, através dos jornais, venho seguindo os vossos trabalhos dizia Hammerlund. Nenhum químico seria mais merecedor do Prêmio do que vocês.

Eu também há muito que o conheço de nome retorquiu Denise, com esforço. É verdade o senhor ter estado outrora ligado a Ivar Kreuger?

Sim, numa fase muito instrutiva da minha existência. Foi então que aprendi que a honestidade é, efectivamente, a melhor política.

Eu estava em Paris e era uma criança quando esse escândalo rebentou declarou Denise. Lembro-me de o meu pai me indicar o apartamento da Avenida Vítor Manuel onde o homem se suicidara. Que foi feito de si depois disso? E de todos os bens de Kreuger?

Eu desligara-me dele muitos meses antes respondeu Hammerlund.

Deixei ao Kreuger o império dos fósforos e voltei-me para as munições. Era uma mercadoria muito menos frágil e muito mais procurada. Quanto aos bens de Kreuger, apenas a Companhia dos Fósforos Sueca sobreviveu ao escândalo. É ainda hoje constituída 265 por cerca de umas cem fábricas espalhadas por três dúzias de países.

No entanto, eu agora ocupo-me pouco com fósforos, muito embora, durante anos, tivesse procurado fabricar nos meus laboratórios um tipo de fósforo permanente, que durasse mais do que uma vida humana.

Ignorava que o senhor também estivesse interessado em investigações científicas retorquiu Denise. E, porque se sentia demasiado nervosa para mostrar boa educação, acrescentou: Julgava que os homens da sua espécie só se importavam com o dinheiro.

Precisamente tornou Hammerlund, sem a menor ironia.

Os homens da minha espécie têm uma grande visão, porque afinal as investigações científicas rendem muito. Só na Suécia, possuo eu nove laboratórios industriais. Dois na sua terra, em França. Não figura neles o meu nome, mas são financiados por mim.

Não com fins altruístas, calculo?

Nem por sombras! Trabalhamos com um sentido prático. A maior parte das experiências perdem-se, como é natural, mas um dia virá em que os meus laboratórios produzirão um perfume que ficará eternamente na pele, ou um tecido que nunca mais se rompa, ou pneus de automóvel que durarão sempre, e então tudo aquilo que tenho empatado em meras probabilidades passará a render. Agora mesmo, estou interessado em alimentos sintéticos. Possuo ainda no meu ficheiro um artigo que a senhora e o seu marido publicaram.

Refere-se a uma espécie de algas com possibilidade de substituir os alimentos.

Sim, isso foi pouco depois de nos casarmos.

Porque abandonaram a ideia?

Não tinha futuro e nós então éramos novos e estávamos cheios de projectos que não conseguíamos realizar todos ao mesmo tempo.

Não posso censurar-vos. Por isso mesmo é que aqui estão hoje a receber o Prêmio Nobel.

Pois claro.

Mas de um ponto de vista pessoal, eu teria desejado ver-vos prosseguir as vossas investigações no campo dos alimentos sintéticos.

Estou certo de que é o campo com mais futuro e vejo muito poucos génios interessados nele. No entanto, confesso ter um dos melhores químicos a trabalhar por minha conta nesse sentido, sob as minhas ordens, no meu laboratório particular, atrás da vila onde habito.

Trata-se do doutor Oscar Lindblom, um homem novo, desconhecido, mas que virá um dia a gozar de grande renome. Ainda esta manhã estivemos a trabalhar juntos. Sabe que os alimentos sintéticos são uma das minhas manias? Quer que lhe revele o motivo por que me interesse tanto por esses problemas?

Denise não sentia grande desejo de ouvir tal confidência. Procurava Claude com os olhos, quando se apercebeu da pergunta.

A razão por que se interessa? Por causa do dinheiro, com toda a certeza!

Não, sinceramente, desta vez não se trata de dinheiro. De forma nenhuma. Minha senhora, eu sou anticeóforo, sou contra o costume de se comer carne, toda a vida fui vegetariano.

Sem saber porquê, atendendo talvez à estranha aparência do homem, Denise não se sentiu muito admirada.

Mas isso tem alguma razão de ser? inquiriu.

Oh, eu gosto muito de receber. Plutarco era vegetariano, bem como Voltaire, Schopenhauer, Tolstoi e o nosso Swedenborg. Não vou tão longe como Shelley, que não comia certos bolos só porque levavam manteiga. Mas sou incapaz de comer um animal que seja possível animar. Caso curioso, esta atitude levou-me a prestar atenção aos alimentos sintéticos, incluindo as algas, que classifico também na mesma categoria. A pouco e pouco, fui vendo que a importância comercial de tais produtos era maior do que os seus benefícios estéticos. Não vem longe o dia em que a fome se acabará na Terra, graças aos alimentos sintéticos que se poderão conseguir por baixo preço.

E que o senhor fabricará?

É esse o meu sonho. Seja como for, sinto uma verdadeira adoração pelos químicos ilustres, e logo que me anunciaram a vossa vinda a Estocolmo fiquei ansioso por vos conhecer.

É muito amável da sua parte, Mr. Hammerlund.

Não, não, é a pura verdade. Limpou o rosto com o lenço de seda. Se se deu ao trabalho de ler o programa, não ignora, decerto, que ofereço esta semana um jantar aos laureados.

Pois, já me tinha esquecido.

E teríamos muita honra...

O senhor disse «teríamos». É casado?

Não. Prefiro viver só. Partilho a opinião do nosso Ibsen: «Um homem forte é mais forte sozinho.»

E uma mulher forte?

Ele fitou-a, apreendendo no espelho liso dos olhos a imagem da sua amargura e da sua insatisfação.

A respeito da mulher, não sei bem se se poderá afirmar a mesma coisa. Esperou que ela fizesse qualquer comentário, mas guardou silêncio. Quando disse «teríamos», referia-me aos meus amigos, que se sentirão tão honrados como eu com a vossa presença.

O doutor Lindblom, claro, assistirá ao jantar, e penso que a senhora apreciará a sua conversa. Miss Marta Norberg ajudar-me-á a receber os convidados.

Marta Norberg, a actriz?

Exactamente.

Não sou grande frequentadora de cinema ou de teatro, mas quase 267

nunca perco uma oportunidade de a ver representar. Há muitos anos que ela não aparece. Já se retirou da cena?

Uma actriz nunca se retira. Está apenas à espera de um papel que lhe convenha. É o mesmo que falar-lhes do seu regresso. Elas respondem sempre o mesmo: «O meu regresso? Mas eu nunca estive ausente!» A senhora e o seu marido virão ao meu jantar?

Nunca respondo em nome do meu marido retorquiu Denise.

O senhor deve convidá-lo em particular. Quanto a mim, sentime-ei encantada, mas ponho duas condições: não vai obrigar-me a visitar o seu laboratório nem a comer um jantar vegetariano ou sintético!

Hammerlund limpou o rosto com o lenço de seda, num gesto quase divertido, e depois replicou: Está prometido. Nada de laboratório. Isso seria o mesmo que um revisor ir passear de carro eléctrico no seu dia de folga. Quanto à comida, só animais domésticos. Fitou-a por um momento. Se o seu marido estiver

ocupado noutro lado e a senhora vier sozinha, prometo-lhe que não se aborrecerá. Os nossos rapazes suecos são extremamente atenciosos e apreciadores... dos bons produtos franceses.

Denise mostrou subitamente uma expressão carrancuda.

Mr. Hammerlund: eu posso ter os meus problemas, mas não está incluída neles a necessidade de um gigolô.

Hammerlund abriu as mãos num gesto de desalento, como se se mostrasse arrependido.

Desculpe, madame. Sou muito desastrado naquilo que digo.

Peço desculpa, acredite, se fui longe de mais no meu desejo de lhe provar a minha amabilidade.

Convencida de que o homem estava a ser sincero, Denise desculpou-se.

Não, o mal entendido foi meu. Acho que ando demasiado esgotada. Por causa da viagem, da excitação, de todas estas cerimónias...

Atrás de Hammerlund, avistou Claude e Jacobsson a encaminharem-se para aquele lado. Aqui estão eles. Vai gostar de conhecer o meu marido. Ele tem mais jeito para estas funções sociais do que eu.

Quando Claude chegou, trazendo na mão um copo com uma bebida quase incolor, e Jacobsson, logo atrás, Denise dirigiu-se-lhe imediatamente.

Mr. Hammerlund tem sido muito simpático, mas eu fui um bocado difícil de aturar.

Pelo contrário protestou Hammerlund.

Denise continuou a dirigir-se ao marido.

Vais ver que Mr. Hammerlund se interessa imenso por química e ficas decerto satisfeito por saber que ele conhecia os nossos
primei268

ros trabalhos. Voltou-se subitamente para Jacobsson, dizendo: Mal troquei ainda duas palavras com os outros laureados. Vou ver se lhes falo. Voltou-se para Jacobsson. Importa-se de me acompanhar?

O grupo maior da Sala do Mar Branco comprimia-se num círculo apertado que se renovava constantemente na periferia, obedecendo, em parte, ao desejo comum de manter a conversa num tom familiar.

No ponto onde Denise Marceau fora introduzida, havia cinco minutos, achavam-se, da esquerda para a direita, Saralee Garrett, John Garrett, um jovem príncipe da Suécia, fardado, muito vivo e com a cara coberta de borbulhas, Margherita Farelli, Cario Farelli, Konrad Evang, Emily Stratman, Carl Adolf Krantz, e o conde Bertil Jacobsson.

O jovem príncipe, numa voz de falsete cultivada, fazia o relato da biografia de Alfred Nobel, em resposta às perguntas cerradas de Margherita acerca do fundador do Prêmio. John Garrett escutava com disfarçada impaciência, apoiando-se ora num pé ora no outro.

Nesse instante, os sentimentos que habitavam nele não eram nem a curiosidade nem a vontade de conversar, mas antes um desejo de assassinio. Tal como um caçador emboscado, não prestava atenção aos animais do tamanho reduzido. Interessava-lhe apenas o rei dos animais.

Desde o desaire que sofrera na conferência de imprensa, dera balanço ao seu próprio valor e decidira defender-se até a morte. Dali em diante resolvera de si para si nunca mais consentir que o italiano o tratasse como um satélite ou um aliado. Agora, no decorrer da conversa, esperava que Farelli tomasse a palavra para ter ocasião de o interromper ou de contradizê-lo, de modo a provar diante de todos que ele não era digno de se encontrar naquele círculo tão selecto.

A espera prolongava-se de maneira insuportável. Mas, por mais impaciente que estivesse Garrett, o ensejo na liça não se proporcionava.

O Farelli daquela tarde, falador e vulnerável, desaparecera. Eclipsara-se.

Impecavelmente vestido com um fato preto estilo inglês talhado em Roma, limitava-se a escutar. Era como se sentisse um perigo a espreitá-lo e preferisse manter-se no anonimato. Garrett rilhava os dentes e contava os minutos.

O jovem príncipe prosseguiu, na sua voz aguda, a conversa acerca de Alfred Nobel.

É mais uma razão pela qual o admiro tão fervorosamente. Ele conseguiu vencer todas as dificuldades. O pai faliu por duas vezes.

O próprio Nobel nunca mais tirou nenhum curso superior, não se formou em nenhuma Universidade. Isto deve interessar-lhe de maneira especial a si, professor Stratman, que ainda há pouco se referiu a John Ericsson, o construtor do Monitor, e às primeiras experiências 269

que realizou a fim de tentar o que o senhor acabou por conseguir, isto é, dominar os raios solares. Sabia, por acaso, que Nobel conheceu Ericsson, na América?

Isso é realmente verdade?

Vem nas nossas histórias retorquiu o príncipe. Contava Nobel apenas dezassete anos. Ericsson mostrou-lhe o aparelho que esperava pôr em funcionamento com a energia solar, e isso é que despertou a bossa inventiva de Nobel.

E foi então que ele descobriu a nitroglicerina interrompeu Garrett, com importância.

Acho que as coisas não se passaram exactamente assim corrigiu Farelli, intrometendo-se na conversa. A nitroglicerina o óleo explosivo fora já descoberta por um compatriota meu, o professor Ascanio Sobrero, de Turim, alguns anos antes.

É certo confirmou o príncipe.

A confiança de Garrett foi-se a baixo com esta nova derrota. Precipitara-se.

A presa ultrapassara o caçador. Farelli tomara outra vez a dianteira. Garrett prometeu a si próprio não tornar a cair na mesma asneira.

O que Nobel conseguiu inventar foi a blasting cap, continuava o príncipe, e mais tarde a safety powder, feita de nitroglicerina combinada com um barro alemão, donde partiu mais tarde para a grande descoberta da dinamite, que o transformaria em milionário.

Mas, como eu ia dizendo, a vida dele foi sempre uma constante batalha contra a fatalidade. No início das suas experiências, o explosivo fez ir pelos ares a fábrica, matando-lhe o irmão mais novo. Teve de transferir o laboratório para uma jangada, no meio de um lago da Suécia. Por acidente, o líquido inventado por Nobel fez explodir navios na América e no Panamá, um quarteirão inteiro de S. Francisco e um armazém na Austrália. Sabe-se até que o Senado americano o príncipe dirigia-se agora a Garrett debateu seriamente a

questão de se considerar crime punível com a força o facto de meter a bordo o líquido inventado por Nobel.

Sim concordou Garrett. Os meus compatriotas, por vezes, são bastante desconfiados, tratando-se de ciência. Quando comecei a trabalhar nas transplantações do coração, recebi algumas cartas ameaçadoras de indivíduos mal-intencionados que me avisavam de que não tentasse competir com Deus.

Farelli não disse nada, e Garrett sentiu-se reconfortado com aquela pequena vitória.

Mas felizmente que Nobel conseguiu dominar a dinamite prosseguiu o jovem príncipe , e dentro de dez anos possuía já quinze fábricas e era o homem mais rico do mundo, quase tão rico, para a sua época, como o nosso célebre Hammerlund o é presentemente.

270

Farelli fez um gesto como quem ia para falar, e Garrett pôs-se imediatamente em guarda.

Isso é tudo muito interessante dizia Farelli , mas o que eu tinha curiosidade de saber era outra coisa. Estamos aqui todos, laureados com o Prêmio Nobel, vindos dos quatro cantos da Terra, para beneficiar da generosidade de Nobel. No entanto, quase nada sei acerca do próprio fundador do Prêmio. Que espécie de homem seria ele?

Imediatamente Garrett disse: com certeza, doutor Farelli, o senhor deve ter lido, como qualquer de nós, os inúmeros artigos e livros que têm aparecido acerca de Nobel? Só quem não quer é que os pode ignorar! Eu tenho lido imensas coisas a seu respeito e sinto que o conheço tão bem como a qualquer dos meus parentes.

Então deve ter lido nas estrelinhas, doutor Garrett replicou o italiano. Eu não disse que não tinha lido nada acerca de Nobel.

O que afirmei é que, a despeito de todas as minhas leituras, continuo a não saber nada a respeito do grande sábio. Que espécie de homem seria esse que criou a dinamite, de tão alto poder

destrutivo, e que ao mesmo tempo instituiu prêmios em favor da paz no mundo, do idealismo na literatura e das descobertas em favor da humanidade?

Complexos, tudo complexos declarou Garrett, num tom fatigado, perfeita imitação do que empregava o Dr. Keller nas suas sessões de psicoterapia em grupo. Tentava resgatar os seus erros.

É claro como água!

O conde Bertil aclarou a voz.

Se me permitem uma opinião...

O conde Jacobsson conheceu Nobel pessoalmente informou o príncipe.

Todos os olhos se voltaram para Jacobsson, enquanto este prosseguia: Estou inclinado em corroborar a opinião do doutor Farelli quando afirma que Nobel continua a constituir, ainda hoje, um enigma.

Nenhum livro conseguiu ainda dar completamente a sua natureza contraditória. Sim, eu pouco o conheci, mas convivi com ele durante toda a minha vida e, no entanto, de certo modo, julgo que nunca cheguei a conhecê-lo.

Enquanto escutava, Garrett erguia os ombros, como se pretendesse esconder a cabeça, tal como costumava fazer no liceu sempre que um professor lhe passava uma descompostura. Sentiu o braço da mulher enfiar-se no seu, num gesto de camaradagem, mas nem isso o aliviou.

Nobel era ateu, mas lia a Bíblia prosseguia Jacobsson.

conservou-se solteiro e considerava as mulheres como seres repelentes.

No entanto, apreciava a beleza das raparigas americanas. Se tives-271

se podido conhecê-la, estou certo de que teria admirado muito Miss Stratman, aqui presente.

Farelli, Krantz, Evang e o jovem príncipe obedeceram à indicação implícita de Jacobsson, e todos à uma gabaram os dotes de Emily Stratman. Durante um momento, esta perturbou-se, corou, e depois, instintivamente, ergueu uma das mãos a tapar o rego profundo que lhe separava os seios, revelado pelo decote do vestido que hesitara em pôr naquela noite, mas pelo qual, à última hora, se decidira.

Ao tomar consciência do verdadeiro embaraço da rapariga, que involuntariamente causara, quando, afinal, o que tivera em vista fora apenas homenagear a sua beleza calma, o conde Jacobsson terminou depressa o seu discurso.

Nobel era um socialista; por outro lado, admitia um ditador eleito e acreditava no sufrágio de uma minoria educada. Quanto a prêmios, Nobel troçava deles. Costumava dizer que devia a Ordem da Estrela do Norte, com que o haviam agraciado, ao seu cozinheiro, pois os pitéus feitos por este haviam-lhe granjeado as boas graças daqueles que lhe tinham conferido a medalha. Teimava em que recebera a Ordem da Rosa, do Brasil, pela simples razão de ser amigo do Imperador D. Pedro. Detestava a publicidade e não concedia entrevistas nem permitia que o fotografassem. «Isso só convém aos actores e aos assassinos», costumava afirmar. No entanto, instituiu os famosos Prêmios Nobel. E sempre gostava de saber o que pensaria ele acerca da nossa conferência de imprensa desta tarde.

Foi a vez de Stratman tomar a palavra.

E eu também gostava de saber o motivo que o levou a instituir apenas cinco recompensas. Porque não teria também pensado em premiar a Botânica, a Biologia, a Zoologia e a Psicologia?

As suas omissões vão mais longe ainda reforçou Jacobsson.

Também não legou dinheiro a outros ramos da ciência ou da arte, tais como a Architectura, a Economia, a Música, *etc.* Isto não foi por acaso. Ele teve apenas em vista recompensar os assuntos que o interessavam directamente. Caruso nunca poderia obter um Prémio

Nobel da Música, pois Nobel não apreciava essa arte. Paul Cézanne estaria impossibilitado de receber um Prêmio, visto que Nobel não se interessava pela Pintura. Luther Burbank nunca alcançaria qualquer recompensa, pois Nobel não sentia o menor interesse pela Botânica.

Para vos falar com inteira franqueza, dir-vos-ei até que o primeiro testamento não incluía o Prêmio da Literatura. Porém, nos últimos anos da sua vida, durante os quais começou a escrever e a ler, o seu interesse pela arte das letras despertou, e Nobel preencheu essa lacuna.

O seu testamento deu muito que falar, segundo me consta disse Stratman.

Sim, isso é verdade. Jacobsson pretendia manter uma certa 272 discricção, mas o seu instinto de pedagogo levou-o a pôr de lado toda a prudência. Ele alimentava uma desconfiança inata por tudo quanto se relacionasse com a burocracia. Por isso escreveu o testamento sozinho, como muito bem entendeu. Deixava uma fortuna, mas não nomeava ninguém para a distribuir. Felizmente que o seu rei resolveu chamar a si essa responsabilidade. Nobel tinha parentes na Suécia e na Rússia, e o ramo sueco contestou o testamento; a questão arrastou-se nos tribunais durante anos. Chegou-se finalmente a um acordo e os Prêmios foram distribuídos pela primeira vez em 1901, na Academia de Música, tinham já passado cinco anos depois da cremação de Nobel.

Eu, por mim, isto é, eu e a Margherita, estamos-lhe muito gratos declarou entusiasticamente Farelli. Não apenas pela distinção, pois Nobel bem sabia que só isso não bastava, mas também pelas liras, quero dizer, pelas coroas, que são muito úteis, sobretudo num tempo em que o dinheiro parece constituir a única honra apreciável.

Em que vai empregar a sua parte? insistiu Garrett belicosamente, dirigindo-se a Farelli, que se encontrava no outro lado do grupo.

Vou empregá-la numa obra de caridade retorquiou o italiano.

Na Fundação Carlo Farelli, que se destina a sustentar todos os pequenos Farelli.

Não me diga que vai ficar com o dinheiro! tornou Garrett, agressivo.

Pois claro que fico.

Saralee puxou pelo braço do marido.

John, eu acho que ninguém tem nada a ver com a maneira como os outros empregam o seu dinheiro.

Garrett fez de conta que não a ouvira, e prosseguiu com a ofensiva.

Cada um pensa como quer. Quanto a mim, vou oferecer a minha parte ao Centro Médico Rosenthal, de Pasadena, para ser utilizado no financiamento da investigação. É um campo da ciência que merece a ajuda de todos nós.

Ainda bem disse Farelli. Invejo-o pelo facto de estar em condições de ter um gesto desses.

A ciência está primeiro que tudo retorquiou Garrett, pomposamente.

Carl Adol Krantz fez um gesto na direcção de Stratman.

E o senhor, Herr Professor, quer dizer-nos alguma coisa acerca deste assunto?

Concordo com o meu amigo italiano respondeu Stratman.

Vou ficar com o dinheiro do Prêmio. Já dei ao mundo um contributo suficiente. Ele que fique com a energia solar, que eu fico com o dinheiro.

! 273

Bravo, aprovo inteiramente retorquiou Krantz, com excessivo entusiasmo.

Garrett corou.

Bem, temos dois votos contra um. No entanto...

O conde Bertil Jacobsson achou que era o momento oportuno de intervir.

Cortando suavemente o protesto do americano, disse: Cada um pode fazer o que quiser do dinheiro do Prêmio. Não há regras a tal respeito. Os laureados têm as suas necessidades pessoais e os seus compromissos. Muitos, como o senhor, doutor Garrett, oferecem-no a obras admiráveis. Albert Einstein não guardou nada para si. com a aprovação da segunda mulher, Elsa, que também era sua prima, ofereceu metade do dinheiro à primeira esposa, Mileva, em sinal de agradecimento pela colaboração que esta lhe prestara durante os princípios da sua vida. O resto entregou-o a obras de caridade, em Berlim. Remain Holland deu o cheque a organizações pacifistas.

Fridtjof Nansen empregou-o na reconstrução de escolas agrícolas, na Rússia. Rabindranath Tagore destinou-o à sua escola internacional da Índia...

Jane Adams interrompeu Konrad Evang ofereceu metade do dinheiro, no valor de quinze mil setecentos e cinquenta e cinco dólares, à Liga Internacional das Mulheres para a Paz e para a Liberdade.

Jacobsson confirmou, acrescentando: Sim, mas, por outro lado, outros tantos laureados preferiram utilizar-se do dinheiro. Selma Lagerlof adquiriu a antiga casa que pertencera aos pais, a qual contava mais de três séculos. Bjoernson pagou a hipoteca da quinta que possuía na Noruega. Marie Curie instalou uma casa de banho nova e o marido guardou a sua parte a fim de poder abandonar o ensino. Yeats passou a viver do capital e o cientista doutor Clinton Davisson pagou com ele as dívidas. Knut Hamsun encontrava-se na miséria e o Prêmio veio salvá-lo. Já vêem, meus senhores, que não existem regras nem precedentes.

É bom não esquecer disse o jovem príncipe que os nove milhões de dólares que constituíam a fortuna de Nobel, com exceção de um quarto de milhão, investido em títulos americanos, estão muito bem colocados em companhias de seguros, em companhias de caminhos de ferro, em propriedades, e dispomos por isso de grandes

dividendos para entregar aos laureados. Não me recordo de um Prêmio individual ter sido inferior a trinta mil dólares americanos, e este ano é superior a cinquenta mil. Acho que tal facto só pode ser atribuído à nossa economia sólida e à nossa política de neutralidade.

Jacobsson estremeceu ao ouvir a palavra «neutralidade», assunto para ele bastante melindroso, pois mostrara-se sempre partidário apaixonado da Inglaterra, da América e da França durante as duas guerras e lamentava que aquele jovem imprudente se referisse a isso em tal 274

tom de orgulho. Jacobsson pensou que, embora sem o ofender, devia atenuar a impressão que as suas palavras poderiam ter causado.

Não me parece que a economia sueca tenha ganho alguma coisa com a nossa pseudoneutralidade acabou por declarar. Partilho ainda menos a opinião de que essa tão gabada neutralidade tenha sido tão neutral como se dizia. A maioria dos suecos abraçou a causa dos Aliados, na Segunda Guerra Mundial e...

Que disparate! murmurou Krantz, de mau humor...

...E, a despeito da objecção do meu colega, a maior parte dos suecos ajudou a causa aliada, sempre que isso lhe foi possível. Enviámos um milhão de dólares e nove mil voluntários para a Finlândia, para combaterem a Rússia, em 1939. Quando encontrámos um foguetão V-1 dos Nazis, mandámos os destroços para a Inglaterra. Mantivemos um centro de refugiados judeus em Malmoe e recusámo-nos a dar asilo aos criminosos de guerra nazis ou fascistas. Retirámos dos campos de concentração vinte mil dinamarqueses e noruegueses.

A Suécia era pró-Alemanha, e você sabe-o muito bem declarou Krantz secamente. O rei Gustavo V casara com uma alemã.

Todos os nossos cientistas, tal como eu, estiveram em Universidades alemãs. A língua germânica era o nosso segundo idioma. E, durante a guerra, não demos licença às tropas inglesas

para atravessarem o nosso território a caminho da Finlândia, ao passo que permitimos a Hitler, em 1940, e, de resto, com toda a razão, que enviasse tropas e armamento, através dos nossos caminhos de ferro, para Narvique e Trondheim. Em 1941, permitimos que uma divisão completa alemã atravessasse o nosso país, marchando sobre a Finlândia, para atacar a Rússia. Enviámos balas e outro material para a Alemanha. Lamento os excessos a que se entregaram os Nazis e dos quais o Fúhrer não tinha conhecimento, mas não se pode assim pôr de parte tudo o que a Alemanha possuía de bom, só por causa de um simples preconceito...

A Alemanha foi, e continua a ser, a terra que deu o berço a Beethoven, a Goethe, a Kepler, a Hertz, a Hegel...

E também a Joseph Goebels, Heinrich Himmler, Julius Streicher, Reinhard Heydrich, Use Koch... acrescentou Stratman com voz suave.

Desconcertado, Krantz fitou-o.

Sim, decerto Herr Professor, estou de acordo consigo... mas em tudo há bom e mau. Quando o mau desaparece, fica o que é bom.

Todos os suecos compreenderam isto. Como eternos espectadores, conservámos sempre o dom da objectividade. Sinto orgulho em declarar que estive abertamente ao lado da Alemanha durante a guerra.

E porque não? Em tempo de paz, ela dera-nos muito mais do que a Inglaterra ou a América.

Quando Krantz acabou de falar, um silêncio de chumbo ficou a pairar por cima de todos os membros do grupo. Sentia-se um mal-estar 275

que todos partilhavam. Durante um momento, Stratman sentiu-se tentado a prosseguir na discussão com Krantz. Porém, a presença de Emily a seu lado impediu-o de falar.

Foi o jovem príncipe quem rompeu o silêncio.

Acho que ficou bem patente o facto de a Suécia não ter pendido nem para os Aliados nem para a Alemanha. A Suécia foi sempre pró-Suécia e pró-humanidade, como bem o provou o assassinio do nosso querido Dag Hammarskjöld pela causa da paz. O instinto dos Suecos, tal como os dos Suíços, leva-os a lutar apenas pela sua sobrevivência, e pela de mais ninguém. Será um erro? Muito pelo contrário: eu penso que é uma prova de civilização não querer matar, mas apenas viver. Talvez que, se fôssemos grandes e fortes, não tivéssemos outro remédio senão tomar partido por este ou por aquele. Porém, no nosso caso, permanecemos espectadores da história. Não será um papel muito feliz, mas estamos no nosso direito.

Na segunda guerra mundial havia um corpo médico ligado à Marinha começou Garrett. Isto parecia não vir nada a propósito, e todos olharam para ele espantados. Porém, Garrett sabia muito bem aonde queria chegar. Assisti a combates em Iwojima prosseguiu ele, sempre fitando Farelli. Onde esteve o senhor durante a segunda guerra mundial, doutor Farelli?

Estabeleceu-se o silêncio.

Farelli permanecia imperturbável. Olhou Garrett friamente.

Não estive em Iwojima; encontrava-me na prisão de Regina Coeli, em Roma. Fazia parte dos detidos. Nem todos os italianos pertenciam aos camisas negras, sabe, doutor Garrett?

Garrett sentiu a bofetada e permaneceu calado, vencido.

Farelli voltou-se para Stratman.

No entanto, estou certo de que o professor Stratman sofreu mais tormentos do que nós. Como judeu, deve ter sido mais martirizado.

Stratman sentiu Emily estremecer e replicou num tom baixo e sério Eu não fui martirizado, pelo menos fisicamente. Estive durante toda a guerra a trabalhar num laboratório, como refém. Quem esteve em Ravensbruck e depois em Auschwitz foi a minha cunhada.

Cheio de vergonha, Garrett queria dizer qualquer coisa, fosse o que fosse, a fim de subir na consideração dos circunstantes. Queria mostrar a sua compaixão. Sem reflectir, disparou a Stratman a seguinte pergunta: E ela foi morta na câmara de gás?

Stratman confrangeu-se e olhou para Emily. Os olhos da rapariga estavam cheios de lágrimas e notava-se que se sentia aflitíssima com tão súbita manifestação de dor que não conseguia dominar diante daquela gente.

Preciso... preciso de beber qualquer coisa gaguejou ela. Depois rodou nos calcanhares e afastou-se.

276

Stratman ficou um momento a vê-la dirigir-se para o criado e depois voltou-se para Garrett e para os outros membros do grupo.

Sim, a minha cunhada morreu na câmara de gás. Era a mãe desta minha sobrinha. Emily esteve, durante toda a guerra, em Ravensbruck.

Agora ficou a meu cargo.

A conversa não podia ter mais seguimento. Saralee puxou John Garrett para fora do grupo e este desfez-se, desintegrou-se, indo cada um dos seus componentes juntar-se a outros espalhados pela sala.

com uma espécie de fascinação, aumentada ainda pela embriaguez, Andrew Craig contemplava a rapariga morena e esbelta, de feições provocantes, que se encontrava no grupo mais próximo. De todas as mulheres presentes na enorme sala, só aquela lhe despertara a atenção.

Enquanto fingia conversar com Ingrid Pahl, um membro erudito da Academia Sueca, e o ministro da Itália, não deixara de prestar atenção à rapariga que se encostava ao professor Stratman. Tinha a certeza de já a ter visto antes onde, não poderia dizê-lo. E, no entanto, continuava a afirmar consigo que já a conhecia e se esquecera.

Mas logo deixou de estar tão seguro disso como lhe parecera ao princípio.

A certa altura, ficou espantado ao ver a cara da jovem alterar-se, enquanto se afastava do grupo. Seguiu-a com os olhos, viu-a vaguear pela sala e percebeu então que andava à procura do criado de libré, que se encontrava a meio caminho entre o ponto onde ela própria estava e Craig. Obedecendo a um impulso de momento, desperto por uma necessidade imperiosa que não teve tempo de analisar, Craig desculpou-se junto dos companheiros e afastou-se, sem cerimónia.

Muito embora as suas pernas não lhe obedecessem inteiramente e o seu andar fosse um pouco vacilante, tentou chegar junto do criado ao mesmo tempo que a rapariga.

Emily Stratman achava-se já diante da bandeja e pegava na última taça de champanhe, quando Craig a alcançou.

Oh! exclamou ele. Você chegou primeiro.

Desculpe murmurou ela, sem lhe prestar grande atenção.

Estou certa de que lá dentro deve haver mais.

Craig olhou para o criado e este ergueu um dedo, a pedir-lhe que esperasse um instante, afastando-se rapidamente.

O escritor contemplou a rapariga cuja cabeça se curvava sobre a taça.

Tenho a impressão de que já a vi algures declarou.

Ela ergueu pela primeira vez a cabeça para o fitar.

Deve estar enganado disse. E, de súbito, franziu o nariz, como se tivesse comichão nele. Faz cócegas murmurou, indicando o champanhe. Sinto picadas.

277

Só os Franceses e os mergulhadores é que não experimentam essa sensação.

Hum, hum. A rapariga continuou a beber o champanhe.

Bem, então se não a conhecia já, como diz, fico a conhecê-la agora. Chamo-me Andrew Craig e...

Bem sei respondeu ela. Alguém mo indicou quando o senhor entrou. Os meus parabéns.

Obrigado. Você é filha do professor Stratman?

Sobrinha.

Ah, sim. Ele é solteiro?

Solteiríssimo.

E você é que toma conta dele?

Acho que é o contrário. Hesitou um momento e prosseguiu: O meu tio basta-se a si próprio. Eu, não.

Craig observou-a com atenção. Era mais alta do que parecia à primeira vista. Os cabelos castanhos e curtos brilhavam sob as luzes, encaracolavam-se junto ao rosto, ao qual conferiam um certo ar gaiato.

Veio-lhe à mente o termo «virgem vestal». No entanto, os olhos oblíquos, de tipo oriental, cor de esmeralda, não condiziam com o que o termo sugeria. A serenidade da jovem encantava-o. Parecia inteiramente senhora de si, e, contudo, acabava de afirmar que se não bastava a si própria.

Estive a observá-la há momentos, naquele grupo, junto do seu tio declarou. Admirava a sua atitude calma, aquele dom de sang froid que os Franceses tanto apreciam, até que, de súbito, você pareceu ficar muito perturbada e afastou-se. Tem alguma coisa que a aflija?

A rapariga olhou-o atentamente pela primeira vez e ficou admirada.

Tenho, sim. Não se deixe iludir pelas aparências. Esta fachada, atrás da qual me escondo, levou anos a construir. Calou-se, como que espantada consigo mesma. Não sei porque lhe disse estas coisas.

Devo ter bebido de mais, é a quarta taça de champanhe.

Eu é que devo estar embriagado para a obrigar a falar assim.

E sentiu-se no dever de prosseguir. Só lhe perguntei o que a afligia porque não queria dizer-lhe nada que a apoquentasse mais ainda. Não sei explicar-lhe. Parece-me de momento que devia ser uma coisa importante, nada mais.

Não faça caso. Já passou.

Você já sabe o meu nome, mas ainda não me disse o seu.

Emily Stratman. Nascida na Alemanha e naturalizada cidadã americana. Educada em Nova Iorque desde os quinze anos... ou dezasseis, não sei bem. Residente neste momento em Atlanta, na Jórgia.

Esqueci algum pormenor?

Sim, o estado civil.

278

Irredutivelmente solteira.

Como consequência de algum romance infeliz?

É assim que os escritores arranjam os seus temas? Nunca estive para casar, não tenho passado, nem presente, nem futuro.

Como pode fazer afirmações acerca do futuro?

Porque conheço o presente. Em que empregava você o tempo antes de ganhar o Prêmio Nobel? Escrevia conselhos aos namorados]

infelizes? Mas tentou logo reparar o que dissera. Estava apenas a brincar. Não quis ser inconveniente.

Oh, não fale em inconveniência. Essa palavra gela-me. Só se pode ser inconveniente para com pessoas de uma certa idade. E eu não me considero velho. Recordo-me do dia em que uma rapariga bonita me apresentou pela primeira vez no clube, dizendo «o senhor».

Nesse dia descobri que já não era novo. , Os homens de uma certa idade não me metem medo declarou ela. Prefiro-os até. Sinto-me melhor junto deles.

Outra piada directa! Acha então que a ausência de romantismo e a certeza de que não será objecto de nenhum assalto a faz sentir

melhor junto de um homem?

Não reflecti no que disse, nem quero reflectir; esta noite não estou disposta a ter pensamentos profundos, nem a analisar-me a mim própria. Basta-me o champanhe e a presença do rei.

Por outras palavras, continua preocupada?

E você continua a procurar analisar-me. Deixe o meu pobre psíquico em paz. Expressava-se sem cólera nem paixão, apenas num tom monótono, baixo, directo. Manteve-se calada durante uns momentos, olhando para a taça, mas sem beber, até que, por fim, os seus olhos se ergueram para os dele.

Sim, continuo um pouco perturbada. Quer saber porquê? j Craig abanou a cabeça. |||

Quero, sim.

Pode dar-lhe assunto para o seu próximo livro, Mr. Craig. Estivemos ali a conversar, e o doutor Garrett pretendia combater o doutor |

Farelli, de resto sem resultado, é preciso que se note. E o doutor |”

Garrett contou o que fizera durante a guerra. Então, o doutor Farelli declarou que estivera internado num campo de concentração e interrogou o meu tio. E o meu tio contou que trabalhara como refém, por causa de mim e da minha mãe. Estivemos durante toda a guerra em Ravensbruck. Depois, separaram-nos e levaram a minha mãe, num ’

comboio de gado, para Auschwitz, na Polónia. Não sei a que propó-

sito... não sei a que propósito o doutor Garrett quis saber se a minha mãe tinha sido qual é a palavra que se usa? liquidada numa câmara de gás. E, não sei porquê, sentime tão triste... como se aqui-’> lo acabasse de suceder... era como se estivesse a olhar para um caixão. . ali mesmo ao pé de mim, e então... perdi a calma. Foi uma estu- ’, 279

pidez, porque há muitos anos que não pensava na minha mãe daquela maneira. E depois, sem mais nem menos, ali entre estranhos, num lugar público, ir desenterrar tudo aquilo... Aí tem o seu tema, Mr.

Craig.

Ele sentia-se muito comovido.

Não era um tema que eu vinha procurar junto de si, Miss Stratman.

Que era então?

Uma pessoa com quem conversar, como estamos a fazer.

O criado regressara com o tabuleiro cheio e Craig pegou noutra taça de champanhe, esperando em seguida que o homem se afastasse.

Depois reatou a conversa, como se estivesse com receio de que a rapariga se fosse embora.

Rectifico aquilo que disse ainda agora. O que eu procurava não era uma pessoa com quem conversar, mas sim conversar consigo de um modo especial. Não procure explicações. Vemos uma rapariga, ou uma mulher jovem, e simplesmente porque tem os olhos verdes, ou porque sorri um pouco de lado, ou porque usa o cabelo deitado para trás...

Ou porque parece triste...

Sim, por qualquer dessas razões, desejamos travar conhecimento com ela. Por vezes, depois de lhe falarmos, descobrimos que estávamos enganados, e mais uma vez verificamos que fomos vítimas de uma ilusão; outras vezes... A voz faltou-lhe e ele encolheu os ombros e bebeu o resto que tinha na taça.

A senhora que está consigo é da sua família?

É minha cunhada. Como soube que não era minha mulher?

Leio jornais, Mr. Craig. E leio livros, aos montes, e procuro informar-me acerca dos seus autores. Sabia que o senhor era viúvo.

Pois sou. A minha cunhada tem-me servido de ama-seca de há três anos para cá, desde que enviuei. Pensou em se referir a Harriet, mas sentiu que aquela noite não lhe pertencia na realidade, e por isso calou-se.

A sua cunhada é interessante.

Talvez seja. Na verdade, não sei bem.

A sua mulher parecia-se com ela?

A minha mulher era mais feminina num certo sentido. Naquele momento, ele não se recordava bem até que ponto Harriet fora feminina. Em relação à rapariga que tinha na sua frente, Emily Stratman, Harriet, com as suas feições vagamente eslavas, afigurava-se-lhe menos feminina. Leah, a minha cunhada, apoderou-se de mim como se eu fosse propriedade sua, e é neste regime que vivemos há anos.

Mas como vivem? quis saber Emily . Sei que habitam algures no Wisconsin, mas em que regime?

O quadro desagradável dos últimos anos surgiu-lhe diante dos
280

olhos, e Craig, com um prazer mazoquista, considerou a verdade repelente da sua vida e, instintivamente, recusou-se a revelá-la. Tal como um adolescente, desejava impressionar o melhor possível aquela linda rapariga.

Sou dono duma quinta bastante grande nos arredores de uma pequena cidade inventou. De manhã, passeio ou ocupo-me do jardim, às vezes ando a cavalo, vou a casa dos amigos. Depois do almoço, fecho-me no estúdio, lá em cima, e fico a escrever até à noite.

Passo os serões calmamente, na companhia de algumas pessoas com quem jogo as cartas, ou então leio. Vou de vez enquanto passar umas semanas a Chicago ou a Nova Iorque, para apanhar um banho de civilização.

A minha vida não tem o mínimo interesse.

A mim parece-me deliciosa.

Craig sorriu tristemente. Se Lucius Mack o ouvisse, diria: «Muito bem, meu velho, já era tempo de recomeçares a inventar histórias!»

E você? inquiriu ele. Em que se ocupa?

Eu? Governo a casa do meu tio e trabalho num hospital de veteranos, perto de Atlanta. E, como já disse, leio muito. Mas a descrição que acabava de fazer pareceu-lhe tão desprovida de interesse que se sentiu envergonhada e resolveu acrescentar alguma fantasia.

Além disso, está sempre a aparecer lá em casa toda a espécie de pessoas célebres que vão visitar o meu tio, e eu tenho de as receber. Damos jantares e recepções até altas horas. Eu... eu vou aos mesmos divertimentos a que costumam ir as mulheres solteiras e sem prisões. Não me interessam os clubes nocturnos, mas vou ao teatro, a passeios, a casa de pessoas amigas... Tudo isto me ocupa o tempo. Sentia-se menos envergonhada do que nunca e queria a todo o custo mudar de assunto. Neste momento, estou a ler um dos seus livros. Comprei-o para a viagem.

Ele sentiu-se lisonjeado e perguntou: Qual deles?

Eu julgava ter já lido todos, mas descobri que me faltava O Estado Perfeito. Vou quase no fim. Creio ser o meu preferido. Do que menos gostei foi de O Selvagem, por ser demasiado brutal...

É da nossa época.

Sim, é da nossa época e por isso me assusta. Achei o Armageddon muito interessante e movimentado, mas também me impressionou.

O Buraco Negro é quase clássico, embora possa afirmar-lhe que não teve sucesso na Jórgia. Recordo-me de que o meu livreiro tentou dissuadir-me de o comprar. «É um livro nortista, minha senhora», teimava ele. Mas este sobre a tentativa de Platão para fazer vingar a sua Utopia acho que deve agradar imenso. O tio Max disse-me que só agora chegou a ser conhecido na Escandinávia e foi por isso que lhe deram o Prêmio. De resto, com muita razão.

O afecto instintivo que sentira por ela tornara-se em adoração.

281

Gostava que você estivesse presente na próxima reunião que vou ter com os meus editores.

Não é preciso. O senhor já não precisa de propaganda. Depois olhou para ele. É engraçado conhecer o autor de um livro disse por fim. Não fazia a menor ideia acerca da sua personalidade.

Dois dos seus livros, ou melhor, três, eram tão violentos, isto é, continham um protesto de tal modo furioso... E o senhor não é nada assim.

Consigo esconder muito bem os meus protestos, só lhes dou largas em ocasiões especiais, como quando escrevo livros.

Mas porquê? Acho isso uma virtude, e não um defeito.

O conflito é uma bandeira vermelha que incita à luta, a uma espécie de combate corpo a corpo com a vida, e a parte mais concreta da minha personalidade sente-se receosa e retraída, e tenta fugir à controvérsia. Está a perceber?

Perfeitamente.

Talvez seja essa a razão que me leva a refugiar-me na história, onde a minha verdadeira personalidade não pode ser identificada e obrigada a dar combate. É mais cómodo. Pode-se chamar a isto uma fraqueza, uma espécie de fuga, mas que lhe hei-de eu fazer?

Também compreendo isso agora Mas antes não sabia a razão.

Craig percorreu com os olhos o salão e verificou que ou estava a ficar míope ou então caíra uma neblina sobre os seus ocupantes.

Bebera demasiado, passara muito além da sua medida, e agora lamentava-o.

Queria viver o momento presente, mas era demasiado tarde.

Basta de conversa disse para a rapariga. Isto não são assuntos para antes de um banquete real. Esgotou o resto do champanhe como quem cumpre um dever e pousou a taça no tampo de mármore da cómoda. Quero mostrar-lhe uma coisa.

Pegou-lhe no braço, mas ela recuou.

Que é que quer mostrar?

Ele apontou com o dedo.

Vê ali aquela porta? O conde Jacobsson disse-me que conduz a um aposento histórico, o quarto de cama de Sofia Madalena, e aconselhou-me a que não deixasse de o visitar se tivesse oportunidade disso. Vamos lá vê-lo.

A rapariga hesitou.

Não sei bem...

Seja ousada! E tirou-lhe a taça da mão, pousando-a sobre a cómoda. Depois conduziu a jovem através dos tapetes de França, até à entrada do aposento.

Venha atrás de mim disse. E ela seguiu-o por um estreito corredor até uma antecâmara brilhantemente iluminada. Abriu uma porta, espreitou e disse: Sofia Madalena espera-a lá dentro!

A jovem entrou e ele seguiu-a, fechando a porta atrás de si.

282

O majestoso quarto, iluminado apenas por uma lâmpada fraca, era todo branco e dourado, com um tecto estilo barroco. Nos pilares, distinguia-se o pormenor feminino das flores de louro-rosa. O painel do tecto representava uma fantástica alegoria dos quatro continentes.

O resto perdia-se na sombra.

Craig sentia os joelhos fracos e os seus olhos raiados de sangue seguiram Emily, que se dirigiu imediatamente à alcova, a fim de examinar os dois retratos, pintados por Gérard, de Eugênio de Beauharnais, enteado de Napoleão, e de sua mulher, a princesa Amália Augusta, da Baviera. Dentro do salão, Craig reparara apenas no rosto de Emily, mas naquele ambiente mais íntimo via como que pela primeira vez o seu corpo esbelto, posto em destaque pelo vestido de noite, justo e comprido, com uma abertura de lado, até ao joelho. Quando ela se voltou de perfil e depois a três quartos,

verificou que não tinha nada de esbelta, afinal. A carne dos ombros, acima dos seios volumosos, mostrava-se firme, macia, enquanto as ancas e as coxas se expandiam generosamente abaixo da cintura estreita.

Oscilando para trás e para diante, Craig tomou subitamente consciência de que não se sentira absorvido pela contemplação de um corpo de mulher desde o tempo de Harriet. Não falando no seu devaneio com Lilly na noite anterior. Mas isso fora diferente, uma impressão passageira. Agora, era como se estivesse a voltar a si depois de longo sono de morte. Atribuía isso à beleza de Emily, e a atracção que sentia por ela, à qual podia mesmo chamar desejo, apoderara-se de si de forma irresistível.

Meio tonto, atravessou o quarto e postou-se na frente da rapariga.

Esta fitou-o com surpresa. A cabeça de Craig andava à roda, o coração batia-lhe com força, sentia-se excitado e capaz de todas as extravagâncias.

Desejaria estar a sós consigo declarou.

Os olhos dela traduziam o alarme que sentia, mas não fez um gesto.

Estamos sós observou.

Você é linda, tão linda que me sinto todo a tremer por dentro.

Você é linda, não posso deixar de lho dizer...

Obrigada respondeu ela com secura. Agora acho melhor...

Emily, apetece-me beijá-la. Nunca mais toquei numa mulher de quem gostasse desde que... Pousou-lhe as mãos nos braços e sentiu o aveludado da pele. Tentou atraí-la a si, mas de repente ela contorceu-se e resistiu, revelando toda a robustez da sua constituição.

Conseguiu libertar-se e recuou.

Não me toque!

Emily, escute, o que quero dizer-lhe é...

Vá-se embora! Saia daqui! E começou a correr à frente dele.

Mas Craig deitou-lhe a mão e fê-la parar.

283

Reparou então no que vira antes: a rapariga estava ofegante, aterrada, e percebeu que, interiormente, ela devia ter sofrido estragos que até então só conhecera dentro de si próprio. A enormidade deste novo desgosto que lhe causara amargurou-o com uma violência alucinante.

Libertou-a, dizendo: Desculpe, Emily. Sinto-me imensamente envergonhado. Isto não está nos meus hábitos, acredite. De modo nenhum. Bebi de mais.

Perdi a cabeça. Será capaz de me perdoar e esquecer? Por favor, não pense mais nisto. A culpa foi do champanhe e do que tinha bebido antes, durante todo o dia, e acima de tudo...

Um ranger súbito cortou-lhe o discurso e ao mesmo tempo sentiram-se envolvidos por uma faixa de luz que entrava pela porta da sala contígua, a qual alguém acabava de abrir. Entre os umbrais, severa como a consciência, apareceu Leah.

Avançou para eles devagar, de lábios cerrados, olhando alternadamente ora para um ora para o outro, até chegar junto de ambos.

Foi a Craig que se dirigiu numa voz glacial.

Tinha-te visto entrar para aqui. Achei melhor vir dizer-te que não tardarão em dar pela tua falta. O rei está a chegar.

Craig respirou fundo, a recompor-se.

Esta é Miss Emily Stratman, sobrinha do professor Stratman.

A minha cunhada, Miss Leah Decker.

Muito prazer murmurou Emily, numa voz átona e severa.

Afastou-se uns passos e disse: Desculpem-me. Vou ter com o meu tio. E saiu apressadamente, de cabeça erguida, sem olhar para trás.

Leah-ficou-se a contemplá-la, intrigada, e depois voltou-se para Craig.

Então?

Então quê?

Não importa... Meu Deus, és incorrigível! Tens os olhos injectados.

Olha essa gravata! E precisas de um pente. Toma lá o meu.

Não te incomodes. Craig sentia-se desolado, meio morto, apetecia-lhe entoar um canto fúnebre: «Nem todos os cavalos do rei nem todos os seus soldados seriam capazes de pôr Humpty Dumpty de novo em pé.» 1 Lembras-te? Anda, vamos lá cumprimentar o rei.

Logo que a bengala do conde Bertil Jacobsson bateu três vezes no soalho, os ocupantes do salão encostaram-se às paredes, formando um vasto semicírculo, e ficaram à espera. Mal cessara o eco das pancadas, quando o rei da Suécia fez a sua entrada através do arco. Atrás 1. Versos de uma canção tradicional infantil: «Humpty Dumpty bat on a wall.

Humpty Dumpty had a great fall. All de King's horses and all the King's men could not put Humpty together again.» (N. do T.) 284

dele, vinham as princesas e os príncipes reais. Enquanto a comitiva se detinha, o rei, de casaca e sem o mais pequeno distintivo, avançou, observando o salão com um breve sorriso.

Jacobsson adiantou-se então e atravessou a tapete até chegar junto do rei. Colocou-se em sentido, de calcanhares unidos. O monarca estendeu-lhe a mão, e Jacobsson, inclinando a cabeça, pegou nela, tocando-lhe apenas.

Depois, o rei começou a percorrer o semicírculo dos convidados, sempre com o conde a acompanhá-lo, um passo atrás, murmurando-lhe o nome de todos, homens e mulheres, a quem Sua Majestade cumprimentava com um aperto de mão, uma inclinação de cabeça, por vezes uma palavra em tom suave.

Andrew Craig, colocado junto de Leah, logo ao princípio do semicírculo, observava tudo com os olhos turvos, apoiando-se à cómoda que estava atrás de si, para se manter direito. Tal como o rei

fizera momentos antes, Craig observava agora os convidados. A maioria destes seguia com a vista o percurso do soberano. Os restantes, sobretudo escandinavos, conservavam as cabeças hirtas, como soldados numa revista. Craig procurava entre os rostos femininos aquele de quem desejava obter o perdão e as boas graças. Mas Emily não se encontrava visível para ele.

Sentiu junto de si uns movimentos estranhos e, atentando melhor, percebeu ser a cunhada que se encolhia e baixava, com gestos convulsivos, cujo ar grotesco o vestido travado aumentava. Compreendeu então que aqueles movimentos correspondiam à interpretação que ela dava à reverência, aprendida à pouco. Viu-a erguer-se de novo, devagar e com grande esforço, como quem tenta pôr-se de pé sobre um colchão flutuante, até que reassumiu a posição vertical.

Nesse momento, ouviu pronunciar com nitidez o seu nome e as palavras «laureado». Imediatamente, como o cachorro da experiência de Pavlov, sem pensar e apenas obedecendo a um reflexo, afastou-se da cómoda, endireitou-se e fitou o rei da Suécia.

Este estendeu-lhe a mão.

Seja bem vindo ao nosso país, Mr. Craig.

Desajeitadamente, Craig pegou na mão do rei e largou-a em seguida.

Obrigado, murmurou.

E ia para acrescentar «rei» mas conteve-se a tempo e procurou freneticamente na memória a palavra adequada que aprendera na lição de protocolo, até que se recordou, e disse: «Majestade.»

O monarca deteve-se um pouco mais junto dele e disse: Gostei muito do seu livro O Estado Perfeito. As suas opiniões coincidem com as minhas.

Folgo muito com isso, Majestade.

Espero ansiosamente o aparecimento da sua nova obra. Forta-285

lecido pelo batalhão de garrafas que ingerira, Craig sentiu-se atrevido como um jovem socialista e permitiu-se perguntar: É uma ordem, Majestade?

O rei pareceu achar graça e retorquiu: Se assim o quiser entender, Mr. Craig.

Sinto-me altamente lisonjeado e inspirado. Enviar-lhe-ei o primeiro exemplar, Majestade.

O rei prosseguiu nos apertos de mão e nas infindáveis reverências, e Craig chegou à conclusão de que se sentira realmente lisonjeado com o interesse do monarca, mas de forma nenhuma ficara inspirado, pois o poder deste era apenas temporal e circunscrito àquele país, e Craig obedecia apenas a uma das musas: outrora Clio e hoje Calíope.

E, com pesar, renunciou interiormente à promessa feita ao rei da Suécia.

Junto de si, ouviu Leah, que lhe dizia em voz sumida: Como te atreveste a gracejar com Sua Alteza Real?

Não se ofendeu.

Como é que sabes? Oh, Andrew, estou tão aflita!

Ele achou piada murmurou Craig, entre dentes.

Mesmo que achasse, porque és tu tão imprudente quando estás bêbado? Que mais asneiras irás ainda fazer?

Pelo amor de Deus, Leah! Não queiras dar nas vistas. Eu não critico as tuas reverências e tu não te metas nas minhas conversas.

Por favor, vê se tens juízo.

- Todos te viram entrar para aquele corredor que vai dar ao quarto de cama...

E então? Isto é algum bordel?

Leah estremeceu, corou e guardou silêncio. Percorreu com os olhos o salão todo, a ver se alguém ouvira as palavras do cunhado. Pareceu-lhe que não. Ia para falar outra vez, mas conteve-se e preferiu assumir uma atitude taciturna.

Do outro lado do salão, o rei terminara o seu passeio protocolar e naquele momento esperava a comitiva à entrada da galeria Carlos XI. Seguido pelas princesas e pelos príncipes, penetrou na sala de jantar. No mesmo instante, o semicírculo dos convidados desfez-se, formando-se uma bicha à entrada da sala de banquete.

Craig encontrou-se finalmente instalado num lugar marcado com o seu nome, entre Leah e Ingrid Pahl, a uma distância de poucos metros do rei, que se achava completamente isolado dos outros convivas, com duas princesas à direita e mais outras duas e um príncipe à esquerda. Servia-o um criado particular, fardado, que se encontrava sempre perto dele.

Um pouco confuso pela bebida, Craig piscava os olhos para observar o que o rodeava. Não tinha em vista com esta observação enriquecer a sua memória de escritor; fazia-o, sim, em atenção a Lucius 286

Mack, o seu amigo, a quem desejava descrever mais tarde a cena.

Os olhos de Craig examinavam a galeria, e descortinavam bustos de antigos reis e rainhas colocados sobre mísulas, vários armários contendo objectos de prata, âmbar ou porcelana. O tecto pintado, como [mais tarde viria a saber, representava cenas do reinado de Carlos XI de Ulrica Eleonora. Do tecto pendia um lustre cintilante, e logo em baixo, sobre a mesa, estava uma jarra alta e elegantíssima. Na sua frente, via-se a baixela de prata polida.

Olhou para ver se o rei também era servido com a mesma baixela; porém, ao lado do prato do monarca, viu uma coisa que lhe prendeu a atenção: um simples ovo, majestosamente apresentado numa taça de ouro.

Craig puxou o braço flácido de Ingrid Pahl e perguntou: Que é aquilo?

Onde?

Ao pé do prato do rei. Parece um vulgaríssimo ovo.

E é mesmo, Mr. Craig respondeu alegremente Ingrid Pahl.

Constitui uma tradição. No tempo dos primeiros monarcas cristãos da Suécia, um dos monarcas possivelmente Olof Skotkonung ou Eric Jedvardsson, sentou-se à mesa com dores de barriga e, rejeitando a succulenta refeição que lhe haviam preparado, pediu apenas um ovo cozido. Era um pedido inaudito para um rei. Os ovos constituíam o alimento dos camponeses e, durante uma hora, voltaram-se de pernas para o ar as cozinhas do palácio à procura de um ovo, enquanto o rei bufava de impaciência. Apareceu finalmente o ovo, mas nessa altura já o monarca se encontrava fora de si. Mandou então publicar uma proclamação. Dali em diante devia encontrar-se sempre um simples ovo cozido junto do prato do rei, à mesa, para o caso de este o desejar. A tradição tem-se mantido desde há séculos. É por isso que ali vê o ovo.

Tem muita graça retorquiou Craig. E que é aquilo ali atrás?

Já sei, já sei. É a coroa coberta de pedrarias e o ceptro, a esfera e a cruz, o Poder e a Justiça, bem como a cornucópia que contém o óleo da unção. São tudo símbolos da sua autoridade e das suas prerrogativas. Tradições, Mr. Craig. O rei não usa a coroa nem pega no ceptro. Mas eles estão ali, vê o senhor? E ele sabe-o, o governo democrático também o sabe, assim como o povo sueco. Trata-se de coisas em que nós confiamos e a que nos agarramos nos tempos difíceis.

Penso, Mr. Craig, que são muito respeitáveis estas virtudes que nos dão a certeza de que qualquer coisa continua e se mantém, desde o passado distante, e se prolongará ainda, fazendo-nos confiar no futuro.

São ideias que os ateus e os republicanos não compreendem, calculo eu.

Muitos americanos não sabem o que isso é, minha senhora 287 comentou Andrew tristemente. Invejo-a por possuir alguma coisa em que acredita.

Nesta altura, já tinham servido o caviar e Craig começou a comer sem entusiasmo. Olhou para o outro lado da mesa, a ver quem tinha na frente, e reconheceu Stratman, que ajustava os óculos, e a seu lado estava Emily, debicando no caviar, de olhos baixos.

Craig não se interessava nada pelo esplêndido jantar que lhe era servido. Preocupava-se apenas em captar os olhos de Emily e em lhe fazer compreender, de qualquer forma, que procedera mal e que desejava ser perdoado. Durante a hora e meia que se seguiu, não deixou de a olhar de tempos a tempos. Ingrid Pahl falava-lhe, bem como Leah, mas ele não as ouvia. Seguiram-se os pratos quentes: o consomme, a marinerad sill (de sabor perfumado), a enorme peça de carne com geleia de uvas, os tenros bifés de rena, a salada de alface, ervilhas, frutas, camarões e cogumelos partidos aos bocadinhos, a que chamavam vastkustsallad, o doce tradicional com a coroa da realeza feita de açúcar. Tudo Craig deixava quase sem lhe tocar. Pediu mais champanhe e bebeu durante todo o tempo. E, sempre que fitava Emily, esta recusava-se a erguer a cabeça e a dar pela sua presença.

Sendo a mesa bastante larga, com a jarra alta na frente e Leah ao lado, Craig nunca pôde dirigir-lhe a palavra.

Continuava a beber desconsoladamente, correspondendo agora a um brinde de Sua Alteza, depois a outro à memória de Alfred Nobel.

O seu barómetro íntimo fazia-o subir no seu próprio conceito, para descer logo, levando-o a lamentar a sua pouca sorte. Sofreu durante um bocado com a injustiça de Emily. Afinal, perguntava a si mesmo, que fizera ele assim de tão censurável? Atraíra uma rapariga a um quarto deserto, afirmara-lhe que era bonita e quisera beijá-la. Seria isto um crime? Que diabo! Não! Tratava-se antes de uma homenagem, e qualquer outra rapariga sentir-se-ia orgulhosa de merecer tais atenções de um laureado com o Prémio Nobel. Quem estava no erro era ela, não ele. Não a violara nem lhe fizera mal, não é assim?

Depois, passado um bocado, já estava convencido de que, na verdade, a ofendera e ferira. Todas as mulheres, dizia consigo, são vulneráveis à sua maneira e podem sentir-se atingidas pelas mais diversas razões. Uma pode considerar como injúria ou ultraje a corrupção corporal, o facto de lhe penetrarem no corpo à força. Outra sentir-se-á ultrajada mentalmente, através de insultos e palavras ou acções menos respeitosas. Aquela pertencia, sem dúvida, à categoria das que têm vergonha dos homens, provavelmente seria ainda virgem e considerava estes pequenos actos, tais como palavras de sedução, um beijo, um abraço, um gesto ainda mais ousado, como um ataque ao seu pudor e um acto de depravação. No momento em que se convenceu disso, Craig sentiu-se mais mortificado do que nunca.

Porém, após mais outra taça de champanhe, de novo o barómetro
288

subia em seu favor. Mas por que diabo se preocupava tanto com aquela rapariga? Depois de Harriet, não prestara atenção a mais nenhuma mulher e mantivera-se afastado de todas as perturbações emocionais causadas por qualquer fêmea, por se haver consagrado exclusivamente às suas próprias perturbações e sentimentos de culpa. Sendo assim, Emily podia considerar-se uma intrusa. Durante um momento, ao encontrá-la, transpusera a barreira proibida e regressara à realidade. E logo vira como tudo era, de facto, desagradável na vida.

Agora, regressava de boa vontade ao seu antigo estado de espírito.

Para ele, todas as mulheres haviam morrido juntamente com Harriet.

Diabo as levassem a todas. Adeus, Emily!

Ficou surpreendido ao ver toda a gente a levantar-se da mesa. Sobressaltou-se ao verificar que o banquete real terminara e que o rei se fora embora. Pôs-se de pé com esforço.

O café vai ser servido no salão informou Ingrid Pahl.

Muito bem respondeu.

Reparou que Leah travara animada conversa com um diplomata e saíra adiante dele. Colocou-se ao lado de Ingrid Pahl e voltou ao salão, onde estava servido o café.

As meditações a que se entregara durante o jantar haviam-no perturbado e agora desejava evitar o mais possível a companhia de pessoas de cerimónia com quem fosse obrigado a conversar. Precisava de reflectir. Também não lhe apetecia encontrar-se com Emily, e muito menos com Leah. Queria afastar-se de quem o repelira, de quem o não compreendera.

Ali perto, o conde Jacobsson, que ficara sozinho durante uns momentos, absorvia-se na contemplação de uma das suas condecorações.

Senhor conde disse Craig , quando vir a minha cunhada diga-lhe que eu me fui embora mais cedo. Vou a pé para o hotel, pois preciso de tomar ar.

Muito bem, Mr. Craig. E o conde não procurou esconder a sua preocupação. Sente-se mal?

Sinto-me o melhor possível. Foi uma noite memorável e o jantar uma maravilha!

Deve alegrá-lo saber que Sua Majestade ficou satisfeitíssimo por o conhecer pessoalmente.

Peço-lhe que diga isso à minha cunhada, sim? E apeteceu-lhe acrescentar: «E a Emily Stratman.» Mas conteve-se e disse apenas: Então, muito obrigado, senhor conde.

E, dizendo isto, Craig afastou-se para ir buscar o sobretudo e o chapéu. Depois deixou o Palácio Real.

Esperou no passeio varrido pelo vento, em frente do pequeno hotel solitário, até chegar o táxi que mandara chamar pelo telefone do bar.

Um criado ensinara-lhe a marcar o número 22 00 00. Assim fizera, dissera o seu nome e direcção à rapariga que atendera, esta respondera bil Kommer, que o criado traduziu por «muito bem»; e ali estava, ao frio, à espera do táxi.

A última vez que vira as horas era quase meia-noite. Agora devia ser muito mais tarde. Após ter deixado o Palácio, caminhara à toa, sem contudo percorrer grandes distâncias, com o seu andar de velho, por vezes vacilante, encostando-se às paredes dos edifícios escuros.

Naquela noite de Inverno, a cidade parecia desolada e morta. Não se ouvia o mais leve som, a não ser o ruído dos sapatos dele no pavimento de pedra e a passagem de um ou outro automóvel. com o nariz, a boca e o queixo parcialmente adormecidos pelo frio, encontrara por fim aquele hotel frouxamente iluminado, entrara no bar vazio e, durante meia hora, degelara-se em whisky.

Durante a maior parte do tempo, o seu cérebro mantivera-se por de mais enevoado para se poder entregar a qualquer meditação lógica.

Porém, havia um assunto que lhe aflorava repetidas vezes o pensamento, até que, ali mesmo, no bar, conseguiu captá-lo e tomar uma resolução. Chegara, ao que parece, nessa noite, a um ponto crucial da sua existência. Aquela ocasião única, da qual fizera parte como hóspede de honra, transformara-se mais uma vez numa das grandes derrotas da sua existência, um verdadeiro Waterloo. Por um momento, nessa noite, parecera-lhe ter voltado à vida, haver experimentado as velhas sensações, porém, desabitado de viver, falhara e mais uma vez caíra naquela espécie de morte fácil. E no entanto coisa estranha!

durante aquele deambular pelas ruas sentira sempre pulsar em si, tentando sobreviver, um pequeno fragmento de emoção. Uma emoção há tanto tempo adormecida mas identificável: o desejo de ser amado. Não por piedade ou respeito, mas simplesmente amado.

Quando essa emoção se lhe tornou mais clara, logo soube o que tinha a fazer. Se estivesse em seu juízo, teria considerado isso uma loucura. Porém, a embriaguez possui uma lógica muito sua. Craig chamara imediatamente o táxi, e agora, parado no passeio, cansado e a tremer, esperava. Até que apareceu um carro preto e Craig instalou-se no assento de trás. Procurou a carteira durante alguns instantes, encontrou-a, tirou de lá o bocado de papel que achara preso à garrafa no comboio para Malmoe.

Leve-me a Polhemsgatan, 172-C disse ao condutor.

A viagem foi rápida. Entregou ao homem uma nota grande, a fim de não ter de estar a fazer contas, aceitou o troco, deu três coroas de gorjeta e encontrou-se em frente de um prédio de sete andares.

Por cima da porta envidraçada pendia uma grinalda de luzes de Natal, apagada. Craig tocou a campainha, a porta abriu-se e ele entrou.

Por cima de cada caixa do correio, incrustadas na parede, havia placas com um nome, a letra de um apartamento, o número do andar.

290

Na quinta, a partir da direita, lia-se: FROKEN LILLY HEDQUIST, APT. C, 6.º ANDAR.

Às apalpadelas, Craig encontrou o elevador na semiobscuridade.

Tratava-se de uma gaiola triangular, capaz de conter apenas dois seres liliputianos, e Craig sentiu-se ali dentro abafado como numa toca.

Procurou os botões, carregou no sexto e subiu.

Quando o elevador se deteve, Craig saiu. Estendia-se na sua frente um pequeno corredor frouxamente iluminado. Ficou a hesitar se prosseguiria ou não; a necessidade de amor não se lhe afigurava agora tão imperiosa como há pouco. Mas, de súbito, sentiu que era preferível esta loucura a regressar ao hotel, para junto de Leah.

Apoiando-se à parede, atravessou o corredor. A última porta ao fundo, junto à janela e à escada de incêndio, estava marcada com a letra C. Bateu devagarinho e, como não obtivesse resposta imediata, repetiu o gesto com mais força.

Lá de dentro, a voz dela inquiriu: Quem é?

Sou eu retorquiu Craig.

Ouviu dar volta à chave, a porta abriu-se parcialmente e logo a seguir escancarou-se.

Reconheceu a cascata de cabelos louros.

Mr. Craig! murmurou ela, muito séria, apertando em volta do corpo o roupão cor de alfazema.

A rapariga oscilava diante dos seus olhos como um metrónomo e ele fez um violento esforço para se inclinar diante dela. Tirou o chapéu, pensou e disse: Miss Lilly... Mas não conseguiu recordar-se do resto do nome.

Entre, se faz favor.

O tom dela era tão convidativo que ele obedeceu imediatamente.

A sua vista perturbada mostrava-lhe apenas uma parte do quarto: um mosaico, na parede, por cima de um divã de pinho com almofadas às riscas; uma mesinha com tampo de vidro e armação metálica; duas profundas cadeiras de verga, um pequeno aparelho de televisão; uma cama larga, que se podia esconder num vão da parede. Craig aproximou-se do leito e deixou-se cair sobre ele.

Sentia na sua frente a presença da rapariga. E tentou explicar.

Lilly, estou muito bêbado... sinto-me muito velho e... nada me importa a não ser que... esta noite... tinha necessidade de ter alguém junto de mim que compreendesse... e lembrei-me de si... Lilly, importa-se?

Ela ajoelhou-se na frente dele.

Oh, Mr. Craig. Estou satisfeita por ter vindo.

Vou só descansar aqui um bocadinho e depois volto para o hotel.

Ela pegou-lhe nas mãos geladas e esfregou-as nas suas, transmitindo-lhes calor.

Deixe-se ficar. Eu trato de si. Deite-se e durma.

Craig sentiu-se satisfeito, descontraído. Depois percebeu que ela lhe despira o sobretudo e o casaco e que lhe deitara a cabeça no travesseiro de penas. Erguera-lhe também as pernas para lhas estender na cama. Estava agora a desapertar-lhe o colarinho da camisa, sentia-a por cima de si e tinha a vaga impressão de que o que lhe aflorara a cara fora o seio da rapariga. Era delicioso imaginar tudo isto antes de adormecer, e logo no mesmo momento caiu num sono profundo.

Ainda de pálpebras cerradas, manteve-se imóvel, esperando que o seu corpo fosse acordando completamente.

Ao abrir os olhos, avistou os cortinados transparentes e verificou que a cidade se conservava ainda escura por detrás destes. O quarto onde se encontrava era parcialmente iluminado por uma lâmpada invisível e de um canto afastado vinha o zumbido de um irradiador. Julgara encontrar-se no seu quarto de Miller's Dam, no andar de cima da casa; depois pensou tratar-se do aposento que ocupava no Grande Hotel de Estocolmo, até que verificou estar num quarto desconhecido.

Lutando com o peso do sono, sentou-se com esforço e empurrou os cobertores. Estava nu, com excepção das cuecas. Não tinha a menor ideia de se haver despido antes de se deitar; de súbito, as recordações da noite anterior invadiram-lhe o cérebro. Surgiu-lhe claramente a imagem da rapariga dos cabelos louros caindo em cascata e do roupão cor de alfazema. Voltou-se sobre a cama, para ver o resto do aposento.

Lilly Hedquist, encolhida debaixo da roupa, dormia no outro lado do leito de casal. Dormia com a inocência de uma criança, e os cabelos esparsos cobriam-lhe parcialmente o rosto, escondendo tudo menos o sinal junto à boca. Os cobertores tapavam-na até ao pescoço,

de modo que só as alças estreitas da camisa de noite branca ficavam visíveis.

Craig sentiu-se comovido ao contemplá-la naquele momento de abandono. Invadira-lhe a intimidade, ele, um estranho, um estrangeiro, um bêbado. E ela recebera-o com uma amabilidade sem reservas, tratara dele, oferecera-lhe a sua cama. E, de tudo isso, o que mais contava fora deixá-lo em paz e livre da sua presença.

Contra vontade, levantou-se da cama, desejando que este encontro tivesse ocorrido antes de se haver começado a destruir. Mas disse consigo que isso não seria possível, pois tal encontro era uma consequência da piedade que a rapariga sentia por ele e ele por si próprio.

Procurou a casa de banho às apalpadelas, abriu por engano um

armário, até que encontrou a porta que procurava. Iluminado pela luz fluorescente, não pôde deixar de ver reflectida, no espelho alto que tinha diante de si, a figura que Emily Stratman observara antes de meia-noite e que Lilly Hedquist contemplara depois uma face magra e angulosa, devastada pelo esgotamento e pela fraqueza. Causou-lhe náuseas. Abriu a torneira para deixar correr a água, depois mergulhou a cara no líquido frio e lavou-se. Sentia-se agora em seu perfeito juízo e liberto do mal-estar habitual a seguir à embriaguez.

Tomou uma resolução secreta: nunca mais beber, encetar vida nova, acabar com aquela autodestruição, aquela vida negativa.

Nas pontas dos pés, saiu para o quarto, pegou na camisa e nas calças, que estavam na cadeira ao lado da cama; de repente, porém, sentiu-se demasiado fatigado para se vestir. Desejava voltar a deitar-se, encontrar outra vez o calor e a paz infinita donde saíra havia pouco, acordar mais tarde num mundo onde valesse a pena viver. Cansado e sem ânimo, sentou-se de novo na beira da cama, desalentado, inerte, sabendo que deviam ser perto de nove horas da

manhã daquele dia de Inverno, que Leah o esperava no Grande Hotel, bem com os comités e o resto do programa, e ele não estava em condições de tomar parte em cerimónias.

Aonde vai, Mr. Craig?

A voz de Lilly sobressaltou-o e ele voltou-se. A rapariga encontrava-se deitada de costas, por baixo da roupa, de cabeça voltada para ele. com uma das mãos afastava os cabelos dos olhos, com a outra segurava a roupa junto ao queixo.

Para o hotel respondeu. Queria sair sem a acordar.

Porquê?

Não queria que se sentisse envergonhada. Reflectiu acerca do que acabava de dizer. Não, não é nada disso. Tinha vergonha de que me visse.

Não tem de que se envergonhar.

O estado em que lhe apareci ontem...

Era o estado de um homem que bebera de mais e vinha cansado.

Não me importei. Tinha pensado bastante em si, nos momentos agradáveis que passámos juntos no barco de Malmoe e fiquei satisfeita por se ter lembrado de mim e por me haver procurado.

Sim, lembrei-me de si.

A rapariga sentou-se na cama, sempre a segurar nos cobertores. com a mão livre, bateu no colchão: Venha cá, Mr. Craig.

Este largou o fato, deu a volta à cama e foi sentar-se ao pé dela.

Porque se lembrou de mim ontem à noite?

Não sei dizer-lho, Lilly.

Sabe, sim, senhor.

Primeiro desejei estar sozinho, sentia-me vencido. Depois, foi 293 o contrário, queria sentir-me acompanhado, e recordei-me de si, tinha simpatizado consigo... e, não sei como, vim até cá.

Mas eu ainda lhe não fiz a companhia que o senhor desejava.

Esteve sempre a dormir e agora vai-se embora e continua a estar sozinho.

Pois é.

Quer então continuar sozinho?

Lilly, pelo amor de Deus...

Não é preciso ser sincero comigo e consigo próprio. Não se esqueça disto. Diga-me exactamente porque veio procurar-me.

Muito bem, já que quer saber . foi porque a desejava, que diabo! .

Desejava-me... repetiu ela, num tom neutro, sem expressão, sem o menor tom interrogativo. Sim, é verdade. E depois, teve medo? Por que motivo o facto de amar ou ser amado constitui para si uma coisa tão complexa? Por que razão se sentia só quando aqui entrou e pretende ir-se embora na mesma?

Para que tal não sucedesse, era preciso haver outra pessoa Que...

E eu não estou aqui? - Atirou fora a roupa e estendeu-lhe os braços. Imediatamente ele se achou junto dela, abraçá-la, a beijá-la, no pescoço, nas faces, na cova da garganta.

Dali em diante, Craig abandonou todo o raciocínio, entregando-se inteiramente às sensações, e apenas murmurando: Obrigado, Lilly...

A voz dela chegou-lhe de muito longe, como que trazida pelas ondas do mar. E segredava: Nunca me agradeças... nunca... o amor não se agradece.

Mas logo ele perdeu de vista sua imagem no remoinho espumante da paixão.

Lilly... Lilly...

A respiração da rapariga queimava-lhe a face, enquanto murmurava indistintamente palavras em sueco; quando Craig abria as pálpebras pesadas, ela aparecia-lhe quase irreal, com os cabelos cor de linho caídos para a frente, os seios a balouçar, o ventre contraído, lembrando uma deusa nórdica em transe.

Queria dizer-lhe que ela viera do paraíso, mas a jovem curvou-se mais para a frente, sempre mais, e mais, de forma que já não era uma onda a envolvê-lo, mas sim uma torrente de lava, e Craig não pôde

falar. A boca aberta de Lilly veio unir-se à dele e julgou ouvi-la murmurar «Freia».

Recordou-se que Freia era a Deusa nórdica do amor carnal. Perdeu então todo o domínio, toda a delicadeza o abandonou. Agarrou-lhe nos braços e obrigou-a a deitar-se, ficando ambos lado a lado. De novo as vagas o envolveram, mais uma vez perdeu a consciência, mas ela 294

conseguiu mantê-lo sempre preso a si. E, subitamente, sentiu-se liberto do sorvedouro, saíra do torvelinho, e quedou-se, exausto, nos seus braços.

Não te mexas murmurou ela, passados segundos. Teve ainda um estremeção convulso e depois deixou-se cair para trás, a tapar os olhos com as mãos.

Instantes depois, destapou os olhos e fitou-o.

Du ai inte emam disse. Já não te sentes só.

Mas ele não a ouviu. Adormecera.

Capítulo seis Andrew Craig regressou ao hotel ao princípio da tarde.

Sentia-se muito mais bem disposto do que no dia anterior. Fisicamente, parecia-lhe estar liberto dos antigos venenos, descansado e em paz. Pela primeira vez, depois de muitos anos, dormira sem estar bêbado ou ter tomado drogas, e o seu sono fora pacífico, deserto de sonhos.

Ao acordar naturalmente, encontrara vazio o lugar junto de si. Pregado no travesseiro, havia apenas um bilhete de Lily: Caro Mr. Craig: o café está em cima do fogão, pode aquecê-lo.

Espero que nos tornemos a ver.

Lilly Hedquist Depois de se vestir e de tomar o café, acrescentou umas linhas ao bilhete, à laia de resposta: Ver-nos-emos em breve. A seguir saiu para a rua. Lá fora, o velho portvakt, o porteiro sueco do apartamento, estava a compor as iluminações. Craig quase tropeçara nele. Mas o velho não se zangara; mostrara-se até muito amável,

como se Craig fizesse parte dos habitantes do prédio, e este então desconfiou de que Lilly falara dele ao portvakt.

O dia rompera finalmente sobre a cidade e não soprava a menor viração, o ar estava tépido e como que perfumado. O sol brilhava no céu azul-cobalto e os suecos que passavam a pé mostravam-se alegres com aquela amostra de Primavera. com o sobretudo no braço, Craig dirigiu-se vagarosamente para a praça que ficava mais perto, reparando no colorido das coisas, nos fatos das mulheres, na louça exposta numa porta de loja, na mobília amarela numa montra, nas caixas de presentes de Natal atadas com fitas coloridas que se viam num quiosque. Tudo lhe parecia mais colorido que dantes, ou fosse por causa do sol ou por se encontrar sóbrio.

Na praça, chamou um táxi e dirigiu-se para o hotel onde não punha os pés havia dezassete horas. Só quando ia já no elevador se recordou de Leah e do programa daquele dia. Não se lembrava de que constaria, mas esperava que não fosse muito interessante: apenas o suficiente para manter Leah, distraída e ausente. Se esta se encontrasse no hotel, seria obrigado a inventar uma desculpa aceitável, coisa tanto mais difícil, dizia de si para si com amarga ironia, conquanto já estava desabitinado de escrever ficção; mas, se não conseguisse 297

inventar nada, teria de sofrer as consequências. O que precisava era de descanso e tempo para inventar uma história plausível. Por isso fazia votos para que Leah estivesse ausente.

Logo que entrou no apartamento, viu justificado o seu pessimismo.

Os votos que fizera não tinham sido ouvidos: a carteira de Leah encontrava-se bem à vista, como um sinal de trânsito, sobre a mesa do átrio; e ela estava sentada, muito tesa, na cadeira da saleta, com o telefone no regaço e as feições duras tão mortificadas como as de uma jovem viúva.

Então disparou ela. Vejo ao menos que ainda estás vivo.

Telefonei para toda a parte à tua procura, menos para a morgue. Craig atravessou a saleta e atirou o casaco para cima do sofá. Desculpa, Leah. Realmente, eu devia ter telefonado.

Se devias ter telefonado! Como é possível ter-se tão pouca consideração pelos outros? Estou eu aqui, num país estrangeiro, longíssimo da nossa terra, entre estranhos, sem uma única pessoa amiga a não seres tu, e que havia eu de pensar? Já tinha sido horrível deixares-me sozinha no Palácio Real ontem à noite, uma coisa absolutamente humilhante. Mas, como sabia que estavas bêbado como um cacho, fiquei levantada a noite inteira, até que adormeci aqui mesmo, nesta cadeira. Sentime tão aflita que nem podes imaginar! Terias sido atropelado? Terias caído ao canal? Sabes lá o que eu imaginei!

No fim do jantar desencontrei-me de ti começou ele, muito atrapalhado. Precisava de tomar ar. Mas então o conde não te comunicou o meu recado?

Não me avisou de que ias desaparecer até ao outro dia!...

Bem, eu não tencionava...

És impossível explodiu ela. Agora será uma trapalhada.

O que vai pensar esta gente toda? Telefonei para o conde, para a Fundação, para Mr. Manker, dos Negócios Estrangeiros, até falei com o professor Stratman...

com o Stratman? Que diabo tinha ele a ver comigo? retorquiu Craig, corando.

Leah começou a pensar que talvez se tivesse enganado e mostrou-se menos agressiva.

Sei lá? Perdi a cabeça. Afinal, tu tinhas passado todo o serão com a sobrinha dele. E, depois de receber o teu recado em que me dizias que te ias embora, vi o professor Stratman sair com a sobrinha e pensei... bem, que talvez te tivesses ido encontrar com eles.

Ou eles comigo, não é isso o que queres dizer? Craig sentia-se subitamente furioso. E que tinhas tu a dizer se eu tivesse ido

encontrar-me com eles ou só com ela? São porventura contas do teu rosário? Não sou senhor dos meus actos?

Andrew, não tens o direito de me falar assim! Eu estava apoquentadíssima por tua causa, atendendo ao estado em que te encon-298

travas. Além disso... além disso, vim aqui para te fazer companhia e, muito embora não queira parecer intrometida, sempre acho que tinhas o dever, por uma questão de boa educação, de me teres vindo trazer a casa.

Bem, o que me aborreceu foi tu andares por aí a dar parte a toda a gente das minhas saídas ou entradas. Estavas com receio de que eu fizesse algum escândalo? Pois bem. Se tal vier a dar-se, foste tu que o provocaste com os teus estúpidos telefonemas.

E dirigia-se para o quarto, quando o telefone, no colo de Leah, começou a tocar. Esta sobressaltou-se, quase o deixou cair ao chão.

E Craig deteve-se a meio do caminho. Leah respondeu à chamada.

Oh, é muita amabilidade a sua, conde Jacobsson. Ele acaba precisamente de chegar... Está bem, muito obrigado. Tinha ido para casa de uns amigos, pessoas que conhecera quando aqui estive da outra vez... O quê? Oh, pois, pois, certamente! Não faltaremos. Esperamos no átrio.

Desligou e, com ar infeliz, contemplou o cunhado. Ele não se sentia satisfeito com este triunfo e toda a sua raiva se desvaneceu. Estavam na Suécia e, visto isso, deviam seguir a política do país. Sempre no meio termo. Mantendo a paz a todo o preço.

Escuta, Leah. Não vale a pena zangares-te...

Eu não estou zangada. Basta-me que te encontres são e salvo.

O que não posso é esquecer-me da pobre Harriet.

No íntimo, Craig sentiu-se estremecer todo. Estava imunizado contra tudo, menos contra isto: as dívidas. E Leah estava a lembrar-

lhe aquela que tinha permanentemente em aberto, bem como os juros sempre crescentes.

Leah, fomos ambos culpados nisto. Tu, por teres provocado uma tempestade num copo de água. Eu, por falta de precaução. Mas tinha bebido muito a noite passada e precisava de passear para voltar a mim. Foi isso o que fiz. Estava um frio de rachar e entrei numa taberna.

Comecei a sentir-me mal, o dono da casa viu que eu era americano, tratou-me e fez-me deitar num quarto que tinha lá nas traseiras do estabelecimento. E era disso mesmo que eu precisava, pois dormi durante toda a noite e parte da manhã.

Ela sentia-se pronta a acreditar e não queria mais discussões, mas, no entanto, não pôde fugir a observar.

O teu fato não vem nada amarfanhado...

Não dormi vestido disse ele, com toda a paciência. O homenzinho despiu-me e pendurou-o.

E se alguém viesse a descobrir quem tu eras, um laureado com o Prêmio Nobel, despido, estirado numa cama, nas traseiras de uma taberna! Seria uma coisa horrível.

Ele concordou com um aceno de cabeça e recordou-se da atrevida jornalista que encontrara na véspera, na conferência de imprensa,

299

Sue Wiley, da Consolidated Newspapers. Que grande partido ela seria capaz de tirar daquela história! Ocorreu-lhe então que a justificação era falsa e que, portanto, Sue Wiley não podia fazer-lhe mal nenhum. Lembrou-se também do que, na realidade, se passara e fez reviver na sua mente Lilly Hedquist, a deusa nórdica, o seu abandono simples e sensual. Cogitou então no que pensariam disso Miss Wiley ou Leah.

A importância da sua posição achava-se em foco durante toda aquela semana e o microscópio do jornalismo internacional mantinha-se assestado sobre a sua pessoa, sempre pronto a

aumentar e a atribuir extraordinária importância a cada um dos seus movimentos impunha-lhe o dever de usar da máxima cautela, se não queria prejudicar todo o seu futuro. Até àquele dia, isso pouco lhe importara, porém, descobrira agora um certo interesse por si próprio, motivado não sabia bem porquê, e tomou por isso a resolução de ser discreto, tanto no que dizia respeito à bebida como ao amor.

Tens razão, Leah observou. Não quero arranjar sarilhos até terminarem as cerimónias e termos na mão os cinquenta mil dólares.

Não é precisamente por isso...

Estou a brincar. Disseste já que tinhas razão, Leah. Agora, que me encontro em meu juízo, sinto-me seriamente arrependido e prometi a mim próprio emendar-me. Acrescenta a isso um factor meteorológico: o Sol brilha, coisa rara durante o Inverno, na Suécia, e o dia ainda vai no princípio. Vamos almoçar fora.

Eu, por mim, já almocei. E temos a tarde comprometida. Não viste o programa, Andrew?

Não faço a menor ideia do que seja. Já estivemos no Palácio Real. Que mais há agora?

Hoje é a visita a Estocolmo. Ainda não vi nada da cidade.

Mr. Manker e o conde Jacobsson acompanham-nos, bem como a um outro casal, também laureado. Ah, não te esqueças que o teu editor sueco também vai.

Como se chama ele?

Flink. Não te recordas? Tem um nome próprio muito esquisito.

Não sei, deixa-me ver, por associação de ideias: Dente! Indent! Assim consigo sempre lembrar-me. Indent Flink. Creio ter sido esta uma das razões por que o conde Jacobsson voltou a telefonar. Queria ter a certeza de que estavas de regresso para a visita à cidade, pois tem imenso empenho em que conheças o teu editor.

Leah, eu já visitei Estocolmo na companhia de Harriet.

Mas isso foi há tanto tempo! Além disso, tens de conhecer o teu editor. Num certo sentido, foram as suas edições que te ajudaram a ganhar o Prêmio.

Posso ir encontrar-me com eles e depois arranjar uma desculpa
300

qualquer para me retirar. Vais tu, se quiseres. Acho que prefiro deambular pela cidade sozinho...

Isso não, Andrew. Seria muito incorrecto!

Cada vez estás a falar mais como se fosses a Harriet!

Quem me dera!

Ele bem sabia que estava a mentir, mas ignorava o que o levava a falar assim. Harriet teria conspirado com ele, a fim de evitarem fazer uma visita oficial. Ou pelo menos estava convencido disso, pelo que se recordava dela. Mas não tinha bem a certeza. E, assim, declarou: Está bem, Leah. Venceste. E dirigiu-se ao quarto, para mudar de roupa. HSB, lá vamos nós!

Que quer isso dizer?

Vais ver respondeu enigmaticamente. Vais ver.

A nossa primeira paragem nesta visita singela começou Mr. Manker, ao pôr em movimento o automóvel do Ministério dos Negócios Estrangeiros em frente do Grande Hotel será na Cooperativa HSB, situada na zona sul da cidade. Tenho a dizer-vos que as iniciais HSB significam Hyresgasternas Sparkasse-och Byggnadsforening, ou seja Sociedade Cooperativa de Construções, mas, como o título é muito longo, referir-me-ei a ela simplesmente como HSB.

Craig acomodou-se no assento desmontável e olhou para Leah, no banco de trás, a sorrir-lhe, como quem diz: «Aí tens a explicação do enigma.»

Manker levou os dedos da mão livre à aba do chapéu e murmurou: Se as senhoras me permitem, prefiro ir de cabeça

descoberta, a gozar este belo sol, que o professor Stratman há bem pouco tempo conseguiu aprisionar.

Creio que nem Miss Decker nem Miss Stratman porão a isso a mínima objecção declarou Stratman, de brincadeira.

Manker pousou o chapéu no assento da frente, entre ele e o conde Jacobsson, expondo com visível prazer a popa do cabelo, meticulosamente ondulado, aos raios do Sol.

Craig desejava que Emily não fosse sentada atrás dele. As suas longas pernas acomodavam-se mal no banco desmontável e teria de sujeitar todos os membros a uma contorção impossível se quisesse voltar-se para lhe falar.

Quando, ao chegar ao automóvel, verificou que os outros convidados eram Stratman e Emily, sentiu-se por completo desconcertado.

Mesmo sem cruzar os olhos com os de Leah, bastou-lhe ver a maneira como esta cumprimentara os Stratman para notar o seu imediato retraimento.

O contacto dele próprio com Emily fora cordial, mas ríspido, como que para lhe provar que se transformara noutra pessoa, 301

A Cooperativa de Construções HSB, na aldeia de Reimersholme, era constituída por cerca de cem edifícios, quase todos iguais, ocupados por três mil cidadãos da classe média sueca. Edifícios limpos, modernos, com um aspecto novo, embora houvessem sido construídos nos últimos anos da segunda guerra mundial. Ficavam um pouco retirados do canal e eram feitos de madeira, cimento e estuque, pintados de branco ou creme, todos dotados de belas varandas e a maior parte delas com persianas.

Manker arrumou o automóvel em frente de uma das construções.

Durante alguns minutos, foi explicando o funcionamento daquela organização. Quando terminou, inquiriu: Gostariam de visitar o interior de alguma das habitações?

Apearam-se todos de veículo e agruparam-se no passeio, ao sol.

Craig declarou então a Manker: Se não se importa, prefiro ficar aqui a fumar. Já visitei, da outra vez que cá estive, as vossas cooperativas.

Como queira retorquiu Manker.

E eu fico a fazer companhia a Mr. Craig disse Indent Flink.

Manker conduziu os outros para a entrada do edifício. Craig ia observando Emily, que caminhava ao lado do tio. Era mais alta do que ele e trazia vestido um casaco curto de camurça cinzenta, sobre uma saia de lã azul, muito curta, que lhe deixava a descoberto as longas pernas cobertas pelo nylon transparente das meias. Ao caminhar, as nádegas e as coxas largas moviam-se livremente, e Craig pensou logo que ela não usava cinta. Até ali, sentira-se tão absorvido pela expressão virginal do seu rosto que ficava agora surpreendido por lhe encontrar uma silhueta mais feminina e provocante do que a de Lilly.

Mentalmente, pediu desculpa a esta ao recordar-se do seu abandono sem complexos; no entanto, a diferença permanecia evidente.

A figura de Lilly podia associar-se à saúde, à Natureza, ao sexo animal.

Podíamos imaginá-la no meio de uma floresta, com os seus sons próprios e o céu azul por cima. E era possível possuí-la imediatamente, sem complicações, mesmo sobre a erva, só pelo prazer carnal puro e simples. Porém, tratando-se de Emily Stratman, ele imaginava-a uma jovem pura e irrepreensível, reservada e cheia de recato, interessada apenas no homem por quem esperava; ela sugeria um amor romântico, uma longa e ansiosa expectativa. Situava-a num boudoir suavemente iluminado, com a brisa perfumada a entrar pelas janelas abertas, a lua pálida e a música distante. Ele levá-la-ia ao colo do sofá para o leito de dossel, abraçava-a e beijava-a, tocava-lhe a carne virgem, até que por fim se acendia nela o fogo ardente e, devagarinho, muito devagarinho, com

mil cuidados e meiguices, conseguia que esse fogo lento se transformasse em fogueira.

Craig voltou a si. A incongruência daquele devaneio, ali, numa
304

rua de Estocolmo, em frente de uma cooperativa de construções, apareceu-lhe como o maior dos disparates e sacudiu de si o sonho como coisa ridícula. Emily e os companheiros haviam desaparecido no interior do edifício. Craig tirou do bolso o cachimbo, carregou-o e viu em frente de si Flink, com um fósforo aceso à sua espera.

Que lhe parecem as nossas cooperativas? inquiriu Flink.

Tenho por elas uma grande admiração retorquiu Craig, chupando no cachimbo, como se pode ter por uma cidade sem bairros de lata. Penso que são uma prova de civilização e um grande benefício para o povo Mas, na minha qualidade de escritor e de individualista, parece-me que preferiria viver numa tenda, para poder estar só e independente e não pertencer a um rebanho, pois prefiro a isto uma vida acidentada.

Talvez lhe interesse saber que as nossas cooperativas também se interessam por escritores informou Flink.

De que maneira?

As cooperativas publicam uma revista e fazem edições baratas de livros. Instituíram mesmo uma lotaria anual, com o fim de angariar dinheiro com que financiam umas três dúzias de escritores de mérito.

Então, pelo que vejo, a literatura desperta muito interesse neste país.

Um interesse enorme respondeu Flink. A Suécia conta sete milhões de habitantes. Sessenta e cinco por cento dos adultos são leitores regulares.

É notável! concordou Craig.

O nosso problema aqui é a crítica. O êxito ou o fracasso de uma obra depende das revistas. Se as referências que estas lhe fazem são

boas, o livro tem um sucesso louco. Quando são más, o melhor que temos a fazer é atirar com a edição ao canal. com o Estado Perfeito foi um delírio. Mas aborreceu-me que esse delírio não tivesse sido motivado apenas pelo mérito literário da obra: segundo creio, a história de Platão oferece aos críticos uma oportunidade de mostrarem a sua erudição.

Craig riu-se.

Isso acontece às vezes, desconfio eu.

Acontece de certeza, com todos os seus livros. Os críticos aproveitam-se deles para se exibirem a si próprios. Acho que por vezes chegam a influenciar até o Comité do Prêmio Nobel. Jacobsson descreveu-me as discussões acerca do Prêmio de 1902. Por detrás da cortina havia vários candidatos possíveis: Anton Tchekov, Thomas Hardy, Henrik Ibsen... mas quem foram, afinal, os derradeiros rivais no último escrutínio? Theodor Mommsen, de oitenta e cinco anos de idade, com a sua História Romana, em cinco volumes, e Herbert Spencer, de oitenta e dois, que escrevera, em dez volumes, Um Sistema 305

de Filosofia Sintética Assim, os candidatos ao Prêmio Nobel da Literatura eram: um historiador alemão e um filósofo inglês, em lugar de um Tchekhov ou de um Ibsen. Mommsen foi eleito e deram-lhe o Prêmio. Porquê? Disse o júri que por causa do seu valor artístico.

Comparado com Ibsen? Quanto a mim, a concessão do Prêmio a Mommsen foi uma espécie de reclamo ao saber e à erudição dos juizes do Prêmio. Talvez se tivesse passado o mesmo agora consigo, não sei.

Flink e Craig passearam de cá para lá, em frente do edifício da cooperativa, enquanto iam discutindo livros e publicações, e o gosto do público e os pontos de vista cínicos e derrotistas dos escritores suecos (uma espécie de rebelião contra a felicidade idílica), a preferência dos leitores por Faulkner, Kafka e Götting, e o seu

desprezo pelos romances cor-de-rosa de Ingrid Pahl. Até que, finalmente, Manker saiu do edifício acompanhado do grupo.

Leah precipitou-se para Craig, agarrando-lhe no braço com ares de proprietária e açambarcando-lhe a atenção, a descrever, toda entusiasmada, os quartos à prova de som, os metais imaculados, os armários metidos nas paredes. Fingindo interesse, Craig procurava disfarçadamente aproximar-se de Emily Stratman. Quinze minutos antes, pedia a todos os santos que ela se voltasse para a poder apreciar à vontade. Tinha-a agora diante de si, no relvado em frente das casas.

Trazia vestida uma camisola azul-clara, de gola alta, por baixo do casaco de camurça. O seio arfava-lhe levemente teriam subido muitas escadas ou seria por causa do dia bonito? , um seio farto, que, como toda a figura da rapariga, encantava Craig.

Prosseguiram no passeio, com Manker cada vez mais falador, recitando histórias acerca deste museu, daquela galeria, das inúmeras capelas por onde passavam. Na bela Helgeandsholmem a ilha do Espírito Santo pararam para contemplar o edifício germânico do Parlamento, destituído de beleza, e ficaram sabendo que havia sido inaugurado em 1865, que a aristocracia exercera opressão sobre o povo não teria o conde Jacobsson estremecido um pouco ao ouvir isto? e permitia a este votar apenas numa percentagem de dez por cento, isto até à queda dos Hohenzollern e dos Romanov, ocorrida recentemente, quando, enfim, o sufrágio universal e a verdadeira democracia voltaram a reinar na Suécia.

O passeio continuou através de Estocolmo uma comunidade de doze ilhas ligadas entre si por quarenta e duas pontes, recitava Mr. Manker , até chegaram a um imenso recinto subterrâneo conhecido pelo nome de Katarinaberget, que lhes disseram haver sido construído para abrigo de protecção contra as explosões nucleares e que tinha capacidade para albergar vinte mil pessoas. Só agora, pela primeira vez, Craig se sentia interessado pelo futuro.

Esperemos que os homens aproveitem a lição do seu livro Arma-
306

geddon disse Indent Flink para Craig , mas, se tal não acontecer, estamos prontos a resistir.

E quantos abrigos como este têm vocês? quis saber Craig.

Em Estocolmo, temos presentemente quatro destes enormes abrigos contra bombas atômicas informou Manker capazes de abrigar cinquenta mil pessoas; e, espalhados por toda a Suécia, outros dezanove, além de trinta mil, mais pequenos, que comportam um milhão de pessoas. O resto da população poderia ser evacuada em poucos minutos das cidades para as áreas rurais. O abrigo subterrâneo que aqui vê está equipado com energia eléctrica, aquecimento, água, reservas de alimentação, e até com material escolar. Grande parte da nossa indústria pesada Bofors e Saab fabrica a sua artilharia antiaérea e os seus aviões a jacto em oficinas subterrâneas, cavadas sob colinas de granito. Há nações que se limitam a falar em defesa civil. Nós, na Suécia, preferimos agir.

Talvez com isso venham a ser os herdeiros do mundo retorquiou tristemente Stratman. E, se assim for, bem o mereceram.

Emily fitava' o enorme recinto subterrâneo e murmurou: É horrível!

Porquê? inquiriu Manker. Nós orgulhamo-nos disto...

Não me refiro ao que o senhor julga respondeu Emily muito depressa. Claro que vocês procederam com todo o acerto. O que eu quero dizer é... fez um gesto com a mão apontando o abrigo que tudo isto é um ciclo... a ironia que representa voltar ao ponto de partida. O homem de Neanderthal a cavar as suas grutas pré-históricas, só com a diferença de estas terem ar condicionado.

Todos haviam assumido um ar muito grave e o conde Jacobsson não tinha vontade nenhuma de ver aquela tarde estragada. Apressou-se por isso a dizer: Agora, é preciso que vejam a parte mais alegre de Estocolmo.

Mr. Manker, quer ter a bondade de nos levar até Djugarden e Skansen?

Absorvido no seu novo destino, o adido meteu o carro pelo meio do tráfego intenso, seguindo sempre pela esquerda, coisa que impressionava todos os ocupantes do automóvel, com excepção dos suecos.

Dirigiu-se para leste, e o movimento das ruas foi gradualmente diminuindo à medida que se aproximavam da bucólica ilha conhecida pelo nome de Djugarden.

Tirando o pé do acelerador, Manker rodeou devagarinho um aglomerado de edifícios de forma estranha.

Nós chamamos a isto a Cidade dos Diplomatas informou Jacobsson. Na realidade, encontram-se aqui situadas quase todas as legações e embaixadas estrangeiras. Esta aqui é a embaixada da Itália...

À medida que lhe iam mostrando cada edifício, Craig divertia-se

307
a notar que todos assumiam o carácter do seu próprio país: a embaixada britânica era construída de tijolo forte e sem arrebiques, digna e orgulhosa, como os seus súbditos. Em frente, a embaixada dos Estados Unidos erguia-se sobre um pequeno rochedo. Um horror de arte moderna, tentando imitar o país onde se encontrava, mas falhando lamentavelmente: fazia lembrar a caricatura de um americano a querer passar por sueco.

Craig observou, aliviado, que, depois de haverem transposto uma ponte sobre um estreito canal, atingiam a estrada cheia de curvas que percorria a ilha principal. À esquerda, estendiam-se vários hectares de campos rodeados de bosques, semelhantes aos do Minesota ou do Wisconsin. À direita, viam-se as vivendas da elite sueca.

Djugarden significa Parque dos Animais explicou Jacobsson.

Noutros tempos, isto foi uma coutada real. Hoje as florestas e clareiras constituem um parque público. Quanto ao resto, no que se refere às propriedades dos nossos aristocratas, milionários e artistas, creio que Mr. Manker está mais habilitado do que eu a indicar-vos aquilo que merece maior interesse.

O adido recomeçou, com todo o entusiasmo, as suas descrições.

Havia ali uma série de vivendas, muitas delas ocultas no meio da vegetação ou construídas abaixo do nível da estrada e que pertenciam a príncipes de sangue real. Porém, entre tantos nomes, Craig apenas reconheceu o de Bernadotte. E finalmente, na parte do canal Djugardsbrunns, que lembrava um lago de tons verdes e azulados, erguia-se Akslottet o Palácio dos Trovões, sinistra versão do Taj-Mahal e residência de Ragnar Hammerlund.

Pare em frente da porta principal pediu Jacobsson a Mr. Manker.

Os nossos convidados já foram apresentados a Mr. Hammerlund.

Daqui a dois dias irão jantar a casa dele e devem ter interesse em ver a sua residência.

Quer o senhor dizer que vive alguém nesta casa? perguntou Leah, incrédula, quando pararam diante da porta de ferro.

Pois claro que vive. E, por sinal, um solteirão.

Um passeio de saibro branco conduzia até junto da estátua de uma sereia, da autoria de Carl Miles. A sereia guardava um pequeno lago artificial. De ambos os lados estendiam-se alamedas de carvalhos nodosos, e ao fundo, imitando quase exactamente o túmulo de Mogul, erguia-se Akslottet. A residência era constituída por dois andares quadrados e pintados de cinzento-claro, com um telhado inclinado e vermelho. À entrada, erguiam-se quatro pilares como minaretes.

Claro que Hammerlund não vive aqui só ia dizendo Jacobsson.

Possui o seu misterioso séquito de personagens. De qualquer forma, impressiona olhar para isto... Pronto, Mr. Manker, podemos seguir.

Quando a limousine se pôs em marcha, todos estavam fartos de Djugarden, com exceção de Leah, que voltou mais uma vez a cabeça para contemplar ainda o castelo de Hammerlund.

Parece incrível que aquele homem seja milionário e dono deste enorme palácio declarou ela. Quando o apresentaram, pareceu-me tão simples e vulgar...

Pelo contrário murmurou Emily. Era precisamente o que eu esperava, o protótipo da personagem tirada de todos os romances de aventuras que metem grandes magnates da indústria, contrabandistas de munições, negociantes de morte...

Uma vez que Craig se mostrava interessado nela, Leah não podia permitir que aquela rapariga a contradissesse. Por isso retorquiu: Você parece-me cheia de imaginação. Que tem o homem de extraordinário?

Primeiro, acho-o esquisito declarou Emily. Depois, quando penso em Hammerlund, fico com astigmatismo, vejo-o em duplicado' a personagem suave que conhecemos durante o dia e a outra que só aparece depois da meia-noite.

«Quero descrever uma personagem que represente dois homens» citou Craig. Foi isto que um dia Robert Louis Stevenson declarou a Andrew Lang. E assim nasceu o doutor Jekyll e Mr. Hyde.

Todos nós possuímos uma dupla personalidade murmurou Stratman.

Leah agarrou aquele aliado com ambas as mãos.

Concordo em absoluto com o professor declarou ela vagamente.

Também eu retorquiu Craig. No entanto, desconfio que as duas personalidades de Hammerlund devem ser mais interessantes do que as minhas ou as tuas. E é nisso que eu partilho a opinião de Miss Stratman. Também eu o acho esquisito, um pote de segredos, que apenas deixa transparecer o seu segundo eu durante a noite, quando trabalha na construção do seu império e ninguém o pode ver. É esse

segundo homem, o que nós desconhecemos, que forma sociedades e junta milhões. Aquele que nos aparece é demasiado delicado, brando, sem cabelos nem queixo, um ser incrível. Ali deve haver qualquer coisa oculta.

Oh, certamente que há, mas talvez não seja tão enigmático como vocês imaginam disse lá do seu lugar o conde Jacobsson.

Hammerlund constrói as suas intrigas, é certo, mas não se passará o mesmo com todos os grandes homens de negócios do nosso tempo?

Tenho, no entanto, a certeza de que não mantém uma quadrilha de assassinos por sua conta. Pelo menos assim o julgo. Os Zaharoffs por conta própria já não existem num mundo onde impera cada vez mais o socialismo.

Estou ansiosa pelo dia do seu jantar! declarou Leah.

309

Vai ser um acontecimento simples e vulgar prometeu Jacobsson.

Não contem com portas escondidas nem com passagens secretas ou cadáveres a caírem de dentro de esconderijos. Sorriu com indulgência e dir-se-ia ter-se ouvido estalar a sua pele de pergaminho velho. Claro que desejaria estar enganado, só para não lhe estragar o prazer, Miss Decker. Jacobsson olhou através do pára-brisas e depois disse: Aproximamo-nos agora de uma outra instituição não menos formidável, mas muito mais inocente, de que todos nós, Suecos, nos orgulhamos. Refiro-me ao nosso célebre Parque de Skansen.

Mais uma vez dou a palavra a Mr. Manker.

Este passou a uma velocidade mais moderada, encetou a subida íngreme e depois começou a falar no seu tom de guia turístico da Agência Cook, em que as palavras lhe saíam da boca com demasiada fluência, como se não tivessem atrás de si o lastro do pensamento.

O Parque de Skansen é único no mundo. Não se trata de uma estância de diversões, como a Disneylândia ou o Tívoli. É um museu

ao ar livre, onde se condensa o passado da Suécia ante os nossos olhos de hoje. Foi inaugurado em 1891 e, de então para cá, passou a ser uma das nossas maiores atrações. Vão ver antigas casas senhoriais, tal como eram há séculos...

Quando Manker terminou a sua descrição, iam já a chegar ao fim da última ladeira, entrando no parque reservado aos automóveis. Ao sair do carro, depois de Emily, Craig contemplou a entrada principal do Parque de Skansen, recordando o húmido dia de Verão em que ali estivera com Harriet, ambos de máquina fotográfica em punho e comendo gelados. Desta vez, foi apenas uma recordação agradável, como quando se encontra um exemplar do National Geographic Magazine no consultório do dentista. Porém, Craig não se sentiu neste dia com disposição de estudar história. A falta de álcool desde a véspera punha-o num estado de secura insuportável. Precisava de qualquer coisa que o confortasse. Tanto lhe servia uma conversa com Emily como um copo de whisky, mas preferiria as duas coisas ao mesmo tempo. Se prosseguisse na visita, pensou consigo, seria apenas com a ideia de conseguir passar um momento com a rapariga.

Stratman estivera a conversar em voz baixa com a sobrinha e dirigia-se agora, num passo vacilante, para Jacobsson e Manker.

Se me dão licença dizia ele, desta vez vou ficar aqui sentado.

O espírito está capaz, mas os ossos são fracos. Deitou os olhos para o parque. Isto parece-me uma coisa formidável.

Creio que eles agora têm aqui um elevador disse Manker.

Obrigado. Prefiro ficar sentado e dormir um pouco. Tenho a certeza de que há muitas coisas ainda para ver depois disto. Quero poupar as forças.

Emily viera para junto do tio e mostrava uma expressão preocupada.

310

Eu fico ao pé de si, tio Max...

Oh! Não arranjes complicações, por favor. Vai com a gente nova.

Não se sabe que força oculta fez Craig dizer: Não se preocupe, Miss Stratman. Eu fico aqui também. Depois, voltou-se para Jacobsson e para Manker. Não quero ser desmancha-prazeres, mas a verdade é que já visitei o Parque de Skansen de uma ponta à outra. Bem sei que merece a pena ser visto duas vezes, mas, tal como o professor Stratman, também preciso de poupar as forças. Ainda não me refiz da viagem de avião.

Emily não se sentia tranquila.

Tio Max, eu preferia...

Não! retorquiu este com firmeza. Quero que vás, para depois me poderes contar. Ainda não tive ocasião de conversar à vontade com Mr. Craig. Vou dar-lhe uma lição de Física e ele ensinar-me-á a apreciar a literatura. Peço-te, Mem Liebchen '.

Emily voltou desconsoladamente os olhos de um para o outro, até que por fim cedeu. Deixou-se levar por Mr. Manker e Jacobsson até junto de Flink e Leah, e entraram todos pelo portão do Parque de Skansen. Emily ainda olhou uma vez para trás, mas Stratman tranquilizou-a com um aceno de mão.

Depois de ela se afastar, Stratman abanou a cabeça.

Esta rapariga preocupa-se de mais comigo. E a culpa é minha.

Suspirou, entrou para o carro e desabotoou o colarinho, recostando-se em seguida no banco de trás. Craig tirou do bolso o cachimbo e, depois de o acender, foi instalar-se no assento da frente.

Trouxe o cachimbo, mas esquecime do tabaco declarou Stratman.

Tem aqui o meu retorquiu Craig, passando-lhe logo a bolsa.

Depois de estar a fumar beatificamente, Stratman tomou de novo a palavra.

À medida que a idade aumenta, os prazeres diminuem. Dantes, quando contava ainda poucos anos, tinha muitos prazeres na vida, muitos. Nesses tempos longínquos, gostava da pesca, jogava o bilhar, pegava na mão de uma fraulein, era capaz de passar a noite

inteira a jogar as cartas com o meu irmão, ia à Ópera, gostava muito de ler, encharcava-me em schnitzel, fumava o meu cachimbo e trabalhava.

O trabalho foi sempre para mim um prazer. Pegou no cachimbo de madeira escura e ficou-se a olhar para ele. Hoje, apenas me resta o cachimbo. Isso e o trabalho. E é quanto basta. Não me lamento.

Invejo-o. Pela minha parte, só me resta o cachimbo.

E o trabalho?

1. Minha querida.

311

Isso não.

Stratman ficou calado uns momentos.

A Emily disse-me que o senhor ficara viúvo há pouco tempo.

É essa a razão?

Craig sentia debaterem-se dentro de si emoções diversas. Uma, de euforia, pelo facto de Emily haver falado nele ao tio. Outra, de vergonha, por se ter deixado arrastar àquele ponto pela piedade por si próprio.

Quando perdi a minha mulher, deixei de ter qualquer objectivo na vida.

Mas então o trabalho, a criação, o edificar de uma obra não representa só por si um objectivo?

Dir-se-ia que assim é. Recordo-me de que há uma personagem de Somerset Maugham que diz: «Um artista é capaz de deixar a sua mãe morrer à fome, mas não fará serviços grosseiros para a salvar.»

Numa palavra: para o artista só interessa o seu trabalho, e a devoção que nele põe. Mas, sabe, professor que para isso é preciso uma força tremenda.

Em lugar de força, eu diria outra coisa qualquer, um sentido transcendente da divindade, qualquer coisa que Deus lhe deu, só a si: o Fogo Sagrado.

Era isso o que eu sentia dantes.

Stratman acenou com a cabeça.

Tenho a certeza. Se assim não fosse, não estaria o senhor hoje em Estocolmo. Mas então que lhe aconteceu? Não sou psicólogo, mas parece-me que adivinho. O sentido transcendente da divindade foi violado por um terrível acidente real a morte súbita da sua mulher. O senhor não resistiu, perdeu a fé, continua ainda em estado de choque. Isso acontece às vezes, meu amigo, isso acontece.

Craig tentou compreender, pôr a claro aquela explicação, mas não conseguiu, e resolveu finalmente deixar o caso para outro dia.

Talvez tenha razão limitou-se a dizer.

Ficaram ambos calados, a chupar nos cachimbos e a escutar os sons remotos vindos do Parque de Skansen, enquanto saboreavam o sol de Inverno que atravessava os vidros do automóvel.

Porque não foi com eles? perguntou de súbito Stratman.

Para ficar a fazer companhia a um velho?

Não, de maneira nenhuma!

Então por que motivo foi? Para falar da sua pessoa?

Não, também não foi por isso. Instintivamente, apeteceu-me ficar ao pé de si, por causa do seu parentesco com Emily.

Por causa da Emily, não? Na cara do velho não se lia o espanto. Esvaziou o forninho do cachimbo, fez subir os óculos sobre o nariz e contemplou Craig sem animosidade, não como se olhasse para um laureado do Prêmio Nobel, antes como se o visse pela primei-

312
ra vez na sua qualidade de ser humano. Então, que tem a Emily de comum conosco?

Ela disselhe que tínhamos estado ambos a conversar a noite passada?

Falou-me de si. Conversámos acerca do serão, como muitas vezes fazemos quando se trata de funções sociais, e ela falou-me de si, realmente, assim como de outros convidados que conhecera naquele dia.

Craig sentia-se desapontado. Esperara outra coisa, qualquer afirmação que traduzisse um interesse especial pela sua pessoa.

E perguntou: Ela contou-lhe o que se passou entre nós? !

O que se passou entre vocês?

Eu estava bêbado e ofendi-a.

Hum... hum... Stratman tentava assimilar esta informação, perceber do que se tratava. Lamento ouvir isso. Eu, se soubesse, já lhe teria dito que ela é muito sensível e reservada quando se trata de homens. Então o senhor... aborreceu-a?

Aborrecia, sim. Tenho estado à espera de uma ocasião para lhe pedir desculpa. Mas ela não me dá oportunidade.

Emily é assim. Foi sempre assim desde criança. Fez uma pausa. Porque liga tanta importância a esse facto, Mr. Craig?

Porque me sinto atraído por ela. Queria, portanto, que fizesse boa opinião de mim.

Pois então não lhe invejo a sorte...

Acha que não tenho nenhuma probabilidade?

Stratman encolheu os ombros.

Não estou dentro dela. Conheço-a melhor do que ninguém.

Tenho por ela um amor de pai. Fui eu que a criei. Sei quais são as suas esquisitices e fantasias e adivinho-lhe as reacções. Mas cada dia representa um renascimento para todos nós e, de certa maneira, todos nós acordamos diferentes num grau ínfimo. O cérebro, o sistema nervoso, os músculos, as glândulas, os reflexos condicionados, tudo em cada dia corresponde a uma série de circunstâncias familiares.

Porém, pode dar-se um incidente inesperado, surgir uma aventura, um novo conhecimento, um estímulo especial e, de súbito, o passado nada significa e o cérebro da pessoa, bem como o seu sistema nervoso, reage de forma diferente, de uma maneira desusada. Sendo assim, como poderemos nós julgar os outros ou falar pela boca deles?

Como hei-de eu saber o que a Emily sentirá hoje por si?

Mas então não faz a menor ideia?

Claro que faço uma ideia. Conheço o que ela tem sido até hoje. Desde que levei a minha sobrinha da Alemanha para a Inglaterra, e depois para a América, sempre a vi reagir de uma certa maneira em idênticas circunstâncias. Ela não acredita nos homens.

313

Se por qualquer forma o senhor teve ontem artes de fazer com que ela esquecesse essa desconfiança e depois se aproveitou disso, quase lhe poderia afirmar que essa desconfiança se tornará mais forte do que nunca, em face dos homens de uma maneira geral e de si em particular.

O senhor insiste em perguntar se não haverá esperança de lhe reconquistar as boas graças? Na minha qualidade de parente e cientista, dir-lhe-ei que não está em muito boas condições para isso.

Mas continua a existir o imponderável nós temo-lo na física e cada novo dia da vida tem o seu próprio ciclo. Talvez que hoje, entre o nascer e o pôr do Sol, surja uma nova Emily. Tenho imensa pena, Mr. Craig, mas não posso dizer-lhe outra coisa. Desculpe ser tão brutal e desagradável. Nasci e fui criado na Alemanha. Você é um produto do optimismo, vive numa sociedade optimista, por isso as suas decisões são mais independentes e talvez sejam mais acertadas do que as minhas. Também há o facto de você ser um inventor de histórias, altamente considerado, portanto deve ter acerca do comportamento das pessoas intuições muito mais apuradas do que as minhas. É a altura de fazer uso do seu optimismo e do seu talento.

Craig sorriu. O velhote estava agora a brincar, tinha a certeza disso. Portanto, respondeu-lhe no mesmo tom.

As minhas histórias pertencem ao passado. Neste momento sou um estrangeiro e encontro-me desarmado.

O presente não existe afirmou Stratman. O minuto que acaba de decorrer é já passado. Os seus olhos piscavam maliciosamente por

detrás das lentes. O senhor dispõe de óptimas armas.

Acomodou-se melhor no banco e declarou: Agora vou fazer a minha sesta habitual.

Craig ergueu-se do seu lugar, espreguiçou-se e disse também: E eu vou dar um passeio.

Stratman tinha já as pálpebras descidas, mas ergueu-as ainda para chamar: Mr. Craig...

Este inclinou-se para dentro do carro.

Diga, professor.

Eu, no seu lugar, tentava conquistar-lhe as boas graças.

Craig nada respondeu.

Stratman suspirou com ar cansado.

E se conseguir triunfar onde outros fracassaram, isto é, se for capaz de fazer que ela confie em si, não a desiluda... nem a mim.

Bocejou, fechou os olhos e Craig permaneceu de pé, sem se mover, reflectindo naquela cena vitoriana. O professor Stratman, guarda do Sol e da filha do seu irmão, fizera-lhe lembrar por um momento Edward Barrett, de Wimpole Street, n.º 50, a velar pela inválida Elisabeth contra o jovem Browning. Stratman não era nenhum tirano ciumento de Wimpole Street a reprimir sentimentos incestuosos.

314

Stratman era um solteirão inveterado, a quem coubera a sorte de representar tardiamente o papel de pai e que se encontrava sob o peso de uma responsabilidade muito maior do que aquela que geralmente cabe aos verdadeiros pais. Pensava sempre primeiro em Emily do que em si próprio. Considerando bem as coisas, Craig tinha de confessar que o velhote fora amável para com ele.

Começou a deambular sem destino nem interesse pelas cercanias de Skansen, detendo-se de quando em quando a ver as crianças brincar e uma vez para beber limonada. Prosseguia no seu passeio e entretanto ia deixando divagar o pensamento e a fantasia, ora

absorvendo-se na contemplação das novas personagens que povoavam agora a sua vida, ora recordando as que habitavam Miller's Dam e a sua casa de Wheaton Road: Lucius Mack e até Harriet, sim, Harriet viva. E

tudo se lhe afigurava pertencer ao passado, a uma outra época.

Decorreu meia hora antes de regressar ao automóvel. Viu os outros já sentados lá dentro e Manker à sua procura. Apressou o passo. Uma vez instalado, pediu desculpa da demora e não conseguiu, por mais que se esforçasse, responder à pergunta de Leah, que queria a todo o custo saber onde ele estivera e o que tinha feito durante aquele tempo todo.

Manker pôs-se ao volante e partiram mais uma vez.

Craig escutava Emily, que, atrás dele, descrevia ao tio, em poucas palavras, mas com inteligência, os pontos principais de tudo o que vira em Skansen. No fim, perguntou ao tio em que se ocupara ele durante a espera.

- Eu e Mr. Craig estivemos muito tempo a conversar respondeu Stratman.

Acerca de quê? quis saber Emily.

Falámos dos assuntos que mais nos interessam respectivamente.

Ele ensinou-me a dar um enredo aos meus comunicados científicos e eu aconselhei-o a empregar a energia solar na sua máquina de escrever.

No fim, dormi a minha sesta habitual.

E como se sente agora?

Completamente refeito. Sinto-me de novo um turista. Conde Jacobsson, a que nos quer converter agora com a próxima visita?

Guardámos o melhor para o fim. Mr. Manker vai levar-nos à cidade velha, especialmente a Stortorget, a Praça Grande, lugar que deu origem à cidade de Estocolmo, há sete séculos.

Atravessavam agora a ponte de Norrbro, passando em frente do Palácio Real. Afrouxaram diante da Catedral de Storkirkan,

construída em 1260, seguiram por uma ruazinha estreita que ia dar a uma vasta praça e estacionaram em face de Borssalen, que Mr. Manker disse ser o Palácio da Bolsa.

Depois de abandonarem o automóvel, Manker levou-os a dar a volta a Stortorget. O largo, pavimentado com tijolos irregulares e 315 antiquíssimos, tinha ao centro um velho e enorme poço circular.

Em volta, havia bancos e, como o dia se apresentava tépido e soalhento, viam-se todos esses bancos ocupados por homens velhos a lerem o seu jornal e senhoras de meia-idade que tinham ido às compras e agora estavam ali paradas, a descansar e a conversar.

Deambularam todos pelos lados da praça, cercada de edifícios de pedra com aspecto severo, alguns de cinco andares, com lojas no rés-do-chão e apartamentos por cima. Percorreram as vetustas ruelas que rodeavam Stortorget, tão escuras e sinuosas como na Idade Média, ladeadas por antigas casas de telhado em bico, tal qual as que descreviam os irmãos Grimm.

Hoje em dia, o sonho de toda a gente é viver aqui, na cidade velha explicava Manker. Habitar neste bairro é o que vocês chamam na América um status symbol, não é assim que se diz? As fachadas são autênticas. Não é permitido modernizá-las. Deixaram-nas tal qual eram no princípio e agora estão estragadas, a esboroar-se e a cair aos bocados, e é isso que constitui o seu encanto. No entanto, posso garantir-lhes que lá dentro, nos apartamentos, tudo é absolutamente impecável e moderno, e existe o maior conforto, incluindo aquecimento central, para estes meses de Inverno.

Lentamente, Mr. Manker voltou a conduzi-los para junto do poço, no centro de Stortorget.

Este poço informou ele, enquanto todo o grupo se juntava mais e muitos suecos dos que estavam sentados nos bancos erguiam os olhos com curiosidade marca precisamente o local do infame massacre de Estocolmo, ou «Banho de Sangue». No ano de 1520, um rei dinamarquês, que dominava toda a Escandinávia, ofereceu a

amnistia a oitenta aristocratas suecos rebeldes e convidou-os a reunirem-se neste largo, para fazerem uma festa. Em seguida, traiu-os e mandou-os decapitar a todos aqui mesmo. Manker apontava com o dedo. Agora, temos diante de nós um espectáculo mais agradável.

E os membros da excursão voltaram-se mais uma vez para admirarem o edifício rococó da Bolsa, em frente da qual estacionava a limousine.

Este palácio foi construído em 1733 prosseguiu Manker.

No rés-do-chão, fica a Bolsa e nos andares superiores situam-se os escritórios e a biblioteca da Academia da Suécia, onde André Gide, T. S. Eliot e Andrew Craig foram escolhidos para o Prêmio Nobel da Literatura.

Leah pegou no braço de Craig.

Não é tão interessante, Andrew?

Este fez uma careta às manifestações da cunhada. Porém, receando dispor mal os seus anfitriões, conseguiu arvorar um sorriso prazenteiro.

E Alfred Nobel não é a única pessoa a quem o senhor deve o 316 Prêmio informou ainda Mr. Manker. Fica a devê-lo também ao rei Gustavo III, que subiu ao trono no ano 1771 e foi o fundador da Academia da Suécia. Apesar de todos os seus defeitos, que eram muitos, desde o maior desinteresse pelos pobres até ao máximo esbanjamento quando se tratava da sua própria pessoa, Gustavo III tem direito à nossa consideração, pois fez muito pela cultura, até que o assassinaram num baile de máscaras, em 1792. A ele se deve a construção da Ópera. Mandou vir obras de arte de todas as partes do mundo. E, finalmente, com o fim de desenvolver a literatura, imitou os Franceses, fundando uma Academia Sueca. Tinha uma superstição tremenda com o número dezoito, por isso instituiu a Academia com dezoito membros, escolhidos entre os maiores sábios e professores.

O número estabelecido por Gustavo III ainda hoje se mantém. Foram dezoito, Mr. Craig, os acadêmicos que lhe atribuíram o Prêmio.

Jacobsson aproximou-se e tocou no ombro de Craig.

Talvez lhe interesse ver a sala onde foi eleito.

Gostaria imenso respondeu o escritor, com sinceridade, mas receio que os outros se aborreçam. Voltarei cá sozinho noutro dia...

Que disparate! interrompeu Stratman. Teremos o maior interesse em visitar o interior da Academia.

Todos os membros do grupo concordaram com o conde Jacobsson.

Atravessaram o largo e voltaram a esquina. Atrás do conde, percorreram a rua lateral e detiveram-se em frente da porta, gasta pelo tempo, de Kallargrand, n.º 2. À direita da entrada, sobre um bloco de granito, lia-se a inscrição: SVENSKA AKADEMIENS NOBEL-BIBLIOTEK.

Entraram todos. Manker e Jacobsson fizeram-nos atravessar um átrio sombrio e subir uma escada de pedra até ao primeiro andar. Ali, depois de transporem uma porta pintada de cor bege, percorreram um corredor brilhantemente iluminado e com um aspecto severo.

Logo à direita, ficava a secretária do bibliotecário agora deserta, e a seguir a entrada para a Biblioteca Nobel, cujas prateleiras se encontravam atravancadas com as produções premiadas, em quase todas as línguas, as críticas e tudo o mais que lhes dizia respeito.

com um ar de quem está em sua casa, que o hábito explicava, Jacobsson fê-los percorrer o corredor, cujas paredes estavam completamente recobertas de livros, até outra porta que dava para um enorme salão. Ao atravessá-lo, Jacobsson explicou: Estamos a aproximar-nos do santo dos santos do lugar onde todos os anos se reúnem os membros da Academia para elegerem o laureado. A câmara secreta chama-se Sala das Sessões. É aqui.

Depois de nova porta, entraram numa sala espaçosa, de tecto alto e com várias janelas, que se abriam sobre o histórico largo.

Por baixo do lustre cintilante de cristal, achava-se uma mesa rec-

317
tangular, em redor da qual se encostavam doze cadeiras rendilhadas, com as costas, os braços e os assentos forrados a veludo azul. A mesa polida tinha apenas em cima um tabuleiro de madeira com a pena que pertencera ao rei Gustavo III, contando quase dois séculos, um jarro de estanho e uma jarra de cristal. Ao longo da parede, estava um sofá azul e os competentes cadeirões, vendo-se também, suspenso numa das paredes, um medalhão dourado com o emblema do rei Gustavo III um molho de espigas. À cabeceira da mesa, atrás da cadeira do secretário permanente, como que a representar a consciência sempre presente daquela organização, via-se o busto do seu fundador, Gustavo III, erguido sobre um pedestal de pedra circular.

Desde 1914 explicava Jacobsson, pousando a mão sobre o busto, ano em que a Academia foi instalada nesta sala, sempre este rei aqui tem permanecido, a escutar os segredos que todo o mundo desejaría conhecer. Até essa data, a votação realizava-se na residência do secretário permanente, em Skeppsbron, e depois num apartamento alugado, em Engelbretsgatan; a seguir na antiga Biblioteca Nobel, em Norra Bantorget. Mas, desde a eleição de Romain Holland, em 1915, todos os laureados foram eleitos aqui mesmo.

Quantas vezes se reúne a Academia? quis saber Emily.

Vou explicar-lhe o modus operandi respondeu Jacobsson.

Suponhamos, por exemplo, o caso do nosso actual laureado, Mr.

Andrew Craig. As propostas para o Prémio Nobel da Literatura encerravam-se em Fevereiro último. Estas propostas, geralmente feitas por carta, são apresentadas à Academia. Este ano recebemos quarenta e nove. Trinta provinham de origens legais: antigos laureados em qualquer ramo ou Academias acreditadas em todo o

mundo. Dezanove emanavam de fontes inaceitáveis, tais como editores, mulheres dos candidatos ou dos próprios autores, e foram postas de parte.

O nome de Mr. Craig foi apresentado com todas as formalidades, não por uma entidade estrangeira, mas sim por membros da própria Academia, seus admiradores, tendo à frente Miss Ingrid Pahl, que também é membro votante. Mas creio que Mr. Flink estará mais habilitado do que eu a dizer como as coisas se passaram.

Indent Flink dirigiu-se então a Craig e a Leah.

Não tive nisso grande mérito declarou com falsa modéstia.

Trabalho em publicações e tenho um informador literário em Nova Iorque, tal como em Paris e em Londres. O último romance de Mr. Craig, que passara despercebido na Escandinávia, foi-me enviado juntamente com outros livros. Impressionou-me imenso. Trata -se de uma história realmente cheia de interesse; comprei logo os direitos de autor para a Suécia por quinhentos dólares. Foi esse o preço, não é verdade?

Precisamente confirmou Leah.

Mandei fazer a tradução e o livro saiu em Setembro de... deixe-
318

-me ver, foi há quatro anos. As revistas fizeram-lhe uma crítica de tal modo favorável que decerto todos os membros da Academia o leram imediatamente, ficando a conhecer deste modo Mr. Craig.

Foi assim mesmo disse Jacobsson.

Finalmente, em resumo prosseguiu Flink , comprei os direitos de mais dois romances de Mr. Craig, que se venderam razoavelmente.

Porém, o entusiasmo nos círculos literários foi maior ainda.

Adquiri então um exemplar de O Estado Perfeito, que excedeu todos os triunfos anteriores. Fui eu próprio quem o traduziu e publiquei-o nos princípios do ano passado. Desta vez, a venda constituiu um êxito estrondoso e a crítica uma apoteose. Enfim, acho que tive uma ideia excelente. Estabeleceu-se dentro da Academia o

culto por Andrew Craig, não só da parte de Miss Ingrid Pahl, mas também entre os outros membros, e propuseram-no para o Prêmio Nobel em Fevereiro.

Craig escutara distraidamente, como se se tratasse de outro autor, e não ele próprio. Depois, reparou que todos dentro da sala o fitavam, entre eles Emily, e quase pela primeira vez se deu conta de ser o herói da pequena narrativa de Mr. Flink. Viu que esperavam ouvir algumas palavras suas.

Agradeço-lhe, Mr. Flink, em meu nome e em nome do meu editor, do meu agente publicitário e do director do banco de Miller's Dam.

Em troca, todo o mundo lhe está agradecido a si, Mr. Craig retorquiu Flink, com ênfase.

Pouco à vontade, Craig procurou mudar de assunto.

Conde Jacobsson, pode descrever-me o que se passou após a apresentação das candidaturas, em Fevereiro, ou é segredo?

De maneira nenhuma respondeu Jacobsson. Quatro membros da Academia têm a função de fazer uma primeira escolha. Os livros considerados mais importantes pela totalidade dos membros são entregues a estes. Muitas das obras, tal como a sua, estavam já traduzidas para sueco, e, portanto, eram fáceis de ler. Outras nunca haviam sido traduzidas, e por isso esses quatro membros tinham de as apreciar na sua língua original. Além do sueco, eles conhecem perfeitamente o francês, o inglês, o alemão e o espanhol. Quando uma obra é apresentada numa língua estranha, tal como o hindu ou o chinês, é entregue a consultores especializados nessas línguas. A língua é um entrave, mas creio bem que nunca uma obra de mérito haja sido prejudicada por isso. Estou a pensar neste momento em Rabindranath Tagore, que em 1913 foi proposto pela sua obra poética.

Havia apenas um volume dele traduzido para inglês e nenhum para sueco. A nata da sua produção era em bengali, sua língua natal.

Os quatro membros encarregados da escolha descobriram um professor sueco, apaixonado pelas línguas orientais, que conhecia o bengali.

319

Ficou tão entusiasmado com a poesia de Tagore que queria ensinar essa língua aos membros da Academia para que estes pudessem apreciar o poeta no seu idioma original.

Acharam, porém, tarefa demasiado difícil e esperaram que o professor fizesse a tradução. Esta foi tão boa ou tão má que os convenceu a todos do merecimento de Tagore.

Nesse caso, o Prêmio Literário, afinal de contas, está nas mãos de quatro homens observou Stratman.

Não, não replicou Jacobsson. Os quatro membros do primeiro júri desempenham apenas um papel preliminar. Este ano leram as obras principais de trinta dos candidatos. Desses eliminaram vinte e quatro e escolheram seis para o desempate final. Os melhores livros desses seis o senhor Mr. Craig, outro escritor americano, dois alemães, um inglês e um japonês foram enviados aos outros membros da Academia, juntamente com excertos de outras obras deles traduzidos para sueco. Os membros da Academia passaram todo o Verão a ler e a reler. E agora, em resposta à sua pergunta, Mr. Craig, dir-lhe-ei que, em meados de Setembro, se reúnem oficialmente neste salão, para discutir o que leram, a sondar as opiniões uns dos outros, para falar das obras que mais apreciaram. No mês de Novembro, reúnem-se uma vez mais, em volta desta mesa, com a porta fechada, não admitindo a entrada a ninguém estranho, e preparam-se então para eleger o premiado. O presidente desse grupo de quatro pôs-se de pé e disse: «Os sessenta candidatos estão reduzidos a seis, e desses seis recomendamos particularmente dois nomes.» Propôs então o seu, Mr. Craig, e o do escritor inglês, que não estou autorizado a nomear, em segundo lugar. Leu então a biografia de Mr. Craig e dos outros cinco. Depois, leu também

críticas favoráveis e desfavoráveis da obra de cada um. Começou então o debate, que durou seis horas. Se os membros estão convencidos de que os Suecos são pessoas calmas e pacíficas, eu gostaria que assistissem àquela discussão. Desencadearam verdadeiras polêmicas, uns a favor, outros contra, não só a respeito do seu nome, Mr. Craig, mas a respeito de muitos dos outros candidatos.

Passou-se finalmente à votação. Dezasseis votaram e dois abstiveram-se. Folgo em comunicar-lhe, Mr. Craig, que o senhor foi eleito por uma maioria razoável. Informaram-me imediatamente do resultado. Redigi nessa mesma noite o telegrama de participação que enviei directamente para si. Pouco depois, era comunicada a notícia à imprensa, por intermédio do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Stratman avançou para uma cadeira, à qual se apoiou.

O conde Jacobsson poderá dar-nos alguns exemplos concretos dessa discussão, desse tumultuoso debate que acaba de nos descrever?

Discutir a eleição deste ano ou a do ano passado, não me parece lá muito conveniente retorquiu Jacobsson. No entanto, acho que não haverá mal em lhe descrever alguns episódios históricos.

320

Deleito-me com eles e não me importo de os partilhar com outras pessoas. Reparou então no cansaço do professor e apressou-se a exclamar: Por favor, Herr Professor, e também todos vós, sentem-se durante estes momentos de conversa. Sirvam-se destas cadeiras, são para uso, não estamos em nenhum museu.

Rapidamente, fez sentar Stratman, enquanto Craig puxava uma cadeira para Emily, e Mr. Flink e Mr. Manker faziam o mesmo a Leah Não tardou que todos se achassem sentados comodamente em volta da comprida mesa. Jacobsson tomou lugar à cadeira, em frente do busto de Gustavo III.

Todos os anos, durante o mês de Novembro e Dezembro, há muita gente em todo o mundo que pega nos jornais para ler notícias acerca do Prêmio Nobel. Acabam por acreditar, sem reflectir, que os laureados são uma espécie de semideuses e que a ordem para se lhes atribuir tal recompensa vem lá do alto, mas eu sou o primeiro a admitir que os premiados, embora tratando-se muitas vezes de génios e santos, não passam de seres humanos. Ao mesmo tempo, concordo também que os Prêmios não são concedidos por decreto divino nem os juizes que os atribuem têm uma sabedoria superior.

São, sim, homens vulgares, dotados de uma grande inteligência, mas humanamente frágeis. Faço estas observações preliminares porque o senhor deseja saber o que se passou nesta sala em sessões secretas, por detrás de portas fechadas e, para apreciar o que lhe vou dizer, é preciso que compreenda que os nossos dezoito académicos, tal como outros outorgantes de prêmios, não passam de seres humanos, afinal de contas. Na sua maioria, trata-se de homens sábios e experientes, dotados de grandes conhecimentos e de uma absoluta integridade de carácter. Mas repito que são mortais, possuem os seus preconceitos, as suas preferências e aversões, as suas manias e as suas vaidades.

Podem deixar-se influenciar por outros ou influenciá-los. Podem ser corajosos ou deixar-se atemorizar. Por vezes, possuem uma mentalidade cosmopolita, outras vezes provinciana. Alguns são profundamente especializados num assunto e completamente ignorantes acerca de outros. Mas, apesar de tudo isto, constituem as melhores cabeças que possuímos. Uma vez nomeados, ficam obrigados aos mesmos deveres para toda a vida e cada qual se torna num dedicado cumpridor do testamento de Alfred Nobel. São os membros de uma Academia que distinguiu Rudyard Kipling, Gerhard Hauptman, Romain Rolland, Anatole France, George Bernard Shaw, Sigrid Undset, Thomas Mann, Bertrand Russell e Boris Pasternak. São também os membros da mesma Academia que

esqueceu ou rejeitou êmile Zola, Leon Tolstoi, Henrik Ibsen, Marcel Proust, Mark Twain, Joseph Conrad, Máximo Gorki, Theodore Dreiser e August Strindberg. Já vêem que são inteligentes em certos casos, insensatos noutros, mas não mais inteligentes nem mais sensatos do que os outros homens.

321

Craig interrompeu Jacobsson para dizer: Compreendo perfeitamente as vossas selecções e aprovo-as de todo o coração, incluindo a minha.

Leah, Flink e Stratman riram com gosto e Jacobsson permitiu que um sorriso leve se espalhasse pelas suas feições enrugadas.

Mas o que não compreendo são as vossas omissões prosseguiu Craig. Algumas delas foram recordadas ontem, na conferência de imprensa. Parece que são muitas vezes lembradas, mas nunca ninguém dá uma resposta satisfatória ou uma explicação. Por que motivo Zola e Tolstoi não ganharam o Prêmio nos primeiros anos em que este foi instituído? Por que razão Strindberg e Ibsen, dois compatriotas vossos, nunca foram eleitos? Seria o júri desse tempo composto de homens estúpidos? Ou tratar-se-ia de facto de uma questão de orgulho ou preconceito?

Ah, era aí precisamente que eu queria chegar retorquiui Jacobsson.

Sim, geralmente, trata-se de uma questão de preconceito, por vezes de orgulho, ou ainda de política ou de fraqueza. Consideremos em particular os homens a que o senhor se referiu. êmile Zola vivia ainda em 1902, e, portanto, teve duas oportunidades de ser eleito para o Prêmio Nobel. De facto, foi oficialmente proposto por Pierre Berthelot, o célebre químico francês, para o primeiro Prêmio que se concedeu. Mas, bem vê, Alfred Nobel morrera havia apenas cinco anos e o seu poderoso fantasma exercia ainda uma tremenda influência sobre todos os membros da Academia. Nobel detestara Naná, o romance de Zola, e todos os seus outros livros naturalistas.

Não se esqueça de que ele, no testamento, deixa o Prêmio para ser concedido à «obra literária mais importante com tendências idealistas».

Nobel considerava-os, como direi, demasiadamente duros, crus, realistas. Na opinião de Nobel, Zola nada tinha de idealista, e o júri sabia-o muito bem. Quiseram, portanto, respeitar a opinião e a vontade do fundador, uma vez que estava em causa o dinheiro que ele deixara.

Compreendo. Dessa vez a omissão explica-se concordou Craig.

O senhor falou ainda de Tolstoi, de Ibsen e de Strindberg prosseguiu Jacobsson. Aí foi nitidamente o preconceito de um membro, de um único, que os fez recusar.

Craig não conseguiu dissimular a sua surpresa.

Não me diga!

Pois foi disse Jacobsson. É claro que havia outros factores.

Os membros da Academia estavam influenciados pelo preconceito idealista e, além disso, eram todos conservadores e pouco cultos.

Isto passou-se há muito tempo e creio bem que podemos admiti-lo hoje. A maior parte dos membros da Academia tinha vistas pouco largas no que se referia a Literatura. Eram todos historiadores, filósofos, especialistas em religiões. Apenas três, creio eu, percebiam

alguma coisa de Literatura. Um deles, um homem notável, poeta e crítico, era o doutor Carl David af Wirsén. Quando a Academia tomou sobre si o encargo de conceder o Prêmio Nobel, Wirsén era o presidente e uma personagem bastante poderosa. Culto e sábio, mas cheio de preconceitos pessoais, contava nessa altura cerca de cinquenta e oito anos. Como exemplo do domínio que ele exercia sobre a Academia, basta apenas citar o caso ocorrido em 1907. Quando a Academia perde um dos seus membros e elege um substituto, o rei tem de dar a sua aprovação oficial. No ano de 1907,

foi eleito um novo membro, historiador eminente, apesar da objecção de Wirsen, que dizia ter o novo acadêmico cometido em tempos uma falta de lèse-majesté ao publicar um volume de crítica ao rei Gustavo III, fundador da Academia.

Ao verificar que ninguém fizera caso da sua opinião, Wirsen foi ter com o rei Oscar II e persuadiu-o a opor o seu veto à eleição do novo membro, e este só pôde ser aceite quando subiu ao trono Gustavo V. Tal era o poder de Wirsen. Foi ele igualmente quem recusou Tolstoi.

| Mas como o conseguiu? perguntou Emily.

Não é fácil de explicar, Miss Stratman, mas deixe-me ver se sou capaz respondeu Jacobsson. A Academia Francesa propusera um poeta relativamente obscuro, Sully Prudhom, para o Prêmio a distribuir pela primeira vez. A Academia Sueca deixou-se influenciar pela opinião da sua colega francesa. Mais ainda: o júri pretendia atribuir o Prêmio a uma pessoa que não desse lugar a controvérsias.

Entregaram por isso o Prêmio a Prudhom. O mundo da literatura sentiu-se chocado. Até mesmo aqui, na Suécia. Quarenta ou cinquenta escritores e artistas atiraram-se à Academia e apresentaram uma petição em favor de Tolstoi. Na verdade, este escritor nunca poderia ter sido laureado no primeiro ano do Prêmio, uma vez que não fora proposto por ninguém, oficialmente. Esta omissão foi reparada no segundo ano. Tolstoi teve quem o propusesse em 1902.

Mas então Wirsen, o presidente da Academia, saiu a terreiro. Li a minuta do tempestuoso debate em que os membros do júri tiveram de escolher um laureado entre os nomes de Mommsen, Spencer e Tolstoi. Ele admitia que Guerra e Paz era uma obra imortal. Mas objectava que Tolstoi escrevera ultimamente coisas sensacionalistas e estúpidas, que condenava a civilização, que defendia o anarquismo, que tivera a ousadia de reescrever o Novo Testamento e, pior do que tudo o resto, havia declarado que os prêmios literários eram

prejudiciais aos escritores. A diatribe de Wirsen foi de tal ordem que o grande escritor russo ficou posto de parte e, muito embora vivesse ainda durante oito anos, nunca mais constituiu para ninguém um adversário de peso.

E Ibsen? E Strindberg? perguntou Craig.

Como já disse, mais de uma vez se mostrou decisivo o veto do
323

doutor Wirsen. O nome de Ibsen foi proposto em 1903. Wirsen argumentou então que conceder o Prêmio a Ibsen, nessa altura, seria o mesmo que concedê-lo a um monumento fúnebre. Wirsen queria dizer com isto que as melhores peças teatrais de Ibsen haviam sido escritas entre o Peer Gynt, em 1867, e O Mestre Construtor, em 1892.

E que nos onze anos seguintes o seu talento só enfraquecera. Por outro lado, um dos colegas de Ibsen, norueguês, Bjoernstjern Bjoernson, um escritor que o próprio Nobel admirara, mantinha-se ainda no apogeu do talento. O argumento resultou. Ibsen foi eliminado e Bjoernson eleito.

Jacobsson calou-se por momentos, pensativo. Depois prosseguiu: A oposição movida contra August Strindberg resultou desastrosa e ainda mais feroz. Wirsen classificava as produções de Strindberg de «antiquadas». Talvez tivesse sido isto que decidiu a questão.

Por outro lado, penso às vezes que Strindberg foi o pior inimigo de si próprio. Wirsen, bem como o rei da Suécia, sentiam-se chocados com a vida particular do dramaturgo. Strindberg fora excluído dos estudos por ter notas muito baixas. Era sempre posto fora de todos os lugares que arranjava. Casara e divorciara-se três vezes. Cumpriu pena de prisão por blasfêmias. Era um bêbado, um anti-semita e praticava a magia negra. E, se ainda lhe restava alguma esperança de vir um dia a ser eleito, perdeu-a completamente ao ridicularizar publicamente nos jornais a Academia Sueca. Creio que foi na sua obra Aftontidningen que ele escreveu: «O anti-Prêmio Nobel seria o único que eu poderia aceitar!» Ninguém gosta de

premiar quem sistematicamente o insulta. Por isso, Wirsén e o resto da Academia não tiveram grande dificuldade em manter Strindberg afastado do Prêmio. Claro que, para ser justo, tenho de acrescentar que Wirsén nem sempre levou a melhor. Houve uma discussão terrível no ano de 1908. Wirsén e os quatro membros do primeiro júri eram partidários de Algernon Swinburn e metade da Academia votava por Selma Lagerlöf. Estavam empatados, e então elegeram um candidato obscuro, o alemão Rudolf Erucken. Após um ano de manejos políticos, os partidários de Selma Lagerlöf conseguiram arranjar a maioria dos votos e, em 1909, contra a opinião de Wirsén, foi-lhe concedido o Prêmio. Creio que Wirsén, com esta derrota, perdeu o ascendente que tinha sobre os colegas.

Estou ainda obcecado por esse veto contra Strindberg declarou Craig. Há muitos autores que tenham sido privados do Prêmio em virtude da sua vida particular?

Pouco antes, Craig passara em revista os últimos três anos da sua vida, os seus hábitos alcoólicos, e perguntara a si mesmo se a Academia lhe teria concedido o Prêmio se soubesse a verdade. Agora tinha curiosidade em saber.

A vida particular de um escritor é por vezes, infelizmente, um

324

obstáculo confessou Jacobsson. Porém, à parte Strindberg e D'Annunzio, não me recordo de um único caso em que ela tenha desempenhado papel preponderante. Contudo, já que fala nisso, estou a recordar-me de um laureado que por pouco não foi excluído por causa da sua vida particular. com licença das senhoras, referir-me-ei ao exemplo de André Gide. Ano após ano, vinha sendo proposto e sempre era recusado por causa da sua homossexualidade, que ele próprio confessara e defendera em público. Em 1947, apareceu de novo o nome deste escritor. Porém, desta vez, grande parte dos membros da Academia havia-se tornado mais tolerante. A sua perversão continuava a ser um obstáculo, mas

deu-se uma grande reviravolta na votação. Um dos mais ardentes partidários de Gide tornou-se subitamente puritano e manifestou-se contra ele. Ao mesmo tempo, vários acadêmicos do bloco conservador passaram a apoiá-lo. Como todos sabem, acabou por ser eleito e, visto encontrar-se doente, foi o embaixador da França quem veio receber o Prêmio em vez dele.

Acaba de falar acerca do comportamento dos candidatos proferiu Emily. E que se passa quanto às suas crenças? As ideias defendidas por um autor continuam ainda a afectar-lhe a votação?

Indubitavelmente retorquiu Jacobsson. Em 1916, o júri dos quatro recomendou Benito Pérez Galdoz, espanhol. Porém, a maioria dos actuais acadêmicos estava ainda impressionada pelo pacifismo de Romain Holland, pela sua atitude de declarada censura contra a primeira guerra mundial, que o levou a exilar-se, trocando a França combatente pela neutralidade da Suécia. Como resultado disto, foi Romain Rolland quem ganhou o Prêmio. Em 1927, o arcebispo Nathan Soederblom, embora não pudesse ser considerado um literato, fazia parte da Academia da Suécia. Tratava-se de um eclesiástico de considerável prestígio, que poucos anos mais tarde viria a ganhar o Prêmio da Paz. E, quando ele defendeu a ideia de eleger Henri Bergson para o Prêmio da Literatura, visto ter em grande apreço as suas crenças filosóficas, toda a oposição contra Bergson foi posta de lado. No entanto, Miss Stratman, muitas vezes acontece que as crenças de um autor o prejudicam. Em 1934, Benedetto Croce esteve quase a ganhar o Prêmio. Nesse tempo, na Itália, Benito Mussolini e os «camisas negras» estavam em pleno apogeu. Croce era antifascista e não fazia segredo do seu ódio a Mussolini. A eleição dele seria uma bofetada naquele ditador, e este bem o sabia. Não se sabe ao certo o que sucedeu. Houve quem dissesse que Mussolini entrou em contacto com o embaixador da Suécia e que este se pôs em comunicação com a Academia. Seja como for, Croce foi derrotado por causa das suas ideias e concedeu-se o

Prêmio a um seu compatriota relativamente inofensivo, Luigi Pirandello. Sei que isto pode parecer uma cobardia. No entanto, segundo o conceito daquele tempo, devemos lembrar-nos de que o fascismo constituía uma poderosa ameaça. Em 325

qualquer dos casos, creio que a nossa Academia se resgatou bem dessa falta quando, em 1958, concedeu corajosamente o Prêmio a Boris Pasternak por causa das ideias que professava, embora os comunistas nos apontassem as suas espingardas à cabeça.

Mas então vocês, assim, cedem a pressões e ameaças!

Jacobsson abriu as mãos e encolheu os ombros.

Já lhe disse, Herr Professor, que nós somos homens como os outros. A maior parte das vezes, as pressões exercem-se unicamente dentro desta sala e não provêm lá de fora. Verifica-se sempre aquilo que vocês, os Americanos, chamam «falar à mão dos legisladores».

Jacobsson calou-se. Via-se que tinha qualquer coisa na ponta da língua, mas hesitava em dizê-la. Acabou por falar de novo: Deu-se um caso notável, com um autor americano cujo nome acho que não devo mencionar. Esse autor escrevera vários romances, os quais, por motivos de gosto pessoal, haviam impressionado favoravelmente dois dos mais antigos membros da Academia: o doutor Sven Hedin e Selma Lagerlof. Estes dois tentavam convencer os outros que se devia conceder o Prêmio ao americano. A maior parte dos acadêmicos considerava estes romances coisa de pouco valor e o presidente classificou-os como «mediócras». No entanto, Hedin e Selma Lagerlof teimaram, dramatizando o seu valor polêmico das obras, acabando por invocar a sua qualidade de mais antigos membros da Academia, até que esta acabou por ceder. O americano, embora inicialmente tivesse sido recusado pela maioria, acabou por ser eleito.

Só queria saber quem ele era! exclamou Leah.

Jacobsson agitou o indicador.

Não interessa. Ele certamente que merecia tanto o Prêmio como muitos outros que o haviam recebido antes ou vieram a recebê-lo depois. Jacobsson olhou para Stratman do outro lado da mesa.

Já está farto das minhas anedotas ou ainda sente apetite para mais?

A entrada foi excelente. Mas parece-me que ainda tenho lugar para a sobremesa.

Muito bem. Jacobsson concentrou-se por uns momentos, recapitulando as suas preciosas Notas, recordando este e aquela história, pondo uma de lado, seleccionando outras, até que pousou os cotovelos sobre a mesa e prosseguiu: No ano de 1921, os dois candidatos mais importantes eram John Galsworthy e Anatole France.

O júri dos quatro recomendou inicialmente Galsworthy, por considerar a produção de Anatole France demasiadamente burilada e preciosa.

Porém, a maioria dos académicos preferia Anatole France, pois eram de opinião que ele introduzira um novo romantismo na Literatura.

E Anatole France foi eleito. Dali a onze anos, Galsworthy vinha a ser de novo um candidato de peso. Desta vez os seus oponentes foram Paul Ernst, o poeta alemão, e H. G. Wells. O argumento a favor de Ernst era que este, além do valor incontestável e do desin-

326

teresse pelos lucros manifestado nas suas obras, necessitava mais do dinheiro do que Galsworthy. No entanto, o voto final foi dado a favor deste. Quanto ao facto de o nível económico de um autor influenciar a sua escolha, temos um exemplo no caso de William Butler Yeats, que ganhou o Prêmio em lugar de Thomas Hardy, no ano de 1923.

Além disso, os partidários de Yeats condenavam o pessimismo de Hardy, o qual, diziam eles, não correspondia aos requisitos do

testamento de Nobel.

Também se têm verificado debates assim renhidos entre candidatos americanos? quis saber Craig.

Muitas vezes confirmou Jacobsson. O mais violento de todos, talvez, travou-se nesta sala, em 1930. Durante trinta anos, a Academia não tivera em consideração alguns candidatos como Mark Twain, Edwin Markham, Stephen Crane. Contudo, em 1930, apareceram Theodor Dreiser e Sinclair Lewis, como rivais, à cabeça da lista. Para vos falar com inteira franqueza, devo dizer que nenhum deles despertava grande entusiasmo. Lewis era considerado demasiado prolífero e terra-a-terra. Apenas um dos seus romances, *Babbitt*, fora apreciado como obra de valor. Quanto a Dreiser, consideravam-no enfadonho. Finalmente, acabaram por eleger Sinclair Lewis. Recordo-me muito bem dele: só tinha pernas e braços e estudava sueco por meio de um linguafone. Tinha imensa graça. Ficou contentíssimo com a honra que recebera, mas declarou que muitos outros seus compatriotas a haviam merecido antes dele. Jacobsson olhou para o fundo da mesa. Estou a ver Mr. Manker a fazer-me sinais. Desconfio que estive a falar de mais, quando temos ainda grande parte da cidade para visitar antes do pôr-do-Sol. Empurrou a cadeira e pôs-se de pé. Basta de Sala das Sessões!

Fascinado pelas recordações do conde, Craig experimentou pela primeira vez, desde que chegara a Estocolmo, um vislumbre de satisfação pela honra que lhe era concedida. Embora pensasse que não a merecia, ficara pelo menos com a consciência tranquila. Procurara o esquecimento durante muitos meses, embora o temesse, e agora sentia-se aliviado por saber que, fosse como fosse, a sua personalidade não morreria enquanto o panteão Nobel significasse alguma coisa para o mundo civilizado. Sob muitos aspectos, esta conversa, ali, na Sala das Sessões, fora o melhor momento que passara na Suécia.

Isto, o amor de Lilly e as emoções havia muito adormecidas que tinham despertado em si na presença de Emily Stratman. Era como se a sua alma começasse a deixar penetrar os primeiros raios de luz desde que o luto e o remorso lhe haviam fechado as portas para a vida.

Enquanto se erguia, foi agradecendo ao conde.

Obrigado, porquê?

Pelo orgulho murmurou ele. Mas sabia que Jacobsson o não 327 ouvira e que nem ele nem nenhum dos outros poderia compreender as suas palavras.

O Sol baixara já, mas ainda estava quente quando chegaram em frente da Câmara e se juntaram no terraço, sob as arcadas, a ouvir o discurso de Mr. Manker. Este prometera-lhes que a Câmara seria o edifício mais interessante que veriam em Estocolmo, e não os iludira.

Tinham avançado para noroeste da cidade velha, até à ilha de Kungsholmen, e ali, erguendo-se altivamente numa pequena península que avançava pelo lago Mälaren, junto ao golfo de Klarasjö, deparou-se-lhes o estranho edifício municipal de Estocolmo.

Viram primeiro a torre quadrada, que se erguia a quinze metros de altura, de um tom avermelhado, como, de resto, todo o edifício, ornada com três coroas no cimo. Observaram também que aquele tom vermelho se devia aos tijolos com que fora construída e que cada um deles tinha sido cuidadosamente colocado à mão. O telhado da Câmara era de cobre reluzente, as portas de madeira de castanho e, por baixo dos arcos e das grossas colunas do terraço, havia a balaustrada, toda de mármore.

Enquanto Mr. Manker explicava a história da Câmara Municipal, Craig notou que Emily Stratman se afastara do grupo e se sentara a descansar num banco de mármore do jardim vizinho. O laureado tentou prestar atenção à história de Mr. Manker, mas o seu

pensamento continuava preso a Emily, tão elegante e imóvel, de pernas cruzadas, com um ar ausente e preocupado.

Quanto ao magnífico interior da Câmara ia dizendo Manker vou levá-los lá dentro e verão tudo com os próprios olhos.

Visitaremos em primeiro lugar o salão dos banquetes e vou chamar a vossa atenção para o painel dourado que serve de ornato a uma das paredes, feito de um milhão de pedras coloridas, onde se conta a história de Estocolmo. Sigam-me, por favor...

Partiram todos atrás do adido, seguindo Craig na retaguarda.

Ao passarem em frente de Emily, esta deixou cair o cigarro no chão, esmagou-o com o pé, pegou na carteira e preparou-se para se levantar.

Naquele momento, Craig chegara junto dela e parara, sorrindo nervosamente em frente da rapariga.

Miss Stratman, se me dá licença, queria dizer-lhe duas palavras.

Não fora sua intenção dar à entrevista um aspecto tão cerimonioso, mas, se assim procedia agora, era porque o seu instinto o avisara de que uma aproximação demasiado familiar ou intempestiva a assustaria de novo.

Ela deixou-se ficar sentada e hesitante.

Estão à nossa espera...

Temos muito tempo declarou ele. E sentou-se no banco de 328 mármore, um pouco afastado da rapariga. Eu sou de opinião que as pessoas estragam as viagens quando pretendem ver tudo, para que nada lhes escape em todas as cidades que vão sucessivamente visitando, e quando procuram armazenar mais panoramas do que os outros. Eu sou pelas viagens sem planos, com uma ou outra visita a uma galeria de arte ou a um lugar histórico. Se algum dia deixar de ser escritor, fundarei a Agência de Viagens Sem Objectivo, Limitada, e porei nos anúncios: «Levamo-los seja onde for, mas vocês que se arranjam, senão restituiremos o dinheiro.»

Emily sorriu.

Onde devo marcar a minha passagem?

Ele apontou com o dedo.

Olhe para isto! Não me diga que o que eles vêm lá dentro pode ser melhor!

Contemplaram ambos as águas azuis e preguiçosas do lago Mälaren e o voo gracioso das gaivotas sobre o contorno esfumado e fantástico da ilha de Riddarholmen, lá ao fundo.

Que paz, que maravilha! disse ela baixinho.

Abriu a carteira, tirou outro cigarro e ele acendeu-lho. Craig carregou também o cachimbo e ficaram ambos a fumar em silêncio.

Por fim, ele perguntou: Em que pensa?

Para falar com franqueza, estava a pensar em si. A nossa visita (à Academia e a conversa lá dentro com o conde Jacobsson acerca de todas aquelas personagens lendárias causaram-me enorme impressão.

E pensava neste instante: «Imagina tu, Emily, aqui sentada neste banco na companhia de um homem cujo nome, daqui a alguns anos, será citado exactamente como o é agora o de Anatole France ou de John Galsworthy.»

Bem, isso não me parece. É lisonjeiro o que acaba de me dizer, mas não é bem a mesma coisa.

Oh, porque não?

Posso muito bem ser o Eucken ou o Bunin da lista Nobel. Assim como nem todos os nossos presidentes são um Lincoln. Também tivemos um Polk e um Pierce.

Não sou da sua opinião.

Nada sabe a meu respeito, Miss Stratman.

Ela voltou-se para o escritor.

Como é que de um dia para o outro uma pessoa deixa de ser , Emily para passar a ser Miss Stratman?

Em virtude da extraordinária magia da sobriedade.

Percebo. Mas, ébrio ou sóbrio, eu continuo a ser a Emily.

Bem, nesse caso, eu sou Andrew. |

Ela cerrou os sobrolhos.

Para mim, vai ser difícil. Tem de continuar a ser Mr. Craig 329 ainda durante algum tempo. Depois disso, a segunda fase... será passar em branco o seu nome, Mr. Craig, e não empregar nome nenhum.

Isto é a transição. E depois, muito mais tarde, talvez possa chamá-lo pelo seu próprio nome. Mas o pior é que só temos uma semana.

É tão fácil de dizer Andrew... Experimente...

Não posso.

Então diga comigo: Andrew.

Andrew.

Ora vê? Foi assim tão difícil?

Não, porque eu não estava a pensar no que dizia. Não liguei o nome à sua pessoa.

Bem, então quando estiver sozinha, pratique, faça por ensaiar.

Andrew, Andrew. Onde está o Andrew?

Ela sorriu.

- Muito bem. Para já, vou suprimir o «Mr. Craig», e veremos o que acontece.

As revistas semanais referem-se a nós dizendo «os Nobels».

Não me importa que me tratem assim.

Posso fazê-lo na minha próxima encarnação, quando eu for uma revista semanal. Deitou fora o cigarro e fez descair um pouco os ombros, como para se pôr mais à vontade. Quando parámos em Skansen perguntou ela com toda a naturalidade foi realmente Física e Literatura o que o senhor esteve a discutir com o meu tio?

Nem por sombras.

Bem me parecia. Então de que falaram?

De si.

Ela não se mostrou admirada nem procurou satisfazer nenhuma curiosidade.

Não devia ter tido assunto para mais de dez segundos.

Porque diz isso?

Há pessoas que dão um belo assunto de conversa, e outras não.

Detesto ter de o confessar, Mr...., desculpe, prometi-lhe passar ao regime de transição, detesto ter de confessar que sou tremendamente desinteressante.

Como é que sabe?

Ninguém o sabe melhor do que eu. Sou uma cerebral e nada imaginativa, extraordinariamente esperta por dentro e também original, mas nada tenho que possa dar assunto para um novelista ou biógrafo. Não é verdade que uma boa personagem deve dar lugar a conflitos, a acção, a excentricidades, a paixões, etc.?

Nem sempre, mas muitas vezes são essas as escolhidas. A maioria das pessoas dava boas personagens de romance, não exteriormente, mas por dentro.

Talvez, mas não estou a ver de maneira nenhuma dois cérebros
330

contemplados com o Prêmio Nobel a discutirem a minha pessoa.

Fui eu que puxei o assunto declarou Craig , porque me interessava de certo modo. Contei ao seu tio o meu procedimento da noite passada e disse que queria pedir-lhe desculpa, não apenas por si, mas também por mim, pois não desejava que ficasse a fazer mau conceito da minha pessoa.

E que disse ele?

Acho que o que ele me aconselhou foi ir bater a outra porta, se estava interessado em arranjar companhia.

Emily riu.

Oh, ele não era capaz disso...

Bem, não foi exactamente por estas palavras. Mas deu-me a entender que, se a tinha ofendido, não me restavam muitas

esperanças de lhe reconquistar as boas graças.

Na verdade, tenho de confessar que não me esqueci da noite passada...

Eu estava bêbado, Emily, completamente transtornado. O meu procedimento de então nada tem a ver com o meu procedimento habitual. Não tenho por costume levar raparigas a quem acabo de ser apresentado para quartos escondidos com o fim de tentar beijá-las.

Sou muito reservado. Mas naquela altura as minhas inibições tinham desaparecido e fui levado a percorrer em poucos minutos o caminho que normalmente levaria semanas a fazer. Por isso, peço-lhe desculpa, e faça de conta que vim procurar outra rapariga e que começamos tudo desde o princípio.

Se tivesse esperado um minuto, seria escusado pedir-me desculpa retorquiu Emily. O que eu ia a dizer é que pensei na noite passada e cheguei à conclusão de que, se alguém tinha de pedir desculpa, era eu, e não você.

Craig uniu as sobrancelhas com espanto.

Sim - prosseguiu Emily. Já não sou criança, mas às vezes procedo como se o fosse. Eu bem sabia que o senhor... bem que o senhor tinha bebido bastante. Outro tanto se dava comigo. Estava a achar divertida a sua companhia. Entrei consigo naquele quarto porque quis. Quanto aos seus... aos seus atrevimentos, poderia ter levado tudo para a brincadeira, ou tomado a sério, mas com equilíbrio, em vez de me pôr a armar em donzela pudica do século passado. A minha atitude foi involuntária, é o mais que posso dizer-lhe, assim como estou certa de que outro tanto se passou consigo. Portanto, como você muito bem disse, vamos recomeçar tudo outra vez, Andrew.

Pronto, já disse Andrew!

Disse? Pois disse. Não é estranho?

Pois bem, agora já sei como devemos de começar declarou Craig. Primeiro vamos a inscrever-nos na Agência de Viagens Sem Objectivo, Limitada. A primeira excursão será ao centro da cidade, à 331

Kungsgatan. Eu ainda não almocei, preciso de comer uma sanduíche ou qualquer outra coisa, e você pode beber uma bebida fraca. Depois damos uma volta para ver qualquer coisa ou então não faremos absolutamente nada.

A rapariga hesitou e depois olhou para trás.

E os outros?

Eu vou a correr lá dentro e digo-lhes que fomos às compras.

Preciso bem de comprar algumas coisas. Ainda não entrei numa loja.

Craig pôs-se logo de pé.

Direi ao seu tio que você vai ter ao hotel um pouco mais tarde.

Acha que ninguém repara?

E que reparam? A mim importava-me mais se não fizessemos isto. Espere aqui por mim.

Atravessou rapidamente o pátio em direcção ao edifício, no momento preciso em que Mr. Manker saía. Fez-lhe sinal com a mão e dirigiu-se para eles.

Miss Decker estava em cuidado e eu disselhe que vinha procurá-lo.

Obrigado, Mr. Manker. Eu também ia ao seu encontro. É capaz de apresentar as nossas desculpas a todos e explicar ao professor e a Miss Decker que eu e a Emily fomos fazer umas compras...

Mas a nossa visita à cidade ainda não acabou...

Tenho gostado imenso, Mr. Manker, mas resolvi reunir-me a outro grupo durante o resto da tarde: a Agência de Viagens Sem Objectivo, Limitada, que lhe recomendo sinceramente. É muito de aconselhar para quem sofra de males de miopia, joanetes, zumbidos nos ouvidos e catedralite aguda. Até mais ver, Mr. Manker!

Depois de saírem do táxi, percorreram uma outra distância da rua principal de Estocolmo até chegarem ao Restaurante Triunfo, na Kungsgatan. Espreitaram e pareceu-lhes que ali deveriam servir almoços.

Foram sentar-se em bancos altos, forrados de verde, em frente de um dos três salões em forma de ferradura, e consultaram a ementa, implacavelmente sueca. Emily sugeriu com timidez que pedissem a tradução; Craig, porém, declarou que isso tirava toda a graça ao caso. Depois de muitas hesitações, Craig decidiu-se por *kyckling med gronsallad och brynt potatis*, que custava 5 coroas e 25. Emily concordou.

Em voz baixa, Craig tranquilizou-a, dizendo que a surpresa não seria grande visto duas das palavras serem essencialmente inglesas.

O elemento surpresa residia no *kyckling*. Cada qual sugeria o seu *disparate*. Emily estava certa de que se tratava de camarões cheios de ovas.

332

Quando vieram os pratos, ficaram ambos desapontados. *Kyckling* era frango tostado.

É sempre tudo igual! declarou Craig, desconsolado. Mas soube-lhes bem o frango, a salada de batatas e legumes, pois era a primeira aventura que partilhavam.

Mais tarde, depois de Craig ter tomado o seu café e Emily haver fumado um cigarro, resolveram o problema da gorjeta deixando sobre a mesa um punhado de ore (porque essas moedas eram muito pequeninas e insignificantes como cêntimos); em seguida, deambularam devagar, lado a lado e muito sérios, pela Kungsgatan.

Por vezes, numa travessia de peões mais movimentada, especialmente nos cruzamentos, os braços tocavam-se. Mas eram esses os únicos contactos físicos. Craig tinha o cuidado de não pegar no braço nem na mão de Emily ao atravessarem uma rua. O seu passeio pela Kungsgatan era tão pouco cerimonioso como um

trajecto vulgar por qualquer rua semelhante de Nova Iorque, Atlanta, Chicago ou Kansas City. A Kungsgatan não lhes parecia uma rua estrangeira. Os edifícios comerciais e os armazéns, todas aquelas mulheres carregadas de embrulhos e os homens de pasta debaixo do braço, já haviam visto tudo aquilo antes. É claro que os suecos olhavam para eles e sabiam tratar-se de americanos; eles observavam os outros, e tinham a certeza de que eram suecos. Diferenças muito pequenas e subtis. com excepção da rua e das tabuletas das lojas, que estavam escritas em língua estrangeira, e do persistente tack, tack, tack (que segundo Craig, significava obrigado, obrigado, obrigado) ambos sentiam que não estavam muito longe das suas terras.

Da outra vez que aqui estive havia um disco que se ouvia tocar por toda a parte, nesta rua. Chamava-se: Anda Um Cow-Boy a Bambolear-se na Kungsgatan. Perguntei a alguém o que aquilo queria dizer. Por que motivo andava um cow-boy na Kungsgatan?

Pois bem, acontecera que, durante a guerra, alguns aviadores americanos tinham caído em território sueco e fora necessário interná-los.

No entanto, deram-lhes liberdade de andar pela cidade, e alguns desses enormes rapazes do Texas gostavam de passear, com o seu andar gingão, para baixo e para cima, ao longo da Kungsgatan. Por isso, no fim da guerra apareceu aquela canção romântica, que se tornou muito popular e que celebrava um momento de alegre diversão numa época de severa neutralidade.

Porque veio você à Suécia nessa altura? inquiriu Emily.

Não tenho bem a certeza. Nesse tempo, falava-se muito do mau estado das canalizações em Paris, dizia-se que na Itália roubavam descaradamente os estrangeiros, e nós então quisemos começar a nossa lua-de-mel num país impecavelmente limpo. Tem graça, pois foi o primeiro país que visitámos. Mas gostámos mais de Roma e de Paris.

E as canalizações eram tão más como se dizia? E foram efectivamente roubados?

Claro! Éramos dois anjinhos, cheios de compaixão pela França e pela Itália do pós-guerra. Mas quem se importava com as canalizações quando tínhamos as Tulherias? Como nos havíamos de preocupar com o facto de pagarmos tudo a dobrar se em troca éramos senhores dos Jardins Borghese? Indicou com o dedo o outro lado da rua. Você tem de ir ver aquilo. Vamos atravessar.

Esperaram que a luz mudasse de cor e depois atravessaram, por entre a multidão, para a Praça de Hotorget.

Aquele edifício à esquerda é o Palácio dos Concertos. Vai ser lá que, na tarde do dia dez, eu e o seu tio recebemos o Prêmio Nobel.

Emily contemplou o Palácio dos Concertos. Tratava-se de um enorme edifício quadrado, de sete andares e com uma frontaria ornada de dez colunas de pedra e nove entradas cobertas. Nos espaçosos degraus, uns dez ou doze suecos, na sua maioria jovens, gozavam o último sol da tarde. Emily seguiu Craig até junto da estátua verde-escura, tão moderna e esguia, que representava uma deusa da juventude, de linhas aéreas, a tocar lira, rodeada por quatro outras figuras de rapazes e raparigas.

Isto é o Orfeu, de Cari Milles? perguntou Emily.

Sim. Qual é a sua impressão?

É incrível deparar-se-nos isto no fim de uma rua comercial. Não tenho a certeza se gosto muito da execução, mas a ideia agrada-me, está uma espécie de coisa, em lugar de um general de pedra o de um obelisco à memória dos mortos da guerra.

Craig impressionara-se muito com aquele Orfeu da primeira vez que ali viera com Harriet, havia tanto tempo. Agora continuava a impressioná-lo, mas já menos. O que o desconcertava não era a arte, mas a irrealidade na arte. As raparigas eram demasiado parecidas com os rapazes, de ancas excessivamente estreitas, nádegas chatas, e

agora, depois de ter conhecido Lilly, Milles já não lhe parecia tão bom.

Vamos sentar-nos um bocado aqui nos degraus, se não fizer muito frio disse a Emily.

Subiram os dez degraus de pedra e sentaram-se um pouco à parte dos estudantes suecos, de frente para a praça.

Esta praça é lindíssima de Verão declarou Craig. Uma espécie de mercado ao ar livre, cheio de bancas de flores maravilhosas: ervilhas-de-cheiro, lírios, um deslumbramento de cor e perfume.

E, do outro lado, ficam os grandes armazéns, conhecidos pelo nome de P.U.B. Sabe porque se tornaram célebres?

Não faço a menor ideia.

Porque uma rapariga chamada Greta Gustavsson foi lá caixeira.

Vendia chapéus. Isto sucedeu antes de ela se chamar Greta Garbo.

334

Isso é certo?

Absolutamente certo. Quando cá estive da outra vez, o P. U. B. punha isso nos seus reclames. Recorda-se de toda a gente falar nos enormes pés de Greta Garbo? Pois eu lembrei-me de entrar no armazém e perguntar qual o número que ela calçava. Disseram-me que era nove. É grande?

Não é pequeno.

Que número calça você?

Ela estendeu a perna e abanou a sandália, , Seis. Porquê?

Tenho curiosidade em saber o número que as mulheres calçam.

Bem, não me pergunte outras medidas. Ficaria embaraçada.

Era como se me despisse em público.

Ele recuou um pouco e examinou-a, com exagerado atrevimento.

Eu diria que eram trinta e oito, trinta e quatro e trinta e seis polegadas. Está certo?

Não interessa, Mr. Craig.

Baixei de posto.

Foi expulso.

Tenho de reconquistar de novo o direito de ser Andrew.

O senhor estava a portar-se tão bem que até parecia Mr. Manker.
Porque veio recordar o que lá vai?

Bem sabe, Emily, que eu não voltei a pensar na Suécia durante todos estes anos. Quando nos sentámos aqui voltaram-me as velhas recordações, todas ao mesmo tempo. O Lucius Mack diz que a minha cabeça é um armazém de factos inúteis e de notas. Creio que o mesmo se dá com os outros escritores. A respeito de conhecimentos, dividem-se em três categorias primeira: aqueles que só são peritos numa coisa em si mesmos. Lembre-se da afirmação de Flaubert: «Eu sou Madame Bovary.» Segunda: os que conhecem a fundo dois ou três assuntos a Guerra Civil, Zen e Palestrina, nada mais. Terceira: aqueles que conhecem muitas coisas, desde o pequeno rio europeu chamado Aá, até ao nome biológico do ovo, que é zigoto. E Lucius Mack coloca-me nessa categoria.

Quem é Lucius Mack?

Ah, ainda não lho apresentei? Desculpe. É o editor do nosso jornal semanal em Miller's Dam. Entre nós, corresponde ao William Allen White. É o meu melhor amigo. Um encantador avarento, nem velho nem novo. Tenho por ele a maior estima.

Eu também gosto dos jornalistas.

O mal dessa gente, de um modo geral, é terem a mania de querer ser aquilo que não são. O mesmo se dá com o pessoal da televisão, com os dentistas e os contabilistas. Mas Lucius não é desses.

Tem uma grande calma. Está com frio?

Um bocado. O Sol foi-se embora.

335

Então vamos caminhar.

Desceram os degraus e andaram lentamente, percorrendo mais uma vez a Kungsgatan, e depois voltaram a esquina para Birger

Jarlskatan, que apresentava o ar selecto de uma Fifth Avenue em ponto pequeno.

Por várias vezes a atenção de Emily foi atraída pelas montras. Então entravam, viam tudo e, quando chegaram por alturas do Parque de Berzelli, Emily comprara já um cinzeiro de cristal de Orrefors, um jogo de faca e garfo para a travessa de prata de Jensen, a miniatura de um viking feita de madeira e uma caixa de lenços com rendas de Vadstena.

No Parque Berzelli, pararam, às escuras, entre as árvores despidas.

Gostava de comprar um guia da língua sueca disse Emily.

Acha que as lojas já estarão fechadas?

Ainda não é tarde respondeu Craig. Agora, no Inverno, escurece muito cedo. Conheço um livreiro onde se pode encontrar isso.

É o Fritz. Uma lojinha encantadora e antiga, fundada em 1830. Parece-me que era aí que se fornecia J. Pierpont Morgan. Não fica muito longe. Está disposta a caminhar até lá?

Pois com certeza.

Atravessaram Gustav Adolfs Torg, à luz dos candeeiros, e chegaram ao n.º 2 de Fredsgatan, onde estava instalado o Fritz. Demoraram-se lá meia hora. Emily encontrou um guia de frases inglês-sueco.

Compraram também uma edição sueca de Alice no País das Maravilhas e três exemplares de um encantador álbum de desenho moderno, Mumintrollen, por Tove Janson, para oferecer às pessoas amigas. Por seu lado, Craig adquiriu igualmente um exemplar da edição sueca de Indent Flink de O Estado Perfeito e ofereceu-o a Emily, como complemento do seu livro de frases.

Deixaram a livraria e percorreram alguns blocos ao longo do canal, até que Craig parou.

Por que diabo havemos de andar este caminho todo até ao hotel, só para nos reunirmos àquela gente durante o jantar? Porque não

jantamos antes sozinhos? Sei de um sítio estupendo. Você vai adorá-lo.

Como poderemos fazer uma coisa dessas depois de os termos abandonado durante a tarde inteira? O Comité Nobel pode melindrar-se...

Mas hoje não há nada no programa.

E o meu tio...

Eu telefono-lhe. Digo-lhe que a convidei para jantar e que a levarei sã e salva, de regresso, daqui a poucas horas. Que diz?

Não sei...

Mas sei eu. Deixe-me telefonar-lhe.

Então telefone.

Percorreram outro bloco, até encontrarem uma cabina pública.

336

Emily deu a Craig duas moedas de dez ore e ele fechou-se lá dentro enquanto ela esperava, a fumar, do lado de fora da porta de vidro.

O americano ligou para a telefonista do hotel e esta pô-lo em contacto com o apartamento do professor Stratman.

Craig identificou-se e Stratman perguntou imediatamente: Como está a Emily?

O mais bem disposta possível. Estou daqui a vê-la através da porta da cabina. Ela estava em cuidado com medo que o senhor se aborrecesse, por isso oferecime para telefonar.

Fez muito bem. Vocês hoje fizeram ambos gazeta!

Eu já conhecia aquilo tudo e a Emily queria fazer compras.

Ela acaba de comprar um exemplar de Alice no País das Maravilhas, em sueco.

Comigo, é escusado estar a inventar histórias, meu caro colega.

E Stratman riu-se ao telefone. Já vejo que, se tivesse feito a aposta, perdia. O seu caso não era desesperado. Ela aceitou-lhe as desculpas?

É verdade, professor.

Então, agora vocês já estão, como direi... no bom caminho?

Não tenho a menor dúvida.

Desejo-lhe felicidades.

E eu bem preciso! O verdadeiro fim do meu telefonema era dizer-lhe que convidei a Emily para jantar comigo mas ela tinha medo que...

Diga-lhe que o tio Max está de saúde e que o conde me vem buscar, juntamente com os Farelli e os Garrett, e a sua cunhada também, para jantarmos no Jardim de Inverno. Vocês divirtam-se.

A minha cunhada está bem disposta?

Está feliz que nem uma rainha de copas! retorquiui Stratman.

Só depois de ter desligado, Craig percebeu a alusão de Stratman.

O professor referia-se à rainha de copas de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, que ficara furiosa e mandara cortar a cabeça de Alice.

Tinham descido a íngreme escadaria de pedra, atravessando um corredor estreito e sinuoso, até atingirem a comprida gruta subterrânea cavada na rocha. Era o restaurante mais antigo e afamado da cidade velha, conhecido dos boêmios suecos pelo nome de Gyldene Freden e dos estrangeiros como A Paz Dourada.

Estavam agora sentados a uma pequena mesa encostada à rocha, um em frente do outro, enquanto pediam a uma gentil criada de avental branco e cor-de-rosa que lhes trouxesse dois martinis secos.

Depois de a criada se ter ido embora, Emily olhou em redor, maravilhada.

Como era cedo, o restaurante encontrava-se ainda meio vazio e os poucos comensais eram gente simplesmente vestida, alegre e ruidosa.

O barulho acalmou quando um trovador de aspecto respeitável,

com óculos de tartaruga e fato escuro, apareceu à entrada da gruta, a tocar alaúde e a cantar canções de Carl Mikael Bellman '.

Então? inquiriu Craig. Que tal?

Nunca vi nada assim disse Emily. Estou muito contente por ter vindo. Isto será tão antigo como parece?

Mais ainda. Lembra-se quando hoje percorríamos os antigos terrenos de caça do rei e Mr. Manker nos mostrou o local onde viveu Cari Mikael Bellman? Pois bem. Ele é que deu fama a esta casa, pois foi um dos seus mais ilustres comensais. Vinha aqui todas as noites escrever os seus poemas e cantá-los. Depois embebedava-se e fazia disparates. Dizem que dançava em cima das mesas. Isto passava-se em 1770. Por isso, já vê como este lugar é realmente antigo. Na época actual, Anders Zorn, o pintor, comprou o restaurante, restauro-o e transformou-o em refúgio de artistas, tal como está agora. Vê como estas cadeiras são espaçosas? Foi também Zorn quem as mandou fazer.

Era muito gordo e costumava ficar entalado nas cadeiras antigas. Por isso mandou fazer estas de propósito. Depois, mais tarde, entregou o restaurante à Academia, e creio que ainda hoje ela recebe parte ou a totalidade dos lucros. Da primeira vez que aqui vim, depois de o tocador de alaúde e a orquestra terem terminado a sua actuação, alguém puxou de uma guitarra que tinha debaixo da mesa, começou a dedilhá-la e toda a gente começou a cantar em coro uma canção local.

A criada trouxe os martinis e pousou-os na frente deles. Craig exclamou: Skal' E bebeu lentamente, resolvido a não tomar mais nenhum.

Da outra vez, a sua mulher também veio? perguntou Emily.

Veio, sim. E adorou isto, como é natural. Mas bastou-lhe uma visita. Ela não era uma pessoa muito cidadina. E você?

Oh, eu também não.

Bem me parecia. Tal como eu. Mas a Harriet andava sempre à procura dos restaurantes típicos. Gostava de lá ir uma vez e, depois, pronto. Quando ela era estudante, vivia em Greenwich Village.

Creio que sempre se ressentiu disso. Quando visitava uma cidade, queria logo encontrar o seu bairro universitário.

E gostava de viver numa cidade pequena?

Gostava imenso. No entanto, creio que, se não tivesse morrido, não continuaríamos ali. Ela tinha gostos caseiros e simples, mas ao mesmo tempo andava sempre em guerra com as suas tendências artísticas. Sentia-se satisfeita em casa se soubesse que Greenwich Village era ali a dois passos.

E você?

1. Poeta sueco, cognominado «o Anacreonte da Suécia» (1740-1795).

338

Eu não sou nada esse género. Tive umas certas tendências, noutros tempos, em Taos, ou Monterey, mas salvei-me a tempo.

Nessa altura, eu desejava apenas escrever e não falar de literatura.

Não, a boémia não me diz nada. Sou um tipo que cria raízes. E você, Emily?

Ela agitou lentamente a bebida que tinha no copo.

Eu estou bem onde estou. Dissolvo-me na paisagem. Não me interessa o que me rodeia porque vivo só para dentro.

E sente-se satisfeita?

Quem é que se sente plenamente satisfeito? Vivo em paz. Vou vivendo.

E já não é nada mau disse Craig conseguir viver em paz.

É uma espécie de morte, creio eu. Não me inveje. Sou como as plantas, vegeto. Acha que se pode invejar as plantas?

Ela sorriu.

Sim, acho que sim. E de súbito achou que não podia conservar a mentira da noite anterior acerca do modo como vivia.

Sabe que eu nem sequer conheço essa paz vegetal. Pelo menos nos últimos anos. Ontem, antes do banquete, você perguntou-me qual era a minha vida, e eu quis impressioná-la. Conte-lhe o que constituía a vida de um pequeno proprietário rural. Mas não é verdade.

E qual é a verdade, Andrew?

Bem. Deixemos as lamúrias e as queixas. Não são próprias deste lugar, diante de uma rapariga bonita. No entanto...

Quero saber insistiu ela.

Durante três anos, não trabalhei nem vivi. Até iniciar esta viagem, não me afastei mais de cinquenta milhas de Miller's Dam.

Não fui a uma festa, não me encontrei com amigos, não escrevi sequer uma carta. À medida que falava, era como se expulsasse de si o álcool e as ideias suicidas. Não tenho sabido onde estou, nem às quantas ando, ou se ainda existem pássaros e flores. Vegeto dia a dia, como os cozinhados da Leah, pego em livros sem os ler, jogo as cartas com Lucius Mack até cair adormecido. As plantas, ao menos, sempre crescem. Eu, nem isso. Sou um fóssil.

Tudo por causa da sua mulher?

Eu julgava que sim. Agora não tenho a certeza. Neste último ano não pensei muito nela. Mas a inércia persiste. Pelo menos, ontem persistia ainda. Hoje, porém, sinto-me reviver. Isto, para si, é um elogio.

Emily era tímida, mas não dissimulada, por isso disse simplesmente: Obrigada, Andrew.

É certo que estive a falar bastante tempo a respeito dela e da nossa lua-de-mel. Mas não foram as saudades que me levaram a isso. Foi o facto de me sentir vivo, na rua, acompanhado por uma 339

mulher, por uma pessoa diante da qual eu desejava proceder como um homem, e então descobri que era capaz de falar do passado naturalmente.

Que teria causado toda esta verbosidade?

Você invejou o meu estado vegetal. Emily calou-se e examinou o copo. Não tem que ter inveja. Também eu lhe menti a noite passada, ao contar-lhe a minha história superficial. Toda aquela gente com quem me dava em Atlanta, eu a fazer de dona de casa perfeita, os convites para as festas, nada disso é verdade. Poderia muito bem ser, mas não é. Fecho-me no quarto e intoxico-me de leituras. com exceção do meu tio, estou sempre só.

Mas porquê? Uma rapariga como você... estou a vê-la sempre com uma corte de admiradores atrás de si.

Uma corte, não, mas tenho alguns. Não o nego. No entanto, já lhes dei a entender que perdiam o seu tempo. Não estou para os aturar.

Então, não gostaria de ter um marido, filhos, uma casa sua?

Gostaria de ter filhos e uma casa minha.

Compreendo. Fitou atentamente o copo. Você deixou-me falar de mim. Fale-me agora do seu passado.

Refere-se ao meu pai e à minha mãe? Já mal me recordo...

Sério?

Ela fitou-o.

Não. Recordo-me muito bem. A minha mãe, nesse dia, trazia um vestido fato de algodão verde. Estava mais do que remendado, mas ela conservava-o sempre limpo. Eu estava a dormir nos nossos barracões.

Era de madrugada. Ela inclinou-se para mim e beijou-me, e eu vi que trazia vestido o fato verde. «Emmy», disse ela. «O comandante mandou-me chamar. Talvez tenha boas notícias para mim. Se assim for, quando voltar acordo-te.» Mas nunca mais voltou. Levaram-na para Auschwitz, num vagão de gado. O meu pai estava em Berlim,

com o tio Max. Não me recordava nada da cara dele, a não ser do nariz. Ele e o tio Max tinham narizes iguais, parecidos com dois bolbos de tulipa. Um nariz esquisito. À parte isso, não me lembrava de nada, a não ser do cheiro da loção que ele punha no fim de se barbear e do nome familiar por que me chamava quando jogávamos ambos as cartas. Então, quando a minha mãe desapareceu, fiquei só.

Como uma criança que acorda e se encontra sem ninguém numa casa às escuras.

Craig ficou calado, pois não encontrava nada para dizer.

Ela olhou em torno, com ar ausente, e depois para Craig.

Quando o tio Max me trouxe para a América prosseguiu, fiz de conta que acabava de nascer e nunca estivera noutra lado. Nunca mais falei nem li alemão. Apaguei tudo da memória por um es-340

forço de vontade Até hoje não voltei a ler um autor alemão nem a comprar um produto desse país. Se este Prêmio não representasse uma coisa tão importante para o tio Max, nunca teria vindo, só porque a Suécia se encontra tão perto da Alemanha. O facto de estar aqui, apenas a algumas horas de viagem, não calcula o efeito que isso tem sobre mim Sinto desejos de me vingar e ao mesmo tempo estou cheia de medo. Porque sentirei eu desejos de vingança? Ainda existirá alguém de quem eu quisesse vingar-me? E porque hei-de sentir medo?

Não possuo eu um passaporte dos Estados Unidos? No entanto, é assim. Mas já falei de mais. Deixemos o passado e tratemos do presente.

Tentou sorrir. Hoje passei um dia feliz, Andrew. Estou-lhe muito grata. Nunca esquecerei Estocolmo.

Nem eu respondeu ele.

Andrew Craig regressou ao Grande Hotel quase às onze horas.

O encanto da tarde e a sedução de Emily não se haviam ainda desvanecido. O jantar no Gyldene Freden durara três horas.

Tinham conversado agradavelmente e permaneciam calados quando lhes apetecia. Haviam discutido a parte agradável do passado de ambos, os sonhos e desejos meio esquecidos e, por várias vezes, ambos tinham feito tímidas referências ao futuro. Durante todo esse tempo, o restaurante estivera cheio de comensais e, no fim, animados pelo tocador de alaúde, chegaram mesmo a misturar as suas vozes às dos outros, que trauteavam melodias conhecidas de toda a gente.

Depois tinham ido passear através da cidade velha e, quando o frio começou a apertar, atravessaram apressadamente a ponte, de regresso ao hotel. Embora houvessem passado a tarde na maior intimidade, Craig não se aproveitou disso ao chegarem à porta dos aposentos de Emily. Não sabia bem o que ela esperava dele, mas um instinto seguro dizia-lhe que a rapariga ficara receosa. Enquanto ela metia a chave na fechadura, Craig assumiu uma atitude simplesmente agradável. Disse que esperava voltar a vê-la no dia seguinte e ela respondeu que sim, embora não soubesse ainda quais eram os planos do tio. Estendeu-lhe a mão e agradeceu o passeio e o jantar, enquanto ele lhe apertava os dedos gelados e lhe agradecia também a companhia.

Depois foi-se embora a toda pressa.

Agora, ao entrar no seu apartamento, recordou-se subitamente da presença de Leah na sua vida, ao ver que a luz da entrada se encontrava acesa e a sala na penumbra, iluminada apenas por um pequeno candeeiro. Não viu a cunhada em parte nenhuma e depreendeu que ela já estaria a dormir. Dirigiu-se à porta do quarto dela, para ver se havia luz por baixo, mas não distinguiu nada. Esteve tentado a bater à porta para a sossegar, mostrando-lhe que estava de regresso e em seu perfeito juízo. Mas resistiu à tentação. Não era nenhum rapazinho 341

para fazer alarde do seu bom comportamento diante da mamã. Não tinha nenhuma obrigação perante Leah. Além disso, o facto

de regressar àquela hora tardia não lhe dera Stratman a entender que Leah estava furiosa por ele se ter posto a andar com Emily? só poderia provocar uma cena. E isso queria ele evitar acima de tudo. Não desejava por nada estragar o dia.

Caminhou em bicos dos pés por cima do tapete, afastou o reposteiro e entrou no quarto de dormir. A luz suave do candeeiro amarelo da mesinha-de-cabeceira mostrava-lhe a cama aberta e o seu pijama cuidadosamente estendido. Perguntou por um instante a si mesmo se seria obra da criada ou de Leah.

Sentia-se tão agradavelmente fatigado como na manhã já longínqua em que deixara o apartamento de Lilly. Ia saber-lhe bem a cama.

Deitar-se-ia, faria uma revisão do dia e talvez o sono viesse, mesmo sem ter bebido uma gota de whisky. Passou-lhe pela cabeça a ideia de escrever um bilhete a Lucius Mack, para lhe participar aquela vitória, mas descobriu que quando este lhe chegasse às mãos já ele próprio deveria estar de regresso. Resolveu então tomar um banho morno para descontraír.

Despiu-se, apagou a luz do quarto e dirigiu-se à casa de banho, com o pijama na mão. Fechou a porta sem ruído e regulou as torneiras, até a água atingir a temperatura desejada. Por fim, meteu-se na banheira, sem se lavar, deixando-se estar simplesmente mergulhado, a agitar a água e a esfregar a cara, os ombros e o peito.

A sua memória de escritor ia recapitulando o dia e recordando os momentos agradáveis, que dividia em várias categorias. Os seus principais elementos haviam sido Lilly Hedquist, a Academia da Suécia e Emily Stratman. Cada qual lhe preencheria uma lacuna da vida. E a sua mente de escritor prosseguia na observação, dividindo os elementos em categorias anatómicas: Lilly satisfizera-o da cintura para baixo. A Academia satisfizera-lhe a cabeça e Emily o coração.

Mas não era ainda bem isto. E continuou a dividir melhor as categorias.

Lilly proporcionara-lhe prazer sexual, bem-estar físico e a sensação de que poderia ser amado por si e de que não estava sozinho no mundo; Jacobsson restituíra-lhe o orgulho de si próprio e do seu passado e acordara nele um forte sentimento de poder e força; Emily fornecera-lhe uma esperança romântica no futuro, uma visão de vida normal, de objectivo. E tudo isto junto conseguira provar-lhe inexplicavelmente que poderia ainda um dia viver sem necessidade de álcool ou tranquilizantes.

Depois de bem enxuto, vestiu as calças do pijama e preparou-se para se meter na cama.

Abriu a porta da casa de banho, apagou a luz, entrou às apalpadelas no quarto e sentou-se na cama, a espreguiçar-se e a bocejar, com os braços nus estendidos.

342

Sempre às escuras, levantou a roupa e meteu-se pela cama abaixo, fazendo deslizar o corpo para o centro. De súbito, tocou com a perna num objecto sólido, numa coisa quente, de carne e osso, um corpo humano.

Ficou com o coração aos pulos, a bater-lhe na garganta, sob o choque daquela presença estranha.

Quem está aí? gaguejou ele, com a voz estrangulada.

Primeiro nada ouviu, mas depois percebeu uma resposta quase inaudível: Sou eu.

Era a voz de Leah.

Craig ergueu-se sobre um cotovelo, à espera que o seu coração acalmasse e que voltasse a si da surpresa.

Leah? inquiriu ele.

Sou eu repetiu ela.

Que diabo estás a fazer aqui? Recuperara a presença de espírito.

Deixa-me acender a luz.

Sentou-se na cama, à procura do interruptor, mas a rapariga ergueu-se no escuro, tacteou-lhe o peito, querendo segurar-lhe o

braço.

Não, Andrew exclamou ela. Não, não, por favor.

Ele sentia-se comprimido contra a cabeceira da cama pelo corpo dela, sentia o peso dos seios da rapariga, pendentes e flácidos, sobre os seus olhos e a sua boca. Aquela avalanche de carne confundia-o, pois sempre os vira tapados e comprimidos, à maneira das japonesas, dentro do vestido, e nunca imaginara como seriam em liberdade.

Sabia que ela tinha os cabelos soltos, pois faziam-lhe cócegas na testa quando tentava pôr-se direito. Durante um momento, Leah esteve por cima dele, e então sentiu-lhe o hálito a cheirar a whisky. Para evitar que ela caísse completamente para cima dele, agarrou-a pelas costelas, por baixo dos seios pendentes, empurrando-a para o outro lado da cama, e sentiu-lhe os movimentos convulsivos ao meter-se para baixo dos lençóis.

Pelo amor de Deus, Leah! Estás bêbeda ou que foi que te passou pela cabeça?

Não estou bêbeda retorquiou ela, com a voz a tremer.

Bebi... bebi uns goles porque precisava de arranjar coragem, mas não estou bêbeda. Fez uma pausa. Andrew, não tenho nada em cima. Estou nua.

Bem sei que estás nua respondeu ele, desolado.

Andrew, por favor, não fales. Não fales, não digas nada. Não queiras estragar tudo. Escuta. Estás a ouvir? E prosseguiu, sem fôlego: Bem sabes quanto isto me custa. Levei três anos a resolver-me.

Eu bem sabia que era tolice ser tão reservada. Mas não podia mudar o meu feitio, embora soubesse perfeitamente a falta que estava a fazer-te. Contudo, ao chegar aqui e ao ver o estado em que

343
estavas, a crise que atravessavas, enchi-me de coragem, resolvi-me esta noite... tinha de pensar em ti primeiro do que tudo... não

havia outra coisa a fazer.

Leah!

Não te preocupes comigo, Andrew. É o meu dever. Agora tenho a certeza. Era isto que a Harriet me diria, se pudesse. Só a tua pessoa interessa. Sei qual é o meu papel na vida. Fazer-te feliz.

Leah... eu... não sei o que hei-de dizer-te...

Ela nem o ouvia, tão preocupada estava.

Já atirei fora o lençol, Andrew. Estou nua. Podes vir. Tens de me dizer o que hei-de fazer. Eu não sei. Nunca fiz isto na minha vida, Andrew. Talvez não acredites, mas és o primeiro homem na minha vida. Nunca nenhum me tocou desta maneira. Mas tu podes.

Estou pronta para tudo.

Ele recostou-se na cabeceira da cama, atordoado. Agora, que se habituara à escuridão, a luz vinda da sala de estar revelava-lhe os contornos da rapariga, a silhueta do seu corpo sobre a cama.

Endireitou-se para lhe falar, mas ela interpretou esse gesto como o despertar da paixão e estendeu as pernas de modo a tocar-lhe.

Leah, espera exclamou ele. Diz-me porque fizeste uma coisa destas. Na cama não pode haver mentiras. Sê honesta. És tu que sentes necessidade disto? Estavas a precisar disto?

Craig ouviu-a tomar fôlego e percebeu um tom horrorizado na sua resposta: Isso são coisas que tu digas, Andrew!? Quem julgas tu que eu sou? Talvez alguma ninfomaníaca? Claro que não sinto nenhum desejo disto. Tu bem sabes que as mulheres não precisam disto para nada. Mas sei que o mesmo se não dá com os homens, e tu és homem.

Vim aqui para te tornar feliz da melhor maneira que uma mulher o pode conseguir.

Leah, fizeste uma confusão desgraçada com tudo isto. Eu sinto-me feliz e não preciso de te sacrificar como um cordeiro inocente.

Não preciso que me ofereças o teu corpo. Nunca seria capaz de aceitar uma coisa dessas!

Não fales, Andrew. Sei que ficaste atrapalhado. Não queres ter a sensação de que te estás a aproveitar do nosso parentesco. Garanto-te que não to levarei a mal. Tenho-te visto beber até matar. Observei o teu desgosto. Ninguém o presenciou melhor do que eu. E agora, aqui, tens estado pior do que nunca, tens feito coisas esquisitas, saís sozinho, pões-te a olhar para as mulheres, vejo muito bem que as comes com os olhos, e só então compreendi... que tenho sido uma tola...

e que tu és demasiado delicado para mo fazer sentir. Então pensei e tornei a pensar no que a Harriet gostaria que eu fizesse. Senti que ela aprovaria, que seria a primeira a aconselhar-me que te ajudasse.

Que seria muito capaz de me dizer: «Salva-o, Leah, faz dele um ho-344

mem feliz e normal!» E é isso que eu quero, Andrew. Para mim, não é sacrifício nenhum. Bem sabes o que sinto por ti. Será um bem e eu ficarei contente, contente deveras por te ajudar. E não será só esta noite, por isso escusas de te preocupar mais. Não se trata de um impulso. Pensei maduramente no caso. Não tarda que nos vamos embora daqui. Mas tu ter-me-às sempre ao teu lado. Acabaram-se as preocupações e a tensão nervosa. Estarei sempre junto de ti, nunca mais serás um homem celibatário, nem sentirás necessidade de beber.

Gozarás os prazeres que desejas e voltarás a ser o mesmo que eras dantes. Não me obrigues a falar mais, Andrew, por favor...

Oh, meu Deus! Leah, escuta...

Não foi assim que imaginei que se passariam as coisas. Só bebi uns goles para ganhar coragem e porque estava com medo de não te agradar, visto que não sou a Harriet e que nunca dormi com nenhum homem. Mas prometo ser boa, verás. Tem paciência e ensina-me, mas não me faças mal... e até, se fizeres... não me importo...

A voz dela esmorecia, mas logo se recompôs. Vem, Andrew...

Diabos te levem, Leah! Diabos te levem! Não quero, não posso!

Sentia-se furioso com a situação em que ela o colocara. Não quero ter relações contigo, não o desejo... ou talvez desejasse... mas, ainda que assim fosse, não quereria.

Saltou da cama, muito agitado, procurou a luz e acendeu-a, ficando de pé junto do leito, a puxar para cima as calças engelhadas do pijama, envergonhado de a ver naquela posição. A cabeça da rapariga, de cabelos emaranhados, repousava no travesseiro, a fugir da luz. As suas mãos estavam enclavinadas no lençol, a puxá-lo para o peito.

Que estás tu a fazer? gemeu ela. Apaga essa luz!

Não quero. Não respondo por mim às escuras. Sou um homem, afinal de contas.

Ela mantinha a cara voltada para o outro lado.

Então porque hesitas?

Ele bem percebia que aquela recusa era terrível. Por isso procurou atenuar as coisas, deitar para cima de si todas as culpas.

Não precisas de ter pena de mim, Leah. Isto... isto não seria bom para nenhum de nós. Não percebes? Para um homem pouco representa. É uma coisa fácil. Podia ser agradável para mim. Tu és uma mulher atraente, podes ter a certeza. Penso mesmo que serias capaz de sentir paixão. Mas qual seria o resultado? Tu não suportarias ser minha escrava, sujeitar-te a mim. E eu nunca poderia oferecer-te mais do que isso. Portanto, seria mal feito aproveitar a ocasião, para me tornar no primeiro homem da tua vida, a não ser que tivesse disso necessidade. Então, o caso mudava de figura. Mas não é assim.

Tu é que o dizes. E, se não sentiste essa necessidade até hoje, acho que podes muito bem esperar que apareça alguém que signifique alguma coisa para ti. Aquele rapaz de quem tu gostavas, em Chicago, o 345

tal Beazley, Harry Beazley, com esse seria diferente. Fazia sentido.

Mas tu conheces-me. Não te posso oferecer nada, nem afeição, nem amor. E, quanto a casamento, nem pensar nisso é bom. Sob este aspecto, não quero nada contigo. Não se fala nem se pensa mais nisto e vamos ficar como dantes.

Leah voltou para ele a cara pela primeira vez. Tinha os lábios finos a tremer.

Vai para o outro quarto pediu numa voz fria e sem expressão até eu me pôr decente.

Ele retirou-se com gestos desajeitados para trás das cortinas e depois puxou-as, de modo a taparem bem a entrada do quarto. Dirigiu-se à mesinha baixa, viu um maço dos cigarros de Leah, acendeu um e ficou com ele na mão trémula, pensando que desde a morte de Harriet nunca se sentira tão desmoralizado.

Ouvia a cama a estalar enquanto ela se levantara para se vestir e começou a andar de cá para lá, na sala.

Os reposteiros afastaram-se finalmente e Leah apareceu, com um roupão de flanela por cima da camisa de noite, os cabelos caídos mas já penteados, e uma expressão séria e glacial.

Adiantou-se para Craig, sem vergonha nem timidez, e este compreendeu imediatamente o que significava aquela atitude. Queria dizer: «Não tens nada a censurar-me, a culpa é só tua. Oferecime com toda a caridade e dedicação para te salvar, e tu repeliste-me.

O Senhor te castigará, não eu, pois eu sou a criada cujo nome é Agar.»

Craig sentia-se impotente contra uma abnegação tão fanática. Escutei todas as tuas mentirolas começou Leah, com voz estridente.

E só quero que fiques sabendo que não me deitas poeira nos olhos.

Mas que quer isto dizer?

Quero dizer que te conheço muito bem por dentro e por fora.

Todas essas patranhas de não me queres sacrificar, de me deixares para outro que me merecesse, sei muito bem o que isso significa. Já estava desconfiada, mas agora tenho a certeza.

Farás o favor de me dizer que segredos são esses?

Recusas o meu amor, que é decente e limpo, porque tens tido tudo quanto queres nestes últimos dias, dessa cabra nazi de Atlanta!

Leah!

Logo percebi da primeira vez que ela te pôs os olhos em cima que te queria deitar o anzol! Já tinha lá em casa um Prêmio Nobel, mas quer dois, um não lhe basta. Conheceu a tua fraqueza, qualquer mulher com dez réis de experiência o percebe, e apanhou-te, isso é que foi o mal. Oh! Andrew, Andrew, que parvo tu me saíste!

Craig tentou reprimir a cólera, pois reconhecia que a rapariga devia sentir-se ofendida, mas não lhe foi possível.

Parva és tu, Leah, se estás convencida de uma coisa dessas 346 proferiu calmamente. Emily Stratman é tão honesta como tu.

Ah, sabes isso. Verificaste, não?

Cos diabos, Leah! Cala a boca! Ela é bonita, na verdade, e eu não sou nenhum eunuco. com Emily, tenho de usar de cautelas.

Ainda não cheguei à primeira fase da intimidade. Nunca lhe toquei.

Nem sequer a beijei.

Estiveste com ela o dia inteiro.

Pois estive. E então? Estava farto da visita turística e queria andar à vontade, já to disse esta tarde. Ela tinha compras a fazer e eu precisava de companhia, por isso andámos por aí às voltas. Nada mais. Que mal tem isso?

Leah escutara em silêncio. Passara-lhe um pouco a fúria, e agora, que ele lhe dava uma explicação para o ciúme, divisava nova esperança.

Se assim foi, na verdade, não há nisso nenhum mal. Peço-te desculpa.

É verdade, juro-o. E tudo o que te disse lá dentro no quarto é igualmente verdade.

Tinhas dito que não se voltava a falar no assunto.

Muito bem.

Não havia mais nada a dizer, mas Leah não se resolvia a ir embora dali.

Estou certa... estou certa de que vais relacionar-te com outras mulheres, sobretudo agora que te tornaste célebre. Mas sempre gostava de saber o que encontras nessa alemã...

Ela é americana, Leah.

Seja lá o que for, não me interessa. Mas o que pode haver de comum entre ti e uma estranha?

Harriet era para mim uma estranha antes de eu a conhecer. Tal como tu. Somos sempre primeiro estranhos uns para os outros, até começarmos a comunicar. Miss Stratman e eu passeámos e conversámos, mas de nada importante. Eu mostrei-lhe alguns locais célebres da cidade onde tinha estado da outra vez com a Harriet...

Tiveste coragem para isso? Era como se um infiel tivesse profanado a cidade de Meca. O desagrado de Leah tornava-se de novo evidente. E falaste-lhe de Harriet?

Claro, porque não? Falei-lhe da Harriet e contei-lhe a minha vida.

Como tiveste coragem? Não há o direito. Tu nunca falas comigo acerca da Harriet. Como pudeste fazê-lo com uma pessoa que só conheces há dois dias?

Talvez precisamente porque só a conheço há dois dias. Tu és irmã de Harriet. Isso é que torna a coisa difícil.

Leah cerrou os lábios.

Não sei o que será de ti. Na verdade, não sei. Nestes últimos 347 dias andas desvairado. Vais de mal a pior. Bebes até mais não e agora ainda por cima meteste com mulheres estranhas, a quem fazes

confidências lamentáveis, colocando-nos a ambos em situações difíceis pelo facto de ires contar a desconhecidas as nossas dificuldades. Não podes fazer uma coisa destas, Andrew. Sobretudo agora que passaste a ser universalmente conhecido, que recebeste o Prêmio Nobel. Que não-de dizer as pessoas quando souberem que foste tu que mataste a tua mulher? Se a coisa transparece? Provavelmente embebedaste-te e contaste tudo a essa rapariga. Foi assim?

Craig tinha desde o princípio quase a certeza de que Leah acabaria por lhe atirar com aquilo à cara, uma vez que a repelira. Acontecia sempre o mesmo quando ele a punha furiosa. Era um golpe que o deitava abaixo e contra o qual não tinha defesa. E agora caía-lhe de novo em cima, inevitável como a própria morte. Estava mais uma vez vencido e odiava o passado que lhe concedera a ela uma arma tão poderosa e o deixara a ele inerte.

Não te assustes declarou, subitamente fatigado. Não lhe falei do acidente.

Graças a Deus, foste discreto. O acidente, como tu lhe chamas, fica em família. É por isso que eu tenho pavor a ver-te beber de mais e a relacionar-te com mulheres estranhas. Se tens necessidade de companhia de mulheres e se... se me respeitas demasiado, não me importo que vás uma vez por outra procurar uma prostituta. Ao menos, com essas, não se corre o risco de falares de mais. Das raparigas vulgares é que eu tenho medo, das ambiciosas, que começam a captar a tua confiança. Não te esqueças disto da próxima vez que te encontrares com essa Stratman. No fim de contas, confio no teu bom senso, Andrew. Atingiste uma nova posição que é preciso manter, tens de pensar no futuro e, se te lembrares de vez em quando da Harriet e não esqueceres que eu sou a tua maior amiga, nunca farás nada que te prejudique. Ficamos entendidos, não é verdade?

Ficamos, sim, Leah.

O teu procedimento no quarto desorientou-me prosseguiu ela com secura, já inteiramente senhora de si. Estive resolvida a sair deste apartamento, até mesmo a ir-me embora para casa e a deixarte.

Agora vejo que era tolice. Tu precisas de mim para te meter na ordem.

Portanto, não tenhas medo, que não te deixarei. Podes confiar em mim. Boa noite, Andrew.

Boa noite, Leah.

Esta retirou-se para o seu quarto e Craig fez o mesmo, a arrastar os pés. Olhou enjoado para a cama desfeita, para as duas depressões no travesseiro. Ajoelhou-se junto à maleta de toilette e tirou de lá uma garrafa de whisky. Dirigiu-se à casa de banho, pegou num dos copos vazios e voltou para o quarto, enquanto o ia enchendo pelo caminho.

348

Instalou-se na cadeira de braços, a beber continuamente. Quando esvaziava o copo enchia-o outra vez.

Aquele dia quase perfeito terminara de forma desastrosa, e Leah, com o seu estúpido desejo de o ajudar, fora o instrumento da calamidade.

Mas havia uma coisa acerca da qual tinha dúvidas, e perguntava a si próprio: ao oferecer-lhe o corpo nu e rígido, teria Leah unicamente em vista satisfazê-lo? Ou, pelo contrário, consciente ou inconscientemente, desejaria ela satisfazer-se apenas a si própria?

Como dizia Hamlet, Horácio, ou lá quem quer que era, eis a questão, ou, melhor, as questões.

Craig engoliu de um trago o líquido que já lhe não ardia na boca e estendeu-se melhor na cadeira, deixando o saboroso fluido percorrer-lhe as veias e adormecer-lhe o cérebro atormentado.

Formulara as perguntas e agora vinham as respostas. A sua mente de escritor ia relatando a história, uma história inventada,

escrita no ar. As palavras flutuavam...

Sob os efeitos do álcool, um escritor mata acidentalmente a mulher.

Um assassinio camuflado. A irmã da mulher vem para junto do viúvo, com o fim de cuidar dele. Essa irmã tem um noivo, mas a recordação da irmã, que adorava, leva-a a sacrificar o seu próprio futuro. Então, de um dia para o outro, o escritor é atirado para a celebridade e convida-a a acompanhá-lo numa viagem. Ela aceita. com grande consternação, a rapariga apercebe-se de que o seu pupilo, o escritor, fica exposto às tentações do mundo, aos encantos de uma casta donzela de ascendência germânica. Vê todo o seu trabalho desinteressado posto em perigo por uma estranha. Tem de protegê-lo, ao escritor fraco, por amor daquela que ele mandou para o outro mundo.

Para ela, isto constitui um dever sagrado. Tem de o cumprir custe o que custar, de um só golpe, um golpe que o punha à mercê dela para todo o sempre. Oferece-lhe ingenuamente o seu corpo, acreditando deveras, que as relações sexuais haviam por força de o levar ao matrimónio por amor da Harriet, tudo por amor da Harriet, e tem a certeza de que isto dará resultado, que ele ficará à sua mercê para todo o sempre por amor da Harriet, tudo por amor da Harriet. Mas ele regressa à vida, ressuscita, foge aos tentáculos e ao estômago daquela planta devoradora de homens e consegue escapar ao passado.

Fim.

Mas seria mesmo o fim? Ou teria continuação?

Craig esvaziou o copo e encheu outro, pois o seu cérebro de escritor dizia-lhe que a história estava incompleta. Demasiadas peripécias e sem desenlace. Tinha de fazer novo capítulo e provavelmente de reescrever o precedente. Mas, afinal de contas, tratar-se-ia de uma história verosímil? Seria este, na realidade, o fim,

o plano de Leah? Se a impressão dele estava correcta, era este realmente o plano de Leah.

E então que é que não jogava certo? Craig não se achava ainda com-349

pletamente salvo, pois, embora recusasse o amor da cunhada, continuava escravo do seu segredo e da sua secreta culpa. Mais ainda: a cunhada passava a constituir um perigo iminente, pois era uma mulher e fora repelida. As mulheres repelidas fazem sempre qualquer coisa, não é verdade? Pois claro que fazem; se assim não fosse, metade das livrarias do mundo estariam desprovidas de romances.

E quanto ao desfecho, Craig não conseguia encontrar nenhum. O cérebro do escritor enevoara-se. O futuro era impenetrável.

Craig sentia-se invadir por um mal-estar que chegava mesmo a anular os efeitos do álcool.

Talvez ele estivesse a julgar mal a cunhada e a culpa fosse toda sua. Talvez devesse à memória de Harriet uma indemnização pagável na pessoa da sua irmã. Esta desejava que a indemnização fosse paga na cama, para todo o sempre, e, se ele tivesse anuído, ficaria desobrigado em consciência. A sua lógica cerrada transformava-se em fantasia.

Como seria essa tal indemnização? Ele sentira o contacto daqueles seios carnudos, observara-lhe a forma do corpo sob o lençóis e imaginara como seria o resto. Teve então a certeza de que a sua suposição era exacta, a certeza absoluta, e de que poderia escrever a história tal como D. H. Lawrence, Henry Miller ou John Cleland.

A sua mente de escritor fazia esforços desesperados, mas não conseguia libertar-se das camadas profundas da bebedeira. Contudo, tinha a certeza de estar dentro da verdade. Se fosse capaz de se erguer daquela cadeira, de atravessar a sala, de ir bater à porta dela e entrar, sabia que a encontraria tão disposta a entregar-se-lhe como

da primeira vez. Beijar-lhe-ia os lábios e ela corresponderia e dar-se-ia toda sem reservas. Seria uma rude tarefa, pois Leah estaria tão inerte como uma estátua de mármore, sem reacções, sem ritmo, sem se dar verdadeiramente e, no entanto, Craig tinha a certeza de que o acto representaria para si um prazer físico e para a cunhada um prazer normal.

E assim se fabricaria o molde onde ambos ficariam presos para toda a vida. Mais tarde, ela entregar-se-ia de uma forma mais maquinal, ofereceria com mais segurança a sua carne mole, pondo-a ao serviço dele sobre a cama, tal como o fazia na cozinha, em frente do fogão. Em troca, Craig dava-lhe o seu nome, que ela veria escrito nos sobrescritos que lhe eram dirigidos e nas dedicatórias dos livros.

Viveriam assim para sempre, os três: ele, Leah, e Harriet. O seu corpo ficaria agrilhado, mas teria a consciência descansada. Eis o preço cruel.

Seria ele capaz de o pagar?

Acabou o whisky que deitara no copo; era aquele o momento preciso: não tinha mais do que levantar-se, ir ter com ela, e pronto. com uma aplicação trémula, tornou a deitar whisky no copo, até o encher.

De forma inesperada, viu diante dos olhos os passos daquele dia feliz.

Lilly. A Academia da Suécia. Emily. E, de súbito, resolveu mandar ao 350

Diabo a consciência e as reacções de uma mulher despeitada. Estaria sempre a tempo de atravessar uma sala para chegar até à cama dela.

Tinha ainda à sua frente muitos dias, muitos dias, sem compromisso.

Trataria de aproveitar as oportunidades. Ver-se-ia o que dava o segundo capítulo.

Estava bêbado. O quarto girava como a roda de um carro.
Pousou o copo no chão e deitou-se para trás na cadeira.

Meu Deus, que confusão!

Deixou que o seu pensamento moribundo se expandisse
livremente.

Avante, fantasias! E a sua imaginação representou-lhe um
epitáfio irlandês que lera algures. Aceitou-o com cínico prazer. Seria
o epitáfio de Andrew Craig nesta noite em que voltava a morrer:
Aqui jaz o corpo de João Murado perdido no mar e nunca
encontrado.

Capítulo sete Está atrapalhado, Mr. Craig? perguntava o conde Bertil, ao telefone. Mas porquê? Não compreendo.

Sentado à secretária, ao lado da janela do segundo andar da Fundação Nobel, em Sturegatan, n.º 14, o conde Jacobsson mostrava aos seus dois convidados daquela manhã uma fisionomia pesarosa, enquanto lhes pedia desculpa da interrupção.

Claude respondeu-lhe com um erguer de ombros compreensivo, a significar que o facto não tinha importância e, para tranquilizar melhor o velho aristocrata, abriu a cigarreira de prata e ofereceu um cigarro à mulher. O casal Marceau recostou-se no sofá azul, a fumar.

Claude contemplava, distraído, o retrato do rei Gustavo, pendurado na parede, enquanto Denise ia escutando o conde, que tentava acalmar o invisível laureado.

Bem, vamos lá ver se compreendi bem observava Jacobsson, ao telefone. O senhor diz-me que acordou há dez minutos ao som de uma serenata que lhe fazia, no corredor, um grupo de estudantes da Universidade de Upsala, encarregados de o ir buscar para uma palestra, não é verdade?... Sim... é verdade... pode tratar-se de um engano, Mr. Craig, mas o programa que lhe entreguei, e onde vêm descritas todas as suas actividades, informá-lo-á de tudo aquilo que está previsto para hoje. O quê?... Oh, sim, se é Miss Decker quem o lá tem e se ela saiu, então informá-lo-ei com muito prazer. Creio que tenho um exemplar mesmo aqui à mão. Se quer ter a bondade...

O quê? Não consegue ouvir-me porque... ah, estou a ver. Por favor, Mr. Craig, peça a Mr. Wilbeck que mande calar os estudantes até que o senhor acabe de falar. Ele não se ofende. Estou certo de que sente por si uma admiração ilimitada. Enquanto o senhor fala com ele, eu procuro o programa.

O conde Jacobsson pôs o auscultador na secretária, sobre o mata-borrão, olhou mais uma vez para os Marceau, a pedir desculpa, e vasculhou a gaveta no meio. Tenho aqui o programa na minha frente.

Hoje é o dia cinco. Ah, cá está. Ouve bem?... óptimo, Vou ler «Horário de Mr. Craig referente ao dia cinco de Dezembro. Nove e meia da manhã; palestra à classe de Literatura de Ficção da Universidade de Upsala, sobre o tema Hemingway e o Estilo das Sagas da Islândia. Às três e meia da tarde: palestra às classes de Literatura e Poesia das Universidades de Lund e Estocolmo, sobre o tema A Crítica Literária na América durante os Anos Cinquenta e Sessenta Vinte horas (facultativo): noite livre ou audição da Bobéme, na Real Ópera da Suécia.» Jacobsson calou-se e depois prosseguiu: Aí tem, Mr.

Craig. Parece-me que o senhor prometeu fazer as duas palestras. Não 353

se recorda .. na carta que nos escreveu do Wisconsin? O quê? Percebo perfeitamente o seu problema. Mas, muito embora não esteja preparado, tenho a certeza de que os estudantes sentir-se-ão satisfeitos de o ouvir discorrer sobre qualquer assunto, mesmo de improviso.

Eles não foram aí para ouvir falar de Hemingway, das sagas islândicas ou da crítica literária na América. Eles vieram para o ver e ouvir a si, e ficar-lhe-ão imensamente gratos da mesma maneira...

Sinto muito isso, Mr. Craig. E se tomasse duas ou três aspirinas ou então o nosso Magnecyl, que é mais barato?... Não, quem me dera poder fazê-lo, mas estamos todos presos esta manhã. Miss Pahl acompanha o doutor Garrett ao Instituto Caroline. O doutor Krantz vai encontrar-se com um colega que chega no avião de Berlim. Eu, neste momento, preparo-me para ir mostrar a nossa Instituição aos doutores Marceau, tal como fiz ontem a vocês. Tenho a certeza de que o jovem doutor Wilbeck lhe dará todo o apoio de que necessitar...

Enquanto escutava as palavras quase imperceptíveis do seu colega laureado e as respostas amáveis mas firmes do conde, Denise ia recapitulando mais uma vez o seu problema. Trocá-lo-ia sem

hesitar pelo de Craig. O dele era menos agudo e de solução mais fácil. Bastava apenas tomar duas aspirinas ou qualquer outra droga e recitar meia dúzia de frases numa reunião de estudantes, transformar a palestra em colóquio, responder-lhes rapidamente, e pronto. O dilema dela tornava-se muito mais difícil de resolver, não tinha mesmo solução nenhuma.

Antes da visita turística da véspera e depois, nos momentos livres que haviam passado sozinhos, Denise acabara por declarar a Claude que, se ele ousasse encontrar-se em Copenhaga com Gisèle, nem que fosse só pelo espaço de uma hora, ela requeria imediatamente a separação e o divórcio. Mais ainda: Denise avisara o marido, visto conhecer-lhe o ponto fraco, isto é, o medo burguês do escândalo, de que tornaria essa separação o mais possível evidente durante todas as cerimónias do Prêmio Nobel.

A ameaça fora proferida com tal convicção que Claude não pôde duvidar da sua veracidade e nem sequer se atreveu a tentar a conciliação, como fizera até ali, com vagas promessas de resolver o problema num futuro mais ou menos próximo. Jurara, invocara o nome de Deus e afirmara que não tinha nenhum encontro marcado com o manequim em Copenhaga.

No entanto, enquanto estava agora à espera não tinham tido tempo, na véspera, de visitar o local onde lhes fora atribuído o Prêmio da Química, e Jacobsson convidara-os a ir lá, particularmente, naquela manhã, Denise não se sentia nada tranquila com as fervorosas promessas do marido. O que desejava era uma garantia. E não tinha nenhuma. Antes de haver descoberto toda aquela trapalhada, e também depois, ele provara que a carne é fraca. A chegada da amante a 354

um lugar que distava dali apenas uma hora ou duas de voo seria uma forte tentação.

Denise recordou-se da sua visita à Casa Balenciaga, viu mais uma vez as maçãs do rosto salientes, a boca carnuda e o andar sensual; e,

ao lembrar-se agora de tudo isto, teve a certeza de que o facto de ela se encontrar em Copenhaga valia o mesmo que estar num quarto, ali mesmo, ao lado do apartamento deles, no Grande Hotel de Estocolmo. O que a preocupava era uma hipótese, sem nenhuma base científica a comprová-la. Dizia consigo que, se o marido tivesse relações com a amante durante esta viagem, no cenário maravilhoso em que viviam, as relações de ambos tornar-se-iam permanentes, indestrutíveis, e todas as esperanças de Denise se desvaneceriam. Claude dera-lhe a palavra de honra de que tal não aconteceria. Mas Denise não queria apenas palavras, pretendia, sim, uma certeza.

Deu-se conta de que a conversa de Jacobsson com Craig estava a terminar. Pelos vistos, o escritor deixara-se convencer e estava pronto a cumprir o programa. Jacobsson recordava-lhe o local das palestras.

Lembra-se do sítio onde fica a Academia, Mr. Craig? perguntava o conde. Há um grande auditório, o átrio da Bolsa, mesmo à nossa direita, quando nos encaminhamos para a sala de votação. É aí que terá de falar. Estou certo de que não se arrependerá. Muitos desses estudantes, são já escritores de um certo mérito e saberão apreciar devidamente o parecer de um autor consagrado. Quanto ao resto do programa, enviar-lhe-ei um novo exemplar. Há outras cerimónias que não deve esquecer. Não pretendemos sobrecarregar os nossos convidados, mas deve compreender que a vossa presença é solicitada por toda a gente... Sim, até à vista, Mr. Craig. Estarei sempre ao seu dispor. E muito obrigado.

Como não tinha mais nada a fazer, Denise escutara atentamente as últimas frases do conde Jacobsson ao telefone. Sentiu nascer então dentro de si uma ideia luminosa, uma ideia útil e que lhe dava alguma esperança, a qual lhe viera à mente no instante exacto em que o conde Jacobsson pousava o auscultador no seu lugar. Absolutamente por acaso, o telefonema de Craig viera dar a Denise Marceau aquilo que ela procurava desde a véspera: a garantia de

poder manter o marido longe de Gisèle Jordan, pelo menos durante aquele período crítico.

Jacobsson empurrara o telefone para o lado da secretária e fazia agora girar a cadeira na direcção dos Marceau.

Desculpem dizia ele. E muito obrigado pela vossa paciência.

Compreendo perfeitamente Mr. Craig. Há certos dias em que o nosso programa pode parecer um pouco sobrecarregado.

Não sou dessa opinião respondeu Denise sem hesitar.

Acho que quando se passam uns dias no estrangeiro devemos aproveitar-355

tar todos os momentos, não só por nós, como também em atenção a quem nos recebe.

Quem dera que todos fossem tão... começou Jacobsson.

Na verdade, conde Jacobsson prosseguiu logo Denise, não me parece que eu e o meu marido tenhamos o tempo assim tão preenchido.

Estou certa de que Claude concorda comigo...

Apanhado assim de improviso, o Dr. Marceau ficou confuso com as palavras da mulher e não conseguiu fazer nenhum comentário.

E era por isso mesmo que eu queria pedir-lhe um favor continuou Denise. Devia ter-lhe dito isto logo no primeiro dia, mas talvez achasse atrevimento da minha parte.

Diga, diga insistiu Jacobsson.

- Vejo no programa que temos duas noites vagas nos próximos três dias. Amanhã é o jantar de Hammerlund e as duas noites seguintes estão livres. Há também uma tarde por preencher. Tanto eu como o Claude gostaríamos que nos destinasse qualquer coisa para essas ocasiões. Nada de frívolo, antes um encontro combinado com alguns cientistas escandinavos com quem pudéssemos travar conhecimento.

Jacobsson aprovou, sorrindo.

Isso é muito simpático da sua parte. Recusei já muitos convites com receio de que se fatigassem demasiado.

De maneira nenhuma! retorquiu Denise, com firmeza.

Estamos interessados em conhecer o maior número possível de químicos e de pessoas relacionadas com o Prêmio Nobel. Nunca nos sentiremos fatigados.

Vagamente a princípio, depois com mais clareza, Claude acabou por decifrar os planos da mulher. Uma vez que ele não tinha a mínima tenção de ir encontrar-se com Gisèle em Copenhaga ao reflectir no projecto, durante a noite anterior, na cama, parecera-lhe demasiado arriscado, não havia motivo nenhum para Denise o querer prender assim com uma cadeia de actividades. Era uma estupidez e tornava-se fatigante.

Denise disse ele com toda a calma. Não estás a exagerar um pouco? Terei prazer em colaborar tanto como tu. Mas não me agrada que leves as coisas longe de mais.

Denise disparou contra o marido um sorriso hipócrita e voltou-se outra vez para Jacobsson.

Não o acha prudente, conde? Foi sempre assim. É uma qualidade muito útil para o trabalho de colaboração.

Jacobsson esforçara-se por perceber o que estaria por detrás daquele diálogo do casal, mas assim, sem outros elementos, não conseguiu fazer uma ideia precisa e resolveu dar vantagem à senhora.

Vou pôr-me em contacto com o Real Instituto de Tecnologia disse e com o Instituto de Química, Física e Inorgânica da Universidade de Estocolmo. Eles insistiram para que ambos orientas-356

sem um seminário. No entanto dirigiu um olhar ao rosto fatigado de Claude, como que a oferecer-lhe uma alternativa, se mudarem de ideias, se acharem que é demasiada fadiga, estou sempre a tempo de cancelar as reuniões que tenciono combinar.

Não mudaremos de opinião declarou Denise peremptoriamente.

Comunique-nos o programa e esteja certo de que ambos concordaremos.

Abriu a carteira, à procura de um cigarro. - Basta de tal assunto. Antes de o telefone tocar, o senhor estava a falar-nos da primeira atribuição do Prêmio da Química.

Ah, pois, pois disse Jacobsson, aliviado por voltar a um assunto menos sujeito a controvérsia. Estava a tentar fazer-lhes um resumo dos antecedentes do Prêmio que receberam, antes de vos mostrar a sala das conferências onde foi discutida a vossa candidatura no ano passado. Recostou-se na cadeira, com as pontas dos dedos das duas mãos tocando-se, de modo a formarem uma pirâmide sobre o peito. Como já vos disse, Alfred Nobel deixou um quinto do rendimento do capital destinado aos prêmios, com o fim de ser entregue anualmente à pessoa ou pessoas «que fizeram a mais importante descoberta na Química». Foi apenas esta a indicação que nos deixou.

Em 1900, a Academia das Ciências enviou cartas a dez instituições e a trezentos cientistas conhecidos, de todos os cantos do mundo, convidando-os a enviarem candidaturas para o Prêmio Nobel da Química.

De tudo isto, resultaram apenas vinte candidaturas, e onze destas apresentavam o nome do mesmo homem: Jacobus Hendrikus Van't Hoff, da Holanda, que, como sabem, descobrira a estereoquímica. Foi ele o primeiro laureado neste capítulo. A nossa escolha mereceu os aplausos universais.

Jacobsson ficou durante um momento imerso em profunda meditação.

Depois prosseguiu.

Nesses primeiros tempos, cometemos apenas um erro lamentável no que se refere à Química. Deixámos no esquecimento um americano, o professor Willard Gibbs, da Universidade de Yale como sabem.

Gibbs foi um verdadeiro génio concordou Claude. Eu li a sua monografia acerca de O Equilíbrio das Substâncias Heterogéneas, e fiquei entusiasmado. No entanto, não devem sentir vergonha por o haverem esquecido. Estou informado de que os seus próprios compatriotas o não apreciaram. Um cientista americano que visitou os nossos laboratórios em Paris disse-me que, quando Gibbs morreu, em 1903, julgo eu, os seus colegas americanos, bem como os estudantes, mal deram por isso. Consideravam-no um velho excêntrico.

A maior parte das condolências pela sua morte foram enviadas por cientistas de outras partes do mundo que haviam lido e apreciado os seus trabalhos.

Denise dirigiu-se a Jacobsson.

357

Por que motivo se esqueceu dele a Real Academia das Ciências?

Porque Gibbs estava demasiadamente adiantado para a época e ninguém compreendia as suas abstracções respondeu Jacobsson.

Conforme já disse ontem a Mr. Craig, os nossos juizes são apenas humanos. Cometem erros com frequência. No entanto, a maior parte das vezes escolhem bem.

Sim, habitualmente escolhem bem repetiu Denise. Alguns dos membros do vosso júri da Química obteve alguma vez o Prémio?

O professor Svedberg foi eleito em 1926, com toda a justiça, e tem sido votante em muitos júris. É um homem notável, Svedberg, um enciclopédico: literato, cientista, tudo condensado num único cérebro.

Fala sete línguas, lê poesia em latim, aprendeu espanhol em dois meses, antes de efectuar uma viagem à América do Sul. Nós temos o nosso quinhão de génios. A votação anual está em boas mãos.

Como é que o júri determina se um certo candidato deve ser premiado na Física ou na Química? inquiriu Claude. Quanto a mim, surgem muitas vezes dúvidas.

O senhor tocou num dos nossos maiores problemas anuiu Jacobsson. Quando se torna necessário tomar essa decisão, os Comitês da Química e da Física da Real Academia das Ciências trocam entre si impressões e tomam uma resolução arbitrária. Passou-se mais ou menos isso em 1945, quando o doutor Oto Hahn foi proposto como candidato por haver descoberto a desintegração nuclear que veio influenciar toda a Física e conduziu à descoberta da bomba atômica. Porém, as experiências de Hahn eram, na realidade, da natureza química, pelo que ele recebeu o Prêmio relativo a esta ciência. Desconfio de que os nossos membros do júri da Química se sentem mais satisfeitos quando não há motivo para dúvidas e quando podem votar em candidatos cujas descobertas pertencem incontestavelmente ao campo da Química. Recordo-me, para já, de muitos desses casos: a descoberta do hélio por Sir William Ramsay, o isolamento da fluorina e o emprego da fornalha eléctrica, de Hanri Moissan, para a produção de diamantes artificiais. Na realidade, quanto ao caso Moissan, a maioria do júri era a favor do russo Dmitri Mendeleiev, autor da classificação periódica dos elementos químicos. Porém, um dos juizes em minoria influenciou os outros, pondo em destaque a pluralidade científica de Moissan, e os diamantes artificiais levaram a melhor. Outras decisões indiscutíveis? Os trabalhos de Willstater, por exemplo, e, mais tarde, em 1960, de Hans Fischer, sobre a clorofila, e o relógio atômico de Willerd F. Libby, que conseguia apurar não só a idade dos fósseis com mais de cinco mil anos, mas até a dos cabelos de uma múmia egípcia. São estes os casos que os membros do nosso júri preferem.

358

E o senhor, conde Jacobsson inquiriu Denise , quais são os que prefere?

Jacobsson ficou surpreendido. Depois sorriu.

Eu concordo com a maioria. Não passo de um simples espectador.

Reflectiu por momentos na resposta que dera, recordou-se das suas Notas e prosseguiu: Na verdade, o Prêmio da Medicina de 1957, muito discutível e que poderia muito bem ter sido um Prêmio da Química, esse causou uma grande satisfação porque foi bem merecido e até porque, sendo eu um homem idoso, me é útil. Estou certo de que já ouviu falar nas descobertas do doutor Daniel Bovet.

É um suíço naturalizado italiano. Creio que trabalhou durante algum tempo no vosso Instituto, em Paris.

Denise acenou afirmativamente com a cabeça.

É verdade, estive lá, pouco antes de nós entrarmos.

Bovet realizou três mil experiências em quatro anos. Como resultado delas, conseguiu produzir as sulfamidas, as grandes drogas antialérgicas, as anti-histamínicas e o curare sintético, utilizado como neuro-relaxante na cirurgia, *etc.* Em Paris, Bovet apaixonou-se pela filha de um primeiro-ministro italiano, Filomena Nitti, e confiou à imprensa: «Declarei-me imediatamente. Foi uma reacção química fulminante.»

Depois, ambos trabalharam de colaboração, tal como os Curie e vocês. Acho maravilhoso um homem e uma mulher terem um interesse comum elevado.

Claude mexeu-se no assento e Denise olhou-o de esguelha, coisa que não passou despercebida ao conde Jacobsson. Claude pôs-se à procura da cigareira, e Jacobsson, embora sem saber do que se tratava, sentiu que andava qualquer coisa no ar.

Instintivamente, Jacobsson desejava que este casal fosse mais feliz, se unisse mais. Gostaria de lhes dizer quanto Marie Curie, a primeira mulher contemplada com o Prêmio, se julgara feliz por o compartilhar com o marido, e como vinha triste quando chegara pela segunda vez a Estocolmo, por ele não a acompanhar, pois Pierre Curie morrera entretanto, de desastre, em 1906. Jacobsson sentia ainda vontade de lhes comunicar até que ponto se dava bem o

segundo casal premiado, os Drs. Aerty e Cari Cori, que constituíam uma família muito feliz.

Esses haviam ganhado o Prêmio por terem conseguido isolar os enzimas.

Mas, de certa maneira, Jacobsson compreendia que não era aquele o momento próprio para apresentar tais exemplos. No entanto, achava ser sua obrigação, em virtude da dignidade dos prêmios, fazer-lhes um aviso. Lembrou-se então de Frederic e Irene Joliot-Curie, que haviam partilhado o prêmio de quarenta mil dólares, em 1935, e achou que, através deles, atingiria o seu objectivo.

Os senhores, na verdade, encontram-se numa situação pouco vulgar declarou. São apenas o quarto casal, na nossa história, que compartilha o Prêmio da Química. Nós vemos esses casos sob um

359
certo sentimentalismo, e todos os contemplados, com uma única excepção, foram para nós motivo de orgulho.

Disse com uma única excepção? inquiriu Denise, cautelosamente.

Estou a pensar no seu compatriota Frederic Joliot-Curie e na sua mulher Irene Curie, que obtiveram o Prêmio em virtude das suas descobertas no campo dos elementos radioactivos, da física nuclear.

E que lhes aconteceu? inquiriu Denise.

Ganharam o Prêmio por causa do rádio artificial e vieram recebê-lo aqui, a Estocolmo, e, se fosse hoje, dar-lho-íamos outra vez. Mas a história da vida deles, desde então, é bastante lamentável.

Formavam um casal muito unido observou vivamente Denise, olhando para o marido.

Sim, sim, não é disso que se trata retorquiou Jacobsson apressadamente.

Eles foram na verdade, heróis da segunda guerra mundial.

Frederic Joliot-Curie conseguiu apoderar-se da maior reserva de água pesada existente no mundo então uma descoberta atómica

muito importante , mesmo debaixo dos olhos dos nazis, na Noruega, e levou-a para a Inglaterra. Depois, na França, apesar da Gestapo, organizou dezoito laboratórios subterrâneos e fabricou garrafas incendiárias para os maquis. Por certo, não ignoram nada disto.

Pois claro.

O que a maior parte dos suecos deplora são as suas actividades depois da guerra continuou Jacobsson. Frederic ingressou no Partido Comunista Francês. E Irene Joliot-Curie declarou a um visitante americano que os Estados Unidos eram um país pouco civilizado, que os trabalhadores deviam derrubar o Governo. Lembro-me de muito mais coisas que ela disse, porque as arqueei nas minhas Notas.

Afirmou ao americano: «Vocês estão a fomentar a guerra deliberadamente.

São uns imperialistas que só querem a guerra. Vão atacar a Rússia, mas ela há-de vencer-vos com o poder das suas ideias.» Afianço-lhe que isto deu muito que pensar à Academia da Suécia.

Foi pena disse Claude. No entanto, estou certo de que vocês julgam o trabalho dos vossos laureados, e não as suas actividades pessoais.

Isso é verdade concordou Jacobsson. E depois acrescentou devagar: No entanto, os nossos laureados estão tanto em evidência, são de tal modo venerados por todos, que, sempre que acontece causarem escândalos, nós sentimo-nos infelizes, profundamente infelizes.

A seta, dirigida mais pelo instinto que pelo conhecimento dos factos, atingira o alvo. Jacobsson teve a certeza disso, pois Denise olhou para o marido e Claude evitou-lhes o olhar, enquanto erguia do sofá o corpo pesado.

Estou cheio de interesse em ver a sala onde foram votados os prêmios da Química declarou.

Jacobsson ergueu-se também.

Será melhor explicar-lhes que essa sala que ides ver não é propriamente aquela onde se procede à votação. Nesta é que se reúne previamente o júri da Química, para escolher os candidatos entre os quais vai ser atribuído o Prêmio. A verdadeira eleição final realiza-se, desde 1913, na sala das sessões da Academia das Ciências, situada em Frascati, mesmo no centro de Estocolmo.

Saíram os três para o corredor e depois entraram na sala a que Jacobsson dava o nome de Salão de Conferências da Fundação Nobel.

Aqui disse o conde, ao entrarem foi onde os membros do júri vos elegeram como favoritos para o Prêmio da Química e onde o ramo da Física escolheu o professor Stratman, juntamente com os candidatos mais dignos de receberem esse Prêmio.

Os Marceau contemplaram o salão forrado de verde. Não tinha nada o aspecto de uma vitrina para turistas nem o ar petrificado de um arquivo. Dava a impressão de um compartimento onde homens vivos executavam um trabalho vivo, de uma sala frequentemente utilizada.

A maior parte da superfície do compartimento estava ocupada pela mesa, cujo tampo, forrado de escuro, já gasto e polido pelo tempo, era rodeado por dez cadeiras forradas do mesmo material. Mesmo em frente, a dominar a mesa, via-se um grande quadro a óleo representando Alfred Nobel sentado. Este retrato póstumo fora executado em 1915.

Jacobsson conduziu os Marceau em redor da sala, seguindo pela esquerda. À direita, uma prateleira de mármore bastante comprida continha álbuns encadernados de vermelho. Jacobsson pegou num deles.

Conservamos nestes álbuns as fotografias dos nossos laureados, autografadas sempre que é possível. No dia a seguir à cerimónia, vamos pedir-lhes que venham aqui para receberem o cheque e

assinarem as fotografias. Abriu um dos álbuns. Cá estão as assinaturas de dois colegas vossos, que receberam o Prêmio da Química, o professor Adolph Butenandt, da Universidade de Berlim, que partilhou o Prêmio da Química, em 1939, pelas suas investigações acerca das hormonas sexuais. Tanto Kuhn como Butenandt foram obrigados a recusar. Contudo, em 1948, depois da guerra e depois da queda de Hitler, escreveram-nos os dois a agradecer a honra que lhes havia sido concedida e a informarem que não lhes fora permitido vir receber os prêmios. Nós demos-lhes as medalhas de ouro e os diplomas, mas não lhes podíamos entregar o dinheiro. Segundo o regulamento, fora guardado durante um ano e depois reunido ao capital. Foi uma maçada, uma grande maçada!

Jacobsson tornou a meter o álbum no invólucro e depois apontou para um retrato de mulher que estava pendurado na parede, por cima da prateleira.

361

É a mãe de Alfred Nobel, pintada por Andres Zorn disse ele. Nobel tinha por ela uma grande afeição. Mesmo quando andava em viagem, fazia sempre o possível por estar em Estocolmo no dia dos seus anos. Morreu seis anos antes do filho.

Dirigiram-se à extremidade da sala. Jacobsson informou-os de quem eram os dois retratos que se viam ao lado do de Nobel.

Este é de Berta von Sutner, a mulher que mais importância teve na vida de Nobel, além da mãe. Era preceptora diplomada em Viena e despediu-se quando leu nos jornais um anúncio onde se lia: «Cavalheiro de meia-idade, culto, residente em Paris, muito rico, procura senhora igualmente de meia-idade, sabendo bem línguas, para sua secretária e governanta.» Tornou-se sua secretária e conselheira. Mais tarde, deixou a casa dele para casar com um jovem barão e veio a ser uma das pacifistas mais importantes do mundo. É possível que tivesse sido ela quem influenciou Nobel no sentido de criar o Prêmio da Paz.

De qualquer forma, achamos que o lugar dela é aqui nesta parede, junto do dele. O retrato do outro lado representa Ragnar Solhman, director desta Fundação, que morreu em 1948. Fora amigo pessoal de Nobel e um dos executores do testamento.

Jacobsson indicou-lhes também os três bustos de bronze que se viam na sala.

Este é de Alfred Nobel. Transportamo-lo para a Sala dos Concertos na véspera da cerimónia e depois tornamos a trazê-lo para aqui.

Este é do pai de Nobel e o outro de um dos seus irmãos. Talvez agora tenham curiosidade de saber o que se passou na Sala das Sessões na tarde em que os vossos nomes foram escolhidos.

Estou cheia de curiosidade concordou Denise.

Os quatro principais candidatos da Química já tinham sido seleccionados aqui disse Jacobsson , e vocês faziam parte desse número. Os outros dois eram americanos e formavam também equipa.

Havia ainda um dinamarquês e um israelita. Quanto aos outros, um era apresentado em virtude das suas pesquisas no capítulo da criação da vida, da célula viva. Mas concluiu-se que as suas descobertas não eram ainda definitivas. Outro alcançara êxito na dissolução dos coágulos do sangue. Mas também este trabalho foi julgado como estando apenas na fase inicial. O terceiro, a tal equipa de americanos, obtivera grandes progressos com uma nova droga para as perturbações mentais.

Num dos casos, tenho de admitir que existia um grande preconceito contra o candidato. Era rico, o seu trabalho apresentava um aspecto comercial e alguns dos membros do júri estavam contra ele por essas mesmas razões. Compreender-se-á melhor a atitude do júri depois de sabermos que, embora Nobel houvesse uma vez afirmado que era seu desejo recompensar os sonhadores para quem se tornava difícil triunfar na vida, o Comité agiu em desacordo com

isto, atribuindo o Prêmio de 1941 a Karl Bosch, chefe da empresa I. G. Farben, e a Friedrich 362

Bergius, também da Farben, por haverem conseguido transformar o carvão em petróleo. O júri foi violentamente criticado por essas escolhas. De qualquer forma, os juizes actuais consideraram que vocês ambos eram sonhadores e a todos os respeitos dignos da recompensa em virtude da vossa descoberta acerca da conservação dos germes, que tivera já larga confirmação. O debate durou menos de duas horas.

Os senhores obtiveram uma percentagem de dois para um na votação.

Sentimo-nos altamente lisonjeados respondeu com sinceridade Claude. E agradeço-lhe imenso a informação.

Haviam regressado ao átrio enquanto Jacobsson falava, e este acompanhou-os até à saída, ao fundo do corredor. Quando lhe apertava a mão, Denise lembrou: Conde Jacobsson, não esqueça o nosso programa. Queremos o tempo todo preenchido.

Farei o possível por satisfazê-los retorquiou Jacobsson.

Depois de transporem a porta, o conde fechou-a e deu com Mrs. Steen de pé, atrás dele, com uns papéis na mão. Pelo facto de ter parado ali, a estudá-los, juntamente com a secretária, teve a oportunidade de escutar o que se dizia do outro lado. Ouviu primeiro a voz abafada de Claude e depois a resposta de Denise Marceau.

Claude dissera: Foi uma grande esperteza da tua parte, essa história de querereres o tempo todo ocupado. Mas é um disparate. Julgas que isso me impediria porventura de ir a Copenhaga, se o quisesse fazer?

Denise retorquiou: Vai para o Diabo!

Muito embaraçado, Jacobsson fixou os olhos no tapete verde, enquanto os passos do casal se afastavam.

Jacobsson nem sequer fingiu não ter ouvido a conversa. Ergueu os olhos e perguntou à secretária: Que diz a isto, Mrs. Steen?

Tal como uma máquina de calcular, Mrs. Steen respondeu sem subterfúgios: Se estes vierem a ganhar outra vez o Prémio, estou certa de que só um se apresentará, tal como os Curie, e só virá aquele que tiver matado o outro.

Hum, também sou da sua opinião e só peço a Deus que, se tal acontecer, isso não suceda antes da cerimónia.

Na penumbra da manhã de Inverno, o Saab-93 de três cilindros deslizava por Solnavagen, em direcção à zona onde se situava o Instituto Médico-Cirúrgico Caroline. Ao volante ia um jovem motorista do Instituto. No exíguo banco de trás, habitualmente solto, pois escondia a mala do carro, três quartos do espaço eram ocupados por 363

Ingrid Pahl e um quarto por John Garrett. com o seu enorme chapéu novo, enfeitado de rosas artificiais, e um pesado casaco de lã, pois tinha a certeza de que com uma temperatura à volta de zero graus Celsius, o que correspondia a trinta e dois graus Fahrenheit, cairia neve, Ingrid Pahl perdera a sua atitude de desconfiança e as suas feições tumefactas mostravam-se alegres. Quando Krantz, invocando um assunto urgente, se recusara a acompanhar o Dr. Garrett ao Instituto Caroline, e Jacobsson lhe telefonara a pedir que substituísse Krantz, ela protestara. Não percebia nada de Medicina. Que havia de dizer a Garrett? No entanto, cumprira o seu dever, e aceitara. Porém, Garrett revelara-se um homem simples e simpático, muito preocupado com os seus próprios pensamentos, o que tornava mais fácil a tarefa da escritora.

Quanto a Garrett, entalado no canto do automóvel, atravessava um mau bocado e continuava todo entregue às suas preocupações. A seu pedido, a visita ao Palácio Drottningholm fora substituída por este encontro no Instituto Caroline. O seu discípulo, o Dr. Erik Ohman, encontrava-se lá à espera dele. Embora aquele o ignorasse, Ohman,

constituía uma arma para ser utilizada por Garrett na sua ofensiva contra Carlo Farelli. Resolvera começar nesse dia o contra-ataque.

No plano de Garrett nada havia de complexo. Em virtude da agressividade que patenteara durante a conferência de imprensa, Farelli ocupara a maior parte do espaço dos jornais do dia seguinte. Garrett fora tratado como um parente indesejável que não havia remédio senão aturar. Citavam apenas uma ou outra intervenção sua e relegavam-no para os últimos parágrafos. Faziam-lhe também uma publicidade negativa com frases desta natureza: «Também se achava presente o Dr. Garrett...» Quando este, desesperado, improvisara uma operação de guerrilha no salão do Palácio Real, fora repellido, e a sua derrota ainda o fazia sofrer. Sabia agora que a sua tática devia incluir, em primeiro lugar, um assalto frontal, bem organizado, no campo de batalha das primeiras páginas da imprensa mundial.

Este encontro com Ohman seria a sua primeira incursão. Informar-se-ia dos progressos e dos projectos do seu discípulo, tudo isto consequência da sua própria descoberta no campo das transplantações do coração. Estudaria os três casos coroados de êxito de Ohman e observaria mais outros três doentes que ele tinha agora em observação.

E, no fim, telefonaria a Sue Wiley, a oferecer-se para uma entrevista ainda mais espectacular do que a que lhe concedera no avião. Revelar-lhe-ia interessantes pormenores acerca do seu encontro com Ohman, relatar-lhe-ia factos de interesse humano relacionados com os doentes tratados pelo seu discípulo, elogiaria os resultados obtidos por este e, assim, indirectamente, valorizar-se-ia a si próprio.

Daria a Miss Wiley alguns prognósticos concretos acerca do futuro dos seus trabalhos. Excluiria totalmente Farelli da entrevista. Falaria como se estivesse sozinho em Estocolmo, como, de resto, seria justo.

Esta história, publicada pela Consolidated Newspapers, correria mundo, e isto seria o princípio. Expulsaria do trono o demónio das trevas e, finalmente, sentar-se-ia ele, como de direito, no lugar de honra.

Tudo isto se lhe antolhava tão satisfatório que Garrett suspirava de prazer em face da justiça que assistia ao seu plano. Através da janela, a manhã nebulosa já nem lhe parecia tão desagradável. A seu lado, Ingrid Pahl, a meter um cigarro na boquilha de marfim, parecia-lhe mais atraente.

Garrett achou que devia ser amável e conversar com ela.

Já falta pouco para chegarmos? foi tudo quanto conseguiu encontrar para dizer.

Estamos quase respondeu Ingrid Pahl. Aproximou o isqueiro do cigarro e expeliu uma nuvem de fumo. Eu própria só visitei o hospital ainda uma vez. Os meus conhecimentos de medicina não passam da azia, do enjoo e da obstipação intestinal. Devo confessá-lo antes que o senhor estranhe terem-me escolhido a mim, o membro menos qualificado do Comité, para o acompanhar nesta visita.

Na sua qualidade de antiga laureada, não podia haver ninguém mais indicado retorquiu Garrett, amavelmente.

O senhor é um cavalheiro, doutor Garrett, mas de nada serve tentar lisonjear-me. A figura obesa da escritora exalava bom humor. Eu não sou uma companhia digna de si. Nem sequer sei ao certo onde estão localizados os rins. E, quanto ao coração, ignoro se fica do lado direito ou esquerdo.

Esquerdo.

Exactamente. A verdade é que quem o devia acompanhar esta manhã era o doutor Krantz, e com esse poderia o senhor conversar.

É um rezingão, mas muito bom conversador. Infelizmente para si, ele teve de ir ao Aeroporto de Bromma, a fim de receber um velho amigo, distinto cientista de Berlim Oriental.

De Berlim Oriental? Então deixam-nos sair de lá?

Pois claro, doutor Garrett. Não acredite em tudo aquilo que dizem os jornais. A maioria dos alemães, embora eu não sinta grande simpatia por eles, não está lá a viver e a trabalhar de vontade. Não faço ideia de quem seja o tal amigo do doutor Krantz, mas trata-se de alguém que ele tinha obrigação de ir receber pessoalmente. E foi assim que me coube a honra de o vir acompanhar ao Instituto Caroline.

Espero que não tenha ficado desapontado.

Já lhe afirmei, Miss Pahl...

A verdade é que sei alguma coisa acerca do Instituto Caroline.

Aqui há anos, um jornal inglês convidou-me a escrever uma série de artigos sobre a Suécia. O jornalismo não é o meu forte; no entanto, como precisava de dinheiro, aceitei. O primeiro artigo tinha de ser sobre o Instituto Caroline, visto estar intimamente relacionado com

365

o Prêmio Nobel da Medicina. Estudei o assunto durante uma ou duas semanas, visitei os hospitais, estreitei relações com os membros do Comité Nobel da Medicina, fiz perguntas, tomei notas, mas, ao cabo e ao resto, não acabei o artigo. Há escritores para quem os factos não dizem nada, e eu faço parte desses. Os factos, para mim, são como os números: só me confundem. Nunca escrevi o tal artigo, mas nem por isso fiquei a pedir. Uma companhia de filmes sueca comprou os direitos de um dos meus primeiros romances e consegui aguentar-me e continuar a escrever, com grande espanto da maior parte dos meus críticos. Assim, tudo o que me ficou desta experiência foi uma série de factos sem ordem relativos ao Instituto. Posso fornecer-lhos, se está interessado.

Pois claro que estou retorquiou Garrett, a tentar esconder a sua impaciência, pois sentia-se ansioso por chegar, por se encontrar com Ohman, encetando assim a marcha contra o inimigo.

Facto número um disse Ingrid Pahl. O Instituto Caroline começou a funcionar em 1810, com o fim de fornecer cirurgias ao

Exército sueco, nesse momento a braços com uma das suas habituais guerras contra a Dinamarca e a Rússia. Facto número dois: Alfred Nobel sentia-se fascinado pela Medicina. Por diversas vezes, fizera que amigos seus se sujeitassem a transfusões de sangue e a experiências com urina, sob as suas indicações. É natural que quisesse instituir um Prêmio para a Medicina e que escolhesse o Instituto, visto ser um organismo muito considerado, para o conferir. Facto número três: o Instituto Caroline viu-se obrigado a interpretar o que Nobel teria no sentido ao dizer no testamento que desejava premiar «a descoberta mais importante na Medicina ou na Fisiologia». Teria ele em vista recompensar apenas as descobertas de natureza prática?

Ou também os progressos teóricos? O júri do Instituto Caroline resolveu conceder o Prêmio a ambas as coisas. E não distingue apenas médicos. No decorrer dos anos, tem contemplado igualmente biólogos, químicos, zoólogos, e uma vez até um biofísico. Facto número quatro: as candidaturas para este Prêmio são apresentadas por professores do Instituto Caroline, por membros da Academia das Ciências da Suécia, por antigos premiados da Medicina, pelas Faculdades das principais Universidades da Escandinávia e de outras Universidades importantes de vinte países estrangeiros. Há cerca de mil pessoas com capacidade para apresentarem candidaturas. Quer que prossiga?

Faz favor retorquiu Garrett, que, sem querer, começava a interessar-se.

Ingrid Pahl deitou o cigarro no cinzeiro do automóvel.

Facto número cinco: existem três membros permanentes do júri da Medicina que dão o seu parecer. Habitualmente, a estes juntam-se membros temporários, especializados nisto ou naquilo e que fazem 366

parte do corpo docente. Os laureados da Medicina são eleitos todos os anos na sala do rés-do-chão do Instituto Caroline. Trata-se

de um salão arejado, com a mesa moderna mais comprida que se possa imaginar e cadeiras também modernas, no estilo sueco, destinadas aos membros do júri. Se bem me recordo, existem ali dezasseis ou dezassete retratos a óleo, representando vários médicos ilustres da Suécia e outras personalidades relacionadas com o Prêmio Nobel, além de duas estátuas de mármore branco, entre as janelas. O voto final é dado por quarenta e cinco médicos e professores que fazem parte do pessoal do Instituto.

O automóvel afrouxou e Ingrid Pahl fez sinal com a cabeça. Pronto, cá estamos no Instituto Caroline.

O Saab deixou a rua movimentada e passou por um portão que dava acesso a uma rua particular, entre relvados impecáveis, separados por sebes e por alguns grupos de árvores antigas. Depois, abrandando de novo o andamento, voltou à esquerda, entre duas sebes de folhagem gelada, indo parar junto a um pavimento de lajes. O

jovem motorista saltou do seu lugar, deu a volta ao carro e veio abrir a porta de trás. Não sem alguma dificuldade e assumindo um ar muito grave, conseguiu extrair Ingrid Pahl lá de dentro. A seguir, estendeu a mão a Garrett.

Na frente deles, erguia-se um edifício oblongo, de três andares, construído de tijolo vermelho. As suas filas sobrepostas de janelas contemplavam-nos como outros tantos olhos quadrados. Três escadarias de cimento conduziam a duas portas e, por cima da entrada, lia-se em letras em relevo: MEDICINSKA NOBEL-INSTITUTET.

Garrett olhou para a sua direita. Via-se ali um banco, ao ar livre, sobre as lajes, em frente de um parque em miniatura, formado por plantas mirradas e árvores ressequidas pelo frio. Por detrás do banco, sobre um pedestal de pedra elevado, erguia-se um busto de bronze corroído pelo tempo representando Alfred Nobel. Em redor dos olhos e da boca fechada da figura notavam-se pedaços de geada.

Garrett aconchegou mais ao pescoço a gola do sobretudo.

Talvez não acredite como isto é bonito no Verão dizia Ingrid Pahl. Agora é impossível estar aqui fora. Ou acendemos uma fogueira ou entramos.

E correram ambos lá para dentro.

O Dr. Erik Ohman, sentado à secretária, com um joelho apoiado nesta e um charuto na boca, percorria o jornal que tinha aberto na frente. No momento em que os avistou, pôs-se imediatamente de pé, quase derrubando a cadeira, e deu a volta à escrivaninha. Sem fazer caso da apresentação formal de Ingrid Pahl, apoderou-se da mão de Garrett e sacudiu-lha com entusiasmo.

Doutor Garrett! Doutor Garrett! Que prazer conhecê-lo! Não calcula como desejava...

367

Um pouco interdito, pois não era dado a demonstrações e apesar do Prêmio - nunca, no seu íntimo, atribuíra grande valor a si próprio, o Dr. Garrett tentou corresponder ao acolhimento do colega.

Creia, doutor Ohman, que é para mim também um grande prazer encontrar-me, finalmente, consigo.

Sentem-se ambos, sentem-se, por favor pediu Ohman, encaminhando-os para as cadeiras. Mandei vir café quente, está a chegar. Olhava para Garrett com uns olhos de quem não queria acreditar no que via, como um súbdito perante o seu soberano. Desejava falar, mas não conseguia articular nenhum som, a não ser um ruído surdo, que depois Garrett viria a descobrir que era um defeito na fala.

Uhhh... O ruído antecedia a todo e qualquer vocábulo ... uhhh... doutor Garrett, sinto-me lisonjeado. Foi atrás da secretária e trouxe a cadeira em que estivera sentado. Colocou-a de modo a instalar-se mesmo na frente de Garrett e de Ingrid Pahl.

Garrett sentia-se surpreendido com a aparência do homem com quem se correspondera durante tanto tempo. Não era capaz de dizer

a si próprio que espécie de pessoa esperava encontrar. Talvez sujeito com mais aparência de sueco, mais elegante, mais bem-parecido. Em lugar disso, porém, Ohman, lembrava com a sua agilidade, um lutador de boxe, de pesos-médios, com largos anos de combate. O rosto, as orelhas couve-flor, as feições grosseiras a seguir ao pescoço forte, nada correspondia à ideia que Garrett formava de um médico. E as mãos, lembrando instrumentos rudes, com os dedos gordos como salsichas, não eram de cirurgião. Contudo, Garrett viu imediatamente a simpatia que o seu rosto, neste momento revelando admiração, deixava transparecer. E pelas suas cartas sabia que os conhecimentos científicos do homem eram autênticos e profundos.

Uhhh... doutor Garrett... uhhh... diga-me o que pensa da Suécia. Que entusiasmado fiquei ao ter conhecimento de que lhe fora atribuído o Prêmio. Recebeu o meu telegrama? Uhhh... tem de me dizer o que já viu por cá e o que desejaria ver e em que lhe posso ser útil. Trouxe a sua mulher? Hão-de ir jantar connosco. Uhhh ..

os meus doentes são tanto meus como seus e tem de ir vê-los e dizer-lhes a sua opinião. Quanto a perguntas, tenho milhões delas a fazer-lhe.

Nunca se calava, pontuando a excitação com as suas exclamações de gago, fazendo perguntas sem ouvir a resposta. Só quando aquele entusiasmo pueril se acalmou é que ficou em estado de escutar o interlocutor. Pediu a Garrett que lhe falasse disto e daquilo, e o americano acedeu. Ingrid Pahl mostrava-se interessada e compreensiva.

Ohman bebia as palavras do mestre e tentava conservá-las religiosamente, para depois as recordar durante o Inverno que se avizinhava.

E Garrett deleitava-se com a atenção de ambos. Perante o »Dr. Keller 368

e do seu grupo de doentes sempre se sentira incapaz de ocupar o centro de interesse. O velho psiquiatra costumava perguntar por

graça: «Alguém está a prestar atenção?» Mas aquelas sessões haviam dado a Garrett uma certa experiência do monólogo e isso, favorecido agora por este auditório tão atento, dava a Garrett a possibilidade de discursar livremente e durante longo tempo.

Garrett tinha estado a relatar, com alguns pormenores, as suas aventuras na Califórnia, depois de ter recebido notícia do Prêmio Nobel. Agora, animado por Ohman, recordava os anos passados a investigar o problema do enxerto do coração. E, segundo lhe pareceu, relatou de forma bastante satisfatória a história dramática de Henry M. Notou com prazer que Ingrid Pahl se mostrava interessadíssima por este caso e Ohman revelava muita curiosidade por tudo quanto ele vinha contando.

Nesta altura, Garret sentiu que monopolizara as atenções durante tempo suficiente. Chegara a altura de se pôr na sombra. Três quartos de hora de autobiografia eram mais do que suficientes. Para que o seu plano de batalha desse resultado, tornava-se necessário encorajar Ohman a falar de si próprio e da sua carreira.

Enfim, eis-me aqui, a receber o Prêmio terminou. Ainda nem quero acreditar.

Durante o monólogo, estivera a reparar no gabinete de Ohman, o qual, com excepção das cadeiras estofadas, era inteiramente constituído por um mobiliário funcional de metal cinzento. Notava agora, porém, que duas paredes estavam inteiramente cobertas por fotografias emolduradas, algumas com autógrafos, e Garrett reconheceu alguns antigos laureados.

Nunca me disse, nas suas cartas, doutor Ohman, que mantinha relações com outros médicos premiados.

Mantenho, de certo modo replicou Ohman.

Antes que pudesse prosseguir, ouviram-se algumas pancadas na porta. Uma rapariga magra, com óculos de tartaruga no rosto sem pintura, entrou a empurrar um carrinho que trazia café quente e

bolos. Ohman apresentou-a como sua secretária e esta pediu desculpa da demora.

Depois de a jovem ter enchido as chávenas e de se haver retirado, enquanto todos bebiam café e saboreavam os bolos, Ohman afinou a garganta.

Uhhh... doutor Garrett, o senhor perguntou qual era a minha posição na engrenagem do Prêmio Nobel. Uhhh... é uma posição de pouca importância, de pouca importância, afirmo-lhe, mas, ao mesmo tempo... uhhh... com um certo interesse. Sabe alguma coisa acerca dos prêmios da Medicina?

Miss Pahl teve a amabilidade de me dar algumas informações durante o caminho para aqui.

Muito escassas, doutor Ohman retorquiu Ingrid Pahl.

Tudo quanto sei é que houve um doutor Arrowsmith que ganhou o Prêmio.

Ohman riu.

Houve, na verdade, um doutor Arrowsmith que ganhou o Prêmio.

Martin Arrowsmith, Gottlieb, Sondelius, tenho-os a todos presentes!

Que foi que Arrowsmith combateu? Uhhh... foi isso mesmo, a peste bubónica, nas índias Ocidentais. O nosso Comité tem um grande respeito pelos homens que se dedicam a combater as epidemias, mas sempre me desgostou o facto de alguns dos mais ilustres não terem sido recompensados.

Refere-se a alguém em particular? inquiriu Garrett.

Sim respondeu Ohman. Uhhh... Sempre tive a convicção de que Walter Reed e o general Gorgas, tal como Noguchi, deveriam ter recebido o Prêmio em conjunto pelo seu papel no combate contra a febre-amarela. Gorgas foi apresentado como candidato por várias vezes, segundo me disseram, mas, uma vez que não apresentara nenhum trabalho novo, não podia ser eleito. Reed morreu prematuramente, creio. Seja como for, nenhum deles o recebeu. Quer mais café, Miss Pahl?

Encheu de novo a chávena de Ingrid, depois a de Garrett e a sua, por fim. Recostou-se na cadeira.

Miss Pahl explicou-lhe o nosso processo de eleição? perguntou Ohman a Garrett.

Sim respondeu este.

Então sabe o que são os nossos investigadores especiais?

Não, isso não sei.

Pois vou dizer-lhe. É nessa qualidade que tenho por vezes ajudado o Comité Nobel. Foi, na verdade, o facto de eu estar a par da

sua descoberta que fez que me nomeassem como perito, para dar o parecer acerca da sua candidatura, doutor Garrett.

Não sabia disso.

Então tenho de lhe explicar, pois foi investido nessas funções que prestei por várias vezes serviços ao Comité Nobel. Na realidade, fui um dos peritos, chamemos-lhe assim, encarregados de analisar o valor da sua candidatura, doutor Garrett.

Não tinha conhecimento disso confessou Garrett. Devo-lhe pois os meus agradecimentos.

De forma alguma replicou Ohman. Qualquer ignorante seria capaz de compreender a grandeza da sua descoberta e a sua utilidade. O Comité Nobel do Instituto Caroline... uhhh... serve-se de informadores, de detectives vocês chamar-lhe-iam assim na América, em muito maior escala que qualquer outro júri dos prêmios, dada a natureza complicada das investigações médicas. São tantas as especialidades, e todas tão complexas! Por isso, depois de 370

os candidatos haverem já sido seleccionados pelo júri, torna-se necessário dar ainda mais um passo: cada um deles é distribuído a um membro da nossa Faculdade, especializado em matéria do trabalho de cada um. Este perito faz um estudo profundo da descoberta do candidato. Esta é completa? Foi comprovada? Constitui realmente novidade? É útil? O perito deve ler tudo acerca dessa descoberta, buscar opiniões e, por vezes, deslocar-se até à pátria do candidato, uhhh... para ver com os seus próprios olhos, sem contudo confessar, uhhh..., as razões da sua visita. Quando Ivan Pavlov foi proposto pela primeira vez, em 1901, por causa das suas experiências acerca da fisiologia da digestão, dois dos nossos investigadores, o grande professor Johansson e o professor Tigersted, deslocaram-se a S. Petersburgo, na Rússia, para se encontrarem com Pavlov e verem os seus cães, verificando assim, de perto, o valor das conclusões a que chegara.

Pavlov mereceu especial interesse por se saber que... uhhh...

o próprio Alfred Nobel se interessara pelos trabalhos dele e contribuíra até uma vez com um avultado donativo para as suas experiências.

Por esse motivo, os nossos peritos estiveram no laboratório de Pavlov e observaram os resultados das suas investigações acerca dos reflexos condicionados. Ao que parece, o relatório final não foi convincente, pois, como sabe, Pavlov não obteve o Prêmio nessa ocasião. Teve de esperar ainda três anos.

Quem ganhou o Prêmio da Medicina pela primeira vez? inquiriu Pahl. É uma vergonha para mim, e não o confesso a ninguém, mas não consigo recordar-me.

No primeiro ano, a competição foi renhida respondeu Ohman.

Um pequeno número de membros do júri era a favor de Pavlov. O júri aconselhava que o Prêmio devia ser dividido entre Niels Finsen, da Dinamarca, e Ronald Ross, da Grã-Bretanha. Porém, havia também quem tomasse muito a peito o partido de, uh-hh..., Emil von Behring, da Alemanha. A certa altura, o debate concentrava-se em torno de Behring. Alguns consideravam a sua descoberta do soro contra a difteria já antiga e, portanto, fora de competição.

Outros eram do parecer de que devia ser recompensado, pois o resultado do seu trabalho tornara-se de há muito aceite pelo público e familiar a todos, portanto, indiscutível. Uh-hh... pois bem, foi Behring quem ganhou, e sucedeu assim porque o seu soro caiu nas boas graças do júri, o que, aliás, acontece sempre com os soros, e os três outros candidatos excluídos Ross, Finsen e Pavlov obtiveram sucessivamente o Prêmio nos anos seguintes.

A atenção de Garrett desviara-se de novo para as fotografias emolduradas expostas nas paredes.

Estas fotografias, doutor Ohman, são de médicos laureados?

Ohman fitou orgulhosamente os retratos.

Isto constitui a minha colecção particular, de que muito me 371

orgulho declarou. Quando era ainda garoto, já lá vão muitos anos, o meu pai levou-me a assistir a uma cerimónia de distribuição dos Prêmios Nobel. Ele era jornalista e tinha convite da imprensa.

Nessa altura, um colega dele adoeceu e ficou um convite a mais; por isso o meu pai levou-me com ele. Foi uma data memorável para um rapazinho como eu. Vi Sir Charles Scott Sherrington receber o diploma da Medicina, e o meu pai contou-me tudo acerca desse cientista.

Fora apresentado como candidato durante trinta anos e, por uma razão ou por outra, os peritos haviam-se pronunciado sempre contra ele. Porém, agora, que estava velho, cederam. Eu sentime impressionado.

Nessa noite, definiu-se o meu destino. Também viria a ser médico. A fotografia de Sherrington foi a primeira que pendurei nessa parede, muitos anos depois. É a que fica por cima da minha secretária.

Ohman pôs-se rapidamente de pé e deu a volta à escrivaninha, observando as fotografias.

Mais tarde, adquiri o retrato de todos os premiados e consegui os autógrafos de mais de metade. É uma colecção muito interessante.

Apontou para uma fotografia esfumada. Uhhh... o célebre doutor Paul Ehrlich. Nos primeiros oito anos, foi proposto setenta vezes por professores de treze países diferentes. O valor dos seus trabalhos sobre imunologia impôs-se finalmente, em 1908. Conta-se que o Kaiser estava mais inchado do que um peru com a descoberta feita por Ehrlich, no sentido de que era a espiroqueta que causava a sífilis. E, num banquete público, disselhe, ordenou-lhe mesmo, como se tratasse da coisa mais simples: «Vamos, Ehrlich, trata de acabar com o cancro!»

Ohman passava rapidamente de um retrato para o outro, batendo-lhes com o dedo, enquanto produzia sons guturais.

Aqui... uhhh... este é Sir Alexander Fleming, da Universidade de Londres. Estava ele a observar o vírus da gripe quando um fungo verde veio estragar uma das suas culturas. Tinha a forma de um lápis, pencil em inglês, e ele, por isso, chamou-lhe penicilina. Isto passava-se em 1928 e, no entanto, ele só veio a receber o Prêmio dezassete anos mais tarde, pois inicialmente a sua descoberta não podia ser utilizada. Então, Howard Florey e o doutor Ernst Chain, de Oxford, começaram a pensar se a droga não poderia ter de facto uma aplicação prática. Injectaram doses fatais de estreptococos em ratos e trataram metade desses ratos com penicilina. Essa metade sobreviveu e a outra morreu, confirmando assim a eficácia da descoberta acidental do doutor Fleming. Receberam todos o Prêmio.

Chegara agora junto de uma moldura grande, com duas fotografias.

Uhhh... aqui está o primeiro Prêmio recebido em conjunto.

Isto deve interessá-lo de um modo especial, doutor Garrett.
Durante 372

cinco anos, a Academia Sueca procurou evitar a divisão do Prêmio.

Finalmente, em 1906, cedeu e dividiu a recompensa entre Camilo Golgi, italiano, e Ramón y Cajal, da Espanha. Desde então, o Prêmio foi dividido muitas vezes, tal como sucede agora convosco, o senhor e o doutor Farelli.

O sangue subiu às faces de Garrett e este pretendeu referir-se ao ultraje que atribuía a Farelli, mas uma inibição qualquer impediu-o de falar diante de Ingrid Pahl.

E então perguntou apenas: Acha estes prêmios em conjunto uma coisa justa?

Por vezes existem tantos candidatos a trabalhar no mesmo campo que se torna impossível distinguir um só. Ohman chegara junto de um rosto idoso. Este é o meu laureado favorito, depois de 1949. O doutor António Egas Moniz, de Lisboa, Portugal.

Que fez ele? inquiriu Pahl.

Deu início, em 1936, à lobotomia pré-frontal informou Ohman. Não existia cura para certas moléstias mentais de carácter grave, tal como a apreensão e a depressão. Os remédios não actuavam.

O tratamento psiquiátrico não dava resultado. O doutor Moniz descobriu que esses terrores violentos, vizinhos da loucura, provinham dos globos cerebrais; uma matéria cinzenta, localizada sobre as sobrancelhas.

Praticando incisões dos lados da testa, do tamanho de uma pequena moeda, e seccionando as fibras dos nervos dos lobos frontais com um estilete, a ansiedade do enfermo diminuía consideravelmente.

Isso parece-me horrível! exclamou Ingrid Pahl.

É preferível ao suicídio ou à loucura declarou simplesmente Ohman. Consegue-se dessa forma abolir a apreensão e a ansiedade, tornam-se esses doentes mais felizes. O pior é que a intervenção transforma por vezes o paciente num estúpido, irresponsável.

Mas isso é o mesmo que aniquilar a consciência do homem, a alma que Deus lhe deu! protestou Ingrid Pahl.

Na Medicina, interessa-nos mais a vida do homem do que a sua consciência objectou Ohman. Uhhh... estou certo de que o doutor Garrett não discorda. O cérebro é o Mato Grosso inexplorado do organismo humano. Por essa razão, sempre respeitei mais a descoberta do doutor Egas Moniz do que qualquer outra. Isto até há pouco tempo. Agora o meu preferido é outro.

Ohman correu para a secretária, abriu uma gaveta e tirou de lá uma fotografia. Estendeu-a a Garrett, juntamente com uma caneta.

Quer fazer-me o favor de autografar o seu retrato, doutor Garrett?

Este pegou em ambas as coisas, dizendo: Nem sei o que hei-de escrever.

Não precisa dizer nada, a sua descoberta fala por si.

Garrett escreveu: Ao meu colega e amigo preferido, Dr. Eric Ohman, com os melhores votos de John Garrett, e tornou a entregar a fotografia e a caneta a Ohman. Este pegou-lhes com a mesma reverência com que tocara numa relíquia.

Agora declarou Garrett peremptoriamente, gostaria de conversar um pouco acerca de assuntos da nossa profissão.

Ingrid Pahl não podia nem queria deixar de mostrar que compreendera o sentido da observação de Garrett. Ergueu-se da cadeira com esforço, dizendo: Então, se vão falar de Medicina, não estou aqui a fazer nada.

Tenho de ir encontrar-me com alguns amigos. A que horas quer que venha aqui buscá-lo, doutor Garrett?

Bem...

Não ants de uma hora, pelo menos declarou Ohman.

Uhhh... tenho muito que mostrar ao doutor Garrett. Quero que visite a minha enfermaria e preciso de discutir com ele vários problemas.

Então até daqui a uma hora disse Ingrid Pahl, deixando a sala.

Logo que ficaram sós, Garrett começou a pôr em prática o seu plano de batalha.

Quando tencionava fazer a sua próxima transplantação, doutor Ohman? perguntou.

Começaremos a operar às sete da manhã do dia dez. Estou ainda a fazer testes ao doente e a procurar uma vitela de tamanho adequado, ou um carneiro, de forma a conseguir obter um coração em condições. Este caso é muito interessante. Uhhh... eu diria mesmo que, sob certos aspectos, é o mais importante e curioso que tive até hoje. Trata-se de um conde de setenta e poucos anos, ainda parente afastado de Sua Alteza Real. O desenlace está destinado a ter uma grande publicidade.

O coração de Garrett deu um pulo. Era isto mesmo que ele esperava.

Tinha ao alcance da mão uma excelente oportunidade.

Existem algumas dificuldades? perguntou Garrett.

Uhhh... francamente, preocupam-me de facto certos aspectos do caso, porém, agora, sinto-me de novo confiante, desde que o doutor Farelli examinou ontem o doente.

Garrett sentiu o sangue fugir-lhe do rosto e julgou que ia desmaiar.

Farelli? gaguejou.

A testa de Ohman enrugou-se de surpresa perante a reacção emocional do colega.

Que tem? Sim, o doutor Carlo Farelli. Apareceu aqui ontem com uma rapariga jornalista, que o entrevistara, uma tal Miss Wiley, americana. Sem qualquer protocolo, apresentou-se e declarou que
374

desejava visitar a minha enfermaria e ver os meus doentes. Foi muito amável da sua parte.

E você recebeu-os... recebeu-os a ambos?

Claro! E ele teve mesmo a amabilidade de estudar a história do doente, de examinar os gráficos e de dar-me a sua opinião. Conforme já disse, isto foi muito lisonjeiro e generoso da sua parte.

Que louco! gritou Garrett.

Ohman ficou petrificado.

Que disse?

O senhor bem ouviu o que eu disse. Acha que foi generoso da sua parte. Ele é um arrogante, um homem ávido de publicidade e um ladrão.

Isto, para Ohman, foi como se o tivessem esbofeteado. Cambaleou, incapaz de falar, com as pupilas dilatadas.

Doutor Garrett, eu... uhhh... uhhh... uhhh... está a referir-se ao doutor Farelli?

Nem mais nem menos respondeu Garrett, erguendo-se e pondo de parte toda e qualquer espécie de constrangimento.

Suponho que a jornalista, essa tal Miss Wiley, tomou notas. Tomou, não é verdade?

Pois claro. Que tem isso? Levantou um jornal que tinha sobre a secretária. Ela escreveu a história na noite passada e os jornais suecos publicaram-na hoje de manhã.

E é toda acerca desse diabo do Farelli?

Eu... eu... uhhh... sim, quero dizer, naturalmente! O novo laureado com o Prêmio Nobel vem ao hospital apresentar cumprimentos, dá-nos o seu conselho acerca de um doente importante, um doente de sangue real, que se encontra numa situação crítica. É uma atitude digna de apreço, não há dúvida nenhuma. Uhhh... doutor Garrett, não compreendo, o senhor parece tão aborrecido. Que aconteceu?

Posso saber?

Pode saber, sim, com trezentos diabos. Garrett arreganhou os lábios e deu um soco com o punho fechado na palma da outra mão. Sente-se ordenou. Vou contar-lhe a história toda desse charlatão do Farelli, que tentou servir-se de si, fez pouco de nós ambos, e ainda por cima do Comité Nobel. Sente-se.

Aturdido, Ohman sentou-se, fitando o seu ídolo, que tão subitamente se transformara num Marte vingador. E lentamente, com um ódio implacável, Marte encetou a sua campanha de destruição.

Carl Adolf Krantz, que, entre outras humanas fraquezas, era um hipocondríaco, prevenira-se contra o frio com resguardos para as orelhas colocados por baixo do chapéu, um cachecol de malha e um sobretudo de pêlo. Por isso, foi com dificuldade que fez a manobra

375
para arrumar o Mercedes Benz na divisória do parque de estacionamento diante do edifício de metal e vidro do aeroporto.

Sabia que vinha atrasado e, quando deixou o carro, essa certeza foi confirmada pela consulta do horário. O quadrimotor da carreira aérea checoslovaca saía do Aeroporto de Schonfeld, em Berlim Oriental, às 9.55 da manhã, e era esperado em Estocolmo, na passagem para Helsínquia, às 12.55. Um telegrama informara Krantz de que saía mais cedo cento e vinte minutos do que a hora prevista, chegando por isso com o mesmo avanço. Eram agora 13.06. Um rápido inquérito acalmou os nervos de Krantz. Os passageiros de Berlim Oriental encontravam-se ainda retidos na Alfândega.

Lá fora, junto da fila de vidraças da sala de espera, Krantz retirou os resguardos das orelhas, receando tornar-se ridículo, e meteu-os no bolso de dentro do casaco. Perguntava a si próprio se o Dr. Hans Eckart haveria procurado por ele antes de se dirigir à alfândega. Se Krantz tivesse conseguido contratar um motorista, nessa manhã, tal como desejara, não se teria atrasado.

Mas, conhecendo o visitante, sabia que este não ficaria satisfeito.

Ele e Eckart tinham vários assuntos particulares a discutir, e Eckart era, acima de tudo, cauteloso. Uma terceira pessoa dentro do automóvel tornar-se-ia inconveniente. Fora uma pena, pois um motorista teria consertado rapidamente o pneu furado do Mercedes que Krantz tão prodigamente alugara em Klarabergsgatan, a vinte coroas por dia (com um desconto de dez por cento, visto estar-se no Inverno), além de um acréscimo de vinte e cinco ore por quilómetro. Sem motorista, Krantz perdera um tempo precioso à procura de uma garagem e, além disso, trilhara possivelmente com a jante o pneu vazio, coisa que decerto lhe sairia caro. No entanto, estas despesas afiguravam-se-lhe mesquinhas, bem como injustificável lhe parecia a sua irritação, ao considerar a importância daquele encontro com Eckart.

Pensando nisso, o espírito de Krantz alegrava-se. O encontro que sugerira, a. medo, em Berlim Oriental, havia pouco mais de um ano, e que então lhe parecera uma coisa tão impossível, revelara-se um

triunfo completo. Krantz desempenhara magnificamente a sua missão e Eckart devia entregar-lhe agora o que então lhe prometera.

Neste sentido, a vinda do sábio a Estocolmo significava, agora, não apenas um prazer, mas também uma garantia de pagamento. Apesar do frio, Krantz sentia-se percorrido por um quente arrepio de prazer ao imaginar antecipadamente as frases guturais que em breve lhe iriam conferir o prestígio e a segurança, aspirações essas que constituíram a sua obcecação de todas as horas depois que a cátedra de Física da Universidade de Upsala, à qual tinha direito em virtude da sua categoria e da sua idade, fora dada a outro.

Enquanto esperava no ar gelado da tarde, Krantz sentia-se como uma criança na véspera do Natal. Sabia perfeitamente que a imagem

376
era imprópria. Ele nunca fora «uma criança qualquer» na véspera do Natal. Isso nunca ele o poderia esquecer. O seu rabugento pai estava sempre ausente para Francforte, nos dias de festa. Por isso a mãe se mostrava azeda, e, por isso, também nunca em sua casa se festejara tal data. Atormentava-o a recordação desse passado destituído de alegria, agora que se encontrava na idade madura e quando ele próprio realizara feitos dignos de serem festejados.

Enquanto alisava, com os dedos enluvados, o bigode e a pêra, voltou-lhe a boa disposição. Sentia-se, porém, indubitavelmente nervoso.

Procurou com gestos automáticos, no bolso, o puzzle de metal.

Tirou-o para fora, voltando-o desajeitadamente com os dedos, para um lado e para outro, até que ouviu chamar pelo seu nome.

O Dr. Hans Eckart, com uma maleta ligeira na mão, encaminhava-se para ele em passo de ganso. Pelo menos, o seu andar marcial assemelhava-se a um passo de ganso modificado. E, muito embora fizesse voltar para ele algumas cabeças, ao passar, já não surpreendia Krantz, para quem se tornara familiar desde a guerra.

Krantz, abandonando o puzzle no fundo da algibeira, descalçou rapidamente a luva e correu ao encontro de Eckart. Apertou-lhe calorosamente a mão e apossou-se da maleta.

Guten Tag¹, Hans! exclamou, com exuberância. Wie geht es Ihnen? ²

Es geht mir sehr gut, danke. Und Ihnen? ³ Eckart deu um passo atrás, para examinar Krantz. Nem precisas de responder.

Vejo que estás famoso. Não envelheceste. Não fazes diferença nenhuma desde a última vez que te vi.

Há quanto tempo foi isso, Hans? Há um ano?

Um ano e doze dias precisou Eckart. Foste muito amável em ter vindo esperar-me nesta semana dos Prêmios.

Vir esperar-te é para mim o mais agradável de todos os deveres desta semana retorquiou Krantz com sinceridade.

Isso não, isso não! declarou Eckart, com um riso Wagneriano.

Há outra pessoa que recebeste com mais prazer ainda.

Krantz percebeu a insinuação, que não tinha nenhum sentido desagradável, antes os alegrava a ambos, e sorriu.

Sim, Hans, é certo que me deu também prazer receber essa pessoa. É pena o tempo. Vem, tenho um Mercedes, ali à espera.

Um Mercedes, hem? Devemos considerar-te então um cidadão privilegiado.

Caminharam ombro a ombro, acertando o passo, Krantz a tentar, com as suas pernas curtas, acompanhar as longas passadas de Eckart, em direcção ao parque de estacionamento. Enquanto contemplava de 1. bom dia.

2. Como estás?

3. Estou bem, muito obrigado. E tu?

317

esguelha o seu libertador e mestre, Krantz sentia, como sempre, imenso prazer em ser visto ao lado dele. O Dr. Hans Eckart era um cavalheiro muito distinto. Embora se aproximasse dos sessenta anos,

apresentava-se como um jovem oficial prussiano. Quando Krantz encontrara Eckart pela primeira vez, no fim da guerra, julgara que aquele ar representava afectação. Eckart usava monóculo, mas a lente não era convexa, mas sim chata, e tinha-se, portanto, a impressão de que ele não precisava daquele objecto. A um dos lados do queixo, como se fosse uma condecoração, via-se uma cicatriz irregular, recordando os tempos de Heidelberg, de Ludendorf e de quanto havia de melhor na Alemanha de outros tempos. Contudo, Krantz ouvira afirmar (a alguns detractores invejosos) que aquela cicatriz fora consequência de uma queda quando Eckart patinava no gelo. Não havia nenhuma tradição aristocrática no passado de Eckart. No entanto, ele próprio forjara essa herança, adquirida na contemplação das figuras de cera dos museus que vira na sua juventude e dos filmes da U.F.A. A nova geração acabara por acreditar que Eckart era realmente aquilo que fingia ser, e respeitava-o como tal. Krantz, por sua vez, acabara por deixar-se também influenciar, e era agora esta a ideia que fazia do amigo.

Durante a guerra, Eckart, que não passava de um modesto investigador no campo da física, mas bastante informado acerca de água pesada, fora ostensivamente detido pela Gestapo. Conservaram-no preso durante algum tempo, e por fim colocaram-no, até a guerra acabar, no Instituto Kaiser Wilhelm, onde os sábios não arianos eram mantidos, sob custódia, a trabalhar para a grandeza da Pátria. Nessa altura, foi anunciado que Eckart tinha um quarto de sangue judeu.

Contudo, nos anos seguintes, alguns cientistas alemães de Berlim, que Krantz veio a conhecer, haviam-lhe confessado secretamente a verdade.

Eckart nada tinha de sangue judeu, nem um quarto, nem sequer a milésima parte. Era tão puro como um nórdico, como o próprio Krantz. Fora tudo um simulacro, uma farsa a sua prisão, as medidas de segurança com o fim de introduzir alguém de confiança entre os

cientistas judeus, sobre os quais pesavam suspeitas, para os vigiar. Não existiam provas a confirmar estes boatos; Krantz, porém, estava pronto a acreditar, e acreditou mesmo. E o que veio confirmar a sua convicção foi o facto de Eckart ser promovido rapidamente depois da guerra. A princípio, e após haver escolhido ficar em Berlim Oriental, voltara a ocupar a sua antiga cadeira de professor na Universidade de Friedrich Wilhelm, chamada agora Universidade de Humboldt.

Quase de um dia para o outro, Eckart subira de posto. Ao título de professor viera acrescentar-se o de catedrático na secção de Física. Agora, era mais administrador do que professor. Porém, o seu campo de actividade estendera-se até mais longe do que a direcção de uma Faculdade com 9000 alunos. Fora utilizado no desempenho

378
de missões secretas pelo Governo e passara a ser o porta-voz da ciência na Alemanha Oriental. A sua influência política tornara-se enorme, em virtude de representar uma das duas potências mundiais, e a maior, na opinião de Krantz.

Agora, ao ver Eckart limpar com um lenço o monóculo embaciado, Krantz sentia a consoladora segurança de quem serve um patrão onnipotente.

Cá estamos disse Krantz.

Correu a abrir a porta da frente, para Eckart entrar e, logo que o viu confortavelmente instalado, levantou a tampa da mala do Mercedes meteu lá dentro o saco de viagem, fechou-a e sentou-se ao volante.

Rodaram durante um ou dois minutos, e só quando deixaram de ver o Aeródromo de Bromma é que Hans Eckart falou finalmente.

Era um homem que ia direito ao fim, e foi como tal que se exprimiu.

Esperas, sem dúvida, que te dê os parabéns, Carl...

Bem... começou Krantz, sem saber se se devia mostrar orgulhoso ou modesto.

E, portanto, quero felicitar-te em meu nome e no dos meus colegas.

Obrigado, Hans respondeu Krantz com calor e também com profundo alívio.

Para falar com franqueza, estávamos todos à espera que elegessem este ano o Max Stratman. Mas não podíamos correr riscos. Vocês, os do Prêmio Nobel, deixam-se facilmente ludibriar e distrair. Foi precisamente porque não podíamos correr riscos que te fizemos ir a Berlim, Carl.

Por mais deferente que quisesse mostrar-se, Krantz não podia deixar passar isto. Os serviços que prestava não podiam deixar de ser apresentados sob o seu verdadeiro aspecto.

Nunca se pode dizer que o Prêmio pertença a este ou àquele, neste ou naquele ano disse suavemente. Na verdade, antes do fim de Fevereiro, nem sequer se sabia que ele seria candidato. Todos os seus antigos triunfos já lá iam há muito tempo e estavam de há muito ultrapassados. Quanto a esta nova descoberta, existiam dúvidas sobre o seu valor no campo da energia solar, não apenas no espírito da Academia das Ciências da Suécia, mas também no de todas as eminentes Faculdades espalhadas por esse mundo fora que apresentam as candidaturas. A impressão geral é que nada ainda estava provado, que era demasiado cedo, e esta impressão acentuava-se em virtude da atmosfera de segredo com que os americanos envolveram esta descoberta.

Apenas por falta de informações, muitos membros do júri declaravam: «Talvez haja exagero. Talvez não passe de uma mistificação.»

379

Não é mistificação nenhuma, garanto-te.

Krantz olhou pensativamente o amigo.

Tens a certeza?

Temos todos a certeza respondeu Eckart.

Sempre foi essa a minha convicção, claro afirmou Krantz.

No entanto, não havia maneira de a candidatura de Stratman aparecer nos princípios de Janeiro, e então todas as possibilidades nos pareciam muito fracas. Quero dizer que, se não aparecesse ninguém a propô-lo, teria eu de o fazer à última hora. Se tal acontecesse, confesso que não sei se conseguiria levar a coisa a cabo. Felizmente, surgiram à última hora três propostas de peso, uma da América, outra da Inglaterra, outra da França.

Pois decerto exclamou Eckart, com uma ponta de azedume.

A descoberta dele interessa a todos. E eles bem o sabem.

E, assim, para fazer mais peso, também eu o propus. Desta maneira, já eram quatro propostas, e isto tornava-o o candidato com mais possibilidades, mas nunca o favorito, isso nunca Finalmente, surgiram três candidatos nacionais, qualquer deles com grandes apoios.

Nunca a minha tarefa se revelou tão difícil como desta vez.

O Dr. Hans Eckart era tão diplomata como cientista e conhecia perfeitamente a maneira de lidar com as pessoas. Naquele momento, achou que deveria mostrar-se amável.

Não interpretes mal as minhas palavras, Carl. Eu estava apenas a experimentar-te, para saber qual era a tua posição no momento em que começaram os debates. As tuas cartas mostravam muita reserva, mas eu avaliava as dificuldades que devias enfrentar. Todos nós ficámos encantados com a maneira como levaste a cabo a tarefa. As minhas felicitações não constituíam apenas uma formalidade. Estava a ser sincero.

Espero que me compreendas, Hans.

Compreendo perfeitamente e todos apreciámos a tua habilidade.

Mais do que isso, a tua camaradagem. Ter-te-íamos entregado este caso, onde não podia haver um fracasso, se não acreditássemos

todos em ti?

Agradeço a vossa confiança, Hans.

Agora, não consigo dominar a minha curiosidade declarou este. Olhou primeiro, pela janela, para o campo gelado e deserto.

Depois voltou-se para o companheiro. Conheço alguma coisa da maneira como se passam as eleições dos candidatos ao vosso célebre Prêmio. Mas tenho interesse em saber como conseguiste fazer vencer o Stratman. Disseste-me que, a princípio, encontraste algumas resistências.

Como é que um homem sozinho logrou vencê-las? Numa palavra, como é que apenas um homem conseguiu que outro obtivesse o Prêmio?

Krantz sentiu-se lisonjeado. com a mão livre, afagou a pêra. Com-
380

prendia agora. De início, Eckart menosprezara a sua participação no Prêmio da Física, com receio de que Krantz exagerasse e exigisse de mais. Fora esta a técnica seguida, Krantz bem o percebia. Era um dos seus processos. Mas, para além de tudo isso, sabiam que ele, Carl Adolf Krantz, membro votante da Real Academia das Ciências da Suécia, apanhara o Prêmio para Stratman, o homem que eles desejavam ver distinguir nesse ano. E agora a partida estava terminada, o feito de Krantz fora devidamente apreciado, e ele podia falar com uma honestidade complacente.

Não quero exagerar os meus méritos declarou a Eckart, com uma franqueza total. Por três ou quatro vezes, no decorrer dos últimos quatro anos e em categorias diferentes, um único membro do júri foi capaz de pegar num candidato pouco popular e convertê-lo num favorito da primeira fila. Para isso, é preciso muita habilidade, podes crer. Habitualmente, sobretudo no campo da Física, aparece um candidato cheio de probabilidades, que se sobrepõe a todos os outros. Nesse caso, nada há a fazer. Foi esse o caso de Wilhelm Roentgen, que ganhou pela primeira vez o Prêmio em virtude de

haver descoberto os raios X. O mesmo aconteceu quando Enrico Fermi foi eleito, e depois quando Ernst Lawrence recebeu o Prêmio pela invenção do ciclotrão. Por outro lado, houve um Albert Einstein, que mostrou ser vulnerável. As influências exteriores impediram-nos de o galardoar pela sua teoria da relatividade. Recordas-te de Philipp Lenard, o primeiro compatriota vosso que obteve o Prêmio Nobel?

Diz-se que Lenard se tornou anti-semita depois de a Alemanha perder a primeira guerra mundial. Talvez pelo facto de ser judeu, Einstein tinha Lenard contra si. Este desencadeou uma poderosa campanha em desfavor da teoria da relatividade, dizendo que não era, na verdade, uma descoberta, que não estava provada e que não tinha valor. Isto fez recuar os nossos judeus. Evitaram Einstein, durante sete anos e, quando lhe concederam o Prêmio da Física, em 1921, foi em virtude de uma descoberta sem grande importância, o fotão, e não pela teoria da relatividade. Falo nisto apenas para provar que os júris podem ser levados para um lado ou para outro. Nem sempre, mas em certas ocasiões. Para influenciar os juizes, neste ou naquele sentido, especialmente quando se trata de um candidato sem grande prestígio, é necessário saber ver o ponto fraco dos competidores e dar mostras de um entusiasmo sem limites pelo candidato que se quer eleger. Se vocês me tivessem proposto outro candidato que não fosse Stratman, talvez eu não conseguisse fingir o entusiasmo necessário. Mas já falámos a este respeito em Humboldt. Stratman é um candidato em que acreditei logo de início. O seu domínio da energia solar irá transformar a face da Terra, tenho a certeza absoluta...

Sim, sim, também sou dessa opinião... - interrompeu Eckart.

381

E, assim, vocês encarregaram-se dos interesses de um candidato digno da minha dedicação. Muito bem. Isto, em primeiro lugar.

Depois tu perguntaste-me como é que um homem, sem ajuda, consegue obter que outro ganhe o Prêmio, e eu respondi que isso já aconteceu noutras ocasiões. Vou contar-te um caso, como exemplo.

Sucedeu no decorrer do ano de 1945, na Academia da Suécia, quando se preparavam para conceder o Prêmio da Literatura.

Literatura exclamou Eckart, retirando o monóculo.

Tretas!

Devias ter dito isso ao Nobel respondeu Krantz petulantemente.

Mas logo se arrependeu do deslize e emendou: Estou quase a concordar contigo, claro. Mas existe um Prêmio e os juizes são dezoito. Como será possível fazer ganhar um candidato que só tem a minoria? Pois bem, estamos em 1945. Os favoritos eram André Gide, William Faulkner, Herman Hess e outros, como Jules Remains, Carl Sandburg, Benedetto Croce. Falou-se mesmo em dar o Prêmio pela segunda vez a Thomas Mann. Durante toda esta discussão, por acaso, um dos membros da Academia, Hjalmar Gullberg, um poeta, apaixonou-se por uma obscura professora do Chile, chamada Gabriela Mistral. Já ouviste falar nela?

Não.

E nos outros?

Claro que sim, Carl. Quem julgas tu que eu sou?

Krantz retomou rapidamente o fio da sua história.

Gabriela Mistral publicara os seus poemas no México e na América Latina, e em mais parte nenhuma, por assim dizer. Na Suécia, ninguém a conhecia. As suas probabilidades quanto ao Prêmio Nobel eram menores ainda do que as de Stratman. Gullberg tentou fazer propaganda de Gabriela junto dos colegas, mas estes não se deixaram convencer. Sem desanimar, Gullberg resolveu obter o Prêmio para a sua candidata sem o auxílio de ninguém. Era uma tarefa arrojada, garanto-te.

Calculo.

Pôs-se imediatamente a traduzir os melhores poemas de Gabriela Mistral para o sueco. Foi uma tarefa formidável. E depois publicou-os.

Promoveu a venda dos livros. Enviou exemplares a todos os membros da Academia da Suécia. As traduções eram magistrais. E tudo isto, juntamente com muita política, creio eu, fez mudar os ventos.

Gabriela Mistral, uma desconhecida, sem a mínima probabilidade até então, por assim dizer um caso perdido, ganhou o Prêmio Nobel da Literatura no ano de 1945. Já vê como se fazem estas coisas.

Eckart digeriu a explicação e depois indagou: Agora, diz-me: como o conseguiste, tu, Carl?

A respeito do Stratman?

Sim.

382

Para isso é preciso remontarmos ao nosso encontro em Berlim respondeu Krantz. Quiseste saber se eu estaria disposto a encarregar-me da cadeira de Física na Universidade de Humboldt e eu disse que isso era o sonho da minha vida. Tu respondeste que eu seria proposto, que em breve se daria uma vaga, mas que não desejavas que eu pedisse por enquanto a demissão da minha qualidade de membro do Comité Nobel da Física, na Academia das Ciências.

Afirmaste que era importante para ti, para a Universidade e para o Governo de Leste que Max Stratman fosse distinguido com o Prêmio e trazido a Estocolmo. Uma vez que tu sabias do meu respeito por Stratman e pelo seu trabalho, preferias que me conservasse em Estocolmo, a representar o meu papel, até que Stratman ganhasse o Prêmio.

Ficara combinado que, logo que eu resolvesse o caso de Stratman, tratarias do meu concurso.

Eckart retraiu-se ligeiramente.

Não me parece que tenhamos posto as coisas assim de uma maneira tão clara, Carl.

Krantz não estava disposto a ceder. Isto para ele era de uma importância vital.

Mas foi isto que deste a entender, Hans.

Que dei a entender, isso sim, mas nada prometi. Nós respeitamos e recompensamos os amigos.

Não te perguntei por que motivos querias o Stratman em Estocolmo.

Achei que isso não fazia parte do nosso... da tua sugestão acerca do nosso negócio.

Creio ter-te afirmado que o queríamos aqui perto, num meio livre e neutral, afastado dos seus captores e dos seus guardas, onde pudéssemos falar com ele e eu o encontrasse como a um velho amigo.

Apenas isto, e nada mais.

O que estou a ver é que nunca mais te importaste com a minha pretensão retorqui Krantz. Vieste falar-me de um lugar a que aspirei durante toda a minha vida. De um modo muito razoável, pediste-me que, primeiro que tudo, me deixasse ficar onde estava, a fim de exercer a minha influência como membro votante a favor de um candidato que desejas ver eleito. Fiz o teu desejo, como se se tratasse de uma ordem. Digo-to com toda a sinceridade, Hans.

Sentimos muito orgulho com a tua amizade, Carl.

Krantz acenou com a cabeça.

Prometi fazer tudo o que pudesse, mas nessa altura não previra ainda todas as dificuldades. Stratman foi devidamente proposto, conforme já te disse, e isso constituiu o princípio de tudo. Durante a Primavera e o Verão, adquiri tudo quanto Stratman havia publicado e, tal como Gullberg, traduzi cuidadosamente a sua obra e enviei-a aos meus colegas do júri, acompanhada de notas pessoais. Tentei,

através de amigos que tenho nas Faculdades do estrangeiro, pôr-me
383

a par de todos os pormenores da actual descoberta de Stratman, o processo de transformar a energia solar e o da sua captação, mas foi como se encontrasse pela frente uma muralha de rocha. As medidas de segurança americanas privaram-me dos pormenores mais essenciais.

Tudo quanto consegui apurar foram calorosas referências à descoberta, feitas por aqueles que haviam verificado o seu valor e os seus resultados práticos. Traduzi toda esta correspondência e fi-la chegar às mãos dos outros membros do júri. Durante o Verão, fiz o necessário para trazer aqui os dois físicos, um inglês, outro russo...

Sim, nós facilitámos a viagem ao russo.

Ah, bem me parecia que tinha sido demasiado fácil. Foi bem feito da vossa parte, Hans. Ele esteve aqui, bem como o inglês, e, visto serem especialistas nas questões solares, fizeram conferências importantes (tratei de fazer o possível para que os meus colegas assistissem a elas) e tomei à minha conta levar os homens a elogiarem o trabalho de Stratman. Em ambos os casos eram escusados os meus esforços, pois eles tê-lo-iam feito espontaneamente. Creio que nessa altura já os meus colegas do júri estavam devidamente encaminhados no sentido que desejávamos, já se achavam familiarizados com a descoberta de Stratman e, pela primeira vez, este tornara-se um candidato com sérias possibilidades de vencer.

Foste estupendo, Carl.

E ainda só ouviste metade, Hans. A outra parte, a mais decisiva, estava ainda por executar. A minha tarefa inicial fora construtiva.

Tive de erguer a figura de Stratman. Agora, era necessário mudar de tática. Chegara a fase inevitável de destruir, de derrubar os seus competidores. E podes acreditar que a luta foi bastante renhida este ano. Estamos na era da Física e os candidatos elegíveis abundavam.

Durante uma série de almoços íntimos com alguns colegas, fiquei a saber os nomes de três que se encontravam à frente de Stratman.

Não te farei perder tempo com as suas biografias completas. Basta dizer-te que um deles era aquele maldito norueguês, com a sua última descoberta sobre o campo gravitacional. Outro foi o espanhol da meteorologia, o da câmara de nuvens, que pretende ter dado os primeiros passos no sentido de controlar as condições atmosféricas. O terceiro era formado por uma equipa australiana, autora de consideráveis descobertas no campo dos transportes movidos por corrente de alta frequência, um trabalho muito interessante, tenho de o confessar, constituído por uma teoria complicada e por algumas provas de que era possível montar cabos sob túneis de betão com calhas, para mover veículos elèctricamente. Já vês que existia competição, com provas a seu favor, ao passo que a descoberta de Stratman, embora indubitavelmente mais importante, acabava por parecer pouco valiosa em virtude do segredo de que a rodeavam.

E que fizeste então, Carl? Como conseguiste sabotá-los?

384

Krantz começou a sentir-se pouco à vontade. Fingiu concentrar-se na condução, com os olhos fixos na estrela prateada de três pontas por cima do radiador.

Não me parece que esses pormenores sejam de grande interesse.

Para mim, são retorquiou Eckart. - Em teoria, sabemos que és um homem cheio de recursos. Queremos saber quais eles são na prática.

O norueguês foi o mais fácil de inutilizar. Escrevi um comunicado muito erudito, provando que a antigravidade, no caso de ser controlada pela Noruega, poderia tornar-se prejudicial à Suécia. Daria aos nossos vizinhos uma tremenda superioridade nos foguetões, *etc.*

Eu sabia que isto não deixaria de impressionar o espírito nacionalista dos nossos juizes. Mais ainda, para lhes fornecer provas, informei-os de muitas experiências dos Noruegueses no campo da antigravidade, tanto na medicina como na física, com o fim de aliviar os doentes do coração, como sabes, e dei-lhes a entender que a sua

candidatura poderia ser apresentada de novo no próximo ano. Distribuí o meu ensaio, e posso afirmar com orgulho que o norueguês obteve apenas dois votos. Quanto ao espanhol da meteorologia, consegui descobrir que ele era falangista; então procurei vários homens de ciência espanhóis, exilados, de reputação impecável, e convidei-os a serem os meus advogados do Diabo. Escreveram voluntariamente aos componentes do nosso júri. Posso afirmar que a opinião desfavorável que manifestavam perante a descoberta do falangista foi da maior utilidade. com os australianos, o caso apresentava-se mais difícil. O seu invento de alta frequência era bem visto por todos. Além disso, a concessão do Prêmio neste caso tornava-se fácil, não suscitava discussões. Eu não tinha possibilidade de os atingir se me limitasse a atacar a sua obra.

Que fizeste então?

Procurei atingi-los pessoalmente respondeu Krantz, com toda a calma. Tenho um conhecido aqui em Estocolmo, um refugiado de longa data, que se torna muito útil nestes casos. É húngaro. Esteve ao serviço do Eixo durante a segunda guerra mundial, trabalhando como agente de espionagem em assuntos de pouca monta. Gosta de se considerar a si próprio como um espião encartado, mas a verdade é que não passa de um autêntico palhaço. No entanto, utilizei-o várias vezes em investigações, e saiu-se bem. É literato, tem a mania dos livros, e conserva boas relações nos meios da imprensa internacional.

Esta fornece-lhe pequenas informações em troca de alguns mexericos. Ele considera-se um Wilhelm Stieber ou uma Fräulein Doktor Schragmuller, mas, na realidade, não passa de um bibliotecá-

1 Designação dada ao entendimento político-militar, durante a segunda guerra mundial, entre a Alemanha e a Itália, e, mais tarde, o Japão (Eixo Berlim-Roma-Tóquio).

rio, de um investigador. Contratei-o para saber coisas acerca dos australianos.

Como te atreveste a isso, tratando-se de um húngaro irresponsável e sem categoria? inquiriu secamente Eckart.

Porque ele depende de mim, Hans explicou Krantz. Não tem nacionalidade, de modo que eu, e outros como eu, interessámo-nos por ele junto de certos oficiais inferiores do Governo, de forma a conseguirmos que continue a viver cá. Além disso, o homem tem necessidade das coroas que lhe fornecemos de vez em quando. Foi ele quem me descobriu que o espanhol era falangista. No caso dos australianos, empreguei-o mais uma vez.

Os lábios de Krantz franziram-se de orgulho, enquanto obrigava o Mercedes a descrever uma curva. Quando começaram de novo a rodar em linha recta, prosseguiu: Os dois australianos eram homossexuais. Reunimos provas e quando foi a reunião final entreguei o caso a um dos meus colegas conservadores a quem dera conhecimento dos factos, dizendo que talvez o interessasse, mas que eu, no entanto, não os considerava um impedimento. Na altura crítica, ele saltou à estacada e apresentou o caso como um impedimento. E o nosso professor Stratman foi eleito para o Prémio Nobel em quarenta e cinco minutos.

Eckart sacudiu a cabeça.

Carl, Carl, que queres que te diga? És formidável. Eu tinha medo de me apresentar como candidato diante de ti.

Contigo não haveria problemas, Hans. Eu votaria a teu favor.

Foi então assim que as coisas se passaram? reflectiu Eckart.

Nesse caso, foi assim. Mas não garanto que conseguisse repetir a proeza. As circunstâncias eram excepcionais. De qualquer forma, estás a ver o trabalho que tive.

Vais ser uma magnífica aquisição para o corpo docente da nossa Universidade de Humbolt, Carl.

Krantz desviou os olhos da estrada e olhou para o companheiro.

Quando será isso? inquiriu.

Muito em breve, muito em breve respondeu Eckart. Não me resta a menor dúvida. Tenho de me encontrar com o Stratman.

Tu vais acabar com essa palhaçada do Comité Nobel. Quando voltar para Berlim Oriental, consultarei os directores e serás logo admitido.

Só depois disso?

Não vai demorar muito tempo. Apenas duas ou três semanas.

Telefone-te e partes logo. A propósito, já estiveste com o Stratman?

Claro. Eu faço parte do Comité de Recepção. Fui esperá-lo ao comboio. Assisti à sua conferência de imprensa e conversei durante muito tempo com ele, no banquete do rei.

Como está?

386

Em que sentido? Quando o viste tu pela última vez?

Na semana em que morreu o Fiihrer.

Já não é nenhum menino, sabes muito bem, Hans. Umas vezes parece cheio de força, outras dá mostras de fraqueza.

Eckart brincava com o monóculo.

Ele falou do seu passado na Alemanha?

Krantz agitou-se no assento.

Por mais de uma vez. Os Americanos fizeram-lhe uma lavagem ao cérebro com a sua propaganda e com todo o dinheiro de que dispõem.

Ah, sim? Porque dizes isso?

Na conferência de imprensa guardou segredo da sua descoberta como sendo uma coisa necessária. Disse que tinha sido obrigado a trabalhar no Instituto Kaiser Wilhelm a fim de conservar a vida dos parentes. Negou que os Americanos o tivessem raptado. Declarou que deixara a Alemanha voluntariamente, pois já trabalhara para um Estado totalitário e não desejava continuar a trabalhar para outro.

Ele disse isso?

Vinha em todos os jornais do dia seguinte.

E nas outras conversas que teve contigo, não acrescentou mais nada?

No banquete real, antes de nos sentarmos à mesa, falou-se apenas de banalidades. Conversámos acerca de dinheiro, do que cada um faria com o prêmio pecuniário, e ele deu a entender claramente que ficaria com o seu.

Por ter necessidade de capital?

Desconfio que sim. Mais tarde, tive uma discussão com o conde Bertil Jacobsson... tu conhece-lo...

Conheço.

É um burro chapado afirmou Krantz. Estávamos a discutir a neutralidade da Suécia. Jacobsson declarou que nós pendíamos para os Aliados, e eu não posso ouvir essas mentiras. Disselhe a verdade acerca dos sentimentos da nação.

E como reagiu ele?

Não fez comentários acerca disso, mas, quando eu fiz o elogio do génio alemão, ele discordou. Depois, logo a seguir, os dois médicos contaram que lhes acontecera durante a guerra, e um deles perguntou ao Stratman o que fizera então. Ele disse que estivera na situação de refém. Foi o termo exacto que empregou refém. Houve depois um acidente. Stratman afirmara que estivera a servir como refém, ele e o irmão...

Sim, o Walther Stratman.

... a fim de garantirem a vida da mulher e da filha deste, que estavam num campo de concentração. Então, encontrava-se lá também, na mesma sala, a sobrinha, a filha desse irmão. E, quando alguém 387

lhe perguntou o que acontecera à mãe, ela foi-se abaixo e fugiu. Foi uma coisa disparatada e que se podia muito bem ter evitado. Sou obrigado a reconhecer que Stratman ficou imperturbável.

Eckart cruzou as mãos no colo e olhou para fora do pára-brisas.
Estocolmo proferiu.

Estaremos na cidade dentro de cinco minutos.

Eckart permaneceu calado durante um momento. .

O Stratman está aqui com a sobrinha?

Andam sempre juntos.

Como é ela?

Parece um pedaço de gelo, mas nunca se sabe. Se eu tivesse menos vinte anos, tentava a minha sorte, muito embora ela seja judia.

Eckart sorriu. A ideia daquele gnomo rabugento a ser tentado por qualquer desejo carnal era demasiado absurda para se poder sequer imaginar.

Dedica todas as tuas forças ao teu trabalho, Carl.

O meu trabalho está feito respondeu Krantz.

Nunca se sabe. Quero que te mantenhas em contacto permanente comigo.

Pois claro, Hans. É preciso não esquecer que te reservei quarto no Grande Hotel, apenas por dois dias. Não foi nada fácil. A cidade está repleta. Se ficares mais tempo, tenho de me agarrar de novo ao gerente. Oh, ele arranjará sempre maneira de te acomodar, mas eu é que preciso de saber com antecedência para preparar as coisas.

Amanhã já te digo.

Quando vais encontrar-te com o Stratman?

Imediatamente. Assim que chegarmos, telefono-lhe para o quarto.

Mandei-lhe um telegrama. Ele espera-me.

Sabes se quer receber-te?

Eckart esfregou a cicatriz com ar meditabundo.

Porque havia de recusar? Já te esqueceste de que o Max Stratman, bem como o irmão, trabalharam lado a lado comigo, no Instituto

Kaiser Wilhelm, durante toda a guerra? Somos amigos, amigos velhos.

Hoje almoçamos juntos e falaremos de muitas coisas. *Gemütlichkeit'*, boa disposição, será esse o tom da nossa conversa. Enquanto eu assino o registo, é melhor tu reservares-nos uma mesa. Talvez no Riche.

Deve ser esse o melhor restaurante... Sim, Carl, não tenhas medo. Max Stratman está à espera deste encontro.

Andrew Craig e Leah Decker ocupavam os disputados apartamentos de canto, n.º 225, no Grande Hotel. Mesmo por cima, com as mesmas dimensões e mobiliário idêntico, ficava o apartamento 325, 388

o qual, durante a Semana Nobel, era ocupado por Emily Stratman e pelo professor Stratman.

Às treze horas, Craig chegou à porta do 325 e bateu levemente.

Passados instantes, a porta abriu-se e, embora Craig não visse imediatamente Emily, ouviu-a dizer: Ponha-o na saleta... i Depois, a cabeça da rapariga surgiu à porta, e ela viu Craig.

Oh, é você, desculpe! Tinha mandado vir o almoço para aqui. Faz favor de entrar.

Ele seguiu-a até à saleta. Não tirava os olhos daqueles cabelos castanhos cortados curtos e, quando ela se voltou para lhe segurar o sobretudo, ficou de novo encantado com os caracóis que lhe afagavam as faces, emoldurando-lhe delicadamente o rosto. Emily trazia uma túnica de malha verde, que lhe caía a direito sobre os seios, e umas calças justas, também de malha de algodão macio, a moldarem-lhe as pernas e as ancas. Nunca a vira com um vestuário tão sem cerimónia, e aquele à-vontade agradou-lhe muito.

Tem fome? perguntou a rapariga.

Estou esfomeado.

Ainda posso telefonar lá para baixo. Quer almoçar comigo?

Então porque julga que vim aqui?

Emily pegou no telefone interno, todo branco, e obteve imediatamente a ligação: Fala Miss Stratman, do 325. Já encomendei um almoço, mas queria dois. Escutou um momento e continuou: Obrigada, não desligue. Depois, tapando o bocal com a mão, informou Craig: Não demora nada. Conservam o meu quente enquanto preparam o seu. Que prefere?

O mesmo que você.

Isso aqui equivale a jogar-se na roleta declarou ela. Não faço a menor ideia do que vou comer. Eles trouxeram a ementa, o middagen, era isso que lá estava escrito, e eu encomendei kalschnitzel med spaghetti.

Por mim, okay. E uma cerveja da Dinamarca.

Ela transmitiu a encomenda de Craig e sentou-se a uma certa distância dele, no sofá.

Queria agradecer-lhe a noite passada, Andrew. Foi muito agradável.

Para mim, também.

Posso sempre dizer quando um serão é realmente bom. Deitei-me cedo porque desejava pensar nele, em mais nada, mas adormeci logo sem dar por isso. E você, que foi fazer depois?

Como poderia ele contar-lhe que tivera o mesmo simples desejo que ela, mas que isso se transformara num inferno? Como poderia explicar-lhe que encontrara Leah toda nua na sua cama como isso

389
lhe parecia fantástico agora, à luz do dia! e narrar-lhe a estúpida discussão havida entre ambos? Só essa ideia assustaria Emily.

Fui ler a Bíblia de Gedeão declarou.

A sério?

Quis ver o que faziam aqueles tipos. Precisa de grandes cortes.

A intenção é boa, mas as personagens são espantosas e os assuntos sexuais demasiado explícitos. Nenhum dos livros escapa

sem censura.

Acho mesmo que devia ser tudo escrito de novo.

Que tolice!

Eu também dormi lindamente, Emily, até que os rapazes de Upsala me vieram cantar as suas cantigas a uma hora incrível.

Fizeram-lhe uma serenata? Eu sabia que é costume.

Avise o seu tio. Diga-lhe que calafete os ouvidos todas as noites. Não estou a brincar. Foram muito simpáticos. Parece que estava previsto eu fazer-lhes duas palestras esta manhã, uma sobre Hemingway e outra acerca das sagas da Islândia.

- E você fez as palestras?

E não me saí mal. Venho agora de lá. Contei-lhes uma saga islândica Miller's Dam, no Wisconsin, por uma manhã de Inverno.

A neve, por vezes, atinge um metro de espessura.

E discutiram literatura?

Disselhes que os verdadeiros escritores desejam escrever, não podem deixar de escrever, e que os que não são não querem escrever, desejam apenas ser considerados escritores. Disselhes que era essa a diferença essencial, a única que separa os homens dos rapazes. Eles compreenderam. Na sua maior parte, acabarão provavelmente a fabricar fósforos, mas faziam um grupo muito simpático. Tenho de repetir a coisa para um grupo de duas Universidades, às três e meia. Calou-se.

E você, que fez durante toda a manhã?

O tio Max queria descansar. Chega hoje de Berlim um amigo dele, com quem vai almoçar. Está agora a vestir-se. Ficámos por aqui a preguiçar. De resto, faz muito frio. Estudei toda a manhã...

Pegou num livro, daqueles que comprara na véspera na Livraria Fritz, e que estava na mesinha baixa.

Sueco-inglês, inglês-sueco. Estou resolvida a aprender.

São frases que eu preciso de saber?

Acho indispensável declarou Emily. E abriu o guia de conversação, que começou a folhear. Aqui está a frase em sueco e ao lado em inglês: «Quem quer levar-me de barco à outra margem do lago?» Já vê, como poderá você passar sem saber dizer isto? Cá está outra: «Por favor, vá buscar-me uma faca limpa.» Esta não me sai da ideia, como o fim de O Mistério de Edwin Drood, de Dickens. E

aqui temos nós: «O vinho está morno, vá buscar gelo.» E a nota pessimista, uma troca de palavras que poderíamos muito bem ouvir entre suecos. Pergunta: Hur garaffarerna? (Como vai o negócio?)

Res-390

posta: Fraco. Pergunta: Hur mar Eder man? (Como está o seu marido?)

) Resposta: Han ar mycket sjuk. (Está muito doente.) Animador, não acha?

Craig riu e tirou-lhe o livro das mãos.

Aprendeu mais alguma coisa?

Sei umas palavras.

Vamos lá a ver isso. E leu alto: Spottning forbjuden.

Santo Deus! Que vem a ser isso?

É proibido cuspir... uma das coisas que todas as meninas devem saber. Glogg. Que é glogg?

Eu sei! Aguardente. Aguardente queimada.

Muito bem, Miss Emily! Craig consultou de novo o livro.

Helgeflundra.

Óleo de fígado de bacalhau respondeu Emily prontamente.

Sim, senhora, muito bem. E massling?

Massling... massling... Lembra-me algo que se chupa ou uma forma de luta oriental...

É uma doença contagiosa. Significa «sarampo». Aqui está uma coisa sem a qual não podemos passar: Ormskinn.

Desisto.

Pele de cobra. Quer mais?

Bem, só mais uma.

Pronto respondeu Craig. Que efeito lhe faz renstek?

Produz indigestão.

Muito bem. É carne de rena. Oh, espere, só esta ainda. Que faz você se um estranho lhe disser: Avklada?

-Respondo-lhe: «Seja bem-vindo.»

Quer dizer: «Dispa-se.»

Mr. Craig! Mas sorriu ao dizer isto e Craig percebeu que tudo estava bem entre eles.

Pousou o livro e disse: Só posso aconselhá-la, minha senhora, a que não acompanhe com suecos.

E, se o fizer, limitar-me-ei a dizer: «Por favor, dê-me uma faca limpa.»

Já vejo que não precisa dos meus serviços.

Ah, isso é que preciso! exclamou Emily.

Ouviu-se uma pancada na porta e Emily respondeu em voz alta: Está aberta!

O criado entrou na sala, com o guardanapo no braço, a empurrar uma mesinha de rodas cheia de pratos e travessas, uma cafeteira e uma garrafa de cerveja.

Quando o criado chegou junto deles, o professor Max Stratman, de chapéu e sobretudo curto, saía do quarto de dormir.

Não pareceu surpreendido ao ver ali Craig.

391

bom dia, Mr. Craig. Veio fazer companhia à Emily?

Até às três, segundo espero.

Muito bem. Stratman beijou a face de Emily. Não o deixes sobrecarregar a nossa conta. Ele que gaste o seu prêmio e nós gastaremos o nosso.

Cá estarei para o vigiar, tio Max. Para onde é que vai? Lá para baixo?

Não. Vamos almoçar a um restaurante muito chique ali à esquina da rua. Pelo menos foi o que Eckart combinou. Ele sempre teve a mania das pândegas. Ainda me lembro, no tempo da guerra, era o único que conseguia ir ao Horcher. Depois dirigiu-se a Craig.

Goering ia lá comer, portanto era muito bom. Olhe pela minha pequena.

E saiu devagar, com uma expressão pensativa.

O criado estava a acabar de dispor as coisas do almoço quando Emily se ergueu de súbito.

Desculpe-me, é só um momento! E entrou no quarto do tio.

Craig assinara a conta e o criado já se tinha retirado quando ela regressou. Vinha a ler um telegrama e a sua expressão parecia transtornada.

Que foi, Emily?

A rapariga ergueu os olhos, meio alheada.

O quê? Oh, eu vou sempre dar uma volta ao quarto quando ele sai. É tão esquecido... Por vezes, deixa o cachimbo aceso em cima da mesa e a cinza a arder cai no chão. No ano passado já tivemos dois princípios de incêndio. Sentou-se ao lado de Craig. O cachimbo não estava aceso, mas encontrei este telegrama.

E que tem o telegrama?

Nada de concreto, mas... desdobrou o telegrama. É de um amigo com quem ele trabalhou em Berlim e que vai agora almoçar com ele. Este Hans Eckart diz que soube que o meu tio estava em Estocolmo para receber o Prêmio e vem dar-lhe os parabéns. Informa ainda que vem cá e gostaria de almoçar hoje com ele, que depois lhe telefonará. Tem muitas coisas a dizer-lhe e traz-lhe notícias de Walther.

De Walther?

Sim, do meu pai. É esquisito, ao fim de tantos anos.

Não acho nada esquisito respondeu Craig. Esse homem ficou em Berlim e pode muito bem ter sabido o que aconteceu ao seu pai. É natural que comunique ao seu tio.

Sim, deve ser isso.

Craig observou-lhe a expressão.

Você não me parece lá muito convencida. Que é que a preocupa? A origem do telegrama confessou ela. Foi enviado ontem 392 de Berlim Oriental. E, pergunto eu, que bem nos poderá vir de Berlim Oriental?

O Restaurante Riche, situado em Birger Jarlsgatan, n.º 4, a poucos quarteirões de distância do Grande Hotel, era um dos mais caros e melhores de Estocolmo. Todas as capitais internacionais possuem um sítio elegante onde se come. Ali, os ricos, os titulares, os poderosos homens de negócios, os artistas de fama, são imediatamente reconhecidos e, na sua qualidade de chefes da celebridade, arranjam-lhes logo um lugar separado dos fregueses comuns. O Restaurante Riche era um desses lugares.

A varanda envidraçada, que dava para a rua, onde havia música suave e se falava em voz baixa, onde se podia olhar lá para fora e gozar o espectáculo de ver passar homens e mulheres altos, elegantemente vestidos, no meio da multidão afadigada e próspera, tornara-se o sítio preferido para tomar as refeições. E foi ali, graças à intervenção de Krantz, que fizeram sentar o Dr. Hans Eckart, de Berlim Oriental, e o professor Max Stratman, de Atlanta, Estados Unidos.

Agora, Eckart acabara de falar. Esperava que lhes tirassem os pratos vazios do consomme Depois o criado serviu-lhes umas fatias de carne que cortou de uma peça trazida num carrinho e cervejas frescas que deitou nos copos.

Por entre as pálpebras semicerradas, de braços cruzados sobre o peito, Stratman fingia observar o complicado serviço, mas, na verdade, estudava o homem sentado à sua frente. O encontro de ambos no átrio, a caminhada até ao restaurante, o princípio da refeição, tudo se passara sem incidentes. Aos olhos de Stratman, à

parte a rareza e o grisalho da cabeleira, as rugas do pescoço e um certo ar mais autoritário.

Eckart não mudara em nada depois da guerra. O monóculo continuava no mesmo lugar e reflectia a luz sempre que o homem se movia. A cicatriz tinha o mesmo aspecto lívido e dramático de outrora.

A vincada rigidez prussiana do rosto continuava a ser, como sempre, desumana. O que havia de realmente novo naquele homem antigamente pouco dado a palavras inúteis é que, naquela meia hora, se mostrava um tanto loquaz, e até fútil na conversação. Stratman convencia-se de que Eckart estava nervoso. E, uma vez que ele próprio se sentia absolutamente calmo, estava satisfeito.

Durante essa meia hora, depois de felicitar calorosamente Stratman na sua qualidade de laureado com o Prêmio Nobel, Eckart entregara-se a recordações sem importância do seu passado comum. Recordou anedotas dos longos tempos em que trabalhavam juntos no Instituto Kaiser Wilhelm, troçou dos colegas, deu notícias dos que haviam sobrevivido e informou de onde estavam neste momento. Eckart falava daquela penosa época de isolamento forçado e de trabalho feito de má

vontade com um ar desportivo e ligeiro, como se todos fizessem parte de um clube recreativo e isso constituísse agora uma grata recordação.

No momento em que o criado desaparecia discretamente, Stratman acabava de descobrir que aquela conversa falsa lhe não agradava nada, que aquele companheiro com quem agora estava a jantar nunca fora seu amigo, mas apenas alguém que se intrometiera na actividade do laboratório durante dois anos, e que estava demasiado velho para desperdiçar o seu tempo com tagarelices sem objectivo.

Eckart ergueu o copo de cerveja.

Bitte ', à sua saúde, Max.

À sua respondeu Stratman. E bebeu. Depois pousou o copo com força.

Você parece muito preso ao passado, Hans. Eu não sou assim.

A única coisa que me liga ao tempo em que trabalhámos juntos é a recordação do meu irmão Walther. Você falava-me dele no seu telegrama. Não posso imaginar porquê. Talvez me queira dar informações.

Eckart, que já estava desabitado de atitudes bruscas, carregou o sobrolho, mas tentou logo esconder o seu desagrado sob uma expressão nostálgica de dor. Desejaria que a conversação decorresse sempre segundo os seus planos, que fosse apenas ele a dirigi-la, mas recordava-se agora de que muitas vezes Max Stratman fora classificado como cabeçudo e impaciente. Fingiu meditar na resposta enquanto cortava cuidadosamente a carne.

Que sabe você acerca da morte do Walther?

Que sei? Sei que, quando estava na Inglaterra, antes de emigrar para a América, os Ingleses me avisaram de que ele fora preso pela G.P.U. imediatamente a seguir à minha fuga e deportado para um campo de concentração na Sibéria. Que morrera ali, passado um mês ou dois, ou havia sido morto, não sei bem, quando eu me encontrava ainda sob a guarda do Exército americano, na Alemanha. É tudo quanto sei.

Foi mal informado declarou Eckart.

Ah, sim?

Pois claro, meu velho. Os Ingleses serviram-se disso como propaganda.

Queriam explorar-lhe o ódio. A Sibéria? Um campo de concentração? Que história tão disparatada! Walther nunca foi mandado para a Sibéria, mas para um laboratório nuclear, a setenta milhas de Moscovo. Quando se encontrava ainda sob custódia, descobriram, através de um folheto da sua autoria, que era especialista em assuntos de peste bubónica. Ofereceram-lhe logo um

lugar melhor. Pediram-lhe que se juntasse a um grupo de investigadores dirigido pelo famoso doutor Viktor Glinko, que estava interessado em experiências rela-Por favor.

394

cionadas com a guerra biológica, bombas infecciosas, uma tentativa magnífica para desencadear, com fins pacíficos, essa mesma peste bubónica que matou cinco milhões de pessoas na Inglaterra e na França no ano de 1348. Durante as experiências iniciais, deu-se um acidente em que muitos perderam a vida. Walther foi incluído nesse número e dado como morto. Dou-lhe a minha palavra, Max, que as coisas se passaram assim, pelo menos estou convencido disso, e creio que isto lhe dará um grande alívio. Walther nunca foi preso nem obrigado a nenhum trabalho forçado. Estava interessado neste novo campo de experiências. Tomou parte nelas voluntariamente e lançou-se numa carreira que o transformou, de físico, que era, num bacteriologista. Gozou de todas as regalias e conforto até ao fim.

E porque não? Você sabe como os Soviéticos respeitam os cientistas.

com que então ofereceu-se para trabalhar em bombas bacteriológicas?

Exactamente.

Desculpe, Hans, mas não acredito. Acho que conhecia o meu irmão melhor do que você. Ele seria incapaz de semelhante coisa.

Então, Max, eu compreendo a sua amizade por ele. Mas isto já lá vai há muito tempo e você deve compreender. Parece-lhe assim uma coisa tão censurável? Acima de todas as políticas mesquinhas, ele era um investigador. O caso apresentava-se-lhe como um desafio, e ele interessou-se. Não se tratava de um assunto que sempre o preocupara?

Li a reedição de um ensaio científico que ele escreveu sobre a peste bubónica...

Isso não passou de uma brincadeira interrompeu Stratman.

Esse livresco foi escrito quando ele tinha pouco mais de vinte anos.

As catástrofes da história impressionavam-no imenso e então, por brincadeira e para fazer escândalo, talvez mesmo para despertar as atenções, pois o seu trabalho era tão enfadonho e rotineiro, aplicou o método científico ao estudo da peste bubônica de 1348. Isto não passou de uma brincadeira. Mas daí a engarrafar a peste negra para a pôr ao serviço dos Russos vai um longo passo, e eu recuso-me a acreditar.

Isso a que você chama uma brincadeira não era uma coisa assim tão inofensiva como isso insistiu Eckart. Os Russos compreenderam-no, e eu também o compreendi depois de ter lido o trabalho do seu irmão. Não me refiro à parte histórica, aos pormenores acerca da epidemia que vitimou um terço da população da Inglaterra e da França. Penso, sim, nas especulações proféticas de Walther acerca das possibilidades de um dia certos agentes biológicos serem capazes de produzir artificialmente a mesma epidemia causada outrora pela peste bubônica e pela epidemia de tipo pulmonar.

Repito que isso foi uma veleidade de adolescente. A sua única fraqueza. Walther era demasiado bom e generoso para...

395

Seja lá o que for. É inútil discutirmos mais o facto. Uma coisa não pode o meu amigo negar: que Walther trabalhou connosco na cisão nuclear durante toda a guerra.

Pois decerto. Trabalhou na fissura nuclear, tal como nós. E todos o fizemos por sabermos que o plano estava tão carecido de fundos, tão abalado pela política de Hitler, que a Alemanha nunca poderia conseguir fabricar a bomba atómica antes da derrota do Reich. Se houvesse outra alternativa, eu e o Walther teríamos preferido ser queimados nos fornos de Hitler a cooperarmos com ele. E o Walther teria sido capaz de deixar morrer da mesma forma a mulher e a filha

acrescentou raivosamente Stratman. E, nesse caso, a mulher de Walther teria morrido inutilmente em Auschwitz.

Eckart afivelou ao rosto uma máscara dolorosa.

Foi uma pena, um erro cruel. Tenho de concordar que a sua morte se tornou inútil. Reprovo essa pequena quadrilha nazi tanto quanto...

Que quer dizer com isso... essa «pequena quadrilha nazi»? Tratava-se de uma culpa nacional, que abrangia toda a Alemanha, não era apenas a loucura de um partido político.

Então, Max, não é possível que pense assim, por maiores que sejam as suas razões de queixa. Os homens são como carneiros, vão atrás de quem os conduz, não fazem ideia de como se passam as coisas.

Cada qual vive a sua vida, como quer, no seu bairro, nada mais.

Foram precisos milhares deles para retirar os ossos dos fornos crematórios e milhões para constituir a Wehrmacht. Quanto a mim, o povo é isso. E os Russos não valem mais. Então agora inventa-se um conto de fadas para calar a boca aos sobreviventes. Walther foi tratado com todas as atenções e morreu feliz, a cumprir o seu dever.

É pena que você não acredite.

Quem me dera poder acreditar retorquiou Stratman. Bebeu um trago de cerveja, não achando já nenhum gosto ao almoço. Onde partiram essas histórias?

Como sabe, ocupo alguns lugares de uma certa... importância em Berlim Oriental. Presentemente, tenho acesso a todos os relatórios, a todas as fichas. Elaborei o projecto de descobrir o que sucedera a todos os alunos do nosso velho Instituto Kaiser Wilhelm. Pensei que poderia reuni-los para trabalharmos juntos em investigações nucleares para fins pacíficos.

E foi assim que se lhe deparou a certidão de óbito do Walther?

Foi assim que fiquei a saber toda a sua história. Sim, encontrei a sua certidão de óbito, como você diz. Bem vê, Max, muito tempo

depois de termos conhecimento do desastre, isto é, da explosão em Dubna, perto de Moscovo, vimos a lista dos mortos e desaparecidos; alguns antigos colegas nossos haviam perecido lá. Houve quem alimentasse a esperança absurda de que os desaparecidos talvez não estivessem-396

sem mortos, que tivessem fugido para qualquer parte e ainda um dia os encontrássemos vivos. Infelizmente, porém, tal não aconteceu.

Como disse, era uma esperança, absurda, essa. Pois agora posso afirmar-lhe que entre os papéis, alguns traduzidos há pouco, que eu encontrei, havia um, datado de alguns anos atrás, que declarava Walther oficialmente morto. E aqui tem.

Foi então essa a sua grande descoberta? observou Stratman amargamente.

Eckart acenou com a cabeça, de um modo solene, como que em respeito do falecido.

Sim, isso e mais alguma coisa. Pegou na pasta que tinha ao lado da cadeira. Stratman já se esquecera desse pormenor. As pastas fazem de tal modo parte dos hábitos alemães que ele já nem reparava nelas. Enquanto a abria, Eckart prosseguiu: Ouvi dizer que a filha do Walther vive na América, na sua companhia.

Como soube? inquiriu Stratman, muito depressa.

Eckart mostrou-se inocente.

Li nos jornais, Max. Você esquece-se de que é um homem célebre.

Pois bem, acabei por descobrir, e não foi nada fácil, alguns objectos de uso pessoal do Walther. Consegui que mós enviassem para Berlim, pois sou também um sentimental como você e estimava o seu irmão.

Stratman entretinha-se a cortar o bife e guardava silêncio.

Quando soube que a filha dele estava viva, pensei logo que ela gostaria de possuir aquelas recordações.

Tirou da pasta um relógio de pulso de prata, carcomido mas polido de há pouco, um Talmude muito usado, um retrato

amarelecido, que representava Walther com Rabecca e Emily com a idade de dois anos, e uma cigarreira de esmalte esmurrada, ostentando as iniciais W. S., oferecida a Walther pelos seus superiores, antes da guerra, no décimo aniversário de ter começado a trabalhar para a firma como engenheiro.

Ao aceitar estes objectos, um a um, era como se lhe passasse pelas mãos a vida inteira de um ente querido. Os olhos de Stratman encheram-se de lágrimas e o coração parecia que lhe estalava. Lentamente, foi metendo no bolso o Talmude, o relógio e a cigarreira. O retrato, que media cinco centímetros por sete, esse, voltou-o com a face para baixo, junto ao prato.

Lamento muito, Max disse Eckart. Só tive em vista ser-lhe agradável.

Obrigado respondeu Stratman sinceramente. Tratemos de comer. E assim fizeram, sem trocaram palavra durante cinco minutos. Por fim, Eckart viu que Stratman recuperara a calma.

Segundo me afirmou, Max, não sente amor nenhum pelo país-397 sado. Esqueçamo-lo, pois. Hoje estamos vivos e temos muito que fazer.

Stratman acenou afirmativamente com a cabeça e continuou a mastigar a carne, sem fazer comentários.

Presentemente, sou decano do corpo docente da Universidade de Humboldt declarou Eckart. Sabia disso?

Não.

O futuro está nas mãos da ciência, e eu sou um cientista. Tenho-me esforçado por que a Universidade possua o programa mais vasto do mundo no capítulo das investigações básicas. Estamos a querer reunir as maiores cabeças de todos os países. Estará você interessado em conhecer alguns dos nossos projectos?

Talvez não respondeu Stratman. Considero-me aqui em férias, e não em viagem de estudo.

Eckart ficou-se, com o garfo no ar, interdito. Mais uma vez estranhou ser tratado com tão pouca deferência. Tinha dificuldade em se convencer de que Stratman, agora distinguido com o Prêmio Nobel, se podia considerar seu igual.

Pouco à vontade, tentou gracejar.

Bem, tem razão. No entanto, agora quem sente curiosidade sou eu. O meu único interesse é a ciência. É ela a minha única ocupação e o meu prazer. Quais os seus planos, Max?

Planos de quê?

No campo das investigações em que trabalha. Você conseguiu transformar e armazenar a energia do Sol. Foi isso que eu li. Que tenciona fazer em seguida?

Continuarei ao serviço do Sol.

com intuítos pacíficos, esperemos.

Quem lhe diz que o combustível que empregamos agora na propulsão dos foguetões não poderá ser usado para fins pacíficos?

E Stratman, empurrando os óculos para cima, fitou Eckart.

Acho que a minha descoberta ajudará a manter a paz. E parece-me que os trabalhos que tenciono empreender no futuro só servirão para a fortalecer mais ainda.

Não sei dizer como me alegra ouvir isso, Max. Saber que trabalhamos ambos com o mesmo fim. Isto vem facilitar-me a revelação de um pensamento que me surgiu.

Diga..

Max, quero que considere este assunto com o espírito inteiramente liberto de preconceitos. Escute-me. Calou-se e depois inquiriu: Já considerou alguma vez a hipótese de regressar à pátria?

Stratman ergueu os olhos.

Que quer dizer com isso? Hans, os seus circunlóquios tornam impossível a conversa. Que está você para aí a dizer?

Refiro-me a uma posição muito elevada para si na Alemanha, a mais elevada de todas. Você seria o mais brilhante cientista da Universidade de Humboldt. Dar-lhe-íamos casa, a casa que você escolhesse.

Um laboratório independente só para si. E três vezes o vencimento que hoje ganha. Tudo isto na sua terra natal. Pela primeira vez, trabalharia por conta própria, trabalharia para nós, e que ", o Diabo leve os nossos dois inimigos.

Stratman pousou o garfo e a faca.

Está a dizer-me que deserte do Ocidente e que me junte aos comunistas? "'

Que disparate! Comunismo, comunismo! Na América, enchem-vos a cabeça com essas patacoadas! Quem se importa com o comunismo? Julga que eu sou comunista? Pois engana-se. Sou um cida- "

ção da Alemanha, e nada mais, além de cientista, e essa é a melhor de todas as religiões, à qual você também pertence.

Acha? Ainda há bem pouco tempo nem todos assim pensavam.

Há pouco tempo ainda me consideravam judeu, e não alemão.

Mas, nós acabámos com essa cambada de patifes.

Mas surgem outros novos. Eu conheço bem a Alemanha. Por fora, uma bela fachada, o pacífico Ku'dam, os cafés, as frãuleins com os cabelos entrançados, as máquinas fotográficas minúsculas, as feiras de brinquedos; mas, por dentro, lá muito no fundo, a lava ferve e ', agita-se, pronta a explodir. Eu não sinto amor pela Alemanha, Hans. , Tenho saudades da minha mocidade, mas não da Alemanha. A nacionalidade é um acidente. Eu podia ter nascido em qualquer outro lugar.

O rosto de Eckart deixou transparecer um espanto sincero.

Não acredito no que diz.

É assim mesmo. Mas suponhamos que o que eu sinto seja apenas desgosto pelo que aconteceu. Suponhamos que eu desejava regressar

à Alemanha. Eu não voltaria a ser alemão, mas sim alemão soviético.

Isso não é assim. Isso é propaganda! , Quem lhe paga, Hans?
Quem me pagaria a mim, se eu fosse para < Humboldt?

O Governo alemão, creio eu.

O Governo alemão Oriental, quer você dizer. A leste da Porta de Brandeburgo fica a Rússia e o marxismo. É essa a suprema autoridade. Não veio bater a boa porta, Hans. Bem vê, estou mal habituado.

Sim, a doce América, toda leite e mel, estragou-me, com o seu ouro , e toda a sua doçura. Eu penso e digo aquilo que quero, leio o que me apetece e, dentro da lei, tenho completa liberdade. E uma vez que uma pessoa se habitue à delícia da liberdade, já não quer voltar para essa pouca-vergonha.

Os lábios de Eckart estavam azuis de tanto os comprimir.

Essa liberdade que apregoa... Julgame um provinciano estú-

399
pido, Max? Pensa que nunca vi fotografias dos vossos bairros de lata, das vossas repartições de desemprego, de negros a serem espancados nas ruas? E o despotismo exercido sobre a ciência... Oppenheimer e os outros... É isso a vossa liberdade? Juro-lhe que não encontrará nada dessa selvajaria nem desse primitivismo na Alemanha Oriental.

Stratman empurrou o prato para o lado. Continuava calmo, mas fazia-lhe falta o cachimbo.

A liberdade tem os seus pontos fracos declarou. O negro foi escravo outrora, hoje é semiescravo e não tarda que seja completamente livre. com o comunismo, os Alemães nunca poderão ser livres, nem agora nem nunca. Nós, na América, temos esperança. Vocês não sabem o que isso é.

Max, não quero discutir com um velho amigo. Nem eu nem você temos nada a ver com a política. Só quero tê-lo junto de nós.

Simplesmente isso. Não a trabalhar para a América nem para a Rússia, mas sim para a Alemanha. Mas se, por razões pessoais, isso não se puder fazer nesse país, compreenderei. Deixá-lo-ei trabalhar num meio neutro... na Suécia, na Suíça, onde quiser, desde que trabalhe para nós. E porquê? Porque trabalhar para a Rússia ou para América não é trabalhar para a paz. Porém, trabalhar para a sua pátria só servirá para fortalecer a paz, aquilo que todos nós desejamos.

Stratman suspirou e tentou manter uma aparência calma.

Não gaste mais energias comigo, Hans. Vejo que não combinou este almoço para me falar do Walther, mas para me fazer esta proposta.

Contudo, é tempo perdido. Se eu aproveitasse a sua oferta, nunca mais conseguiria reabilitar-me perante mim próprio ou perante a minha sobrinha ou os espectros de Walther e Rebecca. Eu agora sou americano, Hans, e assim ficarei até ao fim da minha vida.

Eckart revelara vários lampejos de emoção durante toda aquela conversa, e a que prevalecia deliberadamente era uma amigável resignação.

Muito bem, Max. Respeito os seus sentimentos. Não me pode censurar por ter tentado captar o mais eminente físico do mundo.

Para mim, tê-lo conseguido seria uma coroa de glória. No entanto, o seu trabalho afigura-se-me de tal modo importante que eu peço-lhe encarecidamente que o encaminhe no sentido da paz.

Deixe isso por minha conta, Hans.

Quanto tempo tenciona demorar-se em Estocolmo?

Até ao dia seguinte à cerimónia, onze, creio eu. É só o tempo de receber o cheque. Vou estar em Paris com a Emily durante uma semana. Todas as raparigas devem ir a Paris. Depois disso, embarco.

E você, Hans?

Eu tenho mais uns assuntos a tratar, é possível que me demore ainda uns dias. Hesitou e depois prosseguiu: Max, se alguma vez

tiver necessidade de dinheiro e reconsiderar...

400

Na minha idade não se necessita de dinheiro. Tenho o meu ordenado, que é bastante bom. E agora fico com o Prêmio Nobel.

Nesse momento, Eckart odiou o Prêmio Nobel, que, por ironia, vinha permitir a Stratman que recusasse a sua oferta. Ao mesmo tempo, esse Prêmio fora necessário para trazer Stratman até ali, de modo a poder ser tentado. O projecto de Eckart e a maneira como Krantz o executara, tudo fora perfeito. Mas o tiro acabara por sair pela culatra.

Acontece às vezes que as pessoas mudam de opinião ponderou Eckart. Talvez um dia eu possa oferecer-lhe uma posição suficientemente vantajosa.

Nunca poderá ser suficientemente vantajosa.

Deixe-me esperar. Veremos... Quer sobremesa, Max?

Stratman abanou a cabeça.

Não, o meu estômago, por hoje, não comporta mais nada.

com excepção dos círculos de luz insuficiente projectados pelos candeeiros das ruas, a cidade de Estocolmo estava escura como breu, às cinco da tarde, hora a que Andrew Craig regressava do Palácio da Bolsa ao seu apartamento no Grande Hotel.

A sua última palestra correria muito bem, mas fora esgotante. À parte o cansaço físico, sentia dentro de si uma grande paz. A recepção que lhe haviam feito os estudantes universitários na Faculdade lisonjeara-lhe o orgulho de escritor e reforçara a ténue aura de prestígio que Jacobsson lhe criara na Academia da Suécia, sobre as ruínas do seu antigo «eu». O alegre almoço em companhia de Emily, no apartamento de Stratman, desempenhara também um papel importante nesta sensação de bem-estar que experimentava agora. Pouco a pouco, Emily começara a aceitá-lo, a confiar nele e, pela primeira vez em três anos, gozava a companhia de uma mulher da sua escolha.

O terrível sentimento de culpa da noite anterior, reavivado pelo histórico oferecimento de Leah, estava completamente posto de

parte.

O que ficara no seu pensamento fora uma viva sensação da presença de Emily e a noção sempre crescente dos seus próprios direitos e do seu próprio valor. Aquele princípio de ressurreição, como escritor e como homem, fazia que sentisse agora o desejo ardente de nunca mais se afogar na bebida.

O facto de se encontrar naquele instante estendido no sofá do seu apartamento, com um copo de whisky duplo na mão, não representava de modo nenhum uma quebra deste propósito. Craig conhecia bem os diversos aspectos da sua bebedeira. Era o Craig normal, dos tempos remotos de Harriet, quem agora ali estava a beber um whisky reforçado, antes do jantar, e nada mais. À parte esse, havia ainda o Craig suicida dos últimos anos, que, depois desse, tomaria ainda mais uns cinco ou seis, até mergulhar no esquecimento total.

401

Naquela tarde, eram já dezoito horas, estava ali, o Craig normal, repousando, com um copo na mão, antes do jantar, e nada mais.

Sabia-lhe bem aquele momento, de solidão no apartamento. Teria desejado jantar com Emily, mas esta havia prometido acompanhar o tio e outros membros da Real Academia das Ciências à Ópera. Por outro lado, se esse espectáculo o privava de certos prazeres, em contrapartida proporcionava-lhe outros, pois ao chegar ao átrio do hotel recebera um bilhete de Leah avisando-o de que jantava com Mr. Manker, e que, tal como Emily, iria depois à Ópera. Não desejava encontrar-se com Leah naquela noite. Por isso bendizia a Ópera enquanto sorvia o whisky. Agradava-lhe estar sozinho, a reflectir. Apreciava mais aquela bebida por ser a única. Saboreava-a delicioso e não a absorvia como um soporífero. Que iria fazer nessa noite? Talvez comprar algumas revistas americanas ao balcão da entrada, jantar sozinho numa mesa isolada do Jardim de Inverno e depois regressar aos seus aposentos. Vestiria o pijama, meter-se-ia na

cama, a rabiscar algumas notas sobre o Regresso a Itaca, ideias que lhe haviam ocorrido nos dois últimos dias, e a seguir iria ler uma nova biografia, em inglês, de Kierkegaard, que os estudantes lhe haviam oferecido. Adormeceria cedo, para acordar também cedo e poder levar Emily a almoçar com ele e a dar um longo passeio.

Esvaziou o copo, dirigiu-se à casa de banho, lavou-o e colocou-o ao lado da pasta dos dentes; procurou a gravata de malha e pô-la para o jantar. Estava a vestir o casaco cinzento-escuro quando julgou ouvir alguém bater à porta. As pancadas repetiram-se. Craig correu a abrir.

No corredor, encontrava-se uma mulher ainda nova.

Viva, Mr. Craig saudou ela.

Ele não a reconheceu. Trazia sobre os cabelos cor de acaju um chapéu à Robin Hood. O nariz lembrava o bico de uma gaivota. Os dois lábios, de tão fechados, dir-se-ia serem um só. Vestia um casaco de corte militar e debaixo do braço, presa ao pulso por uma corrente, trazia uma enorme carteira de cabedal preto que lembrava uma pasta de correio diplomático.

No momento em que ia para se apresentar, desatou a piscar os olhos de forma desconcertante, e Craig recordou-se imediatamente de quem ela era.

Lembra-se de mim? Sou Sue Willey, da Consolidated Newspapers.

Ele lembrava-se e teve vontade de lhe fechar a porta na cara, mas, visto estar em seu juízo, não tinha coragem para fazer tal coisa e inquiriu com frieza Deseja alguma coisa? Ou veio apenas para verificar se eu sou capaz de fazer um quatro?

Lamento incomodá-lo, Mr. Craig, mas estou aqui no desempenho
402

das minhas funções. Como poderei escrever artigos se não fizer algumas perguntas às pessoas?

Há várias espécies de funções. Lizzie Borden também tinha as suas.

E foi absolvida retorquiue Sue Wiley. Escute, Mr. Craig, já lhe disse que lamento se...

Não faço tenção de a mandar entrar nem de ficar aqui de pé. Diga depressa o que deseja.

Está lá em baixo uma pessoa que gostaria de o conhecer... e que o senhor talvez também deseje encontrar...

Quem é?

Na sua conferência de imprensa, o senhor elogiou Gunnar Gottling como sendo o mais talentoso escritor da Suécia. Está agora no átrio lá em baixo e eu prometi-lhe que o apresentaria.

Craig mostrou-se logo interessado. Contudo, hesitava.

Que tem você a ver com Gottling?

Conheci-o por acaso no desempenho das minhas funções. Tenho entrevistado todos os suecos de fama acerca do Prêmio Nobel. combinei encontrar-me com Gottling esta tarde. Estivemos a beber umas coisas. Ele é um grande conversador e sabe tudo. Não sei como, o seu nome veio à baila, e, naturalmente, ele falou imenso a seu respeito e acerca dos prêmios literários. Eu disselhe que você se encontrava hospedado no Grande Hotel e perguntei-lhe se estaria interessado em o conhecer. Disse que sim e eu lembrei que poderíamos ir jantar todos três. Trouxe-me de carro até aqui e...

Miss Wiley: eu teria muito prazer em jantar com Gunnar Gottling.

Mas, na sua companhia, dispense, obrigado.

O cérebro automatizado de Sue Wiley, digeriu, calculou, reflectiu rapidamente, graças a um longo treino. Carregara na tecla «Gottling».

Carregara na tecla «Craig». Carregara na sua própria tecla. Porém, ao que parece, a operação não saíra certa. Mexeu numa alavanca e subtraiu a sua pessoa. Craig e Gottling ligavam. Quando

duas pedras se chocam salta uma faísca. E ela, uma vez que não conseguia a história em primeira mão, conseguiu-la-ia em seguida. Reforçado por combustível alcoólico, Gottling contar-lhe-ia no dia seguinte o resultado.

Muito bem, Mr. Craig. Não me ofendo retorquiu. Se não deseja a minha presença, faça-se a sua vontade. Já tirei do Gottling o que queria saber, por isso não me importo. Limitar-me-ei a fazer de bom samaritano e talvez isso me faça subir um pouco na sua opinião.

Vou apresentá-los e depois retiro-me. Está bem?

Craig permanecia desconfiado. Os sentimentos altruístas não assentavam bem naquela mulher. Fitou-lhe os olhos continuamente piscos.

Retira-se? Mas retira-se em que medida?

Retiro-me de todo, completamente. Apresento-os e desapareço na atmosfera, caio morta ali mesmo, se tanto exigir.

403

Craig continuava a antipatizar com Sue Wiley, mas já não podia desconfiar dela neste caso. Um encontro com Gottling, assim sem combinação prévia, era uma tentação irresistível. Admirava a prosa de Gottling, sem inibições de nenhuma espécie, natural, destrutiva.

Como escritor, Craig sentia-se renascer para a vida, e agora queria conservar essa vida. Jantar com um camarada, um camarada estrangeiro, por quem sentia admiração, seria uma coisa estupenda.

Okay respondeu Craig. Deixe-me ir buscar o sobretudo.

Seguiram juntos pelo corredor, desceram no elevador sem trocarem uma palavra.

Ao entrarem no átrio cheio de bulício, Sue apontou para o balcão dos jornais.

Ali está ele.

Gunnar Gottling caminhava, batendo com os pés no chão, em volta de uma mesa, de mãos atrás das costas, sem fazer caso dos olhares nem das frases segredadas pelos circunstantes. O que saltou

logo aos olhos de Craig foi uma figura atarracada de mediana estatura, cujo ventre saliente fazia parecer mais baixo do que na realidade era. Usava um excêntrico gorro de pele e um casaco também de pele, já coçado, que se abria e adejava com o andar. Quando se aproximaram, Craig distinguiu-lhe as feições de cossaco, a testa estreita como a do homem de Cro-Magnon, as sobrancelhas hirsutas e mal cuidadas, lembrando franjas de lã. Os olhos fundos pareciam mais vermelhos do que castanhos, por estarem raiados de sangue. O bigode não constituía apenas um ornamento do lábio superior: dir-se-iam antes dois tufos de pêlos rebeldes a cobrirem a boca e parte das faces. O peito lembrava o de um taberneiro dos fins do século passado e as bandas do casaco apresentavam-se cobertas de nódoas de vinho e queimaduras de cigarro.

Mr. Gottling disse Sue Wiley , aqui está Mr. Craig.

Gottling pigarreou, tossiu e apertou na sua mão a mão de Craig, quase lha esmagando.

Pois, pois, pois! grunhiu.

Sei que ambos desejavam imenso conhecer-se prosseguiu Sue Wiley, tentando observar ambos ao mesmo tempo.

Sim, gostei imenso dos seus livros, Mr. Gottling declarou Craig.

Você é um bom leitor afirmou Gottling. Quanto aos seus escritos, falaremos depois. Olhou em torno fungando com desagrado.

Isto aqui é infecto. É bom para os gordalhufos. Será você por acaso um gordalhufo, Mr. Craig?

Não sei bem o que quer dizer com isso...

Um daqueles que só sabem criar carne, fartos e cheios de tudo e que só gostam de se exhibir.

404

Não me parece.

Não se deixe desencaminhar nesse sentido por essa coisa do Prêmio. É dinheiro de Judas! Como ele, você vende-se ao conformismo, à decência de si próprio, ao comercialismo. Nunca

nenhum escritor escreveu uma só palavra que se aproveite depois de haver ganho um Prêmio. Livra, não se pode respirar aqui. Onde havemos de ir comer e beber?

Sue Wiley olhou de viés para Craig e apressou-se a responder: Não conte comigo, Mr Gottling. Tenho muito trabalho esta noite.

Gottling olhou Sue Wiley com ar carrancudo.

Que quer você dizer com isso... trabalho? No caso das mulheres, isso atrofia o esqueleto. O melhor que tem a fazer é ver se arranja alguém com quem se deite.

A voz de Gottling soou como um gongo e muitos dos presentes voltaram-se para ele, horrorizados, a arregalarem os olhos. Craig desejava poder sumir-se pelo chão abaixo. Porém, Sue Wiley, calejada pela experiência de muitas sessões públicas e conferências de imprensa, ficou impassível.

Mr. Gottling, agradeço-lhe o conselho, mas eu gosto de trabalhar.

E obrigada também pela entrevista. Foi estupenda. Ver-nos-emos amanhã. Boa noite, Mr. Craig.

E saiu com dignidade.

Cerebral e frígida resmungou Gottling, depois de ela se afastar.

A típica mulher americana.

Se fossem todas assim, mudava já de nacionalidade. Aposto que isso não é exacto.

Não é? Diabos me levem se não tenho razão. com quantas americanas dormiu você até hoje, Craig?

Sei lá! com uma dúzia delas, ou duas dúzias, nunca as contei.

Pois eu, Gunnar Gottling, contei-as. Só deixei de as contar a partir do cento. São todas iguais, todas! com excepção das polacas.

São mais rígidas do que uma estátua. Fungou com ar de desprezo.

Já sei onde havemos de ir abancar. Conhece o Djurgardsbrunn Wardshíis?

Não sei bem.

Se lá tivesse estado, lembrava-se. É a melhor taberna da Suécia. A quinze minutos daqui, no parque. Venha daí.

Gottling saiu, com Craig, muito mais alto do que ele, um pouco atrás. O ar gelado bateu-lhes no rosto e ambos vacilaram. Depois começaram a correr em direcção à station Volvo de Gottling.

Daí a minutos, rodavam nos arredores da cidade. Craig começou a desconfiar de que o seu companheiro era míope, mas demasiado vaidoso para usar óculos, pois guiava todo inclinado sobre o volante, a perscrutar a escuridão através do pára-brisas, muito atento à estrada.

405

Acha que falo bem inglês? regougou Gottling, enquanto obrigava o carro a descrever uma curva.

É bastante fluente. Ia apostar mesmo que já viveu nos Estados Unidos.

Então, onde julga você que eu o aprendi? Estive nessa porcaria de terra durante seis anos, mal tinha deixado as fraldas. Meti-me num cargueiro e depois fui de boleia até Chicago. Trabalhei como estivador, estive empregado em tabernas a pôr fora os desordeiros e depois servi no bar do entroncamento ferroviário. Costumava passar o meu dia de folga em Comiskey Park, a embebedar-me juntamente com outros e a berrar. À noite, andava metido com as pretas. Por acaso, nunca experimentou isso, Mr. Craig?

Nunca, por falta de oportunidade.

Pois não perdeu nada. Cheiram bem, têm uns grandes mamilos e sabem mexer-se. Mas não são nada daquilo que se diz. O resto não passa de imaginação da parte dos brancos. Esperam encontrar toda a espécie de prazeres animais. Nada disso. As mulheres de cor em Chicago são todas neurasténicas e azedas. Como é que alguém se pode entregar completamente a uma pessoa que se odeia? Dá-se o mesmo com as prostitutas brancas, exceptuando as polacas. Essas são especiais, uma espécie de tigres.

Porque foi para os Estados Unidos, Mr. Gottling?

Pelo motivo que já lhe disse. Era um rapazola muito verde e lera bastante. Naquele tempo, a Suécia não se podia considerar propriamente um paraíso. Isto passava-se antes de todas estas reformas sociais.

Nessa época, havia quem estivesse por cima e quem estivesse muito por baixo. Eu queria um sítio onde tivesse liberdade de movimentos e pudesse fazer o que quisesse. Só podia escolher entre a Rússia e os Estados Unidos. Nunca gostei dos bolchevistas, e ainda hoje não gosto. Era o que faltava, vir um comissário qualquer dizer ao Gunner Gottling o que ele havia de fazer! Portanto, escapei-me para os Estados Unidos. Também lá, era tudo uma farsa. Leis muito bonitas, puritanismo, reformadores, *etc.* com raras exceções, que vocês apresentam como exemplo nos livros de história, a verdadeira história é esta: os pobres continuam a ser pobres e os ricos passam a ser cada vez mais ricos Isto é a democracia! Ah! Ah!

Na escuridão do carro aos solavancos, Craig olhou para o seu azedo interlocutor.

Já sei quais as coisas que lhe desagradam. Mas quais são as que você defende?

A anarquia, pura e simples. Estive noutros tempos com os tipos de Barcelona. Eles tinham feito bem se viessem para a rua. Só a anarquia tem razão de ser. O regresso às tribos em absoluta liberdade É esta a minha teoria. Isso e a república de Gottling, em que há três cidadãos de boa fé: eu, eu próprio e a minha pessoa. Será este o título 406

da minha autobiografia, se alguma vez me der ao trabalho de a escrever.

Continuou a guiar o carro em silêncio, até que a certa altura desviou os olhos da estrada para perguntar: Você disse que tinha lido os meus livros, Craig. Quais?

Os dois que estão traduzidos para inglês. Aquele da rapariga da Lapónia que vem para Estocolmo e sofre os efeitos da civilização.

E também o outro, em que você conta a história do lavrador que se emprega em... em Malmoe, creio eu... e traz a família para viver num bairro das cooperativas.

Gostou? inquiriu Gottling bruscamente.

Já lhe disse que os achei excelentes. Bastante longos, um bocado crus, mas excelentes.

Acho que tem toda a razão. E quem me dera poder dizer a mesma coisa dos seus.

Craig assumiu uma expressão dura.

Fale à sua vontade. Isto não é um passeio recreativo de escuteiros.

Você escreve de luvas, Craig. Tem medo de escrever. Por isso é que usa de tantas delicadezas.

Craig sentiu um aperto de revolta dentro do peito. Quem diabo se julga este Gottling? O rei dos escritores desconhecidos? Não estava disposto a deixá-lo naquela noite mostrar a sua superioridade.

Quem é que tem medo de escrever? interrogou. Eu tenho abordado problemas importantes. Muito mais do que você.

Não se irrite volveu ironicamente Gottling. Eu estou farto de conhecer os seus famosos problemas. Mas por que diabo se esconde você e vai apresentar os seus protestos um século atrás? Agora mesmo no momento actual, neste mundo em que vivemos e na cara de todos os patifes é que devia barafustar. Dê-lhes com o chicote. No dia em que o fizer, será um homem célebre, um campeão. Até agora, você não passou de um zaragateiro, que arranha mas não faz sangue.

Percebe o que eu quero dizer?

Craig sabia perfeitamente; era o mesmo que Harriet lhe dissera um dia, mas agora não gostou de o ouvir. Viera jantar com Gottling,

apercebia-se disso muito bem, com o fim de se sentir lisonjeado.

E acontecia-lhe uma daquelas. O seu orgulho ressuscitara havia muito pouco tempo para poder suportar este novo golpe. Deixou-se, portanto, ficar calado.

Cá estamos declarou Gottling. Torceu o volante e saíram da estrada para se deterem ao fundo de umas escadas que pertenciam à entrada de uma casa semelhante a uma estalagem inglesa do século XVIII.

Fazia demasiado frio para se poderem demorar ao ar livre. Subiram a escada a correr e entraram no vestíbulo da Djurgardsbrunns Wards 407

hus. Enquanto uma empregada os ajudava a despir os sobretudos, Craig avistou, à esquerda, a sala de jantar principal, com as suas toalhas brancas de neve, onde se encontravam vários pares, e à direita a sala do bar, quase cheia de gente.

Que deseja, Craig? Comer ou beber?

Parece-me que bebia qualquer coisa.

Gottling fez uma careta grotesca, debaixo de bigodeira feroz.

Estou a ver que nos entendemos.

Penetraram no bar cheio de ruído. Havia ali mais de uma dúzia de homens, alguns empoleirados nos bancos, junto ao balcão, outros a verem uma peça na televisão, os restantes sentados à volta das mesas.

Ao que parecia, todos conheciam Gottling, pois cumprimentavam-no com amizade, e ele respondia-lhes com insultos afectuosos. Conduziu Craig para uma mesa de canto, um pouco afastada das outras, e sentaram-se ambos em cadeiras forradas de um tecido escocês tão grosso como uma manta para cavalos. Gottling mandou vir um gin duplo com gelo e Craig um whisky também duplo com gelo, e ficaram ambos à espera, fingindo-se absorvidos a ver um homem atirar setas a um alvo já muito usado instalado por baixo do aparelho da televisão.

Quando chegaram as bebidas, Craig ingeriu de uma vez metade da sua e ficou a saborear a sensação de calor que se lhe espalhava pelas veias. Depois bebeu outra vez. Teve consciência de que Gottling o observava e ergueu os olhos para encontrar os dele.

Gottling meneou a cabeça em sinal de aprovação.

Ouvi dizer que você bebia bastante, Craig. Acho que foi isso que me decidiu a encontrar-me consigo.

Quem disse que eu bebia muito?

A tal dama que tem os órgãos genitais de vidro granitado, a sua Miss Wiley.

Ah, essa cabra!

Se não foi ela que mo disse, então soube-o de qualquer outra maneira. Conheço um bebedor inveterado só pelo modo como dobra o cotovelo. Os amadores chupam, sugam e mamam, fazem disto uma ocupação secundária. Mas os da velha guarda, como eu e você, atiramos o álcool pelas goelas abaixo como quem sabe que há lá mais, no sítio donde este veio. E como quem considera isto a coisa mais importante da vida, isto é, à parte uma aventurazita de vez em quando e escrever lá de tempos a tempos.

Eu bebo por gosto, Gottling. Engulo o álcool com o mesmo espírito com que Sócrates engoliu a cicuta, como uma coisa mais necessária do que a própria vida.

Você é um tipo muito complicado.

E sou mesmo. Também foi a Sue Wiley que lho disse? Vamos tomar mais um copo.

408

Gottling gritou para o barman através da sala e passados momentos estavam de novo servidos.

Por que diabo conversou você com ela? quis saber Craig.

Quem? A tal dama que é de vidro granitado por baixo?

Exactamente. Foi por causa da publicidade?

Você está a trocar de mim, Craig. Eu não preciso de mais publicidade.

A tal dama veio ter comigo dizendo que eu fora proposto seis vezes para o Prêmio Nobel e nunca mo haviam dado; que estava a escrever uma série de artigos acerca de todo esse mecanismo dos prêmios e se eu tinha alguma coisa a dizer a tal respeito. Pois bem, meu amigo, o Prêmio Nobel é um dos meus assuntos favoritos. Quando tomo o freio nos dentes, acabo por encontrar nisso quase tanto prazer como no acto sexual. Por isso me prontifiquei logo a conceder-lhe a entrevista. Ela encheu dois cadernos num abrir e fechar de olhos.

E por que motivo é que você nunca recebeu o prêmio, Gottling?"

Porque é que nunca o deram ao Strindberg? Pois a razão é a mesma. Divorciei-me duas vezes. A primeira por bater com a cabeça da minha mulher contra uma parede. A segunda por dormir com a minha enteada. Há cinco anos que tenho uma amante dinamarquesa, que vai de óculos para a cama; é isso que me atrai nela e eu deixo-a dar entrevistas em meu lugar. Tenho quatro filhos ilegítimos e estive preso seis vezes por fazer distúrbios na rua quando estava bêbado.

E a minha literatura não é propriamente idealista. O livro em que a rapariga da Lapónia vem para Estocolmo e a cidade a corrompe, fazendo dela uma prostituta... você sabe que os meus colegas ficaram muito escandalizados. Não gostaram nada da brincadeira. No entanto, ainda os não desmanchei dessa vez, esperei porque julgava que acabariam por me dar um dia o Prêmio, como aconteceu ao nosso amigo Gide ou ao velho Hamsun. Quer dizer, era eu, presentemente, o único escritor sueco que valia alguma coisa. E lá os velhotes da Academia gostam de se masturbar, isto é, de conceder honras a si próprios, aos seus, e, mais tarde ou mais cedo, imaginava, pensariam em eleger um sueco, que seria eu, inevitavelmente. Que as honras não me interessavam nada; só queria o dinheiro, porque esse fazia-me jeito. Mas eu tenho os meus

informadores particulares e, ao fim de dois anos, descobri que não podia fazer nada com eles. Por isso acabei por os mandar todos para o Diabo. Não se pode ter tudo nesta vida e resolvi gozar um bocado com eles. Então, desatei a escrevinhar e, em seis semanas, deitei cá para fora um romance sobre as dezoito sumidades da nossa Academia, apenas com ligeiros disfarces. O que eles são na vida real, *etc.* E, caramba! Que bomba! Eu ganhei o dinheiro e eles fartaram-se de me ameaçar com o tribunal, mas no fim não se atreveram.

O livro nunca foi traduzido para a América. É uma obra notável.

Mas dei uma ensinadela ao Comité Nobel, e aí tem você a razão
409

por que nunca verá o meu nome ao lado do seu nem do velho Thomas Mann ou de Rudyard Kipling.

Craig emborcou o segundo whisky duplo e mandou vir o terceiro; Gottling fez o mesmo.

Que quis você dizer quando se referiu ao facto de os júris prestarem honrarias a si próprios e aos seus? inquiriu Craig.

Nepotismo, meu menino. Nepotismo à moda antiga explicou Gottling. Existem quatro pequenas nações escandinavas a Suécia, a Noruega, a Dinamarca e a Finlândia, qualquer delas com talento per capita como a capacidade de um dedal, mas possuindo uma grande admiração mútua. Repare só nos primeiros sessenta anos do Prémio Nobel. Estes países receberam trinta e um prémios. Não é incrível? Trinta prémios nos primeiros sessenta anos! A Suécia e a Noruega não fizeram outra coisa senão dar palmadinhas nas costas uma da outra e dos seus vizinhos nórdicos. Que fantochada!

Não era isso o que Nobel tinha em vista, não é verdade?

Quem sabe? Eu penso que não. Ele declarou que os prémios deviam ser distribuídos sem atender à nacionalidade. Porém os seus testamenteiros não o entenderam assim. Já ouviu falar em Berth von Suttner, a secretária de Alfred Nobel? Pois bem, quando lhe recusaram um dos primeiros Prémios da Paz, a família Nobel foi a

Oslo e declarou: «Ouçam cá, meus amigos: Alfred Nobel instituiu o Prêmio da Paz por causa da nossa velha Berth, portanto, vamos lá a isto.»

E assim, em 1905, ela ganhava o Prêmio. De então para cá, o caminho estava aberto. Quem diabo ouviu jamais falar em Nathan Soederblom fora da Escandinávia? Mas veja o que se passa em 1930: dão-lhe o Prêmio Nobel da Paz. Porquê? Porque não? Fora ele quem lera as orações fúnebres no enterro de Alfred Nobel e era arcebispo de Upsala.

E assim por diante. Quem é que leu as obras de Von Heidenstam, de Gjellerup, de Jensen, de Sillanpaa, de Pontoppidan? Todos eles nórdicos. Todos eles laureados. Que diabo! Pois se até em 1931

a Academia da Suécia quebrava uma das suas regras mais severas para conceder o Prêmio a um morto...! Fizeram isto, sim senhor! Tinham uma grande estima pelo seu secretário, um tipo simpático, chamado Erik Alex Karfeldt. A mulher e as filhas ficaram em muito más condições e por isso deram-lhes o Prêmio. Muito comovente. Mas que tem este gesto a ver com o facto de se honrar um grande escritor?

E em que plano vem ele colocar o próprio Prêmio?

No entanto, continua a ser o mais considerado de todo o mundo observou Craig.

Claro. E sabe porquê? Porque a maior parte do mundo democrático acabou com os títulos e todas essas trapalhadas. Mas os homens continuam a ser homens. Pelam-se por títulos, por fazerem parte de um escol, de uma classe superior. Os camponeses têm a sua igualdade, mas sentem a nostalgia da realeza. É então que aparece

410

\
o Prêmio Nobel, no momento exacto, na viragem do século, quando tudo parecia insípido e sem interesse. Era disso mesmo que as massas estavam a precisar. Fizeram dele a sua Ordem da

Cavalaria. Por isso ele se tornou tão respeitado e popular. O povo é masoquista, não passa de uma cambada de loucos e estúpidos. Gottling emborcou o copo de gin duplo. Se eles porventura soubessem a fantochada que está por detrás de todo este cerimonial das eleições, não só o nepotismo, mas ainda os preconceitos mesquinhos e a política...

Mas não me parece que isso constitua segredo para ninguém observou Craig. Jacobsson levou-me ontem a visitar a Academia e foi de uma honestidade absoluta quando se referiu à votação do Prêmio da Literatura. Disse que havia alguns aspectos bons e outros maus.

Jacobsson resmungou Gottling, rodando com o copo em cima da mesa. O conde Bertil Jacobsson? Esse papagaio empalhado que devia estar já há muito tempo debaixo da redoma de um museu?

Esse vive no passado. Não tem nada de comum com as pessoas que andam e respiram. Por que motivo julga você que a Fundação o aguenta?

Para servir de fachada, porque tem sangue azul, conheceu ainda Alfred Nobel, é muito erudito em história e parte da sua tática é ir ao encontro das críticas. Aposto em como ele ontem lhe veio com o velho palavreado a razão por que Tolstoi, Ibsen e Hardy nunca receberam o Prêmio, ao mesmo tempo que lhe fazia notar todos os outros nomes ilustres que foram galardoados. Tudo isso é uma técnica para desconcertar os visitantes e mandá-los dali para fora a abanar o rabo de contentes. É uma franqueza estudada que tem por fim fazer-lhes perder o sentido da objectividade. E mais ainda.

Aposto também que ele não teve a franqueza de lhe confessar que o júri andou sempre a lambar as botas aos Alemães, como no caso desse tal Krantz, e a olhar por cima do ombro para os Americanos. Assim foi, pelo menos, até ao fim da segunda guerra mundial. E como tem sempre boicotado os Russos.

O whisky subira já à cabeça de Craig e a sala andava à roda.

Eu simpatizei com ele afirmou.

Vocês os Americanos, gostam de toda a gente resmungou Gottling só para terem a certeza de que toda a gente gosta de vocês.

Que aldrabões! com que então, gostou do Jacobsson? Mas ele contou-lhe a maneira como essa cambada dos júris tem andado a lamber as botas aos Alemães e a espetar a faca nos Russos?

Não, não contou. Acho melhor mandar vir outro whisky.

Eu também faço o mesmo... Eh! Lars, enche outra vez isto!

Voltou para Craig os olhos injectados de sangue. Gosta deste sítio?

É o melhor do mundo asseverou Craig com a voz pastosa.

Tem toda a razão.

411

Mas que ia você a dizer a respeito dos Alemães? inquiriu Craig.

Dos Alemães? Receberam quarenta e nove prêmios em sessenta anos. E os Russos? Sete, em sessenta anos, e podem dar-se por muito felizes.

Mas eu diria que isso é dar provas de coragem, fazer negaças à Rússia, quando ela está sempre pronta a saltar-lhes ao pescoço.

Qual coragem, qual o quê! explodiu Gottling. Todos os suecos têm medo que se pelam da Rússia. E, quando é preciso, são até capazes de rastejar. Porque julga você que a Suécia não entrou para a N.A.T.O.? Porque teve medo da Rússia, apenas por isso.

Só queria que possuíssemos a coragem da Noruega. Esta desafiou os nazis quando nós ficámos de braços caídos, e agora fazem frente aos comunistas e nós ficamos calados. Deram o Prêmio da Paz, em 1961, ao velho Hammarskjold, sabendo perfeitamente que os bolchevistas lhe tinham um ódio de morte. E nós, seus vizinhos porta com porta, como procedemos? Ficámos pálidos como defuntos, de olhos arregalados e cheios de vergonha da nossa cobardia. Que fazemos então para salvaguardar a nossa consciência nacional? Fingimos ser homens a valer, deitamos a língua de fora aos

Russos como meninos malcriados e não lhes deixamos ganhar nenhum Prêmio. Assim, a que fica reduzido o Prêmio Nobel? A um prêmio político. Transformamos em instrumento político um prêmio que só os cabeças de burro dos Americanos continuam a considerar uma recompensa honesta. Santo Deus! Que aldrabice!

Chegaram as bebidas e Craig entornou parte da sua antes de conseguir levá-la à boca.

Mas você tinha dito qualquer coisa acerca de o Prêmio ser anti-americano e pró-alemão...

Disse, sim senhor. E provo-o com números. Posso estar bêbado, mas tenho tudo aqui, na cabeça. Tomemos a Química como exemplo.

Apenas um americano, de Harvard, Richards, o recebeu em trinta e um anos. Na Física: só um americano, da velha Chicago, Michelson, o levou, em vinte e um anos. Na Literatura, apenas outro, Red Lewis, em trinta e cinco. Na Medicina, unicamente dois, Carrel e Landsteiner, em trinta e dois anos. Quanto aos Alemães, oh, os nossos amigos da Fundação adoram-nos. Quinze ganharam o Prêmio nos primeiros dez anos, sem contar com o Prêmio da Paz, de que nem vale a pena falar. Na Suécia, quem mostrar um diploma tirado em Frankfort ou em Heidelberga está praticamente candidatado. Durante quarenta e tal anos, esses krauts eram considerados aqui de raça superior, embora se tratasse de nórdicos exactamente iguais a nós. Contudo, quando vocês, na segunda guerra mundial, lhes deram um pontapé no rabo e os mandaram para o Inferno, e quando descobriram a bomba atômica, houve um rebuliço em todos os comités Nobel. E, desde então, 412

começámos a atirar prêmios para cima de vocês e dos Ingleses como se fossem confetti Não me venha falar de imparcialidade acerca desse Prêmio imundo que lhe deram!

Então, que há com o Prêmio que ganhei? Craig fitava Gottling de olhos arregalados e entornava cada vez mais a bebida.

Que há de mal? Não esteve a ouvir o que eu disse? Você que tem estado aí, ou quê? Já lhe disse que a Rússia...

Não me lembro.

Sete russos em sessenta anos, nas cinco categorias, e nenhum destes casos se pode considerar limpo. Isto não é apenas anticomunismo; podemos afirmar que se trata de anti-russianismo. Temos passado a vida a tremer de medo desde a queda do czar. Que se passou com a Medicina e a Filosofia, nos primeiros sessenta prêmios? O velho Pavlov poderia tê-lo apanhado logo da primeira vez. Mas não senhor.

O júri andou a fazê-lo esperar durante quatro anos, até que por fim, em virtude de grandes pressões, cedeu. E foram obrigados a dar metade do Prêmio de Ehrlich a um russo, em 1908, porque vinha expresso no comunicado que isso lhe era devido em virtude das suas descobertas sobre a imunidade. Dois prêmios reles para a Rússia, em Medicina, no espaço de sessenta anos, e nenhum em cinquenta desses anos. Repare no que se passa com a Química: metade do Prêmio de 1956, e mais nada, meu amigo, nada mais, em sessenta anos! E na Física? Um único Prêmio, dividido por três russos, em sessenta anos!

E são estes os prêmios da ciência. Eu não tenho nenhuma amizade especial por essa cambada dos Russos. Já lhe disse que não posso nem cheirá-los. Mas que tem isso a ver com aquilo que eles realizam?

Foram eles que apresentaram os melhores trabalhos sobre longevidade e genética. Foram eles os primeiros a atirar para o ar um sputnik com um tipo chamado Gagarine lá dentro. É um país que fornece pénis artificiais aos soldados feridos na guerra. É um país onde Popov fez radiotransmissão diante de Marconi e onde Tsiolkovsky produziu foguetões de vários andares em 1911. Mas essas coisas não as vê a nossa Real Academia das Ciências, nunca. Segundo os nossos idiotas do Comité Nobel, a Rússia é uma terra

sem cientistas. E aqueles asnos de Oslo não valem mais. A Rússia não ganhou um único Prêmio da Paz em sessenta anos, mas a Alemanha... oh, a Alemanha! Apanhou três, a França oito e a América doze. E agora, meu filho, voltemos à primeira forma, isto é, à Literatura.

E Bunine e Pasternak... murmurou Craig.

Ivan Bunine e Boris Pasternak... dois russos em sessenta anos.

Você já pensou quem viveu e escreveu na Rússia durante todo esse tempo? Todos nós sabemos que Tolstoi foi recusado nove vezes. E que diremos de Tchekov e Andreiev e Artsibashev e Máximo Gorki, este ainda vivo em 1936?

Bunine e Pasternak repetia Craig.

413

Aldrabice! berrou Gottling, dando um soco na mesa. Mas ninguém no Bar Wardshus se deu sequer ao trabalho de erguer os olhos. Bunine era um russo branco refugiado em Paris que traduzira o *Hiawatha*, de Longfellow. Havia quinze anos que não punha os pés na Rússia, quando vocês, Americanos, o descobriram e propuseram, em 1933. E o velho Boris Pasternak, esse ídolo de opereta, cheio de genica, lá na sua dacha quem se importou jamais com ele enquanto o tipo escreveu poesia da boa? Quem pensou então em lhe conceder o Prêmio? Nenhum desses membros do júri sem espinha dorsal, essa lhe garanto eu! Mas no dia em que ele deitou cá para fora um romance em que criticava o comunismo, no momento em que teve a coragem de afirmar o que nenhum sueco se atrevia a dizer, galardoaram-no com um Prêmio que ele não podia aceitar. Um dia destes escreverei um livro de conselhos aos escritores do mundo inteiro. Vou dizer-lhes: «Camaradas, revoltem-se! Quer sejam russos ou americanos.

Camaradas, atenção: quer vocês sejam russos, americanos ou lá de que raça for, agarrem num pastelão anticomunista e traduzam-no

para sueco. Ficam garantidos. Apanham o Prêmio Nobel e o dinheiro.

Como o nosso amigo Andrew Craig.»

Craig fitou Gottling com os olhos torvos.

Que raio está você para aí a dizer?

Factos, só factos, meu filho retorquiu Gottling, dando um arrote e engolindo o gin de um trago. Factos exactos. Então porque julga você que apanhou o Prêmio Nobel? Por ser um autor extraordinário?

Por o considerarem o melhor do ano? Por se tratar do maior escritor idealista do mundo? É isso que você julga? Foi isso que o Jacobsson e esse saco de batatas da Ingrid Pahl lhe afirmaram? Por se poder comparar com um Kipling, uma Sigrid Undset, um Galsworthy, um O'Neill? Patranhas! Você não é nada disso, e os tipos da Nobel sabem-no muito bem, assim como toda a gente da Escandinávia.

Você serviu apenas de espantalho, utilizam-se de si, nada mais. Esta é que é a verdade, meu filho!

De que está você a falar? inquiriu Craig. Sentia o cérebro e a língua entorpecidos, mas experimentava ao mesmo tempo uma vaga sensação de receio. Isso é dor de cotovelo.

Sou eu o único tipo da Suécia que tem coragem para lhe dizer isto na cara, Craig. Sou suficientemente caridoso para isso. Não quero que ande para aí a fazer figura de parvo. O Prêmio Nobel da Literatura para Andrew Craig! Ah! Ah! Ah! Aldrabice! O Prêmio Nobel da Propaganda Anti-Russa, assim deveria chamar-se. Você foi eleito porque os Suecos têm uma rixa diplomática com a Rússia por causa de duas ilhas no Báltico nunca ouviu falar nisso? , e os Suecos, que vão perder, terão de rastejar, ver-se-ão obrigados a fazer marcha a trás. Mas têm de salvar a face. É esse o nosso único orientalismo: salvar a face. E assim, sabendo-se de antemão derrotados, é 414

para eles uma espécie de vingança de chinês o facto de concederem o Prêmio ao seu romance anticomunista, O Estado

Perfeito. Gostamos de mostrar que já somos uns meninos crescidos e que não temos medo de ninguém, mesmo quando estamos de gatas.

Você está a inventar isso tudo, Gottling. Você está despeitado, é o que é, e tem de descarregar em alguém. Se a Academia da Suécia quisesse dar uma bofetada na Rússia através de um Prêmio, encontraria sem dificuldade dúzias de livros anti-soviéticos muito mais fortes que o meu, em dezenas de países.

Isso sim! Você está completamente cego, homem! Um Prêmio concedido a um escritor abertamente anticomunista seria demasiado perigoso, e eles não querem repetir a história do Pasternak. Isso deu-lhes terríveis amargos de boca; não gostam de jogar abertamente o boxe, mas sim de vibrar um soco pela calada, por uma questão de prestígio, para satisfazerem a consciência. O seu romance é anti-russo, está muito bem. Mas para nos apercebermos disso é preciso tirar-lhe a camada de açúcar. Se Moscovo se mostrar ressentido, tal como aconteceu, porque eu leio o Ny Dag, a nossa «folha de couve» comunista-nacional, a Academia não faz mais que mostrar-se surpreendida, como de facto já se mostrou. Encolhem os ombros e dizem que premiaram apenas um romance histórico acerca de Platão e da antiga Siracusa.

Está a ver? Toda a gente percebe que não se trata disso, mas ninguém o pode provar. É um acto de quem está assustado, como, por exemplo, assobiar no escuro. O seu livro é uma obra de quem tem medo.

Enfim, plagiando Gunnar Gottling, isso é tudo uma aldrabice.

Ah, sim! Diabos me levem se não é mesmo. Escute. Se eu estivesse menos bêbado, não lhe diria nada disto. Mas tenho dois grandes amigos na Academia. São eles que me propõem todos os anos. No fim de cada votação, recebo um relato do jogo. Quando surgiu o seu nome, foi votado apenas por três dos vinte membros do júri: essa bruxa da Pahl e mais dois outros anjinhos, que o julgavam a si mais esperto do que o A. A. Milne ou o Edgar Guest. Você era

como se estivesse morto, até que alguém trouxe à baila a história da Rússia e das duas ilhas no Báltico. Estabeleceu-se depois uma discussão acalorada, e então alguém lembrou que a única coisa boa do seu livro era desmascarar os Russos, para quem soubesse ler nas entrelinhas.

Dali a uma hora já todos concordavam em que se você ganhasse o Prêmio seria uma boa lição para esses malandros dos Russos. E foi assim que você venceu, para darmos uma lição aos Russos. Desculpe, meu filho, talvez você um dia venha a escrever livros a sério, mas ainda não foi desta, todos sabem isso muito bem. Portanto, volte para a sua terra com o dinheiro embrulhado no diploma e dê-se por muito satisfeito.

Craig ficou imóvel. A névoa do álcool que o envolvia todo, como

um feto na placenta, não era suficiente para proteger o seu frágil renascimento como homem. Até há poucos momentos, estivera apenas a ouvir a opinião de Gottling, tomando-a meio a sério meio a rir. Aquele sueco decadente tinha a língua afiada e revoltava-se contra tudo, julgando engrandecer-se à custa dos outros. Uma vez que se aceitasse isto, que se compreendesse o homem, não se fazia caso e deixava-se andar.

No entanto, as últimas palavras dele tinham um grande cunho de verdade e, se fosse certo o que dizia, era uma catástrofe. Craig queria renascer ali na Suécia, um último renascimento da alma e da personalidade, saudável e total. Se abortasse e nascesse morto, só lhe restaria também a morte e a esterilidade como escritor. Não ia aceitar aquela maldita versão do Gottling.

Você está a querer envenenar-me, Gottling, mas não o consegue. Teve a sua oportunidade, bem vê. E perdeu, perdeu completamente.

Não é capaz de ombrear connosco, portanto vingá-se como pode. O que você quer é arrastar-nos consigo para a lama. Consegue levar

as pessoas revestindo-se de um ar de candura e de inocência, mas, no fundo, está completamente apodrecido. Se não fosse seu convidado, esmurrava-lhe a cara.

Gottling rosnou qualquer coisa e voltou-se para fitar Craig de frente.

Não caia nessa. Laureados da sua laia como eu todos os dias ao almoço, Craig. Parto-os aos bocadinhos e como-os.

Da minha espécie, talvez não. Duvido que seja capaz de me comer. É você quem paga estas bebidas?

Gottling calou-se por um momento e depois aclarou: Sou eu, sim. Então, está bem.

Craig, você não pode conseguir que eu jogue à pancada consigo, porque eu gosto de si. Gosto de si a valer.

Os olhos de Craig traduziram surpresa.

A sério! afirmou Gottling. Sei que você é um zero e não o ignora. Talvez um dia venha a ser mais alguma coisa, se tiver vida e saúde, mas até hoje não passa de um zero. Contudo, gosto de si.

E sabe porquê? Não tenho vergonha de lho dizer. Porque você disse aos jornalistas que eu tinha talento e que merecia ganhar o Prêmio.

Você declarou aos jornais que eu tinha talento. Há quanto tempo ninguém diz isso de mim! Nunca nenhum laureado disse tal coisa.

Hei-de lembrar-me até morrer.

Mas se eu sou um zero, que lhe adianta eu dizer que você tem talento?

É que talvez você não seja um zero, afinal. Nem eu. Nunca percebi nada de números, confesso. Vamos beber mais um copo, Craig.

Quem paga sou eu. Sou eu sempre quem paga tudo!

416

Craig nunca percebeu de que forma tinha chegado em frente daquele enorme ginásio, em Valhallavagen, perto do antigo Estádio

Olímpico, pouco antes das dez e meia da noite.

Não se recordava de Gottling o haver deixado diante do Grande Hotel e de se ter ido embora no carro. Craig ficou a balouçar-se sobre as pernas durante algum tempo, à porta, sem saber o que fazer. Estava um frio de rachar e não se via viva alma na rua; até o porteiro procurara refúgio lá dentro. O único sinal de vida consistia nos dois motoristas dos táxis, a dormir cuidadosamente fechados dentro dos veículos.

A princípio, Craig não fez caso do frio. Parecia-lhe estar protegido dele pelo álcool. Ficara ali, balouçando-se ora numa perna ora na outra, a ponderar o seu problema e as três sugestões que se lhe ofereciam.

O problema que o afligia era sentir-se vazio. O menino-cérebro, aquele filho da esperança, trazido à vida e tratado carinhosamente por Jacobsson, na Academia da Suécia, depois por Emily e pelos estudantes de manhã e de tarde, nascera morto, afinal. O ataque directo de Gottling fizera-o em pedaços. Encontrava-se agora tão completamente morto como naquela tarde, em Miller's Dam, no momento em que chegara o telegrama, em que Lucius Mack o deitara na cama e ele se afundara na inconsciência. Vácuo total.

Agora, enquanto o vento o fustigava, sentia que existiam três soluções.

Se a ópera já tivesse acabado, seria Emily quem se encarregaria de lhe dar vida, de lha restituir. Porém, apresentar-se assim diante dela, despojado de força, fraco de vontade, sujo e aparvalhado, podia fazer que a rapariga se desgostasse para sempre dele. E havia ainda outra coisa, outra coisa que sentia na cabeça, no coração e entre as pernas. Desejava o esteio vivificante do amor de uma mulher.

A Craig apetecia isto ardentemente, era o seu remédio contra o vácuo, o sintoma de que ainda servia para alguma coisa ou de que a vida podia valer ainda a pena viver-se. Desejaria poder espetar uma

agulha numa boneca, profundamente, e proferir as palavras mágicas que fizessem desaparecer do mundo aquele enorme e perverso Gottling.

Desejava Emily, mas não a encontraria preparada; ela seria incapaz de o compreender; a força da sua paixão fá-la-ia fugir espavorida, e então perdê-la-ia para sempre. Não, não podia contar com Emily naquele momento.

Considerara a segunda solução, que não deixava de ser lógica e ajuizada, numa noite fria como aquela. Tratava-se de Leah, a rígida Leah.

A inferioridade da sua bebedeira não constituiria novidade para ela, compreenderia e não teria dificuldade em o aceitar. Recordou-se de Leah, com os cabelos caídos para os ombros, das suas feições eslavas que já lhe eram familiares, dos seios caídos, das coxas musculosas.

Encontraria nelas abrigo e conforto e em seguida dormiria descansado, livre de culpas e ambições, terminada, enfim, a batalha. Por momen-417

tos, ali parado ao frio, a hipótese tão simples daquela solução esteve a ponto de o fazer entrar no hotel. Porém, a claridade gélida do vento fez-lhe ver o edifício como a casa de Appomattox, e compreendeu que, se entrasse, o seu papel seria o de Lee, quando desejaria ser Grant'. Não, o dia da derrota não chegara ainda para ele.

Foi então que a terceira solução se lhe impôs como sendo a melhor.

Freia, a deusa escandinava do amor carnal! Esta solução era um milagre nocturno, tentador e sem perigos, que não admitia nenhuma derrota.

Craig dirigiu-se imediatamente ao primeiro táxi, acordou o motorista com umas pancadinhas no vidro e pediu-lhe que o levasse a Polhemsgatan, n.º 172-C.

Quando chegou ao apartamento, o velho portvakt encontrava-se no átrio, a reparar qualquer avaria. Chegou à porta por curiosidade e, reconhecendo logo Craig, correu cá para fora, a agitar as mãos num gesto negativo, enquanto fazia ao motorista um longo discurso.

Este então disse a Craig: O homem diz que a sua amiga não está cá hoje. Vai um dia por mês ao clube, e calhou ser hoje.

Craig quis saber quando ela voltaria. O portvakt ignorava, embora pensasse que seria muito tarde, pois ela nunca de lá vinha cedo.

Pergunte onde é o clube ordenou Craig ao motorista e leve-me lá.

Não reflectiu. Considerou apenas o seu desejo e a prontidão da rapariga em o satisfazer. Imaginou apenas que iria livrá-la da maçada de uma noite insípida de qualquer reunião de clube e que, em troca, ela o salvaria.

E fora assim que, altas horas daquela noite gelada, ele se encontrava no átrio do ginásio de Valhallåvagen.

Atravessou, vacilante, o passeio em direcção à porta verde, abriu-a com esforço e entrou com passo vacilante. Embora a entrada fosse de cimento, o compartimento encontrava-se bem aquecido por meio de um irradiador. Não existia nenhum mobiliário, além de uma mesa e de uma cadeira, ocupada por uma mulher de meia-idade, de aspecto masculino, vestida de castanho. Tinha aberto na frente um ficheiro metálico, donde tirava cartões que ia catalogando. Ao ver aproximar-se Craig, olhou-o com um sorriso de estranheza.

Procuo Miss Lilly Hedquist disse Craig, esforçando-se por pronunciar claramente cada palavra. Disseram-me que ela vinha a este clube. Sou americano e amigo dela. Posso falar-lhe?

Bem... começou a porteira.

É muito importante...

1. Appomattox cidade da Virgínia onde o general Lee se rendeu ao general Grant, em 9 de Abril de 1865, pondo assim termo à Guerra Civil. (N. do T.

A mulher levantou-se e retorquiu: Um momento. E saiu com passo vigoroso, depois de ter aberto e fechado a porta interior.

Craig achou a espera intolerável. Não tinha onde se sentar, por isso começou a andar de um lado para o outro. Porém, as pernas tremiam-lhe e acabou por ficar imóvel, encostado à parede.

De súbito, a porta interior abriu-se, para dar passagem a duas pessoas; uma delas era um senhor de idade, com cara de raposa, alto e curvado, vestido de maneira grotesca: um roupão azul às pintas e umas sandálias de praia. A outra era Lilly Hedquist, descalça e com um roupão de tecido esponjoso.

Enquanto o velhote se curvava por detrás da mesa, junto da porteira, -Lilly, com os cabelos presos no alto da cabeça por uma fita e a testa franzida de surpresa, encaminhou-se rapidamente para Craig.

Que foi, Mr. Craig? Não se sente bem? perguntou em voz baixa.

Ele estava fascinado pelo roupão de felpa e pelos pés descalços da rapariga.

Que espécie de clube é este, diga lá?

É a nossa sociedade nudista. Não se lembra de lhe ter falado nela? No Inverno, encontramos-nos uma vez por mês neste ginásio e tomamos banhos de sol sob as lâmpadas ou assistimos a conferências.

Hoje, temos uma reunião especial dedicada aos novos sócios.

Como soube que eu estava aqui?

Ele explicou-lhe, mas continuava fascinado por aquele roupão de felpa.

Andam todos assim vestidos, com roupões e fatos de banho?

Não. Então não percebe? Isto é a nossa sociedade nudista. Eu não trago nada por baixo disto. Estamos todos à vontade, para bem da saúde. Os novos sócios vestem muitas vezes estes fatos durante alguns minutos, para transição, até perderem a vergonha, e depois

tiram-nos. Eu fui buscar este ao vestiário para vir aqui. Não faço ideia a quem pertence.

Lilly, pode vir comigo? Preciso de lhe falar.

É impossível, Mr. Craig. Este ano sou eu a secretária. Tenho de fazer o relatório da reunião. Além disso, também quero ouvir a conferência dedicada aos novos sócios.

Quanto tempo demora?

Cerca de uma hora.

Uma hora? Não posso esperar tanto tempo! Que hei-de fazer?

A rapariga pareceu impressionada com o desânimo dele e quis ajudá-lo.

Mostrou logo uma cara sorridente.

Já sei o que vai fazer. Vai lá para dentro sentar-se ao pé de mim.

Será uma boa lição para si. Talvez lhe faça bem à saúde.

com certeza, se me deixar estar ao pé de si.

419

Vou tentar. Peço ao director.

Craig ficou encostado à parede, a prestar atenção, enquanto Lilly se aproximava do senhor de idade vestido com o roupão às pintas e começava a falar-lhe rapidamente em sueco. O senhor replicou e Lilly falou outra vez; o senhor pôs-se a olhar para Craig, como se estivesse a tentar fazer o seu juízo. Por fim, acenou afirmativamente com a cabeça e saiu da sala.

Lilly voltou-se para Craig com ar triunfante.

Pronto declarou ela. Primeiro, ele mostrou-se apreensivo, porque não o conhecia, mas eu disse que se tratava de um velho amigo dos parentes que tenho no Minesota.

Você tem parentes no Minesota?

Claro que não tenho. Mas, para acabar de o convencer, afirmei-lhes que você pertencia à Associação Americana dos Banhos de Sol de New Jersey. Li qualquer coisa acerca dessa organização nos nossos panfletos e disselhe que tinha visto o seu cartão de sócio, que

você se interessava pelo nudismo na Suécia e desejava tomar parte numa reunião.

Então acha que posso ficar aqui consigo?
com toda a certeza!

Entram ambos lá para dentro. A porteira, que permanecia de pé, acenou-lhes com a cabeça, como quem dava as boas-vindas a Craig, e deixou-os entrar. Craig seguia atrás de Lilly, desejando-a mais que nunca, mas sem se atrever a tocar-lhe. Chegaram junto de mais duas portas pintadas.

Lilly apontou para a da direita.

Esta é a porta do ginásio. Quando estiver pronto, pode entrar.

Eu estou à sua espera. Despache-se. A conferência vai começar. Depois indicou a porta da esquerda. Entre ali. É o vestiário dos homens e das mulheres. Procure um armário vazio para guardar o seu fato.

Ia para se retirar, mas Craig agarrou-lhe no ombro.

Que quer você dizer com isso... guardar o meu fato? Que julga você que eu vou fazer?

A rapariga pareceu surpreendida.

Despir-se declarou com simplicidade. Isto é uma sociedade de nudistas. Eu estou nua, como todos os outros.

Lilly, pelo amor de Deus! Eu nunca fiz uma coisa dessas!

Mas eu já o vi nu. E então não teve vergonha.

Pois não. Mas aqui é em público, há outros homens e mulheres...

Mr. Craig, verá que não vai ser tão difícil como parece. É uma coisa normal. Não há nada de indecente na anatomia humana. Os fatos, por mais reduzidos que sejam, é que a tornam digna de atenção e lascívia. Quando todos se encontram despidos perde toda a importância.

Verá que acha natural. Não vai sentir curiosidade nem terá 420 maus pensamentos. Ficaré uma pessoa diferente. Agora dispa-se depressa e venha, para não perdermos a conferência.

Craig, enquanto escutava Lilly, sentiu que as frases da rapariga tinham um vago tom de panfleto. Porém, o rosto dela revelava sinceridade, reflectia uma espécie de fervor religioso, e Craig não estava para discussões.

Terminado o seu sermão, Lilly abriu a porta do ginásio e desapareceu.

Craig, sentindo-se ainda muito embriagado, ficou sozinho, a tentar compreender toda aquela comédia. Recordou-se então de que Lilly estava à espera dele com toda a solenidade e ele não queria desiludi-la.

«Meu Deus!», pensou, «será possível que todos os bêbados se vejam em semelhantes situações? Todos os bêbados ou todos os homens sem rei nem roque como eu?» E logo reflectiu: «Que diabo, eles estão todos aqui no gozo. Portanto, tratemos também de gozar um bocado e deixemos correr!» Entrou no vestiário.

Este, por dentro, assemelhava-se a todos os vestiários que conhecera na sua juventude e aos que vira quando servira no Exército. No meio do cheiro a sobrado húmido do chuveiro e a sabão líquido, foi tirando o sobretudo e o casaco. Abriu um ou dois armários, à procura de lugar para os fatos. Em dois deles, encontrou roupas de homem. Noutro, uma saia, uma blusa de mulher e roupa interior. Hesitou de novo em ceder ao capricho de Lilly. O quarto armário estava livre e Craig pendurou ali o sobretudo e o casaco. Ao sentar-se no banco de madeira para descalçar os sapatos, tentou concretizar a sensação desagradável que sentia. Dissesse Gottling o que dissesse, ele era, na verdade, um homem importante. E se Sue Wiley, ou qualquer representante da imprensa, ou mesmo Jacobsson, viessem a saber que ele estava ali?

Isso só serviria para confirmar as suspeitas que muita gente alimentava a seu respeito, de que ele era um alcoólico inveterado. Parecia-lhe já ver os títulos dos jornais americanos: LAUREADO BÊBADO NUM

CLUBE DE NUDISTAS. Nenhum prêmio o poderia lavar de tamanha desonra. Nem Alex Inglis, nem a Universidade de Loliet o quereriam mais como professor.

Logo que se viu descalço e sem camisa, percebeu que o medo que sentia não era do escândalo, mas de outra coisa diferente, e que, como sempre, estivera a especular com a própria hesitação. Desafivelou o cinto, desabotoou as calças e fez correr o fecho. A seguir, despiu-as, ficando só com as cuecas azuis e com todo o seu autêntico pavor. No íntimo, aquele serão deprimira-o; porém, fisicamente sentia-se estimulado.

Desejava com intensidade o corpo de Lilly, desejava-o nu, e continuava a desejá-lo. Agora ia vê-la toda despida, sem nada em cima, e a sua emoção seria incontável. Observaria outras raparigas, provavelmente tão bonitas como Lilly, contemplar-lhe-ia as partes mais íntimas, seria escravo das mais ousadas fantasias e reagiria sexualmente de acordo com elas. Que iria acontecer-lhe? Que acontece-421

ria habitualmente aos homens em reuniões de nudistas? Se assim fosse, coitado dele. Que espectáculo!

Tirou as cuecas, meteu-as no armário e ficou transformado em nudista, um nudista laureado.

Percorreu o corredor, espreitou se a porteira o estaria a observar, mas não viu ninguém. À porta, teve a derradeira hesitação. Perfilou-se, todo nu, sem saber o que faria das mãos. Onde estavam os bolsos da sua vergonha? Tinha de ficar de braços caídos. Mas pronto, que diabo! Escancarou a porta e penetrou no ginásio.

As luzes, não suspensas do tecto, mas colocadas em baixo e veladas, ofuscaram-no, e ele protegeu os olhos com a mão. Antes que visse claramente o vasto recinto ou quem o ocupava, avistou Lilly. Avançava para ele, trazendo na mão um bloco de papel e um lápis, e sorria-lhe.

Nunca a vira assim completamente nua, em plena luz, e nada, naquele momento, lhe fez despertar as paixões. Tinha tudo na sua frente, visível e às claras. Os dois seios juvenis e os mamilos, não aguçados, como os vira antes, duas manchas rosadas e circulares, macias como o veludo. Abaixo da prega do umbigo, o corpo ondulava em curvas suaves, com a perfeição helénica da maturidade feminina.

Craig sentiu-se impressionado com a ideia de que toda aquela beleza lhe pertencia e, no entanto, verificou com uma grande sensação de alívio que nenhum desejo físico o perturbava. Era como se, no meio de muita gente, se deleitasse a contemplar uma das maravilhas da Natureza. com uma espécie de desprendimento, um prazer objectivo, mas sem nenhuma complicação sexual.

E agora, já se sente melhor? inquiriu Lilly.

Ainda um pouco bêbado.

Compreendo. Mas é bom estar despido e sentir-se tal como Deus o deitou ao mundo, não é verdade?

Creio que sim. . Você é incrivelmente linda, Lilly.

Essas coisas não se dizem aqui declarou ela, embora lhe agradasse o cumprimento. Todos os nudistas têm a sua beleza, de uma maneira ou de outra.

Que estão aqui a fazer? inquiriu ele, erguendo os olhos, pois já se habituara à luz e distinguia perfeitamente os nudistas que enchiam o ginásio.

Havia corpos por todos os lados, cada qual do seu feitio, pelo menos duzentos homens e mulheres, jovens e velhos, alguns deitados em colchões por baixo das lâmpadas de raios solares, outros sentados em filas, nos bancos de pau, a conversar, e cerca de uma dúzia jogava voleibol. Havia ali homens gordos e magros, esgalgados e barrigudos, mulheres de meia-idade e outras jovens, com seios diminutos ou monstruosos, alguns tão perfeitos como os de Lilly. Não se observava ali o menor constrangimento, curiosidade

ou emoção sexual. Quase ninguém reparou em Craig, e ele dirigiu-se à primeira fila de bancos, 422

verificando que também ele não sentia curiosidade de olhar para os outros.

Lilly indicou-lhe o terceiro banco, sentaram-se ambos e ela cruzou as pernas para pousar o bloco.

Então, que me diz a isto, Mr. Craig?

Nunca imaginei tal coisa declarou ele.

Que quer dizer?

Refiro-me a ver mulheres completamente nuas sem que eu me sinta de modo algum impressionado.

Mas eu disselhe que era assim mesmo afirmou ela. O que impressiona são os fatos. Se uma mulher está vestida, há sempre um homem que pensa no que está por baixo. E os vestuários reduzidos ainda são os piores, tal como vestidos decotados, fatos de banho ou bikinis, porque chamam a atenção para certas partes do corpo. Contudo, se uma pessoa está nua e vê claramente todas as partes do corpo, tanto do seu como dos outros, não há mistério nem estímulo, acha tudo natural e saudável. Mr. Tapper, o nosso director que viu à entrada, diz que todo o mal está na sugestão. Afirmo que se têm ganho milhões de dólares com a sugestão do sexo, porque o mistério desperta a curiosidade das pessoas. O burlesque nos clubes nocturnos, o fade-out no cinema, as reticências nos livros, tudo serve para acicatar as pessoas. Mas quando se é nudista não se está sujeito a essas emoções, e tudo é mais sadio e natural.

Nunca pensei que você tomasse lições de moral, Lilly observou Craig a sorrir, Mas também concordo com Mr. Tapper e consigo. Tudo o que tenho a censurar ao nudismo é precisamente que ele dê cabo do sexo.

Oh, Mr. Craig, está a brincar.

Pois claro que estou a brincar.

Mr. Tapper, sem o seu roupão às pintas, apareceu só com a pele e o osso, uma figura incrível à frente do microfone. Pedia silêncio, em sueco. Todos os presentes se ergueram dos colchões, os grupos que conversavam desfizeram-se, acabou o jogo do voleibol. Cada qual foi sentar-se em filas cerradas, de omoplatas, espinhas dorsais e nádegas sobre a madeira dos bancos.

Ele vai falar em sueco, e eu traduzo-lhe.

Num tom seco e monótono, Mr. Tapper começou a falar. Enquanto ia tomando notas, Lilly interpretava o discurso. Mr. Tapper estava a fazer a história do movimento nudista. Em teoria, começara na Alemanha, no ano de 1903, com a publicação de um livro intitulado *Die Nacktheit*, por Richard Ungewitter, que era filho de um relojoeiro.

O autor apoiava a sociedade nudista, que se destinava a libertar os homens e as mulheres do embaraço dos fatos, a fim de lhes dar liberdade de movimentos, para que pudessem gozar o sol e o ar livre, e também para tornar banais todas as partes da anatomia, evitando 423

assim a sedução e o adultério, reduzindo a perversão. Pouco depois, inspirado talvez na sugestão de Ungewitter, outro jovem alemão, Paul Zimmerman, um professor que se dedicara mais tarde ao cultivo das terras e educara as suas quatro filhas de forma a prescindirem de roupas, abria o primeiro acampamento de nudistas, chamado *Freilichtpark*, em Klingberg am See. Para ter ali entrada, era necessário renunciar ao álcool, ao tabaco, à carne e a toda e qualquer espécie de vestuário.

Esse parque de nudistas foi um êxito e, passados vinte anos, existem cinquenta mil nudistas em toda a Alemanha. O movimento espalhou-se rapidamente até à Suíça, Escandinávia, França, Inglaterra e, por fim, aos Estados Unidos, em 1929. No mesmo ano em que a ideia chegava à América, atingia o seu auge na Alemanha. Pois, nesse ano, no Teatro *Volksbuhne*, uma companhia de nudistas

levou à cena uma revista. Este espectáculo, composto de danças e acrobacias, estava aberto ao público, embora todos os artistas aparecessem nus.

Hoje, dizia Mr. Tapper, o nudismo estendera-se a todas as nações da Terra e era universalmente aceito.

Agora, em resposta às perguntas que os novos sócios devem com certeza estar a fazer a si próprios, quero dizer duas palavras acerca do nudismo prosseguiu Tapper. O pudor é uma coisa antinatural e toma diversas formas segundo as regiões. Se surpreendermos nua uma sueca, uma francesa ou uma americana, a primeira coisa que ela fará é cobrir com as mãos a região púbica. Mas, se se tratar de uma mulher árabe, ela, antes de mais nada, tratará de esconder a cara. Uma mulher do Laos ocultará os seios, uma das ilhas Celebes, os joelhos, e uma chinesa, os pés, ao passo que uma habitante das Samoa esconderia o umbigo. Como vêem, isto reduz o pudor a um sentimento ridículo e mostra tudo o que nele há de doentio. com o nudismo internacional, o rosto, os seios, o umbigo, a região púbica, os joelhos, os pés, tudo se pode ver, nada há a ocultar, pois não pode haver receio de se mostrar qualquer parte do corpo.

Mr. Tapper continuou a perorar em sueco e durante um momento Lilly esteve demasiado ocupada com as suas notas para poder traduzir o que ele dizia. O orador calou-se durante um momento, para beber um gole de água, e então, Lilly murmurou a Craig: Agora vão trocar-se perguntas e respostas entre ele e os novos sócios.

Mr. Tapper coçou o abdómen, aclarou a garganta e calou-se, enquanto Lilly resumia as palavras o melhor que podia.

Os nossos novos camaradas podem formular as perguntas que quiserem, e eu lhes responderei. Qual é a nossa finalidade? Promover, através do nudismo, uma melhoria da saúde, um repouso mais completo, uma mentalidade mais clara e um aumento de moralidade.

Será permitido dentro do nosso acampamento a coabitação ou o intercâmbio sexual? De maneira nenhuma. Tal procedimento 424 envolveria a expulsão imediata. Os sócios podem usar calções? Não.

Todo o vestuário que esconde certas partes do corpo só serve para provocar e excitar. Só as mulheres podem usar calções durante o período menstrual. Os sócios, especialmente os homens, devem ter receio de se sentirem sexualmente excitados durante as reuniões? Não. Nunca esse facto se verificou na história do nudismo. A mentalidade que dá origem às paixões sexuais não se sente estimulada quando muita gente nua se encontra reunida. Estou a pensar na experiência de Jan Gay, que escreveu um livro acerca da sua primeira visita ao parque de nudistas de Zimmerman. Os novos sócios que se encontram entre nós vão achar semelhanças entre as sensações de Miss Gay e as que eles próprios experimentaram. «Certamente», escreve Jan Gay, «a primeira vez que se entra num parque de nudistas temos consciência, até certo ponto, da nudez dos outros; mas, depois de termos convivido com todos durante um dia inteiro e dia após dia, um pénis passa a ser tão banal como um cotovelo ou um joelho e quase se não dá por ele; e os contornos de uma mulher aparecem-nos muito semelhantes aos de outra mulher, só com a diferença de que umas são mais bem feitas do que outras.» Os nossos novos companheiros vão encontrar muitas semelhanças entre estas reacções e as suas. Mas vamos a outras perguntas. O facto de se pertencer a uma sociedade nudista poderá causar embaraços aos sócios no meio de uma sociedade pouco tolerante, uma vez que o facto transpareça cá fora? De modo nenhum.

Na América, os nudistas conhecem-se uns aos outros apenas pelos nomes próprios e a lista dos sócios nunca é tornada pública. Na Suécia, tal problema não existe. Na Suécia, os jornais de Estocolmo, bem como os de Copenhaga e de Oslo, publicam anualmente fotografias no nosso Festival do Rei e da Rainha, e as

fotografias dos concorrentes eleitos são tiradas com eles inteiramente nus e todos os admiram e respeitam.

Agora já menos bêbado, Craig escutava e apercebia-se de quanto estivera interessado. E o facto mais curioso é que a sua atenção não se concentrara nos corpos nus das raparigas que o rodeavam, mas sim nas palavras do director.

Muito embora fosse romancista, as suas raízes não se haviam expandido nos últimos anos; não encontrando novos campos de interesse e experiência, encontravam-se quase secas e mortas. Naquela noite estivera absorvido por uma aventura inteiramente nova. O nudismo, em si, não o interessava de maneira especial. Mas o facto de constituir um novo padrão de vida e de interesse, inconformísta, e até bizarro, e, no entanto, capaz de atrair tanta gente já familiarizada com ele, fascinava-o. A sua sede de informação, de conhecer os factos, de observar as pessoas e os incidentes, despertara novamente dentro de si. Absorvido como estava, esquecera por momentos o seu desagradável encontro com Gottling, a falsidade da sua eleição para o 425

Prémio Nobel. Conseguira até esquecer em parte o desejo físico que sentia por Lilly, naquele momento nua a seu lado. Não pensara nem ao de leve em Leah ou em Emily. Voltara a ser aquilo que não era havia três longos anos, isto é, um escritor-esponja, a impregnar-se de sensações novas. O conhecimento de que o escritor-esponja não estava ainda completamente atrofiado dava-lhe força.

Tapper acabara finalmente o discurso e a parte formal da reunião terminava ali. A maioria dos sócios ergueu-se: uns para voltarem a deitar-se nos colchões debaixo das lâmpadas, outros para recomeçarem a jogar voleibol, os restantes para entrarem nos vestiários e se vestirem para sair.

Acabou disse Lilly. Podemos vestir-nos e ir embora.

Pusera-se de pé, na frente dele, e o seu corpo, desde os seios cor-de-rosa, que se projectavam para a frente quando a rapariga se

endireitava, impunha-se pela sua beleza. Era aquilo mesmo que ele imaginara pouco antes, quando viera procurá-la. E, no entanto, agora, não o perturbava absolutamente nada. Era mais um corpo nu, como tantos outros, sem mistério nem atractivo. Suspirou e pôs-se de pé.

Talvez não fosse aquela a noite propícia. Talvez fosse melhor desistir dela, levá-la a casa e ir dormir para o hotel.

Seguiram atrás dos outros até ao vestiário cheio de gente, uma multidão de mulheres e homens que se vestiam numa confusão de conversas em sueco. O armário de Lilly ficava longe do dele, e por isso separaram-se durante uns breves instantes. Craig enfiou apressadamente as calças, vestiu a camisa, metendo-a de qualquer maneira para dentro do cós. Depois pegou nas meias e nos sapatos e sentou-se no banco para os calçar. Dali, podia ver Lilly mesmo na sua frente.

Ela estava ainda nua e acabava de falar com uma rapariga gorducha que pegava nas roupas. Enquanto atava os atacadores, contemplava Lilly a colocar o fato sobre o banco, começando automaticamente a vestir-se. Sentia-se fascinado. Era como um filme de strip-tease projectado de trás para diante. Ergueu na sua frente as pequenas cuecas de nylon e depois enfiou uma perna de cada vez nas aberturas, puxando o elástico para cima até ao umbigo. Sentou-se a seguir no banco, a calçar as meias de nylon, enfiando primeiro um pé, depois o outro, a esticá-las pela perna acima, até à coxa, prendendo-as nas ligas de suspensão.

Em seguida, pôs-se de pé, e a sua nudez, parcialmente velada, fazia-lhe avultar o volume dos seios. Craig sabia que se tratava de um truque da sua imaginação: as calças e as meias faziam-lhe concentrar a atenção naquilo que se conservava ainda à mostra. A rapariga vestiu a blusa branca de algodão e começou a abotoá-la. Craig recordou-se de que ela não usava soutien. A saia de malha azul-escura foi ajustada com um simples gesto das duas mãos e

depois Lilly correu o fecho. Calçou as sandálias e pôs o casaco no braço.

Craig estava pronto também. Foi ter com ela e seguiram ambos
426

pelo corredor fora. Por momentos, ficaram isolados dos outros. A rapariga parou para enfiar o casaco, vestiu uma manga, meteu no decote os cabelos louros penteados em rabo de cavalo, e ele ajudou-a a vestir a outra manga. Agora, que estava de novo em frente dela, via que o último botão da blusa ficara por apertar e deixava ver o rego entre os seios.

Tentou imaginá-los, bem como aos mamilos que deviam estar comprimidos pela blusa, imaginou as coxas dentro da saia e logo, no mesmo instante, foi assaltado por violento desejo daquilo que não podia ver nem possuir. Pela primeira vez desde que entrara no ginásio, sentia-se fisicamente perturbado.

Isso divertiu-o e sorriu de si para si.

A rapariga viu-lhe a expressão e pegou-lhe na mão, inquirindo: Que foi, Mr. Craig?

Algo que me veio à ideia respondeu. Estava a pensar na coisa mais estranha que há na Terra.

E que é?

O homem retorqui.

Apertou-lhe a mão e prosseguiu a segurar-lha pelo corredor fora, pensando consigo quanto tempo levaria ela a despir-se.

Capítulo oito O que acordou Andrew Craig foi o som de vozes no quarto contíguo.

Ao abrir os olhos, apercebeu-se imediatamente de que estava deitado no leito desmontável, na sala de estar de Lilly Hedquist.

Como em sonhos, recordou os acontecimentos da noite anterior Gottling no Wasdshiis, a revelar-lhe na sua voz de ébrio que o Prêmio Nobel que lhe haviam concedido tinha sido inspirado pela política, e não pela arte; os nudistas no ginásio, despidos e de

aspecto estranho, escutando uma conferência do director; Lilly e ele, na cama, realizando o acto do amor retardado.

Só tinha sentido esta última recordação e Craig tentava recordar-lhe os pormenores, mas por fim desistiu. Estava mais bêbado do que supusera. Restavam-lhe apenas algumas imagens imprecisas. Tudo o resto era vácuo. Como prova do prazer experimentado, restava aquele leito descomposto e o estado de torpor de todo o seu ser. No cérebro, não conservava recordações penosas nem remorsos; sentia os membros descontraídos.

Teria desejado ficar na cama toda a manhã, mas lembrou-se das vozes que o haviam acordado. Uma delas era, sem dúvida, a de Lilly.

Consultou o relógio. Passava das nove. Porque estaria ela ainda ali?

Porque não teria ido ao emprego? E a outra voz? Quem estaria com ela no apartamento? Um amigo? Um inimigo? Quem o teria visto ali naquelas circunstâncias? Falavam agora na cozinha.

As vozes, indistintas, haviam recomeçado a conversa. Alarmado, Craig sentou-se a toda a pressa, saltou da cama, agarrou no fato e nos sapatos e correu para a casa de banho. Em vinte minutos, tomou um duche, enxugou-se, vestiu-se e arranjou-se. Quando saiu da posição algo comprometedora em que Lilly o colocara mas sentindo-se ao mesmo tempo aliviado ao pensar que também a sua presença ali a colocava a ela numa posição igualmente comprometedora e, mais ainda, com a convicção de que a rapariga não fazia a menor ideia, ou pelo menos nunca lho dera a entender, de quem ele era ou a posição que ocupava naquele momento, apercebeu-se de que o outro leito fora cuidadosamente arrumado dentro da parede o que a sala retomara o seu aspecto de ordem e castidade.

Entrou na minúscula cozinha, preparado para tudo.

À primeira vista, pareceu-lhe que Lilly se encontrava sozinha em frente do fogão de duas bocas. A manhã estava escura; só vinha luz

de uma única janela e de uma lâmpada suspensa no tecto Como sempre, a rapariga constituía um regalo para a vista: cabelos louros e caídos, colo nu e juvenil. Trazia uma blusa felpuda cor de choco-429 late e uma saia rodada, castanho-escura. Acabara de fazer o café e o sorriso com que o acolheu deixou ver os dentes brancos, muito regulares, e uma ausência total de preocupações.

Bons-dias, Mr. Craig. Dormiu bem?

Lindamente, Lilly. Pareceume ouvir...

Parou de chofre, a meio da frase. Para além de Lilly, na sombra da cozinha, os seus olhos viram um homem, encostado à porta de serviço, a segurar num pires com a mão gorducha e com a outra uma chávena fumegante.

Quero apresentar-lhe o meu maior e mais velho amigo de Estocolmo, Mr. Craig disse Lilly. É Nicholas Daraniy. Ele não gosta que lhe lembrem o nome de Nicholas. Todos o tratam por Daraniy.

Como a Garbo ou a Duse explicou ele. Ou o Kitchner.

Chamar-lhe Horácio Kitchner seria diminuí-lo. Pode parecer vaidade da minha parte, mas cada um tem a sua fraqueza. Pousara a chávena e o pires e dirigia-se a Craig, de mão estendida. Tenho muito prazer em conhecê-lo, Mr. Craig.

À luz da lâmpada, este pôde observar o intruso. Daraniy devia ter os seus cinquenta anos e era de estatura mediana. A sua cabeça grande era coberta por uma cabeleira rala e oleosa, toda penteada para um dos lados, de modo a esconder a calva. As faces polidas, barbeadas de fresco, joviais e bochechudas, transformavam os olhos em duas fendas. Mas a expressão destes era alegre. O nariz comprido e a boca irónica provocavam a impressão de que ele devia envergar um disfarce para fazer uma surpresa às crianças pelo Natal. Tinha o ventre proeminente e as pernas tão finas que parecia impossível que tivessem força para lhe aguentar o peso. O fato cinzento, com um leve quadriculado, estava curto nas calças e nas mangas, mas via-se que estava impecavelmente limpo e passado a

ferro, embora mostrasse sinais de um longo uso. A sua origem devia ser a Europa Central, e neste meio estrangeiro ele parecia ainda mais estrangeiro do que qualquer outro. Cheirava a sabão exótico e a água-de-colónia.

Confesso que me sinto um pouco embaraçado... declarou francamente Craig.

Porquê? perguntou ingenuamente Daraniy. Por ter dormido até muito tarde?

Lilly desviou a atenção do tabuleiro que estava a preparar e bateu as palmas, divertida.

Oh, Daraniy! Então, não percebe? Mr. Craig é um bom americano cheio de preconceitos morais. Está envergonhado por ter sido surpreendido na cama de uma mulher solteira.

Ah, compreendo respondeu Daraniy gravemente. Mas o senhor está na Suécia, Mr. Craig, e não no estado de Minesota...

Wisconsin emendou Lilly.

430

Ou Wisconsin. Além disso, eu sou como que o pai da Lilly.

E acrescentou muito depressa, com as fendas dos olhos a rir ainda mais: Isto é, um pai tolerante e muito moderno.

Não sei o que seria de mim sem o Daraniy disse Lilly, enquanto acabava de preparar o tabuleiro. Quando saí de Lund, não conhecia aqui ninguém, apenas trazia três cartas de apresentação. Uma delas dirigida a uma tia do Daraniy. Foi ele quem me arranjou o lugar na Nordiska Kompaniet. Ajudou-me a descobrir este apartamento.

Ofereceu-me o aparelho de televisão. Nas duas manhãs em que tenho folga e aos domingos leva-me de carro aonde quero. Não poderia viver sem ele.

Não acredite na Lilly, Mr. Craig. Ela está a exagerar os meus méritos, o que, aliás, me desvanece.

E o Daraniy bem sabe que a vida de uma rapariga na Suécia não é nada fácil, visto haver mais mulheres do que homens.

Em Estocolmo, existem seis mulheres para cinco homens informou Daraniy.

E uma rapariga de vinte e três anos, como eu, julga-se logo uma solteirona e torna-se azeda e nervosa se não tem, na cama, ao menos de quinze em quinze dias, um homem por quem sinta admiração.

Por isso não estranhe, Mr. Craig. Não duvido de que o Daraniy lhe vai dizer que esta manhã, quando aqui chegou, se sentiu satisfeito por o encontrar na minha cama.

É certo confirmou calmamente Daraniy.

Para a sala, meus senhores pediu Lilly. Vamos almoçar.

Um tanto admirado, mas imensamente divertido, Craig seguiu Daraniy até à sala. Este desocupou a mesinha de tampo de vidro e aproximou as duas cadeiras de verga. Lilly serviu sumo de frutas, tirou com uma colher os ovos mexidos de um prato de louça e colocou uma chávena de café diante de cada um. Depois sentaram-se todos três a comer.

A Lilly disseme que você era escritor observou Daraniy a Craig. Este confirmou com a boca cheia.

Ficcionista?

Sim.

Então não é provável que tenha lido alguma coisa sua. Quando se tem o meu modo de vida, o tempo não chega para ler romances.

O tempo de que disponho para ler é pouco para dedicar a obras políticas e biografias, actuais e antigas, e também a jornais e revistas.

E qual é a sua profissão, Mr. Daraniy? inquiriu Craig.

Daraniy levara aos lábios o copo do sumo de fruta, mas depois imobilizou-se.

Sou espião, Mr. Craig retorquiu. E bebeu calmamente o resto.

431

Craig sabia que a sua expressão de espanto lhe dava um ar aparvalhado.

Fizera a pergunta de passagem, casualmente, sem esperar nenhuma resposta que o interessasse, julgando talvez que Daraniy fosse angariador de seguros, caixeiro de sapataria ou empregado público.

Em lugar disso, porém, ele incluíra-se na profissão mais improvável de todas, e Craig julgou não ter ouvido bem.

Disse que era espião... ?

Exactamente confirmou enquanto ia devorando os ovos. E prosseguiu: Já não é uma profissão invejável, como acontecia noutros tempos. Hoje, não compensa. Se eu tivesse um filho, não queria que me seguisse as pisadas. Preferia que fosse dentista.

O escritor ficou impassível. Estaria aquele barrigudo a divertir-se à sua custa? Parecia-lhe que falava a sério, e Lilly, entretida a comer o almoço, não parecia tomar parte na brincadeira.

Mas então se o senhor é espião, por conta de quem trabalha? quis saber Craig. E como é possível que o diga assim tão francamente?

Só o digo aos amigos respondeu Daraniy. E, se fizesse segredo, como encontraria clientes? Além disso, a maior parte das pessoas não me toma a sério. É uma profissão pouco vulgar, não acha?

Quase todos julgam que estou a entrar com eles. Só tenho necessidade de guardar segredo enquanto trabalho. Nessa altura, actuo pela calada e com discrição. Pergunta-me para quem trabalho e a resposta é: para quem me pagar bem. Eu sou o último abencerragem de uma casta quase extinta: o espião de pulso livre.

E que quer dizer isso exactamente?

Quer dizer, Mr. Craig, que os amadores ideológicos quase puseram de parte o espião profissional. Os processos da U. R. S. S. são típicos. Os seus serviços de espionagem não precisam de agentes dispendiosos no estrangeiro. Sabem muito bem que existem bastantes comunistas fanáticos ou camaradas capazes de executarem o mesmo serviço com dedicação e um mínimo de despesa. O doutor

Allan Nunn Mays, o doutor Fuchs e os Rosenberg tornaram-me a vida bastante difícil. Existiram sempre agentes nacionais, é claro, mas também havia espiões de pulso livre, como por exemplo Gertrud Zelle, que você conhece pelo nome de Mata-Hari, ou H. 21. Centenas de homens e mulheres como ela, sem obrigações para com ninguém, a não ser para consigo próprios, e para com a nobreza da sua profissão, que trabalhavam por conta de qualquer país, que faziam todo e qualquer serviço mediante um preço preestabelecido. Quando eu era novo e vivia em Budapeste, sonhava com esta profissão como outros sonham com ser médicos ou advogados. Das minhas leituras deprendia que, embora corresse riscos, as vantagens eram compensadoras: viagens constantes, contactos com pessoas cheias de interesse, boa comida, rendimentos consideráveis e, possivelmente, a imortalidade 432

na história. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhei por conta dos Alemães em Istambul. Eu possuía alguns predicados valiosos que me tinha dado ao trabalho de aprender, tal como perceber as palavras pelo mover dos lábios. Ia sentar-me nos cafés, nos restaurantes, e compreendia tudo o que diziam do outro lado da sala os diplomatas americanos, ingleses e franceses nas suas conversas. Finda a guerra, executei alguns trabalhos apreciáveis, por conta da Inglaterra, na Jordânia e na Palestina. Já vê que não tenho preferências. O sentimentalismo significa a miséria para uma pessoa como eu. Os marcos alemães e as libras inglesas servem para eu comprar as mesmas coisas.

E como veio para à Suécia? quis saber Craig.

Não poderia regressar a Budapeste, ainda que o desejasse respondeu Daraniy. Não tinha pátria. Não possuía nenhum passaporte autêntico, embora tivesse vários falsificados de que já fizera uso. Escolhi voluntariamente a Suécia como base de operações ideal.

Fica perto de Moscovo, perto das duas metades de Berlim e, no entanto, encontra-se sob poderosas influências americanas e inglesas.

Além de que a própria Suécia, na sua ânsia de manter a neutralidade, é uma boa cliente de espionagem. Não se torna difícil obter um contrato aqui como correspondente estrangeiro da segunda categoria. Já tenho sido útil nesta terra a várias pessoas altamente colocadas e são elas que têm conseguido a minha permanência aqui. Estocolmo tem os seus defeitos. Vai demasiado cedo para a cama. Não é como Paris, Viena, Roma ou Istambul. Mas existem lugares piores. Os meus proventos são reduzidos, mas também não tenho grandes exigências.

Levo uma vida agradavelmente pacata e possuo boas amizades, como a da Lilly.

Conte o caso de Enbom a Mr. Craig pediu Lilly, enquanto sorvia o café.

Ah, sim, o caso de Enbom respondeu Daraniy. Lilly sente-se muito orgulhosa com o papel que eu aí desempenhei. Bem vê, Mr. Craig, eu não sou pessoa para bazófias. Não me considero uma grande personagem, tal como Alfred Redl, ou Jules Silber, ou Fraulein Doktor Elsbeth Schragmuller. Primeiro, comecei nesta vida muito tarde. A minha modalidade de espionagem passou de moda, como já lhe disse. Em segundo lugar, sou cobarde, não me envergonho de o confessar. Sou um espião que tem medo. com tais limitações, não me encarregam de grandes trabalhos. De certa maneira, estou reduzido ao papel de investigador. A minha última tarefa, aqui há um mês, foi por conta de um industrial dinamarquês que pretendia certas informações particulares acerca de um novo competidor sueco. Antes disso fiz uma investigação a pedido de um membro da Real Academia das Ciências...

Craig mostrou-se surpreendido.

Algum membro do Comité Nobel?

Exactamente respondeu Daraniy. O doutor Carl Adolf Krantz, um velho cliente meu. Provavelmente, nunca ouviu falar dele. Mas, seja como for, é preferível não falar disso.

Craig não disse nada, embora ficasse cheio de curiosidade. Tirou o cachimbo da algibeira e começou a enchê-lo, sempre atento.

Contudo, de vez em quando, encarregam-me de qualquer caso importante. Tal como aquele a que Lilly se referiu, o caso Enbom, em 1952. Ouviu falar nisso?

Creio que li qualquer coisa respondeu Craig, tentando recordar-se.

Foi o mais importante julgamento de espionagem da nossa história afirmou Lilly. E Daraniy teve nele um grande papel.

Fritiof Enbom era repórter de um jornal comunista sueco em Boden explicou Daraniy a Craig. Trata-se da nossa fortaleza principal na Lapónia, perto da Finlândia. Ele era sueco e, ao mesmo tempo, um desses espões idealistas de que lhe falei há pouco. Agia por conta da Rússia Soviética. Começara a trabalhar para eles durante a Segunda Guerra Mundial e possuía um transmissor clandestino.

Vinha muitas vezes a Estocolmo. Quando aqui chegava, trazendo consigo planos das nossas fortificações, deixava um gancho torcido na fenda de uma casa perto da Embaixada da Rússia, e então os russos iam procurá-lo. Tudo correu bem até ao ano de 1951. Nessa altura, teve um conflito com os comunistas, despediu-se do jornal em Boden e mudou-se para Estocolmo. Uma vez que se encontrava desempregado, Enbom foi pedir auxílio aos seus camaradas comunistas do Governo sueco. Estes recusaram-lhe e Enbom ficou muito despeitado. Certa noite, lamentou-se a um amigo, contando-lhe o que fizera pelos comunistas enquanto lhes servira de espião. O amigo, nacionalista ferrenho, dirigiu-se ao Ministério da Defesa e Enbom foi imediatamente preso. O mesmo aconteceu ao irmão e à

amante. É aqui que eu entro na história, muito embora não possa revelar o que me encarregaram de fazer ou quem contratou os meus serviços. Prenderam também mais quatro pessoas. Enbom viu-se acusado de ter vendido segredos militares à Rússia por dez mil coroas. Responsabilizaram os outros pelos mesmos crimes. Enbom foi condenado à mais dura pena que se aplica na Suécia trabalhos forçados por toda a vida. Dos outros, um foi absolvido e os restantes cinco foram condenados a penas de prisão, embora inferiores. Já vê que a minha vida nem sempre é monótona.

Talvez lhe interesse um dia escrever a minha história, Mr. Craig?

Este sorriu.

Sim, talvez.

A verdade afirmou Daraniy é que Estocolmo deixa os turistas desapontados. É uma cidade ordeira, impecável, próspera, a um tal ponto que acaba por parecer irremediavelmente insípida.

434

Mas nem sempre é o que parece. A neutralidade oferece um magnífico campo para as conspirações. Este caso Enbom tornou-se do conhecimento público. Dou-lhe a minha palavra de honra de que nesta cidade existem muitas intrigas do mesmo género, tão variadas como o smorgasbord.

Custa a crer. É como se me dissesse que as três irmãs Bronte formavam um grupo de espionagem declarou Craig. Depois olhou para Lilly, que naquele momento limpava a boca a um guardanapo.

Nesse caso, a Lilly é um dos seus agentes?

Não, nada disso. Não conseguiria nunca fazer nada dela. Não possui o mínimo jeito para a intriga respondeu Daraniy.

Acho que a minha franqueza faz muita confusão a Mr. Craig.

Ontem à noite, convencio a entrar para a nossa associação de nudistas.

Daraniy abanou a cabeça.

Disso não seria eu capaz. O senhor tem mais coragem do que eu, Mr. Craig. Nunca me sujeitaria a mostrar a pança àquela cambada de maníacos de saúde.

Não me recordo muito bem dessa experiência. Devia estar a cair de bêbado.

Lilly ergueu os braços acima da cabeça e espreguiçou-se. Os seios projectaram-se-lhe para a frente, por baixo da blusa cor de chocolate, mas sem nada revelarem. E Craig reparou que ela agora trazia soutien.

Porquê?

Bem, fosse lá porque fosse, efeito da bebida ou da nossa sociedade nudista, a verdade é que você esteve formidável na cama declarou Lilly.

Craig sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

E você também Lilly.

Daraniy deu uma tossidela e murmurou: Tivemos aqui na Suécia um primeiro-ministro, chamado Per Albin Hanson, que era abstinente e costumava sempre citar estas palavras de Aristóteles: «Quem vai para a cama bêbado só gera filhas.» Aí fica o aviso.

Lilly fez um gesto com a mão para Daraniy.

Não se faça bota-de-elástico. Julga que eu sou alguma criança?

Aos sete anos, quando andava na escola de Vadstena, ensinaram-me a fertilização do óvulo e, aos doze anos, aprendi também na aula todos os processos anticoncepcionais. Diga lá ao seu Aristóteles que eu não vou ter nenhuma filha. Depois voltou-se para Craig. Ainda está preocupado, Mr. Craig?

De maneira nenhuma, se as filhas se parecerem consigo.

Os Americanos sabem dizer coisas mais bonitas do que os Suecos.

Olhou para o relógio e pôs-se de repente em pé. Vamos chegar atrasados, Daraniy, despache-se! A seguir voltou-se para Craig. Tem que fazer no hotel?

435

Nada de especial.

Então venha daí connosco. Quero que conheça uma certa pessoa.

Não lhe roubo mais do que uma hora. No fim, o Daraniy vai deixar-me no emprego e a si levá-lo-á ao hotel. Está bem?

Às suas ordens.

Lilly não perdeu tempo a lavar os pratos. Correu a vestir o casaco e trouxe os sobretudos dos homens, que estavam no bengaleiro. Enquanto atravessavam o átrio e desciam no elevador, a rapariga dava sinais de uma pressa louca.

A noite passada gelaram alguns canais reclarou Daraniy, ao dirigirem-se para o carro. Mas hoje está menos frio, embora o céu continue enevoadado. Olhem para as nuvens.

Não perca tempo admoestou-o Lilly. Bem sabe que é uma maçada se chegarmos atrasados.

O automóvel era um Citroen preto. Apesar de já não ser novo devia ter, pelo menos, dez anos, a pintura impecável brilhava e não tinha nem uma beliscadura nos cromados. Craig ajudou Lilly a acomodar-se no banco da frente e instalou-se no de trás, enquanto Daraniy se sentava ao volante, com um gemido.

Partiu a toda a força e depois abrandou o andamento. Daraniy guiava contraído, como todos os gordos, e correctamente, como as pessoas que têm uma carta provisória, num andamento certo, sem excessos de velocidade.

Para onde vamos? perguntou Craig a certa altura.

Para o Bairro de Vallingby retorquiou Lilly. Quando chegar, verá. Não faça perguntas.

Craig recostou-se no banco e foi fumando beatificamente, enquanto Daraniy contava anedotas acerca da vida de um húngaro na Suécia.

Lilly seguia calada, absorta nos seus pensamentos.

Passado pouco tempo, ao chegarem a uma rua larga, ladeada de prédios com apartamentos e lojas, Daraniy abrandou a marcha e foi arrumar o carro num parque de estacionamento, ao longo do passeio.

Saíram e caminharam na pegada de Lilly, que seguia uns passos adiante, até à porta de um edifício de pedra com dois andares. Craig não foi capaz de ler a inscrição em sueco que havia por cima da porta, e entrou com os outros.

Encontraram-se num átrio e depois numa sala de recepção, impecavelmente mobilada, com quatro cadeiras forradas de imitação de couro e uma grande mesa no centro, coberta de revistas.

Sentem-se e estejam à vossa vontade disse Lilly. Eu não me demoro. E desapareceu por uma porta envidraçada.

Daraniy sentou-se e pegou numa revista. Craig começou à procura de qualquer coisa.

Que é? inquiriu Daraniy.

Queria um cinzeiro.

436

Esquecem-se sempre disso, aqui. Vêm aqui quase só mulheres, e essas raramente fumam em público. Apontou com o dedo. Ali está um, no parapeito da janela.

Craig dirigiu-se para lá, intrigado com aquele lugar, esvaziou o cachimbo no prato de louça, encheu-o de novo, acendeu-o e sentou-se numa cadeira.

Que mistério é este? inquiriu.

Lilly gosta às vezes de fazer a sua partida respondeu Daraniy.

Esperaram cinco minutos, em silêncio, até que, de súbito, se abriu a porta envidraçada e Lilly reapareceu. Trazia ao colo um rapazinho de cabelos cor de palha e calças de ganga azul, aparentando cerca de um ano. A rapariga fazia-lhe meiguices e esfregava a ponta do nariz no narizito da criança, para o fazer rir.

Pegou-lhe ao alto, como quem segura num cachorrinho, voltado para Craig, e fê-lo inclinar-se.

Arne, apresento-te um amigo que veio de muito longe, Mr.

Craig. E sorria para este, que, soerguido na cadeira, piscava os olhos, espantado. Mr. Craig prosseguiu ela , apresento-lhe o meu filho.

Depois, sem esperar a reacção de Craig, dirigiu o rapazinho para Daraniy e pousou-o no chão.

Olha o tio Daraniy, dá-lhe um beijo.

A criança vacilou sobre as pernitais, mas encaminhou-se com familiaridade e confiança para os braços estendidos do homem. Este envolveu-o num grande abraço. Depois, procurou nos bolsos e tirou de lá um enorme chupa-chupa de ananás, entregou-o à criança, que lhe agradeceu com um beijo. A seguir voltou-se e avistou a alta estatura de Craig, que o contemplava espantado; assustou-se, e, ao tentar fugir, caiu no chão. Lilly deitou-se imediatamente de joelhos, ergueu-o e amimou-o.

O Arne magoou-se? A mamã gosta muito do Arne.

Já de pé e com o filho nos braços, fitou Craig.

Que tal o acha? É parecido comigo? Está muito bom para catorze meses, mas é envergonhado.

Está uma beleza disse Craig com sinceridade. Não sabia que tinha sido casada, Lilly.

Mas eu nunca fui casada! respondeu a rapariga vivamente.

Sou uma solteirona... Agora, peço licença. Eu e o Arne temos de ir ter com a encarregada. Volto já.

Craig julgava-se muito vivido sob vários aspectos e achava que a sua estadia em Estocolmo o tinha civilizado mais ainda, mas esta surpresa deixara-o francamente chocado e confuso, enquanto via Lilly retirar-se da sala com o filho ao colo.

Lembrou-se de que Daraniy estava ao seu lado e voltou-se para ele.

Estou pasmado!

Mas não está assustado?

N.. .ao... Assustado, não.

Ainda bem! retorquiu Daraniy. Lilly não gostaria que a censurasse. Não lhe disse nada antes porque receava não ser compreendida por palavras. Ela é uma mulher que vive segundo o seu instinto. E este aconselhou-a a mostrar-lhe primeiro o filho. Depois de o ver com ela, você estaria mais apto a compreender.

Não me parece que esteja a compreender nada retorquiu Craig. Mas não me sinto escandalizado.

É isso mesmo. Talvez eu consiga explicar-lhe. Venha comigo pediu Daraniy. Há um restaurante da Sociedade Norma ali à esquina. Lilly irá lá ter connosco. Podemos tomar café enquanto eu lhe explico.

Saíram, dirigindo-se ao tal restaurante que ficava perto, e foram instalar-se nos bancos altos, um pouco afastados dos outros fregueses.

Depois de mandar vir uma chávena de café para Craig e outra com um bolo para si, Daraniy voltou-se para o escritor.

Para melhor lhe fazer compreender este caso declarou muito sério tenho de me servir de um truque de magia. Um, dois, três!

Pronto! Você não pensa como se pertencesse ao seu estado de Wisconsin, nem a nenhuma Main Street da América, nem a qualquer outro ponto dos Estados Unidos. Você está na Escandinávia, num clima moral diferente, mais progressivo e fora do comum. Valeu?

Vou tentar. Ela disse que o filho era dela. Ninguém pode ter um filho sozinho. Trata-se de um acidente?

De maneira nenhuma, Mr. Craig. A concepção e o nascimento de Arne foi tudo premeditado.

Está a brincar comigo?

Mr. Craig, dispa-se de todos os preconceitos! Na Suécia, dez por cento das crianças são filhos ilegítimos.

Eu não sou puritano, diga a Lilly o que disser. Nada disso. No entanto, isto não é coisa que se espere de alguém que conhecemos... que conhecemos intimamente... ou pelo menos que julgamos conhecer.

Mas eles têm de ser filhos de alguém. E porque não de alguém que nós conhecemos? Há pessoas milionárias, e por vezes são das nossas relações. Existem assassinos e vítimas, e também acontece dar-mo-nos com alguns. Há quem se divorcie, se suicide, etc., entre os nossos amigos e conhecidos. O pequeno Arne é um desses tais dez por cento.

Mas como se deu isso? Você disse que fora tudo planeado...

Aqui há dois anos, um distinto arquitecto sueco, bastante atraente e simpático, entrou na Nordiska Kompaniet para comprar um vestido para a mulher, que fazia anos. Lilly atendeu-o. Apaixonaram-se 438

um pelo outro. As raparigas como a Lilly não se interessam pela vida desregrada, mas acreditam no amor. Não num amor que se sublima, antes num amor que se goza e se pratica. Tiveram relações. Como já disse, esse arquitecto queria a Lilly, mas também amava a mulher e os três filhos. Como vê, a Lilly é uma rapariga sensata. Sabia que nunca o poderia ter legalmente. Mas, uma vez que o casamento lhe estava vedado, queria ao menos ter o fruto do casamento. Desejava um filho que fosse a imagem do seu amor. Então, discutiram o assunto, exactamente como um casal vulgar e tomaram uma resolução.

Dentro em breve Lilly ficava grávida.

Craig tentava conservar a sua largueza de vistas. Daraniy apresentava as coisas com demasiada facilidade.

Mas as consequências... Ela tinha pensado nelas? inquiriu Craig.

Na Suécia não há consequências explicou Daraniy. Trouxeram o café e ele deitou dois cubos de açúcar na chávena. Mexeu.

A palavra «bastardo» é coisa desconhecida aqui. Afinal, Mr. Craig, um recém-nascido não comete nenhum pecado.

É certo retorquiu Craig. No entanto...

A Suécia não aconselha a que se tenham filhos ilegítimos. As mulheres do tipo da Lilly não preferem estas situações. O casamento continua a ser, para elas, a situação ideal. Mas a vida prossegue e o amor aparece. Na Suécia enfrentam-se os factos. Uma vez que, aqui, cada criança que nasce, quer seja filha de mãe solteira ou casada, se regista e aceita, a Suécia possui o mais alto índice de nascimentos ilegítimos do mundo inteiro. Acho que neste país confessam o que nas outras nações se esconde e considera feio.

Quer dizer com isso que o Arne não virá a sofrer nada mais tarde?

Nunca sofrerá com isso. Quando a Lilly estava prestes a dar à luz, eu levei-a a um hospital do Estado, onde se nos foi reunir o arquitecto. Depois do nascimento do Arne, levaram a Lilly para um quarto juntamente com mais duas mulheres casadas, e trataram-na exactamente como a estas. Tudo isto, bem como os serviços do médico, custou apenas uma coroa por dia, talvez coisa de vinte centimes americanos. É mais um dos benefícios da medicina socializada, que os vossos médicos tanto detestam. O Governo deu a Lilly quatrocentas coroas de bónus, para as primeiras necessidades. Enquanto ela esteve internada no hospital, apareceu a assistente que havia de se encarregar do caso. Sabe que, na Suécia, os serviços sociais pensam em tudo. Cerca do ano de 1917, foi instituído aquilo a que eles chamam o Svenska Barnavårdsnämnden, ou Federação de Protecção à Criança, que tem por fim vigiar as mães solteiras. Esta organização possui assistentes especializadas, com dois anos de estudos de psicologia, sociologia, puericultura, que se encarregam de vigiar todas as mães 439

solteiras. A assistente aconselha-as, verifica se têm meios pecuniários suficientes, *etc.* A assistente de Lilly visita-a todos os meses, assim como ao filho. Hoje, lá estão elas reunidas na creche do Estado donde acabámos de sair, e dentro em pouco a assistente passará apenas a visitá-los duas vezes por ano, até o Arne chegar aos dezoito anos.

E como se arranja a Lilly a respeito de dinheiro?

Já lá vamos, Mr. Craig. Os Suecos, como já lhe disse, são muito práticos. Cada criança deve ter um pai. Tudo isso está muito certo. Se o verdadeiro pai não quer assumir as responsabilidades, como o fez o pai de Arne, o Estado substitui o pai no auxílio que dá à mãe. Se ele admite a paternidade, muito bem. Se se recusa, tem de se sujeitar a uma análise de sangue. No caso de esta ser positiva, ele fica sendo automaticamente o pai.

Mas as análises de sangue nem sempre são infalíveis objectou Craig.

Pois não, nem sempre, mas sempre é melhor do que nada. Deve haver algumas injustiças, mas estou certo de que serão muito poucas.

Se o resultado é negativo e não se encontra o verdadeiro pai, ou se este é tão pobre que não pode ajudar, o Estado encarrega-se do chamado filho ilegítimo. O arquitecto da Lilly confirmou imediatamente a paternidade.

Dá presentemente à Lilly dez por cento do seu ordenado mensal para a criação do Arne.

E que diz a isso a mulher dele?

Ela nunca soube de nada. Se ficar viúva, sabê-lo-á um dia, pois então o Arne receberá parte da herança. A maior parte das vezes, os homens contam essas coisas às mulheres; há cenas, mas nunca se ouviu falar de um divórcio por causa disso.

Craig fitava a chávena de café, agora sem interesse.

Mr. Daraniy, não quero ser indiscreto, mas sabe se a Lilly se encontra ainda com o pai do filho?

Não. Tudo isso terminou há cerca de um ano. Acredite que foi ela quem tomou essa resolução. Acabou por deixar de gostar dele.

Viu que não era realmente o seu tipo. Hoje, sente-se feliz por ele não ter sido livre para casar com ela, pois, de contrário, teria resultado um casamento infeliz, que se manteria por causa da criança, ou então teria havido divórcio. Mas, por muito que isso o espante, ela continua satisfeita por ter tido um filho. Presentemente, o Arne constitui a sua única razão de viver. Por enquanto, ainda o tem na creche do Estado. Mas depois ele conservar-se-á ali apenas durante o dia, enquanto a mãe trabalha, e ficará com ela durante a noite, aos domingos e nos dias feriados.

E não terá dissabores por causa disso?

Mr. Craig, quando o Arne nasceu, Lilly publicou uma participação do nascimento nos jornais e mandou cartõezinhos azuis às pessoas das suas relações. Tinha várias amigas nas mesmas circuns-440

tâncias. Uma rapariga, por exemplo, da associação de nudismo e com um belo emprego, morria por ter um filho, mas, dada a escassez de homens, receava nunca vir a consegui-lo. No emprego, discutiu o problema com o patrão, que muito admirava, e este mostrou-se disposto a cooperar, e agora ela tem uma filha. Não será isto preferível, para uma mulher normal, a viver, uma vida inteira, estéril e solitária?

E não será muito melhor para a criança, quando vem ao mundo por acidente, ver-se reconhecida e considerada igual a todas as outras, em vez de, como sucede noutros países, ser mal vista ou destruída por aborto, para não transformar a mãe numa mulher de má reputação, a quem só resta o suicídio ou um casamento compelido? Eu acho que sim.

Craig abanou lentamente a cabeça. Acabara por compreender e, no espaço de uma hora, evoluíra.

Você ouviu a Lilly falar da sua educação sexual na escola.

Isso aqui é corrente. Nenhuma rapariga nem nenhum rapaz tira o seu diploma sem um conhecimento completo acerca das relações sexuais, do parto, do aborto, dos métodos anticoncepcionais. Isso tornar-se-ia impossível no seu país, porque a Igreja não o permitiria.

Contudo, aqui, a Igreja Luterana, a oficial, é dominada pelo Estado, e, portanto não tem força. Quase ninguém pratica. Está suplantada pela educação e pelo Governo realista. Será assim tão mau como isso? Usemos de honestidade. Os jovens suecos não diferem, nas necessidades sexuais, dos jovens americanos. Essas necessidades, aos dezassete, aos dezoito e aos dezanove anos, são as mesmas em toda a parte. Porém, na América, o amor é ilícito, tudo se passa atrás dos estábulos, nos campos, nos hotéis, e é estragado pela vergonha, pela sensação de culpa e pelo segredo. Aqui, o amor não é ilícito. Trata-se de uma coisa natural. Se uma rapariga ama um rapaz, tem relações com ele porque é uma coisa natural.

Se o amor se mantém, casam. Se não vale a pena, não casam.

Li as conclusões a que chegou o doutor Chapman, que fez um inquérito acerca da questão sexual entre as mulheres casadas americanas.

E qual foi o resultado? Quatro, em cada dez mulheres casadas, tinham tido relações anteriores ao casamento. Na Suécia, procedeu-se a uma investigação semelhante. Pois bem, oito em cada dez tinham tido relações anteriores ao casamento, na sua maioria antes dos dezoito anos. Já vê, Mr. Craig, que aqui há mais liberdade e não nos damos pior com isso, antes pelo contrário. Os casamentos são mais sólidos. Um homem não casa com uma mulher só porque tem desejo de dormir com ela. Dorme com ela e casa depois, porque acha que não pode viver sem ela.

Craig sorvia o café distraidamente. Lilly não lhe saía do pensamento.

Havia uma pergunta que já o não devia preocupar, mas ele era um produto do passado. E indagou: 441

Que virá a ser da Lilly?

Daraniy encolheu os ombros.

Quem sabe? Ela ainda é nova. As mulheres suecas casam relativamente tarde. Acho que a idade mais vulgar é aos vinte e seis anos.

Lilly já encontrou homens de quem gostava. Talvez um dia se lhe depare um que lhe agrade o suficiente para casar com ele.

Porque... se teria ela entregado a mim?

Daraniy sorriu.

Ela não se entregou a si, Mr. Craig. O senhor é que se entregou a ela.

Não estou bem certo disso.

Mas estou eu. A Lilly só aceita o amor segundo as suas condições.

Craig pousou a chávena vazia.

Agora tudo me parece diferente declarou. Até ontem à noite, tratava-se apenas de uma aventura sem importância... um passatempo com uma rapariga encantadora. Porém, agora...

Agora, Mr. Craig?

Não sei dizer ao certo. Afigura-se-me que ela merece mais alguma coisa. E o filho, a despeito daquilo que você afirma, também me parece que tem direito a outra espécie de vida.

Mr. Craig, estou a ver que o senhor sofre daquela doença incurável que é comum aos nossos camponeses.

E qual é ela?

O complexo de culpa, Mr. Craig. O complexo de culpa que os acompanha do berço até à tumba.

Mas a criança...

Não se preocupe com a criança. Ele é Arne Hedquist, simplesmente e para todos. Não tem nenhum estigma. Lilly bem sabe, porque eu lho disse, que os maiores nomes da história eram filhos ilegítimos: Leonardo da Vinci, o Papa Clemente VII, Dumas Filho, o seu Alexandre Hamilton, o nosso Strindberg. E não se saíram nada mal. O

Arne sair-se-á ainda melhor. E a Lilly também. Ela não se sente culpada.

Talvez o dia de hoje marque para si o início de uma evolução. Daqui em diante, pode ser que o senhor fique curado do seu complexo.

Daraniy olhou para trás de Craig e acenou com a mão.

Lá vem ela disse, fazendo girar o banco e pondo-se de pé.

Temos de ir.

Craig levantou-se devagar. Desejava poder discutir tudo aquilo com alguém, alguém com quem tivesse intimidade. Tentou recordar-se de Miller's Dam e de Harriet, mas nada disso tinha para ele realidade. Só a figura de Emily Stratman se lhe afigurava real; se ao menos pudesse falar com ela. Mas era impossível. Existia entre ambos uma barreira invisível. Ambos tinham tentado ultrapassá-la, 442

mas nem sequer haviam sido capazes de lhe tocar com a mão. Emily, por enquanto, era ainda irreal. Só a rapariga dos cabelos de ouro que estava na sua frente tinha realidade. Mas aí encontrava de novo a sensação de culpa, a culpa disfarçada de Leah.

E perguntava a si próprio: «Quais são os nossos deveres uns para com os outros? Em que medida pertenceremos nós próprios unicamente a nós?»

O Dr. Hans Eckart deixara o automóvel e, no seu rígido passo de ganso, aproximou-se da figura barbuda e minúscula que atendera a sua chamada e agora o esperava à esquina da rua.

Carl disse Eckart.

Carl Adolf Krantz voltou-se e, sem fazer caso da mão enluvada de Eckart, que se estendia para um cumprimento formal, agarrou-lhe no braço e puxou-o para dentro de uma porta.

Vem para aqui disse Krantz, imperativamente.

Aborrecido, Eckart entrou no jogo do outro e deixou-se empurrar para a entrada de um konditorei'.

Que mosca te mordeu, Carl?

Porém, Krantz espreitava três figuras que se afastavam do outro lado da rua: um homem alto, uma rapariga e outro homem gordo.

Got t sei Dan 2 murmurou por fim. Ele não nos viu.

Quem? quis saber Eckart, exasperado. Um Himmels willen 3, que loucura é esta?

Krantz recuperara a calma e logo se mostrou humilde, a tentar desculpar-se.

Desculpa-me ter-te assustado. Não quis ser desagradável. Mas no momento em que vinhas direito a mim, vi, do outro lado da rua, o húngaro, que saía do Restaurante Norma.

Zum T eu fel1 4 Qual húngaro?

Recordas-te de eu te falar fez uma pausa discreta do voto secreto do Stratman, da maneira como eu manobrei?

Sim, sim .

Falei-te de um palhaço de um húngaro que se faz passar por espião... na realidade é um bom investigador, muito bem relacionado na imprensa... e disse-te que o tinha contratado para me informar de quem eram os rivais de Stratman na Física? Recordas-te? Foi ele quem descobriu que o espanhol era falangista e que os dois australianos eram homossexuais.

Lembro-me vagamente.

1 Pastelaria 2 Graças a Deus'

3 Valha-me Deus'

4 com mil diabos'

443

Pois ia agora ali. Talvez não houvesse mal nenhum em nos ver juntos, mas ele é curioso por natureza, defeito da profissão, por certo.

Às vezes, fala de mais, e eu achei prudente...

Fizeste muito bem declarou Eckart, conciliador.

Krantz esticou o pescoço e espreitou para a rua. Viu um homem alto a ajudar uma rapariga loura a subir para um automóvel. Avistou Daraniy, que logo reconheceu pela figura rotunda, à espera, e depois a sentar-se ao volante. Os companheiros dele estavam demasiado longe para os poder identificar. Krantz preocupava-se em saber quem seriam e o que andaria Daraniy a maquinar.

Quando o Citroen se pôs em marcha, Krantz voltou-se para Eckart.

Já se foram informou. Agora podemos ir para onde quiseres.

Disseste pelo telefone que desejavas conversar uns instantes comigo...

Exactamente.

Bem, o lugar para onde iremos depende da espécie de assunto que queres tratar. Lá muito no seu íntimo, Krantz esperava ardentemente que aquela entrevista estivesse relacionada com alguma notícia acerca da sua nomeação para professor da Universidade dê Humboldt.

Pensando bem, no entanto, concordava que ainda seria cedo para isso e que Eckart devia ter problemas mais urgentes a resolver.

Talvez já se tivesse encontrado com Stratman e quisesse pedir-lhe algum conselho. Se não se trata de nada importante prosseguiu Krantz, podemos entrar no Restaurante Norma, que fica em frente.

No entanto, se queres conversar em particular...

É em particular que prefiro declarou Eckart secamente.

Pelo tom, Krantz adivinhou logo que havia no ar qualquer coisa de desagradável. Sentia-se apreensivo com a entrevista, enquanto precedia o amigo em direcção ao Volkswagen. Abriu a porta ao seu

amigo alemão, e este, depois de entrar, rígido, foi sentar-se no banco forrado de plástico, cruzando sobre as pernas as mãos cobertas de veias roxas. Krantz bateu com a porta, cada vez mais nervoso, e correu a sentar-se ao volante.

Queres as janelas fechadas ou preferes tomar ar?

Deixa-as fechadas.

Krantz descalçou uma luva e apalpou nervosamente no bolso, o puzzle de metal.

Eckart, que tentara concentrar-se no seus pensamentos, foi momentaneamente distraído pelo barulho do metal e olhou aborrecido para o lado.

Carl, hóre doch auf', com esse puzzle! Larga esse jogo infernal. Quero concentrar-me e preciso de que tu te concentres também. É um caso muito sério.

1. Acaba com isso.

444

Desculpa. Krantz meteu de novo o puzzle no bolso do casaco e esperou com ar contrito.

Como sabes, almocei ontem com o Stratman.

Ah, bom.

Não foi nada bom contestou Eckart. Foi tempo perdido.

Krantz não queria de modo algum que o valor da sua contribuição para aquela entrevista fosse minimizado.

Eu bem te avisei de que isso podia acontecer, lembras-te, Hans?

Lembras-te? Ele tinha declarado à imprensa que não queria voltar a trabalhar para um estado totalitário. Afirmou que deixara a Alemanha por sua livre vontade. Fixou Eckart com ar ansioso.

Foi isso que ele te repetiu?

Eckart não fez caso da pergunta de Krantz.

Eu ofereci-lhe um lugar na Universidade de Humboldt com o triplo do ordenado que recebe presentemente. Ofereci-lhe a

liberdade: só um doido varrido ou um sentimental recusaria uma oferta destas. Pois ele recusou.

Krantz sentia quase fisicamente a dor das palavras de Eckart.

Compreendera logo, sem que lho tivessem dito claramente, que Eckart e os seus camaradas da Alemanha Oriental queriam Stratman em Estocolmo para melhor o poderem convencer a regressar à Pátria. Nunca, contudo, ocorrera a Krantz que eles lhe quisessem dar uma cadeira na Universidade. Isso, para ele, constituía uma surpresa e perturbava-o profundamente, pois era uma ameaça ao seu próprio futuro. Afinal, quantos lugares existiam na secção de Física da Universidade? Se dessem um ao grande Stratman, ficaria ainda outro para oferecer a Krantz, muito menos importante do que ele? Só isto lhe importava naquele instante. A recusa de Stratman não o preocupava absolutamente nada, a não ser que ela viesse facilitar a sua própria nomeação. Sabia, no entanto, que o lugar de Stratman, embora continuasse vago, não abria automaticamente a porta. Antes pelo contrário, desconfiara logo de início que a recusa o prejudicaria. O facto de Stratman ter mandado passear Eckart não lhe causava a menor emoção. Krantz era sueco, e, portanto, oficialmente neutro em semelhantes assuntos. Só lhe importava o seu futuro. De que lado encontraria mais vantagens?

Eckart esclarecera bem a sua posição e a inteligência aguda de Krantz aconselhava-o a concordar com o seu superior.

Sinto-me tão surpreendido como tu declarou. Como pode um cientista recusar semelhante oportunidade?

Andamos a juntar lenha para nos queimarmos comentou Eckart, falando consigo mesmo. Eu sempre fui de opinião que se tinha ido longe de mais com essa coisa de exterminar os indesejáveis.

Deviam ter agido menos abertamente, deviam ter visto mais longe. Foi uma loucura, e agora somos nós quem sofre as consequên-

cias. Fitou os olhos de Krantz. Stratman nunca perdoará à Alemanha ter-lhe matado a cunhada e à Rússia ter-lhe matado o irmão.

Estou convencido de que é esta sobrinha que ainda vive ele chamou-lhe Emily quem lhe alimenta o ódio. Ele submete-se aos seus patrões militaristas e tece loas às maravilhas da América e às virtudes da democracia capitalista, mas tenho a certeza de que tudo é um disfarce. Ele continua a ser alemão. O nosso erro foi fazer dele também um judeu.

Trata-se de uma recusa irrevogável?

Eckart permaneceu um momento a olhar através do pára-brisas. Ele assim o diz.

Nesse caso, é impossível declarou Krantz. Mas existem outros talentos. Temos de nos voltar para outros lados.

Não exclamou Eckart, irritado. Só existe um Stratman.

Não há outro como ele.

Mas existem centenas de cientistas que trabalham no campo da energia solar. Talvez que se falarmos...

Eckart voltou-se para Krantz com uma ferocidade nascida do seu desapontamento.

Estás louco? Não vês qual é a única coisa que nos interessa?

Só Stratman sabe o segredo. A porta que ele abriu aos nossos inimigos fechou-se para nós. Um dia virá em que também havemos de conseguir abri-la. Mas são as outras portas que ele está em condições de abrir hoje que nos preocupam. Desejamos tê-lo em Berlim Oriental, para que ponha a sua descoberta ao nosso serviço. Não, nem sequer se trata disso. Queremos a sua presença, sobretudo, para que não possa trabalhar mais para eles, ajudando-os a armar-se. Pretendemos que ele constitua não uma adição para nós, mas sim uma subtracção para os outros. É esse o nosso fim, e havemos de o conseguir. Porque julgas tu que estou a revelar-te tudo isto? Porque

ainda temos esperança e sabemos que tu és um amigo, um futuro colega, em quem podemos confiar.

Krantz aceitou esta declaração com um misto de prazer e desconfiança.

Que mais posso eu fazer por ti? Já desempenhei o meu papel.

Apenas uma parte dele retorquiu Eckart secamente. O teu trabalho só estará completo quando nós nos considerarmos satisfeitos.

E ainda o não estamos.

Krantz deu por si a puxar pela barba e sentiu que a mão lhe tremia.

Não é bem assim, Hans, não é bem assim. E tu bem o sabes.

Era uma troca de favores. Eu fiz um simples pedido e tu fizeste-me outro bastante difícil. Pediste-me que conseguisse que Stratman ganhasse o Prémio Nobel da Física e viesse a Estocolmo para o receber.

Em troca, prometeste-me uma cadeira de professor na Universidade de Humboldt. Eu cumpri a minha parte, falta tu cumprires a tua.

446

Na verdade, Carl, tenho muito respeito pela tua mentalidade positiva e meticulosa retorquiu Eckart, num tom agora mais suave e conciliador, mas a exactidão no capítulo das relações humanas tem o seus limites. Nós não estamos a medir moléculas. Estamos a concluir um... um negócio vantajoso. Sim, é certo que conseguiste trazer o Stratman até aqui. Nunca me esquecerei disso. Porém, enquanto ele permanecer entre nós e enquanto não o convenceremos a submeter-se aos nossos desejos, o negócio não pode dar-se por concluído.

Ainda não nos foi entregue a mercadoria, se assim se pode dizer.

Ah, isso é que foi, visto ele estar aqui.

Apenas de passagem. Mas porquê essa resistência, Carl? Nem sequer te disse ainda o que pretendo de ti.

Sei apenas que a minha posição é muito precária, nada mais declarou Krantz. Na qualidade de membro do júri do Prêmio Nobel, fui o mais longe que me era possível. Que mais queres de mim?

Um favor mínimo, uma coisa simplicíssima, nada mais. Se estivesse em condições de a fazer eu mesmo, não te incomodaria.

Mas sou um estrangeiro aqui. Tu estás na tua terra. Uma tarefa que para mim seria muito difícil, pode ser simples para ti. E uma coisa te posso prometer, Carl: se te compenetrares da importância do trabalho que empreendeste, se o levares a cabo antes de eu te deixar a esta cidade, oferecer-te-ei o contrato para a tua cadeira na Universidade de Humboldt e um visto na tua licença da residência em Berlim Oriental. E agora, que tens a dizer a isto?

Krantz sabia que não lhe convinha discutir. Era forçoso prosseguir, de contrário o seu sonho iria por água abaixo. «Muito bem», disse consigo. «Tudo depende daquilo que exijam de mim.»

Que queres que eu faça, concretamente?

Passei toda a tarde de ontem e a noite a dar voltas à cabeça, a procurar uma solução para este problema retorquiou Eckart.

Trata-se de arranjar uma isca em que Stratman pegue melhor. Que poderemos nós oferecer-lhe que ele não seja capaz de recusar? É nesta base científica e civilizada que temos de abordar o problema. Porém, para poder fazer-lhe uma proposta conveniente, seria preciso que soubesse mais coisas acerca do homem e das suas necessidades. Quais são estas? Que deseja ele acima de tudo? Em troca de quê estaria disposto a vender-se? Quais as exigências e requintes capazes de o trazerem para o nosso lado? Eis as perguntas a que eu queria que tu me respondesses, Carl. Quando conseguires obtê-las, combinarei novo encontro com Stratman. Desta vez, levarei a isca apropriada.

Garanto-te que hei-de pescá-lo.

Mas como poderei eu saber quais são as necessidades de Stratman?

Não sou nenhum detective...

Fizeste as vezes de um, ainda não há muito. Podes dê-447

cobrir as necessidades dele se souberes pormenores acerca da sua vida e da vida dos que o rodeiam, sobretudo da sobrinha. Afinal de contas, foste tu mesmo que me falaste a respeito do que conseguiste apurar sobre o físico espanhol e os dois australianos; disseste-me que tinhas arranjado um processo de investigar e que as informações obtidas dessa forma te haviam sido muito úteis. Pois é isso mesmo que quero que faças agora. Achas que é pedir de mais?

Percebo retorquiu Krantz, pensativo. Se é isso...

Só isso.

Talvez seja possível. Acho que posso utilizar de novo o húngaro, o Daraniy. Ele tem experiência, trabalha que nem um cavalo e dispõe de bons informadores.

Pode-se confiar nele?

Absolutamente. Como já te disse, a sua licença de residência depende de algumas pessoas como eu. Além disso, está sempre esganado por dinheiro. Dispões de fundos necessários?

O dinheiro não há-de faltar. Dentro dos limites razoáveis, evidentemente.

Quando precisas das informações sobre Stratman? perguntou Krantz.

Quando preciso? Precisava já ontem, se tivesse sido possível.

A cara prussiana de Eckart franziu-se com pesada ironia e depois voltou a assumir uma expressão severa. Vamos lá a ver. Que dia é hoje? Seis de Dezembro? Então, no dia nove, à noite, o mais tardar.

Três dias para uma tarefa destas? Impossível!

Não tem nada de impossível, e tu bem o sabes. Preciso destas informações no dia nove, de modo a poder marcar uma entrevista com o Stratman na manhã do dia dez. Nessa mesma tarde, vão

entregar-lhe o Prêmio e no outro dia ele vai-se embora. Foi ele mesmo quem mo disse. Podes ao menos tentar, Carl. Tenta fazer o possível.

Krantz suspirou.

Vou experimentar prometeu.

Quando deres as tuas instruções ao húngaro ou seja a quem for que contrates para tratar deste assunto, debes agir com inteligência e cautela, muita cautela. O teu agente não deverá saber ao certo o que tu pretendes. Percebes? O mais pequeno deslize pode causar sensaborias a mim ou a nós ambos. Mas não te aflijas. Que é isto, afinal de contas? Uma brincadeira inocente. Uma investigação inofensiva, que nos fará compreender melhor a psicologia de Stratman. Não será difícil para uma pessoa com a tua estrutura e a tua mentalidade.

Estou ansioso pelo dia em que te teremos em Berlim, junto de nós. Tu e o Stratman, as nossas maiores coroas de glória. Os teus suecos vão ter uma inveja danada de nós, Carl?... Agora, leva-me outra vez ao hotel. Podes deixar-me um ou dois quarteirões antes. Não te esqueças de telefonar amanhã, depois de teres combinado tudo. Estarei à 448

espera... E agora, Carl, falemos de outras coisas, para variar. Há por aí algumas revistas que valha a pena ver? E quanto a mulheres, como está isto por cá?

O convite impresso em relevo, sobre papel de linho caro, fora enviado a vinte convidados.

Tratava-se de um jantar de cerimónia, oferecido aos laureados por Ragnar Hammerlund, a quem Marta Norberg ajudava a fazer as honras da casa. A festa realizava-se no dia seis de Dezembro, às sete horas da noite. Indicava, em sueco, trajo de smoking, o que significava laço preto e fato de cerimónia. O convite dizia em baixo «O. S. A. om svar anhalles», fórmula esta que corresponde ao

francês R. S. V. P.1, tendo por baixo o número do telefone particular de Hammerlund.

Muito embora os vinte convidados tivessem respondido afirmativamente ao receberem o convite, verificou-se, poucas horas antes do jantar, que a lista teria de ser reduzida para dezanove pessoas. Emily Stratman telefonara a Hammerlund dizendo que o tio não se encontrava bem nada de grave, apenas fadiga e que, nesse caso, preferia ficar no hotel, do que pedia imensa desculpa. Ao saber disto, Hammerlund telefonara pessoalmente ao conde Bertil Jacobsson, para a Fundação, pedindo-lhe o favor de substituir o professor Stratman e acompanhar Emily. Este aceitara, e Hammerlund sentia-se satisfeito por contar de novo vinte pessoas à mesa, incluindo ele e Marta Norberg.

Eram naquele momento sete horas da tarde.

No canal de Djagardsbrunns, para além da porta de ferro trabalhado e do lago artificial, as janelas do primeiro andar da residência de Hammerlund, toda ornada de colunas, semelhante ao Taj-Mahal Akslottet, refulgiam de luzes. Os vinte convidados encontravam-se já dentro da enorme e sumptuosa sala de estar, pois os Suecos possuíam desde crianças o hábito da pontualidade, e os estrangeiros haviam também chegado a horas, em virtude de terem sido avisados de que era conveniente observarem esta regra.

Os últimos acabavam precisamente de transpor o arco de entrada da sala. Era um grupo constituído por Emily Stratman, o conde Jacobsson, Andrew Craig e Leah Decker. Os donos da casa esperavam à entrada, para acolherem os convidados com um aperto de mão.

Ragnar Hammerlund, envergando um fato de cerimónia impecável, comprado em Bond Street, parecia mais incharacterístico do que nunca.

Mal se lhe distinguia o rosto imberbe, muito branco, e toda a sua pessoa lembrava um cruzamento de cavalo sem cabeça e homem

invisível.

Junto dele, desempenhando por aquela noite o papel de 1. R S V P «Répondez s'il vous plait » (N do T.) 449

dona de casa, como tantas vezes lhe sucedera já, via-se a lendária Marta Norberg.

Enquanto esperavam a sua vez de serem recebidos, Leah murmurou para Craig, numa voz trémula de adoração fanática: Meu Deus! Não achas que ela é tal qual a vemos no cinema?

Na realidade, Marta Norberg era a imagem fiel da figura que aparecia em milhares de cartazes e de capas de revistas, no teatro e nos anúncios dos filmes. Aos quarenta e dois anos, conservava ainda a mesma aparência que já se lhe conhecia aos vinte e dois e aos trinta e dois, efeito maravilhoso dos cuidados dos maiores especialistas de beleza internacionais. A despeito da curva que lhe caracterizava os ombros largos, pormenor que as plateias maravilhadas de Londres, Nova Iorque, Cairo e Bombaim interpretavam como um sinal de desilusão e de cansaço do mundo, indício de um excesso de sexualidade rara e mística, Marta Norberg era alta, muito mais alta do que Hammerlund, de pé junto dela. Tinha outras particularidades também igualmente célebres e eternamente celebradas nas revistas da especialidade: cabelos cendrados, caídos até aos ombros e, sempre por pentear... uns olhos profundos e cinzentos, onde se lia todo o mistério da mulher... o nariz patricio que dominara tantas plateias... o seu sorriso incrivelmente superior, que lembrava simultaneamente uma valquíria e Mona Lisa... a voz insinuante... uma palpitação rouca numa garganta de cisne...

Enquanto esperava que o apresentassem, Craig sentiu-se quase tão fascinado como Leah. Se a encontrasse na rua, como a qualquer mulher vulgar, perguntava a si próprio se se daria ao trabalho de voltar sequer a cabeça. Objectivamente, não tinha perfeitas nem as feições nem o físico. A face, severa, era demasiado comprida e os seios lembravam dois enormes botões achatados por baixo da seda

do vestido subido na frente e decotado nas costas, muito justo ao corpo. O que a tornava tão desejada era a fama mundial que a envolvia como um manto de rainha.

Porém, ao apertar-lhe a mão esguia e firme, sentiu a corrente eléctrica do magnetismo que emanava dela e compreendeu a envergadura da sua personalidade.

Craig declarou ele ao apresentar-se à moda sueca.

Já sei respondeu ela, na sua voz profunda. Encantaram-me todos os seus livros. Eu sou Marta Norberg.

Conheço-a respondeu ele. Também me encantaram todas as suas criações: Camelle, Nora Helmer, Beatrice, Sadie Thompson, Lady Windermere.

Os lábios da actriz curvaram-se imperceptivelmente.

O senhor fala tão bem como escreve, pelo que vejo. Venha cá, o Ragnar vai apresentá-lo aos outros convidados.

Imperava de novo o formalismo sueco. O protocolo das apresen-

450
tações fora ensinado a Leah por Mr. Manker e ela transmitira-o a Craig. Pelos vistos, Emily, que vestia uma deliciosa toilette de malha de seda sem mangas, fora igualmente industriada pelo conde Jacobsson, pois procedia naquele momento de acordo com aquilo que Craig sabia ser correcto.

Os catorze convidados que haviam chegado primeiro aguardavam, alguns segurando copos cheios de cocktails, outros de whisky e gelo, num semicírculo irregular, quase na mesma posição em que Craig os vira antes do banquete real. O escritor dirigiu-se, pouco à vontade, para o interior do círculo, atrás de Leah e de Emily. Ao chegar diante de cada convidado, declarava o seu apelido e este respondia-lhe da mesma forma. Os que conhecia já os Marceau, o Dr. Farelli e a mulher, o Dr. Garrett e a mulher, Konrad Evang, este norueguês, a todos cumprimentou com espontâneo à-vontade. Quanto aos desconhecidos, porém, tinha de se conformar com a

etiqueta. Eram estes o barão Johan Stiernfeldt, representando o rei, e a baronesa Stiernfeldt.

Havia Miss Svenson, contralto da Ópera, o general Alexei Vasilkov, adido militar da Rússia, e a mulher, Nadezhda Vasilkov, Mrs. Lagersen, na atitude de um monge, célebre por ter sido amiga de Mette Sophie Gad, mulher de Paul Gauguin, que morrera em Copenhaga no ano de 1905, e que publicara recentemente Recordações de Mette e Paul. Havia também o Dr. Oscar Lindblom, químico e investigador ao serviço de Hammerlund, um rapaz magro e pouco à vontade.

Findas as apresentações e visto já terem chegado todos, o círculo desfez-se em grupos de quatro ou em pares separados.

Leah, que fingia já ter perdoado a Craig o seu mau procedimento da noite anterior e reassumira o papel de enfermeira dominadora e de encarnação da consciência, começou a elogiar o mobiliário sumptuoso da sala, decorada em puro estilo Georgiano, e, então, pela primeira vez, Craig reparou no que o rodeava.

O grande salão, forrado de cima a baixo com painéis do século XVIII, ostentava numa das paredes uma gigantesca lareira em mármore de Carrara. No outro extremo, em cima de uma pequena plataforma, junto às varandas que davam para o terraço sobranceiro ao jardim, via-se um quinteto, sem dúvida parisiense, que tocava em surdina trechos tradicionais ou árias de operetas. Uma cantora francesa, atraentemente anêmica, toda ela gestos, acompanhava discretamente a orquestra cantando com nostalgia.

Junto da parede fronteira havia dois armários Chippendale com pernas trabalhadas, um ostentando um pavão esculpido em gelo, rodeado de orquídeas de estufa e um arco-íris de smorgasbord composto de arenques salgados, filetes de salmão, mexilhões de escabeche, almôndegas de vitela, bifinhos grelhados, batatas cozidas, torradas e bolos de açafião, peito de ganso, uma variedade imensa de queijos, 451

tudo isto servido por duas raparigas tipicamente suecas, de aventais engomados. A segunda mesa estava coberta de copos e garrafas de bebidas, que dois barmen preparavam, vestidos de uniformes vermelhos e pretos. Motta, o criado de libré de Hammerlund, um suíço velho parecido com um cão são-bernardo, circulava pelo meio de toda aquela gente transportando um tabuleiro de hors-d'oeuvres quentes, à moda americana. Atrás dele, a distribuir guardanapos, muito gentil no seu uniforme engomado, seguia a criada de sala sem dúvida finlandesa.

Leah foi separada de Craig por Saralee Garrett, que, sentindo-se mais segura em companhia da sua compatriota, encetou naquele momento com ela uma discussão acerca de compras na Suécia. com um suspiro de alívio, Craig voltou-se à procura de Emily. Não a vira durante todo o dia. Depois de Daraniy o ter deixado no hotel, tentara telefonar à rapariga, mas disseram-lhe que saíra com o tio. Durante o caminho para casa de Hammerlund, Jacobsson e Leah haviam açambarcado a conversa, e Craig nada mais pudera fazer do que sorrir para Emily. Sentia-se agora impaciente por lhe falar.

Avistou-a finalmente. Jacobsson levava-a pelo braço em direcção a um grupo formado pelo barão Stiernfeldt, pela mulher, Mrs. Lagersen e os Farelli. Craig sabia que não poderia tirá-la dali por enquanto.

Só tinha, portanto, um caminho a seguir. Dirigiu-se ao bar improvisado e pediu um whisky duplo com gelo Enquanto esperava, pôs-se a examinar um cartaz que se encontrava ao fundo da sala, sobre um cavalete. Tinha escrito por cima PLACERING.

Por baixo da legenda, via-se um esquema da distribuição dos lugares. Craig estudou a reprodução da mesa, feita a lápis. Ficava sentado entre Margherita Farelli e Leah Decker. Franziu as sobranceiras e continuou a consultar o plano. O lugar de Emily era entre Jacobsson e o general Vasilkov.

Craig aceitou a bebida que pedira e contraiu a boca ao fixar mais uma vez o desenho. Não era nada romântico. Precisava de umas emendas e ele prometeu encarregar-se disso mais tarde.

Durante uns momentos, enquadrado por Lindblom e Marta Norberg, o dono da casa quedou-se a observar a sala.

Todo o sueco importante, isto é, todo o sueco que ocupasse uma posição elevada, devia dar por ano três jantares, habitualmente durante a estação de Inverno, quando a vida se torna monótona e insuportavelmente enfadonha. Porém, Hammerlund preferia sempre exceder esse número. Essencialmente, ele era um solitário. Tal facto, contudo, não estava na origem das suas recepções oficiais. Oferecia estes dispendiosos jantares para, da sua altura olímpica, observar os seus semelhantes mais pequenos, considerando-os simples insectos sem valor, e as formigas da espécie do Homo Sapiens amenizavam-lhe mais tarde as solitárias divagações. Este era o nono jantar oficial oferecido 452

por Hammerlund naquele ano. Mas tratava-se apenas da terceira vez em que convidava laureados com o Prêmio Nobel.

Nas duas primeiras, a coisa resultara para ele num fracasso, pois considerara os cientistas horripelantemente maçadores e dogmáticos. Jurara a si próprio não convidar mais nenhum laureado e limitar os seus convites às pessoas com quem mais havia simpatizado: os seus colegas da indústria, que falavam, como ele, a linguagem comum da pirataria legalizada, e essas crianças grandes, os loucos e inconscientes do mundo do prazer. O que lhe fizera este ano mudar de ideias, envolvendo-o mais uma vez numa assembleia de laureados, fora o facto de os Marceau, de Paris, terem sido contemplados. Dera-se imediatamente conta de que lhe poderiam vir a ser úteis. Ao compreender que poderia parecer estranho convidar apenas os Marceau para Askslottet, sacrificara-se a dar mais este jantar de cerimónia aos vencedores dos prêmios. Até agora, pensava, tudo correria bem.

Não tardaria a empreender as negociações que tinha em vista. Aquele escritor, o Craig, tem um certo encanto. Parece uma pessoa interessante declarou Marta.

Não liguês ao Craig retorquiou Hammerlund, secamente.

Já te disse que te ocupasses de Claude Marceau. Depois dirigiu-se a Lindblom. Pelo que te diz respeito, Oscar, sabes bem quais são os teus deveres. Hammerlund pegoti a seguir nos braços de ambos e disse: Vamos a isto, antes que eles se misturem todos uns com os outros.

Avançaram os três pela sala fora, até ao sítio onde se encontravam os Marceau a beber, com ar carrancudo, sem falarem um ao outro, nem com mais ninguém. A irritação entre eles crescera nas últimas vinte e quatro horas. Claude suava sob o peso das conferências que Denise lhe impusera através da Fundação. E Denise estava com os nervos tensos ao máximo desde que soubera da notícia da chegada dos manequins franceses a Copenhaga nesse mesmo dia pela manhã.

Nestas circunstâncias, o convite de Hammerlund acompanhado pela famosa Marta Norberg e pelo jovem Lindblom, não vinha de todo fora de propósito.

Quando se esforçava, Hammerlund era mestre na maneira de receber.

com todo o à-vontade, deixou Claude Marceau com Marta Norbeg, sob o pretexto de este ir arranjar um cocktail para a artista. Livre dos olhos da mulher e impressionado, de verdade, com a atenção da célebre vedeta, Claude afastou-se com demasiada rapidez, no entender de Denise. Tendo ficado só com Hammerlund e o magricela do rapaz, cujo nome não conseguia recordar, Denise resolveu tirar o melhor partido das circunstâncias. Sorveu o martini e deixou as obrigações da conversa a cargo do seu repelente anfitrião.

Já conhecia o doutor Oscar Lindblom, suponho eu murmurou Hammerlund.

453

Sim, creio que me recordo declarou Denise. Foi aquele rapaz que corou ao sermos-lhe apresentados há pouco.

Tendo-o identificado, Denise observou-o agora com mais atenção, bem como ao dono da casa. Lindblom e Hammerlund eram fisicamente opostos: um ectomorfo, o outro endomorfo. Tinham, no entanto, certa semelhança, em virtude de uma característica comum: a de ambos serem profundamente incolores. Ao passo que Hammerlund fazia lembrar uma pasta, Lindblom era como uma figura humana de um livro para colorir, a qual tivesse ainda só os contornos a lápis. com excepção de uma madeixa de cabelos castanhos e das olheiras negras sob os olhos cinzentos, as feições nórdicas e regulares de Lindblom ficavam ofuscadas por uma personalidade tímida e introvertida.

Denise reparou imediatamente que a face pálida do rapaz se tingia de vermelho, e recordou-se de que o acusara de haver corado. E agora lá estava ele outra vez a pôr-se encarnado. O jovem tentou dizer uma amabilidade qualquer, gaguejou e desculpou-se por fim.

Não acontece todos os dias, doutora Marceau,- encontrarmos no nosso caminho o génio que idolatramos.

Denise inclinou a cabeça.

Agradeço-lhe, doutor Lindblom. Depois desviou os olhos para a expressão satisfeita de Hammerlund. Não pode deixá-lo à solta, senhor Hammerlund. Quando um químico tem tempo para aprender a dizer galanteios não pode consagrar tempo suficiente aos seus tubos de ensaio e aos seus ratos.

Muito bem disse Hammerlund. Vejo então que se recorda de eu lhe ter dito que o doutor Lindblom é o director do meu laboratório particular.

Pois claro que recordo.

Mas não se lembra também de eu lhe ter informado que se trata de um dos cientistas mais prometedores de toda a Escandinávia?

Não se esqueça disso. Ele ainda um dia há-de ganhar o Prêmio Nobel, tal como a senhora e o seu marido... Lindblom corou ainda mais e o lacinho agitou-se furiosamente sobre a sua maçã-de-adão saliente.

Na verdade, Mr. Hammerlund...

Este fez cair o protesto com um gesto da mão, como quem sacode um mosquito. E prosseguiu, dirigindo-se vivamente a Denise.

Está completamente enganada no que diz respeito ao tempo que ele consagra aos tubos de ensaio e aos ratos. Ele consagra todo o seu tempo às experiências e está em vésperas de fazer uma descoberta importantíssima no campo dos alimentos sintéticos. Mas nestes últimos tempos tem andado a marcar passo.

É pena... isso acontece às vezes retorquiou Denise, dirigindo-se a Lindblom com um desinteresse atencioso.

Espero que ele tenha ocasião de falar dos seus trabalhos disse 454 Hammerlund, com energia. Sei que está ansioso por isso. E, quanto a galanteria, vai achá-lo encantador. Olhou para o fundo da sala, tal como planeava. Vejo que o general Vasilkov está a chamar-me.

Desculpem-me por um momento, vou deixá-los um com o outro. E, rapidamente, Hammerlund separou-se de Denise e de Lindblom.

Fizera um enxerto, agora esperava que ele pegasse.

com um alívio que não tentou sequer disfarçar, Denise viu partir o dono da casa. Mas o companheiro que ali tinha junto de si não era menos maçador. Considerou aquele espantalho que estava na sua frente, aquele sueco imbecil, cientista amador, e pensou consigo quanto tempo levaria a ver-se livre dele.

Tenho de pedir-lhe que desculpe Mr. Hammerlund dizia Lindblom, pesaroso, com o lacinho aos saltos no pescoço. Ele acha

que tudo quanto lhe pertence é o melhor que há no mundo e dá-se ao luxo de incluir nessa lista os seus empregados.

Não sei o que está a dizer retorqui Denise secamente.

Refiro-me... refiro-me à sua profecia de que eu poderia vir a ganhar o Prêmio Nobel, como a senhora e o seu marido. Nunca me atreveria a imaginar tal coisa. De contrário, você julgar-me-ia convencido de que ocupo algum lugar importante na ciência, ao lado de dois grandes laureados. Eu sou, por assim dizer, um principiante, quase um aprendiz, em comparação convosco. É por isso que peço desculpa do exagero de Mr. Hammerlund.

Denise franziu os olhos ao observar mais atentamente o seu interlocutor.

A cara estreita e os olhos cinzentos, embora não fossem de todo feios, tinham qualquer coisa de abjecto. Mas o que Denise considerava mais insuportável do que tudo num homem era a fraqueza.

Não diga isso declarou ela. Cada um tem o seu lugar e a sua tarefa a desempenhar neste mundo.

Percebia que seria obrigada a ouvi-lo primeiro, antes de conseguir livrar-se dele, e, portanto, o melhor seria acabar com aquilo o mais depressa possível. Via dali o marido, no bar, a conversar animadamente com Marta Norberg, de pé, muito perto dela. Agora, que Claude perdera todo o senso moral e caíra nas maiores loucuras, ninguém podia dizer até onde ele seria capaz de escorregar. Se não podia ir ao encontro de Gisèle Jordan, a Copenhaga, o velho tonto era muito capaz de se atirar àquele iceberg estafado da Marta Norberg, ali mesmo em Estocolmo. Tudo se podia esperar daquele velho desmoralizado, daquele miserável Casanova, desde que se tratasse de lisonjear a sua vaidade com novas aventuras.

Denise mordeu o lábio de despeito, depois pensou que estava a esborratar o baton e abriu rapidamente a carteira para reparar os

estragos. Não se sentia ainda alarmada com o procedimento de Claude junto da actriz, mas seria loucura deixar progredir mais o namoro.

455

O que havia a fazer era compor a pintura, acabar a bebida, ouvir o resto da história daquele palerma e ir depois até ao bar pôr cobro àquilo.

Enquanto punha baton e pó de arroz. Denise ia dizendo: Mr. Hammerlund falou-me do seu trabalho. É capaz de me explicar do que se trata? Claro que isto aqui não é lugar para conversas de laboratório, mas estou com um certo interesse em saber. Qual é o seu projecto, doutor Lindblom?

O tom afectado das palavras de Denise intimidaram o rapaz, mas ao mesmo tempo fizeram que sentisse por ela mais respeito ainda.

Aquele génio feminino tão transcendente, com a cabeça certamente cheia de projectos que exigiriam qualidades muito superiores às dos simples mortais, estava ali a animá-lo para que falasse de si. Muito embora o desejasse desesperadamente, Lindblom receava impacientá-la.

O que por fim o decidiu a prosseguir foi a recordação das palavras de Hammerlund, horas antes: «Oscar, quando estiveres sozinho com ela faz por lhe despertar interesse pelo teu trabalho. É este um dos principais fins da minha festa.»

Esta atitude seria inconcebível para um introvertido; era como se pretendessem que ele monopolizasse a atenção de Marie Curie. Porém, a obrigação de fazer depois o seu relatório a Hummerlund levou-o a tentar um esforço sobre-humano.

Estou certo de que Mr. Hammerlund lhe explicou o motivo que se encontra por detrás das nossas investigações sobre os alimentos sintéticos.

Sim, um engrandecimento pessoal.

Esse é o motivo dele, mas não o meu. Como sabe, ele é vegetariano e, portanto, não quer ingerir alimentos que tenham sido parte do corpo de um animal vivo. No entanto, sabe que, por outro lado, as proteínas das carnes são necessárias à vida. Veio então pôr-me a questão das proteínas sintéticas, um substituto para a carne, com o mesmo valor nutritivo, mas que fosse moral e esteticamente aceitável.

Informei-o de que, para quem dispusesse de tempo e dinheiro, tudo se podia esperar no campo sintético. Durante a última guerra, quando os soldados foram atacados de malária, o único remédio era o quinino. Tornava-se contudo impossível obter quinino em quantidade suficiente extraída da casca das árvores. Esta necessidade vital determinou a invenção do quinino sintético, conhecido pelo nome de antabrina.

Eu disse a Mr. Hammerlund que, sempre que surge uma necessidade importante, existe sempre uma solução possível.

E o senhor acha que o vegetarianismo do seu patrão, se pode considerar uma necessidade importante? observou àcidamente Denise.

De forma nenhuma. Mas, ao passo que a necessidade do ponto de vista dele não passava apenas de uma esquisitice e, mais tarde,

456
de uma oportunidade para ganhar milhões, os meus motivos eram inteiramente diversos. Primeiro, enquanto trabalhava no laboratório, verifiquei que os alimentos naturais não são de forma nenhuma tão eficientes e completos como se imagina. Os alimentos sintéticos poderiam ser libertados dos defeitos naturais e proporcionar, portanto, mais saúde à humanidade. Por outro lado, uma vez que os alimentos eram preparados no laboratório, poderiam obter-se em quantidade suficiente para prover às necessidades do mundo inteiro, acabando assim com as fomes e a

subalimentação. Achei tentador o objectivo e desde então dediquei-me por completo a ele.

Admiro o seu humanitarismo declarou Denise, que há muito se cansara do assunto. Mas, ao fim e ao cabo, você pode muito bem estar apenas a trabalhar em vão.

Não, não, doutora Marceau. Dou-lhe a minha palavra de honra que tudo é possível neste capítulo. Veja só o que Bergius foi capaz de fazer transformando serradura e aparas de madeira em carboidratos do tipo do açúcar e Fischer sintetizando proteínas que proporcionam um alimento completo. A maior parte das pessoas tem tendência para esquecer que os elementos sintéticos fazem já parte da natureza dos alimentos vulgares. Que é, afinal, um sorvete? Uma coisa natural? Apanha-se nos campos? Cresce na terra? Trata-se do resultado de produtos naturais com produtos químicos. Sucede o mesmo com o fermento em pó. Também não cresce nas árvores. Empregam-se sintéticos e produtos químicos, tais como o monocalcário de fosfato.

E que dizer então do pão cozido!...

O rapaz entusiasmava-se cada vez mais com o seu assunto predilecto, mas Denise já o não escutava. Tentava fixar o olhar no marido, do outro lado da sala. Este encomendara novas bebidas para ele e para Marta Norberg, e encontrava-se agora mesmo encostado àquela grande cabra, falando-lhe em ar de confiança, a tentar captá-la com o seu espírito pesadão, a tocar-lhe o braço nu e a rir, sem dúvida a querer seduzi-la. (Não estava ele farto de praticar ultimamente aquela técnica?) Denise mal ouvia as loas que Lindblom ia tecendo aos alimentos sintéticos, mas a palavra feriu-lhe o ouvido e ela pôs-se a desejar que a química tivesse possibilidade de produzir homens sintéticos, dotados de um amor sintético e de uma fidelidade que se não sentisse revoltada com a idade, e também um sexo sintético, que só admitisse um companheiro e nada mais.

E eu estou a tentar reproduzir no laboratório o sabor da carne, o conteúdo alimentício da carne, a aparência da carne ia dizendo Lindblom. Ao mesmo tempo exploro novos campos, as algas...

Tudo muito interessante terminou Denise, com decisão.

Lindblom percebeu que «Sua Majestade» estava a despedi-lo, mas não se deu por vencido. Sentia-se lisonjeado por ela lhe ter prestado 457

atenção durante algum tempo e também aliviado por ter alguma coisa a relatar a Hammerlund no fim do jantar.

Um destes dias prosseguia Denise, em circunstâncias mais propícias e num lugar mais apropriado, você há-de explicar-me concretamente as suas descobertas e as circunstâncias que o impediram de ir mais longe. Neste momento, porém...

Teria muito prazer em mostrar-lhe o meu laboratório no rés-do-chão, de lhe fazer as honras da casa e de lhe deixar ver os meus trabalhos...

Obrigada, muitíssimo obrigada. Como sabe, o tempo não pertence só a nós. Estamos nas mãos da Fundação Nobel, e o conde Jacobsson parece ter disposto de todas as nossas horas durante a estada aqui. Mas, como lhe digo, se em qualquer altura.

A senhora e o seu marido serão sempre bem recebidos.

Sim, o meu marido repetiu Denise, olhando para o bar.

Parece-me que me tenho esquecido um pouco dele. Tudo culpa da sua interessantíssima conversa, doutor Lindblom, e do interesse do seu trabalho. Agora, acho melhor ir ter com ele. Agradeço-lhe imenso a sua companhia.

Deixou abruptamente Lindblom e atravessou a sala. Claude e Marta estavam ambos a beber quando ela surgiu no meio deles.

Andava à tua procura disse Denise, hipocritamente.

O sorriso mundano de Claude esmoreceu.

Miss Norberg tem estado muito interessada nos espermatozóides...

Oh! Quelle surprise' exclamou a doutora.

Marta Norberg não deu mostras de ter ouvido. Procurava com os olhos alguém dentro da sala.

Vou deixá-los um com o outro declarou cerimoniosamente.

O seu encantador marido, doutora Marceau, fez-me esquecer por completo os meus deveres de dona de casa. Tenho de os retomar.

E, para Claude, acrescentou: Estive interessadíssima. E não se esqueça, meu caro, de guardar um espermatozóide congelado para mim. Talvez um dia venha a precisar dele, se não conseguir encontrar um homem.

Inclinou graciosamente a cabeça e foi-se embora, a menear as ancas, com passadas largas.

Não se esqueça de guardar um espermatozóide para mim! arremedou Denise. Cabra sem vergonha! Aposto que poucas vezes, como hoje, se conserva tanto tempo sem estar deitada!

Claude mostrou uma expressão desgostosa.

Denise, tens alguma necessidade de estar sempre a dizer grosserias? Miss Norberg é uma senhora muito simpática e decente.

Como a outra que nós conhecemos?

Ele fez que não percebera e perguntou: 458

Que tal achaste o doutor Lindblom?

Um Dom Juan atrevidíssimo respondeu ela, arrebatadamente.

Tive de lutar para não ser violada... Agora vai-me buscar uma bebida natural, meu marido sintético.

Que queres dizer com isso? Resolveste aborrecer-me esta noite?

Disso podes ter a certeza, mon brave retorqui Denise.

Durante todo o tempo que durara o cocktail, Craig tentara captar o olhar de Emily. Conseguira-o finalmente, agora que se encontrava já com o segundo whisky duplo na mão. A rapariga voltou a cabeça, pois sentira-lhe os olhos fitos em si, e ele, com um gesto de cabeça, convidou-a a vir fazer-lhe companhia, mas ela respondeu-lhe com um breve encolher de ombros, como quem diz ser impossível.

Craig compreendeu. O círculo onde Emily se encontrava aumentara.

Continuava composto pelo barão Stiernefeldt e pela mulher, por Mrs. Lagersen e Margherita Farelli, embora o marido desta tivesse desaparecido, e, desde a última vez que Craig observara o grupo, tinham-se-lhe vindo reunir Ragnar Hammerlund, Konrad Evang, o general Vasilkov e a mulher. Formavam o grupo mais numeroso que se encontrava na sala, e Craig sentia-se irritado por ver os homens tão interessados em Emily. Era inevitável, pensou. Todo o macho se sentiria inevitavelmente atraído por ela. Onde quer que aparecesse, as borboletas surgiriam fatalmente atraídas pela sua chama.

Acabou por se convencer de que ela não podia esquivar-se. Teria de ficar sozinho. Voltou-se devagar, para ver os restantes componentes da assembleia. Leah continuava em animada conversa com Saralee Garrett e outra senhora, Miss Svensson, a cantora de ópera. Craig reparou que Leah o fitava com um ar preocupado, e isto, para ele, podia constituir uma pequena ameaça. Outra ameaça maior vinha também a encaminhar-se para ele, na pessoa de Marta Norberg. Durante algum tempo, vira-a na companhia do Dr. Marceau; reparara, contudo, por duas vezes, que ela o fitava. Deixara os Marceau no outro extremo do bar e, descrevendo um vasto círculo, ao longo do qual teve uma breve conversa com Lindblom, trocou algumas palavras com o mordomo e, depois de ter observado Leah e as outras senhoras, iria encaminhar-se fatalmente para o lugar onde ele estava. Chegara a sua vez. Podia haver coisas piores, pensou consigo.

Nos seus tempos de rapaz, ao contemplar o inatingível écran, Craig partilhara os vagos desejos dos outros homens que se encontravam junto dele. Os anos haviam poupado Marta Norberg, dizia agora consigo. Ela parecia não ter idade e continuava a ser o símbolo de tudo quanto era belo, desejável e inacessível. No entanto, em virtude de qualquer anomalia, agora que tinha oportunidade de

conversar com ela em termos de intimidade, quase como sua igual,
459

não sentia o mínimo desejo de o fazer. O seu pensamento estava cheio de Emily Stratman, apenas de Emily, de mistura com uma fugaz e deslumbrada recordação de Lilly.

Engoliu o resto do segundo copo e sentiu-se subitamente abafado naquela sala superaquecida. Perguntava a si mesmo onde poderia ir respirar um pouco de ar fresco, só com os seus pensamentos. Percorreu com o olhar todas as saídas da sala, e deteve-se por fim nas varandas, perto da orquestra incansável. Vendo uma das portas apenas encostada, Craig não quis saber de mais coisa alguma.

Entregou o copo vazio ao mordomo, dizendo que não queria repetir, e caminhou para a varanda, desejando no seu íntimo que ninguém reparasse nele. Saiu e fechou a porta atrás de si.

O ar frio da noite, não tão cortante como o das precedentes, reanimou-o.

Durante um longo minuto permaneceu imóvel, sobre as lajes, a sorver o ar e a contemplar o céu azul-escuro pontilhado de estrelas minúsculas, semelhantes a grinaldas soltas de uma árvore de Natal.

Passado um momento, voltou a si e começou a percorrer a varanda iluminada romanticamente por antigas lanternas inglesas de carruagem.

Foi recordando sucessivamente Emily, depois Leah e Lilly, a tentar relacioná-la separadamente com Miller's Dam, Lucius Mack, a Universidade de Joliet e o Regresso a casa.

Chegara junto da balaustrada de pedra que separava a varanda dos jardins, e ficou-se aí, a olhar distraído os maciços de arbustos, as ruas e as estufas, que se divisavam a distância. Nesse momento verificou, surpreendido, que não estava sozinho. Logo abaixo dele, moviam-se duas figuras masculinas que se dirigiam das escadas da varanda para o atalho mais próximo.

Craig acabou por as identificar, depois de um certo esforço. O mais forte, que avançava com agilidade, era Carlo Farelli. O outro, caminhando aos solavancos, nervosamente, John Garrett.

Craig cogitava o que teriam a dizer dois laureados da Fisiologia e da Medicina, aparentemente estranhos um ao outro. A sua imaginação de escritor começara a trabalhar. Estariam a trocar impressões sobre os respectivos trabalhos? Mas então porquê ali, na noite gelada?

Porque não dentro da casa aquecida? Ou tratar-se-ia de outra coisa?

Qualquer coisa de pessoal?

Porque se trata de um caso pessoal, fique sabendo! dizia John Garrett, impetuosamente, em resposta à pergunta de Farelli, no momento em que atingiam o atalho.

Farelli protestou ainda uma vez, num tom bonacheirão.

Mas com tanto frio? Não se esqueça de que sou latino, tenho o sangue fraco.

Eu sei, eu sei de que espécie é o seu sangue retorquiou Garrett com voz áspera. Sempre que bebia de mais, como nessa noite, ficava rouco. Agora estava não apenas rouco, mas também esgotado pelo ódio havia tanto reprimido.

Então se o que tem a dizer-me é assim tão pessoal, podíamos pedir emprestada a biblioteca ao Hammerlund. Aproveitar-nos-íamos das comodidades da civilização enquanto conversássemos. Não acha?

Farelli parou e voltou-se, esperançado, para a cara impenetrável de Garrett, naquele momento muito corada. O americano, por sua vez, deteve-se também e enfrentou-o.

Não retorquiou. O que temos a dizer não deve ser ouvido por mais ninguém.

O senhor está muito enigmático, doutor Garrett.

Garrett empertigou-se todo, para se fazer mais alto e poder competir com o seu inimigo em autoridade e força física. Tomara aquela decisão, a decisão de passar a vias de facto com Farelli, a seguir ao fracasso que sofrera no Real Instituto Médico-cirúrgico Caroline.

Já não podia adiar o inevitável. Os ares protectores de Farelli punham-no fora de si. A partida que este lhe fizera no Instituto Caroline, servindo-se de Ohman e da sua pessoa, utilizando-se de Sue Wiley, grasnando para quem o queria ouvir que só ele era o sábio e que Garrett era como se não existisse... Bem, pelo menos numa das intrigas, Farelli estendera-se ao comprido. Naquele momento, o Dr. Ohman já estava ciente de que Farelli não passava de um charlatão, uma vergonha para a classe médica e para o Prêmio Nobel. Ficara sabendo também que ele o enganara vergonhosamente.

O tom persuasivo com que Garrett falara, em face da adoração que Ohman lhe votava e da gratidão que julgava dever-lhe, transformara, mesmo a propósito, o sueco num aliado precioso. Agora, porém, Garrett não precisava de aliados. Ansiara por aquela noite, por aquela hora da verdade diante de Farelli. Uma vez convencido de que Garrett lhe conhecia o jogo, e logo que compreendesse até que ponto este penetrara as suas maquinações, o italiano deixaria de insistir. Não se atreveria a continuar como até ali. Depois, e só depois, Garrett ficaria livre, finalmente livre, para receber todas as honras que lhe eram devidas.

Percebeu que se perdera em divagações e que Farelli o fitava com ar estranho.

Sente-se mal, doutor Garrett? perguntou.

Porque pergunta isso?

Parece... parece estar ausente. Acabei de lhe perguntar qual o assunto misterioso que o fez trazer-nos aqui esta noite, em risco de apanharmos uma pneumonia.

Eu já lhe digo! Eu já lhe digo do que se trata! explodiu Garrett, com um estremeção. Chamei-o aqui para lhe dizer o que penso da maneira como você apanhou metade do meu dinheiro.

461

A princípio a cabeça leonina de Farelli teve um movimento de incompreensão. O tom da sua voz era incrédulo, ao perguntar: Serei eu que compreendo mal o seu inglês, doutor Garrett?

O senhor disse que eu lhe apanhei metade do seu dinheiro?

Do Prêmio Nobel, sim, sim, foi isso mesmo que eu disse! Eu devia ter recebido cinquenta mil e trezentos dólares em lugar de vinte e cinco mil cento e cinquenta. O senhor não tinha direito à outra metade. Nunca o teve, e sabe isso muito bem. Fui eu quem fez primeiro a descoberta, sozinho! Mas você ficou com metade das glórias, apossou-se delas, tal como Cook e Peary. Você é o Cook, um usurpador.

A maxila de Farelli avançou belicosamente.

Doutor Garrett, não quero crer no que ouço. O senhor está a brincar comigo, isto com certeza é uma brincadeira!

Não é brincadeira nenhuma. Não me venha para cá com mais fingimentos! Você pode enganar a imprensa, o Comité Nobel, a Sue Wiley, Ohman, o mundo inteiro. Mas há quem saiba a verdade e esteja a vigiá-lo.

A vigiar-me porquê? Você está a vigiar-me porquê? Essas tolices que está a dizer até me fazem a cabeça tonta!

- O senhor bem sabe o que eu quero dizer. Quer que lhe explique em pormenor? Eu sei bastante de psicologia; não só de patologia, mas também de psicologia, e percebo as intenções de um impostor como você. A história está cheia de impostores e de falsificações. Todos nós sabemos quem são, e sempre que penso neles estou a vê-lo a si: é da mesma espécie do Psalmanazar, do Tichborne e do chamado doutor Graham, com o seu Templo da Saúde e o seu leito celestial; confundo-o com o coronel Ghadiali e os seus companheiros

de aldrabice. Você serviu-se da minha descoberta, de todos os meus anos de trabalho, dos meus comunicados, colocou espiões nos meus laboratórios...

A face morena de Farelli endurecera.

- Que faceia tosta! * resmungou. Doutor Garrett, se eu não acreditasse que o senhor ou está bêbado ou é um paranóico, esbofeteava o!

Então ande! Experimente, experimente, se é capaz! provocou Garrett, tal como um rapazola que desafia a que lhe batam para arranjar um motivo para andar à pancada. - Tenho observado o seu procedimento desde que aqui chegou, Farelli. Eu e o Ohman temos estado a observá-lo; você é o maior farsante de todos os tempos.

Conseguiu deitar-lhes poeira nos olhos, lá isso conseguiu! Açambarcou a conferência de imprensa, com o fim de me ofuscar. E, no banquete real, tentou ridicularizar-me aos olhos de todos. E agora... agora pretende ajudar Ohman, servir-se dele com o fim de arranjar uma histó-

1 Que descaramento!

462

ria indecente e mesquinha para contar a essa serigaita da Wiley! Garrett bufava de excitação provocada pela fúria e pelo álcool que lhe subia à garganta.

Você não podia roubar o Prêmio inteiro, as honrarias completas prosseguiu ele, numa voz aguda, por isso anda agora com essa manobra para o conseguir finalmente. Mas eu sei que é um intrujão.

Já há quem esteja a aperceber-se disso e, se persiste, vai meter-se em sarilhos. Sim, em sarilhos! Você é um impostor, diabos o levem...

A cara larga de Farelli estava lívida.

Cale-se aí, seu estúpido! Si calmi!1 Caia em si! Talvez ainda vá a tempo de o desculpar.

Voltou-se para se ir embora, mas Garrett não estava resolvido a deixar-lhe dizer a última palavra, menos do que nunca naquela

noite, aquela gloriosa noite que era para Garrett a sua hora da verdade.

Estendeu a mão, em riscos de cair, e agarrou no braço de Farelli, fazendo-o voltar-se.

Você é um intrujão, um mulato indecente e intrujão! gritou.

Farelli deu uma palmada na mão de Garrett, libertando assim o braço.

Não me toque, seu louco, seu paranóico! Ponha-se a mexer, Itnbedlle... pazzol!2

Foi isto e nada mais do que isto que fez sair Garrett completamente fora de si. O Dr. Keller, se assistisse à cena, teria compreendido, bem como todo o grupo dos companheiros de psicoterapia colectiva.

Garrett perdeu a cabeça. Dando largas a toda a sua fúria e a todo o despeito concentrados em si, atirou um murro a Farelli. A pancada atingiu este no ombro e deslizou para o lado. Foi mais a surpresa do que a força que fez vacilar Farelli, obrigando-o a recuar.

Hás-de ver como é gritava Garrett, engasgado.

Às cegas, atacava desastradamente o italiano, agitando os braços, como se fosse um velhote sedentário que de súbito perdesse a cabeça.

Farelli, porém, recuperara o sangue-frio e o equilíbrio. Saltou rapidamente para o lado e, enquanto um dos punhos de Garrett o falhava por completo, acertando-lhe o outro apenas de raspão nas costelas, Farelli enterrava-lhe o punho até ao pulso no estômago. O espírito combativo e o oxigénio abandonaram simultaneamente Garrett, que tombou, dobrado ao meio, como um canivete que se fecha. Então Farelli vibrou-lhe um soco directo no queixo que se lhe oferecia a descoberto. Os nós dos dedos sobre a carne produziram um ruído seco, como um bater de palmas, e Garrett, com a cabeça aos baldões e as mãos a apertarem a barriga, caiu para trás, girando sobre si mesmo.

1. Acalme-se.

2. Imbecil doido!

463

Ficou sentado no chão, a gemer e a cuspir sangue misturado com álcool, de boca aberta, como um peixe fora de água.

Olhou para cima com os olhos vesgos, desvairados, e, de súbito, com inesperada energia, ergueu-se, gemendo, sobre um joelho e depois atirou-se às pernas de Farelli, a tentar derrubá-lo. Este defendeu-se a pontapé, praguejando em italiano; porém, no momento em que ia para fugir, Garrett conseguiu erguer-se de novo, a tremer, e atirou-se ao companheiro, num abraço de urso, a querer lançá-lo ao chão, no intuito de destruir nele todos os gestos de dignidade. Farelli lutava para se desenvencilhar das mãos de Garrett que lhe apertavam os ombros, e assim continuaram a debater-se e a praguejar sobre o saibro gelado do jardim.

Andrew Craig, que do terraço presenciara a altercação, chegou naquele momento. O escritor meteu-se de permeio e, com força e sem paixão, impôs a sua autoridade. Garrett largou Farelli, começando a recuar num passo vacilante, a ofegar, a mover os lábios sem produzir nenhum som.

Estão ambos loucos? Estão loucos? Perguntou Craig.

Ele insultou-me declarou Farelli, com um ar de dignidade ultrajada. Foi ele o primeiro a bater.

Garrett conseguiu falar numa voz quebrada.

Ele é um mentiroso, um aldrabão! Ele provocou-me!

Não me interessa para nada apurar quem tem razão ou deixa de a ter, nem quero saber o que se passou ripostou Craig, furioso.

Mas, pelo amor de Deus, os senhores são dois adultos! Caramba!

Dois laureados com o Prêmio Nobel, e portam-se como dois arruaceiros de taberna! Acabem lá com isso! Imaginem que a coisa vem a saber-se? Se alguém descobre? Voltou-se para Farelli. Você vá primeiro, É melhor pentear o cabelo e endireitar o smoking A lapela

está esgarçada. Talvez possa disfarçar isso antes de entrar lá para dentro. Depois voltou-se para Garrett. Vou tentar dar-lhe um jeito. Tome lá o meu lenço. Limpe esse sangue. É só um pequeno corte no lábio. Vou limpá-lo e ver se consigo enfiá-lo no quarto de banho.

Benissimo * disse Farelli para Craig. Depois fitou Garrett com desprezo. Arriverdefci, fratello mio 2. E afastou-se.

Garrett olhou em frente, enquanto cerrava o punho na direcção do italiano.

Ainda temos contas a ajustar, meu patife. Hei-de ensinar-te, verás!

Hei-de ensinar-te!

Em seguida, Garrett internou-se na escuridão do jardim, chorando e vomitando ao mesmo tempo, não de dor física, mas de humilhação e despeito pela injustiça que lhe amargurava o coração.

1. Muito bem.

2. Adeus, meu amigo.

464

Junto do bar improvisado encontravam-se agora seis pessoas: Denise Marceau, entre Hammerlund e Evang, a seguir Leah Decker, Jacobsson e Mrs. Lagersen.

A fim de impressionar os Marceau, Hammerlund largara a deixa do costume a Mrs. Lagersen. Falara com orgulho nos dois últimos quadros de Monet e Sisley que adquirira, por intermédio dos seus agentes, num leilão de Paris e que vinham naquele momento a caminho de Estocolmo, para em breve enriquecerem a sua galeria de impressionistas.

O que ele mais lamentava era não possuir um Gauguin.

Sempre desejara um Gauguin. Era esta deixa que Mrs. Lagersen esperava.

Ela recordava-se da morte de Paul na Dominica distante, do tempo em que estivera com Mette em Copenhaga, na semana em que se soube a notícia, invocava o ressentimento que esta guardava

contra uma vida tão mal aproveitada. Recordava-se também dos objectos de uso pessoal de Paul: das mobílias, dos quadros vendidos em leilão, lá em Papeete, para pagar uma multa no tribunal. Tinham feito muita troça, nesse dia, de tudo o que pertencera ao pintor demente e, quando chegou a vez da última tela, o leiloeiro voltara-a de pernas para o ar.

Quem quer as cataratas de Niagara! apregoava. Alguém oferecera cem francos, e isto pusera ponto final na história de Paul Gauguin, assim o julgaram eles. Mette também pensou o mesmo, em Copenhaga.

Porém, agora, nem Hammerlund, com a sua imensa fortuna, conseguia encontrar à venda uma só das suas telas.

Denise escutara, absorvida, aquela peça de museu que era Mrs. Lagersen, elo vivo com um génio imortal. A curiosa história vivida, o vinho e a música haviam atenuado o veneno que amargurava o coração de Denise. Como tudo aquilo poderia ser divertido, pensava ela, observando o perfil de Claude. Começara outra história, e Denise prestou atenção. Foi quase no fim dela que Motta, o mordomo, fez a sua aparição e aguardou atrás de Claude. Parecia ansioso, mas esperava com um respeito fleumático.

No fim da anedota, todos riram. Aproveitando o intervalo e antes que outra começasse, Motta aproximou-se rapidamente de Claude e tocou-lhe no braço. Este inclinou-se para o criado, que lhe murmurou qualquer coisa ao ouvido. Evang falara agora e ninguém reparou em Claude e Motta, ninguém a não ser Denise. Viu o marido cerrar o sobrolho, acenar com a cabeça e murmurar uma desculpa dirigida a ninguém em especial, saindo em seguida da sala, a toda a pressa, atrás do mordomo.

Denise perdeu logo todo o interesse pela história de Mrs. LagerWen.

O seu pensamento seguiu Claude. Que recado seria aquele? Não imaginava onde teria ele ido nem o que se estaria a passar.

li Evang narrara uma história muito comprida, à qual se seguiu um 465

interlúdio de conversas soltas. Hammerlund inclinou-se para Denise e inquiriu delicadamente: Agrada-lhe a música?

É muito agradável, tanto a orquestra como a cantora respondeu ela, distraída.

Mandei-os vir de avião, de Paris, de propósito para si. Pensei que isto a faria sentir menos estranha nesta terra.

Denise contemplou Hammerlund de lado, surpreendida. Este ficaria espantado se soubesse que, enquanto vivera em Paris, ela não pertencera à cidade, pelo menos durante aqueles anos laboriosos; não fizera parte da sua vida nocturna, das suas canções, nem conseguia distinguir uma orquestra francesa de uma sueca. Mas que o teria levado a fazer uma coisa daquelas?

Mandou-a vir de propósito para mim?

Para ser agradável a uma grande dama por quem sinto a maior admiração.

Então agradeço-lhe imenso.

O doutor Lindblom acaba de me dizer que teve consigo uma conversa interessantíssima.

Denise sentiu dificuldade em recordar-se de Lindblom ou da sua conversa.

Sim, sim disse ela. É sem dúvida um jovem de grande futuro.

O seu pensamento continuava obcecado pela súbita desapareição de Claude. Que o teria levado a afastar-se? Reparou então que Motta regressara à sala e se preparava para retomar as suas obrigações.

Pegou na carteira e disse para Hammerlund: Desculpe-me por um momento.

Dirigiu-se para o mordomo e abordou-o antes que ele tivesse recomeçado a servir bebidas.

Eu sou a mulher do doutor Marceau. Aconteceu alguma coisa?

Nada, madame. Era apenas uma chamada do Grande Hotel.

Tinham recebido um telefonema importante, de fora, para o doutor Marceau, e queriam entrar em comunicação com ele, para saber se desejava atender. O marido de madame aguarda que transfiram para aqui a chamada.

De fora? inquiriu suavemente Denise.

De Copenhaga, madame.

Denise sentiu no mesmo instante uma onda quente abrasar-lhe a testa e julgou por um momento que ia desmaiar.

Onde está o doutor Marceau a atender a chamada? Pode ser que também me diga respeito.

Na biblioteca de trás, madame. Por aqui, se faz favor.

Ela seguiu o mordomo para fora da sala, percorreram um grande corredor com várias portas e dobraram uma esquina, até que chegaram a uma pesada porta de carvalho.

466

Motta pousou a mão na maçaneta de cobre.

Aqui, madame.

Deixe estar. Eu entro sozinha. Pode voltar para junto dos convidados.

Muito obrigada.

Motta já dera volta ao fecho e entreabrira a porta, mas largara-a e, depois de se inclinar, desapareceu no corredor, sem fazer ruído.

Denise esperava, gelada, que o criado se fosse embora, pois ouvia já a voz de Claude. Logo que se viu só, aproximou-se novamente da porta. Perguntava a si própria se ela rangeria ao abrir-se mais e a seguir pensou que era indiferente. Abriu-a pois mais uns centímetros e outros ainda. A voz de Claude chegava-lhe aos ouvidos, baixa mas distinta. Não o via do lugar onde estava, apenas a sombra dele se projectava na sua frente em virtude de um efeito da luz que a alongava, como a de um ladrão na noite, pela parede coberta de trofeus.

Denise, hipnotizada pela silhueta negra sobre a parede, permanecia, com as mãos enclavinadas, a escutar sem pejo. Sentia-se pesada e vazia, desamparada e receosa, como um soldado que se atira de pára-quedas, pela primeira vez, sobre o inimigo, e que nesse momento toma conhecimento de que está a preparar-se um ataque no quartel-general.

Procura então fortalecer-se com a vantagem que essa notícia proporciona à sua pátria, a qual, neste caso, era ela própria.

Tinha um ouvido apuradíssimo, sensível a todas as inflexões, pausas ou comentários.

Não estou a ouvir. Répêtez, s'il vous plait' dizia Claude.

Sim, sim, estou à escuta. A ligação está péssima.

Sim, Gisèle, óptimo. Estou ocupadíssimo, mas tem sido muito interessante. É uma grande honra. E tu como estás, minha querida?

Que tal foi a viagem?

Ainda bem. Pareces muito bem disposta. Aqui é difícil, davam logo pela minha falta.

Oh, é um jantar de cerimónia. Quem o oferece é um milionário sueco. Mas pode vir alguém. Gostei que tivesses telefonado. Porque correste o risco de falar para aqui? Qu'es-ce que c'est? 2

O quê? Aqui em Estocolmo? Quando?

Bem sei, bem sei, Gisèle. Também eu tenho saudades tuas. Mas tu não compreendes. Sou obrigado a cumprir um programa, cada hora, cada momento, tudo está previsto. Poderia parecer estranho...

O quê?

1. Repita, se faz favor.

2. Que é?

467

Não ignoras o que sinto. Claro que gostava de te ver. Quando será? Por quanto tempo?

No dia nove, dizes tu?

Só de tarde? Compreendo. Mas assim chegarás a tempo para a sessão da noite?

Pois claro que quero, Gisèle, sabes isso muito bem. Tudo há-de correr pelo melhor. Hei-de conseguir estar contigo de qualquer forma.

Sem dúvida que não poderei ir acompanhar-te ao aeroporto, mas...

oh, uma coisa: não te esqueças de que não podes ficar no Grand...

O quê? Que dizes?

Ah, sim? Ótimo. Então espera que eu te telefone quando chegares.

Posso demorar um pouco, mas não faltarei e havemos de nos encontrar, podes ter a certeza... .

Quem te meteu isso na cabeça, minha querida? Je te trouve toujours ravissantel ' Nada mudou.

Denise afastou-se da porta como se esta fosse uma guilhotina e aquela voz a do Dr. Guillotin: Nada mudou.

Nada, nada! Os olhos de Denise encheram-se de lágrimas e mal pôde reprimir os soluços.

Voltou-se e correu pelo corredor fora. Ao aproximar-se das luzes ofuscantes da entrada da sala, abrandou o passo. Depois parou, a tremer, tentando recuperar a-calma. Procurou o lenço na carteira e levou-o aos olhos, com cuidado, para não estragar a pintura. A seguir, tirou a caixa do pó-de-arroz, abriu-a e fitou a sua imagem, tão gasta, tão desfeita, demasiado envelhecida, no espelho redondo. A toda a pressa, retocou a cara e nervosamente aplicou-lhe uma leve camada de rouge.

Sabia que perdera. A derrota final aproximava-se. Dali a três dias, Gisèle Jordan desembarcaria em Estocolmo para passar uma tarde num quarto de hotel, oculta e em segurança. E, usando uma mentira qualquer, cuidadosamente estudada, Claude deixá-la-ia sozinha a cumprir o programa que ela própria sugerira para ambos. Deixá-la-

ia a ela, a pessoa gasta e enfadonha que conhecia há tantos anos; a ela, a mulher de quarenta e dois anos, gorda, que não cheirava a perfume, mas sim a produtos químicos; deixá-la-ia com a sua implacável hostilidade, e iria ter com a outra, tão fresca, tão hábil, tão loura, alta e perfeita, cheia do perfume da mocidade, vestida pela última moda, satisfeita 1. Para mim, és sempre encantadora.

468

com tudo e cheia de misteriosas habilidades. E, depois desta comparação, Denise seria esquecida para todo o sempre.

A despeito da dor de cabeça, o seu cérebro lutava por uma esperança de sobrevivência. Como poderia ela combater aquele inimigo superior, resistir àquela luta desigual? A sua fúria permanente só serviria para afastar definitivamente Claude, pois agora ela representava para ele a personificação da consciência culpada. E se o impedisse de comparecer à entrevista do dia nove, se fosse atrás dele, o desmascarasse, ou, de modo menos cruel então, lhe dissesse o que acabava de descobrir? O seu instinto avisava-a de que tal solução era impossível. Isso obrigá-lo-ia a tomar uma decisão extrema, e ela temia isso. Seguir-se-iam infalivelmente os preparativos do divórcio.

Se o colocasse entre a espada e a parede, ela sabia que estava perdida.

E, no entanto, não podia viver eternamente naquela indecisão. O mais importante agora era a decisão já tomada pelo seu subconsciente: não podia perder Claude; não podia ficar assim abandonada, condenada ao azedume, à eterna solidão. A incógnita persistia, só variava o que vinha antes. Já não se tratava de encontrar a maneira de o castigar, mas sim de o prender.

Subitamente, Denise recordou-se do lugar onde estava. Não podia ficar para sempre naquele corredor, a magicar, pois Claude iria aparecer de um momento para o outro e encontrá-la-ia. Não o

facto de se achar ali, mas sobretudo o seu rosto seria o bastante para traí-la.

Isso levá-lo-ia a fazer a sua escolha antes de tempo. Ou, pior ainda, poderia causar-lhe dó. Denise estremeceu. Deixou cair a caixa do pó dentro da carteira e voltou a tomar parte da mascarada, coberta por um disfarce imperturbável.

Ao percorrer o salão com os olhos, à procura de alguém, fosse quem fosse, a quem se juntasse para parecer ocupada e cheia de vivacidade quando Claude entrasse, deparou-se-lhe Lindblom, aquele químico ridículo e macilento... Como diabo se chamava ele? Encontrava-se de parte, tímido, isolado, a sorver uma bebida.

Enquanto o observava disfarçadamente, surgiu-lhe de súbito uma ideia. Não se tratava de uma hipótese ou de uma experiência, que se tenta agora e logo se abandona, se pode formular ou deduzir. Foi isto apenas: dick! Uma descoberta! Uma ideia! Um achado! Mas ela continuava a ser uma cientista, que não progride aos saltos, que não larga nunca o microscópio. Aplicou o olho do seu cérebro no microscópio invisível e fez aumentar a figura do Dr. Lindblom. Oscar Lindblom.

Dr. Oscar Lindblom, jovem químico. Aumentou, aumentou enquanto ia estudando a viabilidade da sua ideia.

Como espécime, ele não era o seu ideal. Antes pelo contrário.

Demasiado fraco. No entanto, isto mesmo podia transformar-se numa força, pois ele dobrar-se-ia facilmente à vontade dela. Outro defeito era a sua falta de personalidade. Não havia dúvida de que ele se 469

revestira da mesma falta de cor de Hammerlund, da sua palidez de gesso. Fora isso, as feições, a estatura, a personalidade, tudo aparecia impreciso, indefinido. Para uma experiência daquele género, tornava-se indispensável a força, a ousadia, o atrevimento, a virilidade.

No entanto, o microscópio era infalível e as virtudes lá estavam.

O rosto, embora monótono, tinha uma bela forma, as feições eram regulares e agradáveis. Embora magro, não devia medir menos de um metro e oitenta de altura, com os membros bem proporcionados, embora pouco musculosos. Denise recordou-se de que ele era solteiro e livre. E possuía ainda outra qualidade, a mais favorável de todas, que podia vir a causar complicações, mas que neste momento não deixava de ter a sua utilidade: adorava-a.

com uma energia que só experimentara durante o período de trabalho no laboratório, tomou uma resolução. Seria aquilo, ou nada.

Dentro de três dias, Claude tornar-se-ia irrecuperável. Tinha de arriscar tudo agora, tinha de confiar na vulnerabilidade de Claude e no seu próprio engenho.

Avançou com ousadia para Lindblom.

Então? exclamou alegremente. Um rapaz solteiro e bonito, e por aqui sozinho?

Lindblom voltou-se sobressaltado, sorriu ao ver que era ela e corou ao ouvir-lhe as palavras.

Eu... eu acontece-me isto muitas vezes nas festas. Não sou talvez muito sociável e...

Compreendo -respondeu Denise, suavemente, procurando-lhe os olhos que o rapaz baixou depressa. Importa-se que fique ao pé de si? perguntou ela.

Se me importo? Oh, doutora Marceau! Não sei como dizer-lhe o prazer que me dá. É para mim uma grande honra.

Ela resolveu não perder tempo. Não eram necessários circunlóquios nem nenhuma arte de sedução para conquistar aquele jovem imberbe.

Lindblom, se bem me recordo, o senhor convidou-me a visitar o seu laboratório?

Convidei, sim. É mesmo esse um dos meus maiores desejos.

Você disse que talvez um dia... com o seu marido...

Mas eu sou mulher. Acha que posso ter o privilégio que habitualmente nos concedem?

Qual privilégio?...

De mudar de ideias...

Os olhos de Lindblom arregalaram-se de esperança.

Então está disposta? Acha que é possível?

Eu e o meu marido temos de assistir a uma cerimónia relacionada com o Prêmio, pela manhã. Mas não tem grande importância.

Ele pode muito bem ir sozinho. Eu, por mim, já estou farta de todas estas funções oficiais. Faço questão de arranjar uma dor de cabeça 470

para amanhã. Logo que conseguir libertar-me do compromisso, a dor de cabeça vai-se embora. E eu ficarei livre para fazer o que quiser.

E você? Acha que estará disponível? Deseja estar disponível, doutor Lindblom?

Pode estar certa de que sim retorqui Lindblom, com crescente entusiasmo. Além de tudo, Hammerlund vai ficar contentíssimo.

Deixe lá o Hammerlund ripostou Denise, secamente. É um maçador e um oportunista. Não, não quero lá o Hammerlund nem mais ninguém. Se resolvi fazer gazeta, quero passar o dia como muito bem me apetecer. É consigo que desejo estar, sozinha, sem ninguém que nos incomode. Você vai mostrar-me as suas experiências e os seus gráficos. Passaremos revista a tudo, com calma e sossego...

Oh! Doutora Marceau, não sei como exprimir-lhe a minha satisfação!

Talvez encontremos maneira de sermos úteis um ao outro.

Para mim, será um dia inesquecível!

Sim retorqui Denise, com um pálido sorriso, espero que sim. Depois, acrescentou, num tom mais vivo-Combina-se então para as

onze da manhã Onde hei-de ir ter consigo?

O laboratório particular fica situado a meio quilómetro de distância da casa, do lado de trás, no pequeno bosque. Vou propor-lhe uma coisa. Mando-a buscar de carro e espero-a à entrada do bosque.

Às onze, então?

Não faltaria por nada deste mundo!

Pelos cantos dos olhos, Denise viu Claude regressar à sala, com uma indiferença estudada. Ela fingiu não o ver.

Dando mostras de uma alegria excessiva, enfiou o braço no de Lindblom.

Temos de festejar este encontro declarou. Leve-me ao bar.

Vamos fazer um brinde à nossa ligação científica.

Enquanto esperava que lhe servissem mais outra bebida antes do jantar, Craig saudou Denise Marceau e Lindblom com um sorriso distraído e continuou a prestar atenção ao irritante plano dos lugares que se encontravam no cavalete, ao fundo da mesa. Prometera voltar a deitar uma vista de olhos a Garrett, que ficara na casa de banho. No entanto, estava certo de que a água fria e o amoníaco seriam suficientes para reanimar o médico e restituir-lhe o sentido das conveniências.

Depois de ter estado separado de Emily por mais de uma hora, o imponente plano aumentara muito de importância no conceito de Craig.

Disfarçadamente, aproximou-se do extremo da mesa, como quem

repara pela primeira vez no cartaz com a palavra Placering.

Observou-o com atenção, em seguida pegou no cavalete e levou-o até à cadeira de braços que estava encostada à parede.

Craig sentou-se, com o plano na frente, como se fosse um escudo.

A sua posição era a de um homem absorto, mas, olhando por cima do quadro, verificava que ninguém, na sala, estava a prestar-lhe

atenção.

Tirou rapidamente a lapiseira de outro bolso de dentro do casaco, desapertou-lhe a tampa só com o polegar e executou em seguida duas rasuras e duas emendas. A partir daí, já não eram Jacobsson nem Vasilkov quem iria gozar a companhia de Emily durante a refeição.

No lugar dela, teriam o prazer de encontrar Leah Decker. E Craig, agora livre de Leah, seria consolado com a presença de Emily de um lado e de Margherita Farelli do outro. Craig sentia-se satisfeito com o seu trabalho. A Signora Farelli não era metedica nem exigente, e Craig teria Emily ao seu lado durante todo o jantar.

Pôs-se de pé e levou o plano modificado para o seu lugar. Ao pousá-lo, Craig, avistou Marta Norberg, a afastar-se de Leah Decker, depois de pedir desculpa; olhou, a seguir, através da sala e dirigiu-se para ele.

Tendo já resolvido o assunto de Emily, Craig não se importou. Tomou fôlego, engoliu o whisky e esperou.

Marta Norberg, a sacudir os cabelos rebeldes e arvorando um sorriso desconcertante, estava na sua frente.

Tem andado a fugir-me? perguntou ela, de brincadeira.

Eu? Mas que ideia! ?

Não sei. Mas pareceu-me que não ligava importância a quem desempenha hoje o papel de dona de casa.

Antes pelo contrário. A dona de casa é que me parece ter estado sempre ocupada.

O sorriso superior e felino surgiu e desvaneceu-se.

Ocupada, sim. Agradavelmente ocupada, não. No entanto, acho a sua cunhada muito interessante.

Acha?

As suas palavras podem deixar bastante a desejar, mas o assunto era palpitante declarou Marta Norberg. Falou-me imenso de si.

Ah, sim?

Fosse como fosse, quando descobri o objecto da sua eloquência triste e solitário, sentado naquela cadeira a observar o plano dos lugares, pensei que talvez a minha companhia o divertisse um pouco.

Craig perguntou a si próprio se ela o teria visto fazer a troca, mas calculou que não.

Para lhe dizer a verdade, Miss Norberg, eu sou um leitor insaciável, tudo me serve: horários dos caminhos de ferro, velhas listas de telefones, catálogos de sementes, planos de lugares em jantares de cerimónia... e, quando não tenho mais nada a jeito, até leio a sina na palma das mãos.

472

Ela estendeu-lhe a mão esguia, voltando-a lentamente, até ficar com a palma para cima.

Então leia a minha.

Craig franziu as sobrancelhas, assumiu uma expressão de quem fica em transe e, tocando a palma da mão dela com o indicador, proferiu: Vejo uma mulher majestosa, sozinha, e uma multidão a seus pés!

Odeio as mutidões, Mr. Craig respondeu ela calmamente.

Se olhar mais atentamente, talvez consiga ver mais alguma coisa. Não pretendo saber a minha carreira profissional, mas sim a minha vida particular. Não vê um homem a entrar nela?

Craig sentia que ela lhe abria o olhar, mas não ergueu a vista.

Haveria um convite oculto naquela brincadeira? Era possível, tudo era possível, e essa possibilidade divertiu-o. Recordou-se no mesmo instante de uma passagem do palavreado de Gottling: a democracia destruiu praticamente todos os títulos da realeza e então, para preencher a lacuna, criou uma realeza própria o escol aristocrático da celebridade, a riqueza, os laureados com prêmios diversos. Neste círculo raro, os antecedentes não contam. Um rapaz pode nascer no bairro mais sórdido de Nova Iorque ou de Conney

Island, filho de pais semianalfabetos, com um sotaque judeu dos mais cerrados, sem nunca haver frequentado uma escola secundária, ou então ser originário de uma família de Iowa ou de Idaho, descendente de camponeses pobres e acanhados, um ser inculto e grosseiro; porém, se conseguir derrubar qualquer outro homem com um soco ou, então, se, à custa das maiores crueldades, for capaz de amontoar uma grande riqueza, ou mesmo de escrever um livro que impressione milhões de leitores, conseguindo que, por qualquer destas razões, lhe publiquem o retrato na primeira página dos jornais e das revistas, com o nome em letras gordas, de forma a conquistar um grande êxito, então, sim, pertence à elite. Um talento único, ou, por vezes, até a sorte, é quanto basta para isso. Ele era um dos escolhidos. De um dia para o outro, vira-se guindado a esses altos píncaros. De um dia para o outro, aqueles que nem sequer se dignavam falar-lhe ou conceder-lhe um olhar, reconheciam-lhe agora a aristocracia e aceitavam-no como seu igual. De um dia para o outro, o impossível tornara-se possível. De um dia para o outro, podia falar tu-cá-tu-lá com um rei, partilhar a refeição de um milionário, ser alvo das atenções de uma das mais altas figuras do sex-appeal internacional. Incrível! Ele, agora, não era diferente do que fora antes daquela ascensão. Não mudara aos seus próprios olhos.

Só se transformara aos dos outros.

E, nessa noite, Marta Norberg chegara a dizer-lhe: Não está a ver um homem entrar na minha vida?

Um mês atrás, teria vergonha de lhe pedir um autógrafo. Agora, era ela quem o pedia a ele.

473

Curvou-se de novo sobre a mão da actriz.

Estou a ver muitos homens declarou.

Não me parece retorquiou ela. E retirou imediatamente a mão. O senhor é um fingidor, Mr. Craig. Acho melhor que limite as suas

leituras aos horários e às listas telefônicas. Depois sorriu, como que para tirar às suas palavras qualquer tom azedo. Li outro dia nos jornais a lista das coisas e das pessoas que o senhor mais apreciava na Suécia, entre as quais se incluía Cari Milles, Ivar Kreuger e Marta Norberg.

E os cristais de Orrefors acrescentou Craig.

Sim, claro. Ela fitou-o. Acha que devo sentir-me lisonjeada em semelhante companhia?

Todos possuem uma coisa em comum: a divina arte. Além de que tanto você como os cristais, além de tudo, são belos.

Os cristais são duros e transparentes. E eu não sou uma coisa nem outra, por estranho que lhe pareça. Passou a mão pelos cabelos.

Mas tenho arte e beleza, é certo. Posso, portanto, considerar isso um cumprimento.

Vi sempre com o maior interesse as suas peças e os seus filmes declarou Craig, sinceramente. A sua interpretação era sempre original. Tenho sentido a sua falta, e não sou só eu a senti-la. Porque se retirou?

Eu não me retirei! retorquiu Marta Norberg, vivamente.

Quem não tem aparecido são os artistas criadores das obras. Tenho estado à espera que alguém invente uma personagem que eu tenha interesse em encarnar. Nestes últimos quatro anos, só li porcarias.

Porque é que os homens deixaram de escrever acerca das Mulheres, Mulheres com letra grande, trágicas e importantes como a vida? De que é que eles têm medo? Onde está hoje uma Anna Karenina! Uma Emma Bovary! Uma Marguerite Gautier? Porque teriam as mulheres diminuído de tamanho?

As mulheres, hoje, não são menos importantes do que dantes afirmou Craig. Os homens é que se tornaram mais pequenos, encolheram com os complexos e fazem tanto esforço para se porem à

altura das mulheres que já não têm tempo para escrever grandes obras a respeito delas.

Pode ser que tenha razão respondeu Marta Norberg, pensativa.

Talvez nos competisse a nós... Seja como for, tenho-me visto tão desanimada que cheguei a ir desenterrar o velho repertório da Raquel. Talvez me abalance a encarnar a Adrienne Lecouvreur, de Eugene Scribe. Conhece a peça?

A peça, não, conheço o assunto. Lecouvreur foi aquela actriz do século dezoito amada por Voltaire?

Exactamente. E pelo marechal de Saxe. É uma peça antiga, talvez mesmo fora de moda. Mas apresenta uma verdadeira mulher.

474

Uma grande passion. Pelo menos, a heroína é digna de Marta Norberg.

Fitou Craig num desafio. Gostaria de me ver ensaiar o papel?

Ficaria encantado.

Muito bem. Estou todas as tardes no Real Teatro Dramático.

É Cronsten quem dirige. Porque não aparece por lá amanhã? Na realidade, há um assunto que eu gostaria de discutir consigo. Aqui não é lugar para isso. Mas, se aparecer amanhã ao fim da tarde, quando o ensaio estiver a acabar, aí pelas cinco ou seis horas, podemos tomar um cocktail e conversar à vontade. Posso contar consigo?

Não faltarei, Miss Norberg.

A actriz olhou para a frente e exclamou: Estou a ver o Ragnar com o lenço na mão. É a sua bandeira a pedir socorro. Tenho de ir salvá-lo. Muito bem, então até amanhã à tarde, Mr. Craig.

Obrigado, Miss Norberg.

Ele ficou a segui-la com os olhos até se reunir ao grupo de Hammerlund.

Tinha um andar de homem, uma posição de corpo incorrecta e curvada. No entanto, havia uma grande feminilidade e uma forte

provocação naquela figura ossuda. Em torno dela, como nos círculos de Saturno, sentia-se uma névoa de mistério. Ou seria isto obra de mais de cem agentes publicitários? Não, disse Craig consigo. Estas coisas não se inventam. São reais. Sentíamos vontade de conhecer como seria ela realmente por dentro, lá bem no fundo, de descobrir se ela possuiria, num grau superior ao das outras mulheres, o poder de fazer sentir a um ser masculino que era um super-homem. Assim falou Zaratustra. Assim falou Marta Norberg.

Enquanto Marta enfiava o seu braço no de Hammerlund e se juntava ao grupo, Craig viu Emily separar-se desse mesmo grupo.

Pareceu-lhe que ela procurava o olhar dele, mas não teve a certeza.

Tinha pousado o seu copo vazio sobre uma mesa e dirigia-se agora para as portas da varanda. Craig seguiu-a com os olhos e esqueceu a Norberg. Se a feminilidade é um dom que se cultiva, bem como a provocação e o mistério, tudo isto Emily possuía naturalmente. Quando caminhava, o vestido de malha de seda marcava-lhe os contornos do corpo, o ondular do seio, a sinuosa expansão das coxas. Ergueu o trinco da varanda e saiu.

Craig olhou para trás. Vendo Leah entretida, dirigiu-se imediatamente para o terraço.

Lá fora, fazia agora mais frio e as lanternas inglesas pareciam enevoadas. Não conseguiu descobri-la logo ao princípio; avistou-a por fim, de costas para ele, com os braços cruzados, para se proteger do frio, num canto sombrio da varanda.

Dirigiu-se para a rapariga.

Emily...

475

Ela voltou-se, sem surpresa, lentamente, com os olhos verdes e a face séria, inocente e confiante.

Está aqui muito frio, mas... Interrompeu-se porque, com os olhos fitos na sua boca, ela não o escutava ...eu precisava de estar a sós

consigo.

A rapariga nada respondeu. com os braços nus cruzados, parecia inclinar-se para ele, que a cingiu pelos ombros, espontaneamente, sem pensar, a fim de a puxar para si e de a agasalhar com o calor do seu fato e do seu corpo.

Envolta neste meio abraço, Emily fechou os olhos e ergueu o rosto, com os lábios entreabertos. E, durante um momento, Craig, indiferente às consequências, esqueceu toda a reserva. Apertou-a a si, dobrando-lhe as costas com a mão, até tocar com a boca nos lábios húmidos da rapariga. O beijo durou uma pequena eternidade. Enquanto os braços dele a envolviam e o seu contacto se tornava mais profundo, a paixão tomava posse de ambos.

De súbito, com um suspiro convulso, ela retirou os lábios, de olhos ainda fechados, afastou a cara, sem no entanto se lhe” desprender dos braços.

Emily murmurou ele. Meu amor...

Ela escondeu a cara no peito de Craig, sem proferir uma única palavra. Enquanto o escritor lhe acariciava os cabelos, fez-se ouvir o som de um gongo, lá dentro, uma, duas, três vezes, a chamá-los à realidade, a lembrar-lhes que era preciso separarem-se, a trazê-los de novo ao terraço e ao frio da noite.

A voz do mordomo, na sala, seguiu-se aos ecos do gongo. «O jantar está servido... O jantar está servido...»

Emily libertou-se de Craig.

Devem andar à nossa procura disse ela.

Craig segurou-lhe no braço.

Não, Emily, espere...

Temos de ir repetiu a rapariga. E entrou na sala.

Durante alguns segundos, Craig permaneceu imóvel, inconsciente do frio, saboreando ainda os lábios da rapariga e a obediência do seu corpo, a sua intimidade. Finalmente, desejoso de a acompanhar até à mesa, entrou também pela porta da varanda.

Viu imediatamente que a maior parte dos convidados havia desaparecido.

Encontravam-se ainda quatro pares em fileira, à maneira sueca, os cavalheiros à esquerda, as senhoras à direita.

Não se admirou de Emily não haver esperado por ele. Disse consigo que talvez ela não tivesse consultado a segunda versão do plano de distribuição dos lugares.

Uma vez que chegava atrasado, resolveu aproveitar-se disso para pedir que lhe servissem um pouco de whisky ao jantar. Enquanto o encomendava, olhou para o quadro dos lugares, e o que lhe chamou

476
a atenção foram dois borrões ou seria engano da sua vista? Talvez as rasuras que fizera tivessem esborratado, pensou.

Dirigiu-se ao quadro, para apreciar de novo a emenda: Emily Stratman, Andrew Craig, Margherita Farelli.

Os borrões que avistara eram reais, mas não provinham das suas emendas. Havia mais duas rasuras ao lado do seu nome.

Já se não via ali Emily Stratman. Em seu lugar, estava Leah Decker. O regresso desta fora inscrito nitidamente numa letra que ele reconheceu no mesmo instante como sendo a da própria Leah.

O nome de Craig não fora alterado. Mas, tal como sucedera a Emily, a sua outra vizinha de mesa desaparecera também. Margherita Farelli sumira-se e, em vez dela, numa letra desconhecida, mas incontestavelmente feminina, via-se escrito a lápis o nome de Marta Norberg.

Ah, finalmente, Mr. Craig!

Voltou-se e deu de cara com Marta Norberg, que lhe sorria.

Vê a consideração que nos merece, Mr. Craig? Será o par da dona da casa. Fica sentado à minha esquerda. Ragnar vai principiar o seu discurso de boas-vindas. Quer dar-me o braço?

Capítulo nove No centro da parte velha de Estocolmo existe uma das curiosidades arquitectónicas que mais atraem os turistas.

Trata-se da viela baptizada com o nome de Rua Marten Trotzig, uma artéria que não mede mais de noventa centímetros de largura.

O pavimento, que não é plano, mas sim formado por escadas de pedra gasta, muito íngremes, desce por entre as frontarias caiadas de velhos edifícios, e, passando por baixo de dois lampiões de ferro, vai dar a Vasterlanggatan.

A Rua Marten Trotzig constituía a glória e o tormento de Nicholas Daranyi. O seu apartamento de três quartos, no rés-do-chão, estava situado ao nível da concorrida Vasterlanggatan e ficava a pequena distância da viela. A desvantagem disto residia no facto de tais vizinhanças não lhe consentirem um momento de paz nem de sossego.

De Verão e de Inverno, os grupos de turistas pareciam bandos de pegas a tagarelar debaixo da sua janela, a correr de um lado para o outro, a gabar ininterruptamente, em inglês, alemão e dinamarquês, as curiosidades do local. Daranyi gostava de ler e meditar acerca do que lia, de meditar também nas coisas que via e naquilo que fizera durante a sua vida errante, mas a localização do apartamento impedia-o de se concentrar.

No entanto, nem por todo o ouro do mundo se mudaria para outra casa mais moderna e tranquila, na cidade nova. Muito embora a localização daquela em que vivia lhe trouxesse desvantagens e a renda estivesse um pouco acima das suas possibilidades económicas (o que o obrigava a fazer um ou outro sacrifício), Daranyi apreciava viver naquele local. Admitia que fosse snobismo, mas isso não o preocupava, pois semelhantes bagatelas não tinham valor para si. O seu apartamento encontrava-se situado num dos bairros mais respeitáveis e pretendidos da cidade, e também dos mais antigos. Para um homem que vivera à deriva durante tanto tempo, o facto de possuir um endereço tão aristocrático, num local cheio de tradições, revestia-se de grande importância.

Para ele, o melhor tempo do ano eram as escuras madrugadas e as longas noites de Inverno. Então, os turistas não apareciam por ali e poucas pessoas se utilizavam das escadas da Rua Marten Trotzig, ficando Daranyi com o local por sua conta.

Daranyi vivia um dos seus momentos favoritos: eram oito horas e quinze da manhã, do dia 7 de Dezembro, e o ar das ruas estava tão gelado como as paredes de um iceberg. Às vezes, alguns flocos de neve caíam esvoaçando e ficavam por instantes suspensos no ar gelado, antes de virem pousar no pavimento. Ninguém andava nas ruas; a 479

manhã convidava ao aconchego de um apartamento confortável, aquecido, e Daranyi estava, na realidade, muito comodamente instalado, convencido de que era um favorito dos deuses. No entanto, a sua felicidade completava-se não apenas pelo conforto e temperatura amena do quarto, mas também por uma sensação de segurança que era obra do homem a certeza de um lucro imediato bastante avultado.

Daranyi sentia-se lisonjeado pelo facto de uma personagem tão importante como o Dr. Carl Adolf Krantz o ter vindo procurar a casa com urgência, dignando-se aceitar-lhe a hospitalidade. Ali estava ele agora, sentado na cadeira forrada de couro castanho, em frente da velha mesa de Bukowski, a sorver café quente acompanhado de bolos com manteiga e a assegurar com a sua presença uma promessa de dinheiro num período de dificuldades económicas. As visitas de Krantz àquele apartamento, embora fossem pouco frequentes, eram, no entanto, sempre bem acolhidas, pois nunca obedeciam a um fim social ou frívolo. Quando Krantz aparecia, o dinheiro não andava muito longe. É certo que, durante a sua secreta visita a Daranyi, pouco depois de este ter regressado a casa, na noite anterior, e durante os primeiros minutos desde que chegara, naquela manhã, Krantz não proferira uma palavra que se relacionasse com um

compromisso; porém, Daranyi sabia, sentia isso debaixo das camadas de carne, adivinhava-o nos próprios ossos.

Resolvido a mostrar ao seu patrão acidental que não estava preocupado e que nada mais esperava dele senão uma visita amigável, Daranyi permanecia sentado na sua cadeira em frente de Krantz, soprava o café quente e escutava os comentários banais que o outro fazia acerca da actualidade. E esperava. Por fim, Krantz interrompeu a conversa sem pés nem cabeça e dedicou-se ao café e aos bolos, continuando ambos a comer em silêncio. Nesta altura, e a avaliar pela maneira de proceder de Krantz em circunstâncias idênticas no passado, Daranyi calculava que ele estivesse prestes a descobrir o jogo.

Não tardaria a fazer-lhe algumas perguntas indirectas, apresentar-lhe-ia em seguida uma ideia que precisava de ser estudada, depois far-lhe-ia algumas perguntas directas e por fim dar-lhe-ia as suas ordens.

A chávena vazia de Krantz bateu no pires e Daranyi soergueu-se para chegar à cafeteira com asa de bambu; porém Krantz ergueu a mão a dizer-lhe que não se incomodasse.

Obrigado, já não quero mais declarou. Bateu levemente com o guardanapo no bigode e na pêra, tirou do bolso o puzzle de metal, balouçou-o na ponta dos dedos e, finalmente, começou a fazê-lo e a desfazê-lo.

Diga-me, Daranyi, que tem feito nestes últimos tempos? Tem-se portado bem?

Na minha idade, que pergunta! Pratico o celibato e como bem 480 três vezes ao dia. A comida e as primeiras edições são as minhas únicas extravagâncias.

Tem tido muito que fazer?

Daranyi pesou prontamente a resposta: se dissesse que tinha muito que fazer, isso implicava não estar livre para se ocupar de qualquer trabalho e podia afastar o cliente; se dissesse que estava

desocupado, podia pôr em xeque a sua qualidade de indesejável, levando o cliente a baixar o preço da remuneração.

Assim, assim. Assim, assim! replicou Daranyi. Como sabe, sempre se vai fazendo qualquer coisa.

E continuou a medir cautelosamente as palavras: se se mostrasse reservado, o cliente julgaria que estava a mentir. Se se explicasse de mais, ele não teria confiança na sua discrição. Por isso esclareceu: Estou neste momento a terminar dois relatórios comerciais.

É claro, doutor Krantz, o segredo profissional...

Está bem, está bem respondeu este, com impaciência. Vou revelar-lhe por que vim aqui. Tenho uma ideia. Surgiu um trabalho de pouca monta, uma coisa que me diz respeito. E eu precisava que me fizesse uma... uma investigação. Não vejo ninguém a não ser você a quem possa encarregar disso, Daranyi. O problema é se estará ou não disponível. Será capaz de pôr de lado as suas outras ocupações e de começar imediatamente a trabalhar para mim? Seja franco, Daranyi. Já nos conhecemos há muito. Somos velhos amigos... Preciso da sua inteira dedicação, da sua cooperação total. Não pode distrair-se com outros assuntos. Já sabe o que exijo de si: eficiência, prontidão, prudência. Que diz a isto, Daranyi?

Como já lhe disse, os meus outros compromissos estão quase terminados. Felizmente que o prazo não acaba por ora. Mas, ainda que assim não fosse, poria tudo de parte para o satisfazer. Num relâmpago, pela mente de Daranyi passou o seguinte trecho da Rainha das Fadas- «Este é o tempo de Vénus e aqui estão os amigos inseparáveis: Dámon e Pi tio, Jónatas e David, Hércules e Hilas.»

O rosto gordo e liso de Daranyi mascarou-se de Dámon, sério, fiel em todas as circunstâncias.

O senhor foi sempre generoso para comigo, doutor Krantz prosseguiu Daranyi e eu não posso fazer outra coisa senão conservar-me sempre ao seu dispor, com toda a dedicação e em qualquer altura. As suas palavras para mim são ordens.

Os receios de Krantz transformaram-se em confiança.

Está bem, está bem!

Basta expor-me o seu problema para eu me dedicar a ele imediatamente.

Krantz, que se mantivera enterrado na cadeira, de modo que as suas curtas pernas ficassem penduradas, os sapatos a tocarem o chão apenas com as biqueiras, avançou o corpo num gesto de confiança.

481

Estava agora empoleirado na borda, de pés bem assentes no chão.

Meteu no bolso o puzzle como se tivesse Eckart a vigiá-lo por cima do ombro e começou a expor o assunto que ali o trouxera.

Como você sabe, Daranyi, estamos na Semana do Prêmio Nobel, uma das épocas para mim mais sobrecarregadas do ano...

É verdade! Como o tempo passa! Nem tinha dado conta disso!

Já viu decerto pelos jornais essa quantidade de laureados que nos chegam da América, da França, da Alemanha e da Itália?

Sinto vergonha de o dizer, doutor Krantz, mas tenho estado tão ocupado durante esta semana que mal tive tempo de lançar os olhos para um jornal.

Krantz fez um gesto com a mão.

Não interessa. O trabalho que pretendo confiar-lhe diz respeito a esses laureados. Em virtude da importância das pessoas em causa e da natureza do assunto, o nosso contrato tem de ser estritamente confidencial.

Doutor Krantz, nunca o deixei ficar mal colocado. E depois acrescentou com orgulho: Sou um profissional. '

Não é caso para se ofender. Estou apenas a explicar-lhe a...

a posição das pessoas acerca das quais o senhor vai investigar e a recordar-lhe a sua projecção internacional. Chegou até nós, aos membros do Comité do Prêmio, um certo rumor. Um dos nossos laureados, não sei qual deles, parece que tem antecedentes pouco

limpos... ou, melhor, tem um passado discutível e um carácter duvidoso. Há o perigo de surgir um escândalo, antes ou depois da cerimónia. No caso de tudo isso se confirmar, nós temos de o saber antecipadamente, precisamos de ser informados para tomarmos as nossas precauções. Está em jogo o bom nome da Fundação.

Daranyi abanou gravemente a cabeça. Não acreditava numa palavra do que Krantz dissera. As armas profissionais de Daranyi consistiam na suspeita e na desconfiança e a sua longa experiência ensinara-lhe que os motivos invocados pelos clientes ao contratarem-lhe os serviços, eram sempre duvidosos. Não que Daranyi se preocupasse com isso. A moralidade nada tinha a ver com a espionagem particular. Um espião escrupuloso seria um espião pobre, ou pior ainda, um espião morto. Uma pessoa adopta uma profissão. Presta serviços úteis mediante uma certa quantia. Não pensa. Luta pela vida.

Daranyi não pensava em nada naquele momento. Continuava a representar o papel de Dámon.

Avalio bem a importância do caso e a sua preocupação declarou.

Krantz mostrou-se muito satisfeito consigo próprio. Para ele, homem seco e positivo, tão limitado na arte de inventar, o pior estava feito. O resto seria relativamente fácil.

Alguns de nós, membros do Comité, juntámo-nos, particularmente, claro, e resolvemos agir por trás da cortina. Eu disse aos meus colegas que conhecia uma pessoa que nos poderia ajudar, e por isso aqui estou.

Fico-lhe muito agradecido respondeu Daranyi. Quer que proceda como no caso dos físicos australianos?

Krantz contraiu-se ao ouvir mencionar com tanto à-vontade uma velha intriga que preferia esquecer.

Não precisamente da mesma maneira retorquiu. Nesse caso, dispúnhamos de tempo para as investigações, que foram realizadas à distância. Agora, porém, temos muita pressa e o assunto, ou os

assuntos, encontram-se mesmo à mão. No entanto, o seu inquérito vai ser muito mais perigoso. Ora vamos a saber. Eu aludi a uns boatos de escândalo, mas não quero que você vá ostensivamente desenterrar nenhum. Na verdade, pode até dar-se o caso de você não descobrir nada de escandaloso. No entanto, nós, os do Comité, conhecemos metade da solução da charada e com as informações que você nos der podemos ficar a saber o resto. Está a compreender?

Perfeitamente.

Vou deixar-lhe as fotografias dos laureados, um relato das suas actividades recentes em Estocolmo, actividades públicas, entenda-se, e o resto do programa que têm a cumprir. Dar-lhe-ei também um resumo das suas biografias, os seus curriculum vitae, opiniões, hábitos, tudo o que consta dos nossos relatórios oficiais e ainda o que foi recolhido através da imprensa. Mas nada disso que já possuímos tem grande importância. Deixo-lhe esses elementos apenas para que você se familiarize com os assuntos e com as personagens.

Tudo pode ter utilidade.

Os pequeninos olhos de Krantz faiscaram.

Aquilo de que nós precisamos e não possuímos são os dados pessoais, tantos quantos se possam obter em pouco tempo, a respeito dos laureados e dos seus parentes ou associados. Repito que não procuramos levantar escândalos. Só queremos descobrir o que tem estado oculto aos olhos do público: as pequenas fraquezas do presente, as indiscrições do passado, as histórias pessoais desconhecidas, informações soltas acerca da conduta de cada um. Estou certo de que não preciso explicar-me melhor. Você tem prática destes assuntos.

Obrigado respondeu Daranyi, com modéstia. Quantos são os indivíduos?

Krantz meteu a mão no bolso do casaco e tirou de lá dois sobrescritos.

Colocou um sobre a mesa, dizendo: Aqui estão as fotografias.

Abriu o segundo sobrescrito, mais comprido do que o primeiro, desdobrou cerca de meia dúzia de páginas escritas à máquina, em linhas cerradas, e folheou-as.

Seis laureados disse finalmente , além das mulheres de 483 dois deles, uma cunhada e uma sobrinha. Talvez, em virtude da falta de tempo, nem todos possam ser tratados com a mesma minúcia.

Krantz ficou imóvel, durante alguns segundos, todo entregue aos seus pensamentos. Para despistar, Eckart fizera uma sugestão: «Uma vez que nestes assuntos não se pode ter confiança em ninguém, não devemos dar a impressão de que estamos interessados apenas num laureado, Max Stratman. Façamos de conta que queremos informações de todos eles. Max Stratman é apenas um.» Assim era mais seguro, pensava Krantz, mas tinha um contra: tornar as investigações de Daranyi demasiado superficiais. Ficariam a saber um pouco acerca de todos, esse pouco provavelmente não seria suficiente no caso de Stratman. Krantz pesou o risco que corria se indicasse de maneira especial alguns nomes e resolveu arriscar.

Vou dizer-lhe uma coisa declarou. Quero facilitar-lhe as investigações. Pretendo que vigie estas dez pessoas; contudo, dadas as informações que já possuímos, talvez seja melhor você prestar uma atenção especial a estas quatro. No seu lugar, dedicar-me-ia particularmente, digamos... ao doutor Carlo Farelli, ao doutor John Garrett, os dois laureados da Medicina as mulheres deles não interessam tanto, mas, enfim, nunca se sabe , estes dois e ainda... digamos, ao professor Max Stratman e à sobrinha, chamada Emily Stratman.

Não se esquece disto, Daranyi?

A minha memória nunca falha.

Pois então, Garrett, Farelli e os Stratman. Examinou os papéis que tinha na mão. Quanto aos outros, os Marceau, Andrew Craig...

O rosto suave de Daranyi quase traiu a surpresa ao ouvir este nome.

Andrew Craig! exclamou.

Krantz ergueu os olhos.

O laureado da Literatura. Você conhece-o?

A memória de Daranyi representou-lhe a figura alta e magra do americano que vira na cama de Lilly Hedquist, o almoço dos três, o discurso acerca da vida sexual na Suécia que ele próprio dedicara a Craig no Restaurante Norma. Não era possível que estivessem presentes dois Andrew Craig, ambos escritores, nesse Inverno, em Estocolmo. Aquele bêbado meu Deus, ele chegara até a entrar no clube nudista, aquele puritano tímido e atraente, o amante de Lilly, deixara de ser um vagabundo, um turista como os outros, para se tornar num dos grandes escritores mundiais, nada menos do que um laureado com o Prêmio Nobel. E Daranyi recordou-se de que estivera a dar sentenças àquele gigante, como se se tratasse de um camponês qualquer. Sentiu-se de repente fraco e imbecil e tentou concentrar-se na pergunta de Krantz, embora só o conseguisse com um certo esforço.

484

Se o conheço? Não, não, claro que não o conheço. Li uns livros americanos de um tal Craig...

É o mesmo, sem dúvida, mas agora não temos tempo para divagações literárias, Daranyi.

O pensamento de Daranyi voou para Lilly: saberia ela a augusta posição do seu amante? com certeza que não, de contrário, tê-lo-ia mencionado. Não sabia, tornava-se evidente. Lilly, apesar de toda a sua vivacidade e natural esperteza, era extremamente inculta. Não passava de um animalzinho sensual, cuja franqueza assumia por vezes uma aparência de sabedoria e erudição. Daranyi, na sua qualidade de conselheiro paternal da rapariga, conhecia-a intimamente.

com exceção de algumas revistas especializadas em questões de saúde, naturismo ou psicologia popular explicada às mães, ela não lia quase nada. Nunca pegara decerto num livro e muito raras vezes em jornais. Não devia conhecer as obras de Craig nem a sua fama como escritor. E ganharia alguma coisa conhecendo-as? Era evidente que Craig a apreciava, sentia por ela interesse e simpatia. Que grande partido Lilly poderia tirar dele!

Daranyi resolveu pensar melhor no assunto quando estivesse sozinho.

O seu dever agora obrigava-o a ocupar-se do caso de Krantz e daquilo que ele via claramente ser uma camuflagem para esconder outra coisa. O que o confundia era o seguinte: qual das quatro personagens que Krantz especificara o interessaria de facto, tendo-lhe por isso mesmo oculto o nome? O Dr. Garrett? O Dr. Farelli? O professor Stratman? Miss Stratman? Bem, aí é que estava o interesse do jogo, além das coroas que lhe poderia trazer.

Dá-lhe menos tempo ia dizendo Krantz. Note que também quero saber alguma coisa acerca dos Marceau e do Craig, bem como das duas mulheres e da rapariga chamada Decker. Nunca se sabe. No entanto, desejo que empregue o seu tempo o melhor possível.

Confio no seu critério.

O senhor pôs as coisas com toda a clareza, como sempre, doutor Krantz. Agora, quanto ao tempo.

O prazo não pode ser alterado respondeu Krantz com firmeza.

Tem de me fornecer os elementos no princípio da tarde do dia nove de Dezembro e, se puder ser mais cedo, dar-lhe-ei uma gratificação.

No dia nove...

Daranyi assobiou.

Impossível!

Krantz repetiu-lhe as palavras de Eckart.

Nada é impossível, Daranyi. Não estou a pedir-lhe que mova montanhas. Apenas uns factos daqui, outros dacolá...

Daranyi estivera a fazer os seus cálculos.

O senhor está a dar-me quarenta e oito horas, sessenta na melhor das hipóteses.

485

Reconheço perfeitamente todas as dificuldades e vim preparado para elas. Tirou a carteira e pegou num maço de notas reunidas por uma cinta de papel. Duas mil e quinhentas coroas só para despesas declarou.

Daranyi pegou as notas e tomou-lhe o peso com satisfação. com isto já se pode fazer alguma coisa.

Calculo que você vai proceder como das outras vezes?

Como?

Comprar as informações aos correspondentes estrangeiros, além de usar outras fontes de informação.

É provável.

A altura não pode ser melhor. Encontram-se cá repórteres de todo o mundo: o Grande Hotel, o Estocolmo, o Éden Terrace, o Foresta, o Carlton estão invadidos por eles. Há muito quem precise de uns dinheiros ganhos por fora. A quantia que lhe dei deve bastar.

Menos para os americanos.

É certo respondeu Krantz. Mas para esses você procurará outros processos. Em princípio, posso indicar-lhe uma rapariga chamada Sue Wiley, que representa a Consolidated Newspapers, de Nova Iorque. Fixou o nome?

Sue Wiley.

Soube por acaso que ela está a preparar um relato, tipo sensacional, sobre a história dos Prêmios Nobel, os seus inúmeros contemplados, no presente e no passado. Estou certo de que ela fará tudo em troca de informações.

Estará "o senhor a sugerir-me, doutor Krantz, que ela seria capaz de me fornecer os dados concretos de que preciso em troca de alguns mexericos úteis para as suas histórias?

Essa questão nem se põe. Mas, no seu lugar, eu não me faria passar por jornalista. Ela é capaz de rezear a competição. Os americanos preocupam-se tanto com as notícias exclusivas... ou lá como é que eles lhe chamam...

Scoop.

Isso mesmo. Que palavra idiota. Trate de arranjar outra identidade.

Krantz alisou a barba com as pontas dos dedos. Deve prestar atenção ao programa imposto aos laureados. Repare que se embebedaram no Palácio Real e na residência do Hammerlund...

Não se preocupe tranquilizou-o Daranyi. Tenho inúmeras fontes de informação de vários lados, e com estas duas mil e quinhentas coroas... Hesitou. O que me aflige é a falta de tempo.

Você faz o que puder. Não lhe exijo mais.

Muito bem. Pode ficar descansado. Faltava agora o assunto final. Daranyi tossiu para aclarar a voz. Agora, quanto aos meus serviços...

Krantz pôs-se de pé e endireitou o casaco.

486

Os seus honorários ainda não foram fixados, Daranyi. Vou reunir-me de novo com os meus colegas. Você tem de confiar no meu critério. Já alguma vez teve razão de queixa? Nunca. Será bem pago pelas suas vinte e quatro horas de trabalho. Receberá o justo valor dos seus serviços, mais do que lhe rendeu a sua última investigação.

Isso posso eu garantir-lhe. E, repito, se nos entregar as informações mais cedo, terá uma gratificação.

Em questões financeiras, tenho confiança absoluta na sua generosidade, e também no seu conhecimento dos meus préstimos.

Krantz pegara no sobretudo e Daranyi, pondo-se de pé, ajudou-o a vesti-lo.

À porta, Krantz parou.

Previno-o de que deve usar da máxima discrição, Daranyi.

Um sorriso animou a expressão do húngaro, que disse uma chalaça.

Eu também tenho pescoço, e faço muito gosto nele!

Krantz resmungou.

Então está assente. No dia nove, a qualquer hora, logo que tenha tudo pronto, telefone-me para o meu número particular. Fico à espera da chamada no apartamento. Você depois vai imediatamente ter comigo.

Espero conseguir alguma coisa declarou Daranyi.

Assim o creio também respondeu Krantz.

E saiu. Estava terminada a entrevista. Daranyi ficou absorto, a olhar para a porta fechada. Perguntava a si próprio o que estaria por detrás de tudo aquilo. Era isso que o interessava. Isso e o dinheiro.

Voltou para junto da mesa e pegou nas biografias que Krantz lhe deixara. Começou a lê-las devagar. Haviam começado as suas quarenta e oito horas de investigador.

Precisamente às onze e cinco minutos dessa mesma manhã o ar continuava gelado como durante as primeiras horas do dia, mas a paisagem de Djugarden, agora, em lugar de negra, tinha a cor cinzenta do zinco Denise Marceau foi conduzida através de uma porta situada nas traseiras de Askslottet. Avistou logo o Dr. Oscar Lindblom, que a esperava na alameda, impacientemente a dar palmadas nos braços.

Quando ele a ajudou a descer do Bentley de Hammerund, um requinte que ela muito apreciara, viu com prazer que o rapaz se lhe afigurava agora mais atraente, mais concreto, mais másculo do que se lhe afigurara no dia anterior. O vento despenteara-lhe os cabelos, o frio avivara-lhe a cor das faces. Não usava sobretudo e o agasalho

de lã que tinha posto em volta do pescoço e dos ombros conferia-lhe uma certa desenvoltura. Parecia menos oco, graças a Deus, pensou ela, enquanto seguia pelo braço dele entre as filas das árvores nuas.

487

Lindblom afirmava que havia gamos na floresta, mas Denise não conseguiu ver nenhum.

O laboratório particular, um edifício de um só piso, de cimento, medindo uns noventa metros por cento e oitenta, erguia-se numa clareira, isolado de qualquer outra construção. O interior, formado por duas salas e uma casa de banho, afigurava-se a Denise indiscutivelmente mais moderno do que as dezenas de outros Semelhantes que vira em França.

Lindblom, atento e cerimonioso como um jovem cadete de uma academia militar, ajudara-a a despir o casaco cinzento. Ela ficou satisfeita ao adquirir a certeza de que ele apreciara o seu vestido novo de chantung de seda, decotado e curto.

Depois de lhe acender o cigarro, Lindblom encaminhou-a para a sala maior, o laboratório, e, enquanto fornecia explicações, fez-lhe observar cada frasco, cada bomba de vácuo, os termómetros, os aquecedores, as provetas, as cobaias nas suas gaiolas de metal polido.

Apesar do desinteresse que sentia naquele momento pela ciência, Denise não podia deixar de reconhecer o valor fabuloso que aquele laboratório particular representava. Enquanto andavam de um lado para o outro, em frente das bancadas, Lindblom discursava, com um entusiasmo nervoso, acerca dos trabalhos que trazia entre mãos. Massacrava os ouvidos de Denise com o seu amor pela família das algas, da soja, das rhodophiceas e das chlorelas. Revelava um fervoroso ódio pelos alimentos naturais e uma devoção fanática pelos alimentos sintéticos.

O que interessava a Denise naquele momento não eram os conhecimentos que estava recebendo, mas sim o facto de ele ser ou

não sensível a qualquer emoção. Perguntava a si própria se apenas a química dos alimentos seria capaz de o estimular e se reagiria da mesma maneira perante a química de uma mulher.

Escutava uma palavra aqui, outra ali, mas não ouvia a maior parte das coisas que ele dizia. Isto constituía uma das suas habilidades: conseguir alhear-se completamente da voz humana e, no entanto, saber por intuição qual o momento em que devia abanar a cabeça, confirmar ou proferir uma exclamação de apreço ou repulsa. Utilizara este processo durante toda a visita ao laboratório. O seu pensamento, porém, absorvia-se com outras preocupações mais importantes.

Desde que decidira aquilo na festa de Hammerlund, na noite anterior, até ao momento em que Claude a deixara, de manhã, sentira-se animada, satisfeita com aquela íntima e secreta esperança. A súbita alteração de humor que revelara confundira Claude, e ela apercebera-se perfeitamente disso. No fim do pequeno almoço, ainda no hotel, o marido interrogara-a cautelosamente acerca do que fizera e se se divertira na reunião de Hammerlund. Estava a sondá-la e, pela primeira vez depois que sofrera aquela humilhação, sentira uma superioridade real.

488

Percebia, no entanto, que continuava de pior partido, a despeito da secreta esperança que alimentava. A chegada iminente de Gisèle a Copenhaga podia muito bem anular-lhe todos os esforços. No entanto, tomara a resolução de fazer qualquer coisa, de lutar, e isso bastava para lhe dar coragem.

Mas o seu esforço não começara ainda. Na noite anterior tomara apenas a decisão inicial. Agora, ali, naquele laboratório, ver-se-ia coagida a assumir uma atitude decisiva. E, uma vez isso feito, teria de se sujeitar a ela até ao fim.

Sempre con Lindblom a reboque, olhou para o relógio. Chegara às onze. Agora era meio-dia. Estava a findar a hora de tréguas que

concedera a si própria. Restava-lhe tomar a última resolução. Primeira pergunta: «Teria o direito de fazer aquilo?» Havia duas alternativas: (a) um flirt inocente, um aperto de mãos, um abraço, um beijo, umas palavras românticas, a que se seguiriam outros encontros do mesmo género, e nada mais; ou (b) relações amorosas.

O instinto avisava-a de que um comportamento moderado nada adiantaria. O entusiasmo de Claude, hipnotizado como estava pelo sexualismo de Gisèle, não seria abalado por um simples flirt sem consequências. Ela não poderia fingir que a coisa tinha ido mais além e sabia que Lindblom seria ainda menos capaz disso do que ela.

Claude tomaria esse flirt por uma vingança pueril, um tanto ridícula e insensata, uma brincadeira lamentável. Por outro lado, o amor ilícito teria um poder devastador que despertaria por certo uma reacção.

Nesse caso, não se tornaria necessário que Lindblom estivesse a representar apenas um papel. Seria realmente seu amante, facto que não poderia esconder. E a posse definitiva do corpo dela, que não fora de mais ninguém desde que casara, constituiria um golpe para o orgulho de Claude. Se tal não acontecesse, o seu casamento era uma ruína e não se perdia nada com aquilo. Se ele sentisse o orgulho ferido e daí resultasse o ciúme, então ainda haveria esperança.

Continuou a percorrer o laboratório com Lindblom, enquanto dialogava consigo própria. Sentia-se satisfeita por ter respondido à primeira pergunta. Deveria ela fazer aquilo? Sim. Agora, a segunda pergunta: «Seria capaz disso»? Aí é que estava a dificuldade. Fora educada catolicamente. Os pais vigiavam-na de perto. No entanto, depois de adulta, liberta da sua autoridade e da Igreja, tivera três experiências breves, fogosas, com rapazes da Sorbonne. Contudo, depois de haver conhecido Claude e de se ter comprometido com ele, nunca o enganara, nem sequer com um simples flirt, apesar da

lendária fama de leviandade de que gozam as mulheres francesas. Nem tal coisa lhe passara alguma vez pela cabeça.

Enquanto caminhava, ia resolvendo: neste caso era diferente, e fora Claude o culpado. A que compromisso se achava ela obrigada?

O compromisso fora mútuo, assumido em conjunto, e ele é que o que-489

brara. Que obrigação tinha ela de guardar castidade e para quem?

Medo, porquê? Era mulher, e isso facilitava as coisas, mais ainda por ser uma cientista. Sim, uma cientista de quarenta e dois anos, positiva, nada romântica, dotada de uma experiência não muito vasta, mas, enfim, relativa, o que lhe parecia muito melhor.

Havia dois factores que tornavam a coisa não só possível, mas necessária. Lindblom parara para lhe mostrar uma retorta cheia de líquido. Enquanto a contemplava, por uma estranha associação de ideias, a retorta pareceu-lhe o sexo da jovem Gisèle oferecendo-se a Claude, ao seu marido, a este aceitando-o. A imagem repugnou-a e ela repeliu-a; no entanto, o ódio àqueles que lhe haviam estragado a vida permaneceu. Então, para esquecer a imagem, aproximou-se mais do rapaz e, como se não desse por isso, inclinou-se por cima do braço que ele tinha estendido de forma que os seios fartos, mal contidos num soutien de renda, fizeram pressão sobre o braço dele. Imediatamente sentiu o poder de que dispunha, pois não só o braço como toda a sua pessoa se retesaram. E Denise ficou sabendo que conseguiria os seus fins com facilidade e sem dor. Deste modo, ficava igualmente dada a resposta à segunda pergunta. Seria ela capaz de o conseguir? Era, sim.

Agora sentia-se impaciente por atingir a finalidade que se propusera.

Recuou um pouco e fitou Lindblom com expressão amigável. «O meu colaborador», pensou. Mas disse em voz alta: Tudo isto é interessantíssimo, Oscar. Posso chamar-lhe assim?

Pois decerto... decerto...

E agora onde poderei descansar os meus pobres pés e fumar um cigarro...

Oh, desculpe-me, Madame Marceau. Entusiasmei-me com tudo isto. Que desastrado eu sou. Vamos para o compartimento aqui ao lado, que Hammerlund chama a minha «sala de pensar».

Levou-a então para o aposento contíguo, um escritório alcatifado, com uma secretária moderna a um lado, tendo em cima uma máquina de escrever e uma cafeteira eléctrica. Junto da parede havia um sofá coberto de tecido pesado, uma estante com jornais científicos e duas cadeiras.

Quer ir à casa de banho? inquiriu Lindblom.

Ela abanou a cabeça.

Uma chávena de café?

Denise recusou também.

Nada, queria apenas sentar-me um pouco e fumar um cigarro.

E também conhecê-lo melhor.

Sentou-se numa ponta do sofá, de modo que a saia de seda subiu provocantemente acima dos joelhos. Lindblom fingiu não ver enquanto lhe acendia o cigarro.

490

Ela recostou-se para trás, a engolir o fumo, ao mesmo tempo que os seios se lhe erguiam por baixo do vestido. Lindblom permanecia de pé, indeciso, na frente dela.

Não me quer falar de si? perguntou Denise.

Não me importo, mas receio que nada tenha de interessante para dizer, fora do meu campo de trabalho, Madame Marceau.

Isso só eu o poderei avaliar. Que idade tem, Oscar?

Trinta e dois.

«Nada mau», pensou ela. «É pelo menos uma idade respeitável.»

Ainda é solteiro? inquiriu. Como consegue continuar livre sendo um bonito rapaz?

Lindblom corou com o cumprimento. Antes que pudesse responder, ela prosseguiu: Corar não vale. Em França, costumamos dizer estas coisas com frequência. Julguei que também era assim na Suécia.

Não é bem assim, Madame Marceau. Nós, os suecos, somos muito formalistas e cheios de inibições.

Então como se explicam todas essas reportagens fantásticas a respeito da vossa liberdade sexual que se lêem nos jornais?

Há nisso verdade e muita mentira.

Compreendo. Mas você lá foi conseguindo escapar às raparigas, Oscar!

Eu não sou precisamente uma estrela de cinema. Além disso, dedico-me inteiramente ao meu trabalho.

Isso vejo eu retorquiu Denise, numa voz amigável para o descontraír. Mas, na vida social... não tem nenhuma amiga, meu caro Oscar?

Ele pareceu chocado.

Não percebo bem o que quer dizer.

Uma amante. Não se ofenda porque me sinto intrigada, agora que o aprecio um pouco melhor. Você é muito simpático, sabe? E eu gostava de conhecer o nome da felizarda.

Não é ninguém gaguejou ele.

Diz você que não existe absolutamente ninguém? Que não tem nenhuma mulher com quem se dê?

Ele torcia-se na frente dela, pouco à vontade.

Encontro-me de vez em quando com uma ou com outra, mas não muitas vezes.

Que tal são as vossas raparigas? Consentem que vocês tenham relações com elas?

As faces do rapaz estavam escarlates.

Oh, Madame Marceau!...

Denise sorriu.

Estou a fazer-lhe passar um mau bocado. Mas quero saber. Vocês têm relações amorosas com as vossas amiguinhas? Ou não?

491

Pode ser inteiramente franco comigo... Você não é anormal do ponto de vista do sexo, pois não?

Claro que não! retorquiu ele, indignado. Depois acrescentou: Não ando muito com mulheres por causa destas absorventes investigações. Ragnar Hammerlund paga-me bem, mas é muito exigente.

Eu trabalho noite e dia...

Não me está a responder francamente.

Claro que tenho relações com certas mulheres, quando é preciso, quando sinto necessidade disso.

com que intervalos?

Não sei, nunca pensei nisso. Na verdade, Madame Marceau, confesso que estou um pouco embaraçado...

Não importa. Quantas vezes...

Aí uma vez por mês, ou mais, quando tenho tempo. Estes sucedâneos das algas...

Não interessa. Fico, na verdade, aborrecida se lhe causei qualquer embaraço. Não era essa a minha intenção.

Também eu não quis ser incorrecto para consigo apressou-se ele a responder.

Você é um amor de rapaz e não foi nada incorrecto. Alisou o sofá no lugar ao seu lado. Venha sentar-se ao pé de mim. Fiz-lhe todas estas perguntas apenas porque calou-se, enquanto ele se deixava cair no assento, a pouca distância porque prosseguiu, estou absolutamente fascinada pela sua pessoa, pela sua inteligência, e também (já lhe disse que nós, as francesas, somos absolutamente sinceras) pelo seu físico. Não me canso de saber coisas a seu respeito.

Não está certo, confesso, mas sinto-me incapaz de me dominar quando estou junto de si. Procurou outro cigarro. Acenda-mo, se faz favor. E apresentava-lhe o isqueiro.

O rapaz accionou-o e ofereceu-lhe a chama alta, com a mão a tremer.

Denise pegou nela com a sua mão fresca e imobilizou-lha. Depois começou a afagá-la, apagou o isqueiro sem lha largar e ficou-se com ela apertada, no sofá, entre os dois.

Fitou-o então.

Estou a assustá-lo, Oscar? Diga lá.

De maneira nenhuma respondeu ele com voz trémula.

O meu mal é não conseguir dominar-me. Sou como sou e digo o que sinto.

Acho isso admirável declarou ele. E a sua maçã-de-adão movia-se com rapidez de um contador Geiger no Congo.

É o meu ponto fraco, e esse ponto fraco está a ser influenciado por si. Puxou-lhe pela mão. Chegue-se mais.

Ele aproximou-se, muito desajeitado, até que as pernas de ambos ficaram encostadas. Ela não tirava os olhos do rosto dele.

Você é o rapaz mais bonito que tenho visto desde há anos, e 492 tão simpático. As raparigas costumam dizer-lhe isto, com certeza, tão simpático, com essa dedicação aos alimentos sintéticos, o seu maravilhoso cabelo ondulado e essa linda boca. Não consigo tirar os olhos dessa boca.

Inclinou-se para Lindblom, pegou-lhe na face com ambas as mãos e chegou-lhe os lábios aos dele. A princípio, estes mantiveram-se inertes e retraídos. Porém, ela continuou a mover os seus até que a boca do rapaz se entreabriu e começou a corresponder. Sentia-lhe o corpo jovem estremecer de excitação e, receando as consequências, interrompeu o beijo.

Foi assim tão mau? perguntou ela.

Não... não...

Não tem nada mais para me dizer?

Foi maravilhoso. É para mim uma honra...

Gosta um pouco de mim, Oscar? Pode dizer a verdade.

Madame Marceau. Quer que seja franco? Deve saber o que sinto cá por dentro. A senhora... a senhora e o seu marido têm sido para mim uns ídolos. Só a ideia de a vir a conhecer, de ficar sozinho consigo...

Não seja tolo, Oscar. Faça discursos desses quando se referir a figuras históricas, tal como os Curie. Eu não sou a Madame Curie.

Ainda não estou sepultada em livros de história. O Prêmio Nobel não fez de mim uma múmia. Não mumificou o meu coração, nem a minha carne, nem as minhas emoções. Sou um ser humano também jovem, e sinto-me feliz por me encontrar junto de outro ser humano também jovem, um homem que me excita. Não quero que admire os meus feitos, quero que admire a minha pessoa. Acha-me atraente?

Nunca sequer sonhei com uma pessoa como você!

Mas acha que sou atraente?

Claro que acho, Madame...

Acho... diga o resto.

Madame...

Não encontra outra maneira de me tratar?

De outra maneira não sou capaz...

Ela fitou-lhe o rosto magro e contraído, o tique que se lhe revelara ao canto do olho direito. Achava-o tão palerma, tão inacreditável, tão introvertido como qualquer herói de Stendhal, mas os receios e as inibições dele aguçavam-lhe o apetite de levar a cabo a experiência com êxito.

Oscar disse devagarinho, solte a língua e deixe falar o coração. Então não percebe que eu quero ouvir da sua boca, o que toda a mulher na pujança da vida deseja ouvir da boca do homem que a atrai? Acha que eu, como mulher, significo alguma coisa para si?

Apenas como mulher, um ser feminino despido de feitos ilustres, de prêmios, de passado? Uma mulher que está acima de si, mas se 493 considera sua igual, ou até inferior, e que quer a sua admiração...?

Lindblom tinha o rosto contorcido e as palavras ficavam-lhe presas na garganta.

Adoro-a! exclamou ele. Adoro-a acima de todas as mulheres!

Denise sentiu que a vitória não estava longe.

Se você pudesse, Oscar... se fosse possível... seria capaz de gostar de mim?

Não posso sequer conceber tamanha...

Então é possível exclamou ela. E voltou-se para ele no sofá, com ar subitamente positivo. Vamos então considerar este assunto com calma, enquanto é possível. Somos ambos duas pessoas adultas e dedicadas à ciência. Ao mesmo tempo, concordamos ambos que também somos humanos. Temos exigências emocionais que requerem satisfação, e isso, por vezes, pode ser tão importante como o nosso trabalho, não é assim? Concorda não é verdade?

Oh, pois claro, claro!

Tenho estado a tentar desesperadamente fazer-lhe compreender que não se deixe iludir pelas aparências públicas, pois eu tenho também uma vida íntima. Sou tão mulher como qualquer outra. Sinto necessidades imperiosas, e uma delas, a mais escravizante, é o amor, o amor físico de um homem que me atraia. Já não posso mais suportar a austeridade, já não posso fingir mais. Tenho de me humilhar diante de si. Impulsivamente, tal como havia planeado, pegou-lhe nas mãos e apertou-lhas com força. Oscar, preciso de si! Será capaz de compreender isto? Uma mulher pode sentir-se faminta, pois tem de esperar passivamente que a venham satisfazer. Para um homem, o caso é tão simples! Quando tem necessidade vai à rua, procura alguém, em qualquer parte, e fica saciado. Para uma mulher, torna-se insuportável, sobretudo quando se está na minha

posição. Porém, hoje não consigo dominar-me mais, por sua causa! Sinto, através das suas mãos, o império da paixão. Sou uma massa. Pode moldar-me à sua vontade.

Fechou os olhos, perguntando a si própria se estaria ser demasiado teatral, como uma figura da Poesia dos ingleses Blake e Byron Talvez estivesse a falar de mais. Mas achava, por outro lado, que tinha de ser assim mesmo, pois estava a desempenhar os dois papéis, o do homem e o da mulher.

Ouviu a voz distante de Lindblom que dizia Quem me dera... mas tem a certeza... o seu marido...

Denise abriu os olhos e esteve a ponto de fazer uma observação áspera acerca de Claude ou de repreender Lindblom pelas suas reticências, mas percebeu instintivamente que qualquer dessas atitudes reduziria o seu companheiro à impotência. Esta última palavra que lhe viera à ideia impotência deu-lhe o mote da sua réplica., 494

Iria desfazer os receios e os presumíveis remorsos de Lindblom, dando-lhe a explicação da atitude de Claude e da sua própria.

Baixou os olhos e voltou a cabeça, assumindo uma expressão de intenso sofrimento.

O meu marido... o meu marido... é impotente declarou com uma emoção que lhe embargava a voz. Não devo falar neste assunto...

Lindblom tentou confortá-la.

Então, por favor, não esteja torturar-se.

Mas ela prosseguiu: Aqui há cinco anos, depois de muitos excessos, de se ter gasto por completo, abandonando-me, foi atacado por uma doença grave.

Quando se curou, tinha perdido toda a virilidade. Fiz tenção, nessa altura, de me separar dele, mas via-o tão necessitado de companhia e tão infeliz que não tive coragem. Já sabia o que me esperava. Tinha de renunciar a ser uma mulher normal, viveria junto dele como uma freira. Foi o-que fiz até hoje, era o meu dever.

Sublimei ao trabalho as minhas necessidades naturais, mas não foi fácil, acredite; porém, a bestialidade dele fazia que a minha obediência se tornasse numa cruz demasiado pesada. Ah, querido Oscar, a minha vida tem sido bem cruel. O meu corpo está sedento e aspira ao amor, ao amor...

Estimulada pela sua própria improvisação, Denise conseguiu fazer correr algumas lágrimas dos olhos.

Viu o rosto de Lindblom, todo ternura e compaixão, e reparou que os olhos dele estavam também molhados. O rapaz afagava-lhe o braço, murmurando: Minha pobre querida, minha pobre querida...

Denise sentiu-se cansada já do esforço oratório. Fungou e tentou recompor-se.

Oscar, estamos sós aqui?

Que quer dizer com isso?

Pode cá vir alguém?

Só o Hammerlund, e hoje não está em casa.

Ela inclinou-se para ele e aflorou-lhe a face com os lábios.

Fecha a porta, meu amor murmurou e corre as persianas.

Tenho de ir à casa de banho. Espera por mim.

Ergueu-se, pegou na malinha e entrou na casa de banho, fechando a porta.

Minutos volvidos saía, trazendo os olhos brilhantes. O aposento estava consideravelmente mais escuro, com os estores corridos, e Lindblom com um ar de mais intimidade, segundo ela reparou, encontrava-se junto do sofá, interdito, a abrir e a fechar as mãos.

Denise dirigiu-se para ele e pousou-lhe a mão no peito, a escutar-lhe o coração. Em seguida rodeou-lhe a cintura com os braços.

Aqui estou, Oscar murmurou. Entrego-me nas tuas mãos.

495

Ele abraçou-a com força, quase a ponto de a sufocar, beijando-lhe ao mesmo tempo o alto da cabeça.

Ela gemia baixinho.

Oscar, vá, não sejas mau para mim. E empurrava-o para o sofá. Beijava-lhe os olhos, a boca, enquanto lhe ia desabotoando a camisa e depois lhe apalpava com a mão o peito ofegante, as costelas, as costas ossudas.

Pousou-lhe a boca perto da orelha, sempre aos beijos, multiplicando as palavras ternas.

Estou pronta, Oscar.

Sentiu-o estremecer.

Meu amor sussurrou-lhe , queres que te ajude a despir?

Oh, não, não!

Ergueu-se, esteve quase a cair, depois equilibrou-se, e, a toda a pressa, foi tirando a roupa, até aparecer nu diante dela, com a voz abafada e num tom lisonjeiro. Como sou feliz! Conservarei para sempre este amor!

Fechou os olhos, desejando que Claude pudesse ali estar, para ver aquela união. Passados segundos, ao verificar que ele ainda não se aproximava, abriu os olhos e viu-o, não por cima dela, mas ajoelhado ao seu lado, a contemplá-la. Quis falar, engasgou-se e a sua maçã-de-adão subia e descia freneticamente.

Madame Marceau, tem a certeza...

Ela esgotara a paciência e estava indignada.

Oscar, isso não vale! Tens-me para aqui à espera, numa angústia medonha... Então?

Ao dizer isto, erguia a combinação, enrolava-a até à cintura e voltava-se para ele.

A sua voz ela tinha a certeza de que nem a divina Sara fazia melhor desfalecia de paixão.

Oscar, não te recuses, se não vens depressa, morro...

Ah, alskling, minha querida, minha querida!

Imediatamente o sentiu junto dela, sufocando-a com beijos, acariciando-lhe o pescoço e o peito. Ela contorcia-se sensualmente (os últimos meses haviam sido tão solitários) e fez por acreditar que

era o Claude de outros tempos, enquanto apertava com força o rapaz de encontro a si.

Eu estou pronta murmurou. E tu?

Acho... acho que sim.

A incerteza dele asustou-a. Deixou-se de fantasias e dedicou-se à tarefa real que tinha entre mãos. Compreendeu que, quer gostasse quer não, tinha de participar no acto, ou então este não se consumaria, e nesse caso todo aquele longo trabalho de sedução ficaria perdido. Que havia de fazer? Apressou a respiração, colou-lhe a boca ao ouvido e à face. Ofegava, ofegava, enquanto lhe percorria

os dedos, ao de leve, as coxas magras. A excitação do rapaz foi imediata, instantânea, e durante esse momento ela recordou-se do eufemismo da Bíblia, referente às relações sexuais:- «Ele entrou a ela.»

Julgara que nessa altura o seu papel terminaria e que poderia aguardar o fim sem tomar parte activa nele. Porém, passados momentos, verificou, com objectivo desprendimento, que ainda lhe era exigida mais alguma coisa. Se queria que ele fosse de alguma utilidade no plano que architectara, era preciso que o homem sentisse orgulho na sua conquista. De contrário, ficaria envergonhado e, portanto, de nada lhe serviria.

O rosto dele, extático e entumecido, suspenso por cima dela, como uma grotesca máscara de Carnaval, deu-lhe a entender que estava perto do fim. Até agora, ela quase nada sentira. Seria inútil fingir o que não existia: necessitava do estímulo do cheiro humano, e o que a impressionava agora era unicamente o perfume a sabonete do corpo de um macho bem lavado e uns relentos de câfifora vindos do laboratório. Então, lembrou-se de que, na falta de alimentos naturais, se podia recorrer aos sintéticos. A excitação, nela, teria de ter um substituto químico produzido pelo cérebro, e não pelo físico. Foi o desespero que a obrigou a agir.

Quanto mais depressa melhor, pensou. E, então, implorou apressadamente ao seu corpo dormente que se antecipasse ao homem. Fechou mais uma vez os olhos com força, fez que o peito lhe arquejasse, gemeu, suplicou-lhe que não a torturasse, que acabasse já ou que ela morreria, sempre indagando de si mesma se tudo aquilo não seria demasiado teatral, se ele conseguiria distinguir o sintético do verdadeiro.

E não tardou em se certificar que triunfara. Ao ver que o desenlace estava iminente, colou-se a ele, imóvel, soltando apenas gritinhos de prazer, abraçando aquele corpo iludido o melhor que podia, e, quando teve a certeza, pois o esperado trovão não passou de um simples rouquido, representou o espasmo final de forma a coincidir com o dele, mas depois, para que fosse o homem a sentir-se orgulhoso, triunfante, e não ela. E, finalmente, mon Dieu, estava tudo acabado!

Lindblom estendeu-se ao lado dela, a escorregar do sofá, quase a cair, e Denise tapou os olhos com um braço, como vira fazer um dia num filme francês, o que criara em si a ideia de que era aquela a maneira de as mulheres mostrarem que estavam satisfeitas. Ambos ficaram silenciosos, enquanto descansavam. Finalmente, ela destapou os olhos. Sentia o pescoço hirto e dorido por ter estado deitada sem travesseiro. Percebeu que o rapaz a olhava e que o seu rosto traduzia uma vergonha crescente, semelhante à de um moço de lavoura ao descobrir que a donzela que acaba de violar é nada mais nada menos do que a rainha. A enormidade do sacrilégio que cometera principiava a submergi-lo.

497

Denise começou logo a mexer-se, prevendo a reacção dele. Não estava disposta a aturar os protestos de culpa, as súplicas de perdão, a sua humildade e, por fim, o susto com que a evitaria dali em diante. Tinha de o convencer de que não profanara nenhum templo sagrado.

Mera, Oscar disse baixinho. C'est beau.

Ele corou como era possível que ainda fosse capaz de corar!
e soltou um suspiro.

É verdade prosseguiu ela.

A maçá-de-adão começou de novo a subir e a descer, como um macaco pelo tronco de uma bananeira.

Ainda bem declarou ele. Não tinha a certeza.

Sinto-me realizada, Oscar, e agradeço-te de todo o meu coração.

Olhou para o relógio e sentou-se, com ar admirado. Tão tarde! É difícil deixar-te, Oscar, não sei como há-de ser, mas parece-me que o melhor será ir já para o hotel, antes que o meu marido volte. A combinação continuava enrolada em volta da cintura e ela puxou-a castamente para baixo, a tapar os joelhos.

Lindblom continuava a olhar para Denise.

És bonita!

Não sejas mauzão. Vais tentar-me outra vez.

O rapaz sentou-se.

Quem me dera...

Ela beijou-o ao de leve na face.

Tem de ser possível disse ela. E depois acrescentou: Temos de nos ver todos os dias enquanto eu aqui estiver.

Deus queira! Quando há-de ser?

Amanhã. Amanhã à noite, no meu apartamento.

E o teu marido...?

Vai passar o serão na Universidade de Upsala, faz uma conferência na Faculdade e não voltará senão muito depois da meia-noite.

Tu vais ter comigo muito cedo, à huit heures du soir l. Quero gozar a tua companhia à vontade. Vai ser o paraíso, prometo-te.

«E vai ser também», pensou ela consigo, «a viragem decisiva do meu casamento.»

Quando Denise regressou da casa de banho, já vestida, penteada, com a pintura refeita, verificou que os estores tinham sido de novo levantados e que Lindblom, também já vestido, a olhava com ares de posse. Ficou satisfeita, pois viu que tinha representado bem o papel.

Estive a pensar que sou um homem feliz, pois descobri alguma coisa mais além das algas...

Ela dirigiu-se gentilmente para o rapaz e deu-lhe um beijo de despedida, apressado e conjugal.

1. Às oito horas da noite.

498

Não és tu a pessoa mais feliz, mas sim eu. Julguei dantes que era a França a terra do amor. Nós, os Franceses, estamos a tornar-nos provincianos. Agora é que estou a aprender que és tu que me ensinas.

Au revoir, querido, e obrigada. Não chegues tarde amanhã. Todos os momentos que passo contigo são os mais importantes da minha vida.

Embora já tivessem dado as duas horas da tarde, naquele dia sete de Novembro, a cama de casal do aposento, situado no quarto andar do Grande Hotel continuava ocupada por um laureado.

com excepção de algumas idas à casa de banho, John Garrett não deixara o seu leito de dor desde a véspera. A principal injúria que lhe haviam feito no jardim de Hammerlund não fora corporal, mas sim espiritual. Ainda sentia na barriga a dor provocada pelo soco de Farelli e o olho direito inchara-lhe ligeiramente, embora apenas a maxila tivesse sido atingida. Não eram, porém, esses ferimentos que mais o magoavam, e depressa passariam. O que nunca mais lhe havia de esquecer era a ferida do seu amor-próprio.

A recordação do que acontecera constituía uma aflição que nenhum calmante ou comprimido poderia curar. Desde que despertara, naquela manhã, a barriga e a maxila doridas não haviam

deixado de lhe recordar a sua humilhação, fazendo-o reviver, morbidamente, repetidas vezes a cena.

Pensava, em certos momentos, que se aviltara com esse procedimento, que não estava de acordo com a sua maneira de ser. Desde que se conhecia, nunca batera nem apanhara pancada de ninguém.

Era um intelectual, um homem da Medicina, e não um arruaceiro. A vitória dos punhos nada significava senão que o seu dono os tinha maiores que o adversário ou que fazia mais exercício. Não fora sua intenção jogar à pancada. É certo que o espectáculo de Farelli, tão senhor de si, lhe fizera perder por completo o domínio. E as bebidas tinham acabado por lhe alterar o juízo. Não estava habituado ao álcool, e fora esse o mal. Sem ele, nunca teria agredido o seu rival.

Mas, se o houvesse feito estando sóbrio, desfrutaria de mais vantagens na luta. Vence sempre quem tem razão, não é isso verdade? Fosse como fosse, ele continuava a pensar que nunca tencionara descer tanto. Pretendia apenas meter Farelli na ordem por meio de palavras e fora seu intuito dar-lhe a entender que não era parvo nenhum e que percebera muito bem o seu jogo. Estava também arrependido de ter empregado uma linguagem tão grosseira, embora aquele charlatão não merecesse outra coisa. Contudo, o que o irritava a valer era ter sido derrotado, coagido a ajoelhar aos pés do criminoso. Não lhe desagradava menos o facto de Craig haver presenciado a sua admirável derrota.

499

O que se seguira não fora tão mau, continuava a recordar Garrett. O olho não inchara imediatamente e, com a ajuda de mais uns copos, conseguira aguentar o resto do serão. Enquanto Saralee o ajudava a meter-se na cama, ele contou-lhe tudo, segundo a sua versão, claro, e a mulher mostrara-se pesarosa, conjugalmente indignada, e, indignada, falara em ir à Polícia queixar-se daquele patife italiano.

Estava-se agora na manhã seguinte ao acontecimento não, já era de tarde , e Garrett continuava na cama, demasiado abatido e doente para se erguer e se misturar ao mundo hostil lá de fora.

Soou a campainha da porta e ouviu Saralee dizer da sala: Deve ser o doutor Öhman. Vou mandá-lo entrar.

Garrett ergueu-se nas almofadas, perguntando a si próprio qual seria a finalidade daquela visita de Öhman. Depois viu, através dos cortinados abertos, que não era o Dr. Ohman, mas sim o criado dos quartos, de casaco branco, que vinha buscar o tabuleiro do almoço.

Logo que o criado saiu, Saralee foi colocar-se junto dele aos pés da cama.

Sentes-te melhor, John?

Ainda não morri.

O doutor Öhman não deve tardar. Queres tirar o pijama e vestir-te?

Não, recebo-o assim mesmo.

Logo que Saralee voltou à tarefa de escrever os seus postais, Garrett libertou-se por momentos da obcecação do que se passara na noite anterior e tentou pensar em Ohman. Este telefonara às onze da manhã e Saralee atendera, dizendo no fim da conversa que ele parecera excitado e ansioso por lhe dar certas novidades.

Perguntara se Garret estaria livre da parte da tarde, pois tinha qualquer coisa de extremamente importante para lhe comunicar. Sara lee tapara o bocal do telefone e repetira estas palavras ao marido Garrett acenara negativamente com a mão, resmungando que não queria ver ninguém. Mas depois acrescentara: Pergunta-lhe de que se trata.

Saralee obedecera e em seguida transmitira ao marido a resposta. É qualquer coisa relacionada com o Farelli.

Garrett mostrara-se imediatamente interessado e ansioso por se encontrar com o aliado.

Então diz-lhe que venha às duas horas.

Acabavam agora de bater as duas horas e Garrett aguardava, cheio de curiosidade. O que mais o interessava era saber se Ohman teria tido conhecimento da cena de pancada e se viria avisá-lo de mais alguma complicação. E de novo o seu espírito se voltou obcecadamente para os factos da noite anterior.

Eram duas e dez quando o Dr. Eric Öhman chegou, trazendo uma pequena pasta debaixo do braço. O seu rosto de pugilista pa-

500
recia animado, mas logo se tornou sério ao ver o amigo na cama com sinais evidentes de ter andado à pancada.

No momento em que Saralee saiu com o sobretudo de Ohman, o sueco puxou uma cadeira para junto da cama e pôs-se a observar o perfil amachucado de Garrett, enquanto dava sinais da sua preocupação.

com os dedos, ia arranhando a cabeleira curta e ruiva.

Uhuhuh, doutor Garrett, meu bom amigo, que lhe aconteceu?

Caiu por alguma escada? Ou foi de encontro a uma porta?

Fui atacado por aquela besta do Farelli explicou Garrett, com veemência.

Öhman pareceu admirado.

Ele bateu-lhe mesmo?

Não só uma vez mas várias. E deu-me pontapés quando me viu no chão.

Oh, doutor Garrett, mas isso é horrível, uhuhuh... horrível!

É a pura verdade. Na noite passada, eu e Saralee fomos jantar a casa do Ragnar Hammerlund. Estavam lá todos os laureados, incluindo os Farelli, claro. Bebemos bastante, e confesso que me sentia furioso contra ele. Não conseguia tirar da cabeça a ideia de que, sabendo que você era meu amigo, se tinha utilizado de si e do

seu trabalho para tirar efeitos publicitários. Portanto, a certa altura, resolvi dizer-lhe que tanto eu como você lhe tínhamos descoberto o jogo e que o seu procedimento não nos parecia nada correcto. Fomos falar para o jardim, e, então, palavra puxa palavra, ele disse-me qualquer coisa insultuosa, já não me recordo o quê, e eu fiz um movimento qualquer, sem intenção, para o prevenir. Talvez tivesse agitado um dedo por baixo do nariz dele, não me lembro, ou qualquer outra coisa no género. E ele, sem dar tempo a que eu me preparasse, tornou-se violento...

E esmurrou-lhe um olho?

É verdade. Sem mais nem menos, deu-me um soco no estômago e depois mais uma série deles na cara. Eu, que não esperava por aquilo, perdi o equilíbrio e caí. Então, ele bateu-me com os pés. Mas eu ter-lhe-ia dado cabo da vida se não houvesse chegado gente, uma pessoa que nos viu e que nos separou.

E essa pessoa pode prejudicá-lo? inquiriu Ohman, horrorizado.

De maneira nenhuma. É um dos premiados, Craig, o escritor.

Impediu que o Farelli me desse mais pontapés e não me deixou esmurrá-lo.

Ainda bem. A coisa podia ter-se complicado. Abanou a cabeça. Este... uhuhuh... Farelli... fiquei a saber que não era boa peça, depois de que você me contou, mas não o julgava capaz de um acto desses.

Garrett levou a mão ao olho negro.

501

É um homem sem moral, capaz de tudo.

De facto concordou Ohman. Afligia-o encontrar o seu generoso mentor americano doente na cama, vítima de semelhante brutalidade, e quedou-se pensativo.

Doutor Garrett, qual vai ser agora a sua atitude para com o Farelli?

Garrett encolheu os ombros, desanimado.

Ignoro como hei-de proceder com ele. Sou um mártir da minha formação cristã. Os homens como você e como eu estão habituados a portar-se correctamente, com dignidade, com tolerância e, de repente, quando enfrentamos um bárbaro que procede como uma víbora, sentimo-nos perdidos. Confesso a minha fraqueza, não sei como agir em face dessa besta, desse...

Doutor Garrett!

A face de Erik Ohman revelava uma expressão tão resoluta, tão vingativa, que Garrett se interrompeu um pouco assustado, no meio da frase.

Sei de uma maneira de acabar com o Farelli declarou Ohman.

Esta afirmação do colega, proferida com a solenidade de uma sentença judicial, impressionou Garrett, que ficou à espera. Haveria alguma esperança?

Uhuhuh... primeiro tive dúvidas se deveria ou não fazer-lhe esta revelação. Pusera sobre os joelhos a pasta que trazia. Não me parecia que fosse suficientemente conclusiva. No entanto, se pudesse vir a provar-se, você ganharia a partida com duas penadas. Farelli não ficaria apenas reduzido ao silêncio, mas também destruído para sempre. Desapareceria da face da Terra.

Garrett sentou-se, muito direito, com os olhos em brasa.

De que se trata?

Vou explicar-lhe. Uhuhuh... depois do nosso encontro no Instituto Caroline, no fim de o senhor me ter convencido de que o Farelli estava não só a chamar a si os louros de uma descoberta que só você realizara, mas até a tentar roubar-lhe as honras, eu resolvi... uhuhuh...

por acaso... investigar. Uhuhuh... Pelo menos, quis tentar compreender a sua posição na Medicina. Como sabe, e eu lhe expliquei aquando do nosso encontro, a Real Academia das Ciências manda investigar por especialistas da sua confiança o caso de cada candidato.

Eu e outro ocupámo-nos de si, e mais dois colegas do Instituto Caroline trataram de Farelli. Estas investigações são feitas com toda a consciência. Já lhe disse que, no fim do século passado, o nosso júri enviou dois homens a S. Petersburgo para ver... uhuhuh... para se informarem acerca de Pavlov. Para lhe ser inteiramente franco, os nossos investigadores da secção médica não se limitam a verificar apenas a autenticidade e a importância da descoberta; analisam, também, isto que não passe daqui, o carácter, a idoneidade moral do candidato em 502

questão. Pois bem, doutor Garrett, procedeu-se a uma investigação desse género a respeito de Farelli.

Durante toda esta conversa, a excitação de Garrett fora aumentando sempre. Não podia haver engano. Estava para rebentar qualquer coisa de muito importante.

Você... você falou ao telefone em qualquer coisa de grave.

Trata-se do Farelli? Descobriram alguma sujeira?

Precisamente.

Garrett não conseguia dominar a voz.

Que é que descobriram? Diga-me, tenho o direito de saber!

Ohman correu devagar o fecho da pasta, procurou lá dentro e tirou duas folhas transparentes escritas à máquina.

Como decerto já sabe, os antecedentes de Farelli são...

uhuhuh... bastante variegados!

Não sei de nada, senão aquilo que vem nos jornais. E Garrett perguntou logo com vivacidade: Que quer dizer com isso... variegados?

Ohman bateu com a mão nas folhas dactilografadas.

Está aqui tudo. Isto não é o original do relatório da investigação.

Contudo, um dos meus homens encarregados dela, um velho amigo meu e antigo discípulo, também especialista do coração, como nós, disse-me de memória o que descobrira e eu tomei notas que passei à máquina. Claro que seria possível ver-se o original, por

intermédio desse meu amigo, ou de outro qualquer. Já está arquivado, mas estou certo de que não faz diferença daquilo que aqui trago.

O meu amigo tem uma memória privilegiada. Ohman examinou a folha de cima que tinha no regaço e depois ergueu os olhos. Sabe com certeza que nos fins de 1941, quando Mussolini havia declarado já guerra à Rússia e aos Estados Unidos, o doutor Farelli foi detido pela O. V. R. A., a polícia secreta fascista?

Não conheço pormenores disse Garrett. Ele gabou-se uma vez diante de mim de ter estado preso durante a guerra.

Sim, o caso foi confirmado retorquiou Ohman. Temos de admitir em seu favor que ele guarda um longo passado antifascista.

Já como estudante de medicina, Farelli se opôs à campanha de Mussolini em África contra Hailé Selassie. Por ocasião da segunda guerra mundial, Farelli, juntamente com outros jovens médicos, assinou uma carta aberta publicada no jornal Il Popolo di Roma Nos fins do ano de 1941, a O. V. R. A. veio a saber, por um dos seus informadores, que Farelli actuara como médico, dando o seu apoio à organização clandestina dos inimigos do Duce. Não tardou que os carabinieri fossem buscá-lo para o prenderem na cadeia Regina Coeli, de Roma.

Mas que está você para aí a dizer? Quer fazer dele um herói?

inquiriu Garrett amargamente. Os heróis fomos nós, se quiser ver as coisas por esse lado. Vocês mantiveram-se neutros e auxiliaram os

503

refugiados, enquanto eu estive no desembarque de Iwojima. Contudo, diga você o que disser, Farelli era italiano...

Ohman via a perturbação do seu amigo e perdoava-lhe a falta de objectividade.

Estou apenas a repetir o nosso relatório imparcial retorquiou Ohman. Mas vamos chegar a um ponto muito importante, doutor Garrett, conforme lhe prometi. Agitou os papéis que tinha na mão.

Como eu ia dizendo, Farelli foi metido na prisão Regina Coeli, em Roma, e, mais tarde, segundo as nossas informações, transferiram-no para outra prisão, perto de Parma, um antigo castelo onde se encerravam os agitadores políticos e onde por vezes os fuzilavam. Até aqui, tudo o que se sabe depõe a favor de Farelli. Porém, nesta altura, o nosso investigador, o amigo de quem já lhe falei, descobriu uma coisa desconcertante e inexplicável.

Ah, sim?

Uhuhuh... ouça esta disse Ohman. Sabemos que em seguida Farelli regressou como médico, já não como prisioneiro, e que seguiu para a Alemanha Nazi.

A profunda inspiração de Garrett soou no silêncio do quarto como um assobio.

A Alemanha Nazi repetiu ele, como se tratasse de palavras mágicas. E acrescentou logo muito depressa: Como sabe? Existem provas?

Aí é que está respondeu Ohman, muito grave. Segundo o nosso ponto de vista, as provas são muito débeis, quase misteriosas, mas, no entanto, são provas. Levantou do colo as folhas, sempre sem as consultar. Como muito bem sabe, doutor Garrett, a profissão médica na Alemanha, que todos nós tanto pregávamos antes do Hitler, e que tantas vezes recompensámos com o Prémio Nobel, degradou-se muito durante a segunda guerra mundial.-

Garrett recordou-se das histórias de Nuremberga, em 1947.

Refere-se ao julgamento dos médicos nazis pelo tribunal de Nuremberga?

Referime ao que deu origem a isso. Durante a guerra, o comportamento de cerca de duzentos médicos foi de tal natureza que, comparado com eles, o marquês de Sade deve ser considerado bom e amável. Esses senhores serviram-se de seres humanos impotentes, homens e mulheres, judeus, polacos e russos prisioneiros de guerra, e até dos seus próprios compatriotas que se

opunham a Hitler, para as suas sádicas experiências, em lugar de cobaias ou ratos... uhuhuh...

é revoltante o resultado dos seus relatórios. Lembra-se de os ter lido?

Isso já lá vai há muito tempo. E eu então encontrava-me no Pacífico.

Nas suas desvairadas experiências, esses médicos, que durante tanto tempo haviam sido venerados, injectaram nos prisioneiros o

504

germe mortal do tifo. Esterilizavam os órgãos sexuais dos judeus por meio de raios X, e assassinaram desse modo muitos deles. Experimentaram injectar hormonas sintéticas em homossexuais inofensivos, matando-os em série. Inocularam a febre-amarela em pessoas e não em animais. Fizeram o mesmo com gases venenosos e provocaram também abcessos artificiais em seres humanos, para estudarem as infecções do sangue. Sacrificavam membros sãos com o fim de realizarem experiências de transplantações. A lista é demasiado revoltante e não vale a pena prosseguir. Ficou-se a olhar para os papéis que tinha no colo.

Então, um belo dia, com a aprovação de Himmler e do Ministério do Ar do Reich, iniciaram uma longa série de horríveis experiências na aviação, possivelmente destinadas a fornecer informações aos pilotos da Luftwaffe. Tratava-se da câmara de descompressão, onde se estudava o coração humano sujeito a altitudes anormais.

Estes testes foram a última palavra em... uhuhuh... selvajaria. Segundo as minhas notas, o doutor Sigmund Raschej propusera os testes a Himmler e este aprovara-os. A câmara de descompressão foi instalada no campo de concentração de Dachau e os prisioneiros foram sujeitos um a um à tortura. Retiravam todo o ar da cabina, de forma que o prisioneiro, privado do oxigénio e sem nenhuma espécie de máscara de protecção, ficasse em condições de provar as reacções de um aviador que ascendesse rapidamente a uma altitude

de quinze quilómetros. Era uma coisa horrível, doutor Garrett! Ouvi contar os resultados. Nos primeiros minutos, verificava-se uma transpiração abundante e uma total falta de controle. Passados cinco minutos, surgiam os espasmos; ao cabo de oito, a respiração parava. Ao fim de onze, o sangue fervia e os pulmões rebentavam, enquanto a vítima arrancava os cabelos aos punhados e lacerava a pele da cara, tentando minorar o sofrimento, numa luta horrível para encontrar oxigénio onde o não havia. Entretanto, os... uhuhuh... médicos estudavam a vítima através de uma vigia, controlavam os cardiógrafos e, mais tarde, iam fazer calmamente a autópsia dos cadáveres.

Ohman calou-se. Viu Garrett empalidecer, e ambos ficaram em silêncio. Apenas o tiquetaque do relógio de cabeceira de Garrett se fazia ouvir.

Ohman suspirou.

Os nomes de todos os médicos que tomaram parte naquelas experiências são hoje conhecidos. Um deles foi o doutor Carlo Farelli.

Farelli!... Até mesmo Garrett, que considerava o seu inimigo capaz de tudo, não se atrevera a supor isto. Ficou siderado. Por fim, conseguiu articular: Tem provas?

Como já expliquei, as provas não são concludentes. Vou lê-las.

E começou a traduzir das folhas: «Relatório do Instituto Experimental de Medicina das Forças Aéreas. Atenção, Dr. Sigfried Ruff.

505

Tenente-general Dr. Hippke. Assunto: Experiência 203 do comportamento cardíaco em grandes altitudes. Lugar: Dachau, câmara de altitude. Pessoas que sofreram o teste: cinco criminosos voluntários.

Altitude do teste: nove mil a vinte e um mil metros. (Os resultados devem ser entregues em dossiers separados.) Efeitos do

teste: dois sinistrados. Médicos participantes: Dr. A. Brand, de Berlim; Dr. I.

Gooeck, de Varsóvia; Dr. S. Brauer, de Munique; Dr. J. Stirbey, de Bucarest; Dr. C. Farelli, de Roma... Assinado: Dr. S. Rascher, 3 de Abril de 1944.» Ohman calou-se, ergueu os olhos e pôs o papel de parte. Aqui tem.

Garrett esticou o lençol e ficou-se durante algum tempo a olhar a parede em frente.

Doutor C. Farelli, de Roma recitou, como quem lê um epitáfio. Abanou a cabeça, estonteado. Incrível! Mais alguma coisa? Só isto. Nada mais.

Não poderia haver dois C. Farelli em Roma, ambos especialistas? Não havia dois. Só havia um. O nosso investigador foi verificar. Garrett voltou-se de súbito para Ohman.

com essas malditas provas, como se explica que vocês lhe tenham dado o Prêmio juntamente comigo?

Estas provas foram consideradas pelo meu colega juntamente com todas as outras que eram noventa por cento favoráveis. Ele achou que a simples menção do nome dele aqui não seria o suficiente para o desqualificar. Não apresentou este relatório ao júri do Instituto Caroline.

Não seria suficiente para o desqualificar? inquiriu Garrett, sarcásticamente.

A ficha política de Farelli era bastante boa. Fora prisioneiro de guerra durante quase todo o tempo que esta durou. A nódoa, achava o meu colega... uhuhuh..., o meu colega achava que Farelli podia muito bem não ter tido interferência no teste e ser apenas uma testemunha estrangeira.

É essa também a sua opinião, doutor Ohman?

Para lhe falar com franqueza, não sei o que pensar. Podemos imaginar que Farelli se tenha ido abaixo ao cabo de uma reclusão demasiado longa, possivelmente até em virtude de castigos

corporais e, por fim, em troca de um pouco de liberdade, em busca de alívio, deixou de resistir e curvou-se à vontade de Mussolini. Em resumo, nesse tempo o Duce fazia tudo para se aguentar diante de Hitler. Existem provas de ele lhe haver oferecido médicos para cooperarem em diversos campos nas experiências médicas do Fúhrer. Farelli era um cardiólogo notável, já nessa época, e suponho que Mussolini lhe tenha oferecido a liberdade se ele se reunisse a outros médicos italianos 506

que iam de avião para a Alemanha cooperar nessas... uhuhuh... nessas experiências.

Isso não é desculpa tornou Garrett, implacável.

Não digo que seja. Mas trata-se da única explicação que encontro para um procedimento tão repugnante.

Devia ter sido enforcado em Nuremberga com os outros declarou Garrett. E, em vez disso, o palerma do seu amigo ocultou essa prova e deu-lhe o Prêmio Nobel!

Nesse momento, Ohman sentiu fervilhar o seu orgulho patriota e tentou defender o colega.

Ele pesou tudo, pôs de um lado esta indicação ínfima, do outro a antiga carreira de Farelli. Achou que o contributo de Farelli para o bem da humanidade estava mais que provado e que este pequeno gesto de colaboracionismo não o estava suficientemente. Foi esse o factor decisivo.

As emoções de Garrett haviam passado por muitas fases. A princípio, sentira-se revoltado com a informação: estava em face de um acto tão brutal e covarde, tão baixo, de tal modo estranho à sua natureza terra-à-terra e à sua formação acadêmica, que se retraíra e preferiu ignorá-lo, para não se sujar nele. Porém, pouco a pouco, foi-se habituando à evidência e de novo sofreu com a dor no queixo e no estômago, ao mesmo tempo que o ódio ao italiano se reacendia dentro de si. Farelli humilhara-o sem piedade, em público e em particular, assumindo o procedimento típico de um homem capaz de

ter ajudado os seus colegas alemães na carnificina de Dachau. Era esta prova que os suecos, temendo, como sempre o escândalo, tinham querido suprimir. Então, no cérebro de Garrett, a pequena ideia da vingança pessoal foi dando lugar a um sentimento mais elevado de indignação, em nome de toda a humanidade. Era seu dever para com ela e para com Deus proteger o mundo daquele Eichmann romano. No espaço de uma hora, graças à arma que Ohman lhe oferecera, passara do estado de miserável derrota para um sentimento de força e superioridade.

Auxiliado pela generosa revelação do seu amigo, escorraçaria Farelli da sua vida, arrebatando-lhe a parte de leão nas honras, e, ao mesmo tempo, sentir-se-ia num plano superior por haver aberto os olhos aos seus incautos colegas.

Ouviu a sua própria voz que dizia: Doutor Ohman, seja qual for a opinião dos seus confrades do júri, eu não me fico, a minha consciência não permitiria deixar esse criminoso a pavonear-se pela cidade de Estocolmo como um imperador.

Não vou consentir que ele se sente ao pé de mim no estrado, no dia da cerimónia.

Ohman coçou nervosamente a cabeça.

Então que sugere que se faça?

Pela primeira vez neste dia, Garrett sorriu.

507

Tenho uma ideia.

Saltou da cama, atirando fora os cobertores, e pôs-se de pé, rejuvenescido, a coçar-se e a segurar no pijama.

Ohman ergueu-se também.

Eu mostrei-lhe isto porque sou seu amigo. Espero que consulte o travesseiro, que pense maduramente e proceda com a máxima cautela.

A minha ideia era que você, quando regressasse aos Estados Unidos na próxima semana, levasse esta prova consigo e a

apresentasse...

de qualquer maneira, a amigos seus lá do Pentágono...

uhuhuh... e visse se eles teriam meios de descobrir mais alguma coisa.

Dessa forma, você ficaria senhor dos factos em absoluto. Se Farelli fosse declarado inocente, você esquecia tudo isto. Se o achassem culpado, o caso seria tornado público...

Não!

Doutor Garrett...

Não vou deixar um criminoso à solta. Não vou deixar que uma informação como esta fique no cesto dos papéis. Agora é que é a altura.

Agora, quando está toda a gente reunida em Estocolmo. Agora é que é a altura de Farelli ser julgado, antes de nos fazer passar a todos por parvos, a mim e a si.

Mas o Comité Nobel não aceitará...

Não preciso deles para nada. Tenho outra saída, um agente transmissor muito melhor.

Quem é?

Sue Wiley, da Consolidated Newspapers. Vou esta tarde depositar-lhe no regaço a infância de Farelli. Nem eu nem você teremos interferência nisto. Eu apenas lhe dou a informação e deixo-a à vontade.

Garanto-lhe que amanhã à noite toda a gente o saberá e que tudo quanto eu lhe prometi vai sair certo. Na cerimónia, hei-de sentar-me sozinho no estrado, sozinho ouviu? , para receber o Prémio da Fisiologia e da Medicina!

A noite caíra sobre a cidade e um nevoeiro húmido rendilhava a escuridão polar. Eram seis e cinco da noite quando Andrew Craig chegou junto das águas invisíveis do Nybroviken, alguns quarteirões atrás do Grande Hotel. O porteiro fornecera-lhe indicações exactas do local onde ficava o Real Teatro Dramático, fazendo-lhe notar que

este ocupava um quarteirão inteiro, perto de Strandvagen, em frente da baía gelada de Nybroviken.

Craig perdera-se no nevoeiro e esperava que passasse alguém. Um jovem sueco, entrouxado com um lapão, aproximou-se de bicicleta, a assobiar no escuro, e dobrou a esquina.

Eh, rapaz! gritou Craig.

A bicicleta afrouxou.

508

- Diga-me, por favor, onde fica o Teatro Dramático.

A cara cor de beterraba pareceu surpreendida e depois abriu-se num sorriso.

. Drama tiska Tea tern?

Apontou com o polegar para trás, enquanto erguia o indicador, num gesto mais compreensível que o esperanto, e Craig percebeu logo que o teatro ficava um quarteirão para trás.

Foi andando lentamente às cegas, na escuridão. O seu pensamento voltou a Emily Stratman, ou melhor, nunca a deixara. Ainda sentia nos lábios o beijo dela e já haviam passado vinte e quatro horas. Durante o jantar de Hammerlund não tivera maneira de comunicar com ela, a não ser por meio dos olhos, nem tão-pouco durante a viagem em conjunto, de regresso ao hotel.

De manhã, dormira até tarde. Encontrara-a com o tio, na companhia de três cientistas escandinavos, ao almoço, no Jardim de Inverno.

Reunira-se ao grupo, mas não se lhe deparara o mínimo ensejo de comunicar com ela. Só depois, durante uns momentos, ao levantarem-se da mesa, conseguira perguntar-lhe onde se poderiam encontrar.

Emily não sabia. De tarde, tinha um chá. Nessa noite, uma representação ou coisa parecida... um espectáculo qualquer, em Drotningholm.

No dia seguinte, então? A rapariga hesitara, preocupada, e Craig percebera que ela se sentia de novo cheia de medo, receando ter ido longe de mais no terraço de Hammerlund, temendo encontrar-se sozinha com ele, depois daquele último encontro. Mas ele mostrara-se tão suplicante e delicado que a rapariga cedera, finalmente, quase com entusiasmo. No dia seguinte estaria livre ao jantar e então poderiam combinar encontrar-se.

Depois disto, não voltara a vê-la e perguntava a si próprio se ela e o tio tinham chegado bem a Drottningholm, com semelhante nevoeiro.

Encontrou-se diante de um edifício de pedra que se erguia por entre as camadas de nevoeiro. Viam-se luzes amarelas e indistintas, iluminando umas colunas trabalhadas e uma estátua e outras figuras à direita. Tinha a certeza de se tratar do Real Teatro Dramático, e apressou-se a subir os degraus, para ir ao encontro de Marta Norberg.

No átrio, uma mulher de limpezas, gorda e de pernas cambadas, limpava um tapete com um aspirador.

Craig tirou o chapéu.

com licença. Miss Noberg está à minha espera.

Não se encontra aqui respondeu a mulher. Já acabou o ensaio e foi lá para cima, com Nils Cronsten.

Sabe dizer-me onde é?

Saiu com os rapazes do..'. Pequeno Teatro Experimental da Academia.

Quarto andar.

Obrigado.

509

Craig despiu o sobretudo e, com ele debaixo do braço, começou a subir a comprida escadaria. Ao chegar ao quarto andar, sentia-se tonto e cheio de calor.

Uma loura muito alta, com o aspecto rechonchudo de uma pastorinha inocente, envergando um fato-macaco justo que lhe tornava as ancas e as nádegas anormalmente largas, vinha a correr pelo corredor fora.

Craig dirigiu-se-lhe. Ficou na dúvida. Como deveria chamar-lhe? Fru ou Froken?

Froken...

Que deseja? O sotaque dela era nitidamente West End '.

Onde poderei encontrar Miss Norberg ou Mr. Cronsten?

No teatro pequeno, ali. E apontava.

Craig olhou para o fato dela.

É capaz de me dizer... que personagem representa?

Ela sorriu, fazendo covinhas na face.

Viola. Décima Segunda Noite, de Shakespeare. Estou gorda de mais, mas ando a fazer dieta.

Dito isto, deitou a correr pelo corredor fora, como uma amazona apressada, e Craig ficou, com prazer, a vê-la caminhar. Depois entrou no teatro.

Tratava-se, na verdade, de um teatro pequeno, de cerca de cem lugares forrados de pelúcia encarnada, com as luzes da ribalta todas acesas e um palco relativamente espaçoso, onde se exibiam naquele momento três personagens em trajos de cena: uma Olivia, magra e de rosto velado, um Malvólio elegante, muito digno, e um bobo, todos vistosamente ataviados. Depois de habituar os ouvidos às condições acústicas da sala, Craig prestou atenção. Olivia dirigia-se ao intendente, modulando a voz.

Estás cheio de amor-próprio, Malvólio, e possuis uma cobiça exagerada. Não existe maldade num doido varrido, embora não faça outra coisa senão insultar.

Craig recordou-se de Gunnar Gottling e voltou a prestar atenção. O senhor é Andrew Craig?

Craig voltou-se para quem o interrogava e viu um homem que se erguia de uma cadeira. Era forte, de ar convencional e idade indeterminada, se bem que já não fosse novo. Usava lacinho e fato às riscas, tinha cabeleira escura, de risca ao meio, e um rosto complacente de banqueiro.

Sou Nils Cronsten, o director de Miss Norberg. Ela preveniu-me da sua vinda.

Apertaram as mãos, na coxia.

Felicito-o, Mr. Craig, pelo Prêmio. Realmente, eu admiro muito 1 Bairro aristocrático de Londres. (N do T.) 510

os seus romances e sinto enorme prazer com a sua visita. Venha para ao pé de mim. Vou mandar chamar Miss Norberg.

Craig ocupou a segunda cadeira a partir da coxia e Cronsten sentou-se ao lado dele. Ergueu a mão e deu um estalido com os dedos.

Imediatamente um jovem de cabelos emaranhados e com a barriga enchumada por baixo do fato de cena saiu da primeira fila e veio a correr.

Sir Toby Belch declamou Cronsten, com fingida severidade, encarrego-o de uma missão.

Sim, Mr. Cronsten.

Vá num pé e venha noutra ao camarim de Miss Norberg e chame a estrela da Suécia. Informe-a de que o seu visitante de além-mar, o famoso Mr. Andrew Craig, está aqui à espera dela.

Pois sim, senhor.

O rapaz partiu a correr, como um coelho, e ambos os homens desataram a rir.

Marta esteve a ensaiar durante umas poucas de horas esta tarde informou Cronsten, mas aborreceu-se. Faltava-lhe a disposição, e nós viemos até aqui ver as nossas futuras Norberg. Nunca lhe diga isto, Mr. Craig. Ela imagina que nunca houve nem haverá outras Norberg; que só existe uma, e que essa é imortal.

Já me tinha parecido retorquiou Craig com ar bonacheirão.

Acabou por ir para o camarim fazer uma chamada telefónica.

Na noite passada, ela disse-me que o senhor estava a dirigi-la na Adrienne Lecouvreur. Seria uma boa notícia para o mundo do teatro.

Quando será a estreia?

Nunca respondeu Cronsten. Já ensaiei quatro peças com ela nestes últimos anos, mas nenhuma foi à cena. Nas vésperas da estreia, ela desiste sempre e retira-se. Diz que vai procurar isto ou aquilo que falta à cena, um elemento essencial. Escusado será dizer que nunca o encontra. Bem vê, Mr. Craig, a doença dela é a grandeza histórica. Quando se chega àquelas alturas e se deixa de ser actriz para se ser uma lenda, quando se sobe tanto, não se pode manter a altura. É preciso encontrar um meio de expressão compatível com o talento perfeito, não se pode falhar. Mas é impossível garantir-se o triunfo. Então, eu finjo que entro no jogo dela, e lá começamos com a farsa dos ensaios. Ainda tento às vezes iludir-me e penso: talvez seja desta vez, talvez seja desta. Mas nunca é. Duvido que ela se atreva a subir de novo a um palco. Um filme, ainda pode ser, não digo que não, mas, mesmo assim, não apostaria. Desta forma, ela lá continua a apresentar-se como um enigma, solitária e inacessível. E, uma vez que nunca encontrará nenhum papel melhor do que esse, desconfio que continuará a representá-lo até ao fim da vida.

Em que passa ela o tempo? quis saber Craig.

- Não frequenta a sociedade, se é a isso que se refere infor-511 mou Cronsten. Ocupa-se de si própria. Quando se é uma Norberg, não é preciso ser-se mais nada. Dedicar a manhã inteira à sua aparência e a tratar da saúde. É muito inconstante, como a maioria das actrizes, por isso arranja sempre uma novidade. Ocupa as tardes a ler originais ou a ensaiar. Passa alguns serões com Hammerlund e com os amigos deste. Às vezes viaja incógnita. Tem uma vila perto de Cannes e um apartamento em Nova Iorque.

Sobretudo, quer seja aqui ou em qualquer outra parte, vive de intrigar as pessoas.

Craig sentiu-se curioso.

Intrigar as pessoas... como?

É demasiado complicado para se explicar. Quando a conhecer melhor, compreenderá. Ergueu os olhos. Lá vem o nosso emissário com as novidades.

O rapaz de cabeleira hirsuta e barriga enchumaçada aproximava-se com um bilhete na mão.

Sir Toby Belch apresenta o seu relatório. A Norberg pôs-se a andar. Deixou um bilhete a Viola, dirigido a Mr. Craig. Entregou a este um papel dobrado e ficou à espera até que Cronsten o despedisse.

Craig abriu o bilhete.

Caro laureado Tive de ir a toda a pressa para casa, em virtude de uma chamada telefónica de Nova Iorque. Quer jantar comigo às sete horas? Estarei à sua espera. A minha casa fica a uma milha da do Hammerlund. Basta perguntar ao motorista do táxi.

Norberg Craig viu que o director estava cheio de curiosidade e explicou-lhe: Ela teve de se ir embora, mas convida-me para jantar em sua casa às sete horas.

Faltam vinte e cinco minutos para as sete. Vou dizer o que você deve fazer. Vamos até ao meu gabinete beber qualquer coisa e depois eu levo-o lá.

Não queria incomodá-lo.

Fica-me em caminho, pode crer.

Ergueram-se e Craig seguiu o companheiro pelo corredor fora. Chegaram imediatamente ao exíguo e impecável gabinete de Cronsten, cuja secretária de teca contrastava com as cadeiras de faia almofadadas com espuma de borracha.

Cronsten abriu um armário na parede e perguntou: Que prefere?

- Não se incomode. Whisky simples, sem gelo.

Cronsten serviu-o e trouxe o copo a Craig, que se encontrava voltado para a parede fronteira, a examinar algumas fotografias encaixilhadas de Greta Garbo, Ingrid Bergman, Signe Hasso, Viveca Lindfords, Mai Zetterling e meia dúzia de outras actrizes suecas, todas com dedicatórias afectuosas ao director. Por cima destas, em solitário lugar de honra, via-se o retrato de Marta Norberg, com uma dedicatória: Ao Cronny, da sua Trilby.

Craig pegou no copo.

Você, pelos vistos, conheceu-as a todas.

Dirigias, sim. Há três coisas comuns a todas elas: serem suecas, talentosas e terem pertencido à Real Academia Dramática. Todas são produtos da nossa escola de cooperação socialista.

É um belo record!

Tenho orgulho nele. Todos os anos, no Verão, mandamos imprimir uma circular onde se lê: KUNGL. DRAMATISKA TEATERNS

ELEVSKOLA PROSPEKT. Trata-se de um convite às nossas raparigas dos dezasseis aos vinte e dois anos e aos rapazes um pouco mais velhos para virem tentar a sorte na nossa Academia Experimental.

Depois de recusarmos alguns, temos habitualmente uns cem para seleccionar. Vêm todos a Estocolmo, a este pequeno teatro, no mês de Agosto, e representam algumas cenas na nossa presença. Fazemos um concurso eliminatório. Ficam dezasseis na volta final e, desses, escolhemos oito para ficarem aqui no teatro.

E qual é o critério seguido na selecção desses oito?

Quando estamos a observar uma rapariga temos em conta que a beleza interessa, sim, mas só como elemento acessório. Não o consideramos o factor mais importante. Também não nos interessa a técnica ou a habilidade. Procuramos averiguar se a rapariga tem estofo emocional, imaginação e coragem. Talvez fique espantado

quando eu lhe disser, e lembro-me disso como se fosse hoje, que Greta Garbo, no dia em que fez o seu teste, era uma rapariga expansiva, cheia de confiança em si. As oito que escolhemos recebem aqui instrução durante três anos, de graça, e têm cinquenta professores que lhes ensinam a andar, a estar paradas, a sentar-se, a mover-se, lhes corrigem a dicção, com quem aprendem a representar Shakespeare, a caracterizar-se, a conhecer a psicologia, de modo a poderem compreender todos os papéis, incluindo as personagens dos autores estrangeiros. No terceiro ano, ganham um ordenado de duas mil coroas extra. Por fim, são admitidas no elenco do Real Teatro. Contudo, o melhor que lhes pode acontecer é irem para o cinema, em Londres ou em Hollywood.

Que escola dramática seguem vocês?

Nós somos antiquados retorquiu Cronsten. Adoptamos ainda o método de Stanislavski. Foi esse o que seguiu a Norberg.

Nunca hei-de esquecer o dia em que ela aqui apareceu pela primeira 513

vez, há mais de vinte anos. Era uma rapariga estranha, desajeitada, mas possuía uma beleza peculiar e uma ambição ardente. Mesmo assim, poderíamos não ter dado por ela se não tivesse vindo recomendada pelo Hammerlund, que já nessa altura era célebre e estava incluído no número dos que contribuíam para a nossa associação em prol dos estudantes necessitados.

Craig acabou de beber o resto do whisky.

Como é que o Hammerlund a descobriu?

Ela era arrumadora num cinema. Hammerlund viu-a e gostou da sua voz e do seu temperamento. Interessou-se por ela. Podemos mesmo supor que dormiu com ela. Conforme costumava dizer a Helen Terry, «os homens gostam das mulheres de mau carácter». Quando Hammerlund descobriu que a rapariga desejava ser atriz, arranhou-lhe lições particulares e ela participou então nas nossas provas eliminatórias.

Logo que passou a fazer parte do nosso curso, adquiriu confiança em si e deixou para trás todos os outros. No terceiro ano, teve a coragem de recusar o papel de rainha Cristina numa peça de um acto, porque, lembro-me muito bem de lho ouvir dizer, 'achava que a rainha Cristina não fora uma verdadeira mulher. E ela só queria fazer papéis de mulheres a valer. Sabe o que aconteceu depois disto?

Só a tivemos um ano no nosso palco grande lá de baixo. Dali, passou para a Broadway, em seguida para Hollywood, e agora, decorridos vinte anos, só um papel é suficientemente bom para ela: o de Marta Norberg. Olhou para o relógio de pulso. Oferecia-lhe mais uma bebida, mas faz-se tarde para si.

Vestiram os sobretudos, desceram as escadas e penetraram na noite gelada e cheia de nevoeiro. Uma vez instalados no Saab, Cronsten começou a conduzir muito devagar. Cada curva estava oculta por tenebrosos vapores e, quando entraram em Djurgarden, o nevoeiro passou a envolvê-los tão completamente que Cronsten pôs o Saab a passo de tartaruga.

Falaram pouco. A certa altura, Craig julgou reconhecer a casa de Hammerlund e, passados cinco minutos, Cronsten declarava: Cá estamos.

Deu a volta a uma alameda circular e parou, com o motor desligado, em frente de uma casa branca de dois andares em estilo georgiano.

Vai divertir-se declarou Cronsten, esboçando um sorriso.

Poucos homens são convidados para virem a esta casa.

Ah, sim?

Apenas os grandes e poderosos.

Não vejo como é que eu...

Não pense na sua pessoa tal como você a considera, mas tal como o vê Marta Norberg. Ela informou-o do motivo por que o convidava?

Não, só me disse que era um negócio urgente.

Cronsten abanou a cabeça como se estivesse a perceber e se achasse dentro do assunto.

- Gostei muito de o conhecer, Mr. Craig. Desejo-lhe felicidades.

- Não sei como agradecer-lhe retorquiu Craig, abrindo a porta do carro.

Não me agradeça a boleia retorquiu Cronsten, mas sim o conselho que lhe vou dar, pois você parece-me um rapaz simpático Craig já saíra do carro, mas esperava, com a porta aberta. Já alguma vez ouviu falar de uns enormes moluscos que se encontram nas ilhas de coral, ao longo da grande cintura de rochedos da Austrália?

São os maiores do mundo. Chegam a pesar uma tonelada e devoram seres vivos. Um nadador incauto que se aproxime de semelhante seres pode facilmente ser apanhado. As duas conchas fecham-se por cima dele e o homem é devorado. É bom que não esqueça esta pequena lição de história natural durante as próximas duas horas. Boa noite, Mr.

Craig.

O escritor ficou parado na alameda durante alguns momentos, até ver o carro de Cronsten desaparecer atrás da cortina de nevoeiro.

Depois, encaminhou-se, pensativo, para a porta da entrada. Tocou a campainha e surgiu um criado filipino, baixo e sisudo.

Sou Andrew Craig.

E enquanto penetrava no vestíbulo de tecto alto ia entregando ao rapaz o sobretudo e o chapéu.

Por aqui, se faz favor disse o filipino, num inglês cantante.

Miss Norberg está a nadar.

Craig não percebeu.

com um tempo destes?

Na piscina interior, no lanai'.

Atravessaram a vasta sala de estar, por cima de uma alcatifa de peles, e Craig ia reparando na mobília. Parecia de fabrico americano, muito cara. Craig desconfiava de que a actriz importara o recheio da

sua casa de Bel Air, de Nova Iorque. Avistou um elegante sofá, baixo, forrado de seda veneziana amarela, outro de tecido azul-turquesa e grande número de cadeiras estofadas. Numa das paredes, iluminado por um foco que vinha do tecto, via-se um retrato a óleo de Norberg, em traje de Manon Lescaut. Sobre uma mesa, encontrava-se uma escultura de Rodin e outra peça de Moore. Emoldurado num quadro, exhibia-se a Norberg, a representar a Heloísa, com um ar demasiado resoluto para o papel.

O criado empurrara uma porta de correr, envidraçada. Craig penetrou no lanai e pensou que, em consequência de qualquer espécie de sortilégio que alterara o tempo e o espaço, fora parar a um primitivo local de Taiti. Desejou estar na companhia de Emily, para admirarem 1. Espécie de átrio do tipo usado nas ilhas de Hawai. (N. do T.) 515

ambos o espectáculo Três paredes de vidro eram inteiramente cobertas de plantas tropicais e de verduras cor de água-marinha. A piscina era diferente de todas as que conhecia. A sua forma imitava uma poça de água das praias dos mares do Sul e estava cheia de água límpida como o cristal, excepto numa das extremidades, onde caía uma cascata artificial.

Reparou então em Marta Norberg, à direita, deitada numa rede e envolta num quimono japonês de seda roxa.

Estou aqui, Craig.

Ele dirigiu-se para a actriz, que permaneceu na posição horizontal, sem se mover; apenas ergueu a mão estreita e arqueada, não de modo a que a apertassem, mas sim para ser beijada à maneira europeia.

E Craig aflorou-lhe com certa reserva os dedos com os lábios.

Ainda bem que veio, meu caro. com a mão, indicava-lhe, num gesto indolente, a mesa de pau-rosa que se encontrava perto.

Sirva-se do que preferir. Pegou no copo que tinha junto de si, pousado na relva artificial. Por enquanto, vou ainda no vodka

simples. Pode reabastecer-me, já que está com a mão na massa.

Enquanto Craig pegava no copo e preparava as bebidas, Marta Norberg dirigiu-se ao criado, imóvel junto da porta.

Não é preciso mais nada, António. De passagem, diz à cozinheira que jantamos às oito e meia.

Logo que o rapaz se afastou, depois de ter corrido a porta, a actriz inquiriu: Não acha o António um amor? Altamente discreto e competente.

Trouxe-o comigo de Hollywood. Trouxe-os quase todos, o António, a minha massagista e a minha secretária. Os outros, o pessoal menor, é fácil arranjar aqui. Mas o António é único. Os meus compatriotas olham-no como se ele fosse um bicho raro. Um filipino na Suécia E porque não?

Ele disse-me que você estava a nadar. Era verdade? E Craig entregava-lhe o vodka e sentava-se de lado no sofá junto dela.

Ainda não. Esperava por si. Sabe nadar, não é verdade?

Dantes nadava. Já não o faço há muitos anos.

Para mim, é uma necessidade vital. Tonifica-me os nervos. Estou na piscina alguns minutos de manhã e meia hora antes do jantar.

Pegou no copo. Gosto de água e de vodka, mas não juntos.

Craig olhou para todos os lados do átrio, a observar.

Nunca vi uma casa como esta.

Qualquer pessoa pode conseguir uma igual, se estiver disposta a gastar uns quatrocentos mil dólares.

Uma fortuna!

E porque não? Se Lollia Paulina pagava por um vestido de noite dois milhões de dólares e se Cleopatra possuía um frasco de vinagre que valia meio milhão porque ela lhe tinha dissolvido dentro uma

516

pérola, com certeza que Marta Norberg também merece esta bagatela.

Não quer vir nadar também?

Quando acabar de beber.

Ótimo. Vamos conversando, entretanto. Atirou fora as sandálias leves, mexeu os dedos dos pés e sentou-se sobre as pernas dobradas.

Gostou da festa em casa do Ragnar?

Foi um verdadeiro espectáculo. Hei-de descrevê-la um dia.

Já calculava. E acrescentou, despreocupadamente: Penso que utilizará também a cena de pancada entre o Garrett e o Farelli?

Craig não deixou transparecer na cara o seu espanto, mas olhou fixamente para Marta Norberg.

É esquisito observou. Julguei que não tinha havido outra testemunha além de mim. Também assistiu?

Ela abanou a cabeça, satisfeita com o efeito que estava a produzir.

Não, não assisti. Ouvi apenas.

Ouviu?

Exactamente. Quer saber mais coisas que eu ouvi? O doutor Claude Marceau tem uma aventura com um manequim de Paris, chamado Gisèle Jordan. Que tal? Como é que eu adivinhei?

Estou espantado!

Quer mais? O célebre escritor Andrew Craig beijou a sobrinha de uma certa pessoa e murmurou-lhe ao ouvido palavras ternas...

Como diabo ouviu você tudo isso?

Marta Norberg exibiu uma expressão maliciosa.

É verdade ou não?

Craig fitou-a sem responder. A actriz deitou a cabeça para trás e riu. Durante um momento, as abas do roupão separaram-se, pondo à mostra as pernas nuas, que ela cobriu com todo o cuidado.

Aí tem mais assunto para os seus livros, Mr. Craig, não é verdade?

Pois bem, vou tranquilizá-lo. Aqui não há artes mágicas, nem sortes de prestidigitação, nem bruxarias. Nada disso. Ragnar Hammerlund tem o seu Eliseu cheio de microfones escondidos e de aparelhos de gravação. Se descarregar um autoclismo, o som é

registado. Se você tossir no jardim, também. Se der um beijo em alguém, no terraço, a posteridade saberá disso.

Nunca vi maior pouca vergonha! O grande filho da mãe!

Marta Norberg riu outra vez.

Eu disse o mesmo quando soube. Mas você bem vê que, do ponto de vista dele, a coisa não é disparatada, e até tem o seu fundo moral.

Ele é, acima de tudo, um homem de negócios e estamos na era das comunicações. Então, porque não havemos de estar actualizados?

Gravar as conversas dos amigos não é precisamente o meu conceito de fazer negócio.

Você vai ficar admirado, Craig. Dar-lhe-ei um exemplo para 517 o chamar à realidade. Porque julga você que o Ragnar deu aquela festa a noite passada? Vai ver. Ele anda com o olho nos Marceau a única coisa que o interessa agora. O resto é pura camuflagem. Os Marceau representam o artigo que ele deseja adquirir. Leu em tempos um trabalho deles acerca dos alimentos sintéticos.

Encasquetou-se-lhe essa ideia e, quando assim é, nunca mais lhe sai da ideia. Meteu-se-lhe na cabeça que, se conseguir resolver o problema dos alimentos sintéticos, será ele o primeiro a apresentá-los no mercado internacional, triplicando assim a sua fortuna. Não me pergunte quais as razões que o levam a uma coisa destas. Os construtores de impérios têm o ofício de construir impérios, e nada mais. Contratou o jovem Lindblom para trabalhar no caso, aqui há anos. Tem mais gente a colaborar com ele, mas quer sempre o que há de melhor. Afigura-se-lhe que, no caso de conseguir interessar os Marceau, aqueles cérebros excepcionais, os laureados da Química, conseguirá mais cedo os resultados desejados e atingirá os seus fins antes de morrer. Anda, portanto, a mexer os cordelinhos para se relacionar com os Marceau, interessá-los no assunto, utilizar-se deles. Pois bem, temos de confessar que fez progressos.

Descobriu a aventura de Claude Marceau, o que lhe pode ser muito útil. Não digo que exerça chantagem, não fará nada de tão grosseiro, mas esse conhecimento é-lhe vantajoso. Não estou dentro dele para saber o que pensa de tudo isto. Por enquanto, julga ter conseguido interessar Denise Marceau no trabalho de que se encarregou Lindblom.

Espero que você não aprove esse género de manobras!

Craig, estou-me verdadeiramente marimbando para tudo isto O mundo está cheio de gente de toda a espécie, incluindo muitos tipos torcidos, como o Ragnar, e eu quero que eles passem todos muito bem e que vão para o Inferno. A mim só me interessa uma coisa: o meu mundo!

Então porque me revela tudo isto?

Porque resolvi duplicar a população desse mundo. Estou a dar-lhe um passaporte grátis. Se tiver juízo, meu amigo, pode tornar-se um habitante oficial desse mundo.

Craig fitou-a, embasbacado. Havia qualquer coisa de irreal naquela mulher. Não sabia dizer bem o quê. Conhecera outrora muita gente egoísta e que vivia apenas para si. Porém, não encontrara nunca um ser humano tão cheio de narcisismo a ponto de se desinteressar totalmente do que era o bem ou o mal.

Sentir-me-ia muito lisonjeado por viver no mundo da Norberg declarou ele, para dizer alguma coisa, mas não faço uma ideia muito clara de qual seja o seu objectivo.

O tempo lho dirá retorquiou ela enigmaticamente, fitando o copo vazio. Que prefere agora, outro whisky ou água?

É difícil de resolver. Parece-me que bebo whisky. O Hammer-518 lund deixou-me a boca amarga. Ao mesmo tempo, também precisava de me lavar. Portanto, prefiro a água.

Ela então estendeu o braço.

A porta ao fundo, atrás da prancha de saltos. A cabana rústica.

As gavetas estão cheias de fatos de banho. Escolha à sua vontade.

. E você que vai fazer?

- Conservar-lhe a água quente.

Ele levantou-se e dirigiu-se para a cabana, sentindo os olhos dela, enormes e amorais, fitos nas suas costas. Entrou e despiu-se rapidamente, remexeu nas gavetas, pôs na sua frente vários calções de banho e depois enfiou uns de jersey branco que lhe pareciam ter elasticidade.

Tinham as entradas das pernas muito cavadas e ficavam-lhe justos, de modo que se sentia nu dentro deles, mas isso não lhe dava cuidado.

Estava ansioso por se refrescar dentro de água e por saber qual o assunto que Marta Norberg estivera a ocultar-lhe.

Quando entrou no átrio da piscina, viu-a já dentro de água, com uma touca de banho cor de limão, e um bikini reduzido, a nadar de costas no meio da piscina, com a graça de uma sereia. Dirigiu-se ao ponto mais fundo, perto da cascata, e gritou-lhe: Venha para a água, Craig. Está deliciosa.

Ele ainda pensou em dar um salto mortal da prancha mais baixa, mas não se sentia em forma e receou distender algum músculo ou partir a espinha, pelo que resolveu deixar-se de fantasias e optou por um mergulho de chapão, da borda da piscina. Sentiu a água tépida e tão suave ao contacto do corpo como o forro do casaco de camurça que deixara em Miller's Dam. Atravessou a piscina, num crawl incorrecto, para se reunir a Marta Norberg.

Ficam-lhe muito bem os calções, Craig declarou ela, com o rosto comprido de sueca cintilante de gotas de água. Parece um reclame da Jantzen. Que desporto praticava você na Universidade?

Futebol. Ponta esquerda.

Eu tenho poucos estudos confessou ela. A minha família era muito pobre. Vi-me obrigada a desistir quase no fim da Realskola, ou seja, o curso dos liceus. Fiz os meus estudos mais tarde, quando tinha já dinheiro para pagar a explicadores. Foi também nessa altura

que comecei a praticar desporto. Faço esqui durante o Inverno e jogo ténis no Verão. Falava num tom juvenil e Craig achava-a agora mais simpática. Vamos a uma corrida?

Um, dois, três, pronto! respondeu ele.

Partiram ambos, levantando ondas de espuma, em direcção ao lado oposto, tocaram com a mão na parede e voltaram em sentido contrário, depois de darem um impulso com os pés. Ela atingiu a meta com um avanço de alguns metros.

Você não me tinha dito que era a Gertrude Ederle observou ele sem fôlego.

519

Quem? Escute, Craig, não sou assim tão velha!

Em seguida, começaram a nadar calmamente, sem competição, de costas, em crawl australiano, de bruços, boiando durante largo tempo. Passados vinte minutos, encontraram-se em frente um do outro, cansados, segurando-se com as mãos ao bordo da parte menos funda, junto à escada de ferro.

Ainda quer mais?

Estou satisfeito.

Por hoje basta. Vamos agora falar de assuntos sérios?

Não sei a que assuntos se refere.

Assuntos importantes para ambos.

Sempre agarrado à borda, ele começou a atirar água para cima do peito.

Desembuche.

Não vou perder tempo com rodeios disse Marta Norberg.

Telefonei ao meu agente em Nova Iorque e ele pôs-se em comunicação com o seu. Depois falou para um de Hollywood. Tinha estado de novo a falar comigo, minutos antes de você chegar.

Tudo isso graças a Alexander Graham Bell.

Ela fingiu não ter ouvido o aparte. O seu rosto apresentava uma expressão concentrada, despojado de todo o sentido do humor, de

toda a feminilidade.

Tenho uma proposta a fazer-lhe, uma proposta concreta, sem se nem talvez. Desejo o original do seu romance Regresso a Itaca para fazer um filme em que eu seria a vedeta. Uma vez que você ainda o não terminou, o estúdio concordou em que eu lhe ofereça vinte mil dólares para já, e duzentos mil quando a obra estiver concluída. Não é nada mau, Craig, dado que a sua conta no banco não é neste momento muito animadora, segundo me consta, através da sua cunhada e do seu agente. Também sei que o dinheiro do Prêmio lhe vai servir para pagar dívidas e que não tardará em ficar de novo teso. Que diz a isto?

Craig estava demasiado petrificado com tais palavras e com aquele oferecimento para poder articular palavra. Sentia a cabeça andar à roda.

Como pode você arriscar tanto dinheiro num livro que mal comecei e que você ainda não leu?

Sei de que se trata. Miss Decker contou-me toda a história a noite passada. É precisamente aquilo que eu tenho, andado a procurar há anos e, como você muito bem sabe, do ponto de vista dos estúdios, pelo menos, o facto de lhe terem dado o Prêmio Nobel valoriza a obra.

Diz que a Leah lhe contou a história? No íntimo, esconjurava-a e estava-lhe grato, simultaneamente. Leah escrevera e tornara a escrever à máquina aquelas primeiras páginas, bem como as notas à margem, e conhecia as personagens e a intriga tão bem como ele próprio. Mas não tinha o direito de divulgar a obra, de a vender a retalho daquela maneira ingénua, sem seu conhecimento e aprovação.

Ao mesmo tempo, a indiscrição dela realizara um milagre. Aquilo vinha mesmo a tempo. O dinheiro era-lhe absolutamente necessário. Caía-lhe do céu. Nem se dava ao trabalho de pensar se seria capaz de terminar o livro. Fosse como fosse, a liberdade que

aquele dinheiro lhe proporcionava vinha tornar possível a obra de criação. Isto é, se não se pusesse a beber ou a martirizar-se com a recordação de Harriet. Se deixasse Estocolmo como um homem válido e com uma razão de viver.

Sim, conheço a história de trás para diante e de diante para trás replicou Marta Norberg. Depois calou-se e deixou-o entregue aos próprios pensamentos.

Então atravessou o cérebro de Craig uma dúvida que o preocupou, e o escritor disse devagar: Nesse caso, se conhece a história, deve saber que não existe nela nenhum papel digno de si. O livro todo é o herói, um homem, unicamente ele. As mulheres constituem apenas simples episódios. Há seis mulheres no livro. Entram e saem. Só representam fragmentos. Que papel seria o seu?

Eu seria a Desdémona, a cigana com quem ele casa.

Mas ela só aparece em três capítulos e depois morre. Desaparece do livro e só vive daí em diante na recordação dele. Bem vê, logo que ela morre...

Mas eu não quero que ela morra declarou simplesmente Marta Norberg. Suprimem-se as outras cinco, ou pelo menos quatro, e mantém-se viva a Desdémona.

Craig carregou o sobrolho.

Miss Norberg, tenho muito respeito pelo seu talento de atriz, venero-o mesmo. Mas você não é escritora. O escritor sou eu. O livro é meu e, nele, a Desdémona morre cedo. Sem isso, a história não faz sentido.

Não seja tão ridiculamente inflexível. Você pode muito bem modificar tudo. Existem centenas de possibilidades a partir do pouco que me contaram. Pois se você ainda nem sequer escreveu a cena da morte dela! Não tem mais que desistir dessa parte. Pode transformá-la num desastre, ou coisa parecida, em que ela fique ferida. De facto, acho que isso até melhora bastante a história. E pode refundir o resto.

Craig estava atônito. Pesou bem as palavras que ia dizer.

Vamos lá pôr tudo isto em pratos limpos. Detesto os mal-entendidos: quer você então dizer, quer dizer, na verdade, que está disposta a comprar o meu futuro romance, mas com a condição de eu o modificar de acordo com a sua ideia acerca do que deverá ser a heroína?

Marta Norberg riu-se e meteu-se mais para dentro de água.

Você põe as coisas como se eu estivesse a ameaçá-lo. Não se 521 queira fazer um jovem intelectual, um desses adolescentes eternos e idiotas, sempre fora da realidade, a fingirem de Proust na casca, virgens de influências estranhas, dando à luz as suas preciosas palavras como se tivessem sido inspirados directamente pelos deuses. Que disparate! Você sabe, tão bem como eu, que Dickens, Balzac, Dumas, todos eles escreveram a tanto a página e fabricaram os seus livros tendo em vista a vontade dos editores e o gosto do público, e isso não os prejudicou nada, porque foram grandes escritores. Pois bem: você é um bom escritor e não será o facto de manter viva uma personagem para agradar a um freguês ou para equilibrar as finanças que o transformará num canastrão ou que irá fazê-lo julgar-se venal. Isso só virá provar que você evoluiu e se tornou um adulto.

E se eu responder redondamente que não? Mantém a proposta?

Claro que não. Como você muito bem disse, nesse caso, não resta nenhum papel que me convenha.

O que ia dizer repugnava altamente a Craig, mas precisava de que ela mantivesse a proposta.

Vocês podem modificar tudo depois em Hollywood. Por mim, não ponho objecções.

Impossível! O próprio livro vai ter uma grande expansão e uma larga venda, será publicado em folhetins, através de clubes do livro, os editores investirão nele grandes capitais, haverá novas edições, e eu quero essa heroína construída, discutida, amada, muito antes de

eu lhe dar vida no écran Então? Faz o que eu digo? E sorria-lhe sedutoramente.

Craig ia falar, certamente com azedume, quando ela lhe pousou na boca o dedo indicador molhado, como que a selar-lhe os lábios.

Espere aí, Craig. Antes de dizer seja o que for, ouça outro aspecto da minha oferta, que lhe escondi até agora de propósito. Gostaria de conversar disso mais tarde, noutras... noutras circunstâncias mais favoráveis. Fez uma pausa Mas vejo-o tão irritado no seu orgulho de homem que acho melhor falar-lhe já.

Então que é?

Os duzentos mil dólares representam apenas uma parte da minha oferta. Há ainda outra parte mais valiosa, infinitamente mais valiosa.

Sabe o que é?

Não.

Eu. E sorria com a reacção de espanto de Craig. Eu, Marta Norberg declarou simplesmente. Faço parte do contrato.

A princípio, ele ficou intrigado, porque aquilo que esta alusão sugeria estivera muito longe da sua mente. Mas procurou mostrar-se mais intrigado ainda, porque, se estivesse enganado, poderia parecer um idiota chapado. Observou o célebre rosto dela, agora todo molhado sob a touca de banho e que naquele momento assumia uma expressão trocista. E permaneceu calado.

522

Escandalizei-o? perguntou a actriz.

Você está a querer dizer aquilo que eu penso?

Acertou! disse ela vivamente. Tal como costumavam dizer as meninas de tranças nos filmes mudos, estou preparada para uma sorte pior do que a morte. Não me faço passar por uma donzela nem uso de artimanhas na sedução, Craig. Quando quero colaborar, é em todo o sentido.

Ele sentia-se tão pasmado que perguntava a si próprio se poderia recusar-se sem parecer um jovem assustado ou sem dar provas de falta de virilidade. Resolveu tomar a proposta dela tão levemente como ela própria a fizera a princípio e ver em que ia ficar tudo aquilo.

Minha querida, nunca um homem se sentiu mais lisonjeado do que eu neste momento.

Deixe-se de tretas! exclamou ela.

Esta frase não era dita em tom grosseiro, mas sim num sentido positivo, e ele sorriu.

Está então a falar a sério? Como pode você...?

Não tem nada de extraordinário retorquiu ela secamente.

Eu quero aquilo que você tem e você quer aquilo que eu tenho. Nada mais interessa. O que torna a coisa mais agradável é eu achá-lo atraente e você pensar o mesmo a meu respeito. Mesmo que eu sentisse de outra maneira, a oferta ficava de pé. A atriz percebeu a desconfiança que se espalhava no rosto dele e tirou com solenidade uma das mãos com que se segurava à escada para lhe fazer uma festa na cara. Não transforme num negócio de Estado uma proposta tão simples como esta. Você pensa de mais. Analisa cada prazer até lhe tirar toda a graça. Obedeça aos seus verdadeiros impulsos, Craig, e ficará a recordar esta noite como o princípio do acordo ou do encontro mais memorável de toda a sua vida.

com isto voltou-lhe as costas e começou a subir a escada graciosamente, de lado, como ensinam às atrizes, até sair da piscina. Durante um momento quedou-se, alta e esbelta, acima dele, com a água a escorrer do rego do peito pouco saliente e das ancas estreitas, até fazer poça no chão. Desapertou a barbela da touca e sacudiu o cabelo, revelando-se de novo tão feminina como dantes. Então ele via-a pela primeira vez nessa tarde como uma possível amante. O seu corpo molhado, a escassez do vestuário, a posição, a lenda que a rodeava, tudo o fascinava.

Marta estava apenas coberta por um bikini formado por duas tiras de tecido cor de peppermint, uma delas engelhada e colada aos seios pouco volumosos, a outra uns centímetros abaixo do umbigo, também encharcada e torcida entre as pernas, formando dois nós sobre as ancas nuas.

Craig não se iludia a si próprio: sentia desejo daquela criatura.

Contudo, esse desejo não era o sentimento vulgar que poderia experimentar por qualquer outra mulher, mas sim uma paixão por Marta 523

Norberg, objecto do amor do mundo inteiro que todos os homens cobiçavam mas não conseguiam atingir.

Quando alguém se punha a pensar nisso a sério, e era o que Craig fazia naquele momento, o convite tornava-se inacreditável e, por isso mesmo irresistível. Ali estava a olhar para ele de alto, enquanto se enxugava, a mulher mais popular e desejada da superfície da Terra, cujo prestígio era constantemente alimentado pelas novas cópias dos seus antigos filmes clássicos. Naquele mesmo instante, nas salas obscuras do mundo inteiro, centenas de homens de todas as classes e nacionalidades, cores e costumes, da Roménia, da Bulgária, do Afeganistão, da Arménia, do Sião, do Sudão, da Nigéria, do Equador, da Andorra, e também compatriotas seus, americanos, permaneciam colados nas suas cadeiras ou bancos, embasbacados diante da imagem cintilante, ampliada e plana daquela sueca enigmática que se projectava diante deles nos écrans. Nessa noite, encontravam-se todos reunidos na mesma admiração e desejo. Todos à uma se submetiam ao engano da presença e do encanto físico de Marta Norberg e gozavam as delícias da sua posse cinematográfica. Só quando se acendiam-as luzes e o écran retomava a sua brancura percebiam a ilusão que representava aquela imagem e sentiam-se momentaneamente logrados. Contudo, a imagem de Norberg permanecia-lhes nos espíritos e o seu prestígio ilusório conservava-se imortal.

Agora, porém, estava ali, em carne e osso, e não apenas a imagem de toda essa enganadora sedução, era ela que se encontrava na frente de Craig. Bastava uma palavra sua para ela lhe pertencer. No entanto, ele não conseguia pronunciá-la.

Depois de se enxugar, a actriz sentou-se na beira da piscina, com as pernas penduradas e os dedos dos pés a tocarem na água.

Então, Craig, em que pensa?

Estava a olhar para si.

Bem sei. E isso ajuda-o a tomar uma resolução?

Pelo contrário, dificulta-a. Encaminhou-se para a escada.

Porque eu desejo-a, sabe?

Pois sei. Também o desejo a si. Então qual é o obstáculo?

O negócio. Você estava a falar a sério?

Claro que estava. Ainda tem alguma dúvida? Diga que sim, e dar-lhe-ei logo um contrato preliminar para você pôr a sua assinatura e receberá o primeiro cheque amanhã de manhã. O resto será para quando terminar o romance.

Eu referia-me à última parte.

À minha pessoa? Também está incluída, e com todo o prazer Sou surdo. Diga isso em pormenor.

Os lábios dela arquearam-se, expressão que ele interpretou como um desprezo triunfante pela rendição do homem.

Que quer que lhe explique, Craig?

524

Ele agarrou o degrau da escada, saiu da água e saltou para a borda da piscina. Agarrou na toalha dela e começou a enxugar-se enquanto Marta o observava.

Sou pouco versado nestes assuntos, concordo disse Craig, sempre a mover a toalha. Como é que eu recebo esse pagamento extra? E de que maneira executarei o meu trabalho de molde a dar-lhe inteira satisfação?

De uma maneira o mais natural possível.

Natural?

Vai ver. Demora-se mais uns tempos na Suécia, vem habitar aqui e trabalharemos juntos sobre o seu plano, até nos considerarmos satisfeitos. Viu que ele franzia as sobrancelhas e corrigiu: Se preferir, levo-o para a minha casa da Riviera ou posso até acompanhá-lo a Nova Iorque, onde tenho um apartamento. Durante o dia, trabalhamos e à noite amamo-nos.

Ele atirou fora a toalha.

E isso é assim tão fácil como diz?

Eu não interferirei no seu trabalho. Sou uma artista, tal como você. Quando quiser estar sozinho, a criar, eu deixo-o em paz. Quando preferir a minha presença, tê-la-á.

Ele agachou-se ao pé dela e depois sentou-se, perguntando a si próprio como poderia fazer-se compreender por uma mentalidade tão diversa da sua.

Marta... Vou chamar-lhe assim a partir de agora...

Ela sorriu.

Estamos a fazer progressos.

Não, escute lá. Penso, realmente, que você é sincera quando julga isto possível. Eu preciso do dinheiro. Isso, para si, não é novidade.

Tenho muito para onde ele vá. E você julga, sem dúvida, que este livro que estou a escrever, ou melhor, que tenciono escrever, o meu primeiro trabalho depois do Prémio Nobel, um livro que é a encarnação nua e crua da minha pessoa, de tudo aquilo que considero sagrado, pode ser facilmente deturpado e falseado para satisfazer os seus desejos. Então, não vê que isso é uma coisa imprópria e pouco séria?

Você diz que somos ambos artistas e temos uma mentalidade semelhante.

Se assim é, deve perceber o que sinto. Mas só pensa que a artista é você, e nada mais interessa, e que eu estou numa posição inferior, que devo contrafazer a minha personalidade e a minha arte até ficar

de acordo com a sua. Quando me apresentou a proposta de me comprar e me ofereceu dinheiro, a minha resposta automática, imediata, seria não. O que me fez hesitar, e você bem sabia que isso viria a acontecer, foi o seu oferecimento extra de outra compensação, de possuir alguém que todos os homens do mundo dariam a alma para ter. Então eu hesitei, de verdade, porque fiquei aturdido, estava enervado e, confesso, sentia-me cheio de curiosidade e excitação.

Mas 525

suponhamos... suponhamos que eu ficava tão confundido que me voltava do avesso e aceitava a proposta. Que aconteceria então? Eu encontraria satisfação na cama e você ficaria com o livro, como coisa sua, fabricada por um nome cuja fama poderia ser explorada. Mas que nos restaria a ambos concretamente de tudo isto? Você ficaria com um livro reles. Teria sempre de ser reles. E a mim que me restaria?

A recordação de uma conquista? Nem sequer isso. Como poderia eu afirmar que fora uma conquista, e não uma simples cláusula legal estabelecida a sangue-frio? Poderia isto ser a recordação de um amor inesquecível? Helena e Paris, Dante e Beatriz, Nelson e Ema? Ou a lembrança de uma união mecânica e sem amor, que pagara por alto preço, que comprara, e que acabaria por detestar porque fora uma extravagância que não podia continuar a manter?

Marta Norberg escutara, sem despregar os olhos dele e sem tentar interrompê-lo, com as feições impassíveis e o corpo imóvel. Quando Craig terminou, ela agitou a água com os dedos dos pés.

Sirva-me vodka, Craig pediu.

Ele pôs-se de pé, satisfeito por a actriz não lhe ter interrompido o discurso, e dirigiu-se à mesa para lhe servir a bebida e arranjar para si um whisky, de que sentia necessidade absoluta. Quando se voltou, com os copos cheios, ela esperava-o, de pé. Evitou olhar-lhe para os membros, para o reduzido bikini, e estendeu-lhe o copo.

Pode olhar para mim disse ela. Porque me evita?

Para que hei-de torturar-me com uma coisa que não posso vir a ter? Tentou evitar dizer aquilo num tom amargo e mostrar-se até divertido. Nunca gostei de esborrachar o nariz contra os vidros das montras.

Craig! Exijo que olhe imediatamente para mim. Que impressão lhe causo?

A de uma fêmea. De um ser do sexo oposto ao do macho.

Mas eu não sou só isso.

Concordo.

Sou muito mais do que isso declarou ela, em ar de desafio.

E esse muito mais é o meu renome, a fama de que estou rodeada

..

tudo faz parte do atractivo. Mas não se deixe iludir. Mesmo sem isso, eu seria ainda muito mais do que pode julgar. Não me refiro também só à minha beleza. Se eu desapertasse neste momento o soutien e tirasse este trapo que tenho aqui em baixo, que é que você veria?

Primeiro, dois seios. Sou realista e confesso que poderá ver outros muitos mais bonitos em qualquer revista de arte que custa meio dólar. Em segundo lugar, a minha nudez em baixo. Essa não possui contornos exóticos nem difere da de qualquer prostituta que você pode ter desde cinco até dez dólares. Não estou a falar dessa qualquer coisa mais que existe na minha pessoa, Craig. Aquilo a que me refiro não se pode ver, só se pode conhecer intimamente. Se você me com-526

prar, é certo que paga preço muito mais elevado por dotes físicos inferiores a outros que poderia conseguir por menos dinheiro. Mas adquire ao mesmo tempo duas coisas maravilhosas: uma, como já deve saber, é a minha aura, o direito de recordar esta aventura quando for velho, e então as recordações valem muito; ou mesmo o direito de dizer, daqui a algum tempo, quando estiver a gabar-se

juntamente com outros, que possuiu o corpo de Marta Norberg, sim, da Norberg.

Isto, para os homens, claro, é muito importante. Imagine um homem que tivesse gozado um dia os favores de Ninon de Lenclos ou de Madame Du Barry. Também é este prazer autêntico que você adquire.

Mas ainda há outro maior, muito superior. Estou a tentá-lo?

Continue respondeu ele, sorvendo o whisky e mantendo os olhos baixos, a desejar que se encontrassem ambos noutra sítio, vestidos.

Sente-se tentado? repetiu ela.

Claro que sinto.

Acredito. Afirmo-lhe que represento um bom negócio, por duas razões. Uma, pelo que posso representar de valor como assunto de conversa; a outra, Craig, é o meu valor como experiência. Sabe o que isso significa?

Não tenho bem a certeza.

Não considere como um sintoma monstruoso de vaidade aquilo que lhe vou dizer. Tenho-me posto simplesmente em paralelo com outras, conheço o meu valor e sou uma mulher prática. Depois de ter dormido com Marta Norberg, você apagará da lembrança todas as mulheres que conheceu desde a adolescência. Vou explicar-lhe, Craig.

Apenas uma meia dúzia de homens sabem aquilo que vou dizer-lhe.

O acto do amor é outro dos meus dons, aquele que só se pode comparar ao meu talento de actriz. São duas habilidades perfeitas que eu possuo. Você conheceu decerto mulheres experientes, amantes inteligentes, prostitutas, *etc.* Muitas vezes, as mulheres dessa espécie possuem um conhecimento considerável do amor e são infinitamente superiores, no prazer que dão, a qualquer esposa fatigada ou a qualquer jovem estrela insípida. Porém, os dotes das prostitutas são ofuscados pela facilidade com que podem obter-se e

pelo sentimento intraduzível da sua degradação. Ora semelhantes dons não se encontrarão em parte alguma, a não ser na minha cama. Pode tomar-me à letra quando digo que sei mais acerca do amor do que qualquer prostituta, qualquer cortesã, ou qualquer Madame Bovary de trazer por casa.

Você nada deixa adivinhar na expressão, mas estou em crer que duvida de mim, lá no seu íntimo. Tenho a certeza disso. Orgulho-me de ser boa psicóloga no que se refere aos sentimentos dos homens. Você deve estar a dizer lá com os seus botões: «Que mais sabe esta gabarola, acerca do amor, do que qualquer outra? De quantas maneiras pode uma mulher deitar-se com um homem de costas, de lado, de bruços, 527

sentado, de cabeça para baixo, sei lá!» Pode estar a perguntar a si próprio quantos movimentos eróticos será possível executar, que palavras, pressões ou zonas sensíveis conhecerá ela de novo? Tudo é repetido e nada há de novo neste mundo. Pode mesmo certificar-se de que as maneiras de amar, além das relações sexuais normais, se limitam a seis ou dezasseis. E por isso duvida de mim. A isto só posso responder com uma coisa, Craig: experimente, certifique-se por si.

E emborcou a vodka.

Se não fosse aquele tom de extrema sinceridade onde não se vislumbra sequer uma sombra de ironia, Craig ter-se-ia sentido atrapalhado.

Não sabia que resposta dar. Por fim, murmurou: Isto é quase uma conversa de negócios.

Ela sorriu.

Poucas vezes sou obrigada a isto.

Mas foi agora. E tenho uma coisa a dizer-lhe. Continuo a duvidar.

É um desafio?

Isso seria uma infantilidade. Quero dizer apenas que me recuso a admitir a sua afirmação de que consegue agradar inteiramente por meio de manobras físicas, sem um grama de emoção, de paixão, de amor sincero...

Guarde essas fantasias para os livros interrompeu ela e para as mulheres idiotas que os lêem e querem ser iludidas. Eu conheço os homens, Craig! Desde que os tenhamos entre as pernas, estão vencidos incondicionalmente e sujeitos a todos os prazeres que queiramos oferecer-lhes. Durante o acto do amor, qualquer que seja a sua duração, o homem não tem sentimentos, não passa de um animal inferior. O seu prazer não depende do facto de saber que a sua parceira o adora; isso só pode ser válido antes ou depois do acto, porém, enquanto ele dura, o homem não exige mais do que uma luxúria primitiva e, quanto mais louca, sensual e voluptuosa ela for, mais arrebatado ele fica. Calou-se. Pareceu esticar-se toda e o soutien encheu-se. Sou-lhe franca, Craig. Não vendo o meu coração, mas só o que fica abaixo dele. E nunca ninguém se queixou. Pelo contrário, os meus amantes passaram a suplicar, a rebaixar-se na sua ânsia de obter mais favores da minha pessoa. Que diz a isto?

Acho que consegui plenamente os seus fins, que era despertar o meu interesse no mais alto grau.

Ela sacudiu a cabeleira.

Então fechamos o negócio?

Não com as condições que você exige.

Vejo que continua a não acreditar em mim. E a expressão dela anuviou-se. Que hei-de fazer para o convencer? Dar-lhe uma pequena amostra esta noite?

528

Não, se acaso você considerar isso como um compromisso da minha parte.

Não seja malcriado.

Não foi essa a minha intenção, Marta. Estamos simplesmente a trabalhar em comprimentos de onda diferentes. Você não está a colaborar: tem estado apenas a fazer reclamo a uma embalagem a que dá o nome de sexo e que eu teimo em considerar um produto inferior, caso lhe não possa dar outro nome. Não gostou nunca de ninguém?

Que aconteceria se viesse a amar algum homem?

Não seria aquilo que sou hoje declarou ela secamente.

Craig, nunca permiti que ninguém fizesse pouco de mim.

Mas você faz pouco dos outros.

Como quer que entenda as suas palavras? Estará por acaso a ser sarcástico, a pretender humilhar-me?

Apenas tenho acreditado em si. Mas não posso, e sinto-me desolado por isso.

Acabe lá de gozar à minha custa. Não se faça santinho. E não se ponha a julgar-me segundo os seus conceitos estereotipados de escritor barato: «Agora entra a mulher fria, calculista, devoradora de homens, etc.!»

Não estou a julgá-la. Limito-me a observar, a imaginar, a relacionar.

Tento descobrir o que você é, sabe?

Você não passa de um insuportável presumido declarou ela.

Vou dizer-lhe aquilo que sou. Sou uma atriz, uma grande atriz, a maior do século. Isso, para mim, significa uma coisa: que a minha arte está acima de tudo e que o resto pode ir direitinho para o Inferno. Neste mundo existem duas espécies de atrizes. Uma é a mulher-atriz. Essa é esquizofrénica. Metade comediante para o público e metade ser humano na vida privada. São essas que abrem falência emocional, para logo esquecerem tudo e nada mais restar do que uma recordação. Outra é a atriz cem por cento, que não se divide em duas metades e é feita de uma só peça indestrutível, um todo, que se basta a si própria, que sabe o que faz, que se dedica toda

à sua pessoa, como celebridade e como artista. A sua vida inteira, os seus conceitos, as suas decisões, tudo aquilo que empreende, só obedece a uma única questão: convirá isto a uma atriz como eu?

O princípio é válido tanto para a vida familiar, como para os prazeres, como para os filhos, para as finanças e, acima de tudo, para o amor.

Acabou de beber o que tinha no copo e, em lugar de pedir a Craig que o voltasse a encher, passou pela frente dele e dirigiu-se à mesa, para se servir ela própria.

Eu tive a felicidade de ter começado cedo a ser uma atriz cem por cento. Logo que cheguei à América, percebi como é execrável e degradante a competição. O mundo do cinema, na América, é, como o do desporto, o dos negócios e o da política, um comércio desfrutado de influências. Os artigos à venda na Broadway e em Hollywood constituíam um bom papel e uma boa remuneração. Porém, a beleza, a personalidade e o talento não eram bastantes para se obter esse papel. Havia dúzias de belas raparigas capazes de o desempenhar.

Em que se baseava, então, a escolha? Quem viria a conquistar o papel?

Seria preciso fazer concessões de natureza sexual? Não, isso apenas também não bastava. Todas essas dúzias de raparigas estavam dispostas a despir as calças e os preconceitos. Na verdade, eram tão igualmente acessíveis que até eu, uma jovem sueca, me senti escandalizada.

Mas, como sou esperta, descobri logo o que se tornava necessário fazer para conseguir o papel. A beleza era útil, mas demasiado comum.

A beleza original valia mais alguma coisa. O talento também não era mau; no entanto, havia-o aos montes. Este devia coexistir com a personalidade.

O ser-se fácil em matéria sexual também ajudava, mas tornava-se monótono, como os bifos crus expostos nos talhos. Contudo, se se juntasse algo de novo à condescendência sexual, se se passasse a fazer amor com habilidade, com verdadeira competência e, depois de se terem dado provas, se tornasse a experiência cada vez mais difícil, talvez se obtivessem bons resultados. Eis alguns dos trunfos que descobri e me propus pôr em prática.

Marta Norberg levantou o copo na sua frente, sem beber, e via-se que estava tão excitada que esquecera a presença de Craig. Porém, agora, dirigiu-se directamente a ele.

Você já dormiu com alguma starlet? Cabelos impecáveis, lábios de cereja, medidas clássicas? Se já dormiu com alguma, é como se tivesse dormido com um cento ou com mil. A mesma ansiedade de agradar, os mesmos termos doces e estafados, ditos com um tom de escola de declamação, os mesmos movimentos sincopados, a mesma música do amor superficial; são tépidos receptáculos do amor rotineiro, sempre à espera da deixa, sempre à espera, na posição horizontal, que termine o seu tempo de espera, para começarem a desempenhar o verdadeiro papel, quando receberem a paga. Isto não me servia. Vi logo que não queria ser mais um quilo de carne, de carne fácil, que se apaga da memória com o romper do dia, a quem os homens do cinema remuneram com um papel miserável. Eu não seria apenas uma starlet, aspirava a mais do que isso. Eu seria uma experiência.

Então apliquei-me a isso, da mesma forma que me tinha aplicado à minha profissão. Treinei-me a ser talentosa na cama, como era talentosa no palco. Não interessava a maneira de o conseguir ou o tempo que isso me levaria. Mas acabei por vencer. E, assim, uma noite com Marta Norberg passou a ser, para um produtor, um director cinematográfico ou um banqueiro, não apenas uma distração física passageira, mas sim uma aventura com uma nova dimensão de sensualidade, uma escravidão, um feito. Não tardei a

abrir caminho, e consegui resistir à vulgaridade de muitas outras maneiras. Não deixei 530

que me fizessem o mesmo penteado que usavam as outras. Nem que me corrigissem o nariz. Nem que me aumentassem artificialmente o volume dos seios até ao mínimo exigido. Não adoptei a mesma atitude ou a dicção das outras. Permaneci eu mesma, e isso tornou-me diferente: obriguei-os a lembrarem-se de mim. Era um fenómeno na cama, e logo que este facto se tornou conhecido, bem como a minha pessoa, os meus papéis passaram a ser mais importantes, melhores, mais escolhidos, até passarem a ser os principais. Depois, a fama e a publicidade ergueram-me ao primeiro plano. E quando, por fim, me tornei mais do que os homens todo-poderosos, os barrigudos, os sádicos que tantas vezes me haviam humilhado, quando passaram a ser eles quem precisava de mim, e não eu deles, transformei-me naquilo que realmente era, e ainda sou presentemente: retraída, reservada, inacessível. Já quase não preciso de pôr em prática as minhas habilidades, embora nunca deixasse de as utilizar sempre que foi necessário, sobretudo em questões de rivalidades, quando se tratava de obter o melhor argumento, o melhor director estrangeiro, o melhor actor masculino, a maior percentagem. Mantive-me distante e concedia raramente os meus favores, mas, quando assim era, sabia ser pródiga.

Calou-se um momento e depois declarou: E ainda sei, Craig.

Num certo sentido, a história dela comovera-o. A sua compreensão preencherá aquilo que não fora dito. No entanto, o passado tornava-a ainda mais incompreensível.

Mas agora você pode fazer o que quiser, Marta. Levou toda a vida a querer ser você própria, e conseguiu-o. Porque não há-de amar quem quiser e quando quiser?

Porque a avareza nunca se sacia disse ela, sorrindo e o objecto da minha cobiça é o ego. O seu monumento está erguido na mente das pessoas. Para aí o conservar, é necessário estar constantemente a

construí-lo. Conservei-me inactiva tempo de mais. Tenho de me deitar de novo ao trabalho. E o material de que mais necessito são originais. Uma vez que não consigo obtê-los só com dinheiro, estou disposta a pôr no prato de balança os meus talentos pessoais.

Mas não deixo de ser quem sou e quero obter o que desejo mediante as condições que imponho. Tenha juízo, Craig. Quem está em posição de ditar condições sou eu, e não você. A despeito desta vantagem, sou franca, pois você, além de artista, é também homem, e só trabalhará de vontade se for devidamente recompensado. Caso contrário, serei tão prejudicada como você. Ofereço-lhe, portanto, uma fortuna e também uma experiência, que lhe ficará presente no espírito até ao fim da sua vida, uma experiência que ilustrará mais a sua biografia do que esse estúpido Prêmio. Dou-me totalmente, apenas em troca de uma parte de si. Tenho estado a rebaixar-me e não suporto isto durante muito tempo. Diga que concorda. Basta-me isso. Selaremos 531

então o pacto com um beijo e você passará aqui a noite. Está satisfeito?

Estou indignado! vociferou ele. A simpatia que Marta Norberg lhe despertara evaporara-se à medida que ela lhe expunha o seu plano com tanto sangue-frio. Em troca de uma quantia que eu posso muito bem ganhar de qualquer outra maneira, de algumas convulsões sem amor em cima de um colchão e de uma conversa barata, você quer um romance completo, uma obra de arte, com cabeça, tronco e membros, esculpida e bem acabada...

Raios o partam, Craig. Estou farta da sua dignidade de escritor puritano...

Espere lá, espere lá. Deixe-me acabar! Não estou a colocar a minha arte acima de qualquer ser humano que consome os seus dias a executar um trabalho honesto. Não pretendo ser de essência superior, nem quero receber nenhuma recompensa especial ou impor-me como inspirado pelas musas; nada disso. Não me coloco

acima da dona de casa que cozinha o seu jantar, ou do canalizador que conserta uma retrete como deve ser, ou do empregado da sapataria que acerta com a medida do pé do freguês. Não é o trabalho de criação divinizado que eu defendo, mas sim o meu próprio eu, como um ser honesto e respeitável e merecedor do lugar que ocupa no mundo. Se eu, em vez de escrever um livro verdadeiramente meu, alinhavar o seu falso romance, que será vendido por todo o lado com o meu nome na capa, cometerei uma falsificação e degradar-me-ei perante cada leitor que acredite em mim e a quem eu estou a enganar. Parou para tomar fôlego.

Desculpe, Marta, mas eu apenas tenho de escrever aquilo que me agrada a mim, e não o que agrada a si. É por isso que a minha resposta é, redondamente, não, Marta. Redondamente não! Não tenho pena de si. Você poderá encontrar dúzias de outros originais mais apropriados ou conseguirá que qualquer outro os modifique à sua vontade.

E encontrará homens que não será preciso amar em troca. Talvez um dia se lhe depare alguém, um homem, que você seja capaz de amar honestamente, sem interesse, longe dos mercados, embora eu duvide muito que tal possa acontecer. Quanto a mim, conservarei a minha, não direi integridade, mas a minha coragem e o respeito que devo a mim próprio, lamentando eternamente não ter podido aceitar o seu dinheiro e os seus talentos. Sim, Marta. Não tenho dúvidas, a mínima dúvida, de que você encontrará com facilidade outros homens que mereçam melhor o seu dinheiro e as suas habilidades, senhores de uma reserva de integridade que lhes permita resistir a essa pequena corrupção. Eu, no entanto, não possuo tal reserva e não estou à sua altura. Se lhe desse o pouco que possuo ainda, nenhuma recompensa que você me desse me ajudaria a sobreviver como homem, pois que, nesse caso, eu me tornaria um verdadeiro falhado.

O que pouco antes fora um sorriso mostrava-se agora a Craig
com 532

o aspecto de uma fileira de dentes arreganhados. O comprido rosto nórdico não revelava a menor emoção. Porém, aqueles dentes à mostra revelavam-na melhor do que tudo.

- Nunca nenhum homem me falou assim declarou ela e, antes que você se regozije com esse facto, vou dizer-lhe já o motivo por que me repele, o verdadeiro motivo. Sei-o perfeitamente, adivinho-o, sempre tive um grande faro para essas coisas.

Ele continuava à espera. A voz rouca da actriz dir-se-ia um chicote a flagelá-lo furiosamente.

Você o que está é cheio de medo. É um maricas, está-se mesmo a ver. Tem medo de mim, é essa a razão. Tem medo do sexo, tem medo de uma mulher a valer e aposto um contra mil que não se atreve a meter-se na minha cama porque tem medo, tem medo do meu corpo, não se julga capaz...

Foi então que ele perdeu a cabeça. Contivera-se até ali, mas agora, tal como um menino a quem arrelhiaram, perdeu o domínio.

Desejaria poder poupá-la a isto e dizer que sim, que era essa a razão, mas a verdade é que tenho cumprido muito bem a minha obrigação, até mesmo aqui na Suécia, e com uma mulher que teve a decência de me dar o amor pelo amor, e nada mais.

Mentiroso! gritou ela. Agora não lhe permitiria que me tocasse nem que fosse o Shakespeare em pessoa e me quisesse oferecer todos os seus escritos. Não queria ter nada a ver com um franganote que coloca a integridade no lugar dos tomates. É isso que você tem para oferecer à sua amiga, à sua pobre e esfomeada amiga: uma injeção quente de integridade? Ponha-se a andar daqui para fora, Craig! Saia da minha vista! Vá vestir-se e ponha-se a mexer!

Antes que eu diga a toda a gente que o grande laureado foi o primeiro homem da Terra que não se atreveu com a Marta Norberg!

Afastou-se dele num repelão. A sua fúria era tamanha que se lhe via nitidamente a contracção dos músculos das costas. Ele ficou um momento a olhar para ela, para a sua cabeleira despenteada, que

deixara de ser provocante, para aqueles ombros descaídos, que em breve seriam velhos, para a espinha curvada, que deixara de ser erecta e elegante para se apresentar magra e cheia de nós, para as pregas das nádegas debaixo do bikini, que o não tentavam já e se haviam tornado grotescas e lamentáveis. A fêmea ativa e ilusória, símbolo do amor, transformara-se finalmente numa mulher azeda, máscula e ordinária, nada mais.

Sem uma palavra, Craig voltou-lhe as costas e entrou na cabana.

Vestiu-se devagar, no compartimento acanhado, sem sentir cólera, apenas com uma sensação de peso e desgosto, e, quando ficou pronto, saiu.

O átrio estava deserto. Ela desaparecera. Craig entrou na sala de estar e viu logo o telefone amarelo. Recordou-se imediatamente do 533

número. Marcou 22 00 00 e, quando a telefonista respondeu, disse onde se encontrava e pediu que lhe mandassem um táxi. Ao desligar, caíram-lhe os olhos sobre um retrato a óleo, em tamanho natural, de Marta Norberg, pendurado na parede oposta, vestida de Manon Lês caut. «A Negociante», pensou. Não, melhor ainda: «A Vendedeira na Praça».

Encontrou o sobretudo e o chapéu sobre o banco do vestíbulo Abriu a porta e foi esperar lá fora, no meio do nevoeiro.

Depois de acender o cachimbo, sentiu-se melhor e pensou qual seria a razão disso. Naquela noite perdera qualquer coisa. Aos olhos do mundo, perdera muito até. No entanto, estava certo de ter ganhado infinitamente mais. Pela primeira vez, desde o tempo de Harriet, compreendera que não era só um escritor honesto, mas também um indivíduo digno de apreço. Este juízo parecia ser uma prova de vaidade e ele analisou-o. Substituíu mentalmente os termos por que o formulara e depois resolveu mantê-lo, não só por se lhe afigurar verdadeiro, mas ainda porque, lá muito no íntimo, no mais recôndito da alma, nesse recesso de nós próprios onde nos vemos e

julgamos, ele lhe causava uma sensação agradável a que não estava acostumado havia muito, muitíssimo tempo.

Continuava a fumar o cachimbo e a gozar com o facto de se encontrar envolvido pelo nevoeiro, enquanto esperava o táxi que o levaria de novo para o meio dos vivos.

Capítulo dez À medida que o tempo ia passando e o dia da cerimónia culminante da entrega dos prêmios se aproximava, o átrio e os restaurantes do Grande Hotel ficavam cada vez mais apinhados de gente, na sua maioria recém-chegada, jornalistas e dignitários de todos os pontos da Escandinávia, de todos os cantos do mundo.

Estava-se no dia 8 de Dezembro e faltavam apenas quarenta e oito horas para a cerimónia; ao meio-dia, o imenso Jardim de Inverno do hotel já não podia comportar mais gente. Quando Andrew Craig, com uma gravata de tricot, casaco de sport e calças sem vinco, sobra-

çando uma edição do The New York Times, entrou no recinto baru-lhento, teve dificuldade em fazer-se ouvir. O chefe de mesa confirmou a sua marcação, depois fez uma vénia diante dele e, de braço estendido, disse: Por aqui, se faz favor, Mr. Craig.

Este seguiu o criado, passou junto a uma mesa ocupada pelos dele-gados culturais do Ghana, por outra de jornalistas americanos e ingleses, alguns dos quais lhe disseram adeus, por mais outras duas juntas, onde se encontravam oito membros da embaixada da Itália, por outra ainda, com uma toalha branca, sentada à qual Konrad Evang discutia acaloradamente com vários suecos, tipo de homens de negócios. A variedade de estrangeiros, lembrando as diversas cores de um caleidoscópio, distraiu por um momento Craig daquilo que constituía a sua preocupação dominante até ali, isto é, a cena que l acabara de ter com Leah e o encontro com os Marceau que se realizaria dali a momentos.

A mesa que reservara ficava no estrado alcatifado, em nível superior à sala, entre dois grossos pilares. O chefe de mesa tirou o

cartão com a palavra «Reservada», puxou uma cadeira de verga, sacudiu-lhe rapidamente o pó com o guardanapo e num gesto destro ofereceu-a a Craig.

Logo que este se sentou, o homem inquiriu: Deseja beber alguma coisa ou posso servir já o almoço?

Nem uma coisa nem outra. Prefiro esperar. Tenho convidados.

Logo que o empregado se retirou, Craig, aproximando a cadeira da mesa, desdobrou o jornal na sua frente. Não lera nenhum durante aqueles últimos dias; agora, porém, depois de ter dormido até tarde e sem beber nada, tinha a vista repousada e, uma vez que recuperara

a faculdade de se interessar pelos contemporâneos, resolvera continuar a leitura do folhetim das actualidades.

Logo que desdobrou a página da frente, disse consigo que a luz era má para ler. Através da vasta clarabóia de ripinhas do tecto, via-se 535

que, mesmo ao meio-dia, o tempo estava sombrio e escuro. Verificou então que, embora os globos luminosos do restaurante estivessem acesos, a luz era difusa e amarelada. Achou que a leitura representaria um esforço para os olhos e de qualquer maneira não estava com disposição para isso. Dobrou o jornal e pô-lo na cadeira ao lado. Recostou-se, começou a brincar distraidamente com os talheres, perdido nos próprios pensamentos.

Na noite anterior, já na cama, passara revista ao seu encontro com Marta Norberg e tentara recordar-se de tudo o que podia sem lhe causar emoção; seleccionou uma ou duas passagens que poderia depois relatar a Lucius Mack, quando regressasse a Miller's Dam, e recordou-se também de uma coisa que ouvira nessa tarde: fora a estranha revelação feita pela Norberg acerca das maquinações de Ragnar Hammerlund, os gravadores secretos, a notícia da aventura de Claude Marceau com o manequim, a conspiração tendente a apanhar os laureados da Química na teia de Ragnar Hammerlund.

Meditara na cama sobre toda esta repugnante teia. De uma forma geral, nunca se preocupara com a moralidade dos outros. A maior parte das vezes preferia fazer de espectador, viver e deixar viver os seus semelhantes, grandes e pequenos. Talvez tivesse sido o seu maior defeito como ser humano. Na noite anterior, pela primeira vez, resolvera corrigir-se de tal. Revoltara-se contra Hammerlund pelo seu cinismo, pela sua falta de dignidade ao penetrar assim na intimidade alheia. Todos os Hammerlund, como todas as Sue Wiley, dissera consigo, não podem ficar impunes. Craig identificava-se com todas as vítimas da vida em geral, e em particular com estas que se encontravam unidas a si por um laço comum.

De certo modo, vira que os Marceau, tal como o desventurado Garrett, o distante Farelli e o professor Stratman, sempre deslocado, eram, como ele, por uma questão de acaso e de circunstâncias, excelentes alvos humanos. com o Prêmio haviam-se tornado todos, e ele também, naquilo que Gottling denominara de escola da democracia, mas isso, ao mesmo tempo, tornava-os vulneráveis. Todos os seis, antes de chegarem a Estocolmo, eram, por nascimento, meio ambiente e interesses, completamente estranhos uns aos outros. Porém, graças ao Prêmio, haviam ficado unidos para a posteridade. Dali em diante, seriam como um só os laureados daquele ano. E Craig compreendera que, se os Marceau fossem atingidos, também ele o seria, bem como todos os outros.

Depois de ter raciocinado assim, Craig tomara uma decisão e agira de acordo com ela. Pegara no telefone e ligara para o quarto deles.

Ninguém lhe respondeu. Esta derrota pareceu-lhe tornar o caso mais urgente. Saltara da cama e rabiscara um bilhete pedindo a Denise e a Claude Marceau que se encontrassem com ele ao almoço, no dia seguinte, no Jardim de Inverno, dando a entender que tinha a tratar 536

com eles um assunto de especial interesse para ambos. Chamara então o groom e mandara pôr o bilhete na caixa do correio deles.

Ao acordar, na manhã seguinte, o convite feito aos Marceau para almoçarem com ele continuava a parecer-lhe acertado e não o desfizera.

Depois de se vestir, tomara o café na sala de estar, satisfeito por Leah ter saído cedo. Desejaria passar aquele bocado com Emily, mas recordou-se de que ela também tinha de sair e de que jantariam juntos nessa noite. A perspectiva de estar só com Emily aumentava-lhe o desejo, havia muito adormecido nele, de agradar e de causar boa impressão num ser do sexo oposto. Isto trouxe-lhe à ideia um dever aborrecido: o discurso de agradecimento que era obrigado a proferir durante a cerimónia do dia 10, depois de Ingrid Pahl o ter apresentado, perante o rei, a um vasto público reunido na Sala de Concertos.

Habitualmente, explicara-lhes Jacobsson, os discursos dos laureados eram proferidos depois da cerimónia, no Salão Dourado da Câmara Municipal. Porém, desta vez, em virtude de o rei ter de partir agora para o campo imediatamente após a entrega dos prêmios, o programa fora alterado e os discursos antecipados para a tarde, em atenção a Sua Alteza Real. Uma vez que estes discursos costumavam ser muito lidos e citados, Jacobsson tratara de chamar a atenção de Craig para a necessidade de se preparar devidamente. Enviara-lhe pelo correio os discursos proferidos noutros anos por alguns laureados, em parte para lhe servirem de modelo, em parte como uma maneira delicada de lhe lembrar o aviso. Craig recebera-os na manhã anterior, pusera-os de lado sem quase ter olhado para eles, adiando assim a enfadonha tarefa de compor o seu discurso.

Nessa manhã, porém, depois do pequeno almoço, pensando em Emily, que estaria presente na cerimónia e a quem gostaria de causar boa impressão, pegara nos discursos dos seus predecessores e lera-os todos atentamente.

O discurso de Eugene O'Neill, escrito em 1936, despertou-lhe certo interesse. Uma nota à margem explicava que O'Neill, convalescente de uma perfuração do apêndice, não pudera assistir à cerimónia de Estocolmo, mas mandara o discurso para ser lido. Nele, o autor atribuía grande influência na sua carreira à personalidade de August Strindberg: «Se o meu trabalho contém algum valor perdurável», escrevia O'Neill, «deve-se ao impulso original que dele recebi e que continuou a inspirar-me nos anos seguintes, até conhecer a ambição de seguir as pegadas do seu génio o mais honestamente possível, tanto quanto o meu talento o permitisse, com a mesma integridade e os mesmos objectivos.» Percebia-se nele um tom de sinceridade, segundo pareceu a Craig. Não poderiam as suas palavras ser consideradas como lisonjas aos suecos, visto que a Academia não fizera caso de Strindberg e considerara o seu nome excomungado até então.

537

A seguir, Craig pegou no discurso que Camus fizera em 1957.

Houve um parágrafo que leu e releu: «Provavelmente, cada geração considera-se encarregada de reformar o mundo. Contudo, a minha sabe que não o poderá reformar. Mas a sua tarefa talvez seja maior ainda, pois esta consiste em evitar que o mundo se destrua a si próprio.

Como herdeira de uma história corrupta, na qual se misturam revoluções devastadoras, com técnicas mal aplicadas, deuses mortos com ideologias gastas, em que as forças inferiores podem destruir tudo num momento, embora sejam incapazes de nada conquistar, e a inteligência se curva a servir o ódio e a opressão, esta geração, partindo apenas das suas próprias negações, teve de restabelecer, tanto dentro como fora de si, um pouco daquilo que constitui a dignidade da vida e da morte. Posta diante de um mundo ameaçado de desintegração, no qual os nossos grandes inquisidores podem erguer num momento, defronte dos olhos de todos, o espectro da

morte, esta geração sabe que, numa espécie de corrida louca contra o tempo, deve restabelecer entre as nações uma paz que se não baseie na escravatura, deve reconciliar de novo o trabalho com a cultura e reconstituir com todos os homens uma nova Arca de Noé.»

Do esplendor realista das frases de Camus, Craig passou para a força corajosa, otimista e incaracterística de Faulkner, no discurso que proferiu em 1949: «Recuso-me a acreditar no fim do homem», declarara ele na cerimónia oficial. «Torna-se demasiado fácil dizer que o homem é imortal apenas porque resiste; que, quando o som da última balada da condenação ressoar e se for extinguir contra a derradeira rocha inútil e seca, a flutuar na suprema tarde rubra e moribunda, então ouvir-se-á ainda outro som além deste: o da voz do homem, débil e inextinguível. Quanto a mim, recuso-me a aceitar isto.

Eu acredito que o homem não resistirá apenas, mas que ele prevalecerá.

O homem é imortal, não só por ser a única, entre todas as criaturas, a possuir uma voz inextinguível, como também porque possui uma alma, um espírito capaz de compaixão, de sacrifício, de resistência.

É dever do poeta e do escritor escrever acerca destas coisas. É privilégio deles ajudar o homem a resistir, animando-o, recordando-lhe a coragem, a honra, a esperança, o orgulho e a compaixão, a piedade e o sacrifício que fizeram a glória do seu passado...»

Muito tempo depois de Craig ter posto de parte o discurso de Faulkner, ainda a majestade das palavras do seu predecessor lhe enchia os ouvidos. Ficou imóvel, dominado por aquele que possuía a força de se erguer para desafiar o Destino. Finalmente, porque não podia fugir a isso e por causa de Emily, que estaria presente para o julgar, Craig tentou preparar o seu próprio discurso.

«Alteza Real», escrevera ele. «Minhas Senhoras e meus Senhores.»

Escreveu isto, e nada mais. Não era a eloquência brilhante de Camus ou de Faulkner que lhe tolhia a mão, embora as palavras destes o ini-538

bissem um pouco. Era antes a segurança e a autoridade com que falavam. Porque, a despeito de todos os progressos que fizera desde a chegada à Suécia, Craig não se sentia ainda seguro do seu papel, do seu valor, da sua integração na época. Não se libertara ainda concretamente dos «reinos da morte» de Camus. Suspeitava, ao contrário de Faulkner, de que o homem se poderia dar por muito feliz se conseguisse resistir, quanto mais prevalecer.

E no momento em que ia começar a tentar explorar aquilo em que realmente acreditava, ouviu a porta abrir-se e viu entrar Leah, com os braços carregados de embrulhos.

Já era tempo de te encontrar levantado, Andrew dissera ela. Depois, reparando no lápis que ele tinha na mão, acrescentara: Não me digas... deixa-me adivinhar. Estás a escrever!

Craig espreguiçara-se e atirara com o lápis para cima da mesa.

Nada disso. Estava apenas a tirar algumas notas.

Ela pousara os embrulhos sobre uma cadeira.

Tenho de me despachar se não quiser chegar atrasada. Dirigiu-se para o quarto de dormir. Marta Norberg convidou-me para almoçar.

Craig prestou imediatamente atenção.

Quem? A Norberg?

Sim. Que tem isso de extraordinário? Ela é muito simples e simpática quando a conhecemos de perto.

Onde a conheceste tu de perto?

Leah mostrou-se irritada.

Meu Deus, Andrew, que memória a tua! Conhecia anteontem, no jantar do Hammerlund. Estive muito tempo com ela.

Ah, sim. E estivera quase a acrescentar: «Ela disseme.» Mas calou-se a tempo.

Na verdade prosseguiu Leah , falámos muito de ti. Ela queria saber o que estavas a escrever neste momento e eu falei-lhe no teu novo livro. Parece-me ficar muito interessada em extrair dele um filme ou uma peça. com certeza vai falar-te nisso.

Craig não respondeu. Perguntou apenas: Quando foi que ela te convidou para almoçar?

Quando? Mas... no jantar do Hammerlund. Disse-me que havia um restaurante estupendo chamado... tem um nome esquisito... Bacchi...

Bacchi Wapen, e queria que eu o conhecesse. Tenho a certeza de que o que ela quer é falar de ti. Acho que lhe causaste uma grande impressão. Tudo isto é maravilhoso: esta excitação, toda esta gente... Olhou para o relógio. Meu Deus. Estou atrasada. Não quero de forma alguma fazer esperar Marta Norberg.

Correu para o quarto e, a partir daí, Craig sentiu-se pouco à vontade.

Começou a cogitar nas consequências daquele almoço. Marta Norberg fizera o convite provavelmente para se informar acerca dos

539
projectos dele, e depois, para adiantar, tomara a iniciativa de telefonar para Nova Iorque. Agora, Leah já lhe não era precisa para nada e, no entanto, não desfizera a combinação. Que teria ela em vista? Seria capaz de falar a Leah dos acontecimentos da noite anterior? E, se assim fosse, que lhe diria?

As perguntas continuaram a baralhar-se-lhe no cérebro, enquanto descia para o átrio, no elevador, e depois, enquanto esperava pelos Marceau. Mas o seu espírito estava muito longe deles, da finalidade que o levava ali, e por isso tentava recordar-se claramente do que tencionava dizer-lhes.

Dispusera apenas de meio minuto para pensar quando viu aproximar-se Denise Marceau, sozinha, com um fato saia-e-casaco cor de antracite, que a fazia parecer mais forte do que habitualmente.

Craig pôs-se de pé, para a cumprimentar com o seu sorriso mais mundano, enquanto ela correspondia e aceitava a cadeira que o escritor lhe oferecia. A seguir, pousou automaticamente sobre a mesa a carteira e as luvas.

Foi muito amável da sua parte ter-nos convidado,. Mr. Craig.
Mas espero que não leve a mal vir eu sozinha.

De maneira nenhuma, pelo contrário.

O Claude, coitado suspirou ela , não sabe recusar um convite. Tinha-se comprometido a irmos falar nas Sociedades Reunidas e eu estava a pedir a todos os santos que surgisse qualquer pretexto para lá não pôr os pés. Devo-lhe esse favor. Estou-lhe duplamente agradecida, por isso e pelo convite para o almoço. Claude lá foi, furioso comigo e encarregando-me de lhe apresentar as suas desculpas.

E eu aqui estou, toda satisfeita. Não será abuso pedir-lhe que me ofereça qualquer coisa de beber? Um cocktail Bacardi, por exemplo.

Recomende bem que é cocktail, senão trazem um Bacardi simples.

Craig chamou o criado e pediu um cocktail Bacardi e um whisky duplo. Depois acendeu o cigarro de Denise.

Muito bem, Mr. Craig começou ela, deitando o fumo pelo nariz. Devo-lhe, em primeiro lugar, uma explicação.

Porquê?

Nunca li um livro seu. Não é uma vergonha? Não costumo ler romances, a não ser os clássicos franceses. Temos de manter em dia a leitura de tantos jornais científicos! Quando soube que você ganhara o Prêmio e que nos íamos encontrar aqui, resolvi comprar as suas obras e lê-las com toda a atenção, para, no caso de acontecer ficarmos ao pé um do outro em qualquer ocasião, eu poder fazer-lhe um comentário inteligente sobre os seus romances. Mas aqui estou eu ao pé de si e não tenho nada para lhe dizer.

A boa disposição dela surpreendeu Craig. Das poucas ocasiões em que a vira antes, parecera-lhe bastante enervada e abatida. Mas, agora, surgia-lhe inteiramente transformada e senhora de si.

540

. Está perdoada retorquiou ele. Afinal, que sei eu acerca dos espermatozóides?

. Então estamos quites respondeu ela, enquanto o criado lhes colocava os copos na frente. Ergueu o copo do cocktail.

Liberte, Égalité, Fraternité.

Ele tocou o copo dela com o seu.

Entente cordiale disse. Beberam ambos, e depois Craig acrescentou: Na realidade, quero falar-lhe de um assunto. Foi essa a principal razão de eu vos ter convidado para almoçar.

. O seu bilhete pareceu-me muito misterioso.

- Não era essa a minha intenção, mas trata-se de um assunto pessoal, que diz tanto respeito a si como ao seu marido.

Pela primeira vez, Denise pôs-se muito séria, de sobrancelhas cerradas.

O que tem para me dizer?

O seguinte: na noite passada estive por acaso com uma senhora que é amiga íntima de Hammerlund. O seu nome não interessa. Mas o que ela me disse interessa muito. Para começar, seja qual for a sua opinião, Hammerlund não é um sujeito recomendável.

Ela encolheu os ombros.

E então? Claro que não é boa peça. Eu teria mais confiança em Judas IsCarlote ou em Rasputine do que nele. Mas que tem esse homem a ver connosco?

A tal senhora que estive a falar comigo conhece todos os vossos segredos e falou-me de certas pretensões de Hammerlund, um projecto, se prefere, de conseguir que você e o seu marido trabalhem para ele.

Que ridículo!

Está na disposição de explorar o campo dos alimentos sintéticos, de bater toda a gente, de forma a poder dominar o mercado mundial.

Eu ouvi as loucuras dele a esse respeito. Não faz segredo.

Bem continuou Craig. Ele parece ter a certeza de que pode convencê-los, a si e ao seu marido. Deram-me a entender que você estaria já interessada nos trabalhos de um dos químicos. E ele parece convencido de que... tem os meios necessários para... como direi?...

para vos convencer... sim, para vos convencer a ambos... de que têm todo o interesse em o ajudarem.

Denise riu-se.

Mas isso é impossível. Nós não lhe demos a mais leve esperança nesse sentido, nem eu nem o meu marido. Ele esteve a sondar-nos, com as suas maneiras subtis, mas sem resultado, asseguro-lhe.

Que interesse teríamos nós em colaborar com um homem horrível como aquele?

Craig mordeu nervosamente os lábios.

Acho que devo dizer-lhe uma coisa. Pode ser-lhe útil sabê-la 541 e talvez venha lançar uma nova luz sobre as intenções dele. Disseram-me que a casa de Hammerlund está cheia de microfones que registam todas as conversas particulares dos convidados, em todos os quartos e ao telefone. Em resumo, tudo o que se disse, durante aquela festa, todas as nossas palavras estão na posse dele.

A alegria desaparecera da face de Denise.

Fils de putain murmurou entre dentes.

É precisamente essa a minha opinião acerca dele.

Portanto, já sei o que você me quer dizer. É qualquer informação a respeito do meu marido, não é verdade?

Bem...

Claro. Ele sabe da aventura do meu marido com um manequim de Paris. Falaram-lhe disso? Foi isso que lhe disseram?

Acho que sim, doutora Marceau. É uma situação embaraçosa, a minha, mas pensei que devia ser franco consigo, e, uma vez que o caso do doutor Claude já era do seu conhecimento. . que diabo, não cometi nenhuma inconfidência...

O meu marido que vá para o Diabo! disse de súbito Denise.

É a minha pessoa que está em causa.

Não ouvi dizer nada a seu respeito.

Não assentiu ela, concentrada , porque o que se me refere é demasiado recente. Você disse que todos os quartos da casa têm microfone?

Foi isso que me afirmaram.

O laboratório que fica nas traseiras, também?

Disso não me lembro.

Não interessa. Também devia ter. Bem .. De súbito, ela sorriu e olhou para Craig. Ontem proporcionei ao senhor Hammerlund uma manhã em cheio. Não me importo de lho revelar, uma vez que já é do conhecimento de meu marido. Na verdade, talvez até me possa ajudar. É um escritor famoso e deve perceber bastante de enredos...

Os meus livros nem sequer acabam bem, doutora Marceau.

Mas eu arrisco-me, mesmo assim. Bem vê, Mr. Craig, eu construí uma intriga. Não sei se acabará bem. Provavelmente, acaba mal. Mas sinto orgulho do meu poder imaginativo.

Acha que faz bem em ma contar?

Claro que faço. Se ela já é do conhecimento de um inimigo, porque não há-de sabê-la um amigo? Sorveu um gole de Bacardi e depois pousou o copo. O meu marido encontrava-se desocupado depois de ter trabalhado longos anos no nosso projecto. Era inevitável, quando se chega àquela idade fazer uma asneira. Encontrou um modelo de Balenciaga, uma rapariga esperta e com pouca moral, que viu nele uma presa fácil e o seduziu. A coisa durou um mês ou dois, não sei bem, e ainda não terminou. A rapariga chega amanhã de avião 542

e Claude vai encontrar-se com ela. Já pode ver que está resolvida a afastá-lo de mim. Não tenho a certeza de que ele mereça ou não que eu lute por o conservar, mas neste momento estou resolvida a isso.

De que maneira? De que meios dispõe uma mulher? Nada do que eu lhe disse o conteve ou afastou dessa rapariga. Vi então que só me restava uma esperança: fazer contra-fogo. Está a perceber?

Não percebo muito bem retorquiou Craig.

Fazer o mesmo que ele e tentar que tenha ciúmes de mim.

Estou a ver.

Ele é orgulhoso. Tem o sentido da posse, ou pelo menos tinha dantes, e é com isso que eu vou jogar. Recorda-se do doutor Oscar Lindblom, no jantar do Hammerlund?

Não estou certo...

O principal químico do Hammerlund, um rapaz sueco, alto e magro...

Sim, agora me lembro.

Ontem, com o pretexto de estar interessada nos estudos sobre os sintéticos (acho que é nisso que o Hammerlund pretende a minha ajuda), fui visitar o Lindblom ao laboratório. Mostrei-me absolutamente descarada e seduzi o pobre rapaz. Talvez não queira crer. Sei que não tenho um tipo de sedutora.

Craig esforçou-se por não dar mostras de espanto nem desaprovação.

Mas parecia-lhe incrível imaginar aquela mulher, uma cientista calma, intelectual, uma senhora quase madura, a seduzir um homem e a cometer adultério.

Não percebo para que estive com tanto trabalho, a não ser que o rapaz lhe interessasse observou Craig.

Ele não vale nada, é uma criança, mas eu tentei puxar por ele, de modo que ele venha a sentir e a mostrar a toda a gente, sobretudo ao Claude, que é um homem merecedor do meu interesse. Caso

contrário, o meu plano será um fiasco. Vou agora revelar-lhe o resto da intriga que planeei. Se lhe encontrar algum ponto fraco, peço-lhe que me dê os seus conselhos de profissional. Esta noite, o Claude vai a Upsala. Eu convidei o doutor Lindblom para ir ao meu apartamento tomar qualquer bebida, em seguida ao jantar, e prosseguir na nossa aventura. O plano é este: vou ter bebidas preparadas a fazer que ele beba mais do que está habituado, para que se torne mais... mais...

para que sinta menos receio. E antes do jantar, está claro, levo-o para a minha cama. No fim, digo-lhe que não se vista, que enfie apenas o pijama do Claude, de forma a podermos estar outra vez juntos depois do jantar. Chamo o criado que serve os quartos para trazer a ementa. E farei as coisas de maneira que ele possa ver claramente o doutor Lindblom: depois de escolhido o jantar, vou com o criado até ao corredor e dou-lhe uma gorjeta choruda em troca de um favor: digo-lhe que o doutor Lindblom é meu marido e que faz anos no dia 543

seguinte. Eu quero dar-lhe um presente, fazer-lhe uma surpresa, que será uma garrafa do seu champanhe preferido. Entrego dinheiro ao criado e peço-lhe que ma compre e traga no dia seguinte, recomendando-lhe que não a entregue a mais ninguém senão ao doutor Lindblom.

Aviso-o de que podem estar ali visitas e que ele deve tocar à campainha, entrar e dar a prenda só ao doutor Lindblom, pois se trata de uma surpresa para ele. Está a ver o resultado?

No dia seguinte, o criado encontra o seu marido em lugar do doutor Lindblom.

Precisamente. E então julga-o um visitante, pensa que o meu marido não está e recusa-se a entregar a encomenda a Claude, dizendo que voltará depois para a dar ao destinatário. O que se segue acho que se pode prever, matematicamente: Claude vai agarrar o criado pela gola do casaco ou faz-me um interrogatório

cerrado, a fim de descobrir quem era o outro homem. Será uma cena horrível. Em face da violência dele, ver-me-ei obrigada a confessar a minha infidelidade. Então, de duas uma: se o Claude estiver perdido para mim, isto apenas apressará a separação. Caso contrário, fá-lo-á cair em si, ter ciúmes, avaliar o que me tem feito sofrer, e talvez (isto é apenas uma hipótese), talvez volte de novo a ser-me fiel. Portanto, já vê, Mr. Craig, que Hammerlund não tem nenhum trunfo para fazer chantagem comigo. Que pode contra mim? Ameaçar-me de me desmascarar perante Claude ou de o desmascarar a ele perante mim? O caso do Claude já é meu conhecido. Quanto ao meu marido, Santo Deus!

Quem me dera que ele o saiba! Voilá. Aí tem! Recostou-se para trás e bebeu mais uns goles do cocktail. Agora já sabe o meu famoso plano. Vê nele alguma falha?

Craig ficara inteiramente desconcertado com a franqueza dela.

Falava de si própria, do marido, do amante, da amante do marido, como se se tratasse de fantoches que ela estivesse a manejar. Era difícil tomar o caso a sério, de tal modo se assemelhava às tradicionais comédias de costumes gauleses. No entanto, Craig duvidava agora da sua convicção e percebia no meio de tudo aquilo um desespero mal contido.

Uma falha repetiu ele. Sim, parece-me que estou a ver uma.

Ela curvou-se vivamente para diante.

Então, diga lá!

Ninguém pode combater o fogo com o próprio fogo disse ele simplesmente. Você é cientista, deve sabê-lo. O fogo alimenta o fogo, não o apaga. Você pode vingar-se, destruí-los, isso não o nego, mas falou em salvar o seu lar. E eu não acredito que seja essa a maneira de o conseguir. Eu, por mim, não escreveria esse romance porque está psicologicamente errado. Queria o meu conselho, doutora Marceau, aí o tem.

Ela não esperava semelhante resposta e parecia agora menos senhora de si, menos alegre.

Mas então que queria você que eu fizesse? Que ficasse muito quietinha enquanto ele se agarrava cada vez mais a essa sem-vergonha?

Isso foi o que eu fiz a princípio.

Pois eu diria que era melhor continuar por mais um tempo.

Deixe-se estar quieta, siga a sua vida com dignidade e talvez isso o encha de remorsos, mais do que qualquer outra coisa. Mas seja superior a ele a faça-o sentir-se inferiorizado. Espere que ele se canse da outra. Há muitas possibilidades de que volte para si, arrependido, e que seja apenas a necessidade de se afirmar que o faz prolongar por mais um dia, ou mais um mês, essa aventura que não está na sua maneira de ser.

E se nunca mais voltar para mim?

Tem de correr esse risco, claro. Mas o que você está a fazer agora parece-me muito mais arriscado. Os homens são mais exigentes em questões de moral do que as mulheres. Logo que ele seja informado do seu procedimento, nunca mais olhará para si com os mesmos olhos. Não só você desceu ao nível dele, perdeu a superioridade que ele hoje lhe atribui, como também se rebaixou. Também você passará a sentir-se uma pessoa diferente.

O senhor não é uma mulher, para saber isso, Mr. Craig.

Pois não sou, não. Contudo...

Os homens vêem as coisas de outra maneira. Eu não me sinto hoje diferente do que era ontem, e nunca me sentirei. Só o verdadeiro amor modifica as pessoas, causa estragos irreparáveis, e não um encontro sem importância.

Talvez seja essa a atitude dos franceses. Eu só lhe posso dar a minha opinião a partir dos meus antecedentes americanos e calvinistas.

É preciso que me compreenda, Mr. Craig. Durante tantos anos que estive casada, nunca enganei ou mostrei falta de respeito por meu marido. Antes de casar, antes de saber que existia no mundo um homem como o Claude, tive várias aventuras de estudante. Não se tratava apenas de simples apetites carnis. Pois, a despeito do que se possa ter ouvido dizer das francesas, muitas de nós somos criadas com severos princípios de moral e muito pouca liberdade, como verdadeiras católicas. Essas rápidas aventuras amorosas pode dizer-se que fizeram parte do meu processo de crescimento, tal como a menstruação ou o desenvolvimento do busto. Eram manifestações de maturidade, uma forma de tirar a prova se sentíamos ou não as mesmas coisas que os poetas e os romancistas descreviam. Porém, quando me tornei adulta e conheci Claude, nunca mais existiu para mim outra pessoa, nem sequer em sonhos. Para quê? No meu entender, o casamento era um contrato que não se devia quebrar levemente, 545

que não se devia quebrar nunca. Além disso, não havia necessidade de cometer infidelidades, pois nada de novo podíamos experimentar ou provar. Havia o Claude, havia o nosso trabalho, e isso era quanto bastava para toda a eternidade. Porém, uma vez terminado o nosso trabalho, uma vez que já não havia Claude, que me restava, a mim, à mulher escrava e sem interesse, senão um contrato cujo valor se perdera?

Calou-se, e Craig riscou um fósforo para lhe acender outro cigarro.

Você referiu-se ao trabalho disse ele. Não seria possível reencontrar o interesse num novo trabalho e...

Um novo trabalho? Assim, sem mais nem menos? O senhor devia saber como as coisas se passam, Mr. Craig. Um escritor será assim tão diferente de um cientista? Não somos nós que procuramos o trabalho, é ele que vem ao nosso encontro. Talvez de futuro nunca mais nada surja no meu caminho. Se tal acontecer sem Claude,

ficarei duplamente viúva. E isso excederia a minha capacidade de resistência. Portanto, a única saída que vejo é lutar para conservar o Claude. Sorveu avidamente o fumo do cigarro e recostou-se na cadeira. Ainda não concorda com o meu plano, Mr.

Craig?

Craig juntou as mãos.

Que quer que lhe diga? A crítica sem compromisso contém pouca sinceridade. A verdade é que eu tenho a sensação de que o seu plano nunca resolverá nada, nem num sentido nem noutro. A solução virá de outra maneira.

Então que venha, seja lá como for declarou ela. Quem aceita não escolhe. Mas eu não posso estar à espera de milagres. Tenho de ir para a frente.

Pois então desejo-lhe felicidades. E, se de alguma forma pude ser-lhe útil...

Já me foi muito útil. Hei-de ler os seus livros. Olhe, vieram trazer a ementa. Que será friterade sjölung's fileer med remouladesas?

Craig fez sinal ao criado e depois, com o auxílio deste, escolheram o almoço. com excepção dos arenques de salmoura, da salada e dos cogumelos, recusaram o smorgasbord e mandaram vir um filete de linguado, com dois copos de brännvin gelado.

Logo que o criado se afastou, aproximou-se deles um homem. Craig e Denise ergueram os olhos e viram na sua frente o Dr. Garrett. As suas feições traduziam a habitual ansiedade. Até a mancha roxa debaixo do olho direito parecia estremecer, e estava constantemente a dar beliscões no tecido grosso do seu fato cinzento.

Achei melhor avisá-la, doutora Marceau, de que estão a chamar por si no vestíbulo. Parece que há uma chamada telefónica.

Oh, obrigada, doutor Garrett. Denise levantou-se e disse a 546

Craig: Desculpe-me por um momento. E lá foi, apressadamente, por entre as mesas.

Garrett ficou de pé, como quem procura alguém na sala cheia de gente. Por fim, voltou a sua atenção para Craig.

Conhece por acaso Sue Wiley? É...

Conheço-a muito bem respondeu Craig. E acrescentou:
Infelizmente.

Não a viu por aqui?

Não vi, nem desejo vê-la.

Ela ficou de se encontrar comigo declarou Garrett. Tinha um almoço não sei onde, uma entrevista aqui, e prometeu que falaria comigo durante uns minutos. Talvez se tenha demorado mais em qualquer parte.

No seu lugar, não me preocupava. Se é para interesse dela, pode estar certo de que não tarda por aí.

Garrett pareceu subitamente inquieto.

Que quer dizer com isso: «Se é para interesse dela»?

Que quero dizer? Nada de especial. Simplesmente, você é um laureado e ela tem explorado ao máximo os laureados, os actuais e os nossos predecessores, de modo que não perderia certamente uma oportunidade de se encontrar com qualquer de nós. Porque não se senta?

Faça-nos companhia até ela aparecer.

Se não se importa... E Garrett ocupou a cadeira da frente, de modo a prescrutar atentamente o átrio de instante a instante. Depois voltou-se para Craig.

Você não gosta da Sue Wiley, pois não?

Acho que fui bem claro a esse respeito.

Não confia nela absolutamente em nada? Reconheço a sua ânsia de sensacionalismo, mas ela goza de uma certa fama; tem, pelo menos, atrás de si, uma grande organização e a imprensa possui uma certa integridade.

Eu não confiaria nela em caso nenhum respondeu Craig com segura.

Isto pareceu enervar Garrett.

Mas eu acho que... em certos casos... Por exemplo, já li muitas vezes casos em que alguns repórteres preferem ir para a cadeia um dia ou dois a revelarem as suas fontes de informação. Miss Wiley afirmou que isso já lhe acontecera a ela.

Não acredito. Não acho Miss Wiley capaz de ir para a cadeia nem que fosse para proteger a própria mãe.

Você o que está é sentido com ela.

Isso é verdade afirmou Craig.

Todos nós temos lados bons e lados maus... declarou Garrett.

E todos nós, por vezes, acreditamos naquilo que mais nos convém...

retorquiu Craig. Não sei qual o assunto que você quer 547 tratar com ela. Mas acho melhor que se prepare para lhe dar uma explicação da nódoa que tem no olho.

Garrett tocou na ferida.

Tem muito mau aspecto?

Não teria em qualquer outra pessoa. Mas num laureado com o Prêmio Nobel pode dar azo a perguntas.

Garrett torceu-se na cadeira.

Acho que tem razão. Hei-de pensar numa resposta. Hesitou e prosseguiu: Nunca tive oportunidade... isto é, acho que já devia ter agradecido a sua intervenção naquela cena da outra noite. Foi uma loucura. Eu não devia ter bebido.

Ainda bem que eu estava ali respondeu Craig. Ele é uma bisarma, podia tê-lo matado.

Garrett não respondeu logo. Depois disse: Pois podia, mas primeiro matava-o eu.

Não lhe pergunto quem começou. Só o que não posso conceber é por que diabo dois... digamos a palavra, dois homens célebres, arriscam a sua reputação...

Mr. Craig interrompeu Garrett , há momentos em que não se pensa nas consequências. O primeiro instinto de um homem é o da conservação. Isto foi fruto do instinto de conservação, de certo modo um impulso de autodefesa.

Fiquei com a impressão de que foi você quem atacou.

Nessa noite, sim, confesso a minha culpa. Mas como uma justificação moral. A provocação inicial partiu do Farelli. Ele roubou a minha descoberta e, como se não bastasse ter-me tirado indevidamente metade do Prêmio, agora quer apanhá-lo todo.

O criado apareceu com os dois pratos do smorgasbord e Garrett parou de falar.

A senhora volta já explicou Craig ao criado. Depois perguntou a Garrett: Quer almoçar connosco?

Este abanou a cabeça.

Não tenho apetite. Falava de modo distraído, como se estivesse a cem léguas dali, e, no momento em que o criado se afastou, dirigiu-se vivamente a Craig: Creio que posso ser franco consigo.

Preciso absolutamente de quem me aconselhe.

Eu próprio não sei, às vezes, o que hei-de fazer à minha vida, quanto mais aconselhar os outros! respondeu Craig, enquanto debicava com o garfo na salada.

Quero dizer que, além da minha mulher, você é a única pessoa que sabe desta questão com o Farelli.

Craig lembrou-se de Marta Norberg e de Ragnar Hammerlund, mas calou-se.

Debato-me com um problema terrível, Mr. Craig. Ora tomo uma resolução, ora acho que não estou bem seguro dela. Para lhe confes-

548

sar a verdade, e isto aqui entre nós, cheguei mesmo a fazer um telefonema ao meu psicanalista da Califórnia, a noite passada, um telefonema intercontinental. O ano passado trabalhei de mais e tive

um esgotamento. Ando a fazer psicoterapia em grupo, com o doutor Keller, que me tem sido de um grande auxílio, resolvendo ..

Bem, acho que eu nunca poderia aconselhá-lo melhor do que ele.

O doutor Keller tinha saído. Vai estar ausente durante dois dias.

E agora sou forçado a tomar uma decisão imediata. Acabara de a tomar quando telefonei a Sue Wiley, e dizer-lhe para se encontrar aqui comigo, mas, de súbito, sinto-me de novo indeciso.

Craig sentia relutância em ver-se envolvido numa luta interior: porém, o facto de Garrett ter mencionado Sue Wiley conferia ao caso um aspecto perigoso. (

Qual é o problema? inquiriu. Vai dizer-lhe que Farelli lhe deu um soco? '

Não, não. Nada disso. Muito mais grave...

De que se trata, então?

Garrett meteu a mão no bolso e tirou de lá uma folha de papel escrito à máquina. Desdobrou-a e estendeu-a a Craig. |

Leia isto. '

Distraidamente a princípio, depois com mais atenção, Craig foi lendo aquilo que se intitulava. Relatório do Instituto Experimental Alemão para a Medicina na Aviação e estava assinado: Dr Rascher, 3 de Abril de 1944. O nome de Farelli quase lhe passou despercebido na primeira leitura, mas depois viu-o claramente e leu o documento pela segunda vez.

Em seguida ergueu os olhos.

Que é isto? Se é o que penso, estes foram os médicos enforcados em Nuremberga por terem realizado experiências em seres humanos!

Precisamente. Todos os aliados de Hitler cooperaram no caso enviando-lhe médicos, e Farelli foi um deles. Está aí, com todas as letras.

Craig olhou para o papel que tinha na mão.

Onde foi você buscar isto?

É autêntico. Um amigo meu, do Instituto Caroline, escreveu estas notas segundo uma fotocópia que vira. Quando a gente do Prêmio Nobel estava a investigar a candidatura de Farelli (os mesmos que in- |

vestigaram a minha), encontraram isto na biografia de Farelli, no período que respeita à guerra, Ouvi dizer que ele era antifascista, e que até estivera preso...

Isso foi uma fase disse Garrett, muito excitado, como se sentisse feliz com a degradação do seu rival , e mais tarde bem, você leu, virou a casaca e foi a Dachau colaborar com esses médicos assassinos que torturavam e acabavam por matar prisioneiros indefesos.

549

Craig deixou cair o papel sobre a mesa.

Não posso acreditar nisto declarou.

Mas está aí insistiu Garrett, teimoso.

Craig olhou para o rosto radiante e descomposto de Garrett e ficou espantado.

Então é esta... esta falsa prova que você vai oferecer a Sue Wiley?

Bem, eu pensei... eu pensei que seria de justiça...

É esse o seu problema? prosseguiu Craig. fazê-lo ou não o fazer? É acerca disso que você quer tomar uma decisão?

Já a tomei...

Mas não está absolutamente seguro. A sua consciência atormenta-o.

Por isso deseja que outra pessoa, o seu psicanalista, eu, seja quem for, lhe dê a sua aprovação, de modo que você não se sinta só.

Bem, não é só isso...

Quer um conselho? perguntou Craig.

Quero, foi por isso mesmo que lhe mostrei...

Não faça nada declarou Craig com toda a convicção que pôde assumir. Rasgue este papel e esqueça isto.

Mas...

Digo-lhe que não pense nisto. Que espécie de vingança é esta... liquidar um cientista eminente... liquidá-lo por completo, em resposta a um soco?

Não se trata, de modo algum, de uma vingança protestou Garrett.

Que é então?! Justiça? Deixe-se de coisas! Quem o nomeou a si juiz de toda a humanidade? Se um informador do Comité Nobel, um homem inteligente e equilibrado, achou por bem rejeitar este facto depois de o haver ponderado, por que motivo irá você opor-lhe o seu veto e sobrepor o seu juízo preconcebido e interessado ao de um perito? Quem é o senhor para fazer uma coisa destas?

Garrett começou a tremer.

Um criminoso deve ser punido disse em voz tão alta que várias pessoas das mesas vizinhas se voltaram para os observar.

Craig baixou a voz.

Você está a condená-lo à morte sem julgamento. Entregar este documento duvidoso a Sue Wiley equivale a dar a uma criança de cinco anos uma pistola carregada e dizer-lhe que vá brincar aos cow-boys com os outros rapazes. Ela vai espalhar isto aos quatro ventos.

É a ruína total de Farelli.

Se ele a merece...

E se ele não a merece? Se conseguir provar que isto é um engano?

Quem se lembra de prestar atenção a reabilitações? Não merecem as honras dos cabeçalhos dos jornais. Para o resto da vida, por mais inocente que esteja, Farelli será sempre o colaboracionista nazi que

550
ajudou à matança de Dachau. Craig tentava impressionar o homem que tremia na sua frente com o que fosse, mesmo com a lisonja.

pr. Garrett, tente ver-se a si próprio com os olhos dos outros. Você hoje é um homem mundialmente célebre, com Farelli ou sem Farelli.

É conhecido, respeitado, aplaudido, com toda a razão. A sua descoberta é uma das mais notáveis da história. Não precisa de se rebaixar até à difamação para firmar o lugar que lhe é devido. Não compreende isto?

Mas se eu deixar um criminoso...

E quem o considera criminoso, além do senhor?

Garrett apontou para a folha de papel que se encontrava entre ambos.

A prova é evidente...

É circunstancial acentuou Craig, sublinhando as palavras. ,]

O senhor estava lá? Viu alguma coisa? Falou com testemunhas ido-neas? Ouviu a versão de Farelli? Não, tenho a certeza. Tudo o que você tem é uma folha de papel. Arrancou-lhe esta das mãos e leu uma linha: «Dr. C. Farelli, de Roma.» Olhou-o fixamente.

Acha suficiente, doutor Garrett? Farelli é um nome italiano, tal como l Carlo, e ambos vulgares. Podem existir inúmeros Carlo Farelli em toda a Itália. Alguns deles, médicos. Há inúmeras coincidências. Sucedeu muitas vezes que homens inocentes ficaram a sofrer a vida inteira só porque as pessoas se recusaram a acreditar em coincidências.

Recordo-me de ter lido um dia a história de um caso célebre, uma história verdadeira e lamentável. O homem chamava-se Adolf Beck e foi vítima de provas circunstanciais e de testemunhas falsas. Nos [

fins do século, um tal Dr. John Smith foi preso por roubar jóias a senhoras. Meteram-no na cadeia e depois soltaram-no. Passados anos, deu-se uma série de roubos semelhantes, e um químico norueguês, residente em Londres, chamado Adolfo Beck, foi preso e identificado por dez mulheres, mas o que realmente o condenou foi a ficha do Dr. John Smith. As feições de Beck, as cicatrizes, a letra, eram , idênticas às do Dr. Smith, e por isso o condenaram a seis anos de prisão. Protestou a sua inocência em várias petições, sem resultado.

Posto em liberdade em 1901, creio eu, passados três anos estava de novo preso por ter roubado jóias pela terceira vez, embora ele continuasse a afirmar a sua inocência, dizendo que era tudo um engano de identidade. Então, após longos trabalhos, houve duas coisas que salvaram Beck. Encontrou-se uma informação acerca do verdadeiro Smith, que há muito estava perdida, na qual se dizia que Smith era circuncidado. Beck foi examinado e não era circuncidado. Depois vieram a prender um homem chamado Thomas, no , acto de vender jóias roubadas, e verificou-se que ele não só se parecia com Beck mas era o verdadeiro Smith e era circuncidado. Após '

tantos anos passados na cadeia, com a vida estragada, Beck foi solto. '

E tudo isto por causa de um erro, do histerismo das mulheres, de uma confusão de identidade. Craig suspendeu a sua narrativa desapaixonada para fitar Garrett. Quer correr o risco de ter a pesarlhe na consciência um caso como o de Beck, doutor Garrett?

Garrett estava pálido e cada vez mais encolhido, e Craig insistiu: Não se trata de poder ter havido outro C. Farelli em Dachau. E se nunca lá tivesse estado nenhum médico com esse nome e tudo isto não passasse de uma partida diabólica, esta inclusão do nome de um antifascista, obra de um dos seus inimigos camisas negras, ou até do próprio Mussolini? Na pior das hipóteses, suponhamos até que Farelli lá tenha estado, o seu Farelli, o nosso Farelli. Talvez a sua presença fosse imposta por um cano de espingarda, com o fim de obterem o seu parecer e o seu diagnóstico. Talvez ele estivesse presente sem participar de maneira nenhuma nos assassinios. Tudo isto são possibilidades, e existem ainda muitas outras. Você poderá afirmar que a sua versão Farelli foi para ali como voluntário, capitulou, matou outros camaradas é a única verdadeira? Será capaz de arcar sozinho com a responsabilidade e, esta noite, baseado em simples provas duvidosas, causar a ruína de um colega, levantando um escândalo medonho?

A decisão, é o senhor que tem de a tomar, doutor Garrett, e não eu ou outra pessoa qualquer.

O apelo de Craig, tão exaltado, esgotara-lhe as reservas de energia, e ele deixou-se cair na cadeira, exausto.

Garrett fitava a toalha, mudo e imóvel, com excepção das mãos, que abria e fechava sobre o colo.

Ah, está aqui, doutor Garrett! chamou uma voz de mulher, jovem. Ambos se sobressaltaram e, ao voltarem-se, viram Sue Wiley, com o seu chapéu à Robin dos Bosques e um casaco militar, caminhando para eles. Andei a procurá-lo por toda a parte!

Garrett pôs-se de pé, como um espectro, mas Craig permaneceu sentado.

Sue Wiley apertou a mão de Garrett e arregalou os olhos.

Eia! Quem lhe pôs esse olho negro?

Garrett sentiu a presença de Craig e o suor brotou-lhe debaixo do colarinho.

Foi... foi na casa de'banho... Voltei-me e a porta do chuveiro estava aberta... Uma sorte não ficar sem o olho.

Lá isso foi respondeu vivamente Sue Wiley. Se é isso o que você quer fazer crer, cá por mim não faço questão. Deu uma reviravolta sobre os tacões pontiagudos. Olá, Mr. Craig. Não o tinha visto.

Ainda bem retorquiou Craig.

Informaram-me de que o senhor passou uma noite divinal com o meu amigo Mr. Gottling. Foi verdade? Ele disseme que estava bêbado que não se lembrava de nada, o animal.

552

Craig agradeceu intimamente a Gunnar Gottling, esperando que aquilo fosse verdade.

Pode escrever nos jornais que o laureado alcoólico também se embebedou, que assaltou o Palácio Real e violou uma das duas princesas e que também ele não se lembra de nada.

Muito obrigado, mas dispensei retorquiou Sue Wiley com uma vivacidade forçada. Fitou mais uma vez Garrett. Queria falar comigo? Tenho um encontro bastante importante, mas, se é coisa grave, posso telefonar a desculpar-me para mais tarde.

Garrett engoliu em seco.

Não é nada, absolutamente nada... desculpe disse ele.

Pensei que teria uma novidade para lhe dar, mas...

A respeito de quê? perguntou Sue Wiley.

Eu... bem, acerca da natureza do meu próximo... do meu próximo trabalho... das minhas experiências. Mas dependia de outras pessoas, de uma doação... e houve um atraso, por isso não tenho nada a anunciar-lhe, por ora.

Sue Wiley fungou.

Tudo o que vem à rede é peixe. Não terá por acaso outra informação para me dar, de qualquer espécie?

Lamento tê-la feito vir aqui, Miss Wiley, mas o que eu queria dizer-lhe... não se efectuou e não me acho autorizado a...

Compreendo cortou ela. Mas se verificar alguma mudança, lembre-se do que eu lhe disse no avião... estou sempre pronta e quero o exclusivo.

Prometo-lhe.

Óptimo. Ainda nos veremos antes da cerimónia, segundo espero.

Entalou a carteira debaixo do braço e voltou-se para Craig.

E o senhor também não se esqueça de mim, Mr. Craig.

Nunca me esqueço de si nem por um momento retorquiou Craig.

Bem sei, bem sei! Então, felicidades e goddag e adjo.

Igualmente resmungou Craig.

Viu-a afastar-se, parando aqui e ali, em várias mesas, para apertar a mão às pessoas, até que desapareceu na entrada.

Garrett tornou a sentar-se, lentamente, limpando a testa com o lenço. Depois meteu-o no bolso e pegou no papel que estava em cima da mesa. Rasgou-o em mil bocados, amarfanhou-os e meteu-os também no bolso.

Posso beber um gole disso que você aí tem? perguntou por fim.

É brànnvin gelado informou Craig. Beba-o todo.

Garrett pegou no copo com a mão a tremer e ingeriu tudo de uma vez. Fez uma careta e fitou os olhos em Craig, dizendo: Obrigado. E acrescentou: Não me refiro à bebida.

553

Craig acenou com a cabeça.

Bem sei. Verá que não se arrepende.

Garrett passou a língua pelos lábios.

Julguei que você tinha compreendido que isto era apenas um armistício, e não a paz.

Seja como quiser.

Depois disto, Garrett mandou vir outro bránnvin gelado e sanduíches de rena fumada; quando o estavam a servir, Denise Marceau chegava à mesa.

Estiveram à minha espera? Sentem-se, por favor. Sentou-se ela própria na cadeira e sorriu para Craig. Era a terceira pessoa que estava ao telefone. Arranja-se tudo.

A coisa avança?

Exactamente respondeu Denise, desdobrando o guardanapo.

Embora você não aprove, deseje-me felicidades.

Felicidades, pois disse Craig.

E, dito isto, começaram todos a comer.

Para esta entrevista com Sue Wiley, Nicholas Daranyi escolhera um restaurante muito selecto, com vários séculos de existência, o Bacchi Wapen, em Järntorgsgatan, perto da sua residência, na cidade velha.

Quando tinha entrevistas com informadores que eram já seus velhos conhecidos, Daranyi fazia questão de nunca lhes oferecer almoços, ou pelo menos almoços caros. Gottling, com quem estivera na véspera e se mostrara reservado e pouco disposto a cooperar na verdade, quase se comportara malcriadamente, fornecera-lhe muitas vezes valiosas informações a troco de uma noite de bebedeira.

Mathews, o jornalista inglês com o fato no fio, e Miss Bjorkman, secretária de Hammerlund, que ganhava pouco, tinham-lhe sido sempre de grande utilidade, como na noite anterior, e nunca lhe exigiam nada além das coroas que ele lhes oferecia. Porém, Miss Wiley era um elemento novo, em quem punha grandes esperanças. Pelo menos, Krantz apresentara-lha como tal: além disso, tratava-se de uma americana, habituada a ganhar altos ordenados, e isso correspondia à obrigação de a tratar com todas as delicadezas.

O Bacchi Wapen era um lugar demasiado caro para o orçamento de Daranyi. Este sabia, porém, que com pouco dinheiro não poderia conquistar uma americana endinheirada; teria de a subornar por

outro processo, e um almoço num restaurante de fama constituía um bom princípio. Daranyi atribuía grande importância ao aliciamento por meio de ambientes caros. Conferiam-lhe a ele, pelo menos, um ar de solidez e prosperidade. Por outro lado, colocavam os seus informadores na posição de devedores perante ele, e também os vinhos das 554

melhores colheitas, a acompanhar uma cozinha de primeira ordem, tornavam muitas vezes loquazes esses seus informadores.

A situação do restaurante também desempenhava um papel importante.

O Bacchi Wapen estava escavado na rocha, e os diversos planos onde assentava a casa de jantar eram outros tantos rochedos em socalcos, com uma mesa de smorgasbord requintada, uma rapariga deliciosa ao piano, tudo isto, enfim, contribuindo para conferir nobreza a um local que de outra forma poderia considerar-se reles. Em semelhante ambiente, o facto de alguém se dedicar ao comércio de calúnias infames adquiria o alto nível de uma busca da verdade.

Sentado à mesa, aspirando o perfume da sua água-de-colónia pessoal, Daranyi, enquanto agitava na mão o copo de martini e escutava o matraquear do piano, ia cogitando se Miss Wiley seria, na verdade, uma preciosa fonte de informações. Se tal se verificasse e se Mathews fornecesse o material que prometera, os poucos elementos que faltavam não teriam já grande importância; constituiriam apenas os ornatos do edifício. Se Miss Wiley cooperasse, ele faria uma surpresa a Krantz, apresentando-lhe um dossier completo de cada laureado muitas horas antes do prazo estabelecido, ou seja, a tarde do dia seguinte.

|E, com isto, ganharia uma gratificação, além do preço estipulado. Talvez mais do que isso ainda.

|Daranyi havia de reflectir quando estivesse só, à noite, a tomar os seus apontamentos.

l Viu o proprietário do restaurante, que vinha conduzindo uma senhora para a mesa dele, uma rapariga ainda bastante nova, com uma cara semelhante a um cão de caça, um pointer, e que envergava um casaco tipo militar. Daranyi empurrou para trás a cadeira, para desentalar a barriga, e pôs-se de pé.

Sou a Sue Wiley, da Consolidated declarou ela, estendendo-lhe a mão.

Daranyi bateu os calcanhares e inclinou a cabeça.

Nicholas Daranyi anunciou ele, curvando-se rapidamente para lhe beijar a mão.

Uma vez sentados, Daranyi inquiriu: . Quer tomar alguma coisa?

Nunca bebo retorquiu Sue Wiley. Mas estou esfomeada como trinta lobos. Qual é a especialidade da casa?

Já estive a consultar a ementa. Tudo é delicioso no Bacchi Wapen.

Que quer dizer Bacchi Wapen?

Armas de Baco informou Daranyi.

Os nomes dos restaurantes são cada vez mais disparatados. Muito bem. Que sugere você?

Na Suécia, ao almoço, nunca é asneira comer-se köttbullar.

Que diabo vem a ser isso?

555

As maneiras agressivas da rapariga desconcertavam Daranyi, que, no entanto, conservava a linha.

Uma receita estupenda de almôndegas com cenouras e um molho grosso. .

Parece-me bom retorquiu Sue Wiley. Não tenho tempo a perder. Por isso, se não se importa, vamos comer já e depois conversaremos.

Como quiser retorquiu Daranyi.

Deu um estalo com os dedos e, quando a criada se aproximou, deu-lhe as suas ordens e acrescentou, pesaroso, que estavam com pressa Que sotaque é esse com que você fala? perguntou Wiley.

Romeno? Búlgaro? Húngaro?

Daranyi sentiu-se momentaneamente desconcertado, pois não sabia que falava com sotaque.

Húngaro disse debilmente.

Oh, então você é dos tais! Remexeu na bolsa, abriu a caixa de pó de arroz, examinou o rosto e depois fechou-a com um estalido. Quando se tem um húngaro como amigo, não é preciso arranjar um inimigo.

Que diz, Miss Wiley?

Não se ofenda. É uma brincadeira que se diz na América. Dizem-se montes de brincadeiras acerca dos húngaros. A que sabe ser-se húngaro?

Não posso saber. Sempre me considere um cidadão do mundo.

Ah, sim? Então, que está você a fazer aqui escondido na Suécia?

Nunca vi terra mais aborrecida.

Oh, não seja tão severa, Miss Wiley. Uma pessoa acostuma-se à vida calma e dentro em pouco acaba por gostar dela.

Temos tempo de estar descansados depois de mortos.

É certo, mas, para um historiador, o sossego também tem valor durante a vida. Decidira adoptar esta profissão nesse dia de manhã, quando se lembrara de Andrew Craig. A solidão torna-se necessária.

Ninguém lha rouba. Agarrou no saleiro e atirou apressadamente uma pitada por cima do ombro esquerdo. Diga lá uma coisa, Mr. Daranyi. Desconheço ao certo o motivo por que estou aqui; sei apenas o que você me comunicou ao telefone: que ouvira dizer que eu estava a escrever uma série de artigos acerca do Prêmio Nobel..

- Sim, foi um jornalista de Londres que me aconselhou a vir ter consigo.

.. e que estaria disposto a dar-me algumas informações interessantes em troca de um pequeno favor da minha parte. Que espécie de favor?

Antes de nos ocuparmos desse assunto, temos de travar primeiro conhecimento um com o outro, para sabermos em que medida eu lhe

posso ser útil, e você, por sua vez, me pode ser útil. Como já lhe disse, sou historiador. Tenho um contrato com um editor britânico para escrever um livro bem documentado sobre o Prêmio Nobel e as personalidades que a ele estiveram ligadas desde 1901. No entanto, bem contra a minha vontade, o editor insistiu em que a história não fosse... muito seca... isto é, que fosse succulenta no que respeita às personagens, e recomendou-me que me ocupasse especialmente dos laureados mais modernos. Infelizmente, porém, eu sou um estudioso, e não um jornalista. Acho difícil obter informações desse género acerca dos actuais laureados.

Os olhos de Sue Wiley piscavam sem interrupção.

É então aqui que eu entro em cena?

Disseram-me que você estava muito bem relacionada com os premiados deste ano.

Isso posso garantir-lhe que estou. Sei tudo o que pode interessar-lhe.

E você? Tem alguma coisa que me sirva?

Passei dois anos a investigar, Miss Wiley. Tenho montes de informações importantes referentes ao passado.

As informações que me interessam, Mr. Daranyi?

Depende. Que informações é que deseja, precisamente?

Para si, um parágrafo é quanto basta. Quer saber o cabeçalho do meu artigo de estreia na próxima semana? Então escute. Fechou os olhos com força e recitou: Primeira parte. O Mito Nobel Feito em Pedacos, por Sue Wiley, correspondente especial da Consolidated Newspapers em Estocolmo. Parágrafo: O falecido George Bernard Shaw, cuja língua afiada todos conhecemos, afirmou um dia: «Perdoo ao Alfredo Nobel ter inventado a dinamite, porém só um patife acabado poderia ter inventado o Prêmio Nobel!» Apoiado, digo eu, da capital da Suécia, sede da mais perigosa e da maior farsa do mundo, género concurso da rádio ou televisão. Parágrafo. Estive

onde poucos homens ou mulheres se atreveram a entrar. Atrás dos bastidores da cena onde se atribuíram os prêmios na semana passada, e durante meses tenho andado a esquadrihar o passado dos laureados. Hoje, estou aqui para provar que a atribuição é e sempre foi tão explosiva, tão pernicioso e fatal, tanto para quem a concede como para quem a recebe, e bem assim para o mundo, como o próprio invento do seu fundador a dinamite. Ponto de exclamação. A rapariga abriu os olhos.

Que diz a isto?

É uma provocação, para não dizer outra coisa.

Mas diga. Vai ser sensacional. Agora já pus as cartas na mesa.

Não estou interessada em dados científicos de alto nível. Aqui para nós só me interessam porcarias. Tem alguma coisa a comunicar-me?

Até o próprio Daranyi, que, no decorrer da sua vida, fora obrigado a manter relações com tanta gente duvidosa, sentiu naquele momento repulsa por tal criatura. Mas compreendeu ao mesmo tempo que ela

deveria possuir as informações que Krantz desejava. «Negócios são negócios», pensou. E disse em voz alta: Acho que sei muitas coisas que devem ter para si grande interesse, Miss Wiley.

Okay. Vamos então fazer uma troca de valores. Segundo me parece, você deve ser uma trave-mestra para a Associated Press. Mostre-me as suas credenciais.

As minhas credenciais?

Como quer o senhor que eu saiba se é ou não verdade essa história do livro?

Sim, tem razão, está no seu direito. Daranyi tirou do bolso interior do casaco um contrato envolto numa capa de papel azul, que preparara com todo o cuidado para esta ocasião, e entregou-o a Sue Wiley. Já esperava que ma pedisse. Aqui tem o meu contrato. Peço-

lhe que não divulgue os... os pormenores financeiros a pessoas estranhas.

Quem julga o senhor que eu sou? Leu cuidadosamente a primeira página, passou a vista pelas outras e foi examinar a última. Depois restituiu o documento. Fixe declarou. Quer ver a minha credencial de jornalista?

Não é necessário, Miss Wiley. Já fui informado das suas altas qualidades.

Okay, Mr. Daranyi. E que vamos fazer agora?

Trocar informações. Você dá-me um facto, eu dou-lhe outro em troca.

Sue Wiley piscou os olhos.

Mais devagar, meu amigo. Temos primeiro de fornecer uma amostra.

Que quer isso dizer, uma amostra?

Desculpe, dou um exemplo. Você selecciona uns tantos factos e apresenta-mos para eu ver se me interessam. Eu farei outro tanto.

Se ambos ficarmos satisfeitos, podemos continuar. Tem aí o seu material?

Daranyi acenou afirmativamente.

Dentro da minha cabeça. Tudo pode ser confirmado.

Óptimo. Eu tenho as minhas notas fechadas à chave no meu quarto do hotel. Se me considerar satisfeita, acabamos de almoçar depressa e você vai comigo até lá. Con vêm-lhe assim?

Perfeitamente.

Então vamos a isto! Comece você.

Daranyi sentia-se inibido.

Não sei exactamente o que você quer saber. Há tanta coisa...

Tudo quanto se refira à vida privada, mas coisa succulenta e concreta.

Daranyi preparara-se cuidadosamente, relendo cópias de documentos 558

que guardava referentes a antigos encontros e conversas ou mexericos de que tivera conhecimento desde que habitava Estocolmo e, nessa altura, pareciam-lhe formidáveis os seus conhecimentos. Porém, agora, de repente, já se não sentia tão confiante.

Por exemplo, Franz Emil Sillanpää começou.

Franz Emil quê?

Sillanpää repetiu ele com voz débil , o escritor finlandês.

Quando soube que fora galardoado com o Prêmio Nobel da Literatura, em 1939, propôs logo casamento à secretária e apanhou uma bebedeira que durou quinze dias.

Sue Wiley mostrou-se descontente.

Mais nada?

É Durante um momento, Daranyi perdeu a linha.

Eu acho que é... é engraçado.

Se isso tivesse acontecido a Pearl Buck ou a Red Lewis, com certeza. Mas quem diabo quer lá saber de Franz Emil Qualquer Coisa?

Ofendido, Daranyi tentou defender Sillanpää.

Mas há mais, Miss Wiley. A Academia da Suécia tinha um preconceito contra Sillanpää porque ele tentara tornar o sueco a língua oficial da Finlândia. Por outro lado, no momento da votação, em 1939, a Rússia estava a invadir a Finlândia, e então os membros do júri acharam que o facto de elegerem um finlandês poderia constituir um gesto de agravo ao comunismo.

Sue Wiley não encorajou Daranyi a prosseguir.

Ele então continuou com um desespero calmo: Fosse como fosse, ele era pobre e viúvo, com sete filhos, e quando soube que tinha ganho o Prêmio mandou os filhos percorrer as ruas de Helsínquia gritando: «O meu pai está rico! O meu pai está rico!»

Um .. começou Sue Wiley a contar, muito séria.

Não percebo...

Quer dizer que comecei a contar e que o melhor é você pôr-se de novo em posição de luta. Mr. Daranyi, tenho a dizer-lhe uma coisa' ninguém, mas absolutamente ninguém, em Kansas City, em Denver ou era Seattle quer saber alguma coisa do que aconteceu a Sillanpää. Trate de arranjar outra coisa. Que mais tem aí no saco?

Sir Ventaka Raman, que ganhou o Prêmio da Física em 1930...

Nunca ouvi falar nele!

O raio Raman, Miss Wiley. Pertencia à Universidade de Calcutá, usava turbante e originou o momento mais crítico da história do Prêmio Nobel. Ao fazer o seu discurso, no fim da cerimónia, agradeceu o brinde enquanto lançava um olhar ao ministro britânico, dizendo: «Aceito esta recompensa, não como concedida a mim, mas ao meu país e a todos os meus colegas que se encontram neste momento na prisão.»

559

Sue Wiley ergueu os olhos, irritada.

Onde param essas almôndegas? Foram semeá-las?

Este doutor Raman... prosseguiu Daranyi.

Pode ficar com ele todo. Como dois. Mais um, para acabarmos com isto.

Já meio vencido, Daranyi esquadrinhou na memória, passando por alto os grandes nomes que havia seleccionado, até encontrar um que apresentou: Andrew Craig. Andrew Craig e Lilly Hedquist. Por sorte, só ele e mais alguém sabia dos seus encontros amorosos. E se os revelasse? Ah, Miss Wiley sentiria crescer água na boca ao escutar os pormenores. Só isto far-lhe-ia ganhar o dia. Porém, via claramente que um acto desta natureza o tornaria tão execrável como Miss Wiley.

Também faria dele um traidor da amizade, o único sentimento paternal que possuía na vida. Simpatizava muito com Craig e, quanto a Lilly, considerava-a como sua filha. Nem esta Miss Wiley nem Krantz mereciam que ele a perdesse por sua causa.

Envergonhado consigo próprio só por ter pensado em a trair, consciente da impaciência da sua convidada, apressou-se a escolher outro escritor da mesma nacionalidade e a conduzi-lo ao carrasco. Tinha de jogar agora tudo por tudo.

Quanto aos americanos... disse, hesitante.

Sue Wiley arrebitou as orelhas.

Quanto aos americanos, o quê?

Nem sempre foram bem vistos pela Academia Sueca. Sinclair Lewis teve uma forte oposição, sendo ele o primeiro escritor que...

Já ouvi essa história ao Gunnar Gotling.

Então sabe que o editor de Sinclair Lewis em Nova Iorque, Alfred Harcourt, andava há imenso tempo a promover secretamente a apresentação do escritor para ganhar o Prêmio?

Quer dizer que Harcourt andava a tentar subornar o júri a favor dele? Por que processo?

Não sei. Ouvi dizer isto. Não posso prová-lo.

Não interessa declarou Sue Wiley. Isso já não é mau, já me serve.

Nesse instante, Daranyi compreendeu que o que ela pretendia dele não eram factos particulares e concretos, mas sim farrapos de mexericos mundanos. Tratou imediatamente de consolidar a posição que acabava de conquistar.

Existe outro escritor com um nome semelhante, sim, Upton Sinclair.

Foi proposto para o Prêmio Nobel em 1932, por setecentas e setenta personalidades de vulto.

Não sabia...

Oh, pois! Albert Einstein, Bertrand Russell, Harold Laski, todos o propuseram, mas foi derrotado por John Galsworthy. Também William Somerset Maugham foi proposto para o Prêmio Nobel, mas

560
perdeu porque a maioria dos juizes era de opinião que ele tinha demasiada popularidade.

Sue Wiley bateu as palmas.

Maravilhoso! Essa está em cheio, Mr. Daranyi. Tem aí mais da mesma marca?

Daranyi sentiu que lhe tiravam um peso de cima.

Mais, muito mais, Miss Wiley.

Bem, estamos a entender-nos.

A confiança de Daranyi crescia a olhos vistos.

Nem por isso, Miss Wiley. Isto foi uma proposta bilateral. Ainda não ouvi o que você tinha para me dizer.

A sua inesperada falta de timidez surpreendeu não só a ele próprio como a Sue Wiley.

Não tem de se preocupar com o receio de que eu esgote o meu material declarou ela. Estou cheia a transbordar. Quando chegarmos ao meu hotel...

Preciso de saber agora disse ele, mais do que nunca satisfeito consigo. Tenho de ver aquilo a que você chamou uma amostra.

Muito bem disse ela com generosidade. O prometido é devido. Vamos lá a ver...

Ele recordou-lhe os nomes que Krantz indicara especialmente.

O doutor John Garrett, por exemplo? sugeriu.

Garrett? Sue Wiley abanou a cabeça. Esse é um pato choco.

Ele e o doutor Farelli odeiam-se.

Sei essa história toda, Miss Wiley.

Ah, sabe? perguntou ela, erguendo rapidamente as sobrancelhas, com um súbito respeito pelo homem.

Pois sei. Tiveram uma discussão no banquete real. E também noutra reunião oficial. Sentia-se satisfeito por poder tagarelar neste capítulo e, mentalmente, agradecia à secretária de Hammerlund.

Bem, e sabe igualmente que Garrett anda a tratar-se pela psicanálise com um especialista de Los Angeles?

Não, não sabia disso. Muito interessante. Gostaria de ouvir mais.

Sue Wiley olhou em volta.

- Aqui não, mas daqui a bocado, sim. Está satisfeito?

E acerca do professor Stratman?

Desse há pouco a dizer. Sabe da actividade dele durante a guerra?

Sei.

Hum-m-m. Mas aqui em Estocolmo?

Aqui não sei nada.

Bem, então para já, fique sabendo que é doente do coração e que foi consultar um especialista ao Hospital Setentrional. Almoçou também no Riche, um dia destes, com uma grande truta da Alemanha 561

Oriental, não sei ainda quem ele é, alguém que acaba de chegar de Berlim Oeste.

As veias de Daranyi incharam-lhe sobre a testa. Aquilo era bem bom. Tentou raciocinar: seria uma arma a favor ou contra Krantz?

Não fazia a menor ideia. Lembrou-se então do papel que estava a representar.

Sim, sim, muito interessante, Miss Wiley. Claro que isso não constitui propriamente material de valor para quem escreve história.

No entanto, nunca se sabe. Acho que você tem sido uma excelente colaboradora. Na verdade, hei-de render-lhe justiça no meu livro.

Por favor, não me meta lá no seu livro respondeu Sue Wiley.

Observou que a criada vinha a aproximar-se com o tabuleiro e, por detrás desta, a acabar de se sentar, reconheceu a famosa actriz Marta Norberg, acompanhada por uma mulher de aspecto severo, que lembrava uma professora, em quem reconheceu a cunhada do escritor Andrew Craig.

Aí vem o nosso almoço disse ao húngaro. Já não era sem tempo. Isto está a ficar com gente a mais. Vamos comer depressa-e seguir para o meu hotel. Temos com que entreter a tarde.

Emily Stratman subiu, a cantarolar, no elevador, até ao terceiro andar do Grande Hotel. Embora tivesse banido há muito da sua vida tudo quanto era alemão, a ária que naquele momento entoava, uma vaga reminiscência da infância, era o *Du, du, liegst mir im Herzen, Du du liest mir im simn.*

Às quatro e dez a disposição de espírito de Emily Stratman era de calma e tranquila felicidade. O almoço oferecido por vários membros do Comité Nobel da Física e suas mulheres, no grande apartamento de Ringvaven, fora tão agradável como ela esperava. As mulheres tinham falado com tanta adoração dos maridos e dos filhos, das suas vidas domésticas, que Emily ficara com vontade de se encontrar de novo com Andrew Craig, como estava combinado para dali a poucas horas. Era reconfortante, num sentido que ela sempre desejara e nunca conhecera, saber que tinha alguém à sua espera, que se interessava por ela, que a protegia, junto de quem se sentia em segurança e por quem estava emocionalmente absorvida.

com excepção de uma breve troca de palavras havida na véspera, ao meio-dia, Emily não voltara a estar sozinha com Craig desde que tinha trocado aquele beijo espontâneo na varanda de Hammerlund.

Ou tê-lo-ia ela beijado, de verdade? A rapariga perguntava a si própria o que diriam um ao outro, se os não tivessem chamado para jantar.

Cogitava na maneira como se deveria comportar nessa noite, o que lhe diria ele, o que responderia ela. A devoção que dedicava a Andrew Craig nas suas fantasias mais recônditas assustara-a a princípio; porém, 562

agora, se se achava separada dele, mesmo por pouco tempo, sentia-lhe a falta. No seu mundo de imaginação nunca se encontrara tão perto de qualquer outro homem. A necessidade que sentia da sua presença, a fé que depositava nele, dominavam-lhe a existência. Como ele ficaria surpreendido se acaso pudesse adivinhar semelhante coisa! É que ela não ignorava o aspecto com que se

apresentava na presença dele: retraída, reservada, desconexa, com uma impassibilidade fria e insensível.

Pois bem, naquela noite tentaria mostrar-se sob o seu verdadeiro aspecto, se é que este não era também pura imaginação.

Sem saber como, encontrou-se diante da porta do seu apartamento, sempre a cantarolar. Abriu-a com a pesada chave do hotel, que pousou na mesa da entrada, pendurou o casaco no guarda-fato, depois enclavinhou os dedos na nuca, por entre os cabelos, e espreguiçou-se ao espelho, com o peito esticado, a observar a maneira como lhe assentava a camisola nova de malha. E ficou satisfeita.

Iria tomar um banho. Um banho efervescente. Ficaria de molho, largo tempo, a sonhar um pouco, depois talvez dormisse uma pequena sesta antes de se vestir para o encontro com Andrew.

Atravessou vagorosamente a sala de estar, reparando que a criada tinha deixado as luzes acesas lá fora fazia quase noite e depois, ao chegar ao meio da sala, ficou gelada.

Lá ao fundo, como uma estátua de granito sentada numa cadeira, via-se Leah Decker.

Involuntariamente, Emily levou a mão à boca, para abafar um grito.

O coração saltou-lhe no peito; aquela presença era tão inesperada num quarto que ela julgava seu unicamente, que fechou os olhos, estremeceu e depois olhou para Leah Decker. Esta permanecia imóvel.

Lamento se assustei, Miss Stratman disse. Porém, a voz soava-lhe com uma dureza desusada e sem nenhuma inflexão de quem pede desculpa.

Emily riu nervosamente.

Foi uma estupidez da minha parte. É que não a esperava.

Eu sei que não é correcto disse Leah. Fui procurar a criada, disselhe quem era e pedi-lhe que me deixasse entrar. Desejava a todo

o custo vê-la. Não queria perder a ocasião.

Emily sentiu-se desorientada com o procedimento da visitante e com o seu tom amargo. O pensamento voou-lhe para Craig. Ela era da família dele. Deu alguns passos em frente.

Há alguma novidade, Miss Decker?

Que novidade? retorqui Leah, secamente. Sim, foi uma novidade, afinal, o que me trouxe aqui. Acho melhor sentar-se, Miss Stratman. Temos de ter ambas uma conversa.

Leah Decker comandava as operações e a sua voz imperativa tão familiar nas remotas recordações de Emily obrigou-a a obedecer sem fazer perguntas. Sentou-se logo junto de Leah, numa cadeira 563

de braços, a que se agarrou com ambas as mãos, e esperou, atónita De que se trata? inquiriu. A senhora parece tão... tão apoquentada.

E estou, de facto, apoquentada. A voz de Leah era fanhosa e autoritária. Tenho todas as razões para me encontrar assim. Passaram-se já muitas coisas às escondidas, coisas muito feias, e eu quero pôr tudo em pratos limpos.

Não faço a menor ideia daquilo a que se quer referir.

Já vai fazer, já vai fazer, espere um pouco. Almocei hoje com Marta Norberg. Disse estas palavras como se elas pudessem ter algum significado para Emily, mas não tinham. Por isso Emily não respondeu. Eu e Marta tivemos uma longa conversa acerca do meu cunhado e discutimos a sua pessoa prosseguiu Leah.

Emily estava sinceramente espantada.

A minha pessoa? Não sabia que Miss Norberg sabia sequer da minha existência.

Você é muito esperta, mas verá que eu também não sou parva, por isso escusa de vir para mim com intrujices.

O tom de Leah era ofensivo e Emily revoltou-se.

Perdão, Miss Decker...

Não interessa. Você verá que eu vou direita ao fim, como é de meu direito. O meu cunhado esteve em casa de Miss Norberg a noite passada. Tentou vender-lhe o seu futuro romance para o cinema.

Segundo afirma Marta Norberg, e eu não tenho razões nenhuma para a considerar mentirosa, além de que conheço as fraquezas do meu cunhado melhor do que ninguém, Andrew procedeu de uma maneira incorrecta. Estava bêbado sem saber o que fazia, e tentou à força, seduzir a dona da casa. Poderia ter conseguido atingir os seus criminosos fins se ela não tivesse a casa cheia de pessoal dedicado. Finalmente, foi necessário pô-lo na rua.

Emily sentiu o sangue subir-lhe à cabeça.

Não acredito numa palavra de tudo isso e sinto-me indignada por a senhora o vir repetir e por acreditar numa coisa dessas. Toda a gente conhece a fama de Marta Norberg. Por que motivo vem contar-me essa história ridícula?

Porque você está metida nela, minha filha. Está metida nela até aos cabelos e eu conheço o feitio de Andrew, sei que é um irresponsável, e tenho o dever de evitar que ele arranje sarilhos. Olhou com desprezo para Emily. Sei tudo a seu respeito e do Andrew.

Ouvi-o da boca de Miss Norberg. E ela ouviu-o ao Andrew, sim, ao seu querido Andrew! Ele disselhe que a levava para a varanda do Hammerlund e que a beijara...

Emily não podia articular palavra. Sentia uma dor que lhe atravessava o corpo todo. A afirmação de Leah não podia ser posta em dúvida.

Quem mais, além dela e de Andrew, sabia da cena do terraço?

564

Coroo poderia Leah estar no conhecimento disto, se Andrew não a tivesse humilhado indo contar tudo à actriz?

... e isto ainda não é o pior continuava Leah. Agora sei tudo. Sei que você tem andado a dormir com o Andrew desde o primeiro

momento em que se encontraram. Adivinhei-o quando os vi juntos no banquete real, quando ele passou a noite sem vir ao hotel e só entrou pela manhã.

O corpo de Emily doía-lhe dos pés à cabeça e a sua garganta estava tão contraída com a indignação recalcada que mal conseguia falar.

Eu, dormir com ele? gritou por fim. Isso é uma mentira infame, e você é uma infame mentirosa, você e essa actriz, são ambas umas infames!

Leah permaneceu impassível. Depois de Emily ter dado largas à sua fúria, Leah falou com calma superioridade: Negue, se lhe agrada. Não ganha nada com isso. Estou no segredo de tudo. E vou repetir-lho, pelas mesmas palavras com que Marta Norberg mo contou. Quando Andrew tentou seduzi-la a noite passada ela resistiu, ele começou com as suas vociferações de bêbado, como sempre acontece quando se põe nesse estado. Foram estas as palavras dele para Marta Norberg: «Eu tenho cumprido muito bem a minha obrigação aqui na Suécia, e com uma mulher que teve a decência de me dar o amor só pelo amor e nada mais. Por isso não preciso de si para nada, Marta.» Foram estas as palavras dele e ela jura sobre a Bíblia que é verdade.

Não me importa o que ele diz ou faz exclamou Emily, tentando dominar a voz, mas ele não disse à actriz que essa mulher era eu, ele não disse isso Portanto, como se atreve você a vir aqui...

Era preciso que ele o dissesse com todas as letras? Já lhe afirmei que não sou nenhuma parva, nem eu, nem Marta Norberg. Se ele procede consigo dessa maneira em público, que não fará quando está sozinho? Ele afirmou ter uma aventura...

Não é comigo... não é comigo...

É capaz de negar o que se passou no terraço?

Isso é verdade, mas nunca lho perdoarei, nunca...

E o resto também é verdade, e você bem o sabe teimou Leah, implacável. Eu também o sei, e nem que me matem deixarei de acreditar.

Pois fique sabendo que é mentira! Nunca nenhum homem me tocou.

Pelo amor de Deus! Nós não somos crianças!

Você é uma atrasada mental. Mas eu não sou. Se ele disse essas coisas... quanto ao beijo, é verdade... mas se ele afirma mais coisas além disso, deve referir-se a outra mulher com quem deve andar metido, sabe-se lá quem...

É você, Emily Stratman.

565

Acredite naquilo que quiser, não me interessa! Emily pôs-se em pé de um salto, desesperada e de cabeça perdida. Ponha-se daqui para fora! Saia do meu quarto! Que me importa a mim aquilo que você tem dentro dessa estúpida cabeça!

Leah ergueu-se devagar, revelando na expressão dos lábios arrepanhados toda a sua alegria.

Claro que me vou embora. Mas não sem que você ouça aquilo que vim dizer-lhe.

Não quero ouvi-la! Vá-se embora!

Vai ouvir, sou eu que lho digo. Tenho estado a observá-la desde o primeiro dia, a vê-la deitar a rede ao meu cunhado. Sou mulher e sei perceber quando outra mulher começa a atirar-se a um viúvo atraente, com boa figura, simpático, livre, um escritor rico e célebre, laureado com o Prêmio Nobel. Sim, porque não? E qual a melhor maneira de o caçar, a esse viúvo? A maneira mais fácil, a maneira como todas as mulheres astuciosas caçam os homens ingênuos: deitando-se na cama com eles, entregando-lhes os seus corpos sujos e imorais... .

Emily soltou um gemido de vergonha e começou a chorar desesperadamente, de olhos fechados, com os ombros sacudidos

pelos soluços.

... e foi assim que você julgou tê-lo apanhado, Emily Stratman.

Mas eu vou dizer-lhe qual foi a única coisa que você conseguiu. Se quer saber a verdade, vou dizer-lha, e, caso não me acredite, pergunte-lhe a ele. Você conseguiu apanhar um homem que é um assassino.

Sim, um assassino que matou a mulher, a minha irmã, por ser um bêbado. Não sabia isto? Aposto que ele nunca lho disse enquanto estava na cama consigo. Pergunte-lho. Pergunte-lho em qualquer altura, e verá o que ele lhe responde. Foi ele quem matou a Harriet. E isso ainda não é tudo. Ele vive como um porco. É um verdadeiro porco.

É um alcoólico, bêbado de manhã à noite, nojento, sempre a cair, ao domingo e à semana, bêbado a cair. E como escritor? Ah, ah!

É um batoteiro, um intrujão, toda a gente o sabe em Miller's Dam.

Só aqui em Estocolmo o ignoram, e pode estar certa de que não é ele quem dirá a verdade. Há três anos que não escreve uma linha, e nunca mais o fará. Também não tem dinheiro; apenas dívidas e prestações para pagar. E, quando conseguir pagar tudo com o dinheiro do Prêmio, vai ficar outra vez a pedir e a embebedar-se. Quanto a assuntos sexuais, fale-lhe daquela vez em que ele esteve nu e eu também, os dois na cama... e veja se ele é capaz de negar a sua incapacidade... veja se ele nega.

Emily aproximara-se aos tropeções de uma cadeira onde se deixara cair, com a cabeça nas mãos, o corpo dobrado, a soluçar perdidamente.

Leah caminhou com arrogância para ela.

Sabe porque lhe digo tudo isto? Vou revelar-lhe porquê. Por-566 que ele é tudo o que eu possuo na vida e ele só me tem a mim. Porque, embora ele tenha matado a minha irmã, embora seja um bêbado inútil, embora não faça nada há anos, embora se tenha

portado indecentemente todas as noites aqui em Estocolmo, eu continuo a considerar-me responsável por ele, continuo a ser o seu anjo da guarda.

Está sob a minha responsabilidade, dediquei-lhe estes últimos três anos e dedicar-lhe-ei o resto da minha vida se tanto for necessário, porque seria esse o desejo da minha irmã. Amei-a em vida e hei-de amá-la depois de morta. Se ele um dia se casar, só poderá ser comigo, se eu conseguir convencê-lo a isso, e fá-lo-ei por amor da minha irmã.

Mas não vou deixá-lo perder-se, precisamente agora que consegui realizar alguma coisa na vida e, ainda que ele nunca mais faça nada, não consentirei que seja apanhado por uma nazi sem vergonha!

Curvou-se sobre Emily, a gritar-lhe aos ouvidos: Estás a ouvir?

Ainda que tenhas de passar sobre o meu cadáver, não o apanhas!

Lentamente, Emily voltou-se na cadeira, de cabelos desgrenhados, com as faces molhadas de lágrimas, ofegante. Até que, por fim, articulou com dificuldade: Não o quero... nem a ele, nem a nenhum outro... Por favor deixe-me... deixe-me... deixe-me...

Leah Decker endireitou-se. Podia finalmente ir-se embora. E foi isso o que fez.

Quando Andrew Craig, já vestido para jantar e fremente de impaciência, chegou à porta dos aposentos de Stratman, passavam poucos minutos das sete. Tamborilou na porta, à espera de ouvir os tacões de Emily. Porém, a porta abriu-se imediatamente e foi Max Stratman que ele viu a abotoar o sobretudo com a mão livre.

Ach, Mr. Craig. .

Não havia hostilidade nem cordialidade no seu tom; apenas tristeza, como se tivesse subitamente envelhecido. Não convidou Craig a entrar, o que este estranhou, mas que atribuiu a uma distração.

Craig atravessou a ombreira. Stratman evitou-lhe o olhar e continuou a pôr o cachecol.

Eu devia ter-lhe telefonado murmurou. Emily pediu-me que lhe telefonasse, dizendo que não pode ir jantar consigo.

Porquê? Que aconteceu?

Quando voltei, encontrei-a na cama, às escuras. Diz que lhe dói a cabeça e quer descansar. Não gosto nada do aspecto dela, mas não tem febre.

Perplexo, Craig coçava a testa.

Não posso imaginar... Deixa-me ir vê-la?

Ela não o recebe. Que se passou, Mr. Craig? Tiveram alguma questão?

567

Nada. Não a vi durante todo o dia.

Stratman ergueu os ombros e depois deixou-os cair de novo, como se se conformasse com aquele mistério insolúvel.

Então, desisto de perceber. Ela não quer médico e, de facto, também não me parece ser necessário. Nem mesmo me quer a mim junto dela. «Vá jantar fora, tio Max. Quero ficar sozinha.» Por isso eu vou jantar fora e deixo-o só com ela.

Bem, eu gostaria de saber o que ela tem declarou Craig.

Seja como for, vou vê-la.

Oficialmente, não foi eu que lhe dei licença. Mas se alguém for ao pé dela, que culpa tenho eu? Olho para o outro lado. Seja feliz, Mr. Craig, mas não a atormente.

Porque havia eu de a atormentar? Pode estar certo de que não a atormento.

Esperou que Max Stratman se fosse embora e depois começou a pensar no que poderia ter sucedido de desagradável a Emily, sem conseguir acertar em coisa nenhuma. Dirigiu-se à saleta e atirou com o chapéu para cima do sofá. Despiu o sobretudo e deixou-o sobre uma cadeira. Em seguida abriu a porta do quarto.

Esperava encontrá-la inteiramente às escuras, mas tal não sucedeu.

O candeeiro da mesinha, que espalhava uma luz amarelada, cor de icterícia, iluminava apenas uma parte da cama, um braço, e um ombro que pertenciam a Emily. Esta ficava na sombra e, quando Craig avançou até aos pés da cama, verificou que ela tinha colocado um travesseiro por trás de si, para se encostar. Encontrava-se completamente vestida, sem sapatos, tinha os braços cruzados sobre o peito e as pernas também cruzadas. Parecia fixar um determinado ponto da parede e não desviou os olhos para Craig quando este entrou no seu campo visual. Não deu sequer o menor sinal de se aperceber da sua presença.

Ele observou-lhe o rosto delicado: tinha a aparência de uma porcelana antiga que, tendo sido quebrada por acidente, alguém houvesse recentemente consertado.

Emily disse ele.

A rapariga não olhou nem lhe respondeu.

O seu tio disseme que você não estava bem e não podia vir jantar comigo.

Eu ouvi respondeu ela, distraidamente, sem lhe dar importância.

Ele disse que você nem sequer me queria ver. Se não está doente, a coisa não faz sentido. Que aconteceu?

Ela moveu a cabeça, dando com este gesto mostras de que se apercebera finalmente do interesse dele.

Sinto-me demasiado cansada para conversar. Talvez possa fazê-lo daqui a muito tempo. Agora prefiro estar sozinha.

568

A segura magoada da voz da jovem não lhe agradou.

Mas eu não vou deixá-la, Emily, sem conseguir que me diga o que se passa.

Ela não respondeu, mas voltou a cara para a parede, e Craig percebeu então que o caso devia ser muito grave. Sentou-se na beira

da cama.

Que foi, Emily? Fiz alguma coisa... ou deixei de fazer...? Que foi? Estou completamente desorientado.

Vá-se embora!

Emily, que foi que lhe deu?

Se quer saber... murmurou, voltando o rosto para ele vou dizer-lho e depois desejo que se vá embora. Calou-se, para logo prosseguir: A sua cunhada esteve aqui esta tarde.

Ele não tentou disfarçar a sua confusão.

A Leah esteve cá!...

Sim. Veio, espetou as suas farpas e foi-se embora. Disse que eu e você andávamos metidos numa aventura. Que eu pretendia caçá-lo e que ela, como procuradora da sua falecida mulher, nunca o permitiria.

Disse que nunca mais deveríamos voltar a ver-nos, e os argumentos dela convenceram-me. É só isto. Esgotei todas as minhas forças.

Não me sinto com saúde para discutir mais o caso consigo. É demasiado nojento e quero que você se vá embora.

O golpe apanhara-o desprevenido, mas não o espantava demasiado.

A lógica de Leah, a possibilidade de aquilo vir a dar-se, tudo ele devia ter previsto naquela noite em que Emily passara a ser para a cunhada uma inimiga. Mas até onde teria ela ido? Que seria ela capaz de dizer? Tentava imaginar a cena e sentia calafrios. Leah e Emily: o gato e o canário.

Emily, sinto profundamente que você tenha passado por uma coisa destas. Mas, com toda a franqueza, para interesse de nós ambos, preciso de saber o que disse a Leah.

Que pode interessar-lhe? Já não tem importância.

Talvez não tenha para si, mas para mim tem, e quero saber.

Não me parece que esteja disposta a dizer-lho.

Emily, pelo amor de Deus. Não são alturas para cerimónias, nem para pouparmos a sua sensibilidade ou a minha. Estou tão preocupado como você e quero saber a verdade. Preciso absolutamente de a saber!

Muito bem, já que assim o quer. Mas note que não me interessa nada pelo assunto. Não desejo discutir, nem tirar explicações, nem sofrer mais embates. Estou apenas a pagar o preço que você exige para eu me ver livre de si. Pareceu inteiriçar-se toda e voltou-se um pouco para ele, sobre as almofadas. A sua cunhada estava aqui no quarto quando eu cheguei. Ela acabara de almoçar com Marta Norberg...

Craig abanou vigorosamente a cabeça. Tinha ficado com medo daquele almoço e das suas funestas consequências. Um almoço, duas

mulheres despeitadas e a inevitável catástrofe que destruíra tudo em redor.

- A Norberg encheu-lhe os ouvidos a seu respeito prosseguiu Emily. Em primeiro lugar, parece que você foi visitar a Marta Norberg a casa dela, a noite passada. É verdade ou mentira? Não é que me interesse...

É verdade respondeu Craig. Estive em casa dela.

Você ia bêbado, tentou seduzi-la...

Falso! Inteiramente falso! Estava tanto em meu juízo como agora. Não toquei com um dedo em Sua Alteza. Quer saber a verdade?

- Não me interessa.

Ela é que tentou seduzir-me. Parece incrível, mas isso fazia parte de um plano para me obrigar a escrever o meu próximo livro segundo as suas indicações. Recusei-me e agora ela vinga-se. Calou-se durante um momento. E é tudo, Emily!

Nem sequer é o prefácio.

Oh, meu Deus! Então que mais?

Quer que diga?

Pois claro!

Vou ser breve Detesto ter de repetir isto. Leah Decker afirmou ter sido você quem matou a sua mulher.

Fora isto mesmo que ele temera. Que havia de responder?

Sim, eu tinha bebido qualquer coisa, íamos de carro e não sei como aquilo aconteceu. Materialmente, não fui eu que matei a Harriet.

Mas, moralmente, e a Leah é a Moralidade em pessoa, sou responsável, sim senhor, pelo facto de ter bebido.

Ela disse ainda que você era um bêbado.

Assim foi, mais ou menos, durante três anos. Mas desde que aqui cheguei...

Que deixou de escrever, que mandou tudo para o Diabo e que é a sua cunhada quem cuida de si...

Sim, de certo modo, assim tem sido. Mas vou recomeçar a escrever.

Resolvi regenerar-me e... se você...

Emily interrompeu-o de novo.

Afirmou que a teve nua na cama...

Craig soltou um gemido. Era assim que apareciam certas coisas em tribunal, uma quase prova, as meias mentiras, a verdade vista apenas de um lado?

Leah disse uma coisa dessas? Santo Deus! Como as coisas podem ser deturpadas!

Ou é verdade ou mentira.

É verdade e é mentira, ao mesmo tempo. Foi certo estarmos ambos na cama despidos. Sim, isso é verdade...

-Nesse caso...

570

I Mas espere! Foi ela quem tomou a iniciativa. Tinha ciúmes de si e julgou ser essa a melhor maneira de me apanhar. Quando me fui meter na cama encontrei-a lá, mas eu não fiz nada...

Não quero saber disso, não me interessa.

O desprendimento voluntário de Emily, a sua falta de emoção, mostravam a Craig até que ponto ela ficara ferida por dentro. Tinha de fazer tudo para a convencer.

Emily, então não vê que tudo isto é obra de duas mulheres despeitadas e egoístas? Eu não mereço tanto interesse, tanta deturpação da verdade. Mas elas não o entendem assim, e veja o resultado que deu. Você engoliu a história toda sem sequer raciocinar quais seriam os motivos de Leah.

Ah, engoli? disse Emily, tendo pela primeira vez um assomo de mau génio. Então talvez você possa negar que tem andado a divertir-se à minha custa, a exhibir-me como um trofeu, no meio da bebedeira, por todo o lado aonde vai? Como poderia a Leah Decker saber que estivemos juntos no terraço do Hammerlund?

Então ela também disse isso?

Foi a Norberg que a informou. Você é que se gabou.

Ele então compreendeu.

Aquela cabra! Aquela maldita cabra! Sabe como a Norberg teve conhecimento do caso? Na verdade, ela meteu-se comigo por causa disso. E sabia-o porque esse monte de esterco com figura de homem chamado Ragnar Hammerlund tem a casa toda cheia de microfones escondidos, para tirar partido em questões de negócios, e assim fica informado de tudo. Se não me acredita, pergunte à doutora Denise Marceau. Ainda hoje a avisei a esse respeito à hora do almoço.

Fosse como fosse, não estou interessada retorqui Emily.

A mim só me interessa uma coisa, presentemente. Pela primeira vez, a cara da rapariga começou a ficar crispada pela emoção. Voltou-se para o outro lado e recomeçou a falar numa voz baixa, quase inaudível.

Não admito que você tenha andado a gozar à minha custa, não suporto ter procedido como uma criança. Talvez isto pudesse ter acontecido a qualquer outra, mas eu era a pessoa mais fácil de iludir,

pois até aqui nunca confiara em ninguém, nem uma vez só, e, quando o fiz, foi da maneira mais completa, sem a menor defesa. E agora sinto vergonha. E ainda, mesmo assim, me custa a compreender. Você mostrou-se simpático, amável, atencioso, correcto e interessante. O primeiro homem desde que me conheço que me abraçou e beijou, e eu iludi-me porque pensei. .

Faltou-lhe a voz.

Porque pensou o quê, Emily? inquiriu ele calmamente.

Que eu poderia amá-la? E amo-a, Emily. Amo-a, estou apaixonado por si.

Não, nunca mais quero ouvir isso. Só quero a verdade acerca 571

Sei que é tolice, mas paciência. Neste momento nada mais me interessa. Tudo o resto, não importa, mas isso, sim. Enquanto você andava comigo, durante todo o tempo em que convivemos...

dormia... tinha relações... com outra mulher?

O peito de Craig contraiu-se. A coisa transparecera, pronto. Que poderia ele dizer?

Mas Emily prosseguia: Marta Norberg disse à sua cunhada que você se tinha gabado disso. Não me recordo das palavras exactas; foi qualquer coisa neste género: que você dissera ter cumprido muito bem a sua obrigação aqui na Suécia, em matéria de amor, pois estava com uma rapariga...

uma mulher... todas as noites. Qualquer coisa com este sentido. Leah interpretou isto mal. Julgou que essa mulher fosse eu. Neguei, mas ela não me acreditou. Isso, porém, não tem importância. O que me importa... como direi?... é saber se você andou por aí metido com outra mulher... não me refiro a prostitutas ou coisa parecida...

mas se andaria a fazer namoro a outra, enquanto me fazia acreditar que sentia... que tinha interesse por mim e me dava motivos para acreditar em si, para ter fé em si e confiança em mim. Se assim é, sentir-me-ei demasiado humilhada para lhe poder perdoar algum dia. E se agora o deixei ficar aqui, creia que foi

apenas porque tinha de saber a verdade. Seja sincero comigo. Mereço-lhe ao menos isso. Foi verdade o que disse a Marta Norberg? Andou a namorar outra mulher enquanto me acompanhava? Olhou para ele com ar ansioso.

Diga se é verdade!

Sim, Emily. É verdade.

Soltou com um pequeno suspiro o ar que retivera no peito. Fechou os olhos por um momento. O timbre daquela voz era o de uma jovem desenterrada.

Está bem disse ela. Está bem. E depois: Até que enfim é sincero. Suponho ser essa a única virtude que ainda lhe resta.

Tenho outra ainda, Emily. É gostar de si!

Ela avançou a cabeça para o círculo de luz amarela que se lhe reflectiu nos fofos cabelos negros e nos olhos verdes, que faiscavam.

Cale-se com isso. Odeio a falsidade. Como pode você afirmar que me ama e como poderia eu acreditá-lo? Como pode fingir estar apaixonado por uma mulher e horas depois, ou antes, posso lá saber, possuir e amar outra? Que espécie de homem é você?

Emily, tente compreender!

Não quero compreender essa perfídia.

Escute, Emily. Tenho o direito de dar uma explicação. Você ouviu a Leah, que estava contra mim. Tenha agora a generosidade de me ouvir também. Concentrou-se e depois falou com franca”

intimativa. Quando vinha a caminho de Estocolmo... não, foi ainda em Copenhaga, num passeio turístico e depois na viagem de
572

ferry-boat para Malmoe, encontrei uma rapariga sueca, bonita, boa, correcta, tão boa como você e mais correcta do que eu, mas com pontos de vista diferentes dos nossos. Não sabia quem eu era, e ainda hoje o não sabe. Encontramo-nos, simplesmente, bebemos umas coisas juntas, conversámos e nada mais, dessa vez. Depois, na noite do banquete no palácio real, lembra-se? Quando eu bebi de

mais e você me pôs a andar? Bem, no fim do banquete, quando fiquei para ali espedado e a Leah lhe contou o que era a minha vida em Miller's Dam depois da morte de Harriet, quando estava cheio de remorsos, solitário e repellido por todos, senti necessidade de alguém que me desse a certeza de que eu era um ser humano. No meio da minha desorientação, lembrei-me da Lilly, não com qualquer ideia de amor ou de sexo, pelo facto de ter bebido de mais, mas apenas da amizade e do calor humano de uma mulher, que não possuía há anos e cuja falta me tem feito sofrer. Lembrei-me de Lilly, de Lilly Hedquist. E fui procurá-la. E, sem a menor hesitação, sem uma palavra ou uma pergunta sequer, recebeu-me em sua casa, a um estranho, um estrangeiro que nada representava para ela. Deitou-me na sua cama e eu dormi lá. Na manhã seguinte, quando acordei, quis sair às escondidas, mas ela não mo consentiu. E o que aconteceu então passou-se da maneira mais natural deste mundo.

Não estou para ouvir as suas nojentas conquistas interrompeu Emily, amargamente.

Isto não foi conquista nenhuma. Eu sentia necessidade de ser apreciado e ela tinha o dom da amabilidade. Não sei o que ela pensou, se é que pensou alguma coisa. Talvez tenha pressentido o meu desamparo, o meu sentimento de derrota; via-me vencido pela bebida, pelo cansaço, pela idade. E então deu-me o seu amor, restituiu em mim a fé na vida. A vida só é possível quando existe um outro ser que nos atribui algum valor. Quando a deixei nessa manhã, não tinha a menor intenção de a visitar outra vez. Mas essa necessidade assaltou-me, passados dias, a seguir a um serão desagradável. Eu bebera demasiado na companhia de um escritor sueco muito conhecido e ele deu-me informações particulares muito desagradáveis acerca da maneira como me tinha sido atribuído o Prêmio. Parou, concentrou-se e resolveu que não tinha importância dizer a verdade. Ele apresentou provas de que eu não ganhara o Prêmio pelos meus méritos, mas sim porque eu lhes era útil, como

uma espécie de arma política: o meu romance mais popular era anticomunista. E, como eu tinha muito pouco em que me apoiar, esta informação destruiu-me. Desejaria ter-me aproximado de si, mas receei a sua sensibilidade. Então fui procurar a Lilly, porque ela já me recebera antes e estava certo de que não me repeliria. E assim sucedeu, de facto. É esta a grande aventura de que essa tal Norberg diz que me gabo. Apetece-me bater em mim próprio por ter respondido à sua pergunta, mas, ao mesmo tempo, 573

não podia deixar de o fazer. A respeito da Lilly, digo apenas a verdade.

Sinto por ela estima, respeito e afeição. E porque não havia de ser assim? Mas o que sinto por si, Emily, é amor.

Por favor, cale-se...

Um homem sabe que estas contradições são possíveis. Por um lado, eu aceitava a ternura compassiva e o amor físico de uma rapariga; por outro lado, entregava o meu coração a outra mulher que eu considerava inacessível. Parou e depois prosseguiu: Aqui tem a minha explicação. Se não a compreendeu, nada mais tenho a acrescentar.

Emily olhava de novo fixamente a parede em frente. Durante alguns segundos não falou. Depois respondeu, sem olhar para Craig: Desejaria poder compreender, mas não posso. Não compreendo tais coisas acerca dos outros homens em geral e de si em particular. Talvez aos olhos de alguém imparcial você tenha razão e eu esteja no erro, mas sou assim mesmo e tenho de viver segundo as minhas emoções e reacções. Calou-se para voltar a falar com crescente intensidade. Não posso olhar para si, não posso suportar a sua presença ou ter qualquer contacto físico consigo quando penso que, durante muitos dias, fui tratada como um ser inferior e desprezível, talvez com razão. Você, afinal, dava-me apenas uma parte mínima de si, o que se explica porque a maior a oferecia à mulher que se lhe entregava toda à noite. Não sei exprimir-me como deve ser, estou

completamente esgotada dos nervos, mas sinto-me desorientada e, de certo modo, enxovalhada. Voltou a cabeça para ele. Você diz que me ama. Não sei se isso é possível e desconheço o que a palavra «amor» significa para si; sei, no entanto, o que ela vale para mim, e é uma coisa completamente diferente. Mas se tem por mim, digamos, alguma consideração, o melhor que pode fazer é deixar-me em paz.

Os olhos verdes da rapariga estavam cheios de lágrimas e ele sentia um desejo louco de a abraçar, ou sacudir, ou acariciar, mas nada podia fazer. Vá-se embora exclamou ela. Vá para a sua amiga sueca, para que lhe satisfaça as necessidades, que o ame tanto quanto quiser. Mas não volte mais para mim, nunca, nunca mais!

Voltou-lhe a cara e enterrou-a no travesseiro.

Craig ergueu-se da cama e encaminhou-se para a porta com passos arrastados. Saiu para a saleta e foi buscar o chapéu e o sobretudo, o mais vagarosamente possível, esperando que, apesar de tudo, com a inconstância própria das mulheres, como sabia pela sua experiência de Harriet, ela acabasse por o chamar, pois também ela o amava. Mas nenhuma voz se fez ouvir no quarto de dormir.

Craig dirigiu-se à saída e seguiu pelo corredor fora, depois de ter fechado a porta devagar.

Sentia-se desorientado e desprovido de objectivo. Não lhe apetecia jantar, perdera o apetite. Não lhe interessava ir para o seu quarto, onde 574

Leah decerto o esperava, a ele e à sua fúria, espreitando outra oportunidade para lhe recordar tudo quanto ele lhe devia. Craig nada mais desejava senão o esquecimento.

Meteu-se no elevador e desceu para o bar.

Agora ia a subir na gaiola triangular do ascensor do n.º 172 C de Polhemsgatan, e, quando este parou no sexto andar, Craig abriu desajeitadamente a porta e saiu.

Só tropeçou uma única vez, o que não era nada mau, mesmo nada mau, pensou, satisfeito consigo, para quem estivera a beber

sozinho, sem descanso, durante mais de três horas.

Bateu à porta que tinha a letra C, e esperou, enquanto espreitava pela janela da escada de incêndio. Era importantíssimo para si que ela estivesse em casa, a coisa mais importante da sua vida.

Ouviu-lhe então a voz, do outro lado.

Quem é?

Sou eu.

A porta abriu-se e ele viu na sua frente Lilly Hedquist, com os cabelos louros caindo em cascata, o sorriso de boas-vindas acentuado pelo sinal no canto da boca e um vestido cor de alfazema.

Mr. Craig, sinto-me feliz por o ver.

O escritor encaminhou-se directamente para o quadro de mosaico e deixou-se cair com todo o peso no sofá que estava por baixo.

Lilly disse, estou bêbado como um cacho. Vai pôr-me na rua?

Para ser atropelado por um autocarro ou cair desmaiado? Deus me livre! Você vai ficar aqui até que isso lhe passe completamente.

- E também estou cheio de fome. Não como nada desde o almoço.

Então vou cozinhar-lhe qualquer coisa retorqui a rapariga, alegremente.

Só ovos. Mexidos. E café muito forte.

É fácil de contentar.

Craig tentou tirar o cachimbo do bolso e o tabaco, mas deixou-os cair no chão. Lilly apanhou tudo rapidamente.

Eu trato disso declarou. Tirou o cachimbo da bolsa, pôs-lhe tabaco e entregou-lho. Depois acendeu-o. Pronto. Agora não me queime o sofá.

Você será a esposa ideal para qualquer homem disse ele.

A rapariga encaminhou-se para a minúscula cozinha.

Também tenho essa esperança.

Mas eu é que não consinto tornou ele. - Quero que seja uma boa esposa para mim, e não para mais ninguém.

Ao ouvir aquilo, a rapariga parou, de costas para ele. Depois voltando-se, de sobrolho carregado, ficou a olhar para ele.

Está a brincar, Mr. Craig?

Falo absolutamente a sério. Estou a propor-lhe casamento, Lilly. Estou a pedir-lhe a sua mão.

É a sério disse ela, não como quem faz uma pergunta, mas como quem verifica um facto.

Claro que é a sério, Lilly. Nunca falei tanto a sério. Podemos casar aqui e depois eu levo-a e ao seu filho para os Estados Unidos e...

A rapariga dirigiu-se para ele.

Mr. Craig, porque me pede que case consigo?

Não sei. Quando queremos casar com alguém, pede-se-lhe que case connosco, e pronto.

Mas porque mo pede a mim, neste momento?

Ele raciocinou que todas as mulheres tinham dificuldade em compreender certas coisas e desejou beber um whisky.

Porque gosto de si, porque preciso de si, Lilly. Só você é capaz de me fazer voltar à vida. Estava demasiado bêbado para concentrar-se mais naquele assunto. Ela gostava de se divertir. Poucas vezes ambos tinham falado a sério. Tudo brincadeira. Vou comprar-lhe um Thunderbird, um frigorífico, um vestido de Bergdorf e um acampamento de nudistas.

Ela deu a volta à mesinha baixa e foi sentar-se no sofá, junto dele, a coçar a parte de trás do pescoço, por baixo dos cabelos dourados, com expressão muito solene.

O senhor não deseja casar comigo, Mr Craig.

Lilly, eu sei muito bem o que quero. Estou a pedir-lhe que seja minha mulher.

Se está a falar a sério, é uma maçada, porque a minha resposta é «não»

Ele pareceu ficar abespinhado e passaram-lhe um pouco os fumos da bebedeira.

Você diz que não?

Não estou na disposição de casar consigo.

Craig encontrava-se demasiado bêbado para se sentir ofendido. No entanto, a resposta dela pareceu-lhe um fenómeno. Tomara aquela'

resolução enquanto estivera a beber e imaginara a satisfação da rapariga: era um americano rico, um Lancelot, um Gallaaz, que vinha libertá-la da insegurança, da escravidão do trabalho, do seu estado de mãe solteira. E ela, afinal, recusava-o!

Mas eu pensei... começou ele. Que defeitos me põe?

Acha-me velho?

Oh, não! Por esse lado, estava tudo bem.

Então não gosta de mim? Pensei que gostava. Entendemo-nos bem, divertimo-nos juntos e seria cada vez melhor. Olhou para 576 ela, a franzir os olhos. Ou é que você tem tido apenas dó de mim, de um velho, de um homem de meia-idade, bêbado, solitário...

Ora, não é nada disso!

Porque consentiu então que eu a amasse?

Mr. Craig, o senhor está a pedir de mais. Eu já lho disse, e o Daranyi também lho fez ver. O facto de uma mulher dormir com um homem na Suécia não tem o mesmo significado que na América. Isso não significa amor eterno nem implica uma obrigação de casamento.

Talvez eu tenha pena de si, mas não a esse ponto. E não seria por essa razão que lhe daria o meu amor carnal. Se lho dei, foi porque você era, sob muitos aspectos, o homem que me agrada: sabe ser sério e brincalhão, é alto e bem-parecido, adulto e, acima de tudo, acho-lhe piada. Agrada-me fazer amor consigo e você também me deseja; isso basta. O mais importante é gozar o prazer quando nos apetece, em vez de estarmos toda a vida à espera de uma coisa que às vezes nunca aparece, ou então chega demasiado tarde. Isto é o

bastante. Torna-se indispensável que lhe dê também o meu coração? Tem de haver uma cerimónia legal? Isso tornar-nos-ia mais felizes ou melhores?

Nós não devemos casar-nos porque o prazer chega para nos unir durante uns tempos; porém, o casamento é uma coisa mais prática, mais formal, e nós não temos nada em comum. O senhor é demasiado inteligente para mim. Acabaria por se aborrecer da minha pessoa.

Eu serei sempre apenas uma rapariga que gosta da pândega e da vida ao ar livre. Você não é nada desse género e também acabaria por me fatigar.

Ele não a escutava havia já alguns momentos, porque lhe viera outra ideia à cabeça.

Lilly, eu sei onde está o erro. Você ignora tudo a meu respeito, a não ser que eu sou escritor. Julgame mais um daqueles turistas americanos; um mau partido, mas não é-nada disso. Posso proporcionar-lhe uma vida magnífica. Sabe quem eu sou?

Era como quem oferece um presente de aniversário e fica à espera da surpresa de quem o vai abrir.

Mas foi ela quem falou.

Você é Andrew Craig, que ganhou este ano o Prémio Nobel da Literatura.

Ele ficou de boca aberta.

Então sabia?

A princípio não, mas depois o Daranyi disse-me.

E, mesmo assim, recusa?

Sinto muito respeito por si, Mr. Craig, e orgulho-me de ter sido amada por uma pessoa tão célebre. Mas que tem isso a ver com o casamento? Não é por ter casado com um laureado que serei mais feliz.

Ele acabou finalmente por se sentir desolado e também deprimido.

Então recusa?

Há ainda outra razão declarou ela, por fim. E é por isso mesmo que você nunca poderia sentir-se feliz comigo, de futuro.

Ele ficou à espera.

O senhor está apaixonado por outra rapariga e é com ela que deseja realmente casar.

A capacidade divinatória de Lilly era, na verdade, espantosa, fantástica, e ele ficou a contemplá-la de boca aberta.

Quem lhe meteu essa na cabeça?

O Daranyi. Foi ele quem mo disse.

Como diabo é que ele o sabe?

Ele sabe tudo, Mr. Craig. O seu ofício é saber tudo. Anda agora a fazer investigações por conta de alguém relacionado com o Prêmio Nobel, o doutor Krantz, um tipo nojento, segundo diz o Daranyi, porque esteve sempre pelo lado dos Alemães e agora anda interessado em saber coisas a seu respeito e dos outros laureados. É o Daranyi quem colhe as informações para ele...

Esse Krantz não me interessa, quero saber é o que lhe disseram a meu respeito.

O Daranyi é como se fosse meu pai. Sempre me protegeu, e por isso me contou tudo acerca de si e dessa rapariga, Emily Stratman.

Então até sabe o nome dela!

É Emily Stratman. O tio dela é o professor Stratman. Nasceu na Alemanha, mas agora é americana. Muito bonita, estranha e solteira.

Você conheceu-a no Palácio Real. Andou com ela a passear pela cidade. Estiveram juntos no jantar de Hammerlund. E Daranyi diz que você parece gostar dela para casar.

E é por isso que não quer aceitar o meu pedido, Lilly?

Não, Mr. Craig. Asseguro-lho. É pelas outras razões que já lhe disse. E o senhor gosta dela, não é verdade?

Craig hesitou. A cara da rapariga era tão franca, tão honesta, que ele não podia mentir-lhe.

- Gosto, sim, Lilly. Agora vai passar a detestar-me?

A detestá-lo? Que disparate, Mr. Craig! Claro que não! Entre nós fica tudo como dantes.

Pois bem, ela detesta-me, por sua causa!

Não pode ser!

Nem todas as mulheres são como você-, Lilly. Nem todas são suecas.

E então relatou-lhe, com a maior brevidade possível, à medida que lhe ia passando a bebedeira, alguma coisa da cena que tivera com Emily, poucas horas antes, no quarto desta. Lilly escutava, absorta, fazendo por vezes uns pequenos ruídos de incredulidade. No fim, Craig ficou à espera do comentário da rapariga.

578

Ela, na verdade, deve ser uma pessoa estranha declarou Lilly.

Todas as mulheres são diferentes umas das outras. Cada uma terá os seus problemas, as suas neuroses, cada qual é fruto de uma hereditariedade e de uma educação diferentes. Há muitas no género da Emily-Pois eu não a aprovo. Acho que ela gosta de si, e, nesse caso, é uma espécie de suicídio o que ela está a fazer. Acho muito mal feito.

Craig encolheu os ombros.

Não há nada a tentar.

Tenho pena declarou Lilly. Mas principalmente de si. Prejudica-o muito viver sozinho. Poderia ter uma vida tão boa e gozar tanto, mas não pode porque está sozinho. Emily Stratman repele-o e Lilly Hedquist não quer casar consigo. Estou preocupada consigo, Mr. Craig. Talvez, nesse caso, eu devesse aceitar o seu pedido.

Então sempre se resolve?

Não. Contudo, o senhor preocupa-me muito. Que será de si quando se for embora?

Que me acontecerá? Craig fez um ruído de desprezo.

Acho que não será surpresa para ninguém. Voltarei para Miller's Dam, responderei às cartas das admiradoras quando não estiver bêbado a cair e, além disso, nada mais escreverei. E depois sucederá o inevitável, quer dizer, acabarei por casar com a minha tutora, a sempre presente Leah...

Leah?

Sim, Leah Decker, a minha cunhada.

Aquela horrível criatura que vinha no barco de Malmoe? Oh, não, Mr. Craig, o senhor não pode fazer uma coisa dessas...

Há coisas piores. Ao menos ficarei com a minha dívida saldada. Lilly pôs-se de pé.

Não se devem tomar resoluções com o estômago vazio. Vou arranjar-lhe uns ovos e fazer café. No fim, veremos o que pensa.

O que penso ?

Ela franziu o nariz.

Talvez pense que a minha cama é larga de mais para uma pessoa só. E eu quero ficar com boas recordações, pois sei que o senhor nunca mais aqui voltará, Mr. Craig. Eu quero ficar com uma boa recordação.

Capítulo onze Nas ocasiões importantes, Nicholas Daranyi vestia sempre o mesmo fato de jaquetão cinzento-metálico, da melhor fazenda inglesa, que encomendara por carta a um alfaiate chinês de Hong-Kong. Um fato daqueles, executado em Londres para uma personagem tal como o duque de Windsor, por exemplo, poderia custar entre setenta e oitenta libras. Mas, no outro hemisfério, incluindo as despesas do correio, Daranyi obtivera-o por doze libras, além dos direitos e do custo de uma pequena emenda nos ombros.

Nessa noite, Daranyi vestia o seu fato de Hong-Kong no momento em que chegava ao apartamento de Carl Adolf Krantz, situado no quarto andar de um edifício moderno, cor de laranja, com varandas e alegretes brancos, situado no Norr Málarstrand.

Preparara-se cuidadosamente para o encontro, aplicando a sua brilhantina favorita de importação sobre os cabelos raros, assim como talco e água-de-colónia nas bochechas lisas. O casaco caía impecavelmente, com excepção do bolso do lado direito, onde metera as folhas dobradas dos apontamentos.

Nessa noite, dizia a si próprio para se tranquilizar, ficaria livre de preocupações financeiras.

Krantz pedira-lhe o relatório para o dia 9 de Dezembro. Estava-se nessa data, eram sete horas da noite e Daranyi cumprira a sua promessa, embora chegasse no último instante.

A porta abriu-se e a criada de Krantz, Usa, uma robusta camponesa, natural da Vestfália, mulher de idade indeterminada, cujo rosto lembrava uma ameixa seca, com o lábio superior caído, inclinando-se respeitosamente, convidou Daranyi a entrar para o vestíbulo. Daranyi entregou-lhe o chapéu e o sobretudo, que trazia no braço desde que saíra do elevador. Seguiu-a até à sala, onde se viam naperons de renda em cima de todos os móveis de madeira pesada, e chegou à porta do escritório de Krantz.

Usa empurrou a porta para Daranyi entrar. Depois fechou-a, e este ficou sozinho dentro do compartimento. Só uma vez, durante as suas longas e esporádicas relações com Krantz, Daranyi penetrara ali.

Recordava-se de que junto de uma das paredes se encontrava um armário alemão do século XVI, de castanho, com fechaduras e dobradiças de ferro trabalhado, que pertencera ao pai de Krantz; por cima desse armário, formando um quadrado, viam-se as fotografias do Papa Pio XI, de Fritz Thyssen, de Franz von Papen, de Paul Hindenburg, do Dr. Max Planck e de Herman Goering, todas com dedicatórias a Krantz e autografadas. Para provar a si próprio que tinha boa memória, Daranyi olhou para a parede da direita e sentiu-se satisfeito por ver o armário e os retratos.

Ouviu um ruído do lado esquerdo e verificou que não estava só, conforme supusera. Carl Adolf Krantz, mais anão do que nunca ao pé da mobília imponente, afastara-se dos cortinados de renda e dos vasos de palmeiras que estavam defronte das varandas. E, de mãos atrás das costas, dirigia-se-lhe.

Vejo que chega à hora, Daranyi.

Cumpro sempre as minhas promessas, doutor Krantz. E Daranyi dirigiu-se apressadamente para o seu cliente, a fim de trocar com ele o aperto de mão da praxe. Observou que a boca de Krantz aparecia, húmida, entre o bigode e a pêra, repuxada por um tique nervoso, o que fortaleceu a convicção de Daranyi de que as informações valiam bem aquilo que ia pedir ao professor por elas.

Tenho estado a olhar para a água disse Krantz. A esta hora é bonito.

Daranyi reunira-se a ele, na contemplação do Málaren, visível da varanda. Distinguiam-se as luzes e a silhueta de uma fragata que navegava vagorosamente para o Báltico e a seguir observava-se o reflexo de um ferry-boat branco.

O senhor tem sorte em viver num apartamento com uma vista tão bela declarou Daranyi.

Sim disse Krantz. Mas não parecia bem disposto. De repente, afastou-se a custo da varanda e declarou: Bem, mas não podemos perder o nosso precioso tempo com contemplações estéticas. O senhor disse ao telefone que fez um relatório acerca de cada uma das personalidades em causa?

É verdade.

Mas não teve tempo de os copiar à máquina?

Exactamente, doutor Krantz. Havia tanta coisa a averiguar e o tempo de que dispunha era tão pouco...

Não importa retorquiou Krantz. Estou disposto a tomar nota na minha agenda daquilo que tiver para me dizer. Sente-se ali.

Apontou para uma cadeira baixa, de couro, que se encontrava em frente da grande mesa de café redonda. Daranyi sentou-se admirando o espesso e viçoso feto plantado numa funda taça de ferro muito antiga que dominava a extremidade da mesa e quase escondia a figura de Krantz, quando este se sentou na cadeira, por trás dela.

Calculo que não tenha necessidade de bebidas alcoólicas antes de jantar disse Krantz. Prefiro que conserve as ideias claras.

A lisa preparou um bule de chá.

Daranyi reparou então no tabuleiro com as chávenas e os pratinhos de bolachas de queijo posto sobre a mesa, em frente do feto, e acenou com a cabeça.

Obrigado. Talvez mais tarde. Tirou do bolso um maço de folhas dobradas e viu Krantz corresponder a esse gesto pegando num lápis e numa agenda amarela. O prazo que me deu obrigou-me a 582

limitar as minhas investigações às histórias pessoais as que consegui obter das individualidades que mais o interessam. Omiti tudo o que pudesse ser já do seu conhecimento. Escolhi apenas os factos susceptíveis de serem úteis a um comité receoso de qualquer escândalo.

Ótimo retorqui Krantz.

Orgulho-me de o informar que não só consegui pormenores acerca das actividades passadas dos laureados e dos seus parentes, como incluí no meu relatório o próprio dia de hoje. Além dos meus informadores habituais, tive de utilizar vários detectives com prática. Pensei que as actividades relativas ao dia anterior à cerimónia pudessem interessá-lo.

Não sei. Talvez tenha sido demasiado consciencioso.

Vamos ver respondeu Krantz, sempre a mexer-se atrás do feto. Comece, por favor, Daranyi. Não temos a noite toda por nossa conta.

Daranyi examinou a primeira página coberta pelos seus gatafunhos.

Doutor John Garrett, de Pasadena, Califórnia...

Fale, fale sem rodeios declarou Krantz com certa dureza.

Preciso de apurar bem as coisas.

Daranyi aclarou a garganta.

Doutor John Garrett, laureado da Medicina. Os seus antecedentes, além da profissão, não têm interesse, a não ser num facto. De há uns meses para cá, o doutor John Garrett tem andado a tratar-se com um psiquiatra da cidade de Los Angeles. O seu nome é L. D. Keller.

Não o submete a nenhum tratamento individual, mas sim em grupo.

Deste, fazem parte sete pessoas, incluindo o doutor Garrett. Pensando que pudesse ser-lhe de alguma utilidade, no caso de algum deles se encontrar de certo modo ligado ao doutor Garrett, dei-me ao trabalho de os identificar e de colher alguns dados acerca da sua vida.

Daranyi leu em voz alta, quase com carinho, os nomes de Miss Dudzinski, de Mrs. Zane, de Mrs. Perrin, de Mr. Armstrong, caracterizando cada um por meio de uma ou duas frases concisas. Prosseguiu depois com a revelação de factos referentes ao Dr. Dean Filbrick e a vários outros médicos, colegas de Garrett no Centro Médico Rosenthal de Pasadena. Daranyi concordou que não conseguira descobrir nada capaz de provar que o Dr. Garrett e o Dr. Carlo Farelli se tinham conhecido antes de se encontrarem em Estocolmo. Tudo parecia confirmar que eles se avistaram pela primeira vez no Clube da Imprensa e alguns dos repórteres presentes perceberam que não simpatizavam um com o outro. Essa impressão fora corroborada por uma contenda que tiveram durante o banquete real.

com verdadeiro sentido dramático, Daranyi estava a guardar para o fim as informações que obtivera da secretária de Hammerlund.

Como decerto não ignora prosseguiu , Mr. Hammerlund ofereceu um jantar aos laureados, na noite de seis de Dezembro.
Miss 583

Marta Norberg fazia de dona da casa. Serviram cocktails antes do jantar e foi então que mais se notou o antagonismo entre o doutor Garrett e o doutor Farelli. Foram ambos para o jardim, no intuito de falarem em particular, e, uma vez ali, o doutor Garrett acusou o doutor Farelli de lhe ter roubado a sua descoberta. Trocaram palavras azedas e violentas. Chegaram mesmo a vias de facto, e quem os separou foi Mr. Craig, o laureado da Literatura.

Daranyi calou-se e ergueu os olhos, satisfeito, à espera de uma exclamação de contentamento da parte de Krantz depois de ter ouvido o escandaloso pormenor. Mas este continuava curvado sobre o bloco, a escrever, e nada disse. Daranyi ficou seriamente desapontado.

Interessante, não é? inquiriu com esperança.

Krantz ergueu a vista do papel, aborrecido.

Sim... sim... Mas porque espera? Sabe mais alguma coisa acerca do Garrett?

Daranyi teve vontade de retorquir: «Não lhe chega?» Mas não se podia dar ao luxo de ser insolente. E depois julgou perceber que a falta de entusiasmo que Krantz demonstrava pela cena do pugilato entre Garrett e Farelli indicava de duas uma: ou que este facto já era do seu conhecimento ou então que se não interessava por nenhum deles. E tal conclusão tinha valor para Daranyi. Podia eliminar esses dois laureados, ficando assim reduzido o campo das suas suposições.

Quer saber mais alguma coisa acerca de Garrett? inquiriu Daranyi. Nada mais tenho de valor, a não ser a sua actividade de hoje. Esta manhã, às nove e vinte, recebeu um telefonema do Ministério dos Estrangeiros a pedir-lhe que aparecesse na Sala de Audiências do Palácio Real às onze horas. Não consegui averiguar

quem o convocou nem com que fim. Daranyi ergueu os olhos, a desculpar-se.

Torna-se muito difícil obter informações seguras dentro do palácio.

Krantz assoou-se e mexeu, impaciente, no feto.

E então?...

Daranyi olhou de novo as páginas do relatório.

De qualquer modo, o doutor Garrett chegou ao palácio às nove menos cinco, esta manhã, e foi recebido por um intendente...

O intendente, impressionante no seu uniforme do Exército, retirara-se, e, neste momento, às onze da manhã, John Garrett encontrou-se momentaneamente sozinho na Sala de Audiências do Palácio Real, sentindo-se altamente satisfeito consigo próprio. Passeava através da imponente sala com ornatos barrocos, escutando o ruído dos seus tacões no chão, a desejar poder ser visto neste momento pelos seus amigos do Centro Médico e por Carlo Farelli... sobretudo por este último!

584

Garrett tocou nas magníficas tapeçarias das paredes, executadas em Delft para a rainha Cristina, examinou os retratos a óleo da autoria da Franz Hals, observou o anjo por cima do lustre cintilante e depois ficou de pé sobre o tapete, diante do trono de ouro e veludo um autêntico trono real, olhando em seguida para o dossel que se encontrava por cima deste.

A pedido de Sua Majestade, o porta-voz do Ministério dos Estrangeiros perguntara-lhe, havia poucas horas, se ele poderia comparecer na Sala de Audiências por volta das onze, a fim de tratar de um assunto que interessava particularmente a Sua Majestade.

Desde esse momento, Garrett sentia-se eufórico. Dava-lhe uma forte tentação de se sentar no trono, apetecia-lhe precisamente fazer isso, mas dominava-se, com receio de vir a ser surpreendido pelo monarca.

Perguntava a si próprio o que lhe queria este. A verdade é que isso era uma questão secundária. O que importava verdadeiramente era o facto de ter sido convocado especialmente pelo telefone, para se apresentar na Sala de Audiências às onze horas, e neste momento sentia-se, no íntimo, inchadíssimo com semelhante honra. «Pobre, pobre Farelli!», pensava consigo próprio, desejando ver a cara dele quando lesse a notícia nos jornais...

Perdido nestes sonhos, não ouviu a pesada porta de castanho abrir-se e fechar-se nas suas costas. Só quando sentiu passos é que se voltou, com a maior rigidez, preparado para enfrentar o rei.

bom dia, doutor Garrett. É muito simpático da sua parte haver ocorrido tão prontamente.

Não era o rei da Suécia que se encontrava na sua frente e se dirigia para ele, mas sim um homem mais baixo e forte, dos seus sessenta anos, envergando um fato azul-escuro vulgar.

Apertou a mão de Garrett.

Não sei se se recorda de mim. Sou o barão Johan Stiernfeldt.

Fomos apresentados um ao outro no jantar de Mr. Hammerlund.

Recordo-me perfeitamente de si retorquiu Garrett. Telefonaram-me esta manhã do Ministério dos Estrangeiros...

Por minha ordem interrompeu o barão. Fi-lo, como muitas vezes sucede, em nome de Sua Majestade. Não o demorarei mais que uns minutos. Quer sentar-se?

Havia ali dois tamboretos de veludo, com as pernas douradas em cruz, colocados a pouca distância do trono, à direita, por baixo de uma tapeçaria que representava uma cena pastoril. Sentaram-se ambos nos tamboretos, o barão Stiernfeldt muito à vontade, Garrett muito desajeitado e ainda pesaroso pela ausência daquele que julgara ir encontrar.

Fui informado de que o senhor se dá com o doutor Erick ôhman, o nosso especialista de doenças cardíacas do Instituto Caroline, o qual lhe vem seguindo as pegadas. Ele falou de si em termos 585

muito elogiosos e mostrou-se grato pela contribuição que o senhor tem dado aos seus trabalhos.

É sempre com o maior prazer que posso ser-lhe útil retorquiu Garrett modestamente, mas mais inchado que nunca.

Talvez seja abuso da nossa parte, visto o senhor encontrar-se aqui como nosso convidado e em viagem de recreio, vir reclamar a sua intervenção num assunto particular. Sua Majestade tem dúvidas acerca da legitimidade desta iniciativa. Consultou o doutor Ohman, ao cabo de muito hesitar, e por fim resolveu que tomaríamos a liberdade de lhe solicitar este favor.

Sem reflectir, Garrett comprometeu-se logo.

Não faço ideia do favor que poderei prestar a um rei, mas, seja o que for que ordene, declaro-me inteiramente às suas ordens! Agradou-lhe a construção bombástica da frase e desejou não se esquecer dela para a poder repetir a Sue Wiley.

Óptimo! Ficamos antecipadamente muitíssimo gratos retorquiu o barão. Agora vamos aos factos. O doutor Ohman informou-nos de que já lhe teria falado num caso de transplantação cardíaca que o preocupa.

Garrett tentou recordar-se.

Tratava-se de um conde, se bem me lembro... Desistiu.

Acho que é melhor reavivar-me a memória.

O doente é o conde Rolf Ramsted, parente afastado de Sua'

Majestade e por quem ele sente a mais profunda estima. O conde Ramsted conta setenta e dois anos, é um homem atlético, com uma constituição fortíssima, goza da melhor saúde, isto é, gozava até há pouco, quando lhe apareceu uma doença incurável do coração. Não passo de um leigo e por isso sou incapaz de explicar bem a natureza da moléstia. Mas dizem-me que é grave e que ele se encontra numa situação bastante crítica. Talvez se recorde do caso, que foi largamente noticiado nos jornais, quando o doutor Farelli visitou há

pouco o doente, acompanhado por uma jornalista americana, e deu uma entrevista em que descrevia todas as implicações da doença.

O rosto de Garrett contraiu-se.

Agora me recordo.

O doutor Öhman tem usado da maior franqueza para com Sua Majestade. Por motivos que excedem a minha compreensão, o caso envolve umas certas dificuldades...

Sim, o doutor Ohman explicou-me.

Mas... no entanto, ele convenceu-se, após inúmeros testes, de que o conde Ramsted se encontra em condições de sofrer uma transplantação e que esta tem probabilidades de ser coroada de êxito, pois o organismo do doente é sensível ao soro de imunização. Seguro deste facto, Sua Majestade permite ao doutor Ohman que realize a intervenção amanhã de manhã. No entanto, o rei é de opinião que, uma 586

vez que o acaso reuniu aqui, como por milagre, as duas maiores autoridades mundiais na matéria, numa palavra, os descobridores da nova técnica por meio de transplantação cardíaca, o rei acha, digo, pensa que seria preferível recorrer-se aos conhecimentos de ambos os senhores, visto estarem aqui para receber o galardão pela vossa alta competência.

Uma vez que esta operação não só o preocupa muito, como, além disso, está destinada a ser largamente comentada em todos os jornais do mundo, Sua Majestade pretende que o paciente beneficie de todas as vantagens. Muito embora confie no doutor Ohman, pois tem uma fé absoluta nesse jovem, sentir-se-ia mais tranquilo se o senhor pudesse assistir amanhã à operação, como uma espécie de apoio, por assim dizer, a fim de que o doutor Ohman possa socorrer-se da sua experiência e auxílio, caso deles venha a necessitar.

E o doutor Ohman sabe disso?

Deu-nos a sua inteira aprovação retorquiou o barão e sentir-se-ia muito aliviado se o senhor quisesse partilhar com ele a

responsabilidade.

Partilhá-la-ei, com todo o gosto declarou o Dr. Garrett.

Podem contar comigo.

Ainda bem! exclamou o barão. A operação estava inicialmente marcada para as sete de amanhã, mais foi adiada para as nove, de forma que o doutor Ohman possa ter tempo de rever os seus apontamentos e de conferenciar consigo.

Garrett viu imediatamente a vantagem desta sua participação, desta sua colaboração tão dramática para salvar um parente do rei mercê da descoberta que fizera. Podia depois demonstrar ao mundo inteiro por que motivo ganhara o Prêmio Nobel e o merecera sozinho. Era agora esse o facto que mais o preocupava. O barão afirmara que o rei queria assegurar-se dos serviços tanto dele como de Farelli. Isto, porém, não aceitaria ele. Seria firme e imporia condições à sua cooperação.

O barão Johan Stjernfeldt erguera-se e foi então que Garrett expôs a sua ideia.

Uma coisa declarou. Levantou-se do tamborete e veio para junto do aristocrata. Poucos leigos se apercebem da tensão nervosa que rodeia esta espécie de cirurgia. A rapidez e a precisão tornam-se indispensáveis. Descobri, ao longo da minha já vasta experiência de transplantações cardíacas, que dois cirurgiões podem fazer bom serviço, mas três são de mais.

Creio não estar a compreender bem, doutor Garrett. Que quer dizer com isso?

Julgo que me será inteiramente confiada a assistência de que necessita o doutor Ohman. Uma vez que ele e eu trocamos notas sobre este trabalho e temos relações pessoais, daremos o melhor rendimento trabalhando juntos. Uma equipa de dois, eu e o doutor

587
Ohman, poderá garantir o êxito da intervenção. Porém, um terceiro cirurgião virá tornar a empresa extremamente difícil.

A expressão de Johan Stiernfeldt mantinha-se dura.

Quer o senhor dizer com isso que o doutor Carlo Farelli não deve assistir à intervenção?

Garrett sentiu uma sensação de alívio. Fora compreendido. A vitória estava ao seu alcance.

Foi isso precisamente o que eu quis dizer.

Receio que seja impossível, doutor Garrett.

Esta resposta era inesperada.

Impossível porquê' quis ele saber com ar petulante.

Porque hoje, às oito e meia da manhã, o rei almoçou com o doutor Carlo Farelli nos seus aposentos particulares e discutiram ambos detalhadamente os pormenores da futura intervenção. Sua Majestade aceitou já o oferecimento do doutor Carlo Farelli para ajudar à operação.

Garrett ficou petrificado.

O rei recebeu Farelli pessoalmente?

Oh, sim retorquiu o barão Stiernfeldt. E ficou muito mais descansado depois de ter falado com ele. O senhor compreende que Sua Majestade tinha acanhamento de dispor do tempo do doutor Farelli ou do seu, como já lhe expliquei. Convenceu-se por fim de que teria de o fazer, mas entretanto, o doutor Farelli livrou-o de embaraços vindo ao encontro dos desejos do rei e oferecendo os seus préstimos. Imagine como Sua Majestade se sentiu satisfeito e apreciou este gesto. E porque não dizê-lo? creio bem que foi a firmeza com que o doutor Farelli afirmou que o senhor, doutor Garrett, se sentiria tão honrado como ele em assistir, que levou Sua Majestade a tomar a iniciativa de o convidar... Sente alguma coisa, doutor Garrett?

Teve uma tontura?

No apartamento de Carl Adolf Krantz, com vista para o Mälaren, haviam decorrido quinze minutos desde a chegada de Daranyi. Neste momento, o húngaro ergueu mais uma vez os olhos dos seus

apontamentos e esperou que o dono da casa acabasse de escrever atrás da cortina do feto.

Agora basta de doutor Garrett e de doutor Farelli declarou Daranyi. A seguir vêm os dois laureados da Química, o doutor e a doutora Marceau, de Paris. Sobre estes, o que consegui averiguar não é muito, mas a qualidade compensa a quantidade, pelo menos a espécie de qualidade que lhe interessa, segundo creio.

Isso só eu o posso avaliar resmungou Krantz.

Muito bem Daranyi ergueu o maço de papéis. Isto é tão escabroso que faz uma pessoa corar. Os Marceau, ao que parece, 588 levaram até há pouco tempo uma vida impecável, entregues inteiramente às suas investigações e experiências. O doutor Claude Marceau teve uma aventura em Paris e a mulher agora vingou-se arranjando uma ligação aqui, em Estocolmo.

- Vermes decadentes murmurou Krantz, por detrás da verdura.

- Não consegui saber pormenores prosseguiu Daranyi, mas estou no conhecimento de certas coisas. Começamos com os namoros de Claude Marceau... com um forte sentido de encenação, Daranyi soltava os factos um por um, como se fossem balões coloridos que largasse para o céu. Descreveu as relações do Dr. Marceau com a sua companheira Gisèle Jordan, desde o primeiro encontro em Paris até à sua futura entrevista no Hotel Malmen, de Estocolmo.

- Não tenho a certeza se a doutora Denise Marceau tem conhecimento deste projecto confessou Daranyi, mas, a avaliar pela sua conduta, desconfio que ela sabe o que se passa. Seja como for, averigui de fonte segura que ela cometeu duas vezes o adultério com um compatriota seu, o doutor Oscar Lindblom, um rapaz que trabalha no laboratório de química de Ragnar Hammerlund. Esteve com ele há três dias no próprio laboratório, e depois encontrou-se de novo, durante uma ausência do doutor Claude Marceau. A mulher recebeu o jovem Lindblom no seu apartamento do Grande Hotel.

Que nojo! comentou Krantz, sem deixar de escrever.

Se temem um escândalo declarou Daranyi., talvez seja este. Sou de opinião que a doutora Denise Marceau pretende que o marido tenha conhecimento das suas violações do leito conjugal e eu pergunto a mim próprio o que fará o doutor Claude Marceau quando tal suceder...

Às 13.02 da tarde, Claude Marceau ficou sabendo que a sua esposa, fiel durante dez anos, se tornara adúltera.

Às 13.08, Claude Marceau obrigava-a a confessar o nome do seu vil sedutor.

Às 13.29, Claude Marceau, acertando o passo pelo do mordomo de Hammerlund, Motta, percorria o atalho da floresta, por detrás de Askslottet, em direcção ao laboratório isolado a senda do pecado, no Paraíso Terrestre, onde encontraria aquele infame e traidor sueco, Oscar Lindblom, para lhe dar uma sova mestra.

Claude Marceau, defensor das virtudes domésticas, ia louco de raiva. Nem o caso era para menos. Denise, com a sua timidez e o seu eterno receio da violência, tentara proteger o amante, protestando a inocência deste e atribuindo a si própria o papel de femme faial. A atitude dela seria ridícula se não fosse de uma falsidade tão transparente e patética. Claude conhecia a mulher há demasiado tempo para se deixar enganar! Denise era essencialmente provinciana 589

e ingénua, nada mundana. No cérebro de Claude não subsistia a menor dúvida quanto ao culpado: aquele réptil sueco, grosseiro e vicioso, aproveitando-se do desgosto dela e da sua fraqueza, levaraa, com as suas astúcias, a cometer o adultério.

Caminhando ao lado de Motta, Claude ia recordando o incidente que lhe revelara tudo. Regressara de Upsala depois da meia-noite e caíra imediatamente num sono profundo, exausto de fadiga. Acordara tarde, mas ainda não eram horas do almoço, e fora encontrar Denise estirada na saleta, a tomar café, enquanto folheava um exemplar do Paris-Match. O que primeiro lhe dera nas vistas

fora o seu négligé cor-de-rosa, que não lhe ficava nada bem, a ela, uma mulher casada. Notara-lhe a mesma vivacidade exagerada de que dera mostras desde o jantar em casa de Hammerlund, e de novo pensara que ela tentava mostrar-se sob o seu melhor aspecto, no intuito de o reconquistar.

Agora, recordava-se: a campainha tocara e ele fora ver quem era.

Tratava-se de um dos criados do hotel, uma relíquia fugida ao romance de Balzac *La Comédie Humaine*, que lhe entregou uma garrafa qualquer embrulhada em papel vistoso e vermelho, como se se tratasse de um presente.

Sou um dos auxiliares do serviço explicou e venho trazer o champanhe que a senhora encomendou para oferecer ao senhor.

Claude ainda se pôs a pensar se por acaso faria anos naquele dia.

Mas não.

O marido sou eu. Deixe cá ver.

Porém, o criado afastou a garrafa da mão que aquele desconhecido lhe estendia. A senhora fora bem explícita na noite anterior.

Não é para si, não. Eu conheço o marido dela.

Claude percebeu então que havia confusão.

Desculpe, mas o senhor está enganado no quarto.

O quarto é este insistiu o estúpido criado. Fui eu que falei com a senhora a noite passada, aqui mesmo.

Claude começava a impacientar-se com estas confusões.

Mas por que diabo diz você que eu não sou o marido dela?

Porque o vi ontem à noite. Espreitou para trás de Claude e viu Denise a erguer-se do sofá, reconhecendo-a então.

Minha senhora, está aqui o champanhe que mandou vir para o...

Qualquer coisa começava a penetrar no cérebro de Claude, que se voltou subitamente, ainda a tempo de ver a mulher que fazia sinais desesperados para afastar o criado.

Ah, sim, sim, enganei-me no quarto.

O criado começava a retirar-se quando Claude entrou subitamente em acção. Correu atrás do homem e agarrou-o pela gola.

Você viu um homem com a minha mulher no quarto, a noite passada?

590

O criado ficara mudo, mas uma forte sacudidela obrigara-o a deitar cá para fora a verdade, revelando muito à pressa, atabalhoadamente, entre outras coisas, que o sujeito que avistara com Denise estava em pijama.

Claude voltara ao apartamento, depois de bater com a porta, e avan-

çara para Denise, tal como um procureur general crescendo para um réu aterrado. A luta fora breve e a defesa ruíra por completo. Denise tentara estupidamente atirar com todas as responsabilidades para cima dela própria e assacar-lhe até alguma para ele, Claude: se não se sentisse tão solitária e ferida pelo procedimento dele, se não tivesse tanta necessidade de amor e autoconfiança, não teria sucumbido com aquela facilidade às atenções de Oscar Lindblom. Ah, aí estava o nome dele: Lindblom! O falso, o traidor, o Casanova nórdico! Porque agora, para se desculpar, ela confessava as verdades mais íntimas: as palavras doces e persuasivas de Lindblom, os seus ardentes mur-

múrios, as suas mãos experientes, o seu corpo forte e irresistível, a sua avassaladora e indomável paixão .. Lindblom!

É aqui o laboratório, doutor Marceau dizia o mordomo.

Obrigado retorquiu Claude secamente. Pode ir-se embora.

Deixou Motta e caminhou ferozmente para a porta, agarrando o puxador com a mesma mão que, dali a instantes, se abateria sobre ' o rosto do violador. Desde que o conde Axel von Fersen tivera aquela brincadeira com Maria Antonieta, cada sueco se julgava outro Fersen. (

«Au revoir, Lindblom», prometia Claude a si próprio. «Tu serás o último da série!» E penetrou na vasta sala do laboratório.

A princípio, ficou dolorosamente desapontado ao julgar o compartimento vazio. Depois, ouviu uma voz que vinha de detrás de uma , fila de retortas: Quem está aí?

Claude deu a correr a volta à bancada e estacou.

Não era Lindblom, mas sim Ragnar Hammerlund, muito ridículo no seu fato-macaco inteiriço, no género daquele que adoptara em tempos Winston Churchill.

Doutor Marceau, que agradável surpresa!

Onde está esse químico, esse tal Lindblom que o senhor aí !< tem?

Lindblom? Não está cá. Mandei-o fazer um recado. Não deve , demorar. Posso ser-lhe útil nalguma coisa, doutor Marceau?

Não, é ao Lindblom que eu procuro retorquiu Claude, de má catadura. | !

Hammerlund fingiu não reparar no azedume da voz do seu visitante.

Ele sabia que o senhor vinha?

Creio que não.

!!

Vai ficar bastante lisonjeado com a sua visita, tal como eu. A admiração que ele sente pelo senhor e por sua esposa quase toca as raias da adoração.

Claude estava demasiado irritado para apreciar as lisonjas exageradas.

O senhor é muito amável.

Nada disso respondeu Hammerlund, tirando um lenço do bolso das calças e enxugando a testa. O doutor Lindblom é um rapaz modesto, isolado, sem grande prática da sociedade, mas que conhece profundamente os vossos trabalhos e para quem vocês são há muito uns verdadeiros ídolos.

Isto não coincidia com a figura sedutora que Claude imaginava.

Eu tive dele uma impressão diferente. No seu jantar pareceu-me um sujeito insolente e muito cheio de si...

com certeza confundiu-o com outra pessoa interrompeu Hammerlund.

Olhe, ainda outro dia, quando a sua mulher veio visitar o laboratório, ele ficou num estado de excitação e entusiasmo indescritíveis.

A minha mulher esteve aqui? Claude percorreu friamente com os olhos o laboratório. Fora este, então, o teatro do adultério.

Fora ali que tudo começara, e a lubricidade do sedutor, para completar o insulto, levava-a a introduzir-se nos aposentos do marido, a noite passada!

Sim prosseguiu Hammerlund, a sua mulher estava muito interessada nas descobertas de Lindblom no campo dos alimentos sintéticos.

Imagino retorquiu Claude amargamente. Olhou de novo em redor e ocorreu-lhe um pensamento: onde teria tido lugar a cena?

No chão? Incrível. Aqui, só existe esta sala? inquiriu.

De maneira nenhuma. Temos aquilo a que eu chamo a sala «de pensar». Venha, poderemos esperar ali pelo doutor Lindblom. Estaremos mais comodamente.

Dirigiu-se para o quarto anexo e Claude olhou para o sofá conspurcado, e então percebeu tudo.

Sente-se oferecia Hammerlund. Quer que mande vir qualquer coisa para tomar?

Embora ainda não tivesse comido nada naquele dia, Claude não queria aceitar fosse o que fosse do patrão de um homem que naquele momento desejaria reduzir a migalhas.

Não, obrigado.

Sentou-se muito teso na borda do sofá, satisfeito ao menos de o não ouvir ranger. Tirou um cigarro inglês da cigarreira de prata e consentiu com desinteresse que Hammerlund lho acendesse com o isqueiro.

O senhor veio procurar o senhor Lindblom por algum motivo 592 profissional? inquiriu Hammerlund, tomando lugar na outra extremidade do sofá.

Claude desejava ardentemente que aquele homenzinho horrível se retirasse da cena o mais depressa possível, mas depois recordou-se de que o palco era a própria casa dele e que tinha obrigação de responder às suas perguntas. Considerou por um momento a hipótese de lhe revelar o verdadeiro motivo da sua visita. Mas não queria originar avisos, mexericos, preferia não dar o alarme. Desejava aplicar um tremendo soco na cara deslavada e superior daquele louraço (um seria o bastante) e deitá-lo ao chão, salvando assim a sua honra e o seu orgulho. Não há direito que um subalterno qualquer vá assim pôr os cornos a um laureado com o Prêmio Nobel. Os atrevidos devem ser colocados no seu lugar, nem que seja pela violência.

Tentou recordar-se da pergunta de Hammerlund e acabou por conseguir responder: Sim, podemos dizer que é uma questão

profissional que me leva a procurar o Lindblom.

Espero que esse interesse tenha sido despertado pela visita de sua esposa ao meu laboratório?

Podemos considerar que assim é, de facto respondeu Claude evasivamente.

Então ela informou-o acerca do notável talento do doutor Lindblom?

Completamente!

Isto era uma impostura, reconhecia Claude, no género daqueles diálogos do Concert Mayol, cheios de perguntas e respostas inocentes, mas sempre com duplo sentido e que despertavam na assistência gargalhadas sem fim. Embora a sua cólera abrandasse por falta de objectivo, Claude não sentia disposição para se divertir com semelhantes disparates. Desejava mudar de assunto. E foi Hammerlund quem lhe deu a deixa.

Pois bem, antes do regresso de Lindblom, que lhe falará pessoalmente do seu trabalho ia dizendo Hammerlund , talvez eu possa revelar-lhe alguns aspectos que lhe interessem.

Faz favor, diga respondeu Claude, tentando mostrar curiosidade, mas desejoso apenas de que o tempo passasse o mais depressa possível.

Imediatamente, com o entusiasmo de um maníaco, Ragnar Hammerlund começou a expor a necessidade e a importância de descobrir alimentos básicos sintéticos. Os comestíveis produzidos por processos químicos seriam mais saudáveis, mais económicos e poriam fim à subalimentação, e até mesmo à fome em todo o mundo. Desde que os químicos conseguissem produzir sintéticos para as proteínas, gorduras, carbo-hidratos, a Terra alcançaria a utopia.

Não sou só eu a acreditar nisto disse Hammerlund. Pôs-se 593 de pé de um salto, dirigiu-se à secretária, percorreu com o dedo uma fila de livros e encontrou aquilo que procurava. Aqui temos um químico americano, Jacob Rosin, que escreveu um belo livro sobre o

assunto, O Caminho da Abundância. Hammerlund voltou as páginas, até encontrar o que procurava. Ora escute: «Uma vez descoberta a síntese dos carbo-hidratos, das proteínas e das gorduras, ficará quebrado o elo que liga a humanidade à planta. O resultado disto operará a maior revolução da história desde que o homem descobriu o fogo. Centenas de milhares de lavradores e de trabalhadores rurais serão substituídos por máquinas. A superfície da Terra ficará liberta da escravatura à produção dos alimentos. Daqui surgirá uma vida nova.» Hammerlund pôs de parte o livro. Está a ver as possibilidades de uma coisa destas?

A princípio, Claude escutara distraído. Mas o tom professoral de Hammerlund, ao iniciar a sua sessão de propaganda, irritou-o, obrigando-o a prestar uma certa atenção. Pensava que não era um estudante qualquer, mas sim um laureado com o Prêmio Nobel da Química.

Eu percebo alguma coisa disso, Mr. Hammerlund. Sonhadores como esse, sempre os houve. As dificuldades surgem quando se esbarra com os obstáculos, os duros obstáculos que encontramos nos laboratórios e que habitualmente tornam inacessível o fim da estrada.

Agora, que conseguira interessar o laureado, Hammerlund tornava-se mais imperioso. Era quase como se o seu rosto incolor tivesse adquirido o tom humano da emoção.

Claro, doutor Marceau. Não sou tão ignorante que não me aperceba dos obstáculos. Mas quais são eles no campo dos alimentos sintéticos?

Em primeiro lugar, teríamos de vencer o preconceito do público, partilhado por muitos cientistas, de que os únicos alimentos sadios são os naturais. O senhor sabe que isso é uma treta, e eu também o sei. A couve-flor, as ervilhas, os feijões, os ovos crus, o pão integral e o café não passam de intrujices cheias de venenos a que resistimos apenas à custa da moderação na comida. Os alimentos sintéticos

seriam produzidos sem esses venenos. Em segundo lugar, convenceríamos o mundo de que esses substitutos químicos dos alimentos poderiam ser tão agradáveis como as carnes, os vegetais e o pão genuínos.

Em terceiro lugar, temos de provar à humanidade que os alimentos sintéticos podem conter todas as quantidades necessárias de carbo-hidratos, proteínas, gorduras, água, vitaminas e minerais.

O que aborrecia Claude é que Hammerlund falava de tudo isto como se fosse uma brincadeira. Ele não passava de um industrial e pouco percebia de ciências. Que conhecia aquele homem acerca dos verdadeiros problemas da síntese? Pela primeira vez em dez anos, Claude começou a tentar recordar-se das suas antigas experiências de colaboração com Denise, dos dias de trabalho intenso, das noites fatigantes, da persistência monótona, da sensação de cair na cama fatigado até à medula, dos olhos a arder e do pescoço, dos ossos quase artríticos e do cérebro cheio daquela caótica sensação de estar sempre a procurar alguma coisa.

Sentia-se seriamente tentado a rebater Hammerlund. Começou a contradizê-lo e, com grande surpresa, verificou que o homenzinho se mostrava encantado com o desafio e ripostava com uma surpreendente bagagem de casos históricos, de factos e de números. À medida que a discussão prosseguia, tornava-se evidente que Hammerlund não falava apenas ao sabor de uma imaginação inventiva; demonstrava possuir sólidos conhecimentos daquilo que já fora realizado e do que poderia vir a realizar-se.

Pouco a pouco, sem se dar conta do que estava a suceder-lhe, Claude encontrou-se envolvido num rigoroso debate com Hammerlund acerca das limitações das algas para substituírem os alimentos naturais.

Discutiram ainda até que grau se poderiam produzir alimentos sintéticos integrais e livres de substâncias nocivas. Falaram do interesse de descobrir uma síntese de vitaminas sintéticas aplicáveis

e alimentos novos. Debateram a possibilidade de quebrar a estrutura química de várias proteínas e de inventar outros substitutos baratos e fabricados pelo homem. Encaravam a utilidade da chlorella e da soja como ponto de partida para outros alimentos.

Os minutos voavam, mas Claude Marceau estava tão entretido que não dava pela passagem do tempo. Havia muitos meses que não discutia verdadeiramente um aspecto novo da bioquímica. Após a descoberta que ele e Denise haviam realizado no campo dos espermatozoides, o interesse de ambos por esta matéria, já bastante gasto, quase desaparecera. Conferências em França, discursos e colóquios ali na Suécia, tudo era considerado como uma obrigação. O velho tema era discutido em público quase maquinalmente. De há muitos meses para cá, era como se o cérebro científico de Claude fosse uma espécie de deserto árido, onde nada de vivo bulia. E agora, de súbito, inesperadamente, como se fosse por artes mágicas, esse deserto achava-se povoado por uma multidão, surgida não se sabia donde, que clamava o seu direito à vida, e exigia, com desespero, a solução do seu problema, tal como uma civilização desconhecida no deserto que tivesse de ser organizada, conduzida ao bom caminho, salva, numa palavra. E então, da anarquia deste povo destacava-se um chefe, senhor de uma ideia, e esse chefe, evidentemente, era ele, Claude; só podia ser ele mais ninguém, e a ideia constituía um caminho, uma inspiração, um meio de os alimentar e de os ajudar a sobreviver num lugar tão antinatural e tão hostil à própria vida.

Hammerlund continuava a falar, mas Claude já não ouvia, pois meditava intensamente.

595

Hammerlund disse de súbito, cale-se por um minuto.

O industrial guardou imediatamente silêncio, sem se melindrar, pois observava a expressão distante do rosto do cientista e percebera que ele acabara de se render ao aspecto místico da sua ideia.

Hammerlund declarou Claude lentamente, quase como quem fala sozinho, você e esse tipo que trabalha para si, assim como toda a gente que colabora consigo no campo dos alimentos sintéticos, partiram de um princípio errado. Ocorreu-me uma ideia absolutamente indiscutível, que lhe vou comunicar. Permita-me que pense em voz alta. Não me interrompa. O erro, julgo eu, quase o posso afirmar, consiste em estarem a tentar imitar os processos da Natureza na invenção dos substitutos. A meu ver, o segredo está em abandonar desde o princípio toda a sujeição à Natureza. Se o não fizerem, nunca conseguirão grande coisa. Para quê tentar fazer melhor que Deus? Não, acho melhor deixar Deus em paz e trabalhar à nossa maneira. Pepito: começar do princípio. Do zero. Não devemos partir de uma imitação da Natureza. É, sim, indispensável, criar uma outra Natureza inteiramente nova e audaciosa, um banco de alimentos, químicos.

Recaiu na meditação.

Atónito, Hammerlund arriscou-se a intervir: Não atingi bem o que quer dizer, doutor Marceau. Diz o senhor que...

Apenas isto prosseguiu Claude, não para Hammerlund, mas como se falasse sozinho. Ocupemo-nos do problema da criação de uma síntese de carbo-hidratos. Para quê perdermos tempo a fabricar fotossínteses artificiais? Para quê produzir uma atmosfera artificial para as plantas? Porque não remontamos nós directamente à origem, às moléculas de glucose, e partimos daí para o processo químico inteiramente novo que nos conduza à descoberta de amidos artificiais?

Fez uma pausa. Quanto a inventar as proteínas que se encontram na carne fabricando uma imitação de carne, para que serve isso!?

Porque não inventar um produto melhorado, com os mesmos valores proteínicos, mas livre de nervos e ossos?

Através da névoa da sua concentração, apercebeu-se da presença de Hammerlund, que o fitava, de boca aberta. Como ele desejaria

que fosse Denise quem ali estivesse na sua frente, em lugar de Hammerlund, para que pudesse continuar indefinidamente a expor a sua ideia e a receber dela novas sugestões, até construírem ambos uma hipótese!

Se Denise... Denise!

Caiu imediatamente em si e recordou-se do lugar onde estava e do que ali viera fazer.

Que horas são, Mr. Hammerlund?

As horas? Oh... Hammerlund consultou o seu relógio de pulso, chato como uma folha de papel. Faltam dez para as três.

596

Claude pôs-se subitamente de pé. Estava ali havia mais de hora e meia. Esquecera completamente o seu encontro com Gisèle. Ela partira de Copenhaga umas horas antes e esperava-o no Hotel Malmen, na parte sul de Estocolmo. Tenho um encontro marcado. Não posso demorar-me, já vou atrasado.

Hammerlund pôs-se também de pé.

É pena lamentou-se. A sua maneira de expor o problema, o seu brilho...

Não interessa. Ficarei a fazer uma ideia mais concreta depois de discutir o assunto com Denise. Chame-me um táxi.

Posso mandá-lo pôr onde quiser pelo meu chauffeur...

Não, prefiro um táxi. Espero lá fora.

Hammerlund dirigira-se ao telefone da secretária.

Não sei por que motivo o Lindblom se demora tanto...

Claude parou à porta. Esquecera-se também de Lindblom. Isso era o cúmulo! Tentou reencontrar o rancor de há pouco. Mas não conseguiu. Lindblom não passava de uma vespa enfadonha, um daqueles contratempos que os cientistas encontram sempre para os perturbar no seu trabalho. No entanto, por uma questão de orgulho intelectual, não podia deixar de fazer sentir ao homenzinho que descobrira tudo.

Ah, sim, o seu Lindblom! respondeu Claude. Vou deixar-lhe um recado. Diga-lhe da minha parte que ainda lhe hei-de esmurrar as ventas e que, se o apanho a atirar-se à minha mulher, torço-lhe o pescoço. Bons dias, Mr. Hammerlund!

Denise Marceau, vestida ainda com o negligé cor-de-rosa, examinando os dedos manchados de nicotina, pensou que fumara um maço inteiro de Dominó desde que Claude saíra porta fora, como um furacão, ofendido na sua dignidade masculina.

A ansiedade dela, desde então, tornara-se insuportável. Passeara de cá para lá, fumara, perguntando a si própria qual seria o desenlace, em Askslottet, da conspiração que tramara. Progredira alguma coisa, disso tinha a certeza. A reacção de Claude à sua aventura excedera todas as esperanças que depositara nela e, durante alguns instantes, chegara a acreditar que o prognóstico de Craig estava errado, e o seu é que saíra certo. Porém, agora, ao fim de todo este tempo, sem saber o que se passava, começava a alimentar sérias dúvidas.

Se a sua intriga tivesse tido êxito, já o saberia. Claude reabilitaria a sua honra dando uma tarefa em Lindblom. Depois disso, com uma raivosa sensação de posse, voltaria ali, ao apartamento, e talvez lhe batesse a ela. A seguir, lamentaria a sua fúria e levá-la-ia para a cama, onde, a desfazer-se em ternura, a faria esquecer tudo. Mas, como Claude não voltara ainda, só lhe restava imaginar que a reacção dele fora

diversa, depois de ter batido em Lindblom. Uma vez cumprido esse dever e reabilitada a sua honra, reconquistara provavelmente o equilíbrio e resolvera que daí em diante tudo seria mais fácil para si, podendo até divorciar-se dela sem responsabilidade. E fora encontrar-se com Gisèle Jordan em qualquer parte. Amargurada pelo facto de Craig ter acertado, consciente de que o seu adultério acabara por encher o marido de nojo em vez de ciúmes, Denise dirigiu-se, inquieta, para o guarda-vestidos, tirou um novo maço de cigarros do

bolso do casaco e, com uma dolorosa tristeza e um sentimento de infinita solidão, acendeu um.

Foi então que o telefone tocou.

No íntimo, desejou que fosse Claude.

Correu para o aparelho, pegando-lhe antes que tocasse pela terceira vez, e perguntou com voz cansada: Alio?

Denise? A voz aguda de homem, mas não pertencia a Claude.

Está sozinha?

Qui est Ia?

Quem fala?

Oscar... Oscar Lindblom.

Suspirou. Ainda se encontrava vivo. Já devia saber qual era agora a situação dela.

Como passa, meu caro? Sim, estou sozinha.

O seu marido... O seu marido descobriu tudo!

Já sei... Já sei. Um infeliz acaso levou o criado que nos serviu a noite passada a revelar-lhe tudo.

Ele foi ao laboratório para me matar.

Pelos vistos, não o conseguiu disse Denise secamente.

Que lhe fez então?

Nada. Porque eu não estava lá.

Denise sentiu cair-lhe o coração aos pés. Ele não estava lá. O terceiro acto fora um falhanço.

Como sabe então que o procurou?

Encontrou Hammerlund no laboratório. Esteve hora e meia à minha espera, e depois foi-se embora. Disse que tinha um encontro marcado.

O coração de Denise apertou-se mais ainda. Um encontro? Gisèle.

E pela sua parte? Dar-lhe-ia uma pensão alimentar.

A voz de Lindblom continuava a ouvir-se debilmente no auscultador.

Não me encontrou por uma questão de dez minutos. O Hammerlund está satisfeito como um rato. Diz que ele e o doutor Marceau conversaram durante imenso tempo...

A nosso respeito?

Não... não... Acerca dos alimentos sintéticos.

598

Dos alimentos sintéticos? trovejou Denise. Grande...

grande estupor!

O quê?... Que é que disse?

Nada. Escute, Oscar. Perdera, bem o sabia, mas não ia desistir sem prejudicar o mais que pudesse o inimigo. Falhara a primeira ofensiva, mas planeava já outra. Diga-me onde está.

A uma milha apenas do hotel. Tive que voltar a...

Pode chegar aqui imediatamente?

E o seu marido...

Está fora toda a tarde... Só volta no fim de jantar.

Denise, por favor, é perigoso. Ele pode...

Oscar, eu sei onde ele foi e tenho a certeza de que não volta aqui. Estou completamente só.

Mas, Denise... Embora deseje muito vê-la... Na verdade, estive acordado toda a noite, a pensar em si...

Também eu, querido.

Seria terrível se ele nos apanhasse. O Hammerlund avisou-me.

Avisou-o? De quê?

De que não devia voltar a encontrar-me consigo. Mesmo à saída, o seu marido encarregou Hammerlund de me dizer que me torceria o pescoço se algum dia me encontrasse na sua companhia.

O coração amargurado de Denise alegrou-se e voltou a recuperar alguma esperança.

Ele disse isso?

Textualmente.

Bravatas, Oscar, apenas bravatas. Ele é incapaz de matar uma mosca. Sabe muito bem que é impotente, que eu já não aguento mais, e também sabe que o amo a si. Eu própria lho disse.

Você disselho?

Porque não? Se é verdade!

Oh, Denise...

Meu querido, sinto-me desolada longe de si. Se pudesse vir aqui imediatamente...

Denise... Denise... A voz dele extinguiu-se, mas logo se fez de novo ouvir. Tem a certeza absoluta de que ele não volta aí?

Poderia jurá-lo sobre a Bíblia. Esteja descansado, que eu também estou. Venha imediatamente. Quero saber tudo o que se passou no laboratório e quero também estar consigo. É uma necessidade absoluta, percebeu?

Ela pressentia a emoção que embargava a voz de Lindblom.

Eu... eu... eu... Vou já.

No momento em que pousava o auscultador no descanso, Denise arrependeu-se do convite. Pensara, na noite anterior, que fora a última vez que suportaria as lamentáveis acrobacias de Lindblom. Mas, por instinto, ao ver que tudo estava perdido, desejou deixar a Claude uma 599

imagem que o havia de perseguir até ao fim da vida. Convidara o rapaz no intuito de o reter no quarto e ir depois com ele para a cama, a tempo de Claude os encontrar, quando voltasse. Não perdera tempo a pensar no que poderia acontecer depois disso. Imaginara apenas a humilhação a que sujeitaria o marido. Porém, agora, tudo lhe parecia uma loucura pior do que isso, um perigo, especialmente no caso de existir ainda uma possibilidade de salvar o seu casamento. Porque agora entrevia ainda um raio de esperança. Claude, afinal de contas, dera mostras de um sentimento de posse nas últimas palavras que dissera a Hammerlund. Essa frase final

podia ter dois significados: era uma manifestação de amor-próprio ou, então, de verdadeiro ciúme.

Porque insistira ela tanto na vinda do rapaz ao seu quarto, acenando-lhe com a isca de mais uma dose de cama? Fora um impulso inexplicável, nada mais, fruto de uma necessidade imperiosa de saber imediatamente o que se passara entre Claude e Hammerlund. Não podia acreditar que o marido, depois de sair tão furioso, pudesse ter ficado hora e meia a discutir alimentos sintéticos. Devia haver ali qualquer coisa, e ela tinha de descobrir o quê. Precisava de confiar nos seus sentimentos, e não na sua sensibilidade. Precisava de saber se Claude dera qualquer indicação quanto ao futuro de ambos. Se o não fizera... Então, tudo estava claro... Gisèle vencera.

Arrastou-se lentamente até à casa de banho, com as chinelas a bater-lhe nos calcanhares. Quanto à promessa que fizera a Lindblom, de ter com ele relações sexuais, arranjaria maneira de se furtar a isso.

Mostrar-se-ia atraente, deixaria que ele a beijasse e acariciasse, mas, para além disso, diria que não. Extrairia do rapaz as informações que lhe pudesse fornecer, e pô-lo-ia a mexer. com esta visita, terminaria a sua utilidade.

Na casa de banho, despiu o negligee e, depois de ter reflectido uns instantes, resolveu optar por uma forma moderada de provocação.

Tirou o soutien e deixou que os seios pendessem livremente. Lavou-se e enxugou-se com cuidado, retocou a pintura do rosto com uns traços de lápis nas sobrancelhas, sombreou os olhos, pôs pó de arroz e baton.

Salpicou-se em seguida com Arpège, atrás das orelhas, do pescoço, nos ombros, debaixo do queixo, nos sovacos, entre os seios, por baixo destes.

Acabara de enfiar o negligee e estava a puxar para cima as calcinhas cor-de-rosa quando ouviu a campainha da porta. Cruzou

apressadamente o negligee e correu a abrir.

No instante em que Lindblom penetrou no quarto, de olhos excessivamente brilhantes e cabelos em desalinho, ela percebeu logo que as coisas não iriam passar-se exactamente como planeara.

Denise arquejou ele, agarrando-a com tanta força que mal a deixava respirar, esmagando-lhe os seios contra o peito percorrendo-lhe com a mão a espinha, até à curva das nádegas.

600

Nos dois encontros que haviam tido antes nunca ele dera mostras desta agressiva impulsividade, e Denise procurava agora descortinar a razão desta mudança. Devia-se a quê? À promessa dela ao telefone, à sua reduzida toilette ou ao perigo que a situação envolvia? Fosse qual fosse o motivo, o caso apresentava-se difícil.

Denise murmurava ele, julguei que nunca mais chegava ao pé de si. Já não posso esperar nem mais um minuto!

Ela tentou repeli-lo.

Oscar, que é que lhe deu? Não seja tão apressado...

Tem de ser... tem de ser já. Você não sabe o que isto é!

Denise afastou-se dele, observou-lhe o rosto e a atitude, a de um Mellors anêmico, criador de ratos brancos, nada mais.

Denise, você afirmou que gostava de mim.

E gosto, seu pateta. Mas acontece que não estou agora com disposição para...

Ao telefone, você disse...

Sou muito sua amiga, Oscar, mas tem de compreender que... passei o dia preocupada, aflita por sua causa, com medo que o meu marido lhe pudesse fazer mal, meu querido.

Suplico-lhe, Denise...

Denise pensou «Dêem a um abstinência uma bebida alcoólica e vejam o que lhe acontece.» Ela tinha de acabar com isto. Era Claude que lhe ocupava por inteiro o pensamento. Tinha de saber o que se passara com ele.

Escute, Oscar, eu preciso de saber...

Jag vill at t du skall ligga med mig, venha comigo para a cama!

Já lhe disse que não estou com disposição...

Ao menos um beijo, um abraço...

Muito bem. Mas, primeiro, diga-me tudo o que se passou entre o meu marido e o Hammerlund.

Deixemos isso!

Está bem. Mas... espere, aqui, não. A criada pode vir... E fugiu-lhe dos braços. Venha comigo. Porte-se bem, veja lá.

Entrou para o quarto e ele foi logo atrás dela. Denise trancou a porta, sempre a pensar o que iria ouvir acerca de Claude. Mas Lindblom atirou-se subitamente a ela, tentando arrancar-lhe o negligee, aproximando-lhe os lábios húmidos do rosto, com a respiração ofegante.

Ela deu-lhe um único beijo, empurrou-lhe os braços, libertou-se.

Tem de ter juízo, Oscar! Você prometeu disse aflita. Acabemos com isso até que me diga o que se passou. Porte-se como um cavalheiro e conserve-se afastado de mim. Ela começou a andar pelo aposento, evitando o olhar febril do rapaz, furtando-se ao seu entusiasmo, resolvida a deixá-lo esfriar, para que se tornasse razoável e lhe desse as informações que pretendia. Continuava a passear sempre sem o fitar.

601

Vamos Oscar observou ela na sua voz mais impessoal. Que disse o meu marido a meu respeito?

Aquilo que eu lhe contei.

Tirou a gravata.

Mais nada, tem a certeza?

E também que me torcia o pescoço se me encontrasse consigo.

Nem mais uma palavra.

Estava a desabotoar as calças.

Não acredito.

Só sei o que o Hammerlund me disse. O doutor Marceau esteve lá hora e meia e só falou de alimentos sintéticos.

Descalçou os sapatos.

Ele nunca se preocupou com alimentos sintéticos. Porque se teria demorado lá hora e meia?

Porque de repente começou a interessar-se por qualquer coisa que disse o Hammerlund.

Tirou as meias.

Que quer dizer? Não compreendo. Explique-se melhor.

Denise, não consigo pensar!

Despiu as calças.

Mas tem de pensar. Eu quero saber.

Hammerlund disse que seu marido teve uma inspiração...

Deixou cair as cuecas.

Que espécie de inspiração? Acerca dos sintéticos?

De quê? Não sei. Por favor, Denise, não me fuja mais... Olhe para mim.

Estava nu em pêlo..

Oscar!

Bem vê, Denise, tem de ser... Estou fora de mim.

Agora não quero... Não, deixe-se disso... Você prometeu. Vamos, por favor, esteja quieto. Vista-se. Oscar! Tire para lá as mãos.

Ainda vai rasgar o meu rico...

Tirou-lhe o cinto.

Nunca a desejei tanto como agora. Vou comê-la. Não posso viver sem si.

Mas tem de viver. Não podemos continuar assim. Por favor, tenha juízo. Prometeu dizer-me, não se esqueça, dizer-me... Pensa realmente que o Claude tenciona iniciar qualquer investigação acerca...

Lindblom arrancou-lhe o negligee.

Ah, Denise! Que maravilha... Os seus seios... Nenhuma mulher no mundo...

Oscar, espere lá. Oh, porque o deixei eu entrar neste quarto?

Não me empurre para a cama. Acabe lá com isso! Não deixo que mas tire... não...

Lindblom arrancou-lhe as calcinhas.

602

Denise, meu amor... meu único amor...

Deixe-me... Está doido?... Nem posso respirar.

Denise, fique comigo para sempre... Deixe o Claude.

Não quero deixar o Claude. Não posso ser cruel a esse ponto.

Oscar... Oscar... Isto não se faz.

Isto o quê?

Digo-lhe que isto não se faz.

Não pensava assim a noite passada, nem no laboratório. Não há mal no amor.

Mas isto é diferente. Pobre Claude... Eu não posso... Não, temos que falar. Você ainda não acabou de me dizer tudo. Deu a entender que ele tinha qualquer projecto novo. Isso é verdade, Oscar?

Claude está de facto a pensar a sério nalguma coisa?

Alguma coisa?... O quê?

Pensa que ele fez alguma descoberta?

Oh, sim, com certeza que fez... Oh, Denise, tem de ser, isto é um suplício.

Domine-se, Oscar. E acabe lá com isso.

Venha viver comigo, Denise, deixe-o... Os dois juntos para sempre... assim...

Você falou num projecto... numa descoberta... é lá possível que... terá ele tido alguma ideia... uma hipótese?...

O quê? Eu nem ouço o que está a dizer. Oh, Denise...

Oscar, espere aí. Ralentiez. Deixe-me, está a magoar-me.

É o meu amor por si... Não consigo dominar-me...

O que eu quero é que me diga o que se passa com meu marido e com as suas hipóteses.

As suas hipóteses.

Vamos... vamos... diga lá.

Ele e Hammerlund discutiram... os sintéticos... as suas possibilidades...

tudo isso... oh, Denise... debateram o assunto... e o seu marido... ficou fascinado... teve uma inspiração súbita e concebeu uma nova síntese de alimentos... depois... oh, Denise, meu amor, meu amor... jag alskar dig... amo-a.

Você é um amor, Oscar, um amor... Mas diga... diga.

Ele afirmou que estávamos todos a laborar num erro... pois imitávamos a Natureza... quando a copiávamos... e o que devíamos era criar alimentos novos... e não inventar substitutos...

E tem a certeza de que ele estava a ser sincero... Que estava completamente absorvido pelo assunto... interessado?

Hammerlund disse que nunca vira um cientista... mais excitado... ele julga... julga...

O quê? Julga o quê, meu amor?...

Oh, Denise... sim, ele julga que o seu marido vai iniciar a maior investigação... que... que...

603

Continue, Oscar.

...que jamais foi tentada por uma ciência... por um cientista... na verdade, ele... Denise, não posso mais, tens de ser minha. Isto já se prolongou de mais...

Não, acabe lá com isso, Oscar. Não consinto. Você é um tarado sexual. Devia era pensar no trabalho, e não nestas coisas...

Mas no laboratório, você disse... Denise, Denise...

E que conceito faz você da honra? Eu sou uma mulher casada.

Você tem necessidade de amor. Não pode viver sem ele.

Mais respeito, mais respeito, largue-me. Eu ganhei o Prêmio Nobel.

Você é uma mulher... Ainda não passou à História. O Prêmio não a transformou numa múmia. É uma mulher...

Que tem um marido, o Claude.

Não passa de um impotente e nós estamos vivos. Deixe-o lá com a sua nova inspiração. A verdade é que ele... Denise, volte-se para mim...

Continue, Oscar. Ia a dizer: a verdade é que ele...

A verdade é que ele acabou por ir tarde para a entrevista... ou lá o que fosse, tão entusiasmado estava com a ideia que tivera.

O quê? Pode lá ser? Diga-me, isso é verdade?

É. Mas, pelo amor de Deus, Denise, não me obrigue a falar mais. Não posso...

Mas...

Ele, depois, que lhe explique tudo, ele que lhe explique. Disse ao Hammer... lund... que iria discutir o caso com... com... A Hammer.

.. lund... que iria discutir o caso com... com...

Comigo? Foi comigo que o meu marido disse?

S... i... m... Oh, Denise...

Adoro-o, Oscar! Disseme tudo. Sinto-me tão feliz... Nunca me senti tão feliz na minha vida.

Até que enfim, até que enfim...

Oscar, eu só queria dizer... Mon Dieu!

Até que enfim, até que enfim.

Voilà, c'est la guerre... N'importe. Oscar. Ao menos, despache-se.

Receio que o meu marido regressasse mais depressa do que eu pensava.

Não tenho a certeza, mas há uma possibilidade.

O Hotel Malmen, um edifício imponente, branco e quadrado, erguido na concorrida artéria de Gotgatan, gabava-se, nos seus anúncios, de que os duzentos e cinquenta quartos que o

compunham, equipados com banheiras, chuveiros e aparelhos de rádio, se podiam contar entre os mais modernos de toda a Suécia. Para muitos turistas, a única desvantagem deste hotel era ficar um pouco afastado do centro de Esto-604

colmo. Para Gisèle Jordan, dada a posição do seu amante, este isolamento constituía, pelo contrário, uma vantagem. Por isso, reservou nele um quarto de casal, no segundo andar, para a tarde do dia 9 de Dezembro.

Era ali que, neste momento, Claude Marceau se encontrava, imerso em pensamentos, a saborear um Armagnac, que Gisèle tivera a lembrança de lhe trazer, escutando ao mesmo tempo o jacto distante da água, na casa de banho, onde Gisèle acabava de entrar. com excepção dos primeiros vinte minutos após a sua tardia chegada, Gisèle fora admirável. Tinha de concordar. A princípio, quando ele entrara no quarto, depois do beijo e do abraço maquinais, ela mostrara-se amuada e pouco satisfeita, coisa rara numa pessoa com um temperamento dócil como o seu.

Porque chegas tão tarde? perguntara-lhe. Não vim de avião até quase ao Pólo Norte para ficar durante horas à tua espera neste enfadonho hotel. Prometeste-me... e podias, ao menos, ter telefonado, a dar uma explicação. Não sei o que pensar.

Tive que fazer.

O quê? Há alguma coisa mais importante do que nós?

Tornava-se, na verdade, impossível explicar-lhe o que poderia haver de mais importante ou, pelo menos, de tão importante para ele. Como poderia convencê-la de que o seu cérebro adormecido, quase atrofiado, durante os últimos meses, começara a trabalhar, e renascer para a vida, naquele mesmo dia? Poderia dizer-lhe porventura que até àquela tarde estivera vivo apenas do pescoço para baixo, e que a partir de certo momento sentira de novo que tinha cabeça? Poderia fazê-la compreender que um dos maiores milagres da química consistiria, não em tentar sintetizar carbo-

hidratos mediante uma imitação da Natureza, mas sim em produzir fotossínteses em tubos de ensaio? Seria este manequim capaz de considerar as moléculas da glucose mais importantes do que ele e ela?

Era inútil, pois isto pertencia a uma parte de si onde Gisèle nunca penetrara.

Gisèle limitara-se a dizer , nada é mais importante do que nós, e mais uma vez te peço desculpa. Tentei avisar-te pelo telefone.

Mas estamos na Semana do Prêmio, e Estocolmo encontra-se cheia de gente vinda de todas as partes do mundo, que me solicita, me faz perder tempo, me pede opiniões, me cerca, e eu...

Esta explicação pareceu convencê-la, levá-la a comparar a celebridade dele com as suas mesquinhas exigências, e logo se lhe lançou nos braços, arrependida.

Claude, eu é que tenho de te pedir desculpa. Sei como és importante, e orgulho-me disso. Sei que não pertences só a mim. E o que mais me aflige é pensar nisso. Creio que o que mais preocupa uma mulher quando o homem chega tarde é supor que ele a não considera

suficientemente importante. A demora dá-lhe uma sensação de insegurança.

Beijou-o. A verdade é que tenho tido muitas saudades tuas e passo a vida a contar os minutos. Ainda me amas, Claude?

Ele retribuiu-lhe suavemente o beijo e depois afastou-a de si, para a ver melhor, enquanto, durante um momento, as moléculas de glucose se volatilizavam ante a beleza dela. Sim, ele quase a esquecera, esta beleza que lhe fizera perder a cabeça, essa mesma cabeça que recuperara havia poucas horas. Gisèle deixara-se ficar na frente dele, alta e elegante, encantada com a atenção que lhe despertava, cingida por um vestido de crochet de lã castanha, que lhe valorizava a figura esbelta, de boneca de montra.

Pegou-lhe na mão.

Vem, Claude, para conversarmos. Tens de me contar tudo.

Sentaram-se um ao lado do outro, no sofá, de mãos dadas e dedos entrelaçados. Ela falou-lhe de Paris, dos preparativos da viagem a Copenhaga e da impressão que esta cidade lhe causara. Perguntou-lhe depois como decorrera a semana em Estocolmo, evitando cuidadosamente qualquer referência a Denise. Ele falou-lhe então de Estocolmo

mo, das personalidades que encontrara, dos outros laureados, dos locais que visitara, das vezes que aparecera em público, do jantar no Palácio Real e do outro em casa de Hammerlund, evitando do mesmo modo referir-se à mulher.

Enquanto falava, afastou-se um pouco dela. Era como se se dirigisse apenas às paredes do quarto. Se não fosse o movimento dos dedos finos da rapariga entre os seus, ele poderia até ter-se esquecido da sua presença. E, mesmo ao contar uma anedota acerca de Max Stratman, fê-lo distraidamente, sem nenhum esforço consciente para lhe agradar nem para lhe transmitir a ironia da história. No fundo do seu cérebro fervilhava sempre a questão das proteínas, a necessidade de introduzir proteínas em todos os produtos sintéticos, a possibilidade de virem a produzir quimicamente aminoácidos em quantidade suficiente.

Seria isso possível?

Voltara a ter consciência da presença da rapariga quando sentiu a mão vazia, e, baixando os olhos, viu que ela a retirara da sua e fazia girar o anel de rubi que usava no dedo. Fitara-a então, um pouco comprometido, sabendo como era sensível à disposição dele. Os olhos azuis de Gisèle e a sua boca, habitualmente impassível, responderam-lhe com um breve sorriso de compreensão.

Pareces tão distante, Claude observou. Vou vestir outra coisa mais simples. Talvez consiga fazer que voltes para mim.

Erguera-se agilmente do sofá e depois, muito direita, no seu lento e provocante passo de manequim que até ali sempre o excitara,

desaparecera no interior da casa de banho.

Enquanto esperava, bebera já dois Armagnacs e servira-se do terceiro, a pensar quando seria possível começar com as experiências, 606

evidentemente e quase decidira que, para evitar desânimos, talvez fosse preferível partir do ponto onde se haviam conseguido já maiores êxitos, isto é, das gorduras ácidas, empregando o petróleo para produzir um ácido esteárico que pudesse ser adicionado à glicerina sintética, já produzida.

Ouviu abrir-se a porta da casa de banho. E, quando ergueu a cabeça, viu Gisèle no meio do quarto, olhando-o com curiosidade. Reparou que ela trazia o mesmo peignoir transparente que usava na Rue du Bac, um nome que agora lhe parecia estranho, e notou que os seios redondos e chatos, por baixo do tecido, pareciam menos prometedores que sob o vestido de crochet.

Claude disse ela.

Que é?

Não saíste do mesmo sítio enquanto fui lá dentro.

O quê? Que dizes?

Ela deslizou em silêncio até junto dele.

Julguei que já estivesses pronto.

Não demoro nem um minuto. Fez menção de se levantar, mas ela pousou-lhe a mão no ombro, obrigando-o a conservar-se no mesmo sítio. Depois sentou-se ao lado dele e lentamente cruzou as pernas delgadas.

Diz-me, em que estiveste a pensar durante todo este tempo?

Em ti respondeu.

Costumas sempre dizer-me a verdade.

Ele abanou a cabeça, ficou calado um momento, e depois, com calma, tentou explicar-lhe. Dedicara muitos anos à conservação dos espermatozóides e, após tê-lo conseguido, nada mais restava fazer e considerara-se incapaz de se interessar a sério por qualquer outro assunto.

O que o salvara então fora Gisèle, o seu amor, a sua ternura.

Para um homem, isto era muito. Mas um homem necessita sempre de mais alguma coisa. De uma tarefa, de uma finalidade na

vida. E ele não sentira tanto essa falta porque a tinha a ela, Gisèle. Porém, nessa tarde, antes de vir ao seu encontro, dera-se o milagre. Agora já nada lhe faltava. com uma crescente vivacidade, tentou esclarecer os diversos aspectos desse novo milagre. Falou dos alimentos naturais e dos sintéticos, dos carbo-hidratos, das gorduras, das proteínas e da água.

Falou de autoclaves, de centrifugadoras, de câmaras de sublimação.

Declarou que o resultado de tudo isto acabaria com a fome.

Gisèle escutava atentamente, conservando as mãos imóveis, com um sorriso quase imperceptível nos lábios.

Quando julgou que ele acabara, disse tranquilamente: Desejaria estar no teu lugar.

Que ideia tão estranha.

Ser como tu, ter muitos amores, que me despertassem o mesmo interesse, e não um apenas.

607

Estás enganada, minha querida. Isto são preocupações inteiramente diversas do que julgas. Amores, só tenho um: és tu.

O sorriso dela manteve-se impassível.

Não, Claude retorquiu.

Claro que és. Que mosca te mordeu? Vou provar-to, verás. Deixa-me despir...

A mão dela deteve-o firmemente.

Não, Claude. Agora não. Não creio que me desejes muito neste momento.

Desejo, sim!

Não tens habilidade para mentir. Não estás nos teus dias, Claude.

Conheço-te muito bem. Não mintas. Mais do que isso, não queiras estragar o que existe entre nós tentando satisfazer-me sem amor.

Gisèle!...

Neste momento vives num outro mundo.

Bem, sentime de facto entusiasmado... e, além disso, esta semana foi...

Claude, não tentes desculpar-te. Estás fatigado. Não pela semana que acabas de passar, mas sim por causa da tua nova paixão. Perdoo-te.

Gisèle, acredita-me... nada mais desejo do que deitar-me contigo, mas talvez tenhas razão... estarei em melhores condições quando o meu cérebro... quando... voltarmos a Paris.

Ela erguera-se.

É melhor ires-te embora. Deves precisar de discutir esse novo milagre com... com quem possa apreciá-lo tão bem como tu.

Ele levantou-se a toda a pressa e pegou-lhe nas mãos.

Isso não está certo!

Para mim, está. Deves deixar-me sozinha agora. Nunca aqui vim e quero ir ver as lojas e comprar algumas coisas. Já não disponho de muito tempo até à partida do avião.

Eu acompanho-te, para te levar os embrulhos...

A rapariga abanou a cabeça. Os que se sentem despojados de tudo preferem muitas vezes a solidão. Seria possível que ele alguma vez o compreendesse ?

Prefiro ir sozinha.

Bem, se assim é...

Garanto-te.

Voilà. Largou-lhe as mãos e pegou no sobretudo e no chapéu.

Hesitava.

Então, até Paris, na próxima semana.

Ela foi abrir-lhe a porta.

Não voltaremos a encontrar-nos em Paris, Claude.

Porque dizes isso? Estavam agora um junto do outro.

Porque já não precisas de mim. Sei-o perfeitamente. E tu também o sabes. Já não sou nenhuma garota que se iluda a si própria.

Não é verdade eu já não precisar de ti. Se te referes à minha mulher .

Sabes tão bem como eu a que me refiro. Regressaste à tua antiga paixão. Deste-te de novo ao teu trabalho. Eu bem sabia que isso viria a suceder, Claude. Sempre o soube, desde o primeiro dia. A minha felicidade foi ignorar o momento em que isso viria a suceder. Soube-o agora.

Inclinou-se para o beijar e afastou-se imediatamente.

Obrigada por tudo. Volta para o teu trabalho. Talvez um dia destes, daqui a alguns anos, no intervalo de duas descobertas, nos encontremos.

O sorriso dela era triste. Posso ter a sorte de voltar a ver-te de novo.

Claude soltou um suspiro e saiu. Gisèle fechou a porta, ficando por um momento encostada a ela. Dirigiu-se depois ao sofá e viu o Armagnac que ele deixara em meio. Bebeu-o. Em seguida, despiu o peignoir e encaminhou-se para a casa de banho, toda nua, mas sem atitudes provocantes, pois não estava ali ninguém para a admirar. E foi vestir-se de acordo com a temperatura gélida lá de fora.

No escritório de Carl Adolf Krantz, Daranyi acabara de ler alto o relatório acerca de Leah Decker, muito menos interessante que o dos Marceau, mas necessário para provar o seu infalível método. Lera apressadamente e Krantz atrasara-se na escrita, de modo que se recostou na cadeira, gozando um momento de descanso.

O relógio de pulso revelou-lhe que eram sete e trinta. Faltavam apenas Andrew Craig, o professor Max Stratman e Emily Stratman, de modo que, lá para as oito horas, devia estar livre e na posse da sua recompensa. Onde iria festejar o acontecimento? Talvez convidasse Lilly para jantar em Stallmástargarden, que fica perto de Hagaparken.

Já quase sentia o cheiro dos bifes grelhados. Depois, censurando-se pela sua propensão para a gula, pensou que havia outras

maneiras melhores de empregar o dinheiro. Veria depois. Sentia a garganta e os pulmões ressequidos. O tabuleiro de Usa encontrava-se ainda sobre a mesa preta.

Daranyi esticou-se na cadeira e encheu a sua chávena de um chá que já estava escuro e apenas tépido. Pegou depois num bolinho de queijo, que trincou delicadamente, engolindo-o juntamente com goles de chá.

A cabeça de Krantz ergueu-se por detrás do feto.

Estou pronto disse.

Daranyi pousou a chávena e pegou de novo no maço dos papéis.

A seguir é a vez de Mr. Andrew Craig, o laureado da Literatura.

Desse não preciso de saber muito disse Krantz. Já fizemos algumas investigações. Bastam umas linhas gerais.

609

Daranyi sentiu-se aliviado. O inquérito acerca de Craig mortificara-o, pois este identificava-se com Lilly, e, portanto, com a sua própria vida particular. Era uma questão de lealdade que ele não queria trair.

Pelo menos, em pontos de importância. Decidira desde o início que Lilly não figuraria no relatório. Tinha que ficar fora deste assunto.

Deve recordar-se disse Daranyi da notícia que veio publicada num jornal, acerca de uma troca de palavras entre ele e uma correspondente americana, na conferência de imprensa. A jornalista parecia querer insinuar que Mr. Craig era um bêbado. Procurei tirar o caso a limpo. A senhora estava mal informada. Mr. Craig não se pode considerar de forma alguma um alcoólico, mas, pelo menos antes de vir para Estocolmo, tinha épocas de beber bastante. À primeira vista, talvez pareça o mesmo, mas penso que sempre faz alguma diferença.

Prossiga ordenou Krantz.

Teve um desastre de automóvel com a mulher, aqui há uns três anos. Onde? Algures, no Sul, no estado de Wisconsin, que nunca visitei. A mulher, cujo nome de solteira era Harriet Decker, morreu instantaneamente. Mr. Craig ficou ferido e a convalescença demorou meses. A irmã mais nova da mulher, a tal Leah Decker de quem lhe falei, ficou desde então a tratar do cunhado.

Como se comportou ele durante a semana passada?

Não consegui obter muitas informações que possam ser-lhe úteis.

Já lhe disse, Daranyi, que a esse respeito só eu posso ser juiz.

Peço-lhe o favor de se cingir aos factos.

Muito bem, doutor Krantz disse Daranyi, vexado. Soube que Mr. Craig passou um serão inteiro a beber na companhia de Gunnar Gottling.

Krantz produziu um som que indicava nojo.

Esse porcalhão do Gottling!

Daranyi fez uma pausa respeitosa e depois prosseguiu: Mr. Craig passou outro serão em casa de Marta Norberg.

Anda muito bem acompanhado.

Não há dúvida. Correu por aí o boato, que não pude confirmar, por isso nada lhe garanto acerca da sua veracidade, de que Mr. Craig teve uma aventura com Miss Norberg.

Isso, nela, é já costume velho. Não acha?

Como disse, nada posso provar. Por outro lado, é absolutamente certo que Mr. Craig tem sido visto com frequência na companhia do professor Stratman, Miss Emily Stratman, a qual...

Estará ele realmente interessado na rapariga?

- É impossível saber-se, pelo menos por enquanto. Jantaram ambos no Den Gyldene Freden. Ah, sim, e também... É muito difícil de ler a minha letra, nesta passagem, mas digo aqui que Mr. Craig

610

e Miss Stratman se isolaram no jantar do Hammerlund e ele teve para com a rapariga grandes demonstrações de afecto.

Krantz fungou uma risada, que Daranyi considerou malévola.

Ach, Daranyi você consegue meter o nariz em toda a parte, não é assim? Espere lá um momento... E começou a escrever.

É essa a minha função retorquiou Daranyi, ofendido.

Você é muito sensível exclamou Krantz por detrás do seu bloco amarelo. Disselhe isto como um elogio. Espreitou por entre as folhas do feto. Qual é o último episódio do romance entre esse Mr. Craig e Miss Stratman? Encontraram-se ontem ou hoje?

Que eu saiba, não, pelo menos em nenhum lugar público. A última notícia que tive de Mr. Craig foi relativa às quatro horas de hoje. Foi visto a entrar para o edifício da Fundação Nobel. Acho que tinha uma entrevista marcada com o conde Jacobsson...

Andrew Craig não sentia a mínima disposição para aturar o conde.

A enigmática personalidade de Emily Stratman, a sua intempestiva repulsa por ele, quase haviam privado Craig da vontade de viver.

A bebedeira que apanhara na noite anterior não lhe aliviara o desespero, e a posse de corpo de Lilly, nessa noite, a consolação que ela lhe proporcionara, tinha sido de curta duração.

Pela manhã, o seu ressentimento contra Leah, pela sua intromissão na vida dele e pelo estúpido ciúme de que dera provas, haviam-no irritado, e regressara ao hotel firmemente disposto a metê-la na ordem.

Porém, Leah, prevendo a fúria do cunhado, fora suficientemente esperta para não lhe aparecer tão cedo. Um bilhete posto em evidência sobre a cama avisava-o de que, na companhia de Margherita Farelli e sob a escolta de Mr. Manker, se conservaria ausente durante todo esse dia e essa noite, pois iam visitar a província de Dalarna, ao norte de Estocolmo, e a região do lago Siljan. No bilhete, recomendava a Craig que não estivesse em

cuidado a seu respeito que descaramento!, pois voltaria, no dia 10, de manhã, a tempo de o ajudar a vestir-se para a cerimónia.

Passara o dia sem ter nada que fazer, lera, vagueara por aqui e por ali, evitando entrar nos bares, sempre com Emily na ideia, cheio de ressentimento, amando-a e detestando-a, em consequência da responsabilidade dela no seu tormento.

Não se esquecera da entrevista, marcada para as quatro horas, com Jacobsson, alguns dias antes. E admitira até muitas vezes a hipótese de a anular, sob qualquer pretexto. Jacobsson mostrara vontade de que Craig visitasse as suas instalações particulares, por cima da Fundação, que visse o seu museu, e, na altura, Craig acedera, agradando-lhe até a ideia, na esperança de que Emily o acompanhasse. Mas, dadas 611

as presentes circunstâncias, o convite transformara-se numa maçada.

O que o levava a respeitar o compromisso era apenas o aborrecimento, e também o desejo de não desgostar o simpático velhote. Encontrava-se agora, havia já cerca de trinta minutos, cercado pelos livros e pelos armários envidraçados da espaçosa biblioteca de Jacobsson, no apartamento que este ocupava no n.º 14 de Sturegatan. com grande surpresa sua, Craig não se aborrecera com a visita. A tranquilidade das salas, tão afastadas das preocupações terrenas como uma estação espacial, a literatice do dono da casa, tudo havia contribuído para aliviar os nervos de Craig, absorvendo-lhe a atenção.

Encontravam-se agora em frente da última vitrina. Jacobsson apontou com a bengala para uma carta amarelada.

Romain Rolland escreveu isto em favor de Cari Spitteler, um suíço. Este documento foi o que mais contribuiu para que ganhasse o Prémio da Literatura, em 1919... A seguir, vê-se uma primeira edição, de 1882, de Det Nya Riket O Novo Reino autografado pelo próprio Strindberg. Pode-se perguntar por que motivo estará este livro aqui,

uma vez que Strindberg nunca ganhou o Prêmio? Por causa de certos factos relacionados com o livro. Nesta obra, que não é de ficção, Strindberg insulta violentamente Wirsén lembra-se de que é o presidente da Academia Sueca, e foi essa uma das várias razões que levaram Wirsén a opor-se a que Strindberg ganhasse o Prêmio... E aqui, olhe bem de perto, Mr. Craig, vê-se o cheque do Prêmio Nobel da Paz, no valor de trinta e seis mil setecentos e trinta e quatro dólares, que foi concedido a Theodore Roosevelt. Está assinado pelo destinatário.

Sabe o que este fez com o dinheiro? Principiou por o entregar a uma comissão formada expressamente para promover a paz industrial nos Estados Unidos. Mas estou informado de que essa comissão começou com tergiversações, e o nosso homem não era paciente. Volvidos dez anos, Roosevelt pediu que lhe restituíssem o dinheiro e entregou-o a uma fundação que se destinava a auxiliar os soldados americanos combatentes da primeira guerra mundial. E tratava-se do Prêmio da Paz, note bem.

Foi interrompido por algumas pancadas discretas na porta. Jacobsson pediu desculpa e foi abrir. A secretária, Astrid Steen, segredou-lhe qualquer coisa. Jacobsson escutou, de sobrolhos franzidos, e depois hesitou durante uns momentos.

Voltando-se de súbito para Craig, informou-o: Miss Sue Wiley está lá fora. Pede licença para me falar uns instantes, a fim de confirmar algumas informações que obteve. Importa-se que a mande entrar para aqui e a despache?

Por favor disse Craig. Estou imunizado contra os vírus.

Jacobsson, rindo-se, voltou-se para a porta.

Muito bem, Mrs. Steen, mande entrar. Mas diga a Miss Wiley que só posso conceder-lhe uns momentos.

612

Esperou junto da porta aberta, enquanto Craig enchia o cachimbo.

Sue Wiley entrou a esvoaçar, cheia de agradecimentos a Jacobsson, e pareceu ficar durante alguns segundos desconcertada com a presença de Craig.

Oh, não esperava encontrá-lo aqui disse para este. Que veio cá fazer? Contar o seu dinheiro?

Craig dominou-se. Ela não merecia que se lhe ligasse qualquer importância e estava demasiado ridícula, com uma espécie de casaco de cossaco e um gorro de pele, tudo novo em folha, além de um regalo que trazia enfiado num punho.

Se vem tratar de algum assunto particular, retiro-me disse Craig.

Nenhuma das minhas actividades é particular, Mr. Craig. Fique descansado que não me demorarei nada. Girou sobre os tacões altos e voltou-se para Jacobsson. Só quero uma informação, conde.

Ando às voltas com assuntos históricos, mas pouco sei de história, além da contemporânea, de forma que, por vezes, tenho dúvidas acerca de certos factos Este refere-se a George Bernard Shaw. Recordá-se dele?

com certeza! respondeu Jacobsson.

Alguém me disse que ele se recusou terminantemente a receber o Prêmio. É verdade?

Lamento desiludi-la, Miss Wiley. A verdade é que elegemos Mr Shaw para o Prêmio de 1925. Quando o ministro da Suécia em Londres lhe comunicou a recompensa, Bernard Shaw, que muitas vezes criticara os prêmios em geral e o Nobel em particular, replicou nos termos mais violentos: «Não, recuso o prêmio. Para que quero eu esse dinheiro?» A parte falsa da sua informação está em afirmar-se que ele o não recebeu. Recebeu, de facto. Depois de pensar maduramente, durante uma semana, mudou de ideias e aceitou o Prêmio.

Devo acrescentar que fez muito bom uso dele. Destinou-o à criação de uma aliança anglo-sueca cuja finalidade era desenvolver o intercâmbio literário e artístico entre os dois países.

Obrigada disse Sue Wiley. E tenho a declarar que se engana quando supôs que ficaria desapontada. Se não estivesse tão convencida da sua bondade, diria que alguém lhe disse mal de mim. Que julga o senhor que eu procuro? Apenas escândalos? Não faço parte dessa espécie de jornalistas. A mim só me interessa a verdade.

Miss Wiley ripostou Jacobsson, com uma calma absoluta, a minha experiência ensinou-me que a verdade tem três faces: a verdade inteira, a meia verdade, e existe ainda a mentira inofensiva, a que mal se pode chamar verdade. Fez uma pausa. Estou realmente satisfeito por a senhora ter tocado no assunto. Pensara até em a chamar para lhe recomendar uma certa moderação. Tive conhecimento .. ou prefere conversar noutra altura e em particular?

613

De forma nenhuma. Tudo o que tiver para me comunicar pode dizê-lo diante de Mr. Craig ou de qualquer outra pessoa.

Nesse caso, o que eu queria era recomendar-lhe o seguinte, e só as minhas inúmeras obrigações durante esta semana me impediram de o ter feito já: tive conhecimento de que a senhora efectuou um certo número de investigações nesta cidade, todas elas orientadas em determinado sentido.

E que significa isso?

Significa que soube por várias fontes, todas dignas de crédito, que a senhora anda a tentar informar-se de tudo quanto possa diminuir o prestígio das Instituições Nobel.

Quem disse isso? inquiriu secamente Sue Wiley, corando.

É ridículo! Eu sou uma jornalista objectiva, que se ocupa de tarefas objectivas. Não invento nada. Aproveito o que me vem à mão. Se algumas vezes as coisas aparecem pretas em lugar de brancas, então. .

paciência. Como já disse, é a verdade! De súbito, começou a pestanejar e piscou os olhos. com certeza não está a sugerir-me que

despreze certas informações que colhi, para me submeter a uma espécie de censura. É isso?

Craig achou isto insuportável e começou a balouçar-se, ora num pé ora no outro, irritado pelo tom da rapariga, pela sua descarada tentativa de obrigar Jacobsson a confessar os seus presumíveis intuítos de censor. Este, porém, permanecia impávido e sereno.

Não pretendo sugerir nada disso, Miss Wiley, nem por sombras.

Estamos num país livre, entre pessoas livres, e sou eu o próprio, aliás, a aconselhá-la a escrever tudo o que quiser. Afirmei apenas que me desgosta ver os nossos hóspedes à procura de meias verdades a nosso respeito, para depois as apresentarem ao público como sendo a verdade integral.

Se é isso que o preocupa, de mim nada receie. Interesso-me exclusivamente pelos factos. Se encontrar mentiras ou falsas acusações nos meus artigos, pode processar-me. Isto é para que veja até que ponto me sinto segura.

Pelas feições enrugadas de Jacobsson perpassou um sorriso.

A Fundação Nobel é quase um Governo, Miss Wiley. Aprovamos ou reprovamos, mas não intentamos processos contra ninguém.

Vejo que nos compreendemos. Bem, acho que já lhe roubei tempo de mais ..

Um momento, Miss Wiley. Estou a lembrar-me de uma coisa.

Uma vez que a senhora reúne tantas informações de fontes tão diversas, acho talvez preferível que divulgue mais uma história, cuja origem, desta vez, é a própria entidade que concede os Prêmios.

Sue Wiley mostrou-se encantada.

Uma história? Venha ela!

Jacobsson olhou para Craig.

614

Se não se importa...

Estou tão interessado como Miss Wiley.

Sente-se, faz favor, Miss Wiley. E o senhor também, Mr. Craig.

Serei o mais breve possível. Tem aí um lápis, Miss Wiley?

Estou a postos.

Ela sentara-se em frente da secretária de Jacobsson, muito antiga e de nogueira, e tirara da bolsa o bloco e o lápis. Craig permanecia de pé, a encher de novo o cachimbo. Jacobsson percorreu com a vista uma fila de dossiers verdes que estavam na prateleira por cima da secretária, tirou um, pousou-o sobre a página que procurava. Depois ergueu os olhos.

Miss Wiley disse. Como sabe, existem cinco modalidades do Prêmio Nobel, que têm sido atribuídas quase sem uma falha desde 1901. O mundo acabou por considerar estes Prêmios como a mais significativa, a mais elevada honra que um homem pode conceder a outro homem. No entanto, o Prêmio Nobel acabou por ser considerado uma espécie de vaca sagrada. E, para os jornalistas, é sempre uma tentação irresistível provar que essa vaca sagrada não passa de um bovino como qualquer outro. Quem andar por aí verá que não é difícil pôr a nu todas as nossas fraquezas. Quantas vezes e durante quantos anos eu as tenho ouvido espalhar com satisfação! Dizem que somos adversários da Rússia, que somos germanófilos, que praticamos o nepotismo, mas, pior do que tudo isto, afirmam que atribuímos os prêmios por certas razões políticas, por medo e por obediência a preconceitos.

Há nisto alguma verdade, sou eu o primeiro a concordar. De facto, sempre que os laureados visitam as nossas Academias, faço questão de lhes apresentar tanto os nossos aspectos bons como os maus, e Mr. Craig, aqui presente, é testemunha disso. O que me aflige, a mim e a todos os meus colegas, é que os visitantes se interessem exclusivamente pelos aspectos maus, esquecendo os bons. Vou tomar a liberdade de lhe apresentar um dos exemplos que nos são favoráveis, para mim, o melhor de todos. Prometi-lhe uma história, não é verdade?

É verdade retorquiu Sue Wiley, com menos vivacidade que pouco antes.

A senhora veio hoje aqui no intuito de saber se era verdade George Bernard Shaw ter recusado o Prêmio, e eu disselhe que não.

Vou agora falar-lhe, não só de um homem que tinha vantagem em haver recusado o Prêmio, e não fez, como também desse Prêmio, que logicamente nunca deveria ter sido atribuído e, no entanto, o foi. Vou falar-lhe de Carl von Ossietzky, e hei-de escrever este nome para que a senhora o faça imprimir correctamente e não o esqueça nem deixe que os seus leitores o esqueçam.

Devagar, Jacobsson escreveu o nome de Carl von Ossietzky em letras de imprensa, numa folha de papel, e entregou-o a Sue Wiley, que lhe pegou e ficou a olhá-lo, espantada. Ao ouvir este nome, Craig tentou

615
recordar-se do lugar onde ouvira antes mencioná-lo, não sabia se no banquete real ou se no jantar de Hammerlund, mas, não se recordando, ficou à espera do que Jacobsson iria contar a respeito dele.

O conde olhou para o dossier aberto à sua frente e depois prosseguiu: Há uma expressão que passou a ser de uso corrente nos nossos dias e que é «o homem da rua». Existem outras variantes, tais como «o homem comum», *etc.* Suponho que dessa forma se procura designar o indivíduo vulgar que não se distingue dos outros nem pela celebridade, nem pela riqueza, nem pelo prestígio. Desde o berço até ao túmulo, ele come e dorme, ganha a vida e propaga a espécie, não se ocupa de política, o seu nome não figura nos cabeçalhos dos jornais, não provoca escândalos e, quando morre, apenas lamentam a sua perda os parentes e um punhado de amigos. Desaparece da face da Terra tão despercebido e anonimamente como uma daquelas formigas que todos os dias esmagamos com os pés. Durante quarenta e dois anos, Carl von Ossietzky foi um homem deste tipo. Era um alemão que escrevia artigos medíocres, para

ganhar a vida, e cuja única singularidade cada qual tem a sua consistia em ter ficado a detestar o militarismo depois de ter servido durante quatro anos no exército imperial alemão, durante a primeira guerra mundial. O que fez sair Ossietzky da obscuridade foi a sua crescente obcecação de que todos os soldados eram, segundo¹ as suas próprias palavras, «uns assassinos», e de que a guerra «nada tinha de heróico». A maior parte dos homens também assim pensam e odeiam a ideia de matar, mas vivem sem nada tentarem a favor das suas ideias. Ossietzky resolveu fazer qualquer coisa, eliminar o mal, praticar e pregar a sua crença.

Jacobsson ergueu os olhos do dossier e fitou primeiro Craig e depois Sue Wiley.

A sua história é curta prosseguiu o conde e os seus feitos são escassos. Foi repórter do Berliner Volkszeitung e editor do Weltbuhne. Secretariou a Sociedade da Paz Alemã. Fez parte da comissão fundadora da sociedade internacional Acabemos com a Guerra.

Defendeu a criação de um novo feriado que se chamaria O Dia Contra a Guerra. Até aqui, tudo foi correndo bem. Era uma obcecação, sim, mas sem grandes consequências. Sucedeu, no entanto, que, em 1929, dando maiores provas de coragem que de bom senso, publicou um artigo no qual revelava o montante das importâncias que a Alemanha desarmada ia investir secretamente no sector da guerra. E anunciava ao mundo que a sua pátria não estava a respeitar os tratados, na medida em que constituía às escondidas um exército e uma força aérea.

Resulta daqui que Ossietzky foi acusado de traição, em 1931, e meteram-no na cadeia durante perto de dois anos. A pena foi difícil de suportar, não só porque se tratava de um tuberculoso em estado grave, mas também porque ele sabia que o perigo se aproximava e desejava 616

a liberdade para estar em condições de pôr de sobreaviso o mundo iludido. Quando saiu da prisão, encontrou uma nova figura a dominar o governo da sua pátria Adolfo Hitler. Ossietzky atirou-se outra vez, cegamente, à sua campanha pacifista. Os amigos recordavam-lhe os dissabores que isso lhe podia acarretar e suplicavam-lhe que saísse do país. A esses, Ossietzky replicava: «Um homem que fala do outro lado da fronteira é uma voz que clama no deserto.» E permaneceu na Alemanha. Não quis desertar. Apupava Hitler quando os outros o aclamavam. Dizia aos seus compatriotas que o «espírito bélico germânico, apenas correspondia a um simples desejo de conquista». Para Hitler, ele não passava de um insignificante espinho, mas espinho que tinha de ser arrancado. Na noite de 27 de Fevereiro de 1933 está aqui escrito nas minhas notas o edifício de Reichstag, em Berlim, ardeu, e das suas cinzas surgiu o Terceiro Reich. Nessa mesma noite, o espinho foi arrancado, pois Carl von Ossietzky perdeu a liberdade juntamente com outros, sob a acusação de ser inimigo do Estado.

Pela primeira vez também, houve quem compreendesse que se calara uma voz sensata. Enquanto Ossietzky sofria torturas no campo de concentração de Sonnenburg, a Liga Alemã para os Direitos do Homem enviava o seu nome para Oslo, como candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Mas tratava-se de «um homem da rua», e os meus colegas não fizeram caso dele. No ano seguinte, a notícia de que Ossietzky estava a ser martirizado deu volta ao mundo, e de súbito o Comité Nobel da Paz viu-se inundado de muitas propostas oficiais contendo o seu nome, subscritas individualmente por personalidades da categoria de um Romain Rolan, de um Albert Einstein, de um Thomas Mann, de uma Jane Addams; e também a Assembleia Nacional da Suíça e o Partido Trabalhista da Noruega o propuseram. Levaria horas a enumerar as propostas que chegaram a Oslo. O «homem da rua» já não podia passar despercebido. Agora, Miss Wiley, vai ver as dificuldades que o Comité do Prêmio Nobel

teve de enfrentar. Por um lado, os intelectuais do mundo inteiro exigiam dos Noruegueses que concedessem a recompensa a um homem que ousara desafiar o chefe da nação que naquele tempo constituía a maior ameaça para a existência da Noruega.

Por outro lado, os membros do júri recordavam-se das possíveis consequências de tal gesto. Dentro da própria Noruega, Knut Hamsun, que se tornara fascista, escrevia contra Ossietzky, e Vidkun Quisling alcunhava, nos jornais, o «homem da rua» de traidor. A Liga dos Patriotas da Noruega pedia que Hitler ou Mussolini, e não o execrável Ossietzky, recebessem o Prêmio Nobel da Paz de 1935. Fora da Noruega, a pressão era menos forte. Goebbels acusava Ossietzky de ser judeu e comunista, embora ele, na realidade, não fosse nem uma coisa nem outra. O Schwarzes Korps prevenia os membros do júri do Prêmio de que a nomeação de Ossietzky «representaria uma bofetada na face do povo alemão». Goeríng, que conhecia a família Nobel ⁶¹⁷

através da sua primeira mulher, a baronesa sueca Karin Fock, que morrera tuberculosa em 1932, pôs-se em contacto com os herdeiros de Nobel, e estes aconselharam o Comité do Prêmio Nobel da Paz a recusar a nomeação de Ossietzky. Imaginem, se puderem, o estado de espírito de cada um dos cinco membros do Comité Nobel da Paz.

Um deles era o doutor Halvdan Koht, ministro dos Negócios Estrangeiros da Noruega. Outro era Johan Ludwig Mowinckel, que fora primeiro-ministro da Noruega e chefiava agora o partido das esquerdas.

Estes dois homens importantes mostravam-se favoráveis a Ossietzky.

Tratava-se, porém, de dois políticos experientes e reconheciam perfeitamente que, se nomeassem Ossietzky, isso equivaleria a insultarem o próprio Hitler, instigando-o a cortar as relações diplomáticas com o seu país. Na sessão de voto, os cinco membros

discutiram até ficarem roucos. Tomaram por fim uma decisão. Não poderia ser Ossietzky o escolhido. Estava em primeiro lugar o interesse da Noruega.

Falou-se em dar o Prêmio a Tomás Massaryk, da Checoslováquia, mas até isso parecia pouco seguro. Por fim, para evitar mais sarilhos, o Comité resolveu entregar o Prêmio ao príncipe Carlos da Suécia, como recompensa de certas actividades que ele vinha exercendo a favor da Cruz Vermelha, desde há uns dez anos. Porém, antes de a votação ter lugar, descobriu-se que a candidatura do príncipe Carlos não era legal, visto a sua proposta ter chegado a Oslo dois dias depois do prazo. E, assim, o Comité lavou dali colectivamente as mãos, e informou o mundo de que não poderia haver Prêmio da Paz em 1935 e não houve mesmo porque lavrava uma guerra em África e a altura não era propícia.

Durante toda esta narrativa, Sue Wiley e Craig não se haviam mexido nos seus lugares. Jacobsson fitou-o, pensativo.

Estão a pensar talvez no que teria sucedido entretanto a Ossietzky sugeriu o conde. Este encontrava-se agora no campo de concentração de Papenburg. As torturas nazis haviam cessado, mas isso pouco interessava. Ele estava a morrer tuberculoso. Se então tivesse, de facto, falecido, o assunto ficaria arrumado, o que, afinal, teria sido mau para todos nós. Mas tal, porém, não sucedeu. O espírito desse homem era indomável. Continuou a viver. E assim se chegou ao ano de 1936, vendo-se mais uma vez o Comité Nobel da Paz a braços com a sua nomeação. De novo toda a gente fora da Alemanha apresentava a sua candidatura. E para os senhores será agradável ficarem a saber que o nome de algumas personalidades dos Estados Unidos figuravam entre os primeiros proponentes. O Comité Nobel dividiu-se.

Havia dois contra Ossietzky, dois a favor e um mantinha-se indeciso.

Até que, de um dia para o outro, os dois que eram contra, em consequência das respectivas posições políticas o doutor Koht e Johan Mowieckel , demitiram-se do Comité e foram substituídos por outros sem compromissos diplomáticos. No dia 23 de Novembro de 618

1936, enquanto a Alemanha berrava ameaças, procedeu-se à votação final. Sim, Miss Wiley, Carl von Ossietzky foi distinguido com o Prêmio Nobel da Paz de 1936. Os membros do júri haviam mostrado coragem, e agora as consequências dessa coragem recaíam sobre os frágeis ombros de Ossietzky. Que poderia ele fazer? Em consequência da sua celebridade, Goebbels transferira-o do campo de concentração para o Hospital Ocidental de Berlim. Foi ali que Goering o foi visitar e, curvando-se sobre ele, lhe ordenou que recusasse o Prêmio. A sua resposta, porém, foi expedir secretamente para os nossos colegas de Oslo um telegrama no qual dizia que aceitava. Os jornais de Hitler protestaram em grandes parangonas, mas Ossietzky mostrou-se intransigente até ao fim. Quando os correspondentes estrangeiros, na presença da Gestapo, o entrevistaram, ele disselhes que se sentia muito orgulhoso e afirmou mais uma vez que a corrida aos armamentos era uma «loucura». Recebeu, na cama, uma delegação da Fundação Nobel, que foi dar-lhe os parabéns. Mas nunca viu o dinheiro do Prêmio, trinta e nove mil coroas. Mandou a Oslo, com uma procuração, o representante de um advogado de Berlim, e o dinheiro foi transferido para um banco desta cidade. Porém, ficou ali congelado. Nada disso importou a Ossietzky. Conquistara o grande Prêmio da Paz, só isso interessava.

Por causa deste «homem da rua», Hitler proibiu que os Alemães se candidatassem ao Prêmio Nobel e criou prêmios do estado alemão para dois cientistas e um literato de raça ariana que mais se distinguisse dentro da Alemanha. Mas nem ainda assim ficou satisfeito. Em 1940, quando invadiu a Noruega, prendeu todos os membros do Comité de Paz. Isso pouco interessava, pois, nessa

altura, já todo o mundo livre acordara e estava em armas, preparando-se para combater pela paz. Ossietzky morrera havia dois anos e meio. Porém, eu considero que ele nunca morrerá.

Jacobsson calou-se e fechou suavemente o seu volumoso dossier verde.

Já concedemos o Prêmio da Paz a outros homens mais notáveis.

Alguns deles muito célebres, como James Henri Dunánt, Elihu Root, Woodrow Wilson, Fridtjof Nansen, Aristide Briand, Cordell Hull, Ralph Bunche, Albert Schweitzer, o general George Marshall, Philip Noel-Baker. Sim, todos estes homens foram muito célebres. Mas presumo que, de todos eles, o maior foi Carl von Ossietzky. E, à sombra dele, o nosso Comité conheceu também um momento de grandeza na sua história. Peço-lhe que escreva correctamente o seu nome, Miss Wiley disse.

A rapariga permanecera sentada, comovida e imóvel, com uma expressão de embaraço que não conseguia a si própria explicar, mantendo a caneta quieta nos dedos gelados. Atrás dela, Craig, de pé no mesmo sítio, a apertar com os dedos o cachimbo vazio, sentia-se também profundamente impressionado.

619

Sue Wiley engoliu em seco, de forma perfeitamente audível, e depois emitiu apenas uma exclamação de surpresa.

Pfff!

Se tem mais perguntas a fazer... começou Jacobsson.

Mas nisto ouviu-se uma pancada na porta, e Jacobsson ergueu-se da cadeira para ir abrir. Tratava-se mais uma vez de Mrs. Steen, que lhe disse qualquer coisa em voz baixa. O conde voltou-se para os seus hóspedes.

Tenho de ir lá abaixo por uns instantes desculpou-se.

Nas vésperas da cerimónia, há sempre os habituais pedidos de convites.

Podem ficar aqui o tempo que quiserem...

Obrigado, conde. Mas parece-me que é melhor ir andando retorquiu Craig.

Obrigada também, conde Jacobsson disse Sue Wiley.

O conde retirou-se, e os dois ficaram sozinhos no gabinete silencioso.

Craig dirigiu-se ao bengaleiro e pegou no chapéu e no sobretudo.

Reparou que Sue Wiley não se movera da cadeira e o fitava com uma expressão de curiosidade.

Quando se voltava para sair, ela disse: Acha que esta história me deixa mal colocada, não?

Interessa-lhe alguma coisa aquilo que eu penso?

A coisa, para ela, parecia importante, pois as pálpebras palpitavam-lhe nervosamente.

Eu tenho uma profissão, Mr. Craig. Devo desempenhá-la.

Ninguém a impede de o fazer.

Não me agrada a maneira como você, Jacobsson e outros mais olham para mim, como se eu fosse um réptil, uma cobra venenosa ou qualquer outro bicho peçonhento. Isso irrita-me, e a toda a gente sucederia o mesmo. Sei que você ficou danado comigo por causa daquela pergunta que lhe fiz na conferência de imprensa. Tinha ouvido uns zunzuns e precisava de saber se eram ou não justificados.

Talvez devesse ter feito a pergunta em particular e não em público...

Craig estava já ao pé da porta.

Afirmo-lhe que não liguei nenhuma importância a isso, Miss Wiley.

Mas ligo eu. Escrevo de acordo com as informações que me chegam das mais diversas partes do mundo, através das delegações da Consolidated, exactamente como a Associated Press e a revista Time ou o Newsweek constróem uma história a partir dos elementos que lhe fornecem as suas agências. Quando fui entrevistar o doutor

Schweitzer, não me guiei pelas perguntas que porventura me ocorressem, nem por outras sugeridas por aquilo que lera, nem sequer fui a contar com aquilo que poderia surgir no decorrer da nossa conversa. O meu trabalho foi apenas o resultado da colaboração informativa das nossas agências e enviados. Estes realizaram invés-620

tigações em Kayserberg, na Alsácia Alemã, donde ele era natural, em Gunsbach, em Estrasburgo, em Berlim, em Paris, em Aspen, no Colorado, por toda a parte onde Schweitzer vivera, estudara, trabalhara.

Depois enviaram-me esses elementos, uns bons, outros maus, e foi assim que elaborei as minhas perguntas, dirigindo-me depois a Lambaréné, onde procurei pôr em pratos limpos a história verdadeira.

A história verdadeira, Miss Wiley?

Exactamente. Está lá tudo, nas entrevistas, nas conversas, nas notícias, nos elementos, nas exaustivas investigações. Eu limito-me a reunir tudo, a conferir, e pronto, temos a história. Foi usando esse mesmo método que principiei a colher informações acerca de todos os laureados.

Quanto a si, Craig, por exemplo, como julga que lhe descobri que gosta de pôr a garrafa à boca de vez em quando? Pensa que inventei?

De maneira nenhuma! Pergunto pelo telégrafo e imediatamente as nossas agências se põem a desenterrar todo o seu passado desde o emprego no jornal em St. Louis, à sua estada em Londres, Marselha, New Jersey, depois da guerra, à sua vida em Long Island com a sua mulher, à lua-de-mel na Europa e, finalmente, à época rural no Wisconsin.

Embora o não quisesse dar a perceber, Craig ficara impressionado com a extensão das investigações. Era desagradável pensar no muito que acerca dele poderiam saber, mas, por outro lado, isso impressionava-o.

Sue Wiley prosseguia, com violência.

Não julgue que a nossa agência de Chicago deixou de protestar em altos gritos por ter de mandar um investigador a uma cidade da província como Miller's Dam. Dir-se-ia que se tratava de uma expedição ao Tibete. Mas, logo que o senhor recebeu o Prêmio, o nosso homem lá teve de ir até Miller's Dam recolher o material para me fornecer. Chegou lá poucos dias antes de o senhor partir para Estocolmo, ficando durante quase toda a semana. Percorreu a região, a fazer perguntas fortuitas, a meter o nariz aqui e ali, a ler exemplares de jornais antigos e toda a espécie de documentos. Se eu fosse dizer-lhe tudo o que sei a seu respeito, o senhor até corava! Houve pelo menos três pessoas que garantiram que o senhor estava sempre bêbado que nem um cacho, de manhã à noite. Outra pessoa insinuou que o senhor frequentava de vez em quando uma casa de prostitutas. Estou na posse da lista de compras que a sua cunhada faz na mercearia todas as semanas, por isso sei o que vocês comem. Conheço os seus amigos, tenho fotocópias dos recibos das prestações da sua casa e sei quais são as palavras que mandou gravar na campa de sua mulher. Não ignoro também a maneira como ela lá foi parar...

com o coração a bater desordenadamente, Craig desejava mais de que tudo ver-se fora dali para não ouvir o seu doloroso segredo 621 revelado por outra boca que não fosse a de Leah. Mas esperou.

Pois conheço todos os pormenores do desastre continuou Sue Wiley. Fomos desenterrar tudo isso, por mais que o possa ferir, não só porque se trata de um assunto dramático, que interessará o público, mas também porque é verdade, e a minha missão é revelar a verdade ao mundo. Posso reconstruir todo o acidente melhor do que o senhor: dizer-lhe quantos centímetros cúbicos de chuva caíram nessa noite, o tempo que se demoraram no Lawson Club, o aspecto do bolo de aniversário, as prendas que sua mulher lhe ofereceu, que horas eram precisamente quando abandonaram a festa e quando o carro se desfez contra o carvalho. Posso até dizer-lhe de que maneira

a barra de direcção do carro se partiu, obrigando-o a permanecer numa cama durante meses, isto embora eu não perceba nada de mecânica. Sou também capaz de o informar...

Craig sentiu um arrepio, que, percorrendo-o desde os joelhos até ao couro cabeludo, lhe trespassou o peito. com certeza não estava a ouvir bem. Devia haver engano. Instintivamente aproximou-se dela e a expressão incrédula do seu rosto cadavérico fez que a rapariga se interrompesse.

Que é que tem? Está outra vez ressentido comigo?

Miss Wiley, repita o que acaba de dizer.

Repito o quê?

Acerca do desastre.

Ora, estava apenas a dizer...

Sim, acerca do carro intimou Craig. Diga o que sabe a respeito do carro... que não percebia de mecânica mas... não sei quê da barra...

Oh, é isso? respondeu Sue Wiley, aliviada. Estava a tentar provar-lhe até que ponto somos minuciosos, para o convencer de que quando falo não é ao acaso, como poderia supor. Você teve uma sorte dos diabos quando se deu o desastre, não há dúvida. Ao dar a curva, a barra da direcção, ou lá como se chama, aquela coisa à frente, em baixo, que comanda as rodas...

Bem sei, bem sei!

Devia ter qualquer defeito, porque, ao dar a curva, partiu-se. .

Isso já tem acontecido a muita gente e, zás!, uma das rodas da frente fica presa, não se pode guiar e, quando isso acontece numa curva...

bem, não vale a pena explicar-lhe o que aconteceu. O senhor sabe-o bem!

Como é que teve conhecimento disso? perguntou Craig, muito agitado. Como adquiriu a certeza de que é verdade?

Como sei que é verdade? Ora essa! Não lho disse já? Mas, afinal, quem teve o desastre foi o senhor! O nosso agente de Chicago

dirigiu-se ao xerife para saber como se tinha dado o acidente e como tinha morrido a sua mulher. E foi ele quem lhe contou tudo, fornecendo-lhe 622

inclusivamente uma cópia do relatório da Polícia acerca do estado em que ficou o carro depois do desastre. A frase do relatório, se bem me lembro, era esta: «Acidente causado por avaria mecânica.» Falava também em a barra da direcção se ter partido e o volante haver ficado bloqueado e referia-se ainda ao comprimento das marcas deixadas pelos pneus na estrada molhada. Tenho a fotocópia no meu hotel, bem como a do relatório do coroner, que o iliba de qualquer culpa, pois tudo estava claro como água e, de resto, todos o conheciam na região.

Sim, éramos todos vizinhos. Nunca me passou pela cabeça averiguar os pormenores do desastre. Estive imobilizado no hospital e depois, em casa, durante imenso tempo. Quando recuperei, não achei necessário proceder a qualquer investigação. Acho que foi a minha '

cunhada quem tratou de tudo.

Exactamente retorqui Sue Wiley. Lá no gabinete do xerife houve quem informasse o nosso empregado de que tinham convocado Miss Decker depois do funeral, enquanto o senhor estava ainda inconsciente no hospital, para lhe entregarem uma cópia do relatório da Polícia para o senhor depois ver que o assunto estava encerrado.

Sue Wiley fitou Craig. Nunca leu esse relatório? Então a que atribuía o acidente?

Que diz? inquiriu ele vagamente. O seu cérebro recuava para além dos meses, dos anos, tentando recordar-se de todos os pormenores, reconhecendo com uma certeza irrefutável que Leah lhe ocultara |

a verdade e, em lugar desta, lhe apresentara uma versão que o acusava > de irresponsabilidade por embriaguez. Essa mentira que primeiro insi- [

nuara e depois lhe impingira claramente, não se cansando de a repetir, [

constituíra a razão de ser do ascendente que mantinha sobre ele e o alicerce do poder em que se investira. A malvadez e a perversidade da cunhada atingiam tais proporções no campo da desorientação e da loucura que todos aqueles anos, bem como o desprezo que sentira por'

si próprio, lhe apareciam agora como um horrível pesadelo. Tinha o rosto exangue e o coração pulsava-lhe na garganta.

Perguntei a que atribuiu o senhor então o acidente.

A isso mesmo respondeu Craig, com voz fraca. Acho que nunca me preocupei muito com o caso, mas tenho uma ideia de ter sido isso o que me disseram. Só achei estranho que... que você viesse hoje recordar-me todas estas coisas.

Desculpe se o impressionei.

Não tem importância respondeu ele, distraído. E, como se falasse sozinho, sem reparar nela, declarou: Sim, na verdade, a Leah tratou muito bem de tudo!

Que diz?

Digo que... Estava a recompor-se do choque e todas as coisas que o rodeavam reassumiam a sua perspectiva normal: a secretária de nogueira, as estantes dos livros, as vitrinas, e Sue Wiley, tão 623

intrigada, com os olhos sempre a piscar. Já não sei o que ia para dizer. Tenho de ir andando. Obrigado por tudo. Desejo que escreva com tanta honestidade como faz as investigações.

Eu só quis dar-lhe uma ideia da maneira como trabalhamos, para o senhor compreender...

Eu já compreendi tudo, Miss Wiley. Boa tarde!

No escritório de Carl Adolf Krantz, em Norr Malarstrand, Daranyi viu que eram sete e quarenta. Tinha apenas mais dois relatórios para apresentar. Depois disso esperava-o uma tarefa ainda mais odiosa e depois ficaria livre: livre daquele quarto deprimente,

atravancado de mobília, com o seu chá morno, o feto roçagante e o seu antipático dono.

Pronto disse Daranyi, largando o cinto das calças, para aliviar o estômago, e pegando mais uma vez nos papéis. Se está a postos, podemos continuar com o penúltimo dos nomes da lista.

Estou pronto retorquiu Krantz. Prossiga.

Estamos chegados ao temível professor Max Stratman, outrora residente em Berlim e hoje em Atlanta, na Georgia. Segundo a biografia que o senhor me deu, vejo que sabe o principal acerca deste grande homem.

Sim. O nosso Comité Nobel investigou os factos mais salientes do seu passado, que pertencem ao domínio público. Contudo, quanto à sua vida particular...

Daranyi abanou a cabeça.

Compreendo. Fiz o mais que pude, mas nada consegui encontrar que revele a mais pequena parcela de escândalo. No entanto, vou comunicar-lhe os poucos elementos que me foi possível apurar. Desses apenas um, no meu entender, pode apresentar algum interesse. Refiro-me à doença de coração do professor.

Calou-se e ficou satisfeito com a atenção que Krantz mostrava perante este informe.

Doença do coração? Quer dizer que ele não está bem? Tem a certeza?

A certeza absoluta afirmou Daranyi, complacente. Tenho algumas relações no Hospital do Sul, e é aí que o professor tem ido para ser observado e levar injecções. Não sei pormenores da doença.

Sei apenas que se trata de uma anormalidade e que não há perigo imediato. Informaram-me que, se usasse de uns certos cuidados, poderia ainda trabalhar durante muitos anos.

Krantz escrevia furiosamente.

Mais alguma coisa a esse respeito?

Lamento, mas nada mais sei. A não ser que hoje, à tarde, o professor foi uma vez mais ao Hospital do Sul. Calculo que necessitasse 624

de qualquer tratamento, em virtude da excitação em que viveu esta semana, como preventivo para as emoções da cerimónia de amanhã.

Que mais? perguntou Krantz.

Pouco, receio eu. As actividades dele, aqui na cidade, nada tiveram de anormal. Poucas vezes foi visto sem a sobrinha. Creio ter por ela uma afeição sincera, mas há indicações de que, além disso, sente a obrigação moral de olhar por ela, em virtude de uma dívida de gratidão que teria para com o pai da rapariga, de quem é irmão.

Isso sabemos nós interrompeu Krantz, impaciente.

Há uma excepção prosseguiu Daranyi. As pessoas com quem o professor Stratman se tem encontrado aqui na Suécia são cientistas bem conhecidos ou membros da Academia. A excepção é esta: ao princípio da tarde do dia cinco de Dezembro, o professor Stratman almoçou no Riche com um tal doutor Hans Eckart. Esforcei-me, durante o pouco tempo de que dispunha, para apurar alguma coisa mais acerca deste Eckart, mas os dicionários biográficos nada referem a seu respeito. Uma enciclopédia de antes da guerra menciona-o como sendo um físico alemão. Investiguei no Aeroporto de Bromma e fiquei sabendo que desembarcara de um avião checoslovaco, que vinha de Berlim Leste. Não sei se isto tem alguma importância.

Nenhuma retorquiou Krantz, esfregando o pescoço.

Só falei nele por se tratar da única pessoa desconhecida para mim com quem o professor Stratman se encontrou.

Não interessa respondeu Krantz. Que mais?

É tudo acerca do professor Stratman.

Daranyi observara um lampejo de desapontamento no rosto de Krantz, que via através do feto, e instintivamente compreendeu que,

afinal, o único objectivo deste inquérito era esse homem. Tudo o resto não passara de camuflagem. A personagem que interessava era Stratman!

Daranyi exultou com a sua descoberta e esforçou-se por manter uma atitude profissional e indiferente.

Agora só nos falta uma pessoa declarou. A sobrinha do professor, Miss Emily Stratman.

Então vá lá!

A senhora com que me aconselhou a entrar em contacto, Miss Sue Wiley, a tal jornalista americana, foi-me de um grande auxílio na elaboração deste magro dossier. Não tinha muito a descobrir, é certo.

Daranyi guardara de propósito para o fim a descoberta mais sensacional.

Isso tornaria mais forte a sua posição ao exigir a recompensa.

Percorreu com o dedo os apontamentos. Miss Stratman habita com o tio um chalé na cidade de Atlanta. Trabalha alguns dias por semana como auxiliar de enfermagem, gratuitamente, no Lawson Hospital, um estabelecimento do Governo onde recebem tratamento os veteranos de 625

guerra. Parece ser este o seu único interesse fora de casa, com excepção de uma ou outra ida ao cinema ou de alguma função oficial a que assiste na companhia do tio. O senhor já a viu, por isso sabe que é bonita. No entanto, não se casou. Nem sequer esteve noiva. Nunca foi vista sozinha com nenhum homem. Miss Wiley supõe que ela ainda seja virgem.

Isso a mim é que me há-de interessar muito! resmungou Krantz. Como se tem ela comportado aqui em Estocolmo?

Exactamente como já lhe disse quando falámos de Craig. Tem sido vista na companhia dele. Parece estarem interessados um pelo outro. Nunca andou sozinha com mais ninguém, que eu saiba. Nem me parece que o professor Stratman o permitisse. Segundo me informaram, tem a mania da protecção. Quanto a Mr. Craig, acho

que o professor confia nele por se tratar de um colega no Prêmio. Nada mais sei acerca desta rapariga. Dou o caso por terminado, Dr. Krantz.

Soube de todos os movimentos dela até às cinco menos um quarto desta tarde. Nesse momento, deixou o hotel a pé, sozinha, atravessou o Kungstradgarden e o Hamngatan, e dirigiu-se à Nordiska Kompaniet, entrando juntamente com os retardatários que iam às compras...

Emily Stratman conservara-se sentada, junto à janela, no restaurante do quarto andar dos armazéns da Nordiska Kompaniet. Havia cinco minutos que esperava. De repente, sentiu uma tentação de se ir embora. Não conseguia vencer o mal-estar que lhe causava esta entrevista. Nunca deveria ter aceitado a vir. O seu cérebro era um verdadeiro caos. Na noite anterior, chorara até adormecer, e agora tinha os olhos inchadíssimos. Pior do que tudo, no entanto, era não se sentir com ânimo para este encontro. Porque consentira nele? Amachucou com a mão a mala que tinha sobre a mesa, quase deitando ao chão a ementa, enquanto se recordava do telefonema que recebera.

Não havia muitas horas, encontrava-se ainda estendida no sofá da saleta dos seus aposentos no hotel, a tentar ler, quando o telefone começou a tocar, atrás dela. Pegara no auscultador, sem se mexer do sítio, apática.

Está?

Miss Emily Stratman? A voz na outra extremidade do fio parecia jovem, feminina, possivelmente sueca e desconhecida de Emily.

Sou eu.

Daqui fala Lilly Hedquist respondeu a voz.

O nome ficara bem gravado na memória de Emily Stratman desde a confissão de Craig, mas o facto real de o ouvir pronunciar paralisou-a totalmente.

Tão desconcertada ficou que lhe faltaram as palavras e não soube que responder. Os nós dos dedos que apertavam o auscultador estavam brancos e as cordas vocais tinham emudecido.

Pelos vistos, o silêncio dela desorientara igualmente Lilly Hedquist.

Sabe quem eu sou, não é verdade? perguntou Lilly.

Emily respondeu automaticamente, sem pensar: Sim, sei.

Mr. Craig esteve comigo a noite passada e falou-me de si.

Contou-me o que se passou entre ambos. Está com certeza a pensar que eu nada tenho a ver com isso, mas andei todo o dia a pensar no caso e acabei por me convencer de que, afinal, sempre tenho. Não é fácil o passo que estou a dar, Miss Stratman, mas a minha consciência obriga-me a isso. Não a conheço, mas conheço Mr. Craig, e sei que quando ele aprecia alguém sinceramente, essa pessoa deve merecer a nossa confiança. Gostaria de falar hoje consigo durante alguns momentos, Miss Stratman.

Emily não sabia que responder. A voz parecia-lhe juvenil, porém sã e mais simples do que imaginara. Depois da revelação de Craig, o nome de Lilly Hedquist ficara a representar para ela tudo o que havia no mundo de irresponsável, dissoluto e experiente. Mas esta voz não era a de uma Lili Marlene, uma Cora Pearl ou uma Marta Norberg. Era a de uma rapariga.

Não sei... não sei se será possível retorquiu Emily. Ignoro o que deva dizer-lhe.

Nada tem a dizer-me retorquiu Lilly. Quero encontrar-me consigo. Quero que me ouça apenas durante uns minutos... nada mais.

Emily sentiu-se imediatamente tentada. Desejava ver a rapariga que fora capaz de oferecer a Craig simpatia e amor sem nada exigir em troca. Queria vê-la e ouvir o que ela teria para lhe dizer. Mas não era tanto esse desejo, como outra coisa ainda, o que influenciava Emily.

Acima de tudo, queria descobrir a verdade a seu próprio respeito; por que motivo se encontrava ainda em tal estado e por que razão reagira na véspera daquela maneira. E Lilly seria o seu fluoroscópio. Atravessou-lhe o cérebro outra vaga ideia. Se dissesse «não» a Lilly, seria o fim de tudo. Por outro lado, esta rapariga sueca fazia agora parte de Craig, e o facto de se encontrar com ela seria ainda uma dolorosa ocasião de o encontrar.

Está bem declarou de súbito. Irei ter consigo. Onde e a que horas?

Eu trabalho na Nordiska Kompaniet, o maior estabelecimento da cidade, que fica perto do seu hotel. Quando sair, volte à direita, siga o passeio, atravesse o parque em diagonal. É o edifício de sete andares que se ergue do outro lado da rua. Se se perder, pergunte a qualquer pessoa onde fica o En Ko é assim que se pronunciam as iniciais NK, e logo lho indicam. Lá dentro, ao meio, encontra uma

escada rolante. Esta levá-la-á directamente ao restaurante, o lunchrummet.

Se chegar primeiro, guarde uma mesa até eu aparecer. Pode estar lá às cinco menos dez?

Posso.

Eu deixo o serviço a essa hora e tomaremos café juntas enquanto conversamos.

Emily sentiu-se tomada de pânico.

Não sei o que podemos ter para dizer uma à outra.

Talvez não tenhamos nada. Mas o nosso encontro será proveitoso.

Boa tarde, Miss... oh, diga-me ainda, por favor: como é o seu aspecto...

O meu aspecto?!

Para eu poder reconhecê-la.

Ah, sou morena, com o cabelo curto e... oh, não sei... Levo um casaco de camurça.

Se for eu a chegar primeiro, procure uma rapariga loura, de blusa branca e saia azul. Não será difícil reconhecemo-nos uma à outra.

Pois não.

Então adeus, até às cinco menos dez.

Durante o tempo interminável que se seguiu, Emily tencionou várias vezes telefonar para a En Ko, mandar chamar Miss Hedquist e anular o encontro. Mas, afinal, não fez nada disso. Agora encontrava-se no restaurante cheio de gente, numa mesa junto à janela, com os olhos vermelhos e o casaco de camurça, e um desejo louco de fugir dali para muito longe, o mais depressa possível.

Faltavam quatro minutos para as cinco e ela disse consigo: «Dou-lhe mais um minuto e, depois, pronto.»

É miss Stratman?

Emily ergueu subitamente a cabeça, verdadeiramente assustada, e viu na sua frente uma rapariga com ar de criança, cabelo louro comprido e atado com uma fita azul, uns olhos vivos e azuis também, uma boca jovem e atraente, com um sinal no lábio superior. Trazia uma blusa de malha branca que caía solta a partir dos seios, uma saia de pregas, azul, e sapatos de salto raso. Estendeu-lhe a mão e disse com descontração: Sou Lilly Hedquist.

Emily retribuiu-lhe o cumprimento com um aperto de mão rápido, pensando que era aquela mão que havia acariciado Craig, e ficou-se a observar espantada esta rapariga tão fresca, azul e branca, como a bandeira da Suécia, que tomava lugar na sua frente com toda a naturalidade.

Já mandou vir alguma coisa? inquiriu Lilly.

Não...

Então eu peço. Que mais deseja, além do café?

Nada.

Lilly fez sinal a uma empregada que passava, a qual parecia conhecê-la, e disse kaffe, erguendo dois dedos no ar.

Voltando em seguida a sua atenção para Emily, pousou os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos. Olhava-a de frente e, por fim, disse:

Você é muito bonita.

Eu... obrigada...

Isso não me surpreende. Já sabia que o era, mas não a imaginava assim.

Assim como?

Parecida com aquelas lindas corças que vi em Varmland. Delicadas e ariscas. Além disso, parece-me simpática. Julguei que seria mais senhora de si.

Se não estivesse tão contraída', Emily ter-se-ia sentido divertida ao recordar-se do que pensara dela a seguir ao telefonema, quando imaginara Lilly igualmente mais atrevida e senhora de si.

Agora é fácil de perceber, uma vez que é tão bonita disse ela.

A ironia de tudo isto revelou-se aos olhos de Emily enquanto reflectia que ninguém é aquilo que julga ser, mas sim aquilo que parece aos olhos dos outros. Ela, naquele momento, não se considerava de modo algum bonita. Na verdade, sentia-se mais inferiorizada que nunca diante da frescura natural e da coloração de pêssego de Lilly, e parecia-lhe incrível que Craig lhe tivesse dispensado tantas atenções após ter estado com esta jovem exuberante de vida. De repente, sentiu-se satisfeita pelo facto de Craig não poder vê-las juntas neste momento.

Mr. Craig também é bonito prosseguiu Lilly. É do seu género.

No íntimo, é também tímido. Não compreendo como você teve coragem de o repelir ontem, quando ele a ama tão profundamente.

E quem lhe disse que ele me ama?

Os meus olhos, os meus ouvidos e a minha intuição de mulher.

A criada chegara com o café num serviço de prata que tirou de um tabuleiro. Nenhuma delas lhe prestou atenção e, depois, Lilly retomou a palavra.

Quando Mr. Craig a deixou, ontem à noite, embebedou-se de uma maneira tremenda, o que é muito natural. Foi depois ter comigo e propôs-me casamento, como quem se suicida. Disse isto com um brilho malicioso nos olhos e soltou uma pequena risada. Não falava a sério, é evidente, e eu bem o percebi. Obriguei-o a confessar a verdade, e ele, depois de concordar que estava muito apaixonado por si, contou-me tudo.

Não... não creio que seja sincero.

O quê, Miss Stratman? Não compreende que um homem possa gostar a valer de uma mulher enquanto está na cama com outra?

Esta pergunta tão crua parecia querer insinuar que poderia existir qualquer deficiência na personalidade de Emily, e esta deu sinais 629

r de ficar menos impressionada por lhe ter sido dirigida em termos tão realistas do que pelo seu significado.

Não sei qual será a resposta correcta. A verdade é que só posso dizer-lhe aquilo que sinto: não compreendo.

Você, presentemente, é uma mulher americana tornou Lilly Eu sou sueca. Somos diferentes. Tenho de explicar a razão da minha atitude. Exteriormente, a rapariga, na Suécia, é como o homem: rígida, formal, respeitadora dos usos tradicionais. Quando se trata de sexo, no entanto, é livre, sem preconceitos, porque foi educada sem falsas vergonhas. A nossa educação é honesta quando se trata do sexo. No campo, costumamos nadar nus, durante o Verão. As revistas não são censuradas. E, visto haver tantas mulheres no nossopaís e tão poucos homens, torna-se necessário não fazer do amor sexual uma coisa rara e difícil. Se uma mulher se mostra reservada nesse capítulo, o homem encontrará imediatamente aquilo que procura junto de outra.

Mas isto ainda não é o principal.

Ela parou a sorver o café quente, enquanto Emily continuava à espera.

Na América, o amor do coração aparece primeiro e, se é autêntico, mantém-se até vir o amor dos sentidos, que aparece em último lugar e a que vocês ligam mais importância. É esse que a mulher americana reserva como dádiva final. Na Suécia, as coisas passam-se de maneira inversa. Vem primeiro o amor dos sentidos e, se este se mantém, espera-se que se transforme em amor do coração, o qual dura para sempre e é para nós o mais importante. Estou a explicar-me bem, Miss Stratman?

Sim, está a explicar-se perfeitamente replicou Emily, sentindo inveja da companheira.

Eu pude dar a Mr. Craig o meu amor sexual prosseguiu Lilly vivamente porque ele não é importante e ligo-lhe tanta importância como a um beijo. Para mim, o que importava era ver se o facto de dormir com ele se transformava noutra coisa mais importante, se passava a ser amor do coração, se viria a fazer parte de um outro amor maior que duraria a vida inteira. Mas tal não sucedeu, nem pela parte que me toca, nem pela dele, pois era a si que amava.

Pela primeira vez nesta conversa, Emily sentiu abalado o conceito que fizera de Craig.

Vou dizer-lhe a verdade, Miss Stratman prosseguiu Lilly.

Se eu soubesse que Mr. Craig sentia por mim alguma coisa mais além do prazer de dormir na minha cama e se o meu amor por ele fosse também mais longe do que isso, não estaríamos aqui hoje a tomar café juntas, porque então ele seria meu para sempre. Mas já lhe disse que tal não sucedeu, nem poderia acontecer, porque o verdadeiro amor, esse, sente-o ele por si. Tenho estado a falar-lhe de mim e dele. Agora vou falar-lhe também de si.

Emily esperava em frente de Lilly, como se esta fosse o Oráculo de Vénus, na antiga Paphos.

Mr. Craig revelou logo de entrada o seu verdadeiro amor por si, Miss Stratman. Se você lho houvesse retribuído, nunca ele teria vindo meter-se na minha cama, levado pela necessidade de sentir o calor de alguém, pois não precisaria de mais nenhuma mulher. Ter-lhe-ia dado tudo quanto um homem deseja. Você é que o empurrou para os meus braços, pois dependia inteiramente de si conservá-lo ou repeli-lo.

Mas eu não podia fazer nada disso retorquiu Emily, desconsolada.

Não podia o quê? Prendê-lo com o seu amor?

Emily sentia-se desamparada.

Precisamente, Lilly.

E porque não? Pelo facto de ser virgem, ou de recear entregar-se de corpo e alma nas mãos de um homem?

Nem uma coisa nem outra. Mais do que isso: tudo junto.

Então não compreendo.

Emily tentou mostrar um sorriso de gratidão.

Como poderia você perceber, se nem eu própria o consigo?

Tem de se modificar. De contrário, nada feito.

Não posso modificar-me respondeu Emily com simplicidade.

Nunca conseguiria que Lilly a compreendesse, pois conservava secreto o que tinha no seu íntimo, mantivera-se fechada como um enigma, e agora, ao ver esta rapariga simples acabar de engolir o café e preparar-se para voltar ao seu trabalho, sentiu-se mergulhar no mais profundo desespero, pois esta conversa tão unilateral, tão franca da parte de Lilly, tão reservada da sua, revelara-lhe cabalmente que o erro se encontrava nela, e não em Andrew Craig. Havê-lo repellido quando tinha a certeza de o amar, mantê-lo afastado quando sabia ser amada por ele, significava claramente que a sua doença era incurável.

Nunca acreditara a valer que ouviria soar um dia o dobre a finados do seu coração, mas estava a ouvi-lo agora. Prestava atenção. Sentia-o vibrar nos tímpanos, forte, como as pancadas do seu pulso. E apossava-se dela a convicção de que o seu caso era incurável, que nunca possuiria Craig, nem nenhum outro homem, pois a doença corroerá totalmente a sua capacidade de amar, e ela nada mais tinha para oferecer, porque nada mais também lhe restava no mundo.

No apartamento de Carl Adolf Krantz faltavam agora poucos minutos para as oito.

Daranyi fingira nada mais ter a revelar acerca de Emily Stratman, relatara mais um ou outro mexerico acerca desta ou daquela personagem, e depois, subitamente, ao dobrar o maço das folhas, exclamou: Oh, há ainda mais isto! Lentamente, dobrou as folhas e me-631

teu-as na algibeira interior do casaco. E, com o mesmo vagar, tirou para fora duas fotocópias grandes e outras seis mais pequenas, dobradas e reunidas por um clip.

Manteve-as na mão durante um momento, lamentando o que ia fazer, aborrecido consigo próprio, consciente do rosto interrogativo de Krantz por detrás do feto.

É acerca de Miss Stratman prosseguiu. Já ia a esquecer-me.

A curta biografia dela, que o senhor me forneceu, despertou-me a curiosidade pelo facto de ela ter já estado no campo de concentração de Ravensbruck durante a adolescência. Ocorreu-me que poderia ser de alguma utilidade, por estranho que pareça, proceder a investigações acerca das pessoas com quem esteve relacionada durante esses anos e apurar se qualquer dessas relações poderia ainda estar a exercer alguma influência na sua vida actual ou na do professor Stratman.

Ocorreu-me também que entre os milhares de documentos dos SS que não haviam sido destruídos nem confiscados durante a guerra pudesse ainda existir algum referente à história de Miss

Stratman. Como se dá o caso de ter um amigo em Berlim Ocidental, pedi-lhe que fizesse o que'

fosse possível. Tive imensa sorte! Ontem à tarde chegaram-me à mão as fotocópias da ficha de Miss Stratman. Talvez esse dossier não tenha para si o menor valor, mas, como nunca se sabe, resolvi trazê-lo.

Deixe lá ver pediu Krantz.

Daranyi soergueu-se e estendeu ao seu cliente, por cima do feto, as duas fotocópias grandes e as seis mais pequenas.

Deve reparar que, explicou Daranyi as duas fotocópias maiores representam um sumário do relatório do psicanalista militar que observou Miss Stratman. Talvez consiga descobrir alguma coisa de útil investigando acerca de certos nomes desconhecidos que aí aparecem. Por mim, não tive tempo de averiguar nada. O maço mais pequeno das fotocópias reproduz a correspondência entre as secções dos Exércitos russo e americano. Visto dizerem respeito a Miss Stratman, encontravam-se juntas à ficha dela. Só encontramos um nome de novo nesta correspondência o doutor Kurt Lipski, não identificado.

Mas possivelmente trata-se de um médico. Fiz uma consulta sumária na minha biblioteca alemã e encontrei lá mencionado três K. Lipski, homens de uma certa importância na ciência contemporânea: um naturalista, um dermatologista e um bacteriologista. Nada de significativo.

Daranyi estava agora recostado para trás, com as pontas dos dedos a tocarem-se, sem desfitar Krantz, enquanto este lia os documentos.

O seu lábio superior agitava-se por baixo do bigode, mas, fora isto, o seu rosto não revelara nenhuma outra reacção. Por fim, ergueu os olhos.

Onde foi você descobrir isto? perguntou ele. E Daranyi observou que o seu tom era forçadamente desinteressado.

Bem vê, doutor Krantz, eu prefiro manter. .

Não interessa. É um simples interesse pessoal, justificado pelo desejo de me certificar da sua autenticidade ..

Sim, Daranyi pensava que ele se mostrava demasiado indiferente e, portanto, isso era porque a informação o interessava muito mais do que deixava transparecer.

Os documentos são absolutamente autênticos disse. Isso posso eu garantir. Tenho um amigo jornalista, um inglês, que se encontra neste momento em Estocolmo e muito em baixo de finanças.

Ganha pouco e está sempre crivado de dívidas. Este, por sua vez, possui um conhecimento no Intelligence Service de Berlim Oeste uma rapariga escocesa que trabalha nos ficheiros. O meu amigo jornalista ofereceu-se para lhe telefonar e eu responsabilizei-me pela despesa.

Quando me informou do que seria possível conseguir-se, concordei em lhe pagar (visto ele ter de entregar metade à rapariga) novecentas coroas do dinheiro que o senhor me deu. É arriscado pagar semelhante quantia por uma coisa que pode não valer nada, mas eu pensei que valeria a pena arriscar. Espero que o senhor possa tirar daí algum proveito.

Krantz encolheu os ombros.

Não posso dizer nada, por enquanto. Depois inquiriu com um tom demasiado indiferente, muito mais ainda que da vez anterior: Alguém viu estes documentos?

Não, claro que não!

Bem, não importa. Não nos dizem nada, mas vou ficar com eles a título de curiosidade.

Como quiser.

Krantz pôs-se de pé, indicando que a entrevista estava terminada e findo o trabalho daquela tarde.

Você, Daranyi, merece parabéns, como sempre, pela perfeição do seu trabalho. No entanto, lamento dizê-lo, nada conseguiu descobrir

que possa vir resolver o nosso problemazinho. Mas fez o mais que pôde num tempo record e, por isso, eu e os meus colegas do Comité estamos-lhe infinitamente gratos. Já lhe disse da outra vez que a nossa recompensa será generosa. Acho que o senhor deve considerar-se mais do que satisfeito. Discuti o pagamento com os meus colegas e eles concordaram comigo em que os seus serviços, dada a escassez de tempo em que foram executados, merecem dez mil coroas. Tenho aqui o envelope...

Daranyi deixara-se ficar sentado na cadeira de couro e retorquiu simplesmente: Não!

Krantz começara já a dirigir-se para a chaminé, mas parou e voltou-se.

Que quer isso dizer?

633

Quer dizer que considero as dez mil coroas insuficientes para pagar aquilo que fiz.

Então quanto pretende?

Chegara finalmente o momento tão desejado.

Cinquenta mil declarou Daranyi, Krantz pareceu ficar atónito.

Está louco, Daranyi? Deve tratar-se de uma brincadeira, com certeza!

com assuntos desta natureza não se brinca.

Pensa então a sério que eu poderia dar-lhe cinquenta mil coroas por esta mão-cheia de loas e mexericos?

Francamente, acho que sim. Tenho a impressão de que consegui averiguar precisamente aquilo que lhe interessava.

Cinquenta mil coroas? Nem pense nisso. Dê-se por satisfeito se eu lhe aumentar a quantia para quinze mil.

Daranyi permanecia sentado como um Buda, inerte e superior, na sua cadeira.

Cinquenta mil coroas é o preço do meu trabalho... e da minha discrição.

Discrição, hem? Nunca julguei que o senhor descesse a fazer chantagem! Então não se apercebe da posição em que se encontra aqui? Posso fazer que o expulsem do país em menos de cinco minutos!

Já contava com isso. A extradição vem ao encontro dos meus planos. O senhor compreende. Logo que me pague, comprarei um bilhete de avião para a Suíça. Tenho um segundo-primo que reside lá e tenciona abrir uma casa de alfarrabista. Precisa de um sócio. Acho que Lausana deve ser uma cidade mais saudável que Estocolmo. E parece-me que os livros antigos têm mais futuro que os documentos velhos.

Krantz estava lívido.

Pretende então extorquir-me dinheiro para financiar os seus negócios?

Precisamente.

Você é ganancioso como o Diabo! Então não tem o mínimo sentido das proporções nem da dignidade?

Acabo de recuperar esses dois sentimentos. Sentia estar prestes a alcançar a vitória e pôs-se de pé. Desempenhei o meu papel.

Desempenhe agora o senhor o seu. Cinquenta mil.

Krantz fitou Daranyi com repulsa.

Nada pode dissuadi-lo desse crime?

Nada.

Tenho de falar primeiro com os meus amigos. Em qualquer caso, nunca poderá ser nada que se pareça com cinquenta mil. Talvez à volta de trinta mil.

634

r O menos que posso fazer é quarenta mil.

Não estou para discutir preços como um negociante de feira acabou por dizer Krantz. São quarenta mil, acabou-se. Pegou numa campainha de mão e agitou-a. A lisa vai acompanhá-lo à porta.

Daranyi não se moveu.

Quando é que me entrega o dinheiro? Exijo que seja amanhã, antes da cerimónia, o mais tardar. Tinha de recordar a Krantz o que lhe aconteceria se faltasse à sua palavra. Enquanto os representantes da imprensa mundial se encontram presentes.

Descanse que não ficará sem o seu dinheiro de Judas. Vou mandar-lhe o cheque por mão própria ao seu apartamento... Compreende que não desejo tornar a vê-lo.

Assim o espero. Boa noite, doutor Krantz. Se alguma vez for a Lausana e pretender uma edição rara...

Daranyi permitiu-se sorrir, ao passo que Krantz o fitava e dizia: 'Boa noite!

Daranyi abriu a porta, recebeu o sobretudo das mãos de Usa e saiu.

Krantz dirigiu-se à porta do escritório, que fechou a chave. Depois correu para a varanda envidraçada a olhar para a Norr Malarstrand.

Só quando viu Daranyi surgir na rua é que abandonou o seu posto de observação.

| A correr sobre as pernas curtas, foi até à porta da sala de estar, por detrás da cadeira onde estivera sentado, e bateu três pancadas.

Ouviu o rolar da chave na fechadura e recuou. A porta abriu-se. [com movimentos vivos, a polir o monóculo com o lenço de assoar, , o Dr. Hans Eckart entrou no escritório.

Ouviste tudo? perguntou Krantz ansiosamente. '

Não perdi uma palavra. Eckart colocou, o lenço outra vez no bolso e ajustou o monóculo.

Ele estava sempre a olhar para a planta disse Krantz e fiquei nervosíssimo com medo de que visse o microfone. [

Era impossível respondeu Eckart. '

Krantz aproximou-se mais do seu superior, muito nervoso. ; Ouviste o que ele disse acerca do dinheiro?

Seja como for, esse húngaro idiota já não pode voltar a ser-nos útil. Eu tratarei de lhe pagar.

Nas informações dele havia alguma coisa que...

Havia respondeu secamente Eckart. A ficha dos SS acerca de Emily Stratman. Deixa-ma cá ver.

Capítulo doze Caíra neve durante toda a noite, em flocos grandes e espessos, que aderiam a tudo, e na manhã do dia 10 continuava ainda a nevar. As rajadas de vento haviam cessado, segundo observava o conde Jacobsson da janela da sua sala, por cima da Fundação. Agora os flocos cristalinos flutuavam como confetti e colavam-se a todas as superfícies, agarrados uns aos outros, até que Sturegatan, o parque em baixo e toda a parte da cidade de Estocolmo que a vista podia dali abranger se cobria de um manto branco que ondulava contra o fundo escuro do céu.

«Estamos envolvidos num manto real», pensou Jacobsson, «uma capa de arminho para comemorar o grande dia da Semana Nobel.»

Ouviu atrás de si os passos da corpulenta mulher a dias que vinha três vezes por semana limpar-lhe os aposentos de solteirão, e percebeu que ela estava a colocar-lhe o pequeno almoço sobre a mesa oval. Continuou a gozar o espectáculo da neve a cair enquanto esperava que a mulher se retirasse. Depois, afastando-se da janela, sentou-se à mesa.

Até aquele momento, estivera demasiado preocupado com os problemas daquela importante data para se lembrar do almoço. Porém, agora, o perfume das salsichas aguçou-lhe o apetite, bem como o espectáculo dos ovos mexidos, das torradas cobertas de compota vermelha, do choklad, e começou a comer deliciado. Após ter engolido as salsichas e os ovos e começado a beber o cacau acompanhado das torradas, tratou de desdobrar os três jornais da manhã que tinha à sua direita. Todos traziam fotografias e longos artigos, na primeira página, relativos a cerimónia dessa tarde.

Só depois de ter acabado de sorver o resto do cacau é que abriu o dossier verde que pousara ao lado do prato, o qual continha as suas Notas de há dez anos. Depois de acordar e se haver regozijado com a neve que viera aumentar o brilho das cerimónias, é que se recordara do prólogo que escrevera dez anos atrás, pouco depois de ter lido umas memórias de Rudyard Kipling.

Abriu amorosamente o dossier, percorrendo as numerosíssimas páginas que cobrira com a sua letra que firme ela ainda era então!

e foi voltando as páginas, à procura daquilo que se recordava de ter escrito.

Esse prólogo das Notas continha algumas referências ao rei Oscar, que fizera a entrega dos prêmios durante seis anos, falando depois do seu sucessor, o rei Gustavo V, com quem Jacobsson mantinha tão grande intimidade. E as Notas prosseguiam: 637

Acabo de ler a descrição de Rudyard Kipling acerca da sua viagem a Estocolmo e da sua chegada a esta cidade, imediatamente após a morte do rei Oscar. Reproduzo aqui algumas das impressões do escritor à sua chegada aqui fará receber o Prêmio Nobel de 1907. Escreve ele: «Vínhamos ainda no mar quando morreu o velho rei da Suécia. Chegámos à cidade, toda branca de neve e iluminada pelo sol, e encontrámos as pessoas vestidas de cerimónia, o luto oficial que aqui se adopta e que impressiona sobremaneira. Na tarde do dia seguinte, os laureados foram apresentados ao novo rei. Nestas latitudes, a escuridão da noite começa às três da tarde. A neve continua a cair. "Parte do palácio encontra-se às escuras, visto estar ali o corpo do falecido rei. Levam-nos através de corredores intermináveis que deitam para saguões escuros onde a neve alveja sobre a farda das sentinelas, as culatras dos canhões antigos e os montes de balas junto destes. Alcançámos por fim uma zona de vida onde há mais corredores e aposentos iluminados, tudo, porém, envolto naquele segredo próprio da corte, que não se compara com nenhum outro silêncio. Até que deparámos, numa sala

resplandecente de luz, com o novo rei, de aspecto cansado e olhos sem brilho, que dirige a cada um de nós palavras apropriadas à circunstância.

Em seguida, vemos a rainha, com um fato de luto digno de Maria Stuart; após uma breve troca de palavras, regressámos através dos mesmos corredores sepulcrais, onde o silêncio era tão profundo que se podia ouvir o tilintar das condecorações no peito do oficial que nos acompanhava, no seu passo silencioso.

Parece que as derradeiras palavras do rei haviam sido estas: "Não quero que fechem os teatros por minha causa." Por isso, nessa noite, Estocolmo não interrompeu os seus divertimentos, abafados pela neve que caía.»

Jacobsson fechou devagar o dossier, recordando a figura daquele homem de quarenta e dois anos, muito míope que passara pela cidade velha, no ano de 1917, e pensava ao mesmo tempo que o aspecto de Estocolmo, no dia da cerimónia desse ano, era igual ao de hoje. com uma diferença. Agora, ninguém tinha motivos para se vestir de luto, a não ser pelo advento da era nuclear. Em 1917, podia-se conceder um Prêmio da Paz. Hoje não. Mas, ao menos, o dia de hoje teria um aspecto mais festivo que o de então, a cidade não estaria «abafada pela neve». Haveria festas, funções oficiais e novo material para as suas preciosas Notas.

Lançando os olhos para o relógio sobre o fogão os números eram romanos e o relógio pertencera ao seu avô , Jacobsson verificou que já faltava pouco para se dar início às cerimónias daquele dia, entre

todos importante. Erguendo-se da mesa com cuidado, a fim de evitar a dor que por vezes o acometia nos rins, viu-se no espelho de moldura dourada, e reparou, com satisfação, que o nó da sua gravata estava impecável.

Pegou na bengala e saiu para o frio das escadas, que desceu a pé, para se ir encontrar com os mais altos representantes de imprensa estrangeira.

Quando penetrou na sala de conferências da Real Academia da Suécia, observou, com satisfação, que a assistência era numerosa. As cadeiras de couro que serviam aos membros do júri estavam agora ocupadas por jornalistas, mulheres na sua maioria, enquanto os homens se conservavam de pé, a fumar e a conversar, junto das paredes pintadas de verde.

A entrada de Jacobsson despertou nos ocupantes da sala diversos graus de atenção. Jacobsson recebeu a pasta das mãos de Astrid Steen foi atravessando a sala a todo o seu comprimento, correspondendo de passagem aos vagos cumprimentos que lhe eram dirigidos. Reconheceu Sue Wiley, sentada do outro lado da mesa de mármore, e, junto dela, uma francesa mais velha. Identificou também alguns jornalistas de Londres, de Manchester, de Nova Iorque, de Hamburgo, de Berlim, de Telavive e de Calcutá. Jacobsson tomou lugar ao fundo da mesa, sob o retrato do Fundador, pintado em 1915, e ficou-se a observar a assistência.

A Fundação Nobel saúda-vos no último dia desta semana de comemorações principiou Jacobsson. Espero que não se tenham ressentido com o clima. Repararem que dos três bustos de bronze que habitualmente ornamentam esta sala, falta um, o de Alfredo Nobel.

Foi levado ontem à noite para a Sala dos Concertos, a fim de que aquele que ele representa possa, em espírito, uma vez que não pode [ser em corpo, estar presente nas cerimónias que hoje ali se vão realizar.

Calou-se e abriu a pasta, donde extraiu umas três páginas dactilografadas, em cujo cabeçalho se lia: Memorando. Dez de Dezembro, Antes de responder às perguntas que porventura me possam dirigir, vou ler-vos o memorando oficial que enviámos a cada um dos seis laureados. Mrs. Steen possui cópias de todos, as quais ficarão à disposição de todos vós. Vou agora comunicar-vos o seu conteúdo.

Aproximando muito os olhos do papel, começou a ler alto, com uma voz propositadamente seca e monótona: A cerimónia festiva relacionada com a distribuição dos Prêmios Nobel realizar-se-á na Sala dos Concertos Konserthuset e principiará às cinco horas em ponto. Os convidados deverão ocupar os seus lugares no átrio apenas até às quatro e cinquenta.

Pede-se aos laureados e às suas famílias o favor de deixarem a sala reservada para eles às cinco horas exactas. A sua chegada será anunciada por um toque de trombetas e tocar-se-á à sua entrada o hino nacional.

Depois de o rei e os membros da família real terem ocupado os seus lugares, os laureados com o Prêmio Nobel subirão para a plataforma pela porta do centro, conduzidos pelos representantes dos diversos Comitês. Este cortejo incluirá também os laureados dos anos anteriores que porventura estejam presentes à cerimónia e os restantes membros dos Comitês que hajam proposto os candidatos eleitos para este ano. A chegada destes será igualmente anunciada por um toque de trombetas. Pede-se aos componentes do cortejo que sigam pela ordem seguinte: laureados do Prêmio Nobel à direita, professor Max Stratman, Mr. Andrew Craig, doutor Claude Marceau, doutora Denise Marceau, doutor Carlo Farelli, doutor John Garrett, com os respectivos representantes do Comité de Eleição à sua esquerda.

Os laureados, após haverem feito a reverência ao rei, ocuparão os lugares que lhes estão destinados à direita da plataforma, em frente

da porta do centro.

Depois da saudação proferida pelo conde Bertil Jacobsson, secretário da Fundação Nobel, a proclamação dos laureados far-se-á por meio de discursos proferidos por cada um dos representantes das diversas Academias que concedem o Prêmio. Estes discursos, em sueco, serão seguidos de algumas breves palavras na língua do respectivo laureado. Este erguer-se-á e fará o favor de se aproximar, no fim do breve discurso, descendo da plataforma, para receber das mãos de Sua Majestade o Rei a medalha de ouro e o diploma do Prêmio. Em virtude de uma alteração no programa, os discursos de agradecimento dos laureados deverão ter lugar após o regresso destes à plataforma, em lugar de serem proferidos no banquete que em seguida se realizará na Câmara Municipal, como é hábito.

Depois da cerimónia, os laureados podem, antes de abandonar a sala, dar as suas medalhas e diplomas ao camareiro principal que as entregou à mão de Sua Majestade o Rei e as levará depois para a Câmara Municipal, onde ficarão expostas durante toda a noite. Terminada a cerimónia, haverá automóveis à disposição dos laureados e de suas famílias, a fim de os conduzirem ao banquete de despedida, na Câmara Municipal.

Depois de ter lido, sem nenhuma interrupção, este aviso oficial, Jacobsson meteu de novo as folhas dactilografadas dentro da pasta.

Serviu-se de um copo de água do jarro que tinha na sua frente, bebeu e depois pousou o copo.

Podem agora fazer as perguntas que desejarem respeitantes à cerimónia que vai ter lugar esta tarde ..

Ergueu-se uma mão e alguém perguntou: Será tudo transmitido pela televisão?

Sim respondeu Jacobsson, pesaroso, pois a indiscrição das câmaras afigurava-se-lhe tão monstruosa como se se tratasse da transmissão de um espectáculo de circo. Esta inovação foi introduzida pela Radiotelevisão Sueca a partir de 1957. Toda a cerimónia vai ser transmitida pela televisão.

Ergueu-se outra mão.

Quantas pessoas foram convidadas para assistir à cerimónia?

A quem enviaram convites?

Jacobsson bebeu outro gole de água.

Além de Sua Majestade o Rei e da família real, temos os laureados e os seus parentes, os membros das Academias Nobel, os Comités e suas famílias e os premiados dos anos anteriores. Foram também enviados convites aos membros do corpo diplomático, com prioridade para os países a que pertencem os laureados de hoje, e alguns membros importantes da imprensa. Os convites limitaram-se a estas personalidades que acabo de enumerar. O público em geral pode comprar bilhetes e não há lugares marcados. Às cinco horas, devem encontrar-se reunidas umas duas mil e cem pessoas na Sala de Concertos.

Sue Wiley estava de pé, com um braço semierguido, e Jacobsson acenou-lhe com a cabeça, preparando-se para uma pergunta um pouco mais complicada. Não ficou desiludido.

Conde Jacobsson disse ela. É a primeira vez que assisto a uma cerimónia de entrega de Prêmios Nobel. Dizem-me todos aqueles que já estiveram presentes numa função destas que a cerimónia é sempre impressionante, mas monótona e sensaborona. Nunca aconteceu durante ela nada de imprevisto? Um riso abafado

percorreu a assistência e Sue Wiley sorriu para os que lhe ficavam mais próximos.

Depois acrescentou: Pergunto se nunca houve momentos de atrapalhão, se nunca ninguém cometeu uma gaffe...

Todos esperavam a reacção de Jacobsson, e este, desejoso de conquistar as boas graças da imprensa, vasculhava a memória, à procura de qualquer ocorrência inofensiva, mas que tivesse de facto algum interesse.

Bem, Miss Wiley, nem sempre as coisas se passam exemplarmente declarou. De tempos a tempos, temos os nossos... os nossos pequenos aborrecimentos. Recordo-me de uma vez que o nosso amado rei Gustavo V, que conhecera ainda a rainha Vitória, ao entregar as medalhas e os diplomas aos premiados, como passara a ver muito mal, dado estar com uma idade bastante avançada, entregou a medalha e o diploma, por engano, ao seu próprio secretário, em lugar de os entregar ao laureado.

641

Todos se riram com uma certa indulgência e Jacobsson sentiu-se reanimado.

O rei Gustavo, o Mr. G. dos torneios de ténis, entregou mais Prêmios Nobel do que qualquer outro dos seus antecessores. Todos os laureados saíam daqui encantados com o seu procedimento democrático e a nobreza característica das suas maneiras. Recordo-me de Anatole France, que acabava de se fazer comunista quando se encontrou com o rei Gustavo. Tinham-me dito que este escritor detestava a realeza.

Porém, a simplicidade de Gustavo V conquistou-o completamente.

Mais tarde, Anatole France declarou: «O rei da Suécia é um Bernadotte.

Vê-se que está habituado ao Poder. Um presidente dá-nos sempre a ideia de ser um pouco novo na função.» À maneira de aparte,

talvez vos interesse saber que, de todos os laureados a quem o rei Gustavo entregou Prêmios, o seu favorito era o poeta irlandês W. B. Yeats.

Em várias ocasiões ouvi o rei afirmar que admirava Yeats principalmente porque tinha maneiras de fidalgo. Jacobsson reparou que Sue Wiley continuava de pé, e dirigiu-se a ela. Mas a senhora falava de situações estranhas e embaraçosas. Recordo-me de uma vez em que a dificuldade foi resolvida de uma maneira inteligente. Sabe que na cerimónia da tarde, desta tarde, faz parte do protocolo que o laureado, após ter recebido o Prêmio das mãos do rei, se retire a andar para trás e suba os degraus, até ir ocupar de novo o seu lugar no estrado. Recordo-me de que Pearl Buck estava muito preocupada com isso. O doutor Enrico Fermi recebera o Prêmio antes dela e executara esta evolução sem dificuldade. Mas Pearl Buck trazia um vestido de cerimónia dourado, com uma cauda que lhe dificultava os movimentos. No entanto, a sua marcha atrás foi executada de modo impecável, por entre os vibrantes aplausos da assistência. Confessou depois a uma amiga que conseguira realizar esta proeza graças ao facto de ter fixado o desenho do tapete oriental que cobria o soalho> o qual seguira até voltar ao seu lugar. Houve ainda outro incidente embaraçoso durante uma cerimónia em que dois laureados britânicos não seria correcto identificá-los aceitaram os Prêmios da mão do rei e, esquecendo o protocolo, voltaram-lhe as costas e regressaram às suas cadeiras. A assistência sueca sentiu-se profundamente ofendida. Em surpreendente contraste com as omissões em que têm incorrido os laureados ocidentais, os russos mostraram-se sempre absolutamente correctos. A sua cortesia é impecável e as vénias que fazem ao rei são as mais profundas de todas. Recordo-me perfeitamente de que, em 1958, o sábio nuclear soviético doutor Igor Tamm, um dos três laureados da Física, curvou-

-se tanto que ia deixando cair no chão a medalha e o diploma. Além destas bagatelas, creio nada mais ter de interesse para lhe contar, Miss Wiley. A nossa cerimónia decorre habitualmente sem incidentes, como poderá verificar com os seus próprios olhos esta tarde. Olhou em redor. Mais alguma pergunta?

642

Agitou-se no ar outra mão.

Conde Jacobsson. .

Diga?

Pode fazer o favor de nos dar algumas informações acerca dos premiados de hoje? Devem sentir-se muito nervosos com a expectativa da cerimónia. Sabe como ocuparam hoje o seu tempo?

Sei apenas como deveriam tê-lo ocupado respondeu Jacobsson.

Nesta altura, deveriam estar a caminho da Sala de Concertos, a fim de ensaiarem durante uma hora o que lhes compete fazer durante a cerimónia. Contudo, o ensaio, ontem, foi cancelado. Por isso, estou certo de que devem encontrar-se todos a descansar no Grande Hotel.

Por que motivo foi o ensaio cancelado?

Dois dos premiados estavam impedidos de assistir. Isso vai ser comunicado esta tarde pelo Instituto Caroline. Posso apenas informar-vos má-los do seguinte: o doutor Farelli e o doutor Garrett não estão a descansar. Neste momento, encontram-se ocupados em actividades relacionadas com a sua especialidade...

Eram dez e cinquenta da manhã. Estava-se num bairro suburbano de Estocolmo. O esfumado edifício que se divisava através da neve, llembrando um quadro pintado em pontilhismo por Seurat, não sobre uma tela, mas sim em cima de vidro transparente, era o Hospital Carolline.

As fileiras amarelas de luzes que se misturavam com os flocos de neve em movimento, a brilhar naquela manhã de Inverno, pertenciam aos corredores e às enfermarias.

Lá dentro, na sala de operações do terceiro andar, os focos luminosos tinham um brilho intenso; não eram amarelos como as lâmpadas dos corredores, nem tinham a brancura da neve que caía lá fora. Refulgiam, sim, como a luz forte e prateada de um dia de Verão ao nascer do Sol.

Sobre a mesa de operações, com uma parte do corpo a descoberto e o resto envolto em panos brancos como se fosse uma mortalha, jazia, inconsciente, o conde Rolf Ramstedt, de setenta e dois anos, parente de Sua Majestade o Rei da Suécia. Poucos segundos antes, despojado do seu velho coração, gasto pela arteriosclerose, conservara-se vivo graças apenas ao aparelho de circulação extracorporeal que custara cinco mil dólares e cujo funcionamento lhe alimentara de oxigênio o sangue, enquanto lhe não punham um coração novo dentro do pericárdioazio. Curvado sobre o paciente, envergando os trajos do moderno criador máscara de gaze, bata, luvas de borracha, via-se o Dr. Erick Ohman, que se preparava para suturar o coração vivo da vitela aos vasos do seu doente. Enquadrando Ohman, igualmente munidas, de bata e luvas, encontravam-se presentes três jovens enfer-

meiras suecas, além do esquelético anestesista, que neste momento media a tensão arterial.

A certa distância, o ponteiro do relógio de marfim marcava inexoravelmente os segundos com breves pancadas.

Aos pés da mesa, presente como observador, o Dr. John Garrett, a respirar com nervosismo através da máscara, reparou que a operação, cuja demora se calculava em hora e meia (após ter-se ligado o doente ao aparelho de circulação extracorporeal), estava apenas em meio. Não tardaria muito, pensava Garrett, que pudesse voltar a sua atenção para a figura alta e avantajada, também de bata branca, que se encontrava a seu lado: o Dr. Carlo Farelli. Algum tempo antes, no gabinete de Ohman, durante aquela madrugada que se não distinguia da noite, ele e Farelli haviam-se encontrado cara a

cara, sem trocarem entre si uma palavra cordial. Ohman, sensível à animosidade latente entre os dois, interpusera-se com habilidade entre ambos, pedindo-lhes conselhos relativos à difícil transplantação cardíaca em perspectiva. com excepção de duas interrupções o telefonema de um colega, que desejava o seu parecer acerca do defeito congénito de uma criança (cor triloculare biatriatum), e da intervenção de outro, que entrara por uns momentos, preocupado com o aborto eminente de uma mulher de um amigo comum, a equipa formada pelos três trabalhara intensamente.

Garrett em breve se viu absorvido pelos preparativos, especialmente pela administração da Substância Anti-Reactiva S.

Tinham debatido todos os problemas, tão familiares para eles, da nova técnica cirúrgica para a extirpação e substituição do órgão cardíaco, acentuando em particular a necessidade de se evitar a coagulação nos circuitos sanguíneos e preocupando-se com a natureza dos materiais a empregar na sutura dos vasos, de modo que estes ficassem perfeitamente laqueados e sem perigo de se formarem coágulos. Garrett chamara a atenção para a diferença de diâmetro que poderia existir entre os vasos do coração da vitela e os outros, mais estreitos, a que deviam ser adaptados. Ohman, porém, previra tudo isto, e fizera-lhe a descrição dos adaptadores anti-reactivos que iria utilizar. Farelli era de opinião que se fizesse uma transplantação heterotópica, mas tanto Garrett como Ohman preferiam colocar o coração no seu lugar anatómico normal. Tinham de reserva três corações de vitelas recém-nascidas. E Ohman, Farelli e Garrett escolheram um.

Por fim, foram todos chamados à sala de operações, onde se encontrava já o conde Ramstedt. Tudo estava eficientemente a postos.

O doente fora anestesiado, tinham-lhe feito a barba ao peito e aplicado merthiolate. A sua temperatura fora baixada para trinta graus e recebera uma injeção endovenosa de heparina a fim de se

evitarem os coágulos. O enorme aparelho da circulação extracorporeal estava preparado, bem como quatro mil centímetros cúbicos de sangue, para um caso de emergência.

644

Preocupado apenas com o doente, Garrett quase esquecera a presença de Farelli. Aquilo que a princípio lhe era tão familiar instrumentos, técnica operatória, *etc.* parecia-lhe agora estranho e como pertencente a outro mundo, em consequência talvez da lengalenga contínua de palavras suecas trocadas entre Ohman e as suas auxiliares: lakaren, hud, brostkorg, blod, adra, skoterska, bedova, e a frase pulsen ar mycket oregelbunden, que Garrett interpretou como querendo significar que o pulso estava irregular. E ouviu-se constantemente também a palavra hjarta, hjarta, hjarta, que Garrett traduziu como «coração, coração, coração».

A partir do momento em que Ohman flectiu os dedos dentro das luvas de borracha e pegou no cabo do bisturi, queixando-se de que estava a ser prejudicado por um reflexo da luz sobre o instrumento, pelo que mandou mudar a posição de uma lâmpada, e depois, enquanto executava a esternotomia média uma incisão que vai da base do pescoço, por cima do esterno, até ao término deste osso, nada mais houve de estranho para Garrett.

Enquanto assistia ao desenrolar da intervenção, Garrett sentia-se intimamente orgulhoso. Estava ali a sua descoberta, a sua imortalidade.

Numa atitude crítica, que, no entanto, o não privava da mesma sensação de vaidade, observava aquele outro filho de Hipocrates a tentar realizar uma nova ressurreição de Lázaro. Garrett olhava sempre, acenando involuntariamente com a cabeça em sinal de aprovação...

o peito aberto... os anticoagulantes... as compridas ligações de plástico do aparelho de circulação extracorporeal que ia fornecendo ao sangue oxigénio e o libertava do anidrido carbónico... a remoção de todo o sangue das veias principais antes de chegarem à zona doente, passando pelo aparelho de circulação artificial que retirava o sangue por meio de bombas para depois o levar, de novo purificado, à circulação arterial... os minutos culminantes da intervenção

cirúrgica em que se extraía o coração velho, seccionando a artéria pulmonar e a aorta a seguir às válvulas...

Eram dez e cinquenta e dois.

A tensão de Garrett começou a acalmar à medida que o seu discípulo adaptava o coração congelado da vitela, com as suas jovens aurículas e dois ventrículos, e depois suturava o conjunto, tendo o cuidado de que ficassem bem laqueados todos os vasos que conduzem ao coração.

E finalmente a sutura final com o instrumento de invenção russa, fio de dracon para coser a aorta, a artéria pulmonar, bem como as quatro veias pulmonares, a veia cava superior e a veia cava inferior.

Garrett e Farelli observavam o trabalho de Ohman com uma atenção intensa enquanto este completava a transplantação. Depois de ter extraído todo o ar ao novo coração, para evitar o perigo de uma embolia, Ohman soltou o garrote da aorta, a fim de permitir que o sangue purificado pelo aparelho de circulação extracorporeal passas-645

se às artérias coronárias. O coração da vitela descongelou-se de sangue oxigenado. Pouco a pouco, começou a contrair-se, a pulsar, recebendo e expelindo o plasma. O doente respirava. Lázaro voltara à vida!

Garrett intensificou a sua observação. O ritmo era excelente, não se tornava necessária nenhuma massagem eléctrica. Ia para lembrar a Ohman a necessidade de administrar ao operado polybrene, a fim de, neutralizando a acção da heparina, permitir que o sangue voltasse a poder coagular-se normalmente, mas recordou-se de que ainda não era tarde e que Ohman não deixaria de se lembrar disso.

A oxigenação é satisfatória, bem como a tensão arterial disse o esquelético anestesista.

«Setenta pulsações por minuto», pensou Garrett. «Cinco mil e seiscentos centímetros cúbicos de sangue expelidos por minuto, num

coração transplantado!» Sentiu mais uma vez o seu próprio coração dilatar-se de orgulho.

Retirem o aparelho de circulação artificial ordenou Ohman.

A máquina de vidro cardiopulmonar foi desligada do paciente.

O novo coração estava em plena actividade.

Durante a última hora, Ohman apenas tivera necessidade de consultar Garrett e Farelli, em inglês, por duas vezes, e, salvo uma pequena sugestão de ambos, estes haviam concordado sempre com ele.

E agora, finalmente, a transplantação terminara com pleno êxito. Só faltava a simples tarefa de retirar as pinças e os cateteres, de fechar a cavidade torácica e de injectar as hormonas que impediriam o coração de vitela de continuar a crescer. Restava, depois, assistir à renovação da vida.

Ohman voltou-se para os dois laureados e Garrett julgou vê-lo sorrir por baixo da máscara.

Sua Majestade deve sentir-se aliviada disse em voz baixa.

Isto está pronto!

Benissimo respondeu Farelli. Felicitazioni!

Parabéns, doutor Ohman disse Garrett.

Não, não, eu é que devo felicitar-vos a ambos retorqui Ohman. Agora já posso terminar sozinho. Não querem ir lavar-se e esperar na sala? A enfermeira Wilson vai indicar-vos o caminho. Eu não me demoro.

Voltara para junto do doente e a mais baixa das três enfermeiras dirigiu-se a Farelli e a Garrett, acompanhando-os depois à sala de desinfectão, forrada de azulejo. Afastou-se um pouco enquanto os dois médicos descalçavam as luvas de borracha e retiravam as máscaras cirúrgicas, sempre em silêncio, e se curvavam a seguir sobre lavatórios diferentes, a lavar o amido das mãos com escovas de nylon.

Enquanto secava as mãos, estando Farelli ainda no lavatório, Garrett sentiu-se tranquilo com a presença da enfermeira.

Ao vê-los prontos, esta disse: 646

Por aqui, fazem favor.

Seguiram então por um corredor fora, até um gabinete exíguo, nu de qualquer mobiliário, com excepção de uma mesa queimada de cigarros com vários cinzeiros em cima e rodeada de quatro cadeiras de espaldar direito.

Nessa altura, com grande desgosto de Garrett, a enfermeira retirou-se e ele ficou a sós com Farelli. Tirou do bolso um charuto, que levou muito tempo a preparar, e, quando ergueu os olhos, viu que Farelli estava já a fumar um cigarro, encostado à janela.

Continua a nevar disse Farelli.

Garrett não respondeu. Agora, que a operação terminara, que o valor da sua descoberta fora comprovado de maneira tão dramática e que em breve o público de todo o mundo o aplaudiria, deixava de sentir aquela sensação de euforia. Estava-lhe vedado voltar a experimentar o mesmo prazer, só pelo facto de Farelli existir. De certo modo, esta transplantação não seria obra de Ohman ou mesmo de Garrett, mas sim de Farelli, tal como sucedera com a descoberta. E o Prêmio Nobel da Medicina e da Fisiologia, que seria entregue durante a tarde, era como se revertesse unicamente em proveito dele, Farelli.

Enquanto este vivesse, dizia o instinto de Garrett, Farelli seria o sábio, o homem notável, não passando ele da sua sombra. E que remédio poderia isto ter? Tentara tudo, e tudo falhara. Restava-lhe uma única esperança. Ohman, porém, não aprovara o processo de concretizar. Craig tentara tirar-lhe isso da ideia. Ou talvez quem sabe? o que o fizera desistir do seu intento não houvesse sido a opinião de nenhum dos dois, mas sim a sua própria consciência.

E, agora, essa mesma consciência não lhe parecia um factor positivo, mas sim um sintoma de fraqueza que o havia de relegar

sempre para a obscuridade. Caso não fosse isso, não se veria condenado a arrastar até ao fim da vida o destino de um simples pretendente ao trono. Sem essa consciência, o trono pertenceria a ele.

Observou, com evidente desprezo, o perfil de Farelli a recortar-se contra o vidro da janela coberto de gelo. Nunca voltaria a ter uma oportunidade como esta. Se não conseguisse agora a coragem de falar, nunca mais o poderia fazer. No fim do dia seguinte, após terem ido receber os cheques à Fundação, Farelli iniciaria a sua triunfante viagem pelo continente, recolhendo pelo caminho todos os louros, dali até Roma, e ele regressaria a Pasadena com o seu reduzido triunfo e aquele desgosto que apenas Saralee, o Dr. Keller e os seus companheiros de tratamento seriam os únicos a conhecer. Se tentasse denunciar o seu inimigo no ano seguinte, seria tarde de mais. Tinha de ser, agora ou nunca!

Mas como havia de começar? De maneira desprendida, incisivo e com cuidado. Nada de acusações claras. Devia mostrar-lhe antes a sua superioridade. O gato, quando brinca com o rato, não o mata logo 647

com a primeira patada. Prefere deixá-lo destruir-se a si próprio com a ansiedade do medo. E, para começar, declarou: O rei deve ficar satisfeito.

Farelli deixou a janela, admirado com o tom calmo de Garrett. Sim, deve sentir-se muitíssimo satisfeito.

Ouvi dizer que o senhor tinha almoçado ontem com ele.

Tive essa honra. Eu tomara a liberdade de oferecer os nossos serviços para...

Bem sei. Contaram-me tudo isso. Garrett calou-se, sem saber como entrar no assunto. Sobre que versou a vossa conversa?

Ele estava preocupadíssimo por causa do conde Ramsted. Eu tentei tranquilizá-lo, explicando-lhe certos pormenores acerca da operação.

Falei-lhe das nossas experiências com...

Das suas experiências corrigiu Garrett. Tratava-se de um pormenor, mas Garrett queria esclarecer todos os pontos.

Não, das nossas. Eu lera os seus comunicados e tinha alguns conhecimentos acerca de certos casos. Ele teve a gentileza de querer saber alguns pormenores relacionados com os nossos antecedentes.

Nesse capítulo, eu só podia falar-lhe de mim.

Ali estava a deixa. E, cegamente, com voz a tremer, Garrett atacou: O senhor falou-lhe acerca... acerca da sua estada no campo de concentração de Dachau, não é verdade? Acho que isso faz parte dos seus antecedentes como médico, não é verdade?

Garrett viu imediatamente que atingira o alvo e uma sensação de triunfo começou a percorrer-lhe as veias.

A face latina de Farelli petrificou-se. Era a face de Júlio César no Senado, sob a estátua de Pompeu, atónito com o gesto de Túlio ao arrancar-lhe a toga. A face de César ao ver Casca com o punhal da verdade na mão. Garrett esperava, do alto da sua superioridade, que o italiano lhe gritasse também a frase clássica: «Casca, estás louco?

Que vais fazer?» Só então ele lhe revelaria toda a sua loucura.

Porém, com espanto seu, Farelli falou-lhe imediatamente com voz comedida.

Falou em Dachau? Como soube disso?

Oh, soube-o por acaso. Tudo acaba por se saber.

Coisas dessa natureza não se sabem assim sem mais nem menos, como diz. Eu nunca falei disso a ninguém.

Compreendo perfeitamente o seu silêncio. Eu, no seu lugar, também me calaria!

Farelli encolheu os ombros.

Há momentos na vida de uma pessoa que é preferível esquecer.

Garrett dominava-o finalmente. E dirigiu-se-lhe então com o tom de complacente censura de um superior para um inferior.

Eu só desejava saber uma coisa. Como é que o senhor conseguiu suportar uma coisa dessas?

Como? Porque me obrigaram! Eu estava prisioneiro dos camisas negras na cadeia de Regina Coeli e não tinha outra alternativa. Era uma questão de vida ou de morte.

Mas há limites para aquilo que um homem...

Quando se trata de vida ou da morte, não temos tempo de pensar.

Agora, que estamos livres de tudo isso, torna-se fácil ser lógico acerca daquilo que já não tem para nós realidade. Porém, quando a O.V.R.A. me obrigou a escolher, sem perda de tempo, entre o pelotão de execução ou a experiência em Dachau, eu... bem, pensei que Dachau... bem, sempre seria preferível. Tinha ouvido e lido muitas coisas... mas, no fundo, não fazia ideia do que aquilo era. Disse, pois, comigo: «Se disseres não, és um homem morto, Farelli. Mas se disseres que sim, não sabes o que te espera em Dachau.»

Prometeram-me que era apenas uma questão de uns sete dias, nada mais, uma coisa temporária. Por isso aceitei. Calou-se. Há muito que não voltara a pensar nessas coisas. Fomos cinco para Dachau...

Bem sei respondeu Garrett, em tom de desprezo.

Sabe? Continuo sem perceber quem lhe falou nisto.

Os seus companheiros foram o doutor Brandt, de Berlim, o doutor Goreckí, de Varsóvia, o doutor Brauer, de Munique, e o doutor Stirbey, de Bucareste.

Farelli não escondia o seu espanto.

É exacto. Tudo exacto. Quem mais sofreu foi o pobre Brandt e o pobre Brauer, por serem judeus. De qualquer maneira, nunca poderiam escapar à morte. Foi horrível.

Morreram muito tempo depois da experiência? inquiriu Garrett.

Admirava-se da forma como o outro confessava tudo com tanta facilidade. Farelli estava assinando a sua própria condenação.

Depois da experiência? Não, morreram ambos durante ela, logo da primeira vez. Obrigaram-me a observá-los através da vigia da

cabina aérea, como chamavam ao cubículo de alta pressão... Brauer, um rapaz tão honesto, morreu com os pulmões rebentados. Brandt ficou sufocado, até que o coração se foi abaixo. Farelli começava a ficar excitado. Pode calcular o que eu senti quando me meteram no cubículo de grande altitude. Julguei vir a ser a terceira vítima...

Garrett estava certo de que Farelli se enganara. Ergueu a voz roufenha, interrompendo-o.

Eles... você... disse que o meteram na câmara de experiências... mesmo lá dentro?

Pois claro respondeu Farelli. Então que é que lhe disseram?

Julguei que o senhor sabia toda a história.

Sabia algumas coisas, mas...

Os nazis tinham estado a utilizar prisioneiros judeus, polacos e russos como cobaias, e um dia Himmler ordenou que, em vez de condenados vulgares, seria interessante arranjar cinco médicos com

prés-649

tígio, especialistas do coração e ao mesmo tempo prisioneiros judeus ou políticos, e fazer as experiências neles. O projecto era sujeitar-nos a suportar, na câmara de altitude, uma pressão equivalente a quinze milhas de altitude, sem equipamento, até ficarmos quase mortos, mas não completamente. Far-nos-iam então voltar à vida e obrigar-nos-iam a descrever as nossas reacções e impressões como médicos, que seriam depois publicadas nos jornais e revistas de medicina, para proveito da Luftwaffe e dos Serviços Médicos do Waffen-SS. Eu foi o quarto daquele dia. Brandt e Brauer tinham morrido e Stirbey fora tirado para fora meio morto (encontra-se ainda hoje num sanatório de Viena).

A seguir, era a minha vez.

Garrett agarrou maquinalmente numa cadeira e sentou-se. «Santo Deus»!, pensava ele. «Santo Deus!» E sentia-se como um homem que, tendo sido salvo no derradeiro instante, por uma mão invisível, de cair no Gran Canyon, não estivesse ainda recomposto

do susto e se perdesse em meditações acerca do que lhe poderia ter acontecido.

Não ouvira parte das palavras de Farelli e agora fazia um esforço para perceber o que ele continuava a dizer, apesar das marteladas que, sentia nos ouvidos.

Eles continuavam a tirar com a bomba o ar de dentro da câmara, e eu, lá dentro, amarrado à cadeira de piloto, com o electrocardiógrafo ligado, a ver o manómetro da altitude sempre a subir... a subir. Mas que podia eu fazer? Quando chegou a treze milhas, deixei de respirar e mergulhei na escuridão, como costumam dizer os aviadores. Tinha a cara coberta de sangue e, então, aqueles animais tiraram-me para fora... Salvei-me porque sou forte como um cavalo e não morro assim às primeiras. Fiquei três semanas na enfermaria de Dachau, tão doente que não podia ser-lhes de qualquer utilidade. Quando melhorei, disse que me sentia demasiado fraco para escrever o relatório médico que eles queriam, mas que, se me mandassem outra vez para a prisão de Roma, de que agora tinha saudades, eu redigiria o relatório destinado ao doutor Rascher e a Himmler. Eles assim fizeram, mas nessa altura estavam tão preocupados com os desembarques que nunca cheguei a cumprir a minha promessa. Também nunca mais me curei completamente.

Ando sempre em tratamento. O mesmo sucede com o doutor Stirbery e com o doutor Gorecki. Este último ainda me escreveu na semana passada, a dar-me os parabéns pelo Prémio e a recordar os horrores passados. Diz-me que vai publicar um livro sobre isso. Oxalá que sim. Alguém o deve fazer para que o mundo perceba como é ténue a linha que divide os discípulos de Hipocrates dos malditos filhos do Diabo! Sabe uma coisa? Penso muitas vezes que o que mais me revolta em tudo isto não é o facto de colegas nossos haverem praticado semelhantes monstruosidades. É, sim, não se ter erguido uma única voz em toda a Alemanha para protestar contra estas experiências humanas. Bem, mas tudo isto já passou!

Para Garrett, convencido durante muito tempo que Farelli fora o instrumento do mal, e não a sua vítima, a reviravolta fora demasiado súbita para ele poder compreendê-la. Porém, uma vez senhor da situação, o primeiro sentimento que experimentou foi de alívio por não haver propagado uma falsidade que se veria fatalmente obrigado a desmentir, facto que o teria transformado numa ovelha ranhosa por quem toda a gente perderia a consideração. Agora, depois de Farelli se ter calado, assaltou-o outro sentimento, esse de vergonha.

Habitado a discutir consigo próprio, tentava agora convencer-se de que, apesar de se ter enganado desta vez, a sua consciência, juntamente com a opinião de Ohman e de Craig, não lhe havia permitido divulgar a calúnia. Contudo, subsistiam ainda as outras razões de queixa que alimentava contra Farelli: a utilização que este fizera da sua descoberta (embora o seu equívoco na questão que Dachau o fizesse duvidar também disso), a mania que Farelli tinha de se colocar sempre em primeiro plano, e, mesmo assim... mas agora Garrett via claramente a inutilidade destas cogitações. A vergonha pesava-lhe como um capacete de chumbo sobre a cabeça e sobre os seus ombros. Fora vítima dos seus próprios complexos. Como o classificaria o Dr. Keller? De paranóico, com toda a certeza. Rendia-se perante a evidência.

Ao erguer a cabeça para dizer qualquer coisa com que pudesse desculpar-se perante Farelli, reparou que este se afastara e olhava fixamente a porta. Seguindo com os olhos essa direcção, avistou o Dr. Ohman entre os umbrais.

Nunca o vira com aquela expressão. Sempre se recordara dele com uma aparência vermelhusca, forte, cheio de uma força indestrutível.

Tudo isto parecia pulverizado e o homem que se encontrava entre as portas parecia a negação da própria força: uma pessoa

exausta, frágil, esgotada, desiludida de tudo.

Ele vai morrer disse com voz rouca. E avançou, titubeando, pela sala, com a máscara na mão. O conde Ramsted está a morrer.

A transplantação falhou.

Tropeçou ligeiramente, e Farelli segurou-o, obrigando-o a sentar-se numa cadeira.

Garrett pôs-se imediatamente de pé e aproximou-se nervosamente de ambos.

Que está a dizer? inquiriu Farelli. Que quer dizer com isso? Explique-se!

Ohman olhou-os como quem não compreendia.

Não sei explicar. Os glóbulos brancos e outros agentes estão a destruir o tecido estranho. A rejeição está em plena actividade. Apresenta todos os sinais: cianose, taquicardia, hipotensão...

Mas é muito cedo para se saber! exclamou Garrett, em voz 651 mais alta do que julgava. Deve haver aí um engano qualquer. Costuma levar três semanas para se saber!

Ohman abanou a cabeça.

Vá lá ver, doutor Garrett, e ficará convencido. Ele morre antes de chegar a noite.

Garrett sentiu-se desfalecer e segurou-se ao braço de Farelli. Só este permanecia forte, mas aquela notícia roubara-lhe a arrogância.

Deve ter falhado qualquer coisa na administração do soro... ou na parte cirúrgica... começou Farelli.

Ohman sacudiu a cabeça mais uma vez.

Não afirmou. Se.... uhuhuh... se tivesse sido eu a trabalhar sozinho... uhuhuh... diria que era a minha experiência... mas com ambos os senhores ao meu lado... a verem todos os movimentos...

todas as fases da operação... viram... assistiram a tudo.

Garrett tentou reflectir, reconstituir cada passo da transplantação cardíaca, mas nada via que pudesse ter falhado ou sido feito de

maneira diferente. Tudo decorrera da mesma forma que nos enxertos”

que ele próprio realizara. Percebeu que Farelli se entregava às mesmas reflexões e que concluía do mesmo modo que ele. A técnica fora perfeita.

A transplantação podia considerar-se um trabalho de rotina, uma repetição da descoberta que ambos haviam posto por mais de uma vez em prática com êxito. O facto de haverem conseguido provar a sua eficiência é que lhes valera o Prêmio Nobel. E agora, subitamente, inexplicavelmente, o processo falhara. Tudo o que até ali haviam realizado e tudo o que contavam ainda realizar ficaria sujeito à dúvida. Tinham substituído, na antiga fórmula judicial escocesa, a expressão «Provado» pela frase «Não provado», que significa não se ter conseguido apurar se o réu estava culpado ou inocente, deixando a questão em suspenso, em estado de dúvida, portanto.

Não pode ser murmurava Garrett. Não faz sentido!

Há sempre a temer uma excepção à regra observava Farelli, mais para si próprio que para os outros.

Temos de fazer qualquer coisa! exclamou Garrett. Se ele morre...

O mesmo pensamento, as suas consequências, deviam ter assaltado ao mesmo tempo a mente de Garrett e de Farelli, pois voltaram-se um para o outro e os seus olhares encontraram-se cheios do mesmo temor.

A coisa não pode ocultar-se por muito tempo declarou Ohman, desolado. Metade da família real encontra-se na sala de espera e eu tenho de lhes comunicar...

Garrett traduziu em palavras primeiro do que os outros a sua ansiedade.

Mas o Prêmio começou. Isto vai lançar o descrédito sobre o nosso Prêmio.

Uhuhuh... pois vai... uhuhuh... também já pensei nisso. Isto vai dar razão à minoria do Comité da Medicina que afirmava ser prematuro entregar-vos já o Prêmio. Logo que os jornais publicarem a notícia, vai haver controvérsia... se os senhores aceitarem o Prêmio será um escândalo. Têm. . uhuhuh... têm de o recusar, de o recusar antes da cerimónia, têm de mandar um comunicado a explicar que se torna necessário levar mais longe as investigações. Uma coisa é certa, porém: não se pode pensar no Prêmio!

Está doido, doutor Ohman? Che diavolo! Farelli estava furioso com a sugestão. De que valeram então todos estes anos de trabalho e de experiências que eu e o doutor Garrett levámos a efeito?

A nossa descoberta, os nossos êxitos?

Mas por favor... isso não depende de mim observou Ohman.

Eu só estou a avisá-los do que irá suceder. Se a vossa descoberta contar cem êxitos e um só fracasso, esse mesmo método não pode ser considerado infalível aos olhos do mundo da medicina, aos olhos do público. Aceitarão a vossa desistência do Prêmio, prometerão conceder-vo-lo no próximo ano ou mais tarde, mas, se os senhores insistem em recebê-lo agora, ver-se-ão na necessidade de o recusar, e será uma vergonha. E não deixarão de o fazer, pois não devem estar dispostos a que se repita o que se passou com o doutor Koch. Um fiasco!

Garrett curvou-se para Ohman.

Que fiasco? Que se passou com o doutor Koch? Que está você para aí a dizer?

Uhuhuh... doutor Garrett, o senhor é meu amigo, eu sou seu amigo, acredite. O que valho devo-o a si. Eu não sou o Comité que dá os Prêmios, nem o público, por isso não se voltem contra mim.

Ohman esfregava a testa. Tenho que vos dizer a verdade, antes que esta vos caia em cima de improviso. Teria havido muitas descobertas, na história da medicina, mais importantes do que as do doutor Robert Koch, do Instituto de Doenças Infecciosas, bacilos do

antraz, as descobertas que realizou, durante oito anos, acerca do bacilo da tuberculose, da cólera, sobre a tuberculina. Como sabem, o doutor Koch descobriu o bacilo que causa a tuberculose e depois o remédio milagroso que a pode evitar, a tuberculina. Todo o mundo se extasiava de admiração diante dele e o Kaiser ordenou que apresentassem a sua candidatura para o Prêmio Nobel, embora o sábio pedisse que o deixassem prosseguir durante mais algum tempo com as suas experiências.

Em 1905, demos-lhe o Prêmio Nobel da Medicina e da Fisiologia «pelas suas descobertas relacionadas com a tuberculose», que toda a gente sabia ser a tuberculina. O doutor Koch recebeu...

uhuhuh... a medalha, o diploma e o dinheiro e voltou em triunfo para Berlim. Passados seis meses, o seu soro, que todos haviam aclamado porque curava, começou a matar gente. Morreram centenas de tuberculosos por causa dele, pois a tuberculina era boa para curar animais, 653

mas ainda não estava suficientemente apurada para que a aplicassem em pessoas, e Koch devia sabê-lo. Morreu passados cinco anos e...

uhuhuh... estou certo de que foi o desgosto que o matou. O Comité do Instituto Caroline foi considerado cúmplice destes assassínios e desta gaffe científica, e desde então tem-se mostrado muito prudente, sempre muito prudente. Esta manhã, pela primeira vez desde 1905, acaba de suceder um caso idêntico. A descoberta é grande. Dedico-lhe toda a minha vida. Acredito nela, mas a verdade é que se encontra um doente grave na minha sala de operações que, esperando salvar-se graças a essa descoberta, lhe ficará devendo a morte. E não tarda que a verdade da nossa falência se divulgue.

Farelli começara a acenar com a cabeça ao ouvir a última parte desta penosa exposição.

Sim, doutor Ohman. O senhor está a tentar ajudar-nos. É um homem honesto, não há dúvida. Nós saberemos portar-nos

correctamente, nada receie. Se o doente morrer, será também o nosso fim.

Conhecemos o nosso dever. Estou certo de que o doutor Garrett se considera solidário comigo.

Faço minhas as suas palavras. Somos ambos igualmente responsáveis.

Eu não desejo perder o Prêmio Nobel quando faltam poucas horas para o receber confessou Farelli, com calor, dirigindo-se a Ohman. Trata-se apenas do dinheiro? Não, trata-se do trabalho de uma vida inteira, trata-se de todas as minhas esperanças. Sei bem o que estou a dizer. Se aceitamos o Prêmio e o doente morre, vai a ser um escândalo. Se não aceitamos o Prêmio por ele morrer, causaremos sensação. Em qualquer dos casos, ficaremos a perder, pois o mundo gosta de rebentar balões, de derrubar ídolos, de causar o descrédito das pessoas. É da história. É uma verdade incontestável. Sei o que nos espera... a desonra... tal como se tivéssemos querido impingir ao público um embuste, uma mentira. Sabemos que não é assim, mas não conseguimos convencer a humanidade. Depois de mortos é que virão outros a ser recompensados por aquilo que nós começámos. Não, repito que não é só o facto de perder o Prêmio que me preocupa. É a perda do nosso prestígio, da nossa conquista, da nossa cooperação, do nosso trabalho futuro. com a morte deste homem virá a sofrer uma geração inteira. Não sou só eu e o doutor Garrett que ficaremos roubados.

Será também o progresso da medicina. Calou-se, olhando alternadamente para Ohman e para Garrett. E eu quero evitar este recuo. Quero lutar pela sobrevivência deste homem, porque assim estaremos a lutar pela humanidade inteira.

Estou consigo declarou Garrett.

Farelli fitou-o e inquiriu: Pelas mesmas razões?

Precisamente.

Ohman observara aquela transformação com o mais profundo pasmo.

Sentiu no braço a mão de Farelli.

Doutor Ohman disse este. Volte para a sala de operações.

Vigie o doente e faça tudo o que estiver na sua mão. Eu e o doutor Garrett precisamos de conferenciar. Não faça declarações nem se dê por vencido. Mantenha-se no seu posto. Dentro em pouco, eu e o doutor Garrett iremos ter consigo, e seja o que Deus quiser!

Aturdido e obediente, o Dr. Ohman levantou-se da cadeira e saiu.

Mal ele fechou a porta. Farelli voltou-se para Garrett.

Tudo quanto lhe disse era a expressão da verdade.

Bem sei retorquiu Garrett.

A ele não pude ainda dizer tudo, mas a si posso. Sei muito bem o que o senhor tem pensado a meu respeito durante toda a semana: que sou um egoísta, um arrivista, um interesseiro que quer açambarcar todas as honras. Isso não é exacto, mas pode parecê-lo a si, que é um homem calmo e apagado, um honesto trabalhador de laboratório. Eu fui criado em Milão, doutor Garrett. Milão é uma cidade populosa e próspera, mas não para quem nasce desprotegido. O meu pai vendia fruta estragada para ganhar uns míseros patacos e a minha mãe lavava a roupa que os outros sujavam. Vivíamos numa barraca, éramos seis, vestidos de trapos e subalimentados. Eu roubava, vivia de enganar os outros e fazia alcovitices e recados, como qualquer garoto da rua, para poder ir à escola e vir um dia a ser alguém. É uma história demasiado longa, doutor Garrett, mas quando se têm estes princípios sentimo-nos sempre inseguros, receamos sempre voltar à miséria, vivemos num susto constante e temos o terror metido na medula dos ossos.

Eu esforcei-me tanto que consegui ir muito além do que pensava: à custa de perseverança e trabalho, e com a ajuda de Deus, fiz a minha descoberta, que é, ao mesmo tempo, também a sua. E, no entanto, apesar de tudo isto, eu preferia voltar ao passado juro-o

para que este velho pudesse voltar à vida. É porque só hoje compreendi pela primeira vez que me interessa mais curar do que vencer na vida.

Aquele velho tem de ser salvo, e o Prêmio e tudo o mais que vão para o Diabo! O nosso trabalho não pode morrer assim! Aqui tem o que eu sinto!

Garrett tentou sorrir para manifestar a sua compreensão, mas não foi capaz.

Eu, por mim, deixei de pensar em duas pessoas: Garrett e Farelli, para pensar apenas numa: o conde Ramsted. Os meus interesses pessoais já não contam. São demasiado mesquinhos para resistirem a um momento desta gravidade.

E então, que havemos de fazer, doutor Garrett? Eu disse ao nosso colega sueco que queria lutar por aquele homem. Era uma heroicidade sem armas. Agora não me lembro de nada que se possa fazer.

Confio inteiramente em si.

655

Garrett ouviu esta confissão de Farelli sem nenhum sentimento de superioridade, mas sim com a sensação de conforto que o trabalho de colaboração muitas vezes proporciona. Pousara o coto do charuto no cinzeiro e agora fora-o buscar de novo e acendera-o, enquanto meditava.

Nunca sentira o cérebro tão lúcido.

Tenho estado sempre a lembrar-me de uma coisa começou Garrett, passeando lentamente em volta da sala. Mesmo depois de termos conseguido neutralizar o mecanismo de rejeição do organismo por meio do Soro Anti-Reactivo S, nunca deixei de alimentar os meus receios secretos quanto a outros perigos secundários, da parte dos esteróides, por exemplo. Por esse motivo, nunca escrevi nada a respeito disto, mas durante algum tempo fiz experiências em cães com outra fórmula de soro, um composto anti-

histamínico a que chamei Substância Anti-Reactiva AH. As primeiras experiências foram, na verdade, positivas.

Substância AH?

Sim. Se, por um lado, se pode considerar menos digno de confiança do que a fórmula esteróide para evitar a reacção filogística, revelou-se muito superior sob outros aspectos, mais selectivo, mais efectivo pelo que respeita a evitar a rejeição e, contudo, permitindo a imunidade, uma forte imunidade contra a infecção.

Seria possível aplicá-lo neste caso?

Nunca tentei essa mistura num ser humano confessou Garret.

Tencionava fazer mais experiências com animais quando voltasse a...

Doutor Garrett: eu gostaria que tentasse a experiência agora neste caso disse de súbito Farelli. Pode prepará-lo aqui?

É fácil respondeu Garrett. Mas parecia estar a pensar noutra coisa. Se ao menos tivéssemos alguma coisa que nos garantisse... murmurou.

Que quer dizer?

Se houvesse qualquer outra coisa a que recorrer no caso de esta falhar...

Farelli cerrou os lábios, a pensar intensamente.

Podíamos tentar uma nova bomba exterior, uma bomba portátil...

Garrett abanou a cabeça.

Isso não se poderia manter durante muito tempo. Estou a pensar...

numa possibilidade... Calou-se, a ponderar intimamente o projecto.

Que possibilidade?

Uma ideia que me passou pela cabeça disse Garrett lentamente.

Uma coisa mais duradoura. Estou hesitante porque a coisa está ainda muito em embrião. Contudo, numa emergência destas...

Pelo amor de Deus, diga o que é, doutor Garrett.

Durante este último ano, tenho estado a trabalhar numa nova espécie de enxerto cardíaco, uma nova modalidade. Ainda não fiz nenhuma comunicação a esse respeito porque a coisa estava muito atrasada, achava que ainda não era altura, mas vou confessar-lhe qual era a minha ideia. Como sabe, existe um tecido que consegue resistir ao mecanismo de rejeição: refiro-me ao tecido vivo do embrião. É praticamente anti-reactivo e não dá origem a anticorpos. Fiquei inteiramente satisfeito com as experiências que realizei em ratos. Resolvi fazer uma transplantação do pâncreas. Comecei por transferir o pâncreas de um rato adulto para outro, e foi rejeitado. Tentei então outra coisa.

Fiz a análise das hormonas de uma rata para determinar quando ela se encontrava prenhe de fresca data. Tirei então tecido pancreático do feto, embora não fosse o pâncreas que me interessasse verdadeiramente, e enxertei-o num rato adulto. Ouça, doutor Farelli, esse rato resistiu e ficou vivo e são. Não houve rejeição do organismo. Desde então tenho pensado sempre se não se poderá fazer o mesmo com um coração humano em estado de embrião.

Farelli olhava para Garrett de boca aberta, seguindo-o em pensamento, com as veias da testa salientes à força de concentração.

E porque não tentar? inquiriu de repente. Se se encontrar uma mulher que esteja a fazer um aborto nos três primeiros meses...

Lembra-se do obstetra que foi falar ao Ohman hoje de manhã?

Ele referiu-se a um caso de aborto que estava a tratar neste mesmo hospital, parece que um feto de quatro semanas...

Farelli não podia dominar a sua ansiedade.

Podemos pegar nesse tecido cardíaco de quatro semanas e ligá-lo a uma circulação externa, fazê-lo desenvolver rapidamente, aplicando-lhe mesmo uma daquelas novas hormonas artificiais que...

Esperre lá, doutor Farelli. O senhor acaba de me sugerir uma ideia melhor. Para quê desenvolver externamente esse coração novo?

Porque não conseguir o mesmo internamente? Não haveria o perigo de ser rejeitado. Podemos enxertar esse coração embrionário na virilha do conde Ramsted. Da mesma maneira que se tem tentado fazer enxertos de rins no pescoço, enxertos heterotópicos. Colocamos o coração embrionário na região inguinal, visto os vasos sanguíneos serem ali duas vezes mais grossos do que... está a perceber? Ligamo-lo às veias e às artérias e continuamos a administrar ao doente a Substância Anti-Reactiva AH, bem como a S, durante todo o tempo que o coração embrionário for crescendo. Depois, à medida que este aumentar de volume nós, ou, melhor, o Ohman começa a avançar com ele, transfere-o para a região abdominal, onde ele poderá trabalhar já com vasos maiores.

Garrett deitou fora o charuto e voltou a passear pela sala.

Sim, Farelli, a coisa é possível prosseguiu. Não será muito 657 incómodo para o doente. A região pélvica de uma mulher suporta um peso muito maior durante a gravidez. Um homem com um tumor no estômago sofre uma compressão mais intensa. Porque não havemos nós de tentar o coração embrionário? Mantê-lo-emos sempre em crescimento com as novas hormonas. Dentro de quatro ou cinco meses, atingirá o tamanho normal e não será rejeitado pelo organismo. Estará então pronto a ser transplantado para o seu lugar normal. Dispomos de todos os meios. Conservaremos Ramsted vivo à custa de soro anti-reactivo e de bombas de aspiração. Se a Substância Anti-Reactiva AH der resultado, deixaremos o conde Ramsted com o coração da vitela que o Ohman lhe enxertou e, além, disso, com o coração humano sobresselente dentro da barriga. Não é preciso que batam os dois a compasso! Porém, se a Substância AH falhar, temos o coração novo, formado de um embrião, que faremos crescer até atingir o tamanho suficiente para ser transplantado para o

peito. Além de uma precaução segura, isto constituirá uma experiência que abrirá novas perspectivas no campo do...

Farelli agarrara os ombros de Garrett com as enormes manápulas e sacudia-o amorosamente.

Você é um génio, doutor Garrett! Um génio! Estava tudo perdido, parecia não ser possível tentar mais nada, mas agora só penso naquilo que se vai fazer. Esforçar-nos-emos mais do que nunca! Vou já ter com o Ohman para se conseguir que nos arranje esse tecido embrionário do aborto...

E eu irei preparar o novo soro anti-reactivo.

Durante um momento, Garrett deixou de pensar no soro, para regressar ao seu passado recente. Teve a curiosa sensação de que nunca mais viria a saber do dilema amoroso de Mrs. Zane. Sentiu com isso um certo desgosto. Fazia-lhe falta o Dr. Keller, como amigo e como amparo, mas de repente verificou que isso já não o interessava.

Pela primeira vez, durante um tempo que quase lhe pareceu uma eternidade, sentia-se liberto das grilhetas congénitas que o prendiam ao passado. Apetecia-lhe cantar, mas não o fez porque nunca fora capaz de entoar fosse o que fosse. Mas cantava interiormente, por pouco tempo, no entanto, pois a voz musical de Farelli trouxe-o de novo à realidade.

Realizaremos em conjunto esta maravilhosa experiência exclamava este, com entusiasmo.

Sim respondeu Garrett, sorrindo finalmente, e seja o que Deus quiser!

Só passadas três horas o copiógrafo eléctrico da "secretaria do Hospital Caroline começou a trabalhar, imprimindo o relatório oficial de Ohman para a imprensa: 658

Dirigido a Sua Majestade o Rei. Os directores do Hospital Caroline de Estocolmo têm o prazer de comunicar à imprensa a seguinte informação: foi levada a efeito, com êxito, uma

transplantação cardíaca na pessoa do conde Rolf Ramsted, de setenta e dois anos. A transplantação foi realizada pelos dois actuais laureados com o Prêmio Nobel da Medicina, Dr. John Garrett, de Pasadena, Califórnia, e Dr. Carlo Farelli, de Roma, auxiliados pelo Dr. Erick Ohman, pertencente ao corpo médico do Hospital Caroline. Complicações surgidas no período pós-operatório foram resolvidas com brilho pelos dois laureados, que, trabalhando em conjunto, recorreram a soluções de emergência baseadas em experiências que anteriormente haviam realizado.

Em face do caso Ramsted, os directores do Hospital Caroline pensam que acaba de ser descoberto um novo método, o qual vem completar o processo Garrett-Farelli que vai ser esta tarde premiado na Sala dos Concertos, método esse que será de futuro utilizado nos casos em que o órgão enxertado seja repellido pelo mecanismo de rejeição...

Eram onze e quinze da manhã.

Andrew Craig empurrava com o joelho a tampa da mala de couro, posta no chão do seu quarto, e gemia enquanto apertava as correias da bagagem. Farto de esperar o regresso de Leah, que fora a Dalarna, Craig começara, havia dez minutos, a esvaziar as gavetas e os armários, atirando com todas as suas coisas, ao acaso, sem ordem nem cuidado, para dentro das malas. Acabara a tarefa. Só lhe restava telefonar lá para baixo e pedir ao porteiro que mandasse um groom buscar-lhe a mala e o fato de cerimónia que deixara de fora para vestir nessa tarde, transportando tudo para o quarto de pessoa só que arranajara e no qual passaria a sua última noite em Estocolmo. Depois disso, teria ainda de escrever duas coisas: um bilhete curto a pôr os pontos nos ii a Leah e o discurso que devia proferir às cinco da tarde.

Ergueu a mala do chão e levou-a para a saleta. Voltou depois ao quarto, a fim de telefonar, quando ouviu tocar a campainha da porta.

Esperou que fosse finalmente Leah, o que lhe evitaria o trabalho de escrever. Mas tratava-se apenas do groom, que lhe apresentou um envelope selado numa salva de prata.

Um tanto intrigado, Craig pegou no envelope e disse ao groom que esperasse um momento. Voltando ao quarto, tirou do bolso do casaco de sport uma coroa e depois rasgou o envelope. Numa simples folha com o cabeçalho do hotel, vinha escrita, muito à pressa, a seguinte mensagem: 659

Meu caro Andrew: Tenho pensado muito em tudo o que se passou e gostaria de falar consigo ainda uma vez, se quiser ter o incómodo de se encontrar comigo. Tenho uma coisa muito importante para lhe dizer. Estarei no meu quarto ao meio-dia e meia hora.

Peço-lhe que venha.

Emily Craig sentiu-se renascer. Leu a mensagem uma, duas, três vezes.

Por que motivo poria ela um limite ao encontro: «Gostaria de falar consigo ainda uma vez»? E que seria a tal «coisa importante»? A alegria que sentira no primeiro instante desvanecera-se. Tratar-se-ia apenas de uma despedida cerimoniosa, de uma explicação sensata acerca do motivo pelo qual ela não desejava tornar a vê-lo depois de saírem de Estocolmo? Mas ele depois procurava outra razão mais optimista.

Após uma quebra emocional, encarara o assunto de maneira diferente.

Desejava vê-lo. Aquele bilhete era quase afectuoso. Desejava vê-lo, e apenas isso importava, pois dali em diante tudo dependia dele.

Lembrou-se do groom que esperava à porta e tirou uma coroa do bolso, apressando-se a entregá-la àquele portador de boas novas.

Ao mesmo tempo, perguntou-lhe: Quem te entregou este bilhete?

Foi uma senhora.

Uma senhora bonita, com cabelos pretos e olhos verdes?

Não reparei para os olhos, mas era muito bonita.

Vinha a entrar ou a sair?

Ia a sair.

Obrigado.

Craig fechou a porta, leu o bilhete pela quarta vez enquanto voltava para o quarto e decidiu que não valia a pena entrar em contacto com Emily mais cedo do que ela indicara. Saía provavelmente para fazer algumas compras da última hora e ele não teria outro remédio senão esperar até ao meio-dia e meia hora. Lembrou-se então de que não pedira ao garoto que lhe levasse as malas e o fato de cerimónia.

Antes de chegar ao telefone, ouviu bater a porta de entrada e, logo a seguir, um ruído de passos na sala de estar. Seria o criado? Ou então...

Foi ver quem era.

Leah Decker estava a tirar o chapéu e a despir o casaco em frente do espelho e quando ele saiu do quarto a sua imagem foi juntar-se à da rapariga.

Andrew, o Norte é uma maravilha! Não podemos dizer que vimos a Suécia antes de conhecermos o lago Siljan no Inverno! Toda a 660

gente patina, faz esqui ou anda de trenó, como na nossa terra! Mas aqui é muito mais divertido! Parece-me que podíamos...

Deu com os olhos na mala de couro, cheia a abarrotar, reparou nas correias apertadas, e volveu-os de novo para ele, espantada.

Fizeste a mala sozinho! Porquê tanta pressa? Só partimos amanhã à noite.

Ele compreendeu que já não podia escrever-lhe o bilhete que tencionava.

Tu partes amanhã à noite, sozinha. Eu parto quando me apetecer, e também sozinho. E é já. Nunca viveremos juntos.

Andrew! Estiveste a beber ou que é isso?

Nada disso, Lea.

De súbito, ela fingiu perceber.

Oh! Aposto que quiseste encontrar-te com a tua amiga alemã e ela disseste que eu...

Não quero saber disso para nada respondeu Craig , embora tivesse sido uma patifaria da tua parte. Mas há outra coisa infinitamente pior. Tu procedeste como uma megera das mais sórdidas numa tragédia de um teatro reles da Broadway. Acusaste-me de uma calúnia.

Nunca te perdorei isso e não quero voltar a ver-te!

Leah sentiu-se aturdida e confusa.

Andrew, não faço a menor ideia...

Não fazes? Ah, não fazes! Não te lembras então de tudo o que se passou nestes últimos...

Não, não sei a que te referes...

Vem mesmo a propósito, essa amnésia tão oportuna! exclamou Craig amargamente. Muito bem, talvez eu possa avivar-te a memória. Tens feito o possível para me convencer de que fora eu o responsável pela morte de Harriet. Segundo a tua versão, havia perdido o domínio do carro por ter bebido de mais, acabando assim com a vida de minha mulher. Foi isso que me disseste, não é verdade, Leah?

Leah arregalara os olhos e levava involuntariamente a mão à face, pondo o cotovelo na frente, como quem pretende evitar uma bofetada.

Craig prosseguiu, implacável: E durante todo este tempo tu sabias a verdade. Tiveste conhecimento do relatório da Polícia. Sabias que a barra da direcção se tinha partido, atirando-nos para fora da estrada. Sabias que tinha sido um acidente, tinhas sido encarregada de me informar disso, e não o fizeste. A Polícia julgava que mo tinhas dito, como faria qualquer pessoa normal e caridosa. Mas tu sobrecarregaste-me a consciência com uma falsa culpa.

Mentiste ao Lucius e a mim. E porquê, Leah? Porque não me disseste a verdade?

O rosto de Leah revestiu-se de uma expressão de animal perseguido.

E quem te disse que a verdade é essa? Onde foste tu buscar essa

661 história sem pés nem cabeça? Não foi nada disso o que se passou. Se queres saber, pergunta ao xerife Hollinder...

O xerife Hollinder? retorquiu Craig, desvairado. Que sabe ele a este respeito? Eu sei aquilo que ele não sabe. Nós tivemos o desastre mesmo no limite do condado de Marquette. O relatório do acidente encontra-se no ficheiro da Polícia de Pikestown. E aqui mesmo em Estocolmo há quem tenha uma fotocópia desse relatório.

Não acredito! declarou ela, já numa voz menos segura e sem grande convicção.

Como podes tu ser tão estúpida? Então não percebes que neste mundo tudo vem a descobrir-se, a verdade e a mentira? A nossa vida e a nossa morte são factos públicos, uma vez que vivemos em comunidade!

Como pudeste tu ser tão malvada? Isso é que eu não compreendo.

Pois não bastaria já a minha dor, o meu desgosto pela perda sofrida, sem que fosse preciso ainda vires tu esmagar-me com esse complexo de culpa durante três anos? Eu podia muito bem ter-me matado à força de tanto beber ou com um tiro na cabeça!

Eu bem sabia que tu não eras homem para isso! Tens demasiado...

De repente calou-se, reparando que acabava de confirmar as acusações dele e via que já não tinha a mínima defesa.

Creio ter percebido a tua ideia desde o momento em que soube a verdade, mas tinha repugnância em ver-te sob esse aspecto. Tu querias reduzir-me a uma escravidão total, não é verdade? Querias

ter-me inteiramente sujeito a ti, prisioneiro às tuas ordens e à mercê dos teus caprichos. Ou seria outra a razão? Ou era antes a segurança o que tu procuravas junto de mim?

Leah tentou fazer uma última afirmação numa tentativa desesperada de salvar a sua dignidade.

Eu não precisava de ti para nada. O Harry Beazley estava sempre à espera de que eu o aceitasse, e tu bem o sabes...

Pois então vai ter com ele, Leah, e prende-o bem enquanto é tempo. Volta para Chicago e casa com esse pobre diabo, põe-lhe a coleira ao pescoço e faz dele o que quiseres. Podes alcoolizá-lo, inutiliza-o para conseguires reencontrar-te...

Ela deixou cair o último resto da dignidade e apareceu-lhe absolutamente destituída de confiança em si.

Oh, Andrew, pelo amor de Deus...

Ele sentia-se enojado com esta luta desigual.

Arranjei outro quarto. Tu, se quiseres, podes ficar para assistir à cerimónia. Mas não te incomodes a voltar a Miller's Dam. Eu mando-te depois as tuas coisas.

Andrew...

Vou desfazer-me de tudo: da casa, da mobília, do meu velho sentimento de culpa, mando passear tudo na mesma ocasião. Terei sempre saudades da Harriet, mas essa vive no meu coração, e não em 662

Miller's Dam. Também me vai fazer falta o Lucius. Quanto ao resto, o Diabo que o leve!

Mas que vais tu fazer? Não podes...

Vou fazer aquilo que tencionava antes de conhecer a Harriet.

Vou procurar um sítio qualquer, numa colina com vista para o Pacífico, não uma colónia de artistas, mas um lugar só meu, e recomeçar a escrever.

A escrever? Tem graça, essa. Só se for com tinta de garrafa...

Ele fitou-a, enojado.

Parto já. Vou chamar o groom. E entrou para o quarto.

Percebendo que aquilo era o fim, ela entrou atrás dele, a tremer.

Escuta, Andrew, escuta!

Escuto o quê? disse ele, voltando-se para a enfrentar pela última vez. A mesma coisa que escutei durante três anos? Aquilo mesmo que disseste à Emily Stratman? Só tens jeito para arruinar a vida às pessoas!

Andrew, ouve, não sejas cruel. Tu és escritor, deves entender certas coisas melhor que as outras pessoas. Vê se me compreendes.

Ajuda-me com a tua compreensão!

Ele já não podia mais, mas via que tinha de suportar aquela cena até ao fim, se queria ver-se livre dela.

Tu estás enganado dizia Leah , enganado no que respeita a... a... àquilo que eu fiz. Não sei, na verdade, o que me levou a proceder assim... ou talvez agora o saiba. Mas não foi com a ideia de fazer de ti um escravo, de desejar que me ficasses devendo alguma coisa, de ter algum ascendente sobre a tua pessoa ou de te conservar debaixo da pata. Foi... foi outra a razão...

Ela engasgou-se, teve um espasmo, tossiu e Craig ficou à espera.

O que foi então, Leah? Reparou que deixara de a tratar pelo diminutivo de Lee. Que te movia, então?

Desde sempre... no tempo do meu pai... da minha mãe, todos . os parentes, enfim, só falavam na Harriet. A Harriet para aqui, a Harriet para acolá... porque a Harriet era mais bonita, mais velha, tinha melhor presença, estava sempre a receber elogios, já em pequena.

Quando crescemos e fomos ambas para o colégio, tanto no que se refere a estudos como a namoros, só a Harriet é que brilhava. E quando vocês se casaram continuei a sentir a mesma coisa: ela tinha a seu lado alguém, um homem rico e célebre, um escritor profissional, ao passo que eu não conseguia arranjar mais do que um obscuro professor mal pago, que todos se esqueciam de convidar, a quem ninguém escrevia, em que ninguém pensava. Eu era a pobre

Leah. «Não se esqueçam de Leah, coitada!», etc., etc. O peito dela arfava, e prosseguiu: Depois daquela coisa horrível que sucedeu à Harriet, à minha irmã, eu senti remorsos por todos aqueles anos em que a invejara e lhe desejara a morte. Depois, naturalmente, visto que aquilo para mim repre-

sentava uma oportunidade, vim para Miller's Dam, ocupar o lugar dela, servir-me da sua cozinha, dos seus armários, gozar do seu jardim e, não sei como te explicar, tudo aquilo me parecia um sonho. Eu, de um dia para o outro, encarnei na Harriet, deixando, como por milagre, de ser a pobre Leah. Desfrutava de todas as suas vitórias, da sua posição na sociedade, da segurança, de um homem cujo nome vinha nos jornais era como se Deus me tivesse concedido uma oportunidade de transformar por completo a minha vida. Tu então melhoraste, recompuseste-te, e foi como se o relógio batesse a meia-noite e todos os meus sonhos caíssem por terra, como na história da Gata Borracheira.

Compreendi então que não era a Harriet, mas sim a pobre Leah. Que a casa não era minha, nem o marido, e sentime assustada como nunca na minha vida. Tu acabarias por te ir embora para junto das pessoas do teu meio; qualquer dia encontrarias outra Harriet e eu não teria a mínima probabilidade de te prender, porque não possuía a categoria da Harriet; era uma impostora, uma falsa Harriet, e tu aperceber-te-ias logo disso. Quanto a mim, não podia suportar a ideia de ter saboreado toda aquela vida, a vida com que sempre sonhara, e perdê-la irremediavelmente. Foi então que se apossou de mim aquela loucura. Visto que ainda te encontravas junto de mim, comecei a imaginar que poderia continuar a fazer de Harriet, talvez conseguisse convencer-te... de certa maneira... nem sei como foi... A princípio, não me importava que bebesses, porque isso fazia que dependesses de mim como no tempo da convalescença e quando te encontravas ainda sob o peso do desgosto... isso fazia que eu me tornasse indispensável para ti. Depois passei a odiar ver-te bêbado,

porque então deixavas de ser tu, aquele que fora o marido da Harriet, e a nossa vida não se parecia em nada com a que levaras na companhia dela. Tu nem sequer davas pela minha presença, não pensavas em mim, nem como Leah nem como Harriet. E, no entanto, eu não me conformava com a ideia de te perder mesmo assim. Foi por isso que nunca te mostrei o relatório do desastre. Fazia sempre tenção de to entregar, mas nunca me resolvi. A mentira foi criando raízes e eu já não conseguia destruí-la. Nem talvez desejasse fazê-lo. E tudo se passou como acabo de te explicar. Os motivos não foram outros. Sinto-me doente com os remorsos do que fiz, confesso, e só desejo que me perdoes. Perdoa-me, Andrew, e acabemos com isto!

Este discurso fora mais do que uma súplica. Era antes um apelo à clemência vindo da própria alma. Craig reconheceu-o como tal e compreendeu que não podia condená-la ao Purgatório na Terra.

Tenho muita pena de ti, Lee. Acredita que tenho. Está claro que te perdoo. Se eu fosse juiz, dir-te-ia simplesmente: «Condeno-te apenas a seres aquilo que és. Podia ser pior.» Calou-se um momento.

Sabes o que és agora, não sabes?

Sim, sei.

664

Não é assim tão mau seres a pessoa de Leah Decker, se procederes de acordo com ela. Faze o que te disse. Vai para Chicago ter com esse tal Beazley. Ele continua à tua espera. Aproveita aquilo que ele tem para te dar e aquilo que te é dado usufruir. Sim, Leah. Perdoo-te e desejo-te felicidades, podes crer. Ambos perdemos a Harriet e não devemos esquecê-la. Mas de nada serve viver com um fantasma.

Ainda um dia, depois de termos esquecido tudo isto, talvez possamos vir a ser amigos.

Quero que sejas meu amigo, Andrew. Tenho necessidade disso.

Muito bem. Digamos então ambos adeus a Harriet. Ela viveu a sua vida na Terra. Vivamos nós o que nos resta da nossa. Não sei se o conseguiremos, mas vamos experimentar. Valeu?

Valeu, Andrew.

Adeus, Lee.

Adeus.

Ela entrou a correr no seu quarto e Craig pegou no auscultador do telefone para chamar o groom.

Eram doze e vinte e seis.

Emily Stratman, reanimada por aquele claro dia de Inverno brilhante de neve, chegou, ofegante, ao quarto do tio. Tomara um táxi para vir de Kungsgatan e, pelo caminho, não cessara de consultar o relógio de pulso. Na portaria do hotel, sentira-se impaciente enquanto o porteiro, ao entregar-lhe a chave, se demorara a explicar-lhe que tinham sido recebidos três telefonemas urgentes para o tio, naquela última meia hora, mas sem que tivessem deixado nenhum recado.

A pessoa insistiu bastante explicava o porteiro. Queria saber quando é que o professor ou a menina estariam de volta.

Emily hesitou um momento.

Tem a certeza de que o professor Stratman não está no quarto?

Devia encontrar-se no hotel a esta hora...

Depois não insistiu mais e dirigiu-se para o elevador, dizendo pelo caminho: Talvez tenha surgido qualquer coisa de novo. Seja como for, eu já cá estou, por isso ligue para o meu quarto, se tornarem a chamar.

No elevador, sentira-se aborrecida com a lentidão deste. Depois correu pelo corredor fora, receando chegar tarde para atender o telefonema de Craig.

Mas ainda não estava na hora, faltavam ainda alguns minutos. Pousou os embrulhos na mesa da entrada, ergueu um pé para descalçar a galocha, depois o outro, sempre a pensar na iniciativa que tomara e no que dali poderia advir.

Enviara nessa manhã um recado a Craig, levada por um impulso resultante da entrevista que tivera com Lilly na Nordiska Kompaniet.

665

Permanecera acordada durante horas, nessa noite, a ponderar o que a rapariga lhe dissera, a passar revista à sua vida e à sua maneira de ser, bem como aos sentimentos que a ligavam a Craig. Por fim, o sono venceu-a. Porém, à hora do pequeno almoço, encontrava-se convencida de que tinha de se encontrar com Craig ainda uma vez. Dali não poderia resultar nada, mas a sua afeição por ele era demasiado grande para consentir que ficasse entre ambos apenas a triste recordação do seu último encontro. Ele merecia mais do que isso e tornava-se necessário que ela lhe desse uma explicação. Não lhe revelaria tudo a seu respeito. Isso seria impossível. Nunca o confessara a ninguém, nem mesmo ao tio Max, e nunca o faria até morrer. Mas tentaria dar a entender qualquer coisa a Craig, uma pequena parcela da verdade, de forma que ele pudesse compreender a atitude dela e por que motivo não podia haver nada entre ambos.

Não o mandara chamar logo pela manhã porque desejava estar sozinha, ao ar livre, passear pelas ruas bordadas de neve, pôr em ordem os pensamentos e seleccionar o que queria revelar a Craig. Ir

às compras não tinha sido o principal motivo da sua saída; constituíra, sim, um subterfúgio para consigo própria. Por isso, caminhara distraidamente enquanto andava pelas lojas, dando toda a liberdade ao pensamento.

Agora sentia-se pronta para a entrevista.

Ao entrar na sala, enquanto desabotoava o casaco, ocorreu-lhe a possibilidade de Craig não telefonar. Podia não ter recebido o recado dela. Ou talvez não lhe interessasse. Era possível, mas custava-lhe a acreditar. De qualquer forma, a curiosidade obrigá-lo-ia a responder.

Isso e o facto de ser um cavalheiro.

Então, viu um bilhete que estava encostado ao candeeiro da mesa, perto do telefone. A letra era bem sua conhecida.

Tive de assistir inesperadamente a um almoço oficial. Não devo demorar-me. Disse-me a criada dos quartos que o teu vestido deve ser entregue às três horas. Saudades.

Tio Max Emily ficou espantada por o tio ter saído. Quando o deixara para ir às compras, estava ele ainda embrulhado no roupão de lã e com as chinelas de quarto. Tencionava passar o dia inteiro a repousar, dissera-lhe, armazenando energias para receber o diploma e a medalha das mãos do rei. Que coisa horrível, pensava ela agora: estes suecos não o deixavam em paz! Um homem daquela idade! No entanto, hoje era o último dia e ele não devia ter outros compromissos.

O pensamento da rapariga voltou inevitavelmente a ocupar-se de

666

Craig. A sua ansiedade aumentava. Eram já doze e trinta. A chamada dele devia chegar de um momento para o outro.

E foi então que o telefone começou a tocar.

Ela agarrou no auscultador, tentando falar num tom calmo.

Está?

É Miss Emily Stratman?

Não se tratava da voz baixa e suave de Craig, mas sim de outra, aguda e forte, sem dúvida de um sueco.

Sou eu mesma...

Miss Stratman? Não se assuste. Estou a falar-lhe da parte do professor Max Stratman. Durante o almoço ele sofreu um pequeno ataque cardíaco.

Um ataque cardíaco? Oh, meu Deus!

Não se aflija, Miss Stratman. Ele está muito bem entregue. Tem um médico junto dele neste momento.

Mas que aconteceu? Como está? É grave?

Qualquer coisa das coronárias, Miss Stratman. Ele pediu...

Quem está ao telefone? Onde está ele?

Daqui fala um dos assistentes, o doutor Ohman. O professor Stratman está neste momento a descansar calmamente. Pediu que a mandássemos chamar. Acho que seria bom...

Eu ir aonde? Diga-me, por favor. Vou imediatamente.

Então, se quiser ter a maçada de escrever...

Espere... espere um momento...

Às cegas, procurou a caneta no bolso do casaco, depois recordou-se de que a tinha na carteira, correu em busca dela encontrou-a e voltou ao telefone.

Diga depressa, se faz favor...

Tome um táxi e dirija-se a Sahlins Sjukhus. Trata-se de uma pequena clínica particular que fica no caminho para o Hospital do Sul, alguns quarteirões atrás, no Ringvågen. O motorista lhe explicará. Eu fico à sua espera.

Sigo imediatamente.

Mais uma coisa, Miss Stratman. O seu tio pede-lhe expressamente que não fale deste caso seja a quem for. Ele deseja a todo o custo evitar a publicidade... Espero que compreenda.

Diga-lhe que pode estar descansado.

Desligou o telefone e rasgou a parte de baixo do bilhete do tio onde escrevera a direcção da clínica. Agarrou na carteira e correu para a porta. Ao chegar junto desta, o telefone recomeçou a tocar.

Lembrou-se de que devia ser Craig, mas não tinha agora tempo para lhe explicar nada e o tio não queria que ninguém soubesse. Deixou-o pois continuar com o seu monótono apelo e dirigiu-se quase a correr para o elevador.

Quando saiu do átrio, ia caindo no passeio escorregadio. Logo,
667

porém, um Volvo com taxímetro se aproximou dela. Atirou-se lá para dentro e o porteiro agalado fechou a porta.

O motorista, um velhote simpático, de boné e óculos sem aros, voltou-se interrogativamente.

Sahlins Sjukhus, uma clínica antes do Hospital do Sul. Sabe onde é?

Sei, sim, froken! . Levo-a lá.

Depressa, se faz favor.

O velho abanou a cabeça, enquanto punha o carro em andamento.

Depois, com um solavanco, puseram-se a caminho.

A cidade deslizava vertiginosamente, branca, branca, sob um Sol pálido a brilhar no céu acinzentado, o ar transparente e límpido depois da última queda de neve. Mas Emily só conseguia pensar no tio Max, que sofrera um ataque cardíaco nesta terra estranha e remota, neste país longínquo, e apenas o susto lhe ocupava a ideia. Perguntara uma vez a si própria se aquelas repetidas visitas ao Dr. Ilman estariam relacionadas com o coração sempre considerara o tio forte e imortal , mas isso agora já não era assim, pois o mal acontecera. Só queria saber se aquele médico sueco lhe dissera a verdade. O ataque coronário seria benigno? Estaria ele ainda vivo, sequer? com certeza. Visto que a mandara chamar, devia estar, pelo menos, consciente.

Nesta altura, antes que tivesse tempo de se aperceber onde estava, o táxi descreveu uma curva e ela viu pela janela que se encontravam em frente de um edifício estreito, de tijolo, com duas janelas e uma porta escura entre dois pilares. O velho motorista desceu para a ajudar a sair, mas antes disso já ela se encontrava no passeio, a patinhar na neve.

Procurou febrilmente o dinheiro na bolsa e depois estendeu-lhe uma nota de cinco coroas, dizendo: Guarde o resto.

Obrigado, obrigado respondeu o homem, levando a mão ao boné. Depois apontou. É aquela porta, Miss Stratman.

A rapariga dirigia-se já para a entrada, mas estacou.

Quem lhe disse o meu nome?

O motorista curvou-se numa reverência.

Foi o porteiro do Grande Hotel.

Isto não lhe pareceu estranho e o tio Max esperava por ela lá dentro.

Entrou a toda a pressa na clínica. Não ficou surpreendida ao ver um interno louro e musculoso, com pulsos de mecânico e a amabilidade estampada no rosto, à espera dela.

Miss Stratman?

Ela confirmou a sua identidade.

Vou levá-la junto do professor Stratman. Caminhou na frente 1.
Menina.

dela, saltitando levemente sobre os saltos dos seus sapatos brancos de ténis, e seguiu até à extremidade do átrio, onde abriu uma porta.

O doutor está à sua espera.

A rapariga penetrou no gabinete. As persianas achavam-se corridas e o quarto permanecia imerso na sombra, alumado apenas por duas lâmpadas acesas ao fundo. Ela distinguiu uma cadeira junto da secretária de tampo de vidro e, por detrás desta, uma alta cadeira giratória, junto da qual, de costas para ela, se encontrava o médico.

Doutor Öhman...

Miss Stratman. O médico falou antes mesmo de se afastar das persianas que estavam entreabertas. Cerrou-as rapidamente e voltou-se finalmente para a atender. Eu não sou o doutor Ohman declarou, mas sim o doutor Hans Eckart. Sente-se, por favor.

O meu tio?...

Sente-se.

Ela apertou os braços da cadeira e sentou-se. Eckart viera para junto da secretária e sentara-se também na frente dela, sorrindo, a tranquilizá-la.

Mas a rapariga não se sentia tranquila. Esperava encontrar um médico sueco. Porém, a figura deste, embora não fosse particularmente sua conhecida, recordava-lhe, de uma maneira geral, muitas coisas do passado: o corte do cabelo, e monóculo, a severidade prussiana, tudo isto denunciava um cunho alemão que lhe causava repulsa.

Onde está o professor Stratman, o meu tio? conseguiu ela articular.

Qual é o seu estado?

De perfeita saúde, calculo eu. Para um velho que sofre de uma irregularidade cardíaca, mostra-se extraordinariamente activo

respondeu Eckart. Quanto ao lugar onde se encontra, sei tanto como a senhora. Há uma hora que o procuro.

Mas o senhor telefonou-me... disse que ele tinha tido um ataque...

Sim. Quando soube que não tinha regressado ao hotel, mas que você estava lá, dei instruções a alguém para lhe telefonar. Lamento sinceramente ter-me visto na necessidade de assustar com uma mentira.

Mas precisava de a fazer comparecer aqui de qualquer maneira para conversar consigo. Falei já com o seu tio aqui há dias. E preferia entender-me de novo com ele hoje. Uma vez que o não consegui, vi-me forçado a trazê-la a si em lugar dele. Como sua representante, digamos. Os dedos de Eckart rufavam sobre o tampo da secretária, enquanto contemplava Emily através do monóculo. Sim, estou certo de que vale o mesmo. Num assunto como este, tanto a senhora como o seu tio devem ter a mesma opinião.

Que assunto?

Sem saber porquê, Emily temia ouvir a resposta e sentou-se muito direita na cadeira. Nem um músculo se movia, quer no rosto, quer 669

no corpo da rapariga. Apenas a antena invisível da sua intuição a avisava de que não podia esperar do homem que a enfrentava senão maldade e traição.

Eckart não respondeu directamente à pergunta. Era como se se estivesse deleitando com mais um circunlóquio.

Se o seu tio está doente, deve ser uma doença moral que o aflige. A senhora está aqui a fim de nos ajudar a curá-lo dessa enfermidade.

Quero que nos auxilie a fazer com que o professor Stratman recupere o equilíbrio e a saúde moral.

Ela não queria dar-lhe a perceber o menor sinal de fraqueza.

Conhecia bem os alemães. Porém, a despeito dos seus esforços, a sua voz tremeu.

Então o senhor não é médico?

Se se refere a um doutor em medicina, não sou. A minha especialidade é a física. O conhecimento entre mim e o professor Stratman remonta aos velhos tempos de Berlim.

Emily sentiu-se aterrada nas mais profundas entranhas do seu ser.

Que pretende de mim?

Muito pouco respondeu Eckart, num tom tão amável como se se tratasse de um encontro amigável. Não é a sua pessoa que me interessa. Quem nos interessa é o professor Stratman. O seu papel no caso é apenas o de um meio para se atingir um fim.

Mas o senhor ainda não disse...

Aquilo que pretendo? Eckart entalou o monóculo entre a arcada superciliar e o osso da face. Tem razão em pretender encarar o assunto de uma maneira concreta. Você quer acabar com... com este drama para poder voltar em paz para junto do seu amigo escritor.

Tirou o relógio com corrente de ouro para ver as horas. Já não falta muito tempo para a cerimónia, por isso vou ser o mais conciso que puder. Recostou-se na cadeira giratória e a mola desta gemeu duas vezes. O seu tio é um alemão que voltou as costas à sua pátria no momento em que esta mais necessitava do seu auxílio, para oferecer os seus préstimos a exploradores e capitalistas, a um clã de fazedores de guerras, que dominam aquilo a que se chama a democrática América. O talento dele, aplicado a uma causa injusta, desgosta-nos profundamente em Berlim Leste. Temos um objectivo e uma finalidade: fazer que o professor Stratman ponha fim aos seus trabalhos tão perigosos para a paz mundial, realizados ao serviço de uma sociedade irresponsável. Desejamos chamá-lo à razão e fazê-lo regressar à sua pátria bem-amada. Ele é alemão e...

Ele não é alemão! gritou Emily.

Eckart irritou-se.

Então você julga que se pode mudar o sangue de uma pessoa com um simples documento de naturalização? Não a tenho na conta

de uma criança inconsciente. Até o seu tio, o professor Stratman, nos
670

últimos tempos da guerra, quando trabalhávamos no Instituto Kaiser Guilherme, costumava contar uma história de que me não esqueci.

Essa história vem corroborar o meu ponto de vista. Certo dia, um rico americano, homem de negócios, andava a passear com o professor Charles Steinmetz, o célebre engenheiro que era aleijado, em frente de uma sinagoga de Nova Iorque. «Quer saber, Steinmetz, eu dantes era judeu.» E Steinmetz respondeu-lhe: «Ah, sim? E quer você saber?

Eu também era corcunda.» A história é esta. O seu tio é alemão e, aos olhos do mundo, voltará a sê-lo quando se separar desse mundo decadente.

Emily ouviu tudo isto com uma cólera reprimida.

Nada, nada neste mundo o poderá fazer voltar para o vosso lado!

Espero que se engane, Miss Stratman. E espero não estar enganado ao pensar que o seu bom senso coincide com o do seu tio.

A que respeito? Continuo a não perceber onde o senhor quer chegar.

Estou apenas a tentar explicar-lhe diplomaticamente (desculpe a verbosidade) que pode haver uma coisa que ajude Max Stratman a mudar de ideias.

Não!

Alguma coisa, ou antes, alguém. Por amor de alguém, para salvar alguém, talvez Max Stratman seja capaz de reconsiderar.

O estado de espírito aguerrido de Emily, exacerbado pelo ódio e por um sentimento de irreabilidade que a isolava do mundo exterior naquela estranha entrevista, persistia.

Essa pessoa sou eu? inquiriu ela de súbito. O senhor está a ameaçar que me prende, que me rapta? É isso?

Eckart tirou o monóculo e sacudiu a cabeça como quem se sente verdadeiramente ofendido.

Ora, ora, Miss Stratman. A América deu-lhe volta à cabeça!

Estou certo de que todos vocês são vítimas desse falso conceito de gangster popularizado pelos filmes e pela televisão. Prometo-lhe que não atiraremos as nossas vítimas para dentro de canais ou de outras coisas no género. Nós servimo-nos de processos mais civilizados.

Nada há que vocês possam fazer contra mim ou contra o meu tio que nos obrigue a...

Nada, Miss Stratman? Não pode haver negociações entre nós?
Tem a certeza disso?

De repente, a fúria da rapariga arrefeceu e ela começou a sentir-se menos senhora de si.

Nada, repito. Pode matar-me...

Por favor, Miss Stratman, não volte a ofender-me. Eu sou um cientista, um sábio, e não um selvagem. A senhora está aqui como
671

minha hóspede e eu no meu papel de dono da casa. No fim, verá que ambos lucraremos com este breve encontro. A senhora tem consigo uma pessoa que me interessa: o seu tio. Eu tenho comigo outra pessoa que o interessa: você.

Eckart inclinara-se para a frente no princípio da conversa, mas agora encontrava-se muito direito na cadeira, ajustando o monóculo no seu lugar. Levantou-se lentamente, endireitou o casaco, deu a volta à secretária e dirigiu-se à porta por onde entrara Emily, como se não se apercebesse da presença desta.

As mãos da rapariga apertavam os braços da cadeira, os pulsos latejavam-lhe, enquanto se voltava para olhar o homem.

Este abriu a porta da sala de entrada e fez sinal para alguém que se achava lá fora.

Venha, ela está preparada para o ver.

Eckart afastou-se, quase com respeito (que esquisito, pensou Emily), como um mordomo que anuncia a entrada de um titular qualquer, e logo surgiu entre portas a figura de um homem idoso. Batia-lhe por trás a luz da sala de entrada e o gabinete encontrava-se mal iluminado. Por isso, no primeiro momento, ele foi apenas uma silhueta escura. Entrou devagar, arrastando os pés, ou até a coxear um pouco, e dirigiu-se a Emily, ao mesmo tempo que a sua incomum figura revelava a existência concreta de umas feições e de um corpo humano. Como que hesitante, pôs-se em frente de Emily, a pouca distância desta, a observá-la, e ao mesmo tempo a deixar que ela o observasse também.

Agora aparecia nitidamente visível aos olhos perturbados da rapariga: um homem idoso e forte, ligeiramente curvado, envergando um fato cinzento-escuro e fora de moda, engelhado e deformado como se tivesse feito com ele uma longa viagem sem ter tido tempo de o mandar passar a ferro. Ela olhava-o sem embaraço, pois parecia-lhe vagamente familiar, como uma cara que julgamos reconhecer ou um nome que temos debaixo da língua.

Concentrou mais a sua atenção no rosto e na cabeça do homem.

Esta era maciça, com um pescoço curto e grosso. O cabelo raro, mas não muito, branco e brilhante, com uma risca ao lado. As faces estavam bastante vermelhas, firmes e simétricas, a despeito dos estragos da idade, com exceção do nariz, proeminente e grosso, que ela não reconhecia.

Ainda intrigada e com uma certa curiosidade despreendida, Emily ia reparando que aquela face vermelhusca e simpática, que se lhe afigurava agora tão familiar, revelava uma expressão deveras comovida, com os olhos a piscar, cheios de lágrimas, o nariz grosso a fungar, os lábios a tremer.

O desconhecido engoliu em seco e sacudiu a cabeça.

Não te lembras de mim, minha patinha?

Nesse instante, ela recordou-se, ou julgou recordar-se. E, mesmo enquanto os punhos cerrados a ajudavam a erguer-se na cadeira, sempre a fitá-lo, recusava-se ainda a acreditar. Não podia, no entanto, pôr de parte aquele nariz grosso, o timbre da sua voz, a corda invisível que a fazia erguer-se da cadeira e aproximar-se dele. Acima de tudo, a frase terna que o desconhecido empregara com tal naturalidade, como se o tempo tivesse voltado atrás e estivessem de novo na sua antiga pátria: Minha patinha. Onde ouvira ela antes aquelas palavras e quem costumava proferi-las? Onde... havia muitos, muitos, muitos anos, quando ele a trazia às cavalitas à roda... à roda da sala apainelada de carvalho, erguendo-a no ar, fazendo-a andar à roda... à roda...

mais depressa, cada vez mais depressa... e ele ria, ria... enquanto ela guinchava e batia com os pés... minha patinha, minha patinha... mais e mais... deixara-a no colégio. De vestido engomado e lacinhos, toda bem penteada, diante da professora de bata... e ela aterrada, pálida, de olhos muito abertos... estás uma mulherzinha, minha patinha...

E depois ele à chuva, na rua, ao fundo das escadas... no meio dos camisas castanhas insensíveis... eu depois escrevo, Rebecca... Vou conseguir que te libertem depressa, depressa... depressa, Rebecca... depressa, minha patinha...

As suas carícias... o seu amor... Era ele, não podia ser mais ninguém.

Estava agora de pé na frente do homem, paralisada, sem poder acreditar no que via. O rosto venerável apareceu-lhe esfumado, para logo surgir de novo nitidamente, como que esculpido em granito, devastado pelo tempo: o cabelo revoltado e branco, os olhos castanhos cheios de lágrimas, a maxila contraída.

Atrás de si, ela ouviu a voz seca de Eckart, que vinha apagar aqueles incríveis segundos, aqueles anos longínquos que acabava de viver, fazendo-a regressar ao momento actual.

Miss Stratman, conhece com certeza este homem, Walther Stratman, o seu pai...

Papá proferiu ela numa voz que não parecia pertencer-lhe, que não se dirigia ao estrangeiro nem a si própria.

Dado como desaparecido, mas que, de facto, não morreu, como vê. Eckart prosseguiu: Depois de ter ajudado o irmão a fugir, passou todos estes anos prisioneiro dos Russos, a trabalhar para eles.

Agora, porém, encontra-se aqui, num país neutro. Consegui realizar este milagre para lhe ser agradável. Finalmente, ele é livre.

O homem confirmava continuamente com a cabeça.

É verdade, Emily. Sou Walther, o teu pai. Compreendo o que sentes neste momento, o mesmo que eu: um choque, a sensação de não acreditares, mas estamos ambos vivos, minha patinha, e juntos.

Acabaram-se os dias negros. Esqueçamo-los daqui para o futuro, para sempre. Agora sou livre, Emily.

673

Papá repetiu ela, em voz alta.

E, de súbito, a face rude e vermelha do pai desapareceu, lentamente sorvida pelo turbilhão do quarto que girava, girava... e Emily sentiu-se submersa pelo mesmo turbilhão. Tentou desesperadamente manter o equilíbrio, agarrar-se a qualquer coisa que tivesse dentro de si, aquela força que nos mantém na posição vertical, mas sentiu que isso ruía também com ela e deixou-se arrastar pelo turbilhão que rodopiava dentro da sala. Durante um segundo, que durou uma eternidade, sentiu-se suspensa, como se não tivesse pernas, depois o tapete veio ao seu encontro, sentiu-lhe a aspereza contra as faces e a boca. Depois disto ouviu vozes, viu uns sapatões enormes junto de si, a seguir mergulhou numa escuridão salpicada de estrelas que as trevas em breve afogaram...

Eram duas horas da tarde.

Sentado à beira da cama do seu novo quarto, no quinto andar, para onde acabava de se transferir, Andrew Craig-pousou o

auscultador do telefone, desesperado. Havia hora e meia que estava a ligar para o quarto de Emily, sem obter resposta. Se qualquer coisa a tivesse demorado lá fora, porque não lho comunicara? A única explicação que se lhe oferecia era ela ter-se arrependido do recado que lhe enviara, abstendo-se por isso de atender o telefone.

Ergueu-se, nervoso, desiludido, e pensou que talvez o acalmasse qualquer espécie de actividade. A mala continuava por desfazer sobre a mesa. Desapertou-lhe as correias, abriu-a e começou a arrumar o que ela continha dentro de uma gaveta. Gastou quinze minutos a fazer isto e, depois da mala vazia, viu-se de novo desocupado. É certo que podia ir escrever o discurso de agradecimento, mas não sentia disposição para isso.

Encheu o cachimbo, pensando em telefonar a Emily pela última vez.

Ela sabia onde ele se encontrava, ou podia ficar sabendo se perguntasse à telefonista, e, se desejasse vê-lo, viria ter com ele.

Mas, depois, enquanto passeava pelo quarto, inquieto, sempre a pensar em Emily e preocupado com o que havia de escrever para o discurso, ocorreu-lhe outra ideia.

Correu para o telefone e pediu ligação para a recepção.

Está? É o porteiro? Daqui fala Andrew Craig. Diga-me, por favor, se as chaves do apartamento do professor Stratman e da sobrinha estão ambas aí. Preciso de saber se algum deles se encontra no hotel e...

Um momento, Mr. Craig.

Este esperou, com o auscultador no ouvido, até o porteiro falar de novo.

Não está cá nenhuma das duas chaves, por isso devem encon-674 trar-se ambos no quarto. Se quiser... um momento, por favor, não desligue...

Craig ouviu uma conversa indistinta e de novo a voz do porteiro. O meu colega está a dizer que o professor Stratman veio buscar a sua

chave e subiu ainda não há dez minutos. E recorda-se de que Miss Stratman veio também buscar a chave dela pouco depois do meio-dia. Portanto...

Obrigado respondeu Craig.

E desligou. Então, era isso. Emily tinha estado no quarto durante todo aquele tempo. Voltara para atender a chamada dele, mas, depois, mudando de ideias, não respondera. Nunca viria a saber que espécie de coisa importante ela quisera dizer-lhe. O encontro falhara. Craig sentiu-se, de súbito, esgotado por tantas desilusões e tentativas. Se o feitio dela era esse, não havia nada a fazer, nem Craig seria nunca capaz de a modificar. Faltava-lhe a energia para suportar tantas contradições.

O melhor seria esquecê-la.

Resolveu ir para baixo, beber qualquer coisa e comer uma sanduíche no Jardim de Inverno, e no fim ainda lhe restaria tempo para alinhar algumas palavras de agradecimento, uma coisa simples, género conversa, cheia de narizes de cera, tais como «que o homem seja cada vez mais Homem», como é uso dizer-se nestas ocasiões. Depois seriam horas de ir vestir-se para a cerimónia.

Porém, quando chegou ao elevador e premiu o botão, compreendeu que o seu destino não era dirigir-se ao Jardim de Inverno, mas sim ao apartamento dos Stratman.

Percorreu rapidamente o corredor forrado de uma passadeira às riscas brancas e vermelhas e alcançou a porta, disposto a tocar ou a bater até obrigar Emily a aparecer e a dar-lhe uma explicação, mas reparou que a porta se encontrava entreaberta. Era melhor assim, pensou logo. Entraria por ali dentro e obrigá-la-ia a confessar tudo, antes que ela tivesse tempo de se esquivar a isso. Quando ia para segurar no puxador, a porta abriu-se, para dar saída a uma criada de farda verde, limpa mas desbotada, transportando um balde cheio de escovas e de esfregões.

Craig afastou-se para a deixar passar, curvando-se delicadamente diante dela.

Miss Stratman está à minha espera pareceu-lhe necessário explicar.

A criada murmurou uma frase incompreensível em sueco, esperou que Craig entrasse e logo após limitou-se a fechar a porta sobre ele.

No átrio, Craig parou, a sentir-se arrependido daquela invasão. Só uma pessoa da espécie de Leah seria capaz de penetrar assim num quarto alheio sem se fazer anunciar. Depois lembrou-se de que o seu acto tinha justificação, pois telefonara inúmeras vezes a Emily sem obter resposta, correspondendo ao desejo manifestado pela rapariga 675

de se encontrar com ele. Se depois disso a assaltara a dúvida ou a timidez, um ou outro teria de tomar a iniciativa.

No entanto, não se sentia muito senhor de si ao entrar na saleta.

Olhou em redor. O compartimento estava vazio e o silêncio seria absoluto se o não perturbasse o tiquetaque do relógio. Ultrapassado o sofá, alcançou a porta do quarto de dormir de Emily, no intuito de a chamar ou de bater, quando lhe despertou a atenção o bilhete meio rasgado caído entre o telefone e o candeeiro. Na parte de cima, que estava riscada, leu: Tive de ir assistir inesperadamente a um almoço oficial. Disseme a criada dos quartos que o teu vestido deve ser entregue às três horas. Saudades.

Tio Max Por baixo das linhas riscadas, via-se outra mensagem, mais recente: Duas e vinte. Liebcben. Já estou de volta e quero repousar.

Não me deixes dormir de mais. Acorda-me antes das quatro.

Tio Max Craig ergueu-se da mesa. Emily, afinal, não estava no quarto. Sentiu-se envergonhado por ter duvidado dela e também da sua intromissão nos aposentos da rapariga. Fosse o que fosse que a tivesse demorado, dizia consigo, ele não tinha nada com isso e, se ela

quisesse telefonar-lhe, não deixaria de o fazer antes da cerimónia. Sentia-se agora mais tranquilo. O Jardim de Inverno que fosse para o Diabo! Voltaria para o seu quarto escrever o discurso e esperar por ela.

No momento em que tomava esta decisão, soou a campainha da porta. O seu primeiro pensamento foi que seria finalmente Emily.

Depois recordou-se: se fosse, ela não tocaria, pois tinha chave. Embora nada pudesse justificar a sua presença ali, iria ver quem tocava provavelmente a criada a entregar o vestido de Emily. Recebê-lo-ia e, depois de o pendurar, retirar-se-ia, deixando o velho Stratman a dormir em paz a sua sesta.

Quando se aproximava para responder ao toque da campainha, reparou que alguém acabava de meter uma folha de papel por debaixo da porta. Curvou-se para a apanhar, resolvido a não cometer a indiscrição de ler o recado escrito à máquina, limitando-se a colocar o papel na mesa da entrada. Porém, leu, sem querer o nome de Emily.

676

Então percorreu o texto todo da mensagem, escrito unicamente em letras maiúsculas: Professor Stratman: Se deseja saber o paradeiro de sua sobrinha Emily Stratman abra imediatamente o embrulho junto e escute o que lhe diz um amigo.

Como todo o bom americano, alheio às intrigas quotidianas do Velho Mundo, Craig pensava que semelhantes enredos, impróprios dos tempos actuais, só se passavam nos folhetins e nos filmes. Admitir a hipótese de uma conspiração fora dos altos círculos governamentais não lhe parecia próprio de pessoas adultas e civilizadas. Para uma pessoa educada no meio em que ele fora, toda essa maquinação não passava de uma simples fachada para esconder uma brincadeira.

Craig rejeitou imediatamente a ideia de uma ameaça séria e preparou-se para descobrir quem seria o autor da brincadeira. Abriu

a porta, a fim de deixar entrar o groom que devia trazer o embrulho.

Mas não viu ninguém, o que confirmou mais ainda em si a hipótese de se tratar de uma partida. Espreitou para o corredor e olhou à direita e à esquerda. Tudo deserto! Então bateu com o pé num pacote que se encontrava no chão.

Pegou-lhe, achando-o leve e pequeno, no intuito de o colocar, juntamente com o ridículo bilhete, sobre a mesa da saleta, mas, ao mesmo tempo, assaltou-o uma sensação de perigo. A ameaça implícita na carta era confirmada pela ausência de Emily. Ela prometera estar de volta ao meio-dia e trinta, e eram já duas e meia. O que tinha a fazer era acordar o professor Stratman, visto que a carta e o embrulho lhe vinham dirigidos, mas arriscava-se a fazer a figura de um colegial que interrompe o repouso de uma velha com uma ninharia sem importância.

O seu instinto aconselhava-o a obedecer ele próprio à mensagem, sujeitando-se a ser acusado de intrometido. E se não se tratasse de nenhuma brincadeira? O seu instinto, porém, estava agora reforçado por uma certeza. O interesse que sentia por Emily não era inferior ao do próprio Stratman.

Sem mais hesitações, Craig arrancou o cordel que atava o embrulho de papel pardo e retirou este.

Por fim, descobriu que tinha na mão um minúsculo gravador de som, de doze por quinze centímetros de lado, de plástico preto. Em baixo, à esquerda, via-se escrito em letras brancas: Record... Play...

Stop, com uma pequena alavanca no lugar de Stòp. Uma ranhura deixava ver a fita gravada. A seguir, havia uma pequena manivela com indicação Corda Manual. Não havia qualquer marca na caixa de plástico.

Craig voltou-a por todos os lados. Atrás, num dos cantos, lia-se

677
a frase Made in Stetin. Craig reparou num rolo de fio ligado ao aparelho, tendo na ponta um auscultador de plástico, que fazia de

alto-falante.

Sempre de pé, no átrio de entrada, com o estranho objecto na mão, Craig ia pensando que, se aquilo era uma partida, não tinha ficado nada barata. Fosse lá o que fosse, o caso não estava a agradar-lhe nada.

Já não se sentia indeciso. Seguiria o conselho da mensagem. Iria ouvir o que DIZIA UM AMIGO.

com todo o cuidado, colocou o aparelho sobre a mesa, desenrolou o fio, meteu o auscultador no ouvido esquerdo e accionou a alavanca movendo-a do lado onde se lia Stop para o outro onde via escrito Play.

A princípio, ouviu-se apenas o deslizar da fita, e nada mais. De súbito, feriu-lhe o tímpano uma voz impessoal: Max, é o teu velho amigo Hans Eckart que fala. Teria preferido comunicar contigo pessoalmente, e, de facto, tentei fazê-lo hoje. Uma vez, porém, que isso me foi impossível, arranjei maneira de contactar com a tua sobrinha. Ela encontra-se aqui junto de mim. Não debes recear seja o que for. Ela está bem e acaba de saber uma boa novidade que te irá comunicar dentro de instantes. Desculpa ver-me obrigado a utilizar este processo tão melodramático, Max, mas as circunstâncias assim o exigem.

Poderia ter-te mandado as notícias pela própria Emily, ou fazer que ela te telefonasse, mas corria o risco de ela revelar as nossas intenções, e isso não convinha. Pensei também em pedir-lhe que te escrevesse um bilhete, mas ela encontra-se demasiado excitada e, além disso, talvez tu não acreditasses na novidade se a não ouvisses da sua própria boca.

Seguiu-se uma breve pausa. A voz cortante falava um inglês impecável.

No entanto, a cadência e as inflexões revelavam uma origem indubitavelmente teutónica. Craig, que a princípio se sentira trespassado de receio ao começar a escutar, foi-se pouco a pouco

acalmando, em face das garantias dadas pelo locutor, e fazia agora esforços de memória para se recordar se algum dia ouvira já o nome de Hans Eckart. Não o conseguiu, e, decorridos breves instantes, a mesma voz retomou a palavra: Max, já te disse que a tua sobrinha está muito excitada, e com toda a razão, com as boas notícias que acabam de lhe ser reveladas. Antes de lhe ceder a palavra e a fim de evitar qual-678

quer mal-entendido acerca daquilo que ela vai dizer-te, acho melhor dar-te primeiro a notícia. Prepara-te para receberes um choque.

Mais uma vez a voz de Eckart se interrompeu, e agora, pela primeira vez desde que começara a escutar, Craig sentiu percorrer-lhe o corpo um receio, um terror paralisante. Não lhe agradavam as «boas notícias» que haviam «excitado» Emily e iriam causar um «choque» a Stratman. Não esperava nada de bom dessas «boas notícias» que tinham de ser transmitidas por um processo que ocultava a identidade de quem as transmitia e a natureza das suas «intenções». Não gostava nem tinha confiança naquele «velho amigo», desconhecido para ele.

Escutou o deslizar da fita com desesperada atenção e depois a voz teutónica prosseguiu: Max, escuta com atenção. O teu irmão Walther está vivo.

Sim, vou repetir, para que não haja equívocos. Walther Stratman está vivo e encontra-se aqui em Estocolmo. Está nesta mesma sala, junto de mim, ao pé da Emily. Sei que deves ter ficado desorientado. O mesmo se deu comigo quando ontem tomei conhecimento desta novidade. Daquela vez que almoçámos juntos, foste tu que declaraste que ele fora morto pelos Russos no fim da guerra. Eu recordei-te que fora dado como desaparecido e que presumivelmente morrera. E fui também eu a fazer-te notar que só há pouco fora considerado legalmente falecido. Porém, o facto é que, por meios que não vêm agora ao caso, eu consegui descobrir que

Walter Stratman se encontrava vivo e são na Rússia. O que me desorientou, bem como a todos nós em Berlim Leste, foi o facto de ele ter trabalhado na Rússia durante todo este tempo sob o nome de Dr. Kurt Lipski. A metamorfose de Walther Stratman em Kurt Lipski foi obra das autoridades soviéticas, que agiram assim logo a seguir à guerra, por motivos de segurança. Logo que tive conhecimento disto, convenci os Sovietes de que se poderia tirar muito maior proveito de um Walther ressuscitado que de um Walther dado como morto. Convencios também de que ele, em face das circunstâncias, tinha o direito de escolher o lugar onde devia trabalhar e viver de futuro. As autoridades soviéticas permitiram amavelmente que ele viesse de avião até à Suécia. Chegou aqui esta manhã. Desde então, tem estado sempre comigo. Tentei imediatamente entrar em contacto contigo. Sabia quanto desejaras ver o teu irmão imediatamente.

Como o não conseguisse, porém, trouxe a Emily para se 679 encontrar com o pai. Vou agora deixar que ela confirme o que eu disse e que fale por si. Um momento.

A voz de Eckart calou-se, como se fosse cortada por um cutelo.

Ouviu-se apenas de novo o deslizar da fita. Durante todo este discurso, Craig não fez outro movimento que não fosse carregar mais no auscultador, com medo de perder uma só palavra. As suas próprias emoções estavam congeladas numa atitude de atenção forçada. Era como se se houvesse transformado num homem de pedra, salvo pelo que respeita aos ouvidos e ao cérebro. Craig esperava, suspenso. Mas, à medida que os segundos decorriam, a sua imaginação, começou a trabalhar, representando-lhe Walther junto de Emily, fazendo-o pensar no que isto representaria para ela e no que representaria também para Max Stratman. E, inevitavelmente, tecia conjecturas acerca dos prováveis desígnios de Eckart.

O suave deslizar da fita foi de súbito cortado por um estalido e depois soou uma voz feminina, mais distante: Tio Max, sou a Emily.

Craig não tinha a certeza. Seria, de facto, Emily? Estava à espera de ouvir uma voz «excitada», mas esta pareceu-lhe apenas afectada.

Craig concentrou-se. A voz prosseguiu: Tio Max, sou a Emily. Trouxeram-me para junto de meu pai.

A princípio, não o reconheci, mas depois vi que era ele. É o meu pai, sem dúvida. Não pode haver engano. Ele está de saúde.

Está... bem disposto e deseja vê-lo. Foi tudo tão inesperado e surpreendente que eu... ainda não estou em mim. A verdade é que, quando o vi...

A voz foi subitamente cortada. Agora Craig tinha a certeza, mais do que a certeza, de que aquela fita era autêntica. A voz, inexpressiva e baixa, estranhamente desinteressada, parecia a de uma pessoa cheia de sono ou hipnotizada por qualquer droga. Mas era de facto a de Emily Stratman.

Nesse momento, a voz de Emily fez-se de novo ouvir, arrastada, através do auscultador, tirando a Craig todas as dúvidas: 680

.. .mas agora, devido ao estado em que fiquei, muito excitada, deram-me um calmante e tenho de descansar um pouco. Tio Max, estou tão aturdida que nem sei o que digo nem sei qual será o fim de tudo isto. Tio Max, o doutor Eckart diz que os Russos concordaram em libertar o meu pai e em deixá-lo ir viver para a América, se ele assim quiser, desde que o tio aceite o lugar que lhe ofereceram, aquela cadeira na Universidade de Berlim Leste. Não sei o que diga. Sinto-me incapaz de pensar.

O doutor Eckart vai explicar-lhe. Eu não quero que o tio aceite.

Não pode fazê-lo. Mas também não quero que eles levem outra vez o meu pai.

Seguiu-se uma breve pausa e depois Emily tornou: Pedem-me que lhe garanta que não corro qualquer perigo e que, seja qual for a sua decisão, me porão em liberdade esta noite, depois da cerimónia. Nessa altura, já o levam a si ou ao meu pai.

Neste momento, a voz de Emily subiu de tom, apesar do sedativo, e deixou transparecer a agitação que se apoderara da rapariga. Depois enfraqueceu outra vez: Oh, tio Max, eles querem levá-lo, mas pelo amor de Deus...

O resto fora cortado e apenas se ouviu o fim da súplica de Emily.
...o que for melhor para si.

A fita continuava a rodar.

Impressionado, Craig permanecia de olhos fixos no minúsculo aparelho.

Via-se através da fenda que já haviam passado três quartos da fita do pequeno carroto. Faltava um quarto. Craig esperava.

A voz teutónica reaparecera, agora imperceptivelmente mais cortante, mais senhora de si, mais positiva.

Max, ouviste a tua sobrinha falar-te sem qualquer coacção.

Tudo quanto ela disse acerca do teu irmão, da necessidade de te
681

decidires, é verdade. Vou exporte as nossas condições, ou melhor, vou fazer-te a nossa proposta, concretamente. Peço-te que escutes com atenção. É nosso desejo que abandones o Ocidente e venhas reunir-te ao nosso Corpo de Cientistas da Paz, em Berlim Leste, capital da tua pátria. Serás tratado com todas as honras e consideração devidas à elevada posição que ocupas no mundo. Hoje, das cinco para as seis da tarde, vais receber o Prémio das mãos do rei e proferirás o teu discurso de agradecimento.

Nesse discurso, anunciarás a tua mudança de ideias.

O acto será transmitido pela televisão. Nós estaremos a ver-te e a ouvir-te. Se concordares com isto, voltarás para o teu apartamento no Grande Hotel depois do programa na Sala dos Concertos.

Alguém entrará em contacto contigo e trazer-te-á para junto de mim. Entregar-te-ei então o teu irmão e a tua sobrinha.

A troca será efectuada antes da meia-noite. Walther e Emily ficarão em Estocolmo para seguirem para a América. Tu

acompanhar-me-ás, não estou autorizado a revelar-te em que meio de transporte, com destino a uma vida nova-e melhor. Se recusares esta proposta e preferires continuar a ser um instrumento do capitalismo americano, isso significará a ruína do teu irmão Walther Stratman. Nunca mais na vida voltarás a vê-lo e ele regressará, contra sua vontade, à Rússia, como prisioneiro. Uma vez que és um homem prestável e dotado de uma consciência recta, não duvido de que tomarás a atitude conveniente. Estou certo de que ainda não esqueceste ter sido o sacrifício de Walther que, em 1945, te permitiu alcançar a chamada liberdade que ambicionavas e te proporcionou todas as honras e conforto de que tens gozado. Se esqueceres isto, se recusares o posto que agora te oferecemos, condenarás o teu irmão a prosseguir o seu exílio numa terra que ele odeia, não permitirás que acabe os seus dias na companhia da filha que ele tanto estima e de quem durante tanto tempo esteve separado.

Após uma imperceptível pausa, a voz concluiu: Max, acabamos de te fazer uma proposta razoável. Não a desprezes nem coloques em perigo os teus mais próximos parentes dirigindo-te à Polícia sueca. Eles nunca serão capazes de me descobrir. Nem tão-pouco encontrarão Walther ou Emily. Faze o que te digo, de uma maneira ou de outra, mas não metas ninguém nisto. Qualquer outra atitude seria uma loucura. Mit herzlichen Grussen, Max.

682

Ouviu-se um estalido, a fita continuou a rodar e Craig nada mais ouviu.

Ergueu a mão para o aparelho, empurrando a alavanca onde se lia Stop. Hesitou um instante, ainda com aquela torrente de informações a cachoar-lhe na cabeça. Teria compreendido tudo correctamente? Não haveria perdido nenhum pormenor importante? Queria ouvir de novo a voz de Emily para poder avaliar o grau de excitação em que ela se achava. Ou talvez só para a ouvir! Agarrou com os dedos na manivela e enrolou rapidamente a fita em sentido

inverso. Ergueu a alavanca para o lado que indicava Play e esperou durante longos momentos.

Nada, nenhuma voz, nenhum som, a não ser o irónico arrastar da fita em torno da bobina. Compreendeu por fim que a gravação da fita fora automaticamente destruída após ter sido rodada, por meio de qualquer processo novo. Tudo aquilo que ele ouvira ninguém mais o poderia ouvir. Tinha nas suas mãos o futuro dos três Stratman. Na realidade, a sua cabeça encerrava todos os elementos e todas as condições de que dependia o futuro deles. Craig parou o mecanismo e tirou o auscultador do ouvido.

Ficou parado no átrio, a meditar. Nunca na sua vida escutara nada de tão espantoso, a não ser a notícia da morte de Harriet. Agora, em certo sentido, tratava-se também da morte de um ser humano, de Max ou de Walter Stratman. Sentia-se tomado de uma apatia ocasionada pelo facto de se lhe afigurar impossível aquilo que tanto desejava fazer: salvar o pai de Emily Stratman e, ao mesmo tempo, salvar também o próprio Max Stratman. Mas aquela apatia não tardou a desaparecer; a necessidade e a responsabilidade despertaram-lhe a mente.

A quem havia de dirigir-se? Para quem se voltaria? Que era bom? Que era mau? Que era bom?

Havia uma solução fácil, mas, evidentemente, horrível. Tinha de acordar Max Stratman e repetir-lhe meticulosamente todos os pormenores daquela incrível fita gravada e, se o velho professor acreditasse como esperava, ele próprio teria de tomar uma decisão acerca do que iria dizer na Sala dos Concertos, daí a duas horas. Era tentador, perigosamente tentador, acordar Stratman e deixá-lo escolher entre a liberdade do irmão e os interesses do seu país.

Mas, em seguida, só o simples facto de pensar isto revoltou Craig e causou-lhe repulsa por si próprio. Se continuasse a proceder como antigamente, procurando apenas o que era fácil, furtando-se a ir em socorro de quem pedia ajuda, recuando perante dois grupos

desiguais que se batiam na rua, fugindo à realidade e aos seus deveres perante a existência e refugiando-se na deliciosa inconsciência da embriaguez, na autolamentação, no afastamento de todos - então ir-se-ia embora daquele país nórdico tal como viera: um homem desfeito e desintegrado, inútil a si próprio e à sua geração, eterna vítima de todos os terrores invisíveis. Chegara a hora de pôr à prova a sua força de carác-683

ter. E o resultado dessa prova não era de modo nenhum a vitória ou a derrota, mas antes uma acção imediata. Mas de uma coisa tinha ele a certeza: não iria acordar o velho Stratman!

No entanto, levado apenas pelo desejo de provar qualquer coisa a si próprio, não podia tomar sobre os seus ombros, levemente, a responsabilidade de uma acção de que dependiam outras vidas. E agora mais do que isso, pois chegara à conclusão de que o futuro de Emily era também o seu, e, portanto, estava a lutar ao mesmo tempo pela própria sobrevivência. A quem havia de recorrer? À Polícia de Segurança sueca, evidentemente. Mas ainda que eles acreditassem na sua história e não podiam deixar de lhe ligar importância, dada a sua categoria de laureado, que poderiam eles fazer? Eckart nunca apareceria em cena, Walther seria escamoteado e o cadáver de Emily iria aparecer mais tarde numa viela retirada ou então a rapariga voltaria como refém para aquela Alemanha que tanto odiava, mesmo antes de que a Polícia pudesse obter qualquer indício. O melhor seria desistir de recorrer às engrenagens da Polícia oficial.

Mas para onde havia de voltar-se então? Só ele tinha conhecimento daquilo. Mas poderia seguir sozinho a pista? Que ideia ridícula!

Inventara suficientes intrigas para saber como as coisas se passam na realidade. Nos livros, a maior parte das vezes, o autor sabe antecipadamente o resultado, a solução, e depois maneja as personagens até conseguir alcançar essa solução, Mas isto era a vida em todo o seu horror, e, ali, o resultado, a solução, constituíam uma

incógnita, e, portanto, o herói era obrigado a pegar em armas e a meter-se no labirinto, caminhando em direcção a um destino vago e a um fim ainda desconhecido para ele. Se se tratasse de uma obra de ficção e que saudades sentiu desse longínquo refúgio, como tudo seria simples! O seu cérebro de escritor começou a trabalhar como se estivesse a criar uma história: uma estranha cidade polar envolta em neve, uma bela rapariga levada como refém, um misterioso bilhete a pedir o resgate, duas ideologias antagónicas lutando pelo mesmo objectivo, e o simpático herói, de trench-coat, seguindo a pista através daquelas ruas estranhas e solitárias, recheadas de perigos, mas sempre cada vez mais perto do fim, a encontrar indícios a cada passo, até que... diabos levassem a fantasia!

Sacudiu-se e tentou reflectir rapidamente. Nunca tivera nenhuma experiência de intrigas internacionais um eufemismo para se referir àquela nojenta chantagem. A não ser por leituras ou por casos que ouvira contar a respeito de comunistas fanáticos, como aquele de que lhe falara o húngaro, amigo de Lilly, Nicholas Daranyi.

Como se chamava o homem? Ah, sim Enbom, um sueco, simpatizante com os comunistas, que vendera segredos aos Russos...

De súbito, Craig endireitou-se e atravessou-lhe a mente uma ideia razoável. Daranyi. Nicholas Daranyi.

684

Craig tentou concretizar o que o fizera pensar em Daranyi. Tratava-se de um espião por conta própria que não fazia segredo disso.

Mas recorrer a ele seria uma loucura, uma ideia absolutamente romanesca.

No entanto, havia algo que agora lhe vinha à ideia, qualquer coisa que ouvira a Daranyi e outra que Lilly dissera a respeito deste, da última vez que haviam estado juntos. Vasculhou a memória, censurando-se amargamente por não haver prestado mais atenção.

Daranyi andava a trabalhar por conta de um dos elementos do júri do Prêmio Nobel. Mas qual? O objectivo do inquérito era investigar a vida de todos os actuais laureados. Na altura, mal prestara atenção ao caso, mas agora, recapitulando o que ouvira, a coisa não lhe cheirava nada bem. Teriam também andado a espiá-lo? E a Stratman?

Haveria alguém interessado em Stratman por qualquer motivo... talvez por aquele motivo que fora registado na fita gravada agora destruída?

Embora improvável, Daranyi constituía uma pista. Mesmo que desconhecesse tudo a este respeito, ele, melhor do que ninguém, saberia o que havia a fazer. E de repente, pela primeira vez, Craig começou a tomar a sério Daranyi.

Ouviu o tiquetaque do relógio e lembrou-se de que o tempo urgia.

Dispunha de menos de uma hora e três quartos para agir. Porém, agora, pela primeira vez, tornava-se necessário definir os objectivos da sua missão: agir por conta própria, sim, estava muito certo. Mais agir como? Qual o fim a atingir? Que pretendia ele? Encontrar Emily e Walther, claro. Era essa a sua finalidade. Tinha de se certificar de que Emily estava viva e sã. Tinha de ver Walther com os seus próprios olhos e adquirir a certeza de que aquele súbito visitante era, de facto, o pai de Emily. Caso não fosse, aquele cruel embuste tinha de ser desmascarado. Se a fita gravada dizia a verdade, se Walther era o autêntico e Craig poucas dúvidas alimentava a esse respeito, então Craig teria de o chamar à razão e fazê-lo retirar da cena, acabando com este impossível dilema.

Esquecendo-se por momentos do lugar onde se encontrava, Craig descobriu que achara o verdadeiro motivo que o levava a agir por conta própria. E traduziu assim o seu raciocínio: Walther, embora pai, surgira na vida de Emily como um estranho. Não era o mero acidente do sangue que gerava amor filial. Mais do que isso,

representava a vida em comum, o amor, a responsabilidade. Vistas as coisas a esta luz, seria Max, e não Walther, quem representava o pai de Emily. Se neste momento lhe roubassem Max, a rapariga ficaria condenada a uma vida de escravidão junto de um estranho. Uma vez que não poderia ter Craig junto de si, nem Max, ficaria inteiramente só consigo mesma e o seu eu nunca poderia sobreviver entregue a si mesmo. Para Emily, esse vácuo seria como que uma antecipação da própria morte.

Sempre de pé, no átrio do apartamento, Craig sentia-se vagamente 685

inseguro, desejoso de assentar mais concretamente no caminho a seguir.

No meio de tudo isto, havia ainda a questão do valor pessoal: o mérito de Walther era vulgar, ao passo que o mundo livre precisava de Max, não podia perdê-lo. Ergo: punha-se de parte Walther para salvar Max e Emily. Ergo: tornava-se necessário procurar Walther e convencê-lo de que deveria voltar de sua livre vontade para o lugar donde viera. Se Walther amasse verdadeiramente Emily, mais ainda, se se preocupasse com o futuro da humanidade, deixar-se-ia convencer.

Porém, a falsidade e a injustiça desta solução repugnavam a Craig.

Quis pô-la de parte, mas não conseguia esquecer-se de que, noutros tempos, Walther se sacrificara pelo irmão. Sim, Walther estivera cativo durante longos anos num país que detestava, e por isso tinha direito a fazer a sua vontade. Sim, Walther bem merecia viver em paz os últimos anos da sua vida. Isso era mais do que justo. No entanto, Craig sentia-se tentado a pôr de lado a justiça. As suas primeiras impressões permaneciam: Walther tinha de se ir embora.

A missão de Craig estava agora bem definida. Se falhasse, isto é, se não conseguisse encontrar Walther ou, encontrando-o, não lograsse convencê-lo, estava sempre a tempo de vir acordar Max sem

fazer perigar o negócio com Êckart. Caso falhasse, só havia uma solução: voltar ao hotel, para revelar a Max Stratman toda a verdade, deixando-o cumprir o seu dever. Ele teria que se sacrificar por amor da sobrinha e do irmão e, mais ainda que por todas essas razões, levado pelo seu antigo complexo de culpa. E fá-lo-ia espontaneamente, sem pensar duas vezes, dali a duas horas, se Craig fosse ter com ele, vencido. E acederia imediatamente se Craig entrasse naquele instante pelo quarto dentro e lhe contasse toda a verdade. Mas agir assim seria prematuro.

O desejo ardente que Craig sentia de conquistar Emily, de conseguir para ela, não só a paz e a segurança, mas ainda tudo aquilo a que a julgava com direito, espicçou-o. Passou a agir.

Meteu no bolso o bilhete anónimo escrito à máquina e escondeu o minúsculo gravador no armário do átrio. Depois, pegando na caneta, lembrou-se de acrescentar um pós-escrito ao recado que Max Stratman deixara para a sobrinha: Saí com a Emily. Encontrar-nos-emos na Sala de Concertos. Craig. A seguir, pegou no telefone e perguntou à telefonista se podia saber-lhe o número de um tal Nicholas Daranyi.

Esperou com impaciência, até que a telefonista respondeu não encontrar nenhum Daranyi na lista de Estocolmo.

Craig desligou e o seu pensamento dirigiu-se imediatamente para Lilly. A esta hora, ela devia encontrar-se na Nordiska Kompaniet. Iria pedir-lhe a direcção de Daranyi. Não podia fazer outra coisa, pensou, desconsolado. Saiu furtivamente do apartamento dos> Stratman, atravessou rapidamente o corredor e desceu até ao átrio.

Este estava, como sempre, apinhado de gente. Craig abriu caminho 686

através de um monte de pessoas que esperavam à entrada do elevador, esbarrou com os Marceau, sem ter sequer tempo de lhes pedir desculpa.

E correu para os degraus que levavam à porta giratória.

Ao chegar ali, julgou ter ouvido chamar pelo seu nome. Voltou-se ao escutar de novo a mesma voz sonora.

Craig!

Era Gunnar Gottling, com o seu excêntrico gorro de pele e o casaco ensebado, os olhos raiados de sangue e o pincel do bigode caído, que desta vez se dirigia espontânea e afectuosamente para Craig.

Olá, seu filho da mãe roncava ele. Ia mesmo a telefonar-lhe para o quarto. Estive a reler os seus livros durante estes últimos dias e...

Craig cortou-lhe a palavra.

Gottling não tenho agora tempo para conversas gratuitas. Estou metido num grande sarilho e...

Que espécie de sarilho? O rosto e a atitude de Gottling tinham assumido a ferocidade protectora de um urso gigante. E tornava-se impossível evitá-lo. Você está pálido como um fantasma e parece, na verdade, muito atrapalhado. Que diabo tem? Diga cá ao Gottling.

Craig apercebeu-se de que a voz de Gottling se ouvia em redor e várias pessoas os fitavam já. Falou, pois, muito baixo.

O sarilho não é comigo. Trata-se de outra pessoa... e é uma questão de vida ou de morte...

Ia para se afastar de novo, quando Gottling o agarrou pelo braço.

Estou disposto a ajudá-lo. Que quer que faça?

Craig perparava-se já para dizer a Gottling que nem ele nem ninguém poderiam ser-lhe úteis, quando de repente descobriu que o escritor estava, de facto, em condições de o ajudar. Vivia em Estocolmo, a sua terra natal, conhecia-a por dentro e por fora e era um homem destemido. A questão estava em saber se poderia ou não contar com ele.

Até que ponto posso confiar em si? inquiriu Craig.

Deixe-se de asneiras respondeu Gottling, irritado. Não espere que vá deitar-me a um poço por sua causa, mas sou homem para ir

até onde for preciso. De que se trata? Aborto? Chantagem?

Quer partir a cara a alguém? É só dizer. Desde essa noite que passámos no Wãrdshus, fiquei a pensar que aquela coisa que se bebe com água não é tão má como isso.

Você tem aí o seu carro?

Adivinhou.

Preciso de encontrar urgentemente certas pessoas e disponho de muito pouco tempo.

Vamos retorquiu Gottling. Acompanhou Craig até à porta giratória e depois dirigiram-se ambos para a station Volvo que estava 687

estacionado junto do passeio. Craig esquecera-se do sobretudo, mas o Sol poente estava ainda visível e o ar não era demasiado frio. Enquanto caminhavam por cima da neve espessa, Craig principiou a contar tudo quanto sucedera e estava a suceder, utilizando uma espécie de taquigrafia oral. Em poucas palavras, pôs Gottling ao corrente das suas relações com Emily Stratman.

Já dentro da station, Gottling olhou-o interrogativamente.

O primeiro lugar onde quero ir fica a poucos quarteirões daqui disse Craig. Nordiska Kompaniet.

Gottling pôs o carro em andamento e inclinou-se sobre o volante, na sua posição de míope, enquanto Craig retomava o fio da história.

Relatou-lhe tudo quanto sabia acerca da demora de Emily e da ausência desta, da visita que fizera ao seu quarto e do bilhete dactilografado.

Depois resumiu-lhe o que ouvira na fita gravada, e ficou a sentir-se melhor depois de ter compartilhado com outro o segredo, pois temia que alguma coisa pudesse vir a suceder-lhe. Quando acabou, Gottling soltou um arrote e praguejou: Manigâncias dos comunistas Não se sabe .

Não se sabe uma gaita retorquiu Gottling. Quem é que precisa do velho em Berlim Leste? São esses bonecos dos prussianos?

Eles não passam de uns simples intermediários. Os grandes é que querem ter o Stratman do seu lado. Diabos o levem, Craig! Então você não lê os jornais? Todas as semanas há um palerma de um inglês ou de um americano que se passa para Moscovo, a proclamar que a paz é uma maravilha, e lhes entrega uma pasta cheia de documentos. Você julga que todos os desertores fazem isso por convicção ou por dinheiro?

Em muitos casos, talvez seja porque têm os miolos ao contrário, mas aposto a minha cabeça em como entre esses há muitos que são convencidos a atravessar a linha por chantagem. Podem lá ter um parente ou coisa parecida, e o pobre diabo do cientista ou do diplomata fica entre a espada e a parede. Tinham chegado a Hamngatan e Gottling encostou o Volvo ao passeio. Aqui está a N. K. Era aqui que você queria vir?

Craig abriu a porta. Depois, com um pé ainda no estribo e o outro já no passeio, explicou-lhe, em frases curtas, as suas relações com Lilly Hedquist e Nicholas Daranyi.

Conheço o Daranyi disse Gottling. Anda sempre a meter o nariz em tudo. Eu sou uma das fontes de informação preferidas desse patife. Faça-lhe a vontade para descarregar. E ele sabe-o muito bem.

Tenho um fraco por ele. Gosto de furões.

Acha que será loucura arriscar a liberdade de Walther e talvez a vida de Emily num tipo de tão pouca confiança? Deveria antes dirigir-me à Polícia?

À Polícia! Oh! Esses estupores! A gente já sabe como eles costumam agir. Não, Craig, actue por conta própria. Atire-se de cabeça, sozinho, e não se meta com esses inúteis. Vá lá dentro procurar essa tal rapariga, e ela que lhe diga onde vive o idiota do Daranyi. Quem me dera saber, mas ignoro-o. Despache-se. Eu não desligo o motor.

688

Craig empurrou a porta envidraçada e, uma vez dentro do estabelecimento apinhado de gente, tentou orientar-se. Avistou o balcão das informações, à esquerda, e abriu caminho por entre um enxame de clientes, conseguindo por fim aproximar-se da rapariga que estava ao balcão. Tinha urgência de falar com uma das caixeiros, Miss Lilly Hedquist, da secção de roupas de senhora, explicou. Tratava-se de um caso de família, muito urgente. A rapariga tocou uma campainha.

E imediatamente se aproximou um rapazito. Trocaram umas breves palavras em sueco. O rapaz afastou-se e ela disse a Craig que esperasse.

Sem reparar nos compradores que passavam cheios de embrulhos, para trás e para diante, na sua frente, Craig não deixava de pensar em Emily.

Momentos volvidos, chegou Lilly, com os olhos azuis muito abertos, revelando preocupação. Craig puxou-a para um canto, junto da porta.

Lilly, disponho de muito pouco tempo. Emily Stratman corre perigo. .

Perigo! ? Como? Não compreendo.

Não posso explicar-lhe agora, mas temos que evitar recorrer à Polícia, para não a prejudicar nem ao pai. Está tudo ligado ao facto de o tio se encontrar aqui, para receber o Prêmio Nobel. E eu lembrei-me de uma coisa. . Você disseme um dia que Daranyi andava a proceder a investigações acerca dos laureados...

É verdade.

Onde posso encontrar o Daranyi?

Deve estar em casa. Eu vou lá consigo.

Não há tempo para isso. Diga-me só...

Não, é melhor que eu vá. Demoro apenas um minuto. Vou dizer à encarregada da secção que tenho a minha mãe muito doente. Espere lá fora.

Craig saiu, arrepiou-se quando o vento frio o fustigou, fez sinal a Gottling para esperar e ficou a passear em frente da entrada da Nordiska Kompaniet. Lilly dissera apenas um minuto, e não decorrera mais do que esse espaço de tempo quando ela saiu ainda a vestir um casaco escocês de cores berrantes.

Craig fê-la entrar para a parte de trás da station e Gottling comentou com uma expressão significativa o aspecto físico da rapariga.

Diga-lhe onde deve dirigir-se, Lilly pediu Craig.

Ela falou em sueco. Gottling acenou com a cabeça e Craig percebeu que se encaminhavam para a Rua Marten Trotzig em Vãsterlanggatan.

Gottling engatou a mudança, olhou pelo vidro de trás, a ver se vinha algum carro, e fez o Volvo descrever uma volta em U.

Percorreram de 689

novo o mesmo caminho em sentido inverso, na direcção do canal Strommen, e atravessaram a ponte que dava acesso ao Palácio Real, na cidade velha.

A certa altura, Gottling declarou em inglês: Sempre estive convencido de que o Daranyi vivia de esmolas.

Mas deve estar cheio de dinheiro para viver na cidade velha.

É um homem honesto e que trabalha muito retorquiou Lilly, a defendê-lo.

Não estou a criticar o seu amigo, menina. Apenas o invejo retorquiou Gottling. Volveu os olhos para Craig. Não vale de nada inquietar-se dessa maneira, amigo. Estamos a fazer tudo o que é possível. Deixe a coisa correr por si. É assim que se faz com as úlceras. Vejamos o que diz o Daranyi.

Gottling falou de novo, em sueco, com Lilly, e Craig voltou a embrenhar-se nos seus pensamentos. Sentia um medo pavoroso ao lembrar-se de Emily e de Walther. Menos intenso pelo que respeitava a Walther, que nunca vira, que não tinha realidade para

ele, que era um fantasma. Na verdade, pensava apenas em Emily. Tentou vê-la em imaginação, os seus cabelos negros e encaracolados, os olhos verdes, a expressão virginal, e recordou-se da repugnância que lhe causavam os homens e a violência. Neste momento, a despeito das afirmações de Gottling, a apreensão que sentia por não saber o lugar onde ela se encontrava, por ignorar quem estaria junto dela, o que estaria em jogo no meio de tudo aquilo, minava o cérebro de Craig como um ácido.

Gottling fazia chiar o Volvo nas curvas apertadas das ruas da cidade velha e, de passagem, Craig conseguiu ler o nome de uma delas: Vásterlanggatan.

Lilly ia sentada na beira do banco de trás e a sua mão apontou como uma seta por entre as cabeças de Craig e de Gottling.

É ali disse ela , logo adiante da travessa onde... faltou-lhe a respiração onde está parada a ambulância.

Craig olhou pelo pára-brisas. Lá estava a ambulância, que a princípio julgara ser uma furgoneta, encostada ao passeio. Via-se um grupo de curiosos, novos e velhos, reunidos à volta dela, em curiosa expectativa.

Gottling aproximou-se do passeio em frente da Rua Marten Trotzig, travou e desligou o carro.

Que aconteceu? exclamou Lilly. Acha que se passa qualquer coisa de anormal?

Os três saltaram imediatamente do carro, atravessaram a rua, com Lilly a correr direita à ambulância. Quando Craig a alcançou, já a rapariga conversava baixo, em sueco, com o motorista vestido de branco e com o ajudante deste, que fumavam, encostados à grade.

A multidão dos espectadores comprimia-se em redor de Lilly e

dos dois homens, a fim de conseguirem perceber o que estes diziam.

Craig abriu caminho até junto de Lilly.

Que foi, Lilly? < A rapariga parecia nervosíssima.

É horrível, Mr. Craig. Sempre receei que isto viesse a acontecer um dia. Daranyi apanhou uma porção de facadas e está lá dentro um médico a tratá-lo.

Mas como foi isso?

Oh, eles não sabem.

E está mal?

Venha depressa comigo.

Lilly pegou na mão de Craig e a multidão afastou-se para os deixar passar. Ao vê-los correr para o prédio de apartamentos, Gottling chamou-os, dizendo que ficava ali à espera. Craig agradeceu com um gesto e seguiu Lilly.

Na sala de estar de Daranyi, um compartimento bem arrumado, nitidamente masculino, com um cunho de Europa Central, Craig encontrou quatro pessoas sentadas. Lilly dirigiu-se a uma mulher forte e de meia-idade, a governanta, segundo apurou depois. A rapariga começara a chorar e a mulher respondia-lhe num tom quase inaudível.

Que se passa, Lilly?

Ele está muito mal, Mr. Craig. Foi atacado na rua, há coisa de meia hora, e o doutor está a examiná-lo. Tenho de o ir ver, Mr. Craig.

Tenho de saber a verdade acerca do seu estado. Pobre Daranyi...

Deixou Craig e dirigiu-se à porta do quarto. Fez girar o fecho suavemente e entrou.

Uma voz, lá atrás, chamou por Craig.

Olá, Mr. Craig.

Este girou nos calcanhares e deu com Sue Wiley sentada numa cadeira de couro.

Que faz o senhor por aqui? inquiriu.

Isso pergunto eu!

Estou a morrer aos poucos. Estou arrasada! declarou ela, com os olhos a piscar e um gesto de mãos de quem se sente exausta.

Podia lá imaginar uma coisa destas. Quer saber pormenores?

Craig puxou uma cadeira e sentou-se ao pé dela.

Ignorava que você conhecesse o Daranyi.

Tínhamos feito uma combinação respondeu Sue Wiley.

Mas isso não vem agora ao caso. Digamos que estávamos ambos interessados em colher um certo número de informações, vindo daí o nosso conhecimento. Seja como for, esta tarde, ao lembrar-me da cerimónia da entrega dos Prêmios, pensei que poderiam ser-me úteis alguns pormenores acerca de outras funções idênticas do passado. E visto que Daranyi é historiador...

Historiador?!

Ela fitou Craig, de olhos arregalados.

Então não é?

Sim, talvez seja. E que aconteceu?

Resolvi vir entrevistá-lo antes de voltar ao hotel para me vestir, antes da grande função. Tomei um táxi, mandei-o esperar, bati à porta, mas ninguém atendeu. Ia-me já embora, estava mesmo na rua, e vi-o descer o passeio. Comecei a chamá-lo, mas, mal tinha aberto a boca, bumba!

O quê?

Saltaram sobre ele dois bandidos em pleno dia, note bem!

Calculo que estavam escondidos naquela viela estreita. Um agarrou-o pela frente, outro por trás. O mais forte, que estava na frente, pôs-lhe a mão na boca. O outro ergueu uma lâmina, uma faca, um punhal ou coisa parecida, e começou a espetá-la no Daranyi. Oh, meu Deus!

Eu fiquei espedada no passeio, absolutamente petrificada. Depois desatei a berrar. «Assassinos! Assassinos!» E então foi a vez de eles ficarem petrificados, como sucedera a mim! Até que se puseram a

fugir como loucos. Quanto ao Daranyi, estava estatelado no passeio. Até parecia uma foca morta. Nesta altura, a rua encheu-se de gente, enquanto o motorista do meu táxi ia chamar os polícias.

Craig, no seu íntimo, perguntava: «Porque teriam feito isto ao Daranyi?

Haveria qualquer ligação com a intriga do Eckart?» Sentia que estava a seguir a boa pista, mas depois, com um aperto no coração, pensou se não seria demasiado tarde.

Você reconheceu algum dos assaltantes?

Não. Pareceram-me um par de bandidos, segundo pude observar.

Traziam vestidos uns camisolões grossos e deformados, um deles de gola alta. Os polícias já andam na viela, à procura de indícios. E aqui está a Sue Wiley promovida à categoria de testemunha número um.

Você pretende fazer disto uma reportagem?

Que espécie de reportagem? Um historiador pelintra que é assaltado por dois meliantes para lhe roubarem o relógio? Ora bolas!

Estou ansiosa por que me deixem sair daqui para fora. Logo no dia de hoje! Mas os malditos polícias querem que eu fique ainda durante algum tempo. É certo que tenho pena do húngaro. Oxalá escape. Mas o senhor é muito esperto, Mr. Craig. A quem eu devia entrevistar era a si, e afinal eu é que tenho estado a falar. Quem era aquela loura que vinha de mão dada consigo?

É filha de um amigo meu do Wisconsin respondeu Craig.

Foi através dela que conheci o Daranyi.

É uma história verosímil.

Precisamente tornou Craig. Uma história verosímil.

A porta do quarto abriu-se e, antes que alguém saísse, Craig já se pusera de pé. O médico, um homem amável e de cabelos prematuramente brancos, com a sua inevitável maleta de cabedal preto, saiu do 692

quarto, sempre a falar em sueco com Lilly, que lhe bebia as palavras.

Depois calou-se e saiu da saleta. Lilly chamou Craig com um aceno da mão e este foi ter com ela.

Vão levá-lo na maca. Pode falar agora durante um momento.

Como está ele? inquiriu Craig, preocupado.

Deve escapar. Apunhalaram-no três vezes, mas nenhum órgão foi atingido porque ele lutou quando tentaram matá-lo. Não deve ser preciso nenhuma intervenção cirúrgica importante, creio eu.

Lilly voltou a entrar no quarto, e Craig seguiu-a, fechando a porta, para se ocultar dos olhares de Sue Wiley.

A cama de cobre, antiga, estava polida pelo uso. No meio desta, o corpo de Daranyi erguia os cobertores. Estava deitado de bruços, com os braços para cima, a cabeça de lado, pousada entre eles. O seu rosto ficou voltado para Craig. Contemplava os visitantes com as pupilas pasmadas e sem vida.

Craig sentou-se numa cadeira, junto do leito. Lilly ajoelhou-se no chão, ao lado. Ansiosamente, disse a Craig: Fale pouco. Embora os ferimentos não sejam graves, ele está fraco e tem muitas dores. Vá direito ao fim. Eu já lhe contei que Emily está neste momento junto do pai e o que eles pretendem do professor Stratman. Não tenho a certeza se percebeu tudo, mas...

Daranyi fez ouvir um murmúrio, meio protesto, meio gemido.

Sim, Lilly. Eu percebi...

Ele diz que já sabe tudo disse Lilly a Craig, muito excitada.

Craig inclinou-se sobre a face dolorosa que repousava no travesseiro.

Daranyi, está a ouvir-me? Só disponho de uma hora. Um homem chamado Eckart trouxe para aqui o irmão de Max Stratman, que se julgava ter sido morto pelos Russos há muito tempo. Mas está vivo, encontra-se algures, nesta cidade, e querem obrigar o professor...

Compreendo...

Já ouviu alguma vez falar num homem chamado Hans Eckart?
Já retorquiu Daranyi imediatamente, num tom quase profissional.

É um físico alemão, de Berlim Leste. Almoçou com o professor Stratman no dia cinco de Dezembro.

Sabe mais alguma coisa?

Não... nada.

Daranyi, você disseme um dia que tinha negócios com uma pessoa relacionada com os Prêmios Nobel. E a Lilly informou-me de que você andava a investigar certas coisas a nosso respeito, os laureados deste ano.

Daranyi fechou os olhos e gemeu entre as almofadas.

Sim, andei em negociações. Permaneceu de olhos fechados e, sob os cobertores, o seu corpo estremeceu num espasmo doloroso.

Lilly estendeu imediatamente a mão e tocou-lhe.

Está com muitas dores? Já falou de mais. Não deve...

693

Daranyi descerrou as pálpebras e o seu olhar mostrou-se mais vivo e irritado.

Cala-te, Lilly! Não posso ter uma contracção de dor como qualquer mortal? Volveu de novo os olhos para Craig. Até aqui, pouco disse, mas vou contar o resto. Craig, estas feridas que me fizeram na carne nada representam. O verdadeiro golpe sofreu-o o meu orgulho profissional. Trabalhei nisto durante anos. Já lho disse. Sempre me trataram dignamente e com respeito, como qualquer funcionário cumpridor dos seus deveres. Desta vez, porém, fui insultado. Insultado.

Executei com o maior zelo uma tarefa, dei tantas informações de boa fé, e afinal fui pago, não com o salário que pedi, mas com uma agressão. Nunca perderei esta infâmia. Já que me não deram o dinheiro, hei-de vingar-me. Craig, espero que o senhor possa ajudar-me.

Não desejo outra coisa.

Bem. Daranyi tentou erguer a cabeça da almofada, gemeu e deixou-a cair de novo. Respirou fundo, a custo, e prosseguiu: Craig, que ouviu o senhor nessa fita gravada? Que dizia o Eckart? Que dizia a rapariga? Não omita nenhum pormenor.

Falando com rapidez e precisão, Craig reproduziu, tão fielmente quanto lho permitia a memória, as palavras da fita gravada. Ao terminar, pensou que Daranyi não o ouvira, pois parecia estar inconsciente ou a dormir. Mas, de súbito, falou.

Walther Stratman foi conhecido pelo nome de Kurt Lipski durante estes anos todos? Era isso que dizia a voz?

Exactamente.

A cabeça sobre a almofada moveu-se, como que a confirmar qualquer pensamento íntimo. Os olhos de Daranyi abriram-se completamente.

Sim declarou calmamente , então é isso. Fui eu quem lhes deu a informação acerca de Lipski, o indício de que essa pessoa era Walther e continuava vivo. Eles não faziam a menor ideia acerca da existência desse tal Lipski nem do interesse que esse homem tinha por Miss Stratman até eu desencantar tudo isso. - Contraíu-se.

E está a ver como eles me pagaram essa informação. O seu rosto traduziu angústia. As dores que me causaram...

Lilly agarrou no braço de Craig.

Mr. Craig, ele está tão pálido. Não deve falar mais. Vai desmaiar. Pelo amor de Deus...

Espere aí respondeu Craig, repelindo-lhe a mão e voltando-se de novo para a cama. Daranyi, peço-lhe por tudo. diga-me, enquanto pode, a quem transmitiu o senhor essas informações. Quem quer que seja, essa pessoa está por detrás de tudo isto e é responsável pela vinda de Walther. Diga-me: quem é?

A ideia da vingança deu ainda a Daranyi forças para prosseguir.

O doutor Adolf Krantz... Ele combinara comigo... foi ele quem
694

recebeu as informações... e pagou-me assim... Eu dei-lhe as
fotocópias...

acerca de Emily Stratman... e... e de Ravensbruck... e também a
respeito do trabalho de Lipski... na Rússia... e agora...

A respiração do homem tornava-se difícil. É a ele... Krantz... que é
preciso encontrar... ele...

A voz extinguiu-se, as pálpebras desceram sobre os olhos.

Daranyi suplicou Craig. . '

Lilly segurou-lhe o braço.

Já sabe tudo o que deseja.

Sim, mas...

A porta abriu-se por detrás deles e entraram os dois maqueiros,
juntamente com o médico.-

Eu só queria perguntar-lhe disse ainda Craig, desolado o que
representava Ravensbruck no meio de tudo isto.

Craig afastou-se e o médico tomou o lugar dele para observar
Daranyi.

O doente perdeu os sentidos declarou ele, sem se dirigir a
ninguém em particular. Vamos transportá-lo para o hospital. Não se
apoquentem. As feridas são superficiais. Olhou para Craig com
curiosidade. Conseguiu o que pretendia?

Acho que sim retorquiu este. Sim, já sei o que queria.

E, perdido nos seus pensamentos, a tentar encontrar o fio da
meada, Craig saiu para a saleta com Lilly, sem fazer caso de Sue
Wiley, e passou à casa de entrada.

É o Krantz? perguntou a rapariga em voz baixa.

Krantz, sim confirmou Craig.

Eu tenho de ficar com o Daranyi disse ela. Vá você procurar
Krantz e Emily. Não se exponha demasiado. Recorra à Polícia...

Craig segurou as mãos de Lilly.

Quando souber alguma coisa de novo acerca de Daranyi, telefone-me para a Sala de Concertos, antes das seis e meia. De contrário...

Dar-lhe-ei notícias, Mr. Craig.

Este acenou com a cabeça e correu para a escuridão gelada lá de fora. Os basbaques continuavam ainda ali, cheios de curiosidade, e a ambulância esperava, com as duas portas de trás escancaradas. No outro lado da rua, Craig avistou Gunnar Gottling, ao volante da station.

Logo que entrou, Craig disse: Temos o nosso homem.

Diga lá.

Carl Adolf Krantz.

Mesmo Gottling, cuja expressão, quase sempre arrogante, nunca revelava surpresa, pareceu espantado.

Krantz? Sempre me pareceu que aquele rato era germanófilo 695 e inimigo da raça humana, mas julgava-o demasiado orgulhoso da sua posição, um membro do júri do Prémio Nobel, para descer a uma coisa destas. Trata-se então de Krantz? Tem a certeza?

O Daranyi afirmou-o categoricamente. Krantz contratara-o para espiar os laureados deste ano, mas parece que as únicas pessoas que interessavam eram o professor Stratman e a sobrinha. Pretendia ele saber qualquer coisa sobre os Stratman que fosse susceptível de levar o professor Stratman a passar-se para o lado deles. Daranyi conseguiu obter uma informação que só foi transmitida a Krantz, sendo ele, portanto, a única pessoa a poder utilizá-la, e a chave dessa informação encontrava-se na fita gravada.

Então deve ser verdade, diabos o levem! respondeu Gottling.

Mas aposto a minha cabeça em como não é só o Krantz quem maneja tudo isto. Não tem tomates para isso. Se um podengo lhe ladra às botas, ele trepa logo para cima de uma árvore. Isso está claro como água. O tipo é uma raposa velha. Deve existir alguém por trás dele.

Craig mexeu-se, aborrecido.

Não estou interessado em coscuvilhices. Não me importa saber quem é o responsável. Só pretendo encontrar a Emily e o pai. Daranyi diz que é o Krantz... portanto deve ser o Krantz.

Calma, homem! Que horas são?

Quatro e dez.

Então é melhor não perder tempo. Se não me engano, dentro de dez ou quinze minutos devem estar todos a caminho da Sala de Concertos. Pôs a station em movimento. Talvez encontremos o Krantz ainda em casa, a vestir-se.

Sabe onde ele mora?

Oh, quem é que o não sabe em Estocolmo? Era a única varanda em toda a cidade que ostentava a cruz suástica!

Gottling falara de dez ou quinze minutos, mas agora conduzia o Volvo através das ruas da cidade velha como se dispusesse apenas de um. Passaram em frente das alegres montras do Natal e da gigantesca árvore engalanada para as festas, pela Câmara Municipal, na Praça de Stortorget. Atravessaram a ponte iluminada, seguiram ao longo do sinuoso canal e, por não estar habituado a rodar pela esquerda, Craig sentiu sérios receios de nunca chegar a ver Krantz... e Emily.

Após uma curva apertada, entraram numa rua aprazível, que ficava situada entre o canal Mälaren e uma fila de apartamentos caros, vendo-se à frente destes uma fileira de automóveis pequenos, que brilhavam à luz dos candeeiros de iluminação.

Norr Målarstrand disse Gottling.

Ao aproximarem-se do seu destino, Gottling abrandou a marcha e inclinou a cabeça, a espreitar pela frente de Craig, através da janela da direita, procurando localizar o apartamento de Krantz.

Craig pensava no membro do júri do Prêmio Nobel com quem se

696

iam encontrar. Poucas vezes o voltara a ver desde que haviam chegado a Estocolmo. O cientista sueco tinha sido encarregado de acompanhar os Marceau, Garrett, Farelli e Stratman. Ingrid Pahl e Jacobsson haviam recebido o laureado da Literatura. No entanto, Craig recordava-se perfeitamente de Krantz: um homem feio, atarracado, com um focinho de porco, bigode em escova e uma barbicha: enfim, uma personagem repugnante. Craig não tinha traçado nenhum plano de acção para quando se encontrasse em frente daquele maldito gnomo, mas sentia agora a raiva crescer dentro de si e sabia que era capaz de matar Krantz, se isso fosse necessário, para lhe arrancar qualquer informação acerca de Emily Stratman ou do pai.

Apanhámo-lo por pouco murmurou Gottling.

Onde é?

No quinto apartamento, para baixo. Está ali à espera a limousine oficial.

Passaram lentamente junto do carro e, através do pára-brisas do Volvo, Craig avistou uma figura alentada, com boné de motorista, a passear na área iluminada, com as mãos enluvadas atrás das costas, à espera de Krantz.

Vá arrumar o carro disse Craig secamente. Eu trato do Krantz.

Se precisar de ajuda...

Não há-de ser necessário respondeu Craig.

Atravessou a rua, esgueirou-se por entre os pára-choques de dois automóveis estacionados em frente da casa, chegou ao passeio, quase a correr, e aproximou-se da entrada do prédio cor de laranja, com as varandas cobertas que lembravam guaritas militares.

Afrouxou o passo ao verificar que o motorista o observava com a apreensão que geralmente nos causa uma pessoa a correr no escuro.

Craig, parando, perguntou-lhe: Está à espera do doutor Krantz?

O homem pareceu desinteressado.

Estou, sim senhor.

Eu preciso de falar com ele antes que saia. Qual é o seu apartamento?

No quarto andar.

Craig entrou no edifício, a respirar profundamente. O moderno elevador encontrava-se no rés-do-chão. Ao penetrar nele e enquanto se dirigia para o quarto andar, Craig tentava conter a impaciência e a fúria, enquanto pensava no que havia de dizer à laia de introdução.

Mas de súbito o elevador chegou ao seu destino.

Quase sem dar por isso, Craig encontrou-se diante da porta do apartamento, a premir com o dedo o botão da campainha, depois a bater imperiosamente. A porta abriu-se logo e surgiu, muito tesa, uma governanta com ar rebarbativo. A sua corpulência enchia toda a largura

da porta e o bigode que lhe crescia sobre o lábio prendeu durante um momento a atenção de Craig.

Que deseja? inquiriu ela com maus modos.

Falar com o doutor Krantz... imediatamente.

A mulher abanou a cabeça.

Impossível. Ele está a vestir-se para...

É urgente! - Craig empurrou-a e penetrou no vestíbulo.

Ela agarrou-lhe a manga do casaco.

Ora esta! Quem é o senhor?

Craig afastou-a com violência, à procura da porta que o levaria até junto do dono da casa.

Onde está ele?

Cheia de nervoso, a mulher gritava: Doutor Krantz! Doutor Krantz! Faça favor...!

Ouviram-se passos à esquerda e a voz dura de Krantz inquiriu: Mas que diabo... mas que diabo... que vem a ser toda esta barulheira, Usa?

Penetrou no vestíbulo com ar agressivo. Durante um momento, Craig sentiu-se intimidado pela aparência do homenzinho, tão

ridículo e cerimonioso, de cartola de seda e metido num sobretudo com bandas de veludo. Como poderia esta pequena figura ser o autor de conspirações, o temível inimigo que procurava?

Ao aproximar-se, a contrariedade desapareceu do rosto de Krantz, ao reconhecer o visitante.

O quê? É Mr. Craig? Porque está aqui? Julgava-o já na Sala dos Concertos!

Não me fale agora na Sala dos Concertos. Primeiro que tudo, preciso de ter consigo uma conversa particular.

O tom de Craig, a sua voz trémula de cólera, pareceram surpreender Krantz. No seu íntimo travava-se uma luta entre a hospitalidade e o receio. Ficou muito quieto e dirigiu-se à mulher que se encontrava atrás de Craig.

Podes retirar-te, Usa.

A criada passou rente a Craig, dando-lhe um ligeiro encontrão, para manifestar o seu desagrado pela maneira como este se introduzira dentro de casa, e depois desapareceu no interior do apartamento.

Krantz fez um gesto com a mão.

Vamos conversar para a sala. Tenho muito pouco tempo. O meu motorista...

Craig estava já a meio do aposento, e voltou-se para enfrentar o dono da casa. O seu primeiro impulso fora agarrar Krantz pelas bandas do sobretudo e sacar-lhe à força as informações que desejava. Mas, de certo modo, o ambiente familiar da sala antiga, os velhos móveis de castanho, os naperons de renda (sobretudo os naperons), repeliavam a violência. Aquela casa pertencia a um homem e ele vinha perturbar-698

-lhe a paz. Mas, ao ver Krantz aproximar-se, a finalidade que ali o levava tornou-se mais concreta e sentiu de novo crescer dentro de si a cólera.

Krantz não o mandou sentar nem se sentou, como que a dar-lhe a entender que a entrevista tinha de ser breve e não era nada oportuna.

Parece perturbado, Mr. Craig. Aconteceu alguma coisa...

Adivinhou respondeu este. Vim aqui para lhe dizer que o senhor é um canalha e um chantagista e que eu descobri tudo.

A palavra «agressão» atravessou a mente de Krantz como se fosse uma dor física, e este ficou com os olhitos aterrados, o bigode e a pêra a aproximarem-se e a afastarem-se, a cartola a deslizar para o lado, sobre o cabelo oleoso. Apesar do choque que sofrera, endireitou a cartola e tentou conservar a dignidade.

Mr. Craig, não compreendo essa linguagem...

Eu disse que o senhor era um chantagista e que estava descoberto.

Não tenho palavras para o classificar, nada encontro de suficientemente sujo e baixo.

Krantz lutava para se dominar, mas o bigode e a barbicha continuavam a agitar-se.

Que quer isso dizer, Mr. Craig? Uma brincadeirinha à moda americana? Ou estará o senhor bêbado? Não me admiraria nada que assim fosse. Todos sabem que o senhor bebe. Não admito uma linguagem dessas na minha própria casa.

Craig dirigiu-se para ele, com os músculos dos antebraços preparados para o ataque.

O senhor tem muita sorte em o ter agredido apenas com palavras.

Devia matá-lo!

Krantz recuava em direcção à parede.

Não me toque. Vá-se embora ou chamo a Usa, ou a Polícia!

Chamaremos ambos a Polícia retorquiu Craig, dominando-se , a não ser que o senhor me diga onde meteu Emily Stratman e Walther Stratman.

Krantz pareceu esvaziar-se como um balão, ficando mais pequeno ainda.

O senhor está a delirar! Que história vem a ser essa?

Estou a falar-lhe dos Stratman e daquilo que o senhor lhes fez.

Sabe isso muito bem. Está tudo descoberto, seu canalha! Tudo! Eu interceptei a mensagem gravada que você mandou ao professor Stratman.

Ouvi toda aquela história infame. Que você foi descobrir o pai de Emily Stratman e o trouxe para aqui e o tem sequestrado juntamente com Emily, para conseguir deitar a mão ao professor Stratman, com o fim de o levar para além da Cortina...

Histórias da Carochinha! berrou Krantz. Tudo isso são histórias da Carochinha! Onde foi você inventar semelhantes mentiras?

699

É o seu amigo Eckart quem as conta na fita gravada que enviou...

Prove-o. Mostre-me essa fita.

Pela primeira vez, Craig sentiu que se aproximava da verdade.

Sim, Krantz. Nós sabemos ambos que não posso mostrar-lhe a fita. Mas também não preciso dela. Tenho uma prova melhor. Tenho o Nicholas Daranyi.

Krantz encostou-se à parede e fingiu sentir-se aliviado.

Ah, então é isso! Você deu ouvidos ao palerma desse húngaro.

Pois bem, escute...

Craig abanou a cabeça.

Não. Krantz, você é que tem que me ouvir. A estas horas, Daranyi está no hospital. Em lugar de lhe pagar os seus serviços, você mandou os seus sequazes esfaqueá-lo. Mas numa coisa se enganou. Contava que ele morresse.

Krantz ficou sem fala, encostado à parede, com as palmas das mãos abertas de encontro a esta, para se apoiar. O seu rosto revelava a mais profunda estupefacção perante tal notícia.

Eles... eles tentaram matar o Daranyi?

Na rua, em frente da casa dele. À facada. Ele vai ser operado. Mas os golpes não são profundos. Há-de escapar e terá muitas coisas para dizer.

Krantz não conseguia acreditar no que ouvia.

Assaltaram o Daranyi? Não pode ser, não acredito!

Nem é preciso acreditar. Basta que veja com os seus olhos. Quer vir comigo ao hospital? Pode então, juntamente com o Daranyi, ter uma conferência com as autoridades...

Craig calou-se. Viu que nada mais era necessário. Krantz parecia ter engolido a mistura de líquido branco e pós vermelhos do Dr. Jekyll.

O seu rosto passara por todas as transformações, desde a indignação à desconfiança, até à abdicação e, por fim, à derrota.

Não! Espere dizia ele num ganido. Você não compreende que eu nada tenho a ver com o Daranyi, nem com a violência. Nunca pensei que eles pudessem chegar a esses extremos... é horrível!

Tentava rapidamente descartar-se dos seus antigos camaradas, para tentar arranjar este novo aliado. Nada tenho a ver com isso, pode estar certo!

Só estou certo de uma coisa: Emily e Walther Stratman estão retidos em qualquer parte... e Walther será posto em liberdade com a condição de o professor Stratman desertar. E Daranyi diz que o responsável é o senhor.

É falso atribuir-me tal responsabilidade. Daranyi só sabe metade.

Eu nunca seria capaz de ir tão longe.

Já foi longe de mais. Está no meio e vai ser esmagado.

Não... não! Krantz torcia as mãos, fitando os pés de Craig, suplicante, sabujo, a tentar justificar-se. Craig, seja tolerante, ouça-me. Eu nunca teria entrado nisto se adivinhasse as consequências...

Ergueu para Craig os olhos de rafeiro. Tenha compaixão e tente compreender o que me aconteceu.

Craig esperava, de rosto empedernido.

Krantz prosseguiu, como se tentasse, em última instância, conquistar a compaixão de um júri: Após a guerra, eu era considerado *persona non grata*, pois fora adepto da parte vencida. Aqui, temos de estar sempre com os vencedores, e eles preteriram-me sempre em todos os cargos universitários a que eu tinha direito. Puseram-me de parte, a mim, o melhor físico da Suécia, apesar do meu merecimento e da posição que ocupo na Fundação Nobel. Foi então que apareceu o Eckart, no momento em que me sentia mais desanimado, e me ofereceu...

Eu ouvi a voz do Eckart. Diga-me quem ele é.

O homem que engendrou tudo isto. O director da Universidade Humboldt, de Berlim Leste. Ele conhecia todos os meus trabalhos e a maneira injusta como fora aqui perseguido. Veio oferecer-me uma posição brilhante, mas, primeiro, exigia de mim um favor.

Disse-me que queria encontrar-se com Stratman aqui em Estocolmo, num ambiente neutro, para lhe fazer uma proposta. Graças à minha influência, consegui que o Stratman fosse premiado e viesse aqui, encontrando-se deste modo com Eckart. Mas o Stratman não queria nada com os Alemães nem com os comunistas. Então Eckart começou a acenar-me com o lugar como se fosse uma isca, fazendo-me repetidas vezes pedidos inofensivos. Levou-me a contratar Daranyi para que este conseguisse informações acerca do Stratman e da sobrinha.

Eu não fazia ideia do uso que ele poderia fazer de tais informações.

Só esta manhã tive um pequeno indício, mas não pude acreditar que fosse possível.

Que se passou esta manhã?

O doutor Eckart telefonou-me e disse que, através das informações fornecidas pelo Daranyi, descobrira que o irmão do professor Stratman se encontrava vivo na Rússia. Convencera os

Russos a enviarem para aqui o Walther, a fim de este ser trocado pelo Max. Fiquei aflito. Nunca imaginaria que Eckart pudesse utilizar desse modo as informações que eu lhe obtivera. Quisera-as, segundo me afirmara, como um simples meio para quebrar a resistência de Stratman. Nunca pensei que chegasse ao ponto de fazer chantagem com elas. Mas, infelizmente, assim era. Por isso, quando Eckart me pediu que fosse buscar o Stratman para o levar junto do irmão, recusei-me a cooperar com ele. Disselhe qual era a minha posição e que não estava disposto a arriscar-me mais. Tenho de confessar que o Eckart se mostrou razoável.

Disse que procuraria ele próprio encontrar-se com Stratman. Mais tarde, informou-me pessoalmente de que, para economizar tempo, fora buscar Emily e a reunira com o pai. Apresentou-me Walther. Disse 701

qualquer coisa acerca de uma fita gravada. Posso afirmar-lhe, Craig, e não tenho necessidade nenhuma de mentir, que ele me prometeu não exercer a mínima violência sobre a sobrinha ou sobre Stratman ou qualquer pessoa envolvida neste caso. Mas coitado do Daranyi...

esta tentativa de assassinio... juro-lhe que ignorava tudo a esse respeito, até você aqui entrar. Isto é de mais. Já não me interessa, nestas condições, o contrato para a Universidade. Devia ir a bordo outra vez logo à noite para o assinar, mas assim...

Craig observava Krantz atentamente, para discernir até que ponto ele era sincero, e, por fim, muito embora detestasse aquele gnomo servil, acabara por o acreditar.

O barco! exclamou Craig. É então aí que se encontram todos, num barco, no canal?

Todos, não; Eckart está na cidade, em casa de... de uns amigos, para assistir à entrega dos Prêmios pela televisão, a fim de ver o Stratman anunciar a sua desistência.

Mas a Emily e o Walther?

Esses estão a bordo. O barco está guardado, claro.

Craig sentiu-se excitado com a aproximação do seu objectivo. E insistiu: Diga-me onde se encontra o barco.

Os olhinhos minúsculos de Krantz traduziram o seu pavor.

Para quê?

Para que eu possa informar a Polícia de Segurança. Eles cercam o barco e conseguiremos assim deitar a mão a Walther e a Emily sem mais complicações...

Não! interrompeu Krantz. Não, isso é impossível, Craig.

A Polícia, não. Rebutaria um escândalo e seria a minha ruína total.

Se não me disser, também não escapa, pode crer.

Não me importo. Arrisco-me. É a minha palavra contra a de Daranyi. Mas meter nisto a Polícia, nunca!

O instinto de Craig dizia-lhe que não se devia apertar de mais com um animal encurralado. Fora o mais longe que podia ir com Krantz e tinha de tirar proveito dele dentro dos limites possíveis.

Portanto, abrandou a pressão.

Pois bem. Ponhamos então de parte a Polícia. Não lhe peço que me diga onde eles estão. Mas leve-me lá para que possa ver se a Emily está bem.

Ela encontra-se em segurança.

E Walther? Quero vê-lo também e falar-lhe, para ver se o convenço a desembrulhar esta meada.

Só isso? Nada mais?

Que mais poderia eu fazer? Estou sozinho. Você diz que o barco está guardado. Se nos deixarem passar...

Krantz assentiu.

702

Sim, isso não constituiria problema. Mas, pense bem, Craig. Se eu o levar lá, e uma vez que você fique a conhecer o local, tem de permanecer a bordo durante muito tempo, pelo menos até se

efectuar a troca, ou talvez até o barco mudar de sítio, portanto não conte...

Eu queria apenas falar com Walther durante uns minutos.

Krantz afastou-se da parede, visivelmente nervoso. A sua cartola oscilava. Tinha os lábios cobertos de pêlos esticados para a frente.

E se eu fizer isso, o senhor não me acusa depois?

Craig contemplou com nojo aquele ser mesquinho.

Não prometo nada. Afirmo-lhe apenas que, caso o senhor recuse, o levarei perante as autoridades. Se me conduzir ao barco, então veremos. Tem ao menos um acto positivo a seu favor.

Krantz não hesitou mais.

Vou levá-lo ao barco.

Seguiu com Craig até ao elevador. Nenhum deles falou pelo caminho.

Ao chegarem ao rés-do-chão, Krantz pareceu lembrar-se de uma coisa e quebrou o silêncio.

Tem de me dizer se está sozinho.

Não. Vim no carro de um amigo.

Mande-o embora. Não pode vir mais ninguém. Só com essa condição. Apenas nós dois.

Craig concordou imediatamente.

Seja. Mas lembre-se disto. O meu amigo pode não conhecer o meu paradeiro, mas, se me suceder algum percalço, sabe onde o encontrar a si.

Bem, bem. com isso não me preocupo.

Saíram para o frio da rua. O alentado motorista abriu a porta de trás e ficou à espera. Craig olhou para um lado e para outro, até que avistou à esquerda a station de Gottling e este a fazer-lhe sinal, meio erguido no assento.

É só um instante disse Craig a Krantz.

Foi reunir-se a Gottling, separado deles por quatro carros estacionados.

Que aconteceu? quis saber o sueco.

Está tudo arrumado, meu amigo. Ele falou logo. Concordou em conduzir-me junto dos Stratman, com a condição de ir só.

Gottling arranhou uma sobrancelha hirsuta e apontou os olhos raiados de sangue na direcção de Krantz.

Isso não me agrada nada, Craig confessou por fim. Desconfio muito daquela velha raposa.

Eu já o avisei de que, se eu não aparecer tão cedo, você vai contar tudo ao Jacobsson.

Mas, se você já não for vivo, de que vale isso?

Gottling, eu vou apenas ter uma conversa curta com um velhote simpático e depois venho-me embora. Se conseguir o que pretendo, 703

ele partirá também, noutra direcção. Se eu perder a partida... então terei de contar tudo ao professor Stratman, e será a vez de ele jogar.

Desejo-lhe felicidades com esses canalhas respondeu Gottling.

Craig ia já a afastar-se, mas deteve-se.

E não lhe passe pela cabeça ir atrás de nós. Estragaria tudo.

Julgame assim tão burro? Vou daqui para casa, pôr-me ao quente, a beber whisky e a ver, na televisão, o seu lugar vazio na cerimónia.

Craig voltou para junto da entrada do prédio, onde Krantz o esperava, apreensivo, a deitar baforadas de vapor pelo nariz.

Ele não virá atrás de nós?

Não. Pode certificar-se.

Temos de ir depressa, por causa da cerimónia...

Krantz ia para entrar para a parte de trás da limousine, mas retirou-se prudentemente. Falou em sueco com o motorista. Este parecia protestar, mas Krantz teimava. com um encolher de ombros, o homem fechou a porta de trás e foi abrir a da frente.

Acho melhor não o levarmos explicou Krantz. Vou eu a guiar. Sente-se no banco da frente.

Enquanto Krantz se sentava ao volante, Craig deu a volta ao carro e avistou Gottling lá adiante, no passeio. Entrou para a limousine e deixou-se cair no banco fofo. Krantz, que mal conseguia ver o pára-brisas por detrás do volante, pusera já o motor da limousine oficial a trabalhar.

Krantz fez o carro descrever uma curva em U, irregular, e depois seguiram em frente. Diante deles estendia-se a Norr Malarstrans, àquela hora com pouco trânsito. Krantz carregou no acelerador e o carro adquiriu velocidade. Craig ia observando o conta-quilómetros: noventa à hora. Automaticamente, fez as contas: cinquenta e seis milhas.

bom, pensou consigo. Krantz tinha tanta pressa como ele de acabar com aquilo o mais depressa possível.

Em que direcção seguimos? inquiriu Craig.

Os olhos de Krantz trespassaram-no, como se quisesse adivinhar se a pergunta encerrava qualquer artimanha.

Falo de uma maneira geral acrescentou Craig. Eu nunca conseguiria localizar o ponto exacto em que se encontra esse maldito barco.

Palsundet respondeu Krantz.

Fica longe?

É a secção do canal que fica mesmo diante de nós, entre o cais de Sodra e Langholmen, a quinze minutos de caminho, se as ruas estiverem desimpedidas, vinte ou talvez mais, no caso de o trânsito estar complicado na Ponte de Våsterbron. Palsundet é uma das belas zonas da cidade. Muitas famílias ricas têm aqui ancorados os seus iates ou pequenas embarcações. Krantz calou-se, com o pé no travão. Uma 704

fila de carros e um eléctrico obstruíam a rua, à distância de um quarteirão, cortando-lhes o caminho.

Krantz resmungou qualquer coisa em sueco.

É aqui que voltamos, à esquerda, sobre o Vasterbron, e está tudo cheio de carros.

Ao chegarem junto do engarrafamento, enquanto Krantz se servia do tamanho da limousine para forçar a passagem, o pensamento de Craig voltou aos acontecimentos que o haviam conduzido até ali.

Gostava que me informasse ainda de uma coisa, Krantz disse ele. É acerca do pai da Emily, Walther Stratman. Ele tinha sido dado como morto. Mas é claro que o Eckart sabia perfeitamente que estava vivo.

Não, não é bem assim respondeu Krantz. O doutor Eckart achou sempre estranho que Walther fosse dado como desaparecido e não existissem provas da sua morte. No entanto, aceitava esta versão legal. Foi assim que o caso se apresentava até ontem.

E que se passou depois?

O Daranyi veio comunicar-me o resultado das suas investigações acerca dos laureados e das suas famílias. Eu transmitias ao doutor Eckart. Tenho de confessar que, apesar de todos... de todos os seus defeitos, o doutor Eckart é muito esperto. Considerou o dossier sobre Miss Stratman...

Emily Stratman?

Sim. Considerou-o como o mais útil de todos, para os fins que tinha em vista. Repito, eu não fazia ideia de quais eram as suas intenções.

Por certo nunca pensei que fosse capaz de uma coisa tão diabólica.

O dossier de Miss Stratman continha uma fotocópia do relatório de um psicanalista americano acerca dela. Junto deste, vinham também fotocópias de uma correspondência muito interessante trocada entre os departamentos militares americano e russo.

Interessante? Em que sentido?

O primeiro inquérito russo era apenas uma questão de rotina.

Pedia que se informasse se uma tal Mrs. Rebecca Stratman ou uma Miss Emily Stratman tinham sido encontradas vivas em qualquer campo de trabalho sob a jurisdição dos exércitos americano, inglês ou francês.

Digo que era uma questão de rotina porque existem muitos inquéritos desse género trocados entre os Russos e o Ocidente, e vice-versa.

A segunda carta informava que Mrs. Rebecca Stratman havia sido enviada, transferida, para Auschwitz, e ali liquidada, e que Miss Emily Stratman fora encontrada viva em Buchenwald e estava a ser tratada numa localidade próxima. A segunda carta dos Russos pedia especialmente os relatórios do psicanalista que observara Miss Stratman. Este pedido foi recusado, pois tratava-se de uma coisa altamente confidencial e pessoal, a não ser que os Russos pudessem explicar quem fazia o pedido e por que motivos. Os Russos satisfizeram imediatamente 705

este quesito, explicando que o pedido de inquérito acerca do relatório do psiquiatra provinha de uma alta personalidade médica da U. R. S. S., o doutor Kurt Lipski, o qual manifestava pelo caso um interesse pessoal. Ao receber esta carta, o psiquiatra americano fora ter com Emily Stratman e perguntara-lhe se o doutor Kurt Lipski era seu parente, amigo ou simples conhecido. A rapariga nunca ouvira semelhante nome, pelo que o pedido do relatório foi recusado. Esta era a última carta da série.

E foi daí que o seu amigo Eckart concluiu que Lipski era o pai de Emily?

Ele não tinha a certeza. Desconfiava. Reflectiu e declarou-me que um tal interesse pela rapariga, da parte de uma pessoa anónima, só poderia vir de um parente muito próximo. Além disso, este parente devia ser pessoa importante, de contrário os Russos não se teriam dado ao trabalho de transmitir os seus pedidos. Isso ajustava-se ao

parentesco de Walther Stratman com Emily e com a importância deste aos olhos dos Russos. Quando chegou, esta manhã, Walther confirmou a suposição do doutor Eckart. Quando os Russos o prenderam em 1945

e tentaram explorar a sua especialidade de bacteriologista, Walther recusara-se a cooperar com eles, a não ser que o informassem do que acontecera à mulher e à filha. Assim, para o calarem, encetaram aquela correspondência descoberta por Daranyi. Seja como for, uma vez que o doutor Eckart descobriu que Lipski podia ser Walther, começou a comparar as datas. Apurou que os inquéritos empreendidos por Lipski haviam sido posteriores ao facto de Walther ter sido dado como desaparecido ou morto. Caso Lipski e Walther fossem a mesma pessoa, esta devia ainda estar viva, pensou Eckart, e, sendo assim, poderia servir para trocar pelo professor Stratman. Logo Eckart se pôs em contacto com o general Vasikov, da Embaixada da Rússia em Estocolmo, o qual entrou em comunicação com Moscovo. Por aqui se viu logo que o professor Max Stratman devia ter muito mais valor do que o irmão, e foi por isso que eles enviaram logo este de avião para aqui, ontem à noite. Krantz calou-se e olhou para Craig. Já vê que estou a dizer-lhe tudo o que sei. Quero ajudá-lo. Comete um erro se me considera ligado aos Russos.

O senhor estava na disposição de ir trabalhar para Berlim Leste respondeu Craig secamente.

Krantz empertigou-se.

Isso era por se tratar da Alemanha, a velha Alemanha que eu tanto amava! Não era por causa da Rússia.

Encontravam-se no meio da Vãsterbron, com neve de ambos os lados, e o trânsito começava a descongestionar-se, ouvindo-se o ranger dos pneus a derrapar na ponte escorregadia.

Ainda temos de andar muito? quis saber Craig.

Deixe ver. Krantz espreitou para fora da janela. Já não fica 706

longe. É naquela ilha, mesmo na nossa frente, do meu lado, Langholmen Park, por detrás da parte alta de Palsundet.

Craig sentiu uma corda dentro do peito prestes a estalar.

Krantz, se alguma coisa de grave se tiver passado...

Nada se passou. Estamos quase lá.

Os nervos de Craig estavam retesados ao máximo. Sentava-se na beira do banco, inclinado sobre o tablier, à medida que tinham de afrouxar para entrarem na ponte que fica na intersecção de Langholmsgåtan e Söder Målarstrand. O sinal de trânsito estava a passar do verde para o vermelho.

Pararam no cruzamento, sob as iluminações do Natal luzes e estrelas suspensas sobre as suas cabeças. Os faróis dos carros que regressavam à cidade cruzavam-se na frente deles. O aspecto familiar da cena, homens que regressavam nos seus automóveis para junto das suas famílias, das mulheres e dos filhos que os esperavam nas salas aquecidas, com a comida fumegante na mesa da sala de jantar, apossava-se de Craig e aumentava-lhe a noção de irrealidade.

Rodeava-o o mundo do trabalho quotidiano e da vida familiar. E ele ia ali, sentado naquele carro, ao encontro de um fantasma.

Ouviu Krantz dizer: Aqui fica Palsundet.

Onde?

Um quarteirão à direita.

É lá que eles estão?

Já vamos ver. Deixemos o carro em Söder Målarstrand.

O sinal de trânsito tinha mudado para verde. Krantz seguiu em frente, afrouxou, cortou subitamente à esquerda. Seguiu pela travessa que ficava à esquerda, ao longo do cais, também festivamente iluminada.

Arrumamos o carro aqui disse Krantz, metendo a limousine num espaço livre junto ao passeio.

Saíram rapidamente, indo Krantz adiante de Craig, e embrenharam-se ambos no labirinto de um parque público mal

iluminado, onde tudo parecia morto sob os chorões. Pisavam o solo endurecido pela neve e a escuridão tornava-se mais profunda à medida que deixavam para trás as luzes e o trânsito.

É do outro lado deste parque, atrás dos armazéns, que o barco está ancorado ia dizendo Krantz.

Vamos depressa ordenou Craig.

Caminharam por entre as árvores, sempre a descer, escorregando algumas vezes, até que chegaram ao canal.

Já estamos perto informou Krantz.

Qual é o barco?

Krantz apontou para um grande iate com cabine, acostado ao primeiro cais.

707

Aquele disse, apontando com a mão a tremer. - É ali dentro que estão Walther e Emily Stratman.

Eram quatro e cinquenta da tarde.

Em frente da Sala dos Concertos, festivamente iluminada, à beira da vasta praça limpa de neve, apinhavam-se alguns milhares de habitantes de Estocolmo, bem agasalhados por causa do frio, que aguardavam a chegada dos convidados, vestidos de cerimónia. Sentia-se pairar na atmosfera o orgulho cívico, o espírito solene do acto em perspectiva.

Durante uma hora, os espectadores haviam assistido à lenta aproximação dos Rolls-Royces, dos Cadillacs, dos Daimlers, dos Facel Vegas e de outros carros de marcas estrangeiras, muitos com insígnias de embaixadas ou de legações nos pára-choques da frente, e também alguns Saabs e Volvos, que paravam em frente dos degraus do átrio da entrada, donde saíam homens de casaca e senhoras de fatos compridos de cerimónia, envoltas em casacos de peles.

Uma multidão menos numerosa, mas mais -compacta, contida por alguns polícias, aglomerara-se junto da entrada lateral do palco

que dava para Oxtorgsgatan, por cima de cuja porta aparecia iluminado o número 14. Fora por aí que haviam entrado o rei e a sua comitiva, os novos laureados, os dos anos anteriores e os membros das Academias que outorgavam os Prêmios. Cá fora, via-se um letreiro: TYSTNAD, que significa «silêncio», mas ao qual só se obedecia em dias menos festivos do que aquele, quando havia concertos sinfónicos, pois esta noite não era de silêncio, mas sim de ruidosa alegria.

Esta entrada lateral conduzia, através de um labirinto de corredores e escadarias, às traseiras do palco da Sala dos Concertos. Era ali que se encontravam reunidos neste momento os participantes da cerimónia final, a quem o conde Bertil Jacobsson ia fazendo apressadamente as últimas recomendações. Os representantes dos Comité Nobel encontravam-se à esquerda, ao passo que os laureados, antigos e actuais, estavam à direita.

Jacobsson movia-se, atarefado, entre os laureados, dirigindo e aconselhando, colocando cada qual no seu devido lugar, segundo o protocolo.

Chegara junto de Denise e Claude Marceau, a lembrar-lhes onde deveriam sentar-se. Porém, eles encontravam-se demasiado absorvidos a conversar um com o outro. Denise com uma expressão muito animada, Claude com um ar contrito. Denise dizia: Sim, quanto a esta, dá-me a tua palavra. Mas de futuro? Posso mais alguma vez ter confiança... E Claude interrompeu-a, lembrando-lhe o trabalho que os esperava. Falava em proteínas, em moléculas de glucose, e Jacobsson, embaraçado, seguiu adiante.

Viu Carlo Farelli e John Garrett enfronhados em animado colóquio, 708

e hesitou em ir interrompê-los; antes, porém, de se decidir, sentiu que lhe agarravam no cotovelo com a mão. Jacobsson voltou-se e viu o professor Max Stratman que o fitava, apreensivo.

Jacobsson afastou-se com ele para um canto.

Conde disse Stratman , estou muito preocupado. Não vejo a minha sobrinha desde manhã.

Deve estar, com certeza, entre a assistência.

Não, acho que não está. Mr. Craig deixou-me esta manhã um bilhete em que me dizia que ia sair com ela. Não sei aonde foram. Informava-me ainda que nos encontraríamos aqui para a cerimónia. Mas também não vejo Mr. Craig.

Oh, eu... Jacobsson ficou interdito. Não estivera a contar os laureados um por um. Partira do princípio de que se encontravam todos presentes. Mas via agora que não avistara ainda Andrew Craig. Oh, deve estar por aí!

Eu não o vi, conde.

Pode ter a certeza de que está! Mas o conde Jacobsson começava também a sentir-se alarmado.

Antes de ter tempo de esclarecer o assunto, as trombetas da orquestra começaram a tocar.

Jacobsson teve de assumir imediatamente as suas funções. Bateu as palmas, para chamar a atenção dos presentes.

Ouçam todos! Atenção aos vossos lugares! Estão a soar as trombetas.

O rei vai aparecer e nós seguiremos atrás dele.

Como uma vaga enorme, os dois mil e cem assistentes à cerimónia da Sala dos Concertos, que se encontravam nos balcões da frente e dos lados e na plateia rectangular, em baixo, ergueram-se ao mesmo tempo, a fim de saudarem o monarca da Suécia. Os soldados da Marinha e do Exército, com as suas fardas de gala, cessaram o toque da fanfarra, baixaram os instrumentos e puseram-se em sentido. E então atacaram a solene Marcha Real.

Abriu-se uma das dez entradas do auditório e o rei surgiu de detrás de uma coluna branca, saindo da sua sala particular, seguido de perto pelos membros da família real e restante comitiva. O monarca tomou lugar na primeira fila da orquestra, junto à coxia

central, em frente da ribalta ornada de flores e do palco, onde se viam projectores, microfones, quatro filas de cadeiras vazias e as bandeiras inclinadas entre os quatro nichos das estátuas clássicas. Logo que o rei se sentou, no que foi seguido pelos membros da família real, a assistência retomou os seus lugares.

Abriram-se imediatamente as portas centrais e, ao som das trombetas, começaram a entrar, dois a dois, os membros dos Comités de Eleição ladeando os laureados, aproximando-se todos do estrado. Enquanto a fanfarra continuava a tocar e os membros dos Comités tomavam lugar a um lado e os laureados a outro, o rei pôs-se de pé uma 709

das raras vezes em que se levantava perante os seus súbditos e convidados, pois naquele momento saudava os seus pares, a realeza intelectual.

Jacobsson, muito nervoso, foi ocupar o seu lugar no palco. Ao observar a Sala dos Concertos, sentiu-se satisfeito. Nem sequer se importava com as quatro detestáveis câmaras da televisão, duas colocadas na balaustrada e duas nas escadarias. Não havia um lugar vago e era notável o espectáculo de requintada elegância que oferecia a assistência.

Nos camarotes reservados aos parentes dos laureados viam-se Margherita Farelli e Saralee Garrett. Uma cadeira vazia recordou ao conde Miss Emily Stratman.

O próprio palco ostentava um aspecto festivo sob uma profusão de fetos e crisântemos brancos. Jacobsson examinou à socapa as filas das cadeiras. Estavam todas ocupadas, com excepção de duas, e ele agora já não precisava de contar as cabeças para saber quem eram os ausentes. Observando o outro lado dos comprimidos de graus cobertos por um tapete oriental, que levavam à porta de trás do palco, deu pela existência de um lugar vago entre os empertigados componentes dos Comités. Faltava o Dr. Carl Adolf Krantz, que

devia fazer a apresentação do professor Max Stratman. Isto era desagradável, mas não tinha grande importância.

O que o preocupava era a cadeira vazia junto da sua e que devia estar ocupada por Andrew Craig. Nunca, na história dos Prêmios, faltara à cerimónia um laureado que tivesse vindo a Estocolmo.

A ausência de Craig nestas circunstâncias representaria um insulto e desencadearia um escândalo no plano internacional. Aquela cadeira vazia assumia aos seus olhos proporções monstruosas. Jacobsson sentiu-se intimamente satisfeito pelo facto de o programa ser particularmente longo, dando assim tempo, a que a cadeira pudesse vir a ser ocupada.

De súbito, Jacobsson apercebeu-se de que chegara o momento de dar início à cerimónia.

Ergueu-se e dirigiu-se à secretária sobre que colocara o seu discurso de abertura. Fez uma reverência ao rei e depois fitou a assistência.

Podia alguém adivinhar o que lhe ia no pensamento? Não conseguia esquecer-se de Krantz e de Andrew Craig. Que lhes teria podido acontecer?

Dirigiram-se ambos, caminhando Krantz à frente, para a proa do iate, que balouçava suavemente ao ritmo da água do canal. Ao ver, na semiobscuridade, o casco branco de madeira de carvalho e contraplacado e a cabina de pilotagem, Craig calculou tratar-se de uma embarcação com cerca de quinze metros e motores de cem cavalos.

Vá à frente disse Craig.

710

Cautelosamente, Krantz aproximou-se do barco e desceu os dois degraus que conduziam à cobertura. Craig seguiu-o de perto.

Não tinha ainda avançado muito quando soaram passos abafados e surgiu da escuridão um jovem sueco, louro e atlético, de camisola azul-escura, calças de ganga e sapatos de ténis. Trazia a

mão direita no bolso. Reconheceu imediatamente Krantz, fez-lhe um ligeiro cumprimento e olhou desconfiado para Craig.

Krantz falou-lhe num tom autoritário e rápido, mas em sueco. O rapaz respondeu-lhe na mesma língua, de forma quase inaudível.

Krantz voltou-se.

Ele diz que está tudo certo, mas quer revistá-lo primeiro.

Craig encolheu os ombros.

É tempo perdido, mas vamos a isso.

Ergueu os braços, enquanto o rapaz, com movimentos que revelavam prática da operação, lhe apalpava o peito, as ancas e os bolsos das calças.

Craig baixou os braços com alívio e o rapaz disse qualquer coisa a Krantz, em sueco.

Podemos entrar.

Craig notou que, à medida que avançaram, o rapaz os ia sempre observando e que junto dele surgira outra figura, mais alta.

Quantos são eles? inquiriu Craig em voz baixa.

Dois.

Ao atravessar a cobertura, Craig reparou que a superestrutura do iate era de contraplacado de cor natural. Gostaria de saber a quem pertencia, mas isso não interessava muito. Chegaram à escada do tombadilho.

Enquanto desciam, Craig ia notando os cheiros náuticos: a solarina de limpar os metais, o verniz da madeira, a pintura fresca, a gasolina, o óleo e o estimulante perfume da água salgada do Báltico.

O corredor de baixo era extremamente estreito.

Onde estão eles? perguntou Craig.

Walther Stratman encontra-se na sala principal. Miss Stratman está a repousar no quarto de dormir ao lado.

Quero vê-la primeiro.

Krantz, desejoso de parecer amável, conduziu Craig pelo corredor.

Passaram em frente de um armário, da minúscula cozinha, com um fogão de quatro bocas, e chegaram em frente do fecho reluzente da porta do quarto.

É aqui disse Krantz.

Como sabe que ela cá está?

Deram-lhe um sedativo respondeu Krantz com relutância.

O choque que sofreu ao ver o pai foi de tal natureza que desmaiou.

Deram-lhe qualquer coisa para a fazer descansar.

Muito bem. Deixe-me vê-la.

Entraram ambos.

711

O beliche parecia um guarda-fato muito comprido e bem iluminado, tendo como única mobília uma cadeira, uma mesinha e um leito de pessoa só. Nada mais.

Emily estava encolhida na cama, sob uma janela oblonga que fazia de vigia, de costas voltadas para a porta. Como o aquecedor estava ligado, a temperatura do quarto era bastante elevada, e a rapariga deitara a coberta para baixo. Envergava uma saia azul e uma camisola cinzento-clara. Essas duas peças de vestuário haviam-se separado, de forma a deixar ver uma nesga das costas nuas e do cós elástico das calças cor-de-rosa. Os sapatos de salto alto jaziam aos pés da cama e o casaco de abafo tinha sido cuidadosamente dobrado e posto sobre uma cadeira.

Craig apurou o ouvido e escutou a respiração profunda da rapariga.

A promessa de Eckart fora cumprida: ela estava viva e aparentemente ilesa.

Como vê disse vivamente Krantz está tudo bem.

Nem por isso respondeu ironicamente Craig.

Espere um momento retorquiu Krantz. -«- Tenho de ir explicar tudo a Walther.

Havia uma porta à esquerda e Krantz desapareceu por ela.

Uma vez só com Emily, Craig aproximou-se, ajoelhando-se junto do leito. Ela voltara-se de costas e tinha agora as mãos cruzadas sobre o peito. Ele afastou-as uma da outra e tomou-lhe o pulso. Batia normalmente.

Largou-lho e sacudiu-a levemente por um ombro. A princípio, ela pareceu não dar por nada. Por fim, acordou.

Voltou a cabeça sobre a almofada, de olhos mortiços e com uma expressão confusa. Acabou por o reconhecer.

Andrew.

Sim, minha querida, sou eu...

Os olhos dela ergueram-se para o tecto do compartimento e depois vaguearam em redor. Quando falou, foi em voz baixa e com a garganta seca.

Onde estou eu? perguntou.

Ainda em Estocolmo. Trouxeram-na para junto do seu pai.

Estou a recordar-me de algumas coisas...

Sente-se bem? Não lhe fizeram mal?

A rapariga tentou lembrar-se, mas as suas palavras e as suas recordações não tinham continuidade.

Não declarou por fim. Só o choque e... Os seus olhos encontraram os de Craig. Onde está o tio Max?

Está melhor do que nunca. Deve encontrar-se a esta hora na cerimónia de entrega de Prêmios.

Oh, esquecia-me disso. Estou muito confusa...

Sossegue.

Andrew, porque está aqui? Como é que veio...

712

Não interessa. Mais tarde lhe explico. Fitou-a atentamente.

Tem a certeza de que não lhe fizeram mais nada além de lhe darem uma injeção?

Não... tenho a certeza, mais nada. O meu pai foi tão meigo para mim...

bom. Craig ergueu-se. Tente dormir outra vez, deixe o remédio produzir o seu efeito. Eu volto já.

Onde estamos nós?

Não se preocupe, Emily. Estamos num iate...

Ah, sim?

E você agora encontra-se em segurança. Tenho de ir tratar de um assunto. Demoro-me apenas uns minutos.

Mas o tio Max... O meu pai... Que vai ser... ?

Ele pousou-lhe um dedo sobre os lábios secos.

Tudo se há-de arranjar. Agora durma.

Quando ele retirou a mão, já a rapariga tinha os olhos fechados.

Ficou a contemplar-lhe com amor o rosto inocente, que era agora como se lhe pertencesse, e, quando o rítmico soerguer dos seios de Emily lhe indicou que ela dormia profundamente, saiu.

A porta atrás de si tinha sido aberta sem barulho e o minúsculo professor sueco, da cartola na mão, fazia-lhe sinais para que viesse para a sala contígua.

Quando Craig se aproximou, o homenzinho disselhe: Já lhe expliquei tudo e Walther Stratman deseja falar-lhe.

Craig deteve-se um segundo, tentando reunir ideias. Tinha lutado desesperadamente para conseguir esta entrevista, e, agora que se encontrava ali, não fazia a menor ideia do que iria dizer. Recordara-se das palavras que fora sua intenção usar, mas neste momento não lhe pareciam já tão adequadas. Tudo o que se lhe afigurava de positivo era apenas que a entrevista era necessária e se revestia de uma importância crítica. Porém, enquanto observava Krantz, ia pensando: «Importância em função dos destinos de Emily, de Walther e de Max Stratman, ou importância apenas para o seu ponto de vista pessoal?»

Passou à frente de Krantz para entrar na outra sala.

Esta era de proporções razoáveis e estava mobilada com luxo: um guarda-fato com portas de correr, uma cómoda, uma secretária de madeira clara, um jogo de lavatório sobre uma consola e um sofá coberto de um tecido berrante. Perto deste, atrás de uma mesinha redonda, via-se sentado um homem curvado, de cara avermelhada, com uma cabeça grande de velho coberta de cabelos brancos bem penteados.

Estava em mangas de camisa, esta de tecido às riscas, com uns punhos fora de moda, o colarinho aberto e a gravata castanha puxada para baixo. Quando se pôs de pé, as calças, com o cinto desapertado, ficaram descaídas.

Krantz apresentou-lhe Craig.

713

O professor Walther Stratman... Mr. Andrew Craig.

A mão esquerda de Walther segurava um copo, mas a direita, de veias salientes, estendia-se para Craig.

É então o senhor o ilustre laureado americano. Muito prazer em conhecê-lo.

Craig apertou-lhe a mão com certo constrangimento.

Muito prazer.

Não conseguia divisar a mais leve semelhança entre Emily e este velho debilitado, de nariz grande. Lembrou-se de Rebecca. Emily devia parecer-se com a mãe.

Puxe uma cadeira e sente-se propôs Walther ao retomar o seu lugar no sofá. Ergueu o copo depressa de mais, a ponto de entornar umas gotas de bebida sobre as calças, e Craig, com a sua longa prática, calculou que não devia ser aquele o primeiro copo. Depois Walther apontou para a garrafa sobre a mesa. Estou a festejar a minha liberdade disse com voz rouca. É vodka. Não tão forte como a que bebia no cativeiro, mas não é má. Sirva-se, Mr. Craig. Isto é como um raio de sol que entra no estômago, segundo dizem os meus amigos russos.

Por uma razão que não conseguiu discernir, Craig sentia repugnância em beber álcool num momento tão crítico como aquele. Depois, procurando ser honesto consigo próprio, descobriu que o motivo desta repugnância estava relacionado com o seu complexo de culpa. Nestes últimos anos da sua vida, atravessara muitas épocas de crise, e sempre as evitara encharcando-se em álcool. Agora sentia compaixão por Walther, e desejou pô-lo em guarda contra as consequências dessa fraqueza, tal como fazem os bêbados reformados, pensou consigo. E imediatamente se sentiu mais à vontade e mais compreensivo.

Não, obrigado respondeu. Estou a guardar-me para a festa de logo à noite.

Hum, a festa, sim. Walther ergueu os olhos. Doutor Krantz, dê uma cadeira ao nosso hóspede.

Krantz obedeceu prontamente e depois enterrou-se no banquinho em frente da cómoda e entregou-se à tarefa de fazer o puzzle de metal que trazia sempre no bolso, fingindo não prestar atenção à conversa.

Enquanto Craig tomava lugar na frente dele, o velho engoliu a bebida, soltou um soluço e disse em voz alta: É para mim um prazer travar conhecimento com um amigo do meu irmão e admirador da minha filha.

Estas palavras desorientaram levemente Craig. Talvez fosse a inesperada exuberância de Walther. Vinha à espera de encontrar um homem vencido e gasto pela vida, um escravo do sofrimento, quebrado pelo jugo dos Sovietes, e em vez disso deparava com um prisioneiro robusto e animoso. Descobriu que a imagem que fizera de Walther 714

só existira na sua mente. Não tinha realidade. E sentiu-se vexado.

Não sou o que se pode chamar um grande amigo do seu irmão acabou por declarar. Mas gostaria de vir a vê-lo. Só nos conhecemos aqui, em Estocolmo.

Mas, quanto à minha filha, ah, isso não pode o senhor negar!

Piscou-lhe o olho e serviu-se de mais vodka.

Não nego que sou muito seu amigo.

E ela, que diz a isso?

Não sei.

Walther sorriu a qualquer pensamento oculto, mostrando dois dentes de ouro.

Bem, veremos. Quando estivermos todos na América, é que se vai ver. Pode contar comigo.

Esta referência de Walther à América desorientou ainda mais Craig.

Antecipava-se e vinha inutilizar o seu plano de ataque. Sentia-se desorientado.

Sinto-me muito satisfeito com ela dizia Walther. Transformou-se muito desde aquele dia em que a vi pela última vez. Faz o orgulho da minha velhice.

Craig abanou a cabeça.

Sim, concordo. Max pode orgulhar-se da sua obra.

Walther ergueu a cabeça.

Max, diz você? Parecia querer acrescentar qualquer comentário, mas calou-se durante um momento, como que para o substituir por outro. Sim, o Max foi extraordinário, mas eu acho que a hereditariedade tem mais força que o ambiente. Nesse caso, não me atribui nenhuma influência sobre ela?

Decerto, decerto. Craig interrompeu-se, resolvido a não ir mais longe neste género de conversa. Tinha de revelar o motivo da sua visita.

O senhor, com certeza, ficou muito admirado quando o fizeram vir de Moscovo para tão longe...

De Leninegrado.

... sim, de Leninegrado, assim de um momento para o outro.

Fiquei, sim concordou Walther. Fitou Craig e logo os seus olhos se embaciaram, se encheram de lágrimas e o lábio inferior começou a tremer-lhe. Há muito que tinha perdido as esperanças de voltar a ver Emily. Ou mesmo de reconquistar a liberdade. Julgava que viveria no Inferno até ao fim dos meus dias. Ficou calado e triste durante uns segundos. Quantas e quantas vezes recordava os tempos felizes de antes da guerra e depois aquela época maldita em que eu e o Max fomos obrigados a trabalhar para os nazis, a fim de conservarmos a vida a Rebecca e a Emily, que se encontravam em Ravensbruck. No entanto, enquanto a guerra durou, ainda alimentei algumas esperanças. Porém, logo que tudo acabou, perdias todas.

715

Já nada tinha a esperar. A decisão que tomei nessa noite de 1945, de deixar fugir o Max para o lado dos Americanos, em meu lugar, foi um gesto ponderado e, ao mesmo tempo, espontâneo. É que, nessa altura, ele estava mais adiantado nos seus trabalhos do que eu e eu sabia que poderia ser mais útil à causa que ambos abraçávamos. Foi um gesto espontâneo, pois Max era o meu irmão mais novo e eu achava justo que fosse ele a viver durante mais tempo. Depois disto, quando os Russos me prenderam, pensei que me matassem como castigo por suspeitarem da parte que eu tomara na fuga do meu irmão. Mas eles possuíam todas as informações a meu respeito e consideraram que eu seria mais útil vivo do que morto. Os Russos são muito pragmáticos.

Não se deixam arrastar pelo lado emocional, como acontece na América. Walther sorveu mais vodka. Mandaram-me para um local a setenta milhas de Moscovo, uma terra chamada Dubnax, onde têm instalado um instituto de pesquisas nucleares. Queriam que eu continuasse a trabalhar nesse sentido, mas, ao examinarem os meus papéis, tomaram conhecimento de um estudo publicado por mim em tempos sobre a peste bubónica e quiseram que passasse a fazer parte do departamento militar de investigações biológicas, sob a

direcção do doutor Victor Glinko. Achei isto repugnante e comecei por recusar.

Argumentei que a minha especialidade era a física, e não a bacteriologia.

Eles não se convenceram. Disseram que eu já tinha conhecimentos suficientes sobre o assunto e que aprenderia mais à medida que fosse trabalhando. Vi que não tinha outro remédio, por isso aceitei.

Durante as primeiras experiências, ocorreu um acidente tremendo, uma explosão, um incêndio, nos edifícios da secção nuclear, situada perto. Ficou muita gente morta ou inutilizada. Eu tive a sorte, só agora o reconheço, de escapar. Enquanto estive hospitalizado, a organização de investigações biológicas recebeu grandes subsídios monetários.

Mais uma vez tive de me convencer de que era obrigado a cooperar, mas agora, manhosamente, fiz um contrato. Concordei em colaborar com eles se, em troca, me fornecessem notícias de Rebecca e de Emily, a única recordação que me impedia ainda de enlouquecer.

Os Russos acederam e eu comecei a trabalhar; desde então, a despeito de todo o meu ódio, sob o nome de Kurt Lipski. Deram-me esse nome no hospital, quando concluimos o contrato, por um estúpido motivo de política, a fim de que os Ocidentais, que conheciam os meus trabalhos, não conseguissem relacionar o nome e não desconfiassem de que eles estavam a investigar no sentido de descobrir um tipo novo dessa doença. Calou-se, como quem reflecte no que acontecera, e depois bebeu o resto da vodka. Foi assim que cumpri a minha pena e aqui estou.

E o senhor sabe exactamente porque o trouxeram a Estocolmo? inquiriu Craig.

Sim, tudo isso ficou bem esclarecido.

Acerca da troca com o seu irmão?

Claro. É verdade que as circunstâncias são um bocado dolorosas, mas, de certo modo, não deixam de ser razoáveis. E depois acrescentou, a justificar-se: O Max tem levado uma vida de rosas, graças a mim. Agora é a minha vez. Desejo com todas as forças esta nova liberdade. Sinto precisamente o mesmo que Edmundo Dantes quando tomou o lugar do Abade Faria e conseguiu evadir-se do castelo de If.

Compreende-me ?

Craig sentiu-se como um traidor em face deste homem que ignorava os propósitos com que ele ali viera.

Compreendo respondeu Craig. No entanto, deve ser difícil para si, uma vez que, tendo experimentado já a escravatura, sabe perfeitamente o que o seu irmão vai sofrer.

As rosetas das faces de Walther acentuaram-se.

A coisa não é assim tão má como parece disse, alterando a voz. Não se deixe influenciar pela propaganda. Não queira ser vítima da imprensa reaccionária dos Morgans ou dos Rockefellers. O Max será muito bem tratado na Rússia.

Na Alemanha Oriental sussurrou, lá de trás, a voz de Krantz.

Sim, na Alemanha Oriental concordou Walther, fitando de novo Craig. Mas ocupemo-nos ainda por um momento da situação na União Soviética. A nossa família vive em Leninegrado.

A vossa família?

Walther piscou novamente os olhos para Craig.

É uma maneira de dizer, a família dos cientistas alemães. Eles respeitam-nos tanto como o fariam na América ou na Inglaterra. Constituímos uma elite.

Um assomo de indignação, de certo modo injusto depois de saber tudo quanto aquele homem sofrera, obrigou Craig a rectificar.

Os cientistas também são muito respeitados na América. O seu irmão é um exemplo flagrante.

Uma exceção... uma exceção insistiu Walther. O Izvestia publicou uma série de artigos sobre a vida dos cientistas na América.

Fiquei com os cabelos em pé. De súbito, pôs-se a rir. Isto é, se eu tivesse mais cabelo. Depois assumiu uma expressão solene.

Não, meu jovem amigo, não estou nada preocupado com o Max. Ele poderá viver com mais riqueza na América. Mas não sentirá tanto respeito por si próprio nem terá tantas honras. Em Leninegrado...

Berlim Leste. É para aí que ele vai interrompeu freneticamente Krantz.

Walther arregalou os olhos para Krantz.

Deixe-se de aldrabices, doutor Krantz. Berlim Leste, Leninegrado, Moscovo, tudo vale o mesmo para os Alemães, e o senhor sabe-o muito bem! Voltou-se depois de novo para Craig. Como vê, não estou 717

interessado em enganá-lo. Max é hoje um laureado do Prêmio Nobel.

Terá a sua dacha particular, o seu laboratório privado, os seus assistentes e discípulos, receberá um ordenado especial do Presidium, terá o seu lugar na Academia das Ciências, *etc.* Eu conheço muito bem o Max e sei que ele apreciará muitíssimo ser tratado como um czar.

Quanto ao trabalho, não será de molde a fatigá-lo: algumas experiências nucleares, se ele quiser. De contrário, utilizá-lo-ão como um exemplar acadêmico para uso dos estudantes. Não me sinto culpado, Mr. Craig. Não estou a mandar o meu irmão para a Ilha do Diabo ou para Alcatraz. Eu vou apenas viver de novo na companhia de minha filha. Ambos poderemos dar-nos por satisfeitos. E quem fica a ganhar é o Max. Disso pode o senhor estar certo.

Durante este discurso, pela mente de Craig já atravessara o seguinte pensamento: o pobre velho estava a pintar este tentador quadro para se justificar de ter acedido a entrar na combinação,

como necessidade de se eximir a essa culpa. E Craig perguntou-lhe suavemente: Então, se é tudo tão agradável, como o senhor diz, porque lhe interessa sair de lá?

Era uma pergunta ousada, mas Walther, não pareceu aperceber-se disso.

Em primeiro lugar, eu não sou o Max. Ele será considerado mais útil do que eu e, portanto, tratá-lo-ão melhor. Por outro lado, tenho desejo de estar com a minha filha num lugar onde possa juntar fortuna e usufruir das coisas que o Max tem gozado até hoje. Por certo que este desejo é absolutamente desculpável na minha idade.

Sem dúvida respondeu Craig. E já pensou no que fará nos Estados Unidos?

Walther esboçou um sorriso insinuante.

Como sabe, não tive muito tempo para elaborar planos. Contudo, enquanto aqui estive sentado, a descansar, antes de você aparecer, esperando pela tarde para me darem a liberdade, comecei a pensar no futuro. com certeza que o Max me entregará as economias que tem na América em troca das minhas que deixei na Rússia. Portanto, terei um ponto de partida. Esfregou os olhos lacrimejantes. Não tenciono, evidentemente, ir viver em Atlanta, na Jórgia, como o Max; tenho muito mais consciência das injustiças do que ele. Recuso-me a viver numa terra onde se maltratam negros, se fazem linchamentos, se incitam as pessoas à desordem. Levarei a Emily para Detroit ou para Nova Iorque. Trabalharei para os capitalistas, de forma a podermos também vir a sê-lo um dia.

E que trabalho tenciona realizar? inquiriu Craig.

Trabalharei para a paz, se os capitalistas mo consentirem.

Vai continuar com as suas experiências bacteriológicas?

Isso nunca.

Mas era isso o que fazia em Leninegrado.

Os olhos de Walther contemplaram Craig como se este fosse um estudante de inteligência precoce mas que estivesse a laborar num erro.

Meu jovem amigo, na Rússia eu realizava esse trabalho com fins pacíficos, unicamente como um antídoto da guerra. É uma garantia que exijo. Tenho de saber primeiro se na América existe a mesma boa vontade.

Vai talvez limitar o seu trabalho à energia nuclear?

Possivelmente, se me garantirem que é para fins pacíficos.

Disso pode estar certo.

Walther pousou o copo vazio.

Quer o senhor dizer, para fins pacíficos, como no caso de Hiroxima e Nagasaki? Depois sorriu logo, perante a expressão de Craig. Não, não tome isto a sério. Essas chacinas foram uma necessidade política. Compreendo perfeitamente: a finalidade delas foi impressionar o Oriente, antes que nós próprios pudéssemos fazê-lo. Não, não interprete mal as minhas palavras. Sei que vocês, os Americanos, são cidadãos pacíficos, que só querem viver e deixar viver os outros, mantendo relações com toda a gente. Sei também que são manejados pelos monopolistas reaccionários. Só quis afirmar que nunca me venderia à casa Morgan com o objectivo de provocar ou atizar uma guerra.

Pode estar certo de que tanto eu como a Emily trabalharemos para bem do povo.

Durante esta última parte da conversa, a mente de Craig foi de novo assaltada por um pensamento importuno que já a ocupara e que ele repelira. Qualquer coisa de espantoso e de inacreditável à primeira vista. No entanto, agora sentia vibrar em si uma fugitiva intuição, e esse pensamento ia crescendo, ia tomando corpo. Craig sentia repugnância em aceitar o facto, mas, no entanto, tal ideia excitava-o. Tratava-se apenas de uma hipótese, é certo, e não possuía a mínima prova nem conseguiria sequer obtê-la. E, de súbito, viu

que teria de descobrir a verdade. Teria de arriscar tudo antes que fosse tarde de mais e já não houvesse remédio.

Estou certo de que posso confiar em si declarou com um ar inocente. Olhou para o relógio. Receio ter-me demorado tempo de mais. Fatiguei-o e devia encontrar-me já na sessão solene.

Tive muito prazer em que viesse respondeu Walther. Foi uma boa surpresa encontrar um amigo como o senhor.

Craig fitou Walther.

Não lhe ocorreu perguntar a si próprio por que motivo me encontro aqui, porque obriguei eu o Krantz a trazer-me cá?

A fim de ver a Emily. Para saber como ela estava.

Em parte, assim foi. Mas principalmente para falar consigo.

Não posso imaginar porquê.

Tive esperança de conseguir convencê-lo a não levar por diante
719

essa terrível troca. Sei os tormentos por que passou, sei tudo o que Max lhe deve, mas, não sei porquê, pensei que seria capaz de o fazer compreender que o seu papel na vida de Emily terminara havia muito tempo. Durante toda a sua adolescência e mocidade ela apenas conheceu Max. Este é, na verdade, como um pai para Emily. Supus que o senhor compreenderia o choque que para ela representava substituir Max pela sua pessoa. Também pensei que para si teria importância o valor que representa o seu irmão Max para o mundo ocidental. Não estou a diminuí-lo a si. Porém, Max Stratman deu as suas provas, pensa-se que está à beira de dar um passo decisivo em benefício do nosso povo, do nosso governo, não de nenhuma empresa particular. E pensei...

As faces de Walther estavam escarlates.

Você é um rapaz muito impertinente interrompeu ele. Tentou dominar a voz, mas ela tremia-lhe de cólera. Tudo que no seu rosto parecia frouxo em consequência da idade ou da bebida estava agora duro e retesado. Você é um intrometido e não tem a noção...

Craig não recuou; manteve-se, antes, imóvel no seu lugar.

Peço desculpa disse. Não era minha intenção ofendê-lo.

Walther bateu com a palma da mão no tampo da mesa e a garrafa deu um salto.

Que pode saber um garoto ignorante como você acerca da vida e do que nós sofremos? Que sabe você da disciplina e do sofrimento, você e os da sua igualha, de barriga cheia e cabeça vazia, títeres da classe capitalista, educados em escolas que só servem os ricos, que apenas sabem o que dizem os jornais controlados pela classe dominante?

Que sabe você... quem é você para dizer-me o que é bom e o que é mau, para vir pedir-me que me sacrifique mais ainda por um irmão que criou barriga e teias de aranha na cabeça, usurpando o meu lugar junto da minha própria filha?

Krantz aproximara-se a toda a pressa.

Por favor, Walther! Por favor! Mr. Craig não tinha a intenção...

Craig empurrou para trás a cadeira e pôs-se de pé.

Não, Krantz. Ele tem toda a razão. Eu não devia meter-me na vida alheia e tentar obrigá-los a tomar decisões. Isso é uma estranha mania que têm os escritores. Mas vou penitenciar-me. Olhou para o rosto furioso de Walther, que continuava sentado. Sim, vou penitenciar-me. Você não deve voltar para a Rússia. Mas também não há motivo que obrigue o Max a ir para além da Cortina de Ferro.

Não consinto que Eckart leve por diante esta ignóbil chantagem. Esta noite não se realizará nenhuma troca. Você conquistará a liberdade e Max conservá-la-á também. Vamos todos abandonar este barco imediatamente.

Krantz aproximou-se de um salto.

Isso é impossível, Mr. Craig. Bem vê...

720

Cale-se, Krantz! Era Walther que retomara a palavra, dirigindo-se a Craig. Eu enganei-me a seu respeito. Você não é apenas um louco,

mas um louco suicida.

Craig dominou-se.

Isso é possível quando se deseja a liberdade com aquela força com que a desejaram alguns húngaros e alguns alemães da zona oriental declarou suavemente.

Não temos a mínima probabilidade a nosso favor respondeu Walther. Estão lá fora dois guardas armados, dois jovens bandidos que não desejam outra coisa senão carregar no gatilho. Nós somos quatro, dos quais dois velhos e uma mulher, tendo como única arma a sua loucura.

Eu correrei o principal risco. Irei à frente teimou Craig.

Está escuro. Vou direito aos guardas, seguro-os, prendo-lhes a atenção, não me importo com as consequências. Isso dará mais que tempo para os senhores saltarem para terra e começarem a gritar. O barulho dos gritos e dos tiros que hão-de disparar contra mim fará acorrer gente.

Eu, por mim, não saltarei respondeu Walther com fria reserva.

Porquê? perguntou Craig.

Para servir de alvo àqueles bandidos? Não! Para que havia de arriscar a minha vida, depois de tudo o que tenho sofrido, quando faltam poucas horas para alcançar a liberdade?

Mas assim salvaríamos o Max. Não só a si, mas também a ele.

Vocês querem ensinar-me como hei-de proceder com o Max?

Walther berrava e punha-se de pé, oscilando contra a mesa, de modo a fazer tombar a garrafa e os copos, que reboaram pelo chão da cabina. A vodka começou a sair pelo gargalo da garrafa, enquanto Walther gritava: Deixem o Max por minha conta! Vocês não têm nada com isto! Estou farto de vos aturar, cambada de provocadores!

Saiam daqui para fora!

Craig não arredou pé do seu lugar.

Eu, por mim, não saio!

Walther deu volta à mesa.

Então terei eu de o pôr lá fora, seu infame capitalista, que vem para aqui dar-me ordens, querer ensinar-me os meus deveres, a mim, que sou um homem considerado, venerado, adorado, na mais poderosa nação do mundo...

De súbito, Walther interrompeu o seu feroso discurso. Olhava alternadamente para Krantz e para Craig, observando o espanto que se desenhava nas feições do primeiro e o profundo desprezo revelado pelo escritor. com excepção do ruído das respirações ofegantes, do tiquetaque do relógio, de um ranger de dobradiças algures, a sala ficara silenciosa como um túmulo.

Foi Craig o primeiro a falar.

O senhor não deseja fugir, não é verdade, Walther? Sempre tive essa impressão. Mas porquê? Porque não lhe interessam o seu irmão e a sua sobrinha? Ou porque não deseja a liberdade? Você não deseja alcançar a liberdade, não é assim, Walther?

A raiva cobriu a face deste como uma máscara disforme. Avançou para Craig, de punho erguido, para lhe bater. Mas não lhe tocou.

Em vez disso, pôs-se a berrar: Liberdade? Liberdade? Que podem saber a esse respeito os carneiros da sua espécie? Como podem vocês conhecer o verdadeiro sentido dessa palavra? Vocês, que têm as cabeças cheias das palavras ocas inventadas pelas feras dos capitalistas: esses provocadores, esses fautores de guerras. E você e o Max não valem mais que eles, com os vossos mísseis sempre a postos para nos arrasarem, a fim de protegerem os vossos malditos dólares!

Separavam-nos apenas uns escassos palmos, mas Craig não se moveu.

O fogo da exaltação corria-lhe nas veias. Sentia crescer em si a confiança, agora que conhecia a verdade, e isto bastava para lhe dar coragem.

Você parece um comunista a falar, Walther! Fala exactamente como um comunista! Nem sequer tenta disfarçar. Você é um dos tais que nem sequer são honestos. Pertence ao número dos emproados, que se julgam superiores, que ostentam a sua ciência e as suas armas...

Seu estúpido ignorante! gritou Walther. Que sabe você da nossa ciência e das nossas armas? Somos nós que combatemos pela paz, que trabalhamos noite e dia para salvar o mundo, para o defender dos loucos como vocês, para fazer dele um mundo...

O vosso mundo, Walther, não é o meu interrompeu Craig.

Vocês desejam um mundo à vossa moda, não ao gosto das pessoas normais.

O vosso mundo? Vocês todos sofreram uma lavagem ao cérebro, foram catequizados, e esqueceram o passado, desejam um futuro onde só caibam vocês e os vossos camaradas.

Só os trabalhadores têm direito ao poder! exclamou Walther.

Craig contemplou aquele homem que parecia agora mais alto, mais forte, mais determinado, e então disse: O senhor nunca fez tenção de abandonar esse mundo, Walther.

Você representou este papel em obediência ao Partido. Foi o Partido que o obrigou, não é verdade? Esse Partido sem personalidade, que faz de vocês uns papagaios, uns robots...

Torne a faltar desse modo ao respeito ao Partido, e verá que se arrepende! ameaçou Walther, recuando com o insulto. O Partido é o que de mais sagrado nós temos. Somos oito milhões, constituímos a nata dos cidadãos soviéticos, a elite da inteligência, e a sua sorte está nas nossas mãos. É preciso que não se esqueça disto...

E o senhor tomou parte nisto sem hesitar sequer em exercer uma chantagem mesquinha? Os patrões disseram-lhe: «Apodere-se do Max. Traga-o para Berlim Leste, de forma a podermos utilizá-lo à nossa vontade.

Depois você poderá voltar também.» Foi isso?

A boca de Walther tinha uma expressão estranha, sempre a contorcer-se, húmida de saliva, sem conseguir articular palavra, até que, por fim, disse numa voz rouca: Julga então que eu seria capaz de vir ter convosco por minha livre vontade? Só pretendia ajudá-los a apanhar o Max. E a Emily também podia vir, se quisesse. Devia-lhe isso, em face do que sei acerca de Ravensbruck e do que calculo que tenha sido a vida dela na América. Desejaria tê-la comigo, numa casa decente, na companhia da minha família. Mas deixar os meus por causa do Max ou dos vossos compatriotas? Deixar a minha mulher, que é russa, e os meus dois filhos, que são a alegria da minha vida e a quem dedico o meu trabalho?

Parou para respirar, ofegante.

Doutor Krantz! Uma voz nítida e firme fez-se ouvir ao fundo do salão. Era a de Emily.

Voltaram-se todos ao mesmo tempo, sobressaltados, pois haviam-se esquecido dela. A rapariga encontrava-se diante da porta aberta do salão e provavelmente permanecera ali durante alguns minutos. Neste momento, mudando o casaco dobrado de um braço para o outro, de cabeça erguida, lábios cerrados, apenas com o andar ainda um pouco vacilante, aproximou-se do grupo.

Doutor Krantz repetiu ela. Se voltar a falar com o doutor Eckart, diga-lhe que não pode haver nenhuma troca, pois não existe ninguém que possa substituir o tio Max. - Fitou Craig, de olhos secos e expressão impassível, e acrescentou: Obrigada, Andrew!

Krantz esperava junto da porta. Foi ele o primeiro a sair. A seguir, Emily e, depois, Craig.

Ninguém se voltou para olhar o professor Walther Stratman...

Quando chegaram ao quinto andar do Grande Hotel, onde ficava o quarto de Craig, este ajudou Emily a entrar, amparando-a carinhosamente, e foi acender as luzes. A rapariga caminhava com dificuldade e tropeçou por duas vezes. Mas ia murmurando: Já estou melhor! Já estou melhor!

Havia quinze minutos que tinham saído da cabina do iate, em Palsundet, e a recordação desses instantes ainda os dominava. Logo que subiram, acompanhados de Krantz, à coberta de madeira de carvalho, imediatamente surgiu o sueco atlético, com ar desconfiado. Krantz começou imediatamente a papaguear uma longa explicação em língua sueca, mencionando uma vez o nome de Walther e duas o de Eckart, até que o guarda os deixou passar.

Começaram a caminhar rapidamente ao longo do cais, parando apenas uma vez quando Emily se queixou de que se sentia muito fraca.

Durante a paragem, Craig sofria com o frio dos flocos de neve que lhe vinham bater no rosto, ao mesmo tempo que o aquecia o corpo de Emily, a apoiar-se no seu. Aproveitou a demora para observar melhor o que o rodeava, as águas escuras do canal e a ilha de Langholmen, mesmo em frente, quase oculta pelo nevoeiro em baixo. A neve começava a cair com mais força. E aquele ambiente, que antes lhe parecera ameaçador, afigurava-se-lhe agora imbuído de uma sugestão estimulante e providencial. Era como se gozasse um interregno no tempo.

Tinham depois prosseguido ao longo dos cais gelados, atravessado a zona escorregadia do parque, Krantz a resfolegar como um asmático, Craig preocupado com a rapariga que levava pelo braço.

Ao chegarem à parte iluminada de Soder Malarstrand, o trânsito surgiu-lhes intenso sob a neve compacta e as decorações festivas pareceram-lhes apropriadas à natureza do seu regresso. Quando entraram na limousine salpicada de flocos de neve, Craig pediu a Krantz que os conduzisse ao hotel, e ele acedeu prontamente.”

Dentro do carro aquecido, Emily sentou-se primeiro muito direita, depois fechou os olhos e dominou um soluço.

Craig observava-a, preocupado, avaliando bem quanto o seu sistema nervoso havia sido posto à prova nestas últimas horas.

Lamento muito tudo isto, Emily. Para si, deve ter sido terrível. Não respondeu ela, abanando vigorosamente a cabeça.

Deu-me vontade de chorar... só porque me vi livre de tudo. Estive toda a tarde sem saber onde me encontrava, o que havia de pensar ou de fazer. Agora, o assunto está resolvido por si. Ele não é meu pai... pelo menos... não é o pai que eu conheci. E só a ideia de ter que trocar o tio Max por ele ou por outra pessoa qualquer... Calou-se.

Mas demos graças a Deus, Andrew. Temos de dar graças a Deus! Procurou a mão do rapaz, e este, agarrando-lha, puxou-a para si. Ela pousou a cabeça no ombro do escritor, fechou os olhos e suspirou como uma criança que se perdeu e se encontra de novo no concheço do seu leito.

Andrew... murmurou Emily com uma voz trémula e sumida.

Craig levou uns momentos a responder.

Não se canse a falar. Eu estou aqui. Estarei sempre junto de si.

Não respondeu ela. Não, Andrew...

Craig tentava compreender a recusa da rapariga e ia para lhe pedir explicações quando reparou que ela adormecera. Conservou pois o braço por detrás das suas costas durante todo o caminho, embalado pelo balouçar do carro, perdido nos seus pensamentos, até chegar ao toldo em frente do Grande Hotel.

Chegámos murmurou, desprendendo o braço e ajudando-a a erguer-se. O porteiro abriu a porta de trás, mas foi Krantz quem saltou a toda a pressa do seu lugar ao volante para vir auxiliar Emily a descer do carro.

Quando ia já a entrar no hotel, Craig recordou-se de que aquele assunto não estava ainda completamente terminado. Era necessário tomar uma decisão. Pediu pois a Emily que esperasse e ao porteiro que olhasse por ela, e voltou para junto de Krantz. Caminharam ambos em silêncio até perto do carro. Krantz ia sacudindo da cara os flocos de neve, com ar infeliz, até que ergueu os olhos para Craig.

Que tenciona fazer? perguntou.

Ao fitar aquele homúnculo tão servil, Craig compreendeu que só tinham um caminho a seguir. Desde o momento em que Daranyi lhe mencionara o nome, Craig considerara Krantz como uma espécie de Rumpelstilzchen', o gnomo perverso; porém, agora, ao vê-lo encolhido e corcovado, achou que não passava de um miserável anão. Craig quase chegava a compreender a necessidade que sentia uma criatura daquele tamanho de se engrandecer, ainda que fosse à custa de vilezas.

Craig via-o castigado pela Natureza desde o berço com aquela diminuta estatura e o seu eterno descontentamento. Pensou que isso já era o bastante. Fitou, pois, o rosto pálido do homenzinho e disse lentamente: Tenho estado a lembrar-me do Jacobsson... da Ingrid Pahl...

de centenas de outras pessoas... pessoas honestas... que trabalham afincadamente para que o Prêmio Nobel signifique qualquer coisa de superior... e digo a mim próprio que tudo isso será trabalho perdido se rebentar um escândalo. O senhor tentou remediar o mal que fez precisamente porque também não deseja esse escândalo.

O mesmo se dá comigo, de resto. O senhor conduziu-me ao barco.

O senhor ajudou-nos a sair de lá. E, tanto quanto me é dado julgar, presumo que nunca mais se envolverá noutra caso igual a este...

Nunca! Nunca! Juro-o!

Calculo que procurará arranjar as coisas com o Daranyi...

Farei contas com ele, imediatamente, amanhã já!

Quanto a mim, nada direi a ninguém a esse respeito, Krantz.

Farei apenas um relatório, que conservarei para o caso de você não cumprir a sua palavra.

Krantz quase chorava de reconhecimento.

Obrigado! Obrigado.

A mim nada me deve. Agradeça antes aos seus colegas... Agora, desapareça da minha vista.

1. Figura do folclore alemão, que representa um anão malvado que faz com uma princesa o contrato de lhe fiar uma enorme quantidade de linho exigida pelo rei em troca da promessa de esta lhe dar o primeiro filho a menos que conseguisse adivinhar o nome dele antes de um mês. Mas a jovem consegue-o e o gnomo desaparece. {N. do T.}

Ficou durante um momento a observar a rapidez com que Krantz corria a meter-se na limousine. Depois de esta desaparecer, voltou para junto do toldo, onde Emily esperava encostada a um varão. Segurou-a pela cintura e dirigiu-se com ela para o elevador.

Estavam agora no quarto. Craig despiu o casaco a Emily, instalou-a na cama e curvou-se para lhe descalçar os sapatos. Nesta altura, a rapariga abriu os olhos, com esforço.

O efeito da droga está a desaparecer, Andrew, mas ainda me sinto um pouco atordoada. Observou o quarto, desorientada.

Este quarto é o seu?

É, sim. Agora descontraia-se. Vai sentir-se bem dentro em pouco.

Ela acenou com a cabeça, arrastou-se para o centro da cama e recostou-se nas almofadas. Ergueu as pernas, a tentar cobrir os joelhos com a saia, e depois deixou cair o braço sobre a colcha.

Craig apagou duas das três lâmpadas, remexeu na mala, tirou o casaco e a gravata, tentando ocupar-se em qualquer coisa, a dar tempo a que Emily adormecesse. Aproximou-se do telefone, com o intuito de falar com Jacobsson na Sala dos Concertos, a fim de o avisar de que chegaria um pouco atrasado. Mas, enquanto se decidia, reparou que Emily ainda estava acordada e lhe seguia com os olhos todos os movimentos.

Não pode dormir? perguntou ele.

Não. Bateu levemente na cama, perto de si. Venha sentar-se aqui.

Pois sim. Curvou-se sobre ela. Nunca os seus cabelos pretos e sedosos, os seus olhos verdes, os lábios vermelhos lhe haviam parecido tão belos. Quando se inclinou sobre ela, a rapariga fechou os olhos, e Craig beijou-a.

Por fim, empurrando-lhe o ombro com a mão fraca, repeliu-o brandamente e ele anuiu.

Andrew...

Querida?

Que havemos de fazer?

Nada mais simples. Vamos esperar que passe o efeito da droga e depois vestimo-nos e vamos para a sessão solene.

Não era a isso que eu me referia disse ela. O que eu queria dizer... Mas tornava-se-lhe difícil exprimir-se sob a acção do sedativo, o seu raciocínio era ainda muito lento. Como é que me descobriu?

Ele contou-lhe que a expectativa do telefonema dela o deixara ansioso e cheio de esperança de ser finalmente compreendido. Fora depois procurá-la ao apartamento, recebera o gravador e resolvera não atormentar o tio com aquele terrível dilema, dispondo-se a tentar resolvê-lo sozinho. Falou-lhe do seu encontro com Gottling, da visita de ambos a Daranyi, do que acontecera a este, e depois, com menos 726

li pormenores, referiu-se à discussão com Krantz, que o conduziu ao iate.

A rapariga escutou-o sem fazer comentários e por fim disse: Você foi muito bom.

Amo-a declarou ele apenas.

Emily fez de conta que não tinha ouvido a declaração e prosseguiu: Não posso deixar de pensar no que decerto aconteceria se eles houvessem encontrado o tio Max antes de si. Ele teria aceitado imediatamente a troca, sem qualquer hesitação, recordando-se apenas do que era o meu pai de outros tempos e esquecendo, como sucede com todos nós, que as pessoas mudam.

Isso é verdade.

Eu teria ficado sem o tio Max... Teria ficado sozinha. Como é " que você pensou ser capaz...

Eu não pensei nada, Emily retorquiu Craig. Senti apenas.

Senti e agi de acordo com os meus sentimentos, coisa que não me acontecia há muitos anos. Foi só isto. Senti que o seu tio Max não devia ser transaccionado. Senti que seria preferível convencer o seu pai. Acima de tudo, sentime viver. Porém, a certa altura, júlguei-me morto, tal como antes de a ter conhecido, mas sabia que podia voltar " a viver. E conservei-me vivo apenas por sua causa... Emily, peço-lhe que deixe de ignorar esse facto, de tentar negá-lo. Amo-a, aceite o meu amor.

Não posso. Então não compreende? Sou incapaz... É impossível!

Mas porquê? O pensamento de Craig fixou uma palavra dela e perguntou a si próprio se não residiria aí o segredo da rapariga.

', Emily, não sei onde está a impossibilidade. Apenas posso adivinhar que se trata do seu passado. Há uma palavra que ouvi repetidas vezes, a si, ao seu tio Max e a Daranyi. Até mesmo ao seu... a Walther.

Ela fitava-o com uns olhos apavorados, mas Craig prosseguiu: Essa palavra é Ravensbruck disse ele. É a única coisa que eu não compreendo, além do facto de você me repelir. Eu sei, foi você que mo disse um dia, que Ravensbruck era um campo de concentração para mulheres, na Alemanha, durante a guerra. Mas continuo a não compreender a relação...

Andrew interrompeu-o ela. Era isso que eu queria dizer-lhe ao meio-dia. Era essa a coisa importante que desejava explicar-lhe.

E não mudou de intenção?

Não sei se é essa a minha vontade, mas, seja como for, torna-se indispensável que o faça. Foi sempre aí que residiu a questão. Calculo que, ao saber a verdade, você fique a conhecer-me melhor e possa compreender a razão por que o tratei daquela maneira na

noite em que nos encontrámos pela primeira vez no palácio... A razão por que sou tão estranha e reservada... tenho a certeza de que já reparou nis'; só... A verdadeira razão por que o repeli. Fez uma pausa. Não 727

foi por causa da Lilly, sabe? A culpa era minha. Os olhos verdes de Emily fitaram as feições de Craig durante um longo e silencioso instante. E finalmente... finalmente, é essa a razão por que não posso casar consigo nem tornar a vê-lo.

- Emily...

Quero falar teimou ela numa voz cansada e um pouco pastosa.

Tinha que o fazer mais cedo ou mais tarde, a fim de que você se convença de que não podemos tornar a ver-nos. Você merece saber a verdade, pois fazia outra ideia a meu respeito. E além disso... parece-me...

a minha pobre cabeça...-sinto-a tão leve agora... que parece estar suficientemente narcotizada para poder falar sem inibições.

Emily, preferia que descansasse e guardasse para depois...

Agora, Andrew, tem de ser agora. Isso, para mim, é mais importante que tudo quanto há no mundo.

Então está bem, Emily – respondeu ele. E, no seu íntimo pensava no que iria ouvir e de certo modo sentia receio.

- Não se importa que não olhe para si enquanto falo? – durante um momento permaneceu calada, como que a pôr em ordem os pensamentos confundidos pela droga. – Ravensbruck! – disse ela. – Foi aí que tudo começou e acabou. Chamavam-lhe, na Alemanha, o inferno das mulheres, mas era ainda pior do que isso. – os pensamentos dela confundiam-se de novo, mas a sua resolução era tão forte que conseguiu prosseguir. – Eu e a minha mãe fomos mandadas para lá, como sabe. Ficava a cinquenta milhas ao norte de Berlim e haviam-me prometido conservar-nos a vida enquanto o tio Max e o meu pai trabalhassem por conta do governo.

- Bem sei – respondeu Craig.

- Estive em Ravensbruck dos treze aos quinze anos. Quando para ali fui, era uma garota esgalgada, que acabava de sair da puberdade, mas no ano seguinte, porém, comecei a desenvolver-me e, antes de completar quinze anos, estava uma mulher. Uma mulher muito mais atraente do que sou hoje, com uma mentalidade de criança ajuizada. Vivíamos como animais, privadas de tudo, andrajosas, imundas, sempre com medo por sermos judias. Mas ninguém nos chicoteava, nem nos batiam, nem nos faziam comparecer nuas às inspecções, a mim e a minha mãe, por causa do meu pai e do tio Max. Quanto a mim, não se pode dizer que a maior parte daqueles primeiros dois anos fosse um inferno, pois acabava apenas por me tornar mulher, e antes disso fora uma criança; portanto, era essa, por assim dizer, a única vida que conhecia. Tudo me parecia natural, como se sempre ali tivesse vivido: usar um vestido coberto de piolhos e mal-cheiroso, calçar tamancos de pau, acordar às cinco e meia da manhã e tomar apenas uma chávena de ersatz de café ao pequeno almoço, uma lata de sopa de couves ao meio-dia e outra à noite; roubar cascas de batata do lixo; trabalhar durante onze horas por dia a abrir uma estrada; ter como 728

retrete um bidão de gasolina; dormir com a minha mãe e mais outra mulher, cobertas de piolhos, sobre a palha, com um único cobertor para todas as três. Repito, recusava-me a pensar que existia outra espécie de vida, e lá ia resistindo. Para a minha mãe era pior, mas isso não vem ao caso. O verdadeiro horror do campo de concentração não estava tanto nas indignidades, castigos e sofrimentos que suportávamos e a que assistíamos, mas sim nas coisas piores que não presenciávamos.

Tal como dizem muitas vezes os veteranos do hospital de Atlanta onde trabalho, os boatos corriam. Verifiquei a veracidade de alguns, pois conheci algumas mulheres francesas e checas. As nossas amigas desapareciam por vezes e sabíamos ser verdade que cinquenta

mulheres por dia eram mortas a tiro pelas costas e depois queimadas.

A fim de intensificar a liquidação, muitas das nossas amigas foram obrigadas a ajudar a construir uma câmara de gás e, portanto, sabíamos que isso existia. Havia ainda as experiências científicas, as experiências médicas...

Craig pensou no Dr. Farelli, em Dachau, e depois prestou de novo atenção, sempre intrigado.

... e uma das experiências de que tive notícia foi realizada, numa mulher polaca, pelo doutor Karl Gerhardt, um cirurgião da Universidade de Berlim, e pelo doutor Schidlousky, o nosso oficial médico-chefe.

Queriam investigar qualquer coisa acerca de sulfamidas, e, em lugar de ratos brancos, serviam-se das raparigas polacas. Infectavam-lhes as pernas, faziam-lhes golpes onde inoculavam micróbios do tétano, por vezes usando vidro moído, ou provocavam-lhes gangrena artificial nas incisões, a fim de estudarem os resultados. A maior parte das raparigas morriam de uma maneira atroz. Mas não é essa a minha história. A primeira vez... Os olhos dela fitavam, com expressão ausente, a janela do hotel, e decorrido um momento prosseguiu: Os nazis andavam preocupados com os seus aviadores e marinheiros que caíam na água gelada durante o Inverno, e por isso começaram a fazer experiências em seres humanos, que faziam gelar para os reanimarem depois. Pouco sei acerca disso, fora aquilo que vi e que me aconteceu.

Foi durante uma horrível noite de Inverno, em que estávamos todas reunidas em volta do fogão, depois de termos comido a sopa de couves, às oito horas. A vigilante superior, a Aufseherin, que estava logo abaixo do coronel Schneider, o comandante, chamada Frau Hencke, apareceu com dois guardas. Vinha de uniforme cinzento, com a pistola no coldre, botas pretas e chicote na mão. Mandou-nos pôr a todas de pé, em fileira, e depois começou a

observar-nos uma por uma, abanando o chicote, a sacudir a cabeça, enquanto lamentava a nossa porcaria e fealdade, os nossos olhos mortíços, até que chegou ao pé de mim. Olhou-me de alto a baixo e exclamou: «Já, esta serve, serve mesmo muito bem.» A minha mãe ficou logo aterrada e quis que ela dissesse o que iam fazer-me. Porém, Frau Hencke declarou que seria 729

para mim uma honra poder ajudar nalguma coisa creio que falou em exercer caridade , auxiliando os médicos nas experiências científicas.

Disse que eu estaria ocupada durante essa noite e na manhã seguinte, mas que poderia descansar no outro dia. Emily suspirou.

Isto foi o princípio acrescentou. Permaneceu muito quieta durante alguns instantes e depois prosseguiu devagar: A temperatura naquela noite era de dez graus negativos. Nem quero lembrar-me do frio que fazia. Vesti a minha camisola, o casaco da minha mãe e um xaile que alguém me emprestou e saí na companhia de Frau Hencke e dos guardas. O chão estava duro como ferro e o gelo pendia em estalactites dos telhados das casernas. Eu pensei que nos dirigíamos para o Revier, o barracão que nos servia de hospital, mas passámos muito além, até chegarmos a um pequeno edifício de tijolo que Frau Hencke disse ser a enfermaria onde se realizavam as experiências científicas.

Ao chegarmos perto da entrada, ouvi, sobrepondo-se ao uivar do vento, o som de uma voz de homem a gritar. Era um som que cortava o coração. Depois aproximou-se o doutor Voegler, o médico, ajudante do doutor Schidlausky, e este disse que eu ia assistir à experiência.

Fizeram-me entrar pela porta lateral, donde se ouviam mais distintamente os gritos do homem. E sabe o que eles me mostraram? Um jovem prisioneiro judeu, com cabelos pretos e encaracolados. Estava estendido numa maca, sobre o chão duro, com uma temperatura de dez graus negativos, e todo nu. Eu quis fugir. Nunca

vira um homem adulto despido: essa era a primeira coisa. Mas o pior era a malvadez de lhe terem atado os pulsos e os tornozelos, estando ele, nu e indefeso, estendido na maca. Depois, à minha vista, um guarda despejou-lhe em cima um balde de água gelada, e ele começou a gritar cada vez com mais força. O doutor Voegler e Frau Hencke informaram-me de que se tratava de uma experiência de congelamento, a que se seguiria outra de aquecimento. A finalidade deles era ver até que ponto um indivíduo poderia suportar o frio e ser de novo reanimado. Disseram-me que aquilo se tornava necessário para poder salvar os gloriosos aviadores da Luftwaffe que caíam no Canal. Depois informaram-me de que eu fora escolhida para ajudar a provar que um homem tão gelado como aquele poderia ainda ser salvo. Recordo-me de lhes ter respondido que faria tudo para ajudar a reanimar o pobre rapaz.

O médico mostrou-se satisfeito por me ver animada de tão boa vontade e disse que dentro de pouco tempo teria ensejo de mostrar os meus préstimos. Frau Hencke levou-me para um quarto ao lado, com janelas em toda a volta, como uma enfermaria de hospital, mas todas elas cobertas com cortinas. Só se via ali uma cama larga e uma cadeira.

Frau Hencke mostrou-se amável comigo e disse que me ia dar leite quente e biscoitos. Havia anos que eu não comia semelhantes gulodices.

Depois mandou-me dormir um bocado, pois viria acordar-me quando fossem horas de começar o trabalho. Eu bebi o leite e comi

730

os bolos, depois tirei os sapatos e estendi-me na cama, com as luzes apagadas, mas não consegui dormir, sempre a pensar no pobre judeu que vira estendido na maca. Talvez tivesse passado pelo sono, não sei bem. Calculo que decorreram algumas horas. De repente, vi abrirem-se todas as luzes da sala. Sentei-me e deparei com Frau Hencke e o doutor Voegler ao pé de mim. «Fraulein Stratman», disse

este. «Chegou o momento. Vai começar a nossa experiência de reanimação. Vamos trazer para aqui o paciente, aquele rapaz que você se mostrou disposta a ajudar, e trataremos de descobrir se ainda é possível reanimá-lo por meio de calor animal, isto é, do calor de um corpo humano.» Eu não fazia ideia do que ele queria dizer com aquilo. «Dispa-se, Fraulein», ordenou ele. Eu quis saber o que havia de despir e ele declarou que era tudo quanto tinha em cima. Eu não completara ainda quinze anos e tinha vergonha do tamanho dos meus seios e do meu corpo de mulher. Por isso recusei-me. O médico afirmou que aquela experiência tinha de ser levada a cabo por duas pessoas, uma delas fria de gelo, como aquele rapaz, a outra quente como eu. Assim, devia deitar-me junto dele e abraçá-lo, para o fazer voltar à vida com o meu calor.

Pus-me a gritar que não era capaz de fazer isso, e então o médico declarou que, nesse caso, iria buscar a minha mãe para me substituir e que eu teria de ver tudo. Em face disto, não opus mais resistência. Frau Hencke despiu-me a saia, a camisola, o soutien de algodão, puxou-me para baixo as calças. Uma vez nua, obedeci às instruções que me davam.

Estendi-me na cama, com uma das mãos a tapar os seios e com a outra em baixo. Então, o doutor Voegler e Frau Hencke saíram da sala e foram buscar o pobre rapaz judeu, que estava todo nu e inconsciente, por causa do frio. O seu corpo rígido parecia um pedaço de metal.

Deitaram-no na cama ao meu lado. Deixaram apenas uma lâmpada acesa e as cortinas de uma das janelas entreabertas. O médico recomendou-me que apertasse bem o rapaz nos braços, contra os seios e o ventre, que o acariciasse, para ver se conseguia reanimá-lo. Afirmou-me que a sua vida estava nas minhas mãos e acrescentou que eles ficariam a ver, pela janela, se eu cumpria o que me ordenavam. A princípio, ao encontrar-me sozinha com o rapaz, senti repulsa. É preciso ter presente a minha idade. Nunca tocara

num homem, nem vira nenhum naquelas condições. Mas depois, lembrando-me que estava a ser observada, olhei para o rapaz inanimado, meio morto, mas não completamente, isso via-se bem, e concentrei o pensamento na tarefa de o fazer voltar à vida. Voltei-o de lado, de maneira que ficasse encostado a mim, abracei-o e fiz-lhe festas. Não sei como hei-de descrever-lhe o resto.

Quem estava a observar-me já sabia o que ia suceder: andavam a proceder a experiências daquelas havia semanas. Mas eu é que ignorava tudo. Dali a uma hora, o jovem voltou a si, ainda muito fraco, mas lúcido, sem saber onde estava nem o que lhe acontecera. Depois, o doutor Voegler veio tirar-lhe a temperatura, que era de oitenta e qua-731

tro graus ', e então foi-se embora. Eu fiquei sempre a abraçá-lo e a passar-lhe as mãos por cima. A certa altura, abriu os olhos e pôs-se a observar-me, a examinar os meus seios. Depois teve uma erecção e meteu-se entre as minhas pernas, antes que eu tivesse tempo de me defender. Parecia um cão desvairado. Desflorou-me e eu fiquei a sangrar, enquanto ele soluçava e dizia que tinha muita pena de mim, muita mesmo, mas que não podia parar, e continuou até acabar. Depois deixou-me cair para trás, e adormeceu. Eu nunca imaginara uma coisa daquelas e sentia-me doente. Então apareceu o doutor Voegler com mais dois médicos e Frau Hencke. Examinaram o rapaz e depois deram-me os parabéns. Disseram-me que a temperatura dele subia rapidamente até ao normal durante o coito e que esse processo era o melhor de todos, com excepção de um banho quente. Afirmaram ainda que me dariam como recompensa um bom almoço e que o rapaz se salvaria. Não fui capaz de comer o almoço. Sentia-me perdida, mas disse comigo mesma que, ao menos, o meu sacrifício servira para salvar a vida de um pobre judeu. De manhã, disse à minha mãe uma mentira qualquer acerca de ter praticado uma obra de caridade e tentei conservar secreto o meu desgosto durante alguns dias, até que vim a descobrir que tudo fora inútil.

Tinham ido buscá-lo à barraca e metido numa tina de gelo, ao ar livre, quando estava a nevar. Depois levaram-no outra vez lá para dentro e puseram-no no meio de duas francesas nuas, mas, mesmo assim, ele morreu.

Emily ficou inerte, de olhar vago, sem fitar Craig.

Este preferiu não lhe tocar. Apetecia-lhe atraí-la a si e fazer-lhe esquecer todo aquele passado já morto, mas tão vivo ainda para ela.

Mas sabia ser impossível.

Foi então isso o que se passou em Ravensbruck? perguntou.

Isto foi o princípio explicou ela. Apenas o princípio, já lhe disse. Contarei mais rapidamente o que se seguiu, precisamente por ser isso o mais importante. Uma semana depois desta experiência...

Faltou-lhe por um momento a voz.

Emily disse ele. Eu...

Uma semana depois insistiu ela, Frau Hencke, a vigilante principal, mandou-me chamar aos seus aposentos particulares. Foi antes do jantar e já fazia escuro. Bati à porta e ela mandou-me entrar.

Estava deitada no sofá da sua saleta, coberta até ao pescoço com uma manta. Era uma mulher alentada, não muito forte, mas ossuda, aí dos seus trinta e cinco anos, com uma voz grossa que metia medo aos inferiores.

Gozava de grande preponderância no campo de concentração.

Disse-me que fechasse a porta à chave e eu obedeci. Em seguida, mandou-me aproximar dela. Perguntou-me a idade, e eu disselhe que ia fazer quinze anos dali a pouco. Ela confessou-me que ficara impres-

1 Farnheigt.

732

sionada com o meu comportamento e com a coragem de que dera provas na noite da experiência, e que desde então não deixara de pensar em mim. «Quando te despi», confessou-me, «convenci-me de

que nunca vira uma rapariga tão bem feita.» Sentime assustada, mas agradeci-lhe.

Declarou-me que sofrera muito por me ver na cama a fazer amor com aquele judeu. Se dependesse dela, não permitiria que nenhum homem desflorasse uma virgem tão encantadora. «Mas esqueçamos isso», prosseguiu, «porque tenho uma boa notícia para te dar».

Disse-me que, abaixo do coronel Schneider, era ela a pessoa mais im'; portanto em Ravensbruck. Estava na sua mão salvar a vida e torná-la mais agradável a quem muito bem quisesse. Declarou-se pronta a < fazê-lo por mim e por minha mãe. Colocar-nos-ia sob a sua protecção.

Porém, no curto espaço de uma semana, eu amadurecera bastante.

por isso fiquei desconfiada. E perguntei-lhe: «Mas por que motivo ', se interessa assim por nós?» E ela respondeu-me: «Oh, Emily, porque fiz o disparate de me apaixonar por ti!»

com a cabeça deitada no travesseiro, quase esquecida da presença de Craig, Emily parecia rever toda a cena.

Continuou a afirmar-me a que ponto gostava de mim prosseguiu a rapariga. Prometeu que me trataria com todos os cuidados ..! e que nunca teria motivo para me arrepender. Depois, enquanto fala"-

vá, começou a ficar cada vez mais... mais excitada. Declarou que não podia perder tempo com palavreado. Mandou-me despir toda, como fizera durante a experiência. Eu não mexi um dedo para lhe obedecer e ela então perguntou-me se já ouvira falar da sala dos duches, e eu disse que sim. Tinham mandado para lá de castigo uma rapariga francesa. O duche era um bidé que projectava água para cima como um repuxo, com a pressão de uma mangueira de incêndio'. E a pessoa tinha de ficar de cócoras sobre ele, acabando por morrer. Frau Hencke declarou que lhe repugnava a ideia de esse tal duche ir deformar-me.

Eu continuava ainda a hesitar em me despir, e ela, quando viu a minha teimosia, declarou sem rodeios: «Preferes ter a tua mãe aqui, em Ravensbruck, ao pé de ti, ou em Auschwitz, onde há fornos crematórios?

O coronel Schneider encarregou-me de elaborar uma lista.»

Então, como num sonho, comecei a tirar, uma por uma, as peças do vestuário. Quando fiquei nua, ela sorriu: «Wunderschon!» 1 disse.

«És superior a tudo que tenho visto. Agora tira a manta de cima de mim.» Você já teve ocasião de caminhar nu em frente de um estranho?

As minhas pernas pareciam de madeira e tentava cobrir... não interes.

sa... Dirigi-me para ela e afastei a manta, e vi-a... sem nada vestido...

e era repelente. Fiquei toda a tremer, e Frau Hencke mandou-me deitar ao seu lado. Não tinha outra alternativa. Sentei-me e... e... ela acariciou-me e disse-me de novo: «Agora deita-te.» Era indecorosa a 1. Maravilhosa.

733

maneira como resfolegava... Mas eu obedeci, porque era nova, só tinha a minha mãe e não queria que a metessem num forno crematório.

Emily calou-se. Isto durou três meses...

Emily interrompeu Craig. Não preciso de ouvir mais nada.

Por favor...

Tem medo? inquiriu ela, sem o olhar. É isso?

Não, é por sua causa. Mas percebeu então que aquilo para a rapariga era uma forma de desabafar.

Hei-de ir até ao fim declarou ela. As suas palavras nem sempre se percebiam distintamente por causa do sedativo. Certa noite, como sempre, fui ter com Frau Hencke, e pela primeira vez encontrei-a

completamente vestida. Disse-me na sua voz burocrática: «Fala-se de mais neste campo. Não só as prisioneiras, mas também os coscuvilheiros dos guardas. O coronel Schneider chamou-me para me dizer que os nossos encontros eram conhecidos e que havia quem tivesse inveja.

Ele acha isto mau, do ponto de vista moral. Tenho muita pena, mas tudo acabou.» Eu tive vontade de chorar e de agradecer a Deus o fim daquele pesadelo, o ter-me livrado daquela horrível lésbica. Mas depois ela prosseguiu: «O coronel Schneider quer falar-te pessoalmente.

Depois do rancho da noite, às oito horas, um dos guardas irá buscar-te. Podes ir-te embora, Emily.» Recordo-me de que o guarda chegou às oito e vinte. Fui conduzida ao chalé do coronel Schneider.

Era o melhor de Ravensbruck, visto ele ser o comandante. Introduziram-me no escritório, a porta fechou-se e eu vi-o sentado à secretária.

Envergava um roupão de seda que trouxera de Paris. Fiquei de pé durante muito tempo, até que ele se voltou para mim. Nunca o vira antes.

Usava patilhas e o cabelo, à frente, formava uma franja. Tinha o nariz chato, era de estatura mediana, sem pescoço, mas parecia um touro.

Ficou a olhar para mim, como... se eu fosse uma vitela que tivesse ganho um prêmio numa feira... e depois disse: «Caramba... caminha à volta da sala.» Eu obedeci, e ele comentou: «Sabes andar. Eu ignorava por que motivo Frau Hencke andava tão radiante ultimamente.

Agora percebo. Pois bem, não admito perversões entre os meus subordinados.»

Depois, acrescentou: «Basta. Entra para o meu quarto e despe-te. Eu já lá vou ter.» Fiquei atordoada. Esperava tudo, menos isso. Sabia o que o coronel me diria se me mostrasse recalcitrante. Mas, mesmo

assim, tentei. Supliquei. Ele nada quis ouvir. «Já não és virgem», disse. «Ouvi falar do teu caso com o judeu. Conseguiu reanimá-lo, hem? Poucas mulheres se podem gabar disso. Vais achar que um ariano saudável é muito mais digno de ti. Entra para o meu quarto.

Podiam acontecer coisas piores, a ti e à tua mãe.» Quando ele falou da minha mãe, deixei de resistir. Dirigi-me ao quarto, despi-me e esperei em cima da cama. Quando veio ter comigo, estava nu. Era um verdadeiro touro.

Emily, por favor...

734

Quero que você saiba tudo. Poupar-lhe-ei os pormenores. Ele nem sequer me acariciou com a mão. Tratou-me como um animal de reprodução. Abriu-me as pernas à força e caiu em cima de mim como um cilindro das estradas. Passada meia hora, mandou chamar o doutor Voegler. Este deu-me quatro pontos e disse-me que ficasse de cama dez dias. Mal pude caminhar até à caserna. Mandaram um cesto de comida para a minha mãe e para as companheiras, e eu nunca confessei a ninguém a verdade. Ao fim desses dez dias, o guarda voltou a ir buscar-me. O coronel Schneider estava sentado à secretária. Nem sequer me falou. Apenas me fez sinal com a mão para que entrasse no quarto. Depois repetiu-se o mesmo todas as noites, excepto duas vezes em que ele foi de avião a Berlim. Então, no segundo mês, declarou que estava farto de mim. Disse-me que eu me comportava na cama como um pau de vassoura e me limitava a deixá-lo fazer o que ele queria. Mas já estava a ficar aborrecido e não me admitia semelhante insolência. Portanto, se eu e a minha mãe queríamos continuar a receber os seus favores, eu teria de passar a ser mais demonstrativa, mais agradável, a dar provas de amor e de interesse verdadeiro.

Ela calou-se durante um doloroso instante.

Passei a fazer tudo quando ele me dizia continuou Emily.

Aparentemente, era quanto lhe bastava. Eu encontrava-me com o coronel Schneider quatro, cinco e até seis vezes por semana, uma hora de cada vez, durante sete meses. Sim, sete meses. Aquilo, para mim, já nada significava. Mas depois começou a correr o boato de que os Russos estavam a aproximar-se e de que a guerra ia acabar. O coronel Schneider foi de avião a Berlim, para conferenciar com Hitler e Himmler.

Nunca mais voltou; morreu durante um ataque aéreo. Porém, tinha falado a meu respeito aos oficiais mais novos, e um major e dois capitães das Waffen-SS levaram-me com eles, quando evacuaram Ravensbruck, para o seu novo posto, em Buchenwald, perto de Weimar.

E durante várias semanas a minha mãe desaparecera e já nada me interessava na vida, estive por conta dos três. Procedia como um autómato chamam a isso reflexos de Pavlov, suponho eu. Mal caía a noite, dirigia-me maquinalmente para a porta, o guarda vinha, e seguia-se a mesma cena no divã com todos os três. Até que um dia desapareceram de repente e ninguém me veio buscar à noite, embora eu estivesse junto da porta. Foi no dia onze de Abril de 1945. Os Americanos tinham chegado para nos libertar. Examinaram os nossos processos: documentos, diários, *etc.* Encontraram o meu, e o psiquiatra do Exército americano declarou a meu respeito o mesmo que um psicanalista britânico viria a dizer-me mais tarde: eu encontrava-me em estado catatónico. Ninguém sabia o que me tinha sucedido, a não ser os médicos, até que o tio Max me encontrou e eles o informaram acerca de alguma coisa. Calou-se. Ravensbruck. Repetiu: Foi isto Ravensbruck.

735

Emily! Emily! Que posso eu dizer-lhe? Apenas que... de hoje em diante...

Ela não o quis ouvir.

Todos julgam que sou virgem prosseguiu. E ficariam com os cabelos em pé se ouvissem contar isto. Até você estava convencido de que eu era virgem. Desculpe, Andrew, mas você tinha de saber... que a sua freira, afinal, era uma... uma veterana com a experiência de trezentas noites... De súbito, tapou os olhos com as mãos e a voz quebrou-se-lhe. Oh, meu Deus, quantas vezes, durante os últimos anos, desejei morrer.

Ele agarrou-lhe os pulsos, tirou-lhe as mãos de sobre os olhos cobertos de lágrimas e beijou-lhas.

Nada disso sucedeu consigo, Emily, nada! Obrigaram-na a essa vida e agora é livre... Tudo passou.

Ela fitou-o pela primeira vez desde o início da conversa.

Passou, Andrew! ? Como podem estas coisas passar?

O sadismo e a violência foram-lhe impostos, e você, agora, confunde isso com o amor, quando, na verdade, uma coisa nada tem a ver com a outra. Porque o seu amor, esse, conservou-o você e nunca o deu a ninguém. Continua intacto. Pelo que respeita ao verdadeiro amor, você ainda é virgem.

Bem sei que quer ser delicado comigo. É muito amável e tem piedade de mim...

Lamento muito tudo quanto aconteceu, mas o que sinto por si nada tem a ver com a piedade.

Eu quero acreditar nisso prosseguiu Emily. Mas como hei-de consegui-lo? Desde o dia em que a guerra acabou e fui para América, nunca mais nenhum homem me tocou. Não posso consentir nisso.

Era como se tivesse de viver dentro de um frasco esterilizado, isolada de contactos humanos, a fazer penitência por pecados mortais, sabendo secretamente que as minhas manchas não tinham redenção... Da cintura para baixo, ficara conspurcada e, se mais alguma vez voltasse a estar com um homem, ele descobriria tudo, ficando revoltado, e repudiar-me-ia.

Ou, se o não descobrisse, seria eu quem estaria a enganá-lo, e viveria nas penas do Inferno. Durante quase todos estes últimos quinze anos entreguei-me a uma fantasia, quer dizer, pensava que a parte nojenta da minha pessoa ia desaparecendo com o tempo, sendo substituída por uma carne nova. Então eu voltaria a ser como qualquer mulher normal. Poderia permitir a mim própria aceitar um homem e apaixonar-me. Quer saber? Quando vínhamos no barco, quis experimentar se seria capaz de ter qualquer contacto humano, mas não consegui, não tive coragem. Conheci-o então a si, permiti a mim própria ir um pouco mais longe, pensando que seria possível... Foi nessa altura que fiquei a saber. Conheci a sua amiga Lilly e percebi, ao vê-la, o que era uma pessoa saudável e que eu não passava de uma 736

paralítica emocional incurável, que aquilo que eu admitira como possível, isto é, apresentar-me como uma jovem pura, era impraticável e que para si constituiria um golpe demasiado duro ser de novo traído pelo destino.

De súbito, fechou os olhos com força e sacudiu a cabeça. Tornou depois a abri-los, como se reconhecesse Andrew Craig, e sentou-se na cama.

Parece-me que o efeito da droga está a passar. Falei de mais.

Ter-lhe-ia dito tudo?

Disse, sim, Emily. Felizmente.

Ainda bem. Também lhe disse... qualquer coisa que desse a entender... que gostava de si?

De certo modo.

Então já sabe, e também ficou sabendo que isso é impossível.

Não diga uma coisa dessas! Eu gosto de si e vamos casar.

Não fale nisso. Tenha piedade de mim. Não podemos continuar ", nisto, e você bem o sabe. Se nos casássemos, que seria de nós todas as noites? Você recordar-se-ia do meu passado, recordar-se-ia do que

eu acabo de lhe contar... saberia que cada um dos meus movimentos...

toda essa imundície corromperia o nosso amor e, por fim, só restaria o ódio. Eu não poderia suportar tal coisa.

Ajeitou o cabelo, compôs a camisola e começou a pôr as pernas para fora da cama.

Não vale a pena, Andrew. Deixe-me voltar para o meu quarto.

Ele segurou-a por um ombro.

Não disse com firmeza. A necessidade de ficar junto dela até ao fim da vida, o desejo de a possuir para sempre, tornara-se nele uma obsessão insuportável. Não, você não vai deixar-me sozinho quando sabe que não posso viver sem si e que também você me deseja com a mesma violência. Pegou-lhe na mão. Emily, pense bem, Emily! Eu ouvi tudo e continuo a amá-la, amo-a cada vez mais, e não vou consentir que me estrague a vida separando-se de mim. Nunca mais vou pensar naquilo que já lá vai, não quero saber disso para nada. Isso passou-se num planeta morto, povoado de criaturas inu, manas, mas nós somos seres humanos, vivemos à luz do dia, na Terra, e devemos aproveitar a vida. E eu reitero aquilo que disse: você nunca foi tocada por nenhum homem, visto que nunca conheceu um momento de amor. E isso é o que interessa. Tem de pertencer a alguém que a mereça e cuide de si. Emily, eu julguei que nunca mais en'

contraria nenhuma mulher no mundo depois da Harriet. Quando ela morreu, eu julguei morrer também. Mas hoje sinto-me outro, um ser diferente, vivo e ansioso por gozar de novo a vida, mas não sozinho... consigo a meu lado.

l Tomou-a nos braços e sentiu o corpo da rapariga descontrair-se. Beijou-lhe os cabelos, as orelhas, os olhos, as faces.

737

Andrew murmurou ela. Andrew, tudo o que acaba de dizer é verdade?

Juro-o com toda a minha alma. Seria capaz de dar a vida por si.
Não concebo a vida sem a sua presença.

Sim murmurou Emily, devagarinho, com a cabeça encostada ao peito dele e numa voz quase inaudível. Acredito em si. Você provou-o bem ainda hoje. Depois acrescentou: Deita-te comigo, meu amor. Deita-te e abraça-me. Nunca mais me deixes...

Nunca mais na vida...

Emily estendera-se na cama. Craig deitou-se ao pé dela, abraçando-a tranquilamente, colado ao contorno tépido dos seios, do ventre, das coxas suaves da rapariga. Beijou-a no rosto repetidas vezes, acariciou-lhe o cabelo, os ombros, até conseguir exorcisar os últimos terrores. Até fazer que o passado mergulhasse na escuridão.

Andrew murmurou ela. Agora já podes dizer o que querias...

Amo-te. Amo-te para sempre...

Emily parecia presa de um encantamento e pensava: «Bendita seja a Terra, e o calor do Sol, e a verdura, e o azul do céu, e tudo o que canta e vive...» Aproximou a face da dele, para lhe poder confessar em segredo que agora também era capaz de amar... mas compreendeu que ele já o sabia, e por isso deixou-se ficar também tranquila, ambos a descansar como se fossem um só...

Eram seis e vinte da tarde.

A magnífica cerimónia no auditório da Sala de Concertos estava prestes a terminar. O Dr. Claude Marceau e a Dr.a Denise Marceau haviam sido já apresentados e o seu elogio fora feito em sueco; depois dirigiram-lhes uma saudação em francês e ambos aceitaram a recompensa das mãos do rei. O Dr. Claude Marceau agradeceu em seu nome o do da mulher, dirigindo-se à numerosa assistência. O Dr.

Carlo Farelli e o Dr. John Garrett haviam recebido também ambos o diploma e cada um por sua vez proferiu algumas breves e eloquentes palavras de agradecimento.

O professor Max Stratman, que acabara de receber o Prêmio, tentava esquecer as apreensões que o torturavam quanto a Emily e a

Craig. Encontrava-se agora na tribuna, a ler o discurso que preparara com todo o cuidado, o qual constituía um veemente apelo no sentido de se estabelecerem boas relações entre o Leste e o Oeste, um apelo à paz universal.

Chegara ao derradeiro parágrafo: Todos os anos, no meu país, os Estados Unidos da América, organizamos, em Nova Iorque, um jantar comemorativo do Prêmio Nobel, durante o mês que vai começar. Numa dessas ocasiões, um 738

homem eminente que eu muito admiro e me orgulho de ter conhecido falou, na sua qualidade de cientista e pacifista, e eu hoje permito-me fazer minhas as suas palavras. Em 1945, nesse jantar comemorativo, o professor Albert Einstein declarou: «Que o espírito de Alfred Nobel, que criou esta grande instituição, a sua confiança e o seu espírito de compreensão, a sua crença na generosidade e na camaradagem humana permaneçam vivos na mente daqueles em cujas mãos se encontra o nosso destino. De contrário, a nossa civilização será aniquilada.» Obrigado a todos, e muito boa noite.

Stratman agradeceu a prolongada ovação e voltou para a sua cadeira.

Ingrid Pahl, a quem cabia apresentar Andrew Craig, o último a receber o Prêmio, fora já ocupar o lugar vago junto a Jacobsson.

Desesperada, sem saber o que havia de fazer, puxava nervosamente o vestido.

Que lhe teria acontecido? perguntou. Vai ser uma vergonha.

Que desculpa havemos de dar a Sua Majestade e ao público?

Não tem remédio, senão... Jacobsson começara a responder-lhe quando, de súbito, rebentou uma trovoadade aplausos, cada vez mais ruidosos, da parte da assistência que se comprimia junto ao palco. Jacobsson percebeu que os olhos de todos os ocupantes do estrado se fixavam num ponto atrás de si e voltou-se também lentamente para ver.

Andrew Craig, impecável no seu fato de cerimónia, de colarinhos engomados e laço branco, sapatos de polimento pretos, vinha subindo vagarosamente os degraus do palco, em direcção ao seu lugar, na fila da frente.

Ingrid Pahl, pálida e aliviada, dirigiu-se à tribuna e começou a proferir em sueco um discurso acerca de Craig, em que citava alguns trechos da obra do escritor que fixara. Enquanto ela falava, Craig fingia prestar-lhe atenção, mas, na realidade, ia explicando em voz baixa, a falar pelo canto da boca, para Jacobsson: Desculpe esta demora... fui retido por motivos de força maior...

não tome isto como uma desconsideração. Estive... estive metido numa embrulhada, mas tudo se resolveu em bem. Talvez depois lhe explique.

Jacobsson fitava Craig, espantado e curioso, perguntando a si próprio o que o poderia ter demorado tanto. A ele e a Krantz, que se encontrava agora do outro lado da coxia. Então ocorreu a Jacobsson, não sem uma certa tristeza, que as suas queridas Notas nunca ficariam completas, fosse o que fosse que visse e ouvisse dali em diante. Consolou-se, porém, reflectindo que nenhuma narrativa humana pode jamais ser completa, pois o que fica dentro de nós, nos misteriosos abismos do nosso ser, isso nunca ninguém o pode devassar.

E, aliviado, disse consigo que Craig chegara finalmente, dispensando-o de ter de registar nas suas Notas algum escândalo. Em resumo, 739

seria este mais um calmo e agradável relatório de uma plácida semana de comemorações.

Craig tentou prestar atenção ao que dizia Ingrid Pahl, mas, como não percebia uma palavra de sueco, a sua atenção dissipou-se. Observou o palco repleto de gente em traje de cerimónia, depois a assistência elegante, tentando ao mesmo tempo, desesperadamente, recordar-se das regras de protocolo que teria de observar.

Num camarote superior, descobriu Lilly Hedquist, Gunnar Gottling e Emily, a sua Emily, que acabava de entrar e permanecia de pé, a fitá-lo com orgulho. E sorriu-lhe.

Recordou-se de que ele e Emily, momentos antes, haviam saltado da cama, mudado de fato e descido a correr para chamar um táxi, que os conduzira, a toda velocidade, à Sala dos Concertos. Lilly e Gottling estavam à sua espera atrás do palco, e ele tranquilizou-os apenas lacònicamente, dizendo que tudo correria bem. Depois Lilly informara-o de que Daranyi estava naquele momento a ver a televisão no seu quarto, no hospital, e que iria para casa no dia seguinte. Gottling dissera que aquela asna da Sue Wiley ficara desconfiada e andava a meter o nariz em tudo, a ver se descobria a história, mas ele avisara-a de que, «se provocasse algum sarilho, a desfloraria». E isso acabara por a acalmar.

Esperaram que terminasse o discurso de Stratman, sempre atrás do palco. Depois Craig pegara na mão de Emily, sabendo que ela se lhe entregara para a vida e para a morte, sabendo também que a sua vida junto dela nem sempre seria fácil ou isenta de complicações; mas, no entanto, sentia em si uma firme convicção, enquanto a deixava, para atravessar o palco iluminado, de que tudo havia de correr pelo melhor, pois Humpty Dumpty estava de novo inteiro.

Sobressaltou-se ao ouvir pronunciar o seu nome e descobriu então que Ingrid Pahl terminara o seu discurso em sueco e lhe dirigia agora, em inglês, umas breves palavras de explicação acerca do motivo por que lhe haviam concedido o Prêmio. Ao terminar, avançou para ele, de mão estendida, com um sorriso no rosto, e ele pôs-se de pé, apertou-lhe a mão, e a assistência bateu palmas.

Ingrid conduziu-o ao longo da passadeira vermelha que partia da balaustrada até ao centro do palco. Depois ela parou ali, enquanto ele descia as escadas, até junto do rei, que o esperava de mão estendida e lhe dirigiu atenciosamente a palavra.

Dou-lhe os meus parabéns, Mr. Craig disse, enquanto lhe entregava uma pasta de couro trabalhado. Aqui está o seu diploma.

E nesta caixa prosseguiu o monarca , encontra-se a medalha de ouro. Veja, por favor.

Craig recebeu a caixa e abriu-a, vendo lá dentro um medalhão
740

muito brilhante com duas figuras clássicas, uma delas a pegar numa lira, e achou-o bonito.

Finalmente continuou o rei , aqui tem o envelope com o cheque, que pode levantar amanhã. E, mais uma vez, as minhas felicitações, Mr. Craig. Nos olhos do monarca luziu um brilho malicioso.

E não se esqueça de que prometeu oferecer-me o seu próximo romance.

Craig sorriu.

Será mais cedo do que imagina. E muito obrigado.

com tantos olhos fixos nele, quase esqueceu o que tinha a fazer, mas recordou-se ainda a tempo. Inclinou-se, afastando-se do rei, sempre a andar para trás, um pouco de lado, para ficar também de frente para Emily, e subiu assim os degraus, até à cadeira, enquanto a assistência se punha de pé para o aplaudir.

Craig entregou os três objectos que constituíam o Prêmio a Jacobsson, e depois, lentamente, com uma expressão pensativa, encaminhou-se para a tribuna.

Após novo ruído de aplausos, fez-se silêncio. Craig não estudara nenhum discurso. Porém, ao erguer os olhos para o camarote, soube o que havia de dizer.

Alteza Real, senhoras e senhores. Neste dia, que considero o mais memorável dos trinta e nove anos da minha existência, não pretendo vir falar-vos do poder inventivo do homem, do homem criador, do homem político, mas sim do homem apenas, como ser humano.

Ainda não há muito tempo, um ilustre compatriota meu e também meu camarada nas letras, Mr. William Faulkner, falou-vos

acerca da imortalidade do homem, visto o homem possuir uma alma, um espírito, capaz de sentir compaixão, capaz de sacrifício e de resistência.

Esta noite, desejo chamar-vos a atenção para uma outra faceta desse mesmo homem refiro-me aos deveres que ele tem durante o tempo em que vive no mundo.

Calou-se, a pensar no que ia dizer, e descobriu que não estava a falar de modo nenhum para aquela assistência, para aquelas duas mil pessoas, nem para os milhares de outras que neste momento o escutavam através da televisão, nem para os milhões que porventura viessem a ler as suas palavras. Dirigia-se apenas a si próprio, com o desejo de se esclarecer a si e a Emily, que agora formavam um todo, e depois, então, mas em segundo lugar, é que se dirigia à humanidade inteira.

Dentro de cada um de nós, reflectiu ele nestes escassos instantes, existem recursos do espírito, tal como se fossem órgãos ou músculos fora de uso recursos de coragem, de energia, de responsabilidade , que muitas vezes nunca chegamos a utilizar durante a nossa vida sobre a Terra. Feliz de quem, como ele, debatendo-se com uma crise e ninguém escapa a ela, mais cedo ou mais tarde , era cha-741

mado a servir-se desses recursos para conseguir sobreviver, ou até para triunfar da própria vida. Quem assim é posto à prova, e vence, conquista o único prêmio que conta, o Prêmio do Autor do Espírito: o renascimento da sua alma ressequida, uma vitória homérica sobre a desgraça. Numa escala menor, ele fora também posto à prova e descobrira os recursos que ignorava possuir. Dali em diante, ficava, pois, um homem completo. Este é que era o seu grande Prêmio. Perguntava a si próprio se todos aqueles que se encontravam na sua frente seriam capazes de compreender a vitória e a honra que ele conquistara. Era preciso que ele lhes explicasse isso. Eles tinham de conhecer o valor supremo daquela prova, a

eterna necessidade de a enfrentar individualmente e de viver a vida em toda a sua plenitude.

A honra que me concedeis é a mais alta que existe no mundo prosseguiu pouco depois, em voz alta. Sinto-me comovido e grato para além de todas as palavras. Porém, estou certo de que Alfred Nobel seria capaz de compreender o que vou declarar a seguir: é que todas as honras humanas podem considerar-se pequenas em face do maior de todos os prêmios a que o homem pode aspirar. Esse consiste em encontrar a sua própria alma, o seu espírito, a força e o valor divino que lhe foram dados, o conhecimento de que pode e deve viver dignamente e em liberdade; e, finalmente, a compreensão de que a vida não é morrer todos os dias, não é uma coisa sem finalidade, não consiste apenas naquela frase: «És pó, e ao pó hás-de voltar.» Constitui, sim, um momento fulgurante, divino, roubado à eternidade.

O mais valioso prêmio reside em sabermos que a prova que nos espera em cada novo dia é cheia de significado e que devemos aproveitá-la, recebê-la com o coração aberto, utilizá-la. Saber esta verdade, compreendê-la, é isso que deve constituir o único objectivo do homem, o único fim a atingir pela humanidade.

Calou-se. Perscrutou as faces atentas, aquele mar de rostos. Viu-os a todos distintamente lá em baixo rostos semelhantes ao seu, e logo se convenceu de que todos tinham compreendido a importância da sua auto-revelação e que desejavam o seu breve regresso a Ítaca.

Nunca, nunca na sua vida se sentira tão senhor de si nem tão satisfeito.

Sabia para onde caminhava. E, por isso, finalmente... podia prosseguir.

Algumas explicações finais O período de gestação deste romance durou quinze anos.

Concebi pela primeira vez a ideia de realizar uma obra de ficção que tivesse como cenário a Semana do Prêmio Nobel num domingo

de Setembro de 1946, quando olhava através da janela de um quarto de esquina do Grande Hotel de Estocolmo e ouvia a banda real tocar em frente do Palácio Real, na outra margem do canal Strommen.

Nesse agradável Outono de 1946 iniciei a tarefa de inventar as figuras e de construir a história que mais tarde viria a constituir este romance. Simultaneamente, durante esses quinze anos, visitei também os locais onde devia desenrolar-se a história. Durante o mês de Julho de 1960, num apartamento de Paris, comecei a escrever o presente romance *O Prêmio*, concluindo-o em Outubro de 1961, em Los Angeles.

Quanto ao enredo, este livro representa unicamente uma obra de ficção, totalmente filha da imaginação do autor. Os caracteres que povoam estas páginas e nelas vivem são puramente fictícios. Se algum destes ou qualquer das situações apresentadas tem ou teve qualquer semelhança com factos da vida real, deve-se aceitar isso como uma estranha coincidência.

O que pertence à realidade neste volume é o seguinte: com excepção dos locais onde residem as personagens, quase todos os sítios e panoramas de Estocolmo, que foram visitados pelo autor durante o Outono de 1946 e depois novamente no Verão de 1960; igualmente a maneira como é concedido o Prêmio Nobel, a descrição das Academias, tanto interiormente como exteriormente, a burocracia, os processos de candidatura e votação, a política da concessão dos prêmios, as discussões a respeito dos laureados famosos, os seus nomes, o seu comportamento, as informações, os boatos acerca deles, as histórias particulares que correm a respeito deles. Tudo isso é real e exacto, tanto quanto me foi dado averiguar.

Tomei apenas algumas liberdades quanto ao cerimonial da entrega dos prêmios, a fim de intensificar os aspectos dramáticos do romance.

O texto dos telegramas da participação foi inventado. Estes telegramas são habitualmente enviados pelas próprias Academias ou

pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Suécia; eu preferi fazê-los emanar da fundação Nobel. A inovação das conferências de imprensa em conjunto também é invenção minha. Habitualmente, as conferências de imprensa efectuam-se a horas diferentes, muito embora, no ano de 1959, as conferências de imprensa da literatura e da química se tivessem reunido. O banquete real, que eu situei mais cedo na minha narrativa, realiza-se efectivamente no dia a seguir à entrega dos galardões, na Sala dos Concertos Este banquete nunca é precedido de cocktails Mas isto pareceu-me pouco normal, pelo que introduzi uma atmosfera de convívio mais estreito Os discursos dos laureados, proferidos, no livro, durante a entrega do Prêmio, têm habitualmente lugar mais tarde, num jantar oferecido pela Câmara Municipal Finalmente, seria injusto deixar de declarar que, muito embora os conflitos políticos e os antagonismos nacionais se tenham muitas vezes feito sentir durante a Semana dos Prêmios, nunca se verificou nenhum caso em que se exercesse chantagem, se desenvolvesse alguma actividade criminosa ou se tivesse dado qualquer escândalo importante na história do Prêmio Nobel Essa possibilidade existe sempre Porém, até à data, o sistema de segurança da Suécia ainda não falhou Quanto a informações relativas a factos de que está recheado este romance, desejo agradecer a cooperação que muitas pessoas me deram durante todos esses anos que vão de 1946 a 1961 No que respeita a entrevistas pessoais e correspondência, devo muito à amabilidade de alguns laureados ilustres, tais como o Dr Albert Einstein, Dr Robert A Mdlikan, Dr Herman J Muller, Mrs Pearl Buck, Miss Singnd Undset, Dr Henry J Cadbury (do Comité dos Amigos da América) e a diversas personalidades que não posso mencionar Também tenho de agradecer idêntico auxílio a alguns funcionários superiores da Fundação, por exemplo, Sven Hammarskjold, Anders Osterlmg, assim como aos antigos e actuais directores executivos da Fundação Nobel, Nils K Stable e o professor Arne Ttselius Os meus

agradecimentos também a todo o pessoal da Fundação Nobel, e especialmente a Miss Margareta Dehn Quanto ao auxílio que me dispensaram dentro da própria Suécia, quero referir-me aqui a Lakrederarc Norback, John Bergvall, Sven Gerjerstam, Rudolf Wendbladh, Mrs Adele Hedborn, Ned Nordness, Dr Nicholas Norhn e Sven-Enck Bergh Ajudaram me a conhecer a Suécia, pelo que lhes estou muito agradecido, Henry Goddard Leach, Allan Kastrup, Mac Ltndahl e alguns membros da imprensa sueca, que preferem ser deixados no anonimato Quanto à assistência que me foi prestada em matéria de investigações de ordem geral, sinto-me em dívida para com E J Berman, médico de Indianapolis, Indiana, H C Harshbarger, médico de Riverside, Califórnia, Mrs Luise Johnson, de Indianapolis, Indiana, Mrs Esther Btederman, de Tarzana, Califórnia, Mrs Elizabeth Kempthorne, de Arlington, Califórnia Estou também profundamente reconhecido a um grande número de encantadoras damas suecas, de Estocolmo, as quais preferem não ser aqui mencionadas, pela sua generosa e útil convivência, que me permitiu familiarizar-me com os factos da vida observados através dos olhos da típica rapariga solteira da Suécia Todas estas pessoas, famosas ou humildes, se mostraram prestáveis ao máximo, oferecendo-me o seu tempo e a sua experiência. Isto não tem como finalidade agradecer-lhes como merecem, mas sim avisar o leitor de que, em tudo o que se refere aos factos deste livro, não cabe a essas pessoas a mínima responsabilidade no que neles possa haver de censurável e merecem toda a minha gratidão pelo que se lhes encontra de bom.

Quanto a citar os livros que contribuíram para a elaboração de uma obra deste género, acho que nunca mais acabaria, se quisesse enumerá-los a todos. Tentei ler tudo o que se publicara em inglês, nas últimas décadas, acerca do Prêmio Nobel. Achei de grande interesse as seguintes obras: Nobel O Homem e os Prêmios, editado pela Fundação Nobel em 1951; Alfred Nobel, por Herta E. Pauli, de 1942; Calendário da Fundação Nobel, de 1960; Alfred Nobel e os

Prêmios Nobel, de 1960; Laureados com o Prêmio Nobel, editado por L. Ludovici em 1957. Os meus ficheiros estão cheios de recortes sobre os Prêmios e sobre a Suécia, tirados de jornais americanos e europeus.

Quanto às descobertas de ficção científica realizadas pelos meus laureados da ciência, essas descobertas são, até hoje, tão irreais como os romances de Andrew Craig. Comecei ao mesmo tempo a ler muitos livros e a fazer grande número de investigações, assim como a contactar com cientistas, químicos, médicos, a fim de adquirir informações nas quais pudesse basear as descobertas que imaginara, conferindo-lhes realidade e verosimilhança. Escusado será dizer que grandes passos se têm dado no campo das transplantações orgânicas, da energia solar, da conservação dos espermatozóides. Pode até acontecer que um dia um escritor qualquer do Midwest escreva uma obra intitulada O Estado Perfeito.

Que mais me faltará esclarecer?

O seguinte: que a maior parte das opiniões emitidas neste romance traduzem estritamente a maneira de ser das personagens e não reflectem necessariamente as opiniões do autor.

Desejo ainda acrescentar que tenho uma dívida especial de gratidão para com minha mulher, Sylvia Wallace, pela paciência incrível com que permitiu a todas as personagens que penetrassem na nossa casa e nela vivessem fazendo parte da nossa vida e da nossa família durante tanto tempo.

Los Angeles, 1962

IRVING WALLACE

AUTOR E A SUA OBRA IRVING WALLACE nasceu em Chicago (1916) e começou desde muito novo a escrever, publicando na imprensa o seu primeiro artigo quando tinha apenas quinze anos.

Passou a ser conhecido do grande público com O Prêmio (1963), que aborda as implicações suscitadas pela atribuição do Prêmio Nobel, suas intrigas e razões de vária ordem, seguindo-se As Três Sereias, O Cavaleiro de Domingo, O Relatório Chapmann, etc., considerados todos como dos maiores «best-sellers» da literatura nos últimos anos.

Toda a obra literária de Irving Wallace tenta desmistificar certas realidades do mundo contemporâneo e o autor de O Prêmio revela-se de facto como um agitador de opiniões. Os temas que escolhe como matéria-prima dos seus romances inscrevem-se sempre numa batalha de ideias, num tipo de crítica impiedosa e muito documentada às instituições e aos modos de actuação, a todos os níveis, que melhor definem o mundo tão perturbante e conturbado em que vivemos.

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves Julho de 2003